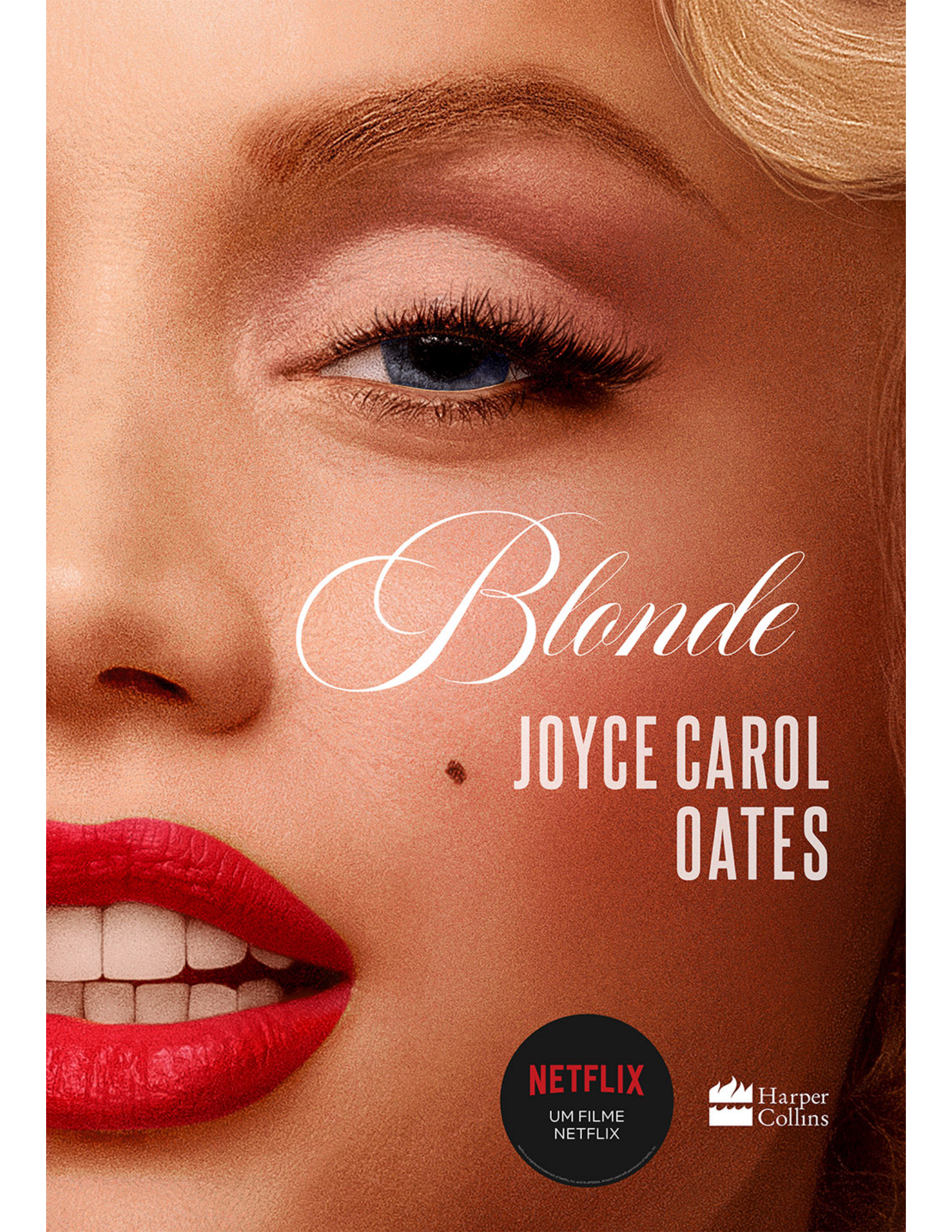




Blonde

JOYCE CAROL
OATES

NETFLIX

UM FILME
NETFLIX



Harper
Collins



Copyright © 2020 by The Ontario Review. All rights reserved.
Copyright da tradução © 2020, 2021 por Casa dos Livros Editora LTDA.
Todos os direitos reservados.

Título original: *Blonde 20th anniversary edition*

Blonde é uma obra de ficção. Enquanto muitos personagens apresentados aqui são homólogos à vida e à época de Marilyn Monroe, as caracterizações e os incidentes apresentados neste livro são produtos da imaginação da autora. Dessa forma, *Blonde* deve ser lido apenas como obra de ficção, não como uma biografia de Marilyn Monroe.

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editor: *Ulisses Teixeira*

Editora: *Lara Berruezo*

Revisão de tradução: *Marcela Oliveira*

Copidesque: *Marina Góes*

Preparação de original: *André Sequeira*

Revisão: *Marcela de Oliveira. Carolina Vaz, Rowena Esteves e Vanessa Sawada*

Capa: *Letícia Quintilhano*

Imagem de capa: *Getty Images, ScreenProd / Photononstop / Alamy Stock Photo*

Diagramação: *Abreu's System*

Produção do eBook: *Ranna Studio*

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

O11b

Oates, Joyce Carol, 1938-

Blonde: parte 1 e 2 / Joyce Carol Oates; tradução Luisa Geisler. – 1. ed. –
Rio de Janeiro : Harper Collins, 2021.

Tradução de: Blonde

ISBN 9786555115253

1. Ficção americana. I. Geisler, Luisa. II. Título.

20-67576

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

Sumário

BLONDE | VOLUME 1

Introdução

PRÓLOGO 3 DE AGOSTO, 1962

Entrega especial

A CRIANÇA 1932-1938

O beijo

O banho

Cidade de areia

Tia Jess e Tio Clive

A perda

Os presenteadores

A órfã

A maldição

A GAROTA 1942-1947

O tubarão

“Hora de se casar”

O filho do embalsamador

Pequena esposa

Guerra

Pin-up 1945

Contrata-se

Filha e mãe

Aberração

Beija-flor

A MULHER 1949-1953

O Príncipe Sombrio
“Miss *Golden Dreams*” 1949
O amante
O teste
O nascimento
Angela 1950
O altar quebrado
Rumpelstiltskin
A transação
Nell 1952
A morte de Rumpelstiltskin
O resgate
Naquela noite...
Rose 1953
A Constelação de Gêmeos
A visão

BLONDE | VOLUME 2

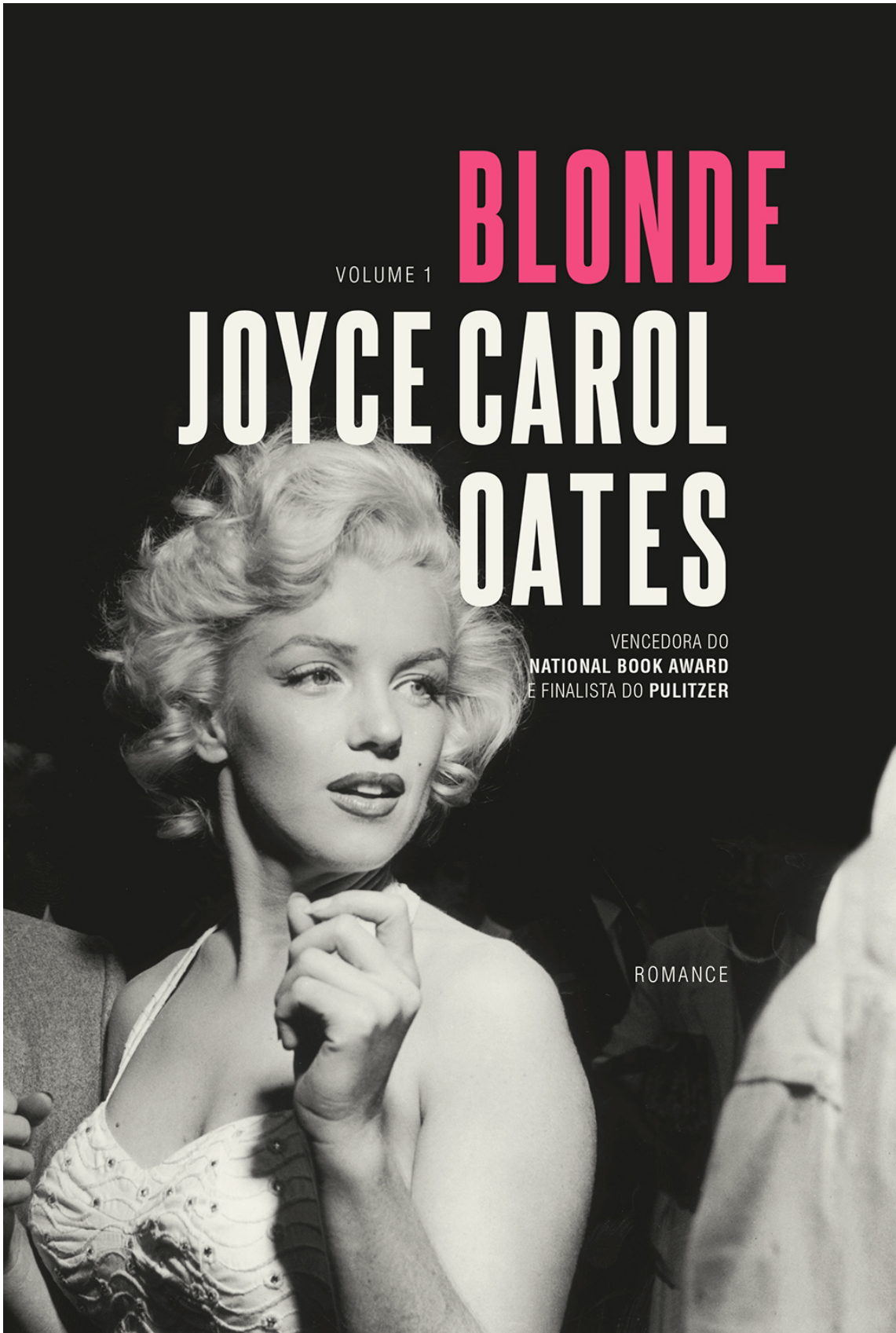
“MARILYN” 53-1958

“Famosa”
Os reis magos
“Sempre quer mais uma salsicha polonesa”
O Ex-Atleta: a visão
O Cipreste
“Aonde você vai quando desaparece?”
O Ex-Atleta e a Atriz Loira: o encontro
“Für Elise”
O grito. A canção.
O Ex-Atleta e a Atriz Loira: o pedido
Depois do Casamento: uma montagem

A deusa americana do amor sobre a saída de ar do metrô
“Minha linda Filha perdida”
Depois do divórcio
A mulher afogada
O Dramaturgo e a Atriz Loira: a sedução
O emissário
“Dançando no escuro”
O mistério. A obscenidade.
Cherie 1956
A Dançarina (Americana) de Cabaré 1957
O Reino à beira-mar
A despedida

A VIDA APÓS A MORTE 1959-1962

Em condolências
Sugar Kane 1959
Bela ratazana
A obra reunida de Marilyn Monroe
O Atirador de Elite
Roslyn 1961
Clube Zuma
Divórcio (segunda tomada)
Minha casa. Minha jornada.
O Cafetão do Presidente
O Príncipe e a Plebeia Esfarrapada
A Plebeia Esfarrapada apaixonada
O Presidente e a Atriz Loira: o *rendez-vous*
Histórias de Whitey
“Parabéns, sr. Presidente”
Entrega especial: 3 de agosto de 1962
“Partimos todos para o Mundo de Luz”



VOLUME 1

BLONDE

**JOYCE CAROL
OATES**

VENCEDORA DO
NATIONAL BOOK AWARD
E FINALISTA DO **PULITZER**

ROMANCE

VOLUME 1

BLONDE

JOYCE CAROL

OATES

VENCEDORA DO
NATIONAL BOOK AWARD
E FINALISTA DO **PULITZER**

Tradução
Luisa Geisler



Harper
Collins

Rio de Janeiro, 2021

Para Eleanor Bergstein e para Michael Goldman

Nota da autora

Blonde é uma “vida” radicalmente destilada na forma de ficção e, por toda sua extensão, sinédoque é o princípio da apropriação. No lugar dos inúmeros lares temporários em que a criança Norma Jeane morou, por exemplo, *Blonde* explora apenas um deles e, ainda, um fictício; no lugar dos inúmeros amantes, crises médicas, abortos, tentativas de suicídio e performances nas telas, *Blonde* explora apenas uma pequena seleção emblemática.

A Marilyn Monroe histórica de fato manteve um tipo de diário e de fato escreveu poemas, ou fragmentos poéticos. Desses, apenas duas frases foram incluídas no capítulo final do Volume 2 (“Socorro, socorro!”); os outros poemas são inventados. Algumas das observações no capítulo “A obra reunida de Marilyn Monroe”, também do segundo volume, foram extraídas de entrevistas, outras são fictícias; as frases no fim do capítulo são a conclusão de *A origem das espécies*, de Charles Darwin. Fatos biográficos relacionados a Marilyn Monroe não devem ser buscados em *Blonde* — que não se pretende um documento histórico —, mas em biografias. (As que foram consultadas pela autora são *Legend: The Life and Death of Marilyn Monroe*, de Fred Guiles, 1985; *Goddess: The Secret Lives of Marilyn Monroe*, de Anthony Summers, 1986; e *Marilyn Monroe: A Life of the Actress*, de Carl E. Rollyson Jr., 1986. Livros mais subjetivos a respeito de Monroe como figura mítica são *Marilyn Monroe*, de Graham McCann, 1987, e *Marilyn*, de Norman Mailer, 1973.) Em relação a livros que forneceram informações sobre política norte-americana, em especial a Hollywood nos anos 1940 e 1950, *Naming Names*, de Victor Navasky, foi de imensa

ajuda. Quanto a livros sobre interpretação, *The Thinking Body*, de Mabel Todd, *Para o ator*, de Michael Chekhov, e *A preparação do ator* e *Minha vida na arte*, de Constantin Stanislavski, são livros reais; enquanto *O manual prático para o ator e sua vida* e *O paradoxo do atuar* são inventados. *O livro do patriota americano* é inventado. Uma passagem do fim de *A máquina do tempo*, de H.G. Wells, é citada duas vezes nos capítulos “Beija-flor”, no Volume 1, e “Partimos todos para o Mundo de Luz”, no Volume 2. Frases de Emily Dickinson aparecem nos capítulos de nome “O banho”, “A órfã” e “Hora de se casar”, todos presentes no primeiro volume. Trechos de *O mundo como vontade e representação*, de Arthur Schopenhauer, aparecem em “A morte de Rumpelstiltskin”, no Volume 1. Um excerto de *O mal-estar na civilização*, de Sigmund Freud, está presente, em paráfrase, em “O Atirador de Elite”, no segundo volume. Trechos de *Pensamentos*, de Blaise Pascal, encontram-se em “Roslyn 1961”, também no segundo volume de *Blonde*.

* * *

Partes deste romance apareceram em versões distintas nas revistas *Playboy*, *Conjunctions*, *Yale Review*, *Ellery Queen Mystery Magazine*, *Michigan Quarterly Review* e *TriQuarterly*. Meus agradecimentos aos editores dessas publicações.

Agradecimentos especiais a Daniel Halpern, Jane Shapiro e C.K. Williams.

Introdução

Publicado no ano milenar de 2000, *Blonde*, de Joyce Carol Oates, foi concebido em escala grandiosa, usando a lendária Marilyn Monroe como emblema dos Estados Unidos no século xx. O romance começa com um prólogo sufocante, datado de 3 de agosto de 1962, véspera da morte de Monroe, quando um mensageiro adolescente dispara em sua bicicleta para cruzar no crepúsculo o tráfego de Los Angeles com uma entrega especial para:

OCUPANTE – “MM”
12305 FIFTH HELENA DRIVE
BRENTWOOD, CALIFÓRNIA
ESTADOS UNIDOS
“TERRA.”

Ele é “Morte às pressas. Morte a pedalar furiosamente”, também é Morte, a mensageira do poema de Emily Dickinson, que gentilmente para pela pessoa inquieta que não pode esperar por ela. Com essa passagem alucinatória, Oates nos puxa para dentro de um livro sobre o destino de uma estrela no mundo de espelhos, fumaça e sombras de Hollywood, um mundo em que corpos femininos são mercadorias trocadas por deleite e lucro. Em seu romance mais ambicioso, Oates misteriosamente canaliza a voz interior de Monroe e exige reconhecimento, compaixão e respeito à atriz.

A ideia do livro surgiu quando Oates viu uma foto de Norma Jeane Baker radiante aos quinze anos, ainda sem parecer em nada com Marilyn Monroe, vencendo um concurso de beleza na Califórnia em 1941, com uma coroa de flores artificiais em seu

cabelo castanho cacheado e um medalhão feminino no pescoço. Oates se identificou com a inocência de Norma Jeane, situação de que se lembrou em entrevista com o biógrafo Greg Johnson. “Senti uma sensação imediata de uma espécie de reconhecimento; essa jovem, cheia de esperança, tão americana, evocava uma imagem muito poderosa das garotas da minha infância, algumas delas com lares caóticos.” Garotas assim, muitas das quais Oates conhecera no norte rural do estado de Nova York, haviam se tornado personagens em seus contos e romances, onde seus sonhos, em geral, acabam em derrota. No começo, ela planejou escrever um romance curto a respeito da metamorfose de uma garota comum em estrela, que perde seu nome real e ganha um artístico que acabaria por obliterar sua história e identidade. O livro acabaria com as palavras “Marilyn Monroe”. Mas à medida que assistia a todos os filmes com Monroe, aprendia mais sobre sua inteligência e seu humor, sua determinação em ser vista como uma atriz séria e a intersecção de sua carreira com diversos desdobramentos da cultura norte-americana do meio do século xx — esportes, religião, crime, teatro, política —, Oates se deu conta de que precisaria de um formato ficcional maior para explorar uma mulher que foi muito mais que uma vítima.

Enquanto o livro evoluía e crescia ao longo dos dois anos de pesquisa e escrita, a autora contou ao jornalista da revista *Time* Nikolas Charles, em 2015, que começou “meio que seriamente” a pensar em Monroe “como minha *Moby Dick*, a poderosa imagem galvanizante ao redor da qual se poderia construir um épico, com miríades de camadas de significado e importância”. Construir um romance épico em torno de uma mulher — ainda mais uma celebridade da cultura popular e das revistas de fofocas e fãs — era um empreendimento ousado, mas Oates via aspectos profundos na história de Monroe que permitiam pensar seriamente nela como uma figura americana trágica e representativa. E, nas palavras de

um crítico que não sabia que Melville tinha sido uma de suas inspirações, Oates acertou em cheio: “*Blonde* é uma verdadeira ruptura mítica, em que Marilyn é tudo e nada — uma Grande Baleia Branca de significado, existindo não pelo poder cego da natureza, mas pelo poder cego do artifício”.

A mítica de Marilyn Monroe era especial porque combinava três personas femininas: primeiro, havia Norma Jeane Baker, a garota boazinha e comum com coração ingênuo e vulnerável. Uma filha ilegítima que crescera em orfanatos e lares temporários, que buscava um pai, uma família, educação, romance, dinheiro e segurança; suas primeiras lembranças são de estar arrebatada na plateia de um teatro escuro, a Igreja de Hollywood, onde ela vai idolatrar estrelas em vez de santos.

A segunda persona era Marilyn Monroe, a *pin-up*, sexy, símbolo sexual e deusa do cinema. A criação artificial do sistema de estúdios de Hollywood, com um nome de “murmúrio sexy” e de voz pueril ofegante. Voluptuosa e sedutora, sua beleza natural transformada com aparelhos dentários, água oxigenada, cílios postiços, batom vermelho, roupas justas e saltos agulha vacilantes que dificultam uma fuga, Marilyn é seu corpo. Ainda assim, paradoxalmente, atrás da imagem brilhante e glamourosa, ela sustenta a vergonha e aversão a si mesma de existir em um corpo feminino em uma cultura misógina — medo de ser impura; nojo da própria sexualidade; uma vida de cólicas menstruais, problemas ginecológicos e abortos, espontâneos ou não.

A terceira persona, a *Blonde*, a loira, é um símbolo, a criatura pura e virginal de contos de fadas e parábolas religiosas. Representa, na cultura popular e nos comerciais, a existência da classe alta, organizada e imaculada, que Oates chama de uma “vida *blonde*”, vida loira. Você não precisa nascer loira. O estado loiro é alcançável, mas não garante uma vida impecável. Desejada e idolatrada como

um ideal de classe e beleza branca, a loira ainda assim é detestada e maculada como uma vagabunda tanto na pornografia quanto na fantasia.

Oates se viu obcecada pelo enigma complexo de Marilyn Monroe. *Blonde* cresceu a ponto de ser seu maior romance, e de fato o manuscrito original é quase duas vezes maior que o livro publicado. Como ela descreve na página de créditos, *Blonde* não é uma biografia de Monroe, nem mesmo um romance biográfico que segue os fatos históricos da vida da atriz. De fato, as dezenas de biógrafos de Monroe discordam a respeito de muitos fatos básicos de sua vida. *Blonde*, no entanto, é um trabalho de ficção e imaginação; nele, Oates reorganiza e inventa detalhes da vida de Monroe, e brinca com eles, na tentativa de obter uma verdade mais profundamente poética e espiritual. Ela condensa e une eventos em um processo que chama de “destilação”; então, em vez de numerosos lares temporários, amantes, crises de saúde e performances na tela, ela explora “uma pequena seleção emblemática”. Ao mesmo tempo, desenvolve e aprofunda panoramas inerentes à história de Monroe, incluindo o desenvolvimento de Los Angeles, a história do cinema, a caça às bruxas do Comitê de Atividades Antiamericanas na indústria cinematográfica e a lista de inimigos. Cada um desses enredos poderia ser um romance em si, mas, como os capítulos a respeito de cetologia e do universo baleeiro em *Moby Dick*, eles aumentam a qualidade épica do romance.

Das centenas de personagens no livro, algumas identificadas por nomes reais, como Whitey, o maquiador que criou e manteve o visual icônico de Monroe — embora a semelhança do nome com “White”, branco, também sugira ironicamente a boneca de pele branca e cabelo platinado que ele concebeu. Outros, incluindo os dois filhos de estrelas de Hollywood, Cass Chaplin e Edward G.

Robinson Jr., ganharam histórias ficcionais. Os maridos famosos de Monroe recebem nomes alegóricos — o Ex-Atleta e o Dramaturgo — e são personagens fictícios em vez de retratos de Joe DiMaggio e Arthur Miller. Da mesma forma, fragmentos de poemas de Emily Dickinson, W.B. Yeats e George Herbert aparecem junto de trechos de poesia atribuídos a Norma Jeane que a própria Oates compôs.

Dois temas centrais ajudam a estruturar a vasta gama de detalhes narrativos. Em primeiro lugar, a atuação como metáfora, profissão e vocação. Oates cita clássicos em atuação, como Constantin Stanislavski e seu discípulo Michael Chekhov, sobrinho do teatrólogo. Monroe foi fotografada estudando o livro dele, *Para o ator*. Entre as epígrafes, há uma passagem do *The Actor's Freedom*, de Michael Goldman: “O espaço de interpretação é uma zona sagrada [...] onde o ator não pode morrer”. Goldman, a quem *Blonde* é dedicado, e também à sua esposa, a romancista e roteirista Eleanor Bergstein, é um teórico e acadêmico do teatro. Oates também cita trabalhos a respeito de interpretação inventados por ela, que a permitem enfatizar as diferenças entre a dedicação religiosa individual do teatro, uma arte a qual Monroe aspirava, e o processo coletivo do cinema, em que diretor, editor, figurinista e operadores de câmera são cocriadores. Monroe tenta trazer a intensidade da performance de palco ao meio mais técnico da tela.

Oates também bebeu na fonte de tradições literárias do conto de fadas e do romance gótico. Em um ensaio de 1997 a respeito dos contos de fadas, ela notou a visão limitada da ambição feminina e a promoção do realizar de desejos simplistas deles. Competição entre mulheres é inerente a todos enredos: “Na maioria dos contos, ser uma heroína [...] requer juventude e beleza física extremas; não seria suficiente ser apenas bonita, deve-se ser ‘a mais bela de todo o reino’, ‘a mais angelical já vista’”. Mas essas histórias também

oferecem “um armazém incalculavelmente rico de [...] imagens, um vasto mar dos Sargaços da imaginação”.

A versão hollywoodiana desse conto de fadas é o romance da Princesa Cintilante e do belo Príncipe Sombrio, o enredo do primeiro filme que Norma Jeane vê na vida, e a fantasia recorrente de sua vida. Seu primeiro agente, I.E. Shinn, diz a ela que a competição é uma parte inerente de ser uma estrela: “Deve haver uma Princesa Cintilante exaltada acima de todas as outras”. O outro lado da Princesa Cintilante de sucesso é a excluída Plebeia Esfarrapada, a pária que irremediavelmente tenta pertencer. Além disso, na versão gótica do conto, o Príncipe Sombrio é também um homem poderoso que prende a princesa em um castelo mal-assombrado. O Estúdio representa esse espaço macabro, à medida que Norma Jeane atravessa um sistema controlado por implacáveis homens predatórios que ela deve apaziguar, satisfazer e servir. Ser “adestrada para o ‘estrelato’”, Oates escreve com fúria, é “uma espécie de produção animal, como procriação”. Em seus níveis mais baixos, o Estúdio tem empregados que parecem duendes e gárgulas de contos de fadas. I.E. Shinn é Rumpelstiltskin, comparado ao “homenzinho-anão feioso que ensinou a filha do moleiro a transformar palha em ouro”. Atrás das paredes do Estúdio ficam os Magos: colunistas de fofocas, jornalistas de revistas para fãs e os tabloides. São figuras quase-sagradas da Igreja de Hollywood, mas também as bruxas más dos contos de fadas, “lá no nascimento da estrela [...], lá em sua morte”.

Esses temas se unem em um capítulo chamado “Beija-flor”, narrado na forma do diário de Norma Jeane em setembro de 1947, quando tinha 21 anos e estava a caminho de seu primeiro teste para um filme. Ela é a única garota em sua aula de teatro chamada para um teste e para conhecer o produtor, o sr. Z., e acha que é porque seu talento foi reconhecido. Ela também foi convidada para visitar o famoso aviário do sr. Z., que Norma acredita ser uma coleção de

lindas aves tropicais; mas, ao entrar no recinto, se depara com uma coleção de pássaros mortos, empalhados, em gaiolas de vidro. “Todos os pássaros mortos são fêmeas”, pensa ela; “tem algo de feminino em estar morto”. Rapidamente, o sr. Z a leva para um apartamento privativo nos fundos do escritório e lá ordena que ela se deite em um tapete branco de pele e a estupra brutalmente. Norma Jeane tenta justificar o que houve: “Ele não era um homem cruel creio mas sim acostumado a conseguir o que quer é claro & cercado de ‘gentinha’ [...] deve haver a tentação de ser cruel quando se está cercado assim & eles se encolhem [...] com pavor da sua vontade”.

Humilhada e com dor, ela vai fazer o teste. Mas o estupro tinha sido o teste, e Norma consegue o papel. O que resta é dar um novo nome a Norma Jeane Baker. O capítulo termina com uma declaração de renascimento extasiada e terrível: “Minha vida nova! Minha vida nova começou! Começou hoje! [...] Só agora está começando, tenho 21 anos & eu sou MARILYN MONROE”.

Quando *Blonde* foi publicado nos anos 2000, foi indicado a prêmios literários e amplamente eleito a obra-prima de Oates. Mas também foi chamado de lúrido, excêntrico e feroz. Darryl F. Zanuck, o modelo para o sr. Z., tinha sido chamado de predador sexual cínico — mas eram apenas boatos. Leitores de *Blonde* hoje, no entanto, reconhecem a cena diabólica do estupro nos “testes do sofá” de Harvey Weinstein e outros magnatas de Hollywood, cujos anos de assédio e abuso sexual de aspirantes a atrizes foram trazidos à tona em 2017, quando as mulheres que fizeram as acusações se mobilizaram e criaram o movimento #MeToo. *Blonde* agora parece mais realista, e sua fúria feminista permanece justificada.

Sabemos nas primeiras frases do romance, assim como de todos os livros e filmes que foram feitos dela, que a história de Marilyn Monroe acabou com sua morte aos 36 anos, morte que se tornou

parte de sua lenda. *Blonde* também foi escrito a respeito e adaptado para a televisão e filmes. Apenas poucos anos atrás, ainda poderia ser lido como uma versão sensacionalista da história de Monroe. Agora deve ser visto como uma defesa passional e profética.

— ELAINE SHOWALTER

No círculo de luz, no meio da escuridão do palco, a sensação é de estar totalmente sozinho. [...] Isso se chama solidão em público. [...] Durante uma performance, diante de uma audiência de milhares, você sempre pode se enclausurar nesse círculo, como um caracol na concha. [...] Você pode levar isso aonde quer que vá.

— Constantin Stanislavski,
A preparação do ator

O espaço de interpretação é uma zona sagrada [...] onde o ator não pode morrer.

— Michael Goldman,
The Actor's Freedom

A genialidade não é um dom, mas a saída que se encontra em casos desesperados.

— Jean-Paul Sartre

Prólogo

3 DE AGOSTO, 1962

Entrega especial

Lá vinha a Morte se arremessando pelo Boulevard sob a luz minguante em sépia.

Lá vinha a Morte disparada como em um desenho animado em uma pesada bicicleta de mensageiro sem adorno algum.

Lá vinha a Morte infalível. A Morte que não seria dissuadida. Morte às pressas. Morte a pedalar furiosamente. Morte carregando um pacote marcado como *ENTREGA ESPECIAL FRÁGIL* em uma cesta de arame resistente atrás do selim.

Lá vinha a Morte costurando habilmente com sua bicicleta sem graça o tráfego do cruzamento de Wilshire e La Brea onde, por causa de reparos na via, duas pistas no sentido oeste da Wilshire haviam virado uma.

Morte tão ágil! Morte fazendo careta para os motoristas de meia-idade e suas buzinas.

Morte rindo *Se fode aí, amigo!* E você. Como Pernalonga passando voando pelas carcaças reluzentes, novinhas em folha, dos automóveis caros.

Lá vinha a Morte indiferente ao ar poluído e rançoso de Los Angeles. Ao radioativo ar quente do sul da Califórnia onde a Morte nascera.

Sim, eu vi a Morte. Eu tinha sonhado com a Morte na noite anterior. Muitas noites antes. Eu não tive medo.

Lá vinha a Morte tão casual. Lá vinha a Morte debruçada no guidão coberto de ferrugem de uma bicicleta desengonçada, mas impassível. Lá vinha a Morte numa camiseta da Cal Tech, bermuda cáqui limpa, mas não passada, tênis sem meias. A Morte com panturrilhas musculosas, pernas com pelos escuros. Uma nodosa

coluna curvada. Manchas e espinhas no rosto adolescente. Morte irritada, cérebro atordoado pela luz do sol refletida nos para-brisas cortantes como cimitarras, aço.

Mais buzinas no cortejo extravagante da Morte. Morte com um corte de cabelo rente e espetado. Morte mascando chiclete.

Morte tão rotineira, cinco dias da semana, além de sábados e domingos por uma taxa extra. *Serviço de entregas Hollywood*. Morte com seu pacote especial para entrega em mãos.

Lá vinha a Morte inesperadamente para Brentwood! Morte voando pelas estreitas ruas residenciais de Brentwood, quase desertas em agosto. Em Brentwood, a futilidade tocante de “propriedades” meticulosamente cuidadas pelas quais a Morte pedala rápido. E rotineiramente. Alta Vista, Campo, Jacumba, Brideman, Los Olivos. Até Fifth Helena Drive, um beco sem saída. Palmeiras, buganvílias, trepadeiras de rosas vermelhas. Um perfume de flores apodrecendo. Um perfume de grama queimada de sol. Jardins murados, glicínias. Entradas circulares para automóveis. Janelas com venezianas bem fechadas contra o sol.

A Morte portando um presente, sem endereço de devolução, para:

OCUPANTE – “MM”
12305 FIFTH HELENA DRIVE
BRENTWOOD, CALIFÓRNIA
ESTADOS UNIDOS
“TERRA.”

Chegando à Fifth Helena Drive, a Morte pedala mais devagar. A Morte estreita os olhos para os números na rua. A Morte não tinha atentado ao pacote com um endereço tão esquisito. Tão estranhamente embrulhado em um papel de presente listrado com

cara de reutilizado. Adornado com um laço de cetim branco comprado pronto grudado na caixa com fita adesiva transparente.

Era um pacote com cerca de vinte por vinte e cinco centímetros e pesando poucos gramas, como se vazio? Lotado de lenços de papel?

Não. Chacoalhando, dava para notar algo dentro. Um objeto de bordas arredondadas feito de tecido, talvez.

Ali estava, no cair da tarde de 3 de agosto de 1962, a Morte tocando a campainha do número 12305 na Fifth Helena Drive. Morte secando a testa suada com o boné de beisebol. Morte mascando chiclete rápido, com impaciência. Sem ouvir passos do lado de dentro. E não pode deixar o maldito pacote na porta, tem que pegar uma assinatura. Ouvindo apenas o zumbido do ar-condicionado em uma janela. Talvez um rádio lá dentro? É uma casa pequena de arquitetura espanhola, uma “hacienda”, térrea. Paredes de barro falso, telhas de um laranja brilhante, janelas com venezianas fechadas e um ar de poeira acinzentada. Estreita e em miniatura como uma casa de boneca, nada de especial para Brentwood. A Morte tocou a campainha de novo, pressionando com força. E, desta vez, a porta se abriu.

Das mãos da Morte aceitei o presente. Eu sabia o que era, acho. De quem era. Ao ver o nome e endereço eu ri e assinei sem hesitar.

A criança
1932-1938

O beijo

Tenho assistido a esse filme ao longo de toda a minha vida, ainda que nunca até o final.

Ela quase poderia dizer *Este filme é a minha vida!*

Sua mãe a levou ao cinema pela primeira vez quando tinha uns dois ou três anos. Sua primeira lembrança, tão empolgante! Grauman's Egyptian Theatre, o cinema no Hollywood Boulevard. Isso foi anos antes de ela conseguir entender até os rudimentos da história do filme, mas ainda assim foi cativada pelo movimento, o incessante movimento fluido e ondulado na tela enorme acima dela. Ainda incapaz de pensar *Este foi exatamente o universo em que incontáveis e inomináveis formas de vida foram projetadas*. Quantas vezes em sua infância e mocidade perdidas ela voltaria com desejo a esse filme, reconhecendo-o de imediato apesar da variedade de títulos, de seus muitos atores. Pois sempre haveria a Princesa Cintilante. E sempre haveria o Príncipe Sombrio. Uma complicação de eventos os unia e então os separava, e os unia de novo e outra vez os separava, à medida que o filme se aproximava do final, e a música se elevava, e eles estavam prestes a se unir em um abraço ardente.

Mas nem sempre havia um final feliz. Era impossível prever. Pois às vezes um deles se ajoelhava no leito de morte do outro e selava o desterro com um beijo. Mesmo se ele (ou ela) sobrevivesse ao perecimento do amado, você sabia que o sentido da vida tinha acabado.

Pois não há sentido na vida além da história do filme.

E não há história do filme além da escura sala de cinema.

Mas que aflição, nunca ver o final do filme!

Pois algo sempre dava errado: havia uma comoção no cinema, e as luzes se acendiam; um alarme de incêndio (mas sem incêndio? Ou houve incêndio? Uma vez ela teve certeza de que sentira o cheiro de fumaça) ecoava alto, e ordenavam que todos saíssem; ou ela mesma estava atrasada para um compromisso e precisava ir, ou talvez tivesse pegado no sono em sua poltrona, perdendo assim o final, acordando atordoada quando as luzes acenderam e estranhos ao redor se levantaram para sair.

Acabou? Mas como pode ter acabado?

Já adulta, ela continuou a buscar o filme. Enfiando-se em cinemas de distritos sombrios da cidade, ou em uma cidade que desconhecia. Insone, poderia comprar ingresso para uma sessão da meia-noite. Poderia comprar ingresso para a primeira sessão do dia, no fim da manhã. Não estava fugindo da própria vida (apesar de sua vida ter se tornado desconcertante para ela, como a vida adulta faz àqueles que a vivem), mas sim abrindo parênteses gentis dentro daquela vida, parando o tempo como uma criança seguraria os ponteiros de um relógio: à força. Entrando na penumbra da sala de cinema (que às vezes cheirava a pipoca murcha, perfume de estranhos, desinfetante), empolgada feito uma garotinha erguendo os olhos, ansiosa para ver na tela mais uma vez *Ah, mais! Só mais uma vez!* A linda mulher loira que parece nunca envelhecer, encerrada em pele como qualquer mulher e ainda assim graciosa como mulher alguma poderia ser, um poderoso esplendor brilhando não apenas em seus olhos luminosos, mas em sua própria pele. *Pois minha pele é minha alma. Não há alma de outra forma. Você vê em mim a promessa de alegria humana.* Ela se metia de fininho na sala de cinema, escolhendo uma fileira de poltronas perto da tela, e se entregava sem questionar ao filme que é tanto familiar quanto desconhecido, como um sonho recorrente que não deixa lembranças nítidas. Os trajés dos atores, os penteados, até o

rosto e a voz das pessoas nos filmes mudam com os anos, e ela se lembra, não com clareza, mas em fragmentos, de suas próprias emoções perdidas, e da solidão de sua infância em parte acalmada pela tela iminente. *Outro mundo para se morar. Onde?* Houve um dia, uma hora, em que ela se deu conta de que a Princesa Cintilante, que é tão bela porque é tão bela e porque é a Princesa Cintilante, é amaldiçoada a buscar, nos olhos alheios, a confirmação de sua própria existência. *Porque não somos aquilo que disseram que somos se não nos disserem. Ou somos?*

Inquietação adulta e terror se aglutinando.

O enredo é complicado e confuso, apesar de familiar, ou quase familiar. Talvez a edição tenha sido desleixada. Talvez seja uma provocação. Talvez haja flashbacks misturados ao presente. Ou cenas do futuro! Os closes na Princesa Cintilante parecem íntimos demais. Queremos olhar os outros de fora, não ser sugados para dentro deles. *Se eu pudesse dizer, Ali! Sou eu! Aquela mulher, aquela coisa na tela, isso que eu sou.* Mas ela não consegue enxergar depois do fim. Nunca viu a última cena, nunca chegou a ver os créditos finais rolando na tela. Nesses momentos, após o último beijo do filme, está a chave para o mistério do filme, ela sabe. Como os órgãos do corpo, removidos em uma autópsia, são a chave para o mistério da vida.

Mas chegará a hora, talvez esta noite mesmo, em que, levemente sem ar, ela se aninha em uma poltrona acolchoada, velha e suja na segunda fileira de um cinema antigo em um distrito acabado da cidade, o piso inclinado sob os pés como a curvatura da Terra e grudento nas solas de seus sapatos caros; e a audiência está espalhada, a maioria indivíduos solitários; e ela sente alívio de que, em seu disfarce (óculos escuros, uma peruca atraente, um sobretudo), ninguém a reconhecerá e que ninguém de sua vida sabe ou poderia imaginar onde ela está. *Desta vez vou ver o filme até o*

final. Por quê? Ela não faz ideia. E, na verdade, há pessoas esperando por ela em outro lugar, ela está horas atrasada, possivelmente um carro foi agendado para levá-la ao aeroporto, a não ser que ela esteja dias atrasada, semanas; pois ela se tornou, quando adulta, alguém que desafia o tempo. *Afinal, o que é o tempo além das expectativas dos outros sobre nós? Um jogo que podemos nos negar a jogar.* E também, ela notou, a Princesa Cintilante fica confusa com o tempo. A história do filme a deixa confusa. Você vê suas deixas na atuação de outras pessoas. Mas e se elas não derem as deixas? Neste filme a Princesa Cintilante não está mais no primeiro desabrochar de sua beleza jovial, ainda assim, é óbvio que é linda, de pele clara e radiante na tela ao sair de um táxi em uma rua com vento; está disfarçada com óculos escuros, uma peruca morena lustrosa e um casaco impermeável fechado com um cinto, seguida de perto por uma câmera enquanto entra em um cinema e compra um único ingresso, adentra a sala escurecida e se senta na segunda fileira. Porque ela é a Princesa Cintilante, outros clientes olham de soslaio para ela, mas não a reconhecem; talvez, apesar de linda, seja apenas uma mulher normal, ninguém que conheçam. O filme começa. Ela se entrega em segundos, tirando os óculos escuros. Sua cabeça é lançada para trás pelo ângulo da tela bem em cima dela, seus olhos estão voltados para cima, em uma expressão maravilhada, infantil, uma admiração sutilmente apreensiva. Como reflexos na água, a luz do filme tremula sobre seu rosto. Perdida nesse êxtase, ela não percebe que o Príncipe Sombrio a seguiu cinema adentro; a câmera empoleirada nos ombros dele enquanto, por diversos minutos tensos, fica parado atrás das cortinas de veludo puídas em um corredor lateral. Seu belo rosto está ocultado pelas sombras. A expressão é urgente. Ele usa um terno escuro, sem gravata, um chapéu de feltro fedora caído sobre a testa. Com a deixa da música, ele entra depressa e se debruça sobre ela, a mulher

solitária na segunda fileira. Ele sussurra para ela, que se vira, assustada. A surpresa parece genuína embora ela devesse conhecer o roteiro: o roteiro para este ponto, ao menos, e um pouco depois.

Meu amor! É você.

Nunca foi ninguém além de você.

Sob a luz brilhante da tela gigantesca, os rostos dos amantes estão carregados de sentido, arautos de uma era perdida de grandeza. Como se, apesar de diminutos e mortais, eles devessem atuar até o fim da cena. *Eles atuarão até o fim da cena.* Com ousadia, ele a segura pela nuca para estabilizá-la. Para reivindicá-la. Para possuí-la. Como são fortes seus dedos, e gelados; que estranho, o brilho vítreo de seus olhos, mais perto do que ela jamais os vira.

Não obstante, mais uma vez, ela suspira e ergue o rosto perfeito para o beijo do Príncipe Sombrio.

O banho

É na primeira infância que o ator nato emerge, pois é na primeira infância que o mundo é percebido como Mistério pela primeira vez. A origem de toda a atuação é a improvisação perante o Mistério.

— T. Navarro,
O paradoxo do atuar

1.

— *Está vendo?* Aquele homem é seu pai.

Era o sexto aniversário de Norma Jeane, o primeiro dia de junho de 1932, e que manhã mágica, uma manhã clara e ofuscante, de deixar tonto e tirar o fôlego em Venice Beach, na Califórnia. O vento do oceano Pacífico, fresco, frio e adstringente, apenas levemente carregado daquele habitual cheiro pútrido salgado do lixo da praia. E também traz, ao que parecia, Mãe. Mãe de rosto esquelético com seus lábios voluptuosos pintados de vermelho e sobrancelhas feitas e delineadas, que vinha buscar Norma Jeane na casa dos seus avós, onde a menina estava morando, um edifício em ruínas de estuque bege em Venice Boulevard.

— Norma Jeane, vamos!

E Norma Jeane correu, correu para Mãe! A mãozinha rechonchuda pegou na mão magra da Mãe, a sensação da luva de renda preta ao mesmo tempo estranha e maravilhosa. Pois as mãos de Vovó eram mãos desgastadas de senhora, assim como o cheiro de Vovó era um cheiro de senhora de idade, mas o cheiro de Mãe

era tão doce que causava tontura, como provar um limão quente açucarado.

— Norma Jeane, meu amor... *Vamos*.

Afinal, Mãe era “Gladys”, e “Gladys” era a *mãe de verdade* da criança. Quando escolhia ser. Quando tinha força suficiente. Quando as demandas do Estúdio permitiam. Pois a vida de Gladys era “tridimensional, mas beirando uma quarta dimensão”, e não “rasa igual a um tabuleiro de Ludo”, como a maioria das vidas. E, diante da cara de reprovação de Vovó Della, com triunfo, Mãe levou Norma Jeane do apartamento no terceiro piso que fedia a cebola, sabão de lixívia e emplastro para joanete, e o tabaco do cachimbo de Vovô, ignorando o ultraje da velha como uma voz de rádio abertamente cômica:

— Gladys, de quem é esse carro que você está dirigindo?

— Olhe para mim, garota: você está drogada? Você está *bêbada*?

— ... Quando você vai me devolver minha neta...?

— ... Ah, maldita! Esperem por mim, preciso colocar os sapatos, estou descendo também! *Gladys*!

E Mãe respondia em sua voz soprano calmamente enlouquecedora:

— *Que será, será*.

E rindo como criancinhas arteiras sob perseguição, Mãe e Filha correram escada abaixo como se descessem uma montanha, sem ar e de mãos dadas, e então, rua! Liberdade! Rumo à Venice Boulevard e à empolgação do carro de Gladys, nunca um carro previsível, estacionado no meio-fio; e naquela manhã estonteante de tão brilhante no primeiro dia de junho de 1932 o carro mágico era, quando Norma Jeane olhou, sorrindo, um Nash de traseira proeminente da cor da água de lavar louça quando todo o sabão já se dissolveu, a janela do carona rachada como uma teia de aranha e remendada com fita adesiva. Ainda assim, que carro lindo, e como

Gladys estava empolgada e jovem, ela, que mal tocava em Norma Jeane, agora a erguendo com as duas mãos enluvadas para dentro do carro:

— Opa, meu amor! — como se a colocasse no assento da roda-gigante no píer de Santa Monica para levá-la, de olhos arregalados e empolgada, até o céu. E bateu à porta ao seu lado, com força. E se certificou de que estava trancada. (Afinal, havia um medo antigo, um medo da Mãe pela Filha, de que durante tais voos uma porta de carro pudesse abrir, como um alçapão em um filme mudo, e Filha se perder!) E se sentando no assento do motorista atrás do volante como Lindbergh no cockpit do *Spirit of St. Louis*. E ligou o carro, engatou a marcha e seguiu pela rua, mesmo com a pobre Vovó Della, uma mulher gorducha de rosto sarapintado em um roupão de algodão desbotado e meias de compressão para “sustentação” e sapatos de velha, vindo correndo pelo degrau da frente do edifício como Charlie Chaplin, o Carlitos, em aflição freneticamente cômica.

— Espera! *Espera!* Mulher maluca! Drogada! Eu proíbo você! Vou chamar a *po*-lícia!

Mas não houve espera, ah, não.

Mal havia tempo para respirar!

— Ignore sua avó, querida. Ela é cinema mudo, e nós somos o falado.

Pois Gladys, que era a *mãe verdadeira* desta criança, não seria roubada de Amor Materno naquele dia especial. Sentindo-se “mais forte, enfim” e com alguns dólares economizados, Gladys viera atrás de Norma Jeane no aniversário da criança (o sexto? Já? Ah, meu Deus, que deprimente) como prometera que viria.

— Faça chuva ou faça sol, na saúde e na doença, até que a morte nos separe. Eu juro. — Nem uma ruptura na falha de San Andreas poderia dissuadir Gladys em um humor assim. — Você é minha.

Você se parece comigo. Ninguém vai roubar você de mim, Norma Jeane, como minhas outras filhas.

Essas palavras triunfantes e terríveis que Norma Jeane não ouviu, não ouviu, não mesmo, levadas pelo vento forte.

Aquele dia, aquele aniversário, seria o primeiro de que Norma Jeane se lembraria com clareza. O dia maravilhoso com Gladys que às vezes era Mãe, ou Mãe que às vezes era Gladys. Uma mulher em forma de pássaro, comprida e ligeira, de olhos penetrantes à espreita e um sorriso autodenominado “arreatador” e cotovelos que acertavam nas costelas de quem se aproximasse demais. Exalava fumaça luminosa das narinas como as presas curvas de um elefante, e, por isso, ninguém ousava chamá-la por nome algum, acima de tudo, não “Mama” ou “Mamãe” — esses “apelidos fofos de irritar” que Gladys havia proibido fazia tempo — nem olhava para ela com intensidade demais: “Não me olha assim! Nada de closes. A não ser que eu esteja preparada”. Nesses momentos, a irascível risada entrecortada soava como um picador de gelo perfurando blocos. Deste dia de revelação Norma Jeane se lembraria ao longo de seus 36 anos e 63 dias de vida, aos quais Gladys sobreviveria, da mesma forma que uma boneca-bebê se encaixa com perfeição em uma boneca maior engenhosamente oca para esse propósito. *Se eu queria qualquer outra felicidade? Não, só queria estar com ela. Talvez ficar de conchinha e dormir ao seu lado na cama, se ela deixasse. Eu a amava tanto.* Na verdade, havia evidência de que Norma Jeane estivera com Mãe em outros aniversários, pelo menos no primeiro, apesar de ela não conseguir se lembrar exceto por fotos — FELIZ 1º ANIVERSÁRIO, BEBÊ NORMA JEANE! —, um estandarte manuscrito pendurado como a faixa de uma miss na criança de olhos úmidos e rosto gorducho e fofinho em forma de lua, bochechas com covinhas, cabelo loiro-escuro encaracolado com fitas de cetim penduradas; esses retratos eram como sonhos antigos, fora de foco e

craquelados, evidentemente, tirados por algum amigo homem; havia uma Gladys muito jovem e muito bonita apesar do ar febril, o cabelo enrolado em bobes e um cacho caído no rosto e lábios inchados como os de Clara Bow agarrando sua filha “Norma Jeane” de doze meses durinha em seu colo como quem segura um objeto precioso e frágil, com admiração ou até prazer visível, com orgulho intenso ou até amor, a data rabiscada nos versos dessas várias fotos de 1º de junho de 1927. Mas a Norma Jeane de seis anos não tinha lembrança alguma dessa ocasião, assim como não tinha lembrança de nascer — querendo perguntar para Gladys ou Vovó, “Como se nasce? É algo que o bebê faz sozinho?” —, de sua mãe em uma ala reservada para a caridade no Hospital Geral do Condado de Los Angeles depois de 22 horas de “um inferno sem fim” (como Gladys se referia àquela provação), ou de ser carregada dentro do “compartimento especial” sob o coração da mãe por oito meses e onze dias. Ela não conseguia se lembrar! Ainda assim, empolgada por ver essas fotos sempre que Gladys estivesse com humor para mostrá-las, estendidas por cima de qualquer edredom em qualquer cama de Gladys em qualquer “residência” de aluguel, ela nunca duvidou de que a criança na foto fosse ela *já que ao longo de toda a minha vida eu saberia de mim mesma através do testemunho e da percepção de outros. Como Jesus nos evangelhos, que só aparece pelo olhar, discurso e registro dos outros. Eu conheceria minha experiência e o valor dessa existência pelos olhos dos outros, nos quais eu achava que podia confiar como não confiava nos meus.*

Gladys espiava a filha, que ela não via fazia... bem, meses. E disse, ríspida:

— Não fique tão nervosa. Não aperte os olhos desse jeito como se eu fosse bater o carro. Assim vai acabar precisando usar óculos e aí já era para você. E não fique se remexendo como uma cobrinha com vontade de fazer xixi. *Eu* nunca ensinei manias tão ruins para

você. *Eu* não pretendo bater este carro, se é isso que preocupa você, como sua avó ridícula. *Eu prometo*. — Gladys lançou um olhar de esguelha para a criança, repreensora porém sedutora, pois esse era o jeito de Gladys: ela empurrava para longe, ela puxava para perto; dizendo em uma voz mais baixa e rouca:

— Olha só: Ma-mãe tem uma surpresa de aniversário para você. Esperando ali na frente.

— Uma su-surpresa?

Gladys fez biquinho, sugando as bochechas para dentro, sorrindo ao dirigir.

— O-onde estamos indo, M-mãe?

Felicidade tão aguda que se partia como vidro na boca de Norma Jeane.

Mesmo no clima quente e úmido, Gladys usava luvas estilosas de renda preta para proteger a pele sensível. Alegrementemente, batia as mãos enluvadas no volante.

— Onde estamos indo? Escute só você. Como se nunca tivesse pisado antes na residência de sua mãe em Hollywood.

Norma Jeane sorriu, confusa. Tentando pensar. Tinha pisado? A implicação parecia ser de que Norma Jeane havia esquecido algo essencial, que isso era uma espécie de traição, uma decepção. Ainda assim, parecia que Gladys se mudava com frequência. Às vezes, ela informava Della, outras vezes, não. Sua vida era complicada e misteriosa. Havia problemas com locatários e inquilinos; havia problemas de “dinheiro” e problemas de “manutenção”. No inverno anterior, um terremoto breve e violento na área de Hollywood em que Gladys morava a deixara sem lar por duas semanas, forçada a se abrigar com amigos e a ficar totalmente sem contato com Della. No entanto, Gladys sempre morou em Hollywood. Ou West Hollywood. Seu trabalho no Estúdio exigia isso. Porque ela era uma “funcionária contratada” do Estúdio (esse Estúdio era a maior

produtora em Hollywood, e, portanto, no mundo, ostentando mais estrelas “do que as constelações”), sua vida não pertencia a *ela*, “assim como as freiras católicas são ‘casadas com Jesus’”. Gladys tinha que *deixar* a filha *com outra pessoa* desde que Norma Jeane tinha apenas doze dias de vida, na maior parte do tempo com a avó da criança, por cinco dólares por semana além de gastos; era uma vida desgraçadamente difícil, era cansativa, era *triste*, mas que escolha Gladys tinha, trabalhando tantas horas no Estúdio, às vezes, em dois turnos, sempre a uma “convocação” à distância do chefe: como poderia suportar os cuidados e o fardo de uma criança pequena?

— Desafio qualquer um a me julgar. A não ser que ele esteja vivendo minha vida por mim. Ou *ela*. Sim, *ela*!

Gladys falava com veemência misteriosa. Poderia ter sido de sua própria mãe, Della, com quem estava discutindo.

Quando brigavam, Della falava que Gladys era “esquentadinha” — ou será que era “viciadinha”? —, e Gladys protestava dizendo que isso era pura mentira, calúnia; ora, ela nunca tinha sequer sentido o cheiro de maconha, muito menos fumado.

— E isso também vale para ópio!

Della ouvira histórias demais, malucas e infundadas, sobre as pessoas na indústria do cinema. Era verdade, Gladys às vezes ficava empolgada. *Fogo queimando dentro de mim! Lindo*. Era verdade, em outros momentos ela ficava suscetível a “uma tristeza”, “para baixo”, “no fundo do poço”. *Como se minha alma fosse chumbo fundido, que transbordou e endureceu*. Ainda assim, Gladys era uma mulher bonita, e Gladys tinha muitas amizades. Amizades com homens. Que complicavam sua vida emocional.

— Se os rapazes me deixassem em paz, “Gladys” ficaria bem. — Mas eles não deixavam, então Gladys precisava se medicar com regularidade. Drogas prescritas ou talvez fornecidas pelos rapazes.

Admitia que vivia usando aspirina Bayer e tinha desenvolvido uma tolerância alta, dissolvendo comprimidos em café preto, como pequenos cubos de açúcar.

— Não tem gosto de nada!

Naquela manhã, Norma Jeane viu de imediato que Gladys estava “para cima”: distraída, inflamada, engraçada, imprevisível como a chama de uma vela bruxuleando no ar agitado. A pele branca como cera projetava ondas de calor como uma calçada sob o sol de verão, e seus olhos! — provocantes e dilatados, piscando devagar. *Aqueles olhos que eu amava. Não aguentava olhá-los.* Gladys dirigia rápido e distraída. Estar em um carro com Gladys era como estar em um carrinho de bate-bate no parquinho, era preciso segurar firme. Rumavam para o interior, para longe de Venice Beach e do oceano. Seguindo para o norte no Boulevard para La Cienega, e, enfim, para Sunset Boulevard, que Norma Jeane reconhecia das outras viagens de carro com a mãe. Como o Nash corcunda fazia som de chocalho enquanto acelerava, incitado pelo pé inquieto de Gladys no acelerador. Passava chiando pelos trilhos de bonde, freava no último segundo nos semáforos, o que fazia Norma Jeane ranger os dentes, mesmo rindo de nervoso. Às vezes, o carro de Gladys derrapava no meio de um cruzamento como em uma cena de filme com buzinas, gritos e punhos erguidos de outros motoristas; a não ser que fossem homens, sozinhos no carro, nesse caso os sinais eram mais amistosos. Mais do que uma vez, Gladys ignorou o apito de um guarda de trânsito e escapou.

— Viu, eu não fiz nada de errado! Eu me recuso a ser intimidada por desaforados.

Della gostava de reclamar em seu jeito bravo-cômico que Gladys tinha “perdido” a carteira de motorista, o que queria dizer... o quê? Tinha perdido, do jeito que as pessoas perdiam coisas? Colocado no

lugar errado? Ou um dos policiais tinha tirado dela, para puni-la, quando Norma Jeane não estava por perto?

Uma coisa Norma Jeane sabia: não ousaria perguntar a Gladys.

Saindo de Sunset elas entraram em uma rua lateral, e então em outra, e, enfim, em La Mesa, uma rua estreita e decepcionante de pequenos negócios, restaurantes, bares de “drinques” e edifícios residenciais; Gladys explicou que ali era a sua “nova vizinhança, ainda estou descobrindo as coisas, mas me sinto tão *bem-vinda*”. Gladys explicou que o Estúdio ficava “a apenas seis minutos de carro”. Havia “motivos pessoais” para morar ali também, complicados demais para explicar. Mas Norma Jean logo veria.

— É parte da sua surpresa. — Gladys estacionou na frente de um edifício de estuque estilo espanhol barato, com toldos verdes caindo aos pedaços e escadas de incêndio desfigurando a fachada. LA HACIENDA. QUARTOS E QUITINETES PARA ALUGUEL MENSAL E SEMANAL. INFORME-SE AQUI. O número do prédio era 387. Norma Jeane encarou, memorizando o que via; ela era uma câmera tirando fotos; um dia poderia se perder e ter que encontrar o caminho de volta para este lugar que nunca tinha visto até então, mas com Gladys momentos assim eram urgentes, altamente eletrificados e misteriosos, para fazer o pulso acelerar com força, como se dopado. *Era como anfetamina, aquela energia. Como se ao longo da vida eu fosse buscar isso. Atravessando como uma sonâmbula para fora da própria vida de volta a La Mesa para a Hacienda assim como o lugar na avenida Highland onde eu era uma criança de novo, sob seus cuidados de novo, sob seu feitiço de novo, e o pesadelo ainda não havia acontecido.*

Gladys viu no rosto de Norma Jeane o olhar que a própria Norma Jeane não conseguia ver, e riu:

— Aniversariante! Só se faz seis anos uma vez na vida. Talvez nem viva o suficiente para fazer sete anos, boba. Vamos lá.

A mão de Norma Jeane estava tão suada que Gladys se recusou a pegá-la; estimulando, em vez disso, com o punho enluvado, a filha a seguir em frente, com delicadeza, é claro, direcionando-a de brincadeira para subir os degraus externos levemente despedaçados da Hacienda até chegar ao forno lá dentro, um lance de escadas cobertas e linóleo arenoso e:

— Tem alguém nos esperando, e temo que ele esteja ficando impaciente. Vamos *lá*. — Elas se apressaram. Elas correram. Galoparam escada acima. Gladys em seus saltos glamourosos, subitamente em pânico — ou ela estava brincando de estar em pânico? Seria uma de suas *cen*as? Já no andar de cima, tanto mãe quanto filha arfavam. Gladys destrancou a porta de sua “residência”, que acabou não sendo muito diferente da residência anterior, da qual Norma Jeane tinha vaga lembrança. Eram três ambientes apertados, com papel de parede e teto cheio de manchas, janelas estreitas, assoalho com folhas soltas de linóleo, chão quase nu exceto por um par esfarrapado de tapetes mexicanos, um refrigerador vazando e fedendo, uma chapa elétrica de duas bocas e pratos na pia e um aglomerado de baratas pretas reluzentes como sementes de melancia fugindo ruidosamente enquanto elas se aproximavam. Grudados às paredes da cozinha, havia pôsteres de filmes dos quais Gladys tinha orgulho de ter participado — *Kiki*, com Mary Pickford, *Nada de novo no front*, com Lew Ayres, *Luzes da cidade*, com Charlie Chaplin, aqueles olhos sentimentais que Norma Jeane poderia olhar sem parar, convencida de que Chaplin *a* via. Não era claro o que Gladys tinha a ver com esses filmes famosos, mas Norma Jeane se maravilhava com o rosto dos atores. *Este é meu lar. Deste lugar eu me lembro*. Familiar também era o calor do apartamento sem ventilação, pois Gladys não acreditava em deixar janelas abertas, nem uma fresta, quando saía, o odor pungente de comida, grãos de café, cinzas de cigarro, queimado,

perfume e aquele misterioso odor químico acre que Gladys nunca conseguia eliminar totalmente mesmo se esfregasse, esfregasse, esfregasse as mãos com um sabonete antisséptico e as deixasse sangrando em carne viva. Ainda assim, esses odores eram reconfortantes para Norma Jeane pois *significavam casa. Onde Mãe estava.*

Mas este apartamento novo! Era mais abarrotado e desorganizado e estranho que os anteriores. Ou será que Norma Jeane estava mais velha e conseguia *enxergar* melhor? Logo ao entrar, havia aquele terrível intervalo entre o primeiro tremor da Terra e o segundo, mais poderoso, que seria inconfundível e inegável. Você esperava, sem ousar respirar. Havia muitas caixas abertas, mas ainda cheias, com carimbos de PROPRIEDADE DO ESTÚDIO. Havia pilhas de roupas na bancada da cozinha e algumas penduradas por cabides em uma arara improvisada que adentrava a cozinha, então à primeira vista parecia haver gente amontoada na cozinha, mulheres em “figurinos” — Norma Jeane sabia o que eram “figurinos”, que eram diferentes de “roupas”, embora não conseguisse explicar a distinção. Alguns desses figurinos eram chamativos e glamourosos, vestidos de melindrosa, delicados, de alcinhas, com saias curtas. Alguns eram mais sombrios, com mangas longas se arrastando. Calcinhas, sutiãs e meias-calças secavam no varal, penduradas com cuidado. Gladys observava Norma Jeane olhando boquiaberta as roupas estendidas, e riu da expressão confusa da criança:

— O que houve? Não gosta? E a Della? Ela mandou você para me *espionar*? Vamos lá... Ali dentro. Por aqui. *Vamos lá.*

Com o cotovelo ossudo, ela empurrou Norma Jeane para o recinto ao lado, um quarto. Era pequeno, manchas feias de infiltração no teto e nas paredes, uma única janela e uma cortina parcialmente fechada, rasgada e manchada. E havia a cama familiar

com sua cabeceira de latão brilhante, mesmo que levemente manchado, e travesseiros de pena de ganso, uma cômoda de madeira de pinho, uma mesa de cabeceira lotada de frascos de comprimidos, revistas e livros de bolso, um cinzeiro transbordando sobre uma cópia do *Hollywood Tatler*; mais roupas jogadas, e no piso mais caixas abertas e cheias; e na parede ao lado da cama uma foto grande e extravagante de Marie Dressler usando um vestido branco diáfano no filme *The Hollywood Revue*, de 1929. Gladys estava empolgada, respirando rápido e observando Norma Jeane olhar com ansiedade para os lados — pois onde estava a tal pessoa “surpresa”? Escondida? Embaixo da cama? Dentro do closet? (Não havia um closet, só um guarda-roupas de compensado contra a parede). Uma mosca solitária zuniu. Através da única janela do quarto se via apenas a parede vazia manchada do edifício adjacente. Norma Jeane se perguntava *Onde? Quem é?* Mesmo com Gladys a empurrando de leve entre as escápulas, censurando:

— Norma Jeane, eu juro que você é meio cega às vezes, assim como é... bem, meio *burra*. Não consegue *ver*? Abrir os olhos e *ver*? Este homem é seu pai.

E então Norma Jeane viu para onde Gladys apontava.

Não era um homem. Era a foto de um homem, pendurada na parede ao lado do espelho da cômoda.

2.

Em meu sexto aniversário eu vi seu rosto pela primeira vez.

E sem saber antes daquele dia — eu tinha um pai! Um pai como as outras crianças.

Sempre pensei que a ausência tinha algo a ver comigo. Algo de errado, algo ruim, em mim.

Por que ninguém tinha me contado antes? Minha mãe não contou, minha avó ou avô também não. Ninguém.

Mesmo assim eu nunca veria seu rosto de fato, na vida. E eu morreria na frente dele.

3.

— Ele *não* é lindo, Norma Jeane? Seu pai.

A voz de Gladys, que às vezes era rasa, monótona, sutilmente jocosa, estava empolgada como a de uma garotinha.

Norma Jeane encarou sem palavras seu suposto pai. O homem na foto. O homem na parede ao lado do espelho na cômoda. *Pai?* Sentia o corpo quente e trêmulo como um dedo cortado.

— Aqui. Mas não... Não toque com os dedos grudentos.

Com um floreio, Gladys removeu a foto emoldurada da parede. Era uma foto real, Norma Jeane conseguia ver, brilhante, não algo impresso como os pôsteres publicitários ou uma página rasgada de revista.

Gladys segurou a foto com as mãos glamorosamente enluvadas, diante dos olhos de Norma Jeane, mas longe do alcance dela. Como se em um momento com esse Norma Jeane desejasse tocar naquilo...! Ainda mais sabendo bem, por experiência própria, que não deveria tocar nas coisas especiais para Gladys.

— Ele... ele é meu p-pai?

— Com certeza é. Você tem os olhos azuis sensuais dele.

— Mas... onde é que...

— Shh! *Olhe.*

Era uma cena de filme. Quase, Norma Jeane conseguia ouvir a música tocando com animação.

Por quanto tempo, então, a mãe e a filha ficaram ali observando! Em silêncio reverente, contemplando o homem-na-foto-

emoldurada, o homem-na-foto, o homem-que-era-o-pai-de-Norma-Jeane, o homem sombriamente belo, o homem de cabelos lisos e sedosos, penteados com gel para o lado, o homem com um bigodinho muito fino, o homem com pálpebras pálidas e astutas quase imperceptivelmente caídas. O homem com lábios carnudos quase-sorrindo, o homem cujo olhar timidamente se recusava a encarar alguém, o homem com um queixo protuberante e um orgulhoso nariz adunco e uma marca na bochecha esquerda que poderia ser uma covinha, como a de Norma Jeane. Ou uma cicatriz.

Ele era mais velho que Gladys, mas não muito. Trinta e poucos anos. Tinha rosto de ator, certa segurança posada. Usava um chapéu fedora inclinado em um ângulo charmoso na cabeça erguida com orgulho, e vestia camisa branca de gola ligeiramente extravagante, como se fosse um figurino de filme de outros tempos. O homem parecia a Norma Jeane que estava prestes a falar — ainda que não. *Se esforçando muito para ouvir. Era como se eu tivesse ensurdecido.*

Os batimentos de Norma Jeane estavam tão acelerados, asas de um beija-flor. E barulhentos, preenchendo o quarto. Mas Gladys não notou e não a repreendeu. Em sua exaltação, encarava com ganância o homem-na-foto. Dizendo, em uma voz apressada e extasiada como de uma cantora:

— *Seu pai.* O nome é um nome lindo e importante, mas é um nome que não posso dizer. Nem mesmo Della sabe. Della pode achar que sabe... mas não sabe. *E Della não deve saber.* Nem mesmo que você viu isso. Tem complicações na vida de nós dois, entenda. Quando você nasceu, seu pai estava longe; mesmo agora ele está muito longe e eu me preocupo com sua segurança. Ele é um homem com sede de viagens, que em outra época teria sido um guerreiro. Na verdade, ele arriscou a vida na causa pela democracia. Em nossos corações, ele e eu estamos casados... somos marido e mulher. Mas detestamos as convenções e nunca cederíamos a isso.

“Eu amo você e nossa filha, e um dia voltarei a Los Angeles para ter vocês para mim”, assim seu pai prometeu, Norma Jeane. Prometeu a nós duas. — Gladys pausou, umedecendo os lábios.

Embora falasse com Norma Jeane, encarava a foto da qual quase parecia sair uma lasca de luz e mal percebia a criança ali. Sua pele estava quente e pegajosa e seus lábios pareciam inchados, como se feridos sob o batom de um vermelho intenso; as mãos em luvas de renda tremiam de leve. Norma Jeane se lembraria de tentar se concentrar nas palavras da mãe apesar do rugido em seus ouvidos e da sensação de enjoo e empolgação nas profundezas da barriga, como se tivesse que ir ao banheiro com urgência, mas não ousasse falar ou sequer se mover:

— Seu pai era contratado do Estúdio quando nos conhecemos... Oito anos atrás, no dia seguinte ao Domingo de Ramos; sempre vou me lembrar...! E ele era um dos jovens atores mais promissores, mas... bem, apesar de todo seu talento natural e presença na tela... um “segundo Valentino”, como disse o sr. Thalberg em pessoa... Ele era muito pouco disciplinado, impaciente demais e mandava tudo para o inferno com frequência demais para ser um ator de cinema. Não é só uma questão de aparência, estilo e personalidade, Norma Jeane, a pessoa tem que ser obediente também. Deve ser humilde. Deve engolir o orgulho e trabalhar como um cão. Isso é mais fácil para as mulheres. *Eu* também já tive meu contrato... por um tempo. Quando era uma jovem atriz. Eu me transferi para outro departamento... voluntariamente! Porque vi que não era para ser. *Ele* era rebelde, é claro. Foi substituto para acertos de câmera do Chester Morris e Donald Reed, foi *stand-in* por um tempo. Mais cedo ou mais tarde foi embora. “Entre minha alma e minha carreira, eu escolho... minha alma”, disse ele.

Em sua empolgação, Gladys começou a tossir. Tossindo, parecia exalar um cheiro mais forte de perfume misturado com aquele odor

químico de limão azedo que parecia absorvido pela pele.

Norma Jeane perguntou onde estava seu pai.

Gladys respondeu com irritação:

— Longe, boba. *Acabei de falar.*

O humor de Gladys havia mudado. Acontecia muito. A trilha do filme também mudou de súbito. Estava entrecortada agora, como ondas duras e dolorosas jogadas na praia onde Della, com falta de ar pela “pressão alta” e xingando, caminhava com Norma Jeane na areia dura em nome do “exercício”.

Eu nunca teria perguntado por quê. Por que não haviam me contado até então.

Por que me contaram naquele momento.

Gladys voltou a pendurar a foto na parede. Mas o prego afundara no reboco de gesso e não estava tão estável quanto antes. A mosca solitária continuava zunindo, atirando-se diversas vezes, mas sem perder as esperanças, contra um vidro da janela. Gladys observou, misteriosa:

— Aqui está a mosca desgraçada que “zumbiu quando morri”. — Era o jeito de Gladys falar, com frequência de forma enigmática na presença de Norma Jeane, apesar de não necessariamente para Norma Jeane. Norma Jeane estava mais para uma testemunha, uma observadora privilegiada como o olhar da audiência do cinema que os protagonistas, no filme, fingem não saber, ou de fato não sabem. Quando o prego entrou, e parecia não estar mais prestes a cair, custou um pouco de tempo para garantir que o quadro estivesse na posição correta. Em tais questões domésticas Gladys era uma perfeccionista, xingando Norma Jeane se ela deixasse toalhas penduradas tortas ou livros mal alinhados nas estantes. Quando o homem-na-foto estava com segurança de volta à parede ao lado do espelho da cômoda, Gladys deu um passo para trás, relaxando só um pouco. Norma Jeane continuou a encarar a foto, petrificada, e:

— Então, seu pai. Mas é nosso segredo, Norma Jeane. Você só precisa saber que ele está longe... por enquanto. Mas vai voltar para Los Angeles em breve. *Ele prometeu.*

4.

Poderiam dizer que fui infeliz quando criança, que minha infância foi de desespero, mas gostaria de esclarecer que nunca fui infeliz. Desde que tivesse minha mãe, nunca estive infeliz, e um dia houve meu pai, também, para amar.

E havia Vovó Della! A mãe da mãe de Norma Jeane.

Uma mulher robusta de pele morena com sobrancelhas grossas como escovas e um leve esboço de bigode. Della tinha um jeito de ficar sob o batente da porta no degrau da frente de seu edifício, mãos na cintura como um jarro de alças duplas. Donos de lojas temiam seus olhos atentos e língua sarcástica. Ela era fã de William S. Hart, o caubói de tiro certo, e de Charlie Chaplin, o gênio do mimetismo, e se gabava de ser “do bom rebanho de pioneiros americanos”, nascida no Kansas, mudou-se para Nevada, então para o sul da Califórnia, onde conheceu e se casou com seu marido, pai de Gladys, que levou gás como Della dizia repreensivamente, na Ofensiva Meuse-Argonne, em 1918.

— Pelo menos está vivo. É para se agradecer ao governo dos Estados Unidos, não é?

Sim, havia um Vovô Monroe, marido de Della. Ele morava com elas no apartamento, e Norma Jeane foi informada de que ele não gostava dela, mas de alguma forma Vovô não estava *ali*. Quando perguntava sobre ele, a resposta de Della era um dar de ombros e o comentário:

— Ao menos, está vivo.

Vovó Della! Uma “personagem” da vizinhança.

Vovó Della era a fonte de tudo que Norma Jeane sabia, ou imaginava saber, de Gladys.

O fato primordial de Gladys era o mistério primordial de Gladys: ela não poderia ser uma *mãe verdadeira* para Norma Jeane. Não no *momento*.

Por que não?

— Só não venham me culpar, nenhuma das duas — disse Gladys, acendendo um cigarro, agitada. — Deus já me puniu o suficiente.

Puniu? Como?

Se Norma Jeane ousasse fazer uma pergunta assim, Gladys daria uma piscadela para ela, com seus belos olhos azuis de ardósia irritados e vermelhos, em que uma camada de umidade brilhava continuamente, e diria:

— Só nem tente *você*. Depois de tudo que Deus fez. Entendido?

Norma Jeane sorriu. Sorrir não era dizer que você entendia, mas que tudo bem não entender.

Apesar de que: parecia ser de conhecimento geral que Gladys tivera “outras garotinhas” — “duas garotinhas” — antes de Norma Jeane. Mas para onde tinham ido essas irmãs desaparecidas?

— Só não venham me culpar por nenhuma das duas, *maldição dos infernos*.

Parecia ser um fato que Gladys, apesar da aparência muito jovem aos 31 anos, já fora a esposa de dois maridos.

Era um fato, que a própria Gladys reconhecia com animação, tal qual uma personagem de cinema com manias ou tiques cômicos, que seu sobrenome mudava com frequência.

Della contou a história, era uma das suas histórias de mãe ofendida, de como Gladys tinha nascido e sido batizada como Gladys Pearl Monroe em Hawthorne, no Condado de Los Angeles, em 1902. Aos dezessete anos, casara-se (contra a vontade de Della)

com um homem chamado Baker, tornando-se a sra. Gladys Baker, mas (é claro!) aquilo não deu certo nem por um ano, eles se divorciaram e ela se casou com “um guardinha qualquer, que só conferia se você pagou o estacionamento na rua, o Mortensen” (o pai das duas irmãs mais velhas desaparecidas?), mas aquilo não deu certo (é claro!), e Mortensen deu o fora da vida de Gladys, e já foi tarde. Exceto que: o nome de Gladys continuou Mortensen em certos documentos que ela não mudara, nem mudaria, já que qualquer coisa que tinha a ver com registros, questões legais, a apavorava. Mortensen não era o pai de Norma Jeane, é claro, mas Mortensen era o nome de Gladys na época do nascimento de Norma Jeane. Ainda assim — e esse era um fato que enfurecia Della, de tão perverso —, o sobrenome de Norma Jeane era oficialmente Baker, não Mortensen.

— Sabe por quê? — Della poderia perguntar ao vizinho ou a quem quer que pudesse estar ouvindo tamanha loucura. — Porque Baker era o que minha filha maluca “odiava menos”. — Della continuava, irritando-se genuinamente: — *Eu* passo noites em claro com pena dessa pobre criança, toda confusa com quem deveria ser. *Eu* deveria adotar a criança e dar meu próprio nome que é um bom nome sem contaminação alguma... “Monroe”.

— Ninguém vai adotar minha garotinha — disse Gladys, com veemência — enquanto eu estiver viva para evitar.

Viva. Norma Jeane sabia como era importante permanecer *viva*.

Então aconteceu que Norma Jeane Baker virou o nome legal de Norma Jeane. Aos sete meses, ela fora batizada pela renomada pastora evangélica Aimee Semple McPherson em seu Templo Angelus da Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular (a que, na época, Della pertencia), e este permaneceria seu nome até o momento em que seria mudado por um homem, um homem que adquirisse Norma Jeane como “esposa”, e mais cedo ou mais tarde, o

nome completo também seria mudado por uma decisão masculina. *Eu fiz o que pediram de mim. O que pediram de mim foi que eu permanecesse viva.*

Eu um momento raro de intimidade maternal, Gladys informou a Norma Jeane que seu nome era um dos especiais:

— “Norma” é pela excelente Norma Talmadge, e Jeane é... quem mais? Harlow. — Esses nomes não significavam coisa alguma para a criança, mas ela via como Gladys estremecia com os meros sons. — Você, Norma Jeane, vai combinar as duas, entende? Em seu próprio destino especial.

5.

— Então, Norma Jeane! Agora você já sabe.

Era uma sabedoria cegante como o sol. Profunda como a marca de um tapa com as costas da mão. A boca de batom vermelho de Gladys, que sorria tão raramente, sorria agora. Sua respiração vinha rápida como se ela tivesse corrido.

— Você viu *o rosto dele*. Seu verdadeiro pai, cujo sobrenome não é Baker. Mas você nunca pode contar isso para ninguém, está ouvindo? Nem mesmo para Della.

— S-sim, Mãe.

Entre as sobrancelhas finas desenhadas de Gladys, uma ruga profunda surgiu.

— Norma Jeane, *como se diz?*

— Sim, Mãe.

— *Agora sim!*

A gagueira ainda estava dentro de Norma Jeane. Mas tinha mudado de sua língua para seu coração disparado, onde passaria despercebida.

Na cozinha, Gladys tirou uma de suas luvas glamourosas de renda e a lançou no pescoço de Norma Jeane, como se fazendo

cosquinhas.

Aquele dia! Uma névoa de felicidade como uma bruma quente úmida pairando sobre as planícies da cidade. Felicidade em cada respiração. Gladys murmurava:

— Feliz aniversário, Norma Jeane!

E:

— Eu não falei para você, Norma Jeane, que este é seu *dia especial*?

O telefone tocou. Mas Gladys, sorrindo consigo mesma, não o atendeu.

As venezianas nas janelas estavam cuidadosamente fechadas no peitoril. Gladys reclamava de vizinhos “enxeridos”.

Gladys havia removido a luva esquerda, mas não a direita. Ela parecia haver esquecido a luva direita. Norma Jeane notou que a pele levemente avermelhada da mão esquerda tinha pequenas marcas em formato de losango feitas pela luva de redinha apertada. Gladys usava um vestido de crepe cor de vinho com cintura marcada, gola alta, e uma saia cheia que fazia um farfalhar abafado quando ela se movia. Era um vestido que Norma Jeane não tinha visto antes.

Cada momento era investido de muito significado. Cada momento, como cada batimento cardíaco, era um sinal de aviso.

Na mesa na alcova na cozinha, Gladys serviu suco de uva para Norma Jeane e uma “água medicada” de cheiro forte para si mesma em xícaras de café lascadas. A surpresa era um bolo de aniversário para Norma Jeane! Cobertura de chantilly de baunilha, seis velinhas de cera cor-de-rosa e, escrito em cobertura de calda:

FELIZ ANIVESÁRIO
NORMAJEAN

A visão do bolo, seu cheiro maravilhoso, encheram a boca de Norma Jeane de água. Apesar de Gladys estar fumegando.

— Aquele padeiro desgraçado maconheiro, escrevendo “aniversário” errado, e seu nome... *Eu falei para ele.*

Com um pouco de dificuldade, as mãos trêmulas, apesar de talvez o recinto estar vibrando, ou o estrato da terra muito abaixo delas (na Califórnia você nunca sabe o que é “real” ou o que é “só você”), Gladys conseguiu acender as seis velinhas. Era a tarefa de Norma Jeane soprar as chamas pálidas que tremulavam nervosamente.

— E agora você tem que fazer um pedido, Norma Jeane — disse Gladys, com ansiedade, inclinando-se para a frente, quase tocando no rosto quente da filha. — Um pedido para você-sabe-quem voltar para nós logo. Vamos lá! — Então Norma Jeane, fechando os olhos, fez o pedido e assoprou todas as velas exceto por uma em um único sopro. Gladys assoprou a que restara e disse: — Agora pronto. Praticamente uma oração. — Gladys demorou um instante para revirar uma gaveta e achar uma faca adequada para cortar o bolo; por fim encontrou uma “faca de açougueiro, mas não precisa ter medo!”, e a lâmina brilhante da faca afiada reluziu como o sol em dia de ressaca em Venice Beach, um sol que fere os olhos, mas que ainda assim é impossível parar de olhar, só que Gladys não fez nada com a faca exceto afundá-la no bolo, a testa franzida de tanta concentração, a mão esquerda sem luva dando apoio à direita, com luva, para cortar fatias grandes para ambas; o bolo estava levemente úmido e grudento no centro e as fatias caíam pelas beiradas dos pires que Gladys usava como prato. *Tão gostoso! Aquele bolo estava tão gostoso. Fique sabendo que nunca na vida provei um bolo tão gostoso.* Mãe e filha comeram famintas; para ambas, isso era café da manhã, e já passava do meio-dia.

— E agora, Norma Jeane: seus presentes.

Outra vez o telefone começou a tocar. E Gladys, com um sorriso radiante, não pareceu ouvir. Ela estava explicando que não tivera tempo de embrulhar apropriadamente os presentes de Norma Jeane. O primeiro era um suéter cor-de-rosa de uma lã leve de algodão em crochê, rosinhas bordadas em vez de botões, um suéter para uma criança mais jovem, talvez, já que estava apertado em Norma Jeane, que era pequena para a idade, mas Gladys, que exclamava sobre o suéter, não parecia notar:

— Não ficou uma graça? Você é uma princesinha. — Em seguida, peças de roupa menores, meias de algodão branco, roupas íntimas (ainda com a etiqueta de preços da loja de tudo por dez centavos). Fazia muitos meses desde a última vez que Gladys providenciara tais necessidades para a filha; Gladys também estava atrasada diversas semanas em seus pagamentos para Della, então Norma Jeane se empolgou ao pensar que Della ficaria contente com isso. Norma Jeane agradeceu à mãe, e Gladys disse com um estalar de dedos: — Ah, isso é só o começo. *Venha*. — Com um ar dramático, Gladys levou Norma Jeane para os fundos do quarto, onde o belo homem-na-foto estava pendurado com proeminência na parede, e, de brincadeira, abriu a gaveta do topo da cômoda e: — *Presto*, Norma Jeane! Uma coisa para *você*.

Uma boneca?

Norma Jeane ficou na ponta dos pés, ansiosa, levantando a boneca sem jeito, uma boneca de cabelos dourados, uma boneca com redondos olhos azuis de vidro e uma boca em formato de botão de rosa, enquanto Gladys dizia:

— Você lembra, Norma Jeane, quem costumava dormir aqui... nesta gaveta? — Norma Jeane balançou a cabeça, e a mãe: — Não neste apartamento, mas nesta gaveta. *Esta* mesma gaveta. Você não se lembra de quem costumava dormir aqui? — De novo, Norma Jeane balançou a cabeça. Ela estava ficando inquieta. Gladys a

encarava com tanta intensidade, olhos tão arregalados como se imitasse a boneca, exceto que os olhos de Gladys eram de um azul pálido, desbotado, e seu lábios eram vermelhos. Gladys disse, rindo: — *Você. Você*, Norma Jeane. *Você* costumava dormir nesta mesma gaveta! Eu era tão pobre na época que nem consegui comprar um berço. Mas esta gaveta era seu berço quando você era bem pequenininha; era bom o suficiente para nós, *não era?* — Havia uma pontada gelada na voz de Gladys. Se houvesse trilha sonora nesta cena, seria um staccato. Norma Jeane balançou a cabeça, não, um olhar sombrio sobre seu rosto, os olhos nublados com uma não lembrança, um não lembrarei, como se não se lembrasse de usar fraldas, ou de como tinha sido difícil para Della e Gladys ensinarem-na a “usar o vaso”. Se ela tivesse tempo de examinar a gaveta superior na cômoda de madeira de pinho *e como a gaveta poderia ser empurrada para fechar em uma só batida*, teria sentido uma náusea, aquele frio na barriga que ela sentia no topo de um lance de escadas ou olhando para fora de uma janela alta ou correndo perto demais da beira d’água quando uma onda alta quebrava, pois como poderia ela, uma garota grande de seis anos, um dia ter cabido em um lugar tão pequeno? — *e será que alguém havia fechado a gaveta em um empurrão, para sufocar seus choros?* —, mas Norma Jeane não tinha tempo para pensar pensamentos assim pois ali estava sua boneca de aniversário em seus braços, a boneca mais linda que já tinha visto de perto, tão linda quanto a Bela Adormecida em um livro ilustrado, cachos dourados na altura dos ombros, tão sedosos quanto cabelos de verdade, mais lindo que as ondas castanho-claras de Norma Jeane e totalmente diferentes do cabelo sintético da maioria das bonecas. A boneca usava uma touquinha de renda para dormir e uma camisola de flanela com estampa florida, e a pele era macia como borracha, suave, perfeita, e os dedinhos tinham formato perfeito! E os pezinhos em botinhas de

algodão branco amarradas com fitas cor-de-rosa! Norma Jeane dava gritinhos de empolgação e teria abraçado a mãe para agradecê-la, mas Gladys ficou tensa, foi um gesto sutil mas claro o suficiente para que a criança soubesse que não deveria tocá-la. Gladys acendeu um cigarro e exalou a fumaça com luxo; a marca era Chesterfields, a mesma de Della (apesar de Della achar que fumar era um hábito sujo e fraco que ela estava determinada a superar), dizendo, em um tom brincalhão: — Passei por muita coisa para conseguir esta boneca para você, Norma Jeane. Agora espero que você assuma a responsabilidade pela boneca. — *A responsabilidade pela boneca* pairou estranhamente no ar.

Como Norma Jeane amaria sua boneca bebê loira! Um dos grandes amores de sua infância.

Exceto que: deixavam-na apreensiva os braços e as pernas da boneca tão claramente sem ossos, soltos, molengos, que poderiam girar em qualquer ângulo estranho. Se ela deitasse a boneca de barriga para cima, os pés simplesmente *despencavam*.

— Mãe — disse Norma Jeane —, q-qual é o nome dela?

Gladys achou uma garrafa de aspirina, chacoalhou diversas vezes, e engoliu os comprimidos a seco. Falando em sua voz emproada de Harlow, e com um movimento gracioso das sobrelanceiras riscadas:

— Esta decisão é sua, garotinha. A boneca é *sua*.

Como Norma Jeane tentou pensar no nome da boneca. Tentou muito; mas era como gaguejar dentro da própria cabeça: não conseguia pensar em nome algum. Chupando o dedo, começou a se preocupar. Nomes são importantes...! Se não tiver um nome para uma pessoa, não conseguirá pensar nela, e ela deve ter um nome para você, ou... onde você *estaria*?

— Mãe — choramingou Norma Jeane —, qual o nome da boneca? *Por favor*.

Achando mais graça do que sentindo irritação, ou pelo menos era o que parecia, Gladys gritou do outro recinto:

— Diabos, chama esse troço de Norma Jeane... *Você às vezes é tão inteligente quanto ela. Eu juro.*

Após tanta empolgação, a criança estava exausta.

Hora da soneca de Norma Jeane.

Ainda assim: o telefone tocou. Conforme o fim de tarde minguava em começo da noite. E a criança pensava, com ansiedade: *Por que Mãe não atende o telefone? E se for o Pai? Ou ela sabe que não é o Pai? E como ela sabe disso, se isso é o que ela sabe?*

Nos contos de fadas dos irmãos Grimm que Vovó Della lia para Norma Jeane, aconteciam coisas que poderiam ser sonhos, que eram estranhas e assustadoras como sonhos, mas eram reais. *Situações das quais dava vontade de acordar, mas não era possível.*

Como Norma Jeane estava com sono! Ela estivera com tanta fome e comeu tanto bolo, uma comilança de porquinha de tanto bolo de aniversário no café da manhã, deixando-a enjoada e com dor de dente, e talvez Gladys tivesse colocado um pouco de sua bebida especial incolor no suco de uva de Norma Jeane.

— ... Só um dedinho, para se divertir... — Para que seus olhos não ficassem abertos, sua cabeça bambeasse nos ombros como uma cabeça de madeira, e Gladys teve que acompanhá-la até seu quarto quente e abafado e a deitou na cama molenga, onde Gladys não gostava muito que ela dormisse, no acolchoado de tecido de chenille, então Gladys tirou seus sapatos e, sempre meticulosa com essas coisas, colocou uma toalha sob a cabeça de Norma Jeane.

— Para você não babar no meu travesseiro.

Norma Jeane reconhecia o acolchoado de chenille laranja de visitas anteriores a outras residências da mãe, mas a cor havia desbotado; ele estava marcado com queimaduras de cigarro e

borrões misteriosos, do tom de ferrugem ou de manchas de sangue antigas e desbotadas.

Lá em cima, na parede ao lado da cômoda, estava o pai de Norma Jeane olhando para ela. Ela o observou com os olhos semicerrados. Sussurrou:

— Pa-*pai*.

A primeira vez! Em seu sexto aniversário.

A primeira vez a pronunciar a palavra: “Pa-*pai*!”

Gladys havia baixado a veneziana até o final, mas era um modelo velho, rachado, incapaz de segurar o sol feroz da tarde. O olhar flamejante de Deus. A raiva de Deus. Vovó Della se desapontara amargamente com Aimee Semple McPherson e a Igreja do Evangelho Quadrangular, mas ela acreditava, ainda, no que chamava de a Palavra de Deus, a Bíblia Sagrada e: “... É um ensinamento difícil, e nós somos basicamente surdos para sua sabedoria, mas é *tudo o que temos*”. (Mas será que era assim mesmo? Gladys tinha seus próprios livros e nunca mencionava a Bíblia. Se tinha uma coisa a que Gladys se referia com paixão e maravilhamento era o Cinema.)

O sol tinha descido no céu quando Norma Jeane foi despertada em parte pelo telefone tocando no cômodo ao lado. Aquele som discordante, aquele som de escárnio, aquele som de adulto bravo, aquele som de reprovação masculina. *Sei que você está aí, Gladys, sei que está ouvindo; você não pode se esconder de mim*. Até que enfim Gladys agarrou o fone no quarto ao lado e falou em uma voz alta e arrastada, meio suplicante. *Não! Não posso, não hoje à noite, falei para você, falei para você que é o aniversário da minha menininha, quero passar sozinha com ela* — uma pausa e então com mais urgência, meio gritando e meio chorando, como um animal ferido. — *Sim, eu falei, eu falei para você, eu tenho uma menininha, não me importo com o que você acha, sou uma pessoa normal, sou uma mãe*

de verdade, falei para você, tive bebês, sou uma mulher normal e não quero seu dinheiro imundo, não, eu disse que não posso ver você hoje à noite, não vou ver você nem hoje nem amanhã à noite, é melhor você me deixar em paz ou vai se arrepender, se você entrar aqui com essa chave, eu vou chamar a polícia, seu canalha!

6.

Quando eu nasci, em 1º de junho de 1926, na ala de caridade do Hospital do Condado de Los Angeles, minha mãe não estava lá.

Onde estava minha mãe, ninguém sabia!

Quando a encontraram escondida, ficaram chocados e reprovaram-na, dizendo *Você tem uma linda bebê, sra. Mortensen, não quer segurar sua filha? É uma menina linda. Está na hora de mamar.* Mas minha mãe virou o rosto para a parede. Seus peitos vazavam leite como pus, mas não para mim.

Foi uma estranha, uma enfermeira, que ensinou minha mãe como me pegar e segurar. Como segurar a cabeça macia de um bebê com uma das mãos e dar apoio à coluna com a outra.

Mas e se eu deixar cair.

Não vai deixar cair!

É tão pesada e quente. Está... chutando.

Ela é uma bebê saudável. Uma graça. Olha estes olhos!

No Estúdio, onde Gladys Mortensen trabalhava desde os dezenove anos, havia o mundo-que-se-vê-pelos-próprios-olhos e o mundo-pela-câmera. O primeiro não era nada, o segundo era tudo. Então, com o tempo, Mãe aprendeu a me perceber pelo espelho. Até sorrir para mim. (Não olhando nos olhos! Nunca.) Olhar pelo espelho é quase como olhar pela lente de uma câmera, quase dá para amar.

O pai do bebê, eu adorava. O nome que ele me contou era falso. Ele me deu 225 dólares e um número de telefone para ME LIVRAR DISSO. Será que realmente sou a mãe? Às vezes não acredito que seja.

Aprendemos a olhar para o espelho.

Lá estava minha Amiga-do-Espelho. Assim que tive idade suficiente para ver.

Minha Amiga Mágica.

Havia pureza nisso. Eu nunca havia experimentado meu rosto e corpo do lado de dentro (onde havia dormência como sono), apenas pelo espelho, onde havia nitidez e clareza. Dessa forma eu conseguia me ver.

Gladys ria. *Diabos, esta criança nem é tão feia, né? Acho que vou ficar com ela.*

Era uma decisão diária. Não permanente.

Eu era passada por aí em meio à névoa de fumaça azul. Três semanas de vida, enrolada em uma manta. Bêbada, uma mulher chorava. *Ah, a cabeça dela! Cuidado, coloca a mão debaixo da cabeça.* Outra mulher disse *Jesus, está uma fumaceira aqui dentro, onde está Gladys?* Homens espiavam e sorriam. *É uma garotinha, é? Lisa como uma bolsinha de seda lá embaixo. Maciiiiiia.*

Mais tarde, em outro momento, um deles ajudou Mãe a me dar banho. E então ela e ele! Gritinhos e risadas, paredes de azulejos brancos. Poças de água no chão. Sais de banho perfumados. Sr. Eddy era rico! Era dono de três “lugares da moda” em Los Angeles, onde as estrelas jantavam e dançavam. Sr. Eddy no rádio. Sr. Eddy um brincalhão deixando notas de vinte dólares em lugares brincalhões: em um bloco de gelo no refrigerador da cozinha, enroladas dentro da persiana, nas páginas mutiladas do *The Little Treasury of American Verse*, a coleção de poemas americanos, grudadas dentro do vaso sanitário imundo.

A risada da Mãe era estridente e afiada como vidro quebrando.

7.

— Mas antes você precisa de um *banho*.

A palavra *banho* foi pronunciada de forma lenta e sensual.

Gladys bebia sua água medicada, incapaz de se equilibrar na cadeira. No toca-discos, “Mood Indigo”. As mãos e o rosto de Norma Jeane estavam pegajosos do bolo de aniversário. Era quase noite no sexto aniversário de Norma Jeane. Então a noite veio. Água barulhenta de ambas as torneiras jorrou com um estrondo na banheira vitoriana velha e enferrujada no pequeno banheiro.

Sobre a geladeira a bela boneca loira a encarava. Olhos azuis vítreos arregalados e boca de botão de rosa sempre prestes a sorrir. Se você a chacoalhasse, os olhos abriam ainda mais. A boca de botão de rosa nunca mudava. Pés minúsculos em botinhas brancas e sujas estavam virados para fora em um ângulo muito esquisito!

Mãe ensinou a letra para Norma Jeane. Murmurando e balançando.

You ain't been blue

No no no

You ain't been blue

Till you got that Mood Indigo

Mãe então ficou entediada com a música, agora está buscando por um de seus livros. Tantos livros ainda encaixotados. Gladys tivera aulas de elocução no Estúdio. Norma Jeane amava quando Gladys lia para ela porque significava mais calma. Nada de arroubos súbitos de risadas, xingamentos ou lágrimas. A música era capaz disso. Mas lá estava Gladys com um olhar reverente folheando o *The Little Treasury of American Verse*, que era seu livro favorito. Com seus ombros magros levantados e cabeça erguida como uma atriz de cinema segurando o livro acima de si.

Porque eu não pude parar para a Morte.
Ele gentilmente parou para mim;
Na Carruagem só cabíamos nós.
E a Imortalidade.

Norma Jeane ouviu com ansiedade. Quando Gladys terminasse o poema, ela se viraria para Norma Jeane com olhos brilhantes e cintilantes e:

— Sobre o que esse fala, Norma Jeane? — Norma Jeane não sabia. Gladys disse: — Um dia quando sua mãe não estiver por perto para salvar você, *você vai saber*. — Então serviu mais do líquido forte transparente em uma xícara e bebeu.

Norma Jeane esperava por mais poemas, poemas com rimas, poemas que pudesse entender, mas Gladys parecia estar farta de poesia aquela noite. Também não lia *A máquina do tempo* ou *A guerra dos mundos*, que eram “livros proféticos” — “livros que logo virariam verdade” —, como ela dizia às vezes em uma voz intensa e trêmula.

— Hora do *baaanho* da Bebê.

Era uma cena de filme. Água jorrando das torneiras se misturava com música que quase dava para ouvir.

Gladys parou sobre Norma Jeane para despi-la. Mas Norma Jeane conseguia tirar as roupas sozinha! Ela tinha seis anos. Gladys estava com pressa, afastando as mãos de Norma Jeane.

— Que *vergonha*. Toda suja de bolo. — Esperando encher a banheira, e era uma espera longa. Uma banheira tão grande. Gladys tirou seu vestido de crepe, puxando-o por cima, então seu cabelo se ergueu em tufo sinuosos. Sua cútis pálida escorregadia de suor. Não deveria encarar o corpo de Mãe, que era tão secreto: pele pálida e sardenta, os ossos despontando, seios pequenos e duros como punhos fechados forçando a renda do sutiã. Norma Jeane

quase conseguia ver fogo no cabelo estático de Gladys. Em seus olhos úmidos e cítricos vidrados.

O vento nas palmeiras do lado de fora da janela. Vozes dos mortos, Gladys as chamava. Sempre querendo *entrar*.

— Entrar em *nós* — explicou Gladys. — Porque não existem corpos o suficiente. A qualquer momento na história, nunca existe *vida* suficiente. E desde a Guerra... Você não se lembra da Guerra porque não tinha nascido ainda, mas eu me lembro, eu sou sua mãe e cheguei neste mundo antes de você... Desde a Guerra onde tantos homens e mulheres também e crianças morreram, existe essa escassez de corpos, fique sabendo. Todas essas pobres almas mortas agora ficam querendo se enfiar *dentro*.

Norma Jeane estava assustada. Enfiar dentro do quê?

Gladys caminhava, esperando a banheira encher. Não estava bêbada, muito menos chapada. Havia tirado a luva da mão direita e agora ambas as mãos magras estavam nuas e avermelhadas em alguns pontos, a pele descamando; ela não queria admitir que era seu trabalho no Estúdio, sessenta horas por semana às vezes, a pele absorvendo produtos químicos apesar das luvas de látex, sim, e o cabelo também, os próprios folículos do cabelo, e nos pulmões, ah, ela estava morrendo! A América a estava matando! Quando começava a tossir, não conseguia parar. Sim, mas então por que fumava? Ora, todo mundo em Hollywood fumava, todo mundo nos filmes fumava, um cigarro acalmava os nervos, sim, mas Gladys colocava um limite na maconha, que os jornais chamavam de *baseados*. Que inferno, ela queria que Della soubesse que ela não era uma *viciada*, e ela não era uma *drogada*, ela não era uma *puta*, mas que inferno ela nunca *nunca fez isso por dinheiro*, ou quase nunca.

E essa única vez tinha sido quando ficou oito semanas longe do Estúdio, demitida. Depois da Crise de outubro de 1929.

— Sabe o que foi isso? A Crise? A quebra da bolsa de Nova York?

Norma Jeane balançou a cabeça em dúvida. Não. O quê?

— Você tinha três anos na época, neném. Eu estava desesperada. Tudo que eu fiz, Norma Jeane, eu fiz para poupar *você*.

Erguendo Norma Jeane em seus braços, braços magros de musculatura vigorosa, erguendo-a com um resmungo, descendo na água cheia de vapor a criança assustada, chutando e esperneando. Norma Jeane choramingou, Norma Jeane não ousou gritar, mas a água estava tão quente! Pelando! Escaldante, escorrendo da torneira que Gladys esqueceu de fechar, esquecera de fechar ambas as torneiras, assim como havia esquecido de testar a temperatura da água. Norma Jeane tentou sair da banheira, mas Gladys a empurrou de volta e:

— Fica quieta. Precisa tomar banho. Vou entrar também. Onde está o sabonete? Porqui-*nha*. — Gladys deu as costas para a Norma Jeane choramingando e tirou o resto das roupas rápido, anáguas, sutiã, calcinhas, lançando-as no chão, animada como uma dançarina. Nua então, entrou decidida na velha banheira vitoriana, escorregou e recuperou o equilíbrio, baixou os quadris magro na água que cheirava forte a sais de banho de gualtéria, sentou-se na frente da criança assustada, joelhos abertos como se para abraçar, ou segurar, a criança a qual dera à luz seis anos antes sob a agonia do desespero e da recriminação — *Onde você está? Por que me abandonou?* — destinadas ao homem que era seu amante, cujo nome ela não revelaria nem na agonia do parto. Que desajeitadas, mãe e filha naquela banheira, com ondas revoltas fazendo a água transbordar; Norma Jeane, empurrada pelo joelho da mãe, afundou até quase a altura do nariz, começou a se afogar e tossir, e Gladys rapidamente a puxou pelo cabelo, xingando: — Pare já com isso, Norma Jeane! Pode *parar*. — Gladys Tateou até achar o sabonete e

começou a esfregá-lo com vigor entre as mãos. Estranho para ela, que se encolhia para fugir do toque da filha, estar nua ali, apinhada na banheira com a filha; e estranha a expressão arrebatada, em êxtase, em seu rosto, corado e rosado pelo calor. Mais uma vez, Norma Jeane choramingou que a água estava quente demais, por favor, Mãe, a água estava quente demais, tão quente que a pele mal conseguia sentir qualquer coisa, e Gladys disse com severidade: — Sim, tem que estar quente, é muita sujeira. Por fora, e por *dentro*.

Muito longe, em outro cômodo, abafado pela torneira aberta e a voz repreensiva de Gladys, o som de uma chave girando no trinco.

Esta não era a primeira vez. Não seria a última vez.

Cidade de areia

1.

— Norma Jeane, acorde! *Vamos logo.*

Estação dos incêndios. Outono de 1934. A voz, a voz de Gladys, carregada de medo e empolgação.

Na noite o cheiro de fumaça — de cinzas! —, um cheiro de lixo e detritos queimando no incinerador atrás do antigo edifício de Della Monroe em Venice Beach, mas ali não era Venice Beach, era Hollywood, avenida Highland em Hollywood, onde mãe e filha moravam juntas, enfim, apenas as duas *como deveria ser até ele nos convocar*, e veio o som de sirenes e o cheiro parecido com cabelo queimando, com gordura queimando na frigideira, com roupas úmidas queimadas por um descuido com o ferro de passar. Foi um erro ter deixado a janela do quarto aberta, pois o cheiro permeou o recinto: um fedor asfixiante, um fedor cru, um fedor que pinicava os olhos como areia soprada pelo vento. O mesmo cheiro da chaleira derretendo e grudando no fogareiro, quando Gladys esquecia que tinha colocado a água pra ferver. Um fedor como as cinzas dos cigarros perpétuos de Gladys e queimaduras chamuscadas no linóleo, nos tapetes com estampa de rosas, na cama de casal com cabeceira de latão e travesseiros de penas de ganso compartilhada por mãe e filha, o fedor inconfundível de roupas de cama chamuscadas que a criança reconheceu de imediato em seu sono; um cigarro Chesterfield ainda aceso caído da mão de Gladys quando, lendo na cama tarde da noite, leitora compulsiva e insone que era, ela cochilava por alguns segundos e logo em seguida despertava subitamente no susto, em um fenômeno misterioso cuja

compreensão lhe escapava, por uma faísca caindo no travesseiro, nos lençóis, no colchão, e que, às vezes, virava chamas reais esmurradas desesperadamente com um livro ou revista ou, certa vez, um calendário *Our Gang*, arrancado da parede às pressas, ou ainda com marteladas dos próprios punhos de Gladys; e se as chamas persistissem, Gladys corria xingando ao banheiro para pegar um copo de água e lançá-lo nas chamas, molhando as roupas de cama e o colchão e:

— Mas que *inferno*! Era só o que *faltava*! — Esses episódios tinham um quê de comédia-pastelão, antes dos filmes falados. Norma Jeane, que dormia com Gladys, teria despertado de imediato, saltando da cama, arfante e alerta como qualquer animal preparado para a sobrevivência; e com frequência, na verdade, era a criança quem corria para buscar água. Pois apesar de ser um susto real e desconcertante no meio da noite, havia se tornado familiar o suficiente para ser um ritual de emergência rotineiro com metodologia própria. *Nós tínhamos nos acostumado a impedir que fôssemos queimadas vivas na cama. Tínhamos aprendido a lidar.*

— Eu não estava nem dormindo! Minha mente é muito inquieta. No meu cérebro estamos no meio do dia. O que parecia acontecer era que meus dedos ficavam dormentes do nada. Tem acontecido ultimamente. Eu estava tocando piano no outro dia e *não saiu nada*. Eu nunca trabalho sem luvas de borracha no laboratório, mas os produtos estão mais fortes agora. O estrago pode já ter sido feito. Olha: as terminações nervosas nos meus dedos estão praticamente mortas, minha mão nem *treme*.

Gladys estendia a mão citada, a direita, para que a filha examinasse, e de fato parecia verdade; estranhamente, depois do susto de roupas de cama queimando e dos apertos no meio da noite, a mão magra de Gladys não tremia, só ficava caída do pulso como se não fosse nada dela, nada volitiva, nada de sua responsabilidade,

a palma da mão de linhas fracas estendida aberta, pele pálida ainda que calejada e avermelhada, mão graciosa, vazia.

Havia outros mistérios assim na vida de Gladys, muitos para enumerar. Acompanhá-los requeria vigilância constante ainda que, paradoxalmente, um desapego quase místico e:

— É como todos os filósofos de Platão a John Dewey ensinaram: não é sua vez até que chamam o seu número, e quando chamam seu número, é *sua vez*. — Gladys estalava os dedos, sorrindo. Para ela isso era otimismo.

E é por isso que sou uma fatalista. Não se discute com a lógica!

E por isso sou tão boa em emergências. Ou era.

Era com a vida normal do dia a dia que eu não lidava bem.

Mas naquela noite os incêndios eram reais.

Não incêndios em miniatura na cama que poderiam ser abafados ou resolvidos com copos de água, mas fogos “ardendo” no sul da Califórnia depois de cinco meses de seca e temperaturas altas. A propagação desses incêndios representava um “perigo sério para a vida e propriedade” dentro dos limites da cidade de Los Angeles. Os ventos de Santa Ana seriam culpados: soprando pelo deserto de Mojave, de início gentis como carícias, então mais prolongados, mais intensos, carregando calor; e, dentro de poucas horas, tempestades de fogo foram relatadas irrompendo nos pés de morros e cânions das montanhas San Gabriel, soprando oeste rumo ao Pacífico. Dentro de 24 horas irromperam centenas de focos, separados e congruentes. Ventos escaldantes eram lançados em velocidades de 160 quilômetros por hora nos vales de São Francisco e Simi. Paredes de fogo de seis metros eram vistas saltando pela rodovia costeira como criaturas predatórias. Havia campos de fogo, cânions de fogo, bolas de fogo como cometas a poucos quilômetros de Santa Mônica. Faíscas, lançadas ao vento como sementes

malignas, irrompiam em chamas em comunidades residenciais de Thousand Oaks, Malibu, Pacific Palisades, Topanga. Havia relatos de pássaros explodindo em chamas no meio do ar. Havia relatos de gado desesperado correndo em debandada, flamejantes como tochas até caírem. Árvores enormes, árvores centenárias, pegavam fogo e eram consumidas em minutos. Mesmo tetos cobertos com água pegavam fogo, e edifícios implodiam nas chamas como bombas. Apesar dos esforços de milhares de bombeiros, focos de incêndio continuaram a “arder fora de controle”, e uma pesada fumaça sulfúrica, de cor branca-acinzentada, obscurecia o céu a centenas de quilômetros em todas as direções. Olhando o céu tão escurecido em pleno dia, era de se imaginar que o sol tinha sido reduzido a uma lua crescente absurdamente fina, ou que havia um eclipse solar perpétuo. Seria de se imaginar que a mãe diria para a filha assustada que esse era o fim do mundo prometido no Livro do Apocalipse, na Bíblia:

— “As pessoas foram queimadas pelo forte calor e blasfemaram contra Deus.” Mas foi Deus quem blasfemou contra *nós*.

Os ventos sinistros de Santa Ana soprariam por vinte dias e vinte noites trazendo cascalho, areia, sujeira e o sufocante cheiro de fumaça, e, quando enfim os fogos se acalmaram, com a chegada da chuva, setenta mil acres do Condado de Los Angeles estavam devastados.

A essa altura, Gladys Mortensen teria sido hospitalizada no Hospital Psiquiátrico Estadual da Califórnia em Norwalk por quase três semanas.

Ela era uma garotinha e garotinhas não deveriam *pensar muito*, em especial, garotinhas bonitas com cachinhos não deveriam *se preocupar, se agitar, calcular*; ainda assim, ela tinha um jeito de franzir a testa como uma adulta em miniatura, fazendo a si mesma

perguntas do tipo: como o fogo *começa*? Será que tem uma única faísca que é a primeira faísca, a primeiríssima faísca, do *nada*? Não de um fósforo ou um isqueiro, mas do *nada*? Mas *por quê*?

— Porque vem do sol. O fogo vem do sol. O sol é fogo. É isso que Deus é... *fogo*. Coloque sua fé Nele e vai se queimar até virar cinzas. Estenda a mão para tocá-Lo que sua mão vai queimar até virar cinzas. Não existe “Deus, o Pai”; eu prefiro acreditar em W.C. Fields. *Ele* existe. Eu fui batizada na religião cristã porque minha mãe era uma alma iludida, mas eu *não sou uma tola*. Sou agnóstica. Acredito na ciência para salvar a humanidade, talvez. Uma cura para a tuberculose, uma cura para o câncer, eugenia para melhorar a raça e eutanásia para os que não têm salvação. Mas minha fé não é muito forte. Tampouco a sua vai ser, Norma Jeane. O fato é que não nascemos para viver nesta parte do mundo. Sul da Califórnia. Foi um erro nos estabelecermos aqui. Seu pai — e aqui a voz rouca de Gladys suavizava como invariavelmente acontecia quando falava do pai ausente de Norma Jeane, como se o homem em pessoa pudesse estar pairando por perto, ouvindo — chama Los Angeles de “Cidade de Areia”. Foi construída sobre areia e é areia. É um deserto. Chuva abaixo de 450 milímetros por ano. Exceto quando tem chuva demais e enchentes. A humanidade não foi feita para viver em um lugar assim. Então estamos sendo punidos. Por nosso orgulho e nossa idiotice. Terremotos, incêndios, o ar sufocante. Alguns nasceram aqui, e alguns morrerão aqui. É um pacto que fizemos com o diabo. — Gladys fez uma pausa, sem ar. Dirigindo um carro, como estava agora, Gladys logo ficava sem ar, como se estar em alta velocidade lhe causasse cansaço físico, ainda que falasse com calma, de forma agradável até. Elas estavam na avenida Coldwater Canyon, sobre o Sunset Boulevard, e era 1h35 da primeira noite inteira dos incêndios de Los Angeles. Gladys havia acordado Norma Jeane aos berros e a puxado, de pijamas e pés

descalços, para fora do bangalô e para dentro de seu Ford 1929, incitando-a a andar *rápido, rápido, rápido* e muito silenciosa para que os outros locatários não as ouvissem. A própria Gladys estava em vestes de dormir de rendas pretas, e, por cima, havia jogado às pressas um quimono verde gasto, presente do sr. Eddy de anos atrás; ela, também, estava descalça e de pernas à mostra e seu cabelo bagunçado estava amarrado para trás com um lenço, seu rosto magro, régio e mascarado pelo creme para dormir já começando a ficar sujo com a poeira trazida pelo vento. Que vento, que ar seco, quente, malevolente, soprando pelo cânion! Norma Jeane estava apavorada demais para chorar. Tantas sirenes! Gritos de homens! Estranhos gritos agudos que poderiam ser guinchos de pássaros ou animais. (Coiotes?) Norma Jeane havia visto a vívida luz das chamas refletida nas nuvens no céu, o céu no horizonte além do Sunset Strip, o céu sobre o que Gladys chamava de “as águas curativas do Pacífico... longe demais”; o céu destacado, em primeiro plano, pelas palmeiras ao vento, árvores cujas folhas ressequidas eram estraçalhadas, e ela vinha sentindo cheiro de fumaça (*não só os chamuscados da cama de Gladys*) por horas, mas ainda não havia lhe ocorrido, e tampouco estava lhe ocorrendo no momento, *pois eu não era uma criança questionadora, você poderia dizer que eu era uma criança conformada, ou uma criança desesperadamente esperançosa*, que a mãe estava dirigindo o Ford na direção errada.

Não estava se afastando das montanhas manchadas com fogo, mas indo até elas.

Não estava fugindo da sufocante fumaça mordaz, mas indo até ela.

Ainda assim, Norma Jeane deveria ter visto os sinais; Gladys estava falando com calma. Naquela voz dela que era agradável, lógica.

Quando Gladys era ela mesma, a versão verdadeira de si, falava em uma voz monótona, sem entonação, uma voz da qual todo o prazer e emoção haviam sido espremidos, como a última gota de umidade arrancada com força de um pano de prato; em momentos assim, ela não olhava a pessoa nos olhos; era o poder dela olhar através do outro, do jeito que uma máquina de calcular olharia se tivesse olhos. Quando Gladys não era ela mesma, ou estava entrando nesse estado, começava a falar rápido em blocos de palavras inadequadas para seguir o ritmo de sua borbulhante mente acelerada; ou então falava com calma, lógica, como uma das professoras da escola de Norma Jeane dizendo coisas que todo mundo sabe e:

— É um pacto que fizemos com o demônio. Mesmo aqueles de nós que não acreditam no demônio.

Gladys virou rápido para Norma Jeane para perguntar se ela estivera ouvindo.

— S-sim, Mãe.

Demônio? Um pacto? Como?

Ao lado da estrada havia um objeto pálido cintilante, não um bebê humano, mas possivelmente uma boneca, uma boneca descartada, apesar de que seu primeiro pensamento apavorado foi de ter visto, *sim*, um bebê abandonado na saída de incêndio, mas é claro que deveria ter sido uma boneca. Gladys não pareceu notar conforme o carro seguiu acelerado, mas Norma Jeane sentiu uma pontada de horror: tinha deixado a boneca para trás, na cama! Em meio à confusão e à chateação, despertada do sono pela mãe, agitada e querendo chegar depressa ao carro, sirenes e luzes e o cheiro de fumaça, Norma Jeane havia deixado a boneca de cabelo dourado para trás para queimar; a boneca não tinha mais o cabelo tão dourado como antes, e sua pele emborrachada e macia não estava mais tão impecável, a touca de renda já desaparecida fazia

muito tempo e a camisola florida e os pequenos pés caídos de botinhas brancas irrevogavelmente imundos, mas Norma Jeane amava aquela boneca, sua única boneca, sua boneca-sem-nome, sua boneca de aniversário que nunca recebera um nome a não ser quando chamada de “Boneca” — mas, com mais frequência, mais afeto, também era chamada apenas por “você” — como se falaria com uma versão de si mesma no espelho, sem precisar de nome formal. Agora Norma Jeane choramingava:

— Ah, e se a casa pegar fogo, Mãe? Esqueci minha boneca!

— Aquela boneca! — Gladys deixou escapar uma risada de desprezo. — Você teria sorte se realmente pegasse fogo. É um apego mórbido.

Gladys tinha que se concentrar na direção. O Ford 1929 verde enferrujado tinha sido comprado por 75 dólares, de segunda ou terceira mão, do amigo de um amigo como um gesto de “compaixão” por Gladys, uma mãe solteira divorciada; não era um carro confiável, os freios eram peculiares, e ela precisava segurar forte com ambas as mãos perto do topo do volante e se inclinar bem para a frente se quisesse ver com clareza através das rachaduras do para-brisa e por cima do capô. Ela estava calma, um estado premeditado, pois havia tomado meio copo de uma bebida potente, uma bebida para acalmar, para passar segurança, *não* gim, *não* uísque, *não* vodca, porque dirigir na Strip e subir a serra era um desafio naquela noite, havia veículos de emergência com sirenes estridentes e luzes intensas, e na Coldwater Canyon havia outros carros na via estreita que vinha no sentido contrário, descendo; os faróis eram tão fortes que Gladys xingava, desejando estar de óculos escuros; e Norma Jeane, estreitando os olhos por entre os dedos, vislumbrava rostos pálidos ansiosos por trás dos para-brisas. *Por que estamos subindo, por que na direção das montanhas, por que nesta noite de incêndios?* Eram perguntas que a criança não fazia,

apesar de possivelmente pensar que, quando estava viva, sua avó Della havia alertado Norma Jeane para tomar cuidado com as “mudanças de humor” de Gladys e fizera Norma Jeane prometer que se as coisas ficassem “perigosas” Norma Jeane ligaria para ela imediatamente.

— E eu vou de táxi se for preciso, mesmo que custe cinco dólares — dissera Della, em tom sombrio. Não era o telefone real de Vovó Della que ela deixara com Norma Jeane, mas o telefone do síndico do prédio, já que não havia telefone no apartamento de Della, e esse número Norma Jeane havia memorizado desde que fora morar com Gladys, desde que fora levada de forma triunfal para morar com Gladys mais de um ano antes na nova residência de Gladys na avenida Highland, perto do Hollywood Bowl, desse número Norma Jeane se lembraria a vida inteira — VB 3-2993 — apesar de, na verdade, nunca ousar discá-lo, e naquela noite de outubro de 1934 sua avó já estava morta fazia muitos meses, e seu avô Monroe estava morto havia mais tempo ainda, e não havia ninguém naquele número de telefone para quem pudesse ligar mesmo se tivesse coragem.

Não havia ninguém, em número algum, para quem Norma Jeane pudesse ligar.

Meu pai! Se eu tivesse o número de telefone dele, independentemente de onde ele estivesse, eu ligaria. Dizendo Mãe precisa de você agora, por favor, venha nos ajudar, e eu acreditava que ele viria, eu acreditava nisso.

Mais à frente, na entrada da Mulholland Drive, havia uma barricada anti-incêndios. Gladys xingou:

— Que *inferno*! — E freou o carro com um solavanco. Ela pretendia ir até bem longe nas colinas, subindo a cidade, apesar do risco de incêndio, apesar das sirenes, das esporádicas explosões de fogo, do quente e assobiante vento de Santa Ana cozinhando o

carro, mesmo nos trechos protegidos da Coldwater Canyon. Nessas colinas prestigiosas e isoladas, como em Beverly Hills, Bel Air e Los Feliz, havia as residências particulares de “estrelas” de cinema cujos portões Gladys havia levado Norma Jeane para ver em excursões de domingo quando tinha dinheiro para a gasolina, momentos felizes tanto para mãe quanto para filha, *era o que nós fazíamos juntas em vez de ir à igreja*, mas, naquele momento, no meio da noite, o ar denso de fumaça impedia de ver qualquer casa, e, possivelmente, as residências particulares das estrelas estavam pegando fogo e era por isso que havia uma barricada na estrada. E era por isso que, poucos minutos depois, quando Gladys tentou entrar na Laurel Canyon Boulevard, onde foram montadas sinalizações e veículos de emergência estavam estacionados, ela foi parada por oficiais uniformizados.

Perguntaram, com grosseria, onde diabos ela achava que ia, e Gladys explicou que morava em Laurel Canyon, sua casa ficava ali e tinha o direito de ir para casa, e os oficiais perguntaram onde exatamente ela morava, e Gladys respondeu:

— Isso não é da sua conta. — Então eles se aproximaram, lançando o feixe da lanterna praticamente em seu rosto; estavam desconfiados, cétricos, perguntaram quem estava no carro com ela. Gladys respondeu, rindo: — Ora, a Shirley Temple é que não é. — Um dos oficiais foi falar com ela, era o delegado de Los Angeles, e ficou encarando Gladys, que, mesmo com sua máscara oleosa de creme para dormir, era uma mulher de porte e beleza, uma mulher que, de longe, fazia o clássico estilo enigmático da Garbo; os olhos escuros dilatados eram enormes em seu rosto, o nariz longo, de ossos finos e ponta arrebitada, e a boca inchada e pintada de vermelho; antes de fugir ela tirara o tempo para aplicar batom porque você nunca sabe quando será observada e julgada; e o delegado entendeu que algo estava errado, pois ali estava uma

mulher ainda jovem e perturbada seminua, em um quimono sedoso verde caindo do ombro e o que parecia uma camisola negra esfarrapada por baixo, seios pequenos soltos e vacilantes, e ao lado dela uma criança assustada com cabelo cacheado despenteado, de pijamas e pés descalços; uma criança miúda de rosto gordinho com pele febril e nas bochechas lágrimas se misturavam à fuligem. Ambas tossiam, e a mulher resmungava consigo mesma — estava indignada, estava brava, estava coquete, estava evasiva, estava agora insistindo que tinha sido convidada a uma residência no topo da serra no final da Laurel Canyon e: — ... O dono tem uma mansão à prova de fogo. Minha filha e eu ficaremos seguras lá. Não posso dizer o nome desse homem, policial, mas é um nome que todos vocês conhecem. Ele é da indústria do cinema. Esta garotinha é filha dele. Esta é uma cidade de areia e nada vai durar por muito tempo, *mas nós vamos*. — Havia um traço beligerante na voz rouca de Gladys.

O delegado informou a Gladys que sentia muito, mas ela teria que dar meia-volta; ninguém tinha autorização para subir as colinas naquela noite, eles haviam evacuado as famílias para áreas mais baixas, ela e a filha estariam mais seguras na cidade e:

— Vá para a casa, senhora, se acalme e coloque sua filhinha para dormir. Está tarde.

Gladys rugiu de ódio:

— Não seja condescendente comigo, senhor. Não me diga o que *fazer*.

O delegado exigiu ver a carteira de motorista de Gladys e os documentos do carro, e Gladys lhe disse que não tinha esses documentos ali, afinal era uma emergência, um incêndio, o que ele esperava? Mas entregou o crachá do estúdio, que ele examinou por um instante e devolveu, avisando que a avenida Highland ficava em uma parte segura da cidade, ao menos por enquanto, e portanto

estava com sorte e deveria voltar para casa de imediato; e Gladys sorriu com raiva para ele e disse: — Na verdade, oficial, eu quero ver o Inferno de perto. Uma prévia. — Ela falou em sua voz rouca sexy de Harlow, e a mudança abrupta foi desconcertante. O delegado franziu a testa quando Gladys abriu um sorriso sedutor e arrancou o lenço, balançando a cabeça e fazendo seus cachos se soltarem sobre os ombros. Outrora tão preocupada com o próprio cabelo, Gladys não o cortava nem penteava fazia meses; havia uma única mecha vívida branca como a neve, ziguezagueando como um raio de desenho, sobre sua têmpora esquerda. Envergonhado, o delegado disse a Gladys que ela tinha que voltar, eles poderiam fornecer uma escolta se precisasse, mas aquilo era uma ordem e se não obedecesse, ela seria presa. Gladys riu: — Presa! Por dirigir meu carro! — Então disse mais sóbria: — Oficial, desculpe. Por favor, não me prenda. — E em um murmúrio, não querendo que Norma Jeane entreouvisse: — Queria que você pudesse me dar um tiro.

O delegado respondeu, perdendo paciência:

— Senhora, vá para casa. Você está bêbada ou dopada, e ninguém tem tempo para isso esta noite. Você está dizendo essas coisas só para arranjar problemas.

Gladys agarrou o braço do delegado, dava para ver que era apenas um homem de uniforme, na meia-idade, com olhos tristes de olheiras inchadas e um rosto cansado, e aquele distintivo brilhante e aquele uniforme e aquele cinto de couro pesado ao redor da cintura e a pistola escondida no coldre; ele sentia muito por aquela mulher e sua pequenina, o rosto besuntado de creme para dormir, os olhos dilatados, e um cheiro de álcool no hálito, e aquele hálito de qualquer forma já rançoso, nada saudável, mas ele as queria longe dali, os outros delegados esperavam por ele, eles ficariam acordados a noite toda. Com educação, o delegado soltou os dedos de Gladys de seu braço e Gladys disse, brincalhona:

— Mesmo se você me der um tiro, oficial, se eu tentasse passar aquela barricada, por exemplo, você não atiraria na minha filha. Ela viraria órfã. Ela já é órfã. Mas eu não quero que ela saiba disso, mesmo se eu a amasse. Quer dizer, se eu não a amasse. Todo mundo sabe que ninguém tem culpa por ter *nascido*.

— Senhora, você tem razão. Agora vá para casa, está bem?

Os delegados do Condado de Los Angeles observaram a dificuldade que foi para Gladys fazer o retorno com seu Ford 1929 verde enferrujado na ruazinha estreita e elevada, balançaram a cabeça, achando graça e com pena, como em um show de striptease, Gladys irritada, homens estranhos espiando e:

— ... Pensando suas coisas particulares, sujas, de homem.

Mas Gladys conseguiu fazer o retorno e dirigiu rumo sul na Laurel Canyon, voltando para a cidade pela Sunset. Seu rosto brilhava com óleo, e a boca de batom vermelho tremia com indignação. Ao lado dela, Norma Jeane estava sentada, tomada por uma confusa vergonha adulta. Ela havia escutado, mas não ouvido exatamente, o que Gladys dissera ao delegado. Ela acreditou, mas não sabendo bem se era verdade, que Gladys estivera “interpretando” — como Gladys fazia com frequência, nesses estados incandescentes em que não era si mesma. Mas era um fato, um fato incontestável, como uma cena de filme, e outros também testemunharam, que sua mãe, sua mãe Gladys Mortensen, que era tão orgulhosa e independente e leal ao Estúdio e determinada a ser uma “mulher com uma carreira”, que não aceita caridade de ninguém, tinha sido, um instante antes, *tão encarada, tomada com tanta pena e como louca*. Era verdade! Norma Jeane enxugou os olhos, que ardiam por causa da fumaça, não paravam de se encher de água, mas não estava chorando; ela estava mortificada com uma vergonha que ultrapassava sua idade, mas ela não estava chorando; estava tentando pensar: poderia ser verdade que seu pai as havia

convidado para sua casa? Por todos esses anos, ele morara a poucos quilômetros de distância? No topo da colina no final da Laurel Canyon? Mas por que então Gladys quis ir pela Mulholland Drive? Será que Gladys queria enganar os delegados, apagar os rastros na terra? (Era uma expressão frequente de Gladys, “apagar os rastros na terra”.) Quando, em seus passeios de carro aos domingos, Gladys levava Norma Jeane de carro pelas mansões das estrelas e outros “na indústria do cinema”, ela às vezes sugeria que *seu pai* poderia simplesmente estar vivendo por perto, *seu pai* poderia simplesmente ter sido um convidado em uma festa aqui, mas Gladys nunca explicou mais que isso; eram frases para serem levadas com certa displicência, como os avisos e as profecias de Vovó Della — se não com displicência, ao menos, não literalmente; eram insinuações, como piscadelas; deveriam causar uma pontada de empolgação, mas só isso. Então, Norma Jeane ficava a se perguntar qual era a verdade, ou se na verdade havia a “verdade”, pois a vida não tinha nada em comum com um quebra-cabeça gigantesco; em um quebra-cabeça todas as peças se encaixam em perfeita harmonia, nem sequer fazia diferença que a paisagem final fosse linda, como um conto de fadas, só que a imagem final estivesse *ali*; dava para ver e se maravilhar com ela, ou até destruí-la, mas *estava ali*. Na vida, ela veria, mesmo antes dos oito anos, que não havia nada *ali*.

Ainda assim, Norma Jeane conseguia se lembrar do pai debruçado em seu berço. Era um berço branco de vime com fitas cor-de-rosa. Gladys havia mostrado para ela em uma vitrine e: “Está vendo ali? Você tinha um igualzinho a esse quando era bebê. Lembra?” Norma Jeane balançara a cabeça em silêncio; não, não lembrava. Porém, mais tarde a lembrança surgiu em uma espécie de sonho, quando ela sonhava acordada na escola, arriscando receber uma bronca como com frequência recebia (nesta escola nova em

Hollywood, onde ninguém gostava dela), que ela de fato se lembrava do berço, mas, na maior parte do tempo, ela se lembrava do pai debruçado sobre ela e sorrindo, e Gladys ao lado dele se apoiando no berço. O rosto do pai era grande e de ossos fortes e bonito, e tendia a uma gentil ironia, um rosto como de Clark Gable, e o cabelo escuro e cheio que se projetava na testa com um bico de viúva, como as de Clark Gable. Ele tinha um bigode fino e elegante, e sua voz era um barítono grave e rico, e ele havia prometido a ela *Amo você, Norma Jeane, e um dia voltarei para Los Angeles para buscar você*. Dando-lhe então um beijo suave na testa. E Gladys, sua mãe amável e sorridente, observava a cena.

Tão vívido em sua memória!

Muito mais “real” do que aquilo que a cercava.

Norma Jeane soltou:

— E-ele esteve aqui? Meu Pai? Esse tempo todo? Por que não veio nos ver? Por que não estamos com ele agora?

Gladys pareceu não ouvir. Gladys estava perdendo sua energia incandescente. Transpirava dentro do quimono e exalava um odor poderoso. E havia algo de errado com os faróis do carro: as luzes haviam enfraquecido, ou os vidros estavam cobertos de sujeira. O para-brisas também estava coberto por uma fina camada de cinzas. Ventos quentes esbofeteavam o carro, espirais serpenteantes de poeira passavam voando. Norte da cidade, nuvens maciças e turbulentas emitiam uma luz flamejante. Todos os lugares tinham um cheiro pungente acre de queimado: cabelo queimado, açúcar queimado, podridão queimada, vegetação deteriorada, lixo. Ela estava prestes a gritar. *Ela não aguentava mais!*

Foi então que Norma Jeane repetiu suas perguntas mais alto, com uma voz infantil e ansiosa, que ela deveria saber que sua mãe angustiada *não aguentaria*. Perguntando onde estava seu pai? Ele estava morando tão perto delas todo esse tempo? Mas por quê...

— Você! Cale a *boca*! — Rápida como uma cascavel, a mão de Gladys saltou do volante, um tapa preciso com as costas da mão estalou no rosto febril de Norma Jeane. Norma Jeane choramingou e se encolheu no canto do assento, puxando os joelhos para junto do peito.

No pé da Laurel Canyon Boulevard havia um desvio, e depois de segui-lo por diversas quadras, Gladys chegou a um segundo, e quando enfim, indignada, soluçando consigo mesma, ela chegou a uma rua maior, não a reconheceu, não sabia se estava na Sunset Boulevard e, se estivesse, onde exatamente na Boulevard; para que lado ela deveria virar para chegar à avenida Highland? Eram duas da manhã de uma noite desconhecida. Uma noite desesperada. Uma criança chorando e fungando ao lado dela. Gladys estava com 34 anos. Homem algum jamais a olharia com desejo outra vez. Ela dera sua juventude ao Estúdio, e que prêmio cruel recebera em troca! Dirigindo pela intersecção, suor escorrendo pelo rosto, olhando da esquerda para a direita e:

— Ah, Deus, para que lado fica nossa casa?

2.

Era uma vez. Na ponta arenosa do grande oceano Pacífico.

Havia um vilarejo, um lugar de mistério. Onde a luz era dourada sobre a superfície do oceano. Onde à noite o céu era preto como piche e muito estrelado. Onde o vento era quente e gentil como uma carícia.

Onde uma garotinha encontrou um Jardim Murado! O muro era de pedra, com seis metros de altura e coberto de lindas buganvílias vermelhas flamejantes. De dentro do Jardim Murado vinha o som do canto de pássaros, de música e de uma fonte! E vozes de pessoas desconhecidas e risos.

Você nunca poderá escalar o muro, você não é forte o suficiente; garotas não são fortes o suficiente; garotas não são grandes o suficiente; seu corpo é frágil e quebrável, como uma boneca; seu corpo é o de uma boneca; seu corpo é para os outros admirarem e acariciarem; seu corpo é para ser usado pelos outros, não por você; seu corpo é um fruto suculento para que outros mordam e saboreiem; seu corpo é para os outros, não para *você*.

A garotinha começou a chorar! O coração da garotinha se partiu.

Então veio a fada madrinha para contar a ela: *há uma entrada secreta para o Jardim Murado!*

Há uma porta escondida no muro, mas você deve esperar como uma boa menina que ela se abra. Você deve ter paciência e deve esperar em silêncio. Não deve bater na porta como um garoto levado. Não deve gritar ou chorar. Deve conquistar o porteiro — um gnomo velho, feio, de pele verde. Deve fazer o porteiro notá-la. Deve fazer o porteiro admirá-la. Você deve fazer o porteiro desejá-la. E então ele amará você e fará suas vontades. Sorria! Sorria e seja feliz! Sorria e tire suas roupas! Pois sua Amiga Mágica no espelho vai ajudar. Pois sua Amiga Mágica no espelho é muito especial. O gnomo velho, feio, de pele verde vai se apaixonar por você, e a porta escondida no Jardim Murado vai se abrir apenas para *você*, e você vai entrar rindo de felicidade; no Jardim Murado haverá lindas rosas desabrochando e beija-flores e tiés, e música e um chafariz, e seus olhos vão se arregalar de admiração, pois o gnomo velho, feio, de pele verde era, na verdade, um príncipe sob um feitiço cruel, e ele vai se ajoelhar à sua frente e pedir sua mão em casamento, e você vai viver com ele feliz para sempre no Reino do Jardim; *nunca mais será uma garotinha infeliz de novo*.

Desde que permaneça com seu Príncipe no Jardim Murado.

3.

— Norma Jea-ne? Venha para casa *agora*.

No verão anterior, havia Vovó Della chamando Norma Jeane o tempo todo, o tempo todo mesmo, do degrau da frente do edifício. Pondo as mãos em concha ao redor da boca e praticamente berrando. A velha parecia se preocupar cada vez mais com a netinha como se soubesse vir se aproximando depressa uma verdade que ninguém mais sabia.

Mas eu me escondi. Fui uma garota má. A última vez que Vovó me chamou.

Era como um dia qualquer. Quase. Norma Jeane estava brincando com duas amiguinhas na praia; e lá veio, do céu como um pássaro dando um rasante, aquela voz: “Norma Jeane! NORMA JEA-NE!” As duas garotinhas olharam para Norma Jeane e riram, sentindo pena dela talvez. Norma Jeane mordiscou o lábio e continuou cavando na areia. *Não vou! Não podem me obrigar.*

Na vizinhança, Della Monroe, uma personagem de *Narcissus*, era conhecida por todos. Uma imagem familiar na igreja do Renascer em Cristo, onde (pessoas de olho na cena juravam!) seus óculos bifocais se enchiam de vapor quando ela cantava. E depois, com que cara de pau Della empurrava Norma Jeane para a frente, na frente dos outros, para que o pastor loiro mais jovem pudesse admirá-la em seus cachos de Shirley Temple e vestido fresco de domingo, como invariavelmente ele fazia. Sorrindo, dizia:

— Deus abençoou você, Della Monroe! Você deve ser muito grata a ele.

Della ria e suspirava. Ela não era de aceitar um elogio sincero sem dar uma torcida leve e:

— *Eu sou.* Já a mãe de Norma Jeane, não sei.

Vovó Della não acreditava em mimar crianças. Ela acreditava em colocá-las para trabalhar desde cedo, como ela tinha trabalhado, por toda a vida. Agora que o marido havia morrido e sua pensão era “miserável” — “uma mixaria” —, Della continuava trabalhando:

— Não há paz alguma para os ímpios! — Prestava serviços específicos ou especiais, como passar roupa para uma lavanderia na Ocean Drive, e trabalhos de costura para uma costureira local e, em último caso, cuidava de bebês em seu apartamento: ela *se virava*. Tinha nascido na *fronteira do país* e não era uma *florzinha murcha* boba como algumas dessas mulheres ridículas nos filmes e como sua própria filha neurótica. Ah, como Della Monroe odiava Mary Pickford, a “Queridinha da América”! Por muito tempo apoiara a 19ª emenda, que deu às mulheres o direito de voto e votara em todas as eleições desde o outono de 1920. Era uma mulher astuta, de língua afiada e temperamento instável; embora odiasse o cinema por princípios, porque os filmes eram falsos como dinheiro que caísse do céu, admirava James Cagney em *Inimigo público*, que tinha visto três vezes — aquele valentãozinho pronto para enfrentar qualquer inimigo, mas aceitando seu destino de ficar coberto de curativos como uma múmia e ser largado na soleira de uma porta, ciente de que tinha chegado sua hora. Do mesmo jeito que tinha admirado o assassino de *Alma no lodo*, Edward G. Robinson, falando torto com sua boca feminina. Eles eram homens o suficiente para aceitar a morte quando chegava a hora.

Quando chegar sua hora, chegou sua hora. Vovó Della parecia achar que esse fato era animador.

Às vezes, depois de Norma Jeane passar a manhã toda trabalhando com Della, limpando o apartamento, lavando e secando louças, Della a levava num passeio especial para alimentar os pássaros. O momento mais feliz de Norma Jeane! Vovó e ela espalhavam migalhas de pão no solo arenoso de um lote vazio e

ficavam olhando a uma distância curta os pássaros chegarem, cuidadosos, mas famintos, uma agitação de asas, biquinhos rápidos disparando. Pombos de vários tipos, papafigo, gaios barulhentos e nervosos, um monte de pardais de penacho preto. E, no meio das vinhas das campsis, beija-flores não muito maiores do que vespas. Della identificou o pássaro minúsculo com habilidade de voar para trás e para os lados, diferente de qualquer outro, um “demoniozinho habilidoso” quase manso, mas que não comia migalhas ou sementes. Norma Jeane ficava fascinada com esses pássaros de penas iridescentes verdes e carmesim que brilhavam metálicas sob o sol, agitando as asas tão rápido que só se via um borrão, estendendo seus bicos finos e longos como agulhas para dentro das flores tubulares para sugar nutrientes, pairando no ar e desaparecendo em um piscar de olhos!

— Ah, Vovó, aonde eles *vão*?

Vovó Della deu de ombros. A sua disposição para ser Vovó e entreter uma criança solitária já havia passado.

— Quem sabe? Vão aonde pássaros vão.

Seria comentado, depois de sua morte, que Della Monroe havia envelhecido desde a morte do marido. Quando ele estivera vivo, no entanto, ela reclamava dele para qualquer um que lhe desse ouvidos: bebida, “pulmões ruins”, “maus hábitos”. Pesada como Della era, seu rosto corado pela pressão alta, não havia cuidado bem da saúde.

Seguia se balançando pela vizinhança à procura da neta como uma vela de navio levada pelo vento. Assim que deixava Norma Jeane sair para brincar, já a queria de volta dentro de casa; dizia que estava salvando a garotinha da mãe...

— Aquela lá, ela partiu o coração da própria mãe.

Naquela tarde de agosto, de sol intenso e calor, ninguém estava na rua exceto algumas crianças atrás do edifício. Vovó Della teve

uma premonição repentina de algo ruim, então se aventurou ao calor, gritando:

— Norma Jeane! Norma Jea-ne! — daquele jeito dela, com a faca do açougueiro batendo, um-dois-três, um-dois-três, chamando da entrada e chamando do beco atrás do edifício, e chamando do terreno baldio, e Norma Jeane e suas amiguinhas fugiam rindo para se esconder *e eu não respondi, ela não podia me obrigar!* No entanto, Norma Jeane amava a avó, a única pessoa viva que a amava de verdade, a única pessoa viva que a amava sem querer feri-la, apenas protegê-la. Exceto quando garotos na vizinhança falavam de Della Monroe, *Aquela elefante velha gorda!*, e Norma Jeane, ao ouvir, ficava envergonhada.

Norma Jeane se escondeu. Então, depois de um tempo, sem ouvir o chamado de Della, decidiu que era melhor voltar para casa; voltou da praia parecendo uma selvagem, sangue pulsando nos ouvidos, e uma velha da idade de Vovó xingando *Onde você estava?! Sua avó estava te chamando, mocinha!* Norma Jeane entrou depressa no prédio e subiu correndo para o terceiro andar, como tinha feito tantas vezes, ainda que soubesse que dessa vez seria diferente, pois tudo estava quieto, aquela calma dos filmes antes de uma surpresa, e quase sempre uma surpresa que fazia você gritar, para a qual não dá para estar preparado. Ah, olha! A porta do apartamento de Vovó estava aberta. Tinha algo errado. Norma Jeane sabia que tinha algo errado. E lá dentro, Norma Jeane sabia o que encontraria.

Pois Vovó já havia caído antes, quando eu estava em casa. Perdeu o equilíbrio, tonta de repente. Eu a encontrei no chão da cozinha, atordoada e gemendo e ofegante sem saber o que havia acontecido e eu a ajudei a se levantar, ela então se sentou em uma cadeira e eu levei seus comprimidos e pedaços de gelo enrolados em um pano para pressionar no rosto pegando fogo e foi tudo assustador, mas depois de um tempo ela começou a rir e eu soube que tudo ficaria bem.

Mas daquela vez não ficou. Sua avó estava deitada no chão do banheiro, seu corpo grande e suado espremido entre a banheira e o vaso sanitário, ambos limpos impecavelmente naquela manhã, o cheiro de produto de limpeza rebatendo a fraqueza humana, lá estava Vovó Della caída de lado como um peixe trazido pelas ondas, o rosto gigante e com manchas vermelhas, os olhos parcialmente abertos e sem foco, a respiração ofegante.

— Vovó! Vovó! — Era uma cena de filme e ainda assim era real.

Vovó Della alcançou cegamente a mão de Norma Jeane como se quisesse ser içada. Emitia um som gutural sufocado, de início incompreensível. Não estava furiosa nem ralhando. Ah, aquilo estava errado! Norma Jeane sabia. Ela se ajoelhou ao lado da avó, sentindo aquele odor de carne doentiamente condenada, de suor e gás intestinal e entranhas, reconhecendo-o de imediato, o odor da morte, e ela estava chorando e:

— Vovó, não morra! — Mas a mulher arrebatada agarrou a mão de Norma Jeane em um espasmo que quase quebrou seus dedos, e conseguiu dizer, cada palavra trabalhada e percussiva como um prego atingido com uma força tremenda:

— *Deus te abençoe criança eu te amo.*

4.

Foi culpa minha! Culpa minha a Vovó ter morrido.

Não seja ridícula. Não foi culpa de ninguém.

Eu não fui para casa quando ela me chamou! Fui ruim.

Olha, foi culpa de Deus. Agora volte a dormir.

Mãe, será que ela pode ouvir a gente? Será que Vovó pode ouvir a gente?

Deus, espero que não!

É culpa minha o que houve com Vovó. Ah, Mamãe...

Não sou Mamãe, sua idiotazinha nojenta! Chegou a hora dela, só isso.

Usando o cotovelo pontudo para afastar a criança. Sem desejo de lhe dar um tapa porque não queria usar as mãos avermelhadas e ressecadas.

(As mãos de Gladys! Ela morria de pavor de que o câncer se infiltrasse em seus ossos, através dos produtos químicos.)

E não encosta em mim, maldição. Você sabe que não suporto.

Um momento difícil para aqueles nascidos sob o signo de Gêmeos. Os irmãos trágicos.

Quando vinha a ligação para Gladys Mortensen no laboratório de cortes de negativos, hesitante, ela precisava ser levada ao telefone de tão assustada que ficava. Seu supervisor, o sr. X. — que já tinha sido apaixonado por ela; sim, havia implorado que ela casasse com ele, ele teria deixado a família por ela quando ela era sua assistente em 1929, antes de Gladys ter sido rebaixada por conta da doença, *não por culpa dela* —, entregava o receptor em silêncio. O fio de borracha estava torcido como uma corda. A coisa estava viva, mas Gladys se recusava categoricamente a reconhecê-la. Seus olhos estavam cheios de água dos produtos virulentos com os quais estivera trabalhando (um trabalho que deveria ter ido para outra pessoa, um empregado de posição mais baixa, mas Gladys se recusava a dar a satisfação de reclamar com o sr. X) e havia um rugido leve em seus ouvidos como se vozes de filme murmurassem *Agora! Agora! Agora! Agora!* — e isso, também, ela ignorou. Tornara-se adepta, desde os 26 anos, quando a última de suas filhas nasceu, a ignorar, filtrar as numerosas vozes intrusivas em sua mente que ela sabia que eram irreais; mas às vezes estava cansada e uma voz se sobressaía, como uma estação de rádio subitamente sintonizada com volume alto. Ela teria dito, caso lhe perguntassem,

que essa “ligação de emergência” era sobre sua filha Norma Jeane. (As outras duas, morando no Kentucky com o pai, haviam desaparecido de sua vida. Ele simplesmente as levara. Dissera que Gladys era uma “mulher doente”, e talvez isso fosse verdade.) *Algo aconteceu com. Sua filha. Sinto muito. Foi um acidente.* Em vez disso, a notícia era sobre a mãe de Gladys! Della! Della Monroe! *Algo aconteceu com. Sua mãe. Sinto muito. Você pode vir o mais rápido possível?*

Gladys deixou o telefone cair, pendurado até o fim do fio retorcido. O sr. X teve de segurá-la, para evitar que ela desmaiasse.

Meu Deus, ela tinha se esquecido de Della. Sua própria mãe, Della Monroe. Ao expulsá-la de seus pensamentos, Gladys permitira que Della se tornasse vulnerável ao perigo. Della Monroe, nascida sob o signo de Touro. (O pai de Gladys havia morrido no inverno anterior. Gladys estava doente na época com uma de suas enxaquecas violentas e não conseguiu ir ao funeral, ou sequer a Venice Beach para ver a mãe. De alguma forma, conseguira se esquecer de Monroe, seu pai, acreditando que Della ficaria de luto pelas duas. E se Della tinha nojo da filha, isso ajudaria Della a não pensar em ser uma viúva. “Meu pobre pai morreu na Ofensiva Meuse-Argonne. Tomou gás mostarda em Argonne”, contara aos amigos por anos. “Nunca cheguei a conhecê-lo.”) Gladys não fora capaz de amar Della nos últimos anos, amar era exaustivo e requeria força demais, mas ela imaginava que Della, sendo Della, viveria mais do que ela. Della viveria mais do que a filha órfã, Norma Jeane, que estava sob seu cuidado. Gladys não havia amado Della porque temia o julgamento da velha. *Olho por olho, dente por dente. Mãe alguma pode abandonar os filhos sem ser obrigada a pagar o preço.* Ou, se ela havia amado Della, tinha sido um tipo briguento de amor, inadequado para proteger a mãe do perigo.

Pois é isso que *é amor*. Uma proteção do perigo.

Se há perigo, há um *amor inadequado*.

A criança Norma Jeane, a quem era difícil não culpar, que encontrou a avó morrendo no chão, não se feriu de forma alguma.

Era como se um “raio tivesse atingido” Vovó, Norma Jeane diria.

Mas o raio havia errado Norma Jeane; e por isso, Gladys resolveu se sentir grata.

Interpretando como um sinal; como era um sinal que tanto ela quanto Norma Jeane haviam nascido geminianas, no mês de junho, enquanto Della, com quem era impossível se relacionar, havia nascido em Touro, na maior distância possível da Constelação de Gêmeos. *Opostos se atraem, opostos se repelem*.

Suas outras filhas haviam nascido com signos muito diferentes. Era um alívio para Gladys que, a milhares de quilômetros de distância, no Kentucky, elas tinham escapado da esfera da influência de sua mãe doente; elas pertenciam inteiramente ao pai. Elas seriam poupadas!

É claro, Gladys levou Norma Jeane para sua casa. Não abriria mão de sangue do seu sangue para lares temporários ou para o orfanato público — como Della sempre insinuava com certo pesar que seria o destino da garotinha se não fosse por *ela*. Gladys quase gostaria de acreditar no paraíso cristão, e que Della olhando lá de cima para ela e Norma Jeane no bangalô na avenida Highland, descontente que sua previsão não havia se realizado. *Viu só? Não sou uma mãe ruim! Estive fraca. Estive doente. Alguns homens me maltrataram. Mas agora estou bem. Estou forte!*

Ainda assim, a primeira semana com Norma Jeane foi um pesadelo. Morando em um lugar muito apertado, nos fundos de um bangalô fedendo a mofo! Difícil dormir na mesma cama molenga. Difícil dormir de qualquer forma. Enfurecia Gladys que sua própria filha parecesse ter medo dela. A menina se encolhia e choramingava como um cachorro chutado. *Não é culpa minha se sua preciosa avó*

morreu. Não fui eu que a matei! Ela não suportava o choro da criança, a coriza escorrendo do nariz e o jeito que, como uma criança abandonada de filme, ela se agarrava à boneca, agora surrada e suja.

— Este troço! Você ainda tem este troço! Proíbo você de falar com ela! Este é o primeiro passo para... — Gladys parou, trêmula, incapaz de verbalizar o medo que sentia. (Ora, Gladys se perguntou, ela odiava tanto assim a boneca? Afinal de contas, tinha sido seu presente de aniversário para a filha. Era inveja da atenção que Norma Jeane dava a ela? A boneca de cabelo dourado com olhos azuis vazios e sorriso congelado *era* Norma Jeane — será que era esse o problema? Aquele presente tinha sido quase uma piada; um amigo dera a boneca a Gladys dizendo tê-la comprado em algum lugar, mas, provavelmente, conhecendo aquele viciado como conhecia, ele a havia roubado de um carro ou de uma varanda, dera o fora com a boneca amada de alguma garotinha, partindo seu coração, perverso como Peter Lorre em *M, o Vampiro de Dusseldorf!*) Mas ela não conseguia tirar aquela porcaria das mãos de Norma Jeane. Ao menos ainda não.

5.

Estavam morando juntas, mãe e filha. Na época dos ventos de Santa Ana, o sufocante ar manchado de fumaça e os fogos do Inferno no outono de 1934.

Estavam morando em um bangalô de três cômodos alugado em uma pensão na avenida Highland, número 828, Hollywood...

— Uma caminhada de cinco minutos até o Hollywood Bowl — descrevia Gladys com frequência. Embora, na verdade, nunca tivessem caminhado até o Hollywood Bowl.

A mãe tinha trinta e quatro anos, e a filha, oito.

Havia uma distorção sutil ali, como um reflexo em uma casa de espelhos que é *quase normal* a ponto de parecer confiável, mesmo não sendo. Que Gladys tinha 34 anos! — e sua vida não tinha nem começado. Ela tivera três filhas e todas foram tiradas de sua vida, e, de certa forma, apagadas, e agora aquela criança de oito anos, com olhos enlutados, a jovem alma velha, uma repreensão a si mesma que ela não era capaz de suportar mas precisava, pois *nós só temos uma à outra*, como Gladys dissera à criança repetidas vezes, *enquanto eu tiver força para manter tudo no lugar*.

A estação de incêndios não era inesperada. Punições apropriadas nunca são inesperadas.

Porém, antes dos incêndios de Los Angeles em 1934, havia uma ameaça no ar do sul da Califórnia. Não eram necessários os ventos soprando do deserto de Mojave para saber que o caos logo ficaria incontrolável. Dava para ver nos rostos perplexos, desgastados de andarilhos (como eram chamados) nas ruas. Dava para ver em algumas nuvens de formatos demoníacos acima do Pacífico. Dava para ver em insinuações veladas e em código, nos sorrisos suprimidos e nas risadas abafadas de certas pessoas no Estúdio em que você um dia confiara. Melhor não ouvir as notícias no rádio. Melhor nem espiar as seções de notícias de jornal algum, nem o *Los Angeles Times*, que, com frequência, era deixado pelo pensionato (de propósito? Para provocar os inquilinos mais sensíveis, como Gladys?), pois você não ia querer saber as estatísticas alarmantes a respeito do desemprego americano, famílias despejadas e sem ter onde morar por todo o país, ou os suicídios dos falidos e de veteranos da Primeira Guerra Mundial, deficientes e desempregados e “desesperançosos”. Você não ia querer ler a respeito das notícias na Europa. Na Alemanha.

Esta próxima Guerra, lutaremos bem aqui. Não há saída desta vez.

Gladys fechava os olhos, em dor. Rápido como o início de uma enxaqueca. Essa convicção fora murmurada em uma voz não que não era a dela, uma voz masculina de autoridade no rádio.

Por motivos assim, Gladys levou Norma Jeane para morar com ela no bangalô na avenida Highland. Embora ainda passasse muitas horas no Estúdio e sentisse um terror perpétuo só de pensar em ser demitida (por toda Hollywood, funcionários de estúdios estavam sendo mandados embora), havia dias em que nada a tirava da cama, de tanto peso que o mundo depositava em sua alma. Ela estava determinada a ser uma “boa mãe” para a filha no pouco tempo restante. Pois se não houvesse uma Guerra lançada pela Europa ou pelo Pacífico, poderia muito bem haver uma guerra vinda do céu; H.G. Wells havia profetizado um grande horror em *A guerra dos mundos*, que, por algum motivo, Gladys quase o memorizara por inteiro, como partes de *A máquina do tempo*. (Tinha a crença vaga de que o pai de Norma Jeane havia lhe dado uma coleção com essas e outras novelas escritas por Wells, além de alguns volumes de poesia, mas, na verdade, esses lhe haviam sido dados “para sua edificação” por um funcionário do Estúdio que havia sido amigo do pai de Norma Jeane; amigo este que também havia trabalhado para o Estúdio por um período breve de tempo em meados de 1920.) Uma invasão marciana: por que não? Quando estava em seus dias de bom humor, Gladys acreditava em astrologia e na influência poderosa das estrelas e dos demais planetas na humanidade. Fazia sentido que houvesse outros seres no universo e que estes, à imagem de seu Criador, nutrissem um interesse cruel e predatório na humanidade. Tal invasão combinaria com o Apocalipse no sul da Califórnia, na opinião de Gladys o único livro convincente da Bíblia. Em vez de anjos cheios de ira com espadas flamejantes, por que não marcianos fúngicos e feios, lançando raios de calor

invisíveis que “explodiam em chamas” quando atingiam seus alvos humanos?

Mas Gladys realmente acreditava em marcianos? Em uma possível invasão do céu?

— Estamos no século xx. Os tempos mudaram desde o reinado de Jeová, então temos cataclismas.

Ninguém sabia se Gladys estava brincando ou provocando ou sendo fatalmente séria. Fazendo tamanhas declarações em sua voz sexy de Harlow, as costas das mãos em seus quadris magros. Seu olhar cintilante era firme e inflexível. Os lábios inchados, de um vermelho úmido. Norma Jeane via com inquietude que outros adultos, em especial homens, eram fascinados por sua mãe, a mesma fascinação provocada por um corpo excessivamente inclinado para fora de uma janela alta ou por cabelo muito próximo de uma chama de vela. Apesar da mecha de cabelo branco grisalho subindo da testa (que, por “desdém”, Gladys se recusava a pintar), das sombras enrugadas e roxas debaixo dos olhos e da inquietude febril de seu corpo. Na entrada do pensionato ou na calçada, e na rua, onde quer que Gladys encontrasse alguém que lhe desse ouvidos, Gladys *fazia cena*. Quem via muitos filmes sabia que Gladys estava *fazendo cenas*. Pois mesmo *fazer uma cena* sem sentido claro significava capturar atenção, e isso ajudava a acalmar a mente. Era empolgante, também, aquele tanto de atenção que Gladys atraía era erótico.

Erótico: significa que você é “desejada”.

Pois a loucura é sedutora, sexy. Loucura feminina.

Desde que a mulher seja razoavelmente jovem e atraente.

Norma Jeane, uma criança tímida, por vezes uma criança invisível, gostava de que outros adultos, em especial homens, encarassem com tanto interesse esta mulher que era sua mãe. Se a risada nervosa de Gladys e as mãos que gesticulavam sem cessar

não haviam matado o interesse inicial, *ela poderia ter encontrado outro homem para amá-la. Ela poderia ter encontrado um homem para se casar com ela. Nós poderíamos ser salvas!* Norma Jeane não gostava de que, depois de uma dessas emocionantes encenações públicas, quando Gladys estava de volta em casa, ela poderia engolir um punhado de comprimidos e se jogar na cama de latão, tremendo e insensível, sem sequer dormir, apenas com os olhos embaçados, como se tivessem muco, por horas. Se Norma Jeane tentasse tirar suas roupas, Gladys talvez a xingasse e lhe desse um tapa. Se Norma Jeane tentasse puxar os saltos apertados, Gladys talvez a chutasse:

— Não! Não encosta! Eu posso passar lepra. Me deixe em paz.

Se ela tivesse tentado mais com esses homens. Talvez. Poderia ter funcionado!

6.

Onde quer que você esteja, estou lá. Mesmo antes de você chegar ao lugar onde está indo, eu já estou lá, esperando.

Estou em seus pensamentos, Norma Jeane. Sempre.

Que memórias boas! Ela sabia que era privilegiada.

Era a única criança na Escola Highland a ter uns “trocados” — em uma bolsinha de moedas feita de cetim vermelho — para comprar seu próprio almoço em um mercado na esquina. Tortas de fruta, refrigerante de laranja. Às vezes um pacote de biscoitos de manteiga de amendoim. Tão gostosos! A boca enchia de água ao se lembrar dessas guloseimas, anos depois. Alguns dias, depois da aula, mesmo no inverno quando o sol se punha cedo, Norma Jeane podia percorrer a pé sozinha os quatro quilômetros até o cinema, o Grauman’s Egyptian Theatre, no Hollywood Boulevard, onde, por apenas dez centavos, assistia a uma sessão dupla.

A Princesa Cintilante e o Príncipe Sombrio! Como Gladys, eles estavam sempre esperando para consolá-la.

— Esses “dias de cinema”. Não conte a ninguém — alertou Gladys a Norma Jeane para não confiar em pessoa alguma; não confie em ninguém, nem nos amigos. Eles poderiam entender errado e serem muito rígidos no julgamento de Gladys. Mas Gladys com frequência tinha que trabalhar até tarde. Havia projetos em “desenvolvimento” que apenas Gladys Mortensen poderia fazer, seu supervisor dependia dela; sem Gladys, sucessos de bilheteria como *Dias felizes*, com Dixie Lee, e *Kiki*, com Mary Pickford, poderiam ter sido desastres. De qualquer forma, Gladys insistia que era seguro ir ao Grauman’s.

— Só se sente no fundo, perto do corredor. Olhe para a frente, para a tela. Reclame para o lanterninha se alguém incomodar você. E não fale com estranhos.

Voltando para casa ao anoitecer depois da sessão dupla, desorientada como se ainda estivesse dentro do arrebatamento onírico do cinema, Norma Jeane seguia as instruções da mãe para caminhar “rápido, como se soubesse para onde está indo, perto da calçada e sob a luz dos postes. Não faça contato visual com ninguém e não aceite carona de quem quer que seja, *nunca*”.

E coisa alguma jamais me aconteceu. Que eu me lembre.

Porque ela estava sempre comigo. E ele também.

O Príncipe Sombrio. Se o homem estava em qualquer lugar, era no sonho cinematográfico. O coração acelerava quando ela se aproximava do Egyptian Theatre, com seus ares de catedral. Seu primeiro vislumbre dele seria nos pôsteres do lado de fora, fotos bonitas e brilhantes atrás de vidro como obras de arte para se admirar. *Fred Astaire, Gary Cooper, Cary Grant, Charles Boyer, Paul Muni, Fredric March, Lew Ayres, Clark Gable*. Do lado de dentro, eles estariam gigantesco na tela, e ainda assim seria intimista, era

possível esticar a mão e tocá-los — quase! Falando com outras pessoas, abraçando e beijando belas mulheres, ainda assim, definindo-se para *você*. E essas mulheres também — estavam ao seu alcance, eram visões de si mesma em um espelho de contos de fadas, Amigas Mágicas em outros corpos, com rostos que eram de alguma forma, misteriosamente, o seu próprio. Ou um dia seriam. *Ginger Rogers, Joan Crawford, Katharine Hepburn, Jean Harlow, Marlene Dietrich, Greta Garbo, Constance Bennett, Joan Blondell, Claudette Colbert, Gloria Swanson*. Como sonhos sonhados em sucessões confusas, as histórias se amalgamavam. Havia musicais estrondosos e cheios de cor, havia dramas sombrios, havia comédias “pastelão”, havia sagas de aventura, guerra, tempos antigos — versões de sonho em que os mesmos rostos poderosos apareciam e reapareciam. Em disfarces e figurinos diferentes, habitando destinos diferentes. Lá estava ele! *O Príncipe Sombrio*.

E sua Princesa.

Onde quer que você esteja, estou lá. Mas isso não era sempre verdade na escola.

A pensão na avenida Highland número 828 só hospedava adultos, exceto a pequena Norma Jeane com seu cabelo cacheado, que era a favorita entre os inquilinos. (Uma inquilina observou para Gladys: “Este lugar não é apropriado para crianças, com esses tipos que vivem entrando e saindo”. Gladys retrucou, aborrecida: “O que quer dizer com ‘esses tipos’? Todos nós aqui trabalhamos no Estúdio”. E a mulher respondeu com uma risada impetuosa: “Todos nós aqui trabalhamos no Estúdio”.)

Mas na escola havia crianças.

Eu tinha medo delas! As teimosas, era preciso vencer rápido. Não havia segunda chance. Quem não tivesse irmãos ou irmãs estava sozinho. Eu era a estranha ali. No fundo, acho que queria demais que

gostassem de mim. Eles me chamavam de Olho de Peixe e Cabeção, eu nunca soube por quê.

Gladys dizia aos amigos que era “obcecada” com “o ensino público pobre” de sua filha, mas visitou a Escola Highland apenas uma vez nos onze meses em que Norma Jeane foi aluna de lá, e, mesmo assim, só porque tinha sido chamada.

O Príncipe Sombrio não se fez presente de forma alguma.

Mesmo sonhando acordada, mesmo fechando os olhos com força, Norma Jeane não conseguia imaginá-lo. Ele estaria esperando por ela no sonho de cinema; essa era sua felicidade secreta.

7.

— Tenho planos para você, Norma Jeane. Para *nós*.

Um piano tipo espineta Steinway branco que era tão lindo que Norma Jeane o encarava encantada, tocando sua superfície lustrosa com dedos curiosos: ah, era para *ela*?

— Você vai fazer aulas de piano. Como eu quis um dia.

A sala de estar no apartamentinho de três cômodos de Gladys era pequena e já entulhada de mobília, mas se abriu espaço para o piano, “que costumava ser de Fredric March”, como Gladys se gabava com frequência.

O distinto sr. March, que havia feito seu nome no cinema mudo, estava sob contrato com o Estúdio. Ele havia “feito amizade” com Gladys no café do lugar um dia; ele lhe vendeu o piano por um “preço consideravelmente baixo” como um favor a ela, sabendo que Gladys não tinha muito dinheiro; ou, em outra versão da história de Gladys de como ela tinha adquirido um piano tão especial, o sr. March havia apenas dado de presente “como um gesto de seu apreço por ela”. (Gladys levou Norma Jeane para ver Fredric March em *Corações unidos*, com Carole Lombard, no Grauman’s; ao todo, mãe e filha viram o filme três vezes e: “Seu pai teria ciúmes se

soubesse”, observou Gladys de forma misteriosa.) Já que Gladys ainda não podia pagar por um professor de piano profissional para Norma Jeane, conseguiu para a filha aulas casuais de outro inquilino no bangalô, um inglês chamado Pearce, que era substituto de diversos homens em papéis principais, incluindo Charles Boyer e Clark Gable. Era de altura mediana, bonito, com um bigode fino. Ainda assim, não exalava qualquer simpatia — “presença” alguma. Norma Jeane tentou agradá-lo praticando as lições com obediência; ela amava tocar o “piano mágico” quando estava sozinha, mas os suspiros e as caretas do sr. Pearce a envergonhavam. Ela logo adquiriu o mau hábito de repetir notas compulsivamente, até que:

— Minha querida, você não deve *gaguejar* as teclas — disse o sr. Pearce em seu sotaque entrecortado e irônico. — Já não basta *gaguejar* a língua inglesa.

Gladys, que havia conseguido “pegar” um pouco de piano, tentou ensinar Norma Jeane o que sabia, mas suas sessões na espineta eram um desgaste maior ainda do que as com o sr. Pearce. Gladys gritava, exasperada:

— Você não ouve quando toca uma nota errada? Um *sustenido*, *bemol*? Você é *analfabeta musical*? Ou só é *analfabeta* mesmo?

No entanto, as aulas de piano de Norma Jeane continuaram esporadicamente. E de vez em quando havia também aulas de canto com uma amiga de Gladys, também inquilina no bangalô, que trabalhava no departamento de música no Estúdio. A srta. Flynn falou a Gladys:

— Sua menina tem uma personalidade doce, sincera. Ela se esforça muitíssimo. Mais do que algumas das jovens cantoras que temos contratadas! Mas, neste momento — Jess Flynn falou baixo, para que Norma Jeane não ouvisse —, ela realmente não tem voz alguma.

Gladys disse:

— Ela vai ter.

* * *

Era o que fazíamos juntas em vez de ir à igreja. Nossa adoração.

Nos domingos em que Gladys tinha dinheiro para botar gasolina ou um amigo homem para fornecê-la, ela dirigia com Norma Jeane para ver os lares das “estrelas”. Em Beverly Hills, Bel Air, Los Feliz e Hollywood Hills. Pela primavera e verão de 1934, e adentro do outono atingido pela seca. A voz de Gladys era uma mezzo-soprano, inflada de orgulho. O lar palaciano de Douglas Fairbanks. O lar palaciano de Mary Pickford. O lar palaciano de Pola Negri. Os lares palacianos de Tom Mix e Theda Bara e:

— Bara se casou com um empresário multimilionário e se aposentou. Inteligente. — Norma Jeane olhava. Que casas gigantescas! Eram mesmo como palácios ou castelos nos livros de contos de fadas que tinha visto. Nunca tão felizes, mãe e filha, como nesses momentos mágicos cruzando aquelas ruas brilhantes. Norma Jeane não corria risco algum de gaguejar e irritar sua mãe, porque só Gladys falava, e: — A casa de Barbara La Marr, “a garota que era excessivamente bonita”, como dizem nos jornais. (É só uma piada, querida. É impossível ser bonita em excesso, assim como ser rico em excesso.) A casa de W.C. Fields. Ali, a antiga casa de Greta Garbo... Linda, mas menor do que era de se esperar. E ali, passando aquele portão, a mansão de arquitetura espanhola da incomparável Gloria Swanson. E ali, a casa de Norma Talmadge, “nossa” Norma. — Gladys estacionou o carro para que ela e a criança pudessem olhar a mansão elegante de pedra em que Norma Talmadge havia vivido com o marido produtor de cinema em Los Feliz. Oito magníficos leões da Metro-Goldwyn-Mayer em granito guardavam a entrada! Norma Jeane olhava sem parar. E a grama tão verde e vistosa. Se Los Angeles era mesmo uma cidade de areia, ninguém

diria isso a julgar por Beverly Hills, Bel Air, Los Feliz ou em Hollywood Hills. Não chovia fazia semanas e em todos os outros lugares a grama estava queimada, morrendo ou morta, mas nestes lugares de contos de fadas os gramados estavam uniformemente verdes. Buganvílias carmesins e roxas não paravam de desabrochar. Havia árvores em formatos exóticos que Norma Jeane nunca tinha visto em outros lugares: ciprestes italianos, Gladys os chamava. Nada de palmeiras atrofiadas e apodrecidas do tipo que cresce por todo o lado, mas palmeiras reais, mais altas que as maiores casas. E: — A antiga casa de Buster Keaton. Ali, Helen Chandler. Atrás daqueles portões, Mabel Normand. E Harold Lloyd. John Barrymore. Joan Crawford. E Jean Harlow... “nossa” Jean. — Norma Jeane gostava que Jean Harlow, como Norma Talmadge, morava em um lugar cercado de verde.

Sobre essas casas o sol sempre brilhava com brandura e não queimava. Se houvesse nuvens, seriam brancas e fofas em um céu azul pintado à perfeição.

— Lá, Cary Grant! E tão jovem. E lá, John Gilbert. Lillian Gish... só uma de suas mansões antigas. E lá, na casa da esquina, a falecida Jeanne Eagels... pobrezinha.

Norma Jeane perguntou de imediato o que havia acontecido com Jeanne Eagels.

No passado, Gladys dissera com simplicidade e tristeza: *Ela morreu*. Dessa vez, disse com desdém:

— Eagels! Uma drogadinha. Magra que nem um esqueleto, dizem, no fim de tudo. Trinta e cinco anos e *velha*.

Gladys seguiu em frente. O passeio continuou. Às vezes, Gladys começava em Beverly Hills e voltava pela avenida Highland no fim da tarde; às vezes, ela dirigia diretamente para Los Feliz e voltava por Beverly Hills; às vezes, ela subia na região menos populosa das colinas em Hollywood Hills, onde moravam estrelas mais jovens, ou

personalidades-prestes-a- virar-estrelas. Às vezes, como se levada contra a própria vontade, como uma sonâmbula, ela entrava em uma rua por onde já tinham passado e repetia as observações:

— Viu? Por aquele portão, a casa em arquitetura espanhola de Gloria Swanson. E para lá, Myrna Loy. Logo acima... Conrad Nagel. — O passeio parecia crescer em intensidade mesmo com Gladys dirigindo mais devagar, o olhar vidrado no para-brisas do Ford verde enferrujado, que estava sempre precisando de uma limpeza. Ou talvez o vidro estivesse permanentemente coberto por uma película de sujeira. Pareceria haver algum propósito para o passeio, que, como em um filme de enredo complicado e cheio de nós, em breve se revelaria. A voz de Gladys transmitia reverência e entusiasmo como sempre, mas disfarçada ali havia uma raiva calma e implacável: — Lá... A mais famosa de todos: A TOCA DO FALCÃO. A casa do falecido Rudolph Valentino. *Ele* não tinha talento algum para atuar. Não tinha talento para a vida. Mas era fotogênico e morreu no momento certo. Lembre-se, Norma Jeane... *Morra no momento certo.*

Mãe e filha ficaram ali sentadas no Ford 1929 verde enferrujado, encarando a mansão barroca da grande estrela do cinema mudo Valentino sem nunca, jamais querer ir embora.

8.

Tanto Gladys quanto Norma Jeane vestiram-se para o funeral com cuidado e gosto meticulosos — apesar de perdidas entre os mais de sete mil “enlutados” lotando o Wilshire Boulevard nas vizinhanças do Templo Wilshire.

Um templo era uma “igreja judia”, Gladys contou a Norma Jeane.

Um judeu era “como um cristão”, mas de uma raça mais velha, sábia e trágica. Os cristãos tinham sido pioneiros no Oeste, no

verdadeiro solo da terra; os judeus tinham sido pioneiros na indústria cinematográfica e criado uma revolução.

— Mãe, nós podemos ser judeus? — perguntou Norma Jeane.

Gladys começou a dizer não, então hesitou, riu e disse:

— Se eles nos quisessem. Se nós fossemos merecedoras. Se pudéssemos nascer uma segunda vez.

Gladys, que estivera falando por dias de como conhecia o sr. Thalberg “se não bem, em admiração de seu gênio cinematográfico”, estava estonteante em um glamouroso vestido de crepe preto. Uma releitura do modelo clássico dos anos 1920 com cintura mais baixa, saia esvoaçante em camadas que ia até o tornozelo e gola elaborada de renda preta. Para acompanhar, usava um chapéu clochê e véu pretos, o véu subia e descia, subia e descia com a respiração quente e acelerada de Gladys. As luvas pareciam novas: cetim negro até o cotovelo. Meia-calça fumê, sapatos de salto de couro. O rosto era uma máscara cosmética, pálida como cera tal e qual o rosto de um manequim, os traços destacados, exagerados no estilo antigo de Pola Negri; o perfume era de uma essência doce forte, como laranjas estragando em um isopor quase sem gelo. Os brincos poderiam ter sido diamantes ou contas prateadas ou um vidro engenhosamente facetado que cintilava quando ela virava o rosto.

Nunca se arrependa de se endividar por um bom motivo.

A morte de um grande homem é sempre um bom motivo.

(Na verdade, Gladys havia comprado apenas os acessórios. O vestido de crepe fora “emprestado” do figurino do Estúdio, sem autorização.)

Norma Jeane, assustada com a multidão de estranhos se estendendo por quilômetros, policiais à paisana em cavalos, uma procissão de limusines escuras pela rua, ondas de choros, lamentações e berros e até aplausos, usava um vestido de veludo azul-escuro com gola e punhos de renda, um chapéu xadrez estilo

escocês, luvas de renda branca, meia-calça grossa e sapatos de verniz brilhantes. Teve que faltar à escola naquele dia. Tinha sido paparicada, repreendida e ameaçada. Seu cabelo foi bem lavado (por uma Gladys muito séria) muito cedo naquela manhã, antes do alvorecer, pois havia sido uma das noites difíceis de Gladys: sua medicação controlada a deixou totalmente enjoada, seus pensamentos estavam “todos num redemoinho, como fitas de papel”, e então o cabelo embaraçado de Norma Jeane teve que ser desembaraçado com força e sem piedade por um pente fino, e então escovado e escovado e escovado até brilhar — e com a ajuda de Jess Flynn (que ouvira a criança chorar às cinco da manhã) fora então trançado com cuidado e envolto ao redor da cabeça para que Norma Jeane parecesse, apesar dos olhos lacrimejantes e da boca amuada, uma princesa de conto de fadas.

Ele vai estar lá. No funeral. Segurando o caixão ou acompanhando o cortejo. Ele não falará com a gente. Não em público. Mas ele nos verá. Ele verá você, a filha dele. Você nunca saberá quando, mas tem de estar preparada.

A uma quadra do Templo Wilshire, uma multidão já se formava nos dois lados da rua. Apesar de não ser nem 7h30 e o funeral estar marcado para as nove. Havia polícia a cavalo e a pé; havia fotógrafos circulando pela área, ansiosos para começar a tirar fotos do evento histórico. Montaram barricadas na rua e nas calçadas, e, atrás delas, um grupo enorme e agitado de homens e mulheres esperava com avidez, com uma estranha paciência concentrada, pelas estrelas de cinema e outras celebridades que chegariam em uma sucessão de limusines com chofer, entrariam no Templo e partiriam de novo depois de longos noventa minutos, durante os quais a multidão inquieta — barrada do funeral íntimo, assim como de qualquer comunicação direta e de qualquer intimidade com tais personalidades — continuaria aumentando; e Gladys e Norma

Jeane, empurradas contra uma das barricadas de madeira, agarradas à barricada e uma a outra. Enfim, da entrada principal do Templo saiu um caixão preto reluzente, carregado por pessoas de rosto solenes e trajes elegantes — a multidão atenta gritava os nomes conforme os reconhecia: *Ronald Colman! Adolphe Menjou! Nelson Eddy! Clark Gable! Douglas Fairbanks Jr.! Al Jolson! John Barrymore! Basil Rathbone!* E atrás deles embalada em pesar vinha a viúva, Norma Shearer, a estrela do cinema, da cabeça aos pés em um preto suntuoso, seu lindo rosto sob um véu; e atrás de srta. Norma Shearer, uma onda de celebridades começava a transbordar do Templo como um rio de lava dourada, também sombria em luto, os nomes evocados em uma litania que Gladys repetia para Norma Jeane, apoiada na barricada, em empolgação e medo, esperando não ser atropelada — *Leslie Howard! Erich von Stroheim! Greta Garbo! Joel McCrea! Wallace Beery! Clara Bow! Helen Twelvetrees! Spencer Tracy! Raoul Walsh! Edward G. Robinson! Charlie Chaplin! Lionel Barrymore! Jean Harlow! Groucho, Harpo e Chico Marx! Mary Pickford! Jane Withers! Irvin S. Cobb! Shirley Temple! Jackie Coogan! Bela Lugosi! Mickey Rooney! Freddie Bartholomew* em seu terno de veludo de *Um garoto de qualidade! Busby Berkeley! Bing Crosby! Lon Chaney! Marie Dressler! Mae West!* — e aqui fotógrafos e pessoas querendo autógrafos atravessavam as barricadas enquanto a polícia montada, com palavrões e seus cassetetes, tentava conter todos.

Houve empurra-empurra. Gritos raivosos, berros. Alguém pode ter caído. Alguém pode ter sido atingido por um cassetete ou atropelado pelos cascos de um cavalo. A polícia gritou em megafones. Então motores começaram a roncar cada vez mais alto. A comoção retrocedeu rápido. Norma Jeane, com o chapéu escocês torto e em pânico demais para chorar, agarra-se ao braço rígido de Gladys e *Mãe não me afastou, ela permitiu.* Aos poucos, a pressão da multidão começou a diminuir. O belo carro funerário preto como

uma carruagem da morte e as numerosas limusines com chofer haviam partido, e apenas alguns espectadores sobraram, pessoas normais que despertavam tanto interesse umas nas outras quanto pombos. Começaram a dispersar, podendo andar na rua livremente. Não havia mais para onde ir, mas não fazia sentido permanecer ali. O evento histórico, o funeral do grande pioneiro de Hollywood, Irving G. Thalberg, havia terminado.

Uma ou outra mulher enxugava os olhos. Muitos espectadores pareciam desorientados, como se tivessem sofrido uma grande perda sem saber qual era.

A mãe de Norma Jeane era uma dessas. Seu rosto parecia manchado atrás do véu úmido e grudento, e os olhos estavam cheios d'água e sem foco como peixes em miniatura nadando em direções opostas. Ela sussurrava para si mesma, tinha um sorriso tenso. Seu olhar esquadrihava Norma Jeane sem parecer absorvê-la. Então ela começou a se afastar, insegura no salto alto. Norma Jeane notou dois homens, que não estavam juntos, mas a observavam. Um dos homens assobiou para ela, convidativo; foi como a abertura de uma repentina cena de dança em um filme de Ginger Rogers e Fred Astaire, exceto que não houve uma explosão de música, e Gladys não parecia notar o homem, e o homem perdeu interesse nela quase de imediato e se virou bocejando para seguir caminho. O outro homem, mexendo, distraído, na virilha como se estivesse sozinho e não sendo observado, vagava na outra direção.

Uma algazarra de cascos! Norma Jeane ergueu o olhar, surpresa de ver um homem à paisana montado em um grande e belo alazão com enormes olhos esbugalhados, admirando-a de cima.

— Garotinha, onde está sua mãe? Você não está aqui sozinha, está? — perguntou ele. Tomada por timidez, Norma Jeane balançou a cabeça, não. Depois correu atrás de Gladys e pegou em sua mão enluvada e de novo ficou grata por Gladys não ter puxado a mão,

pois o policial as observava com atenção. *Ia acontecer logo. Mas ainda não.* Gladys, atordoada, parecia incapaz de se lembrar onde havia estacionado o carro, mas Norma Jeane se lembrava, ou quase, e depois de um tempo acabaram encontrando o Ford 1929 verde enferrujado em uma rua comercial perpendicular a Wilshire. Norma Jeane pensou em quão estranho isso era, e também, como as coisas que dão certo em um filme como era estranho ter a chave de um determinado carro; de centenas, de milhares de carros a sua chave serve apenas para um; uma chave para o que Gladys chamava de “ignição”; e quando se gira a chave, a “ignição” liga o motor. E você não está perdida nem ilhada a quilômetros de casa.

O interior do carro estava um forno. Norma Jeane se remexia com vontade de ir ao banheiro. Gladys disse com petulância, limpando os olhos:

— Eu só não quero sentir tristeza. Mas guardo meus pensamentos para mim. — Para Norma Jeane, disse com súbita dureza: — O que diabos aconteceu com seu vestido? — A bainha havia prendido em uma farpa na barricada e estava rasgada.

— Eu... não sei. Não fui *eu* que fiz isso.

— Então quem foi? Papai Noel?

Gladys tinha a intenção de ir até o “cemitério judeu”, mas não sabia onde ficava. Nas muitas vezes em que parou em Wilshire para pedir informações, ninguém parecia saber. Ela seguiu reto, fumando um Chesterfield. Tinha jogado o chapéu clochê com o véu grudento no banco de trás com as outras tralhas — jornais, revistas sobre cinemas e livros de bolso, lenços endurecidos, e peças de roupa de todos os tipos — acumuladas havia meses. Enquanto Norma Jeane se revirava de desconforto, ela disse, devaneando:

— Talvez se você for um judeu como Thalberg, seja diferente. Deve haver uma perspectiva diferente no universo. O calendário nem é o mesmo que o nosso. O que é surpresa perpétua para nós,

tão novo, não é novidade para eles. Eles meio que vivem no Antigo Testamento, todas aquelas pragas e profecias. Se a gente pudesse ter esse tipo de perspectiva. — Ela hesitou. Olhou de esguelha para Norma Jeane, que estava tentando segurar o xixi, mas a pressão era tão forte que havia uma dor aguda no meio de suas pernas como uma agulha. — *Ele* tem sangue judeu. Isso é parte da barreira entre nós. Mas ele nos viu hoje. Ele não podia falar, mas seus olhos falaram. Norma Jeane, ele viu *você*.

Foi então, a menos de dois quilômetros da avenida Highland, que Norma Jeane molhou as calcinhas — a mortificação, a miséria! —, mas não havia nada a ser feito uma vez que começou. Gladys sentiu o cheiro do xixi imediatamente e começou a dar tapas e socos em Norma Jeane enquanto dirigia, furiosa, e:

— Porca! Imunda! Destruiu esse vestido lindo que não é nem *nosso*! Você faz essas coisas de propósito, não é?

Quatro dias depois, o primeiro dos ventos de Santa Ana começou a soprar.

9.

Porque ela amava a criança e queria poupá-la da dor.

Porque ela estava envenenada. E a garotinha estava envenenada.

Porque a cidade de areia estava ruindo em chamas.

Porque o cheiro de queimado estava saturando o ar.

Porque, pelo calendário, aqueles nascidos sob o signo de Gêmeos devem agora “agir de forma decisiva” e “mostrar coragem ao determinar a própria vida”.

Porque já passava a sua hora do mês, e o sangue nela havia parado de fluir. E ela não seria mais uma mulher desejada por homem algum.

Porque por treze anos ela havia trabalhado no laboratório de filmes no Estúdio e por treze anos havia sido uma funcionária

confiável, devotada e leal, ajudando a tornar possíveis os grandes filmes do Estúdio, promovendo as grandes estrelas da tela americana e transformando nada menos do que a alma dos Estados Unidos, tudo isso para então descobrir sua juventude sugada, descobrir que agora estava mortalmente doente na alma. Mentiram para ela na enfermaria do Estúdio, o médico da empresa insistindo que seu sangue não estava envenenado quando, na verdade, seu sangue estava envenenado, sim, um veneno químico que se infiltrara pelas luvas de borracha duplas e penetrara nos ossos de suas mãos, aquelas mãos que seu amante havia beijado descrevendo como “mãos de confortar”, lindas e delicadas, e também na medula, circulando pelo sangue e cérebro adentro com vapores tóxicos entrando em seus pulmões desprotegidos. E seus olhos, a visão vacilante. Olhos que doíam mesmo no sono. E os colegas de trabalho se negando a reconhecer suas próprias doenças por medo de serem demitidos — “ficarem desempregados”. Porque era a estação do inferno, 1934 nos Estados Unidos, a estação da vergonha. Porque Gladys tinha faltado ao trabalho por motivo de doença e mais uma vez por doença e mais outra vez por doença, até que uma voz a informou de que ela “não estava mais na folha de pagamentos do Estúdio, com o passe do Estúdio cancelado e a entrada negada”. Depois de treze anos.

Porque nunca mais ela trabalharia para o Estúdio. Nunca mais trabalharia por uma miséria vendendo a alma por mera sobrevivência animal. Porque ela deveria purificar a si e a criança afligida.

Porque a criança era uma versão secreta dela mesma que havia sido exposta.

Porque a criança era uma aberração deformada, disfarçada de linda garotinha com cabelo cacheado. *Porque havia desilusões.*

Porque o próprio pai da criança havia desejado que ela não nascesse.

Porque ele havia dito que duvidava que fosse dele.

Porque ele dera dinheiro, notas espalhadas pela cama.

Porque a soma dessas notas não chegava a 225 dólares, o valor do amor deles.

Porque ele disse a ela que nunca a amara; ela havia entendido mal.

Porque ele disse a ela que não telefonasse de novo, não o seguisse na rua.

Porque havia desilusões.

Porque antes da gravidez ele a amara, e depois, não mais. Porque ele teria casado com ela. Ela tinha certeza.

Porque a criança nascera três semanas antes do esperado, precisava ser de Gêmeos como a mãe. E tão amaldiçoada quanto ela.

Porque ninguém nunca amaria uma criança tão amaldiçoada assim.

Porque os focos de incêndio nas colinas eram uma convocação clara e um sinal.

* * *

Não seria o Príncipe Sombrio quem viria para minha mãe.

Pelo resto da minha vida, o horror de que um dia estranhos também viriam atrás de mim para me levar para longe nua e delirando em um espetáculo de dar pena.

Ela foi obrigada a ficar em casa e faltar à escola. Sua mãe não permitiria que ela andasse entre inimigos. Jess Flynn às vezes era confiável e às vezes não. Pois Jess Flynn era empregada do Estúdio e, possivelmente, uma espiã. Ainda assim, Jess Flynn era uma amiga

que lhes trazia comida. Dando uma passada com um sorriso “só para ver como estão as coisas”. Oferecendo-se para emprestar dinheiro se era dinheiro que Gladys precisava, ou a escova de carpete do apartamento de Jess. Gladys ficava a maior parte do tempo na cama, nua sob o lençol sujo, o quarto escurecido. Uma lanterna na mesinha de cabeceira para detectar escorpiões, dos quais Gladys tinha muito medo. As persianas em todos os recintos haviam sido fechadas até embaixo, tornando impossível distinguir dia e noite, o alvorecer do crepúsculo. Uma névoa esfumaçada até em sol brilhante. Um cheiro de doença. Um cheiro de roupa de cama suja, roupas íntimas. Um cheiro de café velho, leite rançoso e laranjas no refrigerador sem gelo. O cheiro de gim, o cheiro de cigarros, o cheiro de suor, fúria e desespero humanos. Jess Flynn daria “uma arrumadinha” se tivesse permissão. Se não, não.

De tempos em tempos, Clive Pearce batia na porta. Falava com Gladys ou com a garotinha pela porta. Apesar de não ficar claro o que era dito. Ao contrário de Jess Flynn, ele não entrava. As aulas de piano tinham acabado durante o verão. Ele diria que era uma “tragédia”, ainda que “pudesse ter sido uma tragédia maior”. Outros inquilinos da pensão deliberavam; o que fazer? Todos eram empregados do Estúdio. Eram substitutos e figurantes, mas, também, um assistente de câmera, uma massagista, uma figurinista, dois cronometristas de roteiros, um instrutor de ginástica, um técnico de laboratório de filme, uma estenógrafa, montadores de cenário e diversos músicos. Entre eles era de conhecimento geral que Gladys Mortensen era “mentalmente instável” — a não ser que fosse apenas “temperamental, excêntrica”. Era de conhecimento da maioria dos inquilinos que a sra. Mortensen morava com uma garotinha que, exceto pelos cachos, se parecia “assustadoramente” com ela.

Não era de conhecimento geral o que fazer, ou se era para se fazer qualquer coisa. Havia uma relutância em se envolver. Uma

relutância em causar a fúria de Mortensen. Havia uma presunção vaga de que Jess Flynn era amiga de Gladys Mortensen e que era responsável por ela.

* * *

A criança, nua e soluçando, engatinhava para se esconder atrás do piano espineta, desafiando a mãe. Enganando a mãe. Atrapalhando-se, então, pelo carpete como um animal em pânico. A mãe acertava as teclas do piano com ambos os punhos fechados, um berro de notas altas e trêmulas, um som vibrante como o de nervos estremecendo. E isso também era dramaticamente pastelão. No espírito de Mack Sennett e Mabel Normand em *A Displaced Foot*, que Gladys tinha visto quando garotinha.

Se faz rir, é comédia. Mesmo que doa.

Água quente a ponto de fervura caindo na banheira. Ela havia despido a criança e estava nua também. Então em parte carregou a criança, tentou erguê-la e enfiá-la na água, mas a criança resistiu, gritando. Na confusão de seus pensamentos, misturados com o sabor acre de fumaça e vozes zombeteiras abafadas demais pelas drogas para serem ouvidas com clareza, ela estivera pensando que a criança era muito mais nova, que era um momento anterior na vida delas e a criança tinha apenas dois ou três anos de idade pesando apenas — o quê? — treze quilos, e não desconfiava da própria mãe, e não estava cheia de suspeita, encolhendo-se e se metendo em cantos e começando a gritar *Não! Não!* Esta criança tão grande, tão forte e *voluntariosa*, tomada de uma vontade contrária à da mãe, recusando-se a ser levada e erguida e colocada na água quente a ponto de fervura, lutando para se libertar, correndo do banheiro cheio de vapor e dos braços nus da mãe que a agarravam.

— Você. Você é o motivo. Ele foi embora. Ele não queria *você*. — Estas palavras, quase pronunciadas com calma, atingiram a criança apavorada como um punhado de pedrinhas.

E a criança, nua, corria cega pelo corredor e esmurrava a porta de um vizinho, chorando, e:

— Por favor! Alguém nos ajude! — E não havia resposta alguma. E a criança corria mais pelo corredor e esmurrava uma segunda porta choramingando. — Por favor! Alguém nos ajude! — E não havia resposta. E a criança corria para uma terceira porta e a esmurrava, e dessa vez a porta se abria, e um rapaz surpreso, bronzeado e musculoso em uma regata e calças sem cinto olhava para baixo, para ela, tinha um rosto de ator, mas piscava em um espanto não fingido para a garotinha agitada e totalmente nua, seu rosto encharcado de lágrimas, chorando. — M-me ajuda, minha mãe está doente, venha ajudar minha mãe, ela está doente.

E a primeira coisa que o rapaz fez foi pegar uma camisa de uma cadeira para enrolar depressa na criança e cobrir sua nudez, dizendo então:

— Muito bem, então, menininha, sua mãe está doente? O que há com sua mãe?

Tia Jess e Tio Clive

Ela me amava; ela foi levada de mim, mas me amou sempre.

— Sua mãe está bem o suficiente para ver você agora, Norma Jeane.

Era a srta. Flynn falando. E o sr. Pearce atrás dela na porta. Eram como carregadores de caixão. A amiga de Gladys Jess Flynn com suas pálpebras avermelhadas e seu nariz de coelho se contraindo todo o tempo e o amigo de Gladys Clive Pearce coçando o queixo, nervoso, coçando o queixo e comendo uma bala de hortelã.

— Sua mamãe tem pedido por você, Norma Jeane! — disse a srta. Flynn. — Os médicos dizem que ela está bem o suficiente para ver você. Vamos visitá-la?

Vamos visitá-la? Isso era fala de filme; alerta de perigo para a criança.

Ainda assim, em um filme você deve ir até o fim da cena. Não deve revelar suas suspeitas. Pois é claro que não tem como saber de antemão. A não ser que tivesse ficado a sessão inteira para ver o filme pela segunda vez você saberia o que os sorrisos forçados, os olhos evasivos, o diálogo truncado realmente queriam dizer.

A criança sorriu, feliz. A criança tinha fé e queria que você visse.

Dez dias se passaram desde que Gladys Mortensen tinha sido “levada embora”. Internada no Hospital Psiquiátrico Estadual da Califórnia em Norwalk, no sul de Los Angeles. O ar da cidade ainda estava nebuloso e úmido, e fazia os olhos encherem de água, mas os incêndios nos cânions começavam a cessar. Menos sirenes gritavam noite adentro. Famílias evacuadas da região dos cânions a norte da cidade estavam sendo autorizadas a voltar para casa. A maioria das escolas havia retornado com as aulas. Mas Norma Jeane não tinha

voltado para a escola e não voltaria para a Highland, para a quarta série. A criança chorava à toa e era “nervosa”. Dormia na sala de estar da srta. Flynn, no sofá-cama da srta. Flynn, em lençóis soltos e mal colocados que pertenciam ao apartamento de Gladys. Às vezes ela conseguia dormir umas seis ou sete horas seguidas. Quando srta. Flynn lhe dava “só metade” de um comprimido branco que tinha sabor de farinha azeda na língua, ela dormia um sono profundo e estonteante que fazia seu coraçãozinho bater como as pancadas lentas e comedidas de uma marreta, e que deixavam sua pele grudenta como uma lesma. E quando ela acordava deste sono não se lembrava de onde estivera. *Eu não a vi. Eu não estava lá quando ela foi levada embora.*

Havia um conto de fadas que Vovó Della contava a Norma Jeane; talvez fosse uma história que a própria Vovó Della tivesse inventado: uma garotinha que vê demais, uma garotinha que ouve demais, um corvo vem arrancar seus olhos, um “grande peixe à espreita” vem devorar suas orelhas e, ainda por cima, uma raposa vermelha arranca seu narizinho arrebitado com uma mordida! Viu o que acontece, mocinha?

O dia prometido. Ainda que tenha chegado como uma surpresa. Srta. Flynn acariciando suas mãos, sorrindo com a boca e os dentes que não exatamente se encaixavam na boca, explicando que Gladys “andara chamando por ela”.

Foi cruel da parte de Gladys ter dito que Jess Flynn era uma virgem de 35 anos. Jess era instrutora vocal e assistente musical no Estúdio, havia sido recrutada anos antes, depois de se formar na Escola de Coro de São Francisco, e tinha uma voz adorável de soprano como a de Lily Pons. Gladys disse:

— Que azar de Jess! Tem tantas sopranos “adoráveis” em Hollywood como tem baratas. E pintos. — Mas você não deveria rir, você não deveria sequer sorrir quando Gladys era “boca suja” e

envergonhava suas amigas. Você não deveria nem sequer dar suspeita de que estava ouvindo a não ser que Gladys piscasse para você.

Então, naquela manhã, veio Jess Flynn com sua boca sorridente, os olhos tristes e úmidos e o nariz que se contorcia. Teve que tirar o dia todo de folga do trabalho. Dizendo que estivera ao telefone com os médicos, e a “mamãe” de Norma Jeane estava bem o suficiente para vê-la, e Clive Pearce e ela a levariam, e eles estariam levando “algumas coisas nas malas” que Jess faria; Norma Jeane poderia sair no pátio para brincar e não precisava ajudar. (Mas como “brincar” quando sua mãe estava doente no hospital?) Do lado de fora, limpando seus olhos que ardiam no ar arenoso, a criança não se permitia pensar que algo estava errado; *mamãe* era um nome incorreto para Gladys, como Jess Flynn deveria saber.

Não a vi ser levada embora. Com as mangas amarradas nas costas. Presa nua à maca e um cobertor fino por cima. Cuspia, gritava, tentava rasgar o tecido para se libertar. E os homens da ambulância, rostos suados, xingando-a em resposta, levando-a embora.

Eles haviam explicado para Norma Jeane que ela não tinha visto, ela não estava nem perto na hora.

Talvez a srta. Flynn tivesse colocado tampado o rosto de Norma Jeane com as mãos? Isso era muitíssimo melhor do que um corvo arrancar os olhos dela!

Srta. Flynn, sr. Pearce. Mas eles não eram um casal exceto um casal de filme de comédia. Os amigos mais próximos de Gladys na pensão. Gostavam muito de Norma Jeane! Sr. Pearce estava tão chateado pelo que havia acontecido, e srta. Flynn havia prometido “cuidar” de Norma Jeane, e foi o que fez, por dez dias difíceis. E então o diagnóstico se oficializou e uma decisão foi tomada. Norma Jeane entreouveu Jess chorando e fungando, falando ao telefone com

o fio esticado até outro cômodo. *Eu me sinto tão mal! Mas não podia continuar assim para sempre. Deus me perdoe, sei que prometi. E falo sério, eu amo esta garotinha como se fosse minha própria filha, quero dizer... se eu tivesse uma filha. Mas eu preciso trabalhar. Deus sabe que preciso trabalhar, não tenho dinheiro guardado, não tem nada mais a ser feito.* Seu vestido bege de linho já mostrava meias-luas de transpiração nas axilas. Depois de chorar no banheiro, ela havia escovado os dentes com vigor como fazia quando estava nervosa; agora escorria sangue das gengivas pálidas.

Clive Pearce era conhecido no pensionato como o “cavalheiro britânico”. Um ator contratado do Estúdio, já com trinta e muitos, mas ainda esperando uma oportunidade de ouro; como Gladys disse, contorcendo os lábios: “A maioria das pessoas que procuram uma ‘oportunidade de ouro’ está tão quebrada que aceitaria uma de *alumínio*”.

Ele usava um terno escuro, uma camisa branca de algodão e um lenço amarrado no pescoço. Bonito, mas havia se cortado ao fazer a barba. Seu hálito cheirava a fumaça e chocolate com menta, um cheiro que Norma Jeane reconhecia de olhos fechados. Ali estava “Tio Clive” — como ele tinha sugerido que ela o chamasse, mas ela nunca conseguiu dizer isso, pois não parecia certo, *ele não era meu tio de verdade*. Ainda assim, Norma Jeane gostava de sr. Pearce, muito, muito mesmo! Seu professor de piano que ela tentara tanto agradar. Bastava conseguir um sorriso do sr. Pearce para sentir-se feliz. E ela gostava da srta. Flynn muito também, srta. Flynn que a havia implorado, só por esses últimos dias, que a chamasse de “Tia Jess” — “Titia Jess” — mas as palavras se prendiam na garganta de Norma Jeane pois *ela não era minha tia de verdade*.

Srta. Flynn pigarreou.

— Vamos indo? — E deu aquele sorriso pavoroso.

Tomado pela culpa e chupando a bala de forma barulhenta, o sr. Pearce ergueu as duas malas de Gladys, duas malas menores em uma única mão grande, a terceira na outra. Sem olhar para Norma Jeane, murmurando *O que fazer, o que fazer, não há mais nada a fazer, Deus nos ajude.*

Havia um filme em que Tia Jess e Tio Clive estavam casados, e Norma Jeane seria sua garotinha. Mas não esse.

O sr. Pearce, com seus ombros largos, carregava as malas para um automóvel na calçada, que era o seu próprio. Tagarelando com nervosismo, srta. Flynn levava Norma Jeane pela mão. Era um dia quente como em um forno, e o sol, escondido por nuvens esfumaçadas, parecia estar em todos os lugares. O sr. Pearce dirigiria, é claro, pois homens sempre dirigiam carros. Norma Jeane implorou para que srta. Flynn se sentasse no banco de trás com ela e sua boneca, mas srta. Flynn se sentou na frente com o sr. Pearce. Seria uma viagem de talvez uma hora, e não muitas palavras foram trocadas entre os assentos da frente e o traseiro. O barulho estrondoso do motor, o ar assobiando pelas janelas abertas. Srta. Flynn fungou enquanto lia em uma folha de papel as coordenadas para o sr. Pearce. Apenas nesta única vez, a viagem seria “visitar Mãe no hospital”; em retrospectiva seria outra coisa. Isto é, para quem estivesse vendo o filme pela segunda vez.

Sempre é importante usar o figurino apropriado, independentemente da cena. Norma Jeane estava usando suas únicas roupas boas de ir à escola: uma saia xadrez de flanela, uma blusa de algodão branco (passada pela própria Jess Flynn aquela manhã), meias brancas costuradas e razoavelmente limpas e sua calcinha mais nova. Seu cabelo de cachos rebeldes tinha sido desembaraçado, mas não penteado. (“Não adianta!”, srta. Flynn suspirou, deixando a escova de cabelos cair na cama. “Eu arrancaria metade do cabelo da sua cabeça se continuasse, Norma Jeane.”)

Vergonhoso para a srta. Flynn e o sr. Pearce que Norma Jeane se agarrasse à boneca com tanto desespero. Aquela boneca era tão esfarrapada, a pele chamuscada e a maior parte do cabelo queimada e os olhos azuis vidrados em uma expressão de horror idiota. Srta. Flynn havia prometido a Norma Jeane que lhe compraria outra boneca, mas não houve tempo, ou a srta. Flynn havia esquecido. Norma Jeane estava preparada para abraçar sua boneca com força e nunca soltar. “Esta é *minha* boneca. Minha mãe me deu.

“A boneca havia sido poupada pelo incêndio no quarto de Gladys. Em um acesso de fúria, Gladys conseguira atear fogo na cama e nos lençóis, depois de Norma Jeane ter fugido do banho de água fervente para pedir ajuda aos vizinhos; era a coisa errada de fazer, Norma Jeane sabia, era sempre errado “agir pelas costas da sua mãe” como Gladys dizia; mas Norma Jeane precisou fazer aquilo, e Gladys trancou a porta atrás dela e colocou fogo nas coisas com fósforos, queimando a maior parte do glamouroso vestido crepe preto e o vestido de veludo azul-escuro que Norma Jeane tinha sido obrigada a usar no dia do funeral no Wilshire Boulevard, diversas fotos rasgadas (uma delas do pai de Norma Jeane? Norma Jeane nunca mais veria aquela foto bonita de novo), sapatos e cosméticos; em sua raiva, ela gostaria de ter queimado tudo que tinha, incluindo o piano espineta que um dia pertencera a Fredric March e do qual ela se orgulhava tanto, e teria gostado de queimar a si mesma, mas os médicos da emergência haviam derrubado a porta para impedir isso. A fumaça saía do apartamento, e lá, Gladys Mortensen, uma mulher nua de cútis pálida, tão magra que os ossos quase perfuravam a pele, uma mulher com rosto marcado e contorcido como uma bruxa, gritava obscenidades e arranhava e chutava seus protetores, até que teve que ser derrubada no chão e “colocada em camisa-de-força para o seu próprio bem” — como Norma Jeane ouviria srta. Flynn e outros na pensão descrevendo a

cena repetidas vezes, cena que Norma Jeane não tinha visto porque não estivera lá, ou alguém havia coberto seus olhos.

— Ora, você sabe que não estava lá, Norma Jeane. Você estava sã e salvo *comigo*.

Se for mulher, essa é a sua punição. Não ser amada o suficiente.

Este foi o dia em que Norma Jeane foi levada para “visitar mamãe” no hospital. Mas onde ficava Norwalk? Sul de Los Angeles, haviam dito a ela. Srta. Flynn pigarreou enquanto lia o mapa para o sr. Pearce, que parecia ansioso e irritado. Ele não era Tio Clive naquele momento. Nas aulas de piano sr. Pearce às vezes estava quieto e suspirando de tristeza e às vezes animado e engraçado, tinha a ver com o cheiro de seu hálito; se seu hálito tivesse *aquele cheiro*, Norma Jeane sabia que eles se divertiriam mesmo se ela tocasse mal. Com um lápis, sr. Pearce batia o ritmo no piano *um-dois, um-dois, um-dois* e às vezes na cabeça de sua pequena pupila, o que a fazia rir. Inclinando-se com o hálito quente de uísque para a orelha de Norma Jeane para zunir alto como uma abelha, batendo o ritmo mais alto com seu lápis *um-dois, um-dois, um-dois* e de um jeito jocoso vinha a língua serpenteante de sr. Pearce na orelha de Norma Jeane! — ela dava gritinhos e ria e tinha que correr para se esconder, mas o sr. Pearce a xingava dizendo não seja boba —, e ela voltava para o banco do piano tremendo e rindo, e então a lição continuava. *Eu amava que me fizessem cócegas! Mesmo se doesse às vezes. Eu amava ganhar beijos como os que Vovó Della dava, eu sentia tanta falta de Vovó. Eu nunca me importei se meu rosto estava arranhado.* Então havia as aulas de piano quando o sr. Pearce, respirando rápido e ansioso, de súbito fechava o teclado (que nunca era fechado por Gladys e que ficava engraçado fechado), declarando: “Chega de aulas por hoje!” E saía do apartamento sem olhar para trás.

Estranho, também, como uma noite naquele verão quando Norma Jeane, acordada além da hora, aninhou-se com persistência em sr. Pearce, que havia dado um pulo para tomar um drinque com Gladys, metendo-se entre Gladys e o visitante no sofá, tentando subir em seu colo como um cachorrinho, e Gladys, encarando-a, disse, com rispidez: “Norma Jeane, comporte-se. Você está sendo asquerosa”. Então para o sr. Pearce ela dizia, em uma voz mais baixa: “Clive, o que é isso?” Rindo, a garotinha travessa era banida para o quarto, onde conseguia entreouvir a conversa dos adultos, só que depois de alguns minutos empolgados parecia que eles estavam rindo como companheiros de novo; e vinha o *clique!* tranquilizador de garrafas e copos batendo. E a partir daquela hora Norma Jeane entendeu que o sr. Pearce não era sempre a mesma pessoa, e era uma tolice esperar outra coisa; afinal nem Gladys era sempre a mesma pessoa. Na verdade, Norma Jeane estava começando a ser uma surpresa para si mesma: às vezes estava boba de alegria, às vezes chorava rápido, às vezes à distância e tendendo a atuações, às vezes “com os nervos à flor da pele”, como Gladys definia o estado, e “com medo da própria sombra como se fosse uma cobra”.

E sempre havia a Amiga Mágica de Norma Jeane no espelho. Espiando-a de um canto do espelho ou encarando-a, o rosto inteiro. O espelho poderia ser como de filme; talvez o espelho *fosse* um filme. E aquela bela garotinha de cabelo cacheado que era *ela*.

Agarrada à boneca, Norma Jeane olhou a nuca dos adultos no banco da frente do automóvel de sr. Pearce. O “cavalheiro britânico” em um belo terno escuro e um lenço ao redor do pescoço não era o sr. Pearce no banco do piano perdido em concentração extasiada tocando a breve “Für Elise”, de Beethoven, de partir o coração — “nota por nota, a música mais primorosa já escrita”, Gladys afirmava com extravagância —, tampouco ele era o sr. Pearce zunindo alto como uma abelha e fazendo cócegas em Norma Jeane ao lado dele

no banco do piano, dedos de aranha “tocando” para cima e para baixo em seu corpo trêmulo; muito menos era a srta. Flynn, protegendo os olhos da enxaqueca, a srta. Flynn que a abraçou e chorou por ela, e implorou que ela a chamasse de “Tia Jess” — “Titia Jess”. Ainda assim, Norma Jeane não acreditava que estes adultos a haviam enganado de propósito, não mais do que Gladys a enganara. Eram tempos diferentes e cenas diferentes. No filme não há sequência inevitável, pois tudo está no presente do indicativo. Filmes podem ser movidos para trás e para a frente. Filmes podem ser radicalmente editados. Filmes podem ser *apagados*. Filmes são o repositório daquilo que, mesmo não sendo lembrado, é imortal. Um dia, quando Norma Jeane viesse a ficar permanentemente no Reino da Loucura, ela se lembraria de quão lógico, ainda que doloroso, tinha sido esse dia. Ela se lembraria, erroneamente, de que o sr. Pearce havia tocado “Für Elise” antes de partir naquela viagem.

— Uma última vez, minha querida. — Logo ela aprenderia os ensinamentos de Ciência Cristã e muito se esclareceria do que não estava claro naquele dia. *A mente é tudo, a verdade nos liberta, decepção e mentiras e dor e o mal não são nada além de ilusões humanas causadas por nós mesmos para nos punir e não são reais; apenas por fraqueza e ignorância nós sucumbimos a elas.* Pois sempre havia uma maneira de perdoar, por meio de Jesus Cristo.

Se você fosse capaz de compreender o que era a dor, deveria ser capaz de perdoar.

Esse foi o dia em que Norma Jeane foi levada para visitar sua “mamãe” no hospital em Norwalk, só que na verdade esse foi o dia em que Norma Jeane foi levada para um prédio de tijolos na avenida El Centro com uma placa no portão da frente que se gravaria para sempre na alma de Norma Jeane, mesmo que, no

momento em que a viu pela primeira vez, ela não a tivesse de fato “visto” .

SOCIEDADE LAR DE ÓRFÃOS DE LOS ANGELES
FUNDADO EM 1921

Não era um hospital? Mas onde ficava o hospital? *Onde estava Mãe?*

Srta. Flynn, fungando e xingando, sensível como Norma Jeane nunca a tinha visto, teve que caçar a criança apavorada do banco traseiro do automóvel de Clive Pearce.

— Norma Jeane, por favor. Seja uma boa menina, por favor, Norma Jeane. *Não me chute, Norma Jeane!*

Dando as costas para o embate, sr. Pearce se afastou rapidamente, para fumar ao ar livre. Por tantos anos, a maioria de seus papéis foi de figurante — com frequência, ele posava de perfil, com um enigmático sorriso inglês —, então ele não fazia ideia de como se mover em uma cena real; seu treinamento clássico na Royal Academy não incluía improvisação. Srta. Flynn gritou para ele:

— Ao menos leve as malas para dentro, Clive, que inferno! — Na versão da srta. Flynn daquela manhã traumática, ela tivera que em parte carregar e em parte arrastar a filha de Gladys Mortensen para o orfanato. Ela alterou entre implorar e brigar: — Por favor, me perdoe, Norma Jeane, não tem outro lugar para você neste momento... Sua mãe está *doente*, os médicos dizem que ela está *muito doente*... Ela tentou machucar você, sabe... Ela simplesmente não pode ser uma mãe para você neste momento... Eu não posso ser uma mãe para você neste momento... Ai, Norma Jeane! Menina má! Isso *dói*. — Dentro do edifício úmido e abafado, Norma Jeane começou a tremer descontroladamente, e na sala da diretora ela

chorou, gaguejando enquanto contava para a mulher grande com um rosto que parecia ter sido entalhado em madeira que não era órfã, que tinha mãe. *Ela não era órfã. Tinha mãe.* A srta. Flynn partiu às pressas, assoando o nariz em um lenço. Sr. Pearce havia deixado as malas de Gladys no saguão e também saiu rápido. Norma Jeane Baker (pois assim os documentos a identificavam: nascida em primeiro de junho, 1926, no Hospital do Condado de Los Angeles), de rosto molhado e nariz escorrendo, foi deixada sozinha com dra. Mittelstadt, que havia chamado em seu escritório uma matrona ligeiramente mais jovem, uma mulher de testa franzida e macacão manchado. A criança continuava protestando. *Ela não era órfã. Tinha mãe. Ela tinha um pai morando em uma mansão em Beverly Hills.*

Através das lentes bifocais, a dra. Mittelstadt observou a menina de oito anos sob a tutela do Serviço de Proteção ao Menor do Condado de Los Angeles. Disse, não com crueldade, talvez com gentileza, e um suspiro que por um momento ergueu seu peito proeminente:

— Criança, guarde suas lágrimas! Pode precisar delas mais tarde.

A perdida

Se eu fosse bonita o suficiente, meu pai viria me buscar.

Quatro anos, nove meses e onze dias.

Por todo o vasto continente da América do Norte era uma temporada de crianças abandonadas. E lugar algum tinha índices mais altos do que o sul da Califórnia.

Depois de ventos quentes e secos soprares do deserto por dias, incessantes e implacáveis, começaram a encontrar crianças levadas pelo vento com areia e detritos dentro de valas ressecadas de drenagem, em bueiros e nos trilhos de trem; sopradas para os degraus de granito de igrejas, hospitais, prédios públicos. Crianças recém-nascidas, cordões umbilicais ensanguentados ainda presos aos umbigos, encontradas em banheiros públicos, bancos de igreja, em latas de lixo e caçambas. O vento pranteou por dias seguidos — mas este pranto, quando o vento se acalmou, revelou-se o pranto das crianças. E de suas irmãs e seus irmãos mais velhos: crianças em duplas ou trios vagando pelas ruas, aturdidadas, algumas com roupas e cabelos fumegantes. Eram crianças sem nomes. Eram crianças sem fala, compreensão. Crianças feridas, muitas bastante queimadas. Outras com menos sorte ainda haviam morrido ou sido assassinadas; os pequenos cadáveres, com frequência carbonizados, irreconhecíveis, foram varridos às pressas das ruas de Los Angeles por funcionários da limpeza, coletados em caminhões de lixo para enterrar em sepulturas coletivas nos cânions. Nenhuma palavra para a imprensa ou rádio! Ninguém poderia saber.

“As crianças perdidas. Para além de nossa misericórdia”, era assim que eram chamadas.

Trovões de calor haviam atingido Hollywood Hills, e uma tempestade de fogo veio descendo como a ira de Jeová, e houve uma explosão fortíssima na cama que Norma Jeane e sua mãe compartilhavam. Quando deu por si estava com os cabelos e cílios chamuscados, os olhos ardiam como se tivesse sido obrigada a encarar uma luz ofuscante, estava sozinha sem a mãe em um lugar para qual ela não tinha nome algum além de *este lugar*.

* * *

Através da janela estreita sob os beirais, quantos quilômetros de distância ela não saberia calcular, caso ficasse em pé na cama designada a ela (descalça, de camisola, à noite), podia ver as luzes de neon piscantes da torre da RKO Motion Pictures em Hollywood:

RKO RKO RKO

Um dia.

Quem a havia trazido para *este lugar* a criança não lembrava. Não havia rostos nítidos em sua memória, nem nomes. Por muitos dias ficou muda. A garganta estava arranhada e chamuscada como se tivesse sido forçada a inalar fogo. Não conseguia comer sem sentir ânsia de vômito e com frequência de fato vomitar. Estava doente e abatida. Torcia para morrer. Tinha maturidade suficiente para articular este desejo: *Tenho tanta vergonha, ninguém me quer, quero morrer*. Não tinha maturidade suficiente para compreender a raiva de tamanho desejo. Nem o êxtase de loucura que essa raiva um dia poderia alimentar, uma loucura ambiciosa de conquistar o mundo apenas para se vingar, de alguma forma, de qualquer forma — embora nenhum “mundo” possa ser “conquistado” por um mero indivíduo, e sendo esse indivíduo uma mulher, sem pais, isolado e

com aparentemente o mesmo valor intrínseco de um inseto solitário em meio à uma colônia de insetos. *Ainda assim vou fazer todos vocês me amarem e vou me punir apesar desse amor* não era ainda a ameaça de Norma Jeane, pois ela se conhecia, apesar do ferimento em sua alma, e sabia que tivera sorte de ter sido trazida para *este lugar* em vez de arder até morrer ou ser queimada viva pela mãe enfurecida no bangalô na avenida Highland, 828.

Pois havia outras crianças no Lar de Órfãos de Los Angeles, mais feridas que Norma Jeane. Mesmo em sua dor e confusão, ela percebia esse fato. Crianças com retardo, crianças com danos cerebrais, crianças com deficiência — só de olhar percebia-se por que tinham sido abandonadas pelas mães —, crianças feias, crianças furiosas, crianças animais, crianças derrotadas que você não desejaria tocar por medo que a viscosidade de suas peles permeasse a sua própria. Havia a menina de dez anos que dormia ao lado de Norma Jeane no dormitório das garotas no terceiro andar cujo nome era Debra Mae, que fora estuprada e espancada (que palavra tão, tão áspera era “estupro”, uma palavra adulta; Norma Jeane sabia por instinto o que significava, ou quase; um som *cortante* e algo vergonhoso relacionado ao-que-tem-no-meio-das-pernas-de-uma-garota-que-nunca-se-deve-mostrar, onde a pele é suave, sensível, se fere fácil, e Norma Jeane desmaiava em pensar ao ser atingida ali, que dirá ter algo afiado e duro enfiado ali *dentro*); e havia os gêmeos de cinco anos encontrados quase mortos por desnutrição em um cânion nas montanhas de Santa Mônica, onde foram deixados amarrados pela mãe, em um “sacrifício como de Abraão na Bíblia” (como o bilhete dela explicava); e havia uma garota mais velha, de onze anos, que fazia amizade com Norma Jeane; chamava-se Fleece, mas o nome original poderia ter sido Felice, e ela contava e recontava com fascinação a história de sua irmã de um ano que havia sido “jogada contra a parede até o cérebro espirrar para fora

como sementes de melão” pelo namorado da mãe. Norma Jeane, limpando os olhos, reconhecia que *não tinha sido ferida mesmo*.

Ao menos, não que ela lembrasse.

Se eu fosse bonita o suficiente, meu pai viria me buscar. Tinha a ver, de alguma forma, com o letreiro neon RKO que piscava a quilômetros de distância em Hollywood e que Norma Jeane veria da janela acima da cama ou, em outros momentos, do teto do orfanato, um holofote na noite que ela gostaria de acreditar se tratar um sinal secreto se os outros também não o vissem, como ela, e talvez até interpretassem como ela fazia. *Uma promessa — mas de quê?*

Esperando que Gladys saísse do hospital para que pudessem morar juntas de novo. Esperando, com uma esperança desesperada infantil sobreposta por uma noção fatalista mais adulta de *ela nunca virá, ela me abandonou, eu a odeio*, mesmo enquanto remoía a preocupação de que Gladys não saberia para onde ela tinha sido levada, onde ficava este edifício de tijolos vermelhos atrás da cerca de arame de dois metros e meio — as janelas com barras, escadas íngremes e corredores sem fim; os dormitórios em que frágeis leitos estreitos (chamados de “camas”) se amontoavam em uma mistura de odores na qual o fedor ácido de xixi era predominante; o “salão de jantar” com sua mistura de odores igualmente fortes (leite rançoso, gordura queimada e produto de limpeza de cozinha) onde, de boca fechada e tímida e assustada, esperavam que ela comesse, comesse sem engasgar e sem vomitar, para “ficar forte” e não pegar nenhuma doença e ir parar na enfermaria.

Avenida El Centro: onde ficava isso? A quantos quilômetros da Highland?

Pensando: *Se eu voltasse para lá. Talvez ela estivesse me esperando.*

Em poucos dias com seu novo status de tutelada pelo Condado de Los Angeles, Norma Jeane havia chorado todas as lágrimas que tinha. Gastou-as todas cedo demais. Agora sua capacidade de chorar era a mesma que a da boneca esfarrapada de olhos azuis, sem nome exceto Boneca. A mulher feia-amistosa que era diretora do orfanato, a quem foram instruídos de chamar “dra. Mittelstadt” tinha avisado. As garotas mais velhas — Fleece, Lois, Debra Mae, Janette — tinham avisado.

— Não seja uma bebê chorona! Você não é tão especial assim. — Poderia-se dizer, como o pastor alegre de rosto brilhante na igreja de Vovó Della uma vez dissera, que as outras crianças no orfanato, longe de serem estranhas que ela temia e desgostava, eram na verdade irmãs e irmãos até então desconhecidos *e o vasto mundo estava habitado por quantos mais, incontáveis como grãos de areia, e todos com sua alma e todos igualmente amados por Deus.*

Esperava que Gladys fosse liberada do hospital e viesse buscá-la, mas nesse ínterim ela era uma órfã entre 140 órfãos, uma das crianças mais novas, destinada ao dormitório das garotas no terceiro andar (de seis a onze anos) com uma cama só sua, um leito de ferro com um colchão fino e cheio de grumos coberto com tecido encardido que, embora fosse emborrachado, cheirava a xixi, posicionada sob os beirais do velho edifício de tijolos em um grande quarto retangular lotado e mal iluminado mesmo durante o dia, sufocante e abafado em dias ensolarados de verão, e gélido com correntes de ar frias e úmidas em dias chuvosos sem sol, o que basicamente configurava o inverno de Los Angeles; compartilhava uma cômoda com gavetas com Debra Mae e outra garota; podia ter duas mudas de roupa — dois macacões de algodão azul e duas blusas brancas de cambraia — e “lençóis” muito lavados e “roupas íntimas”. Recebeu toalhas, meias, sapatos, galochas. Uma capa de

chuva e um casaco leve de lã. Atraíra bastante atenção ao chegar, mas uma atenção temerosa, trazida para o dormitório naquele primeiro dia horrível pela matrona arrastando as malas de Gladys que tinham um ar de glamour (se não olhassem de perto) cheias de peças de roupa estranhas e chiques, vestidos de seda, um vestido franzido com um avental na frente, uma saia vermelha de tafetá, o chapéu escocês e a capa xadrez com forro acetinado, pequenas luvas brancas e sapatos brilhantes de couro envernizado, e outras coisas entulhadas e enfiadas nas malas em uma pressa culpada pela mulher que desejara que Norma Jeane a chamasse de “Tia Jess” — ou será que era “Titia Jess” —, e a maioria desses itens, apesar de federem a fumaça, tinham sido roubados da nova órfã em questão de dias, apropriados até pelas garotas que demonstravam gostar de Norma Jeane e viriam, com o tempo, a se tornar amigas dela. (Como Fleece explicou, sem nenhum remorso, ali no orfanato era “cada um por si”). Mas ninguém quis a boneca de Norma Jeane. Ninguém roubou a boneca de Norma Jeane, que a essa altura estava careca, nua e suja, os olhos azuis vítreos e arregalados e a boca de botão de rosa congelada em uma expressão de flerte apavorado; esta “aberração” (como Fleece a chamava, não por mal) com a qual Norma Jeane dormia todas as noites e escondia na cama durante o dia como um fragmento de sua própria alma desejosa, estranhamente bela aos seus olhos apesar do deboche e das risadas dos outros.

— Esperem pela Ratinha! — gritava Fleece para seus amigos, e com indulgência esperavam por Norma Jeane, a menor e mais nova e mais tímida do círculo. — Vamos lá, Ratinha, mexa essas belas perninhas! — Fleece com as pernas longas e uma cicatriz no lábio e o cabelo escuro e áspero, pele morena áspera, olhos verdes penetrantes e inquietos e mãos que podiam machucar, ela havia cuidado de Norma Jeane talvez por pena, por afeto de irmã mais velha embora muitas vezes impaciente, pois Norma Jeane devia

lembrar a irmã perdida cujo cérebro foi espetacularmente espremido “como sementes de melão escorrendo na parede”. Fleece foi a primeira das protetoras de Norma Jeane no orfanato e, além de Debra Mae, a garota de quem ela se lembraria com mais emoção, uma espécie de paixão ansiosa, pois a reação de Fleece era sempre imprevisível, não se podia prever quais palavras rudes e cruéis poderiam saltar dos lábios dela, e como suas mãos, rápidas como de um lutador de boxe, poderiam saltar tanto para chamar atenção quanto para ferir, como um ponto de exclamação no final de uma frase. Pois, quando enfim Fleece persuadiu Norma Jeane a soltar algumas frases gaguejantes e um teste de confiança:

— Na verdade, eu não sou órfã, minha m-mãe está no hospital, tenho mãe, e tenho p-pai, meu pai mora em uma mansão em Beverly Hills. — Fleece riu na cara dela e beliscou seu braço, com tanta força que a marca vermelha permaneceu por horas como um pequeno beijo pernicioso na pele branca como cera de Norma Jeane.

— Que baboseira! Men-ti-ro-sa! Sua mãe e seu pai estão mortos que nem os de todo mundo. *Todo mundo está morto.*

Os presenteadores

Na noite antes da véspera de Natal eles vieram.

Trazendo presentes para os órfãos na Sociedade Lar de Órfãos de Los Angeles. Trazendo duas dúzias de perus já prontos para cozinhar para o jantar na noite de Natal e um pinheiro de três metros e meio erguida pelos elfos do Papai Noel na sala de visitantes do Lar, transformando aquele lugar com cheiro de mofo em um santuário de maravilha e beleza. Uma árvore tão alta, tão cheia, acesa, viva; com cheiro da floresta distante, um odor forte de escuridão e mistério; brilhando com ornamentos de vidro, e em seu galho mais alto um anjo loiro e radiante olhando para os céus e com as mãos fechadas em oração. E sob esta árvore, *montanhas de presentes em embalagens alegres*.

Tudo isso no meio de um esplendor de luzes. Entre canções natalinas amplificadas por um carro de som em frente ao prédio: “Noite feliz”, “Reis do oriente”, “Deck the Halls”. A música repentinamente ficou alta e dava para sentir o coração batendo no ritmo.

As crianças mais velhas sabiam, tinham sido muito abençoadas em natais anteriores. As crianças mais novas e as recém chegadas no Orfanato ficavam estupefatas, assustadas.

Quietas! Quietas! Cada um na sua fileira! As crianças foram então encaminhadas rispidamente em fila dupla até o salão de jantar, onde foram obrigadas a esperar sem explicação por mais de uma hora depois da refeição noturna. Não era uma simulação de incêndio, pelo visto, e já era tarde demais para um intervalo no parquinho. Norma Jeane estava confusa, levando cotoveladas e empurrões de crianças atrás dela — o que estava havendo? Quem

estava aí? —, até que ela viu, em um tablado nos fundos do salão de visitantes, uma visão que a atordoou: o Príncipe sombriamente belo e a bela Princesa loira.

Lá, no orfanato Sociedade Lar de Órfãos de Los Angeles!

A princípio achei que tinham vindo por minha causa. Só por mim.

Nesse momento, houve gritos e confusão, vozes amplificadas e risos, música de Natal alta em um *staccato* animado; era preciso respirar mais rápido para acompanhar. E luzes ofuscantes por toda parte porque havia uma equipe de filmagem junto do casal real distribuindo presentes para os necessitados, inúmeros fotógrafos disputando lugar com suas câmeras e flashes. Havia a diretora corpulenta do Lar, dra. Edith Mittelstadt, aceitando um *cheque-presente* do Príncipe e da Princesa, seu rosto cansado capturado por flashes de câmeras em um sorriso esquisito, um sorriso não ensaiado, enquanto o Príncipe e a Princesa, um de cada lado da mulher de meia-idade, sorriam seus lindos sorrisos ensaiados que davam vontade de ficar olhando e olhando sem jamais desviar o olhar.

— O-lá, crianças! Fe-liz Natal — gritou o Príncipe Sombrio, erguendo suas mãos enluvadas como um padre dando a bênção.

E a Princesa Cintilante gritou depois dele:

— Fe-liz Natal, crianças queridas! *Amamos vocês.* — Como se tais palavras devessem ser verdadeiras, veio uma onda de felicidade, uma cascata de adoração.

Quão familiares eram o Príncipe Sombrio e a Princesa Cintilante! — ainda assim, Norma Jeane não conseguia identificá-los. O Príncipe Sombrio lembrava Ronald Colman, John Gilbert, Douglas Fairbanks Jr. — ainda assim não era nenhum deles. A Princesa Cintilante lembrava Dixie Lee, Joan Blondell, uma Ginger Rogers com um pouco mais de peito — ainda assim não era nenhuma delas. O Príncipe usava um smoking e uma camisa

branca de seda com um raminho de frutinhas vermelhas na lapela, e em seu cabelo endurecido de laquê havia uma alegre touca de Papai Noel, veludo vermelho com uma pelúcia branca na bainha:

— Venham pegar seus presentes, crianças! Não fiquem tímidas! — (Será que o Príncipe Sombrio estava debochando? Pois as crianças, em especial as mais velhas, empurravam para passar, determinadas a pegar seus presentes antes que acabasse o estoque, eram tudo menos tímidas.)

— Sim, *venham!* Bem-vindas! Queridas crianças... *Deus abençoe vocês.* — (Será que a Princesa Cintilante estava prestes a cair no choro? Os olhos pintados brilhavam com um olhar vítreo de completa sinceridade e o sorriso carmesim lustroso oscilava como uma criatura com vida própria.) A Princesa usava um vestido longo de tafetá vermelho brilhante com a saia cintilante e volumosa, uma cinturinha fina bem marcada e um corpete coberto de lantejoulas vermelhas que servia em seu busto farto como uma luva justa; usava uma tiara no cabelo platinado e duro de laquê — uma tiara de diamantes? — para uma ocasião como essas, no Lar de Órfãos de Los Angeles? O Príncipe usava luvas brancas curtas, a Princesa, luvas brancas até os cotovelos. Atrás e ao lado do casal real havia ajudantes do Papai Noel, alguns com bigodes brancos e sobancelhas pintadas sem muito cuidado com tinta branca, e esses ajudantes pegavam os presentes da árvore e entregavam para o casal real em um fluxo contínuo; era incrível, mágico, como o Príncipe e a Princesa conseguiam pegar presentes do ar sem sequer olhar, sem sequer parar para pegá-los.

O clima no salão de visitas era alegre, mas frenético. As canções de Natal estavam altas; o Príncipe se incomodava com os guinchos de estática que seu microfone soltava. Além dos presentes, o Príncipe e Princesa ofereciam bengalinhas doces e maçãs do amor, mas o estoque estava chegando ao final. Disseram que no ano

anterior não houvera presentes para todos, o que explicava o empurra-empurra das crianças mais velhas. *Em seus lugares! Fiquem nos seus lugares!* Com sacolejos e cascudos as matronas uniformizadas retiravam bruscamente os encenqueiros da fila para mandá-los de volta para os dormitórios no segundo andar; por sorte o casal real sequer notava, muito menos a equipe de filmagem ou os fotógrafos, ou, se notavam, não davam sinal algum: *se não está nos holofotes, ninguém vê.*

Enfim era a vez de Norma Jeane! Ela estava na fila para receber um presente do Príncipe Sombrio, que, de perto, parecia mais velho do que de longe, com uma pele estranhamente corada e sem poros, como a boneca que Norma Jeane tivera um dia; seus lábios pareciam maquiados, e os olhos tinham um brilho vítreo como o da Princesa Cintilante. Mas Norma Jeane não teve tempo de se concentrar enquanto caía em uma onda de empolgação, um rugido nos ouvidos, o cotovelo de alguém nas suas costas; tímida, ela estendeu as mãos para seu presente, e o Príncipe Sombrio gritou:

— Pequenina! Preciosa pe-que-nina! — E antes que Norma Jeane percebesse o que havia acontecido, como em um dos contos de fadas de Vovó Della, ele havia tomado suas mãos e a colocado ao seu lado no tablado! Ali as luzes eram muito mais ofuscantes; não dava para ver quase nada; o recinto cheio de crianças e funcionários não passava de um borrão, como água agitada. Com um galanteio fingido o Príncipe Sombrio deu a Norma Jeane uma bengalinha com listras vermelhas e uma maçã do amor, ambas terrivelmente grudentas, e um dos presentes embrulhados em vermelho, e a virou para uma enxurrada de flashes, sorrindo seu perfeito sorriso ensaiado.

— Fe-liz Natal, pequenina! Fe-liz Natal do Papai No-el!

A Norma Jeane de nove anos deve ter ficado boquiaberta de pânico, pois os fotógrafos, que eram todos homens, riram dela em

deleite; um gritou:

— Sorria para a câmera, querida! — e *flash! flash! flash!* Norma Jeane foi cegada e não teria uma segunda chance, incapaz de sorrir para as câmeras (*Variety*, *Los Angeles Times*, *Screen World*, *Photoplay*, *Parade*, *Pageant*, *Pix*, as publicações de notícias da Associated Press) como poderia ter sorrido, como se estivesse vendo a Amiga Mágica no espelho, sorriu de muitas formas especiais, formas secretas, mas sua Amiga-no-Espelho a havia abandonado, de tão surpresa que ficou *e eu nunca mais seria pega de surpresa de novo eu jurei*. No momento seguinte, desceu do tablado, o único lugar de honra, e voltou a ser a órfã, uma das menores e mais novas, uma matrona a empurrou com grosseria para a fila de crianças agitadas rumo aos dormitórios no andar de cima.

Todos já rasgavam os embrulhos dos presentes de Natal, deixando um rastro de papel brilhante e ouropel.

Era um bicho de pelúcia, para uma criança de dois, três, quatro anos; Norma Jeane tinha o dobro, mas estava profundamente comovida pelo “tigre listrado” — do tamanho de filhote de gato, feito de um tecido felpudo e macio que dava vontade de esfregar no rosto, de abraçar, abraçar, abraçar na cama, olhos de botões dourados e um nariz achatado engraçado e bigodes flexíveis que faziam cócegas e listras laranja e pretas de tigre e uma cauda curvada com um arame dentro para levantá-la, baixá-la, formar um ponto de interrogação.

Meu tigre listrado! Meu presente de Natal dado por ele.

A bengalinha doce e a maçã do amor foram tiradas de Norma Jeane por garotas no dormitório. Devoradas em poucas mordidas.

Ela não ligava: era o tigre listrado que ela amava.

Mas o tigre também desapareceu depois de poucos dias.

Ela havia tomado o cuidado de escondê-lo nas profundezas da cama, com a boneca, mas um dia quando voltou das tarefas, sua cama tinha sido rasgada e o tigre tinha sumido. (A boneca permaneceu intocada.) Embora houvesse muitos tigres no Lar depois do Natal — assim como pandas, coelhos, cachorros, bonecas —, eram presentes destinados a órfãos mais novos, enquanto os mais velhos ganhavam canetas, caixas de lápis, jogos; no entanto, mesmo se ela pudesse identificar o seu tigre listrado, não ousaria reivindicá-lo das mãos de ninguém, muito menos teria desejado roubá-lo, como alguém roubara dela.

Por que ferir outra pessoa? Já basta estar ferida.

A órfã

Os sinais que acompanharão aqueles que crerem serão estes:
expulsarão demônios em meu nome,
falarão novas línguas,
se pegarem em serpentes
se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal algum;
quando impuserem as mãos sobre os doentes, eles ficarão curados.

— Jesus Cristo

Amor divino sempre atendeu e sempre atenderá todas as necessidades humanas.

— Mary Baker Eddy,
Ciência e saúde com a chave das escrituras

1.

— Norma Jeane, sua mãe pediu mais um dia para considerar.

Mais um dia! Mas dra. Mittelstadt falava de forma encorajadora. Ela não era de demonstrar dúvida, fraqueza, preocupação; quem estivesse em sua presença deveria ser otimista. Deveria dissipar pensamentos negativos. Norma Jeane sorria enquanto a dra. Mittelstadt comentava ter ouvido do psiquiatra em Norwalk que Gladys Mortensen não estava mais tão “delirante” e “com mentalidade vingativa”; havia esperança dessa vez, a terceira em que

Norma Jeane estava cotada para adoção, que sra. Mortensen seria razoável e daria permissão.

— Pois é claro que sua mãe ama você, querida, e quer que você seja feliz. Ela deve desejar o melhor para você... assim como nós. — A dra. Mittelstadt hesitou e suspirou, um tom de ansiedade na voz ao dizer o que disse a seguir: — Então, criança, vamos orar juntas?

A dra. Mittelstadt era uma devota da Ciência Cristã, mas não empurrava suas crenças religiosas ninguém, com exceção de suas garotas favoritas, e nestas garotas favoritas com muita leveza, como uma pessoa que oferece um pedacinho de comida a alguém morrendo de fome.

Quatro meses antes, no aniversário de onze anos de Norma Jeane, a dra. Mittelstadt a chamara em seu escritório e lhe dera uma cópia de *Ciência e saúde com a chave das escrituras*, de Mary Baker Eddy. Gravado no lado de dentro da capa havia, na caligrafia perfeita da dra. Mittelstadt:

Para Norma Jeane pelo seu aniversário!

“Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum.”

Salmos 23:4

Este grande Livro de Sabedoria Americana vai mudar sua vida como mudou a minha!

Edith Mittelstadt, Ph.D.

1º de junho, 1937.

Todas as noites, Norma Jeane lia antes de dormir, e todas as noites sussurrava a inscrição. *Eu amo você, dra. Mittelstadt*. Ela pensaria neste livro como o primeiro presente de verdade que ganhara na vida. E naquele aniversário, como seu dia mais feliz desde que tinha sido trazida para o Lar.

— Vamos orar por uma decisão certa, criança. E pela força para acatar qualquer que seja a decisão que o Pai nos conceder.

Norma Jeane se ajoelhou no carpete. A dra. Mittelstadt, as juntas duras com artrite, permaneceu atrás da escrivaninha, cabeça baixa e mãos fechadas em oração fervorosa. Tinha apenas cinquenta anos, mas lembrava Norma Jeane de sua avó Della: aquela carne de mulher misteriosamente maciça, sem forma, exceto pelas restrições de um espartilho, o imenso busto afundado, o rosto gentil marcado pela idade, cabelo desbotado para um cinza, pernas gorduchas cheias de veias com meias-calças modeladoras. Ainda assim, aquele olhar de desejo e esperança. *Eu amo você, Norma Jeane. Como minha própria filha.*

Ela havia pronunciado essas palavras em voz alta? Não havia.

Havia abraçado Norma Jeane e a beijado? Não havia.

A dra. Mittelstadt se inclinou para a frente em sua cadeira que rangia e deu um suspiro para introduzir Norma Jeane à oração da Ciência Cristã, o maior presente para a criança, como havia sido o grande presente de Deus para ela.

Pai nosso, que estais no Céu.

Padre nosso — Mãe de Deus, todos em harmonia

Santificado seja o Vosso nome.

Adorável Senhor.

Venha a nós o Vosso reino.

O Vosso reino já está entre nós, Vós estais sempre entre nós.

Seja feita a Vossa Vontade, assim na Terra como no Céu.

*Permita que saibamos — assim na Terra como no Céu —
que Deus é onipotente, supremo.*

O pão nosso de cada dia nos dai hoje.

Dê-nos graça para o dia de hoje; alimentai os afetos famintos.

Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido.

E que o Amor seja refletido em amor.

E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do Mal.

*Que Deus nos livre das tentações, e nos liberte do pecado,
da doença e da morte.*

Pois Vosso é o reino, o poder e a glória, para sempre.

*Pois Deus é infinito, todo poderoso, é Vida, Verdade,
Amor acima de tudo, e de todos.*

Amém!

Norma Jeane ousou repetir, em um sussurro mais baixo:

— Amém.

2.

Para onde você vai quando desaparece?

E onde quer que esteja, você está a sós?

Três dias de espera para Gladys Mortensen tomar sua decisão:
Se liberaria ou não sua filha para adoção. Dias que poderiam ser
divididos em horas, até minutos para serem suportados como
inspirações.

Mary Baker Eddy, Norma Jeane Baker. Ah, era um sinal óbvio!

Fleece e Debra Mae, sabendo como Norma Jeane estava
assustada, leram sua sorte com um baralho roubado.

Era permitido jogar copas, *gin rummy* e *go fish* no Lar, mas não pôquer nem *euchre*, jogos de apostas de homens, e muito menos ler a sorte, que era “mágica” e uma ofensa a Cristo. Então, a leitura de sorte das garotas era feita depois do apagar de luzes, em um segredo emocionante.

Norma Jeane não queria ter a sorte lida pelas amigas, as cartas poderiam interferir com suas orações e, se a sorte fosse ruim, ela preferiria não saber até o momento em que não tivesse escolha exceto saber.

Mas Fleece e Debra Mae insistiram. Acreditavam na mágica das cartas muito mais do que na mágica de Jesus Cristo. Fleece as embaralhou, fez Debra Mae cortar e as embaralhou mais uma vez, dando as cartas na frente de Norma Jeane, que esperou sem ousar respirar: uma rainha de ouros, um sete de copas, um ás de copas, um quatro de ouros.

— São todas vermelhas, está vendo? Isso quer dizer boas notícias para a Ratinha.

Será que Fleece estava mentindo? Norma Jeane adorava a amiga, que implicava com ela e muitas vezes até a atormentava, mas a protegia no Lar e na escola, onde as órfãs mais novas necessitavam de proteção, mas Norma Jeane não confiava nela. *Fleece quer que eu fique nesta prisão com ela. Porque ninguém nunca vai adotá-la.*

Era verdade, triste, mas verdade. Casal algum adotaria Fleece ou Janette ou Jewell ou Linda ou mesmo Debra Mae, uma ruivinha bonitinha e sardenta de doze anos, porque elas não eram mais crianças, eram garotas; garotas velhas demais, garotas com “um olhar” denunciando que tinham sido feridas por adultos e que não perdoariam. Mas principalmente porque eram velhas demais. Passaram por lares temporários que não haviam “dado certo” e foram devolvidas ao orfanato e estariam sob guarda do condado até ter idade suficiente para se sustentar, aos dezesseis anos. Mais que

três ou quatro anos no orfanato já era velho. Pais adotivos queriam bebês, ou crianças jovens demais para ter personalidade formada, sem qualquer habilidade de falar, e, portanto, sem memória. Era um milagre, na verdade, que qualquer um quisesse adotar Norma Jeane. Ainda assim, desde que havia passado para a tutela do condado, tinha sido pedida por três casais. Os casais haviam se apaixonado por ela, diziam, e estavam dispostos a ignorar que ela tinha nove anos, e depois dez, e depois onze; e que sua mãe estava viva e tinha conhecimento da filha, internada ao Hospital Psiquiátrico Estadual da Califórnia em Norwalk, sob o diagnóstico oficial de “Esquizofrenia paranoica crônica aguda com provável dano neurológico induzido por drogas e álcool” (pois informações assim estavam disponíveis para os pais adotivos mediante solicitação).

De fato pareceu um milagre. A menos que você observasse, como a equipe fazia, o jeito que a pequena ratinha Norma Jeane se comportava no salão de visitas. Ela podia até estar com um semblante triste um segundo antes, mas acendia como uma lâmpada na presença de visitantes importantes. Seu rosto doce, uma lua cheia perfeita, e seus ansiosos olhos azuis e seu sorriso tímido rápido e modos que lembravam uma Shirley Temple mais moderada.

— ... É um anjinho!

Havia a súplica naqueles olhos: *Me ame! Eu já amo você.*

O primeiro casal que se candidatou a adotar Norma Jeane Baker era de Burbank, donos de uma fazenda de frutas de quatrocentos hectares; tinham se apaixonado pela garota, disseram, porque se parecia exatamente com Cynthia Rose, a filha que tinham perdido aos oito anos para a poliomielite. (Eles haviam mostrado a Norma Jeane o retrato da criança falecida, e Norma Jeane chegou a acreditar que ela talvez fosse a filhinha deles, talvez fosse possível; se ela fosse morar com o casal, seu nome seria mudado para Cynthia

Rose, e ela queria muito isso! “Cynthia Rose” era um nome mágico.) O casal havia desejado uma criança mais nova, mas assim que puseram os olhos em Norma Jeane, falaram:

— ... foi como ver Cynthia Rose renascida, restaurada para nós. Um milagre!

Mas de Norwalk veio a notícia de que Gladys Mortensen se recusava a assinar a documentação liberando a filha para adoção. O casal ficara de coração partido.

— ... foi como se Cynthia Rose tivesse sido tirada de nós uma segunda vez. — Mas não havia nada a ser feito.

Norma Jeane se escondeu para chorar. Quisera tanto ser Cynthia Rose! E morar em uma fazenda de frutas de quatrocentos hectares em um lugar chamado Burbank com uma mãe e um pai que a amavam.

O segundo casal, de Torrance, que se gabava de estar “confortavelmente afortunado” mesmo com a economia terrível, já que o marido era vendedor em uma concessionária da Ford, tinha vários filhos biológicos — cinco garotos! —, mas a esposa desejava só mais um, uma garota. Eles, também, chegaram procurando uma criança mais nova, mas quando a mulher pôs os olhos em Norma Jeane, foi *imediato*:

— ... É um anjinho!

A mulher pediu que Norma Jeane a chamasse de *Mamita* — talvez fosse “mamãe” em espanhol? — E então Norma Jeane obedeceu. A palavra era mágica para ela: *Mamita! Agora vou ter uma Mamãe real. Mamita!* Norma Jeane amava aquela mulher gorducha na casa dos quarenta anos que viera procurando por ela, como ela disse, por solidão, morando em uma casa abarrotada de homens: tinha um rosto enrugado e queimado de sol, mas um sorriso esperançoso e radiante como o de Norma Jeane; tinha o hábito de tocar em Norma Jeane com frequência, apertando a

pequena mão da menina e lhe dando presentes, um lenço branco de criança bordado com as iniciais *NJ*, uma caixa de lápis coloridos, cinco ou dez centavos de dólar, gotas de chocolate embrulhadas em papel alumínio que Norma Jeane mal podia esperar para dividir com Fleece e as outras garotas, para deixá-las com menos inveja.

Mas essa adoção, também, Gladys Mortensen havia bloqueado, na primavera de 1936. Não em pessoa, mas por meio de um administrador de Norwalk que disse à dra. Mittelstadt que a sra. Mortensen estava muito doente, com alucinações intermitentes, uma delas de que marcianos haviam aterrissado de espaçonaves para levar crianças humanas; outra de que o pai de sua filha queria levá-la para algum lugar secreto, onde ela, a mãe verdadeira da garota, nunca mais a veria.

— A única identidade dela é ser a mãe de Norma Jeane, e ela não tem força suficiente para abrir mão disso.

Mais uma vez Norma Jeane se escondeu para chorar. Mas essa foi mais do que um coração partido! Ela tinha dez anos, idade suficiente para ficar amarga e com raiva e sentir a injustiça de seu destino. Tinha sido sabotada e perdido *Mamita*, que a amava, pela mulher fria e cruel que nunca a havia permitido que a chamasse de Mamãe. *Ela não seria minha mãe. Ainda assim, ela nunca me deixaria ter uma mãe de verdade. Ela não me deixaria ter uma mãe, um pai, uma família, um lar de verdade.*

Havia uma passagem secreta no banheiro das garotas no terceiro piso. Se passasse rastejando, era possível chegar ao teto do orfanato e se esconder atrás de uma chaminé alta de tijolos manchados. À noite, o RKO em neon piscava apontando diretamente para esse ponto, se esticasse a mão e fechasse os olhos dava para sentir o calor da luz pulsando. Bufando, Fleece alcançou Norma Jeane para abraçá-la em seus braços fortes e magros como os de um garoto. Fleece, sempre com cheiro forte nas axilas e no cabelo oleoso,

Fleece, com suas formas brutas de consolar, como um cachorro grande. Norma Jeane começou a chorar, desamparada.

— Eu queria que ela estivesse morta! Eu a odeio *tanto*.

Fleece esfregou seu rosto quente no de Norma Jeane.

— É! Eu também odeio aquela vagabunda.

Elas planejaram, naquela noite, como escalariam até Norwalk para colocar fogo no hospital. Ou Norma Jeane teria inventado essa lembrança? Talvez tivesse sido um sonho. E ela estivera lá: as chamas, os gritos, a mulher nua correndo com o cabelo em chamas, e os olhos loucos embora lúcidos. Aqueles gritos! *Tudo o que eu fiz foi tampar os ouvidos. Fechei meus olhos.*

Anos mais tarde, ao visitar Gladys em Norwalk e falar com as enfermeiras do turno, Norma Jeane descobriria que, na primavera de 1936, Gladys tentara cometer suicídio “lacerando” os pulsos e a garganta com grampos de cabelo, e havia perdido “uma boa quantidade de sangue” antes de ser descoberta na sala dos aquecedores do hospital.

3.

11 de outubro de 1937

Querida Mãe,

Sou Ninguém! E você, quem é?

Você é — Ninguém — também?

Então somos duas!

Não fale sobre isso! Seríamos banidas — você sabe!

Este é meu poema favorito em seu livro, lembra do *Little Treasury of American Verse*? Tia Jess me trouxe e eu leio o tempo todo e penso em como você lia poemas para mim, eu amava tanto. Quando penso neles penso em você, Mãe.

Como você está? Penso em você o tempo todo e espero que esteja se sentindo bem melhor. Estou ótima e você se surpreenderia de ver como fiquei alta! Fiz muitos amigos aqui no Lar e na Escola Hurst. Estou no sexto ano e sou uma das garotas mais altas. Tem uma diretora muito gentil em nosso Lar e uma equipe legal. São rígidos às vezes, mas é necessário, porque somos muitos. Nós frequentamos a igreja e eu tenho cantado no coral. Você sabe que não sou muito musical!

Tia Jess vem me ver às vezes e me leva ao cinema, e às vezes tenho um pouco de dificuldade na escola, principalmente em aritmética, mas é *divertido*. Tirando a aritmética todas as minhas notas são Bs, eu tenho vergonha de dizer qual é minha nota de aritmética. Acho que o sr. Pearce também veio aqui me visitar.

Tem um casal muito gentil que são o sr. e a sra. Josiah Mount, que moram em Pasadena, onde sr. Mount é advogado e sra. Mount tem um jardim grande, quase todo de rosas. Eles me levaram para passear no domingo e para visitar a casa que é muito grande e com vista para uma lagoa. Sr. e sra. Mount estão pedindo que eu vá morar lá como filha deles. Eles estão torcendo que você diga Sim e eu também.

Norma Jeane não conseguia pensar em mais nada para escrever para Gladys. Mostrou a carta com timidez para a dra. Mittelstadt avaliar, e a dra. Mittelstadt a elogiou, dizendo que era uma “carta muito boa”, com apenas alguns erros que ela corrigiria, mas acreditava que Norma Jeane deveria terminar com uma oração.

Então, Norma Jeane acrescentou:

Estou orando por nós duas Mãe esperando que você me dê permissão para ser adotada. Eu a agradecerei do fundo do meu coração e orarei para Deus abençoá-la para sempre Amém.

Sua filha amorosa, Norma Jeane

Doze dias depois veio a resposta, a primeira e a última carta que Gladys Mortensen escreveria para Norma Jeane no Lar de Órfãos de Los Angeles. Uma carta em uma folha amarela arrancada de um caderno, em uma caligrafia trêmula e deitada como uma procissão de formigas cambaleantes:

Querida Norma Jeane, se você não tem vergonha de dizer que essa é você é aos olhos do Mundo—

Recebi sua carta imunda & enquanto eu viver & conseguir lutar contra este insulto nunca minha Filha será permitida pra adoção! Como é que ela pode ser “adotada” — ela tem a própria MÃE que está viva & estará bem & forte o suficiente pra levar de volta para casa logo.

Por favor não me insulte com estes pedidos pois são dolorosos & odiosos pra mim. Não tenho necessidade de seu Deus de merda nem de sua bênção ou maldição eu cago e ando! Espero que ainda tenha coisas pra cagar & uma bunda! Vou contatar um Advogado pode ter certeza de que vou guardar o que é meu até a Morte.

“Sua mãe amorosa” VOCÊ SABE QUEM

A maldição

— Olha o rabo daquela ali, a loirinha!

Ouvindo, ainda que corando e não ouvindo por indignação. Na El Centro voltando da escola para o Lar. Em sua blusa branca, macacão azul (que da noite para o dia ficou apertado no busto e nos quadris) e meias soquete brancas. Doze anos. Ainda que no coração não mais do que oito ou nove anos, como se seu crescimento verdadeiro tivesse cessado no momento em que fora expulsa do quarto de Gladys e correria nua e gritando, pedindo ajuda para estranhos. Correndo do vapor e da água escaldante e de uma cama em chamas feita para ser sua pira funerária.

Vergonha, vergonha!

Veio o dia. Segunda semana de setembro, quando mal tinha começado o sétimo ano. Norma Jeane não estava totalmente despreparada, embora descrente. Não tinha ouvido as garotas mais velhas falando disso por anos, e as piadas grosseiras dos garotos? Não se sentira enojada e ao mesmo tempo fascinada pelas “toalhinhas sanitárias” feias, manchadas de sangue, enroladas em papel higiênico, às vezes expostas, nas lixeiras dos banheiros das garotas?

Não tinha, quando obrigada a levar o lixo para os fundos do Lar, se sentido enojada com o fedor de sangue velho?

Uma maldição no sangue. Fleece estava sempre dizendo com um sorrisinho que *não dá para escapar.*

Mas Norma Jeane se jubilava no saber. *Sim, dá para escapar. Tem um caminho!*

Entre as amigas no Lar e na escola (pois Norma Jeane era amiga de crianças com famílias, lares “reais”) ela nunca falou *do caminho*

que era *o caminho da Ciência Cristã*, uma sabedoria revelada a ela por Edith Mittelstadt. Que Deus é Mente, e Mente é tudo, e a mera “matéria” não existe.

Que Deus nos cura através de Jesus Cristo. Se acreditamos inteiramente Nele.

Ainda assim, neste dia, um dia de semana no meio de setembro, em sua camisa de marinheiro e bermudas bufantes, ela sentiu um desconforto estranho na boca do estômago na aula de ginástica, jogando vôlei — Norma Jeane era uma das maiores garotas do sétimo ano, uma das melhores atletas, mesmo que, às vezes hesitante e desastrada por timidez, atrapalhando-se com a bola e deixando as outras impacientes, não desse para confiar em Norma Jeane, mas como ela tentava refutar essa avaliação, com determinação —, ainda assim, naquela tarde no calor mormacento do ginásio, ela deixou a bola cair ao sentir líquido quente escorrer pelas virilhas da bermuda; ficou tonta e com uma súbita dor de cabeça e depois, vestindo outra vez sua anágua, blusa e macacão no vestiário, resolveu ignorar o que quer que fosse; estava chocada, insultada; *isto não estava acontecendo com ela*.

— Norma Jeane, qual é o problema?

— O quê? Não tem problema nenhum.

— Você está com uma aparência meio... — a garota quis sorrir, quis ser empática, mas saiu intrometido, coercitivo — doente.

— Não tem nada de errado *comigo*, tem com *você*?

Saiu do vestiário trêmula de indignação. *Vergonha, vergonha! Mas em Deus não há vergonha*.

Voltou da escola correndo, evitando as amigas. Onde em geral caminhava com um grupo pequeno de garotas, Fleece e Debra Mae destacando-se entre elas, naquele dia certificou-se de ir sozinha, andando a passos rápidos com as coxas pressionadas uma contra a outra, como um pato, a virilha da calcinha ainda úmida, mas o

calor transbordando de sua genitália parecia ter cessado. *Ela o fizera parar por vontade própria! Recusara-se a ceder.* Seu olhar baixou para a calçada, não ouvindo os assobios e chamados dos garotos, garotos do ensino médio e outros ainda mais velhos, chegando aos vinte anos, atravessando a avenida El Centro.

— Nor-ma Jeane, é este seu nome, querida? Ei, Nor-ma Jeane!

Desejava que seu macacão não tivesse ficado tão justo. Jurou que perderia peso. Três quilos! Nunca seria gorda como algumas das garotas em sua turma, ou pesada como a dra. Mittelstadt, *mas a carne não é real, Norma Jeane. Matéria não é mente, e apenas a mente é Deus.*

Quando dra. Mittelstadt explicou cuidadosamente essa verdade, ela entendeu. Quando leu o livro de sra. Eddy, em especial o capítulo chamado “Oração”, entendeu parcialmente. Mas quando ficava sozinha, seus pensamentos se tornavam confusos como um quebra-cabeça caído no chão. Havia uma ordem ali, mas — como encontrá-la?

Nesta tarde, os pensamentos dentro da cabeça eram uma cascata de estilhaços de vidro. O que pessoas normais não esclarecidas chamavam de dor de cabeça não era nada além de ilusão, uma fraqueza; ainda assim, quando Norma Jeane atravessou as nove quadras da Hurst até o orfanato, sua cabeça martelava com tanta força que ela mal conseguia enxergar.

Desejando uma aspirina. Só uma aspirina.

Na enfermaria, uma mulher distribuía aspirinas rotineiramente para quem estivesse doente. Quando as garotas estavam “naqueles dias”.

Mas Norma Jeane jurou *não ceder.*

Era um teste de sua fé, uma provação. Jesus Cristo não havia dito *Teu Pai sabe o que te é necessário, antes que tu peças?*

Lembrou-se com nojo de como a mãe quebrava aspirinas para colocar no suco de frutas quando Norma Jeane era apenas bem pequena. E da garrafa ilícita sem rótulo com uma ou duas colheres de chá de “água medicinal” — vodca, devia ser — no copo de Norma Jeane. Quando ela tinha três anos — ou menos! —, pequena demais para se defender de um veneno assim. Drogas, bebida. O caminho da Ciência Cristã era repudiar todos os hábitos impuros. Um dia ela denunciaria Gladys por essas práticas tão cruéis contra uma criança inocente. *Ela queria me envenenar como envenenava a si mesma. Eu nunca usarei drogas e nunca beberei.*

No jantar, apesar de estar zozna de fome, enjoava ao tentar comer, macarrão ao molho de queijo, raspas queimadas da forma de assar, tudo que podia se forçar a comer era pão branco massudo, mastigando e engolindo lentamente. Mais tarde, limpando a mesa, quase derrubou uma bandeja cheia de louça e talheres, sendo salva apenas por uma garota que correu para segurar. E na cozinha abafada esfregando panelas e a chapa engordurada sob o olhar rabugento do cozinheiro, de todas as tarefas a mais nojenta, horrível como esfregar os vasos sanitários. Por dez centavos de dólar semanais.

Vergonha, vergonha! Mas vós triunfareis sobre a vergonha.

Quando enfim fosse liberada do orfanato, alocada em um lar temporário em Van Nuys, em novembro daquele ano, 1938, teria economizado vinte dólares e sessenta centavos em sua “conta”. Como presente de despedida, Edith Mittelstadt dobraria a quantia.

— Lembre-se de nós com bondade, Norma Jeane.

Às vezes, sim, muitas vezes, não. Um dia ela contaria a história de sua própria vida como órfã. Seu orgulho não seria comprado por tão pouco.

Com certeza eu não tinha orgulho algum! E vergonha alguma! Grata por qualquer palavra gentil ou encarada de qualquer homem.

Meu corpo jovem tão estranho para mim quanto um bulbo na terra inchando até explodir. Pois certamente ela estava bastante ciente de seus seios roliços que cresciam e das coxas engrossando, quadris, “rabo” — como era chamada aquela parte da anatomia feminina, com aprovação e uma espécie de afeto jocoso. *Que rabo delicioso. Olha só aquele rabo delicioso. Ah, gracinha! Quem é aquela? Cuidado que ela é menor, dá cadeia.* Assustada com tais mudanças no corpo, pois Gladys deveria saber, Gladys seria tão desdenhosa; Gladys que era tão magra e esbelta, Gladys admirava estrelas do cinema magras e “femininas” como Norma Talmadge, Greta Garbo, a jovem Joan Crawford e Gloria Swanson, não mulheres carnudas como Mae West, Mae Murray, Margaret Dumont. Já que não via Norma Jeane fazia tanto tempo, com certeza Gladys reprovaria seu *crescimento*.

Não ocorreu a Norma Jeane se perguntar qual era a aparência de Gladys depois de anos de encarceramento no hospital de Norwalk.

Desde a sua carta se negando a assinar documentos para adoção de Norma Jeane, Gladys não havia escrito mais nada. Muito menos Norma Jeane escrevera para ela, exceto para enviar, como de costume, cartões de Natal e aniversário. (Sem receber nada de volta! Mas como Cristo ensinou, é melhor dar do que receber.)

Norma Jeane, normalmente muito dócil e pouco assertiva, chocou Edith Mittelstadt com suas lágrimas raivosas. Por que sua mãe cruel, sua mãe doente, sua *mãe maluca doente cruel* podia arruinar sua vida? Por que a lei era tão idiota, deixando-a nas mãos de uma mulher em um sanatório que muito provavelmente não sairia de lá? Era injusto, era muito injusto, tudo isso apenas porque Gladys tinha inveja do sr. e da sra. Mount e *a* odiava.

— Mesmo depois que eu orei — disse Norma Jeane, soluçando.
— Eu fiz como você me falou e orei e orei.

Então, a dra. Mittelstadt falou com severidade para Norma Jeane, como poderia ter falado com qualquer órfão sob seu cuidado. Repreendendo-a por uma emoção “cega, egoísta”; por fracassar em ver, como *Ciência e saúde* deixava claro, que *oração não poderia mudar a Ciência de ser, apenas nos trazer mais harmonia para viver com isso*.

Então para que, Norma Jeane se exasperou em silêncio, servia oração?

— Sei que está frustrada, Norma Jeane, e muito magoada — disse Edith Mittelstadt, suspirando. — Eu mesma estou frustrada. Os Mount são pessoas tão boas... bons cristãos, se não devotos da Ciência Cristã... E gostam tanto de você. Mas sua mãe, veja bem, ainda está com a mente anuviada. Ela é claramente um tipo “moderno”... a “neurótica”... Está doente porque se deixa adoecer com pensamentos negativos. *Você* está livre para afastar tais pensamentos e deve agradecer a Deus por cada minuto de sua vida preciosa em que *está*.

Ela não precisava daquele Deus de merda para nada, sua bênção ou maldição.

Ainda limpando os olhos, infantil em emoções, assentindo enquanto a dra. Mittelstadt falava em seu tom persuasivo. Sim! Era assim.

A voz enérgica mas calorosa da diretora. Olhar penetrante. A alma brilhando em seus olhos. Mal dava para notar que o rosto dela estava tão sem viço e enrugado e cansado; mas de perto ficavam evidentes as manchas hepáticas nos braços flácidos, que ela não fazia tentativa alguma de esconder com mangas ou maquiagem como outra mulher poderia ter feito por vaidade; pelinhos duros se eriçavam em seu queixo. Com olhos de cinema, Norma Jeane via essas imperfeições aterradoras. Pois, na lógica do cinema, a estética tem a autoridade da ética: ser menos do que linda é triste, mas ser

voluntariamente menos do que bonita é imoral. Vendo a dra. Mittelstadt, Gladys teria sentido um calafrio. Gladys teria zombado dela pelas costas — e que costas largas eram, em sarja azul-marinho. Mas Norma Jeane admirava a dra. Mittelstadt. *Ela é forte. Ela não liga para o que outras pessoas pensam. Por que ligaria?*

— Eu fui induzida ao erro também — dizia a dra. Mittelstadt. — A equipe de Norwalk me induziu ao erro. Talvez não tenha sido culpa de alguém específico. Mas, Norma Jeane, nós podemos colocar você em um lar temporário excelente; não precisamos da permissão da sua mãe para isso. Vou encontrar uma casa devota da Ciência Cristã para você, querida; eu prometo.

Qualquer lar. Qualquer lar possível.

Norma Jeane murmurou, sensível:

— Obrigada, dra. Mittelstadt.

Limpou seus olhos vermelhos com um lenço que a mulher lhe ofereceu. Ela havia se tornado fisicamente menor, parecia; dócil de novo, com sua postura e voz de criança. Dra. Mittelstadt disse:

— Até este Natal, Norma Jeane! Com a ajuda de Deus, eu prometo.

Mais uma vez regozijava-se por saber que não poderia ser coincidência o nome do meio de Mary Baker Eddy ser *Baker*, e o último nome de Norma Jeane ser *Baker*.

Na escola, Norma Jeane buscou em um livro de referência por MARY BAKER EDDY e descobriu que a fundadora da Igreja da Ciência Cristã nascera em 1821 e morrera em 1910. Não na Califórnia, mas isso não fazia diferença: as pessoas atravessavam o continente de trem e avião o tempo todo. O primeiro marido de Gladys, “Baker”, foi um homem que havia viajado para fora da vida de Gladys, e era possível — provável? — que fosse aparentado com

sra. Eddy, por que sra. Eddy teria o nome do meio “Baker” se ela, também, não fosse uma Baker em algum nível?

No universo de Deus, como em qualquer quebra-cabeça, não há coincidências.

Minha avó era Mary Baker Eddy.

Minha avó adotiva, quero dizer.

Porque minha mãe se casou com o filho da sra. Eddy.

Ele não era meu “pai” de fato, mas me adotou.

Mary Baker Eddy era a mãe do meu padrasto

sogra de minha mãe,

mas ela não conhecia a sra. Eddy.

Em pessoa, quero dizer.

Não conheci a sra. Eddy

que é a fundadora da

Igreja da Ciência Cristã.

Ela morreu em 1910.

Eu nasci em 1º de junho, 1926.

Este fato eu sei.

Encolhia-se diante dos olhares dos garotos mais velhos. Tantos olhares! E sempre esperando. A escola de ensino fundamental ficava ao lado da de ensino médio, e ir para a escola passou a ser totalmente diferente de como era no sexto ano.

Norma Jeane se escondia no meio das outras garotas. Era o único jeito. Em seu macacão azul justo no busto e quadris, onde subia e embolava a bainha. Mas e se a anágua aparecesse? Era preciso usar uma anágua, e as alças se torciam e sujavam. As axilas tinham que ser lavadas duas vezes ao dia. E às vezes não era suficiente. A piada na escola era que *órfãos fedem!* E um rapaz

beliscando o próprio nariz fazendo careta sempre garantia gargalhadas.

Mesmo as crianças do orfanato riam. As que sabiam que não se aplicava a elas em particular.

Piadas cruéis sobre garotas. Seu cheiro especial. *A maldição. A maldição de sangue.* Ela não pensaria nisso, ninguém poderia forçá-la a pensar nisso.

Por semanas ela havia adiado pedir um macacão maior, porque a mulher faria algum comentário zombeteiro. *Vai ser das grandes, hein? Aposto que é de família.*

Era preciso ir até a enfermaria para pedir “toalhas sanitárias”. Todas as garotas mais velhas iam. Mas Norma Jeane, não. Assim como não imploraria por aspirina. Medidas assim não se aplicavam a ela.

Uma coisa eu sei: eu era cego, agora eu vejo.

Essas palavras do Novo Testamento, no Evangelho segundo João, Norma Jeane sussurrava com frequência para si mesma. Como a dra. Mittelstadt na privacidade de seu escritório havia lido pela primeira vez para ela a respeito da cura tão simples do homem cego por Jesus. *Jesus cuspiu no chão e fazendo um pouco de argila e passando nos olhos do cego, e os olhos do cego se abriram.* Muito simples. Se você tiver fé.

Deus é Mente. A Mente só cura. Se você tiver fé, tudo será dado a você.

Ainda assim — ela nunca contaria isso à dra. Mittelstadt, ou para as amigas! — havia um devaneio que ela amava, um devaneio que se repetia continuamente em sua cabeça como um filme que nunca cessa, de rasgar suas roupas para ser *vista*. Na igreja, no salão de jantar, na escola, na avenida El Centro com seu tráfego barulhento. *Olhe para mim, olhe para mim, olhe para mim!*

Sua Amiga Mágica não temia. Apenas Norma Jeane temia.

Sua Amiga-no-Espelho que dava piruetas com sua nudez, dançava como uma havaiana, balançava os quadris e peitos, sorria sorria, exultava na nudez perante a Deus como uma cobra exulta em sua pele sinuosamente brilhante.

Pois eu seria menos solitária assim. Mesmo se vocês todos me insultassem.

Você não poderia olhar para lugar algum exceto para MIM.

— Ei, olha só a Ratinha. Uma gra-ça.

Uma delas havia encontrado um estojinho de pó compacto perfumado cor de pêssego, o pó estava todo quebrado e a esponja, bastante suja. Outra havia encontrado um batom, coral-rosado cintilante. Itens preciosos assim eram “encontrados” na escola ou nas lojas Woolworth’s, onde desse sorte. Cosméticos eram proibidos no Lar para garotas com menos de dezesseis anos, mas essas garotas se escondiam para passar pó em seus rostos brilhantes de tanto lavar e batom na boca. Havia Norma Jeane encarando o próprio rosto no espelho turvo do estojinho de pó. Sentindo uma pontada de culpa, ou de empolgação, aguda como a dor no meio das pernas. Não que o rosto dela fosse o único bonito, mas era *o rosto dela* que era bonito.

Essas garotas riam dela. Ela ficava vermelha, odiando ser alvo de provocações. Bem, ela amava ser alvo de provocações. Mas isso era novidade, uma novidade assustadora que ainda era uma interrogação para ela. Ela dizia, surpreendendo as amigas, pois não era do feitio da Ratinha agir com tanta raiva:

— Eu odeio. Odeio como é falso. Odeio o *sabor*. — E então espalhava com os dedos para enfraquecer o pó e esfregava os lábios para limpar o tom coral.

Mas o sabor ceroso e doce perdurava por horas noite adentro.

Orava, orava, orava, *orava*. Para a dor atrás de seus olhos e a dor entre as pernas cessarem. Para o sangramento (se era sangramento) cessar. Recusando-se a deitar na cama porque ainda não era a hora de dormir, porque deitar seria ceder. Porque as outras garotas adivinhariam. Porque a reivindicariam como uma delas. Porque ela não era uma delas. Porque tinha fé, e fé era tudo que tinha. Porque tinha que fazer as lições de casa. Eram muitas! E ela era uma aluna lenta e hesitante. Sorria de medo mesmo quando estava sozinha e não havia professor para ser agradado.

Agora ela estava no sétimo ano. Tinha aulas de matemática. As lições de casa eram um ninho de nós para ser desfeito. Mas se desfizesse um, havia outro; se desfizesse este, havia outro. E cada problema era mais difícil do que o anterior.

— Mas que *maldição*. — Gladys certa vez fizera um nó que não se desfazia, então pegara uma tesoura e *snip! snip!* Na corda. Como escovar nós emaranhados do cabelo de sua filhinha, *Mas que maldição*, às vezes é mais fácil só pegar as tesouras e *snip!*

Só faltavam vinte minutos para o apagar das luzes às nove! Ah, ela estava ansiosa. Depois de terminar a limpeza da cozinha, panelas engorduradas e nojentas, ela se escondera em uma das cabines do banheiro e enfiara papel higiênico na calcinha sem olhar. Mas àquela altura o papel higiênico estava inundado com o que ela se negava a aceitar que era sangue. Nunca enfiaria um dedo ali dentro! Ah, isso era nojento. Fleece, imprudente, exibida e desagradável, Fleece sob uma escadaria enquanto garotos desciam numa trovoada, enfiada num canto para enfiar o dedo por baixo da saia e dentro da calcinha. “Ei, Abbott!”, vendo que a menstruação havia descido. Fleece ergueu a ponta do dedo brilhando em vermelho para que as outras garotas vissem, escandalizadas e rindo. Norma Jeane havia fechado os olhos, prestes a desmaiar.

Mas eu não sou Fleece.

Não sou igual a vocês.

Em segredo, Norma Jeane frequentemente ia aos lavatórios no meio da noite. Enquanto as outras dormiam. Era emocionante estar acordada tão tarde. Acordada e sozinha àquela hora. Como anos antes, Gladys também espreitava dentro da noite como uma grande gata inquieta sem conseguir ou querer dormir. Cigarro em mãos, e talvez uma bebida, e com frequência terminaria no telefone. Era uma cena de filme compreendida através das piscadas sonolentas de uma criança dormindo. *Ei: o-lá. Pensando em mim? É, claro. Ah, é? Quer fazer algo para resolver isso? Aham. Seu desejo é uma ordem. Mas eu não estou sozinha em casa, entende o que quero dizer?* Em momentos assim, o banheiro fedorento e escuro era um lugar emocionante como um cinema antes de as luzes se apagarem, as cortinas se abrirem e o filme começar, mas apenas se Norma Jeane achasse que estava sozinha em segurança. Tirava a camisola como quem remove uma capa, um manto, como as fantasias coladas eram tiradas em filmes, e uma trilha sonora sutil pulsava ao fundo enquanto sua Amiga Mágica era revelada, como se escondida sob figurino sem graça, apenas esperando para ser revelada. A garota-que-era-Norma-Jeane, mas não-Norma-Jeane, uma estranha. Uma garota muito mais especial do que Norma Jeane jamais poderia ser.

A surpresa era que onde uma vez ela tivera braços magros e peitos pequenos e retos como um garoto, agora estavam “ganhando forma”, como era dito com aprovação, peitos pequenos e duros ficando maiores muito rápido, mais cheios de movimento e a tez de uma palidez creme tão estranhamente macia. Em suas mãos em concha ela segurava ambos os seios, observando e se maravilhando: que incrível, os mamilos e a pele macia e marrom ao redor dos mamilos; a maneira como endureciam, como se arrepiavam; e como era peculiar que garotos também tivessem mamilos; não seios, mas mamilos (que nunca usariam, pois apenas uma mulher poderia dar

de mamar); e Norma Jeane sabia (tinha sido forçada a ver inúmeras vezes) que garotos tinham pênis — “coisas”, como eram chamados, “paus”, “cacetes” —, pequenas salsichas penduradas entre as pernas, e isso os definia como garotos, e seres importantes, já que garotas não poderiam ser importantes; e ela não tinha sido obrigada a ver (mas isso era uma lembrança turva, não dava para confiar) as “coisas” gordas e túrgidas e quentes e úmidas dos homens adultos amigos de Gladys muito tempo antes?

Quer tocar, queridinha? Ele não morde.

— Norma Jeane? Ei.

Era Debra Mae, cutucando suas costelas. Onde ela estava dobrada num ângulo esquisito sobre a mesa toda riscada arquejando pela boca. Era possível que tivesse desmaiado, mas apenas por um instante. A dor que não sentiu e o infiltrar de sangue morno que não era dela. Com fraqueza, ela afastou a mão da garota, mas Debra Mae soltou:

— Ei, você ficou maluca? Você está sangrando, não está vendo? Sangrou na cadeira toda. *Je-sus*.

Vermelha de vergonha, Norma Jeane se levantou com dificuldade. A tarefa de matemática caiu no chão.

— Vai embora. Me deixe em paz.

— Olha — disse Debra Mae —, é *real*. Cólicas são *reais*. Sua menstruação é *real*. Sangue é *real*.

Norma Jeane cambaleou para fora da sala de estudos, a visão cega, turva. Uma gota de sangue escorria pela parte interna da coxa. Ela vinha orando e mordendo o lábio, determinada a não ceder. Não ser tocada e não ser digna de pena. Atrás dela, ouvia vozes. Escondeu-se sob uma escada. Em um armário. Em um dos lavatórios. Saiu por uma janela quando ninguém estava olhando. Rastejando de quatro para o topo do teto. O céu noturno abrindo

sulcado de nuvens, e um quarto de lua pálido além, e o ar fresco, e quilômetros de distância as luzes do RKO brilhando. *A Mente é a única Verdade. Deus é Mente. Deus é Amor. Amor Divino sempre atendeu e sempre atenderá todas as necessidades humanas.* Tinha alguém chamando seu nome? Ela não ouvia. Estava inundada com certeza e júbilo. Ela era forte, e seria mais forte. Sabendo que tinha o poder em si para suportar toda dor e medo. Sabendo que era abençoada, o Amor Divino enchendo seu coração.

A dor latejante em seu corpo já se tornava remota — como se pertencesse a outra garota, uma mais fraca. Ela estava se livrando disso pelo poder da vontade! Escalando o telhado íngreme e céu adentro, onde nuvens agrupavam-se como degraus que levavam para cima, perfuradas pela luz do sol se pondo a oeste bem no cantinho do horizonte. Um passo em falso, um momento de dúvida, e ela poderia cair no chão, manca como uma boneca quebrada, mas isso não aconteceria, *era minha vontade que não acontecesse*, e não aconteceu. Ela previu que, deste ponto em diante, assumiria as rédeas da própria vida desde que o Amor Divino inundasse seu coração.

Até o Natal, haviam lhe prometido. Para que lado fica o novo lar de Norma Jeane?

A garota
1942-1947

O tubarão

Havia a forma do tubarão antes que houvesse o tubarão. Havia o silêncio das profundezas da água verde. O tubarão deslizando pelas profundezas da água verde. Eu, provavelmente, estava submersa, distante das ondas, mas não nadando, meus olhos abertos, ardendo do sal — eu era uma boa nadadora naqueles dias, meus namorados me levavam para Topanga Beach, Will Rogers, Las Tunas, Redondo, mas as minhas favoritas eram Santa Mônica e Venice Beach, “praia dos músculos”, onde os fisiculturistas e surfistas bonitões ficavam —, e ali estava eu encarando o tubarão, a forma do tubarão, deslizando em água escura, então eu não poderia ter adivinhado o tamanho ou nem mesmo o que era.

Quando se menos espera, o tubarão salta. Deus deu a ele mandíbulas imensas, potentes, fileiras de dentes ferozes e cortantes.

Uma vez eu vi um tubarão ferido ainda com vida, sangrando no píer em Hermosa. Meu noivo e eu. Tínhamos acabado de noivar, eu tinha quinze anos, era só uma garota. Meu Deus, como eu estava feliz!

Sim, mas a mãe, você sabe que a mãe está em Norwalk.

Não estou casando com a mãe, estou casando com Norma Jeane.

Ela é uma boa moça. Parece. Mas isso nem sempre fica claro assim tão jovem.

O que não fica claro?

O que poderia acontecer depois. Com ela.

Eu não ouvi! Não estava escutando. Deixe-me dizer que eu estava no sétimo círculo do paraíso, noiva aos quinze anos e alvo da inveja de todas as garotas que conhecia, e eu me casaria logo depois do meu aniversário de dezesseis anos em vez de voltar para o ensino

médio por mais dois e com os Estados Unidos em guerra, como em *A guerra dos mundos*, quem sabia se haveria um futuro?

“Hora de se casar”

1

— Norma Jeane, sabe o que eu acho? Que está na hora de você *se casar*.

Essas felizes palavras surpresas simplesmente brotaram, como ligar o rádio e ouvir uma voz cantando. Ela não as havia planejado com exatidão. Não era mulher de planejar o que dizer. Ela sabia o que queria dizer quando ouvia de sua própria boca. Era raro que se arrependesse de qualquer coisa dita, pois sua intenção era simplesmente dizer aquilo. Não era? E então uma vez que está dito, está dito. Abriu com um empurrão a porta de tela nos fundos da casa, onde haviam montado a tábua de passar, e a garota passava roupa, a maior parte da cesta já vazia e as camisas de mangas curtas de Warren penduradas em cabides, e havia Norma Jeane sorrindo para Elsie, sem ouvi-la muito bem, ou, se ouvindo, não absorvendo, ou, se absorvendo, imaginando que fosse uma das piadas de Elsie. Norma Jeane de shorts curtos, frente única de poá, com um decote revelando a pálida parte de cima dos seios roliços, de pés descalços, um brilho de transpiração na tez, pelos loiros por toda a perna e penugem nas axilas, e o cabelo loiro-escuro com cachos e alguns fios arrepiados amarrado para trás em um dos lenços velhos de Elsie. Que garota bela e ensolarada era esta daí, diferente das outras que, à chegada de qualquer um com um sorriso determinado, ficavam encarando e se encolhiam como se esperassem apanhar, sim, houvera algumas crianças, mais novas, tanto meninos quanto meninas, que molhavam as calças quando alguém falava com elas

de forma inesperada. Mas Norma Jeane não era assim. Norma Jeane não era como qualquer pessoa que haviam recebido.

Esse era o problema. Norma Jeane era um caso especial.

Dezoito meses com eles, compartilhando um quarto no sótão do segundo andar com a prima de Warren, uma jovem que trabalhava na Radio Plane Aircraft, a empresa de aviação. Desde o início haviam gostado dela. Até se poderia dizer, embora talvez fosse um exagero, mas por pouco não se poderia dizer que a amavam. Muito diferente da meia dúzia de crianças enviadas pelo condado. Silenciosa, mas atenta e de sorriso rápido, ria de piadas (e havia um monte de piadas na residência Pirig, pode apostar!), nunca deixava de fazer suas tarefas e às vezes as das outras crianças, mantinha a sua metade do sótão arrumada e a cama feita do jeito que havia sido ensinado no Lar, e baixava o olhar para orar para si mesma antes das refeições se ninguém mais orasse, e a prima de Warren ria dela, dizendo que ela ficava ajoelhada na frente da cama orando tanto que parecia até que seu pedido para Deus, seja lá qual fosse, chegaria na hora. Mas Elsie nunca ria de Norma Jeane. Essa garota de nervos tão frágeis, se houvesse um simples rato agonizando em uma ratoeira e arrastando-se pelo piso da cozinha, ou se Warren amassasse uma barata com o pé, ou se a própria Elsie desse um golpe forte e matasse uma mosca com o mata-moscas, ela encararia como o fim do mundo, isso sem falar de como ela sairia do recinto se houvesse conversas sobre algo doloroso (como certos detalhes das notícias da Guerra, homens enterrados vivos na marcha da morte depois de Corregedor), e naturalmente ela agia com nojo ao ajudar Elsie a limpar e depenar frangos, mas Elsie nunca ria. Elsie sempre quis uma filha e Warren nunca estivera cem por cento convencido em receber crianças como lar temporário, exceto pelo dinheiro. Warren era o tipo de homem que queria filhos que fossem sangue dele ou então filho nenhum, mas só tinha coisas boas para

dizer a respeito de Norma Jeane também. Então como jogar essa bomba nela agora?

Como torcer o pescoço de um gatinho! Mas Deus sabia que precisava ser feito.

— É. Eu tenho pensado. É hora de você se casar.

— Tia Elsie, como? O quê?

Havia alguém berrando do pequeno rádio plástico no corrimão da varanda, parecia — quem era? — Caruso. Elsie fez o que nunca faria, desligou o rádio.

— Já pensou nisso? Casar? Você vai fazer dezesseis anos em junho.

Norma Jeane sorria para Elsie, perplexa, o pesado ferro suspenso no ar. Até surpresa, a garota era inteligente o suficiente para erguer o ferro quente da tábua.

— *Eu* me casei, quase jovem assim. Havia circunstâncias especiais no meu caso também.

— Ca-casada? — perguntou Norma Jeane. — Eu?

— Bem — Elsie riu —, não seria *eu*. Não estamos falando de *mim*.

— Mas... eu não tenho nenhum namoro firme.

— Você tem namorados demais.

— Mas nenhum *firme*. Não estou *a-apaixonada*.

— Apaixonar? — Elsie riu. — Você pode se apaixonar. Com sua idade, você pode se apaixonar bem rápido.

— Você está brincando, não está? Tia Elsie? Acho que está me provocando?

Elsie franziu a testa. Atrapalhando-se à procura de cigarros no bolso. Ela estava com as pernas pálidas marcadas de varizes e gordas nos joelhos, mas ainda em forma daí para baixo, e os pés em pantufas. Seu vestido de usar em casa tinha botões quase explodindo na frente, era de algodão barato e não muito limpo.

Suando mais do que gostaria, com axilas fedorentas. Ela não estava acostumada a ter sua palavra questionada naquela residência, exceto por Warren Pirig, então seus dedos se reviravam de forma perigosa. *E se eu der um tapa na sua cara, sua vadiazinha esperta posando com cara de inocente?*

Havia tanta raiva nela de repente! Embora soubesse, é claro que sabia, que não era culpa de Norma Jeane. A culpa era de seu marido, e mesmo aquele pobre desgraçado era meio inocente.

Assim ela acreditava. Julgando pelo que tinha visto. Mas talvez não tivesse visto tudo?

O que ela tinha visto, o que ela vinha vendo por meses até enfim não conseguir continuar vendo sem perder o respeito por si, era Warren olhando a garota. E Warren Pirig não era de olhar quem quer que fosse. Falando com alguém, ele lançava o olhar para um canto, como se a pessoa não fosse digna porque ele já a tinha visto antes e sabia quem era. Mesmo com os parceiros de bebidas de quem ele gostava e respeitava, estaria olhando para algum outro lugar pela maior parte do tempo, como se não houvesse nada exatamente a ver, nada que merecesse o esforço. E Warren era um homem com visão avariada no olho esquerdo, dos tempos de boxe amador no Exército dos Estados Unidos nas Filipinas, e visão perfeita no olho direito, então ele se negava a usar óculos dizendo que “ficavam no caminho”. Justiça seja feita a Warren, ele tampouco olhava para si mesmo, ao menos não com cuidado. Estava sempre muito apressado para se barbear na maior parte do tempo, ou sequer colocar camisas limpas, a não ser que Elsie as separasse para ele e jogasse as camisas sujas na lavanderia onde ele não poderia pescá-las de volta; para um homem que era vendedor, mesmo que fosse de ferro velho e pneus usados e alguns carros e caminhões de segunda mão, Warren não tinha a tal preocupação com a impressão que causava. Quando jovem e magro e uniformizado, até que estava

bonito quando Elsie o vislumbrou pela primeira vez aos dezessete anos em São Fernando, mas havia muito tempo deixara de ser jovem e magro e uniformizado.

Talvez Joe Louis ou Roosevelt, parado diante de Warren Pirig conquistasse sua atenção. Mas nenhuma pessoa comum, e com certeza garota alguma de quinze anos.

Elsie viu os olhos do homem seguindo a garota como o ponteiro de uma bússola seguindo o norte. Ela viu o homem encarando-a como nunca havia encarado outra criança enviada para aquela casa, a não ser que estivessem aprontando ou prestes a aprontar alguma. Mas Norma Jeane, o homem estava olhando para *ela*.

Não nas refeições. Elsie notou isso. Perguntava-se, era deliberado? O único momento em que todos estavam sentados juntos, encarando-se mutuamente em um ambiente próximo. Warren era um homem grande, comia muito, e refeições eram para comer, não tagarelar, como ele dizia, e Norma Jeane, em geral, ficava quieta à mesa, rindo das piadas de Elsie mas sem puxar assunto, tinha aprendido a se comportar como uma mocinha à mesa no Lar, mas ali esses modos se tornavam, meio cômicos, Elsie pensava, na residência Pirig, então ela ficava meio que parada e tímida, embora comesse tanto quanto qualquer um exceto por Warren. Então, nesses ambientes de maior proximidade, Warren parecia nunca olhar para Norma Jeane, como nunca olhava para ninguém, com frequência lendo o jornal que dobrava em uma única tira vertical; não era grosseria exatamente, só o jeito de Warren Pirig. Apesar disso, em outros momentos, mesmo com Elsie por perto, Warren observava a garota como se não soubesse o que estava fazendo, e era este desamparo nele, uma espécie de olhar doentio afogando-se em seu rosto — aquele rosto surrado, como terreno montanhoso em um mapa — que ficou gravado em Elsie, de forma que ela começou a ruminar aquilo mesmo quando não se

dava conta de que estava pensando em qualquer coisa que fosse. Elsie não era de ficar alimentando esses pensamentos, havia parentes com quem brigava fazia vinte anos e amigas da rua com quem tinha cortado relações, mas podia-se dizer que não gastava muito tempo pensando a respeito de qualquer uma dessas pessoas; nem um segundo sequer. Mas agora havia uma área turva em seu cérebro que era seu marido e a garota, e isso criava certo ressentimento nela, porque Elsie Pirig não era ciumenta e nunca havia sido porque tinha orgulho demais para isso. Porém, agora, notava-se revirando as coisas da garota no quarto no sótão quente como um forno já em abril, as vespas zunindo sob os beirais, e tudo que encontrou foi o diário de couro vermelho que Norma Jeane já tinha mostrado a Elsie, orgulhosa do presente da diretora do orfanato de Los Angeles; Elsie havia folheado o diário, as mãos de fato trêmulas (ela! Elsie Pirig! Esta não era ela!), apavorada de ver algo que não queria, mas não havia nada de interessante no diário de Norma Jeane ou, em todo caso, nada que Elsie em sua pressa tivesse tempo de ponderar. Havia poemas, provavelmente copiados de livros ou coisas que tinha recebido na escola, escritos com cuidado na caligrafia escolar de Norma Jeane:

Havia um pássaro tão alto ao léu
Ele não mais podia dizer: “Aqui é o céu”
Havia um peixe no mar tão fundo a existir
Ele não mais podia dizer: “Não há mais aonde ir”

E também:

Se um cego pode *ver*
O que de *mim* dizer?

Elsie gostava desse mas não conseguia decifrar os outros, em especial, quando não rimavam como um poema deveria rimar.

Porque eu não poderia parar para Morte
Ele gentilmente parou por mim;
A carruagem esperando mas só cabíamos nós mesmos
E Imortalidade.

Ainda menos compreensíveis eram, o que Elsie supôs, orações da Ciência Cristã. A pobrezinha parecia acreditar mesmo nas coisas que tinha copiado, uma única página para cada oração:

Pai nosso, que estais no Céu
Deixai-me juntar ao Vosso ser perfeito
Em tudo que é Eterno — Espiritual — Harmonioso
E permita que o Amor Divino resista a todo o Mal
Pois o Amor Divino é Eterno
Ajudai-me a amar como Vós ameis
Não há DOR
Não há DOENÇA
Não há MORTE
Não há MÁGOA
Há apenas AMOR DIVINO ETERNO.

Como qualquer um conseguia entender isso tudo e, sobretudo, acreditar? Talvez a mãe com problemas psiquiátricos fosse da Ciência Cristã e foi daí que a garota aprendeu; não dava para não se perguntar se coisas como essa foram o que fez a pobre mulher enlouquecer ou se, já não muito certa das ideias, a pessoa se agarrava a coisas assim para salvar a própria vida. Elsie virou outra página e leu:

Pai nosso, que estais no Céu
Obrigada por minha família nova!
Obrigada por Tia Elsie, que amo tanto!
Obrigada por sr. Pirig, que é gentil comigo!
Obrigada por este Lar novo!
Obrigada pela escola nova!
Obrigada pelos amigos novos!
Obrigada pela minha vida nova!
Ajudai minha Mãe a ficar Bem outra vez
E que a Luz Perpétua brilhe sobre ela
Todos os dias de sua vida
E ajudai minha Mãe a me Amar
De forma que não queira me ferir!
Obrigada, Pai nosso, que estais no Céu, AMÉM

Rapidamente Elsie fechou o diário e o enfiou de volta na gaveta de roupa íntima de Norma Jeane. Sentia como se alguém tivesse chutado sua barriga. Não era o tipo de mulher que remexia as coisas dos outros e odiava bisbilhoteiros e, Deus do céu, era uma mágoa que Warren e a garota a haviam levado a isso. Descendo a escada estreita, estava tão agitada que quase caiu. Tinha se decidido a dizer para Warren que a garota precisava ir.

Ir para onde?

Para o raio que o parta, eu não me importo. Mas para fora desta casa.

Você ficou louca? Mandar a garota de volta para o orfanato sem motivo algum?

Você quer que eu espere que surja um motivo, seu filho da puta?

Chame Warren Pirig de filho da puta mesmo se estiver com os olhos lacrimejando de dor e correrá o risco de receber um soco na cara; ela certa vez o vira (Warren estava bêbado e tinha sido

provocado; tinha sido por essas circunstâncias especiais que ela o havia perdoado) derrubar com o peso do corpo uma porta trancada. Warren pesava 104 quilos da última vez que o médico checkou, e Elsie, de 1,57 metro, pesava pouco menos de 45. Imagine o estrago!

Como dizem no boxe, uma luta desequilibrada.

Então Elsie decidiu não tocar no assunto. Mantendo a distância dele como uma mulher já injustiçada. Como aquela música de Frank Sinatra que tocava muito no rádio, “I’ll Never Smile Again”. Warren estava trabalhando doze horas por dia rebocando pneus estragados por todos os lados de East L.A. até uma fábrica da Goodyear em que compravam borracha de descarte que, em 6 de dezembro de 1941, um dia antes de Pearl Harbor, não valia cinco centavos por meio quilo. (Elsie perguntou, empolgada: “Então, quanto estão pagando agora?” E Warren olhou para algum ponto acima da cabeça dela e disse: “Só o suficiente para valer a pena”. Estavam casados havia 26 anos, e Elsie ainda não sabia o quanto Warren ganhava por ano em lucro real.) Isso queria dizer que Warren ficava fora de casa o dia todo e quando voltava para o jantar não estava com o menor humor para papo furado, como ele descrevia, lavava o rosto e as mãos e o braço até o cotovelo e pegava uma cerveja do congelador, e se sentava para comer e comia e empurrava a cadeira da mesa quando terminava e poucos minutos depois já dava para ouvir os roncos dele, jogando-se na cama tendo tirado apenas as botas. Se Elsie estava mantendo distância de Warren, indignada e de boca fechada, Warren não notava.

E no dia seguinte era dia de lavar roupa: o que significava que Elsie segurava Norma Jeane em casa por uma parte da manhã, impedindo-a de ir à escola, para ajudá-la com a máquina de lavar Kelvinator que vazava e a centrífuga, que sempre se enroscava e travava, e para carregar cestos de roupas até o varal para pendurar no quintal (sim, era contra as leis do condado fazer uma criança

faltar a escola para propósitos assim, mas Elsie sabia que podia confiar que Norma Jeane nunca sussurraria uma palavra, ao contrário de uma ou duas vadias ingratas que a haviam denunciado para autoridades anos antes), e não era o momento certo de trazer um assunto tão grave à tona, não quando Norma Jeane, animada e suada e sem reclamar como de costume, estava fazendo a maior parte do trabalho. Mesmo cantando para ela própria em sua doce voz ofegante, as músicas mais tocadas da semana no *Your Hit Parade*. Lá estava Norma Jeane, estendendo lençóis úmidos com braços magros surpreendentemente musculosos e os prendendo ao varal, enquanto Elsie em um chapéu de palha para proteger os olhos do sol, um Camel queimando entre os lábios, arfava como uma velha mula cansada. Diversas vezes também, Elsie teve que deixar Norma Jeane para entrar em casa e usar o banheiro ou tomar um pouco de café ou fazer uma ligação, apoiada na bancada da cozinha observando a garota de quinze anos pendurando roupas na ponta dos pés como uma dançarina: aquela bundinha adorável, até Elsie que não era lésbica conseguia apreciar.

Marlene Dietrich eles diziam que era lésbica. Greta Garbo. Mae West?

Olhando Norma Jeane nos fundos de casa se engalfinhando com as roupas para lavar. Palmeiras em frangalhos, a sujeira de folhagem no chão. A garota pendurando cuidadosamente no varal as imensas camisas esportivas de Warren. E as bermudas de Warren grandes o suficiente, quando a brisa as atingia em certo ângulo que praticamente as enroscava na cabeça da garota. Que inferno, Warren Pirig! O que havia entre Norma Jeane e ele? Ou será que estava tudo na cabeça de Warren, naquele desejoso olhar doentio e idiota que Elsie não via nele, ou em homem algum, em vinte anos? Era natureza pura, um homem perdendo a consciência. Não se podia culpá-lo, podia? Ninguém se culparia. Ainda assim: ela era a

esposa do homem, tinha que se proteger. Uma mulher precisa se proteger de uma garota como Norma Jeane. Pois lá estaria Warren se aproximando da garota por trás naquele jeito estranhamente gracioso que não se esperava de um homem daquele tamanho, a não ser que se lembrasse que ele havia sido boxeador, e boxeadores precisam de pés rápidos. Warren pegando as nádegas da garota como melões gêmeos em suas mãos grandes, e ela se vira para ele surpresa, e ele enterra o rosto em seu pescoço, e os longos cachos loiro-escuros caem como uma cortina sobre a cabeça dele.

Elsie sentia a tempestade na boca do estômago.

— Como eu posso mandar a garota embora? — disse ela em voz alta. — Nunca vamos conseguir outra como ela.

Quando toda a roupa estava pendurada nos varais, perto das 10h30, Elsie mandava Norma Jeane para a Escola Van Nuys com uma desculpa pronta para o diretor sobre seu atraso.

Por favor, desculpe minha filha, Norma Jeane, ela foi requisitada por sua mãe para levá-la a uma consulta médica eu não me sentia bem o suficiente para fazer sozinha o caminho de ida e de volta.

Era uma desculpa original, que Elsie nunca tinha usado. Ela não queria abusar dos problemas de saúde de Norma Jeane; alguém na escola poderia querer se intrometer caso Norma Jeane se ausentasse das aulas muito frequentemente com o que Elsie descrevia como “enxaqueca” ou “cólicas fortes”. (Dor de cabeça e cólicas eram legítimas na maior parte do tempo. A pobre Norma Jeane sofria muito em seus dias, como Elsie jamais havia sofrido naquela idade — ou qualquer idade. Deveriam levá-la a um médico provavelmente. Se ela fosse. Deitada no andar de cima na cama ou no andar de baixo no sofá de vime para ficar perto de Elsie, arfando e gemendo, e às vezes chorando um pouquinho, pobre criança, uma

garrafa de água quente na barriga (que parecia que a Ciência Cristã permitia), mas, sem que Norma Jeane soubesse, Elsie amassava uma aspirina em suco de laranja para ela, o máximo de aspirina que conseguiria disfarçar, pobrezinha, tão doce e burra, levada a acreditar que remédios eram “antinaturais” e que Jesus a curaria com fé suficiente. Claro, assim como Jesus curaria seu câncer, ou faria crescer perna nova se a antiga explodisse, ou restauraria a visão perfeita de um olho com dano na retina como o de Warren. Como se Jesus fosse resolver tudo para as crianças mutiladas nas fotos da *Life*, vítimas da *Luftwaffe* de Hitler!

)

Então Norma Jeane foi para a escola enquanto as roupas secavam no varal. Não havia muita brisa, mas era um dia seco de sol quente. Elsie nunca deixava de se surpreender com o fato de que no exato momento em que Norma Jeane terminava as tarefas domésticas, um dos seus namorados parava com o carro na calçada, buzina, e lá ia Norma Jeane, toda sorrisos e cachos saltitantes. Como este garoto num calhambeque barulhento (parecia um pouco velho demais para o ensino médio, Elsie pensou, espiando pelas persianas) sequer sabia que Norma Jeane havia faltado o colégio naquela manhã? Será que a garota mandava sinais psíquicos? Era algum tipo de radar sexual? Ou (Elsie não queria pensar) será que era um cheiro real, como o de uma cadela no cio, e todos os malditos cachorros na vizinhança apareciam arquejando e revirando o lixo?

Os homens perdem a consciência. Não dá para culpá-los, dá?

Às vezes, mais de um aparecia para levar Norma Jeane de carro até a escola. Rindo como uma garotinha, ela lançava uma moeda para ver em qual carro, com qual rapaz, ir.

Um mistério do diário de Norma Jeane era que *nem sequer um único nome masculino estava listado*. Mal havia nomes, exceto o dela

e o de Warren, e o que isso queria dizer?

Poemas, orações. Coisas indecifráveis. Isso não era normal para uma garota de quinze anos, era?

Era hora de terem aquela conversa. Não havia como evitar.

Para sempre Elsie Pirig se lembraria desta conversa. Que droga, aquilo a deixava ressentida com Warren; é um mundo masculino e o que diabos uma mulher realista pode fazer a respeito?

Com timidez, Norma Jeane disse, de uma forma que revelava a Elsie que ela andara pensando sobre isso desde cedo naquela manhã:

— Tia Elsie, você estava só brincando quando disse aquilo de casamento... não estava?

E Elsie respondeu, tirando um pouco de tabaco da língua:

— Eu não brincaria com uma coisa dessas.

Norma Jeane retrucou, com preocupação:

— Eu teria medo de me casar com qualquer um, tia Elsie. É preciso amar muito um garoto para isso.

Elsie disse com leveza:

— Deve haver um deles que você poderia amar, não? Escutei algumas coisas sobre você, querida.

Rapidamente Norma Jeane disse:

— Ah, está falando do sr. Haring? — E quando Elsie olhou para ela, impassível, Norma Jeane acrescentou: — Ah, do sr. Widdoes? — E ainda assim Elsie a olhou impassível, e Norma Jeane disse, um rubor subindo em seu rosto: — Não estou vendo estes homens mais! Eu não sabia que eram casados, tia Elsie, eu *juro*.

Elsie fumou seu cigarro e teve de sorrir com a revelação. Se Elsie só ficasse de boca fechada por tempo suficiente, Norma Jeane a informaria de cada detalhe. Encarando-a com aquele olhar de garotinha doce, os olhos azul-escuros cheios de umidade e sua voz trêmula como se estivesse tentando não gaguejar.

— Tia Elsie...

Havia um som gentil na expressão, na voz de Norma Jeane. Elsie pedia que todas as crianças ali temporariamente a chamassem de “tia Elsie”, e a maioria fazia isso, mas Norma Jeane havia demorado mais de um ano; ela havia tentado e gaguejado a palavra repetidamente. Não espantava que a garota não tivesse sido escolhida para a peça na escola, Elsie pensou. Ela era tão honesta... não conseguia interpretar por nada no mundo! Mas desde o Natal, quando Elsie lhe deu diversos presentes bons, incluindo um espelho de mão de plástico com a silhueta de perfil de uma mulher no verso, enfim Norma Jeane a estava chamando de “tia Elsie” como se, de fato, fossem *família*.

O que tornava aquilo ainda mais doloroso.

O que a deixava ainda mais furiosa com Warren.

Elsie disse, com cuidado:

— Vai acontecer com você mais cedo ou mais tarde, Norma Jeane. Então melhor que seja cedo. Com esta guerra terrível começando, e jovens se alistando para lutar, é melhor você segurar um marido enquanto há rapazes disponíveis e inteiros.

Norma Jeane protestou:

— Você está falando sério, tia Elsie? Isto não é uma piada?

Irritada, Elsie respondeu:

— Eu pareço estar brincando, mocinha? Hitler parece estar brincando? E o general Tojo?

E Norma Jeane respondeu, balançando a cabeça como se tentasse esvaziá-la:

— Eu só não entendo, tia Elsie, por que eu deveria me casar? Só tenho quinze anos, tenho dois anos de escola ainda. Quero ser uma...

E Elsie a interrompeu, furiosa:

— Escola! *Eu* me casei no segundo ano, e minha mãe nunca terminou a oitava série. Não é preciso diploma algum para se casar.

Implorando, Norma Jeane retrucou:

— Mas eu sou j-jovem, tia Elsie...

E Elsie respondeu:

— Este é exatamente o problema. Você tem quinze anos, tem namorados e amigos homens e, antes que a gente perceba, vai haver um monte de confusões e Warren estava me dizendo justamente isso outro dia. Os Pirig têm uma reputação a manter aqui em Van Nuys. Nós temos recebido crianças do Condado de Los Angeles há vinte anos, e tiveram garotas de vez em quando que se encrencaram aqui sob o nosso teto, nem sempre garotas ruins, mas boas também, garotas fugindo com namorados, mas isso reflete mal em nós. Warren perguntou que história é essa que ele ouviu de Norma Jeane andando por aí com homens casados, e *eu* respondi que é a primeira vez que escuto uma coisa dessas, e *ele*: “Elsie, é melhor tomarmos medidas urgentes”.

Ainda insegura, Norma Jeane questionou:

— O sr. P-pirig disse isso? De mim? Ah! Eu pensava que sr. Pirig gostava de mim!

Elsie respondeu:

— Não é questão de gostar ou não. É uma questão de o que o condado chama de medidas de emergência.

Norma Jeane insistiu:

— Que medidas? Que emergência? Eu não estou encrencada, tia Elsie! Eu...

E Elsie a interrompeu de novo, querendo colocar para fora rápido, como cuspir algo nojento da boca:

— O problema é que você tem quinze anos e poderia se passar por dezoito aos olhos de um homem, mas você está sob a guarda do Estado até ter de fato ter essa idade e, a não ser que se case, do jeito

que a lei do Estado está, você poderia ser enviada de volta para o orfanato a qualquer momento.

As frases saíram em tamanha torrente de palavras que Norma Jeane pareceu atordoada como alguém com dificuldade auditiva. A própria Elsie sentia-se fraca, aquela sensação doentia que sobe pelas solas dos pés quando há um tremor na Terra. *Tinha que ser feito. Deus me ajude!*

— Mas p-por que eu deveria voltar para o orfanato? — perguntou Norma Jeane, assustada. — Quero dizer... por que eu deveria ser enviada de volta? Eu fui enviada para cá.

Evitando os olhos da garota, Elsie respondeu:

— Isso foi dezoito meses atrás, as coisas mudaram. Você sabe que as coisas mudaram. Você era uma criança quando chegou aqui e agora é... bem, uma *garota*. E agindo às vezes como uma *mulher* feita. Há consequências para todos os nossos comportamentos, em especial para esse tipo... com homens, quero dizer.

E Norma Jeane, com a voz subindo em desespero:

— Mas eu não fiz nada de errado. Eu juro a você, tia Elsie! Não fiz! Eles foram gentis comigo, tia Elsie, a maioria deles, de verdade! Eles dizem que gostam de estar comigo e me levar para passear e... é só isso! De verdade. Mas posso dizer “não” de agora em diante; posso dizer a eles que você e sr. Pirig não me deixam sair mais. Vou dizer a eles!

Fraquejando, despreparada para isso, Elsie disse:

— Mas... nós precisamos do quarto! O quarto no sótão. Minha irmã está vindo de Sacramento com os filhos para morar conosco...

Rapidamente Norma Jeane retrucou:

— Não preciso de um quarto de verdade, tia Elsie. Posso dormir no sofá do andar de baixo ou na salinha da lavanderia ou... em qualquer lugar. Posso dormir em um dos carros que o sr. Pirig tem

para vender. Alguns deles são bons, têm almofadas nos assentos traseiros...

E Elsie respondeu, balançando a cabeça séria:

— Norma Jeane, o condado jamais permitiria isso. Você sabe que enviam inspetores.

Tocando o braço de Elsie, Norma Jeane suplicou:

— Você não vai me mandar de volta para o Lar, vai? Tia Elsie? Achei que gostasse de mim! Achei que fôssemos como uma família! Ah, tia Elsie, por favor... Eu amo estar aqui nesta casa! Amo você!

— Norma Jeane hesitou, arfando. Seu rosto acometido estava úmido de lágrimas e um olhar de terror animal brilhava em seus olhos dilatados. — Não me mande embora, por favor! Prometo que vou me comportar! Vou me esforçar mais! Não vou ver mais garotos! Vou largar a escola e ficar em casa e ajudar você, e eu posso ajudar o sr. Pirig também, com o negócio dele! Eu morreria, tia Elsie, se você me mandasse de volta para o Lar. Não posso voltar para o Lar. Eu me mataria se fosse enviada de volta ao Lar. Tia Elsie, por favor!

A esta altura, Norma Jeane estava nos braços de Elsie. Trêmula e sem ar e muito quente e soluçando. Elsie a abraçou com força, sentindo as omoplatas trêmulas da garota, a tensão em sua coluna. Norma Jeane havia ultrapassado Elsie em cerca de dois centímetros e estava se inclinando para se fazer menor, como uma criança. Elsie estava pensando que nunca havia se sentido tão mal em toda sua vida adulta. Ah, merda, ela se sentia muito mal, mal para caralho! Se pudesse ela teria expulsado Warren aos chutes e ficado com Norma Jeane — mas é claro que não podia. *É um mundo de homens e para sobreviver uma mulher precisa trair sua própria classe.*

Elsie abraçou a garota aos prantos, mordendo o lábio para ela mesma não irromper em lágrimas.

— Norma Jeane, pare com isso. Chorar nunca ajuda. Se ajudasse, todos nós estaríamos melhor a esta altura.

2.

Não vou me casar, sou jovem demais!

Quero ser uma enfermeira no Regimento Feminino. Quero ir para o outro lado do mundo.

Quero ajudar pessoas em sofrimento.

Aquelas criancinhas inglesas feridas e mutiladas, e algumas soterradas por detritos. E os pais mortos. E ninguém para amá-las.

Quero ser um receptáculo de Amor Divino. Quero que Deus brilhe através de mim. Quero ajudar a curar os feridos, quero mostrar a eles os caminhos da fé.

Posso fugir. Posso me alistar em Los Angeles. Deus vai responder minha oração.

Ela estava petrificada de horror — a boca aberta e mole e a respiração rápida como de um cachorro arfando e um rugido horrível martelando na cabeça — ao olhar as fotos na cópia da *Life* deixadas na mesa da cozinha: uma criança com olhos inchados e um braço mutilado, um bebê tão enfaixado com bandagens que apenas a boca e parte do nariz estavam visíveis, uma garotinha de cerca de dois anos com olhos feridos e um rosto atordoado, macilento. O que a garotinha estava agarrando, uma boneca? Uma boneca manchada de sangue?

Então veio Warren Pirig para lhe tomar a revista. Agarrou-a de seus dedos dormentes. A voz soava baixa e brava, mas ao mesmo tempo indulgente, como era com frequência quando estavam sozinhos juntos.

— Você não quer olhar para isso. Você não sabe o que está olhando.

Ele nunca a chamava de “Norma Jeane”.

3.

Eles eram Hawkeye, Cadwaller, Dwayne, Ryan, Jake, Fiske, O’Hara, Skokie, Clarence, Simon, Lyle, Rob, Dale, Jimmy, Carlos, Esdras, Fulmer, Marvin, Gruner, Price, Salvatore, Santos, Porter, Haring, Widdoes. Eram soldados, um marinheiro, um fuzileiro naval, um rancheiro, um pintor de casas, um fiador, um caminhoneiro, o filho do dono de um parque de diversões em Redondo Beach, o filho de um banqueiro em Van Nuys, um funcionário de fábrica de aeronaves, atletas estudantes da Escola Van Nuys, um instrutor no Colégio Bíblico Burbank, um funcionário do Departamento de Correções do Condado de Los Angeles, um mecânico de motocicletas, um piloto de avião pulverizador de pesticida, um assistente de açougueiro, um funcionário dos correios, o filho do dono de uma casa de apostas de Van Nuys e seu braço direito, um professor na Escola Van Nuys, um detetive do Departamento de Polícia de Culver. Eles a levavam para praias, como Topanga Beach, Will Rogers Beach, Las Tunas, Santa Mônica e Venice Beach. Eles a levavam ao cinema. Eles a levavam para bailes. (Norma Jeane tinha vergonha de dançar “coladinho”, mas gostava de um *swing*; dançava com os olhos fechados, apertados como se hipnotizada, um brilho como se fosse uma geleia espalhada pela pele. E ela sabia fazer a *hula* como uma havaiana nativa!) Eles a levavam para serviços na igreja e para a pistas de corrida em Casa Grande. Eles a levavam para patinar. Eles a levavam para remar e andar de canoa, e se surpreendiam que, mesmo sendo garota, ela insistia em ajudar a remar, e com tanta habilidade. Eles a levavam para jogar boliche. Eles a levavam para o bingo e salões de bilhar. Eles a levavam para jogos de beisebol. Eles a levavam em passeios de domingo pelas Montanhas de São Gabriel. Eles a levavam em passeios de carro pela

costa subindo ao norte às vezes até Santa Barbara ou tão sul quanto Oceanside. Eles a levavam para passeios românticos de carro sob o luar, o oceano Pacífico luminoso em um lado e colinas de árvores escuras do outro, e o vento ondulando seu cabelo e as faíscas do cigarro do motorista voando noite adentro, mas em anos posteriores ela confundiria esses passeios com cenas de filmes que tinha visto ou achava ter visto. *Eles não me tocavam onde eu não queria ser tocada. Eles não me faziam beber. Eles me respeitavam. Meus sapatos brancos eram polidos toda semana e meu cabelo cheirava a xampu e minhas roupas eram passadas a ferro. Se me beijavam era de boca fechada. Eu sabia manter meus lábios bem fechados. E meus olhos fechavam quando nos beijávamos. Raramente eu me mexia. Minha respiração acelerava, mas eu nunca arfava. Minhas mãos ficavam imóveis sobre o colo, apesar de eu poder erguer o antebraço para afastá-los com gentileza.* O mais novo tinha dezesseis anos, um jogador de futebol americano na Escola Van Nuys. O mais velho tinha 34, um detetive de Culver que, como posteriormente ela descobriu, era casado.

Detetive Frank Widdoes! Um policial de Culver investigando um assassinato em Van Nuys no fim do verão de 1941. O corpo de um homem crivado de balas encontrado em uma área desolada perto dos trilhos nas margens de Van Nuys e tinha sido a vítima foi identificada como testemunha em um caso de homicídio em Culver, então Widdoes foi até a região para interrogar os moradores e, quando analisava a cena do crime em uma alameda qualquer, passou uma garota de bicicleta, uma garota de cabelo loiro-escuro, pedalando lentamente, distraída e sonhadora, sem perceber um detetive à paisana a encarando. À primeira vista achou que ela tivesse uns doze anos, então, vendo com maior clareza que era mais velha, possivelmente com até dezessete anos, um busto de mulher, em um top esportivo amarelo-mostarda e shorts curtos de veludo

cotelê branco que delineavam sua bundinha em forma de coração como aquela *pin-up* Betty Grable em roupas de banho, e quando ele a parou para perguntar se a garota tinha visto alguém ou algo “suspeito” na área, achou seus olhos azuis chamativos, lindos olhos líquidos e sonhadores, olhos que pareciam vê-lo apenas por dentro de alguma forma, como se ele já a conhecesse e, apesar de ela não o conhecer, entendia que ele já a conhecia e tinha o direito de questioná-la, detê-la e sentar-se com ela em seu carro de polícia sem identificação por quanto tempo quisesse, por quanto tempo a “investigação” necessitasse. Ela tinha um rosto que ele provavelmente não esqueceria, também em formato de coração com o bico de viúva, o nariz só um pouco longo e os dentes só um pouco tortos, o que valorizava seu visual, ele pensou, davam-lhe aquele ar de normalidade plácida, pois, afinal de contas, ela era só uma criança, mesmo que também fosse uma mulher, uma criança vestindo um corpo de mulher como uma garotinha provando roupas de mulher adulta e parecendo saber disso e se exultar nisso (o top apertado e a forma que se sentava com postura perfeita de *pin-up*, respirando fundo para expandir as costelas, e as pernas bronzeadas, perfeitas também, naqueles shorts curtos subindo até quase a virilha) e ainda assim sem saber. Se ele desse ordens para que ela tirasse as roupas, ela obedeceria com um sorriso enorme e tamanho empenho em agradar e teria sido mais inocente ainda, e mais linda. Se ele desse tal comando — o que é claro que não faria —, mas se ele desse, e a punição fosse se transformar em pedra ou ser despedaçado por lobos, poderia quase valer a pena.

Então ele tinha visto a garota umas poucas vezes. Ele dirigia para Van Nuys e a encontrava perto da escola. Ele não a havia tocado! Não desse jeito. E praticamente de nenhum outro, na verdade. Sabendo que ela era menor de idade e sabendo o tipo de problema profissional em que poderia se meter, sem falar do

problema conjugal mais grave dado que já havia traído a esposa e já havia sido pego — o que significava dizer que havia confessado, furioso, e portanto havia sido “prego”. E ele havia saído de casa, e estava morando sozinho agora e gostando disso. E essa garota Norma Jeane estava sob tutela do Estado, ele descobriu. Guarda do Condado de Los Angeles em um lar temporário na rua Reseda, Van Nuys, uma rua de bangalôs em mau estado e jardins sem grama e seu pai neste lar era dono de meio acre de motocicletas, carros e caminhões usados e outros lixos à venda, um fedor de borracha queimada perpetuamente no ar, e uma névoa azulada sobre a vizinhança e Widdoes conseguia imaginar o interior da casa, mas decidiu não investigar, era melhor assim, porque poderia se voltar contra ele e, de qualquer forma, o que ele poderia fazer, adotar a garota? Ele tinha seus próprios filhos para sustentar. Sentia muito por ela, dava-lhe dinheiro, notas de um e cinco dólares para que ela pudesse “comprar algo bonito” para si. Era tudo inocente, de fato. Ela era o tipo de garota que obedece, ou que quer obedecer, então qualquer pessoa responsável tomaria cuidado com o que a manda fazer. Quando se ganha a confiança de alguém assim, é uma tentação pior do que quando desconfiam de você. E a idade. E o corpo. Não era só o distintivo (ela admirava o distintivo, “amava” o distintivo e queria sempre ficar olhando, e a sua pistola; ela havia perguntado se podia tocar a pistola, e Widdoes riu e disse claro, por que não, desde que ficasse no coldre e com a trava de segurança), mas seu ar de autoridade, onze anos como policial e o sujeito ganha esse ar de autoridade, questionando pessoas, dando ordens por aí, aquela expectativa de que, se resistirem, vão se arrepender, e as pessoas sabem disso como que por instinto, quando sentimos na mera existência física do outro uma dominância que, se levada ao limite, um limite não negociável, poderemos nos machucar. Bom, era tudo inocente, na verdade. As coisas nunca são como parecem a olhares externos. Como detetive, Widdoes sabia disso. Norma Jeane

era apenas três anos mais velha que sua filha. Mas aqueles três anos eram cruciais. Ela era muito mais inteligente do que se imaginaria de primeira. Na verdade, algumas vezes, ela o havia surpreendido. Os olhares e a voz de bebê enganavam. A garota conseguia falar com honestidade sobre coisas (a Guerra, o “sentido da vida”), como qualquer adulto que Widdoes conhecesse. Tinha senso de humor. Ria de si mesma — ela queria ser “uma cantora com Tommy Dorsey”. Queria se alistar no Regimento Feminino, no destacamento feminino da força aérea, o *Air Force Women's Flying Training Detachment* sobre o qual lera num panfleto. Queria ser médica. Disse a ele que era “a única neta viva” de uma mulher que fundou a igreja da Ciência Cristã, e sua mãe, que havia morrido em um acidente aéreo sobre o Atlântico em 1934, havia sido uma atriz de Hollywood com o Estúdio, uma substituta de Joan Crawford e Gloria Swanson, e o pai, que ela não via fazia anos, era um produtor em Hollywood, agora um comandante naval no sul do Pacífico, e em nenhuma dessas declarações Widdoes acreditava, ainda assim ouvia a garota como se acreditasse, ou como se tentando acreditar, e ela parecia grata por tamanha gentileza. Ela o deixava beijá-la se ele não tentasse abrir os lábios à força com a língua, e ele não tentava. Ela o deixava beijar sua boca, seu pescoço e seus ombros, mas apenas se os ombros já estivessem à mostra. Ficava ansiosa se ele mexesse na roupa dela ou tentasse abrir um botão ou o zíper. Aquele rebuliço infantil tamanho era comovente para ele, que reconhecia isso como traços similares aos de sua própria filha. *Algumas coisas são permitidas e outras não permitidas.* Mas Norma Jeane o deixava acariciar seus braços macios e sedosos e as pernas até a metade das coxas; ela o deixava acariciar seu longo cabelo cacheado e até escová-lo. (Norma Jeane trazia a escova! Dizendo a ele que escovar seu cabelo era algo que a mãe fazia quando ela era garotinha, e ela sentia tantas saudades da mãe.)

Nestes meses, Widdoes viu um número de mulheres. Não pensava em Norma Jeane como uma mulher. Poderia ter sido o sexo que atraiu Widdoes a ela, mas não era sexo o que ele obtinha dela. Ao menos, não de uma forma que a garota soubesse ou precisasse saber.

Como foi o fim deles? Inesperado. Abrupto. Um incidente que Widdoes não gostaria que ninguém soubesse, em especial, seus superiores no Departamento de Polícia de Culver — arquivo de Frank Widdoes já havia diversas reclamações de cidadãos a respeito do uso de “força excessiva” ao efetuar prisões. E aquilo não era uma prisão. Uma noite em março de 1942, ele foi buscar Norma Jeane em uma esquina algumas quadras de distância da rua Reseda e, pela primeira vez, a garota não estava sozinha. Havia um rapaz com ela; pareciam estar discutindo. O cara devia ter uns 25 anos, forte, com cara de mecânico em roupas baratas e chamativas, e Norma Jeane estava chorando porque esse “Clarence” a havia seguido e não a deixava em paz, apesar de ela implorar, e Widdoes gritou para Clarence ir embora para casa do caralho, e Clarence respondeu Widdoes com algo que não deveria ter dito e poderia não ter dito se estivesse sóbrio e se pudesse olhar bem para Widdoes; e sem dizer mais qualquer coisa, Widdoes saiu do carro e diante de Norma Jeane horrorizada ele tirou com calma seu revólver Smith & Wesson do coldre e socou a cara daquele imbecil com a pistola, quebrando o nariz em um único golpe que fez espirrar sangue; Clarence caiu de joelhos na calçada, e Widdoes deu um chute na nuca do imbecil, que caiu no chão como se tivesse levado um tiro, as pernas sofrendo espasmos, e pronto estava apagado. Widdoes empurrou a garota para dentro do carro e foi embora, mas a garota estava dura de medo, rígida de pavor, sem se mover, tão assustada que mal consegue falar ou ouvir suas palavras para confortá-la que talvez soassem raivosas, ofensivas. Mesmo mais tarde, ela não o deixa tocá-la, nem na mão. E Widdoes teve de admitir que ficou

assustado também, agora que teve tempo de pensar a respeito. Coisas que são permitidas e não permitidas, e ele havia passado do limite em um lugar público, e se houvesse testemunhas? E se o garoto tivesse morrido? Ele com certeza não queria que algo assim acontecesse de novo. Então não voltou a ver a pequena Norma Jeane.

Nunca mais, nem para se despedir.

4.

Ela estava começando a esquecer.

Havia uma maneira mágica como ela relacionava *esquecimento* ao período do mês que não encarava como sangramento propriamente dito, mas expulsar veneno. Em um intervalo de algumas semanas acontecia com ela e era uma coisa boa, necessária, a enxaqueca e a pele febril e a náusea e as cólicas eram um sinal de sua fraqueza e não *reais*. Tia Elsie explicou que era natural e todas as garotas e mulheres tinham que suportar isso. “A maldição”, chamavam, mas Norma Jeane nunca chamou assim. Pois era de Deus e não poderia ser nada além de uma bênção.

O mero nome “Gladys” não era um nome que ela agora falava em voz alta ou mesmo para si. Se falasse da mãe neste lugar novo (o que raramente fazia e apenas para tia Elsie), ela diria “minha mãe” em uma voz calma e neutra como se poderia dizer “minha professora de inglês” ou “meu casaco novo” ou “meu tornozelo”. Nada mais.

Uma manhã, em breve, ela acordaria e descobriria que toda a lembrança de “minha mãe” havia desaparecido do mesmo jeito com que, ao fim de três ou quatro dias, o sangramento parava misteriosamente como havia começado.

O veneno foi embora. E estou feliz de novo! Tão feliz!

5.

Norma Jeane *era* uma garota feliz, sempre sorrindo.

Apesar de sua risada ser estranha, pouco musical: aguda e guinchante como um rato (de tantas piadas foi alvo a pobre Norma Jeane) sendo pisado.

Não importava. Ela ria sempre porque estava feliz, e porque as outras pessoas riam, e na presença delas ela fazia o mesmo.

Na Escola Van Nuys, era uma aluna comum.

Exceto pela aparência, uma garota comum.

Exceto por algo tenso e nervoso e excitável e flamejante em seu rosto, uma garota comum.

Candidatou-se ao time de líderes de torcida. Apenas as garotas mais bonitas e populares, em boa forma com habilidades atléticas eram escolhidas como líderes de torcida, mas lá estava Norma Jeane suada e nauseada nas provas no ginásio. *Eu nem sequer orei porque achei que Deus não deveria ser invocado onde é inútil prospectá-lo.* Por semanas ela havia praticado os cantos e sabia cada um de cabeça e os saltos, as contorções das costas, os braços e as pernas estendidos; ela sabia que era tão capaz quanto qualquer outra garota na escola, ainda assim, à medida que o momento se aproximava, foi ficando cada vez mais fraca e com mais pânico e a voz ficou entalada na garganta e enfim ela não conseguia nem falar e havia tão pouca força em seus joelhos que ela quase se esborrachou no colchonete. Entre as quarenta ou mais garotas que haviam se reunido no ginásio naquela tarde, houve um silêncio constrangido. Rápido, a capitã do time de líderes de torcida disse, em sua enérgica voz alta:

— Obrigada, Norma Jeane. Quem é a próxima?

Candidatou-se ao Clube de Teatro. Candidatou-se à peça *Nossa cidade*, de Thornton Wilder. Por quê? Devia haver algum desespero naquilo. Essa necessidade de ser normal, e mais do que normal; essa

necessidade de ser escolhida. E lá estava a ansiedade de que, nesta peça que lhe parecia tão bela, e ao interpretar um papel nesta peça, ela, Norma Jeane, encontraria um lar; ela seria “Emily” e seria chamada assim pelos outros. Ela havia lido e relido a peça e acreditava que a entendia; havia uma parte de sua alma que a entendia. Apesar de estar a anos do entendimento de que *Eu tenho que me colocar no centro exato das circunstâncias imaginárias. Eu existo no coração de uma vida imaginária, em um mundo de coisas imaginárias e esta é minha redenção.* Parada no palco altamente iluminado, piscando e estreitando os olhos para a primeira fila de assentos onde aqueles que a julgariam se sentavam, de súbito sentiu-se tomada de pânico. O professor de teatro gritou:

— Próximo? Quem é o próximo? Norma Jeane... pode começar.

Mas ela não conseguia. Segurou o roteiro na mão trêmula, as palavras borradas na página, a garganta parecendo fechar. Falas que havia memorizado de véspera agora rodopiavam na cabeça como moscas desorientadas. Enfim ela começou a ler em uma voz apressada e engasgada. A língua era grande demais para a boca! Ela gaguejou, vacilou e se perdeu.

— Obrigado, querida — disse o professor de teatro, dispensando-a. Norma Jeane tirou os olhos do roteiro e disse:

— P-por favor, posso tentar outra vez? — E houve um momento constrangedor. Ela ouviu murmúrios e risos abafados. E acrescentou: — Eu acho que poderia ser Emily. Eu s-sei... Eu sou Emily. — *Se eu pudesse tirar minhas roupas. Se eu pudesse estar diante de vocês nua como Deus me criou... vocês me veriam!* Mas o professor de teatro não se comoveu. Dizendo, em uma voz carregada de ironia, para que outros alunos, alunos preferidos, pudessem rir de sua perspicácia e do objeto de sua perspicácia:

— Hum. É mesmo... Norma Jeane? Obrigada, Norma Jeane. Mas duvido que sr. Thornton Wilder acharia o mesmo.

Ela deixou o palco. O rosto queimando, mas estava determinada a manter a dignidade. Como num filme, você poderia ser chamado para a morte; mas enquanto os outros estivessem vendo, deveria manter a dignidade.

Na saída de Norma Jeane, veio um único assovio de acosso dos garotos.

Candidatou-se ao coral feminino. Ela sabia que podia cantar, ela *sabia!* — estava sempre cantando em casa, amava cantar e sua voz era melódica aos seus próprios ouvidos, e Jess Flynn não havia prometido que sua voz poderia ser treinada? Era uma soprano, tinha certeza. “These Foolish Things” era sua melhor música. Mas quando o diretor do coral pediu que cantasse “Spring Song”, de Joseph Reisler, que ela nunca havia ouvido, ela encarou a partitura incapaz de ler as notas; quando a mulher sentada ao piano deu o primeiro acorde e pediu que Norma Jeane a acompanhasse cantando, Norma Jeane perdeu a confiança e cantou em uma voz sussurrante, vacilante e frustrante — não a dela!

Ela perguntou se, por favor, poderia tentar outra vez.

Da segunda vez, a voz foi um pouco mais forte. Mas não muito.

O diretor do coral a dispensou com educação:

— Talvez ano que vem, Norma Jeane.

Para seu professor de inglês, o sr. Haring, ela havia escrito ensaios a respeito de Mary Baker Eddy, a fundadora da Ciência Cristã, e Abraham Lincoln, “o maior presidente dos Estados Unidos da América” e Cristóvão Colombo, “um homem sem medo de se aventurar no desconhecido”. Ela havia mostrado ao sr. Haring alguns de seus poemas, escritos com cuidado com tinta azul em folhas de papel branco.

No céu — tão alto!
Nunca morrerei: sei, ressalto

Sei que nunca azul ficaria
Se você dissesse — que amaria

Se houvesse uma maneira
Para aqueles na Terra, dizer, de forma certa—
Eu te amo!
E fazer ser verdade sempre sem engano.

Como Deus nos diz “eu vos amo —
e vós — e vós —”
e é sempre VERDADEIRO E SOBERANO.

Quando o sr. Haring sorriu, sem muita confiança, e disse a ela que o poema era “muito bom” — as rimas “perfeitas” —, Norma Jeane ficou vermelha de prazer. Ela havia demorado semanas para reunir a coragem de levar os poemas, e agora — que prêmio! E tinha muitos outros! Seu diário transbordava de poemas! E tinha poemas que sua mãe havia escrito muito tempo antes, quando garotinha morando no norte da Califórnia, antes de se casar.

O fulgor vermelho é o amanhecer
O violeta é meio-dia
O dia amarelo a desvanecer
E depois o nada esfria.

Mas rastros de centelhas na noite luzem
Revelam a incendiada amplidão
O Território Argentado
Cujo consumo ainda aguarda em vão.

Este poema peculiar sr. Haring leu e releu, testa franzida. Ah, será que tinha errado ao mostrá-lo para ele? O coração começou a tamborilar como o de um coelho assustado. O sr. Haring era um disciplinador com seus alunos apesar de ser um rapaz de 29 anos, magrelo, cabelo loiro-palha, começando a ficar careca e meio manco em virtude de um acidente na infância: um jovem marido com dificuldade de sustentar a família com o salário de professor de escola pública. Parecia um Henry Fonda mais fraco, menos amigável, em *As vinhas da ira*. Ele não estava sempre animado em aula e tendia a ataques ocasionais de sarcasmo. Nunca se sabia como sr. Haring poderia reagir, que coisas estranhas poderia dizer, mas os alunos torciam para receber ao menos um sorriso dele. E, em geral, o sr. Haring sorria para Norma Jeane, que era uma garota silenciosa e tímida, muito bonita e precocemente desenvolvida que usava casacos um tamanho ou dois menores que o ideal e cujos modos eram inconscientemente provocativos — ao menos, ele supunha que seus modos eram inconscientes. *Uma tentação de quinze anos sem saber disso. E aqueles olhos!*

O poema da mãe de Norma Jeane, sem título, não parecia ao sr. Haring ser um poema “terminado”. No quadro negro, com um pedaço de giz (isso foi depois da aula; Norma Jeane viera para uma conversa em particular), ele lhe demonstrou como a “esquemática das rimas” estava deficiente. “Amanhecer” e “desvanecer” deveriam ser a rimas tipo A, e Norma Jeane conseguia ver que eram por definição rimas pobres. As rimas B (“meio-dia”, “esfria”) eram um pouco melhores. Na segunda estrofe, não havia rima C alguma (“luzem”, “Argento”) e a rima D até rimava, mas era uma rima pobre baseada em sons triviais. A poesia, no final das contas, é musical; se aprecia com os ouvidos e não com os olhos. E o que era esse “Território Argento”? Ele nunca tinha ouvido de um lugar desses e duvidava que existisse. “Obscuridade e recato”: esses eram erros

típicos na poesia feminina. Um esquema de rimas forte é necessário para poesia forte, e o sentido de um poema nunca deve ficar pouco claro.

— Do contrário, leitores dão de ombros e dizem: “Hein? *Eu* consigo escrever melhor que isso”.

Norma Jeane riu, porque o sr. Haring riu. Ela estava profundamente envergonhada pelas falhas no poema de sua mãe (apesar de teimar que era um poema lindo, estranho, misterioso); mas ela teria de admitir que não sabia o que “Território Argentó” queria dizer. Apologeticamente disse ao seu professor de inglês que sua mãe não havia terminado a faculdade.

— Mamãe se casou jovem, tinha só dezenove anos. Ela queria ser uma poeta de verdade. Ela queria ser uma professora... como você, sr. Haring.

Ele ficou tocado por isso. A garota era tão doce! Ele manteve a sua escrivadinha entre eles.

Algo na voz vacilante de Norma Jeane sinalizou para ele que perguntasse, com gentileza:

— Onde está sua mãe agora, Norma Jeane? Você não mora com ela?

Muda, Norma Jeane fez que não. Seus olhos se encheram de água e o rosto jovem endureceu como se sob o risco de despedaçar.

Sr. Haring se lembrou de que tinha ouvido falar que a garota estava sob a guarda do Condado de Los Angeles. Morando com os Pirig. Os Pirig! Ele tivera outros de seus filhos temporários em sua aula de inglês. Surpreendia-o imensamente que esta fosse tão arrumada, saudável e inteligente. O cabelo loiro-escuro não era oleoso, as roupas pareciam arrumadas e limpas, pernas provocantes: o casaco de má qualidade era justo e vermelho, delineando aqueles peitinhos sensacionais e a saia de sarja cinza, igualmente barata, que

só faltava mostrar as próprias curvas de seu traseiro. Se ele ousasse olhar.

Ele não havia olhado e não ia olhar. Sua jovem esposa exausta e ele tinham uma filha de quatro anos e um filho de oito meses, e aquele fato, hirto e implacável como o sol do deserto, pairava sobre seus olhos vermelhos. Ainda assim, ele disse, rápido:

— Ouça, Norma Jeane. Pode trazer seus poemas... seus, da sua mãe... a qualquer momento. Fico feliz em lê-los. É meu trabalho.

Então aconteceu, no inverno de 1941, quando Sidney Haring, que era o professor favorito de Norma Jeane na Van Nuys, começou a vê-la depois da aula uma ou duas vezes por semana. Incansáveis, falavam de — ah, do que falavam? — majoritariamente de romances e poemas que Haring dava a Norma Jeane para ler, *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë, *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, *A boa terra*, de Pearl S. Buck, volumes mais finos de versos de Elizabeth Barrett Browning, Sara Teasdale, Edna St. Vincent Millay ou do favorito do sr. Haring, Robert Browning. Ele continuou a “criticar” seus poemas de colegial. (Ela nunca mais trouxe outro da mãe — felizmente.) Uma tarde de inverno, Norma Jeane de súbito se deu conta de que havia passado muito da hora, que a sra. Pirig já devia estar esperando ela para os afazeres domésticos, e o sr. Haring ofereceu levá-la em casa de carro; depois disso, quando Norma Jeane passava em sua sala, ele, em geral, dava carona, até cerca de dois quilômetros e meio de casa. Desta forma, tinham mais tempo para conversar.

Era tudo inocente, ele juraria. Completamente inocente. A garota era sua aluna, e ele era seu professor. Nunca, nenhuma vez, ele a tocou. Abrindo a porta do carro para que entrasse, ele pode ter roçado a mão na dela, e ele pode ter tocado seu cabelo longo. Ele pode ter inconscientemente inalado seu perfume. Ele pode ter contemplado a garota com um pouco de desejo excessivo e, às

vezes, falando animadamente com ela, ele pode ter perdido o fio da meada e se confundido e se repetido. Ele não teria desejado reconhecer que era culpado de levá-la de volta consigo para o lar fatigado e extenuado, onde era marido e pai, a lembrança vívida do sorriso infantil da garota e a promessa de seu corpo jovem e aquele olhar enervantemente feito de azul líquido que parecia sempre levemente desfocado como se para permiti-lo entrar.

Eu moro em seus sonhos, não moro? Venha, more nos meus!

Ainda assim, nos diversos meses de sua “amizade” nada que a garota disse sugeria flerte sexual ou subterfúgio. Ela parecia querer verdadeiramente falar apenas dos livros que o sr. Haring lhe dava e dos poemas, os quais ele parecia sinceramente acreditar que eram promissores. Se os poemas falavam de amor e eram direcionados a um *você* misterioso, ele não inferia que aquele *você* era na verdade Sidney Haring. Apenas uma vez Norma Jeane surpreendeu o sr. Haring, e foi quando eles haviam vagado para outro assunto. O professor comentou casualmente que não confiava no presidente Roosevelt, acreditava que as notícias da Guerra estavam sendo manipuladas, não confiava em político por princípio; e Norma Jeane se inflamou, dizendo não, não, isso não estava certo...

— ... o Presidente Roosevelt é diferente.

— Sim? Como você sabe que Roosevelt é “diferente”? — perguntou sr. Haring, entretido. — Você não conhece o homem em pessoa, conhece?

— É claro que não, mas tenho fé nele. Conheço sua voz do rádio.

— *Eu* conheço a voz dele do rádio e acho que estou sendo manipulado. Qualquer coisa que se ouça pelo rádio ou veja nos filmes tem um roteiro e ensaios, e é atuada para uma audiência; não é espontâneo e não pode ser. Pode parecer vir do coração, mas não vem. Não pode ser.

Norma Jeane declarou, com energia:

— Presidente Roosevelt é um grande homem! Ele pode não ser grande como Abraham Lincoln, talvez.

— E como você sabe disso?

— Eu tenho f-fé nele.

Sr. Haring riu.

— Sabe qual é a minha definição de fé, Norma Jeane? “Acreditar naquilo que você sabe não ser verdade.”

Norma Jeane retrucou, franzindo a testa:

— Isso não está certo! Você tem fé em algo que sabe ser verdade mesmo que não possa provar.

— Mas o que você “sabe” a respeito de Roosevelt, por exemplo? Só o que lê nos jornais e ouve no rádio. Aposto que não sabe que o homem é aleijado.

— É... o quê?

— Aleijado. Teve poliomielite, dizem. As pernas são paralisadas. Ele está numa cadeira de rodas. Nas fotos, pode reparar que ele só é visto da cintura para cima.

— Ah, ele não é!

— Bem, eu por acaso ouvi de uma fonte confiável, um tio que trabalha Washington, que ele é.

— Eu não acredito.

— Tudo bem então — disse sr. Haring, rindo, achando graça —, não acredite. Roosevelt segue intocado pelo que Norma Jeane Baker em Van Nuys, Califórnia, acredita ou deseja não acreditar.

Eles estavam sentados no carro dele em uma estrada de chão batido nos arredores da cidade, uma viagem de cinco minutos da casa decrépita na rua Reseda. Ali perto havia trilhos e mais longe estava o sopé das nebulosas colinas das montanhas Verdugo. Instigada pela oposição, pela primeira vez Norma Jeane pareceu *vê-lo* de verdade. Ela respirava rápido e os olhos estavam fixos nos dele e o impulso de abraçá-la para acalmá-la, puxá-la para perto e

segurá-la com calma, quase o esmagou. De olhos arregalados, ela sussurrou:

— Ah! Odeio você, sr. Haring. Não gosto de você de jeito algum. Ele riu e colocou a chave na ignição.

Depois de deixar Norma Jeane em casa, ele descobriria que tinha se coberto em suor; a regata de baixo estava úmida, a cabeça, fumegante. Das profundezas de sua bolsa escrotal, seu pênis pulsava furioso como um punho fechado.

Mas eu não a toquei, toquei? Eu poderia ter, mas não toquei.

Na próxima vez em que se vissem, o acesso emocional seria esquecido. Nenhum dos dois mencionaria, é claro. A conversa se limitaria a livros, poesia. A garota era sua aluna; ele era seu professor. *Nunca mais falaria um com o outro dessa forma, e uma coisa muito boa, maldição!*, sr. Haring pensou; ele não estava apaixonado por esta garota de quinze anos, mas não fazia sentido se arriscar. Poderia perder o emprego, poderia estragar o casamento já abalado, e havia seu orgulho.

Se eu de fato a tocasse. O que aconteceria?

Ela havia escrito poemas para ele — não tinha? Sidney Haring era o *você* que ela adorava... não era?

Então, de forma súbita e misteriosa, Norma Jeane saiu da Escola Van Nuys no fim de maio. Com três semanas faltando para ingressar no décimo ano. Ela não deixaria palavra alguma para seu professor favorito. Um dia simplesmente não apareceu na aula de inglês, e nas manhãs seguintes sr. Haring foi avisado pelo escritório do diretor, assim como os outros professores, que ela havia oficialmente se retirado “por motivos pessoais”. Ele ficou atônito mas não ousou demonstrar. O que havia acontecido com ela? Por que teria largado a escola em um momento assim? E sem dizer nada a *ele*?

Diversas vezes pegou o telefone para ligar para os Pirig e pedir para falar com ela, mas perdia a coragem.

Não se envolva. Mantenha distância.

A não ser que a ame. Você a ama?

Enfim, uma da tarde, obcecado com pensamentos na garota agora ausente de sua vida assim como de sala de aula, ele foi até rua Reseda esperando por um vislumbre de Norma Jeane, um sinal dela, olhando à espreita o bangalô de madeira muito necessitado de reparos, o jardim da frente sem grama e a visão desagradável de um ferro velho, além de um fedor de lixo queimando. Que crianças, você poderia se perguntar, poderiam ser acolhidas nesse lugar? Sob a luz forte do sol do meio-dia, a casa dos Pirig era desafiadora em sua degradação, a tinta cinza descascando e o telhado podre pareceram ao sr. Haring carregados de significado, um emblema do mundo arruinado que uma garota inocente estava destinada a habitar por um acidente de nascença e do qual não poderia ser salva exceto por intervenção corajosa de alguém como ele mesmo. *Norma Jeane? Vim atrás de você, para salvar você.*

Foi então que Warren Pirig saiu da garagem ao lado da casa, dirigindo-se para uma picape na calçada.

O professor pisou no acelerador e saiu rapidamente dali.

6.

Fácil como se jogar de cabeça em um painel de vidro.

Mas ela havia bebido duas cervejas naquela tarde e bebia outra naquele momento. E dizendo:

— Ela tem que ir.

— Norma Jeane? Por quê?

Elsie não respondeu de início. Fumando um cigarro. O sabor era amargo e animador. Warren disse:

— A mãe dela está querendo ela de volta? É isso?

Eles não estavam olhando um para o outro. Nem na direção um do outro. Elsie entendia que o olho bom de Warren estava fechado para evitá-la e que o olho danificado era nebuloso. Elsie estava sentada à mesa da cozinha com seus cigarros e uma garrafa de cerveja morna da qual ela tinha arrancado a maior parte do rótulo de Twelve Horse. Warren, que tinha acabado de entrar, estava em pé, com suas botas de trabalho. Havia um ímpeto de medo no homem em momentos assim, como em todos os homens grandes quando entram em um lugar pequeno e superaquecido com cheiro feminino. Warren havia tirado a camisa suja e a largado em uma cadeira e estava em sua fina regata de baixo e emanava um calor de eriçar os pelos, um cheiro poderoso de suor. Pirig, o porco. Uma vez haviam sido tão íntimos, brincalhões como crianças. Ele era Pirig, o porco que era maluco por cavar, enraizar, calcar, bufar e guinchar. Suas laterais gorduchas sobre os músculos como cortes de carne crua apertados pelas mãos da esposa. *Ah! Ah! Ah! Ah! Warren! Meu Jesus.* Isso foi anos antes, mais tempo do que Elsie queria se lembrar. Em seus anos seguintes o marido havia se tornado um homem ainda maior: ombros, peito, barriga. Os antebraços roliços, a cabeça se avultando. Tufos de pelos pretos ficando grisalhos espalhados por todo o corpo. Até na parte superior das costas, nas laterais, no dorso das grandes mãos arruinadas.

Elsie enxugou os olhos, transformando o gesto em um coçar negligente do nariz. Warren disse, alto:

— Achei que a mãe fosse louca. Ela melhorou? Desde quando?

— Não.

— Não o quê?

— Não é a mãe de Norma Jeane.

— Quem é, então?

Elsie pensou em como dizer isso. Ela não era uma mulher que preparava palavras e ainda assim, havia preparado aquelas, tantas

vezes que agora pareciam rasas, falsas.

— Norma Jeane tem que ir embora. Antes que algo aconteça.

— Como assim? O que vai acontecer?

Isso não estava indo como ela havia imaginado. Ele era um homem tão grande, avultando-a. Sem a camisa, o corpo peludo era grande demais para a cozinha. Elsie futricou no cigarro. *Seu bastardo. É você.* Naquela tarde, ela havia ido ao centro da cidade e esfregou ruge nas bochechas, passou um pente no cabelo, mas da última vez que se olhou no espelho parecia estar com a pele flácida, cansada. E lá estava Warren, contemplando-a de perfil; Jesus, ela não gostava de ser analisada pelo lado, o queixo rechonchudo e o nariz de focinho de porco. Elsie disse:

— Ela tem namorados. E homens mais velhos. Demais.

— Homens mais velhos? Quem?

Elsie deu de ombros. Ela queria que Warren visse que ela estava do lado dele.

— Eu não pergunto nomes, querido. Esses tipos de homens, eles não vêm à nossa casa.

— Talvez você devesse perguntar nomes — disse Warren, com agressividade. — Talvez eu devesse. Onde ela está agora?

— Na rua.

— Na rua onde?

Elsie estava com medo de olhar no rosto do marido. Aquele olhar fuzilante injetado de sangue.

— Acho que passeando de carro. Onde estes homens arranjam gasolina, já não sei.

Warren fez um barulho de sopro com os lábios.

— Uma garota daquela idade — disse ele, do jeito lento de um homem acelerando seu carro para pegar a saída da rodovia —, ela teria namorados; é natural.

— Norma Jeane tem namorados demais. E ela confia demais nas pessoas.

— Confia demais como?

— Ela só é *boazinha* demais.

Elsie deixou a informação assentar. Se ele houvesse feito algo a Norma Jeane quando estiveram só os dois juntos, teria sido apenas porque Norma Jeane era gentil demais, doce demais, dócil demais e obediente demais para empurrar Warren para longe.

— Olha, ela não está metida em encrenca, está?

— Ainda não. Não que eu saiba.

Apesar de Elsie saber que Norma Jeane tinha acabado de menstruar na semana anterior. Cólicas paralisantes, enxaqueca latejante. Pobre menina sangrava como um porco no abatedouro. Morta de medo, mas se recusando a admitir, orando para Jesus Cristo, o Curador.

— “Ainda não”... O que é que isso quer dizer?

— Warren, nós temos uma reputação para zelar. Os Pirig. — Como se ela precisasse lembrá-lo de seu próprio nome. — Não podemos arriscar.

— Reputação? Por quê?

— Com o Estado. Com o Serviço de Proteção ao Menor.

— Eles andaram se metendo? Fazendo perguntas? Desde quando?

— Recebi algumas ligações.

— Ligações? De quem?

Elsie estava ficando nervosa. Batendo o cigarro num cinzeiro bege. Era verdade que recebera ligações, apesar de não terem sido de autoridades do Condado de Los Angeles, e ela estava começando a temer que Warren pudesse ler seus pensamentos. Warren costumava dizer que um grande boxeador como Henry Armstrong, que ele viu lutar em Los Angeles, conseguia ler a mente do

oponente; na verdade, Armstrong sabia o que o oponente ia fazer, ou tentaria fazer antes que o oponente soubesse. Havia algo de sagaz, de cruel, no olho bom de Warren Pirig, que, quando ele chegava a ponto de olhar para alguém, dava para saber que ele era perigoso.

Peitando a esposa, mais perto. Aquele corpo imenso. Seu cheiro escabroso e suado. E suas mãos. Os punhos. Se ela fechasse os olhos, conseguiria se lembrar da força do soco no lado direito do rosto. E do rosto inchado, torto. Algo a se pensar. Ruminar. Nunca se fica sozinha desta forma.

Em outra ocasião, ele a havia acertado na barriga. Fez com que vomitasse por todo o chão. As crianças que moravam com eles na época (no momento espalhadas por vários locais, sem contato fazia muito tempo) haviam corrido como o diabo, rindo, no quintal. É claro, Warren não havia batido em Elsie com força para os padrões dele. *Se eu quisesse machucar você, eu machucaria. Não machuquei.*

Ela precisava admitir que estava pedindo para apanhar. Falando em voz alta e choramingona, Warren não gostava disso, e enquanto ele se preparava para responder, ela começou a sair do recinto, e Warren tampouco gostou daquilo.

Então, mais tarde, não imediatamente, mas talvez no dia seguinte, na noite seguinte, ele seria amoroso. Não pedindo desculpas em tantas palavras, mas querendo compensar. Suas mãos, sua boca. Que usos estranhos da boca. Não dizendo muito a ela porque o que há para dizer em momentos assim?

Ele nunca disse a ela que a amava. Mas ela sabia — de qualquer forma, achava que sabia.

Amo você, a garota havia dito. Aqueles olhos úmidos assustados. *Eu morreria, tia Elsie, se você me mandasse de volta para o Lar.* Com cuidado, Elsie disse:

— Só temos que pensar no futuro, querido. Cometemos erros no passado.

— Porra nenhuma.

— Quero dizer, erros foram cometidos. No passado.

— Foda-se o passado. O passado não é agora.

— Você conhece as moças — disse Elsie, implorando. — Coisas acontecem com elas.

Warren foi até o refrigerador, escancarou a porta, pegou uma cerveja, bateu a porta e começou a beber com vontade. Apoiou-se na bancada da cozinha ao lado da pia manchada, arrancando os decalques na bancada com a grande unha cega com beiradas de sujeira no dedão que ele havia machucado anos antes. O decalque que ele mesmo havia colocado no último inverno mas já estava soltando, maldito fosse. E minúsculas formigas pretas nas rachaduras. Warren disse, com desconforto, como um homem experimentando roupas que não lhe servem:

— Ela não vai aceitar bem. Ela gosta da gente.

Elsie não conseguiu resistir:

— Ela ama a gente.

— Merda.

— Mas você sabe o que houve da última vez. — Elsie começou então a falar rápido de uma garota que havia morado com eles poucos anos antes. Lucille, que morara naquele mesmo quarto no sótão e frequentava a Escola Van Nuys e que havia se metido em “encrencas” aos quinze anos e nem soubera com certeza quem era o pai do bebê. Como se essa Lucille passada tivesse algum impacto em Norma Jeane. Warren não estava ouvindo, distraído com os próprios pensamentos. A própria Elsie mal ouvia. Ainda assim, parecia um discurso necessário ao momento. Depois que Elsie terminou, Warren falou:

— Você vai mandar a pobre garota de volta para o Estado? De volta para... para onde?... O orfanato?

— Não. — Elsie sorriu. Seu primeiro sorriso verdadeiro no dia. Este era o trunfo que ela vinha guardando. — Vou casar essa menina e fazer ela dar o fora daqui e *em segurança*.

Ela se encolheu quando Warren deu as costas para ela de súbito e sem uma palavra saiu da casa batendo a porta. Ela ouviu o motor da picape ligar do lado de fora.

Voltou tarde, algum momento após a meia-noite, depois de Elsie e os outros terem ido dormir. Ela acordou de um leve sono agitado com os passos pesados dele e a porta do quarto se escancarou e aquele hálito forçoso e o cheiro de álcool. Estava quase completamente escuro no quarto, e Elsie esperava que ele se atrapalhasse à procura de um interruptor, mas ele não fez isso, e quando ela conseguiu se esticar para ligar a luminária ao lado da cama era tarde demais. Ele em cima dela.

Sem pronunciar palavra alguma de saudação ou de reconhecimento. Quente, pesado, inchado de ânsia por ela ou por qualquer mulher, grunhindo e se atracando nela, puxando a camisola de raíom, e ela estava tão estupefata que nem pensou em se proteger ou muito menos (pois, afinal de contas, *ela era a esposa deste homem*) se ajeitar na cama molenga para acomodá-lo.

Eles não faziam amor tinha — quanto tempo? — meses; *fazer amor* não era talvez a terminologia que ela usaria, *tregar* era mais provável, pois entre eles sempre houvera uma estranha vergonha verbal embora Warren tivesse sido sexualmente exigente, voraz e grato quando jovem, e Elsie também era reticente, brincalhona e provocativa, uma maneira esquisita de falar, mas pronunciar *amor*, dizer *Eu amo você*, era difícil. Ela sempre pensou que existem coisas que se faz todos os dias da vida, como ir ao banheiro, cutucar o nariz, coçar o corpo e tocar em si mesmo e em outras pessoas (quem tivesse outras pessoas na vida para tocar e retribuir o toque).

Ainda assim não se falava sobre essas coisas, não havia palavras adequadas para descrever essas coisas.

Como o que ele estava fazendo com ela naquele momento, que palavra, como falar disso ou até compreender, um abuso, um abuso sexual se *ela não fosse a esposa deste homem, sendo, tudo bem*, e ela o havia provocado, então havia justiça nisso, não havia? Antes de subir na cama Warren havia aberto a calça e o cinto e os arremessado longe, mas continuava com a regata de baixo fedorenta. Ela poderia sufocar nos pelos ásperos de seu corpo. O peso dele a esmagaria. Ele nunca havia pesado tanto e nunca o peso foi tão denso, tão furioso. O pênis era um bastão grosso e atarracado que atacava sua barriga, cego de início. Com os joelhos, ele empurrou com grosseria suas coxas flácidas, abrindo-as e então agarrou seu pênis para enfiá-lo dentro dela, como muitas vezes ela o viu atacar um carro destruído com um bastão para quebrá-lo em pedaços menores, sentindo prazer em superar a resistência. Elsie tentou protestar:

— Ah, Jesus, Warren... Ah, espera... — Mas o antebraço dele pressionava a parte de baixo de sua mandíbula, e ela se espremia desesperadamente para tentar aliviar a pressão na garganta, com medo de que ele, em seu estupor alcohólico, esquecesse dela e a sufocasse, quebrando a traqueia ou o pescoço. Então, segurando os pulsos de Elsie e esticando os braços agitados dela abertos, como se a crucificasse, pregou-a na cama, bombeando a si mesmo com pancadas furiosas ainda que metódicas, e ela conseguia ver no escuro o rosto suado e contorcido dele, os lábios afastados dos dentes em uma careta que muitas vezes ele fazia dormindo, gemendo no sono, revivendo as lutas da juventude quando havia apanhado muito, mas também surrado outros homens. *Eu também bati*. Seria isso uma espécie de felicidade, a felicidade de um homem, saber que *eu também bati*, sem que sequer seja

enaltecimento, mas como constatação? Elsie tentou arrumar uma posição que atenuasse a força do ataque de Warren, mas ele era forte e astuto demais. *Ele vai me matar se puder. Ele vai me foder até que eu morra. Não a Norma Jeane.* Ela conseguiria aguentar, sem berrar ou gritar por ajuda ou até chorar, embora estivesse sufocada, e lágrimas e saliva vazassem do rosto dela, contorcido como o dele. Entre as pernas ela acreditava que deveria estar rasgada, sangrando. Nunca Warren fora tão grande, inchado, demoníaco. *Pam! — pam! — pam!* A pobre cabeça de Elsie batendo na cabeceira da cama que tiveram por toda a vida de casados, e a cabeceira da cama por sua vez batendo na parede, e a própria parede vibrando e tremendo como se a terra abaixo tremesse.

Ela estava morrendo de medo de que ele quebrasse seu pescoço, mas não quebrou.

7.

— O que eu disse para você, querida? É nossa noite de sorte.

Parecendo saber de antemão o fato agriçoce de que aquela seria sua última ida ao cinema juntas. Elsie levou Norma Jeane para a sessão da quinta-feira à noite no cinema no centro da cidade, o Sepulveda, onde *Noivas do Tio Sam* e *Sorte de Cabo de Esquadra* estavam passando, além dos trailers recém-lançados de um novo filme de Hedy Lamarr e depois da última exibição, havia um sorteio de prêmios, e que grito Elsie Pirig soltou quando o número do segundo prêmio foi chamado, e era o bilhete de Norma Jeane.

— Aqui! Estamos aqui! Temos o número aqui! O bilhete de minha filha! Estamos indo!

O incrédulo grito de alegria de uma mulher que nunca ganhou nada antes em sua vida.

Elsie estava tão empolgada, tão infantil, que a audiência riu da boa natureza dela e aplaudiu, e houve alguns assobios provocativos

para a filha enquanto as duas iam até o palco com os outros vencedores. Elsie sussurrou no ouvido de Norma Jeane:

— Que inferno que Warren não está aqui para ver *isso*. — Elsie estava com o vestido de raíom azul-marinho de bolinhas brancas com ombreiras altas e sua última meia-calça em bom estado e tinha esfregado ruge nas bochechas e as bochechas estavam em chamas. Ela havia conseguido esconder, ou quase, as marcas e vergões no rosto com pó compacto. Norma Jeane em um uniforme escolar de saia plissada e suéter vermelho com um colar de contas de vidro, cabelo loiro-escuro encaracolado preso para trás com um lenço, era a pessoa mais jovem no palco e a que a plateia encarava com mais atenção. Não usava ruge, mas seus lábios estavam bastante vermelhos, combinando com o suéter. As unhas das mãos eram muito vermelhas. Apesar de o coração bater acelerado como se houvesse um pássaro preso dentro das costelas, ela conseguiu ficar em pé e de cabeça erguida enquanto os outros, inclusive Elsie, encolhiam-se de vergonha, mexiam no cabelo com nervosismo, escondiam a boca com os dedos. Norma Jeane inclinou ligeiramente a cabeça e sorriu como se fosse a coisa mais natural no mundo para ela, em uma noite de dia de semana, subir ao palco do Cinema Sepulveda para apertar as mãos do gerente de meia-idade e aceitar o prêmio. Na Sociedade Lar de Órfãos de Los Angeles, anos antes, houvera uma garotinha assustada levada ao tablado iluminado pelas mãos de luvas brancas do Príncipe Sombrio, ela travara como uma idiota, olhando além das luzes, para a plateia, mas agora já sabia o que fazer. Resistiu ao impulso de olhar para as pessoas sabendo que havia rostos que reconheceria, indivíduos que a conheciam, alguns deles da Escola Van Nuys. *Deixe que me olhem, olhem para mim*. Nada além de uma Hedy Lamarr voluptuosa, Norma Jeane quebraria o feitiço do cinema e reconheceria aqueles cujo papel era encará-la.

Elsie e Norma Jeane receberam seus prêmios: um kit de pratos de plástico de jantar e tigelas para salada com um padrão de flor-de-lis. Os cinco ganhadores de prêmios, todos mulheres exceto por um homem idoso e roliço com um quepe gasto do Exército dos Estados Unidos, foram generosamente aplaudidos. Elsie abraçou Norma Jeane ali no palco e quase explodiu em lágrimas de tão feliz.

— Não são só pratos plásticos! Isto é um *sinal*.

Elsie não havia contado a Norma Jeane, mas o garoto que ela esperava apresentar, o filho de vinte anos de uma amiga de Mission Hills, estaria na plateia naquela noite. O plano era que ele visse Norma Jeane com Elsie a uma distância discreta e pensasse um pouco, se gostaria de sair com ela. Havia a diferença de idade, apenas cinco anos, o que não significaria nada para adultos — na verdade, seria vantagem da mulher, ser cinco anos mais nova —, mas, na idade dele, sua mãe disse a Elsie, cinco anos parecia quase demais. Elsie implorou:

— Dê uma chance para minha garota. Só uma olhadinha.

Ela não tinha dúvida alguma de que se ele estivesse na plateia, o garoto deveria ter ficado impressionado com Norma Jeane ali no palco, como uma miss de concurso de beleza. E seria um sinal para ele também.

Esta garota traz sorte!

Na frente do cinema, sob a marquise escurecida, Elsie aguardou com Norma Jeane, esperando sua amiga e o garoto virem até elas. Mas isso não aconteceu. (Elsie não os tinha visto em lugar algum entre os presentes. Que diabos, se tivessem furado!) Talvez porque pessoas demais estivessem se aproximando querendo falar com elas. Alguns eram conhecidos e vizinhos, mas a maioria era completamente desconhecida.

— Todo mundo ama vencedores, hein? — Elsie cutucou Norma Jeane na costela.

Pouco a pouco, a empolgação cessava. As luzes do interior do lobby diminuíram. Bessie Glazer e seu filho Bucky não haviam aparecido e o que isso queria dizer? Elsie estava exaltada demais para pensar a respeito. Norma Jeane e ela voltaram de carro para a rua Reseda, a caixa de pratos plásticos no banco de trás do sedã Pontiac 1939 de Warren.

— Nós temos adiado isso, querida. Mas hoje à noite é melhor falarmos a respeito de você-sabe-o-quê.

— Tia Elsie — disse Norma Jeane, em uma voz baixa e resignada —, estou com tanto *medo*.

— De quê? De se casar? — Elsie riu. — A maioria das garotas da sua idade tem medo de *não* se casar.

Norma Jeane ficou em silêncio. Estava cutucando a unha do dedão. Elsie sabia que a garota tinha ideias malucas sobre fugir para se alistar ao Regimento Feminino no Exército dos Estados Unidos ou algum programa de treinamento de enfermeiras em Los Angeles, mas o fato é que ela era jovem demais. Norma Jeane não iria a lugar algum, exceto aonde Elsie quisesse.

— Olha, querida. Você está fazendo um escarcéu a respeito disso. Você já viu a... coisa... de um garoto... a coisa de um homem, não?

Elsie foi tão crua e direta, que Norma Jeane riu, assustada. Ela assentiu levemente, quase nada.

— Bom, você sabe que... aumenta. Você sabe disso.

De novo, quase nada, Norma Jeane assentiu.

— Tem a ver com o jeito que olham para você. Isso dá vontade a eles de... você sabe... “fazer amor”.

— Eu nunca olhei muito, tia Elsie — disse Norma Jeane, com ingenuidade. — Quero dizer... no Lar, os garotos nos mostravam as suas coisas para meio que nos assustar, acho. E aqui em Van Nuys, em encontros. Eles queriam que eu tocasse, eu acho.

— Eles quem?

Norma Jeane balançou a cabeça. Não de forma evasiva, mas com um ar de confusão genuína.

— Não tenho certeza. Quer dizer, eu confundo os rapazes. Houve mais do que um deles. Encontros diferentes. E momentos diferentes. Quero dizer, se um rapaz passava da linha comigo, ele se desculpava e me pedia outra chance, e eu sempre dava outra chance, e ele se comportava melhor. A maioria dos homens consegue ser cavalheiro se você insistir. É como Clark Gable e Claudette Colbert: *Aconteceu naquela noite*.

— Só se respeitarem você — resmungou Elsie.

— Mas os que queriam que eu tocasse as... coisas... — confessou Norma Jeane, com honestidade. — Eu não ficava com nojo deles ou raiva, porque entendo que os homens são assim mesmo, eles nasceram assim. Mas eu ficava com medo e nervosa e começava a rir como faço sempre, como se estivessem me fazendo cócegas! — Norma Jeane deu uma risada desconfortável. Estava sentada na beirada do assento do carro como se pisando em ovos. — Uma vez, eu estava em uma praia em Las Tunas, no carro de um rapaz e saltei e corri para o carro de outro rapaz, estacionado um pouco longe, onde ele estava com a acompanhante dele... Todos nós nos conhecíamos, fomos juntos... E eu pedi ao casal para por favor me deixar entrar e voltei para Van Nuys com eles, e o outro cara, o meu acompanhante, foi dirigindo perto de nós tentando nos acertar com o para-choques! Acho que fiz um escarcéu maior do que queria.

Elsie sorriu. Ela amava aquilo, uma beldade daquelas, tão adolescente e já deixando os aqueles malditos tarados de quatro.

— Garota! Você é demais. Quando foi isso?

— Sábado passado.

— *Sábado* passado! — Elsie riu. — Então ele queria que você o tocasse, é? Fez muito bem em não tocar, porque isso só leva para o passo seguinte. — Elsie fez uma pausa sugestiva, mas Norma Jeane não perguntou sobre o passo seguinte. — O nome da coisa é “pênis”, e é para fazer bebês, como acho que você sabe. É como uma mangueira. A “semente” sai dele.

Norma Jeane deu uma risadinha repentina. Elsie riu também. De certa forma, se já chegou na parte hidráulica da coisa, não há muito mais a dizer. Por outro lado, há tanto a dizer que a pessoa fica paralisada.

Ao longo dos anos, Elsie tivera que instruir suas filhas temporárias a respeito de sexo (aos garotos não falou, imaginando que já sabiam) e cada vez mais ela abreviava o que dizia. Algumas garotas ficavam chocadas e assustadas quando ouviam aquilo; algumas explodiam em risos histéricos; algumas encaravam Elsie em descrença. Outras ficavam apenas envergonhadas porque já sabiam mais do que queriam saber sobre sexo.

Uma garota que, mais tarde ela descobriu, havia sido estuprada pelo próprio pai e pelos tios, empurrou Elsie e gritou na sua cara:

— Cala a boca, sua morcega velha!

Com quinze anos, e sendo uma garota inteligente e questionadora, Norma Jeane certamente sabia muito sobre sexo. Mesmo a Ciência Cristã tinha de reconhecer que ele existia.

Elsie estava agitada e empolgada demais para voltar para casa de imediato, então passou por Reseda de carro rumo às zonas marginais da cidade. Warren não estaria em casa, provavelmente, e quando Warren não estava em casa só restava esperar que ele chegasse sem prever com que humor estaria.

Elsie sentia Norma Jeane ficando cada vez mais ansiosa, como uma garotinha. Ela havia dito a Elsie que, antes de adoecer, sua mãe

a havia levado por longos passeios oníricos de carro aos domingos, que eram as lembranças mais felizes de sua infância. Elsie insistiu.

— Quando estiver casada, Norma Jeane, e puder fazer isso, você se sentirá diferente. Seu marido vai mostrar para você. — Ela hesitou, incapaz de resistir. — Escolhi por você, e ele é um garoto bom e doce, teve várias namoradas e é cristão.

— Você e-escolheu por mim, tia Elsie? Quem é?

— Logo você vai ver. Não é cem por cento garantido. Como eu disse, ele é um garoto normal de sangue quente, um atleta no ensino médio, e sabe o que fazer. — Elsie hesitou. De novo, incapaz de resistir. — Warren sabia o que fazer, ou achava que sabia. Ai, ai, ai... — Ela balançou a cabeça com veemência.

Norma Jeane viu Elsie acariciar o hematoma debaixo da mandíbula, que pedira ajuda para esconder, afirmando que se machucara ao bater na porta do banheiro no meio da noite. Norma Jeane murmurou: “Ah, tia Elsie. Que pena”. E mais nada. Como se sabendo muito bem, o que havia causado as marcas. E o mancar de Elsie pela casa como se alguém houvesse enfiado uma vassoura em seu rabo.

Sabia, também, uma sabedoria feminina interior, que não deveria tocar no assunto.

Nos últimos dias, Warren havia evitado olhar na direção de Norma Jeane. Se precisasse estar no mesmo recinto que ela, virava o lado cego do rosto na direção dela. Havia em seus olhos uma suavidade ferida quando Norma Jeane não tinha escolha a não ser lhe dirigir a palavra, mas mesmo assim ele não a olhava nos olhos, o que provavelmente a confundiu e magoou. Mais recentemente mantivera-se ausente das refeições noturnas, jantando em uma de suas tavernas ou ficando sem comer.

Elsie continuou:

— Na sua noite de núpcias, talvez você fique um pouco bêbada. Não caindo de bêbada, mas um pouco alta com espumante. O

homem, em geral, se deita sobre a mulher e enfia a coisa dele, e ela está pronta para ele, ou deveria estar. Então não dói.

Norma Jeane estremeceu e lançou um olhar enviesado para Elsie, duvidando.

— Não dói?

— Nem sempre.

— Ah, tia Elsie! Todo mundo fala que *dói*.

Elsie cedeu.

— Bem. Às vezes. No começo.

— Mas a garota sangra, não sangra?

— Uma virgem, talvez.

— Deve doer, então.

Elsie suspirou.

— Acho que você é virgem mesmo, hein?

Norma Jeane assentiu solenemente. Elsie disse, sem jeito:

— Bem. Seu marido meio que prepara você. Lá embaixo. Você fica molhada e se prepara para ele. Você nunca...?

— Nunca o quê? — A voz de Norma Jeane estremeceu.

— Quis. “Fazer amor.”

Norma Jeane considerou a pergunta.

— Eu gosto que eles me beijem, basicamente isso, e amo ficar abraçada. Que nem com uma boneca. Só que nesse caso eu sou a boneca. — Ela riu de seu jeito, assustado, agudo e estridente. — Se meus olhos estão fechados, eu nem sei quem é. Qual deles é.

— Norma Jeane, isso é coisa que se diga?

— Por quê? Se é só beijar e abraçar. Por que importa qual rapaz é?

Elsie balançou a cabeça, levemente chocada. Por que importava? Ela que não sabia por quê.

Pensou em como Warren a teria assassinado. Se ela sequer beijasse outro homem, quanto mais se tivesse um caso. Claro, ele

havia sido infiel a ela diversas vezes, e ela ficara magoada e enfurecida, e ela havia deixado claro o que pensava dele, ciumenta e chorosa, e ele havia negado ter cometido qualquer erro, mas obviamente gostou da reação da esposa. Essas coisas eram assim, faziam parte do casamento, não faziam? Quando se é jovem, ao menos.

Elsie disse, com uma indignação fingida:

— Devemos ser fiéis a um homem. “Na saúde e na doença, até que a morte nos separe.” É uma coisa religiosa, acho. Querem ter certeza de que se você tiver filhos, serão os filhos dele, do marido, não de outra pessoa. Você vai se casar em uma cerimônia cristã, vou garantir isso.

Norma Jeane mordeu a unha do polegar. Mesmo dirigindo, Elsie se esticou para dar um tapinha em sua mão. De imediato, Norma Jeane deixou as mãos caírem no colo e as uniu com força.

— Ah, tia Elsie! Desculpe. Acho que estou só... com medo.

— Querida, eu sei. Mas você vai superar.

— E se eu tiver um bebê?

— Bem. Isso não vai acontecer tão cedo.

— Se eu me casar mês que vem, vai, sim! Eu poderia ter um bebê em um ano.

Era verdade, mas Elsie ainda não queria pensar nisso.

— Você pode pedir para ele usar proteção. Sabe... uma das coisas de borracha.

Norma Jeane crispou o nariz.

— Uma daquelas coisas que parecem um balão?

— São nojentas — disse Elsie, concordando —, mas é melhor que a alternativa. Com a idade dele, seu marido poderia ir para o Exército ou a Marinha ou seja lá o quê, talvez já esteja alistado. E ele não iria querer que a esposa engravidasse, desejaria isso menos ainda do que você. E se ele estiver do outro lado do oceano, você estará segura.

— Ele pode ir para o outro lado do oceano? — Norma Jeane se animou.

— Sim. Ele estaria na Guerra. Todos os homens estão indo.

— Eu queria poder ir! Queria ser um homem.

Elsie teve que rir disso. Norma Jeane, com a aparência que tinha, o rosto bonito e os modos infantis, e se entristecendo com tamanha facilidade por coisas dolorosas... querendo ser um homem!

Não queremos todas? Faltou sorte desta vez. Jogue com as cartas que tem na mão.

Elsie havia chegado ao fim do beco sem saída de terra batida. Perto delas, embora não desse para ver no escuro, havia trilhos de trem. No ano anterior, o corpo de um homem de outra cidade cravejado de balas foi encontrado em algum lugar nas proximidades. Um “assassinato de gangue”, disseram os jornais. O vento soprava pela grama alta como se contivesse os espíritos dos mortos. O que homens fazem um com os outros. A parcela de dor de cada um. Elsie estava pensando como, se isso fosse uma cena de filme, Norma Jeane e ela dentro do carro nesse lugar isolado, alguma coisa aconteceria: haveria um sinal de que algo aconteceria na trilha sonora do filme. Na vida real, não havia trilha e nem deixas. As pessoas mergulhavam numa cena sem saber se era importante. Se iriam se lembrar da tal cena por toda a vida ou esqueceriam na mesma hora. Só pessoas sozinhas juntas em um filme, e o cinegrafista observando-as, significava que algo crucial aconteceria. Só de haver uma câmera já significava que algo ia acontecer. Talvez fosse a empolgação de ganhar os pratos plásticos (que ela poderia usar, e Warren se impressionaria), mas seus pensamentos voavam em todas as direções naquela noite, e ela precisou suprimir a vontade de agarrar a mão de Norma Jeane e apertar e apertar e *apertar*. Ela disse, como se estivessem conversando sobre isso:

— Filmes como os de hoje à noite são bons e fazem a gente se sentir bem, mas são só mentiras, sabe? Bob Hope é engraçado para caramba, mas não é, sabe, real. Os filmes que eu gostei foram *Inimigo Público*, *Alma no lodo*, *Scarface: A vergonha de uma Nação...* Jimmy Cagney, Edward G. Robinson, Paul Muni. Homens malvados e sensuais que conseguem o que querem no final. — Elsie deu a ré e foi para Reseda. Não havia como adiar mais o retorno à casa; estava ficando tarde, e ela estava com sede de cerveja, não na cozinha, mas levaria para o quarto e beberia devagar para se preparar para dormir. Disse então em uma voz mais animada, como se de fato fosse uma cena cinematográfica, embora o tom oscilasse: — Você pode até chegar a gostar de seu marido, Norma Jeane! E querer filhos. *Eu* quis em algum momento.

O tom de Norma Jeane também havia mudado. Ela disse de súbito:

— Eu talvez fosse gostar de ter filhos. É a coisa normal, não é? Um bebê real. Uma vez que nasce e sai do corpo. Quando não pode mais ferir a mulher. Eu amo ficar abraçadinha com bebês. Não teria que ser o meu próprio, na verdade. Qualquer bebê. — Ela hesitou, sem ar. — Mas se fosse *meu bebê*, eu teria o direito. Vinte e quatro horas por dia.

Elsie espiou a garota, surpresa com sua mudança de ideia. Porém, era característico de Norma Jeane: ela ruminava e virava de ponta-cabeça os pensamentos, então, de repente, como se apertassem um botão, ela via você, e se animava e ficava radiante como o sol e trêmula de sentimentos bons como se tivesse uma câmera enquadrando seu rosto. Com mais ênfase, Norma Jeane disse:

— Sim! Eu gostaria de ter um b-bebê. Talvez só um? Assim eu nunca ficaria sozinha... não é?

Elsie falou, com tristeza:

— Não por um tempo. — Suspirando. — Não até ela ir embora e deixar você.

— “Ela”? Eu não quero uma menina. Minha mãe teve meninas. Quero um *menino*.

Norma Jeane falou com tamanha veemência que Elsie olhou para ela assustada.

Uma garota estranha, muito estranha. Talvez eu nunca a tenha conhecido?

Elsie ficou aliviada ao ver que a picape caindo aos pedaços de Warren não estava na garagem; por outro lado, isso significava que ele chegaria tarde, sem dúvida bêbado, e se tivesse perdido nas cartas como vinha acontecendo muito ultimamente, estaria de mau humor, mas Elsie adiou pensar nisso nesse momento. Os pratos plásticos amarelos como uma flor que ela colocaria em destaque na mesa da cozinha para Warren descobrir e se perguntar — mas que diabos? Ela conseguia imaginar o olhar confuso em seu rosto. E ele gostaria de ouvir as boas notícias. Ele sorriria, talvez. Qualquer coisa que se ganha por nada, qualquer coisa que caía no seu colo, tudo é lucro, não é? Elsie deu um beijo de boa-noite em Norma Jeane. Baixinho, disse:

— Tudo que eu falei para você hoje à noite, Norma Jeane... É para o seu próprio bem, querida. Você precisa se casar porque não pode ficar conosco, e, Deus sabe, você não quer voltar para... aquele lugar.

Essa revelação, que havia surpreendido Norma Jeane apenas uns poucos dias antes, foi absorvida com calma pela garota.

— Eu sei, tia Elsie.

— Você tem que crescer em algum momento. Nenhuma de nós pode evitar.

Norma Jeane deu aquela risadinha triste estridente.

— Acho que se é o destino de toda mulher, tia Elsie, chegou a *minha vez*.

O filho do embalsamador

— Eu amo você! Agora minha vida é perfeita.

Chegou o dia, não exatamente três semanas depois do décimo sexto aniversário de Norma Jeane, 19 de junho de 1942, um dia em que ela trocou votos sagrados de casamento com um garoto que havia amado à primeira vista, assim como ele a havia amado à primeira vista, perdendo-se um no olhar do outro em surpresa terna — *Oi! Sou Bucky e Eu sou N-Norma Jeane* — enquanto a uma distância discreta Bess Glazer e Elsie Pirig olhavam sorrindo e de olhos já lacrimejando, prevendo esse exato momento. É um fato, toda a mulher naquele casamento na Primeira Igreja de Jesus Cristo, em Mission Hills, Califórnia, estava chorando naquele dia ao ver a linda e jovem noiva parecendo talvez ter catorze anos com seu noivo tão alto ao seu lado, com 1,90 metro, 85 quilos, com cara de no máximo dezoito anos, um garoto esquisitão ainda que galante, bonito como um Jackie Coogan já adulto, com cabelo escuro arrepiado e curtinho, expondo as salientes orelhas rosadas. Ele havia sido um campeão de luta livre e jogador de futebol americano no ensino médio, e dava para ver como ele protegeria aquela garotinha que havia sido uma órfã. *Amor à primeira vista dos dois lados. O noivado não chegou nem a um mês. São os tempos, a Guerra. Tudo acelerado.*

Olha só o rostinho deles!

O rosto da noiva brilhava em uma palidez luminosa como madrepérola, exceto pelas bochechas delicadamente coradas pelo ruje. Os olhos eram chamus dançantes. O cabelo loiro-escuro como a luz do sol capturada emoldurava o rosto de boneca perfeito, parte cacheada e parte trançada pela própria mãe do noivo e enfeitado

com lírios-do-vale em que o diáfano véu de noiva flutuava mais leve que o ar. Em todos os cantos na pequena igreja, a doce inocência dolorosa de lírio-do-vale e *aquele cheiro de que me lembrarei ao longo da vida o perfume de felicidade realizada. E o terror de que meu coração pararia e Deus me abraçaria em Seu peito.*

O vestido de casamento, tão lindo. Metros de cetim branco reluzente, um corpete justo e longas mangas apertadas com punhos franzidos, metros e metros de cetim lustroso, dobras e camadas brancas e laços e renda e lacinhos e botõezinhos perolados e uma cauda de um metro e meio, e ninguém diria que o vestido era de segunda mão, da irmã de Bucky, Lorraine; é claro que tinha sido ajustado para caber nas proporções de Norma Jeane, lavado a seco e impecável e adorável, e as sandálias de salto alto em branco acetinado da noiva também impecáveis, apesar de compradas numa loja de usados da Legião da Boa Vontade em Van Nuys por apenas cinco dólares. O paletó do smoking, de cor de concha de ostra, do noivo servia, justinho, em seus ombros largos, dava para ver que ele era um garoto forte, mal-encarado, que passou raspando pelo ensino médio na Escola Mission Hills, turma de 1939, apesar de haver se ausentado muitos dos dias e odiasse livros didáticos, salas de aula, quadros negros, e ter de ficar ali sentado e sentado e sentado em carteiras pequenas demais para ele ouvindo professores velhos de ambos os sexos que falam sem parar como se tivessem algum segredo da vida, que obviamente não tinham, é claro. Bucky Glazer recebeu ofertas de bolsas de estudos para atletas da Universidade da Califórnia em Los Angeles, Universidade do Pacífico, Universidade Estadual de São Diego e outros lugares, mas recusou todas, preferindo ganhar um pouco de dinheiro e ser independente, arranjou um emprego de meio período como assistente do embalsamador na funerária mais antiga e prestigiosa em Mission Hills, então os Glazer saíram por aí se gabando que seu

garoto era praticamente um embalsamador de fato, e um embalsamador é praticamente um médico que faz autópsias de fato, um patologista; mas Bucky também trabalhava em turnos noturnos na linha de montagem da Lockheed Aviation, fabricando bombardeiros milagrosos como o B-17, destinados a bombardear os inimigos dos Estados Unidos até o inferno.

Sim, Bucky planejava se juntar às forças armadas dos Estados Unidos para lutar por seu país, e isso ele havia deixado claro para sua noiva, Norma Jeane, desde o começo.

Tudo acelerado! São os tempos.

Comentava-se: a maioria dos convidados do casamento era da parte do noivo. Os Glazer e seus muitos parentes eram americanos de ossos grandes e rostos agradáveis que lembravam um ao outro apesar de profundas diferenças de idade e sexo e que davam a impressão, sentados juntos em bancadas na pequena igreja de reboco, de terem sido pastoreados para dentro. Com uma ordem, ergueriam-se juntos e seriam pastoreados para fora. Muitos pertenciam à Primeira Igreja de Cristo e sentiam-se em casa, assentindo durante toda a cerimônia. Do lado da noiva, havia apenas seus pais adotivos, os Pirig, e dois garotos magricelos que em nada se pareciam um com o outro, descritos como irmãos de criação e um punhado de amigas da escola com rostos brilhantes maquiados e uma mulher robusta de cabelo revoltado em sarja azul que havia se apresentado antes da cerimônia como “Doutora” e que caiu em um choro gutural quando o pastor da Igreja de Cristo perguntou com severidade à noiva:

— Norma Jeane Baker, aceita este homem, Buchanan Glazer, como seu legítimo esposo, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, até que a morte os separe, no nome de Nosso Senhor Seu Único Filho e Deus, Jesus Cristo?

E a esposa engoliu fundo e sussurrou:

— Ah...! *Sim, senhor.*

A voz trêmula da órfã. Para sempre.

Dra. Edith Mittelstadt deu aos recém-casados uma “herança de família”, um serviço de chá de prata esterlina — chaleira ornamentada pesada, tigelas para creme e açúcar e bandeja no mesmo estilo —, que Bucky penhoraria em Santa Mônica por frustrantes 25 dólares.

E ele teria de sofrer a indignidade de ter sua digital tirada também, enquanto Norma Jeane, vermelha de vergonha, olhava para a frente.

Como se eu fosse uma ladra ou algo assim. Deus, que ódio!

Onde estava a mãe da noiva? Por que a mãe da noiva não estava no casamento da própria filha? E onde estava o pai? — ninguém quis perguntar.

Será que era verdade, a mãe da noiva foi internada em um sanatório público? Será que era verdade, a mãe da noiva foi encarcerada em uma prisão pública para mulheres? Será que era verdade, a mãe da noiva havia uma vez tentado matá-la quando ela era garotinha? Será que era verdade, a mãe da noiva havia se matado no hospício ou na prisão? Ninguém gostaria de perguntar em uma ocasião tão alegre.

Será que era verdade que não havia pai? Baker nenhum? A noiva era bastarda? Em sua certidão de nascimento, as palavras condenatórias PAI: DESCONHECIDO.

Entre esses norte-americanos cristãos com bom coração nesta ocasião feliz, ninguém desejaria perguntar.

Como Bucky dissera para sua futura esposa na véspera de seu casamento, não havia vergonha em suas circunstâncias. *Não pense mais nisso, querida. Ninguém na família Glazer julga outra pessoa por coisas que não são culpa dela, eu prometo. Darei um soco na cara deles se o fizerem.*

Agora que Norma Jeane havia ficado bonita o suficiente, um homem viera atrás dela.

Amor à primeira vista para levarmos por toda a nossa vida, mas talvez isso não fosse cem por cento verdadeiro.

O caso era que Bucky Glazer não quisera conhecer essa garota Norma Jeane Baker. Ao vê-la no Cinema Sepulveda com aquela bruxa Elsie Pirig, as duas chamadas ao palco, a garota pareceu, ao olhar exigente de Bucky, ser outra vagabunda colegial — além de ser jovem demais —, então ele chateou a mãe fugindo da sala de cinema e esperando por ela no estacionamento, apoiado confortavelmente no capô do carro, fumando um cigarro como um personagem de filme. Pobre sra. Glazer, marchando em seus saltos altos e xingando como se Bucky não fosse um adulto de 21 anos, mas uma criança de doze.

— Buchanan Glazer! Como teve coragem? Que grosseria! Humilhando a sua própria mãe! O que vou dizer a Elsie? Ela vai me ligar de manhã. *Eu* tive de me esconder para que não me visse! E aquela garota é perfeitamente *doce*.

Era a estratégia enlouquecedora de Bucky deixar a mãe reclamar e xingar e soltar fogo pelas ventas, imaginando que conseguiria aquilo que queria mais cedo ou mais tarde como a maioria das mulheres na família Glazer. Ela fez isso com o irmão mais velho de Bucky e suas duas irmãs mais velhas, coagindo-os a se casar jovens, o curso de ação mais sábio para não atrair problemas; é tão perigoso para garotos quanto para garotas, e a pobre Bess estava desesperada desejando romper um romance escandaloso de Bucky com uma divorciada de 29 anos que ele conhecera trabalhando à noite na Lockheed, uma mulher glamourosa de traços fortes, mãe de uma criança pequena, que “pescou meu garoto com anzol”, como Bess lamentava para qualquer um que ouvisse. Bucky havia saído com

garotas ao longo do ensino médio e estava “namorando” várias garotas no momento, inclusive a filha do diretor da casa funerária, mas para Bess, a divorciada era uma ameaça séria.

— O que tem de errado com a garota de Elsie Pirig? Por que não gosta dela? Elsie jura que ela é uma boa garota cristã que não fuma nem bebe, e lê a Bíblia e nasceu para ser dona de casa e é tímida perto de garotos e você sabe, Bucky, você deveria pensar em sossegar o facho. Com uma garota de confiança. Se tiver que atravessar o Atlântico, vai precisar de alguém para esperar você em casa. Vai precisar de um amor que lhe mande cartas.

Bucky não resistiu.

— Diabos, Carmen pode escrever para mim, Mãe. Ela já está escrevendo para um bando de caras.

Bess começou a chorar. Carmen era a divorciada glamourosa que havia pescado Bucky com seu anzol.

Bucky riu e se arrependeu e abraçou a mãe, dizendo:

— Mãe, eu já tenho você para me receber em casa, não? E escrever para mim? Por que eu precisaria de qualquer outra pessoa?

Não muito tempo depois, Bucky scandalizou uma sala inteira de parentes mulheres quando entreouviu sua mãe dizendo em sua voz pesarosa:

— Meu garoto merece uma virgem, ao menos...

E ele se esgueirou para a sala e disse bem alto, com uma expressão impassível:

— O que é uma virgem? Como eu reconheceria uma virgem? Como *você* reconheceria, mãe? — e seguiu seu rumo, assobiando. *Aquele Bucky Glazer, ele não é fora de série? A língua mais afiada da família.*

No entanto, aconteceu. Bucky concordou em conhecer a tal Norma Jeane. Mais fácil ceder a Bess do que aguentar sua insistência ou, pior ainda, os suspiros e o olhar feio. Ele sabia que

Norma Jeane era jovem, mas não o avisaram de que tinha apenas quinze anos, então foi chocante vê-la de perto. Cambaleante como uma sonâmbula ela veio a ele, então parou tomada por timidez, meio sorrindo, gaguejando o nome. *Ela é tão nova, mas, Jesus, olha só isso. Esse corpo!* Mesmo que antes estivesse se preparando para brincar a respeito deste “encontro” mais tarde com seus amigos, agora ele sentia uma atração tão poderosa que os pensamentos dispararam para o momento em que estaria se gabando dela. Exibindo o instantâneo. Melhor ainda, exibindo-a por aí. *Minha nova namorada, Norma Jeane. Ela é meio jovem, mas madura para a idade.*

A expressão no rosto de seus amigos, Bucky conseguia imaginar.

Ele a levou ao cinema. Ele a levou para dançar. Ele a levou para fazer canoagem, andar por montanhas e pescar. Ela o surpreendeu por ser um tipo de garota que gostava de estar ao ar livre, apesar da aparência. Entre seus amigos que tinham todos a sua idade ela ficava em silêncio e alerta e de olhos atentos e sorrindo para suas piadas e brincadeiras, e era claro como o nariz em seu rosto que Norma Jeane era a garota mais bonita que qualquer um tinha visto fora de uma tela de cinema, com o rosto em formato de coração e o bico de viúva e os cachos loiro-escuros caídos nos ombros e o jeito que se vestia em suéteres pequenos, saias e calças plissadas — agora “calças” eram permitidas a mulheres em lugares públicos.

Sexy como Rita Hayworth. Mas uma garota para casar como Jeanette MacDonald.

Era um tempo de coisas-acontecendo-rápido. Desde o choque de Pearl Harbor. Cada dia era como um dia de terremoto em que se acordava querendo saber o que vinha a seguir. Manchetes, boletins no rádio. Ainda assim, era empolgante também.

Era de dar pena, os homens velhos acima de quarenta anos ou qualquer um que tivera sua chance nas forças armadas e não era

chamado para lutar de verdade. Defender o país. Ou se tivesse, como na Primeira Guerra Mundial, fazia tanto tempo e era tão chato, que ninguém nem se lembrava. O que estava acontecendo na Europa e no Pacífico era *agora*.

Norma Jeane tinha um jeito de se inclinar sobre ele, quase trêmula de ansiedade para ouvir o que ele diria; tocando seu pulso e os olhos azuis erguendo-se sonhadores e sem foco e a respiração acelerava como se ela houvesse corrido, perguntando a ele o que ele achava que o futuro traria? Será que os Estados Unidos venceriam a guerra e salvariam o mundo de Hitler e Tojo? Quanto tempo a Guerra duraria e será que bombas cairiam no país? Na Califórnia? E, se sim, o que aconteceria com eles? Qual seria o destino? Bucky teve de sorrir; ninguém que ele conhecia diria uma palavra tão estranha — *destino*. Mas ali estava uma garota para fazê-lo pensar, e ele apreciava isso. Surpreso às vezes de se ouvir falando como alguém no rádio. Ele confortava Norma Jeane, dizendo a ela que não se preocupasse: se os japas tentassem bombardear a Califórnia ou qualquer um dos “territórios dos Estados Unidos”, eles seriam expulsos do céu em explosões de armas antiaéreas. (“Mísseis secretos que estamos fazendo na Lockheed, se quiser saber.”) Se eles sequer tentassem desembarcar tropas, seriam afundados na costa. E se chegassem a conseguir entrar em território americano, cada um dos homens no país lutaria com eles até morrer. *Simplesmente impossível que a guerra chegasse até aqui*.

Uma conversa estranha que tiveram. Norma Jeane falou de *A guerra dos mundos*, de H.G. Wells, que ela dizia ter lido, e Bucky explicou para ela que não, era um programa de rádio, e era de Orson Welles, poucos anos antes. Norma Jeane ficou quieta, dizendo que deveria ter se confundido com alguma outra coisa. Bucky viu a conexão que deve ter se formado na mente da garota.

— Você não ouviu isso, né? Talvez fosse jovem demais. Nós ouvimos lá em casa. Céus, não foi fácil! Meu avô pensou que fosse real e quase teve um ataque cardíaco; e minha mãe, você sabe como ela é, ficou ouvindo Orson Welles dizer que era um “noticiário simulado”, e mesmo assim continuou assustada, todo mundo estava em pânico. Eu era só um garotinho e pensei um pouco que poderia ser verdade apesar de saber que não era, era só um programa de rádio. Mas, que diabos — Bucky sorriu ao ver Norma Jeane prestando atenção com tanta ansiedade, como se a próxima sílaba que ele pronunciasse fosse preciosa —, qualquer um que viveu aquilo, aquele programa naquela noite, mesmo se não fosse real, todo mundo saiu achando que poderia ser; então quando os japas bombearam Pearl Harbor poucos anos depois, não foi tão diferente, foi? — Ele meio que havia perdido o fio da meada. Ele tinha um raciocínio a concluir e acreditava que era algo importante, mas com Norma Jeane tão próxima, e com o cheiro de sabonete ou o talco ou o que quer que fosse, algo com flores, ele não conseguia se concentrar. Não havia ninguém por perto, então ele se inclinou para a frente rápido e beijou sua boca, e de imediato, como se fosse uma boneca ela fechou os olhos, e labaredas atravessaram o corpo dele, do peito para a virilha, e ele colocou os dedos atrás de sua cabeça inclinada, reunindo o cabelo cacheado, e ele a beijou com um pouco mais de força, agora também de olhos fechados; ele estava perdido num sonho inalando aquele aroma e como uma garota em um sonho ela era macia, dócil, não oferecia resistência, e então ele a beijou com mais força, avançando com a língua contra os lábios empertigadamente fechados, sabendo que qualquer dia Norma Jeane abriria a boca para ele, e Meu Deus!, ele esperava não gozar nas calças.

Amor à primeira vista. Bucky Glazer estava começando a mudar de ideia e acreditar.

Já estava contando para os caras na Lockheed que tinha visto esta garota num palco no cinema. Ela havia ganhado um prêmio e, céus, *o prêmio era ela mesma* e entrando no holofote e a plateia aplaudindo como louca por ela.

— Um cara merece se casar com uma virgem. Um ato de respeito consigo mesmo.

Pensava muito em Norma Jeane. Haviam sido apresentados em maio, e o aniversário dela era primeiro de junho; completaria dezesseis anos. Garotas podiam se casar aos dezesseis, havia exemplos na família Glazer. *Mas você não quer apressar as coisas*, Bucky, sua mãe o alertou, mas ele percebeu isso como uma das artimanhas de Bess: dizer a Bucky o que *não* fazer, sabendo que é exatamente a coisa que Bucky iria *querer* fazer. Ainda assim, ele estava pensando em Norma Jeane do jeito que raramente pensava a respeito de qualquer uma das outras garotas. Mesmo quando estava com Carmen. Em especial quando estava com Carmen, fazia comparações. *Aceita. Ela é uma vadia. Nem um pouco confiável.* Pensando em Norma Jeane em tardes na casa funerária ajudando sr. Eeley, o embalsamador, a preparar um cadáver para a “sala de exibição”. Se o cadáver fosse mulher, e meio jovem, uma sensação, nova para ele, o tomava: a brevidade da vida, a mortalidade; como a Bíblia dizia, *Do pó viestes, ao pó retornarás*. Toda a semana na *Life* havia fotos dos feridos e mortos, corpos de soldados semienterrados na areia em alguma ilha esquecida do Pacífico de que nunca tinha ouvido falar, pilhas de chineses mortos em bombardeios japoneses. Todo mundo ficava nu na morte. *Como seria de Norma Jeane nua?* Quase perdeu os sentidos, precisando de súbito se inclinar para baixar a cabeça entre os joelhos enquanto sr. Eeley, um solteiro de bigode engraçado com sobrancelhas grossas como as de Groucho Marx, fazia piada com ele por ser “fraco”. Durante o turno noturno na Lockheed, entre a barulheira de

explodir tímpanos, ele ficava pensando em Norma Jeane, perguntando-se se ela tivera um encontro naquela noite, apesar de ela lhe haver prometido que ficaria em casa e pensaria nele. Homens poucos anos mais velhos do que Bucky, ansiosos para chegar em casa, encontrar as esposas e se enfiar na cama às seis da manhã. O tipo de coisas que diziam, esfregando as mãos. Revirando os olhos e sorrindo. Alguns deles mostravam fotografias das esposas, namoradas, jovens e bonitas. Um deles passou uma fotografia da esposa posando estilo Betty Grable, olhando para a câmera às suas costas, vestindo não roupa de banho como Betty Grable, mas apenas roupas íntimas de renda e saltos altos. Jesus. Bucky só faltou trincar os dentes. Ela não chegava nem aos pés de Norma Jeane naquela pose. *Esperem até ver minha garota.*

Será que estava se apaixonando? Ora... que diabos! Talvez estivesse. Talvez fosse a hora. Ele não gostaria de perdê-la para outro.

Na opinião de Bucky Glazer havia dois tipos de mulheres: as “duronas” e as “delicadas”. E ele tinha consciência de que babava pelas delicadas. Ali estava aquela garotinha doce erguendo o olhar arregalado para ele e confiando e concordando com tudo que ele dizia; era natural, ele sabia muito mais do que ela, então era apenas lógico que ela concordasse, e ele admirava isso; ele não gostava de garotas combativas que achavam que era essa a forma mais sensual de flerte, dar nos nervos de um homem, como Katharine Hepburn em seus filmes. Talvez isso de fato movesse Bucky, mas essa Norma Jeane pequena e delicada, maleável o movia de um jeito diferente, então ele se pegou sussurrando para ela enquanto dormia, passando o braço ao redor dela nas roupas de cama, beijando e acariciando. *Não vai doer, eu prometo! Sou louco por você.* Acordando no meio da noite tomado por desejo na cama em que havia dormido desde os seus, Deus sabe, doze anos; ele havia ficado maior que a cama

muito tempo antes, tornozelos e pés tamanho 44 pendurados para fora do colchão. *Hora de arranjar uma cama própria. Uma cama de casal.*

Então, naquela noite se decidiu. Três semanas depois de terem sido apresentados. Bem, era um tempo de coisas-acontecendo-rápido. Havia reportado o desaparecimento de um dos tios jovens de Bucky em Corregedor. Seu amigo mais próximo do time de luta livre, em Mission Hills, estava começando a fazer voos solo de bombardeio no sudoeste da Ásia, piloto da Marinha. Norma Jeane chorou, dizendo que sim, se casaria com ele, aceitaria o anel de noivado, sim, ela o amava; temendo que isso não bastasse ela fez a segunda coisa mais estranha que qualquer garota já havia feito, dentro ou fora de filmes: pegou as mãos nodosas e ressecadas dele com as suas, pequenas e macias, mesmo que as dele fedessem (ele sabia, não conseguia tirar o fedor nem esfregando) por causa dos fluidos de embalsamamento, álcool de formaldeído, glicerina, bórax e fenol, e as levou até seu rosto e de fato inalou o odor, como se fosse um bálsamo para ela, ou a lembrasse de um perfume precioso, os olhos fechados e sonhadores e sua voz só um sussurro:

— Eu amo você! Agora minha vida é perfeita.

* * *

Obrigada, Deus, obrigada, Deus, Ó, obrigada, Deus. Nunca mais duvidarei de Vós de novo em toda a minha vida, eu juro. Nunca mais desejo me punir por não ser desejada ou amada.

Enfim, a cerimônia solene na Primeira Igreja de Cristo em Mission Hills, Califórnia, estava terminando. Não apenas todas as mulheres na igreja, mas, também, boa parte dos homens estava secando os olhos com lenços. O noivo alto e corado inclinava-se sobre sua noiva garota para beijá-la, ansioso e tímido como um garoto na

manhã de Natal. Ele a apertou tanto na altura das costelas que o vestido de cetim se enrugou nas costas e o véu da noiva caiu para trás em um ângulo esquisito.

Beijando nos lábios a noiva que agora era a sra. Buchanan Glazer, e trêmulos, seus lábios se abriram para ele. Só um pouco.

Pequena esposa

1.

— Mulher de Bucky Glazer não trabalha. Nunca.

2.

Ela queria ser perfeita. Ele não merecia nada menos do que isso.

No apartamento 5A no térreo do edifício Verdugo Gardens, 2881, na rua La Vista, em Mission Hills, Califórnia.

Nos primeiros meses sonhadores do casamento.

O primeiro casamento, e nada tão doce quanto! Você não sabe na época.

Era uma vez uma jovem noiva. Jovem dona de casa. Roubando tempo para escrever em seu diário secreto. *Sra. Bucky Glazer. Sra. Buchanan Glazer. Sra. Norma Jeane Glazer.*

Não mais “Baker”. Logo nem se lembraria mais dele.

Bucky era apenas cinco anos mais velho do que Norma Jeane, mas desde o primeiro abraço, ela o chamou de Papai. Às vezes ele era o Paizão, dono orgulhoso da Bonitona. Ele a chamava de *Baby*, às vezes Boneca, dono orgulhosa da Bonitinha.

Ela era virgem, com certeza. Bucky se orgulhava daquilo também.

Como se encaixavam bem!

— É como se a gente tivesse inventado isso aqui, Baby.

Estranho pensar que, aos dezesseis anos, Norma Jeane havia sido bem-sucedida onde Gladys havia falhado. Encontrar um marido bom e amoroso para se casar, tornar-se uma *senhora*. Era

aquilo que havia adoecido Gladys, Norma Jeane sabia — não ter um marido, e não ser amada da única forma que importava.

Quanto mais pensava a respeito, mais Norma Jeane concluía que Gladys possivelmente nunca nem havia se casado. “Baker” e “Mortensen” poderiam ser puras invenções para evitar a vergonha.

Até Vovó Della havia sido enganada. Quem sabe.

Estranho, também, lembrar-se daquela manhã em que Gladys as levou para Wilshire Boulevard para testemunhar o funeral do grande produtor de Hollywood. Esperando então, a cada batimento cardíaco, Papai vir reivindicá-la. Ainda assim, levaria anos.

— Papai? Você me ama?

— Baby, eu sou louco por você. É só olhar.

Norma Jeane havia enviado um convite de casamento para Gladys. Assustada e empolgada e ansiosa e desejando em ver a mulher que era Mãe. Mas ainda assim morrendo de medo de que Mãe aparecesse.

Quem diabos é aquela, aquela maluca ali, ei, olha! As pessoas encarariam sem parar.

É claro, Gladys não viera ao casamento de Norma Jeane. Nem enviou saudação ou voto.

— Por que eu deveria me importar? Não me importo.

Como havia dito a Elsie Pirig, era mais do que suficiente ter uma sogra. Não precisava de mãe. Sra. Glazer. Bess Glazer. Implorando a Norma Jeane antes do casamento que a chamasse de “Mãe”, só que a palavra ficava presa na garganta de Norma Jeane.

Às vezes ela conseguia chamar a mulher idosa de “Mãe Glazer” em uma voz suave e arrastada que quase não se ouvia. E que mulher ela era, uma verdadeira cristã. Ainda assim não se podia culpá-la por escrutinizar a nova nora. *Por favor, não me odeie por me casar com seu filho. Por favor, me ajude a ser mulher dele.*

Ela teria sucesso onde Gladys tivera fracasso. Jurou isso para si.

Amava quando Bucky fazia amor com ela com muito vigor e paixão, chamando-a de seu amor, seu docinho, sua Baby, a Boneca, gemendo e estremecendo e relinchando como um cavalo.

— Você é minha eguazinha, Baby! Eia, eia! — As molas da cama rangendo como ratos sendo mortos. E depois Bucky em seus braços, ofegante, corpo escorregadio com um suor oleoso imundo cujo cheiro ela amava sentir, Bucky Glazer uma avalanche caída sobre ela, prendendo-a na cama. *Um homem me ama. Eu sou a mulher de um homem. Nunca mais vou ficar sozinha de novo.*

Ela já havia esquecido de seus medos pré-conjugais. Como havia sido boba, uma criança.

Ela era invejada por mulheres não casadas, garotas não noivas. Dava pare ver nos olhos delas. Que emoção! Anéis mágicos no quarto dedo da mão esquerda. Chamavam-se “reliquias da família Glazer”. A aliança de casamento estava lisa com um ouro levemente opaco a essa altura. *Dos dedos de uma morta.* O anel de noivado tinha um diamante pequeno. Mas esses eram anéis mágicos e atraíam os olhares de Norma Jeane em espelhos e superfícies com reflexo, vendo-os como os outros viam. *Anéis! Uma mulher casada. Uma garota que é amada.*

Ela era a doce e bela Janet Gaynor em *Corações Enamorados*, *Garota do Interior*, *O sonho que Viveu*. Era uma jovem June Haver, uma jovem Greer Garson. Uma irmã de Deanna Durbin e Shirley Temple. Quase da noite para o dia havia perdido o interesse por estrelas sensuais e glamourosas como Crawford, Dietrich, a lembrança de Harlow com o cabelo platinado, oxigenado de forma tão óbvia, falso. Pois o que o glamour é senão fingimento. Fingimento de Hollywood. E Mae West... que piada! Uma imitadora de mulheres.

Elas estavam fazendo o que podiam para se vender, é claro. Elas eram o que homens queriam. A maioria dos homens. Não muito

diferentes de prostitutas. Mas os preços eram maiores, elas tinham “carreiras”.

Eu nunca vou precisar me vender! Não enquanto for amada.

Andando no bonde de Mission Hills, frequentemente, Norma Jeane via com um arrepio de prazer como os olhos de estranhos, tanto homens quanto mulheres, iam parar em sua mão, seus anéis. Os olhos a classificando de imediato como *uma mulher casada, e tão jovem!* Nunca ela removeria seus anéis relíquias de família.

Seria a morte, ela sabia, remover seus anéis relíquias.

— Como se eu tivesse entrado no paraíso. E eu nem estou morta.

Exceto que agora começava um pesadelo de Norma Jeane, novo para ela desde seu casamento: uma pessoa sem rosto (homem? mulher?) se agachava sobre ela quando ela estava na cama, paralisada e incapaz de fugir, e essa pessoa queria seus anéis e Norma Jeane se negava a dar, e a pessoa agarrava sua mão e começava a cortar seu dedo fora com uma faca tão real que Norma Jeane não conseguia acreditar que não estava sangrando, e então acordava gemendo e se revirando e se Bucky estivesse dormindo ao lado dela, nas noites em que estava de folga do turno da noite, acordava grogue para confortá-la, abraçá-la e embalá-la em seus braços fortes.

— Agora, Boneca. Só um sonho ruim. Paizão está aqui protegendo você, ok?

Mas nem sempre estava tudo bem, não imediatamente. Às vezes Norma Jeane ficava assustada demais para dormir pelo resto da noite.

Bucky tentava ser empático à situação e ficava lisonjeado por sua jovem esposa precisar dele tão desesperadamente, mas, ao mesmo tempo, sentia-se inseguro. Ele próprio havia sido criança por tanto

tempo. Tinha apenas 21 anos! E Norma Jeane era imprevisível, ele estava começando a descobrir. Quando eles namoraram, ela era solar, solar, solar e agora, essas noites pedregosas, ele via outro lado dela. Assim como suas “cólicas”, como ela chamava seu período menstrual, constrangida, uma revelação assustadora para Bucky, de quem segredos femininos assim foram guardados para o próprio bem; ali estava Norma Jeane não apenas sangrando (como um porco perfurado, Bucky não conseguia evitar de pensar) pela vagina, justo no lugar de fazer amor, e ela ficava praticamente derrubada e inútil por dois ou até três dias, deitada com uma bolsa de água quente na barriga, com frequência uma compressa fria na testa (tinha “enxaquecas” também), mas para piorar a situação, Norma Jeane recusava medicação, até uma aspirina, que a mãe de Bucky recomendou, então ele se irritava com ela.

— Que besteira de Ciência Cristã que ninguém leva a sério. — Mas ele não queria discutir com ela porque isso só piorava as coisas. Então ele tentou ser compreensivo, com certeza tentou, ele era um homem casado e (como seu irmão mais velho, casado, disse de forma muito seca) era melhor se acostumar com isso, inclusive com o cheiro. Mas os pesadelos! Bucky estava exausto e precisava de suas noites de sono — ele poderia dormir por dez horas ininterruptas se ninguém o perturbasse — e lá estava Norma Jeane acordando-o, assustando-o pra caramba, em um pânico real, sua camisolinha inundada de suor. Ele não estava acostumado a dormir com alguém. Não a noite toda. E noite após noite. Alguém tão imprevisível como Norma Jeane. Era como se houvesse duas dela, gêmeas, e a gêmea noturna tomasse conta às vezes, não importando quão amorosa a gêmea diurna tivesse sido, e quão louco ele fosse por ela. Ele a abraçaria e sentiria seu coração bater com violência. Como um passarinho assustado em seus braços, um beija-flor. Mesmo assim, Deus, aquela garota conseguia abraçar *com força*.

Uma garota em pânico é forte quase como um homem. Antes de estar totalmente acordado, Bucky de alguma forma pensaria estar de volta ao ensino médio, no tatame, na luta livre, enfrentando um oponente determinado a quebrar suas costelas.

— Papai, você nunquinha vai me deixar, vai? — implorou Norma Jeane.

E Bucky disse, sonolento:

— Aham.

E Norma Jeane falou:

— Promete que não vai, Papai?

Ao que Bucky respondeu: — Claro, Baby, ok. — E ainda assim Norma Jeane persistia, e Bucky continuou: — Baby, por que eu abandonaria *você*? Eu não acabei de me casar com você?

Havia algo de errado nesta resposta, mas nenhum dos dois conseguiu aferir exatamente o quê. Norma Jeane se aninhou mais perto de Bucky, pressionando o rosto lacrimoso e quente contra seu pescoço, cheiro de cabelo molhado e talco e axilas, e o que ele imaginava ser pânico animal, sussurrando:

— Mas você promete, Papai? — E Bucky murmurava que sim, ele prometia, será que eles poderiam voltar a dormir agora? E Norma Jeane subitamente dava risadas: — Jura pela sua vida? Promessa de mindinho? — Estendendo o dedo mindinho perto do coração grande de Bucky, o que fazia cócegas nos cabelos do peito, e de súbito Bucky estava excitado, a Coisa Grande estava excitada, e Bucky agarrava os dedos de Norma Jeane e fingia comê-los, e Norma Jeane chutava e esperneava com risos, febril, se retorcendo: — Não! Papai, *não*! — Bucky a segurava contra o colchão, escalava seu corpo magro, passando o rosto em seus seios e mordiscando aqueles mamilos pelos quais ele era louco, lambendo-a, rosnando:

— Papai, *sim*. Papai vai fazer o que Papai quer com sua Boneca, porque a Boneca é *dele*. E isto pertence a Papai, e isto... e *isto*.

*E eu estava segura quando ele estava dentro de mim.
Querendo que nunca chegasse ao fim.*

3.

Ela queria ser perfeita. Ele não merecia nada menos.

Fazia marmita para Bucky levar para o trabalho. Grandes sanduíches duplos, os favoritos de Bucky. Mortadela, queijo e mostarda em pão branco grosso. Presunto apimentado. Sobras de carne com ketchup. Uma laranja valência, o tipo mais doce. Sobremesa gostosa como bolo de cereja ou pão de mel com calda de maçã. Com os racionamentos piorando, Norma Jeane economizava suas próprias porções de carne para os almoços de Bucky. Ele nunca parecia notar, mas Norma Jeane sabia que ele era grato. Bucky era um garotão forte, ainda em crescimento, com apetite de cavalo, Norma Jeane brincava, um cavalo mesmo muito faminto. Havia algo no ritual de acordar cedo para fazer os almoços de Bucky que a enchia de emoção, levava lágrimas aos seus olhos. Ela colocava bilhetes amorosos em suas marmitas com decorações de corações pintados de vermelho.

Quando você ler isto, Bucky querido, estarei pensando em
VOCÊ & em como EU ADORO VOCÊ.

E também:

Quando ler isso, Paizão, pense na sua Boneca & em todo o
AMOR que ela vai dar para você, quente e gostoso, quando
você chegar em CASA!

Bucky não conseguia resistir a mostrar os bilhetes aos outros homens em seu turno na Lockheed. Havia um rapaz bonito e que se achava, um aspirante a ator poucos anos mais velho que Bucky, e

Bucky queria impressioná-lo — Bob Mitchum. Mas Bucky não tinha tanta certeza a respeito dos pequenos poemas peculiares de Norma Jeane:

Quando corações derretem em amor
até os anjos se corroem com dor
de inveja de nós.

Será que era poesia se não rimasse? Se não rimasse *certo*? Esses poemas de amor Bucky dobrava com cuidado e guardava para si. (Na verdade, ele perdia os poemas e com frequência magoava Norma Jeane ao esquecer de comentar sobre eles.) Havia um lado colegial estranho, sonhador, em Norma Jeane, no qual Bucky não confiava. Por que não bastava a ela ser bonita e direta como outras garotas bonitas; por que também tentava ser “profunda”? De alguma forma, tinha a ver, Bucky acreditava, com seus pesadelos e “problemas femininos”. Ele a amava por ser especial, mas em parte também se ressentia. Como se Norma Jeane estivesse apenas fingindo ser a garota que ele conhecia. Aquele jeito dela de dar sua opinião de forma inesperada e aquela risada esganiçada, perturbadora, e o que se poderia chamar de curiosidade mórbida — perguntando a respeito de seu trabalho como assistente do sr. Eeley na funerária, por exemplo.

Apesar disso, os Glazer realmente gostavam de Norma Jeane e isso significava muito para Bucky. Ele havia se casado com a garota para agradar a mãe, de certa forma. Bem, não: ele também era doido por ela. Era sim! O jeito que outros rapazes se viravam na rua para olhá-la, ele teria que ter sido louco de não se apaixonar por ela. E que *boa mulher* ela era, naquele primeiro ano e mais. A lua de mel só se prolongava. Norma Jeane copiava menus para as semanas seguintes em fichas de papel, para a aprovação de Bucky. Ela anotou as receitas recomendadas pela sra. Glazer e, com ansiedade,

recortou novas de *Ladies' Home Journal*, *Good Housekeeping*, *Family Circle* e outras revistas femininas para donas de casa que a sra. Glazer passou para ela. Mesmo quando tinha uma dor de cabeça, depois de um dia de trabalho doméstico e de lavar roupas, Norma Jeane via seu marido jovem e belo com adoração enquanto ele comia faminto a refeição que ela havia preparado. *Você não precisa tanto de Deus desde que tenha um marido*. Eles eram como orações: bolo de carne com grandes pedaços de cebola roxa crua, pimentas verdes picadas e farelo de pão com uma generosa camada final de ketchup, que formava uma crosta ao assar. Ensopado de carne (embora ultimamente a carne fosse gordurosa e cartilaginosa) com batatas e outros vegetais (mas ela tinha de ter cuidado com a escolha dos vegetais, Bucky não era muito fã) e molho escuro (“engrossado” com farinha) sobre broas de milho feitas por Mamãe Glazer. Frango empanado frito com purê de batatas. Salsichas fritas no pão, encharcadas de mostarda. É claro que Bucky amava hambúrgueres com ou sem queijo quando Norma Jeane conseguia arranjar a carne, servidos com porções grandes de batatas fritas e muito muito ketchup. (Mãe Glazer havia avisado Norma Jeane que se ela não colocasse ketchup suficiente na comida de Bucky, corria o risco de deixá-lo impaciente, e aí ele pegaria o frasco e daria uma batida forte e metade do conteúdo sairia de uma vez só!)

Havia pratos de caçarola que não eram os favoritos de Bucky, mas se ele estivesse com fome — e Bucky sempre estava com fome —, os comeria com quase tanto apetite quanto as comidas favoritas: atum, macarrão com queijo, creme de salmão com milho enlatado sobre pão torrado, nacos de frango em molho cremoso com batatas, cebolas e cenoura. Pudim de milho, de tapioca, de chocolate. Gelatina de frutas com marshmallows. Bolos, biscoitos, tortas. Sorvete. Ah, se não houvesse a Guerra e o racionamento! Carne, manteiga e açúcar estavam se tornando escassos. Bucky sabia que

não era culpa de Norma Jeane, mas de uma maneira infantil ele parecia culpá-la: homens culpavam as mulheres por refeições que não eram completamente satisfatórias assim como culpavam as mulheres por sexo que não era totalmente satisfatório; o mundo é desse jeito e Norma Jeane Glazer, esposa havia menos de um ano, sabia disso por instinto. Mas quando Bucky gostava de uma refeição, ele exultava entusiasmo e era empolgante para ela vê-lo comer, assim como muito tempo antes (era o que parecia: na verdade, não muitos meses antes) ela se sentira emocionada observando seu professor do ensino médio sr. Haring ler seus poemas em voz alta ou até em silêncio. Ali ficava Bucky à mesa da cozinha, a cabeça levemente baixa na direção do prato conforme mastigava, um brilho fraco no rosto largo de ossos fortes. Se estivesse chegando do trabalho, teria lavado o rosto, antebraços e mãos e penteado o cabelo úmido para trás. Teria tirado as roupas suadas e colocado uma camiseta limpa e calças cáqui de algodão ou às vezes só samba-canção. Quão exótico Bucky Glazer parecia a Norma Jeane em sua própria masculinidade. Sua cabeça que aparentava, sob certos ângulos de luz, uma cabeça de argila modelada, o queixo forte e quadrado, as mandíbulas triturantes, a boca de garoto, os olhos castanhos francos — mais lindo, Norma Jeane pensava, emocionada, que os olhos de qualquer homem que ela já tinha visto de perto, sem ser nos filmes. Apesar de um dia Bucky Glazer dizer dela, sua primeira mulher: *A pobre Norma Jeane não conseguia cozinhar o que quer que fosse, aquelas caçarolas encharcadas de queijo e cenouras e ela mergulhava tudo em ketchup e mostarda.* Ele diria com franqueza *Nós não nos amávamos; éramos dois desgraçados jovens demais para nos casar. Em especial, ela.*

Ele repetia o prato, de tudo. De suas comidas favoritas repetia de novo.

— Querida, isto está de-li-ci-o-so. Conseguiu de novo.

Erguendo-a então em seus braços de músculos fortes como o de Popeye antes de ela sequer ter tempo de colocar as louças de molho na pia, e ela gritava ansioso e em pânico, como se por um milissegundo tivesse esquecido quem era garoto de cem quilos, cheio de paixão, cacarejando:

— Peguei você, Baby! — Ele a levaria para o quarto, os passos tão pesados que o piso estremecia; com certeza, os vizinhos de todos os lados sentiam, com certeza Harriet e suas colegas de apartamento do outro lado sabiam o que os recém-casados estavam aprontando; o braços apertados dela ao redor de seu pescoço como se estivesse se afogando, então a respiração de Bucky ficava rápida e audível como a de um garanhão; e ele ria, ela praticamente o estrangulava numa gravata como um lutador de luta livre, e ela esperneava e se agitava enquanto, com um grito de triunfo, ele a segurava na cama pelos ombros, abrindo os botões do vestido de ficar em casa ou puxando o blusão, passando o rosto em seus lindos seios nus, seios macios e saltitantes e de mamilos rosa-amarronzados como jujubas, e a barriguinha arredondada coberta com uma fina pelugem clara e sempre tão quente, e os pelos loiros e castanhos tão cacheados, úmidos, que chegavam a fazer cócegas, e na base da barriga, uma moita surpreendente para uma garota da idade dela. “Ah, Boneca. *Ohhhh*.” Quase sempre Bucky ficava tão excitado que gozava nas coxas de Norma Jeane, era uma forma, também, de contracepção uma vez que não confiava em si mesmo para colocar a camisinha a tempo, pois até em sua paixão Bucky Glazer estava muito alerta para evitar um bebê. Mas, como um garanhão, ele ficaria duro de novo em minutos, o sangue disparando para o Grandão como se uma torneira de água quente tivesse sido ligada. Ele havia ensinado sua mulher adolescente a fazer amor, e ela havia sido uma pupila dócil e ansiosa e, às vezes, Bucky tinha que admitir, a paixão dela o assustava um pouco, só um

pouco de *desejo demais por mim, por aquilo: amor*. Eles se beijavam, abraçavam-se, faziam cócegas, cutucavam as línguas nas orelhas um do outro. Pegavam e agarravam um ao outro. Se Norma Jeane tentasse escapar deslizando da cama, Bucky avançava e a pegava com um berro: “Peguei você, *Baby!*” Ele a jogava na cama, com os lençóis revirados, gritando, rindo, arfando e gemendo, e Norma Jeane também gemia e chorava, sim, e que se danassem os vizinhos fofoqueiros ao lado ou no andar de cima ou alguém passando na calçada do lado de fora da janela telada, além da veneziana fechada sem cuidado. Eles estavam casados, não estavam? Em uma igreja, diante de Deus? Eles se amavam, não amavam? Tinham todo o direito de fazer amor quando e com a frequência que quisessem, não tinham? O resto que se danasse!

Ela era uma doce, mas tão emotiva. Queria amor o tempo todo. Era imatura e pouco confiável e acho que eu também; éramos jovens demais. Se ela cozinhasse melhor e não fosse tão emotiva, poderia ter dado certo.

4.

Ao meu marido

Meu amor por você é profundo...
nas profundezas do mar a descer.
Sem você, meu querido,
eu deixaria de ser.

Já no inverno de 1942 para 1943, a Guerra indo mal na Europa e no Pacífico, Bucky Glazer estava inquieto, falando de se alistar na Marinha ou nos fuzileiros navais ou na marinha mercante.

— Deus fez os Estados Unidos o número um por um motivo. Temos que arcar com a responsabilidade.

Norma Jeane o encarava com um sorriso grande e vazio.

Logo as juntas de recrutamento estariam chamando homens casados sem filhos. Fazia todo o sentido se alistar antes de ser convocado, não? Ele estava trabalhando quarenta horas por semana na Lockheed, além de uma ou duas manhãs na funerária McDougal's Funeral Home ajudando o sr. Eeley. (“Mas é estranho: as pessoas não estão morrendo tanto por agora. Tantos homens foram embora, e os velhos querem ficar vivos para ver como a guerra vai acabar. E sem muita gasolina, não dá para dirigir rápido o suficiente para bater.”) A experiência de embalsamador seria útil nas forças armadas. Também o histórico de futebol americano e luta livre na escola: Bucky Glazer havia sido um atleta de alto nível, poderia ajudar a treinar recrutas mais fracos. Ele também tinha aptidão para matemática, ao menos a matemática na Escola Mission Hills e conserto de rádios e mapas. Todas as noites ele ouvia as notícias da Guerra e lia com cuidado o *Los Angeles Times*. Ele levava Norma Jeane para o cinema toda semana, quase sempre para ver *A marcha do tempo*. Nas paredes do apartamento ele havia colado mapas de guerra da Europa e do Pacífico e alfinetes coloridos em áreas onde conhecidos dele estavam servindo — parentes, amigos. Ele nunca falava de alguém declarado morto ou desaparecido ou levado prisioneiro, mas Norma Jeane sabia que ele pensava bastante.

De presente, no Natal de 1942, um dos primos de Bucky no Exército o enviou como lembrança uma caveira japonesa de uma das Ilhas Aleutas, chamada Kiska. Que surpresa! Abrir o pacote, erguer a caveira nas mãos como uma bola de basquete, Bucky soltou um longo assobio grave e chamou Norma Jeane do outro quarto para ver. Norma Jeane entrou correndo na cozinha e quase desmaiou. O que era aquela coisa horrível? Uma cabeça? Uma cabeça humana? Uma *cabeça humana* careca lisa, sem cabelo e pele?

— É uma caveira de japa. Não tem problema — disse Bucky, um rubor infantil colorindo seu rosto. Ele enfiou os dedos nos enormes buracos dos olhos. O buraco do nariz também parecia anormalmente grande e irregular. Restavam três ou quatro dentes descoloridos no maxilar e não tinha mais mandíbula. Emocionado e com inveja, Bucky disse diversas vezes:

— *Deus!* Trev com certeza está na frente do velho Bucky.

Norma Jeane deu seu sorriso grande e vazio como de alguém que não havia entendido a piada ou preferia não ter entendido, como aquelas piadas nojentas que os Pirig e seus amigos contavam para deixá-la constrangida mas não conseguiam. Ela via quão empolgado o marido estava e não queria atrapalhar seu humor.

“Bom e velho Hirohito” foi colocado em destaque no topo do console do rádio RCA. Victor na sala de estar. Bucky parecia estar orgulhoso daquilo como se ele mesmo fosse o responsável por sua captura nas Ilhas Aleutas.

5.

Ela queria ser perfeita. Ele não merecia nada menos.

E ele tinha um nível de exigência tão alto! E um olhar atento.

Toda manhã ela faxinava o apartamento em Verdugo Gardens por completo. Apenas três recintos não muito espaçosos e um banheiro grande o suficiente para comportar uma banheira, uma pia, um vaso sanitário, e todos aqueles espaços confiados a ela, que limpava com a concentração e fervor de quem fez um voto de pobreza. Não ecoava em seus ouvidos, com um tom de ironia, a fala de seu marido: *Mulher de Bucky Glazer não trabalha. Nunca.* Ela entendia que o trabalho de uma mulher dentro do lar não é trabalho, mas privilégio e dever sagrados. “O lar” santificava qualquer gasto de espírito ou esforço. Era uma convicção frequentemente dita pelos Glazer, de modo pouco claro, somado ao

fervor cristão, que mulher alguma, em especial a casada, deveria trabalhar fora “do lar”. Mesmo durante a Grande Depressão, quando algumas da família (Bucky era vago com os detalhes, acabrunhado e envergonhado, e Norma Jeane não desejaria perguntar) moravam em um trailer e uma barraca em algum lugar no vale de São Fernando, mesmo assim, apenas membros homens da família “trabalhavam”, apesar de isso incluir crianças, sem dúvida, o próprio Bucky, com menos de dez anos.

Uma questão de orgulho, orgulho masculino, que as mulheres da família Glazer não trabalhassem fora “do lar”. Com inocência, Norma Jeane perguntou:

— Mas agora que estamos em Guerra isso também vale? — A pergunta pairou no ar, não ouvida.

Esposa minha, não. Nunca!

Ser objeto do desejo masculino é saber que *eu existo!* A expressão nos olhos. O pau duro. Apesar de sem valor, você é desejada.

Apesar de sua mãe não querer você, você é desejada.

Apesar de seu pai não querer você, você é desejada.

A verdade fundamental de minha vida, mesmo se fosse verdade ou só uma farsa: quando um homem quer você, você está segura.

Com mais clareza do que se lembrava do calor da presença do marido no apartamento, Norma Jeane um dia se lembraria daquelas longas horas matinais profundamente gratificantes que se estendiam até o começo da tarde naquele lugar de isolamento sombrio e secreto, não silencioso (pois Verdugo Gardens era um lugar barulhento como um quartel, crianças gritando na rua, bebês chorando, rádios ligados em volumes mais altos do que o próprio rádio de Norma Jeane): os prazeres rítmicos, repetitivos e hipnóticos das tarefas domésticas. Com que velocidade o cérebro

animal aceita o instrumento em mãos: escova de carpete, vassoura, esfregão, bucha. (Os jovens Glazer ainda não podiam comprar um aspirador de pó, mas logo comprariam, Bucky prometeu!) Na sala de estar havia um único tapete retangular de cerca de dois por dois metros e meio, azul-marinho, comprado de segunda mão por nove dólares, e agora Norma Jeane passava a escova nele em um transe. Um único fiapo de pelo era empolgante: em um minuto a mancha estava lá, no minuto seguinte não estava mais! Norma Jeane sorria. Talvez se lembrasse de Gladys em um humor brando, um humor vago, quase amável, executando uma ou outra atividade (não tarefa doméstica), chapada, mas bem mais do que isso, pois Norma Jeane agora entendia que o cérebro de sua mãe gerava sua própria química única e determinada. Ficar totalmente absorto no momento. Tornar-se uma com a ação que está executando. *Seja lá o que for: este maravilhamento diante de mim*, empurrando a escova de carpete para a frente e para trás, para a frente e para trás. E então no quarto, um tapete ainda menor, oval. Cantando com o rádio, uma rádio popular de Los Angeles. Sua voz era suave, delicada, desafinada, contente. Ela se lembrava das aulas de Jess Flynn e sorria ao pensar nas esperanças grandiosas que Gladys tinha para ela, Norma Jeane, cantando! Aquilo era engraçado, como as aulas de piano de Clive Pearce. O pobre homem estremecendo e tentando sorrir enquanto Norma Jeane tocava, ou tentava tocar. Ela sentiu uma onda de vergonha por sua tentativa desconcertante mais recente no ensino médio, no teste para um papel em uma peça — qual era mesmo? — *Nossa cidade*. Era mais difícil sorrir para aquela lembrança. O olhar debochado, a voz da autoridade confiante de professor. *Duvido que sr. Thornton Wilder veria da mesma forma*. O homem estava certo, é claro! Agora ela amava a escova de carpete, presente de casamento de uma das tias de Bucky. E ela havia ganhado um esfregão com cabo de madeira com um torcedor de

pano sobre um balde plástico verde, outro presente útil de outro Glazer. Instrumentos para ajudá-la na tarefa de se tornar perfeita. Ela limpava e esfregava o piso de linóleo bastante arranhado da cozinha, e ela limpava e esfregava o piso de linóleo desbotado do banheiro. Com esponjas e habilidade e fanatismo, esfregava pias, bancadas, banheira e vaso sanitário. Alguns desses nunca ficariam limpos, nem perto disso. Manchados por inquilinos anteriores, nem adiantava reclamar. Com rapidez então ela mudava roupas de cama, colocava colchão “para tomar um ar”, os travesseiros. A cada semana ela levava a roupa para a lavanderia ali perto. Voltava com roupas úmidas para pendurar no varal fora do apartamento. Ela amava passar roupa, cerzir. Bucky “fazia estrago nas roupas”, como Bess Glazer havia avisado à nora com seriedade, e esse desafio Norma Jeane estava determinada a superar com zelo e otimismo incansáveis, cerzindo meias, camisas, calças, roupas íntimas. No ensino médio, ela aprendera a tricotar para o Auxílio de Guerra Britânico, e, agora, quando tinha tempo, tricotava uma surpresa para o marido, um pulôver verde-floresta com um padrão que a sra. Glazer lhe dera. (Norma Jeane nunca chegaria a terminá-lo, pois vivia desfazendo o que produzia, insatisfeita com o resultado.)

Assim que Bucky estava fora do apartamento, Norma Jeane atirava um de seus lenços sobre a caveira japonesa no console do rádio. Pouco antes de ele voltar, ela o removia.

— O que está aqui embaixo? — perguntou Harriet, erguendo o lenço antes que Norma Jeane pudesse alertar. O nariz de pug de Harriet se crispou quando viu do que se tratava, mas ela apenas deixou o lenço cair de volta no lugar. — Ah, meu Deus. Uma dessas.

Mais amorosamente, Norma Jeane tirava o pó de porta-retratos com fotos e instantâneos na sala de estar. A maioria era do casamento, brilhantes, coloridas e radiantes, em molduras de latão. Casados havia menos de um ano, Bucky e Norma Jeane já tinham acumulado muitas lembranças felizes. Seriam um bom presságio?

Norma Jeane havia se surpreendido com as inúmeras fotos de família na casa dos Glazer, exibidas com orgulho em quase todas as superfícies possíveis. Tataravós de Bucky e tantos bebês! Norma Jeane se encantou de ver como era possível rastrear Bucky desde seu primeiro registro de bebê gorducho com a boca aberta nos braços da jovial Bess Glazer, em 1921, até o touro jovem e forte em forma de homem que ele era em 1942. Que evidência de que Bucky Glazer existia e era querido! Ela se lembrava de suas visitas pouco frequentes à casa de colegas da Escola Van Nuys, como essas famílias, também, exibiam-se orgulhosamente em mesas, pianos, peitoris de janela e paredes. Até Elsie Pirig tinha algumas fotos selecionadas das versões mais jovens e ensolaradas dos Pirig. Foi um choque se dar conta de que apenas Gladys nunca tivera quaisquer fotos de família emolduradas e exibidas, exceto aquela do homem de cabelo escuro que, segundo ela, era o pai de Norma Jeane.

Norma Jeane deu uma risadinha. Era provável que a foto fosse um retrato de publicidade do Estúdio. Alguém que Gladys mal devia conhecer.

— Por que eu me importaria? Não me importo.

Agora que estava casada, Norma Jeane raramente pensava a respeito do pai perdido ou do Príncipe Sombrio. Era raro que pensasse em Gladys, exceto como se pensa em um parente portador uma doença crônica. Qual era a necessidade?

Havia uma dúzia de imagens emolduradas. Diversas tiradas na praia, Bucky e Norma Jeane em roupas de banho, braços ao redor da cintura do outro; Bucky e Norma Jeane com alguns dos amigos de Bucky em um churrasco; Bucky e Norma Jeane descansando no capô do Packard 1938 recém-comprado. Mas eram as fotos de casamento que mais fascinavam Norma Jeane. A noiva jovem e radiante em um vestido branco de cetim e um sorriso deslumbrante, o noivo em seu traje a rigor e gravata-borboleta,

cabelo penteado para trás, perfil bonito como o de Jackie Coogan. Todos ali maravilhados diante da beleza e da paixão daquele jovem casal. Até o pastor havia enxugado os olhos. *Ainda assim, como eu estava assustada. E não dá nem para imaginar pela foto.* Num torpor, Norma Jeane havia sido levada até o altar por um amigo da família Glazer (já que Warren Pirig se recusou a ir ao casamento), sangue pulsando nos ouvidos e um enjoo na boca do estômago. No altar ela oscilava em saltos altos que machucavam (um tamanho menor que seu pé, mas uma pechincha), começando com seu sorriso doce com covinhas para o pastor da Igreja de Jesus Cristo entoando as palavras habituais em sua voz nasalada, e ocorreu a ela que Groucho Marx teria atuado na cena com mais vitalidade e glamour, sacudindo as sobrancelhas e bigode falsos ridículos. *Você, Norma Jeane, aceita este homem...?* Ela não fazia ideia do que a pergunta significava. Virando-se então, ou feita a se virar, pois provavelmente Bucky a havia cutucado, ela viu Bucky Glazer ao seu lado como um comparsa, lambendo os lábios com nervosismo, e conseguiu sussurrar uma resposta para o pastor, *E-eu aceito*, e Bucky respondeu com mais força, a voz alta o suficiente para se ouvir pela igreja *Com certeza, aceito!* Atrapalhou-se um pouco com a aliança, mas ela coube no dedo gelado de Norma Jeane com perfeição, e a sra. Glazer com sua ansiedade costumeira havia se certificado de que o anel de noivado de Norma Jeane tivesse sido passado para a mão direita, então aquela parte da cerimônia seguiu com tranquilidade. *Eu estava tão assustada. Queria fugir. Mas para onde?*

Outra foto favorita mostrava os noivos cortando o bolo de três andares. Foi na festa, em um restaurante de Beverly Hills. A mão grande e poderosa de Bucky sobre os dedos finos de Norma Jeane na faca de lâmina longa, e ambos os jovens com um sorriso enorme para o flash da câmera. A essa altura, Norma Jeane já havia bebido

sua primeira ou segunda taça de espumante, e Bucky havia bebido tanto espumante quanto cerveja. Havia uma foto dos recém-casados dançando, e uma foto do Packard de Bucky decorado com coroas de papel crepom e placas dizendo RECÉM-CASADOS, os noivos acenando. Essas fotos e outras, Norma Jeane havia enviado para Gladys em Norwalk. Ela havia incluído um bilhete tagarela e animado em papel de carta florido:

Todos nós sentimos muito que você não tenha conseguido vir ao meu casamento, Mãe. Mas é claro que todos entenderam. Foi o dia mais, mais maravilhoso da minha vida.

Gladys não havia respondido, mas Norma Jeane não esperara uma resposta.

— Por que eu deveria me importar? Eu não me importo.

Ela nunca havia bebido espumante antes daquele dia. Como uma devota da Ciência Cristã, não aprovava bebidas alcoólicas, mas um casamento é uma ocasião especial, não é? Como espumante é delicioso, que mágicas as borbulhas no nariz, mas ela não gostou da tontura que veio em seguida, os risinhos bobos e a perda do controle. Bucky ficou bêbado de espumante, cerveja e tequila, e vomitou tão subitamente enquanto dançavam que manchou a saia do lindo vestido de casamento branco de cetim. Por sorte, Norma Jeane estava planejando trocar de roupa de qualquer forma, antes de partirem para o hotel da lua de mel no alto da costa de Morro Beach. Com pressa, a sra. Glazer molhou alguns guardanapos e limpou a maior parte da mancha fedorenta enquanto brigava:

— Bucky! Que vergonha. Este vestido é da Lorraine.

Bucky ficou infantilmente arrependido e foi perdoado. A festa seguiu. A banda contratada continuou a tocar, alto. Norma Jeane, já sem sapatos, estava dançando com o marido outra vez. “Don’t Get

Around Much More” — “This Can’t be Love” — “The Girl That I Marry”. Deslizando pela pista de dança, arrastando outros casais, dando risadas barulhentas. Câmeras piscaram. Havia um turbilhão de confete, balões e arroz. Algumas das amigas do ensino médio de Bucky estavam jogando balões cheios d’água, e a frente da camisa de Bucky ficou encharcada. Serviram o bolo de morango com chantilly. De alguma forma, Bucky derrubou uma colherada de morangos com calda na saia rodada do vestido de linho branco que Norma Jeane havia colocado.

— Bucky, *que vergonha!* — A sra. Glazer estava escandalizada; mas todo mundo (incluindo os recém-casados) riu. Houve mais dança. Uma confluência aquecida e festiva de cheiros. “Tea for Two” — “In the Shade of the Apple Tree” — “Begin the Beguine”. Todo mundo aplaudiu ao ver Bucky Glazer, rosto brilhando como uma calota de carro, experimentar o tango! *Sinto muito que não tenha conseguido ir ao meu casamento. Você acha que eu ligo? Não estou nem aí.* Bucky e seu irmão mais velho, Joe, riam juntos. Elsie Pirig, em tafetá verde-limão, o batom borrado, apertava a mão de Norma Jeane em despedida, arrancando dela a promessa de que ligaria em algum momento no dia seguinte, e que ela e Bucky visitariam Elsie assim que voltassem dos quatro dias de lua de mel. Mas Norma Jeane estava perguntando de novo por que Warren não viera ao casamento, apesar de Elsie lhe haver dito que era por motivos de trabalho.

— Ele mandou beijos para você, querida. Vamos sentir saudades, sabe. — Elsie também estava sem sapatos, quase cinco centímetros mais baixa do que Norma Jeane. De súbito, ela se inclinou para a frente para beijar Norma Jeane nos lábios, com ferocidade. Norma Jeane nunca havia sido beijada desta forma antes por qualquer mulher. Ela estava implorando:

— Tia Elsie, eu poderia ir para casa com você hoje à noite. Só mais uma noite. Eu poderia dizer a Bucky que não fiz todas as minhas malas, está bem? Ah, *por favor*. — Elsie riu como se fosse uma piada e tanto, empurrando Norma Jeane para longe na direção de seu noivo. Era hora de os recém-casados irem embora de carro para seu hotel de lua de mel. Bucky e Joe tinham parado de rir e discutiam. Joe estava tentando tirar as chaves do carro de Bucky, que dizia:

— Eu consigo dirigir... Que diabo, sou um homem casado!

A viagem costa acima foi um pouco assustadora. Havia uma névoa oceânica e o Packard deslizava pelo centro das pistas. Norma Jeane, agora com a mente clara outra vez, estava aninhada em Bucky, a cabeça apoiada no ombro dele para se certificar de que poderia agarrar o volante se necessário.

No Loch Raven Motor Court, sobre o oceano brumoso, no crepúsculo, Norma Jeane ajudou Bucky a sair do Packard decorado e os dois cambalearam e escorregaram e quase caíram juntos, em suas roupas finas, no pavimento da entrada. A cabana cheirava a repelente e havia pernilongos voando por cima da colcha da cama.

— Diabo, eles são inofensivos — disse Bucky, com doçura, esmagando-os com o punho. — São os escorpiões que matam. E as desgraçadas aranhas marrons. Se mordem sua bunda, *já era*. — Ele riu alto. Precisava usar o banheiro. Com o braço ao redor da cintura dele por segurança, Norma Jeane o guiou até o vaso. Ela estava tão envergonhada. A primeira imagem do pênis de seu marido, que até agora ela havia apenas sentido, pressionado ou esfregado contra o próprio corpo, era chocante para ela, inchado de urina, chiando e fumegando no vaso sanitário. Norma Jeane fechou os olhos. *Apenas a Mente é real. Deus é amor. Amor é o poder de cura*. Logo depois, esse mesmo pênis estava sendo enfiado em Norma Jeane, na fenda apertada entre suas coxas. Bucky alternava entre metódico e

frenético. É claro que Norma Jeane havia sido preparada para isso, ao menos em teoria, e na verdade a dor não era muito pior do que as cólicas menstruais, assim como Elsie Pirig previra. Exceto que era mais aguda, como uma chave de fenda. De novo, ela fechou seus olhos. *Apenas a Mente é real. Deus é amor. Amor é o poder de cura.* Houve um pouco de sangramento no papel higiênico que Norma Jeane havia colocado meticulosamente sob eles, mas era sangue fresco e vermelho, não o tipo mais escuro e fedorento. Se ela ao menos pudesse tomar um banho! Mergulhar em um banho quente relaxante! Mas Bucky estava impaciente, Bucky queria fazer de novo. Segurava uma camisinha murcha que ficava deixando cair, xingando.

— Mas que *diabo*. — Seu rosto inchado vermelho como o balão de uma criança cheio prestes a explodir. Norma Jeane estava com vergonha demais para ajudar com a camisinha, aquela era apenas sua noite de núpcias e ela não conseguia parar de tremer e ter calafrios e era muito desconcertante — totalmente diferente do que havia esperado — que Bucky e ela estivessem tão sem jeito com a nudez um do outro. Ora, não era nada como ver a própria nudez no espelho. Não era nada como qualquer nudez que tivesse imaginado. Era uma esfregação de pele com pele desajeitada e cheia de suor. Era *claustrofóbico*. Como se houvesse mais gente do que apenas os dois na cama. Todos os anos ela havia se empolgado, vendo a Amiga Imaginária no espelho, sorrindo e piscando para si mesma e movendo o corpo com música imaginária como Ginger Rogers, exceto que não precisava de um parceiro de baile para dançar e ficar feliz. Mas era diferente agora. Tudo estava acontecendo rápido demais. Ela não conseguia enxergar o que estava havendo. Ah, ela queria que acabasse logo para que pudesse se aninhar nos braços dele e dormir, dormir, dormir, e talvez sonhar com o dia do casamento e *com ele*.

— Querida, pode me ajudar? Por favor. — Bucky estava beijando-a repetidamente, os dentes roçando nos dela como se tentasse ganhar uma discussão. Em algum lugar ali perto as ondas quebravam na praia como aplausos com pontadas de escárnio. — Meu Deus, querida, eu amo você. Você é tão doce, você é tão boa, você é tão linda. Vamos lá! — A cama tremeu. O colchão empelotado deslizou e começou a derrapar perigosamente para o lado. Era preciso colocar mais papel higiênico na cama, mas Bucky não estava prestando atenção. Norma Jeane guinchou e tentou rir, mas Bucky não estava nesse clima. Um dos últimos conselhos que Elsie Pirig dera a Norma Jeane foi *Tudo o que você precisa fazer, no fundo, é ficar fora do caminho*. Norma Jeane havia dito que isso não soava muito romântico, e Elsie respondeu, com rispidez *Quem disse que é pra ser?* Ainda assim, Norma Jeane estava começando a entender. Havia uma impessoalidade estranha no fazer amor de Bucky, não era nada como os “beijos” e “carícias”, ávidos, quentes e demorados de um mês antes. Entre as pernas de Norma Jeane havia um calor cauterizante, borrrões de sangue nas coxas de Bucky; seria de se imaginar que tudo isso bastaria para a noite, mas Bucky estava determinado. Ele havia conseguido de novo se enfiar na fenda entre suas coxas, com ou sem camisinha, um pouco mais fundo do que na primeira vez, e agora ele estava fazendo a cama tremer e gemendo e de súbito ele se ergueu como um cavalo baleado durante o galope. Seu rosto ficou crispado, os olhos se reviraram. Um soluço relinchante escapou dele:

— Je-sus.

Afundou, então, nos braços de Norma Jeane em um sono profundo de roncos abafados. Norma Jeane se retorceu de dor e tentou se virar para uma posição mais confortável. Embora de casal, a cama *era* pequena demais. Com ternura ela acariciou a testa brilhante de suor de Bucky, os ombros musculosos. A lâmpada de

cabeceira estava ligada e a luz feria seus olhos cansados, mas ela não conseguiria alcançá-la sem incomodar Bucky. Ah, se ela ao menos pudesse tomar um banho! Era tudo que ela de fato queria, um banho. E fazer alguma coisa com o lençol emaranhado encharcado sob eles. Diversas vezes durante aquela noite longa que enfim desembocou em 20 de junho de 1942, e uma névoa matinal quase opaca, Norma Jeane acordou de um sono leve e com dor de cabeça e todas as vezes Bucky Glazer estava lá, nu e roncando, prendendo-a na cama. Ela tentou erguer a cabeça para ver a longa extensão dele. Seu marido. *Seu marido!* Como uma baleia encalhada ele estava, nu, as pernas peludas cruzando a cama. Ela ouviu a sua própria risada, uma risada de garotinha assustada, lembrou-a da boneca perdida fazia muito tempo que ela tanto amava, a boneca-sem-nome, a não ser que o nome fosse “Norma Jeane”, a boneca de pernas moles e sem ossos, os pés.

6.

Me fale sobre o trabalho, Paizinho. Mas ela não estava falando da fábrica Lockheed em que Bucky trabalhava.

Em sua camisola curta, sem calcinha, aninhava-se como um gato no colo de Bucky, passando o braço ao redor do pescoço dele e seu hálito quente em sua orelha distraíndo-o da nova edição da *Life*, com fotos de soldados desfigurados nas Ilhas Salomão, e na Nova Guiné havia o general Eichelberger e seus homens ainda mais desfigurados, esqueléticos e com a barba por fazer, alguns deles feridos, e havia um ensaio fotográfico de estrelas de Hollywood visitando as tropas no exterior, “levantando o moral”: Marlene Dietrich, Rita Hayworth, Marie McDonald, Joe E. Brown e Bob Hope. Norma Jeane evitou olhar as fotos de guerra muito de perto, mas deu mais atenção ao ensaio, sentindo-se inquieta à medida que Bucky continuava a ler a revista. *Conta do seu trabalho com sr. Eeley,*

sussurrou ela, e Bucky sentiu um arrepio de pavor e empolgação, não que ele estivesse exatamente chocado, não que ele fosse um puritano, pois certamente de puritano Bucky Glazer não tinha nada, e já havia contado várias histórias medonhas e hilárias sobre seu trabalho como assistente de embalsamador para os amigos; mas garota alguma ou parente mulher havia perguntado, definitivamente dava para subentender que a maioria das pessoas não queria saber, não, obrigado! Mas lá estava a esposa infantil dele se enroscando em seu colo, sussurrando em seu ouvido *Me fale sobre o trabalho, Paizinho!*, como se ela precisasse saber o pior, então Bucky falava com o máximo de leveza que conseguia, sem entrar em muitos detalhes, descrevendo um corpo em que haviam trabalhado naquela manhã em preparação para um funeral: uma mulher na casa dos cinquenta que havia morrido de câncer no fígado, a pele de tão doentiamente amarelada teve que ser maquiada diversas vezes, com camadas de tingimento cosmético com um pequeno pincel, e então essas camadas secaram de forma desigual, e a pobre mulher ficou parecendo uma parede com tinta descamando, e tiveram que começar de novo; as bochechas estavam tão encovadas que tiveram que firmar o rosto por dentro da boca com chumaços de algodão, além de costurar os cantos para que ficassem fechadas e com uma expressão serena.

— ... Não um sorriso, mas um “quase sorriso”, sr. Eeley chama. Ninguém iria querer um *sorriso*.

Norma Jeane sentiu um arrepio mas queria saber como haviam preparado os olhos da morta, se haviam “maquiado” os olhos? E Bucky disse que quase sempre precisavam injetar uma solução com seringa para preencher os vazios e cimentar as pálpebras.

— Ninguém quer os olhos do cadáver abrindo no velório.

O trabalho básico de Bucky era drenar o sangue e começar a bombear o líquido de embalsamar pelas veias. Era o sr. Eeley quem

fazia o trabalho artístico depois que o corpo ficava firme — “restaurado”—, ornamentando cílios, colorindo lábios, fazendo manicure em mãos que, em alguns casos, nunca haviam passado por manicures na vida. Norma Jeane perguntou se, quando a tinham visto pela primeira vez, a mulher morta parecera assustada ou triste ou com dor, e Bucky mentiu um pouco, dizendo que não, ela parecia “só estar dormindo... como a maioria das pessoas”. (Na verdade, a mulher parecia estar tentando gritar, os lábios contraídos para cima, o rosto contorcido como um pano de chão; os olhos estavam abertos, embaçados com muco. Mesmo poucas horas após a morte ela já havia começado a exalar um cheiro de carne podre de perfurar as narinas.) Norma Jeane abraçou Bucky com tanta força que ele mal conseguia respirar, mas ele não tinha coragem de se soltar. Não tinha coragem de afastá-la do seu colo e mandá-la para o sofá, embora o peso daquele corpo quente e voluptuoso estivesse deixando sua coxa esquerda dormente.

Que garota carente. Ele não conseguia respirar. Ele de fato a amava. Era o cheiro de formaldeído absorvido pela pele, seus folículos capilares. Se ele quisesse escapar, para onde iria?

Ela estava perguntando outra vez como a mulher morta havia morrido, e Bucky contou. Ela perguntou a idade da mulher morta, e Bucky inventou um número:

— Cinquenta e seis. — Ele sentiu sua esposa jovem ficar tensa enquanto fazia cálculos de cabeça, subtraindo sua idade de 56. Então relaxou um pouco, dizendo, como se pensasse em voz alta:

— Falta muito, então.

7.

Ela ria, era tão fácil. Uma charada de conto de fadas, e ela sabia a resposta. *O que eu sou? EU SOU uma mulher casada. O que é que não sou? NÃO SOU mais virgem.*

Empurrava o carrinho capenga de bebê, as rodas rangendo, pelo parquinho sem graça. Talvez nem sequer fosse um parque. Detritos de palmeiras e outros vestígios no chão. Mas ela amava! O coração inchava de felicidade sabendo *eu sou esta aqui, eu sou o que estou fazendo*. Essa rotina de começo de tarde ela havia começado a amar. Cantando para a pequena Irina, presa em um carrinho. Canções populares, trechos das músicas de ninar da Mamãe Gansa. Em todos os outros lugares era a estação terrível de Stalingrado na Rússia, fevereiro de 1943. Uma chacina humana. Ali era só um dia de inverno no sul da Califórnia: luz do sol fria e seca de machucar os olhos.

Que bebê linda!, os rostos exclamariam. Norma Jeane murmuraria, sorrindo, corando *Ora, obrigada*. Às vezes, os rostos diriam *Linda bebê e linda mãe*. Norma Jeane apenas sorriria. *E qual é nome de sua garotinha?*, perguntariam, e Norma Jeane diria com orgulho *Irina... não é, querida?*, debruçando-se sobre a bebê, esticando-se para beijar sua bochecha ou pegar os dedos gordinhos agitados que se fechavam tão rápido e com força ao redor dos dela. Às vezes, as pessoas diriam amavelmente *Irina... que nome diferente, é estrangeiro?*, e Norma Jeane poderia murmurar *Acho que sim*. Quase sempre perguntavam a idade da bebê, e Norma Jeane lhes diria *Quase dez meses, ela faz um ano em abril*. Os rostos sorririam com brilho. *Você deve estar muito orgulhosa*. E Norma Jeane diria *Ah, sim, estou... Quer dizer, nós estamos*. Às vezes, intrometidos, questionadores, os rostos perguntavam *E o seu marido...?* e rápido, Norma Jeane diria *Ele está do outro lado do oceano. Longe... na Nova Guiné*.

* * *

De fato, o pai de Irina *estava* em algum lugar chamado Nova Guiné. Era um tenente no Exército dos Estados Unidos. Na verdade, estava “desaparecido”. Tinha oficialmente “desaparecido em combate” em dezembro. Nisso, Norma Jeane conseguia não pensar naquilo. Desde que pudesse cantar “Brilha, brilha, estrelinha” e “Três ratos cegos” para Irina, nada mais importava. Desde que a bela loirinha abrisse seu sorriso para ela, murmurasse e apertasse seus dedos, chamando-a de “Ma-ma” como um filhote de papagaio aprendendo a falar, era isso que importava.

Em você
o mundo volta a nascer.

Antes de você...
havia o nada.

Mãe encarou o bebê. Por um bom tempo, não conseguiu falar, e eu temi que fosse explodir em lágrimas ou se virar e esconder o rosto.

Então vi que seu rosto estava radiante de felicidade. E de assombro pela felicidade depois de tantos anos.

Nós estávamos em um lugar gramado. O jardim atrás do hospital, eu acho.

Havia bancos, uma lagoa pequena. A maior parte da grama estava queimada. Todas as cores eram tons de marrom. O edifício do hospital estava borrado pela distância, eu não conseguia vê-lo com clareza. Mãe tinha melhorado tanto que conquistou privilégios de acesso ao jardim, sem supervisão. Ela se sentaria em um banco e leria poesia, delineando as palavras preciosas para si mesma, sussurrando-as em voz alta. Ou caminharia até onde permitissem. Seus “captos”, ela os chamava. Ainda que não com amargura. Reconhecia que estivera doente, os tratamentos de choque haviam ajudado. Ela

reconhecia que tinha um longo caminho pela frente até a recuperação total.

É claro, havia um muro alto ao redor do terreno do hospital.

O dia estava claro e ventava quando cheguei para mostrar minha bebê para Mãe. Eu confiei minha bebê a ela. Coloquei-a com firmeza em seus braços.

Enfim, Mãe começou a chorar. Abraçando a bebê contra seu peito reto. Mas eram lágrimas de felicidade, não de mágoa. Ah, minha querida Norma Jeane, Mãe disse, desta vez vai ficar tudo bem.

Em Verdugo Gardens, havia várias esposas jovens cujos maridos estavam além-mar. Na Inglaterra, Bélgica e Turquia e no norte da África. Em Guam, nas Ilhas Aleutas, na Austrália, em Burma e na China. O local de destino era basicamente uma loteria. Não havia lógica naquilo e muito menos justiça. Alguns homens ficavam em bases fixas, em serviços de inteligência e comunicações, ou talvez trabalhassem em hospitais ou como cozinheiros. Talvez fossem encaminhados para serviços postais. Alguns para paliçadas. À medida que os meses e anos, mais cedo ou mais tarde, passassem, ficaria claro que havia duas divisões de homens a serviço do exército na Segunda Guerra Mundial: aqueles que de fato lutavam na guerra e aqueles que não.

Ficaria claro que a guerra dividida os seres humanos em dois tipos: os que tinham sorte e os que não tinham.

Quem calhasse de ser uma das esposas sem sorte poderia fazer um esforço para não ficar amargurada ou desanimada, e levaria os créditos por isso. Diriam com carinho *Ela não é corajosa?* Mas a amiga de Norma Jeane, Harriet, estava além disso. Harriet não era corajosa e Harriet não fazia esforço algum para não ficar amargurada. Na maior parte do tempo, quando Norma Jeane levava Irina para passear em seu carrinho, a mãe de Irina ficava deitada

exausta no sofá puído na sala de estar que ela compartilhava com duas outras esposas de homens convocados, as venezianas fechadas e sem rádio ligado.

Sem rádio! Norma Jeane não aguentaria ficar sozinha em seu apartamento por cinco minutos sem um rádio tocando. E Bucky a menos de cinco quilômetros de distância na Lockheed.

Era a tarefa de Norma Jeane chamar com animação:

— Harriet, oi! Estamos de volta.

E Harriet não dava uma resposta audível.

— Irina e eu fizemos um passeio muito legal — relataria Norma Jeane, na mesma voz animada, tirando Irina do carrinho e levando-a para dentro. — Não fizemos, querida? — Levaria Irina para Harriet, um peso morto no sofá, úmida de lágrimas de raiva e ira, se não tristeza real, pois talvez estivesse mesmo além da tristeza; Harriet, que havia engordado dez quilos desde dezembro, a pele inchada e pálida e os olhos vermelhos. Naquele silêncio enervante, Norma Jeane se ouviu tagarelar: — Fizemos! Sim, passeamos. Não foi, Irina? — Enfim Harriet pegou Irina (que começava a se agitar, choramingar e chutar) de Norma Jeane como se pegasse da amiga uma pilha de roupas sujas que, em vez de colocar para lavar, largaria em um canto num canto.

Deixe-me ser a mãe de Irina já que você não quer?

Ah, por favor.

Talvez Harriet não fosse mais amiga de Norma Jeane. Talvez, na verdade, nunca houvesse sido amiga de Norma Jeane. Ela havia se distanciado das mulheres “bobas e tristes” com quem dividia o apartamento, e com frequência se recusava a falar com sua família, ou com a família do marido, ao telefone. Não que Harriet houvesse brigado com elas. — “Por quê? Não há nenhum motivo para brigar com elas.” — Não que ela estivesse brava ou chateada com elas. Só estava cansada demais para lidar com as amigas. Estava entediada

com a emoção delas, dizia. Norma Jeane tinha medo de que Harriet pudesse fazer algum mal a si mesma e a Irina, mas quando puxou o assunto, hesitando, em elipses, para Bucky, ele mal escutou porque era “assunto de mulher” e de nenhum interesse a um homem, e ela não ousaria falar sobre isso com a própria Harriet. Era perigoso provocar Harriet.

Seguindo um molde de bicho de pelúcia da revista *Family Circle*, Norma Jeane costurou para Irina um pequeno tigre listrado, usando meias de algodão laranja, tiras de feltro preto (para as listras) e algodão para o enchimento. A cauda do tigre foi feita inteligentemente com cabide de arame coberto com tecido. Os olhos eram botões pretos e brilhantes, e os bigodes, limpadores de cachimbo da Woolworths. Como Irina amou aquele bebê tigre! Norma Jeane riu com empolgação quando a menina abraçou a criaturinha e engatinhou pelo chão com ela, gritando como se o bicho tivesse vida. Harriet continuava fumando seu cigarro, indiferente, sem nem olhar para a cena. *Você poderia ao menos me agradecer*, Norma Jeane pensou. Em vez disso, Harriet observou:

— Ora, Norma Jeane. Não é que somos perfeitas domésticas? A jovem esposa e a mãe perfeitas.

Norma Jeane riu, apesar de ter doído. Com um ar de reprimenda gentil, como Maureen O’Hara nos filmes, ela disse:

— Harriet, é um pecado ser infeliz tendo Irina.

Harriet riu alto. Ela, que estivera sentada com olhos semicerrados, abriu-os de repente com interesse exagerado, e encarou Norma Jeane como se tivesse acabado de vê-la pela primeira vez e não estivesse muito satisfeita com o que via.

— Sim, é um pecado, e eu sou uma pecadora. Então por que você não nos deixa agora, Miss Alegre-Raio-de-Sol, e vai para a sua maldita casa?

8.

— Tem um cara que eu conheço. Ele revela filmes. “Estritamente confidencial”, diz ele. Em Sherman Oaks.

No calor opressor do verão de 1943, Bucky havia ficado inquieto. Norma Jeane tentava não pensar no que isso significava. Todos os dias a grande manchete eram sobre bombardeios da Força Aérea Americana. Missões noturnas heroicas em território inimigo. Um colega de escola de Bucky, da Mission Hills, foi condecorado postumamente por honra, pilotando um Liberator B-24 em um ataque de refinarias de óleo alemãs na Romênia, atingido em ação.

— Ele é um herói — disse Norma Jeane —, mas, querido, ele está *morto*.

Bucky estava encarando a foto do piloto no papel com uma expressão séria e vazia.

Ele a surpreendeu, com uma risada grosseira:

— Porra, Baby, o cara pode ser um covarde e acabar morto também.

Mais tarde naquela semana Bucky conseguiu uma câmera Brownie de segunda mão e começou a tirar fotos de sua jovem esposa confiante. De início, fotografou Norma Jeane em roupas arrumadas de domingo, chapeuzinho redondo branco e luvas brancas fechadas com botão e salto alto branco; depois Norma Jeane de camisa e jeans, encostada em um portão em uma pose reflexiva e com uma folha de grama entre os dentes; Norma Jeane na praia em Topanga em um biquíni de bolinhas. Bucky tentou fazer Norma Jeane posar estilo Betty Grable, espiando com recato sobre o ombro direito e mostrando seu belo traseiro, mas Norma Jeane tinha vergonha demais. (Eles estavam na praia, em pleno domingo, as pessoas estavam olhando.) Bucky tentou fazer Norma Jeane posar pegando uma bola de praia, com um grande sorriso feliz, mas o sorriso ficou tão forçado e artificial quanto quase todos

os sorrisos dos cadáveres de sr. Eeley. Norma Jeane implorou a Bucky que pedisse que alguém tirasse fotos deles dois juntos.

— Não tem graça ficar sozinha aqui, Bucky, *por favor*.

Mas Bucky deu de ombros, dizendo:

— Por que eu me importaria *comigo*?

Em seguida, Bucky quis tirar fotos de Norma Jeane na privacidade de seu quarto. Fotos de “antes” e “depois”.

“Antes” era Norma Jeane como si mesma. De início, completamente vestida, então parcialmente despida e por fim nua — ou, como Bucky chamava, “um nu”. Um nu na cama deles com os seios escondidos de forma provocante por um lençol jogado sobre ela, que, pouco a pouco, Bucky puxaria, e tiraria fotos de Norma Jeane em poses esquisitas e coquetes.

— Vamos lá, *Baby*. Sorria para o Papai. Você sabe como. — Norma Jeane não sabia se ficava lisonjeada ou envergonhada, empolgada ou acanhada. Era acometida por um ataque de risadas e tinha que esconder o rosto. Quando se recuperava, lá estava Bucky esperando com paciência, mirando a câmera nela *clique! Clique! Clique!* Ela implorava:

— Ora, Papaizinho. Já chega. Fico solitária aqui nesta cama imensa sozinha. — Mas quando Norma Jeane abria os braços para o marido para convidá-lo, ele apenas seguia clicando com a câmera.

Cada *clique!* uma lasca de gelo entrando em seu coração. Como se quando a visse através das lentes da câmera, ele não *a* visse de forma alguma.

O “depois” era pior. “Depois” era humilhante. “Depois” era quando Norma Jeane teve que usar uma peruca sexy loira-avermelhada, estilo Rita Hayworth, e uma lingerie de renda preta que Bucky trouxera para ela. Para seu assombro, ele até a maquiou, exagerando as sobrancelhas, a boca, até “destacando” seus mamilos com ruge cor cereja aplicado com um pequeno pincel que fazia

cócegas. Com inquietação, Norma Jeane deu algumas fungadas, cheirando o ar:

— Esta maquiagem é da funerária? — perguntou então, apavorada.

Bucky franziu a testa.

— Não, não é. É de uma loja de artigos especiais para adultos, em Hollywood. — Mas a maquiagem tinha um cheiro inconfundível de fluídos para embalsamar misturado a alguma coisa adocicada como ameixas maduras demais.

Bucky passou muito mais tempo tirando fotos do “depois”. Logo ficou animado e excitado, deixou a câmera de lado e tirou as roupas e:

— Ah, Baby. Boneca. Je-sus. — Ele estava tão sem fôlego como se tivesse acabado de emergir da água em Topanga. Ele queria fazer amor, fazer amor rápido, atrapalhando-se com uma camisinha, enquanto Norma Jeane ficava olhando desanimada, como um paciente contemplando o cirurgião. Era como se seu corpo inteiro estivesse corando. A peruca grossa e volumosa de mechas loiro-avermelhadas que caíam em seus ombros nus, o sutiã preto sensual e a calcinha um pedacinho minúsculo de tecido e:

— Paizinho eu não gosto disso. Eu não me sinto bem.

Ela nunca tinha visto um olhar assim no rosto de Bucky Glazer como via naquele momento. Era como aquele retrato famoso de Rudolph Valentino com o sheik. Norma Jeane começou a chorar, e Bucky perguntou, irritado:

— O que houve?

— Não gosto disso, Paizinho.

— Sim, você gosta, *Baby*. Você gosta disso, *sim* — respondeu Bucky, acariciando o cabelo da peruca, beliscando seu mamilo rosado protuberante através da renda transparente do sutiã

— *Não*. Não é o que eu quero.

— Caramba, aposto com você que a Delicinha está pronta. Aposto com você que a Delicinha está toda *molhada*.

Com dedos grosseiros e intrometidos, ele a tocou entre as pernas, e Norma Jeane se afastou e o empurrou:

— Bucky, *não*. Isto *dói*.

— Ah, vamos lá, Norma Jeane. Nunca doeu antes, você adora! Você sabe que adora.

— Eu não estou adorando agora. Não estou gostando nem um pouco.

— Olha, estamos só brincando.

— Não é brincadeira! Isto me deixa sem graça.

— Mas nós somos casados, pelo amor de Deus — disse Bucky, exasperado. — Estamos casados já faz mais de um ano... Estamos casados desde sempre! Os caras fazem um monte de coisas com a esposa, não tem problema algum.

— Eu acho que tem! Eu acho que *tem* problema, sim!

— Estou falando para você — disse Bucky, perdendo a paciência —, é só uma coisa que as pessoas fazem.

— Nós não somos as outras pessoas. Nós somos nós.

Com o rosto vermelho, Bucky começou a acariciar Norma Jeane de novo, com mais força; na maioria das vezes, se houvessem brigado e Bucky a tocasse, ela na mesma hora ficava mais serena e assenta como um coelho colocado em transe com um carinho rítmico e firme. Bucky a beijou, e ela começou a corresponder. Mas quando ele puxou o sutiã e calcinhas, Norma Jeane o empurrou. Ela arrancou a glamourosa peruca com cheiro sintético e a jogou no chão e esfregou um pouco da maquiagem do rosto, deixando os lábios pálidos e inchados. Fios finos de lágrimas manchada de rímel escorriam por suas bochechas.

— Ah, Bucky! Isto me deixa tão envergonhada. Isto me faz não saber quem eu *sou*. Achei que você *me* amasse.

Norma Jeane começou a tremer. Bucky agachando-se até ela, o Grandão meia-bomba pendurado, com a maldita camisinha embolada na ponta, encarou-a como se nunca a tivesse visto. Quem essa garota achava que era? Naquele momento nem bonita estava, o rosto molhado e borrado. Uma órfã! Uma abandonada! Uma das crianças pobretonas do lar temporário dos Pirig! Sua mãe era uma louca de carteirinha, independentemente das histórias que Norma Jeane contasse dela, e não havia pai nenhum, então onde ela tinha aprendido a ser tão puritana, de onde tinha tirado que era superior a *ele*? Imediatamente voltou à memória de Bucky como ele a havia detestado em uma noite no cinema quando viram Abbott e Costello em *Pardon My Sarong* e Bucky riu tão alto que quase se mijou, fazendo a fileira de assentos inteira tremer, e Norma Jeane aninhada em seu ombro se empertigou e se queixou em sua voz de garotinha que não via o que era tão engraçado em Abbott e Costello. “Este homem menor não é *retardado*? Será que é engraçado rir de uma *pessoa retardada*?” Bucky ficou furioso, mas só deu de ombros para a pergunta da esposa. Querendo gritar para ela *O que tem de engraçado em Abbott e Costello é que eles são engraçados, pelo amor de Deus! Escute só a plateia rindo que nem hienas!*

— Talvez eu esteja cansado de amar *você*. Talvez eu quisesse uma mudança em *você* de vez em quando.

Em uma fúria de dor e masculinidade abalada, Bucky saiu da cama, colocou as calças aos tropeços, enfiou uma camisa e deixou o apartamento, batendo a porta para que qualquer um dos vizinhos intrometidos pudesse entreouvir. Ali moravam três esposas de combatentes da guerra. As mulheres estavam subindo pelas paredes e ficavam de olho em Bucky Glazer sempre que ele passava. Naquele momento, sem dúvida, estavam com a orelha grudada na parede do quarto, então que ouvissem. Norma Jeane, em pânico, o chamou de volta:

— Bucky! Ah, querido, volte! Me perdoe!

Mas quando ela terminou de vestir o robe para correr atrás dele, ele já tinha partido no Packard. O tanque de gasolina estava quase vazio, mas que droga. Ele teria ido ver Carmen, a namorada antiga, só que ouviu dizer que ela tinha se mudado, e ele não sabia o endereço novo.

Ainda assim, as fotos foram uma surpresa. Bucky as observou com assombro. *Aquela* era Norma Jeane, sua esposa? Apesar de estar se encolhendo de vergonha com Bucky ao redor da cama, clique após clique, umas fotos sugeriam uma garota ousada, cúmplice, com um sorriso astuto e provocante; apesar de Bucky saber muito bem que Norma Jeane se sentira péssima, ele se convenceu de que ela parecia, em diversas fotos ao menos, como se estivesse gostando da atenção.

— Exibindo o corpo como uma puta de luxo.

Foram as poses do “depois” que mais intrigaram Bucky. Em uma delas, Norma Jeane estava deitada de lado na cama, os cabelos da peruca dando voltinhas no travesseiro com sensualidade, os olhos semicerrados de sono e a ponta da língua aparecendo entre os lábios, lascivos e inchados graças ao pincelzinho cosmético de Bucky. *Como um clitóris entre os lábios da vagina*. Os mamilos entumecidos de Norma Jeane apareciam pelo sutiã preto e sua mão levantada era um borrão passando sobre a barriga como se ela, com libido, estivesse prestes a acariciar-se ou tivesse acabado de fazer isso. Em parte, a mente de Bucky sabia que a pose era um acidente, ele havia incitado Norma Jeane a fazer a pose sedutora e ela estava prestes a se levantar, mas... que diferença fazia?

— Je-sus.

Bucky sentiu uma pontada de desejo imaginando aquela garota exótica e bela, uma estranha para ele.

Ele selecionou uma meia dúzia de fotos de Norma Jeane em sua versão mais sensual, e passou com orgulho entre os amigos na Lockheed. No meio da barulheira quase ensurdecadora da fábrica, Bucky precisava erguer a voz para ser ouvido.

— Isto é estritamente confidencial, está bem? Só entre nós.

Os homens assentiram. A expressão deles! Estavam *impressionados*. As imagens eram todas de Norma Jeane com a peruca estilo Rita Hayworth e lingerie preta.

— *Esta é sua esposa? Sua mulher?*

— *Sua mulher?*

— Glazer, você é um cara de sorte.

Assobios e risos invejosos. Bem como Bucky havia imaginado. Mitchum não respondeu do jeito esperado. Bucky ficou pasmo quando Mitchum foi o único que folheou rápido as fotos, com uma carranca, e disse:

— Que tipo de FDP mostra fotos assim da própria *esposa*? — Antes que Bucky pudesse impedi-lo, Mitchum rasgou as fotos em pedacinhos.

Uma briga teria acontecido se o chefe não estivesse por perto.

Bucky se afastou, mortificado. E furioso. Mitchum estava com inveja. Um aspirante a ator de Hollywood que nunca conseguiria sair da linha de montagem. *Mas eu tenho os negativos*, Bucky se regozijou. *E eu tenho Norma Jeane*.

9.

Sem que Norma Jeane soubesse, ele havia pegado o hábito de passar na casa dos pais no caminho da sua própria. A voz bruta de garoto ofendido ecoava com familiaridade na cozinha que ele conhecia tão bem.

— É claro que amo Norma Jeane! Eu me casei com ela, não casei? Mas ela é tão *carente*. Ela é como um bebê que se não estiver no colo começa a chorar. É como se eu fosse o sol, e ela, uma flor que não consegue viver sem o sol, e é... — Bucky buscou a palavra, a testa dolorosamente franzida — ... *cansativo*.

— Pare com isso, Bucky! — ralhou a sra. Glazer, nervosa. — Norma Jeane é uma boa moça cristã. Ela é *jovem*.

— Poxa, eu sou jovem também. Tenho 22 anos, pelo amor de Deus. O que ela precisa é de um cara mais velho, de um *pai*. — Bucky encarou os rostos preocupados dos pais, como se eles fossem responsáveis. — Ela está me sugando. Desse jeito, eu não vou aguentar. — Ele pausou, quase dizendo que Norma Jeane queria ficar abraçada e fazer amor o tempo inteiro. Beijar e abraçar em público. Às vezes, Bucky gostava e tudo bem, e, às vezes, não gostava. *E o esquisito é que ela parece não habitar o próprio corpo. Do jeito que uma mulher deveria.*

Como se lesse a mente do filho, sra. Glazer disse com ansiedade, um rubor subindo pelo rosto:

— Bucky, é claro que você ama Norma Jeane. Todos nós amamos Norma Jeane, ela é como uma filha para nós, não uma nora. Ah, aquele casamento lindo...! Parece que foi semana passada.

— E ela quer começar uma família também — disse Bucky, com indignação. — No meio desta *Guerra*. Segunda Guerra Mundial, o mundo todo indo para o inferno, e minha esposa quer começar uma *família*. Je-sus!

— Ah, Bucky, não blasfeme — disse, com fraqueza. — Você sabe como me chateia.

— *Eu* estou chateado. Quando vou para casa, Norma Jeane *está* lá. Como se tivesse passado o dia inteiro limpando a casa e fazendo o jantar, me esperando *voltar para casa*. Como se sem mim ela não

existisse. Como se eu fosse Deus ou algo assim. — Ele parou seu caminhar, respirando com força; a sra. Glazer havia servido torta de cereja em um prato, e ele começou a devorar com fome. De boca cheia, disse: — Não quero ser Deus, *eu sou só Bucky Glazer*.

Sr. Glazer, que estivera em silêncio até aquele momento, disse com monotonia:

— Bem, filho, você vai ficar com esta garota. Vocês se casaram em nossa igreja... “até que a morte os separe”. Acha que o casamento é o quê, um carrossel? Você dá algumas voltas, e depois vai embora para brincar com os outros garotos? É para a *vida* inteira.

Comendo a torta de cereja, Bucky fez um barulho de um animal ferido.

Talvez na sua geração, seu velho. Mas na minha, não.

10.

— *Baby*, eu tenho que ir.

Ela mal conseguiu ouvir conseguiu ouvir. Tiros de metralhadora no noticiário no cinema. Música do noticiário. *A Marcha do Tempo*. Eles estavam no cinema. Toda sexta-feira à noite, iam ao cinema. Era o entretenimento mais barato; eles podiam ir a pé ao centro da cidade de mãos dadas como namoradinhos adolescentes.. A gasolina estava cara demais. Quando se conseguia achar. Um rugido quase inaudível como um trovão distante saído das montanhas. Um vento seco que fazia arder os olhos e as narinas. Ninguém queria andar muito num clima tão seco. Ir até o centro para o Mission Hills Capitol já era suficiente. Talvez assistissem *Confissões de um Espião Nazista* — o gentil e sofisticado George Sanders e Edward G. Robinson com seu rosto de buldogue sofrido. Os olhos escuros e líquidos de Robinson brilhando de emoção. Quem conseguia reunir

dor, raiva, ultraje, terror e futilidade tão rapidamente como Edward G. Robinson? Exceto por ser um homem diminuto, pouco convincente como amante. Não o Príncipe Sombrio. Não era um homem que deixava as mulheres caidinhas. Ou, talvez, naquela noite, fossem ver *Comboio para o Leste*, com Humphrey Bogart. Bogart, de pele abrutalhada e olhos inchados. Sempre um cigarro entre os dedos, fumaça pairando ao redor do rosto. Ainda assim era bonito. De uniforme, na tela gigante, todos os homens eram bonitos. Ou talvez, naquela noite, fossem ver *The Battle of the Beaches* ou *Os Filhos de Hitler*. Bucky queria assistir a todos. Ou outra comédia de Abbott e Costello, ou Bob Hope em *Sorte de Cabo de Esquadra*. Norma Jeane sempre optava por ver musicais: *Noivas de Tio Sam*, *Agora Seremos Felizes*, *All about Lovin' You*. Mas Bucky achava entediante, e Norma Jeane tinha que reconhecer que eram fúteis e bobos, falsos como a Terra de Oz.

— As pessoas não começam a cantar do nada na vida real — resmungava Bucky. — As pessoas não começam a dançar, pelo amor de Deus, *não tem música*. — Norma Jeane não quis argumentar que sempre havia música nos filmes, mesmo nos filmes de guerra de Bucky, mesmo em *A Marcha do Tempo*. Norma Jeane não queria discordar de Bucky, que andava tão sensível nos últimos tempos. Nervoso e irritável como um cachorro grande e bonito no qual a gente quer fazer carinho mas tem medo.

Ela sabia, mas não sabia. Por meses. Antes da peruca e das roupas íntimas de renda preta e o *clique! clique!* da câmera, ela já sabia. Escutara as coisas que Bucky resmungava, que insinuava. Ouvindo notícias da Guerra no rádio todas as noites durante o jantar. Folheando com urgência *Life*, *Collier's*, *Time*, os jornais locais. Bucky, que lia com dificuldade, passando o dedo por baixo das frases e às vezes movendo os lábios. Ele tirou mapas de jornal antigos da parede do apartamento e grudou mapas novos. Uma

nova configuração de alfinetes coloridos. Ele ficava distraído e impaciente quando faziam amor. Terminava logo depois de começar. *Ei, Baby, sinto muito! Boa noite.* Norma Jeane o abraçava enquanto ele caía no sono rápido como uma pedra descendo para o fundo lamacento do lago. Ela sabia que logo mais ele iria partir. O país sofria uma hemorragia de homens. Era outono de 1943, e a Guerra havia durado para sempre. Era inverno de 1944, e garotos no ensino médio estavam com medo de que a guerra acabasse antes que pudessem se alistar. Às vezes, embora não tanto quanto antes, Norma Jeane se perdia em seus antigos sonhos sonhadores de ser enfermeira na Cruz Vermelha ou piloto mulher.

Uma piloto mulher! Mulheres que se qualificavam para pilotar bombardeiros não tinham permissão para pilotar. Às mulheres que morriam servindo não eram permitidos funerais com honrarias militares como aos homens.

Norma Jeane entendia: os homens tinham que receber recompensas por serem homens, por arriscas a vida como homens, e esses prêmios eram as mulheres. Mulheres em casa, esperando por eles. Não se podia ter mulheres lutando ao lado dos homens da guerra, não se podia ter mulheres-homens. Mulheres-homem eram aberrações. Mulheres-homem eram obscenas. Mulheres-homem eram lésbicas, “sapatões”. Um homem normal queria estrangular uma sapatão ou foder com elas até que o cérebro delas transbordasse e a boceta pingasse sangue. Norma Jeane tinha ouvido Bucky e seus amigos reclamando de sapatões, que eram piores, quase, que os boiolas, bichas, “pervertidos”, eles falavam. Havia algo naquelas pobres aberrações doentias que fazia com que um homem normal e saudável quisesse botar as mãos nelas e aplicar-lhes um corretivo.

Bucky, por favor, não me machuque, ah, por favor.

A boa e velha caveira de Hirohito no console do rádio na sala de estar, Bucky não via mais. Com frequência, parecia a Norma Jeane que *ela* própria estava invisível para Bucky. Mas Norma Jeane não tinha esquecido do “suvenir” e estremecia quando removia o lenço. *Não fui eu que matou e arrancou a sua cabeça. A culpa não é minha.*

Às vezes, no sono, ela via os buracos arregalados dos olhos da caveira. O buraco feio do nariz, o maxilar sorrindo. Um cheiro de fumaça de cigarro, o som da água quente saindo furiosa da torneira.

Peguei você, Baby!

Em uma das fileiras no fundo do cinema do Mission Hills Capitol, Norma Jeane escorregou a mão para dentro da mão de Bucky, grudenta de pipoca com manteiga. Como se as poltronas no cinema fossem um brinquedo agitado em um parque de diversões que poderia colocar ambos em perigo.

Estranho como, desde que havia se tornado sra. Bucky Glazer, Norma Jeane não gostava mais tanto de filmes. Eles eram tão... *cheios de esperança*. Como são as coisas irreais. Bastava comprar o ingresso, sentar-se no lugar e abrir os olhos para... quê? Em certas ocasiões, durante os filmes, seus pensamentos divagavam. Amanhã poderia ser dia de lavar roupa, e o que ela prepararia para o jantar de Bucky? E domingo: será que ela conseguiria fazer Bucky ir à igreja em vez de dormir de manhã. Bess Glazer havia feito uma alusão velada ao “jovem casal” não ir à missa de domingo, e Norma Jeane sabia que sua sogra *a* culpava por não levar Bucky à igreja. Bess Glazer a tinha visto levando a pequena Irina em seu carrinho na outra tarde e ligou para ela logo depois para expressar surpresa.

— Norma Jeane, como você tem *tempo*? Para a *bebê* de outra mulher? Espero que ela esteja pagando você, é só isso que posso dizer.

Naquela noite, *A Marcha do Tempo* retumbava. A música de marcha era tão alta e emocionante que fazia o coração acelerar.

Eram filmagens reais. Aquilo era *real*. Para as notícias de guerra Bucky saltava e arrumava a postura, encarando a tela. Seus maxilares paravam de moer pipoca. Norma Jeane assistia com fascinação e pavor. Lá estava o bravo e rude *Vinegar Joe* Stilwell, a barba por fazer, murmurando: “Nós tomamos uma surra e tanto”. Mas a música se elevava e se aproximava. A tela piscava com aviões passando. Céus granulados cinzentos, um terreno estrangeiro abaixo. Duelos no ar sobre Burma! Os fabulosos Tigres Voadores! Todo homem e garoto no Capitólio desejava ser um Tigre Voador; toda mulher e garota desejava amar um Tigre Voador. Eles haviam pintado os velhos Curtiss P-40 como tubarões de desenho animado. Eram audaciosos, eram heróis de guerra. Eles lançavam seus aviões contra os dos japoneses, mais rápidos e tecnologicamente avançados.

Em um único ataque aéreo sobre Rangoon, os Tigres derrubaram 20 dos 78 aviões japoneses — e não perderam um sequer!

A audiência aplaudiu. Houve assobios isolados. Os olhos de Norma Jeane se encheram com lágrimas. Até Bucky enxugou os olhos. Era surpreendente ver tanta ação no céu. Rajadas de ataques antiaéreos, aviões caindo no chão, soltando fogo e fumaça. Era de se imaginar que seria um conhecimento proibido. O conhecimento da morte de outrem. Era de se imaginar que a morte fosse sagrada e particular, mas a Guerra havia mudado tudo isso. Os filmes haviam mudado tudo isso. Não se tratava de enxergar a morte de alguém com distanciamento, mas de ter uma visão que aquele que morria não tinha de si mesmo. *Do jeito que Deus deve nos ver. Se Deus estiver assistindo.*

Bucky estava agarrando a mão de Norma Jeane com tanta força que ela precisou se controlar muito para não se contorcer. Numa

voz baixa e urgente, ele disse o que pareceu ser:

— Baby, eu tenho que ir.

— Ir... aonde?

Ao toalete?

— Tenho que me alistar. Antes que seja tarde demais.

Norma Jeane riu, sabendo que ele devia estar brincando. Ela o beijou com ferocidade. Eles sempre ficavam abraçadinhos no cinema, quando estavam se conhecendo. Os Tigres Voadores haviam desaparecido e a tela mostrava casamentos de soldados. Soldados sorridentes, de licença ou em bases no estrangeiro. A marcha nupcial tocava alto. Tantos casamentos! Tantas noivas... de todas as idades. A velocidade com que os pares casados piscavam e sumiam da tela era típica de uma comédia. Cerimônias em igrejas, cerimônias civis. Festas luxuosas, festas modestas. Tantos sorrisos radiantes, tantos abraços vigorosos. Tantos beijos apaixonados. Tanta *esperança*. A audiência ria baixinho. A guerra era nobre, mas amor, cerimônias, casamentos eram engraçados. A mão de Norma Jeane era um ratinho na virilha de Bucky. Tomado de surpresa Bucky murmurou:

— Hummm, Baby, agora não. *Ei*. — Mas ele se virou para ela, beijando-a intensamente. Abriu seus lábios que fingiam resistir para enfiar a língua nas profundezas de sua boca, e ela a chupou, soluçando e agarrando. Ele pegou o seio direito com a mão esquerda como teria segurado uma bola de futebol. Seus assentos se agitavam. Estavam ofegantes como cães. Atrás deles, uma mulher esmurrou seus assentos, sussurrando:

— Vão os dois para casa se é isto o que querem fazer.

Norma Jeane se virou para ela, furiosa:

— Somos casados. Deixa a gente em paz. Vá *você* para casa. Vá *para o inferno*.

Bucky riu; de súbito, sua mulher de humor dócil estava irascível!

Então, mais tarde, pensou *Aquele foi o começo, acho, aquela noite.*

11.

— Mas... onde? Aonde ela foi? Como é que vocês não sabem!

Sem aviso, Harriet desapareceu de Verdugo Gardens. Em março de 1944. Levando Irina junto. E deixando para trás a maioria de seus pobres pertences.

Norma Jeane estava em pânico: o que ela faria sem sua bebê?

Parecia a ela, confusa como em um sonho, que havia levado a bebê para Gladys e recebido a bênção de Gladys. Mas não havia mais bebê. Não poderia haver bênção.

Meia dúzia de vezes Norma Jeane bateu na porta da sua vizinha. Mas as colegas de apartamento de Harriet estavam estupefatas também. E preocupadas.

Ninguém parecia saber aonde a mulher deprimida havia ido com sua filhinha. Não voltou para a família em Sacramento, nem para os sogros no estado de Washington. As amigas disseram a Norma Jeane que Harriet havia saído sem se despedir e sem deixar bilhete de despedida. Ela havia ido embora deixando a sua parte do aluguel de março já paga. Ela estivera pensando em “desaparecer” por muito tempo. Ela não “tinha o perfil de viúva”, dissera.

Estivera “doente” também. Tentara machucar Irina. Talvez na verdade houvesse machucado Irina de alguma forma que não aparecia.

Norma Jeane se afastou, olhos semicerrados.

— Não. Isto não é verdade. Eu teria visto. Você não deveria dizer isso. Harriet era minha amiga.

Não fazia sentido que Harriet partiria sem se despedir de Norma Jeane. Sem levar Irina para dar tchau. *Ela não faria isso. Não a Harriet. Deus não permitiria.*

— A-alô? Eu q-q-quero r-registrar o d-desaparecimento de u-uma p-pessoa. Uma m-mãe e uma b-b-bebê.

Norma Jeane ligou para o Departamento de Polícia de Mission Hills, mas gaguejou tanto que teve que desligar. Sabendo que não adiantaria muito de qualquer forma, pois Harriet havia obviamente ido embora por vontade própria. Harriet era uma mulher adulta e era a mãe biológica de Irina, e, apesar de Norma Jeane amar Irina mais do que Harriet a amava e acreditar que o amor era recíproco, não havia nada, absolutamente nada a fazer.

Harriet e Irina haviam desaparecido da vida de Norma Jeane como se nunca a tivessem conhecido. O pai de Irina ainda estava “desaparecido em combate”. Seus ossos nunca seriam encontrados. Talvez os japas tivessem levado sua cabeça? Quando se concentrava com toda a energia, Norma Jeane via uma história se passando em um quarto distante, ou talvez fosse um sonho que Norma Jeane não conseguia ver com clareza, em que Harriet banhava Irina em água fervente, e Irina gritava de dor e terror, e não havia ninguém além de Norma Jeane para salvar Irina, mas Norma Jeane corria, impotente, tentando localizar o quarto, de um lado a outro de um corredor cheio de vapor e sem portas, trincando os dentes em desespero e fúria.

Ao acordar, Norma Jeane se arrastou até o cubículo do banheiro, embaixo de uma luz cegante. Estava tão assustada que rastejou para a banheira. Seus dentes rangiam. A pele arrepiou e despertou com a água quente, quente. Seria ali que Bucky a descobriria às seis da manhã. Ele a teria erguido e carregado para a cama em seu braço musculoso, mas *ela me olhava de um jeito, os olhos revirados deixando o branco à mostra, eu sabia que não deveria tocá-la.*

12.

— É história agora. O momento em que estamos.

Chegou o dia. Norma Jeane estava preparada, quase.

Bucky informou a ela que havia se alistado naquela manhã na marinha mercante. Ele informou a ela que provavelmente seria enviado nas próximas seis semanas. Para a Austrália, ele pensava. O Japão seria invadido em breve, e a guerra acabaria. Ele queria se alistar fazia muito tempo, como imaginava que ela soubesse.

Disse que isso não significava que não a amava, porque sim, a amava feito louco. Disse que não significava que não fosse feliz, *ele era feliz. Mais feliz do que nunca*. No entanto, queria mais da vida do que só uma lua de mel.

Você está vivo em um momento da história; se é um homem tem que fazer a sua parte. Tem que servir ao país.

Diabo, Bucky sabia que isso soava piegas. Mas era o que sentia.

Ele conseguia ver a dor no rosto de Norma Jeane. Seus olhos inchados de lágrimas. Ele se sentia doente de culpa, mas triunfo também. Entusiasmo! Ele havia feito, e ele iria; estava quase livre! Não era apenas Norma Jeane, mas Mission Hills, onde havia passado a vida inteira, os pais vigiando tudo de perto, a fábrica da Lockheed, onde estava preso na oficina mecânica, o fedor azedo do embalsamento. *Eu com certeza não vou acabar virando um embalsamador! Não este homem aqui.*

Norma Jeane o surpreendeu com sua compostura. Dizendo apenas, com tristeza:

— Ah, Bucky. Ah, Paizinho. Eu entendo.

Ele a pegou e a abraçou, e de súbito os dois estavam chorando. Bucky Glazer, que nunca chorava! Mesmo quando quebrou o tornozelo no campo de futebol americano, no último ano do colégio. O casal se ajoelhou no piso irregular de linóleo da cozinha que Norma Jeane mantinha tão polido e limpo, e oraram juntos. Então Bucky levantou Norma Jeane e a levou para o quarto

soluçando, seus braços apertados ao redor do pescoço. Aquele foi o primeiro dia.

Saído de um sono profundo e exausto depois do turno na Lockheed, ele foi despertado pelos dedos desajeitados de uma criança acariciando seu pau. Neste sonho a criança ria para ele, o olhar de nojo de Bucky porque estava em sua camisa de futebol americano, e as nádegas estavam expostas, e eles estavam em um lugar público, várias pessoas estavam olhando, então Bucky empurrou a criança e conseguiu se libertar, e para sua surpresa lá estava Norma Jeane arfando ao seu lado no escuro, acariciando e mexendo no Grandão, a coxa quente sobre a dele conforme empurrava sua barriga e virilha contra ele murmurando *Ah, Paizinho! Ah, Paizinho!* Era um bebê que ela queria, os cabelos se eriçaram na nuca de Bucky, a mulher nua gemendo junto dele com a mente focada em seu desejo, um desejo impessoal frio e sem dó como qualquer força incitando-o rumo a esta morte possível nas águas escuras inimagináveis do que ele não sabia como chamar além de história. Bucky empurrou Norma Jeane de cima dele com brusquidão, mandando deixá-lo em paz, deixá-lo dormir pelo amor de Deus, ele tinha que acordar às seis da manhã. Norma Jeane pareceu não ouvir. Ela o agarrou, beijando-o com selvageria; ele a afastou como se ela fosse um animal no cio, um animal nu e no cio, repulsivo para ele. O pau, ereto no sonho agora murchava; Bucky protegeu a virilha, girou as pernas para fora da cama, e ligou a lâmpada na mesinha de cabeceira: 4h40. Ele xingou Norma Jeane de novo. A luz revelou a mulher inclinada sobre ele, ofegante, o seio esquerdo para fora da camisola, rosto vermelho e olhos dilatados como na outra noite, ele lembrou. *Como se esta fosse sua versão noturna. A gêmea noturna que eu não deveria ver. Que ela própria não via, da qual não sabia coisa alguma.*

Bucky estava grogue e estava mexido, mas conseguiu dizer, quase com sensatez:

— Caramba, Norma Jeane! Achei que tivéssemos falado disso ontem. Eu estou *dentro*. Eu *vou*.

Norma Jeane choramingou:

— Não, Paizinho! Você não pode me deixar. Vou morrer se você me deixar.

Enxugando o rosto no lençol, Bucky respondeu:

— Todo mundo vai morrer um dia. Só se acalme e vai ficar tudo bem.

Mas Norma Jeane não ouviu. Ela estava agarrada em seu braço, gemendo, os seios pressionados contra seu peito suado. Bucky estremeceu em repulsa. Nunca havia gostado de mulheres sensuais agressivas, nunca teria casado com uma; pensava que estava se casando com uma virgem doce e tímida.

— Olha só para você.

Norma Jeane, então, tentou montar nele, batendo as coxas contra as dele, sem ouvi-lo ou, se ouvia, ignorando-o, encolhida, tensa e trêmula, e ele estava agora mais enojado, gritando em seu rosto:

— Pare com isto! Pare com isto! Sua vaca deprimente.

Norma Jeane correu dele e entrou na cozinha; ele a ouviu soluçar e esbarrar com as coisas no escuro; Cristo do céu, ele não tinha escolha além de ir atrás dela, ligando a luz e lá estava ela com uma faca na mão, como uma garota demente em um filme melodramático, embora com um semblante que ninguém fosse querer ver em um filme, e se esfaqueava de uma forma, no braço nu, que não era nada cinematográfica. Bucky correu até ela, plenamente acordado, e tirou a faca de seus dedos.

— Norma Jeane! Je-sus. — Ela não tinha levado na brincadeira: havia cortado o braço, que sangrava, uma pulseira brilhante de

sangue, surpreendente para Bucky, ele se lembraria disso como uma das apavorantes revelações de sua vida civil, que até então tinha sido uma vida de garoto americano inocente e aparentemente inviolável.

Bucky estancou o sangue com um pano de prato. Arrastou Norma Jeane para o banheiro, onde lavou com ternura as feridas superficiais, uma surpresa para alguém acostumado a corpos frios que podiam ser sacudidos, cortados ou lacerados à vontade que jamais sangrariam; ele acalmou Norma Jeane como se acalmaria uma criança angustiada, e Norma Jeane chorava baixinho, tendo passado a selvageria; ela se apoiou nele, murmurando:

— Ah, Paizinho, paizinho. Eu amo tanto você, Paizinho, me desculpe, não serei má de novo, Paizinho, prometo, você me ama, Paizinho? Você me ama?

E Bucky a beijou, murmurando:

— Claro que amo você, Baby, você sabe que amo você, eu me casei com você, não? — aplicando iodo nos cortes e curativos com gaze e com ternura ele a guiou de volta, sem encontrar resistência, para a cama de lençóis revirados e travesseiros amassados, onde ele a segurou nos braços, ninando-a e a acalmando até que pouco a pouco, como uma criança exausta, ela soluçou até pegar no sono, e Bucky ficou acordado de olhos abertos, nervos agitados de tristeza ainda que em uma espécie de empolgação assustada, até dar seis da manhã, hora de se afastar dela... que continuaria a dormir de boca aberta, respirando pesado como se em coma, e que alívio para Bucky! Que alívio tomar banho e se livrar do cheiro dela, do grude do corpo dela! Tomar banho e fazer a barba, e se embrenhar no alvorecer gelado revigorante do começo da manhã para a unidade da marinha mercante em Catalina Island para se apresentar a um mundo de homens como ele mesmo. E este foi o começo do segundo dia.

— Bucky, querido... adeus!

Em um dia ameno no final de abril os Glazers e Norma Jeane se despediram de Bucky, que embarcava no cargueiro *Liberty* rumo à Austrália. Os termos precisos da primeira atribuição de Bucky eram confidenciais, e ainda não se sabia quando ele tiraria uma folga para voltar aos Estados Unidos. Não antes de oito meses. Havia rumores de invasão do Japão. Ela teria direito a colocar uma estrela azul com orgulho na sua janela, como as esposas e mães de outros homens em combate. Ela sorriu e foi corajosa. Estava com uma aparência “muito doce e muito bonita” numa camisa acinturada de algodão azul, scarpins brancos de salto alto e uma gardênia branca no cabelo cacheado para que Bucky, abraçando-a diversas vezes, lágrimas escorrendo pelas bochechas, pudesse inalar a fragrância doce e se lembrar de Norma Jeane, dentro do cargueiro em meio a tantos homens.

É história. O que acontece conosco. Ninguém tem culpa.

Não era Norma Jeane, mas a sra. Glazer quem estava mais emotiva naquela manhã, chorando e fungando e reclamando no carro enquanto o sr. Glazer os levava de Mission Hills ao navio em Catalina. No banco de trás, Norma Jeane se espremia sem jeito entre o irmão mais velho de Bucky, Joe, e a irmã mais velha, Lorraine. As palavras dos Glazers giravam em sua cabeça como pernilongos. Norma Jeane, entorpecida, ligeiramente sorrindo, não precisava ouvir a maior parte da conversa e não precisava responder. *Ela era doce, mas praticamente uma boneca. Se não fosse pela aparência, ninguém notaria sua presença.* Norma Jeane estava pensando que em uma família normal raramente há silêncio como o que existia entre Gladys e ela. Ela estava pensando com calma que nunca havia pertencido a uma família verdadeira, e se revelava agora que ela nunca pertencera aos Glazer, apesar do fingimento

educado, que ela desejava retribuir. Os Glazer a elogiariam, em sua presença, por ser “forte”, “madura”. Por ser “uma boa esposa para Bucky”. Era possível que estivessem ouvindo de Bucky a respeito de seus episódios emocionais no passado recente, que Bucky era cruel o suficiente para chamar de histeria feminina. Mas como testemunhas de fato, escrutinando-a com cuidado, os Glazer tinham que aprovar Norma Jeane. *A menina cresceu rápido! Tanto ela quanto Bucky.*

Dizendo adeus para Bucky Glazer em seu uniforme da marinha mercante, o cabelo cortado brutalmente curto a ponto de deixar o rosto de garoto parecendo quase descarnado. Seus olhos brilhavam de empolgação e medo. Ele havia se cortado ao fazer a barba. Ele havia ficado no campo de treinamento por um período curto, mas já parecia mais velho, diferente. Sem jeito, ele abraçou a mãe em lágrimas e as irmãs e o pai e o irmão, mas, principalmente, Norma Jeane. Murmurando, quase com angústia:

— Baby, eu amo você. Baby, escreva para mim todos os dias, está bem? Baby, vou sentir saudade. — Em sua orelha sussurrando com calor: — O Grandão vai sentir saudade da Delicinha, com certeza!

Norma Jeane soltou uma risadinha surpresa. Ah, e se outros ouvissem! Bucky estava dizendo que, quando a Guerra acabasse, quando ele voltasse para casa, eles começariam sua família.

— Quantos filhos você quiser, Norma Jeane. Você que manda. — Ele começou a beijá-la como um garoto beijaria, beijos úmidos quentes, beijos ansiosos. Os Glazer se afastaram para dar um pouco de privacidade ao jovem casal, não que houvesse muita privacidade no píer em Catalina naquela manhã agradável em abril de 1944 enquanto o cargueiro *Liberty* se preparava para zarpar para a Austrália, um de uma frota de cargueiros da marinha mercante. Norma Jeane estava pensando que sorte tinha, a marinha mercante não era uma parte das Forças Armadas dos Estados Unidos como a

maioria das pessoas imaginava. O *Liberty* não era um navio de guerra e não carregava bombardeiros, e Bucky não estaria armado, Bucky nunca seria colocado “em ação” ou “em combate”. O que aconteceu com o marido de Harriet e com tantos outros maridos não aconteceria com ele. Que os cargueiros da marinha mercante estivessem continuamente sendo atacados por submarinos e aviões inimigos era um fato que ela parecia desconhecer. Ela diria a quem quer que perguntasse:

— Meu marido não está *armado*. A marinha mercante só carrega *suprimentos*.

No caminho de volta para Mission Hills, a sra. Glazer se sentou no banco de trás com Lorraine e Norma Jeane. Ela havia tirado o chapéu e as luvas e segurava os dedos gelados de Norma Jeane, entendendo que sua nora estava em estado de choque. Havia parado de chorar, mas a voz estava rouca de emoção.

— Você pode vir morar conosco, querida. Você é nossa filha agora.

Guerra

— Não sou a filha de ninguém agora. Estou cansada disso.

Ela não se mudou para a casa dos Glazers em Mission Hills. Não ficou em Verdugo Gardens. Na semana após a partida de Bucky no *Liberty* ela arrumou um emprego na linha de montagem na Radio Plane Aircraft, 24 quilômetros a oeste, em Burbank. Alugou um quarto mobiliado numa pensão perto da linha do bonde e morava sozinha na época de seu décimo oitavo aniversário quando a ideia surgiu a ela enquanto se deitava exausta, caindo em um sono sem sonhos. *Norma Jeane não está mais sob a guarda do Condado de Los Angeles*. Na manhã seguinte, o pensamento voltou com ainda mais força, um lampejo de calor iluminando um vergão escuro de um céu tempestuoso sobre as montanhas San Gabriel, *Foi por isso que me casei com Bucky Glazer?*

No meio da barulheira estrondosa do maquinário na fábrica de aeronaves, Norma Jeane começou a contar para si mesma a história do que a levava a noivar aos quinze anos e largar a escola para casar aos dezesseis. E por que, num misto de terror e emoção, ela resolvera morar sozinha pela primeira vez na vida aos dezoito anos, percebendo que sua vida estava apenas começando. E o motivo disso ela sabia que era a Guerra.

Se não há Mal
mas há Guerra
seria a Guerra o não-mal?
Seria o Mal a não-Guerra?

Chegou o dia em que ela, que mal lia jornais por superstição, entreouveu alguma das colegas de trabalho no refeitório falando de um evento relatado no *Los Angeles Times*, uma das manchetes menores da primeira página, abaixo das habituais notícias de guerra, com uma pequena foto de uma mulher de branco sorrindo em êxtase, e Norma Jeane congelou, olhando o jornal que uma das mulheres tinha aberto, e devia estar com um semblante doentio pois vieram perguntar o que havia de errado, e ela gaguejou uma resposta vaga, não havia nada de errado, mas os olhos das mulheres continuaram nela, afiados como picadores de gelo, analisando e julgando e não gostando desta jovem garota casada parecendo tão cheia de segredos e uma timidez confundida com desinteresse, e o cuidado com cabelo, a maquiagem e as roupas confundidos com vaidade, e o zelo desesperado de não fracassar no trabalho interpretado como um desejo feminino predatório de meramente cair nas graças do chefe, e ela se afastou, confusa e constrangida, sabendo que as mulheres ririam com crueldade assim que ela não pudesse mais ouvir, imitando sua gagueira e sua voz de menininha, e naquela noite ela comprou uma cópia do *Los Angeles Times* para ler com um horror fascinado:

EVANGELISTA MCPHERSON MORRE LEGISTAS APONTAM OVERDOSE DE DROGAS

Aimee Semple McPherson estava morta! A fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular Internacional em Los Angeles, onde dezoito anos antes Vovó Della havia levado a bebê Norma Jeane para ser batizada na fé cristã. Aimee Semple McPherson, que fazia muito havia sido exposta e acusada de fraude, a fortuna de milhões de dólares construída à custa de hipocrisia e venalidade. Aimee Semple McPherson, cujo mero nome ganhara notoriedade, quando ela se tornou uma das mulheres mais famosas e admiradas dos

Estados Unidos. Aimee Semple McPherson, suicídio! A boca de Norma Jeane estava seca. Ela estava parada no ponto de bonde, mal conseguindo se concentrar no artigo. *Eu não atribuiria nenhum significado ao fato de a mulher que me batizou ter tirado a própria vida. Ao fato de que a fé cristã poderia não ser mais do que uma peça de roupa vestida às pressas, passível de ser tirada também às pressas e descartada.*

— Mas você é a *esposa* de Bucky. Não pode simplesmente morar sozinha.

Os Glazer ficaram chocados. Os Glazer reprovavam veementemente e estavam furiosos. Norma Jeane fechou os olhos, vendo uma sucessão onírica de dias hipnóticos na cozinha da sogra entre utensílios reluzentes e um piso de linóleo impecavelmente limpo, sentindo os aromas ricos de ensopados e sopas escaldantes, carnes grelhando, pães e bolos assando. A conversa confortante da voz de uma mulher mais velha. *Norma Jeane, querida, pode me ajudar com isto?* Cebolas a cortar, formas de assar a untar. Pilhas de pratos sujos depois do jantar de domingo para raspar, passar água, lavar e secar. Ela fechou os olhos, vendo uma garota sorridente lavando a louça, braços mergulhados até os ombros na espuma marfim brilhante. Uma garota sorrindo, concentrada em passar a escova de carpete cuidadosamente pela sala de estar e de jantar, colocando pilhas de roupa suja na máquina de lavar no porão com cheiro de mofo, ajudando a sra. Glazer a pendurar roupa no varal, tirar roupa do varal, passar, dobrar, guardar nas gavetas, em armários e prateleiras. Uma garota em um belo vestido engomado e acinturado, chapéu e luvas brancas e sapatos de salto alto, sem meias calças de seda, mas com “costuras” cuidadosamente desenhadas com um lápis de sobrancelha na parte de trás das pernas para simular costuras de meias calças nestes tempos de

privação da Guerra. Entrando na Igreja de Cristo com seus sogros, e tantos deles. Os Glazer. *Aquela ali é...? Sim, a esposa do filho mais novo. Morando com eles enquanto o rapaz está além-mar.*

— Mas eu não sou sua filha. Não sou a filha de ninguém agora.

Ainda assim, ela usava os anéis dos Glazer. Era sua intenção mais verdadeira permanecer fiel ao marido.

Sua vaca deprimente.

Mas morava sozinha em seu quarto mobiliado em Burbank, no alojamento lotado e caindo aos pedaços onde compartilhava um banheiro com outras duas pensionistas, sozinha num lugar novo e estranho onde ninguém a conhecia, e, às vezes, Norma Jeane gargalhava alto com uma alegria assustada. Ela estava livre! Estava sozinha! Pela primeira vez na vida, verdadeiramente sozinha. Não era mais órfã. Não era mais uma criança adotada abrigada em um lar temporário. Não mais uma filha ou nora ou esposa. Era um luxo para ela. Parecia roubo. Ela era uma *moça trabalhadora* agora. Trazia para casa um salário semanal, era paga em cheque, depositava os cheques em um banco como qualquer adulto. Antes de ter sido contratada na Radio Plane Aircraft, havia se candidatado a várias outras pequenas fábricas não sindicalizadas, sendo recusada em todas, pela pouca idade e pela falta de experiência, até na Radio Plano tinha sido dispensada de início, mas insistiu *Por favor me deem uma chance! Por favor.* Apavorada, e com o coração martelando, ainda assim insistindo com teimosia em ficar na ponta dos pés e com costas eretas para mostrar seu corpo jovem e capaz. *Eu s-sei que consigo, sou forte e nunca me canso. Não canso!* Então a contrataram e viram que era verdade: ela aprendeu rápido a mecânica de trabalho em uma linha de montagem, trabalho mecânico, de robô, mas era parecido com a rotina de trabalho

doméstico, exceto pelo mundo exterior barulhento de outras pessoas, um mundo em que, trabalhando com mais afinco ganhava-se reconhecimento como mais eficiente, mais inteligente e, portanto, mais valiosa do que as colegas de trabalho, ganha o olhar atento do supervisor, e além dele o gerente da fábrica, e além dele os chefões conhecidos apenas de nome, nomes esses nunca pronunciados por funcionários da oficina mecânica como Norma Jeane. E voltar para casa de bonde depois do turno de oito horas, cambaleando de exaustão, mas como uma criança gananciosa contando na cabeça o dinheiro que havia ganhado, menos do que sete dólares descontando os impostos, mas era dela, para gastar ou economizar se pudesse. Voltava então para seu quarto silencioso, onde ninguém a esperava além da Amiga Mágica no espelho, uma leve dor de cabeça; faminta, não precisava elaborar uma refeição imensa para seu marido morto de fome e quase sempre comia apenas sopa Campbell's aquecida direto da lata, e que delícia era a sopa quente, e talvez um pedaço de pão branco com geleia, uma banana ou uma laranja, um copo de leite quente. Então caía na cama, um leito estreito com um colchão de dois centímetros de espessura, uma cama de garota de novo. Esperava estar cansada demais para sonhar e com frequência era assim, ou parecia ser, mas às vezes vagava confusa pelos corredores inesperadamente longos e desconhecidos do orfanato até se flagrar no balanço de um parquinho na areia que ela diria ter esquecido, e sentia uma presença no lado distante da cerca de tela metálica, seria ele? O Príncipe Sombrio vindo atrás dela? Ela não o tinha visto na época, não o havia reconhecido; e então vagava por La Mesa apenas parcialmente vestida, de calcinha, buscando em vão o edifício em que ela e Mãe moravam, incapaz de dizer em voz alta as palavras mágicas que a levariam até lá — A HACIENDA. Ela era uma criança na época do *Era uma vez...* Ela era Norma Jeane buscando sua mãe.

Ainda assim, não era uma criança de verdade, pois havia se tornado uma mulher casada. O lugar secreto entre suas pernas havia se rompido e ensanguentado e reivindicado pelo Príncipe Sombrio.

Meu coração estava partido. Chorei sem parar. Quando ele se foi eu me perguntei como poderia ferir a mim mesma por justiça. Porque os cortes em meus braços se curaram rápido, eu era muito saudável. Ainda assim, morando sozinha ela descobriu que não tinha necessidade de mudar as toalhas mais do que uma vez por semana, nem perto disso. Ela não precisava mudar os lençóis na cama mais do que uma vez por semana, nem perto disso. Pois não havia marido jovem, vigoroso e suado para sujar, e Norma Jeane se mantinha cuidadosamente limpa se lavando e banhando com a frequência que podia, lavando camisola, roupas íntimas e meias-calças à mão. Ela não tinha carpete no quarto, portanto, não tinha necessidade de uma escova de carpete; uma vez por semana ela pegava a vassoura de sua senhoria e sempre a devolvia de imediato. Ela não tinha fogão nem forno para manter desengordurados e limpos. Havia poucas superfícies no quarto além dos peitoris das janelas que poderiam acumular poeira, então tinha pouco a espanar. (Ela sorria ao se lembrar do velho Hirohito. Consequira se livrar dele!) Ao sair do apartamento em Verdugo Gardens, deixara para trás a maioria dos pertences domésticos para os Glazer guardarem em casa; acreditava-se que a família de Bucky estava “guardando” estes itens até a volta de Bucky. Mas Norma Jeane sabia que Bucky nunca voltaria.

Ao menos não para ela.

Se me amasse você não teria me deixado
Se me deixou é porque não me amava

Exceto pelas pessoas morrendo e se ferindo e o mundo se enchendo de detritos fumegantes, Norma Jeane gostava da Guerra. A Guerra era estável e confiável como a fome ou o sono. A Guerra estava *ali*, sempre. Era possível falar da Guerra com qualquer estranho. A Guerra era um programa de rádio que não terminava nunca. A Guerra era um sonho sonhado por todos. Não se ficava sozinho durante a Guerra. Desde 7 de dezembro de 1941, quando os japoneses bombardearam Pearl Harbor, não haveria solidão por anos. No bonde, na rua, em lojas, no trabalho, e a qualquer momento, se poderia perguntar com apreensão ou ansiedade ou em uma voz prosaica *Alguma coisa aconteceu hoje?* Pois sempre alguma coisa teria acontecido ou estaria prestes a acontecer. Havia batalhas sendo continuamente “travadas” na Europa e no Pacífico. Notícias ou eram boas ou ruins. Não faltavam motivos para se alegrar instantaneamente com outra pessoa, ou se entristecer ou chatear com outra pessoa. Estranhos choravam juntos. Todos ouviam. Todos tinham uma opinião.

Depois do crepúsculo, como um sonho se aproximando, o mundo escurecia para todos. Era um momento mágico, Norma Jeane pensava. Os faróis dos carros eram desligados, janelas iluminadas eram proibidas assim como marquises acesas. Havia avisos estridentes de ataques aéreos. Havia alarmes falsos, rumores de invasões iminentes. Sempre haveria escassez de alimento e de outras coisas de que reclamar. Havia rumores de mercados negros. Em seu uniforme da Radio Plane, calça, camisa e suéter, e o cabelo preso para trás por um lenço, Norma Jeane se viu falando com estranhos com surpreendente facilidade. Antes vivia miseravelmente envergonhada, sempre inclinada a gaguejar com os sogros, às vezes, até com o marido se ele estivesse em um de seus humores exigentes, mas raramente gaguejava com estranhos simpáticos, como era a maioria dos estranhos. Em especial os

homens. Norma Jeane percebia que atraía os homens, mesmo os que tinham idade para serem avôs; ela reconhecia aqueles olhares intensos e calorosos que sinalizavam desejo e isso era reconfortante para ela. Desde que estivesse em um lugar público. E se eles perguntavam se ela gostaria de ir jantar? Ao cinema? Ela apontava para os anéis em silêncio. Se perguntassem a respeito do marido, ela poderia dizer, baixinho:

— Está além-mar. Na Austrália. — Às vezes, ela dava por si falando que ele havia sido dado como “desaparecido em combate” na Nova Guiné, e às vezes ela se ouvia dizer que ele havia sido dado como “morto em combate” em Iwo Jima.

Mas a maioria dos estranhos queria falar de como a Guerra havia tocado *suas* vidas. *Ah, se essa maldita Guerra acabasse de uma vez*, diziam, com amargor. Mas Norma Jeane pensava *Ah, se essa Guerra durasse para sempre*.

Pois seu emprego na Radio Plane dependia de haver escassez de trabalhadores homens. Por causa da Guerra, havia mulheres motoristas de caminhão, mulheres condutoras de bonde, mulheres lixeiras, mulheres operadoras de guindastes e até carpinteiras, pintoras e jardineiras. Havia mulheres em uniforme onde quer que se olhasse. Na Radio Plane, Norma Jeane calculou que deveria haver oito ou nove mulheres para cada homem — exceto pelas posições de gerência, é claro, onde não havia nenhuma. Ela devia seu emprego à Guerra, ela devia sua liberdade à Guerra. Ela devia seu salário à Guerra e já em três meses fora promovida, com um aumento de 25 centavos de dólar por hora. Ela trabalhara com tamanha habilidade na linha de montagem que foi selecionada para um emprego mais exigente que envolvia cobrir fuselagem de aeronaves com um plástico líquido que lembrava uma droga ilícita. O cheiro era forte e ligeiramente nauseante. Penetrava o cérebro.

Bolhas minúsculas no cérebro como bolhas de champanhe. O sangue era drenado do rosto e seus olhos pareciam perder foco.

— É melhor pegar um ar fresco, Norma Jeane — disse o supervisor.

Mas Norma Jeane respondeu rápido:

— Não tenho tempo! Não tenho tempo — rindo e enxugando os olhos. — Não tenho tempo. — Ela estava com dificuldade com a própria língua, que parecia grande demais para a boca. Sentia pavor de fracassar no emprego novo e ser mandada de volta à linha de montagem ou demitida e enviada para casa. Porque ela não tinha casa. Pois o marido a havia deixado. *Sua vaca deprimente*. Ela não ousaria fracassar e não fracassaria. Enfim, o supervisor levou Norma Jeane pelo braço para fora da sala de aplicação de verniz, a sala que deixava “chapado”, e Norma Jeane respirou fundo o ar fresco em uma janela mas voltou ao trabalho quase de imediato, insistindo que estava bem. As mãos se moviam com habilidade e uma inteligência própria que aumentaria gradualmente com o passar das horas, dias, até semanas, à medida que a tolerância ao produto químico aumentava. Como haviam dito a ela:

— Às vezes, você mal vai sentir o cheiro. — (Embora o cabelo e as roupas ficassem fedendo, ela sabia. Então tinha que tomar um cuidado a mais, lavar e arejar essas roupas com muita atenção). Ela não queria pensar que esses vapores permeavam a pele, as vias nasais, os pulmões e o cérebro. Estava orgulhosa de ter sido promovida tão rápido e de receber um aumento, e sua esperança era ser promovida de novo e receber outro aumento. Ela impressionou o supervisor, se destacou como uma trabalhadora esforçada, uma moça séria que assumia a responsabilidade de fazer um trabalho sério.

Ela parecia uma garota, mas agia como adulta. Pelo menos na Radio Plane! Construindo bombardeiros navais para voar contra o

inimigo. Ela encarava a fábrica como um tipo de corrida, e ela era uma corredora, e no ensino médio ela havia sido uma das corredoras mulheres mais rápidas, ganhara, com muito orgulho, uma medalha — embora nunca tenha recebido resposta de Gladys quando mandou a medalha para ela em Norwalk. (Em um sonho ela tinha visto Gladys usando a medalha presa na gola da roupa hospitalar verde. Seria possível que o sonho fosse real? *Ela não cederia e não cedeu.*)

Naquela manhã de novembro, passando químicos e combatendo uma sensação de tontura, ela temia que sua menstruação viesse mais cedo, pois, para manter o emprego, precisava de tantas aspirinas quanto ousasse tomar para suas cólicas, mesmo sabendo que era errado, mesmo sabendo que não poderia se curar se sucumbisse a tamanha fraqueza, e mesmo assim precisava tirar um ou dois dias de folga por doença, para sua vergonha. Naquela manhã de novembro, pulverizava o plástico líquido determinada a não sentir enjoo ou desmaiar, quando as borbulhas em seu cérebro distraíndo-a mais do que o normal e de súbito ela sorriu ao vislumbrar um futuro delirante e sedutor.

O Príncipe Sombrio em vestes pretas formais, e Norma Jeane, que era a Princesa Cintilante, em um longo vestido branco de algum material brilhante. Caminhando de mãos dadas na praia sob o pôr do sol. O cabelo de Norma Jeane balançando ao vento. Era o cabelo loiro platinado de Jean Harlow, que morrera, diziam, porque sua mãe protestante da Ciência Cristã recusara-se a chamar um médico mesmo com a filha sentindo acometida por uma doença letal aos 26 anos de idade, mas Norma Jeane era mais inteligente, pois a pessoa só morre da própria fraqueza, e ela não seria fraca. O Príncipe Sombrio fez uma pausa para passar o terno pelos ombros. Com gentileza beijou seus lábios. Começou uma música, de dança, romântica. O

Príncipe Sombrio e Norma Jeane começaram a dançar, e Norma Jeane surpreendeu seu amante. Ela chutou os sapatos para longe e afundou os pés na areia úmida e que sensação deliciosa sentiu ali dançando enquanto as ondas quebravam em suas pernas! O Príncipe Sombrio a encarava surpreso, pois ela era muito mais linda do que qualquer mulher que ele havia conhecido, e Norma Jeane se esquivava desse olhar erguendo os braços e seus braços se tornavam asas e de súbito ela era um lindo pássaro de asas brancas voando mais e mais e mais alto até o próprio Príncipe Sombrio se tornar uma mera figura na praia entre a espuma das ondas quebrando contemplando-a no espanto da perda.

Estreitando os olhos, Norma Jeane ergueu a cabeça das mãos enluvadas segurando a lata do produto químico e avistou um homem parado na porta. Era o Príncipe Sombrio, com uma câmera nas mãos.

Pin-up 1945

Sua vida fora do palco não é sua vida accidental. Será sua vida inevitável.

— *O manual prático para o ator e sua vida*

Ao longo daquele primeiro ano de maravilhas quebrando em cima dela como a maré violenta da praia em Santa Mônica na sua infância, ela ouviria o metrônomo calmo daquela voz. *Onde quer que você esteja, estou lá. Mesmo antes de você chegar ao lugar aonde está indo eu já estou lá, esperando.*

A cara do Glazer! Seus companheiros no *Liberty* perseguiriam o garoto implacavelmente. Certo dia, Bucky folheava a edição de dezembro de 1944 da revista *Stars & Stripes* com uma expressão irritada, entediada até, quando chegou a uma página em que encarou, de olhos arregalados e queixo *caído* de verdade. O que quer que estivesse naquelas páginas teve o efeito de um choque elétrico no Glazer. E então ele gaguejou:

— Meu Deus. Minha esposa. *Esta é minha e-esposa!*

A revista foi arrancada dele. Todos ficaram boquiabertos diante das GAROTAS TRABALHANDO NA LINHA DE DEFESA DA FRENTE INTERNA, e a foto de página inteira da garota com o rosto mais doce que já se viu, cachos escuros pulando ao redor da cabeça, lindos olhos melancólicos e lábios úmidos num sorriso de timidez esperançosa, ela estava usando um macacão jeans justo nos seios jovens e fartos e dos quadris incríveis, com a falta de jeito de uma

garotinha, segurando uma lata como se estivesse prestes a pulverizar a câmera.

Norma Jeane trabalha um turno de nove horas na Radio Plane Aircraft, em Burbank, na Califórnia. Ela está orgulhosa de sua contribuição para as forças da guerra. “É um trabalho pesado, mas eu amo!”, afirma. Acima, Norma Jeane na linha de montagem de fuselagem. À esquerda, Norma Jeane em um momento pensativo, com o marido em mente, o recruta Marinheiro Mercante Buchanan Glaser, atualmente em um posto no sul do Pacífico.

Zombaram do pobre garoto, fizeram provocações — o nome foi impresso Glaser, não Glazer, como ele tinha tanta certeza que a mocinha era sua esposa? — E logo se dá uma disputa pela revista, que é quase rasgada, Glazer se apressa fuzilando com brilho nos olhos e empolgação:

— Seus merdas! Podem parar! Passem para cá! *Isto é meu!*

E havia a edição de março de 1945 da *Pageant*, confiscada de um grupo de garotos rindo baixinho na aula de inglês de Sidney Haring na Escola Van Nuys, jogada sem cuidado na escrivaninha do sr. Haring, sem um olhar sequer até que em algum momento mais tarde naquele dia ele a examinou, folheando-a até onde os garotos, de mente suja, sem dúvida, haviam feito uma orelha na folha para marcar a página, e de súbito o sr. Haring posicionou os óculos no nariz para ver melhor, surpreso.

— ... Norma Jeane! — Ele reconheceu a garota imediatamente apesar da maquiagem pesada e da pose sensual, cabeça inclinada para um lado, boca com batom escuro aberta em um sorriso sonhador e bêbado, os olhos semicerrados em êxtase absurdo. Ela vestia o que parecia uma camisola semitransparente com babados

até a metade da coxa e sapatos de salto alto, e apertava um panda de pelúcia de sorriso idiota contra os seios estranhamente pontudos: *Pronto para me dar um abraço bem quente em uma noite fria de inverno?* Haring havia começado a respirar pela boca. Sua visão estava borrada pela umidade.

— Norma Jeane. Meu Deus. — Ele não conseguia tirar os olhos. Sentiu uma onda de vergonha. Isso era culpa dele, ele sabia. Ele poderia tê-la salvado. Poderia ter ajudado a garota. Como? Poderia ter tentado. Tentado mais. Ele poderia ter *feito alguma coisa*. O quê? Protestar contra ela se casar tão jovem? Talvez estivesse grávida. Talvez tivesse que se casar. Será que ele poderia ter se casado com ela? Mas ele já era casado. A garota tinha só quinze anos na época. Manter uma distância segura foi a atitude mais sensata, ele ficou de mãos atadas. Ele havia feito a coisa sábia. Ao longo de toda a vida ele fizera a coisa sábia. Até ficar aleijado tinha sido sábio; ele havia escapado do alistamento. Tinha filhos pequenos e uma esposa. Amava a família. A família dependia dele. Todos os anos ele lecionava para garotas. Garotas em lares temporários, órfãs. Garotas maltratadas. Garotas de olhares desejosos. Garotas que olhavam para o sr. Haring à procura de um norte. Aprovação. Amor. Não dá para evitar, você é um professor de ensino médio, um homem, relativamente jovem. A Guerra deixava tudo muito mais intenso. A Guerra era um sonho erótico maluco. Para quem fosse homem. Visto como homem. Ele não poderia salvar todas, poderia? Ele perderia o emprego. Norma Jeane havia sido uma criança em lar temporário. Havia uma maldição nisso. A mãe dela estava doente — ele não lembrava exatamente de quê. O pai estava... o quê? Morto. O que *ele* poderia ter feito? Nada. O que ele fez, ou seja, nada, era tudo que *poderia* fazer. *Salve a si mesmo. Nunca encoste nelas*. Ele não se orgulhava desse comportamento, mas tampouco tinha motivos para se envergonhar. Por que se envergonhar? Não se

envergonhava. Ainda assim, espiando pela porta da sala de aula, sentindo-se culpado (a aula havia acabado, ninguém entraria sem permissão, ainda assim, um aluno ou colega perdido poderia olhar pelo painel de vidro na porta), ele arrancou a página, enfiou a revista em um envelope (para que o zelador não notasse) e colocou-o na lixeira. *Pronto para me dar um abraço bem quente em um noite fria de inverno?* O sr. Haring tomou cuidado de não amassar a foto de página cheia de sua ex-aluna e a colocou em uma pasta guardada no fundo da última gaveta, com meia dúzia de poemas que ela mesma escrevera para ele.

Nunca haveria de me entristecer
Se eu pudesse amar você

E em fevereiro houve o detetive Frank Widdoes, do Departamento de Polícia de Culver, revirando o trailer imundo de um suspeito de homicídio — mais precisamente, o suspeito num caso sensacional de estupro com mutilação, estupro seguido de homicídio, estupro com mutilação seguido de homicídio com esquartejamento corporal. Widdoes e seu parceiro sabiam com certeza que tinham achado o cara, aquele bastardo cheirava à culpa; só restava evidência física ligando-o à garota morta (depois de dias desaparecida, fora encontrada esquartejada em um terreno em Culver; era moradora de West Hollywood e sócia de Susan Hayward contratada por um dos estúdios de cinema, mas havia sido recentemente dispensada e havia encontrado seu fim depois de cruzar com esse psicopata), e Widdoes estava beliscando o nariz com os dedos e com a outra mão, folheava uma pilha de revistas femininas e ali na *Pix*, onde a revista estava aberta em uma foto de duas páginas que por acaso era...

— Jesus Cristo! A garota. — Widdoes era um desses detetives lendários do cinema que nunca esquecem um rosto e um nome. —

Norma Jeane... de quê? Baker. — Ela posava em um maiô justo, que mostrava praticamente tudo que ela tinha, deixando material suficiente para a imaginação, salto alto ridículo; uma das fotos era frontal e a outra em uma pose *pin-up* estilo Betty Grable, a garota espiando o observador com timidez por cima do ombro, mãos nos quadris, dando uma piscadinha; havia laços na roupa de banho e no cabelo da garota, uma massa escura de cachos que pareciam envernizados, e o rosto ainda infantil tinham um aspecto endurecido por uma camada de maquiagem grossa como uma casca. Na pose frontal, ela segurava uma bola de plástico oferecendo ao observador num gesto provocante, uma expressão boba e zombeteira e os lábios espremidos mandando um beijo. *Qual é a melhor cura para a tristeza no inverno? Nossa Miss Fevereiro sabe.* Widdoes sentiu uma pontada de dor no coração. Não aguda como uma bala, mas como se tivesse sido atingido por uma bolinha de papelão atirada do cano de uma arma.

Seu parceiro o perguntou o que havia encontrado ali, e Widdoes disse com ferocidade:

— O que você acha? Em um monte de esterco a gente só encontra merda.

Discretamente ele enrolou a revista e meteu num bolso interno do casaco, por segurança.

Não muito tempo depois, em seu escritório em um trailer nos fundos do ferro-velho escaldante, estava Warren Pirig, um cigarro queimando com ferocidade na boca, ao encarar a capa brilhante da nova *Swank*. A capa!

— Norma Jeane? Meu Deus. — Lá estava sua garota. De quem havia desistido e em quem nunca havia tocado. A garota da qual ainda se lembrava, às vezes. Mas ela estava diferente, mais velha, encarando-o como se soubesse da situação toda. E gostasse. Estava

usando uma camiseta branca meio molhada com as palavras *USS Swank* na frente, salto alto vermelho, e mais nada: a camiseta justa até as coxas. O cabelo loiro-escuro preso no alto e alguns cachos soltos. Era perceptível que estava sem sutiã, os peitos eram tão redondos e macios. A camiseta grudava no quadril e na pelve revelando que também estava sem calcinha. Um rubor subiu pelo rosto de Warren. De súbito ele ajustou a postura, sentado atrás da velha escrivaninha surrada, os pés batendo com força no chão. Da última vez em que Elsie comentara, Norma Jeane estava casada morando em Mission Hills, e o marido tinha cruzado o oceano. Warren nunca mais perguntou a respeito de Norma Jeane desde então, tampouco Elsie dera alguma informação. E de repente isso! A capa da *Swank* e duas páginas dentro com fotos similares na camiseta branca. Mostrando os peitos e a bunda como uma vagabunda. Warren sentiu um desejo lancinante e ao mesmo tempo um nojo profundo, como se tivesse mordido algo podre.

— Meu Deus do céu. Culpa *dela*. — Ele queria dizer Elsie. Ela havia quebrado a família. Os dedos coçaram de vontade de machucar alguém.

Ainda assim, ele tomou o cuidado de preservar esta edição especial de *Swank*, de março de 1945, escondendo-a em sua gaveta da escrivaninha sob velhos registros financeiros.

Na drogaria Mayer, sem aviso algum, uma manhã de abril de que ela se lembraria por muito tempo (à véspera da morte de Franklin Delano Roosevelt), Elsie ouviu Irma chamá-la com empolgação e foi ver a nova edição de *Parade* que a amiga balançava no alto.

— É ela, não é? Aquela sua garota? Aquela que se casou uns anos atrás? Olhe!

Elsie olhou a revista aberta. Lá estava Norma Jeane! O cabelo estava dividido e trançado como o de Judy Garland em *O Mágico de*

Oz, e ela usava calças confortáveis de veludo de cotelê e um “suéter de tricô” de um azul-claro, sentada em um portão numa área rural, sorrindo com alegria; no fundo, cavalos passeando pelo pasto. Norma Jeane era muito jovem e muito bonita, mas se olhando de perto, como Elsie fez, dava para ver a tensão naquele sorriso enorme e brilhante. Tinha covinhas na bochecha pelo esforço. *Primavera no lindo vale de São Fernando! Para aprender a fazer este charmoso suéter de lã de algodão, veja p. 89.* Elsie ficou tão impressionada que deixou a farmácia sem pagar pela revista. Foi direto para Mission Hills ver Bess Glazer, sem sequer ligar antes.

— Bess! Olhe! Olhe isto! Você sabia disto? Olha quem é! — Enfiando a cópia da *Parade* no rosto assustado da mulher. Bess viu e franziu a testa; ela estava surpresa, sim, mas não muito surpresa.

— Ah, ela. Bom. — Para confusão de Elsie, Bess não fez mais comentários, mas a guiou pela casa até a cozinha, onde, de uma gaveta ao lado do fogão, ela pescou a edição de dezembro de 1944 da *Stars & Stripes* com a matéria GAROTAS TRABALHANDO NA LINHA DE DEFESA DA FRENTE INTERNA. E lá estava Norma Jeane — de novo! Elsie sentiu como se a tivessem chutado na barriga — de novo. Afundou em uma poltrona, encarando Norma Jeane, sua própria filha, sua garota! — em um macacão justo, sorrindo para a câmera de uma maneira que Norma Jeane nunca havia sorrido para ninguém, até onde Elsie podia se lembrar, na vida real. *Como se quem quer que estivesse com a câmera fosse seu melhor amigo. Ou talvez a câmera fosse sua melhor amiga.* Uma onda de emoção invadiu Elsie: confusão, mágoa, vergonha, orgulho. Por que Norma Jeane não havia compartilhado esta notícia fantástica com *ela*? Bess dizia, com sua expressão azeda:

— Bucky mandou isso para casa. Ele está orgulhoso, eu acho — disse Bess.

Elsie retrucou:

— Mas você *não* está?

— Orgulhosa de uma coisa dessas? É claro que não. Os Glazer acham que é vergonhoso.

Elsie balançou a cabeça em indignação e disse:

— *Eu* acho maravilhoso. *Eu estou* orgulhosa. Norma Jeane vai ser modelo, estrela de cinema! Espere só para ver.

Bess olhou para ela e respondeu:

— Ela deveria ser a *esposa* do meu filho. Os votos de casamento vêm *antes*.

Elsie não saiu da casa batendo portas; ficou ali e Bess preparou café, e as mulheres falaram e choramingaram pela perda de Norma Jeane.

Contrata-se

Para o verdadeiro ator, todo papel é uma oportunidade.
Não há papéis menores.

— *O manual prático para o ator e sua vida*

Ela foi a Miss Produtos de Alumínio de 1945, na primeira semana com a Agência Preene. Em um vestido apertado de náilon branco plissado com um decote cavado, colar e brincos de pérolas falsas, sapatos brancos de salto alto e luvas brancas até o cotovelo, uma gardênia branca no cabelo cheio de “luzes”, na altura dos ombros. Uma convenção de quatro dias no centro de Los Angeles, onde ela deveria ficar em pé por horas em uma plataforma elevada junto de uma exposição de utensílios domésticos de alumínio, entregando panfletos para pessoas interessadas — a maioria homens. Doze dólares por dia com refeições (mínimas) incluídas e auxílio de transporte.

Na segunda semana, foi a Miss Produtos de Papel 1945. Em uma veste rosa-choque de papel crepom que farfalhava quando ela se movia e se desfazia sob a umidade das axilas, e uma coroa de papel crepom dourado sobre o cabelo penteado para cima. Em um salão de convenções, estendia panfletos e amostras de produtos de papel: lenços, papel higiênico, absorventes (em embalagens marrons sem descrição alguma). Dez dólares por dia com refeições (mínimas) e tarifa de bonde inclusa.

Ela seria a Miss Hospitalidade em uma convenção de equipamentos cirúrgicos em Santa Mônica. Miss Produtos Laticínios do Sul da Califórnia em um traje de banho com grandes

manchas pretas como uma vaca leiteira e saltos altos. Recepcionista dançarina de cabaré na abertura do Luxe Arms Hotel em Los Angeles. Recepcionista na abertura do Rudy's Steakhouse em Bel Air. Em trajes náuticos — uma blusa curta de marinheiro e minissaia, meia-calça de seda e salto alto — recepcionista na mostra de iates de Rolling Hills. Em uma alegre roupa de vaqueira de “couro cru” com um colete de franjas e uma saia, botas de salto alto, chapéu de aba larga e um coldre com um revólver (descarregado) banhado de prata no quadril bem proporcionado, Miss Rodeio 1945 em Huntington Beach (onde seria “laçada” sob os holofotes por um mestre de cerimônias sorridente.)

Nada de sair com clientes. Sob nenhuma circunstância aceitar gorjetas dos clientes. Clientes pagarão a agência diretamente. Violar tais regras resultará em suspensão da Agência.

Para dor e febre de cólicas, tomava a aspirina da Bayer. Quando isso não bastou, começou a tomar remédios mais fortes (codeína? — O que exatamente era “codeína”?) prescrita pelo médico “responsável” na agência. Seu fluxo menstrual pesado latejava. A cabeça latejava. Com frequência, a visão em um olho, ou nos dois, enfraquecia. Nos piores dias ela não conseguia trabalhar. Cada pagamento perdido, mesmo que dez dólares, doía como um dente arrancado. E se ela ficasse cega? E se ela tivesse que pegar o bonde tateando, tropeçando para entrar e sair, como uma idosa? Ela estava apavorada com a ideia de se tornar a mulher desgrenhada que sua mãe havia sido. Ela estava morrendo de medo de fracassar na menor das atividades. Morrendo de medo de cães farejarem a sua virilha úmida. Absorventes reforçados com camadas de lençinhos Kleenex inundavam em uma hora. E onde ela poderia se trocar? E com que frequência? Eles notariam que ela caminhava com dureza, como se tivesse uma tábua entre as coxas. Estava desesperada; não

podia ficar na cama gemendo e semiconsciente como havia feito em Verdugo Gardens e na casa dos Pirig, onde tia Elsie traria uma bolsa de água quente e leite morno. *Como está aí, querida? Só aguenta firme.*

Não havia mais ninguém que a amasse. Estava sozinha. Economizando para comprar um carro de um amigo de Otto Öse. Alugando um quarto mobiliado em West Hollywood de onde dava para ir a pé ao estúdio de Otto Öse. Ela estava enviando notas de cinco dólares para Gladys no Hospital Psiquiátrico Estadual — “Só para mandar um olá, Mãe!” Era conhecida na agência como um das novas modelos “promissoras” da Preene. Era uma modelo “em ascensão”. O diretor da agência não gostava de seu cabelo loiro-escuro. Ou se não era loiro-escuro, era um loiro *escurecido* de tão sem vida. Ela teve de pagar por um horário no salão de beleza — mechas “com luzes”. Teve que pagar pelo curso de modelo na agência. Às vezes, forneciam roupas para as participações, às vezes, ela era obrigada a arranjá-las por conta própria. Precisava trazer suas próprias meias-calças. Seu desodorante, sua maquiagem, sua roupa íntima. Ela estava ganhando dinheiro, mas também estava pegando emprestado: da Agência e de Otto Öse e de outros. Ela estava apavorada de sequer soltar um fio de uma meia-calça; havia sido vista (em um bonde, por estranhos) caindo no choro ao ver o nó que seria o começo de um desastrosos fio puxado. *Ah, não. Ah, não, por favor, Deus. Não.* Agora que era uma modelo Preene, todos os desastres se equivaliam: o terror de o suor vencer o desodorante em um dia quente vaporoso, o terror de feder, o terror de manchar um vestido. E todo mundo veria. Pois todo mundo a estava observando. Até quando não estava sendo fotografada no estúdio de Otto Öse sob as luzes ofuscantes e cruéis e os olhares implacáveis. Ela havia ousado sair do espelho e agora todos estavam olhando. Não havia canto onde se esconder. No Lar, ela conseguia se

esconder em um cubículo no banheiro. Conseguiu se esconder embaixo dos lençóis. Conseguiu se esgueirar para fora de uma janela e se esconder em um canto inclinado do telhado. Ah, que saudade do Lar! Ela sentia saudade de Fleece. Havia amado Fleece como uma irmã. Ah, que saudade de todas as suas irmãs — Debra Mae, Janette, Ratinha. *Ela havia sido* a Ratinha! Ela sentia saudades da dra. Mittelstadt, a quem ainda enviava seus pequenos poemas às vezes. *Nas Sombras da Noite, as estrelas brilham mais. Em nossos corações, vemos o fazer correto como cais.* Otto Öse, que a havia fotografado na Radio Plane Aircraft, e enxergava tudo no coração dela, ria de sentimentos assim. A pequeninha Órfã Annie fazia buá-buá. Otto Öse disse de maneira direta que ela estava ganhando “um dinheiro muito bom” para ser alguém especial, então, era melhor que fosse mesmo — “ou saísse da moita”, segundo ele. Ela seria alguém especial! Mesmo que custasse a própria vida. Afinal, Gladys não havia acreditado nela desde o começo? Aulas de canto, de piano. Lindas roupas-figurinos para usar para a escola.

Otto Öse, o Príncipe Sombrio. Ele a pegou de surpresa na sala de envernizamento e tirou tantas fotos dela para a *Stars & Stripes*, Norma Jeane em seu macacão de garota-no-fronte-interno, independentemente do quanto reclamasse, independentemente de sua timidez e, depois das sessões de fotos de Bucky, da vergonha de posar para o marido; ele a havia perseguido entre fuselagens e não aceitou não como resposta. Ele estava a serviço da revista oficial das Forças Armadas dos Estados Unidos da América, e aquela era uma responsabilidade enorme. Para ele, mas também para ela. Os militares lutando além-mar precisavam de um refresco dos ânimos com fotos de garotas bonitas de macacão.

— Você não quer que nossos rapazes percam a esperança, quer? Isso é o mesmo que traição. — Otto Öse havia feito Norma Jeane rir, apesar de ser o homem mais feio que ela já tinha visto.

Encurvado, ele fez os cliques em sua câmera e encarou-a como um hipnotista.

— Sabe quem é meu chefe na *Stars & Stripes*? Ron Reagan.

Norma Jeane balançou a cabeça, confusa. Reagan? O ator, Ronald Reagan? Um Tyrone Power ou Clark Gable de terceira? Era surpreendente para Norma Jeane que um ator como Reagan tivesse qualquer coisa a ver com uma revista militar. Era surpreendente que um ator pudesse fazer qualquer coisa real, na verdade. E Otto ia dizendo:

— Reagan disse: “Peito, bunda e perna, Öse... Esta é a sua missão”. O imbecil não sabe merda alguma de fábricas se acha que consigo encontrar uma *perna* num lugar assim. — O homem mais grosseiro, mais feio, que Norma Jeane jamais havia conhecido!

Ainda assim, Otto tinha razão. Ele a havia pescado da multidão, como se gabava, e estava certo. Os estranhos que a contratavam tinham todo o direito de esperar alguém especial, não uma caipira de Van Nuys. Ela aprendeu a não se ofender, muito menos cair em lágrimas, quando a examinavam como se fosse um manequim. Ou uma vaca.

— Esse batom é escuro demais. Ela está parecendo uma vagabunda.

— Caramba, entenda logo, Maurie: batom deste tom está na moda hoje em dia.

— O busto é grande demais. Dá para ver os mamilos pelo tecido.

— Caramba, o busto dela é perfeito! Você quer que ela use espartilho? O que tem de errado com mamilos, você tem algo contra mamilos? Escutem só este palhaço.

— Mande não sorrir tanto. Ela parece ter um tique nervoso.

— Garotas americanas têm que sorrir, Maurie. Quem estamos pagando, uma chorona?

— Ela parece o Pernalonga.

— Maurie, você é do tempo do *vaudeville*, não confecções femininas de qualidade. A garota está assustada, pelo amor de Deus. Isto nos está custando.

— Nem venha me falar, isto está nos custando.

— Maurie, mas que merda! Quer que eu mande voltar, se ela acabou de chegar? Esta garotinha com rosto de anjo?

— Mel, você está louco? Nós já pagamos vinte dólares de adiantamento, mais oito do carro, nós perderíamos isso, acha que somos milionários? Ela fica.

Ela se orgulhava disto: sempre, sempre permitiam que ela ficasse.

Em sua primeira semana na agência Preene, bem na hora que chegou encontrou uma ruiva glamourosa saindo; a garota descia a escada, batendo os saltos com força e com raiva nos degraus, uma garota com cabelo castanho-avermelhado caindo nos olhos estilo Veronica Lake, em um vestido preto justo de jérsei com manchas nas axilas, batom carmesim brilhante e bochechas com ruge e um perfume tão forte que fazia os olhos marejarem. Não era muito mais velha que Norma Jeane, mas começava a mostrar as primeiras rugas. Encarando Norma Jeane, que ela quase havia empurrado do seu caminho, segurou seu braço e disse:

— Ratinha! Meu Deus! É você, não é? Ratinha? Norma Jane... Jeane?

Debra Mae, do Lar! Debra Mae, cujo leito era ao lado do dela e que chorava até dormir todas as noites a não ser que (pois era pouco claro no Lar) fosse Norma Jeane quem chorava até dormir. Só que agora Debra Mae era “Lizbeth Short”, um nome que ela disse com amargura não ter escolhido e não gostar. Era modelo para um fotógrafo, mas estava suspensa da agência Preene. Ou talvez (isso não ficou muito claro para Norma Jeane, que não quisera perguntar) Debra Mae havia sido dispensada da agência. E a

agência lhe devia dinheiro. Ela alertou Norma Jeane a não cometer o erro que ela cometeu, e Norma Jeane com naturalidade perguntou que erro era esse, e Debra Mae respondeu:

— Aceitar dinheiro de homens. Se fizer isso, e a agência descobrir, é só isso que vão querer de você.

Norma Jeane ficou confusa.

— Isso... o quê? Achei que a agência não permitisse esse tipo de coisa.

Debra Mae disse, com os lábios retorcidos: — É o que eles dizem. Eu queria ser modelo de verdade e arranjar um teste com um estúdio de cinema, mas... — balançando o cabelo vermelho com veemência — não funcionou bem assim.

Norma Jeane respondeu, tentando decifrar:

— Você quer dizer... que aceitou dinheiro de homens? Por encontros?

Não gostando da expressão que viu no rosto de Norma Jeane, Debra Mae ficou vermelhíssima.

— É tão *nojento* assim? Tão *impressionante*? Por quê? Porque não sou casada? — (O olhar de Debra Mae foi parar na mão esquerda de Norma Jeane, mas ela havia removido seus anéis, é claro; ninguém contrataria uma mulher casada como modelo.)

E Norma reagiu:

— Não, não...

— Só uma mulher casada pode aceitar dinheiro de um homem para trepar com ele?

— Debra Mae, não é isso...

— Só porque eu preciso do dinheiro, é tão nojento? Vá para o inferno, Norma Jeane. — Debra Mae a empurrou para passar em fúria, a postura irritada e a cabeça vermelha flamejante erguida. Seus saltos batiam no degrau como castanholas. Norma Jeane piscou olhando as costas da irmã órfã que não via fazia quase oito

anos, aturdida como se tivesse levado um tapa na cara de Debra Mae. Em sua memória magoada, pareceria um dia que na verdade tinha mesmo levado um tapa na cara de Debra Mae. Norma Jeane a chamou, implorando:

— Debra Mae, espera... você tem alguma notícia da Fleece? —
Com crueldade, Debra Mae virou para trás e gritou:

— Fleece *morreu*.

Filha e mãe

Eu ainda não estava orgulhosa, eu estava esperando para me orgulhar. Ela enviava ensaios fotográficos selecionados da *Paradise*, *Family Circle* e *Collier's* para Gladys Mortensen, internada no Hospital Psiquiátrico Estadual. Não eram provocantes como as da *Laff*, *Pix*, *Swank* e *Peek*, mas fotos totalmente vestidas de Norma Jeane: no suéter tricotado à mão; em calça jeans e camisa de flanela e o cabelo em marias-chiquinhas como Judy Garland em *O Mágico de Oz*, ajoelhada ao lado de dois carneiros, sorrindo com alegria e acariciando a macia lã branca felpuda; em uniformes unissex de colégios particulares para meninos e meninas, na temática de “volta às aulas”, saia plissada em xadrez vermelho, suéter branco de manga comprida e gola rolê, sapatos baixos de duas cores, meias soquetes, o cabelo cor de mel encaracolado, sorrindo e acenando um *Olá!* ou um *Adeus!* para alguém do outro lado da câmera.

Mas Gladys nunca respondeu.

— Por que eu me importaria? Eu não me importo.

Começara a ter um mesmo sonho. Ou talvez sempre tivera e não conseguia lembrar. *Um corte no meio das pernas. Um talho profundo. Apenas isso — um talho. Um vazio profundo que vazava sangue.* Em variações deste sonho, que ela chamaria de *sonho do corte*, ela era uma criança de novo e Gladys a colocava em água escaldante com uma promessa de limpá-la e “deixá-la bem”. Norma Jeane se segurava às mãos de Gladys, querendo se soltar, mas morrendo de medo.

— Mas eu acho que realmente me importo! É melhor admitir!

Agora que estava ganhando dinheiro com a agência Preene e como atriz contratada no Estúdio, ela começou a visitar Gladys no hospital em Norwalk. Em uma conversa telefônica o psiquiatra residente havia dito que Gladys Mortensen “não ficaria mais curada do que estava”. Desde sua hospitalização, uma década antes, a paciente passara por inúmeros tratamentos eletroconvulsivos, que haviam reduzidos seus “ataques maníacos”; atualmente estava em um regime de medicação pesada para prevenir surtos de “empolgação” e “depressão”. Segundo os registros hospitalares, ela não tentara se ferir, nem aos outros, em muito tempo. Norma Jeane perguntou com ansiedade se uma visita a Gladys seria um transtorno muito grande e o psiquiatra retrucou:

— Um transtorno para sua mãe ou para você, srta. Baker?

Fazia dez anos que Norma Jeane não via a mãe.

Ainda assim, ela a reconheceu na hora, uma mulher magra e pálida em um vestido verde desbotado, largo, com a bainha torta, ou talvez a roupa estivesse abotoada errado.

— M-mãe? Ah, Mãe! Sou eu, Norma Jeane. — Mais tarde, pareceria a Norma Jeane, abraçando sem jeito a mãe, que não a abraçou de volta mas também não resistiu, que tanto ela quanto Gladys haviam caído em prantos; na verdade, apenas Norma Jeane caiu em prantos, surpreendendo-se com a crueza da emoção. *Em minhas primeiras aulas de atuação eu nunca conseguia chorar. Depois de Norwalk, passei a conseguir.* Estavam em um salão para visitantes, no meio de estranhos. Norma Jeane sorria sem parar para a mãe. Ela estava tremendo muito e não conseguia recuperar o fôlego. E as narinas se comprimiram, infelizmente: pois Gladys fedia, um fedor azedo de coisa fermentada e não-lavada. Gladys estava mais baixa do que Norma Jeane se lembrava, não mais do que 1,60. Usava chinelos de feltro e meias soquetes sujas. O vestido largo tipo túnica, de um verde desbotado, estava manchado

embaixo dos braços. Havia um botão faltante, e o peito reto e côncavo de Gladys aparecia pela gola frouxa, um rasgo esbranquiçado. O cabelo, também, estava perdendo a cor, um marrom opaco agrisalhando, frisado de um jeito estranho como trigo esfarrapado. O rosto, outrora tão ágil e cheio de vida, parecia achatado, a pele amarelada e minuciosamente enrugada, como papel amassado. Era chocante ver que Gladys devia ter arrancado a maior parte de suas sobrancelhas e cílios, os olhos tão nus e expostos. E olhos tão pequenos e aquosos e sem confiança, sem cor. A boca que sempre fora tão glamourosa, astuta e sedutora, tinha ficado fina como um rasgo. Gladys poderia ter qualquer idade entre 40 e 65. Ah, ela poderia ter sido qualquer um! Qualquer estranho.

Exceto que as enfermeiras da ala estavam nos comparando. Elas viam. Alguém lhes havia dito que a filha de Gladys Mortensen era modelo, uma garota de capa de revista, e queriam ver por si mesmas quão semelhantes eram filha e mãe.

— M-mãe? Trouxe algumas coisas para você. — *Poemas selecionados*, de Edna St. Vincent Millay, em um pequeno volume de capa dura que havia comprado em um sebo em Hollywood. Um lindo xale de tricô cinza-claro delicado como teias de aranha, um presente de Otto Öse a Norma Jeane. E um estojo com padrão de casco de tartaruga de pó compacto. (No que Norma Jeane estava pensando? O pó compacto tinha um espelho interno, é claro. Uma das enfermeiras atentas disse a Norma Jeane que ela não poderia deixar um presente como aquele. — O espelho pode ser quebrado e usado para algo ruim.)

Mas Norma Jeane poderia levar a mãe para fora. Gladys Mortensen estava tão bem que recebeu o privilégio de frequentar o terreno do hospital. Lentamente e com dificuldade, caminharam, os pés inchados de Gladys se atrapalhando com os chinelos gastos de feltro, de um modo que Norma Jeane não conseguia deixar de

associar a uma comédia exagerada e de mau gosto. Quem era aquela velha amarga e doentia no papel de Gladys, a mãe de Norma Jeane? Era para rir dela ou chorar? Logo Gladys Mortensen que sempre fora tão ágil, inquieta, impaciente com “lerdos”. Norma Jeane quis entrelaçar o braço no braço magro e flácido da mãe, mas não teve coragem. Temia que a mãe se afastasse. Gladys nunca gostou de ser tocada. O odor amargo e fermentado se pronunciava cada vez mais à medida que Gladys se movia.

Seu corpo ficando mais rançoso lentamente. Eu sempre vou me banhar, esfregar, limpar. Sempre serei limpa! Isso nunca vai me acontecer.

Enfim estavam do lado de fora na luz, sob o vento. Norma Jeane gritou:

— Mãe! É tão gostoso aqui.

Sua voz estranhamente alta, infantil.

Mesmo se tivesse de lutar contra o impulso de se separar daquela mãe que era um fardo e correr, sair correndo!

Norma Jeane estava espiando com insegurança os bancos desgastados pelo clima, a grama seca de cor escura. Uma sensação poderosa tomou conta dela: ela não estivera ali antes? Mas quando? Ela nunca havia visitado Gladys no hospital, ainda assim de alguma forma conhecia o lugar. Ela se perguntou se Gladys lhe havia enviado seus pensamentos, em sonhos talvez. Gladys sempre tivera poderes quando Norma Jeane era garotinha. Norma Jeane tinha certeza de reconhecer o espaço aberto atrás da ala leste do velho hospital de tijolos vermelhos. Aquela área pavimentada com a placa ENTREGAS. Aquelas palmeiras definhadas, os eucaliptos raquíticos. O som seco do farfalhar de folhas de palmeira ao vento. *Os espíritos dos mortos. Querendo voltar.* Na memória de Norma Jeane o terreno do hospital era muito maior e acidentado, localizado não em uma área urbana congestionada, mas bem para dentro da área rural da

Califórnia. Ainda assim, o céu estava idêntico ao céu de sua lembrança, trechos brilhantes de nuvem empurrados para a costa pelo oceano.

Norma Jeane estava prestes a perguntar para Gladys em que direção ela queria ir, mas Gladys, sem uma palavra, já se soltara de Norma Jeane e foi embaralhando os pés até o banco mais próximo. Lá ela se sentou de imediato, como um guarda-chuva caindo no chão. Cruzou os braços sobre o peito estreito e encolheu os ombros como se estivesse com frio, ou rancor. Os olhos de pálpebras pesadas como os de uma tartaruga. O cabelo espigado balançava duro ao vento. Rápido e com ternura, Norma Jeane passou o xale acinzentado sobre os ombros da mãe.

— Está maisquentinho agora, Mãe? Ah, este xale fica *tão bem em você!* — Norma Jeane não conseguia controlar a própria voz. Ela se sentou ao lado de Gladys, sorrindo. Sentia o gosto do pânico ao se ver em uma cena de filme sem ter recebido suas falas tendo que improvisar. Ela não ousou dizer a Gladys que o xale tinha sido presente de um homem em quem não confiava, um homem que ela tanto adorava quanto temia, o homem que fora seu salvador. Ele a havia fotografado em “poses artísticas” provocantes com este xale envolvendo seus ombros nus; ela havia usado um vestido vermelho sem alças feito de material sintético que se modelava ao corpo, sem sutiã, os mamilos, esfregados com gelo (“Um truque antigo, mas bom”, disse Öse), proeminentes como uvas pequenas. O ensaio fotográfico era para uma nova revista chamada *Sir!*, de Howard Hughes.

Otto Öse afirmara que havia comprado o xale para Norma Jeane, o primeiro e único presente que lhe daria, mas Norma Jeane parecia saber que o fotógrafo havia encontrado o xale em algum canto, no banco de trás de um carro destrancado, por exemplo. Ou havia tomado de alguma outra garota sua. Era a crença de Öse

como um “marxista radical” que o artista tinha o direito de fazer apropriações como desejasse.

O que Otto Öse diria se algum dia visse Gladys!

Ele nos fotografaria juntas. Isso nunca vai acontecer.

Norma Jeane perguntou a Gladys como ela estava se sentindo, e Gladys murmurou alguma coisa pouco inteligível. Norma Jeane perguntou se Gladys gostaria de visitar Norma Jeane em algum momento.

— ... o médico aqui diz que você pode me visitar a qualquer momento. Você está “quase recuperada”, ele disse. Poderia passar uma noite comigo, ou só uma tarde. — Norma Jeane tinha apenas um quartinho mobiliado, uma cama de solteiro. Onde ela dormiria se Gladys dormisse na cama? Ou será que poderiam as duas dormir na cama? Ela estava empolgada e apreensiva, apenas lembrando naquele momento que seu agente, I.E. Shinn, a havia alertado a não contar a ninguém que sua mãe era “doida varrida”... a aura dessa ideia vai se grudar a *você*.

Mas Gladys não parecia ansiosa em aceitar o convite da filha. Ela resmungou uma resposta vaga. Norma Jeane tinha a ideia, no entanto, de que Gladys ficou satisfeita em ser convidada, mesmo se não estivesse pronta para dizer sim. Norma Jeane apertou a mão magra, seca e sem resistência da mãe.

— Ah, Mãe, já faz tanto t-tempo. Eu *sinto muito*. — Como ela poderia contar a Gladys que não ousara ir vê-la enquanto estivesse casada com Bucky Glazer? Ela tivera tanto medo dos Glazer. Tinha pavor do julgamento de Bess. Atrapalhando-se, Norma Jeane sacou um lençinho Kleenex da bolsa de mão e enxugou os olhos. Mesmo em dias em que não estava modelando ela era obrigada a usar rímel marrom-escuro, pois uma contratada da Preene deveria sempre ter a melhor aparência em público; ela tinha pavor do rímel escorrer pelo rosto como tinta. O cabelo estava agora um marrom suave cor

de mel, ondulado e não mais encaracolado; os cachinhos fechados de garotinha de Norma Jeane estavam “fora de moda”; na agência eles disseram que ela parecia uma “filha de caipira” arrumada para tirar uma foto na loja de departamentos. Tinham razão, é claro. Otto Öse havia dito a mesma coisa. As sobrancelhas escassas, a maneira de portar a cabeça, as roupas baratas, até a respiração — tudo isso estava errado e precisava ser corrigido. (*O que você fez consigo mesma?* Bucky Glazer perguntara na única vez que se encontraram desde sua dispensa. *Que bosta está tentando ser, uma prostituta de luxo?* Ele estava ferido e furioso. Ele fora envergonhado perante a família. Os Glazer não se divorciavam, nunca. Esposa de Glazer algum simplesmente *vai embora*.)

— Mandei as fotos de casamento, Mãe — contava Norma Jeane. — Eu acho... Acho que você deveria saber que eu... Não estou mais casada. — Ela estendeu a mão esquerda, que tremia um pouco e estava nua de todos os anéis. — Meu m-marido... Nós éramos tão jovens... Ele decidiu, ele... Ele não queria... — Se essa fosse uma cena de filme, a recém-divorciada cairia no choro e a mãe a consolaria, mas Norma Jeane sabia que isso não aconteceria, então não se permitiu chorar. Ela entendia que lágrimas chateariam, ou irritariam, Gladys. — Não se pode amar um homem que não a ama, não é, Mãe? Porque se você ama alguém de verdade é como se suas duas almas estivessem juntas, e Deus está em vocês dois; mas se ele não ama você... — Norma Jeane ficou em silêncio, incerta do que queria dizer. Ah, ela amara Bucky Glazer, mais do que a própria vida! E, de alguma forma, aquele amor esgotou-se. Ela esperava que Gladys não fizesse muitas perguntas sobre Bucky e o divórcio; e Gladys não fez.

Ficaram ali sob a luz manchada do sol, sombras passando rápidas como aves predatórias. Havia outros pacientes do lado de fora mesmo naquele dia quieto e quente. Norma Jeane se perguntou

como sua mãe, tão claramente superior aos outros pacientes na ala, era vista. Desejou que Gladys tivesse trazido seu livro de poesia, mas Gladys devia ter deixado no salão para visitantes. Elas poderiam ter lido poemas juntas! Que lembranças felizes Norma Jeane tinha dos tempos em que Gladys lia poesia para ela. E seus longos e sonhadores passeios de carro em um domingo em Beverly Hills, Hollywood Hills, Bel Air, Los Feliz. As mansões das estrelas. Gladys havia conhecido aqueles homens e aquelas mulheres, muitos deles. Havia sido convidada para algumas dessas grandes casas, acompanhada pelo belo ator que era pai de Norma Jeane.

E agora é minha vez. É, sim!

Mãe, dê sua bênção.

Se seu pai ainda morava em Hollywood, e se Gladys fosse liberada do hospital, como parecia provável, e se fosse morar com Norma Jeane — e se a carreira de Norma Jeane “decolasse”, como o sr. Shinn acreditava que aconteceria —, a mente de Norma Jeane deu cambalhotas de empolgação como acontecia com frequência no meio da noite quando acordava com a camisola, e às vezes até os lençóis, úmidos de suor.

Revirando na bolsa lotada de coisas (um conjunto de maquiagem, absorventes, desodorante, alfinete de segurança, pílulas vitamínicas e moedas soltas e um caderno de cinco centavos para rabiscar pensamentos), Norma Jeane sacou um envelope contendo artigos de revistas e fotos suas. Eram apenas as poses “boazinhas”, nada baixo ou vulgar. Ela havia preparado as fotos para apresentar uma por uma como se fossem presentes aos olhos impressionados da Mãe, que se encheriam lentamente de orgulho e emoção. Mas Gladys apenas resmungou:

— Hum! — encarando as fotos com uma expressão ilegível. Seus lábios finos sem cor ficaram ainda mais magros. Norma Jeane

pensou *Talvez tivesse lhe ocorrido, logo de cara, será que aquela era ela? quando nova.*

— Ah, Mãe, esse último ano tem sido tão empolgante, tão incrível, como um dos contos de fadas de Vovó Della, às vezes mal consigo acreditar... Eu virei *modelo*. Fui *contratada* pelo Estúdio... onde você trabalhava. Posso ganhar a vida só tirando fotos. É o emprego mais fácil no mundo!

Mas por que ela estava dizendo coisas assim? A verdade era que sua vida era de trabalho pesado, cheio de ansiedade, que a fazia passar a noite em claro de preocupação, trabalho como nenhum outro que fizera na vida, mais desgastante emocionalmente e mais exaustivo do que o trabalho na Radio Plane; era como andar na corda bamba sem rede de segurança enquanto o olhar do outro — fotógrafo, cliente, agência, Estúdio — a escrutinava continuamente. *O olhar do outro* com seu poder cruel de rir dela, fazer troça dela, rejeitá-la, demiti-la, mandá-la como uma cadela chutada de volta para o esquecimento do qual tinha acabado de emergir.

— Pode ficar com todas essas, se quiser. São c-cópias.

Gladys soltou um resmungo vago. Continuou a olhar as fotos que Norma Jeane mostrava.

Estranho como em cada uma delas Norma Jeane estava diferente. Infantil, glamourosa. Garota comum, sofisticada. Etérea, sensual. Mais jovem, mais velha. (Mas qual era a idade de Norma Jeane? Ela precisava se beliscar para se lembrar de que tinha apenas vinte anos.) Ela usava o cabelo solto e usava o cabelo preso. Era atrevida, namoradeira, pensativa, desejosa, arteira, sofisticada, aventureira. Era bonitinha. Era bonita. Era linda. A luz caía de forma reveladora em seus traços ou os sombreava com sutileza como em uma pintura. Na foto de que mais se orgulhava, tirada não por Otto Öse, mas por um fotógrafo do Estúdio, Norma Jeane era uma das oito moças atuando sob contrato no Estúdio em 1946 e

posava com elas todas em três fileiras, umas em pé, outras sentadas num sofá e no chão; Norma Jeane olhava com ar sonhador para além da câmara, lábios abertos ainda que não sorrindo como as outras, suas rivais, sorriam para a câmara e todas praticamente implorando *Olhe para mim! Olhe para mim! Só para mim!* O agente de Norma Jeane, sr. Shinn, não gostava desta foto publicitária porque Norma Jeane não estava com um figurino glamouroso como as outras. Ela usava uma blusa de seda branca com uma gola em V profunda e um laço, o tipo de blusa usada por uma moça de boa família, não uma *pin-up*; Norma Jeane estava sentada de pernas cruzadas no chão de carpete como o fotógrafo a havia posicionado, um joelho para cada lado e pernas com meias de seda expostas; ainda assim a saia escura de Norma Jeane e as mãos levemente cruzadas obscureciam a parte inferior do seu corpo. Com certeza não havia nada ali para ofender o olho meticoloso de Gladys, certo? À medida que Gladys franzia a testa para a foto, virando-a para a luz como se fosse um quebra-cabeça, Norma Jeane disse com uma risada em tom de desculpas:

— Acho que não tem nada de “Norma Jeane”, tem? Quando eu me tornar uma atriz, se me deixarem... Terei outras pessoas para ser. Espero que consiga trabalho o tempo inteiro. Desse jeito nunca vou ficar sozinha. — Ela pausou, esperando Gladys falar. Dizer alguma coisa elogiosa, ou encorajadora. — M-mãe?

Gladys franziu a testa de um jeito ainda mais sério e se virou para Norma Jeane. O odor amargo fermentado fez as narinas da filha se contraírem. Sem encontrar o olhar ansioso de Norma Jeane, Gladys murmurou o que pareceu ser:

— Sim.

Norma Jeane perguntou, impulsiva:

— Meu p-pai era contratado do Estúdio? Você disse? Por volta de 1925? Eu tenho revirado algumas coisas por lá tentando

encontrar a foto dele nos arquivos antigos, mas...

E aí Gladys de fato reagiu. Sua expressão mudou muito rápido. Pela primeira vez, com os olhos furiosos e sem cílios, pareceu enxergar Norma Jeane. Ela se assustou tanto que derrubou metade das fotos e se inclinou para recolhê-las, sangue sendo bombeado para seu rosto.

A voz de Gladys parecia uma dobradiça enferrujada de porta.

— Onde está minha filha! Disseram que minha filha estava vindo. Não conheço *você*. Quem é *você*?

Norma Jeane escondeu seu rosto triste. Ela não fazia ideia.

Ainda assim, com teimosia, ela voltaria para Norwalk para visitar Gladys. Inúmeras vezes.

Um dia para levar minha Mãe para casa. Pode acreditar!

* * *

Aquele dia claro e ventoso em outubro de 1946.

No estacionamento do Hospital Psiquiátrico Estadual da Califórnia em Norwalk, no pequeno conversível Buick esquisito, Otto Öse estava curvado sobre o volante, esperando pela garota que havia descrito por toda cidade como sua doce galinha dos ovos de ouro. Some a medida o busto à do quadril e terá uma estimativa de seu QI. E ela o adorava. E, meu Deus, que menina doce, ainda que um pouco boba — às vezes tentava falar com ele a respeito de “Marx-ismo” (ela andara lendo o *Daily Worker* que ele lhe dava) e o “significado da vida” (ela estivera tentando ler Schopenhauer e outros “grandes filósofos”) —, mas o gosto dela era como açúcar mascavo na língua. (Será que Otto Öse havia de fato provado a garota? Entre seus amigos isso era discutível.) Aguardando por ela por uma hora enquanto ela visitava a mãe doida de pedra em Norwalk. O lugar mais deprimente no mundo, um hospital

psiquiátrico público. Afe! Você não iria querer pensar que — pelo menos, Otto Öse não queria pensar — a loucura corre no seu sangue. Nos genes. Pobre Norma Jeane Baker.

— É melhor que ela nunca tenha filhos. Ela sabe disso também.

Otto Öse fumava seus cigarros espanhóis de papel de pergaminho e mexia na câmera. Não permitia que mais ninguém tocasse nela. Tocar na câmera era como tocar os genitais de Otto Öse. Não, ninguém toca! E então veio Norma Jeane, enfim, correndo. Um olhar cego na sua expressão e tropeçando nos sapatos de salto alto na calçada.

— Ei, *baby*. — Öse jogou seu cigarro fora rápido e começou a fotografá-la. Saiu do Buick e se agachou. *Clique, clique. Clique-clique-clique*. Aquela era a alegria da sua vida. Ele tinha nascido para isso. Foda-se Schopenhauer, aquele velho palerma, talvez a vida seja vontade cega e sofrimento sem propósito, mas em momentos assim, quem se importa? Fotografar o rosto triste de uma garota e seus peitos balançando e seu rabo, e ela tem um ar tão jovem como uma criança enfiada no corpo de uma mulher, inocente como algo que você desejaria amassar com o dedão só para macular. A pobre criança estivera chorando, estava com os olhos inchados e o rímel escuro como fuligem escorria pelas bochechas como maquiagem de palhaço. A frente do suéter rosa tricotado em fios de algodão estava escurecida com lágrimas como gotas de chuva e a calça de linho branca como marfim, recém-comprada naquela semana em um lugar de consignados em Vine, onde as mulheres e namoradas de executivos de estúdios largavam seus guarda-roupas do ano anterior, estavam implacavelmente amarrotadas na virilha.

— O rosto da Filha — entoou Öse em uma voz sacerdotal. — *Nada* sensual. — Levantando-se de volta, ele farejou Norma Jeane: — Você está fedendo também.

Aberração

Pela forma como garantiam a ela com rapidez *Está tudo bem, Norma Jeane, ei, Norma Jeane, está tudo bem* ela entendia que não estava. Ela voltou para aquele assento onde uma garota chorava, soluçando e rindo — era ela mesma, sendo acompanhada a uma cadeira, uma das cadeiras dobráveis organizadas em um semicírculo; ela estava hiperventilando, tremendo como se em um ataque ou numa convulsão.

Não era interpretação o que ela fazia. Era mais profundo que atuar. Era bruto, era cru demais. Nós aprendíamos primariamente técnica. Para simular uma emoção em vez de sermos portadoras da emoção. Para não sermos o para-raios que dissolve a emoção mundo adentro. Ela nos assustava, e isso era difícil de perdoar.

Eles falariam que ela era “intensa”. A única a nunca faltar uma aula. Atuar, dançar, cantar. E sempre chegava cedo. Às vezes, antes de a sala de aula abrir. Era a única a aparecer “perfeitamente arrumada” dia após dia. Sem parecer como uma atriz ou modelo (nós tínhamos visto as capas da *Swank* e *Sir!*; estávamos impressionados), mais como uma secretária boa menina. Cabelo escovado e arrumado e sedoso. Blusa branca de náilon com um laço na gola, mangas longas e punhos apertados. Tudo elegante, limpo e passado. Saia cinza de flanela, justa e reta, que, ela devia passar no vapor todas as manhãs, apenas de anáguas. Você até conseguia imaginá-la, franzindo a testa com o ferro na mão! Às vezes, ela usava um suéter, e o suéter seria dois tamanhos menor porque era o que tinha. Às vezes, calça. Mas, na maior parte do tempo, roupas de boa moça. E meias-calças com costuras perfeitamente retas e salto alto. Era tão tímida que parecia muda. Movimentos súbitos e

risadas altas a surpreendiam. Ela fingia ler um livro antes de a aula começar. Uma vez foi *Electra de luto*, por Eugene O' Neil. Outra vez foi *As três irmãs*, de Tchekhov. Shakespeare, Schopenhauer. Era fácil rir dela. Seu jeito de se sentar na ponta do semicírculo e abrir o caderno, começando a fazer anotações, feito uma garotinha no colégio. E o resto de nós em jeans, calças largas, camisetas, suéteres e tênis. Quando fazia calor, de sandálias ou descalços. Bocejando e nosso cabelo mal penteado e os caras com a barba por fazer, porque todos nós éramos jovens bonitos, a maioria de escolas de ensino médio da Califórnia, onde tínhamos sido estrelas invejadas e elogiadas e aduladas desde o jardim de infância. Alguns de nós tínhamos conexões familiares no Estúdio. Nós tínhamos toda a confiança, e a pequena Norma-Jeane-de-lugar-nenhum não tinha nada. Nós especulávamos se ela era de fato uma caipira porque ela não era de lugar algum das redondezas. Ela havia treinado a si mesma para falar como o resto de nós, mas o sotaque transparecia. Ela gaguejava também. Não o tempo todo, mas às vezes. No começo de um exercício de atuação ela gaguejava um pouco, então superava, e aí dava para ver a timidez sumindo e aquela expressão nos olhos como se outra versão dela estivesse tomando lugar. Mas era algo gravado em nós *Não é interpretação quando não se tem técnica, quando é só você. Nu.*

Então nós tínhamos toda a confiança. E Norma Jeane, que era uma das mais novas na turma, não tinha nem um pinga. Apenas sua luminosa tez pálida e os olhos azul-escuros e aquele desejo emanando do corpo como uma corrente elétrica que não poderia ser desligada e deveria deixá-la exausta.

Depois de uma das suas cenas de atuação, um de nós perguntou a ela em que estivera pensando — porque Deus do céu, estávamos devastados com a apresentação e não dava para se forçar a rir de Norma Jeane mais do que das fotos de Margaret Bourke-White de

Buchenwald — e ela dizia em sua voz ofegante de garotinha *Ah, eu não estava, eu não estava p-pensando. Talvez estivesse me lembrando?*

Ainda assim, ela não tinha confiança alguma. Cada vez que precisava atuar ela dava um passo à frente, trêmula como se fosse a primeira vez, e essa seria sua derrocada. Ela tinha dezenove ou vinte anos e já se via sua derrocada. A garota mais linda da classe, e, ainda assim, o menos talentoso de nós poderia esmagá-la com uma palavra, um olhar, um indício de zombaria. Ou ao ignorá-la quando ela olhava para cima, sorrindo cheia de esperança. Nosso instrutor de atuação ficava impaciente quando ela gaguejava ao responder suas perguntas, e com frequência ela demorava minutos entrando em uma cena, como se estivesse em um trampolim tomando coragem de pular, e aquela coragem viesse de algum lugar lá no fundo que ela precisava tatear para encontrar. Nós a puníamos da única forma que sabíamos. Fazendo-a entender que *Nós não amamos você. Você não pertence ao grupo. Você seria mais convincente no papel de uma vagabunda, de uma vadia. Você não é o que queremos. Você não é o que o Estúdio quer. O seu interior não combina com o seu exterior. Você é uma aberração.*

Beija-flor

O amor divino sempre atendeu e sempre atenderá todas as necessidades humanas.

— Mary Baker Eddy,
Ciência e saúde com a chave das escrituras

Hollywood, Califórnia. Setembro, 1947.

Acordei cedo! não consegui dormir depois das 6 horas & toda noite passada acordando & suando & ouvindo vozes de empolgação & alerta Este seria o dia de determinar meu FUTURO & meu coração já batia no peito como se algo pequeno & com penas estivesse preso aqui dentro! Mas era uma sensação *boa e feliz* acho

Pássaros cantando fora da minha janela no residencial *Studio Club* uma boa sensação na grama alta & no estramônio papafigo, aquela chamada musical & pequenos gaios estridentes & bem despertos & uma voz na memória aquele sonho de um homem (um estranho) me alertando de algo urgente na minha vida & tenho medo de não conseguir ouvir ou não saber as palavras reais como se estivessem num idioma estrangeiro

Hoje está marcada minha visita ao famoso AVIÁRIO do sr. Z sua coleção premiada de pássaros que apenas os privilegiados já viram & mais tarde meu teste *Torrentes de ódio* estrelando June Haver O sr. Shinn diz que sou mais bonita e mais talentosa que June Haver, eu gostaria de acreditar nele É um fato que sou

a única garota na minha aula de atuação convidada pra um teste pra este filme só um papel menor é claro

Estou cheia de bobes plásticos cor-de-rosa 36 bobes! uma tortura colocar a cabeça no travesseiro o couro cabeludo dói & queima mas não vou tomar remédio pra dormir como me aconselharam Balancei as mechas de cabelo “novo” escovado & pintado não estou muito acostumada ainda O *que aconteceu é que meu cabelo ficou branco* como se eu tivesse tomado um choque terrível

Passando mal de nervoso & preocupada não visito Mãe faz 5 meses & tenho de enviar \$\$\$ Que bom que Bucky não pode me ver agora ele ficaria enojado Não culpo os Glazer é um choque me ver quando não se espera o cabelo de uma de boneca de porcelana um cabelo loiro tão fofo & o batom vermelho & roupas justas que o sr. Shinn diz que tenho que usar

Mãe disse uma vez *Medo nasce da esperança* se for capaz de impor esperança em sua vida impõe o medo esses 20 minutos ansiosos me maquiando borrei tudo & limpei com creme & comecei de novo Ah Deus essas sobrancelhas castanhas penteadas pra cima & não pra baixo como é meu natural & como é que eu poderia ter sobrancelhas castanhas com esse cabelo tão platinado é tão FALSO Se a dra. Mittelstadt pudesse me ver agora ou o sr. Haring Bess Glazer eu ficaria ENVERGONHADA

Em Hollywood Boulevard tantas árvores cortadas & Wilshire & Sunset L.A. é uma cidade nova agora desde a Guerra Vovó Della não reconheceria a cidade, nem Venice Beach depois da Guerra, Otto diz que haverá novas guerras o

capitalismo demanda novas guerras sempre tem uma Guerra só
o que muda são os inimigos
Edifícios/ruas/calçadas/pavimentação novos Barulheira &
gritaria & e a terra tremendo como depois de um terremoto
Escavadeiras/guindastes/betoneiras/perfuratrizes as
montanhas lá em Westwood as planícies & os prédios novos &
ruas “Isto aqui antigamente era uma cidade do interior”, Otto
diz ele morou aqui logo que se mudou para L.A. Você
consegue ouvir L.A. quase fazer tique-taque EU AMO ISSO Eu
sou natural de L.A. & uma filha desta cidade & ninguém precisa
saber mais do que isso EU VOU ME INVENTAR COMO ESTA CIDADE
SE INVENTOU & não vou olhar para trás

No Schwab's para tomar café da manhã & os olhos deles em mim
quando entro na aula de atuação você precisa aprender a ficar “cega”
pra a audiência apesar de paradoxalmente estar “vendo” as coisas
pelo olhar da audiência & lá acima da fonte & grelha o espelho
longo & meu reflexo dentro sempre parece meio irregular
como nos filmes mudos nada graciosa ah Deus a garota no
espelho na drogaria Mayer Estou pensando em tia Elsie,
que me amava & me traiu Ainda assim: aquela garota no
espelho tímida & com medo de se ver

Ah Deus a vida que perdi porque ficou para trás

São um mistério esses pequenos beija-flores a princípio você
imaginaria que são abelhas ver todos hoje pela manhã atrás do
residencial *Studio Club* & eu ouvia Vovó Della de novo & ela me
perdoou eu acho ela me ama o beija-flor é meu pássaro
favorito: tão pequeno & tão corajoso & ousado & sem medo
(Mas falcões não matariam os pequenos? corvos? gaios etc)
enfiando seus longos bicos finos em flores para sugar o suco

adocicado não dá para alimentá-los com as mãos como se faz com os outros pássaros 3 beija-flores de cabeça rosa hoje de manhã devem comer continuamente ou ficam sem energia & morrem asinhas tão pequenas se movendo tão rápido que nem dá para ver um agito, um borrão & os corações batem tão rápido & eles podem voar para os lados & para trás
Eu disse *Vovó é como pensar seus pensamentos podem voar em qualquer direção*

Será que amo Otto Öse
será que amo dor/ medo

(Ainda assim ele não me machucaria tenho certeza não de verdade Apesar das lentes de sua câmera me olharem com mais gentileza ultimamente já que estou ganhando \$\$ pra ele mas não é o único motivo!)

O Schwab's é um palco *em todos os momentos diga a si mesma eu sou uma atriz eu estou orgulhosa de ser uma atriz, pois o segredo da atuação é controle* & estou com vergonha & hesito os olhos alertas & esperançosos sobre mim como se lançam sobre qualquer um que entre & uns poucos sorrisos & olás cabeças viram para o cabelo novo & para meu corpo neste conjuntinho branco de alfaiataria passado com tanto cuidado na manhã de hoje *Ah é só aquela como é mesmo que se chama Norma Jeane* apenas uma atriz contratada pelo Estúdio & sem importância alguma sem influência os olhos femininos estreitando-se & dois ou três homens encarando sem qualquer pudor mas a maioria dos olhos se afasta em desapontamento a faísca de esperança se dissipando como uma chama apagada

Sexta passada no Schwab's eu cheguei depois dos meus exercícios matinais & meu rosto estava todo vermelho & eu estava me sentindo tão bem & nada ansiosa & quem estava no balcão tomando café & fumando um cigarro além de Richard Widmark & ele me encarou & sorriu perguntando meu nome & se eu estava no Estúdio ele havia me visto lá, talvez & ficamos conversando & eu fiquei sem ar mas não gaguejei & seus olhos penetrantes como em seus filmes & eu comecei a tremer eu conseguia ver que este homem queria mais do que eu podia dar me afastando com um sorriso & minha nova risada que é leve & como um sino quando me lembro *Ora Norma Jeane!* Widmark diz com seu sorriso invertido *talvez nós trabalhemos juntos* um dia & eu digo *Ah eu gostaria muito, Richard* (ele havia pedido que eu o chamasse de *Richard* & havia pedido o nome do meu agente)

Hoje de manhã no Schwab's não tem ninguém aqui rapidamente analiso o balcão & mesas & cabines & no espelho a garota trêmula & tímida no conjunto de alfaiataria branco ausente, um fantasma

Graças a Deus chegou o sr. Shinn & estou segura meu agente, eu o adoro Otto me levou até ele um homenzinho encurvado como um gnomo com sobrelanceiras pesadas & uma testa enrugada & quase careca & penteou uns seis fiapos de cabelos pintados de marrom sobre a careca Rumpelstiltskin no velho conto de fadas que Della me contava o homenzinho-anão feioso que ensinou a filha do moleiro a transformar palha em ouro *Há! há! há!* A risada do sr. Shinn é uma pá atingindo pedras mesmo assim, seus olhos são inteligentes & estranhos/bonitos pra um homem, creio ele vive inquieto batucando os dedos no tampo de mesa

cravos vermelhos que sempre usa na lapela (frescos a cada manhã!) *Norma Jeane o futuro pode ser muito interessante para nós dois não esqueça de seu encontro com Z às 11 horas, certo?*

como se eu fosse esquecer meu Deus

Quem é aquela loira que parece uma vadia um dos meus supostos amigos me relatou o que o sr. Z disse de mim Eu havia ido ao Estúdio com calça & um suéter & ele me viu por acaso eu acho sem saber meu nome ele teria esquecido a essa altura, espero

Otto se orgulha de meu ensaio “artístico” na *U.S. Camera* *uma foto é uma composição/gradações de luz & escuro não é só um rosto bonito*

Otto me deu *Anatomia Humana* pra estudar & desenhos de Michelangelo & um artista do século XVI Andreas Vesalius que ele disse pra memorizar *Homens desejam você e suas almas são acessáveis apenas pelo corpo*

(Mas Otto não me toca agora apenas como fotógrafo posicionando sua “modelo”)

Sr. Z é de uma idade que não dá para adivinhar acho como alguns dos imigrantes europeus mais velhos não tão terrivelmente velho, acho No lounge executivo onde servi bebidas eu lancei olhares para ele & o analisei há boatos sobre ele, é claro uma vez eu vi (achei que vi) Debra Mae/Lizbeth Short com o sr. Z de óculos escuros & um chapéu escondendo metade do rosto & estavam no Alfa Romeo do sr. Z saindo do estacionamento Sr. Z é famoso na Califórnia agora mas ele nasceu em um vilarejo na Polônia & emigrou pra este país com os pais quando era só uma

criancinha seu pai era mascate em Nova York, mas quando o sr. Z tinha apenas 20 anos (que é mais jovem do que eu sou agora) havia construído & gerenciava o parque de diversões de Coney Island & que virou uma feira depois O talento do sr. Z dizem que é de desenvolver talentos & criar uma audiência pra algo que não estava ali antes & que não era esperado Em sua feira o sr. Z tinha um indiano que comia fogo & um “yogin” (da Índia) que poderia caminhar & sentar em carvões queimando & um Tom Thumb folclórico & um Gigante & um javali dançarino & um pobre Negro com certas partes internas do lado de fora do seu corpo & aos 22 anos o sr. Z era milionário & começou a fazer filmes mudos em um depósito no Lower East Side & se mudou para Hollywood em 1928 & entrou em uma sociedade para fundar o Estúdio criando estrelas como Sonja Henie a patinadora de gelo campeã & os quintuplos Dionne & e o cachorro policial alemão Rin Tin Tin & Myrna Loy & Alice Faye & Nelson Eddy & Jeanette MacDonald & June Haver & tantos outros que me deixam tonta só de ouvir (pois contam histórias a respeito do sr. Z & e outros pioneiros de Hollywood como contos de fadas & lendas antigas) a secretária do sr. Z me lançou um olhar gélido me fazendo repetir meu nome, & eu gaguejei & dentro sr. Z estava ao telefone & gritou *Pode entrar & feche a porta!* na voz que se usaria para falar com um cachorro & então eu entrei tremendo & sorrindo

uma garota loira entrando no escritório de um cavalheiro com janelas altas com cortinas & mobília brilhante de madeira de teca & vidro & o cavalheiro atrás da escrivaninha levantando o olhar com suspeita & avaliando Busquei a música desta cena para me dar a deixa certa & não ouvi nada

Atrás do escritório do sr. Z que é tão espaçoso quanto se pode imaginar há um apartamento privativo em que poucas pessoas podem entrar (o sr. Shinn nunca entrou, por exemplo, encontrou o grande homem apenas em seu escritório ou na sala de jantar executiva) & ele me guiou pela entrada pra este lugar novo & de repente senti medo Esperei que ele não notasse Eu havia preparado minhas palavras, é claro, mas estava me esquecendo de tudo pois numa situação assim eu não sabia as falas do sr. Z como saberia em um roteiro na aula de atuação e aí saber as próprias falas é inadequado Eu estava sorrindo vendo a loira em um espelho escurecido sobre o sofá em um terno de alfaiataria branco que mostrava sua silhueta jovem e em forma & ela estava bonita & e isso era o que o sr. Z estava vendo Eu sorri com alegria esperando que o pânico ã transparecesse em meus olhos tropeçando no tapete & o sr. Z riu *Você está fazendo isso deliberadamente você acha que estamos num filme dos irmãos Marx* Eu ri apesar de não entender a piada se é que era uma piada

O sr. Z é tão reverenciado no Estúdio que é uma surpresa vê-lo de perto não é um homem alto & suas roupas caras são largas os olhos do sr. Z atrás de óculos bifocais escurecidos estavam injetados & amarelos como se com icterícia ele fedia a álcool & seus charutos cubanos (algumas de nós garotas selecionadas recebiam o sr. Z & parceiros executivos & convidados no lounge privativo do Estúdio bebidas & charutos & nós nos vestíamos como garotas em um clube noturno & era um privilégio, pois recebíamos gorjetas & havia a ameaça sempre de que nosso contrato ã seria renovado se recusássemos & ainda assim o sr. Z não parecia me favorecer na época mas sim as ruivas) Mas ele

havia me convidado para ver o AVIÁRIO que era um privilégio mais raro

Ele me empurrou para o recinto mais ao fundo & fechou a porta *O que acha do meu AVIÁRIO Esta é apenas uma parte da minha coleção é claro* & que choque, o aviário do sr. Z ã era de pássaros vivos como eu havia esperado mas de pássaros mortos empalhados! Muitas centenas deles atrás de vidro até onde eu conseguia ver eu olhei sem saber o que dizer (apesar de os pássaros serem bonitos eu imagino quando se olhava com cuidado através da vitrine como em um museu) sr. Z falava com orgulho de sua coleção que ficava em *um simulacro de habitats naturais* ninhos & formações rochosas & galhos de árvore retorcidos & troncos gramíneas, flores do campo, areia, terra & uma luz estranha sépia como se olhando para o passado o AVIÁRIO ã tinha janelas mas painéis de madeira com pequenos cenários pintados para fazer a gente acreditar que estava em uma floresta ou selva ou deserto ou em uma área montanhosa ainda que ao mesmo tempo debaixo da terra, como numa caverna dentro de um caixa ou caixão Ainda assim eu achava o AVIÁRIO mais fascinante quanto mais eu encarava pois os pássaros eram lindos & realistas e não pareciam entender que estavam mortos eu parecia ouvir uma voz como a de Mãe *Todos os pássaros mortos são fêmeas, tem algo de feminino em estar morto*

O sr. Z parecia contente com meu interesse & não estava tão impaciente comigo explicando que havia começado a coleção quando jovem que recentemente havia se mudado para a Califórnia & por anos havia caçado & capturado os pássaros ele mesmo em expedições & mais cedo ou mais tarde teve de delegar essa função a outros pois sua vida se tornou complicada

demais & assim por diante, & então ele falava rápido & a garota loira ouvia com avidez & sorrindo & de olhos arregalados Os espécimes premiados do AVIÁRIO eram pássaros raros & quase extintos Papagaios da Amazônia grandes como perus & com maravilhosas plumagens verdes, vermelhas, amarelas & seus bicos curvados como falsos narizes cômicos feitos de osso & aves canoras de cores fantásticas da América do Sul & açores quase extintos da América do Norte & uma grande águia dourada & uma águia-careca & falcões menores, todos eles pássaros nobres & poderosos que eu nunca tinha visto antes exceto em fotos

Meu olho foi atraído pros pássaros menores em outra vitrine entre flores silvestres & gramas um sanhaço com penas cor de chamas âmpelis cor de cedro & papa-moscas sedosos o sanhaço me lembrava de uma das estrelas de cinema mudo do sr. Z ela era tão linda & sua carreira terminou fazia muito tempo & até seu nome quase se perdera Acho que Mãe havia me levado em um dos passeios de carro até sua casa em Beverly Hills KATHRYN MCGUIRE! & o choque me fez sorrir & outro pássaro, uma pequena coruja com rosto em formato de coração & penas que pareciam encaracoladas & asas dobradas como braços o rosto era igual ao de MAY MCAVOY outra estrela do sr. Z do cinema mudo & na minha confusão & medo eu acreditei ver o rosto de JEAN HARLOW em um sabiá posado com asas cinza prateadas abertas como se voasse

Então como um mágico sr. Z virou um interruptor escondido e de súbito surgiu o cantar de pássaros no recinto cavernoso quantas dúzias, centenas de pássaros cantando & cada canção adorável & desejosa & de derreter o coração & ainda assim o efeito de tantas canções juntas era aquele de mero ruído & implorar frenético *Olhe para mim! Ouça minha canção! Estou aqui! Aqui* Meus

olhos ficaram cheios de lágrimas de pena & horror Sr. Z riu de mim mas ainda ficou lisonjeado & gostou de mim

Acariciando minha nuca & meus cabelos arrepiados pelo susto ele confessou pra mim que havia estudado taxidermia & era o seu hobby mais relaxante algum dia ele me mostraria talvez seu laboratório não aqui no terreno do estúdio, mas em outro lugar no deserto *Ah eu gostaria de conhecer sr. Z obrigada isto é tão lindo e tão misterioso*

Como uma criança batendo no vidro com as unhas vermelhas entre o cantar de pássaros em frenesi quase parecia que havia um belo gaio em um galho sempre verde apenas a uns centímetros de *me vendo* & com aquele olhar de alguém que também está cativo *Ajuda! Me ajude* Fiquei tão aliviada por não ter visto nem um único beija-flor no AVIÁRIO

Por quanto tempo ficamos no AVIÁRIO entre os piados e cantos eu ã saberia dizer mais tarde

Por quanto tempo fiquei na presença do sr. Z eu ã saberia dizer mais tarde

Por quanto tempo a loira sorriu, sorriu, sorriu a boca doendo como uma máscara de felicidade doeria se tivesse carne & nervos há um horror nas máscaras felizes que ninguém reconhece (& meus dentes doendo do aparelho que tenho que usar à noite pros dentes da frente salientes uma fração de fração milimétrica & devem ser corrigidos o Estúdio me informou pois as imagens de perfil ficariam “péssimas” & meu contrato ã poderia ser renovado Eu fui enviada ao dentista do estúdio & me arranjaram um aparelho ortodôntico horrível de arame pra

usar & \$8 descontados do meu salário a cada semana uma pechincha me explicariam & imagino que fosse porque se eu tivesse ido para um dentista particular eu não poderia pagar & minha carreira acabaria)

O sr. Z riu dizendo *Chega do aviário, é entediante pra você estou vendo* & Fiquei surpresa pois não havia me entediado, nem me comentei dessa forma & me perguntei se o sr. Z precisava sempre atuar contra o roteiro um cinegrafista gostaria de pegar os outros de surpresa pois ele sozinho está em posse do roteiro *Qual deles é você Loirinha mas não me diga seu nome qual é a sua especialidade?* Me encarava agora com desgosto como se um cheiro desagradável emanasse de mim! Fiquei tão magoada & surpresa querendo protestar que havia tomado banho na manhã daquele dia mesmo é claro acordei cedo & fiz meus exercícios & passei a roupa a ferro & e só depois tomei banho & apliquei creme desodorante nas axilas que são raspadas diariamente (apesar de eu saber que tenho tendência a ficar úmida quando estou ansiosa) Passei pó em mim mesma com perfume de lilás Levei quarenta minutos para me maquiar e este terno de alfaiataria branco não é uma fantasia de *vagabunda* é? Como vc poderia dizer uma coisa dessas de mim sem me conhecer Minhas mãos estão macias de hidratante & as unhas feitas & glamourosas ainda que não extravagantes, eu acho Não é minha culpa a questão da água oxigenada O Estúdio me mandou deixar o cabelo “loiro platinado” não foi minha decisão mas eu ã disse nada é claro O sr. Z me olhava entretido como se olharia prum cão ou um elefante adestrado ou qualquer aberração removendo os óculos escuros & revelando os olhos tão nus, sem cílios Ele seria da minha altura se eu não estivesse com esses saltos Não tem 50 anos de idade tem?

que não é velho para um homem *Vamos lá vamos deixar essa
lengalenga de fingimento de lado você não pode ser tão burra
como parece* Havíamos deixado o AVIÁRIO & estávamos em seus
apostos privados atrás do escritório ele havia desligado as
luzes do AVIÁRIO & o som de pássaros cessou de forma abrupta
como se todas as espécies houvessem sido atingidas por um raio de
extinção

O sr. Z me empurrou prum tapete de pele branca dizendo *Deita aí
Loirinha* & foi só então que me ocorreu *o sr. Z é meu pai... é?* O
coração partido da vida de Gladys Mortensen ainda assim a
única felicidade de sua vida

Na cama naquela noite depois da meia-noite sem conseguir
dormir eu tatearia à procura de um dos livros ensopados de minha
Mãe de anos antes O VIAJANTE DO TEMPO de H.G. Wells & o
Viajante do tempo como ele é apenas chamado toma seu lugar com
coragem & apreensão na Máquina do Tempo inventada por ele
& empurra uma alavanca & mergulha no Futuro vendo sois &
luas girando acima da cabeça Eu havia lido tantas vezes, ainda
assim eu passaria os dedos pelas linhas impressas em pavor do que
estava por vir & meus olhos borrados de lágrimas

*Então eu viajei, parando vez ou outra, entre passadas gigantescas de
mil anos ou mais, atraído pelo mistério que é o destino da Terra,
assistindo com estranha fascinação o sol ficar maior e mais opaco no
céu no Ocidente, e a vida da boa e velha Terra em declínio cada vez
maior. Enfim, mais de trinta milhões de anos à frente, o domo gigante
vermelho-quente que era o Sol chegou a sombrear quase um décimo
dos paraísos obscuros...*

Até que eu não consegui aguentar mais pois havia começado a tremer que haveria um momento em que nós *não iríamos ser*, como houve um tempo em que nós *não éramos* & nem filmes nos preservarão como gostaríamos de acreditar Até Rudolph Valentino enfim perdeu pra memória humana! & Chaplin & Clark Gable (Eu havia desejado acreditar que ele pudesse ser meu Pai, & Mãe às vezes havia sugerido) O sr. Z estava impaciente ele não era um homem cruel creio mas sim acostumado a conseguir o que quer é claro & cercado de “gentinha” deve haver a tentação de ser cruel quando se está cercado assim & eles se encolhem & adulam você com pavor da sua vontade Eu tinha gaguejado & agora não conseguia falar de forma alguma Eu estava com as mãos & joelhos no tapete de pele macia (raposa da Rússia, o sr. Z se gabaria mais tarde) & minha saia do conjunto foi empurrada até a cintura & a calcinha removida Eu não preciso fechar os olhos para “ficar cega” a gente aprendia no Lar quando se está “cega” o tempo passa de um jeito estranho flutuante & onírico de certa forma ainda que de outro jeito fosse acelerado como o Viajante do tempo em sua máquina eu não me lembraria do sr. Z mais tarde exceto pelos pequenos olhos vidrados & dentaduras com o cheiro de alho & a camada de suor no couro cabeludo visível pelos poucos fios de cabelo que pareciam fios de arame & a dor da Coisa de borracha dura, creio que besuntada & nodosa na ponta esfregada primeiro na abertura de minhas nádegas & então para dentro de mim como um bico mergulhando *Dentro, dentro* o mais *dentro* que entraria Eu ã me lembraria quanto tempo foi necessário para o sr. Z cair como um nadador ao chegar na praia arfando & gemendo Eu estava morrendo de medo de o velho ter um ataque cardíaco ou um derrame & e de jogarem a culpa em mim contam histórias assim o tempo inteiro, cruéis histórias brutas e

engraçadas a gente ri ao ouvir mas não riria se fosse a vítima
Meu contrato era de \$100 por semana & logo seria aumentado para
\$110 se não fosse cancelado como outras garotas na aula de
drama & elas saíam do Studio Club e não seriam mais
aceitáveis & e eu teria que sair do Studio Club também & morar
onde, onde eu moraria?

Mais tarde naquele dia o começo da minha VIDA NOVA eu veria o sr.
Z & seu amigo George Raft & dois outros cavalheiros de ternos &
gravatas caras esperando por suas limusines sob a marquise a
caminho do almoço (no Brown Derby onde o sr. Z tem uma
mesa?) & estariam se apressando em uma atividade &
seus olhos vagando para mim entretidos *Como uma bolsinha de
seda ali embaixo pelo nenhum* A Norma Jeane bebê enrolada
em um cobertor de lã cor-de-rosa & passada entre estranhos
tossindo e sufocando no ar esfumaçado Quão feliz & jovem era
Mãe naquela época, quanta esperança homens passando os
braços ao redor dela elogiando-a pela *linda bebê* & Mãe era
linda também mas não era o suficiente Nós não temos o
mesmo sobrenome & quem saberia que Gladys Mortensen é minha
mãe? Eu prometi ao sr. Shinn que não contaria a ninguém que
tinha uma mãe em Norwalk mas um dia Mãe viria morar
comigo eu havia jurado

Tive que deixar o escritório do sr. Z passando por sua secretária
de olhos tão atentos & cheios de desdém Eu estava mancando
de dor & minha maquiagem escorrendo & a mulher me chamou em
voz baixa tem um lavabo logo ali fora & eu lhe agradei com
vergonha demais de erguer o olhar e encará-la

Quanto tempo me escondi no lavabo eu não me lembraria depois

Eu já estava me esquecendo do sr. Z implorei por comprimidos de codeína a uma das garotas da maquiagem minhas cólicas haviam começado, tão injusto que isso acontecesse em um momento assim 8 dias antes, & logo antes do meu teste ainda assim eu não tinha escolha, ou tinha Com medo de codeína que é um analgésico forte eu não acreditava em dor & portanto não acreditava em “analgésicos” & o sr. Shinn mencionou que Norma Talmadge minha xará era uma notória *viciada* (!) em Hollywood & era o motivo de sua carreira ter acabado do jeito que acabou ela ainda estava viva, um esqueleto ambulante diziam em sua mansão georgiana em Beverly Hills *Por favor não me conte mais* implorei ao sr. Shinn que se deleita com a crueldade de histórias assim das estrelas de Hollywood de outros tempos das que não haviam sido suas clientes

Era quase a hora pro meu teste & eu estava desesperada para cessar o fluxo de sangue menstrual feio e marrom escondida no toalete com as mãos trêmulas enfiando absorventes Kotex entre as pernas & dentro de minutos o sangue transbordaria deles Eu estava morrendo de medo de manchar minha saia do conjunto de alfaiataria em lã brilhosa *é o que eu faria nesse caso* & uma dor aguda no ânus que eu não conseguia compreender

Quando enfim consegui deixar meu esconderijo & ir para o teste em outro prédio eu estava 20 minutos atrasada & arfando de terror & antes que pudesse falar, surpresa de ser informada que eu não teria de fazer o teste afinal de contas para *Torrentes de ódio* nem mesmo ler em voz alta as poucas frases da amiga de June Haver Eu sussurrei que não estava entendendo & o diretor de elenco disse com um dar de ombros *Você está dentro... Você foi escolhida. Se seu nome é Norma Jeane Baker.* Gaguejei que sim este é

meu nome mas eu não conseguia entender & ele repetiu me mostrando sua prancheta *Você está dentro* & me falou para pegar um roteiro & voltar às sete da manhã do dia seguinte Eu estava encarando aquele desconhecido, o portador de tal mensagem *Eu estou no f-filme? Quer dizer que estou no f-filme? Meu primeiro f-f-filme? Estou no elenco, estou DENTRO?* & o choque & a alegria tomaram conta de mim, explodi em lágrimas envergonhando o diretor de elenco e seus assistentes

Através do rugido em meus ouvidos como o som de uma queda d'água ouvi parabéns Eu estava tentando andar & quase desmaiei dentro das roupas eu sangrava & tudo parecia distante meu corpo dormente & distante em um toalete troquei o Kotex encharcado de sangue que parecia errado para mim em um momento tão feliz & e as cólicas latejantes no ventre & lágrimas quentes escorrendo pelo rosto A essa altura havia esquecido do sr. Z & não me lembraria muito daquela visita exceto por vislumbres alguns dos pássaros do AVIÁRIO seus olhos cravados nos meus & suas canções taciturnas ainda que até essas eu fosse deixar de fora o rugido de grande alegria em meus ouvidos como tinha ouvido depois do casamento, quando bebi espumante *Estou tão feliz, não consigo aguentar tanta felicidade!*

Eu estava atordoada pretendendo ligar pro sr. Shinn pra lhe informar essa notícia & deveria ter imaginado que o sr. Shinn já sabia & na verdade estava no Estúdio já se encontrando com o produtor executivo do filme vieram me chamar então pra comparecer imediatamente ao escritório do sr. X & quando cheguei lá havia o sr. X & o sr. Shinn já experimentando nomes novos pra mim “Norma Jeane” é nome de caipira, nome de

gente do interior, disseram “Norma Jeane” não tinha glamour ou apelo Eu fiquei magoada querendo explicar que minha mãe havia escolhido os nomes por causa de Norma Talmadge & Jean Harlow ainda assim é claro eu não podia pois o sr. Shinn me fuzilaria com os olhos para que eu me calasse Os homens me ignoraram falando honestamente entre si como homens fazem como se eu não estivesse ali & eu me dei conta de que ali estava a voz misteriosa de meu sonho a voz de presságios & premonições na verdade duas vozes, vozes de homens falando não para mim mas de mim um dos assistentes de sr. X lhe dera uma lista de nomes femininos & ele & o sr. Shinn estavam trocando ideias

Moira Mona Mignon Marilyn Mavis Miriam
Mina

& o sobrenome seria “Miller” Eu me chateei que não me consultaram pois lá estava eu, agora sentada entre eles ainda que praticamente invisível Eu me ressentia de ser tratada como uma criança & pensei em Debra Mae que havia sido nomeada contra a própria vontade & Eu não gostava do nome “Marilyn” houve uma matrona no Lar com aquele nome, odiosa comigo & “Miller” não era um nome glamouroso coisa nenhuma Por que seria melhor do que “Baker”, que eles não considerariam? Tentei explicar a eles que gostaria de ficar com “Norma” ao menos era o nome com o qual eu tinha crescido & sempre seria meu nome mas eles se negaram a ouvir

Marilyn Miller Moira Miller Mignon Miller

querendo o som “MMMMM” eles pronunciavam como se
experimentassem vinho na boca & duvidassem da qualidade

& de súbito o sr. Shinn deu um tapa na testa dizendo que Marilyn Miller já é o nome de uma atriz, que estava na Broadway & o sr. X xingou pois estava perdendo a paciência & rápido eu disse e se fosse “Norma Miller” & os homens continuavam não ouvindo Eu estava implorando e disse que o sobrenome de minha avó era “Monroe” & o sr. X estalou os dedos como se tivesse acabado de pensar nisso por conta própria & o sr. Shinn & ele pronunciaram em uníssono como em um filme

Mari-lyn Mon-roe

saboreando o som murmurante

MARI-LYN MON-ROE

& diversas vezes de novo & riram & se parabenizaram & a mim & fim de história!

MARILYN MONROE

seria meu nome cinematográfico & apareceria nos créditos em *Torrentes de ódio* Agora você é uma verdadeira *jovem vedete* o sr. Shinn disse com uma piscadela

Eu estava tão feliz que o beijei & o sr. X & qualquer um por perto & estavam todos felizes por mim ME PARABENIZANDO

Set de 1947 todos os sonhos de Norma Jeane Baker realizados & todas as esperanças de todas as garotas órfãs espiando do teto do orfanato a torre da RKO & luzes de Hollywood a quilômetros de distância

Para celebrar o sr. Shinn queria levar MARILYN MONROE pra jantar naquela noite & dançar (embora aquele gnomo de homem mal chegasse ao meu ombro) & rápido eu disse a ele obrigada sr. Shinn mas não estou bem esta alegria me deixou tonta & enjoada & quero ficar sozinha & esta era a mais pura verdade Eu cambaleei & caí & dormi no sofá de um dos estúdios de som & acordei no fim da tarde & deixei o lugar sem ser vista & peguei o bonde na esquina de sempre sorrindo pra mim mesma dizendo pra mim mesma que sou uma *jovem vedete* Eu sou MARILYN MONROE enquanto o bonde andava & balançava minha mente vagava como pássaros assustados pelo céu & era um céu manchado com um vermelho flamejante as chamas nas montanhas & cânions soprados pelos ventos de Santa Ana & aquele cheiro de açúcar queimando, cabelo queimando & cinzas vinham soprando pra dentro de nossas narinas & Mãe fugiu comigo no Nash dirigindo rumo ao norte rumo aos incêndios até ser parada pelas barricadas da POLÍCIA DE L.A. mas eu não pensaria nisso de tanto tempo atrás nem mesmo no AVIÁRIO naquela manhã & no homem que me havia levado lá Eu disse a mim mesma *Minha vida nova! Minha vida nova começou! Começou hoje!* Disse a mim mesma *Só agora está começando, tenho 21 anos & sou MARILYN MONROE* & um homem falou comigo no bonde como homens fazem com frequência perguntando se eu estava chateada com algo se ele poderia ajudar Eu disse a ele com licença eu preciso descer este é meu ponto & com pressa desci do bonde na verdade eu havia pensado que fosse meu ponto na Vine mas estava confusa, a dor aguda entre os olhos e no baixo ventre na calçada, fiquei parada oscilando & aturdida olhando para um lado e depois para outro em algum lugar em L.A. talvez a oeste de Hollywood ainda que sem reconhecer meus arredores & subitamente sem saber *Para que lado fica a minha casa?*

A mulher
1949-1953

A beleza não tem propósito óbvio; tampouco serve a qualquer necessidade cultural. Ainda assim, a civilização não se salvaria sem ela.

Sigmund Freud,
— *De O mal-estar na civilização*

O Príncipe Sombrio

O poder do ator é sua encarnação do medo dos fantasmas.

— *O manual prático para o ator e sua vida*

Acho que nunca acreditei que eu merecia viver. Como os outros acham. Eu precisava justificar minha vida o tempo todo. Eu precisava de sua permissão.

Era uma estação de clima nenhum. Cedo demais no verão para os ventos de Santa Ana, mas o ar seco do deserto já tinha gosto de areia e fogo. De olhos fechados, através das pálpebras, viam-se as chamas dançando. No sono, dava para ouvir os ratos se atropelando para fugir de Los Angeles e suas construções alucinadas e contínuas. Nos cânions ao norte da cidade, os uivos lamuriosos dos coiotes. Não houvera chuva alguma por semanas ainda que o dia seguisse nublado com uma luz pálida e brilhante como o interior de um olho cego. Naquela noite, acima do El Canyon Drive, o céu clareou rapidamente, revelando uma lua em forma de foice, avermelhada e úmida como uma membrana viva.

Não quero nada de você, eu juro! Só queria dizer que... Você deveria me conhecer, eu acho. Sua filha.

Naquela noite no começo de junho, a garota loira estava sentada em um Jaguar emprestado na lateral da El Cayon Drive, esperando. Estava sozinha e parecia não estar fumando nem bebendo. Muito menos ouvindo alguma rádio. O Jaguar estava estacionado perto do fim de uma rua estreita coberta de brita, onde havia uma

propriedade como uma fortaleza, de estilo vagamente oriental, cercada por um muro de pedra portuguesa de três metros de altura e protegida por um portão de ferro forjado. Havia até uma pequena guarita, mas ninguém estava trabalhando naquele momento. Em um patamar rebaixado, holofotes inundavam as propriedades e sons de risos e vozes subiam como música pelo calor da noite, mas aquela propriedade, no topo da El Cayon, estava quase toda às escuras. Ao redor do muro alto não havia palmeiras, mas ciprestes italianos, revirados pelo vento em formas bizarras esculpidas.

Não tenho prova alguma. Não preciso de prova alguma. Paternidade é uma questão de alma. Eu só queria ver seu rosto, Pai.

Um nome havia sido dado à garota loira. Jogado nela com o descuido de uma moeda jogada nas mãos de um pedinte. Ansiosa como qualquer mendigo, sem questionar, ela o agarrou. Um nome! O nome dele! Um homem que possivelmente havia sido o amante de sua mãe em 1925.

Possivelmente...? Provavelmente.

Encontrara o nome entre os detritos do passado que ela estivera revirando. Também como um mendigo ela revirava detritos, até lixo, à procura de tesouros.

Mais cedo naquela noite, em uma festa na piscina em Bel Air, ela havia pedido por favor será que poderia pegar um carro emprestado? — e muitos homens disputaram para oferecer-lhe as chaves, e logo ela estava correndo descalça, indo embora. Se o Jaguar ficasse desaparecido por horas demais, o “empréstimo” seria relatado à polícia de Beverly Hills, mas isso não aconteceria, pois a garota loira não estava bêbada e não estava sob efeito de drogas e seu desespero fora disfarçado com muita astúcia.

Por quê? Eu não sei por quê, talvez só para um aperto de mãos, um olá e um adeus se assim você quiser. Eu tenho minha própria vida, é claro. Não vou perder algo que de fato já seja meu.

A garota loira no Jaguar poderia ter ficado ali esperando a noite inteira se não fosse por um segurança particular em um carro não identificado subindo El Cayon para investigar. Alguém na mansão semiescurecida no topo da colina deveria tê-la denunciado. O guarda usava um uniforme escuro e segurava uma lanterna, que apontou grosseiramente para o rosto da garota. Era uma cena de filme! Mas sem nenhuma trilha sonora para sugerir que o espectador deveria ficar ansioso, apreensivo, ou achar graça. As falas do guarda foram ditas sem emoção, sem oferecer também nenhuma deixa:

— Senhorita? Algum assunto a tratar aqui? Esta é uma via privada.

A garota piscou rápido como se para conter as lágrimas (mas ela não tinha mais uma lágrima sequer) e sussurrou:

— Nada. Sinto muito, senhor. — Sua educação e modos infantis desarmaram o policial imediatamente. E ele já tinha visto seu rosto. *Aquele rosto! Eu sabia que ela só podia ser alguém, que eu a conhecia de algum lugar. Mas quem?* Ele disse, vacilante, coçando o queixo com barba por fazer:

— Bem. Se não mora por aqui é melhor dar meia-volta e ir para casa, senhorita. Os moradores daqui não são qualquer um. Você é jovem demais para... — a voz dele foi morrendo, apenas de ter terminado tudo que tinha a dizer para ela.

A garota loira disse, ligando o carro emprestado:

— Não, não sou jovem.

Era a véspera de seu vigésimo terceiro aniversário.

“Miss Golden Dreams” 1949

— Não me transforme em piada, Otto. Eu imploro.

Ele riu. Estava adorando. Era vingança, e sabemos que a vingança é doce. Ele estivera esperando Norma Jeane voltar se arrastando para ele. Estivera esperando para fotografá-la nua desde a primeira hora que a viu no macacão sujo encolhida atrás das fuselagens com uma lata de óleo nas mãos. Como se pudesse se esconder *dele*.

Do olho da câmera de Otto Öse, como o próprio olho da Morte, *ninguém se esconde*.

Quantas mulheres em sua vida Otto Öse havia desnudado de roupas e pretensões e “dignidade”, e cada uma havia jurado de início *Nunca!* como esta garota, imaginando-se superior ao próprio destino, tinha jurado *Nunca, nunca farei, ah, nunca!*

Como se ela fosse virgem. De alma.

Como se fosse inviolável. Em um capitalismo de consumo onde não há corpo algum, alma alguma, que seja inviolável.

Como se a distinção entre *pin-up* e *nu* fosse tudo a que ela pudesse se apegar, por amor-próprio.

— Mais cedo ou mais tarde, baby. Você vai vir para *mim*.

Ainda assim ela recusaria as ofertas enquanto tivesse alguma esperança de carreira no cinema. Quando fora um rosto novo na cena. Descoberta *dele*. Em cada revista feminina e algumas maiores de circulação nacional e uns poucos jornais periódicos de alto nível como *U.S. Camera*. Trabalho *dele*. Somente graças a Otto Öse que ela assinou como cliente de I.E. Shinn, um dos melhores agentes de Hollywood. E foi contratada pelo Estúdio para o elenco de uma “comédia com caipiras” insípida com Jane Haver e um par de mulas

iguais e seus quatro minutos de filmagem cruelmente reduzidos a meros segundos na edição, e esses segundos revelando a futura vedete loira “Marilyn Monroe” bem ao longe, em um barco a remo com June Haver, de forma que ninguém, talvez nem a própria Norma Jeane Baker, a teria reconhecido.

Foi essa a estreia cinematográfica de “Marilyn Monroe”: *Torrentes de ódio*, de 1948.

Isso fazia mais de um ano. Desde então, ela havia sido chamada para dois ou três filmes de baixo orçamento e baixa qualidade no Estúdio em fugazes papéis menores que acabavam se revelando piadas visuais envolvendo loiras burras de belas curvas. (No filme mais bronco, “Marilyn Monroe” se afasta, com um andar provocante, de Groucho Marx, que olha para seu traseiro de forma lasciva). Então de forma grosseira ela havia sido dispensada pelo Estúdio. O contrato não fora renovado por mais um ano.

“Marilyn Monroe” em alguns poucos meses havia se tornado uma ninguém.

Correu um rumor pela cidade (falso, Otto sabia, mas o mero fato de existir com tenacidade cruel era um sinal ameaçador) que, em desespero de avançar a carreira como tantas outras aspirantes a vedetes, ela havia dormido com produtores no Estúdio, inclusive o notório mulherengo sr. Z e um diretor influente cuja influência ela não conseguira trazer para sua causa. Era dito que “Marilyn Monroe” havia dormido com seu agente anão I.E. Shinn e com certos amigos de Hollywood a quem ele devia favores. O boato era que “Marilyn Monroe” fizera ao menos um aborto e provavelmente mais de um. (Otto achou graça ao descobrir que em uma versão da fofoca ele não apenas havia organizado a operação ilegal com um médico de Santa Mônica, como ele próprio era o pai. Como se Otto Öse, de todos os homens, pudesse ser tão descuidado com seu esperma!)

Por três anos, Norma Jeane havia recusado educadamente as ofertas de ensaios nus de Otto. De *Yank, Peek, Swank, Sir!* e muitas outras por muito mais dinheiro do que ela estaria recebendo no momento da Ace Hollywood Calendários: meros cinquenta dólares. (Otto receberia novecentos pelo ensaio, e ele ficaria com os negativos, mas não precisava dizer isso a Norma Jeane.) Ela havia atrasado o aluguel agora que não morava mais no Studio Club, com as despesas subsidiadas, mas em um quarto mobiliado em West Hollywood; ela tivera de comprar um carro de segunda mão para se locomover por Los Angeles, e o veículo teve a posse reintegrada pelo atraso no pagamento, de cinquenta dólares, justo naquela semana. A Agência Preene estava perto de dispensá-la porque o Estúdio a havia dispensado. Otto não havia ligado para Norma Jeane em meses, esperando que ela ligasse para ele. Por que raios ele deveria ligar para *ela*? Ele não precisava *dela*. Havia um oceano de garotas no sul da Califórnia.

Então em uma manhã o telefone tocou no estúdio de Otto, e era Norma Jeane. O coração dele saltou com uma emoção indescritível: empolgação, gratificação, vingança. A voz dela estava ofegante e incerta.

— Otto? O-olá! É N-Norma Jeane. Posso ir até aí? Tem algum... trabalho para mim? Eu estava i-imaginando que...

Otto deu uma resposta arrastada:

— *Baby*, não tenho certeza. Vou dar uns telefonemas. L.A. está florescendo com uma nova leva de garotas este ano. Estou no meio de um ensaio neste exato momento; posso ligar mais tarde?

Ele havia desligado se regozijando e mais tarde naquele dia começou a se sentir culpado, com um prazer estranho na culpa, pois Norma Jeane era uma garota doce e decente que havia lhe rendido um bom dinheiro vestindo blusinhas e shorts e suéteres

apertados e vestes de banho; ela poderia gerar dinheiro para ele nua, por que não?

Eu não era uma vagabunda nem uma vadia. Ainda assim, havia o desejo de me perceber como tal. Pois eu não poderia ser vendida de outra forma, creio eu. E eu via que precisava ser vendida. Pois então eu seria desejada e seria amada.

Ele estava dizendo a ela:

— Cinquenta pratas, *baby*.

— Só... cinquenta?

Ela havia imaginado cem. Até mais.

— Só.

— Eu achei, uma vez... você d-disse...

— Eu sei. Talvez possamos conseguir mais depois. Para um ensaio de revista. Mas neste momento a única oferta que temos é da Ace Hollywood Calendários. É pegar ou largar.

Uma pausa longa. E se Norma Jeane caísse no choro? Ela vivia chorando ultimamente. Não conseguia lembrar se Gladys havia chorado uma vez que fosse. E sentia pavor do escárnio do fotógrafo. E os olhos ficariam vermelhos e inchados e o ensaio teria que ser adiado para outro dia, e ela precisava do dinheiro naquele momento.

— Bem. Tudo certo.

Otto tinha o formulário de autorização pronto. Norma Jeane imaginava que era porque se ele esperasse para depois do ensaio, ela poderia ter mudado de ideia por vergonha ou constrangimento ou raiva, e ele ficaria sem sua parte. Assinou rápido.

— “Mona Monroe”. E quem é essa?

— Eu, neste momento.

Otto riu.

- Não é um grande disfarce.
- *Eu* não vou estar em um grande disfarce.

Tirou as roupas com dedos lentos e atrapalhados atrás do biombo chinês roto, onde em outras ocasiões ela havia vestido figurinos *pin-up*. Uma faixa de sol filtrada pela janela suja. Não havia cabides para as roupas que mantinha recém-lavadas e passadas: blusa branca de mangas bufantes e saia rodada azul-marinho. Tirou as roupas e se levantou enfim nua, exceto pelas sandálias brancas com salto médio. Tirou sua dignidade. Não que restasse muita. Cada hora de cada dia desde que as notícias terríveis vieram do Estúdio, uma voz zombava *Fracassada! Fracassada! Por que você não morre? Por que ainda está viva?* Para esta voz, que ela não conseguia reconhecer exatamente, ela não tinha resposta. Não havia se dado conta de quanto “Marilyn Monroe” significava para ela. Não havia gostado do nome, inventado, confeccionado, assim como não gostava do cabelo loiro artificial e das roupas e dos maneirismos de boneca de porcelana de “Marilyn Monroe” (medindo os passos em saias lápis justas marcando a própria fenda de suas nádegas, balançando os seios como uma pessoa gesticularia com as mãos) nem dos papéis escalados para ela pelos executivos do Estúdio, mas havia esperado, com incentivo do sr. Shinn, que em um dia não muito distante seria escalada para um papel sério e faria uma estreia de verdade na tela. Como Jennifer Jones em *A Canção de Bernadette*. Como Olivia de Havilland em *Na Cova da Serpente*. Jane Wyman no papel de uma surda-muda em *Belinda!* Norma Jeane se convenceu de que poderia atuar em papéis como esses. “Se eles me dessem *uma chance*.”

Ela nunca havia falado a Gladys sobre a mudança de nome. Imaginava que, quando *Torrentes de ódio* estreasse, ela levaria Gladys para a *première* no Grauman’s Egyptian Theatre, e Gladys ficaria surpresa e empolgada e orgulhosa de ver a filha na tela, em

um papel, não importando quão pequeno fosse; e na conclusão do filme ela explicaria que “Marilyn Monroe” nos créditos era *ela*. Que a mudança de nome não tinha sido ideia sua, mas ao menos ela conseguira usar o nome “Monroe”, que era, na verdade, o nome de solteira de Gladys. Mas o papel no filme idiota havia sido cortado para poucos segundos e não havia motivo para se orgulhar. *Sem orgulho não posso ir à Mãe. Não posso esperar a bênção dela sem orgulho.*

Se seu pai a conhecesse como “Marilyn Monroe”, ele teria se enojado também. Pois não havia orgulho em “Marilyn Monroe”... ainda.

Otto Öse estava preparando o ensaio fotográfico, falando com Norma Jeane em uma voz ágil e empolgada. Planos para outros ensaios “artísticos” depois desse. Pois sempre havia demanda para... bem, fotos “de especialidade”. Norma Jeane ouvia entorpecida como se de longe. Exceto pela sua câmera, Otto Öse tendia a ser letárgico e taciturno; com a câmera, ele parecia ganhar vida. Pueril e engraçado. Ela havia aprendido a não se ofender com suas piadas. Norma Jeane ficou tímida com Otto, já que não se viam havia meses, e depois de uma separação esquisita. (Ela havia lhe contado coisas demais. Sobre se sentir solitária e ansiosa com a carreira e pensar nele... “um bocado”. Não acreditava que havia dito isso. Era exatamente a coisa errada para dizer a Otto Öse, e ela sabia disso. Ele não havia respondido de início, deu as costas para ela, fumando o cigarro fedorento, e enfim murmurou: “Norma Jeane, por favor... Eu não quero que você se machuque”. A pálpebra esquerda estava trêmula e a boca carrancuda como a de um garoto. Ele havia ficado em silêncio por tanto tempo depois disso que ela sabia que havia cometido uma gafe irremediável.) Agora ela estava em pé atrás do biombo chinês caindo aos pedaços, tremendo no calor abafado. Havia jurado nunca posar nua porque era *cruzar a linha* e, uma vez

que se *cruzava a linha*, era como aceitar dinheiro de um homem por sexo. Não tinha volta. Havia na transação algo sujo da mesma natureza de uma sujeira literal, imundície. Ela era obsessiva com limpeza. Unhas das mãos, dos pés. *Eu nunca serei como Mãe: nunca!* No estúdio de cinema ela às vezes tomava banhos depois da aula de interpretação se estivesse perspirando durante uma cena. Foi Orson Welles quem disse “Um ator ou sua ou não é um ator”? Mas nenhuma atriz quer ficar fedorenta! No Studio Club, Norma Jeane era uma das garotas que gostava de ficar submersa em um banho quente pelo máximo de tempo possível. Mas agora, em seu apartamento de mobília barata, para o azar dela, não tinha banheira ou chuveiro e tinha que se lavar desajeitadamente em uma pia pequena. Ela quase havia aceitado um convite para passar um fim de semana com um produtor que morava em Malibu porque desejava o luxo de uma banheira. O produtor era amigo de um amigo do sr. Shinn. Um dos muitos “produtores” em Hollywood. Um homem rico, que dera a Linda Darnell sua primeira oportunidade. Na verdade, Jane Wyman. Ou disso ele se vangloriava. Se Norma Jeane tivesse ficado com aquele homem, também teria *cruzado a linha*.

Ela não queria dinheiro, ela queria trabalho. Ela recusou o produtor e agora estava nua no estúdio amontado de Otto Öse, que tinha cheiro de moedas de cobre fechadas em uma mão suada. Sob seus pés havia sujeira, poeira e cascas dessecadas de insetos que ela acreditava reconhecer da última vez que estivera lá meses antes. *Quando jurei que nunca voltaria. Nunca!*

Ela não conseguia interpretar os olhares que o fotógrafo lhe lançava: será que ele estava atraído por ela ou a odiava? O sr. Shinn disse que Otto era judeu, e Norma Jeane nunca conhecera nenhum judeu. Desde Hitler e os campos de concentração e as fotos de Buchenwald, Auschwitz e Dachau que ela havia encarado na *Life*

por muitos minutos atordoados, ela havia ficado fascinada por judeus, pelo judaísmo. Gladys não havia dito que os judeus eram um povo escolhido, um povo antigo e predestinado? Norma Jeane havia lido a respeito da religião que não busca converter e da questão da “raça” — que mistério, “raça”! As origens das “raças” humanas — um mistério. Só se nascia judeu com uma mãe judia. Seria uma bênção ou uma maldição ser “escolhido”? — Norma Jeane gostaria de perguntar a um judeu. Mas a pergunta era ingênua, e depois do horror dos campos de concentração ela certamente seria mal interpretada. Nos olhos encovados e escurecidos de Otto Öse ela via uma alma, uma profundidade e uma história que faltava em seus próprios olhos, que eram de um azul-claro impressionante. *Sou apenas uma americana. Superficial. Não há nada dentro de mim, na verdade.*

Otto Öse era diferente de qualquer homem que Norma Jeane conhecesse. Não apenas por ser talentoso e excêntrico. Em certo sentido, ele não era um *homem*. Não era definido por sua *masculinidade*. Sua sexualidade era um mistério para ela. Ele não parecia gostar de mulheres por princípio. A própria Norma Jeane não teria gostado da maioria das mulheres por princípio, se fosse um homem. Assim ela pensava. Ainda que por muito tempo ela tentara acreditar que Otto Öse poderia diferenciá-la de outras mulheres e *amá-la*. Poderia sentir pena dela e *amá-la*. Afinal, ele não olhava para ela com ternura às vezes, e sempre com intensidade, pelo olhar de sua câmera? E depois espalhando folhas de contato e imagens de Norma Jeane, ou da Norma Jeane que ele havia fotografado em suas vestes de *pin-up*, ele murmuraria: “Meu Deus. Olhe só para isso. *Que coisa linda*”. Mas ele falava das fotos, não de Norma Jeane.

Nua, exceto pelos sapatos. *Por que estou fazendo isto? Estou cometendo um erro.* Ela procurou desesperadamente um robe para

se cobrir. Não há sempre um robe para uma modelo nua? Ela mesma teria trazido um. Com timidez, ela espiou de trás do biombo. Seu coração batia forte em pavor e um tipo curioso de elação. Se ele a olhasse nua, ele não a desejaria? Amaria? Ela o observou, de costas para ela, em uma camiseta preta larga, calças de trabalho que revelavam a estreiteza dolorosa de seus quadris, sapatos de lona manchados. Nenhuma das modelos na Preene ou das jovens atrizes no Estúdio que conheciam Otto Öse sabiam, no fundo, qualquer coisa sobre ele. A reputação era de trabalho preciso, frequentemente exaustivo. “Mas vale a pena, com Otto. Ele nunca perde tempo.” Sua vida privada era um mistério. “Você não consegue nem imaginar que Otto é um *veado*.” Norma Jeane viu que o cabelo de Otto estava ficando grisalho e afinando no topo da longa cabeça estreita. Seu rosto de perfil mais parecia o de um falcão do que Norma Jeane se lembrava. Ele parecia tão *faminto*, tão *predatório*. Ela conseguiria imaginá-lo planando e mergulhando caçando presas assustadas. Lá estava ele montando um grande tecido de veludo carmesim contra um fundo frágil de papelão; ele não havia notado Norma Jeane olhando. Ele assobiava, murmurava para si mesmo, ria. Ele se virou para olhar de soslaio para o fundo do estúdio, onde no meio da bagunça havia peças de mobília desgastadas: uma mesa de cozinha cromada e cadeiras com camadas de sujeira, uma chapa elétrica, um bule de café, xícaras. Havia seções de dois metros de compensado e quadros de cortiça em que ele havia prendido dúzias de folhas de contatos e fotos, algumas amareladas pelo tempo. Por perto havia um banheiro imundo com apenas uma tira de juta esfarrapada fazendo as vezes de porta. Norma Jeane tinha pavor de ter de usar esse banheiro e o evitou sempre que pôde. Agora tinha a impressão de ver um movimento sombrio atrás do pano — será que havia alguém ali

dentro? *Ele trouxe alguém para me espiar!* A ideia era louca e absurda. Otto não era assim. Otto sentia desprezo por *cafetões*.

— Pronto, baby? Não está tímida, está? — Otto lançou para Norma Jeane um pedaço de tecido fino amassado, uma cortina no passado. Ela o enrolou no corpo, agradecida. — Estou usando veludo amassado para um efeito de caixa de chocolates. Você é um docinho delicioso o suficiente para devorar. — Otto falava com casualidade, como se a situação fosse familiar para os dois. Ele se distraiu com a montagem do tripé, carregando e ajustando a câmera. Nem sequer levantou o olhar quando Norma Jeane se aproximou, devagar, entorpecida, como uma garota num sonho. O tecido de veludo carmesim estava bastante desfiado nas bordas, mas a cor ainda era vívida, pulsante. Otto havia arrumado o tecido para que a bainha não aparecesse na foto, e o banquinho baixo em que Norma Jeane se sentaria, emoldurada pela cor vibrante, estava escondido pelo tecido.

— Otto, eu posso usar o b-banheiro? Só para...

— Não. O banheiro está quebrado.

— Só para lavar meu...

— Não. Vamos começar com “*Miss Golden Dreams*”. A *Miss Sonhos Dourados*.

— É isso que eu devo *ser*?

Otto não estava olhando para Norma Jeane nem naquele momento. Por delicadeza, talvez, ou uma preocupação de que a garota pudesse entrar em pânico e fugir. Envoltas na cortina suja, ela se aproximou da beira do cenário e as luzes quase cegantes sempre intimidadoras. Apenas quando ela pisou hesitante no tecido foi que Otto a olhou e disse com brusquidão:

— Sapatos? Você está de sapatos? Pode tirar.

— Eu n-não posso usar meus sapatos? O piso está tão sujo.

— Não seja idiota. Você já viu algum nu de *sapatos*?

Otto riu de escárnio. Norma Jeane sentiu o rosto queimar. Como ela era carnuda, os seios dos quais ela normalmente se orgulhava, as coxas e nádegas! A nudez macia suavemente saltitante era como uma terceira pessoa no recinto com eles, uma intromissão esquisita.

— É que parece... meus pés... eles parecem mais n-nus de alguma forma do que... — Norma Jeane riu, não do jeito que a haviam treinado no Estúdio, mas naquele seu antigo guincho assustado, como um rato sendo morto. — Você poderia p-prometer não... mostrar a parte de baixo? As solas? Dos meus pés? Otto, por favor!

Por que de repente aquilo era tão importante? As solas dos pés?

Desprotegida e vulnerável e exposta. Ela não conseguiria aguentar pensar em homens encarando-a com libido, e a prova de sua impotência animal seus pálidos pés nus. Ela se lembrou da última sessão de fotos deles, um ensaio *pin-up* para a *Sir!* em que Norma Jeane usou uma camisa de gola V de cetim vermelho, shorts brancos curtos e sapatos de salto alto vermelhos acetinados, Otto havia dito a ela que suas coxas eram “desproporcionais” em relação à bunda: musculosas demais. E ele não gostava das sardas que eram como “pequenas formigas pretas” em suas costas e braços e as fez cobri-las com maquiagem e base.

— Vamos lá, baby. Tire *tudo*.

Norma Jeane tirou os sapatos com chutinhos para cima e deixou a cortina fina cair ao chão. Seu corpo formigava, uma vez nua na presença desse homem, que era tanto seu amigo quanto um estranho completo. Ela tomou seu lugar entre o veludo amassado, sentada no banquinho baixo com as pernas cruzadas, muito apertadas, viradas para um lado. Otto havia arrumado o tecido para que quem visse a foto não soubesse com certeza se a modelo estava sentada ou deitada. Nada deveria aparecer além do campo de

carmesim vivo e o corpo nu da modelo, como uma ilusão de ótica em que as dimensões e distâncias não são claras.

— Você n-não vai, vai? Mostrar a sola dos meus...

Otto disse com irritação:

— Que raios você está tagarelando aí? Estou tentando me concentrar e você está me dando nos nervos.

— Eu nunca posei pelada. Eu...

— Pelada não, queridinha... um *nu*. Não é uma coisa baixa, é *arte*. Há uma distinção crucial.

Norma Jeane, irritada pelo tom de Otto, tentou brincar com sua voz ingênua como tinha sido treinada no Estúdio.

— Como ensaio fotográfico... Não *pornográfico*. É isso?

Ela havia começado a dar uma risada aguda. Otto conhecia os sinais de perigo.

— Norma Jeane, relaxe. Calma. Vai ser um ensaio estilo caixa de chocolates, como eu disse. Descruze os braços, você acha que Otto Öse já não viu um monte de tetas? As suas são incríveis. E descruze as pernas. Nós não vamos fazer um ensaio frontal, não vamos nem mesmo pegar pelo pubiano, nós não poderíamos enviar pelos correios dos Estados Unidos, e isso anularia o que queremos fazer. Certo?

Norma Jeane estava tentando explicar algo confuso sobre seus pés, as solas dos pés, como seriam, vistos *de baixo*. Mas sentia a língua grossa e dormente. A fala estava difícil, como respirar sob a água. Ela estava ciente de alguém observando dos fundos do estúdio. E lá havia a janela imunda voltada para o Hollywood Boulevard, alguém poderia estar vendo daquela janela, espiando por cima do peitoril. Gladys não quisera que eles olhassem para Norma Jeane, mas eles haviam erguido o cobertor e olharam. Era impossível segurá-los.

Otto disse com paciência:

— Você já pousou para mim neste estúdio diversas vezes. E na praia. Que diferença faz uma blusinha do tamanho de um lenço de mão? Um traje de banho? Você se insinua mais mostrando o rabo em um short ou em um jeans do que faz nua, e sabe disso. Não finja ser mais burra do que é.

Norma Jeane conseguiu falar:

— Não me transforme em piada, Otto. Eu imploro.

Otto disse com desdém:

— Você já é uma piada! O corpo feminino é uma piada. Toda essa... *fecundidade*. Esta... *beleza*. O objetivo é enlouquecer homens para copular e reproduzir a espécie como um louva-deus que tem a cabeça devorada pelas parceiras sexuais, e o que é a espécie? Depois dos nazistas, e a colaboração americana no genocídio judeu, 99% da humanidade não merece viver.

Norma Jeane estremeceu sob o ataque de Otto. No passado ele havia feito observações, em parte jocosas, em parte sérias, a respeito da inutilidade da humanidade, mas esta era a primeira vez que ele havia mencionado os nazistas e suas vítimas. Norma Jeane protestou:

— C-colaboração americana? Como assim, Otto? Eu achei que tínhamos s-salvado...

— Nós “salvamos” os sobreviventes dos campos de concentração porque era uma boa propaganda, mas não evitamos seis milhões de mortes. A política dos Estados Unidos, e me refiro ao FDR, era rejeitar refugiados judeus e enviar todos de volta para câmaras a gás. Não olhe para mim desse jeito, este não é um de seus filmes imbecis. Os Estados Unidos é um estado fascista pós-guerra crescendo (agora que os fascistas autodeclarados foram derrotados), e o Comitê de Atividades Antiamericanas é a Gestapo deles, e garotas como você são porções libidinosas de chocolate para quem

quer que tenha grana para comprar... Então não fale sobre o que não entende.

Otto sorria seu sorriso brilhante e enorme de caveira. Norma Jeane sorria com ansiedade para acalmá-lo. Ele já lhe dera diversas vezes o jornal do Partido Comunista dos Estados Unidos, o *Daily Worker*, e panfletos impressos porcamamente publicados pelo Partido Progressista e o Comitê Americano para a Proteção dos Nascidos no Exterior e outras organizações. Ela os havia lido, ou tentado. Como desejava *saber*. Ainda assim, se perguntasse a Otto sobre marxismo, socialismo, comunismo, “materialismo dialético”, “desmanche do estado”, ele a cortava com um dar de ombros desdenhoso. Porque o fato era (talvez) que Otto Öse tampouco acreditava na “religiosidade ingênua” do marxismo. Comunismo tinha sido um “erro trágico de leitura” da alma humana. Ou possivelmente um “erro de interpretação” da trágica alma humana.

— Baby, pelo amor de Deus, só fique sexy. Este é seu talento, e Deus sabe que é um dos raros. Vale cada moedinha dos cinquenta dólares do cachê.

Norma Jeane riu. Talvez ela fosse apenas um pedaço de chocolate. *Belo pedaço de rabo*, como tinha entreouvido alguém (George Raft?) comentar uma vez.

Havia conforto no desprezo do fotógrafo. Falava de padrões mais altos do que os dela próprios. Muito mais altos do que os de Bucky Glazer e mais altos ainda do que os do sr. Haring. Ela caiu em um sonho de olhos abertos, pensando nesses homens e em Warren Pirig, que conversava com ela apenas com os olhos, e havia o sr. Widdoes, que havia dado uma surra de revólver em um garoto com aquele ar de “deixar as coisas em ordem”, que era uma prerrogativa masculina inevitável como a maré. Nos seus sonhos, às vezes Norma Jeane achava que Widdoes havia batido *nela*.

Ainda que seu próprio pai tivesse sido tão gentil! Nunca brigou com ela. Nunca a feriu. Abraçando e beijando sua bebezinha enquanto Mãe olhava com um sorriso.

Um dia voltarei a Los Angeles para reivindicar vocês.

Otto Öse se lembraria dessa sessão de fotos por toda a vida. Essa sessão de fotos que seria sua marca na história.

Não que ele soubesse, na época. Só estava gostando do que fazia, e isso era raro. Na maior parte do tempo, ele odiava suas modelos. Ele odiava os corpos como peixes nus, os ansiosos olhos esperançosos. Se você pudesse passar uma fita nos olhos. Passar uma fita nas bocas de uma forma que, apesar de expostas, as bocas não pudessem falar. Mas Norma Jeane em seu transe nunca falava. Ele dificilmente precisava tocar nela, apenas com a ponta dos dedos, para posicioná-la.

Monroe era natural mesmo quando garota. Tinha cérebro, mas operava por instinto. Creio que ela conseguia se ver pelo olhar da câmera. Era mais poderosamente, mais totalmente, sexual para ela do que qualquer conexão humana.

Ele estava posando sua modelo ereta como a sereia na proa de um navio imaginário. Peitos nus, mamilos grandes como olhos. Norma Jeane parecia ignorante às contorções que ele pedia que ela fizesse. Desde que ele murmurasse: “Ótimo. In-crí-vel. Sim, assim mesmo. Boa garota”. Palavras que se murmuraria em um momento desses. Ele se aproximava perseguindo sua presa, mas ela não registrava alarme. A presa era tão completamente *dele*. Estranho, quando Norma Jeane Baker era claramente a mais inteligente de suas modelos. Até astuta, de uma forma que se esperaria apenas de um homem, uma apostadora disposta a arriscar X na esperança de ganhar Y, apesar de, na verdade, haver pouca esperança de ganhar Y

e todas as possibilidades de perder X. *O problema dela não era que fosse uma loira burra, era que ela não era uma loira e não era burra.*

Isaac Shinn havia dito a Otto que foi um choque tão grande para Norma Jeane quando foi dispensada pelo Estúdio que ele temeu que ela pudesse fazer algo para se ferir. Otto riu em descrença. “Ela? Ela é a força vital. Ela é a Miss Vigor da Persistência.” A que Shinn respondeu: “É o tipo mais perigoso de suicida, a pobre garota nem faz ideia disso. *Eu faço*”. Otto ouviu. Ele sabia que Isaac Shinn, apesar de ser cheio de merda, nunca falava de forma sombria exceto quando falava da verdade. Otto disse que talvez fosse melhor que o Estúdio houvesse dispensado “Marilyn Monroe” (nome ridículo que ninguém levaria a sério); e então a garota poderia voltar a uma vida normal. Poderia terminar sua educação e arranjar um emprego estável e se casar de novo e começar uma família. Um final feliz. Shinn disse, chocado: “Não diga isso a ela, pelo amor de Deus! Ela não deveria desistir de uma carreira no cinema ainda. Ela tem um talento enorme e é deslumbrante e ainda jovem. Boto fé nela mesmo que aquele merda do Z não bote”. Ao que Otto respondeu, com surpreendente honestidade: “Mas pelo próprio bem de Norma Jeane ela deveria sair desta merda. Não são apenas os estúdios, mas todo mundo entregando todo mundo, é um antro de ‘subversivos’ e espões da polícia. Por que ela não percebe isso sozinha?”. Shinn, que transpirava com facilidade, estava puxando a gola da camisa de seda branca. Ele era um anão com uma corcunda e uma cabeça maciça e uma personalidade que você definiria como fosforescente, brilhando no escuro. Uma figura controversa em Hollywood, mas respeitada em meados dos seus quarenta anos, fofocava-se que I.E. Shinn havia ganhado mais dinheiro apostando em cavalos do que como agente; ele fora um membro precoce do Comitê para Preservar Liberdades Individuais, uma organização com tendências à esquerda fundada em 1940, em resistência à legislação

californiana, e um comitê conjunto de investigação em atividades antiamericanas. Então ele era corajoso e teimoso; Otto Öse, brevemente um membro do Partido Comunista até se desiludir, tinha que admirar isso. Os olhos de Shinn eram intensos em seus cílios grossos, dando a impressão de sofrimento interno em contraste com tiques jocosos e cacoetes do rosto. Era unicamente feio como Otto Öse acreditava ele mesmo ser, em sua vaidade, unicamente feio. *Uma dupla. Irmãos gêmeos. Pigmaleões gêmeos. E Norma Jeane, nossa criação.* Otto teria gostado de fotografar em *chiaroscuro* dramático, *Cabeça de um judeu de Hollywood*, como um retrato de Rembrandt. Mas o dinheiro de Otto Öse vinha das garotas. Shinn havia dito, dando de ombros: “Ela acha que é burra demais. Ela acha que, porque gagueja às vezes, é quase uma retardada. Acredite em mim, Otto, ela está feliz. Ela vai ter uma carreira... Eu garanto”.

Otto aproximou o tripé. Norma Jeane sorriu para cima, de forma reflexiva, como uma mulher poderia sorrir para um homem se aproximando para fazer amor.

— Ótimo, baby! Agora a pontinha da língua. Fique aí. — Ela obedeceu. Estava dormindo de olhos abertos. *Clique!* O próprio Otto havia entrado em transe. Ele havia fotografado muitos *nus*, mas nenhum como de Norma Jeane. Como se no ato de observá-la, ele a consumisse, ainda que ao mesmo tempo fosse consumido por ela. *Eu vivo em seus sonhos. Venha viver nos meus.* Posando contra o pano de fundo de veludo amassado, ela era uma bala deliciosa que você desejaria chupar sem parar. Por impulso, ele lhe dera um texto italiano do século XVI sobre anatomia com a recomendação críptica de memorizá-lo. Ela estava tão ansiosa! Ela queria... ora, tanto! *Ame-me. Você vai me amar? E me salvar.* Era difícil acreditar que esta moça no auge de sua juventude e beleza um dia poderia envelhecer, como Otto Öse notava a si próprio envelhecendo. Ele

era magro como uma vareta, mas ainda assim sua carne lhe parecia flácida dentro das roupas largas. Sua cabeça era um crânio embrulhado com pele. Os nevos eram cabos apertados. Ele sorriu ao ver os dedos do pé de Norma Jeane se encolhendo sob ela em um gesto de modéstia infantil. Que fixação era essa, não querer que ele fotografasse a sola de seus pés? Ele teve uma ideia.

— Baby, vou tentar uma outra pose. Desça daí. — Sem hesitar, Norma Jeane obedeceu. Se ele tivesse desejado fotografá-la de frente, a pequena barriga arredondada brilhando de tão branca, na encruzilhada de suas pernas o triângulo de pelos pubianos loiro-escuros, que pareciam ter sido (com timidez, com malícia) aparados: ela havia ficado tão desinibida quanto uma criança pequena, ou uma criança cega. Uma dessas crianças imigrantes mexicanas malnutridas urinando na beira de um campo, mal se incomodando em se agachar, com a mesma inibição de um cachorro.

Em empolgação Otto reposicionou o tecido de veludo, estendendo-o agora no chão. Como um piquenique! Puxou uma escada coberta de teias de aranha de um canto do estúdio para que, inspirado, ele pudesse fotografar Norma Jeane de diversos pés de altura enquanto ela se deitava no chão.

— Baby, de barriga. Agora, de lado. Agora *a-lon-gue!* Você é uma grande gata, bem arisca, não é, baby? Uma linda gata enorme e suave. Vamos ouvir seu ronronar.

O efeito das palavras de Otto foi imediato e surpreendente. Norma Jeane obedecia a Otto sem questionamento, rindo do fundo da garganta. Ela poderia estar hipnotizada. Poderia ser uma jovem noiva sem habilidade em fazer amor, começando a apreciar o amor, o corpo respondendo por instinto. Nua no veludo amassado, estendendo, com luxúria, os braços, as pernas, a curva sinuosa das costas serpenteando até as nádegas enquanto Otto *clicava! clicava!* o

obturador da câmera, encarando-a pelas lentes. Otto Öse, que se gabava de que nenhuma mulher, e certamente nenhuma modelo nua, poderia surpreendê-lo. Otto Öse, o qual a doença o havia tanto privado quanto curado de sua masculinidade. Nessa série de fotos, ele estava a diversos centímetros de distância de seu foco, equilibrado na escada, mirando para baixo, para que a foto impressa posicionasse a garota cercada pelo tecido de veludo, sem dominar seu espaço na pose do nu tradicional como em sua posição inicial ereta. Era uma diferença sutil, mas significativa. O sedutor nu ereto, encarando a audiência de forma sonhadora, é um convite para o amor sexual nos termos do nu: uma mulher livremente olhando para o homem (invisível, anônimo). Mas o nu reclinado, visto de uma distância menor, deitada de costas e se esticando, é percebido como fisicamente menor, mais vulnerável em sua nudez, e não uma igual da audiência. Ela deve ser dominada. Sua própria beleza sugere paixão. Um pequeno animal exposto, impotente, totalmente capturado pelo olhar explorador da câmera. A curva graciosa dos ombros, costas e coxas, o inchar das nádegas e dos seios, o curioso desejo animal em seu rosto erguido, a vulnerável sola pálida de seus pés.

— Fan-tás-ti-co! Segura a pose. — *Clique, clique!*

A respiração de Otto estava vindo rápido. Perspiração brotava da testa e sob os braços, pinicando como pequenas formigas vermelhas. A essa altura, ele havia esquecido o nome da bela modelo (se ela tinha nome) e não conseguiria dizer para quem ele estava tirando essas imagens notáveis; muito menos o quanto ganharia por elas. *Novecentos. Por vendê-la. Por quê, se eu a amo? Isto é prova de que não a amo.* Ele havia bebido duas doses de rum com seu ex-amigo, ex-colega de apartamento, ex-camarada comunista Charles Chaplin Jr., cuja “identidade filial” era sinônima de sua “maldição filial”, para se preparar para o ensaio, a bebida um

remédio potente para limpar as narinas em repugnantes vidros de geleia. Ele não estava bêbado de rum, mas em... quê? As luzes cegantes, a cor carmesim pulsante, a carne feminina lasciva como um doce estendido na sua frente, contorcendo-se e alongando-se nos espasmos do ato sexual com um amante invisível. Ele não estava bêbado de rum, mas da transgressão que cometia, pela qual ele não seria punido, mas muito bem pago. Do seu ângulo vantajoso, acima dela, Otto viu a vida da garota passar por ele, das origens esquálidas (ela havia confidenciado a ele que era o que comumente se chama de *filha ilegítima*, e seu pai, que morava por perto, em Hollywood, nunca havia reconhecido sua existência, e ele sabia que sua mãe era louca, uma esquizofrênica paranoica que um dia tentou afogá-la — ou fervê-la até a morte? —, internada em Norwalk ao longo da última década) ao seu fim igualmente esquálido (morte precoce por overdose de drogas ou álcool, ou pulsos cortados em uma banheira, ou um amante furioso). A tragédia da vida anônima da garota perfurou o coração de Otto Öse, que não tinha coração. Era uma criatura desprotegida pela sociedade, sem família, sem “herança”. Um pedaço de carne delicioso a ser vendido. Em seu apogeu, e seu apogeu não duraria. Apesar de aos 23 anos ela parecer ter seis anos a menos, estranhamente intocada pelo tempo e mau uso, mas, como os sujeitos do proletariado do grande mentor de Otto Öse, Walker Evans, os arrendatários e trabalhadores imigrantes privados de direito no sul estadunidense nos anos 1930, ela um dia começaria a envelhecer de forma súbita e irrevocável.

Eu não forço ninguém. Por vontade própria elas vêm a mim. Eu, Otto Öse, as ajudo a se vender, as que teriam pouco valor mercadológico não fosse por mim.

Como então ele estava explorando Norma Jeane? Dizendo, ao lançar o pano de cortina nela:

— Certo, baby. Terminamos. Você foi maravilhosa. Fan-tás-ti-ca.

Piscando, atordoada, a garota olhou para ele como se sem reconhecê-lo por um momento. Como uma garota de um bordel dopada e medicada não reconheceria o homem acabara de fodê-la, nem mesmo que havia sido fodida, e que isso estivera acontecendo por muito tempo.

— Terminado. E foi *bom*. — Sem querer que a garota pensasse quão bom isso poderia ser, quão fantástica ou até histórica no estúdio de Otto Öse havia sido. Que as fotos nuas de Norma Jeane Baker, também conhecida como “Marilyn Monroe”, que ele havia tirado naquele dia se tornariam os nus de calendário mais famosos, ou infames. Pelos quais a modelo ganharia cinquenta dólares, e milhões de dólares seriam lucrados por terceiros. Por homens.

E as solas dos meus pés expostas.

Atrás do biombo chinês caindo aos pedaços, Norma Jeane se atrapalhou ao se vestir rápido. Noventa minutos haviam se passado em um sonho alucinógeno. A cabeça pulsando com dor se confundia com o trânsito do lado de fora em Hollywood Boulevard, o fedor do exaustor. Os seios doíam com um leite-para-ser-bebido fantasmagórico. *Se eu tivesse tido um bebê com Bucky Glazer agora eu estaria segura.*

Ela ouviu Otto falar com alguém. Ele havia feito uma chamada telefônica, provavelmente. Rindo de leve.

Agora as luzes estavam apagadas, o veludo carmesim esfarrapado, dobrado com descuido e enfiado em uma estante, os rolos de filme usados prontos para serem revelados. Norma Jeane queria apenas sair de Otto Öse. Acordando do transe sonhador sob as luzes cegantes, ela via no rosto do fotógrafo, praticamente um crânio, uma satisfação regozijadora que não tinha a ver com ela.

Ouvira na voz exaltada dele uma felicidade que não tinha a ver com ela. *Nada humilhada agora, me despindo para um homem que não me ama. Se eu tivesse tido um bebê...* Ela teve que reconhecer que não se desnudou por completo no estúdio de Otto Öse apenas pelo dinheiro, embora precisasse desesperadamente de dinheiro e quisesse visitar Gladys naquele final de semana. Ela havia se despido por completo e se curvado na esperança de que se Otto Öse a visse nua, o lindo corpo jovem e o lindo rosto jovem desejoso, e de que ele não pudesse mais resistir a amá-la, ele quem havia de fato resistido a amá-la por três anos. Norma Jeane se perguntava se Otto Öse era impotente. Em Hollywood, ela havia descoberto o que era *impotência masculina*. Ainda assim, até um homem impotente poderia amá-la. Eles poderiam beijar, afagar, abraçar um ao outro ao longo das noites. Ela seria mais feliz com um homem impotente, na verdade. Ela sabia!

Estava completamente vestida. Em seus saltos médios.

Conferiu seu reflexo em um espelho compacto, embaçado com os restos de pó, através do qual seus olhos azuis emergiram como peixinhos.

— Eu ainda estou *aqui*.

Ela riu sua nova risada gutural. Estava cinquenta dólares mais rica. Talvez sua sorte, que estivera ruim por meses, passasse a mudar. Talvez fosse um sinal. E quem sabe...? “Arte” de calendário era anônima. O sr. Shinn estava esperando conseguir um teste na Metro-Goldwyn-Mayer. *Ele* não havia desistido dela.

Ela sorriu no pequeno espelho redondo na palma da mão.

— Baby, você foi incrível. Fan-tás-ti-ca.

Ela fechou o pó compacto com um estalo e o deixou cair na bolsa.

Ensaiaava como sairia do estúdio de Otto Öse com dignidade: Otto poderia estar arrumando as coisas, ou Otto poderia ter servido

um copo de rum, ou dois copos de rum, em seus repugnantes potes de vidro de geleia que faziam as vezes de copos, para celebrar as fotos, um ritual dele, apesar de saber que Norma Jeane não bebia, e com certeza não beberia àquela hora do dia. Então ele mesmo beberia o segundo copo sem pestanejar. Ela sorriria para ele e acenaria.

— Otto, obrigada! Tenho que ir! — E sairia antes que ele pudesse protestar. Pois ele já lhe dera os cinquenta dólares, seguros em sua carteira. Ela já havia assinado a autorização de imagem.

Mas Otto a chamou, em sua voz arrastada:

— Norma Jeane, ei, querida... Eu gostaria que você conhecesse um amigo meu. Um velho camarada das trincheiras. Cass.

Norma Jeane saiu de trás do biombo chinês surpresa de ver um estranho ao lado de Otto Öse! Um garoto com cabelo escuro grosso, olhos abrunhos. Ele era consideravelmente mais baixo que Otto e atarracado, magro, mas com o corpo definido, um dançarino, talvez, ou ginasta. Sorria com timidez para Norma Jeane. Era claro que ele estava atraído por ela! O garoto mais lindo que Norma Jeane já tinha visto fora dos filmes.

E aqueles olhos.

O amante

Porque nós já nos conhecíamos.

Porque ele havia me contemplado, aqueles olhos, olhos lindamente assombrosos e cheios de alma, de uma parede do apartamento antigo de Gladys.

Porque ele diria, ao me ver, *Eu conheço você também. Sem pai, como eu. E sua mãe abandonada e humilhada como a minha.*

Porque ele era um garoto e não um homem, apesar de ter exatamente minha idade.

Porque em mim ele via não a vagabunda, a vadia, a piada que era “Marilyn Monroe”, mas a jovem esperançosa que era Norma Jeane.

Porque ele, também, estava condenado.

Porque em sua condenação havia tanta poesia!

Porque ele me amaria como Otto Öse não amaria, ou não poderia amar.

Porque ele me amaria como outros homens não amariam, ou não poderiam amar.

Porque ele me amaria como um irmão. Como um gêmeo.

Porque ele me via com a alma.

O teste

Toda interpretação é uma agressão perante a aniquilação.

— *O manual prático para o ator e sua vida*

Como, enfim, aconteceu? Aconteceu assim.

Havia um diretor de cinema que devia um favor a I.E. Shinn. Ele tinha ouvido uma dica de Shinn em relação a uma potranca puro-sangue chamada Footloose correndo nas casas de aposta como a Casa Grande Stakes, e o diretor apostou na potranca para ganhar (as chances eram de onze para um) com dinheiro emprestado em segredo da esposa de um produtor rico, e o diretor saiu da corrida com 16.500 dólares, que ajudariam a pagar parte de suas dívidas, não todas, de forma alguma, porque o diretor era um jogador inveterado e assumia riscos, um gênio em sua arte, para uns diziam, um FDP irresponsável autoindulgente, para outros, um homem que não se definiria por padrões comuns de comportamento, propriedade, cortesia profissional, decência ou até senso comum: um “original de Hollywood” que detestava Hollywood mas precisava de Hollywood para o apoio financeiro que possibilitava seus filmes idiossincráticos e caros.

E o protagonista no próximo filme desse diretor devia um favor maior ainda a I.E. Shinn. Em 1947, logo depois do presidente Harry Truman assinar a histórica Ordem Executiva 9835, exigindo juramentos de lealdade e programas de segurança para todos os funcionários federais, e esses “juramentos de lealdade” vieram a ser pedidos de funcionários de empresas privadas e o ator era de uma seleção de dissidentes de Hollywood, participando de abaixo-

assinados e falando abertamente como alguém que acreditava em tais liberdades constitucionais, como liberdade de expressão e liberdade de reunião. Dentro de um ano, ele estava sob investigação como subversivo pelo assustador CAA (Comitê de Atividades Antiamericanas), que expunha comunistas e “simpatizantes comunistas” na indústria cinematográfica de Hollywood. Foi revelado que o ator havia se envolvido em negociações contratuais entre a União de Atores de Cinema e os maiores estúdios cinematográficos em 1945, pedindo a membros da União um programa de saúde e bem-estar, melhores condições de trabalho, aumento no salário mínimo e pagamentos de *royalties* para relançamentos de filmes; a União de Atores foi acusada de ter sido infiltrada por comunistas, ou simpatizantes, ou marionetes. Pior ainda, o ator havia sido secretamente denunciado pelo CAA por informantes anticomunistas voluntários como alguém que socializou por anos com membros conhecidos do Partido Comunista Americano, inclusive os roteiristas Dalton Trumbo e Ring Lardner Jr., proeminentes em listas de inimigos.

E, para escapar da intimação do comitê em Washington para um interrogatório hostil —, que só resultaria em publicidade negativa nacional para o ator e no boicote de seus filmes pela Legião Americana, pela Legião Católica da Decência e por outras organizações patrióticas (considere o destino do um dia adorado Charlie Chaplin, agora denunciado como “comunista” e “traidor”) — e de inevitavelmente ter seu nome em uma lista de inimigos (mesmo que os estúdios negassem publicamente a própria existência da lista de inimigos), o ator foi convidado a se encontrar em particular com diversos congressistas importantes, republicanos da Califórnia, na casa de Bel Air de um advogado da indústria do entretenimento de Hollywood que havia sido colocado em contato com o ator por I.E. Shinn, o pequeno e sagaz agente. Nesse

encontro privado (na verdade, um generoso jantar, regado a vinhos franceses), os diversos congressistas questionaram o ator informalmente, e o ator os impressionou com sua sinceridade masculina de fala mansa e ardor patriótico, pois afinal de contas era um veterano da Segunda Guerra Mundial, um soldado que havia lutado na Alemanha nos terríveis meses finais da guerra, e se ele tivesse sido atraído pelo comunismo ou socialismo russo ou o que quer que fosse, por favor, lembrem-se de que Stalin, agora um monstro, foi nosso aliado na época; Rússia e Estados Unidos ainda não eram inimigos ideológicos, um, estado ateu militante com inclinações para a dominação mundial, se não destruição, e o outro a esperança solitária da cristandade e democracia entre as nações perturbadas do mundo. Por favor, lembrem-se de que apenas alguns anos antes era compreensível que um rapaz apaixonado como o ator pudesse ser atraído por políticas radicais em resposta ao fascismo. A compaixão pela Rússia havia sido promovida pelos jornais e pelas revistas para a família como a *Life*!.

O ator explicou que nunca de fato fora membro do Partido Comunista, apesar de haver, sim, frequentado algumas reuniões, e não conseguia com precisão dar nomes, que era o objetivo do CAA. Os congressistas republicanos gostaram dele e acreditaram em sua versão e relataram para o CAA que ele deveria ser liberado, e nenhuma intimação foi feita no final das contas. E se valores circularam, foram em dinheiro vivo, discretamente passado do agente do ator para o advogado da indústria do entretenimento. Possivelmente os congressistas republicanos receberam parte deste pagamento também. O ator não sabia, ou parecia não saber, nada da transação, exceto, é claro, que ele havia sido liberado e seu nome seria extirpado da lista mestre da CAA. E o papel de I.E. Shinn nas negociações, como em negociações similares em Hollywood nestes

anos de “listas negras” e “liberações” não reconhecidas, permaneceria um mistério, com o próprio homem.

— Por que não pela própria bondade de meu coração deformado de anão?

Então dois homens fundamentais para o filme seguinte da Metro-Goldwyn-Mayer tinham dívidas secretas com I.E. Shinn. E um poderia saber do débito do outro. E o agentezinho astuto com a risada explosiva e os olhos calmos e calculistas e o cravo vermelho perpétuo na lapela esperou seu momento como qualquer apostador, sabendo exatamente quando ligar para o diretor, no dia anterior ao teste para o único papel que era uma possibilidade para sua cliente “Marilyn Monroe”. Shinn entendia que o diretor, um rebelde em Hollywood, poderia ficar perversamente impressionado com o fato de que a garota havia sido dispensada pelo Estúdio. Então Shinn ligou e se identificou e o diretor observou com uma ironia de boa natureza:

— Isto tem a ver com alguma mulher, não é?

E Shinn respondeu com sua costumeira dignidade abrasiva:

— Não. Com uma atriz. Um talento muito especial que seria ideal para o papel da “sobrinha” de Louis Calhern.

O diretor resmungou com uma dor de cabeça de ressaca, dizendo:

— Todas as garotas que estamos comendo são especiais.

Shinn respondeu com irritação:

— Esta garota é de fato notável. Ela poderia ser uma grande estrela se recebesse o papel certo, e eu creio que “Angela” é esse papel. Você vai concordar quando a vir.

A que o diretor respondeu:

— Como Hayworth? Uma caipira linda que não consegue atuar merda alguma. Uma garota com peitos que balançam e um

beicinho triste e que fez eletrólise para melhorar a testa, e ela é uma ruiva tingida ou loira platinada e vai ser uma estrela.

— Ela vai ser. Estou dando essa chance para você, a chance da descoberta.

E o diretor disse, suspirando:

— Certo, Is-aic. Mande a garota. Confira os horários com minha assistente.

Ele não contou a Shinn que já tinha escolhido uma garota para o papel. Não estava confirmado, ele não havia falado com o agente dela, mas havia uma dívida ali também, uma conexão sexual, e de qualquer forma, a garota era linda com cabelo tingido de preto e traços exóticos, como pedia o roteiro. O diretor poderia dizer a Shinn, se Shinn precisasse ouvir, que a cliente dele simplesmente não era o tipo. E ele pagaria de volta o favor que devia a Shinn em outro momento.

A história continua, e no dia seguinte, às quatro da tarde, Shinn aparece com sua garota — “Marilyn Monroe”. Uma loira platinada linda com um corpo primoroso envolvida em uma viscosa branca brilhante e muito assustada, o diretor vê que a pobre garota mal conseguia falar exceto em sussurros. O diretor dá uma olhada em “Marilyn Monroe” e sua reação instintiva é achar que a garota não sabe interpretar, não sabe nem foder, mas a boca poderia ser útil, e daria para usá-la para decoração como na proa elegante de um iate ou o ornamento prateado no capô de um Rolls-Royce. Tez pálida brilhante como de uma boneca cara e olhos azul-cobalto transbordando de pânico. E as mãos tremendo, segurando o roteiro pesado. E a voz tão ofegante que o diretor mal conseguia ouvi-la falar com ele, como uma colegial nervosa, para lhe dizer que leu o roteiro, o roteiro inteiro, é uma estranha história perturbadora, como um romance de Dostoiévski em que se sente empatia por criminosos e não quer que sejam punidos. A garota diz “Dos-to-ié-vski” com a mesma ênfase em cada sílaba. O diretor diz, rindo:

— Ah, você leu “Dos-to-ié-vski”, foi, querida? — E a garota fica vermelha, sabendo que está sendo zombada. E Shinn fica parado ali, carrancudo, o rosto vermelho, cuspe se amontoando nos lábios grossos.

Eu não achei que fosse uma caipira. Ela era muito bonita. Uma garota protegida, saída de Pasadena, classe média alta, educação ruim, mas alguém lhe disse que ela sabia interpretar. Colegial católica, quase. Que piada! Shinn estava apaixonado por ela, pobre infeliz. Não sei por que achei isso engraçado, mas achei. A impressão era de que ela se agigantava sobre ele, mas na verdade ele não era muito mais baixo. Mais tarde eu descobriria que ela estava de caso com Charles Chaplin Jr.! Mas na hora, naquele dia, parecia que Shinn e ela eram um casal. Hollywood típico. A bela e a fera, que é sempre engraçado para quem não é a fera.

Então o diretor instrui a loira “Marilyn Monroe” que comece o teste. Há seis ou oito pessoas na sala de ensaio, todos homens. Cadeira dobráveis, persianas fechadas contra o sol forte. O piso sem tapete estava coberto com guimbas de cigarro e lixo, e a garota surpreende a todos ao se deitar com calma no chão em seu brilhante vestido de viscose branca (bem passado com uma saia estreita, um cinto de tecido e um decote canoa revelando o suficiente para que se enxergasse apenas a parte de cima de seu colo cor de creme), antes que o diretor decifre o que ela está fazendo ou que qualquer um consiga impedi-la. No piso, deitada de costas, braços estendidos, a garota explica francamente ao diretor que a primeira cena da personagem começa com ela dormindo em um sofá, então ela tem que se deitar no chão, é assim que ela tem ensaiado. *A primeira vez que se vê Angela, ela está dormindo. Isso é crucial.* Ela é vista pelos olhos do homem mais velho, que é o “tio”, um homem casado, um advogado. Não se vê Angela senão pelos

olhos dele, e mais tarde se vê Angela pelos olhos do policial. Apenas através de olhos masculinos.

O diretor encara estupefato a loira platinada deitada no chão ao seus pés. *Explicando a personagem para mim! Para mim, o diretor!* Ela havia ficado tão desinibida quanto uma criancinha voluntariosa. Uma criança agressiva. Ele se esquece de acender o charuto cubano que abrija e colocara entre os dentes. Há silêncio absoluto na sala de ensaios enquanto “Marilyn Monroe” começa a cena ao fechar os olhos, deitada imóvel simulando sono, a respiração profunda e lenta e rítmica (a caixa torácica e os peitos subindo e descendo, subindo e descendo), os braços macios e as pernas de meia-calça estendidas no abandono do sono profundo como hipnose. Quais são os pensamentos dos homens, contemplando o corpo de uma linda mulher adormecida? Olhos fechados, lábios apenas levemente abertos. A abertura da cena não dura mais do que alguns segundos, que parecem ser muito mais. E o diretor está pensando, *Esta garota é a única atriz de todas as vinte ou mais que se candidataram para o papel (inclusive a de cabelo preto que ele provavelmente vai selecionar) que captou o significado da abertura da cena, a primeira que parece ter dado o mínimo de pensamento inteligente ao papel, e que de fato leu o roteiro inteiro (pelo menos é o que ela diz) e formou algum tipo de opinião a respeito.* A garota abre os olhos, senta-se devagar e piscando, olhos arregalados, e diz em um sussurro:

— Ah, eu... devo ter pegado no sono. — Ela está atuando, ou será que realmente pegou no sono? Todos estão desconfortáveis. Tem algo de estranho ali. A garota aparentemente ingênua (ou sagaz) se dirige ao diretor e não ao assistente que está lendo as falas de Louis Calhern, e dessa forma ela faz do diretor, ainda com o charuto cubano não aceso preso entre os dedos, o amante “tio”.

Foi franco e íntimo como se ela tivesse colocado os dedos nas minhas bolas. Eu saí pensando que algo ruim de fato havia

acontecido. Não era atuação. Ela não conseguia interpretar. Aquilo era real. Ou será que era?

Onze anos depois, o diretor trabalharia com “Marilyn Monroe” no último filme de sua carreira e se lembraria desse teste e desse momento. *Estava tudo ali, desde o começo. Sua genialidade, podemos assim chamar. Sua loucura.*

Ao fim da cena o diretor recuperou um pouco de sua compostura e conseguiu acender o charuto. Na verdade, não está pensando que a jovem cliente de Shinn é um gênio. Ele a assiste com a expressão impassível de quem está sempre sendo vigiado, seus pensamentos sempre alvo de interesse. Mas ele não sabe o que pensa agora. Não consultará seus assistentes; não é um homem de ouvir conselhos de subalternos. Então ele diz a garota:

— Obrigado, srta. Monroe. Muito bom.

O teste acabou? O diretor suga o charuto, folheando o roteiro no seu colo. É um momento tenso. Será que é mais cruel pedir que ela leia outra cena, ou ele deveria terminar o teste agora e explicar a Shinn (que estivera olhando das arquibancadas, rosto de gárgula trágica e olhos límpidos com amor) que “Marilyn Monroe” é certamente um arrebatador talento incomum, muito linda, é claro, mas não exatamente o que ele procura; afinal, o papel pede uma garota exótica de cabelo escuro, não uma loira de classe... Ele deveria? Ele poderia...? Desapontar Shinn que lhe fez um grande gesto possibilitando que Sterling Hayden escapasse da lista de inimigos? Exatamente que conexão Shinn tem com o CAA e as estratégias com as quais indivíduos podiam ser “liberados” de subversão sem testemunhar em Washington e arriscar a carreira? Ninguém desejaria contrariar I.E. Shinn, o diretor sabe. Ele está pensando nisso, ruminando, acostumado ao silêncio respeitoso, quando de súbito a garota diz naquela voz de bebê ofegante:

— Ah, eu consigo fazer melhor do que isso, deixe-me tentar de novo. *Por favor.*

Ele se surpreende tanto com a audácia que o charuto quase cai da boca.

Se eu a deixei tentar de novo? É claro. Ela era fascinante de ver. Como um paciente psiquiátrico, talvez. Nenhuma atuação. Nenhuma técnica. Ela se colocava para dormir e do sono saía esta outra personalidade, que era ela, mas também não-era ela.

As pessoas gostam disso, dá para ver por que se atraem à interpretação. Porque a atriz, em seu papel, sempre sabe quem ela é. Todas as perdas estão restauradas.

Então, depois do teste, no decorrer da história, o diretor informa a I.E. Shinn que ligará para ele em breve. Ele aperta a mão do agente, que tem um aperto firme, mas está fria como se o sangue tivesse sido drenado dos dedos. Ele evitaria apertar a mão da garota, sem querer contato com ela, mas ela estende a mão, e ele descobre que é macia, úmida, quente e mais firme do que se imaginaria. *Uma alma de ferro. Ela vai matar para conseguir o que quer. Mas o que ela quer?* Ele a agradece de novo pelo teste e garante que terão notícias em breve.

Que alívio quando Shinn e “Marilyn” partem! O diretor traga o charuto com vigor. Ele está sem beber nada desde os quatro martinis no almoço e está com sede e se sentindo estranhamente ressentido por não saber o que sente. Seus assistentes esperam ele falar algo. Ou emitir um som, fazer uma piada. Um gesto. Ele é conhecido por cuspir no chão com um nojo jocoso. Ele é conhecido por explodir em um catálogo de obscenidades cômicas. Ele mesmo é um ator, gosta de atenção. Mas não atenção perturbadora.

O diretor assistente pigarreia e se aproxima. O que o diretor acha? Teste bastante ruim, não? Loira sensual. Garota bem bonita. Como Lana Turner, mas intensa demais. Fora de controle, talvez. Não ideal para Angela. Ou é? Sem técnica, não sabe interpretar. Ou talvez Angela seja quem está tão confusa que não sabe “atuar”?

Nada do diretor falar. Parado na beirada da janela, empurrando a veneziana para o lado. Sugando o charuto. O diretor assistente para ao lado do chefe, apesar de não exatamente perto. O diretor deve ter decidido dispensar a moça de Shinn. Tentando pensar em como não desapontar demais Shinn. Tentando pensar em como ele poderia garantir ao agente que no próximo filme encontraria um papel para a linda “Marilyn”. Mas neste filme, não vai funcionar... vai? O diretor cutuca o assistente enquanto, um piso abaixo, Shinn e a loira deixam o edifício e caminham para a calçada. O diretor diz, exalando fumaça em dor:

— Deus do céu. Olhe ali o rabo daquela garotinha.

Dessa forma, o futuro de Norma Jeane foi selado.

O nascimento

Ela nasceria no Ano-Novo de 1950.

Em uma estação de explosões radioativas clandestinas. Quentes ventos ferozes assolando as planícies de sal de Nevada. Os desertos do oeste de Utah. Pássaros atingidos em voo despencando para a terra como desenhos animados. Um antílope morrendo, pumas morrendo, coiotes. Terror refletido nos olhos das lebres. Em ranchos de Utah com fronteira com áreas de teste restritas pelo governo, do grande deserto de Salt Lake, gado morrendo, cavalos, ovelhas. Era uma época de “testes nucleares defensivos”. Era uma época de drama sempre vigilante. Apesar de a guerra ter acabado em agosto de 1945, e agora ser 1950 e uma nova década.

Era uma época, também, de discos voadores: “objetos voadores não identificados” vistos predominantemente no oeste do céu norte-americano. Embora objetos achatados e ágeis também fossem avistados no noroeste. Uma miríade de luzes intermitentes, aparições e desaparecimentos quase instantâneos. A qualquer hora, dia ou noite, apesar de mais provavelmente à noite, daria para ver um. Os clarões instantâneos deixariam qualquer um cego, ventos ferozes e quentes de sucção que tiravam o fôlego. Um ar de perigo, ainda que de significado profundo. Como se o próprio céu se abrisse e o que havia atrás, escondido até então, fosse ser revelado.

Do lado extremo do mundo, tão longe quanto a lua, os soviéticos misteriosos detonavam seus equipamentos nucleares. Eram demônios comunistas, determinados a destruir cristãos. Nenhuma trégua era possível com eles, tal qual qualquer demônio. Era apenas uma questão de tempo — meses? Semanas? Dias? — até que atacassem.

Esses são dias de vingança, o amante de Norma Jeane entonava em sua voz aveludada de tenor. *Ainda assim: minha é a vingança, eu retribuirei, diz o Senhor.*

Ele insistia que Norma Jeane meditasse com ele a respeito das fotos. Eles dois eram almas gêmeas, irmão e irmã, bem como amantes. Eles eram gêmeos, nascidos no mesmo ano, 1926, e sob o mesmo signo, Gêmeos. De Otto Öse ele havia adquirido essas reproduções granuladas de fotografias secretas da Força Aérea de Hiroshima e Nagasaki depois do lançamento das bombas atômicas em 6 e 9 de agosto de 1945. Eram fotos suprimidas que não seriam liberadas para a imprensa até 1952, e como Otto Öse as obtivera, Cass não tinha certeza. *A derradeira pornografia*, Otto Öse referia-se a esses documentos.

A devastação de cidades. Cascas de edifícios queimados, veículos. Um deserto nebuloso de destroços dentro do qual seres humanos ainda conseguiam permanecer eretos. Havia fotos de perto em cores estranhamente ricas, líridas, de certas figuras e seus inexpressivos rostos acometidos e dos ponteiros congelados de um relógio marcando 8h16 de um dia distante e de silhuetas de sombra humanas marcadas em paredes. Em silêncio, Cass Chaplin disse:

— Nenhum de nós sabia na época. O nascimento de nossa nova civilização. Isto, e os campos de concentração. — Cass estava bebendo, jogado nu em sua cama, que era na verdade a cama de um estranho, pois em seus meses de amor Norma Jeane e ele permaneceriam predominantemente entre os pertences de estranhos, e ele estava passando as pontas sensíveis de seus dedos sobre as fotos (que eram apenas reproduções), como um cego lendo braile. Sua voz tremia com mágoa e satisfação. Seus belos olhos castanho-escuros brilhavam de emoção. — De agora em diante, Norma Jeane, fantasias de cinema não serão poderosas o suficiente. Ou as igrejas. Deus. — Norma Jeane, distraída pelas fotos feias, não

discordava. Raramente ela discordava em voz alta de seu amante, que era mágico para ela, um gêmeo seu muito mais pro fundo e mais merecedor do que ela mesma jamais poderia ser. O filho de Charlie Chaplin! E a alma de Chaplin espiando de seus olhos brilhantes como se por olhos brilhantes do herói de outra época, de *Luzes da cidade*. Mas ela estava pensando: *Não. As pessoas vão precisar de lugares para se esconder agora. Mais do que nunca.*

Angela 1950

Quem é a loira? quem é a loira? a loira?

As vozes eram masculinas. A maior parte da audiência na exibição era de homens.

Aquela loira, a “sobrinha” de Calhern... quem é ela?

Aquela loira bonita, a que está de branco... qual o nome?

A loira sensual... quem seria ela?

Não vozes jocosas murmurando em uma fantasia falsa, mas vozes verdadeiras. Pois o nome “Marilyn Monroe” não estava listado nos créditos do elenco no material promocional da MGM distribuídos na exibição. Suas duas cenas breves no longa não pareceram importantes o suficiente para justificar. Tampouco Norma Jeane esperava isso. Ela estava grata só por ser listada (como “Marilyn Monroe”) entre os créditos no fim do filme.

Não era o nome real de uma pessoa real. Mas era um papel que eu faria, e eu esperava interpretá-lo com orgulho.

Mas depois da primeira exibição pública de *O segredo das joias*, a pergunta que se repetia era *Quem é a loira?*

I.E. Shinn estava ali para lhes informar:

— Quem é a loira? Minha cliente “Marilyn Monroe”.

Norma Jeane tremia de medo. Escondida no lavabo. Em um cubículo de banheiro trancado, depois de diversos minutos ansiosos, ela havia conseguido, com dificuldade, urinar meia xícara de líquido escaldante. E as pernas em meias-calças diáfnas de náilon e cinta-liga de cetim branco apertando e quase cortando sua barriga. E seu elegante vestido em seda e chiffon branco com alcinhas e corpete decotado e saia que se moldava ao corpo agora

amontoada sem jeito em seus quadris, rumando ao piso. Um medo antigo de infância de manchar as roupas, manchas de xixi, manchas de sangue, de suor, a tomava. Ela estava transpirando e tremendo. Na sala de exibição, teve que soltar seus dedos gelados dos fortes dedos de aço de I E. Shinn (o pequeno agente a segurava com força, sabendo que ela estava nervosa como uma potranca assustada prestes a sair correndo) e escapulir depois de sua segunda cena, em que ela havia chorado como “Angela”, escondido seu belo rosto, traído seu amante “tio Leon”, e dado início a uma sequência de eventos que resultaria no suicídio do homem mais velho em uma cena subsequente.

E eu de fato senti culpa e vergonha. Como se de fato houvesse sido Angela me vingando do próprio homem que me amava.

Onde estava Cass? Por que ele não viera? Norma Jeane estava caidinha de amor por ele, tinha necessidade dele. Ele não havia prometido vir e se sentar ao lado dela e segurar sua mão, sabendo o quanto ela estava apavorada com esta noite, e ainda assim ele não viera; e não era a primeira vez que Cass Chaplin prometia a Norma Jeane o presente de sua presença elusiva em um lugar público, onde olhos se voltariam para ele e o reconheceriam, empolgados — *Será que é ele?* Para então constatarem, decepcionados *Não, é claro que não, deve ser seu filho*, e então com interesse frenético e lascivo *Então este é o filho de Chaplin! E da pequena Lita!* —, e então Cass não vinha. Ele não se desculparia depois ou sequer se explicaria, e Norma Jeane se depararia com ela mesma pedindo desculpas a ele por sua própria mágoa e ansiedade. Ele lhe havia dito que ser o filho de Charlie Chaplin era uma maldição que idiotas achavam que deveria ser uma bênção — “Como se fosse um contos de fada, e eu fosse o filho do rei”. Ele lhe havia contado que o muito amado Carlitos era um egoísta perverso que detestava crianças, em especial as suas próprias; ele não havia permitido que sua esposa adolescente

batizasse o filho deles por um ano inteiro depois de seu nascimento, devido a um pavor supersticioso de compartilhar seu nome com qualquer um, até com seu filho de sangue! Ele havia dito a Norma Jeane que Chaplin se divorciou da pequena Lita depois de dois anos, além de renegar e deserdar o filho, Charles Chaplin Jr., porque ele queria apenas a adulação de estranhos, não o amor íntimo de uma família.

— Assim que eu nasci, eu era póstumo. Porque se seu pai deseja que você não exista, você não tem o direito legítimo de existir.

Norma Jeane não poderia protestar contra essa afirmação. Ela sabia: sim, era assim.

Apesar de pensar ao mesmo tempo com lógica infantil *Ainda assim ele gostaria de mim, creio. Se nós nos conhecêssemos.* Pois Vovó Della havia admirado Carlitos, e Gladys também. E Norma Jeane havia crescido com esses olhos nela de qualquer que fosse a parede esburacada da “residência” esquecida de sua mãe maluca. *Seus olhos. Minha alma gêmea. Não importando nossa idade.*

Norma Jeane se atrapalhou para ajeitar as roupas e deixou a segurança do cubículo, grata pelo recinto ainda estar vazio. Como uma criança culpada ela contemplou seu rosto corado no espelho, não de frente, mas de perfil, com pavor de ver o desejoso rosto comum de Norma Jeane dentro do belo rosto maquiado de “Marilyn Monroe”. Dentro dos olhos cuidadosamente pintados de “Marilyn Monroe”, os olhos famintos de Norma Jeane. Ela parecia não lembrar que a própria Norma Jeane havia sido surpreendentemente bonita; apesar do cabelo loiro-escuro, atraía o olhar de garotos e homens na rua, e foi sua foto na *Stars & Stripes* que mobilizou tudo isso. Essa loira arrebatadora “Marilyn Monroe” era o papel que ela teria que interpretar, ao menos nessa noite, ao menos em público, e ela havia se preparado com minúcia para ele, e I.E. Shinn havia se preparado com minúcia, e ela não pretendia

desapontá-lo. “Eu devo tudo a ele. Sr. Shinn. Que bom homem, gentil, generoso ele é.” Ela havia falado dessa forma para seu amante, Cass, que dera risada e dissera com reprovação: “Norma, I.E. Shinn é um *agente. Um mercador de carne.* Basta perder a beleza, perder juventude e apelo sexual, que Shinn *vai dar o fora*”.

Ferida, Norma Jeane teve o impulso de perguntar *E você, Cass? O que dizer de você?*

Havia uma cisma misteriosa entre Cass Chaplin e I.E. Shinn. Possivelmente Cass um dia fora cliente do sr. Shinn. (Cass era um cantor-dançarino-coreógrafo com experiência de ator; ele tivera numerosos papéis pequenos em filmes de Hollywood, inclusive *Can't Stop Lovin' You* e *Noivas de Tio Sam*, apesar de Norma Jeane não conseguir se lembrar dele nesses filmes, os quais ela tinha visto de mãos dadas com Bucky Glazer uma vida toda antes.) Haveria um jantar particular em um restaurante em Bel Air depois da exibição, e Norma Jeane havia convidado Cass para o jantar também, mas I.E. Shinn interveio, dizendo que não era uma boa ideia.

— Por que não? — perguntou Norma Jeane.

— Porque seu amigo tem uma reputação pela cidade — disse Shinn.

— Reputação de quê? — perguntou Norma Jeane, apesar de desconfiar de quê. — Ser “de esquerda”? Um “subversivo”?

— Não só isso, embora isso já seja bem arriscado neste momento. Você viu o que houve com o Chaplin pai... Ele foi perseguido e precisou fugir do país, não pelas crenças, mas pela *atitude*. Ele é arrogante, e um tolo. E Chaplin Jr. é um bêbado. É um fracassado. Um mau agouro. Ele é filho de Chaplin, mas não herdou seu talento.

— Sr. Shinn! — protestou Norma Jeane. — O senhor sabe que isso é uma injustiça. Charlie Chaplin era um grande gênio. Nem

todo ator precisa ser um gênio.

O homenzinho com ares de gnomo não estava acostumado a ouvir discordância das clientes mulheres, muito menos de Norma Jeane, que era tão tímida e maleável. Cass Chaplin devia estar corrompendo a moça! A testa grande e protuberante de Shinn se enrugou de preocupação, seus olhos arregalaram e a fuzilaram.

— Ele deve dinheiro para Deus e o mundo. Ele assina um papel e não aparece. Ou aparece bêbado. Ou drogado. Ele pega carros emprestados e bate todos, e é um sanguessuga de mulheres... Que deveriam ser inteligentes o suficiente para evitá-lo... E homens. Não quero que você seja vista em público com ele, Norma Jeane.

Ao que ela rebateu, berrando:

— Então eu mesma não irei ao jantar!

— Ah, sim, vai sim. O estúdio espera “Marilyn”, e “Marilyn” vai estar lá.

Shinn falava alto. Ele agarrou seu pulso, e ela se calou de imediato.

É claro que I.E. Shinn estava certo. Ela havia assinado um contrato com a MGM. Não apenas para o papel de “Angela”, mas para os requerimentos de publicidade também. “Marilyn” estaria lá.

Em um deslumbrante vestido branco de seda e chiffon de 57 dólares, comprado para Norma Jeane pelo sr. Shinn na Bullock’s de Beverly Hills, um vestido sexy decotado e chique e uma saia comprida e longa que valorizava sua silhueta. Cinquenta e sete dólares por um vestido! Norma Jeane teve um súbito impulso feminino de telefonar para Elsie Pirig. O vestido era tão glamoroso quanto o figurino de Angela no filme, o que talvez fosse o objetivo. “Ah, sr. Shinn! Este é o vestido mais lindo que já usei.” Norma Jeane dava piruetas em frente a três espelhos em ângulos diferentes no salão mais moderno da loja, enquanto seu agente olhava, fumando um charuto. “Você fica bem de branco, querida.” Shinn estava satisfeito com Norma Jeane no vestido e satisfeito com a atenção

que sua cliente atraía na loja. Matronas de Beverly Hills, ricas e bonitas e luxuosas, as esposas de executivos de estúdio, espiavam na direção deles se perguntando quem era a glamourosa jovem vedete com o formidável I.E. Shinn. “Sim. Branco cai *muito* bem em você.”

Norma Jeane estava fazendo aulas de canto de novo, aulas de interpretação, aulas de dança, agora na MGM, e seu comportamento em público era muito mais seguro, por mais nervosa que ela ficasse. Ela quase conseguia ouvir o piano ao longe, além dos murmúrios de conversa, música melódica para dançar; se fosse um filme, um musical, I.E. Shinn em seu blazer esportivo trespassado com o cravo vermelho na lapela e os sapatos reluzentes de ponta fina seria Fred Astaire, levantando-se com um pulo para pegar Norma Jeane nos braços e dançar, dançar, dançar enlouquecidamente com ela diante de uma audiência surpresa de vendedoras e clientes.

Depois do vestido, Shinn insistiu em comprar dois conjuntos de trinta dólares para Norma Jeane, também na Bullock’s. Ambos eram charmosos, com saias lápis justas e blazers acinturados. E ele havia lhe comprado vários pares de sapatos de salto alto de couro. Norma Jeane protestou, mas Shinn a interrompeu, dizendo:

— Olha. Isto é um investimento em “Marilyn Monroe”. Que, quando lançarem *O segredo das joias*, vai ser de quem todo mundo vai falar. Eu tenho fé em “Marilyn” mesmo que você não tenha.

Será que sr. Shinn estava brincando ou falando sério? Ele franziu sua cara de Rumpelstiltskin e piscou para ela. Norma Jeane disse com fraqueza:

— Eu tenho fé, sim. É só que...

— Só que... o quê?

— Como Otto Öse me disse, eu sou fotogênica. Creio eu. Isso quer dizer que é só um truque, não é? Da lente da câmera ou nervo ótico? Eu não sou realmente o que pareço. Quer dizer...

Shinn riu pelo nariz, enojado.

— Otto Öse. Aquele niilista. Aquele pornógrafo. Espero por Cristo que você tenha deixado Otto Öse para trás.

— Ah, sim! Sim, deixei — rebateu Norma Jeane.

Era verdade: desde a humilhação da sessão de fotos nuas por cinquenta dólares, ela não via Otto Öse; quando ele ligava e deixava mensagens na casa onde ela estava ficando, ela as rasgava em pedacinhos e nunca retornava as ligações. Ela não tinha visto as fotos do “*Miss Golden Dreams*” e parecia não se lembrar de que havia posado para um calendário. (Ela não havia contado a I.E. Shinn, é claro. Ela não havia contado a ninguém.) Desde que havia entrado no elenco de *O segredo das joias* ela concentrou-se exclusivamente em atuação e não tinha interesse em modelar de forma alguma, por mais que pudesse achar serventia para o dinheiro.

— Öse e Chaplin Jr. Fique longe de homens desse tipo — falava Shinn, com veemência. Em momentos assim, mexendo seus lábios carnudos, ele parecia muito velho, até ancião; toda a sua jocosidade sumia.

— “Deste tipo”... — O que isso queria dizer? Norma Jeane estremeceu de ouvir seu amante casualmente dispensado, misteriosamente ligado ao cruel fotógrafo com cara de falcão, tão sem a ternura e pureza de coração de Cass. — Mas eu a-amo Cass — sussurrou Norma Jeane. — Eu espero que ele se case comigo, algum dia em breve.

Shinn ou não ouviu ou não prestou atenção; estava a ponto de levantar, sacando com floreios a carteira de pele de crocodilo, duas vezes o tamanho da de um homem comum, e dando instruções a uma vendedora. Norma Jeane agora se agigantava sobre ele em seus novos sapatos castanho-avermelhados de salto alto e tinha de resistir ao impulso de dobrar as costas para não ficar tão alta. *Porte-se como uma princesa*, uma voz sábia a advertia. *E logo você será.*

O banho de loja aconteceu dois dias antes da estreia. Shinn levou Norma Jeane para casa no pensionato estilo bangalô em Buena Vista e a ajudou a levar seus inúmeros pacotes para dentro. (Por sorte, Cass não estava ali, seminu, jogado na cama de Norma Jeane ou se bronzeando em um trecho de sol de inverno que entrasse na pequena sacada nos fundos. O apartamento pequeno cheirava a ele, um cheiro seboso de riqueza, um cheiro de calor humano e axilas e cabelo preto lustroso, grosso, sempre levemente úmido, e se as narinas peludas do I.E. Shinn detectaram este odor, o agente teve excesso de tato, ou de orgulho, para deixar passar.) Norma Jeane imaginou que poderia oferecer uma bebida para o sr. Shinn e não o mandar embora de imediato, mas não havia nada na cozinha exceto uma ou duas garrafas de Cass (Cass preferia uísque, gim, conhaque), e Norma Jeane estava relutante em tocar nestas garrafas. Então não ofereceu bebida para Shinn, nem sequer o convidou a se sentar enquanto passava café. Não, não! Ela queria que o homenzinho feio fosse embora para experimentar as roupas novas diante do espelho, ensaiando a chegada de Cass. *Olhe. Olhe para mim. Eu sou linda para você?*

Norma Jeane agradeceu I.E. Shinn e o levou até a porta. Vendo nos olhos desejosos do homenzinho que algo mais era necessário, na voz grave e ofegante de Marilyn, ela disse:

— Obrigada, Papai.

Abaixando-se para beijar I.E. Shinn, leve como uma pluma, em seus lábios surpresos.

No lavabo, Norma Jeane discou o número de telefone de Cass. Era um número novo, pois ele estava ficando por diversas semanas em uma nova residência emprestada, na estrada em Montezuma Drive em Hollywood Hills.

— Cass, por favor, atenda. Querido, você sabe o quanto preciso de você. Não faça isso comigo. *Por favor.* — A exibição tinha terminado; o destino de Norma Jeane estava selado; do saguão do cinema vinha um ruído crescente de vozes; não era possível para Norma Jeane ouvir a dúvida repetida *Quem é a loira? quem é a loira? a loira?* ou até imaginar tal fenômeno. E I.E. se gabando com orgulho *A loira é minha cliente, ela é: srta. Marilyn Monroe.*

Ela nunca haveria imaginado que, depois dessa exibição histórica, de imediato o estúdio daria crédito a “Marilyn Monroe” no elenco principal de *O segredo das joias*: Sterling Hayden, Louis Calhern, Jean Hagen e Sam Jaffe em um filme dirigido por John Huston.

Sussurrando no receptor:

— Cass, querido. *Por favor.*

Do outro lado da linha um telefone tocava, tocava.

Amor à primeira vista.

Fraca de amor. Condenada!

O amor entra pelos olhos.

Norma, ele a chamava. Foi o único de seus amantes a chamá-la de *Norma*.

Não “Norma Jeane”. Não “Marilyn”.

(Norma Shearer havia sido um ídolo dele quando garoto. Norma Shearer em *Maria Antonieta*. A linda rainha em toda a sua *finesse*, o cabelo volumoso cheio de joias e camadas de tecido opulento tão duras que ela mal conseguia se mover, condenada a uma morte cruel, bárbara e injusta: à guilhotina!)

Cass, ela o chamava. *Cass, meu irmão, meu baby*. Eram gentis um com o outro como crianças que se machucaram brincando em uma brincadeira bruta. Os beijos eram lentos, em busca de algo. Faziam amor em silêncio por longas horas sonhadoras, sem saber

onde estavam, na cama de quem estavam, quando haviam começado, e quando terminariam, ou onde. Colando suas bochechas quentes, um desesperado em apaziguar o outro, ver através de um único par de olhos. *Eu amo muito você! Ah, Cass.* Segurando o lindo garoto de cabelo despenteado nos braços como um prêmio desejado por outros braços ambiciosos. Ela, que nunca se apaixonara perdidamente, via-se perdidamente apaixonada naquele momento.

Jurando Vou amar você até a morte. E além.

E Cass ria dela e dizia *Norma. Até a morte está bom. Um mundo de cada vez.*

Ela não contaria a ele a respeito daquele tempo passado, seus olhos, os lindos olhos fixados nos dela, saídos do pôster de *Luzes da cidade*. Quanto tempo antes ela se apaixonara por esses olhos. Ou será que eram os olhos escuros reflexivos ainda que brincalhões do homem no retrato emoldurado na parede do quarto de Gladys? *Eu amo você. Protegerei você. Nunca duvide de mim: voltarei para vocês um dia.* Um dos grandes choques de sua vida, que como Otto Öse previra não seria longa, mas uma vida emaranhada e sonhadora e enigmática de peças de quebra-cabeça forçadas a se encaixarem — e nos filmes, em que uma trilha de acelerar o coração sinalizaria este momento! —, quando ela saiu de trás daquele roto biombo chinês no estúdio de Otto ciente de que estava degradada, rebaixada, humilhada — e por apenas cinquenta dólares! —, e lá estava Cass Chaplin sorrindo para ela. *Nós nos conhecemos, Norma. Nos conhecemos desde sempre. Tenha fé no tempo.*

Um colapso cinematográfico de tempo. Dias, semanas. Mais cedo ou mais tarde, meses. Eles nunca morariam juntos (a ideia de compartilhar um lar de fato deixava Cass ansioso e asmático, misturar roupas em um armário, por exemplo, coisas em banheiros,

em gavetas, acumular história juntos, não conseguia respirar! Não conseguia engolir! Não que ele fosse o filho do Grande Ditador, incapaz de manter um relacionamento maduro e responsável com uma mulher, não que ele fosse um hipócrita cruel hedonista vingativo como o Grande Homem, Cass não era, pois esse era de fato um sintoma físico; Norma Jeane conseguia ver de perto, apavorada, ansiosa para deixar claro ao seu amante *Não estou sufocando você! Não sou este tipo de mulher*), mas eles passavam todas as horas juntos (ou quase, dependendo dos horários misteriosos dos testes de Cass e novas chamadas e longas caminhadas meditativas na chuva assim como no sol na praia em Santa Mônica) quando Norma Jeane não estava no estúdio da MGM em Culver.

Foi meu primeiro filme de verdade. Mergulhei nele com força total. E aquela força vinha de Cass. De um homem me amando. Pois não havia apenas eu, apenas uma. Mas dois. Eu fui fortalecida por dois.

Desejava-se acreditar nisso. Havia todo o motivo para acreditar nisso. Poderia ter saído de um roteiro, as palavras tinham aquele som. Palavras ensaiadas. Palavras não espontâneas. Portanto, palavras em que se podia confiar. Como ler as inscrições quando se tem a chave. Quando se tem a sabedoria secreta. Como o quebra-cabeça uma vez terminado, cada peça no seu lugar, nenhuma perdida. E com que naturalidade elas se encaixavam num doce desfalecimento, um delírio de necessidade física dolorosa, como se muito tempo antes eles tivessem feito amor quando crianças. Como se não houvesse *masculinidade e feminilidade* entre eles. Nenhuma necessidade, por exemplo, do desjeito de camisinhas. Camisinhas humilhantes, feias e fedorentas. “Preservativos”, Bucky Glazer as havia chamado. De seu jeito franco e casual. E Frank Widdoes, ele não tinha dito “Eu usaria um preservativo. Não se preocupe”? Mas

Norma Jeane, encarando e sorrindo pelo para-brisas, não ouvira e não queria ouvir nada disso, pois não seria repetido.

Tamanha franqueza não era do feitio de Norma Jeane. Ela era adepta do romance. Pois seu amante era lindo como qualquer garota e lado a lado no espelho corava e seus olhos dilatavam pelo amor, eles riam e se beijavam e bagunçavam o cabelo um do outro, e não se saberia dizer quem era mais lindo e de quem era o corpo mais desejável. Cass Chaplin! Ela amava caminhar com ele e ver os olhos femininos nele. (E masculinos também! Ah, ela via.) Eles odiavam as roupas entre eles e caminhavam nus quando podiam. Era trazer à vida da Amiga Mágica do espelho de Norma Jeane. Seu amante mal tinha dois centímetros a mais que ela, e o torso macio e musculoso com uma pátina de finos pelos escuros cobrindo o peito reto pouco mais grossos do que os nas axilas de Norma Jeane, e ela amava acariciar torso, ombros, os braços musculosamente magros, coxas, pernas, e ela amava escovar seu cabelo denso, úmido, oleoso para trás da testa, e beijar beijar beijar sua testa, as pálpebras e a boca, sugando a língua dele, e o pênis dele se erguia rápido e ansioso e quente e trêmulo em sua mão como uma criatura viva. Esse não era um sonho cruel maldito de um talho sangrento entre as pernas; isso era o destino, não desespero. *Aqueles olhos!*

Apaixonar-se é achar que esteve sempre apaixonado.

Um colapso cinematográfico de tempo.

Clive Pearce! Chegou a manhã em que ela se deu conta.

No ensaio ela ficou estranha e recitou de um jeito artificial suas falas. Como era desastrada, trabalhando com o renomado ator mais velho Louis Calhern, que parecia nunca olhar para ela diretamente! Será que ele a desprezava, como uma jovem atriz sem experiência? Ou se divertia com ela? Se no teste Norma Jeane havia dito as falas de Angela com aparente espontaneidade, deitada no chão com inocência, agora em pé ela estava paralisada de medo pela

enormidade do risco à sua frente. *E se você fracassar. Você fracassará. Então você precisará morrer.* Se fosse demitida do filme ela seria obrigada a se destruir, ainda que estivesse profundamente apaixonada por Cass Chaplin e esperasse um dia ter um filho dele.

— Como eu posso deixá-lo?

E havia a obrigação com Gladys no hospital em Norwalk.

— Como eu posso deixá-la? Mãe não tem ninguém além de mim.

Suas cenas com Calhern eram exclusivamente em estúdio, ensaiadas e gravadas num estúdio de gravação sonorizado no terreno da MGM em Culver. No filme, Angela e seu “tio Leon” estavam sozinhos juntos, mas, na verdade, durante as gravações, estavam cercados de estranhos. Havia um conforto curioso em isolar essas pessoas da mente. Câmeras, assistentes. O grande diretor em pessoa. Como no orfanato ela ia no balanço, mais e mais alto, deixando o resto do mundo fechar de fora. No salão de jantar barulhento chegava à mesa sem ser vista sem ser ouvida. Esse era o segredo de sua força, que ninguém tiraria dela. Acreditava que Angela era ela própria, só que limitada. Com certeza ela, Norma Jeane, continha Angela. Ainda assim Angela era rasa demais para conter Norma Jeane. Era uma questão de maestria! Na história do filme, Angela é indefinida. Com perspicácia, Norma Jeane percebeu que a garota era a fantasia de seu tio Leon. (E a fantasia dos cineastas, que eram todos homens.) Na linda Angela loira vazia, inocência e vaidade são idênticos. Não há motivação verdadeira para sua personagem exceto egoísmo infantil. Ela não inicia cenas, nenhuma troca dramática. Ela meramente reage, não age. Recita suas fala como uma atriz amadora, arriscando e improvisando e pegando as dicas de “tio Leon”. Sozinha, ela não existe. Nenhuma mulher em *O segredo das joias* existe a não ser através dos homens. Angela é passiva como uma poça d’água em que os outros veem

seus reflexos, mas ela em si não “vê”. Não por acidente que na primeira vez em que Angela é vista, ela está deitada dormindo toda contorcida em um sofá, e nós a vemos pelo olhar do amante possessivo. *Ah! Eu devo ter pegado no sono.* Ainda que acordada, olhos arregalados em admiração perpétua, Angela é uma sonâmbula.

Em ensaios, Calhern ficava nervoso com Norma Jeane. Ele de fato a detestava! Seu personagem era “Alonzo Emmerich” e estava destinado a meter uma bala no próprio crânio. Angela era sua esperança de renovação de juventude e vida: uma esperança fútil. *Ele me culpa. Ele não pode me tocar. Há raiva, não amor em seu coração.*

Ela não conseguia achar a chave para decifrá-lo. A chave para as cenas entre eles. Ela sabia que, se fracassassem interpretando juntos, ela teria que ser substituída.

Ela ensaiava suas cenas com obsessão. Tinha poucas falas, e a maioria era resposta a “tio Leon” e, mais tarde, a policiais que a interrogam. Ensaiaava com Cass quando ele estava disponível, e quando ele estava de bom humor. Ele queria que ela fosse bem-sucedida, dizia. Sabia o quanto significava para ela. (“Sucesso” significava relativamente pouco para ele, filho do ator mais bem-sucedido do cinema de todos os tempos.) Ainda que ele logo perdesse a paciência com ela. Ele a balançava como uma boneca de pano para acordá-la do transe de Angela. Ele implicava com ela, tentando não deixar transparecer a raiva em sua voz:

— Norma, pelo amor de Deus. O diretor vai guiar você passo a passo em suas cenas, filmes são isso. Não é interpretação real, como no teatro; você não estará sozinha. Por que se esforçar tanto? Ficar se revirando de ponta-cabeça? Você está suando como um cavalo. Por que se importa tanto?

A pergunta pairou entre eles. *Por que se importa tanto? Tanto!*

Sabendo que era absurdo, o que ela não poderia explicar a seu amante: *Porque eu não quero morrer, tenho pavor de morrer. Não posso deixar você.* Porque um fracasso em sua carreira como atriz era fracassar na vida que ela havia escolhido para justificar seu nascimento equivocado. E mesmo em seu estado levemente desordenado ela conseguia entender a falta de lógica de uma fala assim.

Ela enxugou os olhos. Ela riu.

— *Eu não posso escolher o que importa para mim, como você.* Não tenho esse poder.

Ajude-me a ter este poder. Querido, me ensine.

A insônia de Norma Jeane piorou. Um rugido em sua mente em que murmúrios zombeteiros se erguiam, risos jocosos, indistintos, ainda que familiares. Será que esses eram seus juízes, ou espíritos dos já condenados esperando por ela? Ela tinha apenas Angela para usar contra eles. Tinha apenas seu trabalho, performance, sua “arte”. *Por que se importa tanto?* Ela ficava sem sono quando sozinha em seu apartamento minúsculo na cama de latão estilo Exército da Salvação ou quando Cass estava com ela, numa cama ou noutra. (Cass Chaplin esquivo! O garoto lindo tinha muitos amigos em Hollywood, Beverly Hills, em Hollywood Hills, Santa Mônica, Bel Air, Venice e Venice Beach, Pasadena, Malibu e em todos os cantos de Los Angeles, e esses amigos, a maioria deles desconhecidos a Norma Jeane, tinham apartamentos, bangalôs, casas, propriedades em que Cass era bem-vindo a qualquer momento, noite ou dia. Ele parecia não ter endereço permanente. Seus pertences, basicamente roupas, roupas estas que eram presentes caros, estavam espalhados por uma dúzia de residências e faziam rodízio com ele em uma bolsa de lona e em uma grande mala de couro desgastada com as iniciais douradas gravadas CC.)

Perambulando pelas primeiras horas do dia de pés descalços e tremendo. Se Cass não estava com ela, ela sentia falta dele dolorosamente, mas se ele estava com ela, dormindo, ela sentia inveja de seu sono, que ela não conseguia invadir e em que ele se esquivava dela. Em momentos assim ela se lembrava de sua amiga perdida, Harriet, e sua bebê, Irina, que fora a bebê de Norma Jeane também. Harriet disse a Norma Jeane que ela fora insone quando pequena por muito tempo também, então engravidou e passou a pegar no sono o tempo todo, e depois que seu bebê nasceu e seu marido desapareceu ela dormiu, dormiu o máximo que pôde, e era um sono tranquilo sem sonhos e um dia Norma Jeane conheceria esse sono se tivesse sorte. *Se eu engravidar. Se eu tiver um bebê. Mas agora não. Mas quando?* Ela não conseguia imaginar Angela grávida. Não conseguia imaginar Angela além do roteiro. Havia memorizado as falas de Angela ao ponto de as falas pararem de ter sentido, como palavras estrangeiras repetidas mecanicamente. Começou a se exaurir na primeira semana de gravações. Nunca ela imaginaria que interpretar era tão exaustivo fisicamente. Como levantar o próprio peso! Ela começava a chorar, a não ser que estivesse rindo. Enxugando os olhos com a palma das mãos.

E lá estava Cass, o lindo garoto nu, cabelo bagunçado, aproximando-se dela na pequena sacada, estendendo a palma da mão com duas cápsulas brancas.

— O que é isso? — perguntou Norma Jeane com cautela.

— Uma poção, querida Norma, para ajudar você a dormir. Para nos ajudar, os dois, a dormir — disse Cass, beijando a nuca úmida dela.

— Uma poção mágica? — perguntou Norma Jeane.

— Não existem poções mágicas. Mas existe esta poção.

Norma Jeane se afastou, em reprovação. Não era a primeira vez que Cass lhe oferecia sedativos. Barbitúricos, eram chamados. Ou

uísque, gim, rum. E ela quis muito ceder. Sabia que agradaria seu amante, que raramente dormia sem beber ou tomar comprimidos ou ambos. Mera exaustão, Cass se gabava, não bastava para diminuir sua velocidade. Ele estava dizendo, seu hálito quente na orelha de Norma Jeane e um de seus braços gentilmente ao redor dela, acariciando seus seios.

— Havia um filósofo grego que ensinava que, de todas as coisas, não ter nascido é o estado mais prazeroso. Mas eu acredito que dormir é o estado mais prazeroso. Você está morto, ainda que vivo. Não há sensação tão primorosa.

Norma Jeane empurrou seu amante com mais força do que pretendia. Ela não amava Cass Chaplin em momentos assim! Ela o amava, mas tinha medo dele. Ele era o próprio demônio cheio de tentação. Ela sabia como a dra. Mittelstadt reprovaria. Os ensinamentos da Ciência Cristã. Sua bisavó, Mary Baker Eddy.

— Não, não é certo. Para mim. É um sono artificial.

Cass riu dela, mas Norma Jeane recusou a poção e permaneceu acordada e ansiosa naquela noite enquanto Cass dormia em paz até o começo da manhã, quando Norma Jeane se preparou para ir para o estúdio, e durante o longo dia em Culver, Norma Jeane estava irritadiça, nervosa e estridente, errando as falas que tinha memorizado, e via como John Huston a observava, os olhos avaliadores do homem; ele estava se perguntando se ele, que nunca cometia erros com um elenco, havia cometido um erro com ela, e na noite seguinte ela aceitou os dois comprimidos que Cass ofereceu em tom solene, colocando-os em sua língua como hóstias.

E como foi profundo e tranquilo o sono de Norma Jeane naquela noite! Não se lembrava da última vez em que dormira tão bem, tão pesado. *Um sono artificial, mas saudável, não é?* Uma poção mágica, afinal de contas.

E na manhã seguinte chegando para gravação, ensaiando com Louis Calhern, Norma Jeane de súbito se deu conta: *Clive Pearce!*

Ela atribuiria seu momento de brilhantismo à poção mágica de Cass. Um sono sem sonhos, mas talvez não completamente. Talvez, num sonho, o homem mais velho houvesse aparecido para ela?

Pois ficava claro para ela naquele instante: Louis Calhern, seu “tio Leon”, era na verdade o sr. Pearce. No papel de Alonzo Emmerich, sr. Pearce.

Ela estivera vendo o renomado Calhern como um estranho, quando na verdade ele era o sr. Pearce, de volta para ela, aproximadamente a mesma idade, aproximadamente o mesmo porte e formato de corpo, e o rosto belo devastado de Calhern não era o mesmo rosto de Clive Pearce, anos depois? Os olhos furtivos, o cacoete na boca, e ainda assim o orgulho nos seus modos, ou uma lembrança de orgulho; acima de tudo, a voz culta levemente irônica. Um clarão deve ter surgido nos olhos de Norma Jeane. Uma corrente elétrica deve ter corrido por seu corpo maleável de garota ansiosa. Ela era “Marilyn” — não, ela era “Angela” —, ela era Norma Jeane interpretando “Marilyn” interpretando “Angela” — como uma matriosca em que bonecas menores são englobadas pela maior, que é a mãe — agora ela entendia quem era “tio Leon” e de imediato ficou suave, sedutora, olhos arregalados e confiantes como uma criança. Calhern notou de imediato. Ele era um ator habilidoso com técnica e conseguia espelhar emoção como se captasse um sinal; não era um ator nato, ainda assim ele notou a mudança em “Angela” na hora. O diretor notou na hora. Ao final do ensaio do dia, ele diria, ele que tão raramente elogiava qualquer pessoa do elenco e não havia dito praticamente nada para Norma Jeane até aquele momento.

— Alguma coisa está diferente hoje, hein? O que foi?

Norma Jeane, que estava tão feliz, balançou a cabeça sem falar nada e sorriu como se não soubesse, pois como podia explicar para ele, se não podia explicar aquilo nem para ela mesma?

Ela conseguia ouvir a direção, fazia parte de seu gênio. Ela conseguia ler minha mente. É claro que poderia não ter acontecido, pareceu accidental para mim, como se eu tivesse plantado sementes na terra e apenas uma vingasse.

Seu único beijo. Norma Jeane e Clive Pearce. Ele nunca a havia beijado exatamente na boca, como queria. Ele havia tocado seu corpo contorcido e feito cócegas e (ela acreditava) a beijara onde ela não conseguia ver, mas nunca exatamente na boca e agora ela se derretia nele, desejosa ainda que infantil, virginal, pois era sua alma que se abria para o homem mais velho, não seu apertado corpo de garota. *Ah! Ah, eu amo você! Nunca me deixe*, ela nunca perdoaria o sr. Pearce por enganá-la, levando-a ao lar de órfãos e abandonando-a; nem mesmo agora que o sr. Pearce retornara para ela, como o advogado aristocrático Alonzo Emmerich, que era “tio Leon”, ela o perdoou de imediato e depois do notável beijo ofegante continuou a se apoiar nele, os olhos de Angela intensos e nublados e os lábios levemente abertos, e Louis Calhern, que era um ator veterano de décadas, a encarou surpreso.

A garota não estava atuando. Era ela mesma. Ela se tornou a Angela que meu protagonista queria. O desejo dele.

Daquele ponto em diante, Angela não causaria mais ansiedade em Norma Jeane.

No estúdio de gravação, Norma Jeane era silenciosa e respeitosa e atenta e perspicaz. Depois de decifrar o enigma de seu próprio papel, ela se fascinava em ver como os outros decifravam seus próprios, ou tinham dificuldades. Afinal, atuar é resolver uma sucessão de enigmas sendo que nenhum deles pode explicar os demais. Pois o ator é uma sucessão de seres unidos pela promessa

de que na atuação todas as perdas podem ser restauradas. Seria uma curiosidade que a jovem cliente loira de I.E. Shinn, “Marilyn Monroe”, observaria com tanta intensidade as cenas alheias, os ensaios e as filmagens, aparecendo no estúdio mesmo quando não estava no cronograma de gravação do dia.

Ela trepou até chegar no topo. Começou com Z, depois X. Teve Shinn, é claro. E Huston, com certeza. E os produtores do filme. E Widmark. E Roy Baker. E Sol Siegal e Howard Hawks. E qualquer outro nome que se pode pensar.

Norma Jeane acreditava que, na presença de autores talentosos, seus poros poderiam absorver sabedoria. Na presença de um grande diretor, ela poderia aprender a se “dirigir”. Pois Huston era um gênio; com Huston ela aprendeu a verdade essencial do filme, que não importa o que entra numa cena, apenas o que sai. Não importa quem você é ou quem não é, apenas o que você projeta em filme. E o filme redimirá o ator e viverá além dele. Nas gravações, por exemplo, Jean Hagen, cuja personagem era a amante de Sterling Hayden, transpirava personalidade e era muito apreciada. Ainda assim, na tela, a personagem saía excessivamente emocional, assustadiça, não era sedutora o suficiente. Norma Jeane pensava *Eu teria feito aquele papel mais devagar, mais profundo. Ela não é misteriosa o suficiente.*

Por outro lado, a jovem e loira Angela em sua própria superficialidade transpirava mistério. Pois não tinha como saber se a superficialidade não era, na verdade, uma profundidade insondável. Será que está manipulando o velho apaixonado com sua inocência? Ela quer seu “tio” destruído? O vazio enervante na expressão era a piscina refletora em que outros, inclusive a audiência, poderiam olhar.

Norma Jeane sentia um tremor de elação, empolgação. Ela era uma atriz agora! Nunca mais duvidaria de si mesma.

Ela surpreendeu John Huston pedindo para regravar cenas com as quais ele parecera satisfeito. Quando ele quis saber por quê, Norma Jeane disse:

— Porque eu sei que consigo me sair melhor. — Ela estava nervosa, mas determinada. E estava sorrindo. “Marilyn” sorria o tempo todo. “Marilyn” falava em uma voz grave rouca-sensual. “Marilyn” quase sempre conseguia o que queria. Apesar de Louis Calhern poder estar satisfeito com sua própria performance, ele de imediato concordava em gravar de novo, seduzido por “Marilyn”. E assim foi feito; cada regravação fortalecia sua performance.

No dia final de gravação, John Huston comentou com ela em tom ácido:

— Ora, Angela. Nossa menininha está toda adulta agora, não é?

Nunca mais vou duvidar. Eu sou uma atriz. Eu sei. Eu posso ser. Eu serei!

Ainda assim, à medida que a data da exibição se aproximava, Norma Jeane começou a sentir a intrusão de sua ansiedade antiga. Pois não era suficiente estar satisfeita com uma performance e ter sido elogiada por colegas de trabalho; ainda tinha à sua espera um mundo vasto de estranhos, com suas opiniões próprias, e entre estes haveria profissionais do cinema de Hollywood e críticos que não sabiam nada de Norma Jeane Baker e se importavam com ela tanto quanto se importariam com uma formiga solitária atravessando a calçada, em que uma pessoa poderia por acidente, sem saber, pisar. E adeus, formiga!

Norma Jeane confessou a Cass que não achava que aguentaria ir à exibição. E, em especial, não à festa depois. Cass deu de ombros, dizendo que, sim, você vai sim, é o que esperam de você. Norma Jeane persistiu, perguntando e se de repente passasse mal do estômago? E se desmaiasse? Cass deu de ombros. Era impossível avaliar se ele estava feliz por Norma Jeane ou com inveja, se ele se

ressentia por ela estar trabalhando com um diretor renomado como Huston ou se ele estava genuinamente empolgado por ela. (E o que dizer da carreira de Cass Chaplin? Norma Jeane não perguntava a ele como transcorriam entrevistas, testes e retornos. Ela sabia que ele era sensível e de temperamento beligerante. Como ele admitia com ironia, era capaz de se ofender com a mesma facilidade que o próprio Grande Ditador. Ao lhe oferecerem um papel menor como dançarino em um musical em produção na MGM, ele havia aceitado e poucos dias depois mudou de ideia quando descobriu que outro jovem dançarino, um rival, recebeu a oferta de um papel maior.) Norma Jeane se aninhava no abraço de Cass e enterrava o rosto no seu pescoço. Ele havia se tornado mais irmão do que amante, um irmão gêmeo que poderia protegê-la do mundo. Como ela desejava poder se esconder em seus braços! Por toda a eternidade, em seus braços.

— Mas você não fala sério, Norma — disse Cass, acariciando seu cabelo com os dedos distraidamente, prendendo as unhas em fios —, você é uma atriz. Pode até ser uma boa atriz. Uma atriz quer ser vista. Uma atriz quer ser amada. Por multidões, não apenas por um homem solitário.

A que Norma Jeane protestou:

— Não, Cass querido, não é verdade! *Você é tudo o que quero de verdade.*

Cass riu. As unhas roídas sem corte prendendo no cabelo dela.

Sim, mas ela falava sério. Ela se casaria com ele, ela teria seus filhos, ela viveria com ele e por ele para sempre depois em Venice Beach, por exemplo. Em uma casinha de reboco com vista para um canal. O bebê deles, um garoto com cabelo preto bagunçado e lindos olhos escuros como ameixas, dormiria em um berço perto da cama deles. E às vezes o bebê deles dormiria entre eles, na cama com eles. Um

bebê príncipe. O bebê mais lindo que já se viu. O neto de Charlie Chaplin! A voz de Norma Jeane falhava de empolgação:

— Vovó Della, você não vai acreditar nisso. Não vai! Meu marido é o *filho* de Charlie Chaplin. Somos loucos um pelo outro, foi amor à primeira vista. Meu bebê é o *neto* de Charlie Chaplin. O seu *bisneto*, Vovó! — A velha de ossos grandes encarava Norma Jeane em descrença. Então seu rosto se partiu em um sorriso. Então o sorriso aumentou. Então ela riu alto. *Norma Jeane, você com certeza surpreendeu todos nós. Norma Jeane, querida, estamos todos tão orgulhosos de você.* E Gladys aceitaria um neto como nunca haveria desejado aceitar uma neta. Foi até melhor que Irina tivesse sido levada delas.

Quando chamam seu número. Acontece rápido ou não. Ela via de fora, de uma janela ripada estreita do bangalô em Montezuma Drive, a pequena figura ágil nua andando pelo tapete. Era Cass Chaplin, sem notar. Ele se debruçou num teclado de piano e tocou diversos acordes, fracas notas em uma progressão fluída, lindo como Debussy ou Ravel, que eram seus compositores favoritos, e com um lápis ele parecia fazer anotações, ou escrever música num caderno. Por diversos dias durante a semana final de filmagem de Norma Jeane em Culver, ele havia se retirado numa casa-refúgio fora do Olympic Boulevard para trabalhar numa composição de balé e coreografia. (O bangalô espanhol com palmeiras leprosas grandes demais e vinhas emaranhadas era a propriedade de um roteirista na lista de inimigos atualmente exilado em Tangier.) Música foi seu primeiro amor, Cass contara a Norma Jeane, e ele ansiava por voltar a ela.

— Não interpretar. Não sou ator. Porque não quero habitar outras pessoas. Quero habitar música, que é pura.

Quando estava na proximidade de um piano, Cass tocava partes de suas composições para Norma Jeane, e ela as achava muito lindas; ele estava sempre dançando para ela, mas apenas de brincadeira e apenas por alguns minutos. Agora, parada na frente da porta lotada de folhas quase desconhecida, Norma Jeane espiou pela janela de ripas para a figura espectral de seu amante, o coração pulsando em sua cabeça. *Não posso interrompê-lo. É errado interrompê-lo.*

Ela pensou *Ele me odiaria por espiá-lo, não posso correr esse risco.*

Ela se afastou para o lado mais distante da varanda e por quarenta minutos mesmerizados ouviu o soar de cordas, as notas de piano subindo e descendo lá dentro. Uma suspensão de tempo que ela desejava que pudesse durar para sempre, para sempre.

Quando chamam seu número.

Shinn com o pretexto de contar a verdade. Baixando a voz grave para informá-la de que, ao contrário do que Chaplin Jr. quisera que ela pensasse, Chaplin pai havia destinado uma pequena fortuna a sua ex-mulher e filho. Ele havia sido forçado por advogados.

— É claro — disse Shinn, sorrindo — que já acabou tudo. Pequena Lita gastou tudo 25 anos atrás.

Norma Jeane encarou Shinn. Será que Cass havia mentido para ela? Ou ela o havia entendido mal? Ela disse, trêmula:

— Dá no mesmo, então. O pai renegou e deserdou Cass. Ele está sozinho.

Shinn não se aguentou e deixou escapar uma risada de escárnio.

— Não mais sozinho que o resto de nós.

— Ele foi a-amaldiçoado pelo pai e é uma maldição dupla porque o pai é Charlie Chaplin. Por que você não consegue ter empatia, sr. Shinn?

— Eu tenho! Estou transbordando de empatia. Quem mais doa para caridade? O fundo para crianças aleijadas, a Cruz Vermelha? O time de defesa da Lista Obscura de Hollywood? Mas não tenho empatia com a história de Cass Chaplin. — Shinn tentou falar com bom humor, mas o nariz largo de narinas profundas cabeludas tremeram de raiva. — Falei para você, querida, não quero que seja vista em público com ele.

— E em particular?

— Em particular tome cuidado. Dois *dele* já é mais que suficiente no mundo.

Norma Jeane precisou pensar por um momento para entender.

— Sr. Shinn, isto é cruel. Cruel e grosseiro.

— Este é o bom e velho I.E., certo? Cruel e grosseiro.

Os olhos de Norma Jeane se encheram de lágrimas. Ela estava perto de lhe dar um tapa. Ainda assim, queria agarrar suas mãos e implorar por perdão, pois o que faria sem ele? Não, ela queria rir da cara dele. O rosto dele, preenchido com cimento, crispado. Os olhos feridos, furiosos.

Eu o amo, não você. Eu nunca poderia amar você. Não me faça escolher entre vocês dois, ou vai se arrepender.

Norma Jeane estava tremendo, tão indignada quanto I.E. Shinn, e começando a ficar igualmente enérgica ao falar. Shinn cedeu:

— Ei, olha só, querida. Só estou querendo ajudar. Ser prático. Você me conhece: I.E. Estou sempre pensando no seu bem, querida. Na sua carreira e no seu bem-estar.

— Você está pensando em “Marilyn”. Na carreira *dela*.

— Ora, sim. “Marilyn” é minha, minha criação. Eu me preocupo, sim, com a carreira e o bem-estar dela.

Norma Jeane murmurou algo que Shinn que não ouviu. Ele pediu para repetir, e ela disse, fungando:

— “M-Marilyn” é só uma carreira. Ela não tem nada de “bem-estar”.

Shinn riu, uma risada assustada e explosiva. Ele havia se levantado de sua cadeira giratória, atrás da escrivaninha, e caminhava no tapete, flexionando os dedos atarracados. Atrás dele, uma janela de vidro laminado abria para o crepúsculo nebuloso e uma confusão de trânsito no Sunset Boulevard. Norma Jeane, que estivera sentada em uma das cadeiras notoriamente baixas de Shinn, levantou-se também, apesar de bamba. Ela havia ido ao escritório de Shinn direto de uma aula de dança, e as batatas da perna e coxas doíam como se tivessem sido espancadas com martelos. Ela sussurrou:

— *Ele* sabe que eu não sou “Marilyn”. *Ele* me chama de Norma. *Ele* é o único que me entende.

— *Eu* entendo você.

Norma Jeane encarou o tapete, mordiscando a unha.

— *Eu* inventei você, *eu* entendo você. *Sou eu* quem pensa o tempo todo no seu bem-estar, pode acreditar.

— Você n-não me inventou. Eu me inventei sozinha.

Shinn riu.

— Não entre na metafísica, está bem? Você está soando como seu ex-amigo Otto Öse. E ele está com dificuldades, sabe... Na nova lista elaborada pela Diretoria de Controle de Atividades Subversivas. Então fique longe *dele*.

— Eu não tenho ligação a-alguma com Otto Öse — disse Norma Jeane. — Não mais. O que é isso, essa diretoria de controle subversivo?

Shinn pousou o indicador nos lábios como advertência. Era um gesto que ele e outros em Hollywood faziam com frequência, tanto em particular quanto em público. O gesto era apenas para ser lido como amplamente cômico, com um meneio de sobrancelhas como

de Groucho, mas é claro que não era piada; dava para ver pelos olhos assustados.

— Não importa, querida. O assunto não é Öse, e o assunto não é Chaplin Jr. O assunto é “Marilyn”. *Você*.

Norma Jeane sentia-se mal.

— Mas Otto na l-lista de inimigos também? Por quê?

Shinn deu de ombros, seus ombros tortos, como quem diz *Quem sabe? Quem se importa?*

Norma Jeane choramingou baixinho:

— Ah, por que as pessoas estão fazendo isso? Denunciando umas às outras! Até Sterling Hayden. Eu ouvi... dando nomes ao comitê. E eu admirava o homem. Todas aquelas pobres pessoas na lista de inimigos e sem trabalho e os dez da Lista Obscura de Hollywood, na *prisão*! Como se aqui fosse a Alemanha nazista, não a América. Charlie Chaplin foi tão corajoso não cooperando e deixando o país! Eu o admiro. Creio que Cass admire o pai também... Mas não admitirá isso. E Otto Öse não é comunista, de verdade! Eu poderia testemunhar por Otto, eu poderia jurar perante a Bíblia. Ele sempre disse que os comunistas estão iludidos. Ele não é marxista. *Eu* poderia ser marxista. Se eu entendo o que Marx disse. É como a cristandade, não é? Ah, ele estava certo, Karl Marx... “A religião é o ópio do povo”. Como a bebida e os filmes. E os comunistas defendem as pessoas, não? O que tem de tão errado nisso?

Shinn ouviu, surpreso, essa verborragia e disse alto:

— Norma Jeane, chega! Já basta de falar.

— Mas, sr. Shinn, é tão injusto!

— Você quer colocar nós dois na lista? E se este escritório estiver grampeado? E se... — ele gesticulou para o lado de fora do escritório, onde sua secretária ficava em sua escrivaninha — houver

espiões contratados para nos ouvir? Deus do céu, você não é uma loira tão burra assim, então *calada*.

— Mas é tão injusto...

— E? A vida é injusta. Você tem lido Tchekov, não? O'Neill? Sabe a respeito de Dachau, Auschwitz, não? *Homo sapiens*, a espécie que devora os do seu tipo? Cresça.

— Sr. Shinn, eu não sei como. Eu não vejo a-adultos que admiro ou sequer entendo. — Norma Jeane falava com honestidade, como se este fosse o assunto verdadeiro da discussão. Ela parecia estar implorando para ele, querendo agarrar suas mãos. — Às vezes não consigo nem dormir à noite de tão confusa. E Cass, ele...

Shinn interrompeu:

— “Marilyn” não tem que entender ou pensar. Jesus, não. Ela tem que apenas *ser*. Ela é uma beleza e tem talento e ninguém quer porcaria metafísica torturada saindo daquela boca lasciva. Confie em mim nessa, queridinha.

Norma Jeane soltou um choramingo, afastando-se. Como se tivesse levado um tapa.

Ela lembraria mais tarde, *talvez ele tivesse lhe dado um tapa*.

— T-talvez “Marilyn” morra outra vez — disse ela. — Talvez nada saia da estreia. Os críticos podem me odiar ou nem sequer me notar e vai ser que nem *Torrentes de ódio* de novo e eu vou ser dispensada da MGM como fui do Estúdio, e talvez isso seja a m-melhor coisa para mim e para Cass.

Norma Jeane foi embora. Shinn a seguiu de perto, arfando e arquejando. Passando pela saída do escritório, onde a secretária-recepcionista os encarava, e corredor adentro. Ele gritou atrás dela, as narinas tremelizando como num cão enfurecido:

— Você acha isso, é? Espere e veja!

Quem é a loira? Naquela noite de janeiro em 1950. Evitando os olhos desesperados no espelho enquanto outra vez discava o número do bangalô na Montezuma Drive e de novo o telefone tocava do outro lado com aquele som melancólico vazio de um telefone ecoando por uma casa vazia. Cass estava bravo com ela, Norma Jeane sabia. Não com ciúmes (pois por que ele estaria com inveja *dela*, ele que era filho da maior estrela de cinema de todos os tempos?), mas bravo. Enojado. Ele sabia que Shinn o reprovava e não o queria no jantar no Enrico's. Eram quase nove da noite, e o camarim começava a encher. Vozes altas, perfume. Mulheres estavam olhando para ela. Lançando olhares para ela. Uma delas sorriu e estendeu a mão; os dedos cheios de anéis prenderam os de Norma Jeane como um gancho.

— Você é “Angela”, querida? Que linda estreia.

A mulher era a esposa de um executivo da MGM, uma ex-atriz coadjuvante da década de 1930. Norma Jeane mal conseguia falar.

— Ah! O-obrigada.

— Que filme estranho e perturbador. Não é o que se espera, é? Quer dizer... a forma como termina. Não tenho certeza se o entendo por completo, e você? Tantos homens mortos! Mas John Huston é um gênio!

— Ah, sim.

— Deve ser um enorme privilégio trabalhar com ele.

Norma Jeane ainda estava segurando a mão da mulher. Assentiu ansiosamente, os olhos se enchendo com lágrimas de gratidão.

Outras mulheres mantiveram distância. Olhando Norma Jeane de esguelha, seu cabelo, seu busto, seus quadris.

Aquela pobre criança. Eles a fantasiaram como uma boneca de um jeito tão glamouroso e sensual e ali estava ela tremendo e se escondendo no lavabo suando tanto que dava para sentir o cheiro. Eu

juro, ela não soltou a minha mão! Ela teria me acompanhado como um cachorrinho na coleira se eu permitisse.

A exibição enfim havia terminado. O *segredo das joias* era um sucesso. Ou pelo menos era o que as pessoas diziam, repetiam, entre apertos de mão, abraços e beijos e taças altas de espumante. E onde estava I.E. Shinn em seu smoking para interceder em nome de sua cliente atordoada?

— O-lá, “Angela”

— Olá

— Foi uma bela performance

— Obrigada

— Foi mesmo estou falando sério foi uma belíssima performance

— Obrigada

— Uma performance notável

— Obrigada

— Você é uma garota de aparência notável

— Obrigada

— Alguém disse que esta foi é sua estreia

— Ah, sim

— E seu nome é

— “M-marilyn Monroe”

— Ora, parabéns, “*Marilyn Monroe*”

— Obrigada

— Vou dar meu cartão para você “*Marilyn Monroe*”

— Obrigada

— Tenho a sensação de que vamos nos encontrar novamente “*Marilyn Monroe*”

— Obrigada

Ela estava feliz. Nunca estivera tão feliz. A menos quando o Príncipe Sombrio a puxou para o tablado para compartilhar as luzes ofuscantes com ele, erguendo-a nas alturas para que todos a admirassem e aplaudissem, e beijando sua testa em bênção *Eu a condecoro minha Princesa Cintilante, minha noiva*. Em seu ouvido ele sussurrou a bênção secreta *Está tudo bem ficar feliz agora. Você fez por merecer a felicidade. Por um tempo*. Em uma celebração de tamanha alegria câmeras brilhavam no salão lotado. Lá estava, sorrindo para os fotógrafos, a beleza loira de Angela e seu “tio Leon” parecendo levemente envergonhado e fumando um cigarro atrás do outro. Lá estava Angela e o protagonista do filme, Sterling Hayden, com quem ela não tinha uma única cena. E lá estava Angela e o grande diretor, que possibilitara sua felicidade. *Ah, como posso agradecê-lo, nunca poderei agradecê-lo o suficiente*. Norma Jeane ria com alegria, vendo Otto Öse com o canto do olho, rosto de falcão e fuzilando com a expressão, atrás de uma câmera erguida no canto da multidão; Otto Öse em suas largas roupas pretas como um espantalho ressentido de seu papel servil, ele que deveria ter sido um artista, um criador de arte original e notável, um criador de arte judaica, um criador de arte radical e revolucionária desde as revelações impronunciáveis das câmaras de gás, a solução final, as bombas atômicas. Norma Jeane queria gritar para ele *Está vendo? Não preciso de você! Suas fotinhos porcas de mulher. Seus calendários pornográficos. Sou uma atriz, eu não preciso de você nem de ninguém. Espero que prendam você e o levem para longe!* Mas quando ela olhou mais de perto, viu que não era de fato Otto Öse.

Que sorriso no rosto de Shinn! Ele parecia um crocodilo, um crocodilo sem pernas, caminhando com a cauda. O brilho suado sexy de seu rosto grande demais. Ela riu, imaginando como seria fazer amor com uma criatura assim. Ter que fechar seus olhos e fechar o cérebro. *Ah não, eu só me casaria por amor*.

Ela nunca estivera tão feliz quanto naquele momento. Shinn a segurava pela mão, guiando-a pelo salão. Ele a inventara; ela era dele. Não era verdade, mas ela aquiesceria. Ela não se rebelaria, ainda não. Nunca tão feliz quanto nessa noite mágica. Pois ela era Cinderela e o sapatinho de cristal lhe *servia*. E ela era mais bonita e mais sensual e mais empolgante que a protagonista, Jean Hagen, que era menos procurada pelos fotógrafos; constrangedor como preferiam a beldade loira e jovem que não conseguia convencer um saco de papel com sua interpretação, alguns diziam, a mão na frente da boca, em escárnio, mas Jesus olha só esses peitos, olha esse rabo, sai da frente, Lana Turner.

Feliz, chapada de espumante como não estivera desde sua noite de casamento. Apesar de ele não ter respondido o telefone. Apesar de ele saber como puni-la. Ferido e bravo com ela. Ele havia se escondido, profundamente adormecido na luxuosa cama emprestada em que justo na noite anterior haviam feito tenro amor prolongado, deitados lado a lado e os corpos sedentos se encaixando e as bocas ansiando estarem juntas e os olhos revirando nas órbitas no mesmo preciso momento — *Ah! Ah ah! Meu amor, eu amo você* —, e ela não necessitara de poção mágica alguma para dormir naquela noite, como não necessitara por uma série de noites desde que terminou o trabalho no filme, e ela estava confiante de que nunca mais precisaria de um sedativo para ajudá-la a dormir de novo, pois que alívio era, que alegria; essas pessoas gostavam dela, afinal de contas! Essas pessoas de Hollywood gostavam dela! Perguntando *Quem é a loira? Por que ela não está listada no elenco?* E o sr. Z do Estúdio ficaria surpreso e mortificado, aquele maldito que havia se aproveitado da jovem atriz sob contrato e depois lhe dado um pé na bunda, e agora os executivos da MGM a valorizariam, e, de qualquer forma, os produtores de *O segredo das joias* listariam “Marilyn Monroe” no elenco depois da exibição; semanas e meses

de publicidade seguiriam quando a bela loira “Marilyn Monroe” em sua sensualidade radiante apareceria em dúzias de jornais e revistas e seria reconhecida com prêmios como o *Rosto Revelação 1951*, da *Screen World*, *Jovem vedete mais promissora 1951*, da *PhotoLife*, *Miss Modelo Loira 1951*, *Miss Cheesecake 1952* e *Miss A-Bomb 1952*, uma laureação entregue em Palm Springs por Frank Sinatra. E a linda loira sensual radiante estaria em todos os lugares, em bancas de revistas, em capas, mas não de revistas como *Sir!* e *Swank*, as quais ela havia superado, como havia superado a subclasse de fotógrafos que trabalhavam para revistas assim, mas nas capas brilhantes e respeitáveis de *Look*, *Collier's* e *Life* (*Rosto Revelação 1952*). A essa altura, “Marilyn Monroe” seria uma atriz sob contrato de novo no Estúdio, seu salário aumentado pelo sr. Z, com o rabo entre as pernas, para quinhentos dólares por semana.

— Quinhentos! No Radio Plane eles não me pagavam nem cinquenta por semana.

Nunca estivera tão feliz.

* * *

Mas, naquela noite em janeiro de 1950, foi quando começou, quando “Marilyn” nasceu. Quando ela estivera doente de amor por Cass Chaplin e ele não fora à exibição ou, posteriormente, ao jantar no Enrico's, e ela ficou sozinha celebrando sua alegria com uma multidão de estranhos elegantemente vestidos e com copos de espumante, “Marilyn Monroe” resplandecia em seu vestido de seda e chiffon, branco como de uma noiva, da Bullock's, o decote tão dramático que seus seios quase saltavam do tecido apertado. Naquela noite, Shinn, o agente matreiro, apresentou sua cliente incandescente para B, J, P e R, executivos de estúdio e produtores

cujos nomes ela não gravou, e cada um desses homens sorrindo apertaram sua mão, ou mãos, e a parabenizaram por sua “estreia”.

E então surgiu V, a antiga estrela de futebol americano — popular, belo, sardento — do Kansas que havia feito filmes de guerra para Paramount, inclusive o estouro de bilheteria *The Young Aces*, que fez até Bucky Glazer chorar; Norma Jeane se lembrava de segurar a mão de seu jovem marido durante as cenas apavorantes de combate aéreo, e havia cenas de amor tão doces entre V e a maravilhosa Maureen O’Hara, que ela assistira com avidez e olhos arregalados imaginando-se no lugar de O’Hara, apesar de furiosa consigo mesma, também, que fantasia tão boba para uma esposa jovem e feliz no casamento, que infantil e fútil. E agora vinha até ela, abrindo caminho entre a multidão, seis anos depois, V em pessoa! V em roupas civis, não no uniforme da força aérea! V tão garotão e de rosto sardento, aparentando ter 29 anos, não 39, apenas o cabelo mais ralo sugerindo que ele não era mais o jovem piloto impetuoso do *The Young Aces* que havia sobrevoado a Alemanha em suas missões e que fora derrubado sobre território inimigo em uma das cenas mais longas de queda em espiral na história do cinema, tão bem produzida que a plateia grita e desmaia e cai com ele no avião em chamas até que ele consegue, ferido, saltar de paraquedas como em um pesadelo, e Norma Jeane ficou encarando o homem à sua frente, 1,80 metro de altura e forte nos ombros e no torso, com apenas o queixo um pouco maior, que desse para notar, ainda com as sardas e os olhos calorosos e intensos como ela se lembrava deles. Pois vendo um homem de tão perto em tamanha intimidade carrega-se sua imagem dentro de si como um sonho. Uma vez tendo fantasiado uma cena de amor com um homem em foco na tela aprecia-se a memória de seus beijos em seu coração.

— Você! Ah, é... você? — falou Norma Jeane com tamanha suavidade que não pôde ser ouvida em meio ao ruído das

conversas, e talvez não pretendesse ser ouvida. Como ela queria pegar as grandes mãos capazes de V e dizer a ele como ela o adorava, como tinha chorado quando ele foi ferido e levado prisioneiro e chorou quando ele se reuniu enfim com sua noiva e chorou ao voltar para casa em Verdugo Gardens e o velho Hirohito sorrindo em cima do aparelho de rádio. “Minha antiga vida, eu não sabia quem eu *era*.”

Mas ela não segurou suas mãos e não falou de Verdugo Gardens. Ela teve apenas que levantar o rosto e sorrir para V quando ele se aproximou dela (como se os dois já fossem amantes) parabenizando-a na estreia no cinema. O que Norma Jeane que era “Marilyn Monroe” murmuraria além de *Obrigada, ah, obrigada* — ruborizada como uma colegial.

V a levou para um canto relativamente silencioso do restaurante para falar com honestidade sobre o filme, as sutilezas do roteiro e as caracterizações e o memorável final; se ela havia gostado de trabalhar com um diretor preciso como Huston?

— Ele faz você se sentir bem com sua arte pela primeira vez, não é? Com a vida que pessoas como nós escolhemos.

Confusa, Norma Jeane respondeu:

— E-escolhemos? Mas escolhemos? Ser atores, você quer dizer? Ah, e-eu nunca pensei desta forma.

V riu, surpreso. Norma Jeane se perguntou se havia dito a coisa errada?

Nunca dava para saber quando ela falava sério. Essas coisas que ela soltava.

V, o ás de guerra e estrela da bilheteria de jovial meia-idade, com reputação de ser um bom homem decente na vida particular terrivelmente maltratado por sua esposa, atriz secundária que conquistara a custódia das crianças e um grande acordo de divórcio depois de poucos anos de casamento, e “Marilyn Monroe”, a

estupenda futura vedete. De uma distância curta, como um pai possessivo e carrancudo, I.E. Shinn a observava.

De súbito aproximou-se do casal atraente um homem de meia-idade quase careca com olhos de tartaruga cheios de olheiras e rugas profundas ao lado da boca. Em seu terno de gabardine amarrotado, ele não era do grupo da MGM, mas era claro que alguns dos convidados o conheciam, V por exemplo, e olhou para os lados com vergonha e franzindo a testa.

— Com licença? Com licença? Pode assinar, por favor? — V dera as costas, mas lá estava Norma Jeane em seu humor alegre e risonho, olhos abertos, acolhedora. O homem de olhos de tartaruga se aproximava além do limite, chegando a ser inconveniente. Ele tinha uma petição que enfiava na cara dela, e Norma Jeane apertava os olhos, vendo que havia sido escrita pelo Comitê Nacional pela Preservação de Direitos da Primeira Emenda, do qual ela tinha ouvido, ou acreditava ter ouvido. Na luz baixa do restaurante ela conseguia visualizar uma manchete em letras bem grandes **NÓS AQUI ASSINADOS PROTESTAMOS O TRATAMENTO CRUEL E ANTIAMERICANO** DE seguido de colunas duplas de nomes impressos. O primeiro nome na coluna da esquerda era **Charlie Chaplin** e o primeiro nome na coluna direita era **Paul Robeson**. Sob a lista havia muitos espaços em branco, mas não havia mais do que meia dúzia de assinaturas. O homem de olhos de tartaruga se identificou com um nome que Norma Jeane não reconheceu, dizendo que fora um roteirista em *The Story of G.I. Joe* e *The Young Aces* e muitos outros filmes até entrar na lista de inimigos em 1949.

Norma Jeane, que fora alertada por seu agente a nunca assinar abaixo-assinados circulando por Hollywood, disse com veemência:

— Ah, sim, assinarei! Pode deixar. — Em seu humor alegre e risonho, com V olhando por cima, ela estava imediatamente inflamada. Piscou para conter lágrimas de dor e indignação. Ela

disse: — Charlie Chaplin e Paul Robeson são grandes artistas. Não ligo se são comunistas ou... o que seja! É t-terrível o que este grande país da América está fazendo com seus m-maiores artistas.

Ela pegou uma caneta oferecida pelo homem de olhos de tartaruga e teria assinado de imediato exceto por V, que estivera tentando afastá-la do homem de olhos de tartaruga, dizendo:

— Marilyn, não acho que deveria.

E o homem de olhos de tartaruga respondeu, bem alto:

— Você! Maldição! Isto é entre a moça e eu.

Norma Jeane falou para ambos os homens:

— Mas qual é meu nome? “Monroe”...? Esqueci meu nome. — Ela foi para uma mesa próxima, onde para a surpresa das pessoas sentadas ali ela tentou assinar a petição mas a havia colocado sobre talheres. Estava rindo, apesar de ainda indignada. — Ah, sim... “Marilyn Monroe”. — Com um floreio, ela assinou duas vezes, como *Marilyn Monroe* e como *Mona Monroe*. Começou a assinar como *Norma Jeane Glazer* mas I.E. Shinn, soltando fogo pelas ventas, arrancou a caneta dela e riscou os nomes.

— Marilyn! *Que merda!* Você está *bêbada*.

— *Não estou!* Sou a única pessoa sóbria *aqui*.

Naquela noite no Enrico's ela conheceu V. Naquela noite ela perdeu seu amante, Cass.

Ela fugiu do Enrico's. Estava cheia deles todos. Cass tinha razão. *Eles são mercantes de carne, todos eles*. Do lado de fora do restaurante, enquanto tentava entrar em um táxi, havia uma pequena multidão reunida.

— Quem é ela? A loira.

— Lana Turner? ... Não, jovem demais.

Norma Jeane riu, incerta. No vestido decotado de seda e chiffon. No salto agulha. Um homem rechonchudo e sorridente em uma

capa de chuva plástica se aproximou dela, intencionalmente, parecia. Outra petição enfiada em seu rosto? Não, era um livro de autógrafos.

— Assine, por favor!

Norma Jeane murmurou:

— Não p-posso. Não sou ninguém.

Ela tinha que escapar! Outro homem foi ao seu resgate, abrindo a porta de trás do táxi e a ajudando a entrar. Assustada, teve uma breve impressão de um rosto maltratado como algo feito de argila. O nariz era achatado e largo na ponta como uma espátula, as pálpebras eram caídas; as sobrancelhas pareciam chamuscadas; uma orelha estava pela metade como algo corroído. Um cheiro fermentado rançoso como Gladys em Norwalk.

Aquele cheiro ficaria nela durante toda a noite longa até a manhã seguinte, em que ela se limparia em fúria e desespero.

Talvez seja o meu próprio cheiro. Talvez esteja começando.

Shinn a insultara. V afastara-se discretamente. O homem de olhos de tartaruga fora expulso do Enrico's. Norma Jeane pressionou a ponta dos dedos sobre as pálpebras para apagá-los todos. Era um hábito do orfanato. Uma estratégia do Viajante do Tempo empurrando a haste de sua máquina mágica para lançá-lo rápido através do tempo. Então, quando ela abriu os olhos depois de cerca de quinze minutos, ela estava no bangalô de estilo espanhol na Montezuma Drive. A casa emprestada era perto do pé da montanha, não perto do topo como as casas dos milionários. Norma Jeane tremia de empolgação e não havia comido desde o almoço naquele dia, exceto por alguns canapés devorados faminta e distraidamente na recepção. Deixara para trás a estola de raposa-do-ártico, emprestada pelo departamento de figurino da MGM, mas o sr. Shinn tinha o recibo para devolução; ele a devolveria. Ah, mas ela o odiava! Ela deixaria de ser sua cliente mesmo que isso

significasse que nunca mais conseguiria trabalho em Hollywood. Ela havia trazido sua bolsa pequena de contas brancas, mas não tinha mais do que cinco dólares em dinheiro; por sorte era suficiente para o motorista de táxi, que perguntava se ela tinha certeza de que era o endereço certo, pois estava escuro.

— Talvez eu deva esperar, senhorita? Se você talvez quiser ir para outro lugar...

A resposta imediata foi um curto:

— Não. Não quero ir para outro lugar. — Mas uma resposta mais sensata seguiu: — Tudo bem, sim, pode esperar? Mas será só um minutinho. Obrigada. — Ela não teve dificuldade em subir a calçada íngreme rachada em seu salto alto, que queria dizer que ela não estava bêbada de espumante como aquele homem-anão a havia acusado.

Ah, Cass, eu amo você, tenho sentido tanta saudades, foi um sucesso, creio eu. Eu fui um sucesso. Quer dizer, é um começo. Só um papel menor. Mas um começo. Eu não preciso ter vergonha de mim mesma. É só isso que peço, não ter vergonha. Não espero felicidade. Minha única felicidade vem de você. Cass...

O pequeno bangalô com a grama descuidada, palmeiras abatidas e videiras sem flores ou folhas parecia de fato estar vazio, mas Norma Jeane espiou por uma janela da frente e viu um luz fraca brilhar no fundo. A porta da frente estava trancada. Ela tinha a chave, mas onde estava...? Não na bolsa pequena com contas brancas. Ou talvez ela não tivesse uma chave. Chamando gentilmente:

— Cass? Querido? — Ele estava dormindo, imaginou. Ela esperava que não fosse um sono pesado com drogas do qual ela jamais conseguiria despertá-lo.

O táxi parara na estrada de cascalho; Norma Jeane tirou os sapatos e seguiu para os fundos da casa. Cass nunca se dava ao

trabalho de trancar a porta dos fundos. Na escuridão, viu uma piscina de plástico para crianças vazia lotada com folhagens de palmeiras. A primeira vez que tinha visto essa piscininha velha ela tivera uma estranha visão alucinatória da pequena Irina brincando nela, em água transparente brilhante. Cass a tinha visto encarar, pálida, e perguntara o que havia de errado, mas ela não dissera. Ele sabia do casamento e divórcio anterior de Norma Jeane e sabia de Gladys, que fora uma poeta até seu colapso, e sabia do pai de Norma Jeane, que era um proeminente produtor de Hollywood que nunca reconheceu publicamente sua filha “ilegítima”. Mas sabia apenas isso.

— Cass? Sou eu, Norma. — Dentro da casa havia um fedor de uísque. Uma lâmpada acesa no teto da cozinha, mas o corredor estreito estava escurecido. Norma Jeane não viu luz sob a porta do quarto entreaberta. Baixinho, chamou de novo: — Cass? Você está dormindo? *Eu estou* com sono! — De súbito, ela se sentiu um imenso filhote de gato querendo se aninhar. Empurrou a porta. Entrou um pouco de luz da cozinha. Havia a cama, uma luxuosa cama de casal grande demais para o quarto apertado, e lá estava Cass nu na cama, exceto por um lençol cobrindo-o até a cintura. Norma Jeane teve uma impressão confusa de um emaranhado de pelos escuros em seu peito que nunca vira antes e seus ombros e torso estavam mais musculosos do que ela se lembrava e de novo, ela sussurrou: — Cass? — mesmo se dando conta de que havia duas figuras na cama, dois rapazes. O mais próximo, o estranho, permaneceu deitado de costas, o lençol agora mal cobrindo a virilha peluda, e os braços atrás da cabeça, enquanto o outro, Cass, apoiava-se nos cotovelos, sorrindo. Ambos estavam cobertos de suor. Corpos masculinos belos e jovens brilhando. Rápido, antes que Norma Jeane pudesse escapar, Cass saltou nu da cama, ágil

como um dançarino, agarrando seu pulso, e com a outra mão, ele puxou a coxa de seu companheiro.

— Norma, querida! Não fuja. Quero que você conheça Eddy G... Ele é meu gêmeo também.

O altar quebrado

Uma secretariazinha de Westwood querendo melhorar a mente.

Uma fanática religiosa, talvez. Ou a filha de algum. Daquele tipo que você consegue reconhecer no sul da Califórnia.

Na maior parte do tempo, nós não prestávamos atenção. O prof. Dietrich nos informaria depois que ela nunca faltara aula alguma até novembro. Mas ela era tão calada na sala, era como se fosse invisível. Deslizando para dentro da carteira a cada semana, ela se debruçava no livro relendo a tarefa, então bastava olhar para ela para receber o sinal claro *Não fale comigo, por favor, sequer olhe para mim*. Portanto era fácil não a notar. Ela era séria e olhava para baixo e afetada sem maquiagem e a tez pálida e levemente brilhante e o cabelo loiro-acinzentado preso para trás como as mulheres que trabalhavam em fábricas durante a guerra usavam. Era um visual dos anos 1940 e de outro tempo. E às vezes ela amarrava um lenço no cabelo. Ela usava saias discretas e blusas e cardigãs largos e sapatos baixos e meias-calças. Nada de joias nem anéis. E as unhas sem esmalte. Era de se imaginar que tivesse uns 21 anos, mas mais jovem ainda em experiência de vida. Morando em casa com os pais num pequeno bangalô de reboco. Ou talvez a mãe viúva. As duas cantando hinos religiosos, nas manhãs de domingo, em alguma igrejazinha aborrecida. Uma virgem, sem dúvida.

Se a cumprimentasse ou fizesse uma observação simpática em sua direção, como alguns de nós faziam, entrando na sala com vontade de falar e rir e trocar notícias antes da aula, ela levantaria os olhos azuis de um jeito rápido e assustado e desviaria o olhar em seguida, no mesmo impulso. Era então que você via, como um chute na virilha, que a garotinha era bonita, ou poderia ter sido. Se

soubesse. Mas não sabia. Ela baixaria o olhar ou viraria e remexeria na bolsa, procurando um lenço. Murmurava algo educado e só isso. *Não olhe para mim, por favor!*

Então quem olharia? Havia outras garotas na turma, e mulheres, e elas não eram tímidas.

Até seu nome era um nome de nada. Você ouvia e esquecia no mesmo momento. “Gladys Pirig”, o prof. Dietrich leu alto, no primeiro encontro. Lendo a chamada na sonora voz grave e fazendo observações ao lado de nossos nomes e ele nos espiaria sobre os óculos e faria um movimento nervoso com a boca que era para ser um sorriso. Alguns de nós conhecíamos o prof. Dietrich de outras aulas dos cursos noturnos e gostávamos dele, justamente por isso nos matriculamos em mais uma aula dele, então sabíamos que ele era um homem generoso de boa natureza, otimista, mas exigente até nos cursos noturnos onde todos nós éramos adultos.

“Professor Dietrich,” nós o chamávamos, ou apenas “profe”. Nós sabíamos pelo catálogo da UCLA que ele não era um professor de fato, apenas um “instrutor adjunto”, ainda assim o chamávamos de “profe” e ele corava um pouco, mas não nos corrigia. Como se fosse uma brincadeira nossa de que nós, os alunos noturnos, éramos importantes o suficiente para merecer um professor, e ele não iria nos desiludir.

Esta aula era poesia renascentista. Escola Noturna da UCLA, outono de 1951, quintas-feiras à noite, das sete às nove. Trinta e dois de nós estávamos matriculados e era surpreendente, e uma evidência do bom trabalho do prof. Dietrich, que quase todo mundo aparecia para a maioria das aulas, mesmo depois do começo da estação chuvosa de inverno. Nós éramos homens aposentados e donas de casa de meia-idade sem filhos em casa e funcionários de escritório e veteranos recebendo benefícios federais do pós-guerra e dois jovens estudantes do seminário teológico de Westwood, e uns

poucos de nós éramos aspirantes a poetas. O grupo dominante na turma, exceto por um ou dois veteranos sem rodeios, era uma meia dúzia de professoras escolares, mulheres entre trinta e quarenta anos, fazendo aulas extras para engrossar as credenciais. A maior parte de nós trabalhava durante o dia. E que dias longos eram. Só amando poesia e acreditando que poesia merecia seu amor, para passar duas horas em uma sala de aula no fim de um dia de trabalho. O professor lecionava com empolgação e energia então os alunos se empolgavam junto mesmo que nem sempre entendessem o que ele declamava. Na presença de professores assim, basta saber que eles sabem.

Como no período da primeira aula depois de ler a chamada, prof. Dietrich levantou-se à nossa frente cruzando as mãos de dedos ressecados e gordos e disse:

— Poesia. Poesia é a linguagem transcendental da humanidade.
— Ele hesitou, e nós estremecemos ao nos darmos conta de que não importava que droga ele queria dizer, ao menos valia o preço da mensalidade.

De que forma Gladys Pirig entendia isso, ninguém notaria. Provavelmente ela anotava em seu caderno, estilo colegial, como tinha o hábito de fazer.

Começamos o semestre com Robert Herrick, Richard Lovelace, Andrew Marvell, Richard Crashaw, Henry Vaughan. Nós estávamos nos equipando, o prof. Dietrich dizia, para Donne e Milton. Em sua ecoante voz dramática, como de Lionel Barrymore, recitando “Upon the Infant Martyrs”, de Richard Crashaw.

Ver ambos juntos num único inundar;
O leite materno, a criança a sangrar,
Enche-me de dúvida se o Paraíso colher-se-á
rosas, portanto, ou os lírios a chegar.¹

E “They Are All gone into the world of Light”, de Henry Vaughan:

Partiram todos para o Mundo de Luz!

E eu aqui sentado;

A mera memória é clara e reluz!

E meus pensamentos cada vez mais claros e funestos.²

Nós analisaríamos e discutiríamos esses poeminhos intrincados. Sempre havia mais do que se esperava. Uma frase precedia outra, e uma palavra levava à próxima e era como uma charada de contos de fada, conduzindo o leitor cada vez mais pela trama. Para alguns de nós na aula era uma revelação.

— Poesia! Poesia é compressão — o prof. Dietrich nos dizia, vendo a perplexidade em alguns rostos. Seus olhos brilhavam dentro dos óculos de aro fino que ele tiraria e colocaria de volta e tiraria uma dúzia mais de vezes durante a aula. — A poesia é a estenografia da vida. Código Morse. — Suas piadas eram desajeitadas e bregas, mas nós todos ríamos, até Gladys Pirig, que tinha uma risadinha guinchante que soava mais surpresa do que alegre.

O prof. Dietrich tinha um tom determinadamente leve. Ele queria ser engraçado, espirituoso. Como se estivesse carregando o fardo de alguma outra coisa, algo mais sombrio e embaralhado, e suas piadas eram uma maneira de desviar nossa atenção disso, ou talvez a dele própria. Ele tinha cerca de quarenta anos de idade, já ficando um pouco barrigudo, um homem corpulento como um urso em pé nas patas traseiras, cerca de 1,90 metro de altura e pesando talvez cem quilos. Um *linebacker*, mas com um rosto esculpido delicado e já cheio de lascas, corando rápido e com cicatrizes de espinhas, ainda assim as mulheres na sala de aula o consideravam belo de um jeito ogro abatido, os olhos míopes

“sensíveis”. O blazer nunca combinava com as calças ou os coletes ou as gravatas xadrez que se amontoavam sob o queixo. Algumas observações que ele fazia distraído a respeito de Londres durante a guerra davam a impressão de que ele estivera lá, provavelmente, servindo por algum tempo; tinha-se um vislumbre do homem de uniforme mas era só isso, um vislumbre; ele nunca falava de si próprio, nem depois da aula.

— Poesia é a maneira de sair de si mesmo — dizia o professor —, e a poesia é a maneira de voltar para si mesmo. Mas a poesia não é o ser em si mesmo.

Ninguém escrevia poesia melhor, o prof. Dietrich dizia, do que os poetas da Renascença, nem Shakespeare. (Shakespeare era outro curso à parte.) Ele nos ensinava as formas poéticas, em especial, os sonetos — inglês e petrarquiano, ou italiano. Ele nos ensinava a “mutualidade” — “a vaidade dos desenhos humanos” — “o medo de envelhecer e morrer”. Esse era um tema renascentista tão prevalente que dava para dizer que era “uma obsessão cultural, uma neurose pandêmica”. Um dos alunos da teologia perguntou:

— Mas por quê? Se eles acreditavam em Deus?

E o prof. Dietrich riu e puxou as calças para cima e respondeu:

— Ora, talvez acreditassem, talvez não. Há uma diferença profunda entre o que as pessoas dizem crer e o que, nas suas profundezas, elas creem de verdade. Poesia é a lanceta que perfura o tecido morto até a verdade.

Alguém comentou que, afinal de contas, as pessoas não viviam muito nos séculos passados; homens tinham sorte de durar até os quarenta, e as mulheres morriam cedo, no parto, com frequência, então fazia sentido, não fazia?

— Eles tinham medo de morrer o tempo todo. Poderia acontecer a qualquer momento.

Uma das professoras, uma oradora com experiência, argumentou:

— Ah, que bobagem! Provavelmente “mutabilidade” era só um tópico presente na obra destes poetas homens, tipo “amor”. Eles queriam ser poetas e tinham de escrever sobre *alguma coisa*. — Nós rimos. Nós discordamos. Nós começamos a falar com empolgação como sempre fazíamos, sedentos por conversas sérias intelectuais em nossa vida, ou o que poderia se passar por conversa intelectual. Nós nos interrompíamos.

— Poemas de amor, como nas letras de músicas românticas, como em nossas canções populares de hoje e em filmes... eles são os temas, entendem? Como se nada mais na vida fosse importante? Mas, ao mesmo tempo, talvez eles sejam só... sabe, “temas”. Talvez nada disso seja real.

— Sim, mas foi real em algum momento, não foi?

— Quem sabe? E o que seria “real”?

— Você está dizendo que *amor* não é real? *Morrer* não é real? O quê?

— Bem, tudo foi real em algum momento! Do contrário, como nós sequer teríamos palavras para essas coisas?

Durante esses momentos de vale-tudo em que o prof. Dietrich presidia como um professor de educação física, contente com tanta atividade, mas talvez um pouco preocupado de que as coisas pudessem sair de controle, a loira Gladys Pirig ficava sentada em silêncio, nos encarando. Durante as aulas do profe, ela fazia anotações, mas nos debates ela baixava a caneta.

Dava para ver que ouvia com intensidade. Tensa, a espinha dorsal reta como se um anzol a puxasse, então *dava para ver que ela era uma garota que levava as coisas a sério demais, como se cada instante fosse um bonde chegando rápido, e ela precisasse pegar e tivesse medo de perder*.

Uma pequena funcionária de escritório de Westwood, mas tinha sido encorajada por algum professor de ensino médio a tentar algo

melhor, e talvez ela tivesse escrito poesia, e o professor houvesse elogiado, então ela continuava escrevendo poesia, em segredo e com pavor de não ser boa. Os lábios pálidos se moviam em silêncio. Até os pés eram inquietos. Às vezes a notávamos esfregando as pernas, as panturrilhas, quase inconscientemente, como se os músculos doessem, ou flexionando os pés, como se estivessem com câimbra. (Mas ninguém teria imaginado que ela estava fazendo aulas de dança, provavelmente. Ninguém teria imaginado Gladys Pirig fazendo qualquer atividade física.)

O prof. Dietrich não era o tipo de professor implicante que pressionava alunos quietos ou tímidos, mas obviamente estava ciente da garota loira bem-arrumada excruciantemente tímida sentada diante dele, assim como estava alerta e ciente de todos nós; e uma noite ele perguntou quem gostaria de ler *O altar*, de George Herbert, em voz alta e deve ter visto algo rápido e desejoso no rosto dela, porque, em vez de chamar uma das mãos levantadas, ele disse delicadamente:

— Gladys? — Houve um momento de silêncio, uma pausa em que quase se conseguiu ouvir a garota prender a respiração.

Então ela sussurrou, como uma criança aceitando um desafio, temerária, até sorrindo:

— Vou t-tentar.

Este poema. Era um poema religioso, dava para perceber, mas colocado de uma forma peculiar. Uma grossa coluna horizontal de frases no topo, uma coluna vertical mais fina, e outra coluna horizontal grossa, igual à primeira. Era um poema “metafísico” (havíamos sido informados), o que queria dizer que era uma casca de noz difícil de quebrar, mas a linguagem era linda e dava para deixar fluir como uma música. Gladys estava nervosa, era notável, mas se virou um pouco na carteira para nós, arrumou o livro em pé, respirou fundo e começou a ler e... bem, foi totalmente inesperado,

não apenas a voz rouca dramática de Gladys, que conseguia ser poderosa e ofegante ao mesmo tempo, muito espiritual e sensual, mas o mero fato de ela estar lendo para nós, de não ter se recusado ou saído correndo da sala quando profe fez o pedido. Na página, O *altar* era um quebra-cabeça, mas lido pela loirinha, de repente passou a fazer sentido.

Um A L T A R quebrado, Senhor, Vosso servo carrega,
Feito de um coração, mais de uma lágrima cimenta e
íntegra;

Cujas partes são como Vossas mãos a moldar
Não há ferramenta humana nenhuma que consiga tocar;

Um CORAÇÃO sozinho
Mais duro que qualquer espinho
E nada além do ar
de Vosso poder a rachar.
Assim cada vão
Deste meu rijo coração
Está nesta moldura;
Honrar Vosso nome em medida.

Portanto, se eu receber a oportunidade de conquistar a paz,
Que estes espinhos e pedras a Vos louvar não voltem atrás.
Ah, deixei que nos abençoe o S A C R I F Í C I O dado por Vós
E dai Vossa glória a este A L T A R, para todos nós.

Quando Gladys terminou, explodimos em aplausos. Todos nós.
Até as professoras escolares que poderiam ter sentido inveja desta
performance. Pois lá estava o prof. Dietrich boquiaberto para a

garota que nós imaginávamos que fosse uma funcionária de escritório, como se não conseguisse acreditar no que ouvia. Ele estava sentado na mesa do professor em sua posição casual de sempre, ombros caídos e cabeça voltada para o texto, e quando Gladys terminou, ele aplaudiu também e disse:

— Mocinha, você deve ser uma poeta! É verdade?

Agora ruborizando muitíssimo, Gladys suspirou, cabisbaixa, e murmurou algo que não conseguimos ouvir.

O prof. Dietrich persistiu, meio brincando em seu jeito gentil de professor, como se este episódio, também, fosse algo quase tão fora de seu controle, e ele precisava usar as palavras certas.

— Srta. Pirig? Você é uma poeta... ou algum tipo raro!

Ele perguntou a Gladys por que o poema estava impresso em uma tipografia tão estranha, e de novo Gladys falou de forma inaudível, e profe disse:

— Mais alto, por favor, srta. Pirig.

E Gladys pigarreou e disse em voz levemente audível:

— É para s-ser um altar, a aparência? — Mas agora sua voz estava apressada e sem timbre e de fato parecia que ela poderia estar prestes a sair correndo do recinto como um animal apavorado. Então profe disse rápido:

— Obrigado, Gladys. Você está certa. Classe, conseguem ver? O *Altar* é um altar.

A coisa mais óbvia! Uma vez que se via, não tinha como deixar de ver. Como um daqueles testes de Rorschach com as manchas de tinta.

— Um coração sozinho. — A voz da garota entonando as palavras.

— Um coração sozinho mais duro que qualquer espinho. — Ao longo de nossa vida nós ouviríamos, cada um de nós daquele recinto naquela noite.

Novembro de 1951. Há quanto tempo. Meu Deus! Não é bom pensar em quão poucos de nós ainda estamos vivos a essa altura.

Claro, nós a observamos depois daquilo. Falamos mais com ela, ou tentamos. Ela não era mais anônima. Gladys Pirig — ela era misteriosa e sensual. Mistério é sensual. Aquele cabelo loiro-acinzentado, a voz rouca ofegante. Talvez alguns poucos de nós houvéssomos tentado procurá-la na lista telefônica, mas não tinha nenhuma “Gladys Pirig”. O profe a chamou uma ou duas vezes, e ela ficou tensa, sem responder, mas era tarde demais. E ela era familiar para nós. Não para todo mundo na turma, mas para alguns. Não importava como se vestisse, mais do que nunca em roupas de secretária e o cabelo preso e arrumado como de Irene Dunne, e se você tentasse puxar assunto com ela, ela se afastava como um coelho assustado. *O que ela parecia, se tivesse que descrever, era uma garota que havia sido maltratada pelos homens.*

E houve a quinta-feira à noite em que um de nós chegou para a aula mais cedo com um exemplar da *Hollywood Reporter* que correu pela classe, e nós o encaramos com assombro, embora dessa vez não fosse inteiramente uma surpresa.

— Marilyn Monroe. Meu Deus.

— É ela? A garotinha? — E:

— Ela não é uma garota, nem pequena. Olha só.

Nós olhamos.

Alguns de nós queríamos manter a descoberta em segredo, mas tínhamos que mostrar ao profe, nós tínhamos que ver a expressão no rosto do profe, e ele encarou sem tirar os olhos do ensaio fotográfico na *Hollywood Reporter*, tanto de óculos quanto sem. Pois ali estava uma foto lasciva de duas páginas dessa estonteante atriz loira de Hollywood, não era uma estrela ainda, mas com certeza seria em breve, quase prestes a transbordar de um vestido longo

decotado com paetês e com o rosto tão maquiado que parecia uma pintura: MARILYN MONROE, MISS LOIRA 1951. Além de imagens do filme *O segredo das joias* e do lançamento de *A malvada*. O profe disse, a voz rouca:

— Esta jovem vedete... Marilyn Monroe. Ela é *Gladys*? — Nós dissemos que sim, que tínhamos certeza. Uma vez que se fazia a conexão, ficava óbvio. O profe disse:

— Mas eu vi *O segredo das joias*. Eu me lembro daquela garota, e nossa Gladys não se parece em nada com ela.

Um dos seminaristas que estivera olhando disse:

— Eu acabei de ver *A malvada*, e ela estava no filme! É um papel pequeno, mas eu me lembro dela, sim. Quer dizer, eu me lembro da loira que deve ter sido ela. — Ele riu.

Nós todos estávamos rindo, empolgados e emocionados. Alguns de nós, nós havíamos vivido momentos do que se chamaria de surpresa na guerra, quando uma coisa se revela radical e permanentemente diferente do que se imaginava, e sua própria existência perdia substância ou significado, tornava-se menos que uma teia de aranha, e este momento era um pouco assim, a surpresa, a revelação irreversível, exceto é claro que era um momento feliz, risonho, como se todos nós tivéssemos ganhado a loteria e estivéssemos comemorando. O seminarista apreciava a atenção que lhe dávamos, acrescentando:

— “Marilyn Monroe” não é alguém que se esquece.

Na aula seguinte, uma dúzia de nós chegou cedo. Nós tínhamos cópias de *Screen World*, *Modern Screen*, *PhotoLife* — “Jovem vedete mais promissora de 1951”. Outro exemplar da *Hollywood Reporter* com uma foto de “Marilyn Monroe em uma *première* de cinema, acompanhada pelo belo jovem ator Johnny Sands”. Nós inclusive tínhamos edições antigas de *Swank*, *Sir!* e *Peek*. Havia um ensaio na *Look* do último outono — “Miss sensação loira: MARILYN

MONROE”. Nós estávamos passando essas entre nós, empolgados como crianças quando Gladys Pirig entrou em uma capa de chuva e chapéu cor cáqui, uma garotinha pequena parecendo uma ratinha, não despertaria maiores interesses de ninguém. E ela nos viu e as revistas e deve ter entendido de imediato. Nossos olhos! Nós tínhamos tentado guardar segredo, mas era como um fósforo aceso perto de palha seca. Um dos caras mais insistentes foi direto até ela e disse:

— Ei. Seu nome não é Gladys Pirig, é? É Marilyn Monroe. — Ele foi bruto o suficiente para erguer a *Swank* com ela na capa em uma camisola transparente vermelha e saltos altos vermelhos e o cabelo solto e os lábios vermelhos brilhantes mandando um beijo.

“Gladys” o olhou como se tivesse recebido um tapa. Rápido, ela disse:

— N-não. Não sou eu. Quer dizer... Eu não sou esta moça. — Havia pânico e horror em seu rosto. Esta não era uma atriz de Hollywood, era só uma garotinha assustada. Teria fugido, mas alguns de nós estávamos bloqueando o caminho, não deliberadamente, era só nossa posição, por acaso. E outros entrando na sala. O contingente de professoras escolares de olhos atentos, que haviam escutado os rumores. E o prof. Dietrich chegou pelo menos cinco minutos mais cedo. E este homem intrometido estava dizendo para ela:

— Marilyn, eu acho que você é ótima. Me dá um autógrafo? — Ele não estava brincando. Ele estava estendendo seu texto didático sobre poesia renascentista para assinar.

Outro cara, um dos veteranos, estava dizendo:

— *Eu* acho que você é ótima. Não permita esses babacas grosseiros deixarem você nervosa.

E outro cara estava falando, em imitação de Angela de *O segredo as joias*:

— Tio Leon, eu pedi arenque curado para o seu café da manhã, sei o quanto gosta. — Até ela riu disso, uma pequena risadinha guinchante.

— Bom, vocês me pegaram, eu acho.

E então veio o prof. Dietrich parecendo envergonhado, mas empolgado também, o rosto corado, e naquela noite ele usava um blazer azul-marinho bem decente, sem faltar nem um botão e calças bem passadas e uma gravata xadrez brilhante, e ele disse, sem jeito:

— Ah... Gladys... srta. Pirig... Eu ouvi, creio eu... Que temos uma “estrela em ascensão” entre nós. Parabéns, srta. Monroe!

A garota sorria, ou tentava sorrir, e conseguiu dizer:

— O-obrigada, prof. Dietrich. — Ele disse a ela que tinha visto *O segredo das joias* e achava que o filme era “incomumente reflexivo para Hollywood” e que sua performance era “excelente”. Era notável que ficava desconfortável ouvir isso dele. Os olhos cintilantes do homem, seu sorriso amplo. “Gladys Pirig” não tinha intenção alguma de tomar seu lugar como de costume, queria apenas escapar de nós.

Como se a terra sob ela tremesse. Como se tivesse se iludido o suficiente para pensar que não iria, apesar de estar no sul da Califórnia, e o que se podia esperar?

Ela estava andando para trás rumo à porta, e nós estávamos nos amontoando e nos acotovelando ao redor dela, falando em vozes altas para chamar sua atenção, competindo um com o outro por sua atenção, até as professoras, e o livro didático sobre poesia renascentista, que era um livro pesado e robusto, escapou de seus dedos e caiu no chão e um de nós o pescou e devolveu a ela, mas segurou por um instante a mais só para que ela não pudesse fugir, e ela disse, praticamente implorando:

— Por favor, me d-deixem em paz. Eu não sou quem vocês q-querem. — Aquele olhar no rosto! O olhar de dor, súplica, terror e

resignação feminina em seu belo rosto alguns de nós estaríamos profundamente tocados de ver em uma cena climática em *Torrentes de paixão*, quando a adúltera Rose está prestes a ser estrangulada pelo marido enlouquecido, aquele olhar no rosto de Monroe nós acreditaríamos que nós mesmos fomos os primeiros a ver, em uma noite chuvosa de quinta-feira em novembro de 1951 quando “Gladys Pirig” conseguiu escapar, abandonando seu livro, e nós ficamos para trás, embasbacados, e o prof. Dietrich a chamou em desalento:

— Srta. Monroe! Por favor. Não criaremos mais confusão, prometemos.

Mas não. Ela havia partido. Alguns poucos de nós a seguimos até a escada. Ela saltou os degraus e correu. Descendo a escada com a velocidade de um garoto, ou um animal assustado, e sem olhar para trás.

— Marilyn! — gritamos. — Marilyn, volte!

Mas ela nunca voltou.

Notas

¹ (N. da T.) Em tradução livre: *To see both blended in one flood; / The mother's milk, the children's blood, / Makes me doubt if Heaven will gather / Roses hence, or lilies rather.*

² (N. da T.) Em tradução livre: *They are all gone into the world of light! / And I alone sit lingering here; / Their very memory is fair and bright, / And my sad thoughts doth clear.*

Rumpelstiltskin

Que feitiço é esse? Quanto tempo vai durar? Quem fez isso comigo?

Nem o Príncipe Sombrio, nem seu amante secreto V a pediram em casamento, mas o anão Rumpelstiltskin, sim.

Não havia falas destinadas a ela. Ela não ousou rir. Protestou em sua voz suave:

— Ah, mas você não está falando sério, sr. Shinn!

As más línguas de Hollywood diziam que ele ria como um boneco quebra-nozes riria se tivesse vida. E foi assim que I.E. Shinn sorriu e disse:

— Por favor. Você já me conhece o suficiente, querida. Sou Isaac. Não o sr. Shinn. Você me conhece e conhece meu coração. Quando você me chama de sr. Shinn, eu me dissolvo em poeira como Bela Lugosi como Conde Drácula.

Norma Jeane disse, umedecendo os lábios:

— Is-aac.

— Isto é o melhor que seu professor de atuação, caríssimo, ensinou para você? Tente de novo.

Norma Jeane riu. Ela queria esconder o rosto do brilho do olhar penetrante do agente.

— Isaac. Is-aac? — Era mais uma súplica do que resposta.

Na verdade, essa não era a primeira vez que o formidável Rumpelstiltskin havia pedido a Princesa Cintilante em casamento, mas ela esquecia entre as propostas. Amnésia como névoa da manhã obscurecia episódios assim. Eles deveriam ser românticos, mas uma desagradável música estridente interferia. Como a Princesa Cintilante, ela tinha muito que pensar! A vida estava sendo devorada por um calendário de dias e horas densamente anotados.

A Plebeia Esfarrapada disfarçada de Princesa Cintilante. Sob um feitiço para que ao menos nos olhos da plebe, como ela mesma, parecesse brilhante e resplandecente como uma Princesa Cintilante.

Um papel desses era exaustivo, mas não havia outro para ela (“Com sua beleza, seu talento”) no momento atual, como o sr. Shinn tinha paciência de explicar. A cada década deve haver uma Princesa Cintilante exaltada acima do resto, e o papel requeria não apenas dotes físicos extraordinários, mas uma genialidade, como o sr. Shinn tinha mais paciência ainda para explicar. (“Você não acredita que beleza é genialidade, querida? Um dia, quando tiver perdido as duas, vai acreditar.”) Ainda assim, olhando-se no espelho, ela não via a Princesa Cintilante que o mundo via, maravilhado, mas a sua velha versão de Plebeia Esfarrapada. Os olhos azuis assustados, os lábios entreabertos, apreensivos. Vividamente como se justo na semana passada ela houvesse sido banida do palco na Escola Van Nuys. Ela se lembrava do sarcasmo do professor de teatro e os murmúrios e as risadas por suas costas. Essa humilhação parecia muito natural para ela, uma avaliação justa de seu valor. Ainda assim, de alguma forma, ela havia se tornado a Princesa Cintilante!

Que feitiço é esse? Quanto tempo vai durar? Quem fez isso comigo?

Ela estava sendo adestrada para o “estrelato”. Era uma espécie de produção animal, como procriação de puros-sangues.

É claro que Rumpelstiltskin reivindicava o crédito pois apenas ele tinha o poder de lançar feitiços mágicos. Ao poucos, Norma Jeane havia começado a acreditar que I.E. Shinn era de fato o único responsável: o anão mágico que professava adorá-la. (Otto Öse havia partido de sua vida fazia muito tempo. Agora, raramente ela pensava nele. Que estranho que um dia ela tivesse confundido Otto Öse com o Príncipe Sombrio! Ele não era príncipe nenhum. Ele era

um fotógrafo pornográfico, um cafetão. Ele havia enquadrado seu corpo nu, suplicante, sem ternura. Ele a traíra. Norma Jeane Baker era um nada para ele, apesar de ele a haver catado de uma pilha de lixo e salvado sua vida. Ele desaparecera de Hollywood em algum momento de março de 1951 quando recebeu uma intimação para testemunhar perante um comitê conjunto de investigação de Atividades Antiamericanas do governo da Califórnia.) Esses eram os dias em que Shinn convocou Norma Jeane ao seu escritório em Sunset Boulevard, onde ele teria aberto em uma mesa uma cópia adiantada de uma revista reluzente com “Marilyn Monroe” em poses que ela havia se esquecido por completo.

— *Baby*, olhe o que a sua *doppelgänger*, sua sócia aqui, tem feito. Lasciva, não? Isso deve chamar a atenção dos executivos no Estúdio. — Com frequência, ele ligava para ela tarde da noite para se gabar por um item plantado em uma coluna de fofoca, os dois rindo em rebuliço como pessoas que ganhavam na loteria com um bilhete que encontraram na rua.

Você não merece ganhar com um bilhete desses.

Mas então quem merece?

Naquela noite era o mesmo pedido de casamento com uma variante assustadora: Isaac Shinn montaria um contrato pré-nupcial com Norma Jeane Baker, também conhecida como “Marilyn Monroe”, deixando a ela praticamente todas as suas posses quando morresse, removendo os filhos e outros herdeiros atuais. A I.E. Shinn, Inc. valia milhões, e ela herdaria tudo! Isso ele apresentou a ela como um mágico faria, com um floreio extravagante, uma visão fantasmagórica para uma audiência crédula; ainda assim, Norma Jeane só conseguia se encolher em seu assento e murmurar, profundamente envergonhada:

— Ah, obrigada, sr. Shinn!... Quer dizer, Isaac. Mas eu não poderia fazer uma coisa dessas, você sabe. Eu simplesmente n-não

poderia.

— E por que não?

— Ah, e-eu não poderia ser a pessoa que, a pessoa que... Ah, você sabe, magoa a sua f-família. Sua família de verdade.

— E por que não?

Diante de tamanha agressão, Norma Jeane riu de súbito. Então corou em fúria. Então disse, em tom sombrio:

— Eu a-amo você, mas e-eu não estou apaixonada por você.

Pronto. Estava dito. No filme seria dito com tristeza, mas eloquência. No escritório do sr. Shinn, foi murmurado como se em uma torrente de discurso envergonhado. Shinn disse:

— Caramba. Posso amar o suficiente por nós dois, querida. Pode apostar. — O tom era jocoso, mas os dois sabiam que ele falava profundamente sério.

Com inconsciente crueldade, Norma Jeane disparou:

— Ah, mas... isso ainda não seria suficiente, sr. Shinn.

— *Touché!* — brincou Shinn, agarrando o coração, como se prestes a ter um infarto.

Norma Jeane estremeceu. Não tinha graça! Mas assim como as pessoas de Hollywood, que brincavam com as emoções que sentiam de fato. Ou talvez as emoções que sentiam de fato poderiam apenas ser expressadas em brincadeiras? Todo mundo sabia que I.E. Shinn tinha uma condição cardíaca.

Não posso me casar com você só para mantê-lo vivo, posso?

Devo?

A Princesa Cintilante era apenas uma Plebeia Esfarrapada. Rumpelstiltskin poderia bater palmas, e ela desapareceria.

Durante o curso da conversa, nem Norma Jeane tampouco Shinn aludiriam ao amante secreto de Norma Jeane, V, com quem ela esperava se casar logo. Ah, logo mesmo!

Era verdade, Norma Jeane não amava V com o abandono e desespero com o qual amara Cass Chaplin. Mas talvez isso fosse uma coisa boa. Ela amava V com suas emoções mais sãs.

Assim que o divórcio de V enfim chegasse a um acordo. Assim que a sua ex-mulher perversa julgasse que já havia sugado o suficiente de sua medula óssea.

Exatamente o que Shinn sabia de Norma Jeane e V, Norma Jeane não tinha certeza. Ela havia confiado nele como seu agente e amigo — até certo ponto. (Ela não havia confidenciado a ele que engoliu um vidro quase cheio dos barbitúricos de Cass, passando mal e vomitando em seguida, uma pasta biliosa grudenta, na manhã depois da traição de Cass.) Norma Jeane tinha a sensação inquieta de que, sendo I.E. Shinn, ele poderia saber mais sobre o caso com V do que ela mesma sabia, pois ele tinha espões atrás de seus clientes preferidos. Ainda assim, ele não falava de V como falara tão depreciativa e ofensivamente de Charlie Chaplin Jr., porque ele gostava de V e o admirava como um “cidadão bom e decente de Hollywood, um cara que pagou suas dívidas”. V foi um forte chamariz para bilheterias nos anos 1940 e ainda era protagonista nos anos 1950, para algumas partes do público ao menos. V não era Tyrone Power e não era Robert Taylor e certamente não era Clark Gable ou John Garfield, mas ele era um talento sólido e confiável, um garoto sardento com beleza bruta conhecido por milhares de americanos frequentadores de cinemas.

Eu o amo. Eu quero me casar com ele.

Ele disse que me adora.

Shinn bateu o rechonchudo punho de anão no tampo da mesa, com força.

— Você está divagando, Norma Jeane. *Eu estou* falando sério.

— Eu sinto muito.

— Eu sei que você não me “a-ama”, querida, exatamente desta forma. Mas há outras maneiras. — Shinn falava com delicadeza agora, escolhendo palavra com cuidado. — Desde que você me respeite, como eu acho que respeita...

— Ah, sr. Shinn! É claro.

— E confie em mim...

— Ah, sim!

— E desde que saiba que tenho seus interesses e bem-estar nas minhas intenções...

— Ah, sim.

— Nós teríamos uma fundação forte e imperturbável para um casamento. Além do acordo pré-nupcial.

Norma Jeane hesitou. Ela estava como uma ovelha confusa sendo pastoreada com expertise para dentro do curral. Empacando justo na entrada.

— Mas e-eu só posso me casar por amor. Não por dinheiro.

Shinn disse de forma brusca:

— Norma Jeane! Deus do céu, você não escutou o que eu disse? Huston não a ensinou a ouvir os companheiros de cena? A se *concentrar*? Sua expressão fácil e sua postura sinalizam que você está apenas “indicando”... Você não está *sentindo*. Neste caso, como você sabe o que honestamente sente? — Que pergunta! Com frequência Shinn usava táticas assim com clientes. Assumia o papel do diretor, analisando, atribuindo motivações. Não se podia discutir com ele. Seus olhos eram carvões acastanhados. Norma Jeane teve uma sensação de queda, vertigem.

Melhor ceder. Dizer sim. O que quer que ele queira. O conhecimento mágico é dele. Ele é seu pai de verdade.

Norma Jane investigara a vida privada de I.E. Shinn e sabia que ele fora casado duas vezes, a primeira por dezesseis anos. Ele havia se divorciado da esposa e logo depois oficializado o relacionamento

com uma jovem atriz contratada pela RKO, de quem se divorciara em 1944. Na época, com 51 anos. Ele tinha dois filhos adultos do primeiro casamento. Norma Jeane estivera aliviada de ouvir que Shinn era conhecido como um bom pai decente, que tivera uma separação amigável com a mãe de seus filhos.

Eu só poderia me casar com um homem que ama crianças. Que queira ter filhos.

Shinn encarava Norma Jeane de uma forma estranha. Ela tinha falado em voz alta? Feito uma careta? Shinn disse:

— Você não é religiosa, querida, é? Eu certamente não sou. Posso ser judeu, mas...

— Ah. Você é *judeu*?

— É claro. — Shinn riu da expressão no rosto da garota. Ali estava Angela em carne e osso! — O que você pensava que eu era, irlandês? Um hindu? Um mórmon?

Norma Jeane riu com vergonha.

— Ah, meu Deus, bem, eu... Eu sabia que você era dessa ascendência, mas de alguma forma eu... — Ela hesitou, balançando a cabeça. Era uma incrível performance cinematográfica: a loira burra. E tão adorável. — Até você dizer? “Judeu”.

Shinn riu.

— É daí que vem o “Isaac”, minha querida. Diretamente da Bíblia Hebraica.

Shinn estivera segurando as mãos de Norma Jeane. Por impulso, Norma Jeane levou suas mãos à boca e as cobriu com beijos. Em um êxtase de autoabnegação, ela sussurrou:

— Sou uma judia também. Em meu coração. Minha mãe admirava tanto o povo judeu. Uma raça superior! E acho que sou parte judia também. Nunca falei para você, acho...? Mary Baker Eddy era minha bisavó. Você já ouviu falar da sra. Eddy? Ela é famosa! A mãe *dela* era... judia? Não praticava a religião porque

tivera uma visão de Cristo o Salvador. Mas eu sou descendente, sr. Shinn. *O mesmo sangue circula em minhas veias.*

Essas palavras da jovem Princesa eram tão notáveis que Rumpelstiltskin não conseguiu pensar numa resposta.

A transação

Não fui eu. Aquelas muitas vezes. Era meu destino. Como um cometa a caminho da Terra e a atração gravitacional. Não dá para resistir. A gente tenta, mas não consegue.

W convocou Norma Jeane a ele, enfim. Agora que ela era “Marilyn”. Fazia anos.

Ela sabia por quê: o Estúdio estava cogitando contratá-la para um filme chamado *Almas desesperadas*. Ela fez o teste, e lhe disseram que ela estivera “fantástica”. Agora ela esperava. I.E. Shinn esperava. A convocação viera de W, o protagonista masculino.

Por que ela estivera pensando obsessivamente em Debra Mae naquelas últimas 48 horas? Não fazia sentido. Não há “morte”, ainda que os mortos sigam mortos. Era simplesmente doloroso pensar neles. *Eles não desejariam nossa pena*, Norma Jeane pensava.

Ela estava se perguntando se Debra Mae algum dia fora chamada por W. Ou por N, ou D ou B. Z, ela sabia, de fato havia convocado a garota morta. Mas Z também a havia convocado, e *ela não estava morta*.

— Marilyn. O-olá.

Ele a encarava com franqueza. Sorrindo o sorriso assimétrico. Sempre é uma surpresa ver o foco do filme na vida real. Este era o W do sorriso lupino cruel. Dava para imaginar dentes caninos afiados. Dava para imaginar um hálito quente ofegante que poderia ferver. Na verdade, era um belo homem com rosto magro como uma machadinha e provocadores olhos apertados. *Odeia mulheres. Mas você pode fazê-lo amar VOCÊ*. E ela estava tão bonita e doce: um bombom. Profiteroles. Algo a lambar com vigor, não morder e

mascar. Talvez ele teria misericórdia? Ou ela queria misericórdia? Talvez não. W não perdeu tempo passando os dedos ao redor do trêmulo antebraço nu de Norma Jeane. Sua pele era cremosamente pálida, e a dele era muito mais escura. Dedos fortes manchados de nicotina. O choque daquilo a atravessou. Uma pontada no fundo do estômago. Uma umidificação lá. Homens eram o adversário, mas era preciso fazer o adversário querer você. E aqui havia um homem não gentil como V, seu amante secreto, era gentil. Ali estava um homem que não era gêmeo de Norma Jeane como Cass Chaplin fora gêmeo.

— Faz tempo que não nos vemos, hein? Exceto pelas charges no jornal.

Nos filmes, W com frequência era um assassino. Ele fazia qualquer um torcer pelo assassino. Pois ele era alguém que apreciava morte. Um garoto grande demais, esbelto com olhos perniciosos e aquele sorriso sensual no canto dos lábios. Aquela risada aguda boba. A estreia de W no cinema foi empurrando uma mulher aleijada em cadeira de rodas escadaria abaixo. Sua risada enquanto a cadeira dispara pela escada, batendo em todos os lados, e a mulher gritando, a câmera olhando forjando um horror. *Caramba, você sabe que sempre quis empurrar uma velha dama aleijada pela escada; quantas vezes quis empurrar a vaca velha da sua mãe pela escada e quebrar o pescoço dela?*

Eles estavam em um apartamento de térreo em um edifício em La Brea, perto de Slauson. Não era uma área de Los Angeles que Norma Jeane conhecia. Em sua mágoa e vergonha ela não lembraria com clareza mais tarde. De quais apartamentos, bangalôs, suítes de hotel, “cabanas” e residências de fim de semana em Malibu ela não se lembraria claramente, desses anos iniciais do que ela imaginava que seria sua carreira, ou de qualquer forma, sua vida. Homens mandavam em Hollywood, e homens devem ser apaziguados. Essa

não era uma verdade profunda. Era uma verdade banal, e, portanto, confiável. Como *Tudo tem seu preço*. O apartamento, as janelas sombreadas por palmeiras pontudas, era pouco decorado, como um sonho em que o contorno das imagens é indefinido. Um apartamento emprestado. Um apartamento compartilhado. Nenhum carpete nos pisos de madeira arranhada. Algumas cadeiras espalhadas, um telefone solitário no beiral da janela cheia insetos mortos. Uma página solitária de *Variety* com uma manchete que olhada rápido continha as palavras “Esqueleto vermelho”, a não ser que fosse “Esqueleto velho”. Num recinto sombrio no fundo, uma cama. Um colchão acetinado com jeito de novo e um lençol solto por cima dele no que parecia ser pressa, mas poderia facilmente ter sido ares sonhadores, em contemplação. Quanto conforto tiramos no revirar frenético da mente para determinar motivação e motivo. O mundo é, ela estava começando a ver, um gigante poema metafísico cujo formato interior invisível é idêntico ao formato visível e do mesmo tamanho. Norma Jeane, em seus sapatos de salto alto e vestido de verão florido como uma capa da *Family Circle*, estava pensando que era possível o lençol estar limpo, mas era provável (era preciso ser realista aos vinte e seis anos quando se casou aos dezesseis) que não. No pequeno banheiro fedorento haveria toalhas, possivelmente limpas, provavelmente não. No cesto de lixo de vime, amontoados e endurecidos como fósseis de lesmas, você sabia o que encontraria, então por que olhar?

Ela ria agora, virando com uma charmosa falta de jeito:

— Ah! O quê...? — Para que W pudesse estabilizá-la, confortá-la em um gesto de proteção masculina.

— Nada, *baby*. Só... sabe... insetos. — No canto do olho um correr de baratas brilhantes como pedaços de plástico preto. Apenas baratas (e ela tinha muitas, em casa), ainda assim seu coração saltou de susto.

W estalou os dedos em seu rosto.

— Sonhando acordada, querida?

Norma Jeane riu, assustada. Seu primeiro reflexo era sempre rir e sorrir. Ao menos foi sua nova risada rouca, não o guincho ridículo.

— Ah, não não não *não* — seguindo aos tropeços, improvisando como na aula de atuação —, eu só estava pensando que não tem cascavéis aqui. Isso é gratificante, não ter cascavéis no mesmo recinto que você? Ou acordando você na cama? — Esta era uma interrogação ofegante mais do que uma declaração. Na presença de W como na de qualquer homem de poder não se fazia declarações exceto na forma de perguntas. Eram apenas boas maneiras, tato feminino. Seu prêmio foi que W riu. Uma risada forte que vinha da barriga.

— Você é hilária, Marilyn. Ou... o quê, Norma? Qual? — Havia uma tensão sexual empolgada entre eles. Seus olhos provocativos em seus seios, sua barriga, suas pernas, nas tiras traseiras do sapato ao redor dos magros tornozelos nus. Seus olhos provocativos em sua boca. W gostava do seu senso de humor, ela percebia. Com frequência, homens se surpreendiam com o senso de humor estranho de Norma Jeane, não esperavam isso de “Marilyn”, que era uma doce loira burra com a inteligência de uma garota de onze anos ligeiramente precoce. Pois era um senso de humor parecido com o deles. Mordaz e dissonante, como morder profiteroles e se deparar com cacos de vidro.

W estava, animado, contando uma história com uma cascavel. Na estação das cascavéis, todo mundo tinha uma história com cascavel. Homens competiam entre si. Mulheres, em geral, apenas ouviam. Mas mulheres eram essenciais como ouvintes. Norma Jeane não estava mais pensando em Debra Mae, ela agora estava chateada pensando em uma cascavel enfiando sua bela cabeça

achatada, língua chicoteante e mandíbula venenosa para dentro do que é chamado de vagina, a vagina dela, que era apenas uma fenda vazia, um nada, e o útero um balão vazio que precisava ser enchido para cumprir seu destino. Ela fazia um esforço para ouvir W, que seria o protagonista do filme se ela fosse contratada. Se ela fosse contratada. Tentando moldar o lindo rosto de boneca em uma expressão que faria este imbecil de merda pensar que ela o estava ouvindo e não se perdendo em pensamentos de novo.

Quero ser Nell. Eu sou Nell. Você não pode me manter longe dela. Eu vou roubar a cena bem debaixo do seu nariz.

W perguntava em uma voz arrastada se ela se lembrava de como haviam se conhecido em Schwab's? Norma Jeane disse com gentileza é claro que lembrava. Como não lembrar...?

— Mas aquela minha a-amiga, Debra Mae, estava comigo naquela manhã? Ou em alguma outra manhã? — As palavras escaparam. Norma Jeane não conseguiria recolhê-las. W deu de ombros.

— Quem? Não. — Ele estava parado tão perto agora que ela conseguia sentir seu cheiro. Um odor de perspiração franca. E tabaco. — Então você acha que poderíamos trabalhar juntos? É?

E Norma Jeane respondeu:

— Ah, sim, eu a-acho que podemos. Acho sim.

— Vi você em *O segredo das joias* e qual aquele outro? *A malvada*. Sim, fiquei impressionado.

Norma Jeane sorria com tanta força que a mandíbula começou a tremer. Houve o olhar longo entre eles. Nenhuma trilha de cinema, apenas o trânsito lá fora e o correr de baratas como risinhos abafados. A não ser que ela estivesse imaginando isso...? Mas ela sabia. As pessoas sempre sabem. Aquele olhar dizendo com tanta eloquência *Quero trepar com você. Você não vai me provocar e depois me largar sozinho de pau duro, vai?* W seria o único nome de estrela

no filme. Ao menos, o único nome de estrela que comprovadamente atraía plateia. W tinha o direito de escolher as co-estrelas. Norma Jeane ouviria do produtor, D, se W gostasse o suficiente dela. Ele a passaria para D naquele caso. Ou talvez não? É claro que havia o diretor, N, mas ele estava contratado por D, então possivelmente N não seria um fator. Havia o executivo de estúdio, B. O que se ouvia falar de B era melhor não ter ouvido. *Tudo tem seu preço. Não há feiura exceto quando nossos olhos ignorantes nos traem.*

E se o sr. Shinn soubesse da escalação de W? (Será que era possível que I.E. Shinn de fato soubesse?) Norma Jeane estava com tanta vergonha de si, ela tivera que declinar seu pedido de casamento depois de ter parecido aceitá-lo. Ela estava louca! Desde aquele dia terrível, Isaac Shinn agia com brusquidão e frieza profissional e se comunicava com Norma Jeane majoritariamente via assistente e por telefone. Nunca mais ele a levou para jantar no Chasen's, ou no Brown Derby. Nunca mais, com alguma doce desculpa esfarrapada, “deu uma passada” em sua casa em Ventura. Ah, Deus, ele havia chorado como ela nunca vira um homem adulto chorar. O coração partido. Só se pode partir o coração de um homem uma vez. Não era intenção dela enganá-lo, ela ficara confusa com a conversa de ser judeu. Uma náusea tomou conta dela, vendo I.E. Shinn reduzido a lágrimas. *Isso é o que amor faz com você. Até com um homem. Até com um judeu.*

Ainda assim ele enviara a ela o roteiro de *Almas desesperadas*. Ele ainda queria “Marilyn Monroe” como cliente. Ele lhe havia dito que a melhor coisa no roteiro era o título. O roteiro era artificial e melodramático e havia interlúdios “cômicos” excruciantemente horríveis, mas se ela arranjasse o papel de Nell, seria o primeiro papel de “Marilyn” como protagonista. Ela contracenaria com Richard Widmark. Widmark! Um papel dramático sério, não a bobagem de sempre de loira burra. “Você seria uma babá psicótica”,

disse Shinn. “Uma *o quê?* Quem...?”, perguntou Norma Jeane. “Uma babá doida varrida que quase joga uma menininha pela janela. Esquizofrênica. Ela amarra e amordaça a pirralha. É arriscado. Não tem interesse romântico algum com Widmark, o personagem dele é um bunda-mole, mas vocês se beijam uma vez. Tem umas coisas sensuais, e Widmark vai se sair bem. Essa babá Nell tenta seduzir Widmark, confundindo o homem com um noivo que está morto, um piloto derrubado no Pacífico, na Guerra. Sentimental. É artificial para diabo, mas talvez ninguém note. No final, Nell ameaça cortar a garganta com uma navalha. Ela é levada pelos policiais para um manicômio. Widmark está com outra mulher. Mas você teria mais cenas do que qualquer outra pessoa no filme, e a oportunidade *de interpretar* para variar”, explicou Shinn, rindo.

Shinn estava tentando passar entusiasmo, mas sua voz não soava autêntica ao telefone. Era uma voz razoável, sã. Uma voz de meia-idade coaxante. Uma voz de suéter de cardigã abotoado até o pescoço. Uma voz bifocal. O que havia acontecido com o feroz Rumpelstiltskin? Será que Norma Jeane imaginara sua mágica? E o que dizer da Princesa Cintilante, criação dele, se Rumpelstiltskin estava perdendo seus poderes?

Ele me conhecia: a Plebeia Esfarrapada. Todos eles me conheciam.

Dizendo com afabilidade:

— Você pode ir embora quando quiser.

— Querida. O papel é nosso.

Três dias depois, lá estava I.E. Shinn no telefone, se gabando.

Norma Jeane segurando o receptor com força. Não se sentia bem. Ela andara lendo livros que Cass deixara para ela, *O manual prático para o ator e sua vida*, cheio de anotações, e *O diário de Nijinsky*. Quando ela tentou falar com Shinn, sua voz fraquejou.

Shinn disse, irritado:

— Está acordada, garota? A babá. Estou falando que você conseguiu o papel principal feminino. Widmark pediu por você. O papel é nosso!

Um dos livros escorregou para o chão. Seu lápis belamente apontado rolou pelo carpete.

Norma Jeane tentou limpar a garganta. O que quer que fosse. Roucamente, sussurrou:

— É uma b-boa notícia.

— Boa notícia? É uma notícia fabulosa — disse Shinn, acusadoramente. — Tem alguém aí com você? Você não parece muito feliz, Norma Jeane.

Ninguém estava com ela no apartamento alugado. V não ligava fazia dias.

— Eu estou. Eu estou feliz. — Norma Jeane começou a tossir.

Shinn falou com empolgação por cima da tosse. Era de se imaginar que ele tivesse esquecido seu coração partido. Sua mortificação. Era de se imaginar que esse era um homem de 52 anos agora e que logo morreria. Norma Jeane conseguiu limpar a garganta e cuspiu um coágulo de catarro esverdeado em um lenço. Uma mistura similarmente gosmenta atingiu seus olhos. Por dias havia entupido suas vias respiratórias, subiu até as fendas de seu cérebro, endureceu entre seus dentes. Shinn reclamava:

— Você não parece feliz, Norma Jeane. Eu gostaria de saber por que raios *não*. Eu me mato com o Estúdio elogiando você para D, e você só fica nesse “aham, estou *fe-liz*” — imitando o que Norma Jeane presumia que fosse sua voz, uma voz de bebê anasalada e chorona. Ele fez uma pausa, suspirando com força.

Norma Jeane espiou pela linha telefônica e o viu, olhos fuzilantes eram duas joias, o nariz proeminente com narinas cheias de pelos, a boca ferida como um objeto amassado. Uma boca que ela fora incapaz de beijar. Ele havia se aproximado para beijá-la, e

ela se encolheu e se afastou com um grito. *Desculpe! Eu simplesmente não posso! Não posso amar você. Por favor, me perdoe.*

— Olha, “Nell” vai ser um estouro. Certo, o papel não faz muito sentido e é um final ruim, mas é seu primeiro papel como protagonista. É um filme sério. Agora “Marilyn” está realmente a caminho do estrelato. Está duvidando de mim, é? Seu único amigo, Isaac?

— Ah, não! Não. — Norma Jeane cuspiu de novo no lenço e o amassou rápido sem olhar. — Sr. Shinn, eu nunca duvidaria de *você*.

Nell 1952

Transformação — é por isso que a natureza do ator, consciente ou inconscientemente, anseia.

— Mikhail Tchekov,
Para o ator

1.

Eu a conhecia. Eu era ela. Não o amante, mas o pai a havia deixado. Eles disseram para ela que ele se perdeu na guerra. Eles mentiram: era apenas dela que ele havia se perdido.

2.

Frank Widdoes.

Detetive de Homicídios de Culver, Frank Widdoes!

No primeiro ensaio de *Almas desesperadas* ela se deu conta de quem era “Jed Towers”. Não o ator famoso (por quem ela não sentia emoção alguma, nem desdém), mas seu amante perdido, Frank Widdoes, que ela não via fazia onze anos. Em “Jed Towers” ela viu os olhos desejosos-culpados-cruéis. O homem era um erro de elenco para o papel de durão de coração bom. Era um papel para V, não W, com seu sorriso torto e olhos provocantes. Na verdade, W era um brutamontes, um assassino. Um predador sexual. Ainda assim, sob seu toque, Nell derretia. Você tinha que usar um termo brega como esse, “derretia”. Aquela certeza louca brilhando nos olhos arregalados. Na própria insolência de seu corpo de mulher pequena. (Norma Jeane insistiu em usar o sutiã de Nell bastante

apertado. Os seios constringidos sob o tecido empertigado. Logo seria a marca registrada de Marilyn não usar roupas íntimas, mas, como Nell, era uma exigência. “As tiras do sutiã devem aparecer no tecido, quando eu for vista de costas. Ela está tentando manter a sanidade. Ela está tentando *tanto*.”)

Eu amo você, vou fazer qualquer coisa por você. Não existe eu, existe apenas VOCÊ.

Ela beijaria “Jed Towers”. Com paixão, faminta. Cairia nos braços do homem com tamanha intensidade, Richard Widmark ficaria surpreso. E com um pouco de medo dela. Será que estava interpretando? Será que Marilyn Monroe estava atuando como Nell ou será que Marilyn Monroe estava tão faminta e ansiosa por *ele*? Mas o que afinal de contas é “atuar”? Norma Jeane nunca beijara Frank Widdoes. Não como ele quisera que ela o beijasse. Ela sabia, e ela o havia negado. Ela tivera medo dele. Um homem adulto tem o poder de entrar em sua alma. Seus namorados eram apenas garotos. Um garoto não tem poder. O poder de ferir, talvez, não o poder de adentrar sua alma.

— Norma Jeane. Ei. Vamos lá. — Ela não tivera escolha exceto entrar no carro, os extensos cachos loiro-escuros sacolejando ao redor do rosto. O que Widmark saberia de Widdoes? Nada! Não fazia a menor ideia. Ele a fizera se ajoelhar perante ele, mas ela não o amara. Sua presunção, a arrogância sexual, o pênis do qual se orgulhava tanto, ela não amara; era irreal para ela. O que era real era Frank Widdoes acariciando seu cabelo. Murmurando seu nome. O nome de som mágico para seus próprios ouvidos, na voz dele. Por si só, “Norma Jeane” não era um nome mágico, mas se tornava na voz tão profundamente sedenta de Frank Widdoes, e ela sabia ser linda e desejada. *Ser desejada é ser linda*. Porque ele a havia escondido, chamado o seu nome, ela havia entrado no carro. Um carro de polícia sem identificação. Ele era um oficial da lei. Do

Estado. Contratado pelo Estado, tinha autorização para matar. Ela o tinha visto espancar um garoto com um revólver, colocá-lo de joelhos e na calçada manchada de sangue. Ele portava um revólver num coldre preso no ombro esquerdo e numa tarde chuvosa e nebulosa perto do aterro na altura dos trilhos do trem onde o corpo havia sido encontrado ele pegou sua mão, a pequena mão macia, e fechou os dedos dela ao redor da parte de trás do revólver, quente de seu corpo. Ah, ela o amava! Por que ela não o beijara? Por que ela não o havia deixado despi-la, beijá-la como ele queria, feito amor com ela com sua boca, suas mãos, seu corpo? Ele carregava “proteção” na carteira, numa embalagem de papel-alumínio.

— Norma Jeane? Eu prometo. Não vou machucar você.

Em vez disso, ela o deixara escovar seu cabelo.

Pois ali estava seu pai verdadeiro. Ele machucaria quem quer que fosse por ela, mas nunca ela.

Ela perdera Frank Widdoes. Ele havia desaparecido de sua vida com os Pirig, o sr. Haring, o longo cabelo loiro-escuro cacheado e os dentes da frente levemente tortos. Ainda assim lá estava a personagem de filme “Jed Powers” a encarando. Richard Widmark era o nome do ator.

Enxergando não Widmark — que a essa altura não significava para mim mais do que o pôster de filme com ator famoso —, mas Frank Widdoes, que entrara em minha alma. Quanta paixão em Nell! Sua pele quente, e o corpo pronto para o amor! Ela havia se portado com negligência, fazendo sinais para esse estranho com um agitar nas venezianas. Ela é uma babá em um hotel da cidade grande. Ela entrou numa fantasia. Roupas glamourosas emprestadas, perfume emprestado, joias e maquiagem, que transformavam a tímida Nell numa beleza loira sedutora pronta para atacar “Jed Powers” com seu jovem corpo desejoso. Toda ação requiere justificativa. Você deve encontrar um motivo para tudo que

faz no palco. Nell tinha acabado de ser liberada de um hospital psiquiátrico. Havia tentado cometer suicídio. Os pulsos com cicatrizes. Está apavorada como Gladys estava apavorada com a ideia de deixar Norwalk. As mãos de Gladys retesadas como garras. O corpo magro de Gladys endurecendo quando Norma Jeane insistia *Talvez você possa vir ficar comigo, um fim de semana? Tem o Dia de Ação de Graças. Ah, Mãe!*

O estranho chega, batendo na porta de Nell. Seus olhos provocantes se movem na direção dela; a avaliação é sem dúvida sexual. Ele trouxe uma garrafa de uísque, está empolgado e nervoso também. As pálpebras dela tremem como se ele tivesse acariciado sua barriga; sua voz infantil baixa:

— Gosta de como estou? — Mais tarde, eles se beijam. Nell se move para o beijo como uma cobra sinuosa e faminta. “Jed Powers” é pego de surpresa.

Widmark foi tomado de surpresa. Ele nunca sabia quem era “Marilyn”, quem era “Nell”. Não era o estilo de atuação de Widmark. Ele era um habilidoso ator técnico. Ele seguia a direção do diretor. Com frequência sua mente estava em outro lugar. Havia algo humilhante em ser um ator, para os homens. Qualquer ator é um tipo de fêmea. A maquiagem, as provas de figurino. A ênfase em aparência, atratividade. Quem se importa com a aparência de um homem? Que tipo de homem usa maquiagem nos olhos, batom, ruge? Mas se esperava que ele carregasse o filme. Um melodrama ruim que poderia ter sido uma peça de teatro de tão estática e baseada em diálogo, na maior parte do tempo um único cenário. “Richard Widmark” era o único nome conhecido no elenco e ele tinha como certo que dominaria o filme. Entraram com toda a sua arrogância em *Almas desesperadas* como o interesse romântico de duas moças bonitas que nunca se encontram. (A outra era Anne Bancroft, em sua estreia em Hollywood.) Mas toda porra de cena

com “Nell” era um combate corpo a corpo. Ele podia jurar que a garota não estava interpretando. Estava tão mergulhada no personagem do filme que era impossível se comunicar com ela; era como tentar falar com um sonâmbulo. Olhos arregalados e parecendo ver, mas ela vê um sonho. É claro, a babá Nell estava meio que sonâmbula; o roteiro a definia dessa forma. E, ao ver “Jed Powers”, ela não o vê, ela vê o noivo morto; está presa em desilusão. O roteiro não explora o significado psicológico da questão que levanta como melodrama: onde termina o sonho e a loucura começa? Será que todo “amor” se baseia em desilusão?

Depois Widmark contaria a história de como Marilyn Monroe, aquela vadiazinha astuta, roubava cada cena em que estavam juntos! Cada cena! Não era evidente na época, apenas quando viam o material bruto, as gravações do dia. E mesmo assim não seria claro como ficaria nas exhibições quando viram o filme na íntegra. Na verdade, todas as cenas em que Marilyn Monroe estava, ela conseguia roubar. E quando “Nell” não estava na câmera, o filme morria. Widmark odiava “Jed Powers” — só falava e não fazia nada. Ele não conseguia matar ninguém, nem mesmo socar, chutar, espancar; era a babá psicopata loira que tinha todas as cenas ricas de ação, amarrando e amordaçando a pirralhinha, quase a jogando de uma janela alta. (Na exibição mesmo entre veteranos de Hollywood, metade da audiência estava assustada implorando “Não! Não!”.) O diabo era que no estúdio e cenário, Marilyn Monroe parecia dura de medo. Uma vara enfiada no rabo.

— Que idiota. Aquele rosto e corpo lindos e você queria ficar longe dela, como se ela tivesse algo contagioso. Naquelas “cenas” de amor com ela era como se me sugassem as entranhas para fora, e, francamente, eu não tenho entranhas de sobra. Ou ela não consegue interpretar o que quer que seja, ou está sempre

interpretando. *Passa a vida inteira interpretando, assim como respira.*

O que realmente deixava Widmark possesso era que Nell tinha que fazer toda cena de novo, várias vezes. A teimosa voz ofegante:

— Por favor. Eu consigo fazer melhor, sei disso. — Então nós gravávamos de novo o que já tínhamos feito, e o diretor dizia que estava bom. Claro, era possível que ficasse melhor na vez seguinte e um pouco melhor na seguinte, mas e daí? Será que aquele melodrama porcaria valia aquilo?

Talvez para ela fosse uma questão de sobrevivência, mas para ele não.

3.

Tão estranho. Houve uma manhã em que ela se deu conta. Apenas “Marilyn Monroe” era conhecida ali, não Norma Jeane.

4.

Eu realmente quis matar a criança! Ela estava ficando alta demais, não era mais uma criança. Ela estava perdendo o que a deixava especial.

Dizendo ao diretor:

— Sua motivação para matar a menina é: a criança é ela. A criança é Nell. Ela quer se matar. Ela não quer crescer, e se você não cresce, tem de morrer. Eu queria que você me deixasse acrescentar falas minhas! Sei que posso me sair melhor. Nell é uma poeta, sabe. Nell fez uma aula noturna de poesia e escreveu poesia sobre amor e morte. Perder o amor para a morte. Ela foi hospitalizada e agora está livre, mas ainda está atrás das grades, sua mente aprisionou Nell em si mesma. Por que está me olhando assim? É a coisa mais

clara do mundo. É óbvio. Por favor, me deixe fazer Nell do meu jeito, eu *sei*.

5.

Nijinsky também foi uma criança abandonada pelo pai. Seu belo pai dançarino. Abandonado, e um prodígio. Dance, dance! Sua estreia aos oito anos, o colapso vinte anos depois. O que se pode fazer, além de dançar, dançar? Dançar! Pode dançar em carvões em chamas, e a plateia aplaude, mas quando parar de dançar, os carvões em chamas devoram você. *Eu sou Deus, eu sou morte, eu sou amor, eu sou Deus e morte e amor. Eu sou seu irmão.*

6.

Calma como uma boneca de dar corda. Ainda que, no invisível, ela estivesse tensa, tremendo. A pele pegajosamente pálida (a pele de Nell era pegajosamente pálida), ainda que quente ao toque. *Quando nos beijávamos, eu sugava sua alma para dentro de mim como uma língua. Eu ria, o homem tinha tanto medo de mim!* Ela não estava louca (Nell estava louca em seu lugar), mas ela enxergava com os olhos perfurantes da loucura. É claro que ela não era Nell, mas a jovem atriz capaz que “interpretava” Nell como alguém poderia “interpretar” uma música no piano. Ainda assim ela continha Nell. Uma atriz é maior do que os papéis que contém, então Norma Jeane era maior que Nell, porque continha Nell. Nell era o germe de loucura no cérebro. Nell prometia em um sussurro:

— Eu vou ser de qualquer jeito que você quiser. — No fim, ela sussurrava, quando era levada embora: — Pessoas que se amam... — Nell, a Plebeia Esfarrapada. Nell sem sobrenome. Ela ousou se transformar numa princesa ao se apropriar das posses de uma mulher rica: um vestido preto elegante, brincos de diamante,

perfume e batom. Mas a Plebeia Esfarrapada foi desmascarada e humilhada. Até a tentativa de suicídio foi frustrada. Num lugar público, o saguão de um hotel. Estranhos olhando boquiabertos para ela. *Nunca fui tão feliz como quando pressionei a lâmina da navalha em minha garganta.* E lá estava a voz de Mãe, incitando *Corte! Não seja covarde como eu!* Mas Norma Jeane respondeu com calma *Não. Eu sou uma atriz. Esta é minha arte. Eu faço o que faço para simular, não para ser. Porque sou eu quem contenho Nell, não o contrário.*

Era um momento de autodisciplina. Ela passava fome e bebia água gelada. Ela corria cedo de manhã pelas ruas de West Hollywood até Laurel Canyon Drive ao ponto de seu jovem corpo saudável vibrar com energia. Ela não tinha necessidade de dormir. Ela não tomava poção mágica alguma para ajudá-la a dormir. Através das noites, alternava seus vigorosos exercícios de aquecimento de atriz e seus livros, a maioria usada ou emprestada. Nijinsky a fascinava. Havia tanta beleza e certeza em sua loucura. Começou a ter a impressão de ter conhecido Nijinsky anos antes. Diversas das experiências dele com sonhos eram as dela própria.

Ela continha Nell, mas certamente Norma Jeane não era Nell. Pois Nell era uma mulher imatura, emocionalmente rudimentar. Não conseguiria viver sem um amante para afastá-la da loucura e autodestruição. Tinha que ser derrotada, banida. Por que Nell não se vingou? Norma Jeane se sentia tentada a empurrar a criança irritável pela janela na cena de suspense. Como Mãe havia se sentido tentada a derrubar sua bebezinha no chão. Gritando para a enfermeira *Ela escorregou das minhas mãos! Não tenho culpa.* Norma Jeane parou a produção, perguntando ao diretor, N, por favor, ela poderia reescrever parte da cena? Só umas falas?

— Eu sei o que Nell diria. Estas não são as palavras de Nell.

Mas N negava. N ficava perplexo com ela. E se todas as atrizes quisessem reescrever as falas?

— Eu não sou todas as atrizes — protestou Norma Jeane. Ela não contou a N que ela própria era poeta e merecia as próprias palavras. Estava furiosa com a injustiça do destino de Nell. Pois a loucura deve ser punida num mundo em que a mera sanidade é premiada. A vingança dos ordinários sobre os dotados.

Até I.E. Shinn estava começando a notar as mudanças na cliente. Ele visitou o estúdio das gravações de *Almas desesperadas* diversas vezes. O olhar na cara de Rumpelstiltskin! Norma Jeane estava tão perdida em Nell que mal percebera a presença dele, ou dos outros observadores. Entre gravações, ela corria para se esconder. Ela não era “sociável”. Ela faltava entrevistas. Os outros atores não sabiam o que entender disso. Bancroft estava maravilhada com sua intensidade, mas com medo dela. Sim, poderia ser contagioso! Widmark estava sexualmente atraído por ela, mas começava a ficar insatisfeito e a desconfiar dela. O sr. Shinn a alertou para não “se desgastar totalmente” — não ser tão “intensa”. Ela quis rir na cara dele. Ela estava indo além de Rumpelstiltskin agora. Que ele lançasse feitiços. Como se “Marilyn” fosse uma invenção dele. Dele!

Foi o momento da autodisciplina. Ela se lembraria disso, do estágio de Nell, como o nascimento real de sua vida como atriz. Quando ela se deu conta pela primeira vez do que interpretar poderia ser: vocação, destino. Sua “carreira” era uma publicidade vulgar montada pelo Estúdio. Não tinha nada a ver com esta arrebatadora vida interior. Sozinha, ela vivia e revivia as cenas de Nell. Ela memorizara as falas de Nell. Ela tateava para encontrar um corpo para ela, um ritmo de fala. À noite, inquieta demais para dormir depois da intensidade do dia de trabalho, ela lia *Para o ator*, de Mikhail Tchekov, e *A preparação do ator*, de Constantin

Stanislavski, e ela estava lendo um livro oferecido insistentemente por seu técnico de atuação, *The thinking body*, de Mabel Todd.

O corpo é instável,
é por isso que sobrevive.

Soava como poesia aos seus ouvidos, um paradoxo verdadeiro. Ela sabia que sua atuação era puro instinto e talvez ela nem sequer estivesse atuando, e esse gasto de espírito a esgotaria antes dos trinta anos. Assim, o sr. Shinn a alertou. Norma Jeane era como uma jovem atleta com vontade de ir ao limite e além, trocando sua juventude pelo aplauso da multidão. Isso havia acontecido com o prodígio Nijinsky. Genialidade não precisava de técnica. Mas “técnica” é sanidade. Seus professores disseram que lhe faltava “técnica”. Mas o que era “técnica” se não a ausência de paixão? Nell não era acessível por meio de “técnica”. Nell era acessível apenas em mergulhos alma adentro. Nell era feroz e condenada. Nell precisava ser derrotada, sua sexualidade negada. Ah, qual era o segredo de Nell? Norma Jeane chegava perto, mas nunca conseguir adentrar esse território. Ela poderia “ser” Nell apenas até certo ponto. Ela falava com N, que não fazia a menor ideia do que ela estava falando. Ela falava com V, dizendo que nunca tinha se dado conta, atuar podia ser tão solitário. V respondeu:

— Ser ator é a profissão mais solitária que eu conheço.

7.

Eu nunca a explorei, nunca. Eu não roubei dela. Isso foi um presente dela para mim. Eu juro!

Era uma manhã urgente quando Norma Jeane foi ao Hospital do Estado de Norwalk em um Buick conversível emprestado. Era uma manhã livre. Estava livre de Nell naquele dia. Nenhuma cena de

Nell seria ensaiada ou filmada naquela manhã. Como de costume, Norma Jeane levou presentes a Gladys: um livro fino de poemas de Louise Bogan, uma cestinha de vime de ameixas e peras. Apesar de ter motivo para acreditar que Gladys quase nunca lia os livros de poesia dados a ela e desconfiava de presentes que eram comida. *Mas quem envenenaria Gladys? Quem além dela mesma?* Norma Jeane deixava dinheiro para Gladys como de costume. Ela se envergonhava de não ter visitado Gladys desde a Páscoa, e já era setembro. Ela enviara vinte dólares para a mãe, mas ainda não havia contado as boas notícias sobre *Almas desesperadas*. Norma Jeane não contava a Gladys boas notícias de sua vida e carreira fazia um tempo, raciocinando *Talvez não seja verdade de fato? Talvez seja um sonho? Eles vão vir tirar tudo de mim?*

Para a visita ao hospital, Norma Jeane usou calças brancas estilosas de náilon, uma blusa preta de seda, um echarpe preta e diáfana ao redor do cabelo platinado e sapatos brilhantes pretos com um salto médio. Ela estava graciosa, de voz suave. Não estava ansiosa, nervosa, atenta; ela não era Nell, havia deixado Nell para trás; Nell ficaria apavorada ao entrar um hospital psiquiátrico, Nell ficaria paralisada no portão e incapaz de entrar. “Como é claro, *eu não sou Nell*.”

Dizendo a si mesma *É só um papel. Um papel em um filme. O mero conceito de “papel” quer dizer “ter um papel em algo maior”.* *Nell não é real, e Nell não é você. Nell não é sua vida. Nem a sua carreira.*

Nell está doente, e você está bem.

Nell não é nada além do “papel”, e você é a atriz.

Isso era verdade! Isso era verdade!

Nessa manhã, ela era a Princesa Cintilante visitando a mãe em Norwalk. A mãe “psicologicamente perturbada” que ela amava e não tinha esquecido. Sua mãe, Gladys Mortensen, que ela nunca

abandonaria, como filhos, filhas, irmãs e irmãos haviam abandonado membros da família internados em Norwalk.

Agora ela era a Princesa Cintilante, observada pelos outros com admiração empolgada e esperança, medindo a distância entre eles próprios e ela e querendo que a distância fosse exata.

Agora ela era a Princesa Cintilante advertida pelo Estúdio e pela Agência Preene para aparecer em público perfeitamente arrumada e em figurino, nenhum fio de cabelo fora do lugar, porque nunca se está invisível em momentos assim, os olhos e as orelhas do mundo estão voltados para você.

De imediato, ela estava ciente da recepcionista e das enfermeiras a olhando com interesse sorridente. Como se uma chama horizontal houvesse entrado no hospital pavoroso. E lá veio o dr. K, que nunca antes aparecera tão rápido. E um colega, o dr. S, que Norma Jeane nunca vira. Sorrisos, apertos de mão! Todos estavam ansiosos para ver a filha atriz de cinema de Gladys Mortensen. Nenhuma dessas pessoas tinha visto *O segredo das joias* ou *A malvada*, mas haviam visto ou acreditavam ter visto fotos da jovem estrela “Marilyn Monroe” em jornais e revistas. Até aqueles que desconheciam tanto “Marilyn Monroe” quanto Norma Jeane Baker estavam determinados a dar uma espiada nela enquanto a levavam por um labirinto de corredores para a distante Ala C. (“C” para “Casos Crônicos”?)

Ela é bonita, não é? Tão glamourosa! E aquele cabelo! É claro que é falso. Olhe para a pobre Gladys, seu cabelo. Mas elas se parecem, não? Filha, mãe. É óbvio.

Ainda assim, Gladys mal reconhecia Norma Jeane. Não reconhecê-la de imediato era um traço seu, uma mistura de manha e teimosia. Sentada em um sofá despencando em um canto do fedorento saguão mal iluminado como um saco de roupas para lavar. Talvez fosse uma mãe solitária esperando a visita da filha, mas

talvez não fosse. Norma Jeane sentiu uma pontada de decepção e dor: Gladys estava usando um vestido cinza de algodão muito parecido com o que usara no domingo de Páscoa, apesar de Norma Jeane ter avisado que sairiam para um *brunch*. Naquele dia, também, elas dariam uma volta no centro de Norwalk. Será que Gladys esquecera? O cabelo parecia não ver uma escova havia dias. Estava molengo, oleoso e em um estranho tom metálico de castanho meio grisalho. Os olhos de Gladys estavam fundos, mas atentos; olhos ainda lindos, apesar de menores do que Norma Jeane lembrava. Como a boca de Gladys estava menor, cortada com vincos fundos como se feitos com uma faca.

— Ah, M-mãe! Aqui está você. — Era uma observação fútil fora do roteiro. Norma Jeane beijou a bochecha de Gladys, instintivamente prendendo a respiração perto do odor corporal rançoso fermentado.

Gladys levantou a cabeça, a face parecendo uma máscara, e disse com secura para Norma Jeane:

— Nós nos conhecemos, moça? Você *fede*.

Norma Jeane riu, corando. (Havia funcionários do hospital perto o suficiente para ouvir. Esperando de propósito perto da porta. Absorvendo com ambição o que conseguiam ver e ouvir da visita de “Marilyn Monroe” à mãe.) Era uma piada, é claro: Gladys não gostava do odor químico do cabelo descolorido de Norma Jeane misturado com o poderoso perfume Chanel que V lhe dera. Envergonhada, Norma Jeane murmurou um pedido de desculpas, e Gladys deu de ombros como quem perdoa ou é indiferente. Ela parecia estar saindo devagar de um transe. *Tão parecida com Nell. Mas não roubei dela, juro.*

E então o ritual breve de presentear. Norma Jeane se sentou ao lado de Gladys no sofá capenga e passou o livro de poesia e a cesta de frutas para ela, falando destes objetos como se fossem itens

significativos e não acessórios, acessório de palco, algo para fazer com as mãos. Gladys murmurou obrigada. Ela parecia gostar de ganhar presentes, na verdade, ela tinha pouco que fazer com eles e muito provavelmente dava para outras pessoas assim que Norma Jeane ia embora, ou não tomava cuidado em prevenir que fossem roubados por seus companheiros de internação. *Eu não roubei desta mulher. Eu juro!* Norma Jeane carregava a maior parte da conversa, como de costume. Ela estava pensando que não deveria permitir que Gladys soubesse de Nell; Gladys não deveria saber nada do melodrama lúrido *Almas desesperadas* com seu retrato de uma mulher jovem mentalmente perturbada que abusa e chega perto de matar uma garotinha. Um filme assim seria totalmente fora de questão para Gladys Mortensen, ou para qualquer paciente de Norwalk. Ainda assim, Norma Jeane não conseguiu deixar de contar para Gladys que vinha trabalhando como atriz ultimamente — “trabalho sério, exigente”; ela ainda estava contratada pelo Estúdio; houvera uma matéria a respeito dela como uma da nova geração de estrelas de Hollywood na *Esquire*. Gladys escutou de seu modo sonâmbulo de costume, mas, quando Norma Jeane abriu a revista e mostrou para ela a foto de uma página inteira glamourosa e linda de “Marilyn Monroe” em um vestido decotado de paetês brancos, sorrindo com alegria para a câmera, Gladys ficou olhando e piscando diversas vezes.

Em tom de desculpas, Norma Jeane disse:

— O vestido! O Estúdio quem forneceu. Não é *meu*.

Gladys fez uma careta.

— Você está usando um vestido que não é seu? Mas está limpo? É um vestido limpo?

Norma Jeane riu, sem jeito:

— Não parece muito comigo, eu sei. Eles dizem que Marilyn é fotogênica.

A que Gladys respondeu:

— Quem diria! Seu pai sabe?

— Meu p-pai? Sabe o quê? — perguntou Norma Jeane.

— Dessa tal “Marilyn”.

— Ele não sabe meu nome profissional, creio eu — disse Norma Jeane. — Como poderia?

Mas Gladys havia despertado. Ela encarava com orgulho, orgulho materno, reanimada do transe de anos e contemplando a exibição esplêndida, como frutas amadurecidas, de seis jovens vedetes, qualquer uma delas poderia ser sua filha. Norma Jeane sentiu um beliscão como se tivesse sido repreendida. *Ela me usaria para chegar a ele. É este meu valor para ela. Ela o ama, não eu.*

Espertamente, Norma Jeane tentou:

— Se você me dissesse o nome de Papai, eu poderia enviar esta revista a ele. Deus, eu poderia... ligar para ele em algum momento. Se ainda estiver morando...? Em Hollywood?

Norma Jeane hesitou em contar a sua mãe que estivera perguntando por anos a respeito de seu pai elusivo, e pessoas com boas intenções, em geral, homens, haviam informado nomes; mas nenhum tinha resultado em muita coisa. *Estão só me agradando. Eu sei. Mas não posso desistir!* (Ela havia flertado com humor, bêbada de espumante em uma estreia, com Clark Gable. Brincando com o famoso que eles poderiam ser parentes, e ele ficou perplexo, sem fazer ideia do que aquela bela jovem loira estava querendo dizer.) Norma Jeane repetiu:

— Se você me dissesse o nome de Papai. Se...

Mas Gladys estava perdendo o entusiasmo. Deixou a revista fechar sozinha. Disse, em uma voz monótona morta:

— Não.

Norma Jeane escovou o cabelo da mãe, arrumou-a um pouco e, impulsivamente, passou a echarpe negra e diáfana, que também era

um presente de V, ao redor do pescoço da mãe e a guiou de mãos dadas para fora do hospital. Norma Jeane fizera as combinações necessárias; Gladys Mortensen era uma paciente com privilégios. Era um longo plano sequência com o câmara em um carrinho em trilhos acompanhando os movimentos, e uma música animada de fundo. Atrás delas, a equipe uniformizada do hospital, até o cortês dr. X, observavam-nas sorrindo. A recepcionista disse a Gladys:

— Como você está bonita hoje, sra. Mortensen! — Com a echarpe negra e diáfana Gladys havia se tornado uma mulher digna. Ela não deu sinal de sequer ouvir o comentário.

Norma Jeane levou Gladys para o centro de Norwalk, a um salão de beleza, onde o cabelo desgrehado de Gladys foi lavado com xampu, penteado e montado com laquê. Gladys ou não resistiu ou foi bastante cooperativa. A seguir, Norma Jeane levou Gladys para um brunch em uma casa de chá. Havia apenas clientes mulheres, e não muitas. Elas encararam sem vergonha a bela moça loira com a frágil mulher de meia-idade que poderia ter sido — devia ser? — sua mãe. Ao menos, o cabelo de Gladys agora estava apresentável, e a echarpe escondia o colo manchado e amarrotado do vestido. Fora da atmosfera subaquática do hospital psiquiátrico, Gladys tinha uma aparência praticamente normal. Norma Jeane fez o pedido para as duas. Depois ajudou a mãe a servir chá na xícara. Disse maliciosamente:

— Não é um alívio estar *fora*? Fora daquele lugar horrível! Nossa vida poderia ser só passear de carro, não é, Mãe? Só... dirigir! Você é minha mãe, seria perfeitamente legal. Subir a costa até São Francisco. Até Portland, no Oregon. Até o... Alasca! — Quantas vezes Norma Jeane havia sugerido a Gladys que ela passasse alguns dias com ela em seu apartamento em Hollywood; um fim de semana tranquilo. — Só nós duas.

Agora que Norma Jeane às vezes ficava até doze horas no estúdio, não era uma possibilidade muito provável; ainda assim pairava a ideia, a oferta perpétua. Gladys dava de ombros e resmungava, entretida. Gladys mastigou a comida. Gladys bebericou o chá sem parecer se importar que o líquido quente queimasse seus lábios. Norma Jeane disse com ares de flerte:

— Você precisa sair mais, Mãe. Não tem nada de errado com você, na verdade. “Nervos”... Todos nós temos “nervos”. Tem um médico em tempo integral no Estúdio que é contratado só para prescrever remédios para os nervos dos atores. *Eu me recuso. Eu prefiro só ficar nervosa, acho.* — Norma Jeane ouviu sua provocativa voz de menininha. A voz que cultivara para Nell. Por que ela estava dizendo coisas assim? Era fascinante ouvir. — Às vezes, eu acho, Mãe, que você não quer ficar bem. Você está se escondendo naquele lugar horrível. E lá *fede*. — A máscara de Gladys enrijeceu. Os olhos profundos pareceram recusar. A mão tremeu segurando a xícara, derramando chá na echarpe preta, sem ninguém reparar. Norma Jeane continuou a falar em uma voz de garotinha mais baixa. Elas poderiam ter sido cúmplices, mãe e filha! Elas poderiam estar planejando uma fuga. Norma Jeane não era Nell, mas essa era a voz de Nell, e seus olhos estavam apertados e brilhantes como os de Nell naquelas cenas extáticas em que “Jed Powers” era subjugado por ela, assim como “Widmark” era subjugado por “Marilyn Monroe”. Gladys nunca conhecera Nell. Nunca conheceria Nell. Seria cruel, como olhar em um espelho distorcido: um espelho que transformava a mulher envelhecida em uma garota de novo, irradiando beleza. Norma Jeane continha Nell como qualquer atriz habilidosa contém um papel, mas certamente Norma Jeane não era Nell, pois *Nell não existia*.

— De todos os enigmas, Mãe, este é o que não consigo entender — disse Norma Jeane de forma pensativa. — Que alguns de nós

“existem”... E a maioria não. Houve um antigo filósofo grego que dizia que a coisa mais gostosa do mundo seria não existir, mas eu discordo disso, sabe? Porque assim não teríamos conhecimento. Nós conseguimos nascer e isso deve significar algo. E antes de nascermos, onde estávamos? Tenho uma amiga atriz chamada Nell, ela está contratada pelo Estúdio como eu, e ela me diz que fica acordada de noite, a noite inteira, se atormentando com perguntas assim. O que significa nascer? Depois que morremos, vai ser a mesma coisa que era antes de nascermos? Ou um tipo diferente de nada? Porque pode haver conhecimento então. Memória.

Gladys se moveu inquieta na cadeira de costas retas e não respondeu.

Gladys, sugando os lábios pálidos.

Gladys, a guardiã de segredos.

Foi então que Norma Jeane viu as mãos ressecadas de Gladys. Foi então que Norma Jeane se lembrou de ter visto, ainda no salão de visitantes, as mãos da mãe agarradas aos joelhos e depois enterradas no colo. As mãos de sua mãe fechadas em punhos. Ou abertas, e os dedos magros se esfregando um no outro. Unhas quebradas e roídas com sangue nas cutículas, enfiando-se umas nas outras. Em alguns momentos, as mãos de Gladys pareciam quase estar em luta livre por dominância. Até quando Gladys professava uma indiferença de sonâmbula ao que estava sendo dito a ela, ali em seu colo estava a evidência de seu estado de alerta, sua agitação. *As mãos são seu segredo! Ela desistiu do segredo!*

Lá estava a Princesa Cintilante devolvendo sua mãe ao Hospital Psiquiátrico Estadual em Norwalk, ala C, para sua proteção. Lá estava a Princesa Cintilante limpando lágrimas dos olhos ao dar um beijo de despedida na mãe. Com gentileza, a Princesa Cintilante desenrolou a echarpe negra e diáfana da mulher que envelhecia e a passou ao redor de seu adorável pescoço sem rugas.

— Mãe, me perdoe! Eu amo você.

8.

Não tinha sido sua intenção. Não tinha sido sua intenção explorar a mãe. Talvez ela estivesse inconsciente disso, na verdade. *As mãos! As mãos inquietas de Nell, buscando. Mãos de loucura.* Em *Almas desesperadas*, lá estava Norma Jeane como Nell com as mãos de Gladys Mortensen e o encarar paralisado. A alma de Gladys Mortensen no corpo jovem de Norma Jeane.

Cass Chaplin e seu amigo Eddy G. viram o filme em um cinema fino de Brentwood, a uma distância pequena de carro da casa que estavam guardando para a ex-mulher de um executivo da Paramount que tinha uma paixão por Eddy G. desde muito tempo. Norma Jeane estava fantástica, uma loira-maluca-perturbada com as alças do sutiã aparecendo. Eles voltaram para ver de novo, dessa vez gostando mais ainda de Norma Jeane. Inevitável como a morte é o FIM. Cass cutuca Eddy:

— Quer saber? Ainda estou apaixonado por Norma. — E Eddy G. diz, balançando a cabeça como se tentasse limpá-la: — Quer saber? *Eu* estou apaixonado por Norma.

A morte de Rumpelstiltskin

Num dia ele estava gritando com ela ao telefone, no dia seguinte estava morto.

Num dia ela sentiu muita vergonha, no seguinte, muito pesar e remorso.

Eu não o amava o suficiente. Eu o traí.

Ele foi punido no meu lugar, Deus me perdoe!

Que escândalo! O ensaio fotográfico “*Golden Dreams*” que Norma Jeane fizera com Otto Öse havia anos tinha sido encontrado e publicado na capa do tabloide sensacionalista *Hollywood Tatler*:

FOTOS NUAS PARA CALENDÁRIO DE MARILYN MONROE?

Negado pelo Estúdio

“Nós não fazíamos ideia”, afirmam executivos

De imediato, a história suja foi repercutida pela *Variety*, pelo *L.A. Times*, pela *Hollywood Reporter* e pelos serviços nacionais de notícias. O ensaio nu foi reimpresso com partes estratégicas do corpo voluptuoso barradas com uma tarja preta ou cobertas sugestivamente no que parecia ser renda preta opaca. (*Meu Deus, o que fizeram comigo? Isso é pornografia de verdade.*) O ensaio se tornaria um assunto quente para colunistas de fofoca, personalidades de programas de rádio, até editoriais de jornal. Fotos nuas de atrizes contratadas eram proibidas por estúdios; “pornografia” era proibida. Os estúdios estavam desesperados para manter seus produtos puros. Norma Jeane não tinha assinado um contrato estipulando que comportamento *contrário à moral* da

comunidade de Hollywood resultaria em suspensão do contrato ou até rescisão? Um repórter atento do *Hollywood Tatler* (particularmente interessado em nus de moças mais jovens) havia encontrado a foto num calendário antigo e examinou o rosto da garota com um pressentimento de que era a jovem estrela loira em ascensão Marilyn Monroe; ele investigou e descobriu que a modelo havia se identificado em um contrato em 1949 como “Mona Monroe”. Que furo! Que escândalo! Que vergonha para o Estúdio! “Miss *Golden Dreams*” havia aparecido em um calendário com garotas chamado *Beleza para todas as estações*, publicado pela Ace Hollywood Calendários, o tipo que se encontra em postos de gasolina, bares, fábricas, delegacias e quartéis de bombeiros, clubes masculinos e dormitórios. “Miss *Golden Dreams*” com o sorriso ansioso e vulnerável e axilas lisas e nuas e seios lindos, barriga, coxas e pernas, e o cabelo loiro-mel caindo pelas costas haviam habitado muitos milhares ou dezenas de milhares de sonhos masculinos de muito pouco significado nocivo, como a imagem fugaz que desperta o orgasmo e é esquecida logo em seguida. A garota era uma das doze beldades nuas sem identificação no próprio calendário. Ela de fato não lembrava muito da miríade de fotos publicitárias de “Marilyn Monroe” que havia começado a aparecer na mídia em 1950, organizada pelo Estúdio para distribuição como qualquer fabricante poderia enviar logomarcas produzidas em massa, anúncios que atraíam o olhar para bens de consumo. “Miss *Golden Dreams*” poderia muito bem ter sido uma irmã mais nova de “Marilyn Monroe”: menos glamourosa, menos personalizada, o cabelo aparentemente natural, pouca maquiagem nos olhos e nada da conspícua pinta preta na bochecha esquerda. Como o repórter a reconheceria? Será que alguém lhe dera uma dica?

Norma Jeane não tinha visto nem os negativos nem as impressões da foto agora notória pela qual Otto Öse lhe dera, em dinheiro, cinquenta dólares. Se perguntassem, Norma Jeane poderia afirmar que tinha esquecido o ensaio fotográfico assim como tinha esquecido, ou quase esquecido, de Otto Öse, o predador.

Aparentemente, ninguém sabia para onde Öse fora. Alguns meses antes, durante um intervalo nas filmagens de *Almas desesperadas*, Norma Jeane foi num impulso para o antigo estúdio de Otto, pensando... bem, talvez ele estivesse precisando dela? Talvez estivesse com saudades dela? Talvez precisasse de dinheiro? (Ela tinha pouco de dinheiro na época. A ansiedade a cada pagamento era de que gastaria rápido e não teria nada economizado.) Mas o velho estúdio deteriorado de Otto não estava mais lá, tinha virado um espaço de quiromancia.

Havia um rumor cruel de que Otto morrera de subnutrição e de overdose de heroína num hotel imundo em San Diego. Ou Otto havia voltado derrotado para sua terra natal no Nebraska. Doente, em frangalhos, morrendo. Sufocado pelo mar de lama do destino. A onda sem cérebro da Vontade. Ele havia colocado seu frágil navio humano — a “ideia” de sua individualidade — contra esta Vontade sedenta e havia perdido. Em sua cópia de *Mundo como Vontade e Representação*, de Schopenhauer, que ele lhe emprestara para ler, Norma Jeane havia se deparado com *O suicídio dá vontade à vida e apenas está insatisfeito com as condições sob as quais ele se apresentou*.

— Espero que esteja morto. Ele me traiu. Nunca me amou. — Norma Jeane chorou com amargor. Por que Otto Öse a perseguiu com sua câmera? Por que ele não a deixou se esconder dele na Radio Plane? Ela era uma moça, uma jovem esposa, quase uma criança; ele a expusera para o mundo dos homens. Olhos masculinos. O falcão mergulhando o bico no peito da ave canora.

Mas por quê? Se Otto Öse não tivesse aparecido e arruinado sua vida, Norma Jeane e Bucky ainda estariam casados. Já teriam vários filhos a essa altura. Dois meninos e uma menina! Eles seriam felizes! E a sra. Glazer, uma avó cheia de amor. Tão felizes! Afinal, Bucky não tinha sussurrado para ela, no momento exato de sua partida para a Austrália: “Quantos filhos você quiser, Norma Jeane. Você que manda”?

Um escandalozinho cafona! Vulgar e vergonhoso colocado entre manchetes das baixas dos Estados Unidos na Coreia, fotos na primeira página de “espiões da bomba atômica”, Julius e Ethel Rosenberg sentenciados à pena de morte na cadeira elétrica, relatos de testes da bomba de hidrogênio na União Soviética. I.E. Shinn acabara de telefonar para Norma Jeane parabenizando-a por mais críticas boas por *Almas desesperadas*. Era de se imaginar que o agente não esperava tamanha resposta, pois a maioria das críticas, disse, era séria, inteligente, respeitosa.

— E os outros, os filhos da puta, que vão para o inferno. O que é que sabem?

Norma Jeane estremecia. Queria desligar rápido. Ela havia se sentido, desde a *première*, como um pássaro num fio, vulnerável a pedras, tiros. Um beija-flor observado pela mira de um rifle. Shinn tinha boas intenções, assim como V tinha boas intenções, e outros amigos, defendendo-a de críticas de quem ela não sabia e nem saberia nada.

Shinn então lia trechos de críticas de jornais do país na voz de comentarista de coluna social como Walter Winchell, e Norma Jeane tentava ouvir apesar do rugido nos ouvidos.

— “Marilyn Monroe, uma estrela em ascensão em Hollywood, prova-se uma presença cinematográfica forte e dinâmica no suspense sombriamente perturbador que também estrela Richard Widmark. O retrato de uma jovem babá mentalmente

desequilibrada é tão assustadoramente convincente que você acreditaria...”

Norma Jeane agarrava o receptor do telefone. Ela tentou sentir uma fagulha de felicidade. De satisfação. Ah, sim, ela *estava* feliz... não estava? Ela sabia que havia atuado com habilidade, talvez até mais que isso. Na próxima ela se sairia melhor. Exceto pelo pensamento que a perturbava: e se Gladys fosse ver *Almas desesperadas*? E se Gladys visse como Norma Jeane havia se apropriado de suas mãos em garra, seus maneirismos de sonhos em ausência? Norma Jeane interrompeu Shinn para exclamar:

— Ah, sr. Shinn! Não fique bravo comigo. Eu sei que é b-bobo, mas eu tenho uma sensação tão forte, é como se fosse uma lembrança de verdade, que eu fiquei n-nua no filme? — Ela riu com desconforto. — Eu não estava, estava? Não consigo me lembrar. — De alguma forma viera a ela em um clarão de que ela precisara tirar as roupas em uma das cenas. Nell teve que tirar o vestido porque não era dela.

Shinn explodiu:

— Norma Jeane, pare! Você está sendo ridícula.

E Norma Jeane, envergonhada, disse:

— Ah, eu sei que é bobo. É só um... um pensamento. Na *première*, eu fechei muito os olhos. Não conseguia acreditar que aquela garota era eu. E já, sabe, com o passar do tempo... O tempo é este rio rápido que corre dentro de nós... Ela já *deixa de ser*. Mas todo mundo na plateia pensaria que era eu: “Nell.” E depois, na festa: “Marilyn”.

— Você está dopada de analgésicos? É sua menstruação? — perguntou Shinn.

E Norma Jeane disse:

— N-não, não é. Isso não é da sua conta! Não estou usando analgésicos, não estou. — O restante daquela preciosa conversa com

I.E. Shinn! Aquela última vez que ele falaria com ela com gentileza, com amor. Ele havia ligado a negócios. Ela estava sendo cogitada pelo Estúdio para contracenar com Joseph Cotten em um novo filme, *Torrentes de paixão* era o título, e se passava nas Cataratas do Niágara; Norma Jeane seria uma adúltera sensual maquinadora e futura assassina chamada Rose.

— Querida, “Rose” vai ser fantástica, eu prometo. Cá entre nós, acho o filme muito mais sofisticado do que *Almas desesperadas*, que, cá entre nós, para mim, é uma grande porcaria teatral exceto por sua performance. Agora, se eu conseguir um acordo melhor daqueles malditos...

Horas depois, Shinn ligou de volta. Mal Norma Jeane tirou o telefone do gancho e ele já estava gritando:

— ... nunca me falou que fez uma coisa dessas! Quando foi isso, 1949? Quando em 1949? Você estava contratada naquela época, não estava? Sua tola! Sua idiota! O Estúdio provavelmente vai suspender você, e no pior momento possível! “Miss *Golden Dreams*”! O que é que foi isso, erotismo comercial? Aquele palhaço do Otto Öse? Que apodreça no inferno! — Shinn parou para respirar, bufando como um dragão. Norma Jeane pensaria em parte, mais tarde, que Rumpelstiltskin estivera ali com ela em pessoa. Ela estava em pé atordoadada, agarrada ao telefone. Do que este homem estava falando? Por que estava tão furioso? “Miss *Golden Dreams*”... Como assim? Otto Öse? Otto estava morto?

Shinn dizia:

— “Marilyn” era minha, sua vadia burra. “Marilyn” era linda, e ela era minha; *você não tinha direito nenhum de roubá-la de mim*.

As últimas palavras de I.E. Shinn para Norma Jeane. E nunca mais ela o veria, exceto em seu caixão.

— É como se eu fosse uma c-comuna, acho? Todos os jornais estão atrás de mim.

Norma Jeane tentou brincar. Por que era tão importante? Porque não era engraçado? Todos tão furiosos com ela! Odiando-a! Como se ela fosse uma criminosa, uma perversa! Ela explicou que havia posado nua apenas uma vez em sua vida inteira e que havia feito só pelo dinheiro.

— Eu estava desesperada. Cinquenta dólares! *Você estaria desesperado também.*

Quando nós lhe mostramos o calendário, ela não se reconheceu. Não parecia estar fingendo. Ela sorria, suava. Folheou o calendário procurando Miss Golden Dreams até um de nós apontar, e ela olhou e olhou e o olhar em pânico surgiu no rosto. E então foi como se ela fingisse se reconhecer, lembrar. E ela não conseguia.

Ela já estava sentindo falta de I.E. Shinn! Aterrorizado, ele a demitiria como cliente. Ele não fora autorizado a ir ao Estúdio com ela para a reunião de emergência no escritório do sr. Z. A tarde toda ela ficaria escondida com os furiosos homens enojados. Eles não riram de suas piadas nem uma vez! Ela havia se acostumado com homens gargalhando ruidosamente da menor de suas gracinhas. “Marilyn Monroe” seria uma comediente inspirada. Mas ainda não. Não com esses homens.

Havia o sr. Z com sua cara de morcego, que mal conseguia se obrigar a olhar para ela. Havia o sr. S, encaracolado como um saca-rolhas, que a encarava como se nunca tivesse visto uma mulher tão degradada, tão detestável, e não conseguisse tirar os olhos dela. Havia o sr. D, que era um coprodutor em *Almas desesperadas* e havia convocado Norma Jeane na noite seguinte de seu encontro com W. Havia o sr. F com cara sorridente, que era o chefe de relações-públicas do Estúdio e claramente aflito. Havia o sr. A e o sr. T, advogados. De tempos em tempos, havia outros, todos homens.

Em seu estado atordoado Norma Jeane não se lembraria com clareza mais tarde. O sr. Shinn gritando com ela! Outras vozes, ao telefone, gritando com ela! E o que ela fez? Ela correu para o banheiro do apartamento e se atrapalhou abrindo o armarinho atrás do espelho e pegou uma navalha como Nell havia pegado uma navalha, mas seus dedos tremeram, e o telefone já estava tocando de novo, e a lâmina diminuta escorregou por entre seus dedos.

Ela havia se dado conta de que precisaria se medicar para aguentar a crise. Foi seu instinto inicial, como poderia ter sido orar em um momento anterior da vida. *Foto nua. “Marilyn Monroe.” Descoberta. Hollywood Tatler. Agências de notícias. Estúdio furioso. Escândalo. Legião Católica da Decência, os guias de entretenimento para a família cristã. Ameaças de censura, boicote.* Rápido ela havia tomado dois analgésicos de codeína do tipo prescrito para ela pelo médico do Estúdio para cólicas menstruais e enxaquecas e como não fizeram efeito imediato, ela entrou em pânico e engoliu um terceiro.

Agora, através de um telescópio, ela conseguia observar a loira piscando cercada de homens furiosos. A loira sorria do jeito que se sorriria em uma superfície inclinada para indicar que não estava ciente da inclinação. Dizendo a si mesma que a situação era grave. Em um filme dos Irmãos Marx seria comédia. *Vaca burra. Vaca deprimente.* O Estúdio queria comercializar o corpo da loira, mas apenas nas condições definidas por eles. No andar de baixo, havia uma gangue de repórteres e fotógrafos se amontoando. Equipes de rádio e televisão. Notificaram a eles que Marilyn Monroe e um porta-voz do Estúdio logo lançariam uma declaração a respeito da foto nua para o calendário. Mas isso não era ridículo? Norma Jeane protestou:

— É como se eu fosse o general Ridgway fazendo alguma declaração na Coreia. Isso é só uma *foto* boba.

Os homens continuavam a encará-la. Havia o sr. Z, que não havia trocado uma palavra com Norma Jeane desde que ela fora conhecer seu aviário quase cinco anos antes. Como ela era jovem naquela época! Desde a ocasião, o sr. Z fora promovido a diretor de produções. Sr. Z, que havia esperado destruir a carreira de Marilyn Monroe como punição por ser uma vagabunda e por ter sangrado em seu lindo carpete de pele branca. *A não ser que isso nunca tivesse acontecido? Mas por que eu lembraria com tanta clareza?* Sr. Z nunca perdoaria Marilyn, apesar de ela estar sob contrato em seu estúdio; o sr. Z nunca conseguiria se livrar de Marilyn porque temia que ela fosse contratada por um concorrente. Ele era um pai furioso, ela, uma filha penitente ainda que provocante.

Norma Jeane implorava:

— Por que é tão importante? Uma foto nua? Que é só de *mim*? Já viram as fotos dos campos de concentração nazistas? Ou de Hiroshima, Nagasaki? Pilhas de corpos como se fossem lenha? Criancinhas e bebês também. — Norma Jeane estremeceu. As palavras a perturbaram mais do que ela pretendia. Tudo isso saía do roteiro, e ela ia ficando sem âncora. — *Isso é incômodo. Isso é pornografia. Não uma triste vadia burra desesperada por cinquenta dólares.*

Que é por que nós nunca confiamos nela. Ela não conseguia seguir um roteiro. Qualquer coisa poderia sair daquela boca.

Na manhã seguinte, o telefone que ela propositalmente deixara fora do gancho estava tocando e a acordando. Ela poderia jurar que escutou vibrações! O coração saltou, pensando que seria o sr. Shinn, perdando-lhe. Ele não a teria perdoado, já que o Estúdio perdoara? Já que o Estúdio havia decidido não demiti-la? Na coletiva de imprensa, ela havia se saído brilhantemente como “Marilyn Monroe”. Dizendo a repórteres apenas a verdade. *Eu*

estava tão pobre em 1949, estava desesperada por apenas cinquenta dólares, eu nunca posei para fotos nuas antes ou desde então e sinto muito, mas não sinto vergonha. Eu nunca faço nada de que me envergonho, esta é minha criação cristã.

Norma Jeane se atrapalhou para colocar o telefone no gancho ao ver que eram quase dez da manhã e de imediato o telefone tocou e ela o atendeu com ansiedade:

— A-alô? Is-aac? — Mas não era o sr. Shinn. Era a assistente do sr. Shinn, Betty (que Norma Jeane tinha motivo para acreditar ser uma espiã do FBI, apesar de não poder explicar por que isso nem sequer parecia provável, dada a devoção inabalável de Betty ao seu chefe).

— Ah, Norma Jeane! Você está sentada? — A voz de Betty estava desafinada e engasgada. Norma Jeane estava atirada nua em sua cama fedorenta segurando o telefone com quase calma, pensando que o *sr. Shinn está morto. Seu coração. Eu o matei.*

Algum tempo depois naquela manhã, Norma Jeane engoliu o resto dos poderosos comprimidos de codeína, cerca de quinze. Para ajudar a engolir, leiteiro levemente rançoso. Nua e trêmula, ela se deitou no piso do quarto para morrer encarando o teto com rachaduras finas, sombrio *Agora Bebê está perdido para nós, para todos nós para sempre.* Teria sido um bebê com uma espinha retorcida? Teria sido um bebê com olhos lindos e uma alma linda. Dentro de poucos minutos, ela vomitou tudo, uma viscosa pasta biliosa cor de giz que endureceria entre seus dentes apesar de ela escovar, escovar, escovar até as gengivas suaves sangrarem.

O resgate

Em abril de 1953, Os Geminianos entraram na vida de Norma Jeane. *Se eu soubesse que eles estavam cuidando de mim, eu teria sido mais forte.*

Coisas aconteceram. E continuariam a acontecer. Um caminhão-caçamba lotado com todos os presentes de Natal que ela nunca havia ganhado no Lar de Órfãos do Condado de Los Angeles estacionou e largou todos os seus tesouros sobre ela.

— Ah...! Isso está acontecendo *comigo*? O que é isso que está acontecendo *comigo*? — Uma vida solitária e introspectiva na infância, praticando escalas no piano, agora se voltava para fora, festiva como a trilha sonora de um musical de comédia com o volume tão alto que não se ouviam a letra, apenas a música. O estrondo.

— É algo que me assusta, sabe...? Porque não sou ela. *Não sou Rose.*

— Quero dizer, não sou uma vagabunda. Eu amaria um homem como Joseph Cotten, amaria mesmo! Ele feriu a mente, na Guerra. Talvez o corpo também. Ele é... o que se chama de “impotente”, talvez? Não fica claro. Tem uma cena em que estamos meio que... nos amando. Rose está mexendo lá, mas ele não parece notar; ele está rindo, ele está doido por ela, dá para ver. Esta cena, vou fazer com seriedade. Como Rose brincaria com ele. Quer dizer... ela está atuando, mas eu vou atuar como se ela não estivesse atuando. Uma coisa: eu morreria de medo de zombar de um homem na sua frente,

um homem que... sabe, um homem que não consegue... não é... *um homem*. Nesse sentido.

O Estúdio (“depois que eu chupei todas as rolas, uma de cada vez, dando a volta na mesa”) a perdoou pelo escândalo da foto nua e aumentou seu salário para mil dólares por semana mais gastos ocasionais. De imediato, Norma Jeane tomou as providências para transferir Gladys Mortensen de Norwalk para um hospital psiquiátrico privado muito menor em Lakewood.

Seu novo agente (que havia assumido a I.E. Shinn Inc.) a aconselhou:

— Boca fechada, está bem, querida? Ninguém precisa saber que a mãe de “Marilyn Monroe” é uma paciente psiquiátrica.

Em Monterey, no hotel resort que haviam visitado na baixa temporada. A suíte com vista para o Pacífico, os penhascos. Pedregulhos absurdamente imensos rolando pelo cérebro. Crepúsculo cegante de luz claríssima. Então V diz:

— Agora sabemos como é a aparência do inferno, ao menos. Quer dizer, ao menos, qual a aparência do inferno.

Norma Jeane brilhante e vivaz como “Marilyn” responde a piada:

— Ah, ei! É a *sensação* que o inferno causa. É essa questão.

E V ri, bebericando seu drinque. O que é isso que ele sussurra? Norma Jeane não consegue ouvir exatamente.

— ... E isso também.

Os amantes estão no hotel resort em Monterey para celebrar o novo contrato de “Marilyn” no Estúdio. Estrela principal em *Torrentes de paixão*, com seu nome sobre o título. Mais importante ainda, a decisão da briga pela custódia do filho de V. E tem o papel recente de V na série televisiva na *Philco Playhouse*, pelo qual ele recebeu boas críticas no país inteiro. Então V diz:

— Caramba, é só televisão. Não seja condescendente.

— Só televisão? Televisão é o futuro da América, eu diria — fala Norma Jeane, na voz séria e gutural de “Marilyn”.

— Meu Deus, espero que não. A caixinha preta e brega em preto e branco. — V dá de ombros.

— Quando o cinema começou ele também era uma caixinha preta e brega em preto e branco. Espere para ver, querido.

— Não. Querido não pode esperar. Querido não é mais tão jovem.

— Ei, espera — protesta Norma Jeane —, do que você está falando? É, *sim*! Você é o homem mais novo que conheço.

V termina sua bebida. Sorri para o copo. Seu rosto largo e sardento de garoto parece ser de papel machê.

— *Você é jovem, baby* — diz ele. — Eu, eu talvez esteja em fim de carreira.

Domingo ao meio-dia voltariam para Hollywood, para suas casas separadas.

Essas cenas inventadas. Improvisadas depois do fato. Elas a atormentariam ao longo do resto da vida.

Nove anos e cinco meses da vida.

E os minutos correndo rápido.

Será que poderia haver uma ampulheta de tempo em que o tempo corre na direção oposta? Será que Einstein havia descoberto que o tempo poderia retroceder, já que um raio de luz poderia ser revertido?

— Mas por que não? Você tem que se perguntar.

Einstein sonhava de olhos abertos. “Experimentos de pensamento.” Isso no fundo não era diferente de um ator improvisando como Norma Jeane fazia, depois do fato. Que era por que “Marilyn Monroe” estaria cada vez mais atrasada para compromissos. Não que Norma Jeane estivesse paralisada por

timidez, indecisão, insegurança encarando seu lindo rosto luminoso de boneca em qualquer espelho de desespero e esperança; não, eram as cenas inventadas no improviso que a sustentavam.

Veja, se houvesse um diretor e ele dissesse certo, vamos fazer isso de novo, você faria, não? De novo e de novo — quantas vezes fossem necessárias para a perfeição.

Quando não há diretor o ator deve ser seu próprio diretor. Sem roteiro para guiá-lo? — Escreva seu próprio roteiro.

Dessa forma, tão simples e clara, dava a impressão de saber o verdadeiro significado de uma cena que nos ilude enquanto a vivemos. O verdadeiro significado de uma vida que nos ilude nesse denso matagal que é viver.

Em todas as suas buscas externas, diz Constantin Stanislavski, um ator nunca deve perder a própria identidade.

— Eu nunca seria uma vagabunda como Rose! Quer dizer... Eu respeito homens, sou louca por homens. Amo homens. A beleza deles, a fala... o cheiro. Um homem numa camisa branca de mangas longas, sabe...? Uma camisa social...? Com punhos e abotoaduras. Isso me enlouquece. Eu nunca poderia zombar de um homem. Em especial, um veterano como o marido de Rose! Uma pessoa mentalmente “incapaz”. Essa é a coisa mais malvada, mais cruel... Sim, estou um pouco preocupada com o que o público vai pensar? “Marilyn Monroe é uma grande vagabunda, e ela acabou de fazer uma babá psicótica? Esta Rose não só é infiel com o marido, mas faz troça na cara dele e *conspira para matar o homem*? Ah, meu Deus.”

Cenas inventadas, improvisações. Logo estaria tão atormentada por elas que não conseguiria se lembrar de um momento em que sua mente havia sido mais livre.

— É só tão simples. Você quer fazer *certo*.

Merecer viver? *Você?* Que vaca deprimente. Que vagabunda. Ela não pediria o conselho de V. Ela não desejaria mostrar tamanha fraqueza ao amante. Ainda assim, tinha que se perguntar: será que Nell tinha algo a ver com isso? Nell e Gladys. Pois Gladys-era-Nell. Disfarçada. Norma Jeane havia se apropriado das mãos de Gladys, sem imaginar que Gladys havia lhe dominado como um demônio poderia habitar um corpo. (Para quem acreditasse em superstições assim. Norma Jeane, não.) Naquela manhã, dirigindo para Norwalk, ela havia entrado em uma atmosfera contagiosa. Dizem que hospitais estão lotados de micróbios (invisíveis), por que não hospitais psiquiátricos? Eles seriam piores. Mais letais. Norma Jeane estava lendo Sigmund Freud, *A interpretação dos sonhos*, as páginas do livro manchadas e desmanchando da água oxigenada, do salão de beleza. Como tudo é determinado pela infância. Ainda assim é preciso pensar e os micróbios? vírus? câncer? ataque cardíaco? Tudo isso é *real*.

Talvez, uma vez que estivesse estabelecida em Lakewood, Gladys a perdoaria?

Uma festa em Bel Air, no terraço, lá embaixo os pavões gritando. Tão escuro (apenas o tremular das chamas das velas) que não dava para distinguir rostos até se aproximarem. Esse aqui, uma máscara de borracha de Robert Mitchum. Os olhos sonolentos caídos, o astuto sorriso em declive. Aquela forma de falar arrastada como se vocês dois estivessem na cama juntos e fosse uma cena de proximidade extraordinária. E ele é alto, não um cotoco. Norma Jeane está transfixada, vendo um ídolo de cinema cara a cara, e o hálito quente alcoólico do homem em sua orelha, e dessa vez ela está grata que V tenha se afastado dela. Robert Mitchum! De olho *nela*. Em Hollywood, Mitchum tem o tipo de reputação que faria

outro ator ser suspenso do estúdio. Como ele escapou da atenção da CAA, ninguém sabe. Por cima dos gritos maníacos dos pavões, há esta conversa que Norma Jeane repetirá sem parar em sua mente como um disco.

MITCHUM: Ora, olá, Norma Jeane. Não fique com vergonha, querida... Eu conheci você antes de "Marilyn".

NORMA JEANE: O quê?

MITCHUM: Muito antes de "Marilyn". Lá no vale.

NORMA JEANE: Você é Robert M-Mitchum?

MITCHUM: Pode chamar de Bob, querida.

NORMA JEANE: Está dizendo que me conhece?

MITCHUM: Estou dizendo que conheci "Norma Jeane Glazer" muito tempo antes de "Marilyn". Acho que em 44, 45. Veja bem, eu trabalhei na Lockheed, na linha de montagem, com Bucky.

NORMA JEANE: B-Bucky? Você conheceu Bucky?

MITCHUM: Não, eu não *conheci* Bucky. Só trabalhei com Bucky. Eu não aprovava Bucky.

NORMA JEANE: Não aprovava...? Por quê?

MITCHUM: Porque aquele filho da puta incompetente trazia fotos da bela esposa adolescente e passava para os outros verem, se gabando disso até eu corrigir o rapaz.

NORMA JEANE: Não estou entendendo... O quê?

MITCHUM: Faz tempo pra cacete. Ele já está fora da cena, imagino?

NORMA JEANE: Fotos? Que fotos?

MITCHUM: Vai com tudo, “Marilyn”. Se o Estúdio cagar na sua cabeça, faça como Bob Mitchum e cague de volta, em dobro. E boa sorte.

NORMA JEANE: Espere! Sr. Mitchum... Bob...

V a estava observando. V retornava com cuidado. V de camisa sem gravata, um único botão fechado em seu blazer esportivo de linho claro. V o garoto-modelo americano sardento levado ao limite em sua resistência contra o inimigo nazista, arrancando uma baioneta das mãos de um alemão e enfiando-a em suas estranhas e a audiência-modelo dos Estados Unidos aplaudindo como se fosse um *touchdown* de futebol americano na escola. V tomou o ombro nu de Norma Jeane e perguntou o que Robert Mitchum estava falando para ela, que parecia tão intrigada, praticamente caindo nos braços do filho da mãe, e Norma Jeane disse que Mitchum um dia fora um amigo de seu ex-marido.

— Muito tempo atrás, acho. Eles eram garotos juntos lá no vale.

Era aquela festa, o multimilionário petroleiro do Texas com um tapa-olho querendo investir no Estúdio, o incrível pássaro e os animais em cativeiro na parte externa da casa entre tochas e um truque com lua de papel translúcida sobre as palmeiras iluminada de baixo para dar aos convidados a impressão de que havia *duas luas no céu!* — aquela festa, os Geminianos (que haviam chegado sem convite, mas dirigindo um Rolls Royce emprestado) estavam

cuidando de Norma Jeane de longe. Tinham visto Mitchum mas não ouvido suas palavras. Eles viram V e não ouviram.

— Só que eu sinto, às vezes... que minha pele não está aqui? Uma camada está faltando? Tudo pode machucar. Como queimaduras de sol. Desde que o sr. Shinn morreu. Sinto tanta falta dele. Ele era o único que acreditava em “Marilyn Monroe”. Os donos do estúdio não, com certeza. “Aquela vagabunda”, eles chamavam. *Eu* nunca acreditei muito. Tem tantas loiras... Depois da morte do sr. Shinn, eu quis morrer também. Eu causei a morte dele, parti o coração dele. Mas eu sabia que tinha que viver. “Marilyn” era invenção dele, ele dizia... talvez fosse verdade. Eu talvez tivesse que viver por “Marilyn”. Não que eu seja exatamente religiosa. Já fui. Agora, não sei o que eu *sou*. No fundo não acredito que alguém saiba no que acredita; as pessoas só falam, o que acham que deveriam dizer. Como esses juramentos de lealdade que temos de assinar. Todo mundo tem de assinar. Um comunista mentiria, certo? Então qual o sentido? Mas, veja... Imagino que tem certa obrigação. Uma responsabilidade? A história de H.G. Wells *A máquina do tempo*? O viajante no tempo viaja para o futuro nesta máquina que não consegue controlar muito bem, vai muito para o futuro, e tem esta visão: o futuro já está lá, na nossa frente. Nas estrelas. Não me refiro a coisas supersticiosas, como... astrologia? Leitura de mão? Tentativas de prever o futuro, e sempre umas picuinhas! *Eu* seria uma ótima pessoa para ver o futuro, perguntaria qual a cura para o câncer? Ou para doenças psiquiátricas? Quero dizer, o futuro está à nossa frente, como uma rodovia ainda não viajada, talvez ainda por pavimentar. Você deve a quem quer que serão seus descendentes, a prole de seus filhos, permanecer vivo. Garantir que essas crianças nasçam. Faz sentido? Eu acredito nisso. Tem um sonho meu com

este bebê... tão lindo. Bom, não vou falar a respeito, é privado. Eu só queria, no sonho, que houvesse uma pista de quem é o pai!

Abril de 1953. Lá estava Norma Jeane em retiro, escondida em um camarim, chorando. Música alta do lado de fora, gargalhadas altíssimas. Ela estava tão ferida! Insultada. O petroleiro do Texas tocando nela para ver se ela era “real”. Querendo dançar *boogie woogie* com ela. Ele não tinha o direito. Não esse tipo de dança. E se V tivesse visto? E o sr. Z com sua cara de morcego e o sr. D com seu olhar cruel espiando. *Não sou uma vagabunda para você contratar. Sou uma atriz!* Em momentos assim, Norma Jeane sentia *tanta* falta do sr. Shinn. Pois V a amava, mas não parecia gostar muito dela. Essa era a verdade pura. Além disso, parecia que ultimamente ele tinha inveja dela: sua carreira! V, que fora famoso quando Norma Jeane estava no ensino médio, levantando o rosto para vê-lo na tela com seu rosto sardento de garoto. E talvez V nem a amasse. Talvez V apenas gostasse de trepar com ela.

Demorou dez minutos só para consertar o dano no rímel. Dez minutos para aliciar de volta a linda e loira Marilyn, a alegria da festa.

— Ah, bem na hora!

Um elogio para I.E. Shinn

Nos recônditos do céu moram
Espíritos das pessoas que se foram.

Mas de fato é mentira que isso ocorra.
Só não queremos... que a pessoa morra!

O único poema que Norma Jeane havia escrito fazia muito tempo. E era um poema ruim.

Às vezes na cama, nos braços do próprio homem que está apavorada de perder. Sua mente salta como pipoca na panela! Ela está suspirando, gemendo, lamuriando-se enquanto passa os dedos pelo cabelo cacheado e cheio. Feliz como uma enguia entrelaçada nos seus braços sardentos, musculosos e grandes. (Tem uma pequena tatuagem da bandeira americana em seu bíceps esquerdo. Tão beijável!) E ele rola para cima dela, beijando-a com selvageria, penetrando-a do melhor jeito que pode e se sua ereção se sustenta (você prende a respiração e torce muito, muito, muito!) ele faz amor com ela em movimentos arfantes, solavancos como se bombeasse; à medida que se aproxima do final ele muda a marcha para um movimento trêmulo, peculiar, todo homem tem seu estilo único de fazer amor ao contrário de todo homem que só consegue fazer algo depois de um boquete, porque todos são sempre a mesma coisa, pau fino ou pau grosso, pau curto ou pau longo, pau aveludado ou pau marcado de veias, pau com cor de banha ou pau vermelho cor de morcilha, pau limpo com sabonete ou pau coberto de muco, pau tépido ou pau fervento, pau liso ou pau enrugado, pau jovem ou pau decrepito, sempre o mesmo pau, e é repulsivo. Quando Norma Jeane ama um homem como Norma Jeane ama V ela dá uma performance digna de Oscar. É verdade, sempre tivera dificuldade ao sentir sensações físicas com V, isso é genuíno. Como tivera dificuldade ao sentir muito com Bucky Glazer bufando e resfolegando *eia, eia, eguazinha!* e gozando em sua barriga como um espirro nojento, se ele se lembrasse de tirar a tempo. Ah, ela quer tanto agradar V! Parecendo saber de antemão, como *Screen Romance*, *PhotoLife*, *Modern Screen* revelam em sua cobertura das estrelas, é apenas o amor que importa, amor de verdade, não “só uma carreira”. Ora, Norma Jeane já sabe disso. É só senso comum. Com V, ela simula na sua mente como poderia ser, prazer sexual; uma subida lenta e depois muito rápida e difícil de conter até o

orgasmo; lembrando-se dos longos momentos lânguidos com Cass Chaplin, em um estupor de prazer sem saber se era noite ou dia, manhã ou fim de tarde, Cass nunca usou um relógio e raramente roupas, dentro de casa com olhos úmidos e imprevisível como uma criatura selvagem, e quando faziam amor, cada parte de seus corpos suados se grudava, até os cílios...! Dedos e unhas! Ah, mas Norma Jeane ama V mais do que um dia amou Cass. Ela acredita nisso. V é um homem de verdade, um cidadão adulto. V foi um marido. Então com V, que é um homem orgulhoso como todos os homens que já conheceu, Norma Jeane quer que ele se sinta Rei do Mundo. Quer que ele pense que ela sente algo especial. Os poucos filmes pornográficos que ela viu, ela sempre se sentia envergonhada de pensar que as garotas poderiam se esforçar um pouco mais para fingir interesse.

Às vezes, ela chega a um clímax real. Ou algo no fundo da barriga. Uma sensação apertada aguda subindo a uma crise chocada e incrédula, então cortada como um interruptor desligado de súbito. Isso é um orgasmo? De certa forma, ela se esqueceu. Mas murmurando:

— Ah, querido, eu amo você. Amo muito muito *você*. — E é verdade! Extasiada de pensar uma vez, como uma esposa garota, ela havia segurando a mão de seu marido em uma sala de cinema em Mission Hills assistindo a esse homem, seu amante, como um garoto piloto impetuoso em *The Young Aces*: ele descendo de paraquedas, descendo, descendo até a terra entre fumaça e tiros e música quase insuportavelmente cheia de suspense, e será que Norma Jeane poderia ter adivinhado que um dia ela estaria fazendo amor com aquele mesmo homem, que surpresa!

— É claro, não é o mesmo homem, acho. Nunca é.

Atrás dos refletores brilhantes e escondido nas sombras estratégicas, o Atirador de Elite. Ágil como um lagarto agachado em uma parede

de jardim em roupa de borracha para surfistas fechada com um zíper e escura como a noite. É tudo uma suposição, mesmo entre aqueles que estão no ramo: há apenas um Atirador de Elite no sul da Califórnia ou mais? Diz o bom senso (e o senso comum!) que deve haver certa quantidade de Atiradores de elite distribuídos em distritos específicos dos Estados Unidos, especialmente, em regiões notórias pelo número de judeus, como Nova York, Chicago e Los Angeles/Hollywood. Sob a mira sensível com visão noturna de seu rifle poderoso, o Atirador de Elite observa com calma os convidados do petroleiro multimilionário. É uma era de vigilância inocente, prematura, em meio às risadas ele não consegue distinguir as palavras que vêm de longe, mesmo as gritadas. Ele hesita, vendo os rostos quase familiares das estrelas entre os outros? Ao ver o rosto de uma “estrela” você sempre sente um leve recuo, uma pontada de decepção, como o de um desejo realizado rápido demais. Ainda assim, quantos rostos lindos! E rostos de homens poderosos, testas francas, rochosas e penteadas ao máximo, crânios grandes demais e arredondados como bolas de boliche, olhos de inseto brilhando. Gravatas pretas, smokings. Camisa de babados engomadas. São sujeitos elegantes e reluzentes. Ainda assim o Atirador de Elite, um profissional com prática, não se sente mexido por beleza nem poder. O Atirador de Elite foi contratado pelos Estados Unidos, e além dos Estados Unidos, contratado pela Justiça, Decência, Moralidade. Poderia-se dizer que *foi contratado por Deus*.

É véspera do Domingo de Ramos, o domingo antes da Páscoa, sopra uma brisa amena. Na propriedade do petroleiro multimilionário, em estilo Normando, nas montanhas da prestigiosa Bel Air. Norma Jeane está pensando *Por que estou aqui entre estranhos?* Mesmo que esteja pensando *Um dia vou viver em uma mansão como esta, eu prometo!* Ela está inquieta, sentindo-se observada. Olhares deslizam para “Marilyn Monroe” como

mariposas são atraídas pela luz. Ela está usando um vestido decotado vermelho como batom que revela boa parte de seus seios apertado na cintura fina e nos quadris. Uma boneca esculpida, ainda assim, ela se move. Ela está animada e sorrindo e claramente muito muito feliz de estar no meio de uma companhia tão exaltada! E aquele cabelo platinado como algodão doce fino. E os olhos azuis translúcidos. O Atirador de Elite está pensando que já viu essa antes, essa loira deliciosa não tinha assinado um abaixo-assinado defendendo comunistas e simpatizantes, defendendo aqueles traidores, Charlie Chaplin e Paul Robeson (que é um crioulo imundo além de ser um traidor, um crioulo imundo cheio de si para piorar); o nome desta garota está em registro, por quantos nomes e pseudônimos possa ter, o Estado consegue rastreá-la. O Estado a conhece. O Atirador de Elite se prende a “Marilyn Monroe”, deixando-a firme na mira do rifle.

O mal pode assumir qualquer forma. Absolutamente qualquer forma. Até de uma criança. A força do mal no século xx. Deve ser identificada e erradicada como qualquer fonte de praga.

E ao lado da jovem vedete “Marilyn Monroe”, tem V, o ator veterano, patriota herói de guerra de *The Young Aces* e *Victory over Tokyo*, filmes que emocionaram o Atirador de Elite em sua juventude. Esses dois são um item?

Se eu fosse uma vagabunda de verdade como Rose, eu desejaria todos estes homens. Não desejaria?

Em parte a festa era uma celebração dos heróis de Hollywood.

Norma Jeane não soubera antes. Ela não soubera que sr. Z, sr. D, sr. S e outros estariam ali. Sorrindo para ela com seus dentes de hiena furiosa.

Heróis de Hollywood: os patriotas que haviam salvado os estúdios da ira da América e da falência.

Essas eram as testemunhas “amigáveis” que haviam testemunhado em Washington perante o Comitê de Atividades Antiamericanas, denunciando corretamente comunistas e simpatizantes comunistas e “encrenqueiros” nos sindicatos. Hollywood estava sendo sindicalizada, e os comunistas eram os culpados. Havia o protagonista bonito Robert Taylor. Havia o elegante pequeno Adolphe Menjou. Havia o de fala suave, sempre sorrindo, Ronald Reagan. E de beleza singela Humphrey Bogart, que de início se opuseram à investigação e de súbito se retrataram.

Por quê? Porque Bogie sabe o que é bom para ele, como o resto de nós. Entregar seus amigos, esse é o teste de um verdadeiro patriota. Entregar seus inimigos qualquer um consegue.

Norma Jeane estremeceu. Ela sussurrou para V:

— Talvez devêssemos ir embora? Estou com medo de algumas pessoas aqui.

— Medo? Por quê? Seu passado está procurando você?

Norma Jeane riu, apoiando-se em V. Homens são uns piadistas!

— Eu já f-falei para você, querido: eu não tenho passado. “Marilyn” nasceu ontem.

Uma gritaria! Como bebês atacados com baioneta.

Eram lindos pavões reluzentes marchando em verde e azul e balançando as cabeças em movimentos interrompidos como código Morse. Os convidados da festa cacarejavam e arrulhavam para eles. Batiam palmas para assustá-los. Estranho para Norma Jeane que as caudas imensas dos pavões não estivessem eretas mas se arrastavam sem glória atrás dos pássaros no chão.

— É como se fosse um fardo para eles, acho? Caudas tão lindas e imensas, mas pesadas, para carregar por aí. — A noite toda, Norma

Jeane havia se deparado consigo mesma murmurando palavras completamente banais e monótonas, pela falta de um roteiro. Quando palavras isoladas vinham a ela como *despedida*, *êxtase*, *altar*, ela não poderia dizê-las, pois o que elas significavam no contexto da propriedade do petroleiro multimilionário texano? Norma Jeane não fazia ideia. V, por sua vez, mal haveria escutado em meio ao ruído.

Estavam andando por um caminho sinuoso ao lado de um riachinho artificial. Do outro lado do riacho, havia mais pavões, assim como pássaros graciosos eretos com plumagem lúbrica rosa-choque. Flamingos? — Norma Jeane nunca tinha visto flamingos de perto. — Que lindos! Estão todos vivos, eu acho? — O petroleiro multimilionário era um famoso colecionador amador de aves e animais exóticos. Guardando o portão da frente de sua propriedade estavam elefantes empalhados, com presas de mármore se curvando. Seus olhos eram refletores de luz. Tão realista! Sobre os tetos do chateau da Normandia francesa havia abutres africanos empalhados, fileiras deles como sinistros guarda-chuvas negros fechados. Ao lado do riacho havia uma onça-pintada sul-americana em uma jaula, e dentro de uma gaiola grande de arame havia bugios, macacos-aranha e papagaios e cacatuas de penas brilhantes. Convidados da festa admiravam uma jiboia gigante em uma jaula tubular de vidro parecendo uma longa banana gorda. Norma Jeane gritou:

— Ahh...! Eu não iria querer um cara desses me abraçando, não, obrigada.

Era a deixa para V abraçar Norma Jeane com um jeito brincalhão, mas V, encarando a cobra gigantesca, perdeu o momento.

— Ah, o que é isso...? Que porco tão grande e estranho!

V estreitou os olhos para uma placa firmada em uma palmeira.

- Um tapir.
- Um o quê?
- Tapir. “Ungulado noturno da América tropical.”
- Um *o que* noturno?
- Ungulado.
- Deus do céu! O que um ungulado tropical está fazendo *aqui*?

A loira Norma Jeane falava em exclamações para esconder sua ansiedade crescente. Será que estava sendo observada? Por olhos escondidos? Atrás dos holofotes e refletores, inquietas analisando a multidão? Às vezes, escondidos pelas luzes? O rosto bonito de V parecia desbotado, uma máscara de pergaminhos com rugas finas. Seus olhos eram só vazios. Qual era o propósito de estar ali? Uma gota de suor, densa de talco, desceu por entre os lindos seios fartos de Norma Jeane por dentro do vestido vermelho justo.

Sempre há um roteiro. Mas nem sempre você o conhece.

* * *

Enfim, eles se dirigiram a ela.

Ela vinha esperando e sabia.

Como hienas formando um círculo. Sorrindo.

George Raft! Uma voz baixa sugestiva:

— O-lá, “Marilyn”.

Sr. Z de cara de morcego, chefe de produções no estúdio:

— “Marilyn”, o-lá.

Sr. S e sr. D e sr. T. E outros que Norma Jeane não conseguia identificar. E o petroleiro multimilionário que era o investidor principal em *Torrentes de paixão*. Os rostos de gárgulas tomados por sombra como em um velho filme alemão expressionista. Enquanto V observava a uma distância curta, os homens tocaram Norma Jeane, passaram seus dedos de língua por ela, ombros nus,

braços nus, seios, quadril e barriga, eles se aproximaram e riram juntos, baixinho, com uma piscadela para V. *Tivemos esta daqui. Esta daqui, todos nós já tivemos.* Quando Norma Jeane se libertou deles e se voltou para V, ele tinha partido.

Ela se apressou atrás dele. Ele estava prestes a deixar a festa; ainda não era meia-noite.

— Espere! Por favor... — Em seu pânico, ela havia esquecido do nome de seu amante. Ela o alcançou, agarrou seu braço; ele a afastou, xingando. Ele poderia ter murmurado por cima do ombro: “Boa noite!” Ou: “Adeus!”

Norma Jeane implorou:

— Eu... não estive com eles. Não de verdade. — Sua voz tremeu. Que atriz ruim ela era. Lágrimas escorrendo o rímel de novo. Era uma tarefa árdua demais ser linda e ser mulher! De súbito, Norma Jeane sentiu alguém pegar sua mão e se virou, surpresa, para ver... Cass Chaplin? Ela sentiu alguém pegar sua outra mão, dedos fortes se enlaçando aos dela, e ela se virou para ver... o amante de Cass, Eddy G.? Os belos rapazes vestidos de preto haviam se aproximado rápido e sem fazer ruído como pumas por trás de Norma Jeane enquanto ela estava na beirada do terraço bamboleando nos saltos altos, aturdida em dor e humilhação. Na sua voz suave de garoto, Cass murmurou em seu ouvido:

— Não perca seu tempo com quem não ama você, Norma. Venha conosco.

Naquela noite...

Naquela noite, a primeira noite deles!

Naquela noite, a primeira noite da vida nova de Norma Jeane!

Naquela noite, no Rolls-Royce 1950 preto emprestado, dirigiram para a praia acima de Santa Mônica. A ampla praia branca era açoitada pelo vento, deserta a essa hora. Uma lua perolada brilhante, tufos de nuvens lançados pelo céu. Gritos, cantos! Estava frio demais para se despir e nadar, ou mesmo caminhar na beirada da água, mas lá estavam eles, correndo com ondas quebrando nos pés, rindo e gritando como crianças dementes, braços ao redor das cinturas uns dos outros. Como eram desajeitados, no entanto, como eram graciosos, três belos jovens no ápice de sua juventude irresponsável, dois rapazes de preto e uma garota loira em um vestido chique vermelho — os três apaixonados? Será que três podem estar apaixonados com a mesma fatalidade de dois? Norma Jeane tirou os sapatos aos chutes e correu até as meias-calças estarem esfarrapadas, e mesmo depois disso continuou a correr, agarrada aos homens, empurrando-os, pois eles queriam parar e se beijar, e mais do que beijar, eles estavam excitados, com tesão de jovens animais saudáveis, e Norma Jeane os provocava, escapulindo deles, pois quão rápido ela conseguia correr, descalça, que moleca era esta loira maravilhosa, gritando com gargalhadas em um delírio de felicidade. Ela havia esquecido da festa em Bel Air. Ela havia esquecido de seu amante indo embora, saindo de sua vida, as costas eretas e determinadas. Ela havia esquecido o julgamento devastador de uma fração de segundo *Você nunca mereceu viver, esta é a prova.*

Em sua empolgação, ela poderia estar pensando que esses jovens príncipes a haviam buscado no Lar, que a libertaram de seu local de

confinamento ao qual pais adotivos cruéis a haviam levado e abandonado. Por pouco ela não poderia identificar estes homens. Ainda que é claro que soubesse; Cass Chaplin e Eddy G. Robinson Jr., filhos rejeitados de pais famosos, príncipes párias. Estavam sem um centavo, mas se vestiam com luxo. Não tinham casa, mas viviam com estilo. O boato era de que eram bebedores contumazes, que usavam drogas perigosas — mas olhe para eles: espécimes perfeitos da jovem masculinidade americana. Cass Chaplin, Eddy G. — eles haviam vindo atrás dela! Eles a amavam! *Ela*, por quem outros homens sentiam desprezo, usavam e descartavam como lenços usados. Conforme os rapazes contariam e recontariam a história, logo começaria a parecer que haviam invadido a festa do texano apenas atrás dela.

O que eu não teria como saber, eles fariam minha vida possível. Eles fariam Rose ser possível, e além.

Um deles lutou com ela até cair na fria areia molhada, dura como terra. Ela estava lutando, rindo, vestido vermelho rasgado, cinta-liga e calcinhas de renda preta reviradas. O vento nos cabelos, fazendo os olhos encherem de água, então ela quase não conseguia ver. Cass começou a beijá-la em seus lábios surpresos, com gentileza, então com pressão crescente, e com a língua, com a qual ele não a beijava fazia muito tempo. Norma Jeane o agarrou com desespero, braços ao redor de sua cabeça, Eddy G. afundou de joelhos ao lado deles e remexeu na calcinha dela, enfim a arrancando. Ele a acariciou com os dedos habilidosos e em seguida, com a língua habilidosa, ele a beijou entre as pernas, esfregando, cutucando, tocando em um ritmo como uma pulsação gigante, as pernas de Norma Jeane se enroscando ao redor de sua cabeça e ombros com tanto desespero que ela estava começando a dar pinotes com o quadril, começando a gozar, então Eddy, ágil e engenhoso como se tivesse praticado a manobra muitas vezes,

mudou de posição para se agachar sobre ela, enquanto Cass se abaixava sobre sua cabeça, e ambos os homens a penetraram, o pênis fino de Cass em sua boca, o pênis mais grosso de Eddy em sua vagina, arremetendo nela com rapidez e precisão até Norma Jeane começar a gritar como nunca havia gritado na vida, gritando por sua vida, agarrada aos amantes em tamanho paroxismo de emoção que eles gargalhariam a respeito mais tarde.

Cass exibiria arranhões de sete centímetros em suas nádegas, ferimentos leves, roxos. Em uma paródia de um fisiculturista de Muscle Beach, marchando nu para que admirassem, Eddy exibiria vergões cor de ameixa nas nádegas e coxas.

— Talvez, Norma, você estivesse esperando por nós?

— Talvez, Norma, você estivesse sedenta por nós?

Sim.

Rose 1953

1.

— Eu nasci para interpretar Rose. *Eu nasci Rose.*

2.

A estação de novos inícios. Agora ela era Rose Loomis em *Torrentes de paixão*, o filme em produção mais comentado no Estúdio; e agora ela era Norma, a jovem amante de Cass Chaplin e Eddy G.

O que não era possível agora?

E Gladys num hospital particular. *Só para eu saber que fiz a coisa certa. Eu não a amo, creio eu. Ah, eu a amo!*

Ela fora despertada de sua letargia como se com um tremor na Terra. Esta camada frágil de terra no sul da Califórnia. Ela nunca se sentira tão *viva*. Não desde seus dias felizes na Escola Van Nuys quando fora uma estrela no time de corrida feminino e corria com aplausos e elogios e uma medalha de prata. *Só para que soubesse que sou desejada. Alguém precisa de mim.* Quando ela não estava com Cass e Eddy G., ela estava sonhando acordada com Cass e Eddy G.; quando não estava fazendo amor com Cass e Eddy G., estava se lembrando da última vez que haviam feito amor, que poderia ter sido apenas poucas horas antes, seu corpo ainda impregnado com o calor e maravilha do prazer sexual. *Como um tratamento de choque no cérebro.*

Às vezes, os lindos garotos Cass Chaplin e Eddy G. passavam no Estúdio para visitar Norma Jeane entre as gravações. Levando a “Rose” uma “rosa” vermelha de cabo longo. Se Norma Jeane tivesse

um intervalo, e se as circunstâncias permitissem, os três poderiam se afastar para seu camarim para passar um pouco de tempo juntos. (E se as circunstâncias não fossem sempre ideais, qual a diferença?)

Ela tinha este olhar vítreo como se tivesse sido comida momentos antes. E exalava um cheiro inconfundível. Esta era Rose!

3.

Energia de sobra agora que V estava fora de sua vida.

Agora que aquela esperança falsa cruel estava fora da sua vida.

— Tudo o que quero é saber o que é real. O que é verdadeiro. Nunca mais vão mentir para mim, nunca.

Era um bom momento de sua vida, mas sintomático, já que sua vida estava acelerando cada vez mais e se revirando em si mesma, compromissos e ligações e entrevistas e encontros, e com frequência “Marilyn Monroe” não conseguia aparecer ou chegava com horas de atraso, ofegante e se desculpando; ainda assim, na semana antes de começar a trabalhar em *Torrentes de paixão*, Norma Jeane permitiu que a convencessem a se mudar para um apartamento novo, mais arejado que o antigo, um pouco maior, em um belo edifício estilo espanhol perto de Beverly Boulevard. Um distinto passo acima em relação à vizinhança anterior. Embora Norma Jeane não pudesse arcar com um apartamento mais caro (para onde é que *ia* seu salário? Tinha semanas que até o cheque para o asilo em Lakewood atrasava), e teve de pegar dinheiro emprestado para o aluguel inicial e a mobília nova, ainda assim ela se mudou pela insistência de seus amantes. Eddy G. disse:

— “Marilyn” vai ser uma estrela. “Marilyn” merece viver num lugar melhor do que esse.

Cass fungou em desdém:

— Este lugar! Sabe a que ele cheira? A um amor velho, lúgubre. Fluidos rançosos nos lençóis. Nada pior do que esse ranço de amor

velho.

Quando ele e Eddy G. passavam a noite no apartamento antigo de Norma Jeane, os três abraçados juntos como filhotinhos de cachorro na cama de latão do Exército da Salvação de Norma Jeane, os homens insistiam em abrir todas as janelas para deixar ar fresco entrar, e eles se recusavam a fechar as venezianas. Que o mundo inteiro se embasbaque com eles, por que se importariam? Tanto Cass quanto Eddy G. haviam sido atores mirins, acostumados a serem vistos e prestando pouca atenção a quem estava olhando. Ambos se gabavam de atuar em filmes pornôns na adolescência.

— Só pela diversão — disse Cass —, não pelo dinheiro. — Eddy G. disse com uma piscadela para Norma Jeane: — *Eu* não fiz cara feia para o dinheiro. Nunca faço. — Norma Jeane não sabia se deveria acreditar em histórias assim. Os rapazes eram mentirosos sem vergonha, ainda que a maioria dos embustes estivesse misturada com verdade, como uma sobremesa doce poderia estar misturada com cianureto; eles desafiavam o ouvinte a não acreditar e desafiavam a acreditar. (Que histórias contavam dos pais famosos/infames. Como irmãos rivais, competiam um com o outro para chocar Norma Jeane: que homem era o mais monstruoso, o miserável Carlitos ou o valentão como Rico com *Alma no lodo*?) Mas era assim, os belos jovens vagavam pelo apartamento de Norma Jeane, nus, inocentes e absortos como crianças mimadas. Cass declarava que não era desalinho pessoal, mas princípio:

— O corpo humano deve ser visto, admirado, desejado, não escondido como uma ferida feia purulenta.

Eddy G., o mais vão dos dois, já que era um pouco mais novo e menos maduro, disse:

— Bem. Tem um monte de corpos que são feridas feias purulentas e deveriam ficar escondidos. Mas não o seu, Cassie, e não o meu; e com certeza não o de nossa garota, Norma.

Era como a Amiga Mágica da infância de Norma Jeane. A Amiga Mágica no espelho, que era tão mais bela quando nua, e o segredo de Norma Jeane.

Uma noite, ela contou a Cass e Eddy G. a respeito de sua Amiga Mágica. Eddy G. riu e disse:

— Igualzinha a mim! Eu colocava um espelho para me olhar, até na privada. Qualquer coisa que eu fazia no espelho, eu conseguia ouvir as ondas e ondas de aplausos.

Na nossa casa — disse Cass —, que estava sob uma maldição, meu pai, “Chaplin”, era toda a mágica. Um grande homem atrai mágica para si mesmo, como um raio em reverso. Não sobra nada para quem quer que seja.

O apartamento novo de Norma Jeane ficava no topo, no oitavo piso do edifício. Onde era menos provável que fossem observados. Mas quando Norma Jeane passava a noite com Cass e Eddy G. em outro lugar, em uma ou outra das residências emprestadas, quem sabia quem poderia ver do lado de fora? Apenas quando a casa era cercada por folhagem densa ou protegida por cerca alta, Norma Jeane se sentia completamente segura. Seus amantes zombavam dela por ser uma puritana.

— “*Miss Golden Dreams*”, de todas as pessoas.

Norma Jeane protestava:

O que me dá medo é a ideia de alguém tirar fotos. Se fosse só olhar eu não me importaria.

Os olhos e ouvidos do mundo. Um dia este seria seu único local de refúgio, mas ainda não.

4.

Nesta época também, Norma Jeane comprou um carro novo: um Cadillac 1951 sedã conversível verde-limão, com grade dianteira cromada ampla como um sorriso vasto e um rabo de peixe

flamejante. Pneus com aro branco, antena de rádio de quase dois metros, assentos dianteiros e traseiros revestidos com couro genuíno de cavalo baio branco. Comprado de um amigo de um amigo de Eddy G., uma barganha de setecentos dólares. Norma Jeane viu o veículo, estacionado na rua como um drinque tropical de pesadelos numa mutação de vidro e metal, com o frio olhar avaliador de Warren Pirig.

— Por que o preço está tão baixo?

E Eddy G. disse: — Por quê? Porque meu amigo Beau tem admirado “Marilyn Monroe” de longe. Disse que se apaixonou por você logo em *O segredo das joias*, mas viu você pela primeira vez como “Miss Produtos de Papel”... algo assim? Você era uma loira estonteante, disse ele, num traje de banho de papel e salto alto, e a veste pegou fogo? Você se lembra de algo assim?

Norma Jeane riu, mas persistiu nas perguntas. (Norma tinha modos proletários às vezes! Saída diretamente de *As vinhas da ira*.)

— Onde está seu amigo Beau neste momento? Por que não podemos nos conhecer?

Eddy G. deu de ombros e disse com evasão charmosa:

— Onde está Beau? Neste momento? Em algum lugar em que Beau não sinta a vergonha social de uma falta de veículo. Onde Beau está, poderíamos dizer, é abrigado.

Norma Jeane tinha mais perguntas, mas Eddy G. grudou a boca na dela, calando-a. Eles estavam a sós no apartamento novo, mal mobiliado, de Norma Jeane. Era raro que Norma Jeane ficasse a sós com apenas um de seus amantes! Raro que ela sequer visse Eddy G. sem Cass, ou Cass sem Eddy G. Em um momento assim, a ausência do outro era palpável como qualquer presença, talvez ainda mais, pois se seguia esperando com inquietude o homem ausente entrar no recinto. Era como ouvir passos subindo uma escadaria — e nunca chegarem ao topo. Era como ouvir o leve tilintar que precede

o toque do telefone, mas nenhum toque a seguir. Eddy G. abraçou Norma Jeane na altura das costelas e a fechou em seu abraço com tanta força que ela mal conseguia respirar. A língua de cobra de Eddy G. na boca de Norma Jeane, para que a língua Norma Jeane, que protestava, se silenciasse.

Não era certo fazer amor sem Cass, era...? Como é que eles iriam sequer se tocar sem Cass?

Eddy G. parecia bravo. Tanta autoridade na raiva! Eddy G., que havia sabotado sua carreira de atuação fazendo piada de suas falas nos testes, chegando tarde ou bêbado se de fato contratado, ou tanto atrasado quanto bêbado para gravação, ou nem sequer chegando — Eddy G. se arremetendo sobre Norma Jeane como um anjo vingador. Olhos marrons brilhantes e cabelo preto com cachinhos e a palidez que para ela era linda. Com habilidade, Eddy G. empurrou Norma Jeane para o chão, sem se importar que fosse um piso de madeira, havia uma urgência canina na necessidade de copular, e copular de imediato; ele abriu os joelhos e coxas dela e a penetrou, e Norma Jeane sentiu uma pontada de vergonha, de dor, de arrependimento, era Cass Chaplin quem ela amava, era com Cass Chaplin que ela queria se casar, Cass Chaplin que estava destinado a ser o pai de seu bebê; sim, mas ela amava Eddy G., também, Eddy G. com 1,80 metro, mas ainda de formas atarracadas como o pai famoso, de músculos compactos, o rosto de garoto mimado pálido e impertinente e quase belo, e os lábios carnudos, em beicinho, feitos para chupar. Sem saber o que fazia, Norma Jeane se agarrou a Eddy G. Seus braços, pernas, as coxas macias escoriadas. Escoriadas de tanto amor que faziam. Faminta por amor e sexo. E como um balão doce quente, a sensação, abrir-se, para dentro e dentro dela, a surpreendia que se sentia sempre tão apertada por dentro, um emaranhado de pensamentos-que-deram-errado, pensamentos-terminantemente-impronunciáveis, lá na base de sua barriga nestes

lugares secretos pelos quais as palavras disponíveis como *vagina*, *ventre*, *útero* eram inadequadas ainda que uma palavra como *boceta* tivesse apenas um significado cartunesco, definida pelo inimigo. O balão abria e abria. A coluna de Norma Jeane era um arco, curvando-se mais e mais. Contorcendo-se no piso de madeira, cabeça virando de um lado para o outro e olhos sob um raio cego.

Isto é o que Rose ama. Rose ama foder e ser fodida. Se o homem souber como.

Norma Jeane gritava e teria arrancado um pedaço do lábio inferior de Eddy exceto que, sentindo os músculos começando a contrair, sabendo que estava prestes a gozar e quão poderosos eram os orgasmos desta garota faminta, o astuto Eddy G. ergueu a cabeça para que os dentes não o pegassem.

Não era uma foda perfeita de forma alguma. Acho que ela nunca soube fazer isso. Nem pagar um boquete: a gente só fodia a boca dela, e era uma boca lasciva, então funcionava, mas era um ato que se fazia sozinho, como tocar uma punheta. O que é estranho, considerando quem ela era ou se tornaria: o sex symbol número um do século xx! O que se dizia nesses anos era que ela na maior parte do tempo só ficava deitada e deixava que fizessem de tudo como praticamente um cadáver, as mãos fechadas juntas no peito. Mas com Cass e eu era o extremo oposto; ela ficava tão excitada, tão enlouquecida, que não havia ritmo nenhum, ela nos contou que nunca se masturbou quando criança (nós precisamos ensinar!), então talvez fosse por isso, seu corpo era essa coisa maravilhosa que ela encarava no espelho, mas não era ela exatamente, e ela não sabia como operar merda alguma daquele equipamento. Engraçado! Norma Jeane tendo um orgasmo era como uma manada correndo para a saída. Todo mundo gritando e tentando empurrar a porta ao mesmo tempo.

Quando os dois acordaram uma hora depois, cutucados para fora do sono estuporoso pelo pé de Cass, o que fosse que Norma Jeane queria perguntar a Eddy G. sobre o Cadillac verde-limão, o que fosse que parecera tão crucial perguntar, havia sido esquecido muito tempo antes.

Cass sorriu olhando para eles, abaixo. Ele suspirou.

— Vocês dois! Aí, tão em paz. Parece aquela escultura de *Laocoonte*, se as serpentes não tivessem apertado os garotos até a morte e sim fodido com eles? E todos tivessem pegado no sono depois, abraçados? E daquela forma, e não da outra, virassem imortais?

* * *

Sob o imundo couro branco do banco traseiro do carro novo, Norma Jeane descobriria um punhado de manchinhas escuras como gotas de chuva grudentas. Sangue? Sob o tapete sujo de plástico no piso do carro, Norma Jeane descobriria um envelope amarelo contendo talvez cem gramas de um pó branco fino. Ópio?

Ela lambeu uns poucos grãos. Nenhum sabor.

Quando mostrou o pacote para Eddy G., ele pegou dela rápido. Piscou para e disse:

— Obrigada, Norma! Nosso segredinho.

5.

— Rose teve um bebê, creio eu. E o bebê morreu.

Ela era teimosa ainda que sorrisse. Inconscientemente (conscientemente?) afagando os seios por baixo, enquanto falava. Às vezes, ela até se tocava lentamente, pensando, como se o gesto de carícia em círculos fosse parte do raciocínio, a mão na base da barriga, sua virilha praticamente delineada nos figurinos apertados.

Como se ela estivesse fazendo amor consigo mesma na sua frente. Como uma criancinha faria, ou um animal se esfregando.

No estúdio para gravação de *Torrentes de paixão*, como em Hollywood em geral, havia teorias concorrentes. A primeira era de que a protagonista feminina “Marilyn Monroe” não conseguia atuar e não precisava atuar porque na vagabunda “Rose Loomis” ela apenas interpretava a si mesma, e era por isso que os chefes no estúdio a haviam colocado no elenco (pois era um fato muito conhecido por Hollywood que os chefes, desde o sr. Z para baixo, detestavam Marilyn Monroe como uma vadia comum, um pouco superior a uma puta ou atriz de filmes pornográficos); a segunda era mais radical, propagada pelos diretores e alguns de companheiros de atuação, que ela era uma atriz de nascença, uma natural, daquela forma um tipo de gênio, não importando como “gênio” era definido, o que “interpretar” era para ela teve que ser descoberto do mesmo jeito que uma mulher ao se afogar, agitando os braços e chutando, poderia descobrir no desespero como nadar. Nadar “vinha a ela” com naturalidade!

O ator usa rosto, voz e corpo em sua arte. Ele não tem outra ferramenta. Sua arte é si mesmo.

Nesta primeira semana de filmagem, o diretor, H, começou a chamar Norma Jeane de “Rose” como se tivesse esquecido do seu nome profissional. Isso soava elogioso para ela, divertido. Não parecia ofensivo de imediato. Tanto H e sua estrela coadjuvante, Joseph Cotten, um cavalheiro incerto em seu papel, um protagonista da geração do ex-amante de Norma Jeane, V, e lembrando V de muitas formas, comportavam-se como se estivessem apaixonado por “Rose”, ou estavam tão fascinados com ela que não conseguiam olhar para outra coisa que não ela; ou será que sentiam repulsa, o corpo flagrantemente feminino e a sexualidade exposta, temiam e odiavam-na, e então não

conseguiam olhar para nada mais? O ator que interpretava o amante de Rose, e que a beijava em extensas cenas românticas, ficava sexualmente excitado com ela, e Norma Jeane tinha que rir; se ela não pertencesse à Constelação de Gêmeos (como Cass e Eddy se chamavam de brincadeira), ela o teria convidado a acompanhá-la para casa. Ou a fazer amor com ela em seu camarim, por que não? Era enlouquecedor como “Rose” absorvia boa parte da luz em qualquer cena, não importando a meticulosidade com que se iluminasse o cenário. Enlouquecedor como sem parecer se esforçar ela absorvia a maior parte da vida de qualquer cena independente de como outros atores desgastassem a interpretação em si mesmos. Nas gravações do dia, eles se revelavam personagens de desenho animado de duas dimensões enquanto “Rose Loomis” era uma pessoa viva. Sua luminosa tez pálida que dava a sugestão de estar quente, seus olhos misteriosos do azul translúcido de um oceano de inverno se agitando com gelo, seus lânguidos movimentos sonâmbulos. Quando ela começava a acariciar seus seios na frente da câmera, era difícil para H, hipnotizado, parar a cena; apesar de que tais cenas nunca passariam na censura e teriam de ser cortadas. Em uma cena crucial, rindo do marido desesperado, zombando dele por sua impotência, sugerindo que ela faria sexo com o próximo homem que conhecesse, Rose esfregou a palma da mão na virilha em um gesto inequívoco.

Por quê? Era óbvio por quê. Ele não podia dar o que ela queria, ela daria a si mesma.

Mas era estranho. Era muito repetitivo e de estranheza cada vez maior. Como no estúdio de *Almas desesperadas*, nem um ano antes, a jovem atriz loira Marilyn Monroe tivera uma reputação de ser puritana, dura, dolorosamente tímida, fugindo de contato físico e até visual; ela se escondia em seu camarim até que a chamassem, e, mesmo assim, relutante em aparecer, olhava em pânico como sua

personagem na tela, sem “interpretar”. Ainda assim no estúdio mais aberto, mais frequentemente visitado e reportado de *Torrentes de paixão*, a mesma jovem atriz loira não revelava mais timidez do que um babuíno. Ela teria saído nua para a cena no banho se não fosse por uma figurinista intercedendo atrás dela com um roupão felpudo. Foi a decisão da atriz ficar nua para cenas na cama onde outra atriz, até uma musa das telas como Rita Hayworth ou Susan Hayward, teria usado roupas íntimas cor de sua pele que passariam indefectíveis sob o lençol branco. Foi a decisão espontânea da atriz levantar os joelhos sob o lençol e abrir as pernas, seu comportamento indecente e sugestivo e qualquer coisa menos “feminino”. Ali está uma mulher que promete não ser dócil e passiva na cama! Durante a filmagem, o lençol com frequência escorregava e revelava um mamilo ou um seio perolado inteiro. H não tinha escolha senão parar a cena, por mais hipnotizado que estivesse.

— Rose! Nunca vamos passar pela censura. — H era o pai atento, a responsabilidade moral era dele. Rose era a filha rebelde e devassa sexual.

Aquela maldita mulher. Tão linda, impossível tirar os olhos dela. Quando Cotten enfim a estrangulou, alguns de nós começamos a aplaudir espontaneamente.

Parte de *Torrentes de paixão* foi filmada em Hollywood, no Estúdio; parte foi filmada numa locação nas Cataratas do Niágara, Nova York. Foi lá que a personagem “Rose Loomis” ficou ainda mais enérgica e imprevisível. A atriz demandou falas mais longas para si. Era contra falas “clichê”. Suplicava poder escrever diálogos seus; quando negada, insistia em fazer mímica em partes das cenas, sem falar. Norma Jeane acreditava que “Rose Loomis” era um papel pouco convincente e mal-escrito, que era um plágio tosco da sedutora garçonne assassina de Lana Turner em *O destino bate à*

sua porta. Ela acreditava que os chefes no estúdio haviam feito aquilo para humilhá-la. Mas ela daria uma lição naqueles malditos.

Insistia que se repetissem cenas. Uma meia dúzia de vezes. Uma dúzia de vezes.

— Para ficar perfeita.

Qualquer coisa abaixo da perfeição a deixava em um pânico.

Um dia, enquanto se preparava para um longo plano sequência, provocador, em que “Rose Loomis” se afasta — depressa mas sem perder a sensualidade — da câmera, Norma Jeane de súbito se virou para H e o assistente e disse, não na voz de sua personagem, mas num tom normal e casual:

— Me ocorreu ontem à noite. Rose teve um bebê, creio eu. E o bebê morreu. Eu não me dava conta conscientemente, mas é por isso que interpreto Rose assim. Ela tem que ser mais do que o roteiro diz; é uma mulher com um segredo. Eu consigo me lembrar como aconteceu.

— O quê? — perguntou H, confuso. — Como o que aconteceu?

Ele estava bloqueado, como estivera com “Rose Loomis” por semanas. Ou por “Marilyn Monroe”. Ou... quem quer que fosse! Sem saber se ele deveria levar esta mulher a sério ou ignorá-la como uma piada.

Ela disse, como se ele não a tivesse interrompido:

— Este bebê. Rose o fechou na gaveta de uma cômoda, e ele sufocou. Não aqui, é claro. Não em um quarto de hotel qualquer. Algum lugar a oeste. Onde ela morava antes de se casar com o marido atual. Ela estava na cama com um homem e não ouviu o bebê chorar na gaveta, e quando terminaram, eles nunca souberam que o bebê estava morto. — Seus olhos estavam estreitos, espiando além do set iluminado com extravagância nas regiões sombrias do passado. — Mais tarde, Rose tirou o bebê da gaveta e o enrolou

numa toalha e o enterrou em um lugar secreto. Ninguém nunca soube.

H riu com apreensão.

— Então como *você* sabe?

Uma loira burra, ele quisera chamá-la. Essa era a estratégia mais rápida de destituição. Será que ele tinha medo de que ela minasse sua autoridade como diretor, como “Rose Loomis” minava a autoridade e masculinidade do marido?

— Ei, eu sei! — disse Norma Jeane, surpresa que H pudesse duvidar dela. — Eu conhecia Rose.

6.

Uma mulher gigante! E aquela mulher era ela.

Nas Cataratas do Niágara, ela começou a sonhar como nunca sonhara na Califórnia. Eram sonhos acordada vívidos como visões cinematográficas. Uma mulher gigante, uma mulher de cabelo amarelo rindo. Não Norma Jeane nem “Marilyn” ou “Rose”.

— Mas sou eu. Eu estou dentro dela.

Em vez de um vergonhoso talho sangrento entre as pernas, havia uma protuberância, uma vulva grande e inchada. Esse órgão pulsava com fome e com desejo. Às vezes, Norma Jeane mal esfregava a mão nele, ou sonhava com isso, e naquele instante, como um fósforo acendendo, ela chegava ao clímax e acordava gemendo na cama.

7.

A vagabunda. Rose está zombando do marido porque ele não serve para ela, ele não é um homem. Ela o quer morto e longe. Porque ele não é um homem, e uma mulher precisa de um homem. Se um homem não é um marido para ela, ela tem direito de se livrar dele.

No filme o plano é o amante de Rose empurrá-lo no rio Niágara para que ele seja levado pelas cataratas. É uma verdade horrível para 1953: uma mulher pode ser a esposa de um homem, mas não pertencer a ele. Nem seu corpo, nem sua alma. Uma mulher pode ser a esposa de um homem e não o amar, e com quem ela quer fazer amor é de sua própria escolha. Sua vida é sua até para jogar fora.

Eu amava Rose. Talvez eu fosse a única mulher na plateia, mas eu imaginaria que não, o filme foi uma sensação tão grande, filas imensas esperando para entrar como uma matinê no sábado de manhã para crianças. Rose era tão linda e sexy, todos torciam que ela conseguisse o que queria. Talvez todas as mulheres merecessem conseguir o que queriam. Estamos cansadas de ser simpáticas e compreensivas. Estamos cansadas de perdoar. Estamos cansadas de ser boas!

8.

— Como uma mensagem que pode vir a qualquer momento. Quer eu entenda ou não.

Essa sempre foi a fé de Norma Jeane enquanto leitora de livros.

Você abria um livro aleatoriamente e folheava páginas e começava a ler. Buscando um presságio, uma verdade que mudasse a sua vida.

Ela havia feito uma mala com livros para levar consigo para a locação. Ela havia implorado que Cass Chaplin e Eddy G. a acompanhassem, e quando eles se recusaram, ela arrancou deles a promessa de que voariam para leste para visitá-la, mesmo sabendo na época que nenhum dos dois viria, o hábito de Hollywood estava tão entranhado neles.

— Telefone, Norma. Mantenha contato. *Prometa.*

Havia dias em que a filmagem de *Torrentes de paixão* ia bem, e havia dias em que a filmagem de *Torrentes de paixão* não ia bem, e em geral, nesses dias, era culpa de “Rose Loomis”, ou de qualquer forma levava a culpa.

Ela era uma maníaca-compulsiva. Não conseguia fazer uma coisa uma vez só. Pavor de fracasso era seu segredo.

Nessas noites, Norma Jeane recusava-se a jantar com os outros. Ela estava farta deles, e eles, dela. Ela mesma estava farta de “Rose Loomis”. Ela tomava um banho longo e se jogava nua na cama de casal na suíte no Starlite Motel. Nunca via televisão e nunca ouvia o rádio. Ainda estava lendo o diário desconexo e radiantemente maluco de Nijinsky, que inspirava poesia em imitação das encantadoras frases sonhadoras de Nijinsky.

Quero dizer que amo você você.

Quero dizer que amo você você.

Quero dizer que amo amo amo.

Eu amo, mas você não. Você não ama ama.

Sou vida, mas você é morte.

Sou morte, mas você não é vida.

Norma Jeane escrevia em frenesi. O que essas frases queriam dizer? Ela não conseguia definir se estava se dirigindo a Cass Chaplin e Eddy G. numa pessoa só, ou se estava se dirigindo a Gladys, ou ao pai ausente. Agora que estava a milhares de quilômetros da Califórnia pela primeira vez em sua vida, ela via de forma nítida e dolorosa. *Preciso que você me ame. Não consigo suportar que não me ame.*

Havia dois ou três dias, em que sua menstruação atrasava, quando Norma Jeane se convencida de que estava grávida. Grávida! Os mamilos doíam, e os seios pareciam inchados; a barriga parecia

redonda para ela, a pele num cintilante pálido, e os pelos pubianos ralos, descoloridos e duros como se estivessem com eletricidade estática. Isso não tinha nada a ver com “Rose”, que deixara uma criança incapaz sufocar em uma gaveta e que abortaria qualquer gravidez que interferisse com seu desejo. Dava para imaginar perfeitamente Rose subindo em uma mesa de exame e abrindo as pernas e dizendo ao aborteiro: “Faz isso logo. Não sou sentimental”.

Fazendo amor, aqueles garotos descuidados Cass Chaplin e Eddy G. nunca usaram camisinhas. A não ser, como eles diziam, se tivessem bastante certeza que o parceiro estava “doente”.

Geminada nos aveludados braços flexíveis dos rapazes, em um torpor de prazer erótico como uma criança se satisfazendo no seio, e com menos noção de futuro que a criança, Norma Jeane pegava no sono deitada nos braços dos amantes, em felicidade absoluta. *Se acontecer, foi porque tinha que ser.* Em parte, sua mente queria um bebê — seria o bebê tanto de Cass quanto de Eddy G. —, por outro lado, uma parte lúcida, ela sabia que seria um erro.

Como Gladys, havia cometido um erro ao ter outra filha.

Ela ensaiava ligar para Cass e Eddy G.

— Adivinha só? Boas notícias! Cass, Eddy... vocês vão ser *pais*.

Silêncio! A expressão no rosto deles! Norma Jeane ria, vendo os homens com a clareza como se estivessem no quarto com ela.

É claro, ela não estava grávida.

Como num conto de fadas malevolente, em que nunca se consegue seu desejo verdadeiro, apenas desejos falsos, não é tão fácil engravidar se é isso o que se quer.

Então, no meio da cena em que “Rose Loomis” é levada para o necrotério para identificar o marido afogado, mas que, no lugar dele, lhe mostram seu amante afogado, ela desmaia de imediato, Norma Jeane começou a sangrar. Era um truque cruel! “Rose Loomis” em uma saia tão justa que mal conseguia andar de salto

alto, um cinto apertando a cintura fina. “Rose Loomis” que usa as menores roupas íntimas de renda, inundando de sangue rápido. Seu desmaio é genuíno, quase. Ela teria de ser ajudada por um carro à espera.

Norma Jeane ficaria de cama por três dias miseráveis. Ela sangrava algo salobro, fedorento e cheio de coágulos, a cabeça açoitada por uma enxaqueca cegante. Essa era a punição de “Rose”! O médico responsável do Estúdio lhe forneceu uma quantidade generosa de analgésicos de codeína.

— Só não beba, está bem? — Havia um relaxamento notório nos médicos contratados por estúdios em Hollywood, uma indiferença com o futuro do paciente além do projeto cinematográfico do momento. Com Norma Jeane acamada, as filmagens de *Torrentes de paixão* tinham que ser feitas ao redor dela. Chegou a ela a informação de que, sem “Rose”, o material bruto do dia ficava raso, sem vida, frustrante. Norma Jeane entendeu pela primeira vez que ela era crucial para esse filme, e não Joseph Cotten, e certamente não Jean Peters. Pela primeira vez, também, ela se perguntou quanto esses outros atores principais estavam sendo pagos.

No Starlite Motel, Norma Jeane lia Nijinsky, e também *Minha vida na arte*, de Stanislavski, que Cass Chaplin lhe dera na véspera de sua partida. Um precioso livro de capa dura, com anotações manuscritas de Cass. Ela estava lendo *O manual prático para o ator e sua vida* e estava lendo *Interpretação de sonhos*, de Freud, que lhe dava sono, era tão dogmático e enfadonho, uma voz zumbindo como um metrônomo. Ainda assim, Freud não era um grande gênio? Ele não era como Einstein, Darwin? Otto Öse havia aludido favoravelmente a Freud, assim como I.E. Shinn. Metade da Hollywood rica estava “fazendo terapia”. Freud acreditava que sonhos eram a “rota real para o inconsciente”, e Norma Jeane gostaria de ter tomado esta rota, tomado controle de suas emoções

rebeldes. *Para que eu pudesse me libertar não do amor, mas da necessidade de amar. Para que eu pudesse me libertar do desejo de morrer se não fosse amada.* Ela estava lendo *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, que não era uma história que “Rose Loomis” teria paciência ou temperamento para ler. *Para que eu pudesse olhar para a morte. Não Rose, eu.*

O boato seria de que o próprio H tivera de ir buscar Marilyn Monroe, exasperado e ansioso quando ela não apareceu no set depois de diversas chamadas. Descobrindo-a em figurino no vestido justo e maquiagem gritante para a cena climática da estrangulação de Rose pelas mãos do marido vingativo. Ela encarou H no espelho como se por um instante não o reconhecesse. Como se por um instante o próprio H pudesse ter sido a Morte. Aquele sorriso maluco. E a risada ofegante! Pois ela estivera chorando a morte terrível de Ivan Ilitch, era isso? Chorando a morte de um personagem fictício, russo, funcionário civil do século XIX que não fora nem um homem particularmente bom ou valoroso. Um rastro manchado de rímel em uma bochecha com ruje, e rápido, com culpa, ela disse:

— Estou indo! Rose está pronta para m-morrer.

9.

Ainda assim ela morreu em terror. Esta era uma punição adequada. Exceto que a vadia deveria ter sofrido um pouco mais. E nós deveríamos ter visto de perto, câmara bem na cara dela. Não olhando de cima. Aquela hachura de luz tornando a morte tão linda quanto uma pintura. Rose caída e morta. Um corpo estendido inerte. De forma tão súbita Rose não é Rose, apenas um corpo feminino, morto.

10.

— Por que não atendem? Onde vocês estão?

Sozinha no Starlite Motel em Niagara Falls, Norma Jeane sentia muita falta de Cass Chaplin e Eddy G., que raramente estavam em qualquer um dos números informados quando ela ligava, residências misteriosas em que os telefones tocavam, tocavam e tocavam ou eram atendidos por empregadas hispânicas ou filipinas incompreensíveis. Sentia tanta falta deles que ela enfim “fez amor” consigo mesma como eles a haviam ensinado, visualizando Cass e Eddy G., os dois amantes unidos em um único esfregar de dedos acelerado e em pânico que a levava a um clímax tão explosivo, tão assustador, que ela parecia perder consciência, acordando segundos depois, ainda atordoada, um filete de saliva no queixo e o coração batendo em um ritmo perigoso. *Se eu fosse Rose, eu amaria essa sensação. Mas não sou, creio eu.* Começou a chorar com a desesperança daquilo, a vergonha. Sentia tanta falta de seus amantes que começou a duvidar que existissem. Ou, se existissem, que adoravam Norma Jeane como afirmavam.

Norma Jeane não se sentiria tão devastada, ela dizia a si mesma, se Cass e Eddy G. estivessem envolvidos juntos, ou em separado, com outros homens. (Ela achava que essa era uma forma de vida para homossexuais homens: sexo rápido e casual. Ela tentava não pensar a respeito.) Mas sim, sim, Norma Jeane ficaria arrasada se eles assumissem outra amante em sua ausência.

A força era que ela era a Fêmea. Havia dois Machos, e ela era a Fêmea. “Um triunvirato mágico e indissolúvel”, nas palavras exaltadas de Cass. Ah, eles a adoravam de fato! Eles a amavam. Ela tinha certeza. Estavam radiantes de orgulho e posse ao aparecer com ela em público. A invenção “Marilyn Monroe”, do Estúdio, estava à beira da Fama, e os astutos nascidos em Hollywood Cass e Eddy G. sabiam o que isso poderia significar mesmo se sua garota não parecesse saber. (“Ah...! Isso não vai acontecer, não seja bobo.

Como Jean Harlow? Joan Crawford? Não sou tão importante assim. Sei o que sou. O quanto trabalho. O quanto medo tenho. É só um truque de câmeras, que eu fico com aquele jeito às vezes.") Mesmo quando Cass e Eddy G. riam dela, ela entendia que eles a amavam. Pois riam dela como se rissem de uma irmã caçula e boba.

Ainda assim, bem... Às vezes as risadas eram um pouco cruéis. Norma Jeane tentava não se lembrar dessas ocasiões. Quando os garotos se uniam contra ela, por assim dizer. Quando faziam amor com tanta força que doía. *Daquele jeito*, ela não gostava, doía, e doía por muito tempo depois, ela mal conseguia se sentar e tinha que dormir deitada de barriga para baixo e tomar analgésicos, ou um dos comprimidos de poção mágica de Cass, e por que eles gostavam de fazer *daquele jeito* ela não conseguia entender.

— Simplesmente não é natural, é? Quero dizer... não pode ser.

Eles riam, riam da pequena Norma piscando para afastar as lágrimas dos lustrosos olhos azul-bebê.

Às vezes eram os sentimentos de Norma Jeane que os dois feriam, referindo-se a ela repetidamente como *ela*, mesmo quando ela estava presente. *Ela, ela, ela!* Às vezes se referiam a ela como *Peixe*, misteriosa e maliciosamente.

— Ei, Peixe, empresta vinte dólares?

— Ei, Peixinha, me empresta cinquenta?

(Norma Jeane se lembrava de que vez ou outra entreouvira Otto Öse se referir a ela, ou a alguma de suas garotas modelos, como “peixe”. Mas quando perguntou a Cass o que o termo queria dizer, ele deu de ombros e escapuliu do recinto. Ela perguntou a Eddy G., que respondeu com franqueza, pois no triunvirato de suas personalidades, Eddy G. era o irmão mais novo, mais impertinente de Cass Chaplin: “Peixe? Ora, você é ‘peixe’, Norma. Não tem como evitar.” E ela insistia, sorrindo: “Mas por quê? O que ‘peixe’ quer dizer?”. Eddy G. sorriu também, dizendo, amável: “‘Peixe’ apenas

quer dizer mulher. As escamas pegajosas, o fedor clássico. Um peixe é uma coisa viscosa, entende? Um peixe é um tipo de mulher, não importa se for na verdade um homem, em especial, quando se vê um peixe aberto e estirado, entende o que quero dizer? Não é pessoal".)

Ainda assim a força de Norma Jeane era Fêmea. Como “Marilyn Monroe” — “Rose Loomis” — era Fêmea.

Eles não podem ter bebês sem a gente. Não podem ter filhos.

O mundo acabaria sem nós! Fêmeas.

Ela estava discando um dos números de Hollywood mais uma vez.

Quantas vezes naquele entardecer. Naquela noite. E que horas eram em Los Angeles? Três horas para a frente ou para trás? Ela nunca conseguia lembrar direito.

— É uma da manhã aqui, isso quer dizer que são dez da noite lá? Ou... onze?

Com ansiedade, ela estava discando o número de seu novo apartamento, mal mobiliado, perto do Beverly Boulevard. Desta vez, alguém atendeu.

— Alô? — A voz era feminina, e parecia jovem.

A Constelação de Gêmeos

A *saudação*. Lá estavam eles, esperando sua amada no portão! Continental Airlines, Los Angeles International Airport. Em roupas novas e estilosas — blazers, coletes, lenços no pescoço, camisas de seda com abotoaduras proeminentes — e chapéus fedora. Um rapaz flamejante de olhos escuros com cabelo escuro cheio, olhar de Chaplin de amante triste e bigode preto. Ao lado dele, um pouco mais alto, um rapaz atarracado com os traços agressivos, ainda que afeminados, de Edward G. Robinson, beicinhos carnudos e olhos passionais. O que lembrava Chaplin tinha meia dúzia de rosas brancas de caule longo e o que lembrava Robinson carregava meia dúzia de rosas vermelhas de caule longo. Quando uma moça loira de óculos escuros apareceu numa fila de passageiros desembarcando do avião, em um conjunto de alfaiataria branco amarrotado após o voo que cruzava o país, o cabelo de algodão-doce quase totalmente escondido por um chapéu de palha com abas largas, os rapazes animados a encararam sem expressão.

— O que houve? Não estão me r-reconhecendo?

Norma Jeane quebrou o momento tenso com a destreza de comédia musical. Era esse seu talento, uma tendência ao improviso desesperado. Ria com alegria e sorria o sorriso de um milhão de dólares. Ela acenou com a mão bem em frente ao rosto dos rapazes para acordá-los.

— *Nor*-ma!

Os outros passageiros encararam os rapazes se apressarem para abraçar Norma Jeane. Eddy G. a abraçou com tanta força que ele a levantou resmungando na dobra de seu braço direito, quase

quebrando suas costelas. Então Cass, com a graça furtiva de um dançarino, abraçou-a e lhe deu um beijo úmido e faminto na boca.

Mas quem eram eles? Atores? Modelos? Ambos estavam com um intrigantemente familiar, como se fossem outras pessoas.

— Ah, *Cass*.

Norma Jeane chorou, enterrando o rosto nas rosas brancas.

Mas Eddy G. interveio, aproximando-se dela e também lhe dando um beijo úmido na boca. “Minha vez.” Norma Jeane ficou surpresa demais para beijá-lo de volta ou até fechar os olhos. Ela estava com dificuldade de recuperar o fôlego. Tantas rosas enfiadas nela. E algumas haviam caído no chão. A aterrissagem a havia assustado, uma descida instável em nevoeiro com fumaça sulfurosa circular e essa recepção a assustara ainda mais. Cass olhava nos olhos dela muito emocionado.

— Norma, é que você é tão... linda. Eu acho que...

Eddy G. exibiu seu breve sorriso de garoto. Ele fazia os amigos uivarem de rir com sua imitação daquele com a *Alma no lodo*, mas naquele instante ele imitava o pai famoso sem saber, um sorriso sarcástico, falando de canto de boca. Era o estilo de Eddy G. reagir rápido para evitar se envergonhar.

— É! Meio que é fácil esquecer. Como “Marilyn” é linda.

Os rapazes riram. Norma Jeane riu também, incerta.

Que mudanças em Cass e Eddy G.! Norma Jeane quase não os teria reconhecido.

Não apenas as roupas estilosas. (Será que tinham um amigo novo, um novo “benfeitor” generoso? Um de seus “tipos masculinos mais velhos, abandonados” irresistível para ambos?) Cass havia deixado o cabelo engrossar e encracolar e exibia um bigode sedoso preto tão parecido com Carlitos que só olhando de perto para confirmar que não poderia ser o original. Eddy G. estava nervoso e agitado (sua droga de escolha do momento era Dexamyl, um

amobarbital com dextroanfetamina superior a Benzedrina em todas as formas e garantido *não ser viciante*); os olhos escuros brilhavam, apesar de as pálpebras estarem inchadas e os capilares terem estourado no olho esquerdo, em uma delicada renda de sangue.

— *Nor*-ma. Bem-vinda de volta a Los Angeles.

— Meu Deus, sentimos saudades de você. Nunca mais nos abandone, promete?

Norma Jeane teve dificuldade de carregar as rosas espinhentas, enquanto Cass e Eddy G. caminhavam ao seu lado, falando e rindo com empolgação. Planos para aquela noite. Planos para a noite seguinte. Burburinho de expectativa sobre *Torrentes de paixão*.

— Walter Winchell diz que vai ser um estouro. — Os três caminharam lado a lado pelo terminal cheio, espalhafatosos e exibidos como pavões. Norma Jeane estava tentando não notar olhares de estranhos se voltando avida e curiosamente para eles. Estranhos parando para assistir.

Norma Jeane havia deixado as chaves do carro com Cass e Eddy G., e eles haviam trazido o Cadillac verde-limão para o aeroporto. Ela notou um arranhão longo e profundo no paralamas traseiro direito. Amassos dentados na grade dianteira cromada. Ela riu e não disse nada.

Eddy G. dirigiu. Norma Jeane sentou-se entre os amantes no banco da frente lotado. A capota do conversível estava baixada. Ar com enxofre batia nos olhos de Norma Jeane. Enquanto acelerava no trânsito, Eddy G. pegou a mão de Norma Jeane e a pressionou em sua virilha inchada. Cass pegou a outra mão de Norma Jeane e a pressionou em sua virilha inchada.

Mas eles não me conhecem de verdade. Eles não me reconheceram.

O juramento. De alguma forma, aconteceu: o Château Mouton-Rothschild 1931 escorregou de seus dedos, ele que era responsável por obter a garrafa de um amigo de um amigo de um amigo, cuja adega cavernosa na Laurel Canyon Boulevard podia tolerar perdas misteriosas assim, e, que maldição, a garrafa ainda tinha dois terços. Vidro quebrado. Lascas voaram pelo piso de madeira como pensamentos demoníacos. O fedor ácido e nítido duraria por meses.

— Ah, meu Deus! Perdão. — Quem quer que fosse foi perdoado. Grudentos beijos sonhadores. Os olhos abandonados e abatidos. Era de se rir dos olhos, tamanha beleza. Perdido em arrebatamento que seguia sempre e sempre. Eles eram jovens o suficiente, e o Dexamyl ajudava, para fazer amor para sempre. Sexo era a melhor onda. Outras ondas eram interiores, no cérebro, mas sexo era compartilhado, não era? Ou em geral.

— Ah...! Está doendo. Desculpe. Não consigo evitar, eu acho!

Não havia persianas. As janelas estavam escancaradas para o céu. De olhos fechados dava para saber se era um dia claro no sul da Califórnia ou um dia nebuloso, se era noite ou crepúsculo, noite estrelada ou noite lamacenta escura, ou “e o grande meio-dia”, como Cass entoava, citando Zaratustra, seu jovem amor de adolescência. (“Mas quem é Zaratustra?”, perguntou Norma Jeane a Eddy G. “É alguém que a gente deveria conhecer?” E Eddy G. disse, dando de ombros: “Claro, acho que sim. Quer dizer... Mais cedo ou mais tarde você conhece todo mundo aqui. Às vezes os nomes mudam, mas se você conheceu, conheceu”.) Em tabloides como *Hollywood Tatler*, *Hollywood Reporter*, *L.A. Confidential* e *Hollywood Confidential*, fotos sensacionalistas dos jovens glamourosos. Em colunas de fofoca:

RAPAZES PASSEANDO PELA CIDADE —
CHARLES CHAPLIN JR., EDWARD G. ROBINSON JR.
E A BELDADE LOIRA MARILYN MONROE: UM *MÉNAGE À TROIS*?

Vulgar, disse Cass. Uma exploração, disse Eddy G. “Marilyn” é uma atriz séria, disse Cass. Ele se odiava nesta foto parecendo um imbecil total, a boca aberta como se arfando, disse Eddy G. Ainda assim, arrancaram as fotos mais lúridas e grudaram nas paredes. Na semana que chegaram à capa da *Hollywood Confidential*, uma foto dos três dançando juntos com ares brincalhões num bar no Strip, Cass e Eddy compraram uma dúzia de cópias da revista para arrancar as capas e grudar na porta do quarto de Norma Jeane. Norma Jeane ria deles, eram tão vãos. Por sua vez, eles não tinham misericórdia de zombar dela:

— Esta aqui é a beldade? Ou isto daqui? — Agarrando suas nádegas e a vagina. Norma Jeane ria em guinchinhos e empurrava as mãos. Só o toque deles, os ágeis dedos duros, o calor no rosto, a fazia derreter. Ah, era tão clichê, mas era *verdade*.

Era Norma Jeane quem animava os garotos quando precisavam ser animados, que era um fenômeno frequente depois de suas longas noites excêntricas e dias maníacos. Depois de Eddy G. bater o carro, um Jaguar emprestado. Depois que a contagem de plaquetas no sangue de Cass caiu para um nível alarmante e ele precisou de hospitalização por três dias infernais. Depois de Eddy G., no elenco, como Horácio, em uma produção local de *Hamlet* e muito elogiado pela imprensa de Los Angeles, acordou uma tarde com a mente estranha. “Como se tivesse sofrido um apagão... Como se tivesse sofrido uma lavagem interna com uma mangueira.” E não conseguiu realizar a performance daquela noite e nenhuma outra a seguir. Depois de Cass, selecionado em um musical da MGM

no papel de garoto do coral, quebrou o tornozelo durante a primeira semana de ensaios.

— Não me venha com bobagem freudiana, foi um *acidente*.

Norma Jeane cuidou deles, e Norma Jeane os escutou. Às vezes, sem ouvir o que diziam. Palavras insultantes e aflitas. Pois talvez o que as pessoas dizem importe menos do que o que falam com honestidade e sem subterfúgios, agarrando sua mão e mirando seus olhos.

— Ah, Norma. Eu acho que amo você de verdade. — Eddy G., o rosto de garoto mimado de súbito enrugado como o de uma criança à beira de lágrimas. — Tenho ciúmes de você e Cass. Tenho ciúmes de você e qualquer um que olhe para você. Se eu pudesse amar qualquer m-mulher, seria você.

E havia o Cass de olhos sonhadores, o primeiro amor verdadeiro de Norma Jeane. *Aqueles olhos. Os olhos mais lindos de qualquer homem.* Ela os tinha visto pela primeira vez quando pequena, uma Norma Jeane perdida muito tempo antes, arrebatada sempre que se via diante de algo que não encontrara na vida glamourosa e misteriosa de sua mãe.

— Norma? Quando você diz que me ama, quando você me olha, até... Quem você vê, de verdade? Você vê...? Ele? É *ele*?

— Não. Ah, não! Eu vejo só você.

Como eram eloquentes, quão brilhantemente articulados e engraçados e inspirados, Cass Chaplin e Eddy G. falando de seus pais famosos/infames. “Pais Cronos”, Cass os chamava, lívido de ódio. “Engolindo os próprios filhos” (“Mas quem é Cronos?”, perguntou Norma Jeane a Eddy G., não querendo que Cass soubesse quão pouco culta ela era. Eddy lhe respondeu vagamente: “É um rei antigo, eu acho. Ou talvez, espera... É Jeová em grego. Isso, Deus em grego. Tenho quase certeza”.) Em Hollywood, havia muitos filhos de celebridades, e um encanto cruel pairava sobre a

maioria. Cass e Eddy G. pareciam conhecer todos. Eram portadores de nomes glamourosos (“Flynn”, “Garfield”, “Barrymore”, “Swanson”, “Talmadge”) que pesavam neles como enfermidades físicas. Pareciam de crescimento interrompido, imaturos, apesar dos olhos velhos. Quando criancinhas, já eram versados em ironia. Raramente se surpreendiam com atos de crueldade, inclusive os seus próprios, mas podiam ser tocados à beira das lágrimas impotentes por atos simples de gentileza, generosidade.

— Mas não seja legal conosco — alertou Cass.

Eddy concordou com veemência.

— É! Como alimentar uma cobra. *Eu usaria* uma vareta de uns três metros para tocar em mim, pessoalmente.

Norma Jeane observou:

— Mas ao menos vocês dois *têm* pais. Vocês sabem quem *são*.

Cass retrucou com irritação.

— Este é exatamente o problema. Nós sabíamos quem éramos antes de nascer.

E Eddy G. acrescentou:

— Cass e eu, é uma maldição dupla... Nós somos *juniors*. De homens que nunca quiseram que nós nascêssemos.

Norma Jeane disse:

— Como vocês sabem se nunca quiseram que vocês nascessem? Não dá para confiar nas mães para contar a verdade absoluta. Quando o amor dá errado e um casal se divorcia...

Tanto Cass quando Eddy G. bufaram com desdém.

— Amor! Está falando sério? Olha essa baboseira de “amor” que você está falando, Peixinha.

Norma Jeane disse, ferida:

— Não gosto desse apelido... Peixe. Isso me incomoda.

Cass retrucou acaloradamente:

— Nós nos incomodamos com você nos dizendo o que deveríamos estar sentindo. Você nunca conheceu seu pai, então está livre. Pode se inventar. E está se saindo muito bem nisso... “Marilyn Monroe”.

E Eddy G. concordou com empolgação.

— Exato! Você está livre. — Ele pegou a mão de Norma Jeane do seu jeito impulsivo de garoto e quase estalou seus dedos e continuou: — Você não carrega o nome do fodido que lhe deu essa merda de vida. Seu nome é tão totalmente falso: “Marilyn Monroe”. Eu amo. Como se você tivesse dado à luz a si mesma. — Eles estavam se dirigindo a ela, mas a ignorando; ainda assim, Norma Jeane entendia que, sem sua presença, eles não estariam falando com tanta seriedade, apenas bebendo ou fumando maconha. Cass declarou em voz alta:

— Se eu pudesse dar à luz a mim mesmo, eu seria renascido. Eu estaria redimido. Os filhos “do grande” não podem nem se surpreender porque tudo que podemos fazer já foi feito, melhor do que nós poderíamos fazer. — Ele falava não com amargor, mas com um ar grandioso de resignação, como um ator recitando Shakespeare.

— Certo! — disse Eddy G. — Qualquer talento que nós possamos ter, o velho tinha mais. — Ele riu e cutucou Cass nas costelas e continuou: — É claro que o meu velho é praticamente um bosta perto do seu. Uns filminhos de gângster. Basta um sorrisinho no rosto que qualquer um pode imitá-lo. Mas Charlie Chaplin. Teve um tempo, praticamente, que o homem era rei lá fora. E ele com certeza conquistou um tesouro.

E Cass respondeu:

— Eu já falei para não falar do meu pai, caralho. Você não sabe de merda alguma, nem dele nem de mim.

— Ah, vá se foder, Cassie, qual o problema? Eu sou o garoto que ouvia os gritos do meu velho, quando eu chorava e molhava as calças; ele está gritando com a minha mãe e eu corro até ele... Eu tinha cinco anos e já era louco das ideias... E ele me chuta para o outro lado do quarto. Minha mãe jurou isso na frente de um juiz, e tem a chapa do hospital para corroborar o testemunho.

— *Eu* tive que testemunhar para o juiz. Minha mãe estava doente de bêbada.

— A *sua* mãe? E a *minha* mãe?

— Ao menos sua mãe não é louca.

— Está falando sério? Você não sabe porra nenhuma da minha mãe.

Assim eles brigavam, com paixão, rabugice, como irmãos; Norma Jeane tentava argumentar, como se ela fosse June Allyson em algum daqueles filmes falados nos anos 1940 em que a razão poderia prevalecer mas só para quem também fosse bonita e irritada.

— Cass, Eddy! Eu não entendo vocês. Nenhum de vocês. Eddy, você é um ator excelente, eu já vi você. Você se inspira com papéis sérios, linguagem poética: Shakespeare, Tchekov. Não filmes, mas o palco. *Esta* é a prova real da interpretação. Seu único problema é que você desiste muito cedo. Você quer demais de si mesmo e desiste. E você, Cass... você é um dançarino incrível — Norma Jeane estava falando mais e mais rápido enquanto os homens a encaravam em desdém silencioso. O rosto deles vazio de expressão como efígies em túmulos. — Você é música em movimento, Cass! Como Fred Astaire. E as danças que você compôs são lindas. Vocês dois são...

Norma Jeane se chocou com o vazio de suas palavras, apesar de saber que eram legítimas. Ela não estava exagerando! Em alguns lugares, os filhos de Charlie Chaplin e Edward G. Robinson eram

conhecidos como “talentosos” — mas “amaldiçoados”. Pois meramente “talentoso” não serve sem outras qualidades de caráter: coragem, ambição, perseverança, fé em si mesmo. Fatalmente, ambos os rapazes não tinham essas qualidades. Eddy G. disse, com um sorriso sarcástico:

— Então eu levo jeito para interpretar? O que é “interpretar”, baby? Porra nenhuma. É tudo uma merda. Meu velho e o velho dele, os merdas dos Barrymore, a maldita Garbo. São rostos, é só isso. Plateias imbecis olham para esses rostos e alguma espécie de merda mágica acontece. Se tiver a estrutura óssea certa, qualquer um atua.

Cass interveio:

— Ei, Eddy. Você está falando merda.

— Merda porra nenhuma! — dispara Eddy G., com ferocidade. — Qualquer um pode atuar. É uma fraude. É uma piada. Você vai lá na frente, um diretor prepara você, você diz as falas. Qualquer um consegue fazer isso.

— Claro — disse Cass. — Qualquer um consegue fazer qualquer coisa. Mas não bem.

Eddy G. se virou com uma crueldade súbita para Norma Jeane.

— Conta para ele, baby. Você é uma “atriz”. É um golpe, não é? Sem seu rabo e essas tetas, você não seria nada, e você sabe disso.

Não naquela noite, mas em outra. Nessa noite. Recebendo Norma Jeane em casa ao voltar das Cataratas do Niágara. Para o que havia sido seu apartamento “novo” agora arrasado e fedorento muito antes de o Château Mouton-Rothschild estilhaçar no chão da sala de estar e era um incômodo grande demais limpar. Mas havia uma garrafa de espumante francês, e desta vez Cass insistiu em abrir a garrafa. Encheu os copos até a boca; espumante borbulhando sobre os dedos. Uma sensação de cócegas! Cass e Eddy galantemente ergueram as taças em homenagem.

— À nossa Norma, que está de volta conosco. Onde é o seu lugar.

— À nossa “Marilyn”, que é tão linda.

— E que sabe *interpretar*.

— Ah, sim! Atua com o mesmo talento com que *trep*a. — Os homens riram, apesar de não com maldade. Norma Jeane bebeu e riu com eles. Pelas alusões não muito veladas, ela entendia que, sexualmente, não era grande coisa. Talvez a maioria dos outros homens preferisse outros homens, ou preferiria ter a opção; é óbvio que um homem sabe o que outro homem quer, e Norma Jeane não fazia ideia. Então ela ria e bebia. Mais sábio rir do que chorar. Mais sábio rir do que pensar. Mais sábio rir do que não rir. Homens a amavam quando ela ria, mesmo Cass e Eddy G., que a viam de perto, sem maquiagem. Espumante era a sua bebida favorita. Vinho dava dor de cabeça, mas espumante desanuviava o cérebro, levantava o coração. Ela também ficava tão triste às vezes! Apesar de colocar tudo o que tinha em “Rose Loomis” e parecer saber (sem vaidade, sem júbilo) que *Torrentes de paixão* seria um estouro por causa dela, e sua carreira seria lançada se ela assim quisesse, ainda assim ela se sentia tão triste às vezes... Bem, espumante foi a bebida de seu casamento. Ela contou a Cass e Eddy G. a respeito daquele casamento, e eles ouviam e riam. Eles eram odiadores-de-casamentos, odiadores-de-festas-de-casamento; isso era delicioso para eles. As roupas de casamento emprestadas duas vezes sujas. A dor que ela passou durante a primeira “relação”. O jovem marido ansioso arfando, arremetendo, suando, gemendo, bufando e arquejando. Ao longo do casamento breve, o odor escorregadio-medicinal das camisinhas. E o velho Hirohito sorrindo sobre o aparelho de rádio.

— Às vezes a única pessoa com quem eu podia falar o dia todo.

— E Norma Jeane estava sempre menstruando, parecia. Pobre

Bucky Glazer! Ele merecera uma esposa melhor do que Norma Jeane. Ela esperava, agora que ele tinha se casado de novo, que ele houvesse encontrado uma mulher que não tivesse praticamente um aborto espontâneo cada vez que menstruava.

Por que estou dizendo estas coisas horríveis?

Qualquer coisa para fazer os homens rirem.

Cass os levou até a sacada. Quando o sol havia sumido? Era uma noite úmida, mas que noite? A cidade de Los Angeles se estendia. Para o norte, havia os morros, suas luzes mais esparsas. O céu estava parcialmente nublado, mas havia uma fenda gigante para onde se poderia ficar olhando para sempre. Norma Jeane havia lido que o universo tinha bilhões de anos, e tudo que astrofísicos sabiam era que sua idade estava sempre sendo reajustada, voltando até um ponto nas “profundezas do tempo”. Ainda, havia começado numa explosão de um nanossegundo de... o quê? Uma partícula tão pequena que não poderia ter sido vista a olho nu. Ainda assim, olhando para o céu, era possível “enxergar” beleza nas estrelas. “Enxergar” constelações com imagens humanas e animais, como se as estrelas, espalhadas pelo tempo e espaço, estivessem em uma única superfície horizontal, como quadrinhos. Cass disse:

— Ali está a Constelação de Gêmeos. Está vendo? Tanto Norma quanto eu somos de Gêmeos. Os Geminianos “predestinados”.

— Onde?

Ele apontou. Norma Jeane não tinha certeza de que via, ou sequer do que deveria estar vendo. O céu era um quebra-cabeça imenso e ela estava com peças demais faltando. Eddy G. disse com impaciência:

— Não estou vendo. Cadê ela?

— *Eles*. São geminianos.

— Geminianos? Isto é tão esquisito.

Meses antes, Eddy G. havia dito a Norma Jeane e Cass que ele, também, era de Gêmeos, nascido em junho. Ele ansiara por ser idêntico a eles. Agora ele parecia ter esquecido. Cass tentou mostrar a esquiva Constelação antes, e só dessa vez Norma Jeane e Eddy G. viam, ou acreditavam ver. Eddy exclamou:

— Estrelas! São superestimadas. Ficam tão longe, é difícil levar a sério. E a luz delas já se extinguiu quando chegam à Terra.

— Não a luz delas — corrigiu Cass. — As estrelas em si.

— Estrelas são luz. Apenas isso.

— Não. Estrelas têm substância, originalmente. “Luz” não se cria do nada.

Havia fricção entre os homens. Eddy G. não gostava de ser corrigido. Norma Jeane disse:

— E isso serve para “estrelas” humanas também. Elas têm de ser algo, não apenas nada. Deve haver substância nelas.

Pobre Norma Jeane sem jeito! Ali estava uma alusão, por mais indireta e bem-intencionada, aos pais monstruosos dos amantes. Cass disse com satisfação selvagem:

— O fato de uma estrela é que ela queima até apagar. Sejam estrelas celestiais ou humanas.

— Um brinde a isso, baby.

Eddy G. trouxera a garrafa de espumante para a varanda e a colocou precariamente na balaustrada estreita. Ele encheu seus copos. No ar mais fresco, ele parecia ter revivido, que era típico de Eddy G. nestes dias.

— Que porra é essa de Constelação de Gêmeos? São “gêmeos” de verdade?

— Sim e não. O princípio de Gêmeos é que não são dois, em essência. São gêmeos idênticos com uma relação estranha com a morte. — Ele hesitou. Como qualquer ator, ele sabia quando fazer pausas.

Dos dois, Cass Chaplin era de longe o mais educado: mandado pela mãe perturbada a um internato jesuíta, onde havia estudado teologia medieval, latim e grego. Largou antes de se formar ou talvez tenha sido expulso, ou sofrido um de seus colapsos nervosos. Quando tiveram seu primeiro caso de amor, quando Norma Jeane se apaixonou tão perdidamente, ela examinou todos os pertences dele que encontrou, sem que ele soubesse; ela havia descoberto em uma de suas bolsas de lona um volumoso diário de folhas soltas intitulado: GÊMEOS: MINHA VIDA EM (P)ARTE. Estava lotado de composições musicais, poesia, desenhos impressionantemente realistas de rostos ou corpos humanos. Havia estudos eróticos de nus, tanto femininos quanto masculinos, fazendo amor consigo mesmos, rostos contorcidos em angústia ou vergonha. *Mas esta sou eu!* Norma Jeane havia pensado. Quando Charlie Chaplin foi publicamente interrogado pelo Comitê de Atividades Antiamericanas poucos anos antes, exposto à irrisão pública na imprensa diária como um “traidor comunista”, e fugiu em exílio para a Suíça, isso pareceu a Norma Jeane as energias de ter desorganizado as energias de Cass; ele ficava empolgado demais e então deprimido por dias; era insone como ela e precisava de Nembutal para dormir; ele andava bebendo mais. (Ao menos, ao contrário de Eddy G., ele não estava fumando a última moda de Hollywood, haxixe.) Fazia meses desde que havia feito teste para qualquer papel. Escrevia música e rasgava. Norma Jeane não deveria saber, mas diversos conhecidos maldosos, incluindo seu agente, haviam tomado o trabalho de informá-la de que Cass Chaplin fora preso pela polícia de Westwood e passara a noite na delegacia por bebedeira e algazarra em público. Fazendo amor com ela, ele às vezes ficava impotente; nestes momentos, como Cass dizia, Eddy G. teria de servir pelos dois.

O que Eddy G., incansável ou ao menos parecendo, seu pau uma fonte perpétua de maravilhamento a seus amigos, ficava feliz de fazer.

Cass estava falando:

— Os Gêmeos eram irmãos gêmeos chamados Castor e Pólux. Eram guerreiros e um deles, Castor, foi morto. Pólux sentiu tanta falta que implorou a Júpiter, o rei dos deuses, permissão para pagar com a própria vida o resgate do irmão. Júpiter ficou comovido... Às vezes, se você se humilhar o suficiente e deixar os deuses no humor certo, esses desgraçados levam as coisas a cabo... E permitiu que Castor e Pólux vivessem, mas não ao mesmo tempo. Castor viveu um dia nos céus, enquanto Pólux estava com Hades, no inferno; então Pólux viveu um dia nos céus, enquanto Castor ficou no inferno. Eles alternavam a vida e a morte, mas não se viam.

Eddy G. deixou escapar uma risada de escárnio.

— Jesus, que bobagem! Não é só maluquice, é banal pra cacete. *Acontece o tempo inteiro.*

Cass continuou, falando com Norma Jeane:

— Então Júpiter ficou com pena deles de novo. Ele premiou o amor mútuo dos irmãos colocando os dois juntos nas estrelas. Está vendo? Os Gêmeos. Para sempre.

Norma Jeane ainda não tinha visto o padrão da estrela, na verdade. Mas olhou para cima sorrindo. Era suficiente saber que os Gêmeos estavam ali, não era? Será que ela tinha que *ver*?

— Então os Gêmeos são irmãos gêmeos no céu, e são imortais! Eu sempre me perguntei...

— E o que — interrompeu Eddy G. — isso tem a ver com a morte? Ou *com a gente*? Eu com certeza me sinto um maldito humano mortal. E não uma porra de estrela no céu.

A garrafa de espumante caiu no piso da varanda e quebrou. Não espatifou tanto quanto a de vinho, e não havia muito líquido dentro.

— Je-sus! De novo não.

Mas Cass estava rindo, e Eddy G. estava rindo. Num piscar de olhos, eram Abbott e Costello. Eddy G. pescou alguns dos pedaços de vidro quebrado e zurrou, sua expressão beatífica e bêbada:

— Pacto de sangue! Vamos fazer um pacto de sangue. Somos a Constelação de Gêmeos, nós três. Que nem gêmeos, mas com *três*.

Cass disse com empolgação, as palavras arrastadas:

— Isto é um... Como se chama...? Um triângulo. Um triângulo não se divide por dois.

— Nunca esquecer um do outro — disse Eddy G. —, está bem? Nós três? Sempre nos amarmos como neste momento.

— E — respondeu Cass, arfando — morrer pelo outro, se necessário!

Antes que Norma Jeane o pudesse impedir, Eddy G. passou um pedaço de vidro na parte interna do antebraço. Sangue brotou de imediato. Cass pegou o vidro dele e passou pela parte interna do antebraço; mais sangue ainda brotou. Norma Jeane, profundamente tocada, sem hesitar, pegou o vidro de Cass e com dedos trêmulos atravessou o antebraço. A dor era rápida e aguda e potente.

— Sempre nos amarmos!

— “A Constelação de Gêmeos”... sempre!

— “Na saúde ou na doença...”

— “Na riqueza ou na pobreza...”

— “Até que a morte nos separe.”

Eles pressionaram seus braços sangrentos como crianças bêbadas. Estavam sem ar, rindo. O ato de amor mais doce que Norma Jeane já havia visto! Do fundo da garganta, fingindo ares de gângster, Eddy G. resmungou:

— Até que a morte nos separe? Diabos, além disso! *Até depois da morte*. — Eles se aproximaram, trôpegos, se beijando. As mãos de uns já puxavam as roupas de outros, já bagunçadas e manchadas.

Eles estavam ajoelhados e teriam feito amor desengonçado ali na varanda se não fosse por um caco de vidro perfurando a coxa de Cass.

— *Je-sus.* — Eles cambalearam para dentro do apartamento, braços ao redor de cinturas, e caíram juntos, e tão desejosos e enlouquecidos por afeto como filhotinhos de cachorros, na cama de Norma Jeane, desfeita fazia tempos, em que em um delírio de paixão eles teriam feito amor sem parar pela noite.

Naquela noite eu acreditei que o Bebê deveria ser concebido. Mas não foi.

O sobrevivente. A estreia de *Torrentes de paixão*! Para alguns, uma noite histórica. Mesmo antes do apagar de luzes, todos sabiam. Cass e eu não poderíamos sentar com Norma; ela estava com os chefes do Estúdio na frente. Eles a odiavam até não poder mais, ela os odiava. Mas as coisas eram assim em Hollywood naquela época. Eles fecharam um contrato com ela por mil dólares semanais. Ela assinou quando estava desesperada e brigaria com eles por anos. No fim, os chefes ganharam. Na noite de *Torrentes de paixão*, o filho da mãe cruel do Z, sentado ao lado de Norma, mas se levantando para cumprimentar pessoas, apertar mãos, ele está piscando como se não entendesse, ele quer entender, mas não consegue. Um homem convencido de que comeu ovo, e pessoas loucas agindo como se ele estivesse arrotando ostra! Não consegue decifrar. Por toda a carreira de “Marilyn Monroe”, que geraria milhões para o Estúdio, e nem uma fração disso para ela, esses caras não conseguem entender. Naquela noite, lá estava “Marilyn” em um vestido longo de paetês vermelhos com ombros à mostra, seios quase totalmente expostos, um figurino que havia sido costurado em seu corpo, entrando no cinema e descendo pelo corredor nestes passinhos cuidadosos;

estão boquiabertos e embasbacados com ela, como uma aberração. O pessoal da maquiagem passava ao menos cinco horas nela para ocasiões como essa. Como preparar um cadáver, dizia Norma. E eu consigo ver que ela está olhando ao redor, procurando Cass e eu (nos camarotes) e não consegue nos ver. E ela é esta garotinha perdida em uma fantasia de vagabunda. E mesmo assim deslumbrante. Cutuquei Cass e disse:

— Esta é nossa Norma. — E nós podíamos gritar, como uma torcida organizada.

As luzes se apagam, e *Torrentes de paixão* começa, com uma cena nas Cataratas do Niágara. E um homem parecendo pequeno e impotente ao lado de toda a água correndo, com pressa. Então a cena muda para Norma — quero dizer, “Rose”. Na cama. Onde ela está? Nua sob apenas um lençol. Ela está acordada, mas fingindo dormir. Ao longo do filme, esta “Rose Loomis” faz uma coisa e finge outra e a plateia consegue ver o truque, mas não o marido bundão burro. Esse cara é um tipo de psicótico do pós-guerra, um caso patético, mas a audiência caga e anda para ele. Todo mundo está sempre esperando “Rose” voltar para a cena. Ela é simplesmente lasciva e exageradamente cruel. Ela é muito mais que Lana Turner. Dava para jurar, ao lembrar de *Torrentes de paixão*, que há ao menos uma cena de nu total. Em 1953? Impossível tirar os olhos dela. Cass e eu, nós veríamos *Torrentes de paixão* uma dúzia de vezes... É porque Rose está em nós. Em nossa alma. Ela é cruel de maneiras que nós somos. Ela não tem moralidade alguma, como uma criança. Está sempre se olhando no espelho, exatamente como nós faríamos se tivéssemos a aparência dela. Está se acariciando, está apaixonada por si mesma. Como todos nós! Mas deveria ser *ruim*. Essas cenas na cama levantavam a dúvida de se conseguiriam passar pela censura. Ela está de joelhos abertos e o espectador poderia jurar que consegue ver a boceta loira dela pelo lençol. Mas

só fica hipnotizado, encarando. E seu rosto, este é um tipo de boceta especial. A boca vermelha úmida, a língua. Quando Rose morre, o filme morre. Mas sua morte é tão linda que quase gozo nas calças. E esta é uma garota, esta é Norma, que verdadeiramente fode mal para porra, você tinha que fazer 95% do trabalho, e ela fica toda “Ah-ah-ah”, como se fosse aula de teatro e esta é alguma frase que ela memorizou. Mas nos filmes, “Marilyn” *sabia*. Era como se apenas a câmera soubesse como fazer amor com ela do jeito que ela precisava, e nós fôssemos voyeurs apenas hipnotizados assistindo.

Mais ou menos na metade do filme, quando Rose está zombando e rindo de seu marido por não conseguir uma ereção, Cassie diz para mim:

— Esta não é Norma. Não é a nossa Peixinha. — E que diabos, não era. Esta Rose era uma completa estranha. Não era qualquer pessoa em quem tínhamos colocado os olhos. Lá fora, as pessoas pensavam que “Marilyn Monroe” estava apenas interpretando a si mesma. Cada filme que fazia, não importando se era diferente dos outros, eles encontravam uma forma de desmerecer. “Aquela vagabunda não sabe atuar. Só consegue interpretar a si mesma.” Mas ela era uma atriz nata. Era um gênio, se você acreditar nesse conceito. Porque Norma não fazia ideia de quem ela era, e ela tinha que preencher este vazio em si mesma. Cada vez que ela saía, ela tinha que inventar sua alma. Outras pessoas, nós somos igualmente vazias; talvez na verdade a alma de todo mundo seja vazia, mas Norma era a pessoa que sabia.

Esta era Norma Jeane Baker quando a conhecíamos. Quando éramos a “Constelação de Gêmeos”. Antes de ela nos trair — ou de nós a traírmos. Muito tempo atrás, quando éramos jovens.

Que alegria! Não na manhã seguinte depois da estreia de *Torrentes de paixão*, mas umas poucas manhãs depois. E Norma Jeane, que

havia dormido mal por meses, acordou depois de uma noite de um sono profundo e restaurador. Uma noite sem os comprimidos mágicos de Cass. Tivera sonhos espantosos. Sonhos explosivos! Rose estava morta, mas Norma Jeane nestes sonhos estava viva.

— A promessa era de que eu sempre estaria viva. — E ela era uma mulher viva saudável, firme e forte e de movimentos ágeis no corpo como uma atleta. Não um corte sangrento de humilhação entre as pernas, mas o curioso órgão sexual protuberante.

— O que é isto? O que sou eu? Estou tão *feliz*. — No sonho ela tinha permissão de rir. Correr pela praia de pés descalços rindo. (Será que era Venice Beach? Mas não Venice Beach agora. Venice Beach de muito tempo atrás.) Vovó Della estava lá, o vento batendo no cabelo. Que gargalhada alta da barriga tinha Vovó Della, Norma Jeane tinha quase esquecido. A coisa entre as pernas de Norma Jeane, talvez Vovó Della tivesse uma também? Não era o pau de um homem, nem a vagina de uma mulher, exatamente. Era só...

— O que eu *sou*. Norma Jeane.

Ela acordou rindo. Era cedo: 6h20. Foi uma noite em que dormiu sozinha. Solitária na cama e sentira falta dos homens até pegar no sono, onde ela não sentiu falta deles de forma alguma. Cass e Eddy G. não voltaram para casa de... onde? Uma festa numa casa em Malibu, ou talvez em Pacific Palisades. Norma Jeane não tinha sido convidada. Ou talvez ela tivesse sido, mas disse não. Não não não! Ela queria dormir e queria dormir sem comprimidos mágicos, e assim o fizera, acordando cedo e com uma estranha força passional habitando seu corpo. Estava tão feliz! Passou água fria no rosto e fez exercícios de aquecimento da aula de interpretação. Então aquecimentos de dançarina. O corpo se sentia como um potro, desejando correr! Ela colocou calças capri para exercício, polainas, um blusão grande demais. Prendeu o cabelo em duas curtas tranças duras. (Será que Tia Elsie não havia trançado

seu cabelo para uma das corridas de Norma Jeane em Van Nuys? Para impedir que seu longo cabelo emaranhado em cachos caísse no rosto.) E ela saiu para correr.

As ruas estreitas ladeadas por palmeiras estavam quase desertas, apesar de o trânsito no Beverly Boulevard estar começando. Desde a estreia de *Torrentes de paixão*, seu agente ligava para ela constantemente. O Estúdio ligava constantemente. Entrevistas, sessões de fotos, mais publicidade. Havia pôsteres do filme com “Rose Loomis” por todos os lados na América. Havia as capas do momento de *PhotoLife* e *Inside Hollywood*. Críticas eram lidas com empolgação a ela pelo telefone, o nome “Marilyn Monroe”, tão repetido, começou a soar irreal, o nome de uma estranha absurda, um nome ao qual outras palavras absurdas se acumulavam, e essas palavras também, a invenção de estranhos.

Um estouro de performance. Um talento bruto. Uma mulher francamente sensual sem restrições, como nenhuma outra desde Jean Harlow. O poder elementar da natureza. Uma performance sinuosa. Você odeia Marilyn Monroe — mas ao mesmo tempo a admira. Deslumbrante, brilhante! Sensual, sedutora! Chega pra lá, Lana Turner! A quase-nudez é chocante. Envolvente. Repulsiva. A mais lasciva desde Hedy Lamarr. Theda Bara. Se as Cataratas do Niágara são uma das sete maravilhas do mundo, Marilyn Monroe é a oitava.

Ouvindo isso, Norma Jeane ficava inquieta. Andava de um lado para o outro segurando o receptor fracamente na orelha. Ria de nervosismo. Ela levantava um peso de cinco quilos com a mão livre. Encarava o espelho, que a olhava, tímido e sem compreender, a garota no lindo espelho chanfrado na drogaria Mayer. Ou de súbito ela se inclinava, oscilava, tocava os dedos dos pés com rapidez dez vezes seguidas. Vinte vezes. Essas palavras de elogio! E o nome “Marilyn Monroe” repetido como uma ladainha. Norma Jeane ficava apreensiva, sabendo que palavras recitadas em triunfo por

seu agente e pelas pessoas no Estúdio poderiam ser quaisquer palavras.

As palavras de estranhos donas do poder de determinar sua vida. Como eram parecidas com o vento, soprando incessantes. O vento de Santa Ana. Ainda chegaria um momento em que até o vento pararia de soprar, e essas palavras sumiriam e... então? Norma Jeane disse ao agente: “Mas não tem ninguém lá. ‘Marilyn Monroe.’ Eles não sabem? Era ‘Rose Loomis’ e ela estava só... na tela. E ela m-morreu. E está acabado”. Era o hábito de seu agente rir da ingenuidade de Norma Jeane como se ela quisesse ser engraçada. Ele respondeu com reprovação: “Marilyn. Minha querida. *Não está acabado*”.

Ela correu por quarenta minutos extasiados. Quando, arfando, o rosto brilhando de suor, ela voltou para a calçada em frente ao edifício, havia dois rapazes se encaminhando trôpegos para a entrada.

— Cass! Eddy G.! — Ambos desgrenhados e com a barba por fazer e com a pele pastosa. A camisa cara cinza-clara de Cass estava desabotoada até a cintura e manchada com um líquido amarelo como urina. O cabelo de Eddy G. levantado em tortuosos tufo maníacos. Havia um arranhão novo ao lado de sua orelha, curvada como um gancho vermelho na pele. Os homens encararam Norma Jeane embasbacados, em seu blusão da UCLA, calça capri e tênis e cabelo trançado, o suor saudável brilhante no rosto.

Eddy G. choramingou:

— Norma! Está *acordada*? A esta hora?

Cass estremeceu como se tivesse levado uma martelada. Em tom de reprovação, ele disse:

— Meu Deus! *Você está feliz*.

Norma Jeane riu, ela os amava tanto. Ela os abraçou e beijou as bochechas arranhadas, ignorando os fedores pungentes.

— Ah, estou! *Muito* feliz! Meu coração está prestes a explodir de tão feliz. Sabem por quê? Porque agora existe uma Rose e as pessoas podem ver que Rose não sou *eu*. As pessoas em Hollywood. Agora elas podem dizer: “Ela criou Rose, olhe como ela é diferente. *Ela* é uma atriz!”

Grávida! Sob o nome “Gladys Pirig” ela estivera visitando um ginecologista-obstetra em uma região de Los Angeles tão longe de Hollywood que parecia outra cidade. Quando ele disse que, sim, ela estava grávida, ela começou a chorar.

— Ah, eu sabia. Acho que sabia. Tenho me sentido tão inchada. E tão *feliz*.

O doutor, sem prestar atenção no que dizia, vendo apenas lágrimas da jovem loira, segurou sua mão, que estava sem anel.

— Minha querida. Você é saudável. Vai ficar tudo bem.

Norma Jeane afastou a mão, ofendida.

— Eu estou feliz, já disse! Eu *quero* ter este bebê. Meu marido e eu temos t-tentado por anos.

Telefonou imediatamente para Cass Chaplin e Eddy G. Passaria a maior parte da tarde tentando rastrear os dois. Estava tão empolgada que se esqueceu de um almoço com um produtor, e se esqueceu de uma entrevista agendada com um jornalista de Nova York e compromissos no Estúdio. Ela adiaria seu próximo filme, que seria um musical. Ela poderia ganhar dinheiro posando para revistas por um tempo. Quantos meses antes de a barriga começar a aparecer? Três? Quatro? Lá estava a *Sir!* implorando por um ensaio de capa, e agora o valor oferecido eram bons mil dólares. Havia a *Swank*, e a *Esquire*. Havia uma revista nova, a *Playboy*; o editor queria “Marilyn Monroe” para a primeira capa. Depois disso, ela deixaria o cabelo crescer para a cor natural. “Vou acabar com meu cabelo se continuar descolorindo assim.” O pensamento insano lhe

ocorreu: ela ligaria para a sra. Glazer! Ah, sentia saudades da mãe de Bucky! Era a sra. Glazer quem ela havia adorado, não Bucky. E Elsie Pirig. “Tia Elsie, adivinha só? Estou grávida.” Apesar de ter sido traída pela mulher, Norma Jeane sentia saudades dela e a perdoava. “Quando se tem um bebê, se vira uma mulher para sempre. Vou virar uma delas, não poderei ser renegada.” Pensamentos voavam rápido como morcegos na sua mente. Ela não conseguia organizá-los. Quase, ela poderia ter acreditado que não eram seus pensamentos. E não havia alguém de quem ela estava esquecendo? Alguém para quem deveria ligar?

— Mas quem? Está na ponta da língua.

* * *

A celebração. Naquela noite, marcou um encontro com Cass e Eddy G. no restaurante italiano da vizinhança em Beverly Boulevard. Um lugar onde “Marilyn” raramente era reconhecida. E nas roupas desleixadas, cabelo sob um lenço, sem maquiagem e quase nenhuma sobrancelha, Norma Jeane estava a salvo. Eddy G. sentou-se na mesa reservada onde ela estava, lhe deu um beijo e disse, de olhos arregalados:

— Oi, Norma, o que houve? Você parece...

E Cass acrescentou, entrando no assento na frente dela, sorrindo e apavorado:

— ... nervosa.

Norma Jeane estivera planejando sussurrar em seus ouvidos, um por vez *Adivinha só! Boas notícias! Vocês vão ser pais.* Em vez disso, ela caiu no choro. Ela pegou as mãos molengas dos dois homens confusos e as beijou uma a uma, sem palavras, e viu que os dois estavam com medo dela, trocando olhares entre si. Cass diria mais tarde, claro que ele sabia, ele sabia que Norma Jeane devia estar grávida, ela não menstruava fazia um tempo, e suas menstruações

eram sempre tão dolorosas, um ataque físico tão maciço na pobre garota, e um teste para qualquer amante; é claro que ele sabia, ou deveria saber. Eddy G. afirmaria choque absoluto. E ainda assim... surpresa? Como ele poderia ficar surpreso? Com todo o amor que faziam, e seu pau incansável em particular? Pois com certeza, *ele* era o pai. Não era uma distinção que ele desejava muito, não cem por cento, mas havia um arrepio de orgulho, ele não podia negar. Um bebê de Edward G. Robinson Jr. com uma das mulheres mais lindas de Hollywood! Ambos os homens sabiam como Norma desejava um bebê; era uma das características amáveis de Norma desde que eles a conheceram, tão inocente, tão doce, quanta fé ela tinha no poder redentor de “ser mãe”, apesar de sua própria mãe ser uma doida varrida que a havia abandonado e (o rumor circulava em Hollywood) certa vez tentado matá-la. Ambos os homens sabiam como Norma desejava o que ela acreditava ser *normal*. E se um bebê não transformasse uma pessoa em normal, o que transformaria?

Então naquela noite, quando Norma começou a chorar e beijou suas mãos, molhando aquelas mãos com as lágrimas, Cass disse rápido com o máximo de empatia que conseguiu reunir:

— Ah, Norma. Você acha que *está*?

E Eddy G. disse, a voz rachando como de um adolescente:

— Isto é o que eu acho que é? Ah, meu Deus... — Ambos sorriam. Pânico revirava seus corações. Eles ainda não tinham trinta anos, e ainda eram garotos. Fazia tanto tempo que eram atores desempregados, que até para simular emoções tinham certa dificuldade. Na troca de olhares vinha o conhecimento de que, com esta garota doida, não haveria aborto, não haveria saída fácil. Não só porque Norma Jeane queria um bebê, ela muitas vezes havia falado com horror de abortos. Em seu coração doce e burro ela era uma devota da Ciência Cristã. Ela acreditava muito nessa bobagem,

ou queria acreditar. Então não haveria aborto; não fazia sentido trazer o assunto à tona. Se seus amantes Geminianos estiveram planejando que “Marilyn Monroe” ganhasse muito dinheiro em breve, isso era um imprevisto nos planos. Em suas viagens imaginárias, era uma barricada definitiva. Mas se jogassem bem as cartas, seria apenas temporária.

Norma Jeane fixou o brilho de seus lindos olhos ansiosos nos deles.

— Vocês não estão f-felizes por mim? Quer dizer... por nós? A Constelação de Gêmeos?

O que poderiam dizer além de *sim*.

O tigre de pelúcia. Um episódio que era de se imaginar que fosse um sonho. Ainda que real. Foi real e compartilhado pelos Geminianos. Apesar de bêbados de vinho tinto (ela bebera apenas duas ou três taças enquanto os homens terminavam duas garrafas), Norma Jeane não se lembraria com muita clareza depois. Cass, Eddy G. e ela estiveram celebrando a notícia, animados e empolgados e em lágrimas e perto da meia-noite, haviam deixado o restaurante, e subindo a rua e uma esquina depois, passaram uma loja de brinquedos escurecida, uma lojinha pela qual devem ter passado muitas vezes antes sem notar, a não ser Norma Jeane, que parava para admirar a vitrine com melancolia às vezes, os animais de pelúcia feitos à mão, uma grande família de bonecas, blocos com letras do alfabeto em madeira esculpida, trens de brinquedo, automóveis, mas nem Cass ou Eddy G. tinham visto a loja de brinquedos antes, eles juravam, e que coincidência, Cass declarou, que aquela noite de todas as noites.

— É um *filme*. O tipo de coisa que acontece só em *filmes*. — Beber não adormecia os sentidos de Cass, mas o deixava mais atento, mais lúcido; ele estava convencido disso.

Eddy G. disse, resmungando do canto da boca:

— Os *filmes*! Tudo o que vivemos, esses merdas chegaram antes!

Norma Jeane, que raramente bebia e jurou não beber mais durante a gravidez, balançou, apoiando-se na janela. Sua respiração aquecia o vidro em um “O” de exclamação. Era possível que ela estivesse vendo de fato o que via?

— Ah...! Aquele tigrinho. Eu tive um igualzinho. Muito tempo atrás quando eu era garotinha. — (Será mesmo? O brinquedinho de pelúcia, o presente de Natal perdido de Norma Jeane no orfanato? Ou seria este tigre maior, mais peludo, mais caro? E lá estava o tigre que Norma Jeane havia costurado para a pequena Irina de coisas compradas numa lojinha de variedades baratas.) — Com a brutal agilidade rápida pela qual o filho de Edward G. Robinson era conhecido no submundo de Hollywood, Eddy G. lançou o punho contra a vitrine e a quebrou, e depois de o vidro quebrado cair, e Norma Jeane e Cass ficarem parados olhando em choque, com calma ele enfiou a mão dentro para pegar o brinquedo.

— Primeiro brinquedo do Bebê. Que gracinha!

A reparação culpada. Tarde na manhã seguinte, tomada por culpa e ressaca e dor de cabeça e um pouco de náusea, Norma Jeane voltou à loja de brinquedos.

— Talvez fosse um sonho? Não pareceu real. — Na bolsa, o pequeno tigre de pelúcia. Ela não queria pensar que a vitrine da loja havia quebrado de fato como consequência de sua observação impulsiva. Mas não havia como confundir o fato de que Eddy G. havia pego o brinquedo, e ela dormiu com ele sob o travesseiro naquela noite, e estava em sua bolsa naquele momento. — Mas o que eu posso fazer? Não posso simplesmente devolver.

Lá estava a loja de brinquedos! BRINQUEDOS DO HENRI. Em letras menores: *Brinquedos feitos à mão — minha especialidade.* Era

quase uma loja em miniatura, a fachada não media mais do que quatro metros. E quão ferida parecia, uma parte do vidro na vitrine quebrado e desajeitadamente substituído com madeira compensada. Norma Jeane espiou pelo vidro e concluiu com pavor que, sim, a loja estava aberta. Henri estava dentro, no balcão. Com timidez, ela abriu a porta, e uma sineta lá em cima. Henri ergueu o rosto, com olhos melancólicos. A loja estava mal iluminada como um recinto no interior de um castelo. O ar cheirava a um tempo muito antigo. Nas redondezas em Beverly Boulevard, havia um trânsito pesado de meio-dia, mas nos BRINQUEDOS DO HENRI havia uma calma revigorante.

— Sim, senhorita? Posso ajudar? — era uma voz de tenor, melancólica, mas não acusadora.

Ele não vai me culpar. Ele não é uma pessoa que julga.

Norma Jeane disse, com emoção infantil, gaguejando:

— E-e-eu sinto muito, sr. Henri! Parece que alguém quebrou sua vitrine? Foi um roubo? Aconteceu noite passada? Eu moro aqui perto e eu... não tinha notado antes.

Henri de olhos melancólicos, um homem cuja idade Norma Jeane não conseguia decifrar, mas não era jovem, sorriu um sorrisinho amargo.

— Sim, senhorita. Aconteceu noite passada. Não tenho alarme contra roubos. Eu sempre pensei... quem roubaria *brinquedos*?

Norma Jeane agarrou a bolsa no ombro, tremendo.

— Eu e-espero que não tenham levado muitas coisas? — disse ela.

— Infelizmente, sim — disse Henri, com raiva velada —, levaram.

— Sinto muito.

— Tantos brinquedos quanto conseguiam carregar, e os mais caros. Um trem esculpido à mão, uma boneca de tamanho real.

Uma boneca pintada à mão com cabelo humano.

— Ah...! Eu *sinto muitíssimo*.

— E itens menores, bichinhos de pelúcia que minha irmã costura. Minha irmã é cega. — Henri falava com veemência silenciosa, lançando um olhar para Norma Jeane como alguém olharia para a plateia atrás de uma fileira de luzes.

— Cega? Você tem uma... irmã cega?

— Sim, e ela é uma costureira talentosa, faz os animais apenas pelo toque.

— E roubaram estes também?

— Cinco. Além de outros itens. E o vidro quebrado. Expliquei tudo isso para a polícia. Não que eles algum dia vão pegar os ladrões... Não tenho esperanças disso. Os covardes!

Norma Jeane não tinha certeza se ele estava falando dos ladrões ou da polícia.

— Mas você tem seguro? — perguntou ela, hesitante.

— Bem — disse Henri, indignado. — Por sorte, tenho, sim, senhorita. Eu não sou um idiota completo.

— Isso é b-bom, então.

— Sim. É bom. Mas não alivia o meu nervosismo e nem o da minha irmã e não recupera minha fé na humanidade.

Norma Jeane tirou o pequeno tigre listrado da bolsa no ombro. Tentando não notar como Henri a encarava, ela disse rápido:

— Isto... eu encontrei em um beco atrás do meu prédio. Eu moro aqui do lado. Acho que é seu?

— Ora, sim...

Henri a encarava, atônito. O rosto pálido como pergaminho escureceu ficou ligeiramente vermelho.

— Eu e-encontrei. No chão. Achei que d-deveria ser daqui. Mas eu gostaria de comprar? Quer dizer... se não for muito caro?

Henri encarou Norma Jeane por um longo momento de silêncio. Ela não conseguia imaginar no que ele deveria estar pensando mais do que, ela supunha, ele conseguia imaginar no que ela estava pensando.

— O tigre listrado? — disse ele. — É uma das especialidades de minha irmã.

— Está sujo, um pouquinho. É por isso que eu gostaria de comprar. Quer dizer... — Norma Jeane riu de nervosismo — acho que agora não daria mais para vendê-lo. Mas ele é tão lindo.

Ela estava estendendo o tigrinho com as mãos, para que Henri visse. Norma Jeane estava parada na frente do balcão, a não mais que meio metro de distância dele, mas ele não fez menção alguma de pegar dela. Ele mexeu a boca, considerando. Era mais baixo que Norma Jeane em diversos centímetros, um homem pequeno com traços cinzelados, grandes olhos pretos como botões, orelhas e ombros salientes.

— Senhorita, você é uma boa pessoa. Tem um bom coração. Vou deixar você ficar com o tigre por... — Henri hesitou, sorrindo, um sorriso mais genuíno agora, vendo Norma Jeane como uma mulher mais jovem do que ela era, com vinte e poucos anos, uma estudante de teatro ou dança, uma garota bonita, mas não excepcional com um rosto redondo e sem ossos salientes, inocente, a pele pastosa sem maquiagem. Em sapatos baixos, era peituda e ao mesmo tempo parecia um garoto. Tão sem confiança e presença que nunca daria certo no mundo do *show business*. — Dez dólares. Um desconto dos quinze originais.

A pequena etiqueta de preço no tigre, que Henri parecia ter esquecido, indicava, a lápis, 8,98 dólares.

Com alívio imediato, Norma Jeane sorriu e sacou a carteira.

— Não, sr. Henri! Obrigada. Mas o brinquedo é para meu primeiro filho e quero pagar o preço cheio.

A visão

Para sempre, Norma Jeane se lembraria.

Eles saíram num de seus passeios de carro noturnos. Um passeio de carro romântico pelo sul da Califórnia no fim do verão. No Cadillac verde-limão com a ampla grade dianteira cromada como um sorriso amplo e os rabos de peixe sulcados. Como a proa de um navio, a grade dianteira cromada e para-lamas da frente crispavam ondas de um oceano sombrio e manchado de luz. Cass Chaplin, Eddy G. e a Norma deles. Tão apaixonados! A gravidez deixava Norma ainda mais linda; a pele sedosa brilhava, os olhos estavam claros, lúcidos e inteligentes. A gravidez deixava os belos rapazes mais lindos também. Mais misteriosos, com segredos. Pois ninguém sabia de seu segredo até que desejassem revelá-lo. Até Norma desejar revelá-lo. Todos os três tendiam a entrar num modo sonhador e absorto, contemplando o nascimento iminente. Rindo alto, pescando os olhos um do outro. Era real? Sim, era real. Era real *real*.

— Não um filme, mas a vida real — alertou Cass.

Eddy G. havia entrado para os Alcoólicos Anônimos, e Cass estava considerando. Era um passo grave, abrir mão da bebida! Mas e suas drogas? Seria trapaça? Eddy G. reconheceu com sabedoria que, se algum dia existiu um momento para entrar nesse vagão, como seu velho havia feito, não uma, mas diversas vezes, bem, era agora. Com o torpor de um êxtase, ele disse:

— Não estou ficando mais jovem a cada dia que passa. Nem mais saudável.

O médico de Norma Jeane havia calculado que ela estava grávida de cinco semanas; o bebê nasceria na metade de abril. Ele

lhe disse que ela estava com saúde excelente. Seu único padecimento era um fluxo menstrual pesado e sua dor concomitante, mas ela não estaria menstruando mais. Que bênção!

— Só por isso já vale a pena. Não me espanta que eu esteja tão contente. — Ela estava dormindo razoavelmente bem e sem barbitúricos. Estava se exercitando. Estava comendo uma meia dúzia de refeições pequenas por dia, uma maioria de grãos e frutas, com voracidade e só sentia náusea às vezes. Não comia carne vermelha e abominava gordura. “Mamãezinha”, eles a chamavam de brincadeira, não mais “Peixinha” (ao menos, não na frente de Norma). De verdade, eles sentiam reverência por ela! De fato a adoravam. O ponto Fêmea do triângulo indissolúvel. Ela tivera medo, sim, com certeza, havia ocorrido a ela que poderia ter sido abandonada por ambos seus jovens amantes, mas eles não o fizeram e não pareciam ter intenção de fazer. Pois nunca antes os rapazes estiveram verdadeiramente apaixonados com qualquer uma das numerosas garotas que haviam engravidado, ou foram levados a pensar que engravidaram; nunca antes nenhuma moça ou garota de relação íntima declinou a possibilidade de um aborto. Norma era diferente; Norma não era como as outras.

Talvez nós tivéssemos medo dela também. Nós estávamos começando a entender que não a conhecíamos.

Sob o luar, Cass dirigia o Cadillac por ruas quase desertas. Norma Jeane, aninhada entre os belos jovens amantes, nunca se sentira tão contente. Nunca tão feliz. Ela tomara a mão de Cass e de Eddy G. e estava pressionando as palmas úmidas, em sua própria, na barriga onde Bebê crescia.

— Logo mais vamos sentir o coração bater. Esperem só!

Eles estavam atravessando rumo ao norte em La Cienega. Passando o Olympic Boulevard, passando por Wilshire. Em Beverly, Norma Jeane imaginava que Cass entraria a oeste para levá-los para

casa. Mas, ele continuou ao norte, para Sunset Boulevard. O rádio do carro tocava música romântica dos anos 1940. “I Can Dream, Can’t I?” e “I’ll be Loving You Always”. Um intervalo de cinco minutos para notícias, a história principal era sobre outro cadáver encontrado, outra garota vítima de estupro e assassinato, um corpo nu, “uma modelo-atriz aspirante” de Venice desaparecida por vários dias e enfim descoberta embrulhada em lona na praia além do píer de Santa Mônica. Norma Jeane ouvia, transfixada. Eddy G. prontamente mudou de estação. Essa não era uma notícia nova: a história havia surgido no dia anterior. A garota não era ninguém que Norma Jeane conhecesse. Nenhum nome que tivesse escutado. Eddy G. encontrou outra estação de música pop em que Perry Como cantava “The Object Of My Affection”. Ele assobiava junto, apertando-se contra o corpo de Norma Jeane, que lhe parecia tão calmo, tão consolador e *carinhoso*.

Estranho: Norma Jeane nunca havia contado a Cass e Eddy G. a respeito da história da loja BRINQUEDOS DO HENRI. Apesar de os Geminianos terem jurado compartilhar todas as coisas e não ter segredos entre si.

— Cass, aonde está nos levando? Só quero ir para casa. Bebê está com tanto *sono*.

— Estamos levando Bebê para ver uma coisa. Espere só.

Parecia haver algum entendimento entre Eddy G. e ele. Norma Jeane estava começando a se sentir inquieta. E com tanto sono. Como se Bebê a sugasse para seu espaço silencioso e sem luz que antecedia todo o tempo. *Antes que o universo começasse. Eu era. E você comigo.*

Percorreram a Sunset e viraram para leste. Norma Jeane tinha pavor desta parte da cidade desde anos antes, as viagens de bonde para o Estúdio para aulas de teatro e para testes e na manhã que foi informada que o contrato havia sido encerrado. Sempre tinha

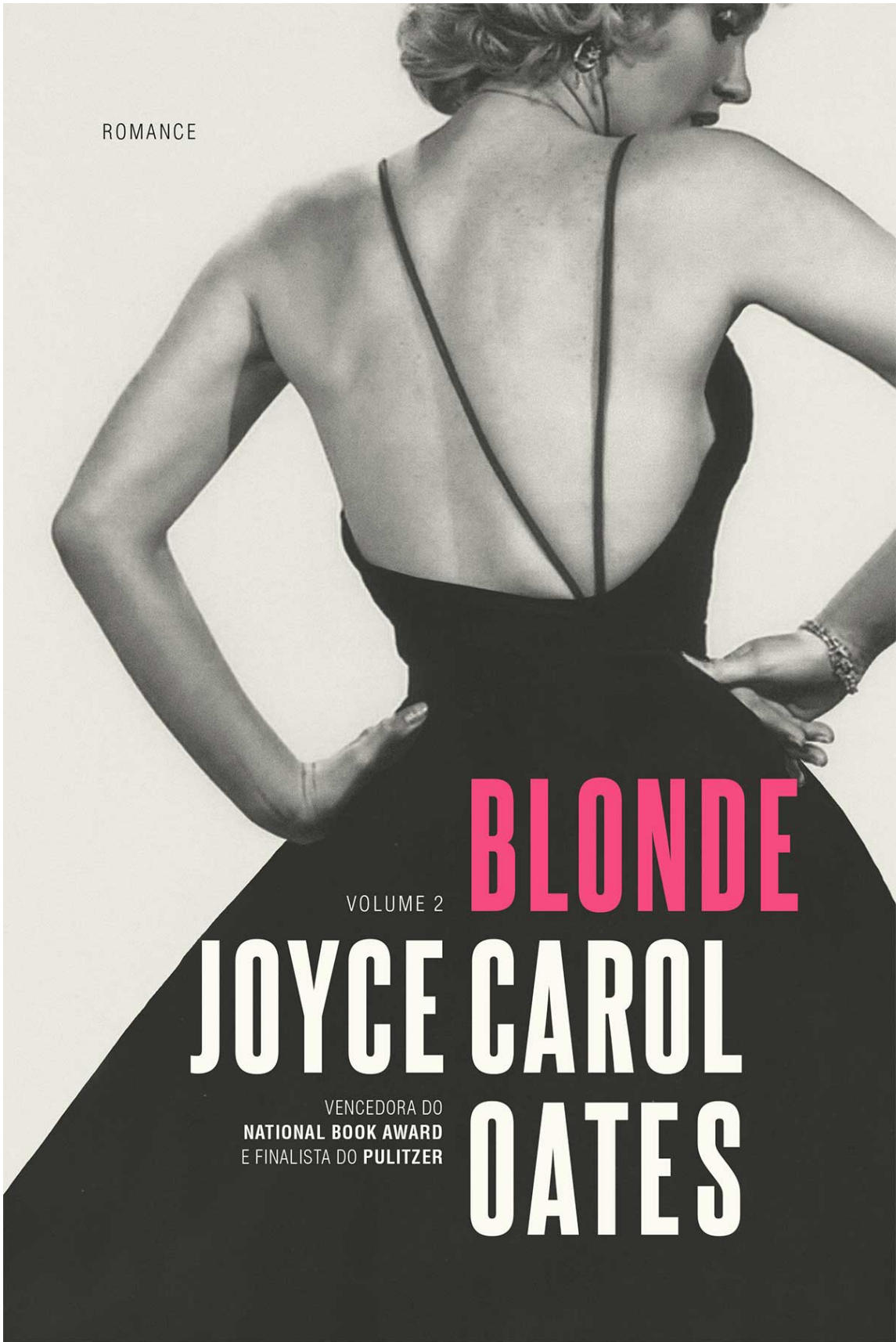
trânsito na Sunset Boulevard. Um fluxo constante de carros como embarcações surgidas no rio estige. (Como se pronunciava “Estige”? Só... “esti-gi”? Norma Jeane poderia perguntar a Cass em algum momento.) E agora começava a sucessão de outdoors iluminados e brilhantes passando por cima deles. Filmes! Rostos de estrelas de cinema! E lá, o mais espetacular de todos, o outdoor pairando sobre os outros, de *Torrentes de paixão* e por talvez dez metros, estendia-se a protagonista platinada, seu corpo voluptuoso, lindo rosto provocante e sugestivos lábios pintados de vermelho intenso, abertos, tão contundentes que brincavam em Los Angeles que o trânsito ficava lento e alguns veículos chegavam até a parar.

Norma Jeane tinha visto os pôsteres de *Torrentes de paixão*, é claro. Ainda assim, ela evitara olhar este outdoor infame.

Eddy G. disse, animado:

— Norma! Você pode olhar ou não, mas...

— Lá está ela — interrompeu Cass. — Marilyn.

A black and white photograph of a woman from the back, wearing a dark, backless dress with thin straps. She has her hands on her hips and is looking over her shoulder. The background is a plain, light color.

ROMANCE

VOLUME 2

BLONDE
JOYCE CAROL
OATES

VENCEDORA DO
NATIONAL BOOK AWARD
E FINALISTA DO **PULITZER**

VOLUME 2

BLONDE

JOYCE CAROL

OATES

VENCEDORA DO
NATIONAL BOOK AWARD
E FINALISTA DO **PULITZER**

Tradução
Luisa Geisler

 Harper
Collins
Rio de Janeiro, 2021

“Marilyn”
1953-1958

“Famosa”

Construa um círculo mentalmente, um círculo de luz e atenção. Não permita que sua concentração vá além dele. Se seu controle começar a diminuir, retraia-se rapidamente para um círculo menor.

— Stanislavski, *A preparação do ator*

O ano novo de maravilhas, 1953. Nunca Norma Jeane teria acreditado. O ano em que “Marilyn Monroe” se tornou uma *estrela* e o ano em que Norma Jeane ficou *grávida*.

— Estou tão feliz! Todos os meus sonhos se realizaram.

Atingindo-a como as pesadas e implacáveis ondas na praia de Santa Mônica em sua infância. Era uma lembrança vívida, como se fosse na véspera. Mas agora ela própria seria mãe, e sua alma se curaria. Logo ela silenciaria aquela voz de metrônomo.

Onde quer que você esteja, estou lá. Mesmo antes de você chegar ao lugar aonde está indo eu já estou lá, esperando.

— Não posso aceitar o papel. Sinto muito... Sim, eu sei que é “uma oportunidade única na vida”. Mas tudo é.

O papel era de Lorelei Lee na comédia musical de Anita Loos, *Os homens preferem as loiras*. Um musical da Broadway em cartaz por muito tempo que o Estúdio havia adquirido para Marilyn Monroe, que, desde *Torrentes de paixão*, era a atriz mais lucrativa deles.

— E você está recusando? — perguntou o agente, incrédulo. — Marilyn. Você é inacreditável.

Marilyn. Você é inacreditável. Norma Jeane repetiu as palavras caprichosas em silêncio. Era uma pena que estivesse sozinha, sem Cass ou Eddy G. para rir com ela. Ela não respondeu. O agente falava rápido. Ali havia um homem que só a conhecia como Marilyn. E ele a temia e não gostava dela. Ele não a amava como I.E. Shinn tinha amado. Nas suas costas, ela o chamava de “Rin Tin Tin”, porque ele era um tipo de homem que latia com seus pelos eriçados, um rapaz velho, ferozmente ambicioso e esperto sem ser inteligente; Rin Tin Tin agia como escravo das pessoas com poder, mas era mandão e imperial com outras, as moças em seu escritório, atendentes, garçons e motoristas de táxi. Como era possível que o formidável I.E. Shinn tivesse partido e em seu lugar... Rin Tin Tin? *Como posso confiar em você? Você não me ama.*

Agora que Marilyn Monroe havia se tornado aquilo que chamavam de “famosa”, Norma Jeane não podia confiar em ninguém que não a conhecia e não a amava antes disso. Cass Chaplin a havia alertado de que haveria uma multidão ao redor dela, como piolhos. Ele dissera:

— O ditado favorito do meu pai é “Quando se tem um milhão de dólares, se tem um milhão de amigos”.

Norma Jeane nunca teria milhões de dólares, mas “fama” era percebida como um tipo de fortuna, para gastar conforme desejasse. A “fama” era um incêndio que ninguém poderia impedir de se espalhar, nem os chefes no estúdio que levavam o crédito. Buquês de flores desses homens! Convites para almoço, jantar. Festas em suas casas extravagantes em Beverly Hills. *Mesmo assim, eles ainda acham que sou uma vagabunda.*

Na festa depois da *première* de *Torrentes de paixão*, Norma Jeane, que certamente não era Rose, mas que havia tomado diversas taças de espumante, havia usado o meio-tom zombeteiro de Rose para dizer a Z cara de morcego: “Você se lembra daquele dia em setembro de 1947? Eu era só uma garota. Estava morrendo de medo! Não tinha nem ganhado meu nome artístico do Estúdio ainda. Você me convidou para o seu apartamento privativo atrás do escritório, para ver sua coleção de pássaros empalhados... Seu ‘aviário’. Você se lembra de como me machucou, sr. Z? Você se lembra de como me fez sangrar, sr. Z? De quatro no chão, sr. Z? Você se lembra de

gritar comigo, sr. Z? Anos atrás. E então vocês cancelaram meu contrato, sr. Z? O senhor se lembra disso?”

Z encarou Norma Jeane e balançou a cabeça, confuso como quem diz não. Ele lambeu os lábios; as dentaduras brilhavam com apreensão. Apesar de o rosto ser o de um morcego, a textura estranhamente granulosa da pele, em especial, o escalpo com ares ressecados, era de lagarto. Agora balançando a cabeça não, não. Os olhos de um amarelo opaco.

Não? Você não se lembra?

Receio não me lembrar, srta. Monroe.

O sangue no seu tapete de pele branco, você não se lembra?

Receio não me lembrar, srta. Monroe. Eu não tenho tapete de pele branco.

Você matou Debra Mae também? Fatiou o cadáver dela em pedacinhos depois?

Mas Z já havia se afastado. Outro homem lagarto poderoso havia atraído a atenção dele. Não escutara as palavras de Norma Jeane na voz ardentemente furiosa de Rose Loomis. E a celebração era festiva demais. Vozes, risos, um grupo negro de jazz. Aquele era um péssimo momento para acertar as contas com o inimigo. Pois outros estavam se amontoando ao redor, ansiosos para parabenizar Marilyn Monroe por seu sucesso. *Torrentes de paixão* era um filme B, de baixo orçamento e gravado às pressas, e traria muito retorno financeiro, então agora era uma boa ideia para Norma Jeane engolir sua amargura e sorrir, sorrir, seu belo sorriso como Marilyn.

Mesmo querendo tanto se agarrar à manga do smoking de Z e confrontá-lo. Porém, uma voz sóbria de aviso interveio.

Não! Não faça isso. Isso é uma coisa que Gladys faria. Num momento desses, cheio de testemunhas. Mas você, que é Marilyn Monroe, não vai fazer tal coisa, porque você não é doente como eu.

Dessa forma, o momento perigoso passou. Norma Jeane começou a respirar com mais calma. Ela se lembraria mais tarde de sua surpresa e de seu alívio por Gladys ter-lhe dado conselhos tão bons. Com certeza, era um momento de virada na vida de ambas! *Saber que ela me queria bem e não mal. Saber que ela estava feliz por mim.*

Lá estava Rin Tin Tin ao seu lado. Os pelos eriçados como se ele a tivesse inventado.

Rin Tin Tin era muitos centímetros mais alto do que Rumpelstiltskin, não tinha uma deformação no alto das costas e a lustrosa cabeça sebosa era a de um homem comum, não grande demais ou sutilmente malformada. Os olhos eram os de um homem avaro comum; havia até um lado rebelde de gentileza nele, súbita como um espirro, um sorriso rápido de garoto esperançoso. Mesmo assim, havia aquele medo subjacente e a desconfiança de sua cliente atriz loira que se tornara, pelo visto, da noite para o dia, famosa. Como todos os parceiros de negócios de atores bem-sucedidos do nada, Rin Tin Tin temia que a cliente fosse roubada dele por alguém como ele mesmo, só que mais. Norma Jeane sentia saudades do sr. Shinn! Em ocasiões tão públicas, a ausência dele a atingia como um cheiro de restos de comida, lixo jogado de uma cozinha nos bastidores. Não parecia possível que I.E. Shinn tivesse partido e aqueles outros gnomos continuassem a existir. E Norma Jeane continuava a existir. Se Isaac estivesse lá, veria que Norma Jeane estava ficando inquieta, ansiosa por ter de sorrir para estranhos; ela estava bebendo demais, por nervosismo, e os elogios efusivos e congratulações apenas a confundiam. Ela precisava ser repreendida por não ter dado o melhor de si em seu trabalho.

Tema seus admiradores! Fale de sua arte apenas com aqueles que podem lhe dizer a verdade. Isso era o que o grande Stanislavski alertava.

Agora ela estava cercada de admiradores. Ao menos, era o que parecia.

Sr. Shinn teria ficado com Norma Jeane em um canto, o sagaz e astuto Rumpelstiltskin a fazendo rir com seu sarcasmo cruel e divertidos comentários furtivos. *Ele* ficaria chocado em ouvir de sua gravidez — furioso de início, pois se havia alguém que ele detestava mais do que Cass Chaplin, era Eddy G. Robinson Jr.; ele não fazia ideia de como o signo de Gêmeos havia salvado a vida de Norma Jeane — ainda que, em poucos dias, Norma Jeane tinha certeza, ele ficaria feliz por ela. *O que a Princesa Cintilante quiser, a Princesa Cintilante terá.*

— ... está na linha? Marilyn?

Norma Jeane despertou do transe graças a uma vozinha irritante de rádio. Não, uma voz telefônica. Ela estivera meio jogada no sofá e o telefone havia caído ao seu lado. As palmas das mãos pressionavam a base da barriga, onde Bebê dormia seu sono mudo e secreto.

Norma Jeane ergueu o receptor, confusa.

— S-sim? O quê?

Era Rin Tin Tin. Ela se esquecera dele. Quando ele ligou? Isso era tão constrangedor! Rin Tin Tin perguntando se havia algo de errado e a chamando de *Marilyn* como se ele tivesse o direito.

— Não. Nada está errado. O que você queria?

— Pode me escutar, por favor? Você nunca fez uma comédia musical, e esta é uma oportunidade fantástica. A oferta é de...

— Comédia musical? Eu canto e danço mal.

Rin Tin Tin deu uma risada latida. Sua cliente não era hi-lá-ria? A próxima Carole Lombard. Ele disse:

— Você tem feito aulas, e todo mundo no Estúdio com quem falei diz que você é — pausou, buscando um termo plausível — muito promissora. Naturalmente talentosa.

Era verdade: uma alegre energia infantil parecia preenchê-la, quando ela não era si mesma, a não ser *na música*. Dançando, cantando! E agora tinha algo para se alegrar de fato.

— Sinto muito. Não posso. Não agora.

Houve uma respiração brusca, enfurecida. E então ele ficou ofegante como um cachorro.

— Não agora? Por que não *agora*? Marilyn Monroe é a mais nova estrela da bilheteria *agora*.

— Minha vida particular.

— Marilyn, o quê? Não ouvi bem.

— Minha vida p-particular. Eu tenho uma vida! Não sou só... uma coisa nos filmes.

Rin Tin Tin escolheu não ouvir isso. Aquele era um truque de Rumpelstiltskin também. Ele falou com animação, como se fossem notícias acabadas de chegar por um telegrama:

— Z adquiriu *Os homens preferem as loiras* para você. Ele não quer Carol Channing da produção da Broadway, apesar de ela ter transformado o musical numa sensação. Ele quer que esse filme seja sua vitrine, Marilyn.

Vitrine? De quê?

Com casualidade, Norma Jeane disse, acariciando a barriga como Rose poderia ter feito, aquele ligeiro arredondado quase imperceptível que era Bebê:

— Quanto eu ganharia?

Rin Tin Tin parou.

— Seu salário do contrato. Mil e quinhentos por semana.

— Quantas semanas?

— Eles estimam doze.

— E quanto Jane Russell ganharia?

De novo, Rin Tin Tin hesitou. Ele devia estar surpreso que Norma Jeane, que parecia tão vaga e distante e distraída, tão desinteressada em fofocas comerciais de Hollywood, que afirmava nem sequer ler a maior parte da explosão publicitária a respeito de Marilyn Monroe, saberia não apenas que Jane Russell iria coestrelar o filme, mas que uma pergunta sobre o salário de Jane Russell seria dolorosa para seu agente.

— O acordo está pendente — disse ele, tentando fugir. — Russell teria que ser liberada por outro estúdio.

— Sim, mas quanto?

— Os valores não estão fechados.

— *Quanto?*

— Estão pedindo cem mil.

— Cem mil!

Norma Jeane sentiu uma pontada de dor no fundo da barriga. Bebê também sentiu o insulto. Mas o sono de Bebê não seria incomodado. Pois Norma Jeane sentia majoritariamente alívio. Ela disse, rindo:

— Se o filme demora doze semanas para ser gravado, então meu salário seria dezoito mil dólares. E o de Jane cem mil? “Marilyn Monroe” tem que ter orgulho, não? Isto é um insulto. Jane Russell e eu fizemos ensino médio juntas em Van Nuys. Ela era um ano mais velha e conseguia mais papéis nas peças da escola, mas nós sempre fomos amigas. Ela ficaria envergonhada por mim! — Norma Jeane hesitou. Vinha falando rápido; apesar de não estar chateada, sua voz soava brava. — Agora eu... eu vou desligar. Adeus!

— Marilyn, espere...

— Marilyn o cacete. *Ela não está aqui.*

A manhã com a ligação de emergência de Lakewood. Gladys Mortensen havia desaparecido!

Ao longo da noite ela escapulira do quarto, do prédio e então (embora com relutância, eles haviam chegado à conclusão depois de fazer uma busca

completa) do terreno do hospital. Será que Norma Jeane poderia vir o quanto antes?

— Ah, sim. É claro que *sim*.

Ela não contaria a quem quer que fosse. Nem para o agente, nem para Cass Chaplin e nem Eddy G. *Espero protegê-los. Esta mágoa que é minha, apenas.* E ela temia a óbvia falta de interesse nos olhos de seus amantes sempre que ela mencionava, por mais elipticamente, sua mãe doente. (“Todos nós temos mães doentes”, observou Cass, com leveza. “Vou poupar você da minha se você me poupar da sua. Combinado?”)

Norma Jeane enfiou algumas roupas, um dos chapéus de palha de Eddy G., óculos de lentes bem escuras. Cogitou, mas, no fim das contas, não tomou um comprimido azul-mineral de Benzedrina do estoque de Cass no banheiro. Ela estava dormindo cerca de seis horas por noite, um sono profundo, renovador, pois a gravidez a fazia bem, como o médico lhe garantiu, brilhando tanto quanto um futuro pai que Norma Jeane havia começado a temer que ele a reconheceria. E se ele tirasse fotos dela enquanto estava anestesiada, dando à luz o seu bebê?

Ela dirigiu para Lakewood no tráfego matinal. Ansiosa com Gladys, afinal, e se Gladys houvesse se machucado? *De alguma forma ela sabe do bebê, seria possível?* Ela sabia que deveria se proteger de atribuir pensamentos oniscientes a Gladys; ela não era mais uma garotinha, e Gladys não era sua mãe poderosa que tudo sabia. *Ainda assim, ela poderia saber. E é por isso que ela tem que fugir.* Dirigindo para Lakewood, Norma Jeane passou por um, dois, três cinemas em que *Torrentes de paixão* estava passando. Deitada sobre a marquise de cada teatro estava MARILYN MONROE, a pele brilhante cor de creme, MARILYN MONROE num vestido decotado vermelho que mal continha os seios imensos. MARILYN MONROE, provocante, sorrindo com seus lábios sensuais os quais Norma Jeane olhou de relance com timidez.

A Princesa Cintilante! Nunca antes Norma Jeane se dera conta de como a Princesa Cintilante tanto zombava de seus admiradores como os atiçava. Ela era tão linda, e eles eram tão comuns. Ela era a fonte de emoção, e eles eram os servos da emoção. Quem seria um Príncipe Sombrio merecedor *dela*?

Sim, estou orgulhosa! Eu admito. Eu me esforcei muito e me esforçarei muito mais.

Aquela mulher no cartaz não sou eu. Mas é fruto de uma criação minha. Eu mereço minha felicidade.

Eu mereço meu bebê. Este momento é meu!

Quando Norma Jeane chegou ao hospital particular em Lakewood, como num passe de mágica, parece que Gladys havia retornado. Eles a encontraram dormindo num banco em uma igreja católica a menos de cinco quilômetros dali, no movimentado Bellflower Boulevard. Confusa e desorientada, mas sem resistir, ela foi trazida de volta para o hospital pela polícia de Lakewood. Quando Norma Jeane viu Gladys, ela se debulhou em lágrimas e abraçou a mãe, que cheirava a cinzas umedecidas, roupas úmidas, urina.

— Mas Mamãe não é nem católica. Por que diabo iria para lá?

O diretor do Lar de Lakewood se desculpou profusamente com Norma Jeane. Com cuidado, ele a chamou de “srta. Baker” (era estritamente confidencial que Gladys Mortensen era a mãe de uma certa atriz de cinema. “Não me traiam!”, Norma Jeane implorara). Ele insistiu que checavam os pacientes nos quartos às nove da noite, assim como as janelas e as portas; havia seguranças o tempo todo. Rápido, Norma Jeane disse:

— Ah, não estou brava. Estou muito grata por Mamãe estar segura.

Norma Jeane passou o resto do dia em Lakewood. Era um dia abençoado no fim das contas! Ela se perguntou como dar a Gladys a notícia. Uma mãe nem sempre está preparada para ouvir boas notícias de uma filha, pois o momento em que uma mãe mais consegue ser ela mesma é quando cuida da filha. No entanto, agora Norma Jeane estava cuidando de Gladys, que parecia tão frágil e de movimentos tão vacilantes, piscando e apertando os olhos para Norma Jeane como se estivesse incerta de quem ela era. Diversas vezes disse, mais em tom de preocupação do que de acusação:

— Seu cabelo está tão *branco*. Você está velha como eu?

Norma Jeane ajudou a banhar a mãe, ela mesma lavou o cabelo opaco de Gladys e o penteou com cuidado. Ela falou com animação a Gladys, murmurou e cantou como para uma criança pequena.

— Todo mundo estava tão preocupado com você, Mãe. Você nunca mais vai fugir de novo, vai?

Em algum momento cedo da madrugada, Gladys havia conseguido destrancar não uma, mas diversas portas (a não ser que possivelmente essas

portas não estivessem adequadamente trancadas, apesar das afirmações da equipe), e atravessou o jardim da frente do Lar sem ser detectada; uma vez na rua, conseguiu não ser notada pelos quatro quilômetros e alguns metros até a Igreja de St. Elizabeth, onde foi encontrada no dia seguinte quando paroquianos entraram na igreja para a missa das sete da manhã. Ela estava usando um vestido de algodão bege sem cinto, com a bainha desfazendo e nenhuma roupa íntima. Usava pantufas comuns de veludo de cotelê ao sair do hospital, mas parecia havê-las perdido durante a viagem; os pés ossudos estavam cobertos de cortes superficiais. Com ternura, Norma Jeane lavou os pés de sua mãe e passou iodo nos cortes.

— Mãe, aonde você estava indo? Você poderia ter me pedido, sabe? Se quisesse ir a algum lugar. Como a uma igreja.

Gladys deu de ombros.

— Eu sabia aonde estava indo.

— Você poderia ter se machucado. Sido atropelada por um carro ou... se perdido.

— Eu nunca me perdi. Eu sabia aonde estava indo.

— Mas aonde?

— Para casa.

A palavra pairou no ar, estranha e maravilhosa como um inseto neon. Norma Jeane, abalada, não fazia ideia de como responder. Viu que Gladys sorria. Uma mulher com um segredo. Muito tempo antes, em outra vida, ela havia sido poeta. Havia sido uma linda moça por quem homens, incluindo poderosos de Hollywood como o pai de Norma Jeane, sentiam atração. Antes da chegada de Norma Jeane ao hospital, Gladys havia tomado um remédio para “acalmar os nervos”. Agora ela dava poucos sinais de agitação ou vergonha por haver causado tanta comoção. Dormindo no banco duro de madeira, ela havia molhado as roupas com urina, mas tampouco se envergonhava disso. *Ela é uma criança. Uma criança cruel. Ela assumiu o lugar de Norma Jeane.*

Os olhos de Gladys, um dia lindos, estavam sombrios e sem esplendor como pedras, e sua pele tinha um tom granuloso, esverdeado; ainda assim, estranhamente, por mais que tivesse caminhado de pés descalços à noite, não parecia muito mais velha do que Norma Jeane se lembrava. Era um

feitiço que havia sido lançado nela anos antes: outros ao seu redor envelheceriam, mas não Gladys. Norma Jeane disse, com gentil reprovação:

— A qualquer hora que quiser, Mãe, você pode vir para casa comigo. Você sabe disso. — Houve uma pausa. Gladys fungou e limpou o nariz. Norma Jeane imaginou conseguir ouvir o riso irônico da mulher. *Casa! Com você? Onde?* Norma Jeane disse: — Você não está velha. Não deveria se chamar de velha. Você só tem 53. — Com manha, Norma Jeane falou: — O que acharia de ser avó?

Pronto. Estava dito. *Avó!*

Gladys bocejou. Um bocejo enorme como uma cratera. Norma Jeane se frustrou. Será que deveria repetir a pergunta?

Norma Jeane ajudou a colocar a mãe na cama, numa camisola limpa de algodão entre lençóis asseados de algodão. O triste odor azedo de urina sumira de Gladys, mas permanecia, suave como um eco, no quarto. O quarto privativo de Gladys, pelo qual “srta. Baker” pagava uma volumosa soma mensal, era do tamanho de um closet grande, com uma só janela de trapeira com vista para o estacionamento. Havia uma mesa de cabeceira, uma luminária, uma única cadeira de vinil, um estreito leito hospitalar. Na estante de alumínio, entre artigos de higiene pessoal e roupas, havia diversas pilhas de livros, presentes de Norma Jeane ao longo dos anos. Na maioria volumes de poesia, bonitos, livros finos com ares de intocados. Aninhada com conforto na cama, Gladys parecia prestes a pegar no sono. O cabelo castanho metálico havia secado em tufo desalinhados. As pálpebras pendiam e seus lábios pálidos despencavam. Norma Jeane viu com uma pontada de tristeza que as mãos de veias profundas da mãe, as mãos de Nell, um dia tão agitadas, tão vivas com furiosa vontade própria, agora estavam molengas. Norma Jeane pegou essas mãos.

— Ah, Mãe, seus dedos estão tão *gelados*. Vamos esquentá-los.

Mas os dedos de Gladys resistiam na frieza. Em vez disso, Norma Jeane começou a tremer.

Norma Jeane tentou explicar por que não trouxera um presente para Gladys naquele dia. Por que elas não passeariam na cidade, por que Gladys não seria levada a uma cabeleireira e a uma boa casa de chá para almoçar. Ela tentou explicar por que não poderia deixar muito dinheiro com Gladys para gastar.

— Tenho dezoito dólares na carteira! É tão vergonhoso. Meu contrato me paga mil e quinhentos dólares por semana, mas os gastos são tantos... — Era verdade: com frequência, Norma Jeane era forçada a pegar dinheiro emprestado, cinquenta dólares, cem dólares, duzentos dólares, de amigos ou amigos de amigos. Havia homens ansiosos para emprestar quantias de dinheiro a Marilyn Monroe. E nada de promissórias ou prazo para quitar. Presentes em joias — e Norma Jeane não tinha o que fazer com joias, não muito. Cass Chaplin e Eddy G., rapazes de pensamento prático, não se ofendiam. Como futuros pais, tinham que pensar no futuro, e não se pode pensar no futuro sem pensar em dinheiro. Cada um havia sido deserdado pelo pai famoso, então parecia lógico que homens mais velhos, pais de outro tipo, sustentassem-nos. Eles sempre estavam tentando convencer Norma Jeane de que isso também valia para ela. Ela também fora lograda de sua herança, traída. A opinião deles era a de que os três deveriam se mudar para Hollywood Hills para passarem o restante da gravidez de Norma Jeane. Se não conseguissem encontrar uma casa adequada sem aluguel, emprestada de alguém, eles precisariam de dinheiro para alugar. A opinião deles também era a de que cada um fizesse um seguro de vida de cem mil dólares — ou talvez duzentos mil —, colocando os outros dois como beneficiários. “Só por via das dúvidas. Não existe essa história de estar preparado demais. Com um bebê a caminho. É claro, nada vai acontecer com geminianos!” Norma Jeane não soubera o que responder à sugestão. Um seguro de vida? A ideia a apavorava, pois indicava com muita clareza que um dia ela devia morrer.

Mas não “Marilyn”. *Ela* estava em filmes e em fotos. Em todos os lugares.

De súbito, Gladys arregalou os olhos, tentando focá-los. Norma Jeane teve a sensação inquieta de que a reação não era às suas palavras. Com empolgação, ela disse:

— Que ano é? Para que ano nós viajamos?

Norma Jeane disse de forma tranquilizadora:

— Mãe, estamos em maio de 1953. Eu sou Norma Jeane, estou aqui cuidando de você.

Gladys estreitou os olhos, desconfiada, para ela:

— Mas seu cabelo é tão *branco*.

Gladys cerrou os olhos. Acariciando os dedos molengas de Gladys, Norma Jeane tentou pensar em como dar a boa notícia à mãe sem chateá-la. *Um*

bebê. Quase seis semanas de vida. Você não está feliz por mim? De certa forma, pareceu a ela que Gladys já sabia. Era por isso que Gladys estava tão elusiva, determinada a escapar sono adentro.

— Quando você me t-teve, Mamãe — disse Norma Jeane, hesitante —, você não estava casada, imagino eu? Não tinha um homem sustentando você. Ainda assim, você teve um bebê. Isso foi tão corajoso, Mãe! Outra garota teria... bem, você sabe. Teria se livrado daquilo. De *mim*. — Norma Jeane riu uma risada assustada e barulhenta. — Então eu não estaria aqui, de forma alguma. Não haveria “Marilyn”. E ela está ficando tão famosa agora, recebe cartas de fãs! Telegramas! Flores de desconhecidos! É tão... estranho.

Gladys se recusou a abrir os olhos. Seu rosto estava se suavizando como cera derretendo. Saliva brilhava num canto da boca. Norma Jeane falava sem saber o que dizia. Parte de sua mente parecia saber quão implausível era, absurdo, o plano de ter um bebê. Um bebê, e sem marido? Se apenas ela tivesse se casado com o sr. Shinn. Se apenas V a amasse um pouco mais, ele haveria se casado com ela. Seria o fim de sua carreira. Com certeza, o fim de sua carreira. Mesmo se, às pressas, ela se casasse com um dos Geminianos, o escândalo a destruiria. Marilyn Monroe, recém-famosa, um balão inflado pela mídia, seria alegremente destruída pela mídia.

— Mas você foi corajosa. Você fez a coisa certa. Teve seu bebê. Você teve... *a mim*.

Mas os olhos de Gladys estavam fechados. Seus lábios pálidos caídos. Ela havia pegado no sono como se estivesse em transe em uma água escura misteriosa em que Norma Jeane não poderia seguir. Apesar de ouvir as ondas quebrando perto da cama.

De Lakewood, Norma Jeane fez uma única chamada telefônica para um número em Hollywood. O telefone tocou sem parar do outro lado.

— Me ajude, por favor! Preciso muito de ajuda.

Norma Jeane teria gostado de deixar o Lar de Lakewood de imediato, pois ela estivera chorando e a pele ao redor dos olhos ardia, vermelha. Ela era Nell, desorientada e em pânico, mas movida pela presença de outros a agir *normalmente*. Ainda assim, o diretor insistiu em falar com ela em particular.

Era um homem de meia-idade com rosto redondo como ostra, óculos que aumentavam os olhos com grossas armações plásticas pretas. Pela empolgação em sua voz, Norma Jeane entendeu que ele estava vendo não ela, a filha da paciente psiquiátrica Gladys Mortensen, mas uma atriz de cinema. Talvez uma “beldade loira atriz de cinema”. Será que ousaria pedir seu autógrafo? Em um momento como esse? Ela gritaria profanidades a ele se pedisse. Ela cairia no choro. Ela não suportaria!

Dr. Bender discutia sobre Gladys Mortensen. Quão bem, “em geral”, ela estivera desde que chegara a Lakewood. Ainda assim, às vezes, como muitos pacientes em sua condição, ela tinha “lapsos” — “relapsos” — e se comportava de maneiras inesperadas e perigosas. Esquizofrenia paranoide, o dr. Bender explicou, com o ar de um aparelho de gravação gentil e solícito, é uma doença misteriosa.

— Eu sempre achei que parecia esclerose múltipla. Uma doença tão misteriosa que ninguém entende de verdade. Uma síndrome de sintomas. — Alguns teóricos acreditam que esquizofrenia paranoide pode ser explicada pela interação do paciente, ou interação frustrada, com o seu meio e outras pessoas; alguns teóricos, freudianos, acreditam que pode ser explicada pela infância do paciente; outros acreditam que tem uma origem puramente bioquímica e orgânica. Norma Jeane assentiu para mostrar que ouvia. Sorriu. Até em um momento assim, exausta e deprimida e a criança doendo em seu útero, começando a se lembrar dos numerosos compromissos que perderia naquele dia no Estúdio, totalmente esquecidos, não havia ligado para adiar ou explicar, ela sabia que tinha que *sorrir*. Sorrisos eram esperados de todas as mulheres, em especial, *dela*.

Norma Jeane disse, com tristeza:

— Eu não pergunto mais quando minha mãe vai ter alta. Acho que nunca. Desde que ela esteja segura e f-feliz, acho que é o máximo que podemos esperar?

Com seriedade, dr. Bender respondeu:

— Em Lakewood, nós nunca desistimos de um paciente. Nunca! Mas, sim... somos realistas também.

— É herdado?

— Perdão?

— A doença de minha mãe? A pessoa nasce com ela, no sangue?

— No *sangue*? — Dr. Bender repetiu as palavras como se nunca tivesse escutado algo assim antes. De forma evasiva, disse: — Foi notado, em algumas famílias, uma certa tendência, sim, mas em outras, absolutamente, *não*.

Norma Jeane disse com esperança:

— Meu p-pai era um homem muito normal. De todas as formas. Eu não o conheci em pessoa, só por fotos, só de ouvir falar. Ele m-morreu na Espanha, em 1936. Quero dizer, ele foi morto. Na guerra.

Quando Norma Jeane se levantou para partir, o dr. Bender de fato lhe pediu um autógrafo, com desculpas, explicando depressa que não era o tipo de pessoa que fazia coisas assim, mas será que Norma Jeane se importaria muito?

— É para minha menina de treze anos, Sasha. Ela acha que quer ser uma estrela de cinema também!

Norma Jeane sentiu sua boca sorrir com graça, como havia sido treinada. Apesar de conseguir sentir o começo de uma enxaqueca. Desde que engravidara, e sem menstruações, ela havia sido poupada das dores de cabeça lancinantes assim como havia sido poupada das cólicas paralisantes, mas agora sentia uma enxaqueca se formar e se perguntou em pânico como ela se conduziria de volta para casa com o Bebê. Ainda assim, com graça, assinou a capa da *Photoplay* com a caligrafia aerada num movimento único que o Estúdio havia inventado para “Marilyn”. (Sua própria assinatura, “Norma Jeane Baker”, eram letras miúdas inclinadas para a esquerda.) A capa da *Photoplay* retratava Marilyn como Rose, voluptuosa, sensual, com a cabeça inclinada para trás, olhos estreitos e sonhadores e lábios provocadoramente fechados. Os seios fartos quase explodiam de um vestido frente única transpassado em seda azul que Norma Jeane podia jurar que nunca usaria. Na verdade, havia esquecido dessa capa. Havia esquecido do ensaio. Talvez nunca tivesse acontecido?

Ainda assim ali, na *Photoplay* de abril de 1953, estava a prova.

Para meu Bebê

Em você,
o mundo outra vez nascerá.

Antes de você —
não existia mundo algum.

Os reis magos

Eles eram Hedda Hopper, P. Puckham (da publicação *Hollywood after dark*), G. Belcher, Max “o maioral” Mercer, Dorothy Kilgallen, H. Salop, codinome “Pela fechadura”, Skid Skolsky (que chafurdava atrás de fofoca hollywoodiana de seu poleiro no mezanino da drogaria Schwab’s), Gloria Grahame, V. Venell, “Buck” Holster, Jack “Sorriso”, Lex Aise, Cramme, Pease, Coker, Crudloe, Gagge, Gargoie, Scudd, Sly Goldblatt, Pett, Trott, Leviticus, *BUZZ YARD*, M. Mudd, Wall Reese, Walter Winchell, Louella Parsons e HOLLYWOOD ROVING EYE, entre outros. Suas colunas em jornais e revistas apareciam no *L.A. Times*, *L.A. Beacon*, *L.A. Confidential*, *Variety*, *Hollywood Reporter*, *Hollywood Tatler*, *Hollywood Confidential*, *Hollywood Diary*, *Photoplay*, *PhotoLife*, *Screen World*, *Screen Romance*, *Screen Secrets*, *Modern Screen*, *Screenland*, *Screen Album*, *Movie Stories*, *Movieland*, *New York Post*, *Filmiland Tell-All*, *Scoop!* e outras publicações. Eles estavam em sindicatos da United Press e da American Press. Era sua tarefa incansável espalhar a palavra. Arrancar os panos quentes e jogar lenha na fogueira. Eles corriam na frente, soltando rios de gasolina nas moitas para acelerar o avanço das chamas. Eles proclamavam, eram arautos, tocavam tambores. Tocavam cornetas, trompetes e tubas dos baluartes. Ecoavam as sinetas e tocavam os alarmes. Juntos e individualmente, em um coro e em árias, eles anunciavam, aclamavam, transmitiam e previam. Eles tornavam público de forma barulhenta. Revelavam e expunham. Eles elogiavam, xingavam, promulgavam e disseminavam. Eram vulcões de palavras. Eram maremotos de palavras. Eles traziam pautas e furos, eles pesquisavam, eles avançavam, eles ligavam e eles esmurravam. Eles colocavam sob o holofote. Expunham

sob as luzes da ribalta. Eles vendiam pelas ruas. Eles inflavam, exibiam, faziam fanfarra, criavam folia, ventilavam e hiperventilavam. Eles prediziam e contradiziam. A ascensão “meteórica” de fulano, o “trágico” fim de ciclano. Eram astrônomos planejando as trajetórias de estrelas. Incessantemente revirando o céu noturno. Estavam lá no nascimento da estrela e estavam lá em sua morte. Eles faziam a rapsódia da carne e mordiscavam os ossos. Com ganância eles lambiam a bela pele e com ganância sugavam a deliciosa medula óssea. Em fonte grande dos anos 1950 proclamando MARILYN MONROE MARILYN MONROE MARILYN MONROE. Medalha de ouro para a melhor Nova Estrela de 1953 da revista *Photoplay*. A queridinha da *Playboy* do mês de novembro de 1953. Miss Beldade Loira 1953 da *Screen World*. Em revistas brilhantes, *Life*, *Collier's*, *Saturday Evening Post*, *Esquire*. Em pôsteres com uma criança aleijada numa cadeira de rodas o rosto erguido para a beleza loira: LEMBRE-SE DE DOAR COM GENEROSIDADE PARA A ONG March of Dimes. MARILYN MONROE.

Para Cass, ela diria, rindo com ansiedade:

— Ah... Ela é bonita, eu acho. Esta foto. Este vestido. Céus! Mas não sou eu, ou sou? O que dizer sobre quando as pessoas d-descobrirem?

O brilho estranho e opaco naqueles olhos azuis de boneca que ele seria capaz de decifrar apenas em retrospectiva, e então sem certeza absoluta. Pois ele não vinha ouvindo com atenção. Com Norma, você raramente ouvia. Ela falava sozinha, os pensamentos se amontoando no cérebro e transbordando. O jeito como apertava as próprias mãos, flexionava os dedos, tocava os lábios inconscientemente como se para conferir... o quê? Que tinha lábios? Que seus lábios eram jovens, carnudos, firmes? E Cass tinha seus próprios pensamentos ruminantes. Distraído, acariciando a mão de Norma, que em geral virava para pegar a dele de volta, os dedos surpreendentemente fortes agarrando os dele, dizendo:

— Ora, *baby*, nós descobrimos e nós amamos você do mesmo jeito. Não é? Ele imaginou que tinha a ver com estar grávida e com medo.

“Sempre quer mais uma salsicha polonesa”

Os amantes! Da pasta volumosa do fbi intitulada MARILYN MONROE (NORMA JEANE BAKER).

Havia Z, S, D e T, entre uma meia dúzia de outros no Estúdio. Eram o fotógrafo comunista Otto Öse, o roteirista comunista Dalton Trumbo, o ator comunista Robert Mitchum. Eram Howard Hughes, George Raft, I.E. Shinn, Ben Hecht, John Huston, Louis Calhern, Pat O'Brien, Mickey Rooney, Richard Widmark, Ricardo Montalban, George Sanders, Eddie Fisher, Paul Robeson, Charlie Chaplin (pai) e Charlie Chaplin (filho), Stewart Granger, Joseph Mankiewicz, Roy Baker, Howard Hawks, Joseph Cotten, Elisha Cook Jr., Sterling Hayden, Humphrey Bogart, Hoagy Carmichael, Robert Taylor, Tyrone Power, Fred Allen, Hopalong Cassidy, Tom Mix, Otto Preminger, Cary Grant, Clark Gable, Skid Skolsky, Samuel Goldwyn, Edward G. Robinson (pai), Edward G. Robinson (filho), Van Heflin, Van Johnson, Tonto, Johnny “Tarzan” Weissmuller, Gene Autry, Bela Lugosi, Boris Karloff, Lon Chaney, Fred Astaire, Leviticus, Roy Rogers e Trigger, Groucho Marx, Harp Marx, Chico Marx, Bud Abbott e Lou Costello, John Wayne, Charles Coburn, Rory Calhoun, Clifton Webb, Ronald Reagan, James Mason, Monty Woolley, W.C. Fields, codinome “Esqueleto Vermelho”, Jimmy Durante, Errol Flynn, Keenan Wynn, Walter Pidgeon, Fredric March, Mae West, Gloria Swanson, Joan Crawford, Shelley Winters, Ava Gardner, *BUZZ YARD*, Lassie, Jimmy Stewart, Dana Andrews, Frank Sinatra, Peter Lawford, Cecil B. DeMille e muitos outros. E isso era apenas até 1953, quando Norma Jeane tinha 27 anos! Os mais escandalosos ainda estavam por vir.

O Ex-A atleta: a visão

— Quero sair com ela.

O Ex-A atleta beirava os quarenta. Fazia anos desde que dera a tacada final na Major League Baseball, acertado o *home run* final, sorrindo com timidez enquanto 75 mil fãs explodiram num frenesi de adulação. Em sua época, ele havia quebrado recordes de beisebol que datavam de 1922. Ele era comparado favoravelmente a Babe Ruth. Havia se tornado uma lenda americana. Um ícone americano. Ele se casou, teve filhos e se divorciou da esposa por motivos de “crueldade”. Bom, ele tinha certo temperamento! Não se pode culpar um homem normal de sangue correndo nas veias por ter certo temperamento. Também, ele era “italiano e ciumento”. Ele era “italiano e nunca esquecia um deslize, nem perdoava um inimigo”. Tinha um nariz italiano, boa aparência italiana de pele morena. Em público, aparecia bem-arrumado. Em público, era quieto, de bons modos. Ele tinha reputação de tímido. Tinha uma reputação de galanteador. Ele preferia camisas esportivas para situações casuais, ternos escuros sob medida para eventos noturnos. Nascido em São Francisco, numa família de pescadores. Era católico. Era um homem de homens. Em temperamento, era um homem de família. Mas onde estava sua família? Ele havia namorado “modelos”. Havia namorado “futuras vedetes”. O nome às vezes aparecia em fonte grande nas colunas de fofocas. Na época em que se aposentou do beisebol, ganhava cem mil dólares por ano. Deu dinheiro aos pais, comprou propriedades e fez investimentos. Era conhecido por ter certas “conexões” com determinados homens de negócios italianos em São Francisco, Los Angeles e Las Vegas. Sem surpresa, ele preferia restaurantes italianos: vitela com camarões,

macarrão, um risoto ocasional. Mas tinha que ser um risoto preparado escrupulosamente. Dava gorjetas generosas, em geral. Ficava de rosto branco lívido se fosse mal servido. Ninguém iria querer insultar esse homem, de propósito ou do contrário. Ele era um homem que mandava. Mulheres se referiam a ele com malícia como o “Yankee Durão”. Ele bebia. Ele fumava. Ele refletia. Era viciado em esportes. Tinha muitos amigos homens, muitos ex-atletas como ele próprio, e todos viciados em esportes. Ainda assim, era solitário. Queria uma “vida normal”. Ele assistia a beisebol, futebol americano e boxe na televisão. Quando ia a jogos de beisebol sempre era destacado para ganhar atenção e aplausos. A multidão amava como ele se levantava — sorriso envergonhado, aceno com a mão — e se sentava rápido, o rosto corado. Ele encontrava os amigos em restaurantes e clubes noturnos. Com frequência eram barulhentos, exigentes com a comida e o serviço, os últimos a ir embora. Mas davam gorjetas excelentes. Em lugares públicos o Ex-Atila apreciava dar autógrafos, mas não gostava de ser cercado ou atropelado. Ele gostava de uma mulher bonita ao seu lado. Sorrindo, reluzindo. Com frequência, havia fotografos. Ele gostava que uma mulher se agarrasse ao seu braço, mas não a *ele*. Não gostava de mulheres que “tentavam ser homens”. Ele se enchia de indignação e repulsa com o pensamento de mulheres “antinaturais” que não queriam ter filhos. Ele reprovava abortos. Pode ter praticado controle de natalidade, apesar de a igreja proibir qualquer método além de tabelinha. Reprovava comunistas e simpatizantes de comunistas, chamando-os pejorativamente de “vermelhos” e “comunas”. Ele não havia lido um livro, quicá chegara a abrir um exemplar, desde o ensino médio em São Francisco. Suas notas lá eram medianas. Aos dezenove, tornou-se jogador de beisebol profissional. Gostava de filmes, em especial, comédias e filmes de guerra. Era um homem grande, inquieto se obrigado a ficar parado por muito tempo. Ele frequentava a igreja apenas esporadicamente, mas nunca perdia a Eucaristia na Páscoa. Quando se ajoelhava para a Santa Comunhão, ele fechava os olhos como havia aprendido quando garoto. Ele não mastigava a hóstia, ele permitia que se dissolvesse na língua como havia aprendido quando garoto. Achava que comungar sem confessar os pecados era igual a levantar no meio da missa e gritar profanidades e obscenidades ao padre. Ele acreditava em Deus, mas também no livre arbítrio. Por acidente, ele viu “Marilyn Monroe” em uma

foto de divulgação no *L.A. Times*. A loira de Hollywood posando bela entre dois jogadores de beisebol. *Começo de uma nova temporada. Preparem os tacos!*

O Ex-Atleta encarou a foto por muito tempo. Uma bola de beisebol, um taco, uma garota estonteantemente bonita de sorriso radiante com um rosto tão doce, um corpo esculpido como a Vênus de Milo, e aquele cabelo de algodão-doce. Lá estava um anjo, um anjo com peitos e quadris. O Ex-Atleta de imediato ligou para um amigo em Hollywood, dono de um restaurante de Beverly Hills bastante conhecido.

— Esta loira, Marilyn Monroe.

O amigo respondeu:

— Sim? O que tem?

— Eu gostaria de sair com ela.

— *Ela?* — repetiu o amigo, rindo. — Essa mulher é uma vagabunda. Sempre foi. Uma loira de farmácia. Uma vadia. Não usa calcinha. Amiga de judeus e mora com dois veados drogados. Chupou todos os pintos na cidade e mais ainda de fora. Passou fins de semana em Vegas servindo caras. Nunca saía da suíte. Sempre quer mais uma salsicha polonesa.

Silêncio. O amigo em Hollywood achou que o Ex-Atleta havia desligado sem dizer nada, pois este era seu jeito às vezes. Em vez disso, o Ex-Atleta disse:

— Quero sair com ela. Tome as providências necessárias.

O Cipreste

Era a sexta semana do Bebê. Era a semana de aniversário de Norma Jeane.

Vinte e sete! Quase velha demais para o primeiro bebê, dizem eles.

Era um momento de revelações súbitas.

— Eiii, quer saber? Acabei de pensar uma coisa.

Os Geminianos, o lindo triângulo amoroso, estava a caminho de uma casa numa propriedade estilo *villa* para alugar. O *Cipreste* era o nome, Os *Ciprestes*, em Hollywood Hills. No final da Laurel Canyon Drive. Era a sexta ou sétima *villa* que mostravam aos Geminianos desde o começo de sua “procura épica”. (Essas eram as palavras de Cass. Cass era seu mestre de palavras.) Eles buscavam o ambiente ideal para a gravidez de Norma Jeane e, depois do nascimento, para os primeiros meses de Bebê.

— Somos produtos de nossos tempo e lugar — disse Cass. — Não somos espíritos puros. Da terra nascemos e de metais preciosos de estrelas distantes. Devemos ascender, além da Cidade dos Anjos cheia de fumaça, assim como acima da história... Ei, vocês dois estão ouvindo? — (*Sim, sim!* Norma Jeane, apaixonados olhos estrelados, sempre ouvia; Eddy G., ele daria de ombros e assentiria: “claro”.) — Em cada nascimento, o mundo começa de novo. Neste nascimento, vamos garantir isso! O futuro da civilização pode estar em um único nascimento. O Messias. Você pode dizer que as circunstâncias estão contra o Messias, mas e daí? Jogue os dados.

Quando Cass Chaplin falava com tanta eloquência, tanta paixão, quem eram Norma Jeane e Eddy G. para *duvidar*?

Norma Jeane era a Plebeia Esfarrapada amada por dois príncipes ardentes. Um lhe dava livros para ler, livros que “significavam muito” para ele, o outro

lhe dava flores, flores solitárias, flores com um ar de haverem sido colhidas numa pressa inspirada, cabos quebrados curtos, lindas pétalas delicadas que acabaram de sair do auge, folhas manchadas com pontos negros.

— Bela Norma, nós adoramos você.

Tão feliz. E nunca com tanta saúde em meu corpo, então comecei a ver que adorar a Deus nada mais é do que o espírito da Saúde (ou Cura) Divina.

Não há Demônio. O Demônio é uma doença da mente.

Naquele dia, Eddy G. os estava levando de carro adentro de Hollywood Hills pela cruel cidade manchada de poluição. O céu acima estava de um suave azul desbotado. O ar se agitava num vento quente e seco. Britas estalavam sob as rodas do Cadillac verde-limão dirigido com sua habilidade costumeira e aquele ar de caos que acabou de ser restringido, típico de Eddy G., que, quando escalado em filmes, era o belo cara impetuoso que morre, em geral, com violência. Norma Jeane estava sentada ao lado de Eddy G., e ao lado de Norma Jeane, estava Cass Chaplin. (Pobre Cass! “Não estou bem agora pela manhã, mas quem diabo *sou* eu para saber.”) Norma Jeane no ápice de sua beleza jovem sentada sorrindo entre seus amantes de Gêmeos, a palma da mão direita em concha protetora na barriga. Sua mão quente e úmida, sua barriga começando a crescer.

A sexta semana de gestação. Será que era possível?

Os Geminianos, o lindo trio, nessa bela manhã agradável no sul da Califórnia, subindo a Laurel Canyon para encontrar a corretora de imóveis que havia tomado a busca épica deles como sua, querendo fechar um negócio logo. Pelas suas costas, chamavam a mulher de “Theda Bara”, pois ela se maquiava naquele estilo sensual drogado de uma era passada; você sentia pena dela (bem, Norma Jeane sentia), ao mesmo tempo que quase queria rir de sua cara (Cass e Eddy G.). E de súbito, com tanta espontaneidade, podia-se jurar que ele tinha acabado de pensar em uma coisa dessas, Eddy G. gritou, batendo no volante:

— Eiii, sabe de uma coisa? Acabei de pensar em algo. — Norma Jeane perguntou em quê. E Cass resmungou algo ininteligível (ah, Deus, as entranhas de Cass se reviravam com tanta fúria que Norma Jeane quase conseguia sentir; ela havia se culpado de leve quando ele disse que

estava com “enjoo matinais por simpatia”, principalmente pelo fato de que ela mesma não tinha nada de enjoo matinal). Eddy G. seguiu, empolgado: — É como uma revelação, sabe? O que temos que fazer, nós três, antes de Norma ter o bebê, é o nosso testamento e a apólice de seguro, para que se algo acontecer conosco, os outros dois e Bebê possam receber. — Eddy G. parou. O ar entusiasmado de garoto, a energia de improviso. — Conheço um advogado. Quer dizer, um confiável. Entendem? O que vocês acham? Estão ouvindo? Para que o Bebê fique mais seguro.

Houve um pulsar. Norma Jeane estava em um estado onírico. Mergulhada em sonhos da noite anterior. Estranhos sonhos alucinantes e vívidos! Uma flotilha de sonhos, sonhos de gravidez que havia descrito a Cass, dizendo que nunca tivera sonhos assim antes, ah, nunca! A insônia havia sumido como se nunca a houvesse amaldiçoado. Ela nunca mais sentiu a tentação de tomar comprimidos do estoque de casa. Raramente se sentia tentada a beber. Pegando no sono quase no momento em que a cabeça tocava o travesseiro, apesar dos lindos garotos a acariciarem, a chuparem, a morderem e a cutucarem, rindo e se digladiando como crianças ao redor, ou no topo, de seu corpo feminino em coma. A Bela Adormecida, eles a chamavam. Seus seios, eles juravam, estavam se enchendo com creme. Hummm! Ainda que o sono da noite a levasse corrente acima com inocência, o rio a nutria.

Nunca tão saudável, Mãe! Por que você não me disse que ter um bebê seria assim?

Cass disse, pigarreando, um pouco irritadiço, como um ator despreparado para a cena.

— Ei. Ótima ideia, Eddy. É! Eu me preocupo com a criança às vezes. A falha de San Andreas. — Ele se virou para Norma Jeane para perguntar com gentileza: — Como isso soa para você, Mãezinha?

De novo, um pulsar. Norma Jeane parecia não estar respondendo a esse diálogo como desejavam os Geminianos. Ela lembraria mais tarde que foi muito estranho: como em uma filmagem, é possível ver como estava sendo levada a se portar de determinada maneira pela sua coestrela, como se recebesse a deixa para a próxima fala, mas estivesse se segurando, algum instinto em sua alma de atriz implorando que você se contesse, resistisse, não acompanhasse.

— Norma? O que você acha disso?

Eddy G. acelerou o Cadillac. Eles estavam voando pela estrada estreita, na beira do desfiladeiro. *Está bravo*, Norma Jeane pensou. Eddy G. futricava no rádio do painel, um hábito perigoso dele enquanto dirigia. “The Song from Moulin Rouge” começou aos estrondos.

A Laurel Canyon Drive era longa, sinuosa. Norma Jeane estava determinada a não se lembrar do bloqueio da polícia de Los Angeles. E Gladys de camisola.

Eu era só uma garotinha na época. Agora olhe para mim!

Cass pressionava a mão sobre a de Norma Jeane, sobre a barriga. Sobre Bebê. Dos dois homens, Cass era o mais afetivo quando queria; ele era um mestre do romance, não no estilo cômico de Chaplin pai, mas no estilo solene de Valentino ao que nenhuma mulher resistia. Eddy G., desde o início da gravidez, zombava, fazia piadas com nervosismo e se esquivava de tocar Norma Jeane.

— A questão crucial, querida, é que o bebê deve ser protegido. Das vicissitudes do destino. E se houver outra Grande Depressão? Pode acontecer! Ninguém estava preparado para a primeira. E se a indústria do cinema afundar? Pode acontecer! Todo mundo nos Estados Unidos terá uma televisão logo. “Ninguém que compartilha uma alucinação a reconhece como tal”, diz Freud. No sul da Califórnia, alucinação é o ar que respiramos. Então financeiramente acho que nos prepararmos para o futuro de Bebê poderia ser uma boa ideia.

Norma Jeane se remexeu inquieta. Era sua vez de falar. Essa era a aula de atuação; ela havia sido lançada para improvisar dentro de uma cena com roteiro. Em um desses exercícios, tiram a atriz da sala, então a chamam de volta para interpretar uma cena com dois ou mais atores que memorizaram um roteiro.

Cass esfregava a bochecha na de Norma Jeane. O cheiro de seu hálito era o rançoso matinal misturado com o rançoso adocicado de glicínias podres.

— Não que qualquer coisa vá acontecer *conosco*, Mãezinha. Nós somos a nossa própria constelação da sorte.

E aí ela se lembrou! O sonho em que estivera tentando tanto dar de mamar para Bebê, mas os lábios não sugavam. Será que os lábios de um recém-nascido sugam automaticamente? Como um reflexo? Deve ser instinto,

natureza, como um pássaro construindo o ninho, abelhas montando uma colmeia. Mas, como ela estranhava que em seus sonhos Bebê não tivesse rosto (ainda!), apenas uma auréola de luz brilhante. Norma Jeane disse:

— Ah, meu Deus, já *pensaram* nisso? E se o que as pessoas definem como Deus seja talvez apenas *instinto*? Como se sabe o que fazer em uma circunstância nova sem saber como sabe? Como animais jogados na água, eles já sabem nadar? Até os recém-nascidos?

Os homens de Gêmeos simplesmente continuaram olhando para avenida à beira do penhasco pela qual seguiam à toda.

Lá estava Theda Bara esperando por eles. Nos portões escancarados *d'O-Cipreste*. Forçando um sorriso com voluptuosos lábios de batom escuro e acenando animada como uma melindrosa. A sedução sensual era de uma era anterior; ela tinha entre 35 e 45 anos de idade, se não mais. Pele cor de argila, firme e brilhante ao redor dos olhos. Norma Jeane sentia pena e impaciência por ela. *Cresça. Desista!*

Eddy G. gritou, soando sincero:

— Ei, desculpe! Estamos atrasados? — Ele era um garoto tão belamente grandalhão, mesmo com a barba por fazer e em calça cáqui amassada, exalando aquilo que comerciais de desodorante chamavam de odor corporal, você o perdoaria por qualquer coisa, ou quase. E Cass Chaplin, com seu amuado rosto de boneco e o cabelo desgrenhado de Carlitos, fios pelos quais mulheres desejavam passar os dedos. E a silenciosa loira tímida, que a corretora havia reconhecido de imediato como Marilyn Monroe, a nova sensação de Hollywood, mas cuja privacidade ela certamente desejava respeitar. O notório trisal! É claro que estavam atrasados, mais do que uma hora de atraso, os Geminianos sempre se atrasavam. O milagre seria se o trio sequer conseguisse chegar a qualquer lugar a qualquer hora.

Theda Bara, em maquiagem exagerada nos olhos, um conjunto de alfaiataria cor de ferrugem em tecido brilhante e salto alto de crocodilo, apertou as mãos de seus clientes com ansiedade. Com que rapidez ela aplacaria essas jovens pessoas de Hollywood.

— Não estão atrasados coisa alguma! Nem pensem nisso. Amo aqui em cima nas montanhas, em Hollywood Hills. *O Cipreste* é minha propriedade favorita no momento, só pela vista. Em um dia limpo, é de tirar o fôlego. Se não fosse por essa neblina ou fumaça ou o que quer que seja, poderíamos

ver até Santa Mônica e o oceano — ela hesitou, sorrindo mais. — Espero que vocês jovens não julguem *O Cipreste* rápido demais! É uma casa única.

Cass assobiou.

— Estou vendo, madame.

— Até *eu* estou vendo, madame, e eu estou totalmente bêbado — disse Eddy G.

A intenção era fazer de piada, pois Eddy G. nunca estava *totalmente bêbado* tão cedo no dia.

A moça loira que anteriormente se apresentou para a corretora como “Norma Jeane Baker” agora encarava a mansão estilo normanda através de óculos escuros e com a solenidade de uma garotinha. Parecia estar com pouca maquiagem, mas a pele reluzia. O cabelo loiro-platinado escapava de um turbante carmesim do tipo usado por Betty Grable nos anos 1940. Os seios estavam cobertos por uma larga túnica branca de seda. Ela usava calça branca de seda amassada na virilha e estava com pés à mostra em sandálias de tira sem salto. Em uma ofegante voz maravilhada, disse:

— Ah...! É linda. Como em um conto de fadas, mas qual deles?

Theda Bara sorriu, incerta. Decidiu que a pergunta não merecia resposta.

Começaria, ela lhes disse, com uma apresentação da propriedade:

— Para que vocês possam se localizar. — Rápido, ela os guiou para a calçada de pedra portuguesa, atravessando terraços de laje, passando por uma piscina reniforme em que folhas de palmeiras dessecadas, corpos de insetos mortos e diversos pássaros pequenos boiavam na trêmula água azul. — A piscina é limpa toda segunda-feira pela manhã — disse ela em tom de desculpas. — Tenho certeza de que foi limpa esta semana.

Norma Jeane pareceu ver sombras esvoaçando pelo fundo da piscina como se fossem nadadores fantasmas; ela não queria olhar perto demais. Eddy G. subiu até o trampolim e flexionou os joelhos como se estivesse prestes a mergulhar. Cass implorou às mulheres:

— *Não* o desafiem, por favor. Nem sequer olhem para ele. Não pretendo me afogar tentando um resgate.

— Vá se foder, Judeuzinho — disse Eddy G., rindo, mas soando genuinamente exaltado.

Theda Bara prosseguiu rapidamente a apresentação.

— Que grosseria — sussurrou Norma Jeane para Eddy G. — E se ela for judia?

— Ela sabe que só estou brincando. Mesmo que você não saiba.

Tão acima da cidade havia um vento persistente. Como seria morar ali durante a estação dos ventos de Santa Ana, Norma Jeane tinha pavor de pensar. Talvez não fosse uma boa atmosfera para uma grávida ou para uma criança. Ainda assim, Cass e Eddy G., ambos que haviam morado em lares elegantes quando criança, queriam uma casa nas colinas, algo “exótico”, “especial”. Dinheiro não parecia ser uma preocupação deles, mas de onde, exatamente, viria o dinheiro do aluguel? E seria preciso contratar empregados para uma casa assim. Norma Jeane não receberia bônus algum por *Torrentes de paixão*, apesar de ser um sucesso de bilheteria; ela era uma atriz em contrato do Estúdio e havia sido paga. Cass e Eddy G. sabiam disso! Agora ela estava grávida, não poderia fazer outro filme por um ano. Ou mais. (E talvez sua carreira estivesse terminada.) Mas quando ela perguntou quanto era o valor mensal de *O Cipreste*, os homens lhe disseram que era razoável o suficiente, que não se preocupasse.

— Nós daremos um jeito. Nós três.

Norma Jeane estava observando outra rachadura em zigue-zague, esta em uma parede de reboco decorada com requintados mosaicos mexicanos. Estava cheio de formigas minúsculas pretas.

O Cipreste era assim chamado porque ciprestes italianos foram plantados ao redor da casa em vez de palmeiras. Uns poucos desses haviam mantido suas graciosas formas esculpidas, mas a maioria definhara com o vento contínuo, desfigurada como criaturas torturadas. Quase se conseguia ouvi-las se contorcendo. Anões, elfos, fadas más. Mas Rumpelstiltskin não fora cruel, ele fora o único amigo de Norma Jeane. Ele a amara sem precedentes. Se apenas ela houvesse se casado com sr. Shinn... E ele não tivesse morrido. Ela estaria tendo o bebê de I.E. Shinn naquele momento, teria sua linda mansão própria e toda a Hollywood a respeitaria, até os chefes no Estúdio. (Mas Isaac a havia traído, apesar de toda a conversa sobre amor. Ele não havia lhe deixado nada no testamento. Nem um centavo! Ele a havia colocado em um contrato de sete filmes no Estúdio que a deixava praticamente escrava.)

Theda Bara os guiava para dentro da casa. Ao saguão de entrada baronial. Era como um museu: piso de mármore, luminárias de cristal e latão, papel de parede de seda, painéis espelhados e uma grande escadaria se estendendo. A sala de estar era rebaixada e tão grande que Norma Jeane tinha que apertar os olhos para ver as paredes mais distantes. Ali, a mobília estava coberta por um pano branco e o piso de parquet estava nu. Sobre uma gigantesca lareira de pedras, havia espadas cruzadas. Por perto havia uma armadura com ar medieval. Cass assobiou:

— D.W. Griffith. Um de seus épicos esquisitos. — Espelhos ovais emoldurados com filigranas douradas refletiam espelhos ovais emoldurados com filigranas douradas em uma progressão infinita que acelerava o coração de Norma Jeane.

Há loucura aqui. Não entre!

Mas era tarde demais, ela não poderia voltar. Cass e Eddy G. ficariam furiosos com ela.

O atual dono da propriedade era o Banco do Sul da Califórnia. Ninguém havia morado em *O Cipreste* por diversos anos exceto locatários de curtos períodos. O dono anterior fora uma beldade de cinema dos anos 1930, uma atriz menor que tinha vivido décadas mais do que o marido, produtor rico de cinema. Essa mulher, uma lenda local, não tivera filhos biológicos, mas adotou um número de crianças órfãs, algumas nascidas no México. Uma ou duas dessas crianças havia morrido de “causas naturais” e outras haviam desaparecido ou fugido. A mulher trazia para dentro de casa um número inconstante de “parentes” e “assistentes”, que, por sua vez, roubaram e abusaram dela. Havia histórias lúridas das tentativas de suicídio, uso de droga e bebedeiras da mulher. Ainda assim, ela doara quantidades grandes de dinheiro para caridades locais, inclusive às Irmãs de Nossa Senhora da Misericórdia, uma ordem católica extrema devotada a jejum, oração e silêncio. Norma Jeane não quisera ouvir o pior das histórias. Ela sabia como relatos assim poderiam ser enganosos.

— Mesmo quando se começa com a verdade, o que as pessoas dizem vira mentira. — O coração de Norma Jeane pulsava com a injustiça, coisas cruéis sussurradas sobre a mulher que havia morado sozinha naquela casa em seu fim, encontrada morta em seu quarto por uma empregada. O legista havia determinado a causa como um “contratempo” devido à má nutrição,

barbituratos e álcool. Norma Jeane sussurrou: — Não é justo. Aqueles urubus!

Em frente, Theda Bara caminhava em seu salto agulha e ria com os homens. Permitindo-se pensar que poderiam de fato alugar *O Cipreste*. Ela disse para Norma Jeane:

— É uma casa de fantasia, não é, querida? Tão original e inventiva. Seus amigos estavam me contando, vocês três vão se isolar, certo? Este é o lugar ideal, garanto a você.

O passeio no andar de baixo estava demorando muito. Norma Jeane começava a ficar fatigada. Essa casa! Ilusões de grandeza. Oito quartos, dez banheiros, diversas salas de estar, uma enorme sala de jantar com luminárias de cristal que tremiam e vibravam como se o teto estivesse se mexendo, uma sala para café da manhã grande o suficiente para doze convidados. Não se parava de descer e subir escadas. Numa área rebaixada com vista para a piscina havia um salão com uma longa bancada de bar se curvando, bancos de couro, pista de dança e uma jukebox. Norma Jeane passou reto por ela, que estava não apenas desligada como sem disco algum dentro.

— Droga! Nada é tão triste como uma jukebox *desligada*. — Ela se voltou, carrancuda e taciturna.

Gostaria de tocar um disco e dançar. *Jitterbug*! Ela não dançava o *jitterbug* fazia anos. E a *hula*: ela amara dançar a *hula*, e era espetacular na *hula* aos catorze anos. Agora, grávida e com 27, exercitar-se era bom para ela; por que não deveria dançar? Se “Marilyn” fizesse *Os homens preferem as loiras* — o que não faria —, estaria dançando como uma dançarina de cabaré, em figurinos caros e glamouroso, em elaborados números musicais como Ginger Rogers com Fred Astaire, fingindo ser chique, não o tipo de dança que Norma Jeane amava de verdade.

— A primeira coisa que vamos fazer, Norma: *ligar* a jukebox — prometeu Eddy G.

Tinham decidido? Sem o consentimento dela?

Ainda assim Theda Bara os levou em frente. Falando e flertando com os homens. Que em roupas estilosas, mas amassadas e não limpas, pareciam exatamente quem eram: filhos rejeitados da realeza de Hollywood. Norma Jeane foi deixada na retaguarda do grupo, mordiscando o lábio. Ah, ela desconfiava de seus amantes! Bebê também desconfiava deles.

Um ator é instinto.

Mas para o instinto não há ator.

Norma Jeane estava tentando se lembrar de um perturbador sonho vívido que tivera logo antes de acordar naquela manhã. Ela segurava Bebê contra os peitos inchados e doloridos querendo dar de mamar, mas alguém aparecia e o arrancava... Norma Jeane gritara *não! não!* Mesmo assim as mãos puxavam Bebê, e ela apenas conseguira escapar do sonho ao se forçar a acordar.

— Norma Jeane — disse a corretora, com educação —, tem algo errado? Pensei em levar vocês por aqui...

Norma Jeane estava afastando o olhar de tantos malditos espelhos! Havia espelhos ovais, retangulares, altos verticais, painéis de espelhos em quase todas as paredes da casa. Um dos banheiros no andar de baixo era espelhos do piso ao teto, com beiradas de zinco! Em cada recinto em que se entrava, lá estava seu próprio reflexo entrando e seu rosto pairando como um balão, olhos atacando olhos. É essa coisa que se tornou a garota no espelho da drogaria Mayer! Com turbante carmesim e óculos escuros, Norma Jeane parecia uma figurante com peitões e pernas em *A caminho do Rio*, a que Bob Hope encararia com desejo. Norma Jeane ficou pensando que o objetivo da Amiga Mágica era permanecer secreta. Morando com sua Amiga Mágica por muito tempo, o especial se perde.

Cass deve ter lido seus pensamentos; ele disse que tirariam a maioria dos espelhos se era isso que Norma Jeane queria.

— Geminianos podem viver sem espelhos porque nós nos “espelhamos”, não é?

— Cass, eu não sei. Quero ir para casa.

Ela o amava e não confiava nele. Não confiava em nenhum homem que amava. Um deles era o pai de Bebê, ou seria possível que os dois fossem? Aquela não tinha sido a primeira vez em que tocaram no assunto das apólices de seguro, e agora estavam sugerindo testamentos também. Eles esperavam que ela morresse, no parto talvez? Será que esperavam que ela morresse? (Mas eles a amavam. Ela sabia!) Se ela ao menos tivesse o sr. Shinn para consultar. Talvez: o Ex-Atleta que queria “sair” com ela?

Na noite anterior Norma Jeane contou a Cass a respeito do famoso ex-jogador de beisebol querendo conhecê-la, e Cass pareceu mais

impressionado do que a própria Norma Jeane, dizendo que o Ex-Atleta era um herói para muitos americanos tanto quanto, ou até mais, que uma estrela de cinema, então, talvez Norma Jeane devesse conhecê-lo. Norma Jeane protestou, dizendo que não sabia nada de beisebol e não gostava e de qualquer forma ela estava grávida.

— Ele diz que quer “sair” comigo! Nós sabemos o que quer dizer.

— Você pode bancar a difícil. Difícil de ceder. Um papel excelente para Marilyn.

— Ele é famoso. Deve ser rico.

— Marilyn é famosa. Ela não é rica.

— Ah, mas eu não sou... famosa como ele. *Ele* teve uma carreira longa antes de se aposentar. Todo mundo ama o homem.

— Então por que você não?

Norma Jeane havia espiado Cass com ansiedade para ver se ele tinha ciúmes, mas ele parecia não ter. Ainda assim, Cass, ao contrário de Eddy G., era difícil de ler.

Norma Jeane não contou a Cass que havia rejeitado o Ex-Atleta famoso. Não pessoalmente, pois o homem não havia ligado em pessoa, mas por meio de alguém que havia contatado seu agente. Que audácia! Como se “Marilyn Monroe” fosse uma mercadoria. Bastava ver o pôster e fazer uma ligação com uma oferta. Qual era o preço de Marilyn?

No segundo piso d’*O Cipreste*, na seção mais antiga com ares de Normandia da casa, as luminárias onduladas de cristal e cobre eram ainda mais evidentes. Uma luz doentia e sinistra entrava pelas janelas, como se fosse de uma fonte outra que o sol. Havia um odor de drenos lotados, inseticida e perfume velho. E o vento incessante... Norma Jeane imaginava poder ouvir vozes, risos abafados de criança. Tinha que ser o vento, chocalhando vidraças ou luminárias. Ela notou Cass olhando para os lados com irritação; ele deveria estar ouvindo o som também. Ele estivera nauseado pela manhã, de ressaca, uma alarmante *ausência* nos olhos quando Norma Jeane o espiou. Enquanto Theda Bara explicava o complexo sistema de interfonos da casa, Cass estava em pé esfregando os olhos e mexendo a boca como se tivesse algo preso que não conseguia engolir. Norma Jeane tentou passar um braço ao redor dele, que a empurrou para o lado, envergonhado.

— *Eu* não sou o seu Bebê. Me solta.

Por que nós viemos para este lugar horrível? Não era uma visão que buscávamos.

Theda Bara passou algum tempo descrevendo o complexo sistema de alarme de segurança, holofotes e vigilância. Evidentemente custou quase um milhão de dólares para instalar. A dona anterior, disse ela, tinha um “medo extremo” de alguém arrombar a casa e assassiná-la.

— Igual à minha mãe — disse Eddy G., com tédio. — Este é o primeiro sintoma. Mas não é o último.

Norma Jeane tentou dar leveza ao ambiente.

— Por que alguém iria querer *me* assassinar? Sempre me pergunto. Porque, sabe... quem é importante assim?

Theda Bara disse com um sorriso frio:

— Muita gente nesta parte do mundo é importante o suficiente para ser assassinada. E muitas mais são ricas.

Norma Jeane sentiu isso como uma rejeição, apesar de não entender. Ela se perguntou com um sorriso: o que o famoso Ex-Atleta pensaria se soubesse que ela estava grávida? E apaixonada não por um belo rapaz sensual, mas dois?

Talvez eu seja uma vagabunda. Céus, havia evidência suficiente!

Foi então que as coisas estranhas começaram a acontecer. Enquanto Eddy G. fazia perguntas à corretora, Norma Jeane não estava ouvindo muito, e Cass só faltava parar de segui-los, pele ressecada e com casquinhas, se coçando. Mexendo a boca como se tentasse engolir em seco. O ar estava tão árido, era como se areia se acumulasse na boca. Norma Jeane queria pegar Cass em seus braços, beijá-lo e confortá-lo. Num canto do olho, de súbito houve um movimento de fuga em passinhos rápidos. Uma sombra escapando. Atravessando um dos espelhos? Nem Theda Bara ou Eddy G. haviam notado, mas Cass virou-se para encarar em terror. Ainda assim, parecia não haver nada. Quando Theda Bara mostrou a eles mais um outro quarto, atrás de uma cortina de brocado parecia haver algo se movendo, agitado.

— Ah...! Olhe — disse Norma Jeane, sem pensar.

Incerta, Theda Bara disse:

— Não é... nada. Tenho certeza.

Com coragem, a corretora teria marchado até lá para ver, mas Cass a segurou e disse:

— Não. Foda-se; só fecha esta *porta*.

Eles saíram e a porta foi fechada.

Norma Jeane e Eddy G. trocaram um olhar preocupado. O que havia de errado com Cass? Dos três, Cass Chaplin tinha que ser a pessoa no controle.

Norma Jeane estivera escutando vozes soprando abafadas, gritos e risadas de crianças, ainda que, é claro, fosse o vento, apenas o vento, apenas sua imaginação febril, e quando Theda Bara os levou para o quarto das crianças, Norma Jeane viu com alívio que estava vazio; exceto pelo vento murmurante, estava em silêncio. *Por que sou tão boba? Ninguém teria matado uma criança aqui.*

— Que quarto l-lindo! — Norma Jeane sentia que tinha que dizer.

Mas o quarto infantil não era lindo, apenas grande. E longo. A maior parte da parede externa era de vidro laminado esfumado, olhando para o espaço vazio como se eternidade adentro; as outras paredes haviam sido pintadas com cor-de-rosa flamingo e decoradas com imagens de desenhos animados do tamanho de adultos humanos. Tanto criaturas bizarras, antigas, no estilo *Contos da Mamãe Gansa*, quanto personagens de desenhos animados americanos: Mickey Mouse, Pato Donald, Pernalonga, Pateta. Os olhos vazios, sem profundidade. Os sorrisos felizes e humanos. Mãos de luvas brancas em vez de patas. Mas por que tão *grandes*? Norma Jeane era da mesma altura do Pateta, e foi ela quem se afastou, fazendo piada:

— Esse aí jamais se impressionaria com um par de peitos.

Como fazia às vezes em festas, fora de si de tão chapado, como seus amigos bêbados viciados o descreviam com ternura, Cass Chaplin começou a reclamar — a respeito de filosofia tomista, ou falhas geológicas no Condado de Los Angeles, ou o “secreto desejo de linchamento” dos norte-americanos que não tinha sido, na visão de Cass, importado do Velho Mundo para o Novo: na verdade, era apenas um instinto esperando que os puritanos norte-americanos se estabelecessem nas terras selvagens... Agora, de forma abrupta, como um sonâmbulo acordando de um transe, Cass começou a falar de animais em livros e filmes infantis.

— Jesus! Seria apavorante se animais pudessem falar. Se de fato fossem como nós. Ainda assim, no mundo das crianças, eles sempre são. Por quê?

— É porque animais são humanos! — Norma Jeane o surpreendeu. — Eles não podem falar como nós, mas se comunicam, claro que sim. Eles têm emoções como nós... dor, esperança, medo, amor. Uma mãe animal...

— Não animais de desenho, querida — interrompeu-a Eddy G.— Eles nunca dão cria.

— Nossa Norma ama animais — disse Cass, com um rancor inesperado. — É porque não conhece um sequer. Ela imagina que eles corresponderiam seu amor sem qualificação.

— Ei — disse Norma Jeane, ferida —, não fale de mim como se eu não estivesse presente. E não seja condescendente.

Os homens riram. Possivelmente estavam orgulhosos dela, inflamando a situação assim, até tirando os óculos de sol como Bette Davis ou Joan Crawford em um melodrama, confrontando seus traidores.

— Norma dizendo “Não seja condescendente”.

— Até a Peixinha tem seu orgulho.

— A Peixinha *em especial* tem seu orgulho.

Theda Bara estava olhando de um para o outro e em seguida para o terceiro, seus lábios volumosos abertos de surpresa. O que estava havendo ali? Quem eram aqueles jovens imprudentes?

Deliberado como uma facada no coração. Uma facada na barriga.

Ela. Norma Jeane era *ela*. Nunca poderia ser nada além *dela*. O terceiro ponto da Constelação de Gêmeos. Aquele terceiro ponto distante do triângulo eterno que Cass descrevia como a Morte. Norma Jeane foi obrigada a se dar conta de que nunca faria diferença para os homens — quanto ela os amava, quanto ela se sacrificaria por eles, quão celebrada ela seria por estranhos e quanto talento tinha como atriz —, ela sempre seria *ela*. Ela era a Peixinha deles, ela era Peixe.

As risadas dos homens diminuíram. Exceto pelo vento, tudo ficou muito-quieto.

Eles haviam deixado o medonho quarto infantil cor-de-rosa, Theda Bara estava limpando a garganta para dizer algumas animadas palavras finais, quando veio um som súbito de algo deslizando no chão. Perto dos pés, em parte escondida por um cercadinho para crianças, havia uma sombra passando depressa.

— Cascavel! — gritou a corretora.

Em pânico, Eddy G. subiu em uma mesa. Era uma mesinha de piquenique com tampo plástico em uma pequena ilha de grama artificial e palmeiras em miniatura. Ele agarrou o braço de Norma Jeane e a ergueu ao seu lado, em seguida ajudou Theda Bara e o pobre Cass, trêmulo, que havia ficado pálido; quatro adultos arfando e se aninhando com medo.

— A cobra! É a mesma — disse Cass. Seu rosto de boneco devastado estava coberto de suor, e os olhos, dilatados. — É culpa minha. Eu causei isso. Não deveria ter nos trazido para cá.

Norma Jeane disse querendo ser prática, porque Cass não dizia nada com nada:

— Uma cascavel *atacaria* de verdade? Uma pessoa? Elas deveriam ter mais medo de nós.

Theda Bara gemia “Ah, ah, *ah*”, como se estivesse prestes a desmaiar; Eddy G. teve que segurá-la.

— Madame, vai ficar tudo bem. Eu não estou vendo a filha da puta, na verdade. Alguém está vendo a maldita?

— *Eu* nunca vi cobra alguma — disse Norma Jeane. — Mas eu ouvi o bicho, acho.

— É culpa minha — disse Cass, inclinado e trêmulo. — Essas coisas. Eu comecei a ver isso nos banheiros, em vasos sanitários, e não consigo parar. É só por minha causa que elas estão aqui.

Parecia mesmo. Não havia cobra no quarto infantil. Norma Jeane e Eddy G. ajudaram a confortar Theda Bara, que tivera um susto imenso e só queria deixar *O Cipreste*, e Cass, que havia entrado em uma espécie de estado de fuga, como um homem em choque, os olhos abertos, dilatados e sem foco. Falava sem coerência, com arrependimento. Era sua culpa, ele levava essas coisas por toda parte, e uma hora esse seria seu fim, e não havia nada a fazer. Norma Jeane queria levar Cass a um banheiro para lavar seu rosto com água fria, mas Eddy G. não recomendou, não haveria água alguma, e se houvesse, seria água enferrujada e quente como sangue.

— Isso o assustaria ainda mais. Vamos só levar Cass para casa.

— Você sabia disso, Eddy? — perguntou Norma Jeane. — Dessas “coisas” dele?

— Eu não tinha certeza de quem eram, sabe? — disse Eddy G., de forma evasiva. — Dele ou minhas.

No caminho de volta para a cidade, Eddy G. sóbrio no volante, Norma Jeane ao seu lado, abalada e assustada, pressionando a palma das mãos em Bebê para confortá-lo, e Cass, a camisa aberta para que pudesse respirar, deitado trêmulo e choramingando no banco de trás. Norma Jeane disse em voz baixa para Eddy G.:

— Deus do céu. Deveríamos levar Cass a um médico. São alucinações por abstinência, não são? O Hospital Cedros do Líbano. A Emergência. — Eddy G. fez que não. Norma Jeane disse, implorando: — Não podemos só fingir que ele não está doente, como se não houvesse nada errado.

E Eddy G. disse:

— Por que não?

Assim que saíram da sinuosa Laurel Canyon e entraram no Boulevard, e de volta para a Sunset, Cass os surpreendeu sentando-se ereto, suspirando, bufando e rindo, envergonhado.

— Deus. Desculpem. Eu não me lembro do que foi tudo isso, mas não me atualizem, está bem? — Ele apertou a nuca de Eddy G. e apertou a de Norma Jeane. Seu toque era gelado, mas reconfortante. Tanto Eddy G. quanto Norma Jeane estremeceram com um rápido tipo estranho de desejo. — Sabem o que eu acho que é isso? Gravidez psicológica. Norma está tão saudável e sã com isso tudo que alguém de Gêmeos precisava enlouquecer. Não me importo que por enquanto seja *eu*.

Era tão convincente e parecia tanto com um tipo esquisito de poema, que não restava outra coisa a não ser acreditar.

Aquele sonho. A linda mulher loira agachada na sua frente, puxando suas mãos com impaciência. Uma mulher loira tão linda que era impossível ver seu rosto; uma imagem ofuscante. Ela saía de um espelho. As pernas eram tesouras, os olhos, chamas. O cabelo, um furacão de cachos claros. *Dê para mim! Sua vaca deprimente.* Ela estava tentando puxar a criança aos prantos das mãos enfraquecidas de Norma Jeane. *Não. Este não é o momento certo. Este é meu momento. Você não pode me negar!*

“Aonde você vai quando desaparece?”

Vida e sonhos são folhas do mesmo livro.

— Arthur Schopenhauer

Veio a manhã em que ela soube o que faria.

Era uma manhã depois da visita a *O Cipreste* e era uma manhã depois de Lakewood.

Uma manhã depois de uma noite longa de sonhos turbulentos como pedregulhos rolando sobre seu corpo desamparado e frágil.

Ela ligou para Z, com quem não tinha falado desde a noite da *première*. Contou qual era a situação. Começou a chorar. Talvez o choro houvesse sido ensaiado, Z pensaria, mas possivelmente não. Z ouviu em silêncio. Ela poderia ter pensado que era um silêncio de choque, mas, na verdade, era um silêncio prático, Z já estivera nessa posição, ouvira essas palavras, um roteiro batido, escrito por um roteirista anônimo muitas vezes.

— O que vou fazer, Marilyn, é passar você para Yvet. — O nome era pronunciado “ih-vê”. Nome que Norma Jeane nunca havia ouvido antes. — Você conhece Yvet. Ela vai te ajudar.

Yvet era a secretária assistente de Z. Norma Jeane se lembrava dela da manhã vergonhosa no Aviário. Quantos anos! Antes mesmo de Norma Jeane ter sido *nomeada*. Num momento de inocência tão distante dela agora que Norma Jeane já não se lembrava mais dessa garota, e até os pássaros empalhados inóspitos não passavam de recordações passageiras; não que ela

não os tivesse visto, testemunhado todos, ouvido os gritos de dor e terror, mas lhe parecia que a experiência havia acontecido com outra pessoa, ou em um filme que Cass Chaplin poderia identificar: alguma coisa de D.W. Griffith?

Yvet afastando os olhos, a expressão de pena e desdém. *Tem um camarim logo ali fora.*

Yvet entrou na linha, e a mulher foi simpática e casual e soava mais velha do que Norma Jeane teria imaginado. Chamando-a de “Marilyn”. Bem, por que não? No Estúdio, ela era Marilyn. Em créditos de filmes, ela era Marilyn. No mundo tão vasto que poderia ser também a eternidade, ela era Marylin. Yvet dizia:

— Marilyn? Vou preparar tudo. E vou te acompanhar. Planeje-se para amanhã de manhã, às oito. Buscarei você em casa. Sairemos alguns poucos quilômetros de Wilshire. É uma clínica, não é um beco escondido ou perigoso. É um médico respeitado. Ele tem uma enfermeira. Você não vai precisar ficar muito tempo. Mas, se quiser, pode ficar o dia inteiro lá. Dormindo, descansando. Vão te anestesiarem. Você não vai sentir, bem... Não é como se fosse sentir *nada*, com certeza, sentirá *algo*. Quando o efeito da medicação passar. Mas é só físico e passa, e então você se sentirá bem. Confie em mim. Você ainda está na linha, Marilyn?

— S-sim.

— Amanhã de manhã busco você às oito. A não ser que eu ligue para remarcar.

Ela não ligou para remarcar.

O Ex-Alela e a Atriz Loira: o encontro

Quando você acredita estar atuando, de súbito descobrirá sua versão mais verdadeira.

— de *Paradoxo sobre o comediante*

No primeiro encontro, o Ex-Alela levou a Atriz Loira ao Villars Steakhouse, em Beverly Hills.

Jantaram das 20h10 às 23 horas.

Uma viva luz brilhante pairava ao redor da mesa deles.

O casal glamouroso era observado pelos espelhos, por clientes discretos que — no Villars, um dos restaurantes mais exclusivos de Beverly Hills — não teriam desejado ficar olhando. Notou-se que o Ex-Alela, conhecido por ser taciturno, além de por sua notável habilidade no beisebol, falou relativamente pouco no começo, mas se comunicou com olhares. O olhar dele era fumegante: italiano. O belo rosto equino estava barbeado, jovial para a idade. O cabelo quase negro, já com falhas nas têmporas, era visto nos espelhos como grosso, intocado pelo cinza. Como um advogado ou bancário, usava um terno azul-marinho com riscas de giz, camisa branca engomada e sapatos de couro preto muito polidos. Sua gravata era de uma luxuosa seda azul-marinho gravada com imagens brancas em miniatura de tacos de beisebol. Quando o Ex-Alela se dirigia a um garçom, fazendo os pedidos pela sua companheira ou por si mesmo, ouvia-se sua fala em uma

voz estranhamente comedida. *Ela gostaria de... e Eu gostaria de... Ela gostaria de ... e Eu gostaria de... Ela gostaria de e Eu gostaria de...* A Atriz Loira, apesar de muito linda, estava nervosa. Como uma iniciante em sua primeira performance no palco. Às vezes, durante a noite, ela ficava tão agitada de ansiedade que o reflexo espelhado ficava borrado como se por névoa ou vapor, e nós não conseguíamos vê-la. Às vezes, ela sumia por completo! Em outros momentos, quando ria, a boca vermelha lustrosa brilhava para todos os lados, e era tudo o que conseguíamos ver. *A boca é como uma boceta. Este é o segredo dela. Ela é burra demais para saber?* Para alguns observadores no Villars, a Atriz Loira tinha a aparência “exatamente igual” à das fotos; para outros, a Atriz Loira tinha a aparência “completamente diferente” das fotos. A Atriz Loira estava usando, e isso deveria ter sido uma surpresa calculada, não o decote profundo que era sua marca registrada em tons chamativos de vermelho, branco ou preto, mas um vestido elegante, rosa-pastel em seda e lã, com a saia plissada bem feminina, o corpete cravejado de pérolas e gola apertada, a qual ela puxava inconscientemente com unhas das mãos feitas. Sobre o seio esquerdo estava presa uma gardênia cor de creme, parecida com os acessórios florais das formaturas colegiais, que ela, frequentemente, com um sorrisinho tímido para o Ex-A atleta, cheirava.

Tão delicado da sua parte! Muito obrigada! Gardênias são minhas flores favoritas.

O rosto do Ex-A atleta ficava corado de prazer. Ele parecia prestes a falar, mas não falava. Ele sorria, franzia a testa. Havia um tique leve no olho esquerdo. A luz que emanava da mesa do casal estava manchada e ondulante como água refletida. O Ex-A atleta estava empolgado com a beleza da Atriz Loira, ou intimidado por ela. Aos olhos de alguns observadores, o Ex-A atleta já estava ressentido pela beleza da Atriz Loira, e de vez em quando ele olhava para os lados com irritação, para o restaurante que murmurava sob a luz das velas, como se nos pressentisse assistindo à cena, apesar de, em momentos assim, nós afastarmos os olhos.

Exceto que: o Atirador de Elite à paisana, descansando no fundo do restaurante em uma alcova sombria entre a brilhante cozinha movimentada e o escritório do gerente, nunca tirou os olhos ou desviou a atenção. Para o Atirador de Elite isso mal era uma distração, mas um episódio crucial em

uma narrativa em que ele, como um mero agente, contratado pela Agência, não poderia nomear nem desejaria fazê-lo.

O Ex-Atleta estava começando a se apaixonar! Tudo isso estava no futuro.

Não. O futuro é agora. Tudo o que virá nasce do AGORA.

Isso era um fato. Diversas vezes, com timidez apesar da ousadia, com o ar de um homem roubando uma base, o Ex-Atleta deixou a mão repousar na da Atriz Loira.

Uma onda elétrica atravessou o murmúrio contido sob a luz das velas.

Observou-se que a mão do Ex-Atleta era “duas vezes maior” que a da Atriz Loira.

Observou-se que o Ex-Atleta não usava anéis, tampouco a Atriz Loira.

Observou-se que a mão do Ex-Atleta era bronzeada e escurecida enquanto a mão da Atriz Loira era de uma palidez feminina e “suave de hidratante”.

De certo modo, o Ex-Atleta começou a relaxar. Ele bebia uísque, e durante o jantar, vinho tinto. O Ex-Atleta foi encorajado pela Atriz Loira a falar de si mesmo. Ele contou uma sequência de anedotas do beisebol, que talvez tivesse contado antes. Mas cada contar de uma doce anedota familiar para uma audiência familiar é na verdade uma anedota diferente; no contar, nós nos tornamos pessoas diferentes. A Atriz Loira parecia emocionada. Ela ouvia com atenção, apenas bebericando seu drinque, uma bebida frutada gasosa de uma jovem na formatura do ensino médio, em um copo alto gelado com um canudinho; ela apoiava os cotovelos na beira da mesa, mirando seu corpo magnífico para o Ex-Atleta. Com frequência, arregalava os olhos azuis azulíssimos.

Não ria, eu adorava softbol! No ensino médio às vezes eu jogava com os garotos quando deixavam.

Qual era sua posição?

Eu acho que... batedora? Quando deixavam.

O Ex-Atleta tinha duas risadas distintas, uma baixa e contida e uma gargalhada explosiva vinda das entranhas. A primeira era acompanhada de um olhar tímido; a segunda, que o tomava de surpresa, era hilaridade pura. A Atriz Loira se deleitou com a explosão de risadas de alguém tão sombriamente taciturno. *Ah! Papai costumava rir exatamente assim. Papai trazia o presente do riso a cada vida que tocava.*

O Ex-Atleta não perguntou a respeito de “Papai”. Era suficiente saber, com uma expressão de compaixão e pesar, além de uma sensação interna de satisfação, que o pai da Atriz Loira estava morto e fora do caminho.

Enquanto a Atriz Loira, com frequência, sumia da imagem, ou na verdade era eclipsada em nossa visão por uma aura de luz brilhante, também sua risada era percebida com incerteza. Para alguns observadores atentos, era “aguda como vidro tilintando, bonita, mas nervosa”. Para outros, era “cortante, como unhas arranhando uma lousa”. Tinha ainda quem a achasse um “triste guinchado sufocado como um rato ao ser morto”. Para outros, por fim, era “gutural, rouca, um gemido de prazer”.

Gracioso em seu uniforme de beisebol, o Ex-Atleta ficava esquisito em roupas civis. Na metade da noite, abriu o terno. O terno caro de risca de giz feito sob medida era justo na região dos ombros; talvez desde a aposentadoria, ele houvesse ganhado de cinco a sete quilos no torso e na cintura? Percebeu-se a Atriz Loira desajeitada também. Onde em seus filmes, “Marilyn Monroe” era uma fluida presença mágica na tela, como música, inimitável e inconfundível, no que se chamava “vida real” (se uma noite no Villars Steakhouse na companhia do ex-jogador de beisebol mais famoso da era poderia ser designada como “vida real”), ela era uma garotinha enfiada no corpo de uma mulher completamente madura. O peso dos seios grandes a puxava para a frente de forma que ela estava continuamente obrigada a se inclinar para trás; o esforço na parte de cima da coluna deveria ser considerável. E estava de sutiã? *Com certeza parecia sem.*

Tampouco de calcinha. Mas uma cinta-liga, e meia-calça diáfana com costuras escuras sensuais.

O Ex-Atleta “devorou” a comida dele. A Atriz Loira “beliscou” a dela.

O Ex-Atleta comeu um contrafilé de 340 gramas, com cebolas salteadas, batatas assadas no forno e vagem. Exceto pela vagem, limpou o prato. Ele comeu boa parte de uma baguete crocante besuntada com manteiga. Na sobremesa, torta de chocolate com nozes e sorvete. A Atriz Loira comeu filé de linguado com um molho leve de vinho, batatas temporãs e aspargo. Para a sobremesa, peras escalfadas. Com frequência, ela levava o garfo aos lábios, então baixava, ao ouvir com atenção trêmula o recontar do Ex-Atleta de uma de suas anedotas.

No *Paradoxo sobre o comediante*, ela havia lido:

“Todos os atores se prostituem.
Eles só querem uma coisa: seduzir você.”

Ela pensou *Se eu sou uma prostituta, isso me explica!*

Com vontade, a Atriz Loira sorria para as anedotas do Ex-Atleta. Ria com a frequência que a ocasião merecia. Paulatinamente, o Ex-Atleta aproximava mais sua cadeira da dela. Seu corpo desejoso do dela. No meio de seu enorme bife suculento, pediu licença para usar o toalete masculino. Ele voltou e puxou sua cadeira para mais perto da de sua companheira. Notou-se, conforme o Ex-Atleta passava pelo interior do restaurante à luz de velas, que ele cheirava a colônia forte, uísque e tabaco. Seu cabelo cheirava a loção oleosa. Seu hálito, a carne. Ele era apaixonado por charutos: cubanos. Havia um em um embrulho de papel-celofane no bolso de seu terno. Suas abotoaduras douradas eram na forma de bolas de beisebol e, assim como a gravata de seda, eram presente de um admirador. Quando se é uma celebridade do esporte, o mundo inteiro é um admirador. Ainda assim, naquela noite, o Ex-Atleta estava levemente fora de seu campo. Ele sorria de forma estranha e franzia a testa. Sua testa vincava com emoção. Sangue pulsava em ambas as têmporas. Ele estava preparado para rebater, forçado a encarar um sol desgraçado. Estava assustando-o pra caralho, esse negócio de se apaixonar por essa “Marilyn Monroe”. Tão rápido! E a memória de um divórcio feio ainda batucando na cabeça como pinos de boliche atingidos por um lançamento cruel.

O Ex-Atleta era um cavalheiro com as mulheres que mereciam. Como todos os homens italianos. Com as mulheres que demonstravam não merecer, como a vagabunda da ex, ninguém poderia culpá-lo por perder o controle.

Com um retorcer amargo da boca, o Ex-Atleta falou rápido de seu precoce casamento anterior, seu divórcio, seu filho de dez anos. De imediato, a Atriz Loira perguntou a respeito do filho, a quem o Ex-Atleta claramente adorava naquela maneira sentimental e furiosa de pais divorciados que não receberam custódia e só podem ver os filhos em momentos definidos pelo juiz.

Com astúcia, a Atriz Loira não fez pergunta alguma da ex-mulher. *Se ele a odeia, ele odiará a próxima mulher. A próxima sou eu?*

A aura de luz brilhava, pulsava, quase obscurecia o casal.

O Ex-Atleta perguntou à Atriz Loira como ela havia começado.

A Atriz Loira parecia confusa. *Começado o quê?*

Os filmes. Interpretar.

A Atriz Loira tentou sorrir. Estranha e enervante, ela se tornou naquele instante uma atriz sem roteiro.

Eu não sei. Eu acho que... fui “descoberta”.

Descoberta como?

Ela sorriu uma espécie de sorriso crispado com nervosismo. Um companheiro mais sensível que o Ex-Atleta não teria seguido essa linha de questionamento.

A Atriz Loira falou, devagar a princípio, hesitante, então com mais certeza: “Eu atuava no ensino médio. Interpretei Emily em *Nossa cidade* e um caçatentos me viu. Nós tínhamos um excelente professor de teatro na Van Nuys; me fazia ter fé em mim mesma. Me ensinou a acreditar em mim mesma”. Antes que o Ex-Atleta pudesse fazer outra pergunta, ela disse, agitada e ofegante, que estava ensaiando para sua primeira comédia musical, uma produção de grande orçamento de *Os homens preferem as loiras*. Ah, ela estava nervosa! Os olhos do mundo poderiam estar nela. Ela estava sendo bem instruída em dança e canto. Estava nas mãos de um coreógrafo brilhante. Sentia-se emocionada em estar envolvida em uma produção tão glamourosa. “Sempre amei música. Dançar. Levantar o ânimo das pessoas? Apenas desejando deixar as pessoas felizes com a vida e querendo viver. Às vezes eu acho que Deus me fez uma garota bonita e não, ah... uma cientista? uma filósofa?... por este exato motivo.”

O Ex-Atleta estava encarando a Atriz Loira. Se havia um roteiro entre eles, o Ex-Atleta não tinha falas. Teria sido apenas um leve exagero dizer que ele ficou sem palavras.

Agora a Atriz Loira reclamava com muita infelicidade e um biquinho nos lábios de seus doloridos tenros pés e músculos das pernas, com os ensaios de dança seis dias por semana, das dez da manhã até as seis da tarde. Num impulsivo gesto infantil, ela estendeu a perna torneada e levantou a saia até o joelho, acariciando a panturrilha. *Tenho câimbra o tempo inteiro. Ah!*

Todos os olhos no Villars notaram como a mão do Ex-Atleta se moveu como um animal ferido, mancando, para tocar com apenas a ponta dos dedos a perna da Atriz Loira. E como o Ex-Atleta murmurou, em confusão tenra: “É um tendão estirado talvez. Você precisa de uma massagem”.

Como se tocasse uma chapa quente, a pele dela! Por meio da diáfana meia-calça de náilon.

Com dedos trêmulos o Ex-Atleta acendeu um charuto. Um garçom vestido de branco apareceu para levar os pratos sujos. O Ex-Atleta, encorajado pelo álcool, começou a falar de estar aposentado *do esporte*. O que isso significava para ele. No fim dos seus trinta anos. Atenta como antes, a Atriz Loira ouvia. Ela estava mais confortável ouvindo do que falando; quando se ouve, não se precisa improvisar. Ela estava inclinada para a frente sobre os cotovelos, os seios predominantes no corpete adornado com pérolas, subindo e descendo com a urgência de sua respiração, ambas as pernas educadamente recolocadas para baixo da mesa.

O Ex-Atleta, exalando fumaça, falou de seu amor pelo beisebol desde garoto; como o beisebol fora sua salvação, uma espécie de religião para ele, seu time era uma família próxima e os fãs também. Os fãs! Os fãs eram instáveis, mas maravilhosos. E como o beisebol havia devolvido sua família a ele, o respeito de seu pai e dos irmãos mais velhos. Porque ele não tivera esse respeito antes de ser excelente em beisebol. Ele não havia sido verdadeiramente *um homem*, aos próprios olhos ou aos deles. Eles vendiam pescado em São Francisco, e ele não era bom em pescar e odiava o barco, o oceano, os peixes se debatendo enquanto morriam; por sorte, era bom em esportes, e o beisebol foi sua passagem para sair dali e ascender. Ele era um dos vencedores da grande loteria americana, e sabia disso, era grato; ele nunca subestimou isso. E agora... bem, estava aposentado. Ele estava fora do esporte, mas aquela ainda era sua vida, sempre seria sua vida, sua identidade. Ele tinha muito a fazer, aparições públicas, endossar produtos, rádio e televisão e conselhos diretivos, mas que diabo, ele ficava solitário, tinha que admitir que ficava solitário, apesar dos muitos amigos — e eram amigos incríveis, em especial em Nova York —, seu coração era solitário, tinha que admitir. Com quase quarenta anos, ele precisava se aquietar. Para sempre dessa vez.

A Atriz Loira enxugou as lágrimas dos olhos. Eram efeito dessas palavras honestas e da pungente fumaça de charuto flutuando na sua direção. Com leveza, tocou o punho do Ex-A atleta. Seu punho e as costas de suas mãos estavam cobertos por ásperos pelos pretos que, em contraste com os punhos da camisa espantosamente branca e os botões de punho dourado, faziam-na estremecer. Dizendo, como se fosse uma resposta adequada para tudo que ele havia confiado a ela e sem saber o que mais dizer, “Ah, mas...! Você não sai dos jornais! Não parece aposentado”.

O Ex-A atleta riu. Estava lisonjeado, apesar de achar graça.

“Ei, não apareço nos jornais tanto quanto você, Marilyn.”

Aquele sorriso tímido de novo, a Atriz Loira inclinando a cabeça e inconscientemente puxando a gola apertada de seu vestido.

“Ah, quem...? Eu? Isso é só publicidade do estúdio. Ah, eu odeio! E autografar todas aquelas fotos falsas de mim... “Com amor, Marilyn.” Todas as cartas que “Marilyn” recebe. Mil por semana... ou talvez mais? De qualquer forma, é só por um tempo, até eu conseguir economizar dinheiro e poder fazer papéis mais sérios como, ah... no palco? Em um teatro de verdade? Eu poderia trabalhar com um professor de drama real. Eu poderia fazer parte de um teatro de repertório. Eu poderia interpretar em *Nossa cidade* de novo e poderia interpretar Irina em *As três irmãs*... ou Masha? Quando fui Rose em *Torrentes de paixão*, sabe no que eu estava pensando? Por favor, não ria de mim, eu estava pensando que poderia interpretar Lady Macbeth um dia...”

A Atriz Loira parou de falar. O Ex-A atleta não estava rindo dela, mas não estava absorvendo muito daquilo. O olhar tinha uma transparência suave e íntima, como se estivessem deitados em travesseiros lado a lado. Ele sugava seu charuto cubano.

Com arrependimento, a Atriz Loira concluiu: “De qualquer forma, não vai durar para sempre, o que estou fazendo. Mas você, um atleta campeão que todo mundo ama... você durará para sempre”.

O Ex-A atleta pensou nisso. Pareceu profundamente tocado, ainda que incerto sobre como responder. Deu de ombros com a musculatura vigorosa. “Certo”, disse ele. “Sim, eu acho.”

Era uma cena improvisada na aula de atuação. Entendia-se por instinto que ela precisava de algo mais, uma virada dramática, uma espécie de

fechamento. A Atriz Loira disse, com uma inspiração passional: “Ah, mas acima de tudo eu q-queiro... me aquietar, como você. Como qualquer garota. E ter uma família. Ah, eu amo tanto crianças! Sou louca por bebês”.

Foi então que, do nada, como se um alçapão abrisse em um filme mudo, o indivíduo identificado como M. Classen, 43 anos, rancheiro, de Eagle Bluffs, Utah, aproximou-se da mesa do casal. Todos os observadores o fitaram. O Atirador de Elite encarando no fundo do restaurante, sentidos apurados como uma navalha afiada. O que era isso? Quem era aquele? Pairando sobre o Ex-A atleta e a Atriz Loira, que em sua surpresa total simplesmente ficou piscando para ele, M. Classen abriu a carteira para mostrar a eles um retrato colorido de seu sorridente filho de onze anos, Ike, um garoto sardento e de cabelo castanho, que havia sido um “jogador nato” até dezoito meses atrás, quando começou a perder peso e se machucar com facilidade e vivia sempre cansado até que o levaram a um médico em Salt Lake City e ele foi diagnosticado com leucemia.

— Isso é um câncer do sangue. Por causa dos testes nucleares do governo americano! Nós sabemos! Todo mundo sabe! Do jeito que nossas ovelhas e nosso gado são envenenados também. Nos arredores da minha propriedade tem uma área de teste, com uma placa “ZONA PROIBIDA POR ORDEM DO GOVERNO DOS ESTADOS UNIDOS”. Eu tenho seis mil acres, tenho meus direitos. O governo dos Estados Unidos não vai pagar pelas transfusões de sangue de Ike; os desgraçados se negam sequer a reconhecer que têm qualquer responsabilidade. Eu não sou um comunista! Sou cem por cento americano! Servi o Exército na última guerra! Por favor, se vocês dois pudessem me recomendar, falar bem de mim para o governo dos Estados Unidos...

Da mesma forma inesperada com que M. Classen apareceu, ele foi colocado para fora às pressas. Mal entrara em foco lírido da aura luminosa cercando a mesa do casal, e a cena improvável terminou. Logo um gerente de rosto corado retornou para se desculpar profundamente.

Inesperadamente, a Atriz Loira escondeu o rosto, chorando. Lágrimas brilhando como joias descendo pelas bochechas. O Ex-A atleta a encarou, tocado e confuso. Nós podíamos ver como ele queria agarrar as mãos da Atriz Loira e confortá-la, mas a timidez o restringiu. (E os olhares de uma miríade de estranhos! A maioria de nós havia parado de se incomodar em olhar pelos espelhos e agora assistia de forma bastante aberta ao drama na

mesa do casal celebridade.) O belo rosto equino do Ex-Atleta ficou vermelho vivo. Ele estava impotente e furioso. Enquanto o gerente trapalhão continuava a se desculpar, o Ex-Atleta o interrompeu com uma obscenidade murmurada.

“Não! Ah, p-por favor! Não é culpa de ninguém.” A Atriz Loira reiterou o Ex-Atleta, ainda chorando, um lenço apertado nos olhos, e pediu licença para ir ao toalete. Que cena: conforme ela atravessava o restaurante, com urgência, mas em um passo sonâmbulo, escoltada pelo gerente abalado, o cabelo loiro-platinado flutuando, a silhueta feminina esculpida com suavidade dentro do vestido apertado com as infinitas pregas balançando, todos os olhares no restaurante seguiram seu rastro, os movimentos notáveis da parte inferior de seu corpo, como um longo plano-sequência em que a câmera segue, a uma distância discreta, o olhar desejoso de um voyeur invisível e anônimo. Parecia a todos que encaravam, até para o experiente Atirador de Elite, para quem estrelas de cinema e atletas campeões no fundo não significavam mais do que o centro do alvo, que a aura misteriosa pairando sobre a mesa do casal agora seguia a Atriz Loira até que, quase correndo para dentro do toalete, ela desapareceu de nosso escrutínio.

Lá, a Atriz Loira enxugou seus olhos lacrimosos com um lenço e reparou os estragos feitos ao rímel. Seu rosto queimava como se ela tivesse tomado um tapa. Que cena tão esquisita! Quando não se está preparada para chorar, chorar *dói*. E a gola perfurando sua garganta como os dedos de um homem a apertando, *como os dedos de Cass se ele conseguisse alcançá-la*. Ela fungava e estava empolgada, e notou atendente do salão do toalete a observando, despertada de seu transe pelo estado emocional da Atriz Loira. A atendente era poucos anos mais velha que a Atriz Loira, com uma pele morena. Com uma leve língua presa, perguntou:

— Senhorita? Você está bem?

A Atriz Loira garantiu que sim, sim! Em seu estado agitado a Atriz Loira não se importou de ser observada de perto. Revirou a bolsa branca com pérolas. Ela precisava de outro lenço, que a atendente lhe passou discretamente.

— Obrigada!

O salão do toalete era de um cor-de-rosa suave com dourado. A iluminação era suave e gentil. Pelo espelho, a Atriz Loira viu a atendente a

olhando, aquele rosto modesto, cabelo preto amarrado na nuca, sobrancelhas acanhadas, um queixo recuado e um pequeno sorriso com biquinho. *Você é linda, e eu sou medíocre e eu odeio você.* Mas não, a moça parecia genuinamente preocupada.

— Senhorita? Por favor, tem algo que eu possa fazer?

A Atriz Loira encarava a atendente no espelho. Será que essa moça era alguém que ela deveria conhecer? A Atriz Loira havia bebido demais, o espumante foi direto para sua cabeça e lhe dava vontade de chorar, ou rir; espumante tinha muitas reações, e ainda assim ela não resistia, nem a vinho tinto, e a proximidade com o Ex-A atleta a noite toda era ainda mais desorientadora, pois ali estava um homem cuja fama eclipsava a dela e poderia protegê-la da sua própria. Ali estava um homem que era um cavalheiro, e será que outra coisa importava de verdade?

Foi então que a Atriz Loira se deu conta de que conhecia a atendente de pele morena. Jewell! Uma das órfãs irmãs de Norma Jeane no Lar, quinze anos antes. Jewell, cujo jeito engraçado de falar era motivo de piada para os garotos mais cruéis. E Fleece, que Jewell amava, fazia piada às vezes. Jewell encarava a Atriz Loira pelo espelho. “Você pertence a este lugar aqui comigo, este é seu devido lugar.” A Atriz Loira estava prestes a exclamar com um sorriso. *Ah, será que é... Jewell? Nós não nos conhecemos?*

Exceto que uma voz a precaveu: *Não. Melhor não.*

Outra mulher entrou, vestida com glamour. A Atriz Loira se enfiou rápido em um dos cubículos do banheiro. Para cobrir o barulho gotejante de seu xixi, o qual desde a Operação (como ela pensava a respeito) saía quente, ardente, doloroso, ela puxou a descarga do banheiro uma vez, e outra. Tão vergonhoso! Ela se perguntou se Jewell a reconheceu; como se, ao reconhecer “Marilyn Monroe”, Jewell houvesse a reconhecido. Pois uma estava dentro da outra, interpretando o papel inventado para ela.

Cass disse para ela ao telefone, depois de descobrir sobre o aborto: “Não venha culpar Marilyn! Foi tudo você”.

Quando a Atriz Loira voltou à pia para lavar as mãos, a outra mulher havia entrado em um dos cubículos, graças a Deus. Já que não havia toalhas de papel, a Atriz Loira teve que esperar a atendente passar uma toalha de mão; ela agradeceu à moça e deixou uma moeda de cinquenta centavos em uma

tigela de moedas e notas sobre a estante. Quando se virou para partir, a atendente insistiu bruscamente:

— Com licença, senhorita.

A Atriz Loira sorriu para ela, perplexa. Será que havia esquecido alguma coisa? Mas estava agarrada à sua bolsinha de pérolas.

— Sim? O que foi?

A atendente sorriu de um jeito estranho. Ela estendia algo para a Atriz Loira em uma das toalhas de mão. A Atriz Loira apertou os olhos e viu um pedacinho de carne em forma de gota, uma substância vermelha e deformada, com o tamanho aproximado de uma pera. Brilhava com sangue fresco. Parecia imóvel. Não tinha a parte inferior do corpo, apenas uma miniatura de torso humano; sem rosto, mas com olhos rudimentares, um nariz, uma minúscula rachadura angustiada no lugar boca.

— Senhorita Monroe? Esqueceu isto.

O Ex-Atleta havia sacado sua carteira de couro novinha em folha e bateu-a na mesa. Veias em suas têmporas pulsavam ominosamente. Uma mulher linda chorando — se as lágrimas não fossem de reprovação a ele — simplesmente derretia seu coração.

“Für Elise”

Você sempre interpretará a si mesmo. Mas será em uma variedade infinita.

— Stanislavski, *A preparação do ator*

Não poderia ter sido o acaso. Pois naquele lugar em que ela permaneceria intermitentemente pelo resto de sua vida loira, não há acaso. *Lá eu descobri que tudo é necessidade, como farpas de plumas que entranham a carne enquanto dilacera.*

“Für Elise” — aquela linda melodia assombrosa.

“Für Elise” — que um dia ela tocou, ou tentou tocar. No piano branco brilhante de Gladys, que um dia pertencera a Fredric March. Nos dias da avenida Highland, Hollywood. Gladys havia se sacrificado para se certificar de que Norma Jeane tivesse aulas de piano e de voz, sabendo que um dia Norma Jeane seria uma artista. *Sempre, ela tivera fé em mim. E eu sabia tão pouco.* Havia seu professor de piano, sr. Peace, o qual ela adorava e temia, erguendo e guiando com firmeza seus dedos pelo teclado.

— Norma Jeane. Não seja boba. *Tente.*

Ela estava sozinha quando ouviu a música. Com a cabeça nas nuvens, subia uma escada rolante na Bullock’s, em Beverly Hills. Devia ter sido uma segunda-feira: nada de ensaios no Estúdio. Ela não estava fantasiada de Lorelei Lee (“O papel para o qual Marilyn Monroe nasceu!”), mas de uma

mulher fazendo compras em Beverly Hills. Ninguém a reconheceria, ela tinha certeza. Ela fora a Bullock's comprar presentes para o maquiador, Whitey, que era uma figura e tanto e a fazia rir; e para Yvet, a assistente do sr. Z, que foi tão gentil e paciente com ela e guardaria seu segredo; e uma linda camisola para Gladys que ela mandaria entregar no Lar de Lakewood com um cartão "Com amor, sua filha, Norma Jeane". Ela usava óculos tão escuros que tinha dificuldade de ver as etiquetas de preço, um casaco de linho folgado cor de areia e calça de linho. Sapatos de lona com sola de cortiça para confortar os pés feridos e doloridos. Sobre o fino cabelo loiro esvoaçante ainda um pouco amassado do sono ela havia amarrado um lenço azul-piscina, muito provavelmente um presente ou uma apropriação. Nessa época, as pessoas empurravam tudo para ela, de itens de roupa, até joias, inclusive herdadas de família, e por educação ou sua necessidade habitual de dizer algo que impedisse questões íntimas ela expressava a menor admiração por essas coisas.

Marilyn, prove! Ora, fica lindo em você! Por favor, fique com isso, eu insisto.

Na escada rolante para o segundo piso da Bullock's, começou a ouvir a melodia do piano sem saber o que era. Pois sua própria cabeça estava cheia como uma jukebox maníaca com sons de uma comédia musical de ritmo acelerado, música para dançar estridentemente sincopada. Barulhenta, vulgar. Mas ali era música clássica vinda de um piso superior. Não uma fita ou gravação, ela tinha certeza, mas música ao vivo: um pianista ao vivo? Ele estava tocando "Für Elise", de Beethoven! Perfurando seu coração como uma lasca do vidro mais puro.

"Für Elise", que Clive Pearce havia tocado lentamente para Norma Jeane, com gentileza, com tristeza, no piano branco mágico antes de levá-la embora para o orfanato.

Seu tio Clive.

— Uma última vez, querida. Você me perdoa?

Ela perdoaria! Ela perdoou.

Cem, mil vezes, ela perdoou a todos.

Na verdade, Marilyn Monroe não é como nas fotos. Ela parece mais nova, bonita e com um rosto doce. Não é uma beldade. Nós a vimos na Bullock's dia desses, fazendo compras. Ela parecia comum. Quase.

Como sob encanto, ela seguiu as notas de “Für Elise” para o quinto e último piso. Estava tão cheia de emoção que não poderia dizer por que estava ali, nessa loja; na verdade, ela odiava fazer compras; estar em público a deixava ansiosa; mesmo que estivesse em disfarce havia a possibilidade de olhos atentos e inteligentes desvendarem aquele disfarce pois *aquela era uma época de informantes, testemunhas*. (Até mesmo V, que fora uma estrela tão popular na época da guerra e que era cem por cento patriota, havia sido recentemente interrogado por um comitê do estado da Califórnia investigando comunistas e subversivos na indústria do entretenimento. Ah, se V deu a eles o nome dela! Será que ela já havia dito qualquer coisa a ele defendendo o comunismo? Mas V não a trairia, não é? Depois de tudo que haviam significado um para o outro?) Ainda assim, a música do piano a atraiu, ela não conseguia resistir. Os olhos se enchiam de lágrimas. Ela estava tão feliz! Em sua vida e carreira as coisas estavam indo bem. Ela pensava no futuro e não no passado, e eles lhe haviam dado o camarim grande no Estúdio que um dia pertencera a Marlene Dietrich, ela não podia se permitir pensar muito nisso pois ideias assim a deixavam empolgada e ansiosa. Ficou insone de novo. Só dormia se trabalhasse, trabalhasse, trabalhasse, fizesse exercício, dançasse e escrevesse em seu diário até ficar exausta.

Mas eles a proibiram de experimentar roupas na Bullock's. Todas as boas lojas. Porque ela manchou roupas. Ela não usa roupa íntima. Não é limpa. Ela é uma viciada em Benzedrina, ela sua.

O quinto andar da Bullock's era o mais chique. Roupas caras de marca, a seção de peles. Carpete fofo rosa opaco. Até a iluminação era etérea. Ali, Norma Jeane havia provado roupas para o sr. Shinn, e ele havia comprado um vestido de festa branco para a estreia de *O segredo das joias*. Como era fácil sua vida, como Angela! Não havia pressão em “Marilyn Monroe” na época; “Marilyn Monroe” mal existia três anos atrás. Apenas I.E. Shinn tivera fé nela.

— Meu Is-aac. Meu judeu. — Ainda assim, ela o havia traído. Ela o havia feito morrer de coração partido. Havia pessoas em Hollywood, parentes próximos do sr. Shinn, que a desprezavam como uma vagabunda manipuladora e ainda assim... o que ela havia feito? Como podia ser culpa

dela? — Eu não me casei com ele nem aceitei seu dinheiro. Só posso me casar por amor.

Ela amara Cass Chaplin e Eddy G., ainda que em uma hora febril tivesse abandonado o apartamento que compartilhava com eles. Gêmeos. Não havia futuro para os Geminianos. Ela tivera que escapar. Ela só teve tempo de pegar roupas essenciais, os livros especiais. Deixara todo o resto para trás, incluindo até o pequeno tigre listrado de pelúcia. Yvet supervisionou a mudança também. E emprestara para Norma Jeane outro apartamento, na avenida Fountain. (Yvet estava agindo sob a direção de Z, é claro. Pois Z, chefe de produções no Estúdio, tornara-se um zeloso cúmplice em sua vida, cordial e solidário a ela, seu investimento de milhões de dólares.) E agora, também, o Ex-A atleta afirmava amá-la, nunca havia amado uma mulher como a ela, queria se casar com ela. Já em seu segundo encontro, antes de sequer se tornarem amantes. Seria possível? Um homem tão famoso, tão gentil, generoso e um cavalheiro, querendo se casar com *ela*? Ela quisera confessar a ele que esposa ruim havia sido ao pobre Bucky Glazer. Ainda assim, em sua fraqueza e em seu medo de que ele deixasse de amá-la, ela acabou ouvindo sua voz de garota dizendo que o amava também e que sim, ela se casaria com ele algum dia.

Será que iria desapontar esse pobre homem também? Partir seu coração?

Acho que eu sou uma vagabunda... Eu não quero ser!

Lenta e cuidadosamente, Norma Jeane fora se aproximando do pianista por trás. Ela não queria distraí-lo. Ele estava sentado em um elegante Steinway *grand* perto da escada rolante que descia, um cavalheiro mais velho de gravata branca e fraque, dedos correndo sem errar pelas teclas brilhantes do teclado. Não havia partitura à sua frente; ele tocava de cabeça.

— É ele! Sr. Pearce!

É claro, Clive Pearce envelhecera de forma considerável. Fazia dezoito anos. Estava mais magro e o cabelo havia ficado totalmente prateado; a pele ao redor dos olhos inteligentes estava molenga e sem cor, o rosto um dia bonito se tornara uma ruína de rugas e pele caída. Ainda assim, com que beleza ele tocava piano para o público majoritariamente indiferente, mulheres ricas fazendo compras, a doçura assombrosa de “Für Elise” ignorada entre as conversas de vendedores e clientes. Norma Jeane queria gritar para esses outros. Como podem ser tão grosseiros? Eis aqui um

artista. *Escutem-no*. Mas ninguém no piso escutava Clive Pearce ao piano, exceto por sua ex-aluna Norma Jeane, já adulta. Ela estava mordendo o lábio, secando os olhos por trás das lentes escurecidas.

Marilyn com certeza gosta de música tocada ao piano! Nós a vimos ouvindo um velho tocando piano no andar de cima da Bullock's, talvez ela estivesse fingindo, mas eu acho que não. Tinha lágrimas nos olhos. Dava para ver que ela não usava sutiã, os mamilos quase eriçados por trás do tecido branco fino.

No apartamento novo e esparsamente mobiliado de Norma Jeane, na avenida Fountain, ela havia colocado ao lado da cama um Panteão de Grandes Homens cujas imagens ela havia recortado de livros ou revistas. Proeminente entre essas havia uma interpretação de Beethoven por um artista: testa poderosa, expressão feroz e cabelo bagunçado. Beethoven, o gênio musical. Para quem “Für Elise” não era mais do que uma bagatela, uma ninharia.

Também no Panteão estavam Sócrates, Shakespeare, Abraham Lincoln, Vaslav Nijinsky, Clark Gable, Albert Schweitzer e o dramaturgo americano que recentemente recebera o Prêmio Pulitzer por drama.

Depois de “Für Elise”, o pianista tocou diversos prelúdios de Chopin, e então a sonhadora “Stardust”, de Hoagy Carmichael. Isso também não poderia ser mero acaso, pois a única canção bonita em *Os homens preferem as loiras* era “When Love Goes Wrong, Nothing Goes Right”, de sr. Carmichael, que Lorelei Lee canta. Norma Jeane ouviu com reverência. Ela faltaria a diversos compromissos naquela tarde, incluindo uma reunião crucial com a figurinista, e ela havia prometido ao Ex-Atleta, que estava em Nova York, que estaria em casa às quatro da tarde para atender sua ligação. Ela estava tentando lembrar se tinha visto Clive Pearce em algum filme recente. Pois com todo aquele talento, o homem se encontrava em um nível inferior; o contrato no Estúdio deveria ter terminado muito tempo antes. Ele estava reduzido a ocupações como aquela! Tocando piano numa loja. Ela o ajudaria, se pudesse. Uma figuração em *Os homens preferem as loiras*, ou talvez ele pudesse tocar piano?

— É o mínimo que poderia fazer. Eu devo tanto a esse homem.

Era o intervalo do pianista. Norma Jeane aplaudindo com entusiasmo, se aproximou para se apresentar:

— Sr. Pearce? Você se lembra de mim? Norma Jeane.

Clive Pearce, levantando-se do banco do piano, a encarou por um longo momento estupefocado.

— Marilyn Monroe? Você é...?

— E-eu sou agora. Mas eu era... Norma Jeane. Você se lembra? Avenida Highland? Gladys Mortensen? Nós morávamos no mesmo edifício...

Uma das pálpebras do sr. Pearce caiu. Havia uma teia de veias finas quase invisíveis nas bochechas caídas. Mas ele estava sorrindo muito, piscando como se uma luz ofuscante brilhasse em seu rosto.

— Marilyn Monroe. Eu fico honrado.

Em sua veste formal, de fraque, gravata branca e sapatos pretos lustrosos, Clive Pearce parecia um manequim parcialmente trazido à vida. Norma Jeane havia estendido a mão em um gesto afetuoso para apertar a dele, como havia se tornado confiante em fazer, pois agora ela era uma daquelas mãos que as pessoas adoravam apertar e acariciar por longos segundos, e o sr. Pearce segurou as duas mãos de Norma Jeane, olhando-a maravilhado.

— Você é Clive Pearce, não é?

— Ora, sim. Sou. Como você me conhece?

— Eu na verdade sou Norma Jeane Baker. Ou melhor, Norma Jeane Mortensen. Você conhecia minha mãe, Gladys, Gladys Mortensen...? Você foi amigo dela, na avenida Highland? Por volta de 1935, creio eu.

Clive Pearce riu. O hálito cheirava a moedas de cobre seguradas por tempo demais em uma mão úmida.

— Faz tanto tempo! Ora, você não era nem nascida, srta. Monroe.

— Eu certamente era, sr. Pearce. Eu tinha nove anos. Você foi meu professor de piano. — Norma Jeane estava tentando não implorar. Inconscientemente, estava notando uma pequena reunião de estranhos observando de uma distância discreta. — Por favor, você não se lembra de mim? Eu era só uma g-garotinha. Você me ensinou a tocar “Für Elise”.

— Uma garotinha, tocando “Für Elise”? Minha querida, duvido muito.

Sr. Pearce parecia suspeitar que estivessem fazendo troça dele.

— Minha mãe era... é... Gladys Mortensen. Você não se lembra *dela*?

— Gladys...?

— Vocês eram amantes, eu achava. Quer dizer, você amava minha mãe... ela era tão linda, e...

O cavalheiro de cabelo prateado sorriu para Norma Jeane e faltou apenas piscar de tão confuso: *Sua mãe? Uma mulher? Não.*

— Minha querida, você pode estar me confundindo com alguém. Todos os ingleses são parecidos nessa Cidade de Lantejoulas.

— Nós moramos no mesmo prédio, sr. Pearce. Avenida Highland, 828, em Hollywood. A cinco minutos de caminhada do Hollywood Bowl.

— O Hollywood Bowl! Sim, acho que me lembro do edifício, um lugar pavoroso caindo aos pedaços e lotado de baratas. Fiquei pouco tempo lá, graças a Deus.

— Minha mãe não estava bem, ela teve de ser levada embora e hospitalizada. Você foi meu tio Clive. Tia Jessie e você me levaram para o or-or-orfanato?

Finalmente o sr. Pearce se assombrou. A expressão ficou atenta e austera.

— Tia Jessie? Tem alguma mulher dizendo que foi minha *esposa*?

— Ah, não. Esse era apenas o jeito que eu chamava vocês. Quero dizer... Você queria que eu ligasse para você, para você e para ela, mas eu não podia. Você não se lembra mesmo? — Norma Jeane estava francamente implorando agora. Parada perto do homem idoso, que era centímetros mais baixo do que ela se lembrava, para que aquele círculo de espectadores não pudesse ouvi-los tão bem. — Você me ensinou piano em uma espineta Steinway marfim, minha mãe a conseguira com Fredric March...

Nesse instante, Clive Pearce estalou os dedos.

— A espineta! É claro. Minha querida, eu tenho esse piano em minha posse.

— Você tem o piano da minha m-mãe?

— O piano é meu, querida.

— Mas... como você conseguiu?

— Como eu consegui o piano? Ora, um momento. — Clive Pearce franziu a testa e crispou os lábios. Estreitou os olhos com o esforço para lembrar. — Creio que o senhorio tomou posse de alguns dos pertences de sua mãe, por causa do dinheiro que ela devia. Sim, acho que foi isso. O piano havia sido levemente danificado pelo incêndio... Acho que me lembro de fogo...? E então me ofereci para comprar. Mandei consertar e estou com ele desde então. Um adorável pianinho do qual eu nunca poderia me separar, nunca.

— Nem mesmo por um... preço alto?

Contorcendo os lábios, Clive Pearce considerou isso. Sorrindo então do jeito que Norma Jeane se lembrava, do jeito que a fizera estremecer, ali estava o tio Clive maliciosamente astuto em quem não se deveria confiar.

— Minha querida e bela Marilyn, talvez eu pudesse abrir uma exceção especial para *você*.

Dessa forma mágica Clive Pearce foi contratado como figurante em *Os homens preferem as loiras*, tocando piano no fundo de uma cena que se passava no saguão luxuoso de um transatlântico a vapor, e a espineta Steinway que um dia pertencera a Fredric March foi comprada por Norma Jeane por 1.600 dólares, emprestados do Ex-Atleta.

O grito. A canção.

Você vai imaginar que no mesmo espaço que ocupa com seu próprio corpo, real, existe outro corpo: o corpo imaginário de seu personagem, que você criou em sua mente.

— Michael Chechov, *Para o ator*

O Estúdio não mandou um carro preto e reluzente digno de uma rainha, mas um Nash corcunda e feio com uma melancólica cor de água suja que sai da louça lavada e um chofer de uniforme e quepe, pele escura e parecendo uma criatura parte sapo e parte humana, com enormes olhos brilhantes e vítreos dos quais ela se encolhia.

— Ah, não olhe para mim! Esta não sou eu. — Ela havia engolido areia, a boca estava seca. Ou eles haviam enfiado um pano de algodão em sua boca para sufocar seus gritos? Tentava explicar que tinha mudado de ideia para a mulher de sorriso emoldurado por batom e luvas de renda preta que a empurrava para o banco de trás, mas a mulher se negou a ouvir. E as mãos da mulher tão fortes, hábeis e experientes.

— Não. Por favor. Eu q-querio voltar. Isso é um... — A ofegante voz apavorada de uma garota. Miss *Golden Dreams*? O Chofer Sapo levou o veículo corcunda com agilidade e habilidade louváveis pelas ruas brilhantes da Cidade de Areia. Não era noite, ainda que o sol a cegava tanto que era quase como se estivesse escuro.

— Ah, ei...! Eu mudei de ideia, está bem? Eu tenho vontade própria, sou capaz de pensar sozinha! Sou sim! — Havia grãos de areia não apenas em sua boca, mas nos olhos.

A mulher com as mãos enluvadas fez uma expressão que poderia ser descrita como um franzir de testa sorridente. Uma parada sacudiu o carro todo. Norma Jeane foi induzida a perceber que eles haviam viajado pelo Tempo. *Qualquer papel para o ator é uma jornada no Tempo. É a sua versão anterior da qual você se separa para sempre.* Uma calçada súbita! Um lance de escadas de concreto! Um corredor e um cheiro pungente químico-médico como o cheiro das mãos de garotão de Bucky Glazer. Ainda assim a surpresa (como em um filme em que uma porta se abre inesperadamente e uma música começa a tocar) de um quarto elegantemente mobiliado. Uma *sala de espera*. As paredes eram de painéis de madeira polida, os quadros, reproduções de Norman Rockwell da *The Saturday Evening Post*. Havia cadeiras “modernas” com pernas tubulares. Uma brilhante escrivaninha ampla e... um crânio humano? O osso era amarelado, com rachaduras finas como se esmaltado, enervantemente vazio no topo (o resultado de uma autópsia? Havia aberto um orifício na parte de cima do osso?) e cheio de canetas, lápis e os cachimbos caros do médico. Esse era oficialmente o dia de folga dele. O médico jogaria golfe mais tarde naquela manhã no Country Club de Wilshire com seu velho amigo Bing Crosby. Agora havia luzes brilhantes como safiras que a confundiam como se fossem ilusões. No alvorecer, ela se arrastou de sua cama, suada para engolir um ou dois ou três comprimidos de codeína.

— Por favor, não, me escutem, por favor, eu mudei de ideia. — Ainda assim, não era uma ideia sua para mudar. Ela disse a si mesma para se animar. *Esta luz é esterilizante. O perigo de germes e infecções será mínimo.* (Tais pensamentos curiosos e cômicos regularmente atravessavam com fugacidade sua mente no estúdio de gravação. O exagero de luzes, a intensidade do olho vítreo da câmera encarando-a, a noção disso, conforme a filmagem começava, conforme sua versão cinematográfica emergia, sem esforço e em um piscar de olhos; por aquela duração de tempo você e a Amiga Mágica eram uma só, em segurança e alegria completas.) Ainda assim ela estava tentando explicar que cometera um erro, não queria a Operação; sim, mas ela estava em “boas mãos”; o sr. Z havia prometido. Um

investimento de milhões de dólares não poderia ser arriscado. Era certo, ela não estava correndo risco algum. Se ela fosse “Marilyn Monroe”, ela nunca correria risco se o Estúdio pudesse prevenir. Para garantir a ela, Yvet cantarolava: “Você está em boas mãos para curar a tristeza, essas são boas mãos para lhe trazer beleza. Boas mãos do nascer ao pôr do sol”. Vendo que não ouviriam suas súplicas, ela disse em seguida, com sua voz de garotinha sensual, cômica e ofegante como a de Lorelei Lee:

— Ah, vejam só...! Sabem de uma coisa, pessoal...? Eu meio que espero que vocês todos comecem a cantar e dançar?

Doutor não sorriu diante dessa observação, mas Doutor sorriu. Ele tinha uma cara de cogumelo, um nariz gorducho com pelos. Ele a chamava de “minha querida” talvez para reafirmar que não sabia seu nome e nunca o pronunciaria. Então haveria aquele alívio, Doutor não reconheceu a paciente famosa. Nenhum deles *a* conhecia. Ela estava tremendo nua, sob um avental fino. Bucky nunca a havia autorizado a ver qualquer cadáver, ainda assim, de alguma forma, ela tinha visto e ela sabia. A pele acinzentada, os olhos fundos. Quando a pele esponjosa é cutucada com o dedo, não volta para o lugar. Ela sentia a pele encolher de pavor e mordida o lábio para se segurar de soltar uma risada histérica. Eles a colocaram na mesa onde lenços de papel farfalharam e amassaram sob ela. Ela estava gotejando xixi, de tanto medo, e eles a limpavam sem falar nada e posicionaram seus pés nos apoios. Seus pés descalços! As solas de seus pés são tão vulneráveis!

— Por favor, não olhe para mim? Não tire fotos? — Tia Elsie havia aconselhado: “Só fique fora do caminho deles, é simples assim”. Era assim que Norma Jeane fazia amor, na maior parte; ela se deitava muito imóvel, sorrindo com alegria pelo que aconteceria, doce, desfocada e esperançosa, e ela se abria para o amante, fazia de si mesma um presente ao amante; não é isso que os homens querem, no fundo? A surpresa era o Ex-Atleta ser um amante gentil ainda que vigoroso, um amante de mais idade, como V, arquejando, suando e grato, e nunca o Ex-Atleta, que era um cavalheiro, riria dela, faria piada como os Geminianos fizeram, sem dó nem piedade.

— Manchete para o *Tatler*: “REVELAÇÃO TÉTRICA: ÍCONE SEXUAL MARILYN MONROE INDAGA “MAS FODER É UM VERBO?”. — Risos e mais risos.

Bem, ela havia rido também. E Doutor fazia cócegas nela com seus dedos emborrachados. Dedos cutucando, mexendo dentro dela. Como tio Pearce

para cima e baixo, na junção das nádegas como um ratinho safado. Mas saindo tão rápido que nem se notava que estivera ali. A codeína a havia amortecido, ela entrara naquele estado em que se sente dor a distância. Como se ouvisse gritos do quarto ao lado. Doutor dizendo “Não se debata, por favor. Haverá um mínimo de dor. Esta injeção vai te induzir a um sono leve. Nós não queremos ter de amarrar você”.

— Espere. Não. Tem alguma coisa errada, eu... — Ela empurrou as mãos. Eram mãos de borracha. Ela não conseguia ver rosto algum. Acima, a luz era cegante. Era possível que ela houvesse viajado para longe, no futuro e o sol havia se expandido para preencher o céu inteiro. — Não! Esta não sou eu! — Ela havia conseguido deslizar para fora da mesa, graças a Deus. Gritaram atrás dela, mas ela havia partido. Correndo de pés descalços, arfando. Ah, ela poderia fugir! Não era tarde demais. Ela fugiu depressa pelo corredor. Conseguia sentir o cheiro de fumaça. Ainda assim, não era tarde demais. Subindo um lance de escadas, a porta estava destrancada, então ela empurrou para abrir. Lá, os rostos familiares de Mary Pickford, Lew Ayres, Charlie Chaplin. Ah, Carlitos! Charlie era seu papai verdadeiro. Aqueles olhos! No recinto ao lado havia um som abafado. Sim, o quarto de Gladys. Um lugar proibido às vezes, mas agora Gladys não estava lá. Ela entrou correndo e lá estava a cômoda. E lá, a gaveta que deveria abrir. Ela puxou, puxou, puxou aquela gaveta. Estava emperrada? Será que era forte o suficiente para abri-la? Enfim, ela abriu, e o bebê agitava mãos e pés minúsculos, respirando com dificuldade. Engasgando e inspirando para chorar. Justo quando o gelado espéculo de metal entrou em seu corpo por entre suas pernas. Justo quando a esvaziaram como se limpassem as entranhas de um peixe. As entranhas caindo pelas beiradas da pá. Ela atirou a cabeça de um lado para o outro gritando até que os tendões na garganta cederam.

O bebê gritou. Uma vez.

— Srta. Monroe? Por favor. Está na hora.

Bem, mais que na hora. Eles estavam chamando por ela fazia quanto tempo? Batendo com cuidado na porta do camarim. Ela ficou ali dentro por quarenta minutos, o cabelo perfeito, máscara cosmética perfeita, num transe, encarando o vestido longo de seda rosa-sensual, luvas até os cotovelos e a parte de cima de seus notáveis seios à mostra e as joias

brilhantes do figurino nas orelhas e ao redor do adorável pescoço. E a perfeição da boca de boceta lustrosa. Hora de interpretar “Diamonds are a Girl’s Best Friend”.

Monroe foi impecável. Uma profissional de verdade. Uma vez que cada palavra, cada sílaba, cada nota e cada batida foram memorizadas, ela funcionava como um relógio. Não era uma “personagem” — um “papel”. Ela deveria ter a habilidade de se enxergar já no filme, como uma animação. A animação que ela conseguia controlar de dentro de si. Controlava como a animação seria vista por estranhos em um cinema escuro.

Isto era o que Marilyn Monroe era na tela: a imagem animada que estranhos um dia veriam e adorariam.

Uma vez me enviaram para buscá-la, eu bati na porta e coloquei a orelha para ouvir, e juro que ouvi um bebê gritar lá dentro. Não alto, não como se houvesse um bebê naquele recinto, mas com certeza eu ouvi um bebê gritar. Só uma vez.

O Ex-Atleta e a Atriz Loira: o pedido

1.

Haveria observadores — ao considerar em retrospectiva o casamento condenado, como quem anatomiza um defunto — que se perguntariam se era um pedido de fato ou se, em vez disso, era uma declaração coercitiva.

O Ex-Atleta dizendo em voz baixa para a Atriz Loira: “Nós nos amamos, é hora de nos casarmos”.

E houve uma pausa. E em seu pavor silencioso, a Atriz Loira sussurrou: “Ah, sim! Sim, querido!”. E, confusa, acrescentando com uma risada estridente e nervosa: “Eu a-acho!”.

(Será que o Ex-Atleta ouviu essas últimas palavras enroladas? As evidências sugerem que *não*. O Ex-Atleta ouvia qualquer palavra da Atriz Loira que desafiasse seu orgulho, dita em murmúrio ou de qualquer outra maneira? As evidências sugerem que *não*.)

E então eles estavam se beijando. E terminando a garrafa de espumante. E então fazendo amor outra vez, com ternura e esperança infantil. (Na Suíte Imperial, que fazia jus ao nome, no Beverly Wilshire, onde o Estúdio deixou Marilyn Monroe na noite depois da festa de gala no hotel para quinhentos convidados em celebração à estreia de *Os homens preferem as loiras*. Ah, que noite!) E de súbito a Atriz Loira estava chorando. E o Ex-Atleta ficou profundamente tocado e fez o que amantes fazem em romances bregas ou em filmes dos anos 1940: ele beijou as lágrimas de sua amada.

Dizendo “Eu simplesmente amo tanto você”.

Dizendo “Eu simplesmente quero proteger você desses chacais”.

Dizendo com agressividade de garoto, erguendo-se sobre ela com os cotovelos, espiando-a de cima como alguém que analisa um território traiçoeiro na ilusão benigna de que atravessá-lo não apenas seria possível, mas uma aventura, “Só quero levar você para longe daqui. Quero que seja feliz”.

2.

Em momentos cruciais a imagem no filme sai de foco. Esta é a única cópia existente; dá para imaginar seu valor para os colecionadores. É claro, a trilha sonora está ruim. Aqueles de nós que podem ler lábios (é uma habilidade útil para um fã) estão em vantagem óbvia, ainda que não muita já que o Ex-Atleta não era apenas um homem reticente, mas quando falava, movia os lábios de forma esquisita como se a fala fosse uma vergonha, como a própria emoção fosse abrupta e ingovernável; e a Atriz Loira, quando não enunciando de propósito para a câmera (com a qual ela conseguia se “comunicar” como nenhuma outra pessoa viva), tinha uma tendência exasperante a balbuciar e engolir palavras.

Marilyn, nós queremos gritar para você. Olhe para nós. Sorria. Um sorriso de verdade. Esteja feliz. Você é *você*.

Quando o Ex-Atleta falava de “chacais” e de querer levar a Atriz Loira “para longe daqui”, ele estava aludindo ao Estúdio (ele sabia como os executivos a exploravam, quão pouco pagavam pelos milhões de dólares que ela gerava), à toda a Hollywood e possivelmente ao mundo vasto além, que, o instinto lhe dizia, apesar de sua fama, não a queria bem. (Ou qualquer um deles. Afinal, fãs de beisebol não haviam vaiado o Ex-Atleta quando, mancando com um esporão de calcâneo, ele não atendeu às expectativas deles?) Seu desprezo masculino implacável talvez notasse, também, a gentilha teimosa de meia dúzia ou mais de fãs naquele exato momento do outro lado da rua, em um Wilshire Boulevard chuvoso (pois haviam sido expulsos por porteiros do grandioso hall do hotel) com cadernos de autógrafos imensos e câmeras Kodak baratas, esperando pelo casal de celebridades sair; a não ser que fosse suficiente para esses adoradores se regozijarem ao saber que, apesar de invisíveis e de todas as formas inacessíveis a eles, o belo moreno Ex-Atleta e a linda Atriz Loira poderiam

naquele exato momento estar copulando como Shiva e Shakti, construindo e destruindo o Universo?

Uma coisa está clara. Depois que o Ex-Atleta diz com paixão “Quero que seja feliz”, a Atriz Loira sorri confusa e responde algo, mas as palavras se perdem em estática. Um leitor labial infatigável, após estudar essas gravações repetidamente, especulou que a Atriz Loira respondeu: “Ah...! Mas eu sou feliz, eu fui feliz minha v-vida toda”. Então como uma supernova explodindo, o Ex-Atleta e a Atriz Loira em seu abraço desesperado entre os lençóis sedosos emaranhados da cama maior que um sarcófago faíscam e se incineram em luz sem corpo — enquanto o próprio filme se derrete.

É um fato histórico. Apropriado, se irônico. Aprendemos a viver com isso como qualquer fato irremediável da história. Nosso instinto é de imediatamente rebobinar o filme e repetir a gravação, esperando que desta vez vá resultar em algo diferente e todos nós possamos ouvir com mais clareza as palavras gaguejantes da Atriz Loira...

Mas não, nós nunca ouviremos.

3.

Na clamorosa estreia de *Os homens preferem as loiras* no cinema reformado do Grauman's Egyptian Theatre, no Hollywood Boulevard, entre holofotes e flashes de câmeras e assobios, gritos e aplausos, viera, furtiva como uma leoa, Yvet, a mulher de confiança do sr. Z, para murmurar misteriosamente na orelha da Atriz Loira:

— Marilyn. Acabei de descobrir. Certifique-se de ir sozinha para sua suíte de hotel hoje à noite. Alguém especial estará esperando por você lá.

A Atriz Loira fechou a mão ao redor da orelha lotada de diamantes.

— Alguém especial? Ah. Ah!

Aquele caco de vidro perfurando o coração. Em meio às borbulhas da onda de Benzedrina, praticamente todas as observações que se ouve são obras do destino, uma facada dolorida e doce no coração. E Benzedrina e espumante, que combinação! A Atriz Loira estava apenas descobrindo o que todo mundo em Hollywood sabia.

— Será que é... meu p-pai?

— Quem?

A música ensurdecadora da trilha sonora — “A Little Girl from Little Rock”. Com a multidão clamorosa e a voz amplificada do anunciador, Yvet não ouviu, muito menos o que a Atriz Loira queria exatamente que ela ouvisse. (Raciocinando com a lógica da Benzadrina, se o visitante misterioso fosse de fato o pai de Norma Jeane Baker/Marilyn Monroe, ele teria escondido sua identidade de estranhos; sua identidade seria revelada única e exclusivamente para *ela*.) Yvet em esbelto veludo preto e uma única fileira de pérolas, cabelo acinzentado e olhos acinzentados perplexos perfurando a alma da Atriz Loira. *Eu conheço você. Eu vi a sua maldita boceta. Suas entranhas reviradas para fora como as de um peixe. Eu sei.* Yvet pressionou seu indicador contra os lábios. Era segredo! Não podia contar. A Atriz Loira — que não havia se dado conta de que estava agarrando o pulso da mulher mais velha como uma assustada adolescente eufórica — decidiu não ficar insultada com o aviso, mas expressar, como a própria Lorelei Lee poderia ter feito, com gratidão apenas:

— Obrigada!

Para que eu não trouxesse um homem de volta comigo. Ficasse bêbada e escolhesse alguém. É assim que imaginam Marilyn.

O Ex-Atleta, para a decepção extrema da equipe de relações públicas do Estúdio, não estava acompanhando a Atriz Loira na *première*. Ela seria acompanhada em sua espetacular elegância loira por executivos do Estúdio, seus mentores, sr. Z e sr. D. O Ex-Atleta estava longe na Costa Leste sendo homenageado no Hall da Fama de Beisebol. Ou será que estava em Key West, pescando com Papa Hemingway, um dos maiores fãs do Durão? Ou em Nova York, sua cidade favorita, onde poderia ser quase anônimo, jantando com Walter Winchell no Sardi's, ou com Frank Sinatra no Stork Club, ou no restaurante de Jack Dempsey na Times Square na mesa do ex-campeão de pesos-pesados, bebendo e fumando charutos e dando autógrafos ao lado do próprio lendário Dempsey.

— Sabe o que é “celebridade”, garoto? É quando te pagam para enganar todo mundo por todo o tempo que restar do curso natural da sua vida.

Assim que Dempsey ganhou o título de peso-pesado em 1919, ele perdeu a fome pelo boxe. Pelo ringue. Pelos fãs. Até por ganhar — “Ganhar é para otários”. O Ex-Atleta admirava como diabo seu companheiro ex-campeão em um esporte mais masculino e mais perigoso e portanto mais profundo

do que beisebol, esse Dempsey em pele desgastada feito couro de elefante, acima do peso, dando piscadelas e rindo... “Ei, eu consegui. O grande Dempsey!”

A Atriz Loira não tinha ciúmes da carência fraterna e juvenil do Ex-A atleta por homens machões. A própria Atriz Loira poderia compartilhar desta carência.

Quantas horas árduas e tediosas foram necessárias para preparar a Atriz Loira para esta noite de comemoração! Ela havia chegado ao Estúdio às duas da tarde, já uma hora atrasada, de calça, casaco e sapatos baixos de lona. Chegou ao Estúdio sem maquiagem alguma, exceto pelo batom. Nenhuma sobrancelha! Ela ainda não havia tomado sua Benzedrina prescrita, para que estivesse em um humor claro e cortante. O cabelo loiro-platinado amarrado em um rabo de cavalo, ela parecia ter dezesseis anos talvez, uma líder de torcida bonita do sul da Califórnia, mas pouco extraordinária com um busto incomumente bem-desenvolvido.

— Por que diabo eu não posso só ser eu mesma? — reclamou ela. — Uma vez na vida.

Ela gostava de divertir a equipe do Estúdio. Ela gostava da risada deles e que eles gostassem dela. *Marilyn é uma de nós. Ela é ótima.* Percebia-se nela, às vezes, uma necessidade frenética de ganhar a afeição de cabeleireiros, maquiadores, mulheres do figurino, câmeras, técnicos de iluminação, o exército de funcionários do Estúdio que só tinham primeiros nomes como “Dee-Dee”, “Tracy”, “Whitey”, “Fats”. *Como a Marilyn Monroe realmente é...? Maravilhosa!* Ela lhes dava presentes. Alguns eram coisas que ela ganhava e repassava, outros eram comprados. Dava ingressos de cortesia. Ela se lembrava de perguntar a eles sobre as doenças das mães, o siso encavalado, os filhotes de cocker spaniel, as vidas amorosas tumultuadas que pareciam a ela tão mais interessantes que a sua.

Não quero ouvir qualquer coisa contra Marilyn, vou socar a porra da sua cara até engolir seus dentes. Ela é a única deles que é humana.

No dia da estreia de *Os homens preferem as loiras*, meia dúzia de mãos especialistas atravessaram a Atriz Loira como depenadores de frango atravessam carcaças de aves. O cabelo foi lavado, recebeu um permanente, e a raiz escura foi descolorida com uma água oxigenada tão forte que tiveram que ligar um ventilador diante da Atriz Loira para impedir que se asfixiasse,

seu cabelo então foi lavado outra vez e colocado em enormes rolos plásticos cor-de-rosa, e um secador rugindo foi baixado em sua cabeça como uma máquina destinada a dar choques elétricos. Seu rosto e pescoço foram vaporizados, gelados e receberam creme. O corpo foi banhado e oleado, os pelos desagradáveis removidos; ela foi polvilhada, perfumada, pintada e colocada para secar. As unhas das mãos e dos pés foram pintadas em um carmesim brilhante para combinar com a boca neon. Whitey, o maquiador, havia trabalhado por mais de uma hora quando viu, para seu desgosto, uma assimetria sutil nas sobrancelhas escurecidas da Atriz Loira e as removeu por completo para refazê-las. A pinta no rosto foi colocada a um décimo de fração de centímetro errado, e então prudentemente restaurada à posição original. Cílios falsos colados no lugar. Em exasperação, o sacerdotal Whitey entonou:

— Srta. Monroe, por favor, olhe *para cima*. Por favor, não *se encolha*. Por acaso eu já *esfaqueei* você no olho? — O lápis delineador se movia perigosamente perto do olho da Atriz Loira, mas não entrava de fato.

A essa altura, a Atriz Loira já havia tomado um comprimido de Nembutal para acalmar os nervos, pois ela estivera se sentindo não ansiosa com a *première* naquela noite (houve inúmeras exibições de *Os homens preferem as loiras*, pré-estreias e críticas adiantadas dizendo que o filme era um estouro certo e que Marilyn Monroe era uma Lorelei Lee perfeita), mas estranhamente brava e impaciente. E talvez sentisse falta do Ex-Atleta? Ela tinha medo de que ele estivesse longe da *première* por se ressentir de tanta atenção lançada a ela.

Quando o Ex-Atleta estava longe dela, a Atriz Loira sentia sua ausência gritante. Quando o Ex-Atleta estava com ela, a Atriz Loira com frequência tinha pouco a dizer para ele, e ele, para ela.

— Mas talvez seja assim que um casamento deva ser? Duas almas. Imóveis.

O Ex-Atleta reluzia de orgulho de ser visto com a Atriz Loira ao seu lado em lugares públicos. Ele tinha quase quarenta anos; ela era mais jovem e aparentava ser mais ainda. Depois de passeios assim, o Ex-Atleta estava pronto para fazer amor com o vigor de um homem de metade da sua idade. No entanto, o Ex-Atleta era levado à raiva se outros homens encarassem a Atriz Loira de forma muito óbvia. Ou se comentários vulgares fossem feitos

no seu campo de audição. Em geral, ele não aprovava as performances públicas da Atriz Loira, sua versão Marilyn. Ele queria que ela usasse roupas provocantes para ele, mas não para os outros. Ele havia ficado chocado e enojado com *Torrentes de paixão*, tanto o filme quanto os pôsteres lascivos e onipresentes. Ela não tinha controle contratual algum sobre a maneira como divulgavam sua imagem? Ela não se importava de ser comercializada como um pedaço de carne? Quando “Miss *Golden Dreams*” foi ressuscitada como a matéria central na primeira edição da *Playboy*, o Ex-Atleta se enfureceu. A Atriz Loira tentou explicar que a foto nua não pertencia a ela e que fugia de seu controle; havia sido comprada da empresa de calendários sem a sua permissão e sem pagamento. O Ex-Atleta soltou tanta fumaça pelas orelhas que poderia matar os desgraçados, cada um deles.

No espelho, ela encarava olho no olho.

— E talvez seja assim que o casamento deva ser também? Um homem que se importa comigo. Que nunca me exploraria.

Antes de partir para o cinema, a Atriz Loira engoliu uma, talvez duas, Benzadrinas para neutralizar o efeito do Nembutal. O coração parecia estar *desacelerando*. Ah, que necessidade poderosa ela sentia, uma necessidade maravilhosa de se enroscar no chão e *dormir*. Nessa noite, a mais feliz e mais triunfante de sua vida, querendo nada mais do que *dormir, dormir, dormir como a morte*.

A Benzadrina mudaria isso. Ah, sim! As balinhas eram garantia de acelerar o coração e trazer uma efervescência delirante ao sangue e ao cérebro. Aquela corrente doce e quente atingindo a cabeça como um raio do céu. Mas não havia perigo ali, pois as drogas da Atriz Loira eram exclusivamente legais. Nunca a Atriz Loira sucumbiria aos destinos esfarrapados de Jeanne Eagels, Norma Talmadge, Aimee Semple McPherson. Nunca se afastaria das *ordens médicas*. A Atriz Loira era uma moça inteligente e atenta, totalmente diferente de uma típica atriz de Hollywood. Aqueles que a conheciam bem a conheciam como Norma Jeane Baker, uma garota nascida em Los Angeles que havia saído dos bueiros, abrindo caminho a unhas e dentes. O médico do Estúdio, doutor Doc Bob providenciava apenas medicações apropriadas. Ela sabia que podia confiar nele, o Estúdio não arriscaria seu investimento de milhões de dólares. Benzadrina, com moderação: para “aliviar um humor mais sombrio”, para “energizar rapidamente” em caso de extrema

necessidade para uma atriz exausta. Nembutal, com moderação: para “acalmar os nervos”, para gerar um “sonho restaurador sem sonhos” em caso de extrema necessidade para uma exausta atriz insone. A Atriz Loira perguntou com preocupação para Doc Bob se essas drogas poderiam viciar e Doc Bob pôs a mão, num gesto paternal, em seu joelho com covinhas e disse:

— Ah, querida! A vida pode viciar. Ainda assim, precisamos viver.

4.

Cinco horas e quarenta minutos tediosamente árduos foram necessários para replicar a Atriz Loira como Lorelei Lee de *Os homens preferem as loiras*. Mas essas multidões animadas pelo Hollywood Boulevard! Gritos de “*Marilyn! Marilyn!*”. Você tinha que aceitar que valia o esforço, não?

Ela foi costurada dentro de seu vestido. O feito em si havia requerido mais do que uma hora. Era o vestido sem alças rosa-sensual que a servia como uma camisa de força, um decote profundo revelando o topo de seus seios cor de creme. Pequenas respirações, calculadas, alertaram-na. Nos braços, luvas até os cotovelos justas como torniquetes. Nas orelhas tenras, ao redor de pescoço maquiado e nos braços, havia diamantes brilhantes (na verdade, zircão, propriedade do Estúdio) e, na cabeça de algodão-doce platinado, a tiara de “diamantes” que ela usara brevemente no filme. Uma estola de raposa-do-ártico sobre os ombros nus, e nos pés, já doloridos, sapatos salto agulha rosa-sensual tão justos e oscilantes que a Atriz Loira apenas conseguia caminhar em modestos passos de formiga, sorrindo, apoiando-se nos braços em smoking do sr. Z e sr. D, respeitáveis como donos de funerárias. O trânsito pelo Hollywood Boulevard havia sido desviado por quadras, e milhares de espectadores — dezenas de milhares?, centenas de milhares? — estavam sentados em bancos pelo Boulevard e se apertavam barulhentos atrás de barricadas de polícia. Conforme o comboio de limusines do Estúdio passava, cabeças decapitadas de rosas vermelhas recém-desabrochadas eram lançadas. Um canto enlouquecido das multidões — *Marilyn! Marilyn!* —, era preciso aceitar que isso valia qualquer esforço, não era?

Holofotes a cegaram, gritos e assobios e microfones enfiados em seu rosto.

— *Marilyn!* Conte para a audiência de nossa rádio: você está sozinha hoje à noite? Quando vocês dois vão se casar?

Ao que, com esperteza, a Atriz Loira respondeu:

— Quando eu me decidir, vocês vão ser os primeiros a saber. — Uma piscadela. — Antes, inclusive, dele.

Risada, vivas, assobios e aplausos! Uma agitação de botões de rosa como passarinhos dementes.

Com sua glamourosa coadjuvante morena Jane Russell, lá estava a Atriz Loira lançando beijos e acenando para os holofotes, os olhos animados então e as bochechas com ruge brilhando. Ah, ela estava feliz! *Ela estava feliz!* * gemini * (a marca de filme) preserva esta alegria para sempre. Se Cass Chaplin e Eddy G. estivessem lá em qualquer lugar na multidão, encarando a Atriz Loira — odiando-a, a Norma deles, a Mãezinha deles, a Peixinha de estimação; como aquela vagabunda os havia traído; como havia trapaceado e logrado da paternidade que acreditavam beirar o absurdo, se não monstruoso, mas que haviam aprendido a aceitar, com o tempo, como um destino extraordinário porém ingovernável —, até os lindos rapazes de Gêmeos não conseguiriam negar a alegria da Atriz Loira, ela-que-era-tão-tímida, confrontando a sua primeira grande multidão. *Fãs!* O efeito da Benzedrina em sua forma mais pura. Hollywood amava (ou assim se dizia) que no set de *Os homens preferem as loiras*, a morena Jane Russell e a loira Marilyn Monroe não eram rivais, mas amigas. As garotas haviam sido da mesma escola de ensino médio! “Que coincidência incrível. De algum modo, era de se imaginar. Só nos Estados Unidos isso acontece.” Na presença de Jane Russell, a Atriz Loira tendia a ser irônica e bancar a espertinha, levemente atrevida, enquanto Jane, uma cristã devota, tendia a ser ingênua e se chocar com facilidade. Justo o oposto do filme. Enquanto os dois ícones do glamour vestidos com luxo paravam na plataforma brilhando e acenando para a multidão, as duas costuradas em vestidos camisa de força decotadíssimos, as duas respirando em pequenas arfadas comedidas, a Atriz Loira disse com o canto da boca cheia de batom:

— Jane! Nós duas poderíamos causar um tumulto imenso, adivinha como?

Jane riu e perguntou:

— Tirando a roupa?

A Atriz Loira lhe lançou um olhar coquete, meio de soslaio, e lhe deu uma cotovelada, de leve, logo abaixo de seus enormes seios saltados.

— Não, *baby*. Um beijo.

O olhar de Jane Russell!

Momentos tão deliciosos, que biógrafos e historiadores de Hollywood desconheceriam, que *gemini* (o filme) preserva.

5.

— Eu morri? O que é tudo isso?

Painéis florais enfiados em seu camarim, infantis demais para sua idade. Pilhas de telegramas e cartas. Presentes de “fãs” em embrulhos amadores. Eram indivíduos sem rosto, anônimos, devotados, que compravam ingressos de cinema por todo o vasto continente norte-americano, que faziam o Estúdio ser possível, e a Atriz Loira. De início, a Atriz Loira se sentira lisonjeada, é claro, nos levianos meses iniciais da fama. Ela havia lido e chorado por suas cartas de fãs. Ah, algumas das cartas sinceras e de coração! Cartas de coração partido! Cartas do tipo que a própria Norma Jeane poderia ter escrito, como uma jovem adolescente deslumbrada. Havia cartas de pessoas deficientes, e de pacientes misteriosamente doentes e incapacitados em hospitais para veteranos e idosos, ou dos que pareciam idosos e daqueles que assinavam cartas como poetas: “Coração ferido”, “Devotado a Marilyn para sempre”, com referências a poemas de amor como de John Keats — “Fiel para sempre a *La belle dame sans merci*”. A essas, com a ajuda de assistentes, a Atriz Loira respondia pessoalmente.

— É o mínimo que posso fazer. Essas pobres pessoas patéticas... escrevendo para Marilyn como alguém escreveria para a Virgem Maria. — (Já, antes do sucesso de *Os homens preferem as loiras*, “Marilyn Monroe” estava recebendo tantas cartas de fãs quanto Betty Grable no auge da carreira, e muito mais do que Betty Grable já com idade recebia naquele momento.) Toda essa atenção, apesar de empolgante, era perturbadora. Toda essa atenção implicava responsabilidade. A Atriz Loira dizia para si mesma com seriedade: “É por isso que sou uma atriz, para tocar corações assim”. Ela autografou centenas de fotos brilhantes de imagens loiras de Marilyn do Estúdio (uma *bebop* em um suéter apertado de trancinhas, uma ícone sexy e glamourosa com um cabelo à la Veronica Lake, como uma Rose fatal

acariciando o ombro nu sugestivamente, como a dançarina de cabaré com rosto de bebê Lorelei Lee) com a diligência do sorriso fixo da garota que havia trabalhado exaustivos turnos de oito horas sem reclamar na Radio Plane. Pois não seria isso, também, uma espécie de patriotismo? Isso, também, não requeria sacrifício? Desde a infância, vendo seus primeiros filmes no Gauman's Theatre, em servidão à Princesa Cintilante e ao Príncipe Sombrio, ela havia entendido que o cinema era a religião dos Estados Unidos. Ah, ela não era a Virgem Maria! Ela não acreditava na Virgem Maria. Mas ela poderia acreditar em Marilyn — um pouco. Por bondade aos seus fãs. Às vezes ela aplicava um beijo com batom em sua foto e na assinatura corrida que aprendera a replicar,



até o pulso doer e a visão embaralhar. Sentindo o sabor de pânico, então se dando conta: *A fome de estranhos é sem limites e nunca pode ser satisfeita.*

Ao final do Ano das Maravilhas de 1953, a Atriz Loira havia se tornado cética. Ser cético é ser melancólico. Ser melancólico é ser engraçado em público. Como um comediante em um monólogo, a Atriz Loira desenvolveu um roteiro cômico para fazer os assistentes rirem.

— Estas flores! Eu sou um cadáver, isso aqui é uma funerária? Um cadáver precisa de um maquiador! Whitey! — Quanto mais riam, mais a Atriz Loira fazia palhaçadas. Ela chamava “White-eeey” na voz prolongada de Lou Costello chamando “Ab-bott!”. Ela reclamava, agitando os braços em aflição teatral. — Sou uma escrava desta Marilyn Monroe. Eu fechei contrato para um cruzeiro de luxo como Lorelei Lee, e acabei aqui *remando*. — Em seus

turnos cômicos, a Atriz Loira falava diferente de qualquer outro momento: uma maravilhosa chama demoníaca a tocava; ela poderia ser profana, e ela poderia ser vulgar; os assistentes do estúdio às vezes ficavam escandalizados, mas eles riam, riam até lágrimas escorrerem por seus rostos.

Whitey dizia, repreensiva como um tio mais velho:

— Ora, srta. Monroe. Você não fala essas palavras a sério. Se você não fosse Marilyn, quem seria?

E Dee-Dee dizia, secando os olhos:

— Srta. Monroe! Você é cruel. Qualquer um de nós, qualquer um no mundo inteiro, daria o braço direito para ser *você*. E você sabe disso.

Cabisbaixa, a Atriz Loira gaguejava:

— Ah...! Eu s-sei?

Ela pulava de um humor para outro tão rápido! Ninguém conseguia decifrar. Como uma borboleta ou um beija-flor.

Não eram as drogas! Ao menos, não no início.

Algumas das cartas escritas para Marilyn Monroe não eram tão amorosas. Era preciso chamá-las de agressivas, até um pouco malvadas, dirigindo-se aos atributos físicos da atriz. Algumas vinham de pessoas perturbadas. Estas, seus assistentes filtravam. Ainda assim, se ela soubesse que cartas estavam sendo escondidas, seriam exatamente essas que ela desejaria ver.

— Talvez tenham algo para me dizer? Eu ficaria melhor se soubesse?

— Não, srta. Monroe — dizia Dee-Dee, com sabedoria —, cartas assim não falam de você. São a respeito de alguém se projetando em você.

Ainda assim, havia algo *mesmo* gratificante em ser chamada de cadela, puta, vagabunda loira. Onde havia tanta bruma sonhadora, qualquer promessa de *realidade* era estimulante. Com certa rapidez, até cartas de ódio se tornavam previsíveis e lugares-comuns, como uma espécie de fórmula. Como Dee-Dee entendia, os depreciadores estavam desabafando seus ódios em um ser imaginário.

— Como críticos de cinema. Alguns deles amam Marilyn, e outros a odeiam. O que isso tem a ver *comigo*? — A Atriz Loira não contava a ninguém, exceto para o Ex-Atleta, depois de ele se tornar seu amante e (ela gostava de pensar) seu melhor amigo, pois o Ex-Atleta entendia: o que a mantinha revirando pilhas de cartas de estranhos era a esperança de nomes familiares — nomes do passado, nomes para conectá-la com seu passado. É

claro, alguns de fato escreviam para ela, na maioria mulheres, garotas adultas com quem ela cursara o ensino médio, o ensino fundamental na avenida El Centro, ou até o primário na Escola Highland (“Você sempre estava tão bem-vestida, nós sabíamos que sua mãe estava no cinema e você seria uma atriz também um dia”); vizinhos antigos de Verdugo Gardens (embora nada de Harriet, havia muito desaparecida); mulheres que afirmavam ter participado de encontros de casais com Norma Jeane e Bucky Glazer, antes do casamento deles, cujos nomes a Atriz Loira não conseguia se lembrar (“Você se chamava Norma Jeane na época, acredito. Você e Bucky Glazer eram o casal mais dedicado, nós todos nos surpreendemos com o divórcio. Acho que foi a Guerra???”). Elsie Pirig escreveu, não uma, mas diversas vezes:

Querida Norma Jeane, espero que se lembre de mim. Espero que não esteja brava comigo. Mas acho que deve estar, pois nunca mais ouvi de você em anos e anos e você sabe onde eu moro, e meu telefone permanece o mesmo.

A Atriz Loira rasgou esta carta em pedacinhos. Ela não soubera o quanto odiava sua tia Elsie. Quando uma segunda carta chegou, e uma terceira, a Atriz Loira as amassou, em triunfo, no chão. Dee-Dee disse, perplexa:

— Ora, srta. Monroe. De quem é esta, que te chateou tanto?

A Atriz Loira estava contraindo os lábios daquela forma inconsciente que era seu hábito, como se, observadores diziam, estivesse conferindo se ainda tinha lábios. Ela piscava para conter as lágrimas.

— Minha mãe de criação. Quando eu era garotinha. Órfã. Ela tentou destruir minha vida porque tinha ciúmes de mim. Ela me casou aos quinze anos para me tirar de casa. Porque seu m-marido estava apaixonado por mim e ela ficou com c-c-ciúmes.

— Ah, srta. Monroe! Que história triste.

— Era. Não é mais.

Warren Pirig nunca escreveu, é claro. Nem detetive Frank Widdoes. Dos inúmeros homens com quem saíra em Van Nuys, ela apenas ouviu de Joe Santos, Bud Skokie e alguém chamado Martin Fulmer, de quem não se lembrava. O sr. Haring nunca escreveu. O professor de inglês que ela adorava e que parecia gostar dela.

— Imagino que esteja decepcionado. Estou tão distante do que ele me ensinou a ser.

Por um ano ou dois depois de deixar o Lar, Norma Jeane se correspondeu com a dra. Mittelstadt. A mulher mais velha enviara publicações da Ciência Cristã, presentes de aniversário. Então, por algum motivo, parou de escrever. Norma Jeane imaginava que fosse culpa sua, depois de ter se casado.

— Mas por que ela não me escreve agora? Mesmo que não assista aos filmes, ela veria Marilyn. Não me reconheceria? Está brava comigo também? Decepcionada? Ah, eu odeio essa mulher...! Outra que me deixou sozinha.

Ela também estava ferida por nunca receber cartas da sra. Glazer.

É claro, não havia um dia em que entrasse no camarim para confrontar as cartas dos fãs e não pensasse “Talvez meu pai tenha escrito! Eu sei que ele sabe de mim. Da minha carreira”.

Não era claro como o pai de Norma Jeane sabia de sua carreira. Ou de como ela poderia saber que ele sabia.

Mas semanas se passaram, e meses neste Ano das Maravilhas. E o pai de Norma Jeane nunca escreveu. Apesar de Marilyn Monroe estar se tornando tão famosa que não se podia evitar ver sua foto e nome em toda e qualquer parte. Jornais, colunas de fofocas, pôsteres para filmes, marquises em cinemas. Publicidade de *Os homens preferem as loiras!* Um *outdoor* gigantesco no Sunset Boulevard! Depois do ensaio nu de “Miss *Golden Dreams* 1949”, aparecer na primeira edição da *Playboy* como a matéria de centro dessa nova e atrevida revista para homens, uma avalanche de cartas se seguiu e ainda mais atenção da mídia. A Atriz Loira protestou para os repórteres, com bastante sinceridade, que não dera permissão para a reprodução de “Miss *Golden Dreams*” na *Playboy* ou em qualquer outro lugar, mas o que poderia fazer? Ela não era dona do negativo. Ceder os direitos em contrato. E tudo por cinquenta dólares, quando estava desesperadamente pobre, em 1949. O colunista de fofoca Leviticus, conhecido por sua perspicácia cruel e revelações escandalosas no *Hollywood Confidential*, surpreendeu leitores com uma coluna inteira dedicada a uma carta aberta que começava com:

Querida “Miss *Golden Dreams* 1949”.

Você de fato é a “Queridinha do mês”. Ou de qualquer mês.

Você de fato é uma vítima da exploração mercenária da inocência feminina de nossa cultura.

Você é uma das que têm sorte: seguirá em frente para florescer numa carreira no cinema. Que bom!

Ainda assim, saiba: você é mais linda e desejável até do que a “Senhorita Marilyn Monroe” — e isso não é pouco!

A Atriz Loira ficou tão profundamente tocada pelo galanteio afetuoso de Leviticus, que impulsivamente lhe enviou uma impressão da controversa foto nua assinada, de próprio punho, com: “Sua amiga para sempre, Mona/Marilyn Monroe”.

O Estúdio havia impresso cópias do ensaio de “*Miss Golden Dreams*” para propósitos assim.

— Por que não? Era eu, afinal de contas. Que me processem esse povo dos calendários.

Um dia, uma semana antes da estreia de *Os homens preferem as loiras*, Dee-Dee entregou a carta de uma fã para a Atriz Loira com uma estranha expressão acometida:

— Srta. Monroe? Esta é uma carta confidencial, eu acho.

A Atriz Loira, pressentindo o que a carta (datilografada em máquina de escrever) poderia ser, pegou-a com ansiedade e leu:

Querida Norma Jeane,

Esta provavelmente é a carta mais difícil que já escrevi.

Verdadeiramente não sei por que estou contatando você agora. Depois de tantos anos.

Não é pelo que se tornou “Marilyn Monroe”. Pois eu tenho minha própria vida por inteiro. Minha carreira [da qual estou recém & confortavelmente aposentado] & minha família.

Aqui quem escreve é seu pai, Norma Jeane.

Eu talvez explique as circunstâncias de minha relação com você quando pudermos nos encontrar cara a cara. ~~Até lá~~

Minha esposa amada de muitos anos está doente e não sabe que estou escrevendo. Isso a chatearia imensamente ~~e então~~

Não vi filme algum de “Marilyn Monroe” & provavelmente não verei. Eu devo explicar que não vejo filmes. Sou um homem do rádio por gosto

& prefiro “imaginar”. Minha passagem breve no Estúdio como “protagonista” abriu meus olhos para a grosseria & estupidez deste mundo. Não, muito obrigado!

Para ser franco, Norma Jeane, eu não veria seus filmes porque reprovo a imensa vulgaridade de Hollywood. Sou um homem bem-educado & democrático, acredito. Estou 100% a favor do senador Joe McCarthy em sua cruzada contra os comunistas. Sou 100% cristão, assim como minha esposa, em ambos os lados da sua família.

Não há razão justificada para tolerarem que Hollywood, conhecidamente um vespeiro de judeus, guarde por tanto tempo indivíduos traidores como um tal de “Charlie Chaplin”, cujos filmes, me envergonho de admitir, eu já paguei para ver. ~~E há~~

Você vai se perguntar por que estou entrando em contato com você, Norma Jeane, depois de mais de 27 anos. Para falar a verdade, sofri um ataque cardíaco & contemplei minha vida com gravidade & não me orgulho do meu comportamento em todo caso. ~~Minha esposa não sabe de~~

Seu aniversário é em primeiro de junho, acredito, & o meu é em oito de junho, então estamos sob o signo de gêmeos. Como cristão não levo tais histórias pagãs a sério, mas há talvez uma inclinação de temperamento ligando pessoas como nós. Eu não afirmo saber muito a respeito, dado que não leio revistas femininas.

Tenho na minha frente uma entrevista com “Marilyn Monroe” na nova revista Pageant. Ao ler, meus olhos começaram a se encher de lágrimas. Você contou ao entrevistador que sua mãe está hospitalizada & que você não sabe quem é seu pai, mas “espera por ele com o passar de cada hora”. Minha pobre Filha. Eu não sabia. Eu soube de você a distância. Sua mãe exigente nos manteve longe. Anos se passaram & a distância tornou-se grande demais para transpor. Eu não esperava, nem recebi, agradecimento daquela lá. Ah, não!!!

Sei que sua mãe é uma mulher doente. Ainda assim, antes de estar doente, Norma Jeane, ela era cruel no coração.

Ela me expulsou da vida dela. Sua crueldade (eu sei muito bem) foi que ela fez você acreditar que eu a expulsei.

Já me estendi demais. Perdoe um homem envelhecendo. Não estou doente, mas ainda estou me recuperando, meu médico diz. Ele está

surpreso, diz ele ~~considerando a extensão do~~

Espero entrar em contato com você em breve, Norma Jeane, em pessoa. Procure por mim, minha preciosa Filha, em uma ocasião especial em sua vida em que tanto Filha & Pai possam celebrar nosso longo amor negado.

Seu Pai em lágrimas

Não havia endereço do remetente. Mas o selo era de Los Angeles. Em triunfo, a Atriz Loira sussurrou:

— É ele. — Ela pousou o papel de carta com datilografia amadora na mesa à sua frente e compulsivamente alisou os vincos. Por diversos minutos tensos, Dee-Dee a observou em segredo, ela continuou o gesto, e leu a carta outra vez, e disse de novo, não para Dee-Dee, mas como se falasse em voz alta: — Ah, é ele. Eu sabia. Eu nunca duvidei. Bem aqui, por perto. Todos esses anos. Vigianto, cuidando. Eu sentia. Eu sabia.

“Tanta felicidade naquele rosto lindo”, Dee-Dee se maravilharia mais tarde, “quase não dava para reconhecê-la”.

6.

Depois de Yvet sussurrar o segredo compartilhado no ouvido da Atriz Loira, a noite da estreia passou como uma bruma desgovernada, aquecida por Benzedrina e espumante, uma alegre paisagem em technicolor piscando, por exemplo, como uma montanha-russa. *Certifique-se de ir sozinha para sua suíte de hotel hoje à noite. Alguém especial estará esperando por você lá.* Apesar da observação de seu pai de que ele era um “homem do rádio” e desprezava Hollywood, a Atriz Loira estava convencida de que ele deveria estar indo à *première* de *Os homens preferem as loiras*; ele tinha conexões no Estúdio e poderia conseguir um ingresso de cortesia.

— Se apenas ele houvesse me dito seu nome, eu o convidaria para se sentar comigo. — Ele estava em algum lugar naquela multidão de convidados influentes. Ah, ela sabia! Ela sabia. Um homem mais velho, claro; ainda que não terrivelmente velho, não muito além de sessenta. Sessenta não era velho, para um homem! Olhe para o notório sr. Z. Ele seria um belo cavalheiro de cabelos brancos, respeitável e sozinho. Desconfortável em seu smoking, pois

tais ocasiões pretensiosas eram desagradáveis para ele. Ainda assim, ele viria por ela: esta era de fato uma “ocasião especial” na vida de sua filha.

Enquanto a Atriz Loira era escrutinizada por todos os lados, ela que fora tão estrategicamente costurada em seu vestido de gala sem alças de seda rosa-sensual, revelando cada doce curva dilatada e saliência voluptuosa do corpo mamífero supremo, ela sorria radiante como uma lâmpada em voltagem alta e apertava os olhos na multidão buscando por *ele*. Se seus olhares se cruzassem, ela saberia! Provavelmente, os olhos dele espelhavam os dela. Ela lembrava mais seu pai do que lembrava sua mãe. Ela sempre lembrara. Ah, ela esperava que ele não se envergonhasse da filha, enfeitada, pintada e exibida como uma grande boneca animada. “A maravilhosa substituta para Betty Grable do Estúdio. Bem na hora.” Ela esperava que ele não mudasse de ideia e se retraísse com nojo. Segundo ele, não tinha visto nenhum de seus filmes e provavelmente não veria. “Porque ele reprova a ‘vulgaridade’ de Hollywood.” A Atriz Loira, engolindo um bocado de espumante, rindo descontroladamente, o líquido borbulhante drenado de suas narinas.

— Ah, “vulgaridade”... Eu queria poder contar a Cass. — Cass era o único indivíduo em Hollywood em quem a Atriz Loira poderia ter confiado. Ele sabia do “passado sórdido de tabloide” de Norma Jeane, como ele chamava. Ao menos, tanto quanto ela permitira que ele soubesse.

Quando a Atriz Loira tomou a decisão de terminar com os Geminianos para fazer a Operação e assinar o contrato de Lorelei Lee em *Os homens preferem as loiras*, apesar do salário modesto que receberia (um pouco mais do que um décimo do que receberia Jane Russell), seu agente lhe enviou uma dúzia de rosas vermelhas e parabéns:

MARILYN. QUANTO ORGULHO ISAAC TERIA DE VOCÊ.

Bem, isso era fato. Na verdade, todo mundo estava orgulhoso dela. Esses veteranos de Hollywood, executivos do estúdio, produtores, homens do dinheiro e suas esposas de olhos atentos, sorrindo para a Atriz Loira como se, enfim, ela fosse uma igual.

Durante a exibição de *Os homens preferem loiras*, o qual a Atriz Loira tinha visto por inteiro diversas vezes e o qual ela tinha visto parcialmente mais vezes ainda (pois até como “Lorelei Lee”, ela havia sido uma perfeccionista

no estúdio, tão exasperante para seus coadjuvantes como para o diretor), a Atriz Loira achou difícil se concentrar. Ah, o calor das borbulhas fervilhando no sangue! A alegria batucando em seu coração. *Alguém especial estará esperando por você.* Ela estava tão grata que o Ex-A atleta não estava ao seu lado; ou V (que fora à *première* com uma nova companheira, Arlene Dahl); ou sr. Shinn. Grata por estar sozinha, e tão plausivelmente sozinha para a noite. *Alguém especial. Na sua suíte de hotel.* Combinações devem ter sido feitas pelo Estúdio, que estava pagando pela suíte; por meio do sr. Z ou seu escritório, alguém com a autoridade para dizer ao Beverly Wilshire deixar entrar um visitante na suíte ocupada por Marilyn Monroe. Era empolgante para ela pensar que o sr. Z, que fora seu inimigo até pouco tempo atrás, que havia falado de maneira tão chula dela como uma vagabunda qualquer, deveria conhecer seu pai, saber deste encontro iminente e desejar bem tanto a ela quanto a seu pai.

— É como um final feliz de um longo filme confuso. — Antes do apagar das luzes e os primeiros estouros de música começarem, a Atriz Loira disse ao sr. Z, no assento ao seu lado: — Fui informada de que tenho um encontro especial depois da festa, na minha suíte de hotel.

E o astuto sr. Z com sua cara de morcego abriu seu sorriso secreto, levando o indicador aos lábios gordos como Yvet havia feito com o seu. Talvez todo mundo no Estúdio soubesse? Toda a Hollywood soubesse?

Eles me querem bem. A Marilyn deles. Eu os amo!

Estranho estar de volta ao Grauman's Egyptian Theatre. Era quase uma cena de filme em si: *a Atriz Loira retornando ao exato teatro onde, quando garotinha solitária, havia idolatrado atrizes loiras como ela mesma.* Desde aqueles dias da Grande Depressão, o Grauman's havia sido reformado por custos consideráveis. Pois estavam em outra era, de prosperidade pós-guerra. Dos destroços da Europa e das cidades demolidas de Hiroshima e Nagasaki, o bater estrondoso do coração de um novo mundo.

A Atriz Loira conhecida como Marilyn Monroe era desse novo mundo. A Atriz Loira de sorriso perpétuo, mesmo que fosse um sorriso sem o calor ou sentimento ou a complexidade de espírito chamada “profundidade”.

A atmosfera no Grauman's estava calorosamente festiva. *Os homens preferem as loiras* ficou conhecido como o vencedor. Não era uma estreia como a de *O segredo das joias* ou *Almas desesperadas* ou *Torrentes de paixão*,

filmes que poderiam ofender algumas audiências e de fato ofenderam. *Os homens preferem as loiras* era sintético, atrevido e superproduzido, um triunfo da vulgaridade extravagante, um desenho technicolor sobre vencer, estilo americano, e logo *virou* um filme vencedor, já previsto para passar imediatamente em milhares de cinemas nos Estados Unidos e destinado a ganhar milhões em casa e no exterior.

— Meu Deus...! Aquela ali sou *eu*? — a Atriz Loira deu um gritinho, encarando a gigantesca fabulosa mulher-boneca pairando sobre a audiência, em empolgação de garotinha agarrando as mãos do sr. Z e sr. D.

Ah, a poção mágica tamborilando em seu sangue! Na verdade, ela não fazia ideia do que sentia, ou se sentia qualquer coisa.

Na Broadway, *Os homens preferem as loiras* havia sido uma sequência de números musicais, não uma comédia musical. Não havia “história” e não havia “personagens”. O filme era apenas levemente mais coerente, mas coerência não era o objetivo. Quando Norma Jeane recebeu o roteiro, ficou chocada com quão insípida e pouco desenvolvida sua personagem era; ela queria mais diálogo para Lorelei Lee, uma virada ou surpresa na personagem, algum histórico, alguma profundidade, mas é claro que isso lhe foi negado. Ela havia invejado o papel mais adulto e mais inteligente de Dorothy, mas lhe disseram:

— Olha, você é a loira, Marilyn. Você é Lorelei.

O sorriso da Atriz Loira se dissipou enquanto assistia ao filme. Conforme a euforia se acalmava. Ela não queria pensar o que, se ele estivesse naquela multidão, seu pai poderia estar pensando. Lorelei Lee feita de espuma e borracha e sua gêmea mamífera Dorothy cantarolando suas letras bobas e espertinhas, movendo seus corpos de forma insinuante. “A Little Girl from Little Rock”. Ah, e se Papai sáísse do cinema sem sequer falar com ela? E se, enojado (e com toda a razão), ele decidisse não encontrar Norma Jeane, sua filha, afinal de contas?

— Ah, Papai. Aquela coisa na tela, *não sou eu*.

Tão estranho! A audiência amou Lorelei Lee. Gostaram de Dorothy também — Jane Russell estava maravilhosamente calorosa, atraente, simpática e engraçada —, mas claramente a audiência preferira Lorelei Lee. Por quê? Rostos tão sorridentes e extasiados. Marilyn Monroe era uma vencedora, e todo mundo ama uma vencedora.

Mas a ironia, que com certeza todas essas pessoas sabiam, era: Marilyn não existia.

Não posso fracassar. Se eu fracassar, devo morrer. Este havia sido o segredo de Marilyn que ninguém sabia. Depois da Operação. Depois de Bebê ser levado dela. Sua punição era a pulsante dor uterina. De início, sangramento pesado (ela não se queixou, merecia), e então um gotejar mais lento de sangue, umidade quente e abafada como lágrimas drenando de seu útero. *Onde ninguém poderia ver. A punição.* Borrifava-se com perfume francês caro que alguém lhe dera. Saindo trôpega do set para se esconder no camarim em pânico de sangrar até morrer. Ela queria que pensassem que ela era *temperamental*, talvez; todas as estrelas glamourosas eram, mulheres e homens. Não esse terror. E acordar no meio da noite (sozinha, o Ex-A atleta longe) quando passava o efeito da codeína. *Eu criarei Lorelei Lee a partir dessa doença.* Esta era a grande conquista de Norma Jeane, exceto que ninguém na audiência da *première* sabia ou poderia adivinhar; nem eles desejariam saber.

Com gentileza, Doc Bob, que sabia de todos os detalhes da Operação, inclusive a histeria da paciente mais tarde, havia prescrito comprimidos de codeína para dor “real ou imaginária”, Benzedrina para “energia rápida” e Nembutal para sono “profundo e sem sonho (ou consciência)”. Dizendo em sua voz estilo Jimmy Stewart:

— Imagine que eu sou seu amigo mais próximo, Marilyn. Neste mundo e no próximo.

A Atriz Loira riu, assustada.

Ele me conhece. Minhas entranhas.

Porém, lá ia Lorelei Lee triunfante movendo os lindos ombros nus sugestivamente, inclinando a cabeça daquela forma que havia ensaiado à perfeição robótica e murmurando em uma voz sensual de bebê na canção

Men grow cold as girls grow old
And we all lose our charms in the end

Homens deixam de desejar as garotas que começam a envelhecer. E todos nós perdemos o charme no fim. Com quanta beleza Lorelei Lee cantava essa letra cáustica! Que radiante o sorriso. Lorelei, que não tinha voz, cantava,

mas a voz era surpreendentemente doce e segura; Lorelei dançava, e seu corpo, que não era o corpo de uma dançarina e fora treinado tarde demais na vida, era surpreendentemente flexível. Quem poderia imaginar as horas, horas, horas de ensaio? Unhas dos pés sangrando e o útero latejando de forma tão trágica. Ela soava como a irmã mais nova de Peggy Lee. Mas é claro que era muito mais bonita que Peggy Lee.

— Estou orgulhosa de mim, creio eu. Eu não deveria estar?

Sussurrando para o sr. Shinn, que tinha que ficar ao seu lado. Agarrando sua mão. Ah, ela confiava *nele!*

O filme enfim estava acabando. Um casamento duplo triunfante. Essas noivas como dançarinas de cabaré, radiantemente belas, Lorelei Lee e Dorothy, virginais de branco. (Essas garotas eram *virgens*? Era um choque, mas sim.) Aplauso instantâneo. A audiência amou, cada segundo falso e engomado. A Atriz Loira, levantada às pressas por braços de smoking ao seu lado, estava chorando. Olhe! Marilyn Monroe estava chorando lágrimas genuínas! Tão profundamente comovida. Assobios, vivas, uma ovação em pé.

Foi para isso que você matou seu bebê.

7.

A Suíte Imperial ficava na cobertura do Beverly Wilshire. A Atriz Loira, atordoada e empolgada, permaneceu menos de uma hora no luxuoso jantar em sua homenagem, pedindo licença para escapular. *Alguém especial. Venha sozinha!* Quando enfim chegou ao hotel, passava das onze da noite. O coração batendo como o de um pássaro, com tanta rapidez que ela temia desmaiar. No cinema depois da calorosa ovação fenomenalmente tumultuosa que Jane Russell e ela receberam, ela teve que engolir às escondidas outro dos comprimidos de Doc Bob para se certificar de que não desfaleceria em exaustão prematura. Para manter sólida a constituição de espuma e borracha de Lorelei Lee, e não esvaziar feito um balão gasto e pisado em um chão imundo.

— Só uma a mais. Só essa à noite — ela se prometeu!

Atrapalhou-se com a chave na fechadura. Seus dedos estavam gelados e quebradiços. Sua voz estava assustada:

— O-olá? Quem é?

Na poltrona de veludo para dois, ele estava sentado em uma pose de relaxamento constrangido. Como Fred Astaire, apesar de não em um smoking e não com a pose de Fred Astaire. Em uma mesinha à sua frente havia um vaso de vidro contendo uma dúzia de rosas vermelhas de cabo longo, um balde prateado de gelo e uma garrafa de espumante. Ele estava tão empolgado quanto ela; ela conseguia ouvir sua respiração acelerada. Talvez tivesse bebido, à espera dela. A estola de raposa-do-ártico escorregava de seus ombros. Ela estava com pavor infantil, seria revelada a ele apenas parcialmente vestida. Ele havia se levantado sem jeito, uma figura alta e musculosa com cabelo surpreendentemente escuro. Ele disse:

— Marilyn?

Ao mesmo tempo em que a atriz disse:

— P-papai? — Correram um para o outro.

Seus olhos estavam cegos com lágrimas. Ela pode ter tropeçado, o salto agulha prendendo no carpete, mas de imediato ele a abraçou. Ela estendeu as mãos; ele as pegou com força. Quanta força em seus dedos, quanto calor. Ele estava rindo, assustado por sua emoção. Ele começou a beijá-la, com força, nos lábios.

É claro, era o Ex-Atleta. É claro, este homem era seu amante. Ela estava chorando e rindo.

— Estou tão f-feliz, querido. Você veio afinal de contas. — Eles se beijaram desejosos, acariciando os braços um do outro.

Ah, era um sonho realizado. Ele estava explicando que havia decidido pegar um voo de volta um dia antes; queria ter chegado a tempo da *première*, mas não conseguira um voo. Ele havia sentido saudades. Ela disse:

— Ah, querido, eu senti saudades de *você*. Todo mundo estava perguntando de *você*.

Eles beberam espumante e ingeriram um jantar tardio. O Ex-Atleta afirmava não haver comido desde o almoço e estar faminto. A Atriz Loira beliscou a comida com distração. Ela não conseguira comer no jantar em sua honra, ansiosa pelo que viria a seguir; agora, risonha com a alegria ao lado do Ex-Atleta, tampouco tinha apetite. O cérebro estava flamejante, como uma casa com todos os recintos iluminados e as persianas escancaradas. O Ex-Atleta havia encomendado peras escalfadas em conhaque, canela e cravo para ela. Desde o primeiro encontro deles no

Villars, ele fora levado a pensar que peras escalfadas eram a sobremesa favorita da Atriz Loira. Assim como espumante era sua bebida favorita, e rosas vermelhas como sangue, sua flor favorita.

Com gentileza, ela o chamava de “Papai”. Ela o vinha chamando de “Papai” por meses, em particular, desde que haviam se tornado amantes.

Em resposta, o Ex-Atleta a chamava de “Baby”.

Outra surpresa era que ele trouxera um anel. Isso havia sido planejado? Um diamante imenso cravejado com diamantes menores. Ela riu com nervosismo enquanto ele ajudou a empurrá-lo em seu dedo. Quando isso havia sido decidido? Ele estava dizendo em voz baixa e tensa, como se houvessem discutido:

— Nós nos amamos, é hora de nos casarmos.

E ela deve ter concordado, porque ouviu sua voz assustada sussurrar:

— Ah, sim! Sim, querido. — Ela levantou as mãos dele num impulso, pressionando-as no próprio rosto. — Suas mãos...! Suas lindas mãos fortes. Eu te amo. — Deveria ser de um roteiro que ela havia memorizado sem perceber.

O Ex-Atleta dormia. Roncava. Um homem dando uma risada babada para si mesmo. Estava deitado de costas com uma cueca samba-canção (que vestiu depressa depois de usar o banheiro quando terminaram de fazer amor), o peito nu. Ele era uma pessoa que suava muito no sono e se remexia, se revirava e cerrava a mandíbula. No momento desviava de bolas fantasmas jogadas discretamente em sua cabeça desprotegida. Às vezes a Atriz Loira confortava o amante em ocasiões assim, mas naquela ela escapuliu da cama nua pelo carpete. Usou o banheiro, com o cuidado de fechar a porta antes de acender a luz. Azulejo ofuscante de tão branco, espelhos refletindo espelhos. A Amiga Mágica a encarando sem reconhecê-la. *Não deixou cicatriz visível alguma. Não como uma retirada de apêndice ou uma cesárea deixariam.* Ela entrou no quarto adjacente, a sala de estar espaçosa e decorada com formalidade da suíte em que comeram o romântico jantar tardio, se embebedaram de espumante, se beijaram e beijaram e fizeram juras de amor. *Eu simplesmente quero proteger você desses chacais. Quero que seja feliz.* Ela acreditava que poderia funcionar: ali havia um homem que a amava mais do que ela mesma se amava. Ela significava mais para ele do que significava para si mesma. Talvez a chave para a felicidade não esteja em sua

proteção própria, mas na do outro. Ela, em resposta, seria a chave para a felicidade daquele homem. O Ex-Atleta e a Atriz Loira.

— Eu consigo fazer dar certo! Vou fazer.

Impregnada de alegria ela se aproximou para olhar pela janela. Era uma janela alta e estreita como um portal em um sonho. A cortina era de um tecido fino e transparente. Uma mulher nua em pé na janela do sexto piso do Wilshire. Quanto alívio ela sentia, agora que sua vida estava estabelecida! Eles se casariam; havia sido decidido. Eles se casariam em janeiro de 1954. Eles se amariam profundamente, mas seria um amor cego e confuso, e eles se feririam como animais machucados atacando em desespero com suas garras e dentes. Ela talvez soubesse disso desde antes. Ela poderia já ter memorizado o roteiro.

Do outro lado do boulevard do Wilshire, a ralé insistente de fãs ainda aguardava. Pelo quê? Por quem? Eram quase duas da madrugada. Havia talvez doze ou quinze deles, a maioria homem. Um ou dois de sexo indeterminado. Despertados do estupor por um movimento súbito na janela do sexto andar. Com curiosidade infantil, a Atriz Loira espiou esses rostos ao mesmo tempo conhecidos e desconhecidos, como rostos em sonhos que temos motivo para acreditar que não são nossos sonhos, mas paisagens de sonho através das quais nós viajamos impotentes e enfeitiçados como crianças nos braços maternos. Aonde nossas mães à deriva nos levam, devemos ir. A Atriz Loira viu um homem albino, alto e gorducho que ela havia notado em uma arquibancada perto do Grauman's Theatre mais cedo naquela noite. Ele usava um boné de tricô na cabeça oblonga e sua expressão era de total arrebatamento. Ela viu um homem mais baixo em formato de hidrante com um rosto jovial sem barba e olhos apertados escondidos atrás de óculos. Ele apertava algo precioso na altura do peito — uma câmera com *flash*? Uma mulher esguia com mandíbulas proeminentes, mãos ossudas e longos pés estreitos em botas de caubói estava lá, de jeans e chapéu com abas de jeans; ela carregava uma sacola de lona lotada de pertences. (Seria Fleece? Mas Fleece estava morta.) Esses, e outros, seguravam livros de autógrafos encapados com plástico e câmeras. Eles chegaram para a frente hesitantes, como se não confiassem nos próprios olhos. Olhando para cima, para a janela do sexto andar, onde a Atriz Loira havia aberto a cortina fina.

— Marilyn! *Marilyn!* — Muitas pessoas foram na direção dela enquanto outras em frenesi clicavam suas câmeras baratas.

O rapaz com a câmera de vídeo a levantou mais, acima da cabeça.

Mas que imagem qualquer câmera poderia registrar, no escuro, com tamanha distância? E o que estavam vendo? Uma mulher nua, calma, radiante e imóvel como uma estátua? Cabelo loiro-platinado bagunçado de amor. Lábios úmidos entreabertos. Aqueles lábios inconfundíveis. Seios pálidos nus, mamilos às sombras. Mamilos como olhos. E a fenda ensombreada entre as coxas.

— Marilyn!

E assim ela suportou a longa noite.

Depois do Casamento: uma montagem

Ela estava estudando mímica: a primazia do corpo e a inteligência natural do corpo. Estava estudando yoga: a disciplina da respiração. Estava lendo *Autobiografia de um iogue*. Ela estava lendo *O caminho zen* e *O livro de Tao* e escrevia em seu diário “Eu sou uma pessoa nova em uma vida nova! Cada dia é o dia mais feliz da minha vida”. Ela estava escrevendo haikais, poemas zen:

Rio da noite só
Corre em frente sem fim.
E vejo. Olhos abertos.

(Embora na verdade não estivesse com insônia, muita. Nestas noites.) Ela estava ensinando a si mesma a tocar piano. Por longos períodos de devaneio à frente da espineta Steinway que havia comprado de Clive Pearce, consertado, afinado e levado para casa. A espineta não era mais branca, mas um marfim sutilmente descolorido. O tom já alternava entre forte e bemol, dependendo de qual parte do teclado se tocasse. O sr. Pearce estava correto: ela nunca havia tocado “Für Elise” de Beethoven e nunca tocaria. Não como “Für Elise” deveria ser tocada. Seja como for, ela gostava de se sentar ao piano, apertando as teclas com gentileza, correndo os dedos pelo agudo, até o grave. Se ela tocasse o grave com ênfase demais conseguia ouvir, como se desalojado de profundezas aquáticas, uma voz masculina profunda de barítono; no agudo, a voz soprano de uma mulher em disputa. *Será que você*

me contou que teve um bebê? Será você que me contou que teve este bebê? E as palavras de Gladys, que arrepiavam Norma Jeane cada vez que as ouvia. *Ninguém vai adotar minha garotinha! Não enquanto eu viver para evitar.* Ela com frequência era abraçada pelo marido, que a adorava. Aninhada em seus braços, que eram fortes e musculosos. Suas mãos, fortes e musculosas. Ela teria gostado de desenhá-lo, esse belo homem forte e musculoso! Esse gentil papai. Ela teria gostado de “esculpi-lo”. Mas estava fazendo curso de desenho anatômico nas noites de quinta-feira na Academia de Arte de West Hollywood, não com a aprovação total do marido. E ela estava aprendendo a cozinhar comida italiana: quando visitavam sua família em São Francisco, o que ocorria com frequência, a sogra dava instruções sobre as comidas favoritas do Ex-Atleta, molhos italianos e risotos. Ela não lia muito os jornais. Não lia os jornais sobre o mercado de ações, as revistas de entretenimento. Não lia tabloides lixo. Via poucas pessoas de Hollywood. Tinha um telefone novo e um endereço novo. Ela havia enviado uma garrafa de espumante para seu agente com um bilhete:

Marilyn está permanentemente em lua de mel.

Não insista & não interrompa!

Ela estava lendo *As profecias de Nostradamus*. Estava relendo *Ciência e saúde com a chave das Escrituras*, de Mary Baker Eddy. Estava em saúde perfeita, dormindo bem e estava esperando engravidar pela primeira vez, como havia dito ao Ex-Atleta, que era seu marido, que era Papai e que a adorava. Ele havia alugado uma casa espaçosa estilo *hacienda* ao norte de Bel Air e ao sul da Reserva de Stone Canyon. A casa ficava atrás de uma parede coberta com buganvílias. À noite, ela às vezes ouvia agitados sons de arranhões no teto e contra as janelas, e tinha o pensamento “*Macaco-aranha!*”, apesar de saber que certamente não havia macacos-aranha ali. O marido dormia profundamente e não ouvia esses ruídos nem outros. Ele dormia apenas com cueca samba-canção, e durante a noite os pelos encaracolados agrisalhando no peito, na barriga e na virilha ficavam úmidos, e um óleo fino transpirava dos poros de sua pele. Era o “cheiro de Papai” e ela amava. O cheiro dele! Um homem. Ela própria era meticulosa com o banho, lavar o cabelo, mergulhar em longas imersões terapêuticas. Tinha vaga lembrança de, no Lar, ou talvez fosse na casa dos Pirig, às vezes,

ter de se banhar em água já usada por outros, até cinco ou seis pessoas antes, mas agora ela podia tomar banho em sua própria água de banho por longos períodos entre saídas de gualteria, fazendo os exercícios de respiração da yoga.

Inspire fundo. Segure. Observe a respiração enquanto ela sai lentamente. Diga a si mesma “EU SOU RESPIRAÇÃO. EU SOU RESPIRAÇÃO”.

Ela não era Lorelei Lee e mal conseguia se lembrar de Lorelei Lee. O filme havia gerado milhões de dólares para o Estúdio e geraria mais milhões, e ela havia recebido por seu esforço menos de vinte mil dólares, mas não estava amarga, pois não era Lorelei Lee, que vivia apenas para dinheiro e diamantes. Ela não era Rose, que havia conspirado para assassinar o marido adorado, e não era Nell, que tentou assassinar a pobre menininha. Se voltasse a atuar, seria exclusivamente para papéis sérios. Se voltasse a atuar, talvez se tornasse uma atriz de teatro. Ela admirava tanto atores de teatro porque eram atores “de verdade”. Com frequência, caminhava ou corria perto da reserva. Estava ciente de pessoas a observando às vezes. Vizinhos que sabiam da identidade dela e do Ex-Atleta, mas não se intrometiam na privacidade. Não normalmente! Mas havia outros, indivíduos passeando com cachorros ou guardando casas e homens com câmeras secretas. Havia indivíduos visíveis e invisíveis. Otto Öse ainda estava vivo, ela acreditava. Otto Öse fez escárnio de seu casamento com o Ex-Atleta, ela acreditava. Assim como os amantes de Gêmeos, que haviam jurado (ah, ela sabia) vingança. Como se não quisessem a morte de Bebê. Como se não tivesse sido coagida pela vontade dos Geminianos. Naquele período de felicidade ela chegou a aceitar o fato de que a vida é respiração. Uma respiração segue a outra. Tão simples! Ela estava feliz! Não infeliz como Nijinsky, que enlouqueceu. O grande dançarino Nijinsky, que todos adoravam. Nijinsky, que dançava porque era seu destino, assim como era seu destino enlouquecer; que disse:

Eu choro de pesar. Eu choro porque estou tão feliz. Porque eu sou Deus.

Ela tentou assistir à televisão com o marido, que era obcecado por esportes, mas sua mente se distraía e ela dava por si em um vestido longo de paetês roxos, a costura quase arrebitando de tão apertado, ela sendo lançada pelos céus como uma estátua trazida por um veículo aéreo, via seus

braços erguidos e o cabelo que parecia branco sob o vento. Ela fazia um esforço rápido de comentar os lances na televisão ou perguntar para seu marido o que havia acontecido. Em momentos assim ela formulava a pergunta no formato de “Ah, foi tudo isso? Acho que só perdi uns detalhes”. Durante a pausa para os comerciais, o marido explicaria. Sozinha ela raramente assistia a noticiários na televisão por medo de se angustiar com o mal do mundo. O Holocausto havia terminado na Europa, agora ele se espalharia invisivelmente pelo resto dos lugares. Pois os próprios nazistas haviam emigrado, ela sabia. Muitos para a América do Sul, inclusive (circulava um boato) o próprio Hitler. Nazistas proeminentes moravam incógnitos na Argentina, no México e no Condado de Orange, na Califórnia. O boato, ou conhecimento geral, era de que um nazista de alto nível fizera cirurgia cosmética, transplantara cabelo, uma transformação total de sua identidade, e agora estava envolvido com o sistema bancário de Los Angeles e “negócios internacionais”. Um dos autores mais brilhantes de discursos de Hitler trabalhava incógnito para um certo congressista americano frequentemente no noticiário por sua zelosa campanha anticomunista. Atrás da espineta Steinway branca, presente de Fredric March para Gladys, ela era Norma Jeane e tocava peças infantis devagar, baixo. O sr. Pearce lhe dera uma partitura de “Evenings in the Country”, de Béla Bartók. O Ex-Atleta recebeu uma ligação de seu advogado avisando de uma intimação. Ela não pensou nisso. Ela sabia que X, Y e Z haviam sido interrogados por comitês caçadores de comunistas e haviam “dado nomes”, e um dos homens que havia sido ferido era o roteirista Clifford Odets, mas o sr. Odets não era seu roteirista. Ela não estava pensando em política, mas em sua respiração, que era uma forma de pensar na alma e de não pensar na política ou no bebê cavocado de seu útero para ser jogado fora em um balde como lixo, e ela não estava pensando se o bebê chegara a ter uma batida do coração ou duas fora de seu útero ou se havia morrido de imediato (como Yvet a garantiu: “É sempre imediato e misericordioso e é perfeitamente legal em nações civilizadas como as do norte da Europa”). Mas normalmente ela não estava pensando nessas coisas assim como não estava lendo os jornais ou assistindo a noticiários de televisão. Do lado mais distante do mundo, na Coreia, tropas da Organização das Nações Unidas estavam ocupando um terreno devastado e caótico, mas ela não queria saber os detalhes dolorosos. Não queria saber dos testes nucleares do governo a

algumas centenas de quilômetros ao leste de Nevada e Utah. Ela pode ter entendido que estava sendo observada por informantes do governo e que sua versão famosa “Marilyn” estava “em uma lista”, mas ela não queria saber disso, e de qualquer forma havia muitas listas e muitos nomes no ano de 1954.

Aquilo que não podemos afetar, aquilo pelo que devemos atravessar em silêncio como as esferas rodopiantes dos Céus.

Assim falou Nostradamus. Ela estava lendo *Os irmãos Karamázov*, de Dostoiévski. Ela foi profundamente tocada pela personagem de Grushenka, a peituda de 22 anos com uma crueldade infantil e cuja beleza camponesa duraria pouco como uma flor, mas cujo amargor duraria a vida inteira. Ah, em outra vida, Norma Jeane fora Grushenka! Ela estava lendo os contos de Anton Tchekhov em sessões fanáticas que duravam a noite toda, em momentos que parecia não ter a mais vaga ideia de onde estava, quem era, e em que se afastaria tremendo se tocada (pelo marido irritado, por exemplo), como um caramujo sem proteção do casco. *Minha querida* — ela era Olenka! Ela havia lido e chorado por *A dama do cachorrinho* — ela era a jovem mulher casada que se apaixona por um homem casado e cuja vida mudava para sempre! Ela havia lido *Volodia* — e ela era a jovem esposa que se apaixona perdidamente, e desapaixona, por seu marido sedutor! Mas *Enfermaria no 6* ela não aguentou terminar.

— Este é o dia mais feliz da minha vida.

Ela levaria consigo para Tóquio o vestido longo de paetês roxos com alças finas e um broche de diamante falso sobre o cume do seio direito como um mamilo, vestido em que o marido Ex-Atleta gostava de vê-la; aquele vestido a apertava como uma linguiça, ele caía logo abaixo do joelho, não um vestido verdadeiramente barato, mas que com certeza parecia barato, e, apertada dentro dele, ela mesma parecia barata, como uma prostituta com preço moderadamente alto, que ele gostava às vezes, em momentos privados, mas não em outros. Ela levaria o vestido para Tóquio em segredo, mas não seria em Tóquio que ela o usaria.

“Havia modelos homens naquela aula de desenho anatômico?”, perguntou ele em tom de brincadeira, analisando-a com um olhar de esguelha que queria dizer que não era brincadeira nenhuma; nem pense em dar uma resposta rápida e negligente. Então a resposta foi pura Lorelei Lee, o que ele quase conseguiu apreciar; de qualquer forma, ele riu uma risada-latido que vinha das entranhas por seu comentário:

— Meu Deus, Papai! Eu não cheguei a notar.

Eram as modelos femininas que a fascinavam e a assustavam.

Com frequência, ela ficava olhando e esquecia de desenhar. O carvão de artista vacilava e parava com seus movimentos plumosos. Aconteceu mais de uma vez, a barrinha frágil quebrou em dois, ao meio da mão! As modelos às vezes eram jovens, mas frequentemente não. Uma mulher deveria estar beirando os cinquenta anos. Nenhuma era bela. Nenhuma era o que se chamaria de bonita. Não usavam maquiagem; o cabelo nunca estava arrumado e muitas vezes nem penteado. Elas tinham olhos vazios e indiferentes à dúzia de alunos na sala de aula, “alunos” esses que iam desde o fim da adolescência ao fim da meia-idade, organizados ao redor da modelo em um círculo e encarando com a intensidade honesta dos sem talento.

— Como se nós nem estivéssemos lá. E, se estamos, não nos importamos.

Uma das modelos era barriguda e de peitos caídos, com pernas vigorosas sem depilação. Uma tinha um rosto que era só ângulos retos e rugas como uma abóbora de Halloween, um doentio brilho alaranjado na pele e pelos toscos despontando das axilas e virilha. Havia modelos com pés feios, unhas dos pés nada limpas. Houve uma modelo (que lembrava uma garota desgrenhada do Lar chamada Linda) com uma lúrida cicatriz falciforme na coxa esquerda, talvez com dezessete centímetros de extensão. Era fascinante para Norma Jeane que fêmeas tão pouco atraentes não só ousassem se desnudar na frente de estranhos, como não evidenciassem o menor desconforto ao serem encaradas. Ela as admirava. Admirava, sim! Mas as modelos raramente ficavam para falar com qualquer pessoa além do instrutor. Elas evitavam contato visual em todos os momentos. Sem olhar nenhum relógio, sabiam exatamente quando era a hora do intervalo e de um cigarro, e de imediato colocavam os robes maltrapilhos, davam pontapés até colocar as sandálias gastas e saíam da sala depressa e impetuosas. Se

qualquer uma das modelos sabia, assim como os outros estudantes sabiam, que a moça loira timidamente honesta que o instrutor lhes havia apresentado seriamente como “Norma Jeane” era de fato “Marilyn Monroe”, não davam sinais. Elas não se impressionavam! (Ah, mas elas lançavam olhadelas para ela às vezes. Ela pegava no flagra. Olhares como anzóis que não a pescavam, ao menos. Olhares frios, Norma Jeane não ousava sorrir.)

Depois da aula, certa noite, Norma Jeane ousou abordar a moça da cicatriz (cujo nome não era Linda) e perguntou se ela gostaria de parar e tomar um café.

— Obrigada, mas tenho que ir para casa — murmurou a modelo, sem encarar Norma Jeane. Ela estava se dirigindo à porta, um cigarro aceso na mão. Bem, ela gostaria de uma carona para casa?

— Obrigada, mas alguém vem me buscar.

Norma Jeane abriu o encantador sorriso de Marilyn que raramente fracassava em conseguir atenção, mas fracassou naquela situação. *De fato esta é Linda. Ela sabe muito bem quem sou. Quem eu sou agora e quem eu era na época.* Tentando não transmitir exasperação ou desespero, Norma Jeane disse:

— Eu só queria dizer que realmente admiro você. Ser uma m-modelo como você é.

A modelo exalou fumaça. Não se via o menor sinal de ironia na expressão plena que mandava Norma Jeane calar a boca, ainda assim era ironia pura que ela exalava.

— Ah, é? Que bom.

— Porque você é tão corajosa.

— Corajosa, por quê?

Norma Jeane hesitou, ainda sorrindo. O reflexo Marilyn era tão instintivo, um doce movimento sensual dos lábios, na verdade, não passava (Norma Jeane havia lido) do reflexo social mais antigo geneticamente programado da criança humana, um doce sorriso esperançoso, um sorriso para conquistar amor.

— Porque você não é bonita. De forma alguma. Você é feia. Ainda assim, tira as roupas perante estranhos.

A modelo riu. Talvez Norma Jeane não tivesse dito essas palavras em voz alta? Talvez essa não fosse de fato Linda, mas uma irmã atriz com pouca

sorte, possivelmente com um vício em drogas e um amante violento? Norma Jeane disse:

— Porque... ah, eu não sei... Eu não conseguiria fazer isso. Se eu fosse você.

A modelo riu, a caminho da saída.

— Se precisasse de dinheiro, Norma Jeane, com certeza faria. Colocaria esse seu lindo rabo para fora.

— Hoje é o dia mais feliz da minha vida.

Ela o envergonhou na lua de mel ao exclamar essas palavras honestas para garçons, porteiros de hotel, vendedores e até para as camareiras mexicanas que sorriam para a linda *gringa* loira sem compreender.

— Hoje é o dia mais feliz da minha vida. — Não havia dúvida de que ela falava sério. Pois uma das verdades reveladas na Escritura é que cada dia é o dia abençoado, cada dia é o mais feliz de nossa vida.

Ela acariciava o rosto dele, que parecia a ela um rosto lindo mesmo se estivesse com a barba por fazer. Ela o encarava fascinada. Como uma criança-esposa, ela se divertia com os ásperos pelos agrisalhados em seu peito e braços, e apertava de brincadeira as dobras na cintura, das quais, em sua vaidade de atleta-homem, ele se envergonhava. Ela beijava suas mãos, o que o envergonhava também. E às vezes ela enterrava o rosto em sua virilha, o que o excitava selvagemmente. *Pois garotas boazinhas não beijavam essa parte do corpo de um homem, e ela sabia disso. Mas ele sabia que ela sabia? Talvez ela fosse só tão ingênua!* Na praia ao lado do oceano verde-água ela corria com ele de manhã cedo, surpreendendo o Ex-Atleta que uma mulher conseguisse correr tão bem e por tantos minutos extenuantes.

— Querido, eu sou uma dançarina, você não notou? — Mas ela se cansava antes dele e parava para o observar seguir correndo.

Mas ela não praticava sexo oral no marido. Assim como ele também não fazia na mulher agora oficialmente esposa. Seria uma anedota de Hollywood contada por gerações que, em um corredor do lado de fora do próprio cartório na prefeitura de São Francisco, onde ela havia casado alguns instantes antes numa breve cerimônia civil, ela teria ligado, maliciosamente, para seu amigo Leviticus com o boletim de notícias impublicável: “*Marilyn Monroe chupou sua última rola*”.

Com o que o colunista surpreso entendeu que a Atriz Loira e o Ex-Atleta haviam se casado em silêncio depois de meses de especulação febril da mídia.

Outro furo para Leviticus!

Cantando para seu marido “I Wanna Be Loved By You”.

Repetindo que era o dia mais feliz de sua vida, o homem ficava tão comovido que apenas conseguia murmurar, quase inaudivelmente:

— Meu também.

Ela foi intimada a se apresentar perante a Diretoria de Controle de Atividades Subversivas em Sacramento. O Ex-Atleta a instruiu: “Apenas diga a verdade”. Ela disse: “Eu não devo a verdade a esses homens”. Ele disse: “Se você conhece comunistas, diga os nomes”. Ela disse: “Eu não direi”. Ele disse, estupefato: “Você não tem nada a esconder, tem?” Ela disse: “É assunto meu o que quero esconder e o que quero revelar”. Ela viu que ele desejou bater nela, mas não bateu, pois a amava; ele não era um homem que batia em alguém mais fraco, em especial em uma mulher, e uma mulher que ele amava. Havia uma história feia do Ex-Atleta bater na primeira esposa, mas isso havia acontecido muito tempo antes, o Ex-Atleta era jovem na época, tinha cabeça quente, e a mulher “provocava”. Com calma, ele dizia agora: “Eu não entendo isso e não gosto”. Ela disse: “Eu não gosto também”. Ela pode tê-lo chamado de Papai. Ela pode tê-lo beijado. Ele pode ter recebido o beijo em um silêncio digno. Mas, no fim das contas, por meio de negociações dos advogados do Estúdio, a natureza do encontro com o “comitê de controle” mudou de um interrogatório público na legislatura do estado da Califórnia para uma audiência privada, e a audiência seria um encontro de almoço elegante em salão de jantar no edifício do capitólio. Não houve interrogatório. Não houve confronto. Nenhum jornal ou pessoas da mídia presente. Ao concluir o almoço de três horas, a Atriz Loira deu autógrafos para os membros da diretoria e fotos do Estúdio de Marilyn Monroe, tantas quantas fossem pedidas.

Uma alma pura. Numa aula de mímica, disseram a nós que o corpo tem uma linguagem natural, um discurso sutil e musical. O corpo é predador do

discurso. E com frequência vive além do discurso. Mandaram que fizéssemos mímica de nossas versões mais profundas.

A moça loira se encolheu de início a nossos olhos. Ela se agachou e abraçou os joelhos. Usava calças capri de algodão e uma camiseta masculina, e o cabelo platinado quase branco estava amarrado para trás sem muito cuidado com um lenço. O rosto estava nu de maquiagem (mas nós conhecíamos aquele rosto). Ela se agachou em um canto, os olhos fixos em um horizonte invisível. Começou a bambear para a frente, desengonçada. Levantou-se devagar como um raio de luz. Estendeu os braços e ficou na ponta dos dedos dos pés até o corpo tremer. Então se moveu devagar pela sala, encarando o horizonte invisível. Começou a dançar sem música. Como se estivesse num transe, moveu o corpo em lentas revoluções dolorosas. Tirou a camisa, sem saber o que fazia. Cruzou os braços sobre os seios nus. Sob um encantamento, ela se deitou no chão, enroscou-se como criança e dormiu de imediato, ou pareceu dormir. Um longo minuto mágico passou. Era impossível julgar se ainda era mímica ou um autêntico sono abrupto. No entanto, é claro que poderia ser ambos. Depois de outro minuto, o instrutor de mímica se ajoelhou com preocupação ao seu lado e falou o nome que havia nos dado:

— Norma Jeane?

A moça loira “Norma Jeane” estava em um sono pesado. Foi necessário algum esforço para despertá-la. Claro que nós sabíamos quem era ela. Seu nome de estúdio/Hollywood. Mas a versão mais profunda da mulher brilhou através disso. Uma alma pura. Era linda e não tinha nome.

Era só que ele a amava tanto. Ele não aguentava vê-la se baratear. Ela se humilhando e se degradando. O nome dela e o dele. Essas fotos e fotogramas do filme. Aqueles chacais. E lhe pagando tão pouco, naquele contrato. Todo mundo sabe que Hollywood é escancaradamente um prostíbulo. Permitia que eles a exibissem como uma prostituta comum. Uma puta de esquina. Eles estavam casados agora; ela era esposa dele. O que dizer da família e parentes dele em São Francisco? E a vergonha dele? Seus fãs? Casando-se com ela por amor, e em todos os jornais o fato vergonhoso de que ele havia sido excomungado. Seu divórcio anterior. A Igreja proíbe o divórcio. Por ela! Por amor a ela. E ela se mostrando como carne. Costurada dentro dos vestidos. Rebolando os quadris ao andar. Não diga que é piada. Se é uma

piada, é uma piada imunda. Seios transbordando das roupas. Aquele jantar do prêmio da *Photoplay*. Na cerimônia do Oscar. Disse que não iria, mas foi. É isto que você é? Carne? Todo mundo sabe o que é Hollywood. O nome dela nos jornais. E o dele. Recém-casados brigando? Em público? Mentiras imundas. Mentiroso do caralho. Nunca ele levantaria a mão contra qualquer mulher. Como ela ousava provocá-lo.

Ela estava nua, tonta. Meio da tarde e parecia não conseguir despertar por completo. No dia anterior, na aula de mímica (a não ser que fosse diversos dias antes), ela caíra em um sono profundo e não conseguia dissipar os efeitos daquele sono. Se ela tivesse os comprimidos de acordar de Doc Bob... mas não tinha. Seu marido furioso os havia tomado de sua mão e os jogado na privada.

— É isto que você é? Carne?

— Papai, não! Eu não quero ser.

— Diga a eles que não vai. Esse filme novo. Nem pensar.

— Papai, eu tenho que trabalhar. É minha vida.

— Diga a eles que quer papéis bons. Sérios. Diga a eles que vai se demitir. Seu marido diz que você está se demitindo.

— Sim. Sim, vou dizer.

Ela começou a chorar. Mas nada aconteceu. Ela estava assustada, pois não tinha lágrimas. Não tinha nem trinta anos e as lágrimas já tinham secado! *Eu matei meu bebê*. Uma lágrima ou duas se arrastou. *Meu bebê? Por quê?* Ainda não conseguia chorar. Alguém havia esfregado areia em seus olhos e forrado o interior de sua boca com areia. Onde seu coração estivera, uma ampulheta de areia, peneirando para baixo.

Na verdade, ela estava doente. Era uma emergência, apendicite.

Em seu pânico, pensara que era um parto; estava tendo um bebê afinal de contas. Um bebê demônio furioso se retorcia e revirava com uma cabeça tão grande que iria quebrar seu quadril em dois. E o marido não era o pai e a estrangularia com suas lindas mãos fortes. Culpada e assustada, tomada por dor, e a pele queimando, e ele havia acordado assustado e se deparado com ela no banheiro, suas nádegas nuas na borda da banheira branca de porcelana se embalando de um lado para outro em agonia, nua, suando e soltando um cheiro rançoso e animal do mais puro terror físico. O Ex-A atleta conhecia os sintomas. Na verdade, ele se aliviou em identificar os sintomas.

Ele próprio teve o apêndice praticamente rompido quando mais novo. Chamou uma ambulância, e ela foi levada à emergência do Hospital Cedros do Líbano, e um conto de Hollywood emergiria do caos e da confusão dessas horas para recontar com avidez por gerações sobre o cirurgião residente, que só descobriu a identidade da paciente famosa quando entrou na sala de operação e viu, grudado em sua barriga, o bilhete de caligrafia trêmula:

Muito importante LER ANTES da cirurgia

Querido doutor,

Faça o menor corte que puder. Sei que parece um pedido vaidoso, mas não é isso — o fato de eu ser uma *mulher* é importante e significa muito para mim. Você tem filhos e deve saber o que isso quer dizer — *por favor, doutor* —, sei que entenderá de algum jeito! Obrigada — pelo amor de Deus, Querido Doutor. Não remova meus *ovários* — mais uma vez, por favor faça o que puder para evitar *cicatrizes* grandes. Agradeço de todo o meu *coração*.

Marilyn Monroe

Desde a noite da *première* de *Os homens preferem as loiras*, que foi também a noite em que ela decidiu se casar com o Ex-Atleta, ela não tinha ouvido do homem que se identificava como seu pai.

Seu Pai em lágrimas.

Ela não havia contado a ninguém. Ela estava esperando.

Ela visitou Gladys em Lakewood. Foi sozinha. Dirigia um conversível Studebaker brilhante cor de ameixa com uma listra branca nos pneus. Ela estava suspensa do Estúdio por recusar um filme novo, então não havia um carro do Estúdio disponível para levá-la. O Ex-Atleta se ofereceu, mas ela recusou.

— Minha mãe apenas chatearia você. Ela é uma mulher doente.

Nunca o Ex-Atleta viu Gladys Mortensen, nem veria.

Exceto pelo retrato datado de dezembro de 1926 que ela havia mostrado.- Gladys com sua filha criança Norma Jeane nos braços. O Ex-Atleta olhou uma mulher jovem com ares etéreos e rosto descarnado com olhos de Garbo e sobrancelhas finas modeladas à pinça, segurando pela dobra do braço,

como uma pessoa seguraria um objeto novo, uma bebê rechonchuda de boca úmida e um cacho loiro-escuro em forma de ponto de interrogação no topo da cabeça. Com timidez, a Atriz Loira espiou seu marido, que de muitas maneiras ela não conhecia. Pois amar um homem não é conhecê-lo, mas, pelo contrário, desconhecê-lo. E ser amada por um homem é ser bem-sucedida em criar o objeto de seu amor que, então, jamais deve ser comprometido.

— Ora! Mãe e eu. Muito tempo atrás.

O Ex-Atleta estreitou os olhos, mas por quê? Ele estudou o retrato sépia por alguns minutos. Quaisquer palavras que ele poderia ter dito de pesar, simpatia, amor confuso, ou até mágoa, ele não tinha a habilidade de formular.

Em Lakewood, a Atriz Loira se tornou Norma Jeane Baker, cuja chegada foi celebrada com a costumeira empolgação moderada e respeitosa. Estava usando sapatos com salto apenas médio e um conjunto de gabardine de bom gosto cor malva-acinzentado, com um blazer quadrado que não se ajustava a suas curvas. Ela não era “Marilyn Monroe” — via-se de imediato. Não obstante, algo da aura loira a acompanhava, como um vestígio de perfume. Ela trazia um presente para a equipe: uma caixa de chocolate de Dia de São Valentim de cinco quilos, com uma variedade de chocolates suíços.

— Ah, srta. Baker! Obrigada.

— Srta. Baker, não precisava! — Olhos sorridentes encarando o anel em seu dedo, pois ela havia se casado com o Ex-Atleta mundialmente famoso desde a última visita a Lakewood.

— Não está um dia fabuloso? Você levará sua mãe para um passeio nesta tarde?

— Venha comigo, srta. Baker. Sua mãe está acordada e ansiosa para vê-la.

Na verdade, Gladys Mortensen não parecia ansiosa para ver Norma Jeane e muito provavelmente não sabia que Norma Jeane era esperada. Se ela foi avisada, esqueceu. Norma Jeane trouxe presentes para Gladys também, mas frutas em vez de doces, uma cesta de tangerinas, brilhantes uvas roxas e uma cópia da *National Geographic* porque era uma revista de qualidade com belas fotos de que Gladys poderia gostar, e havia a última edição da *Screenland* com a Atriz Loira na capa numa elegante pose restringida sobre a

manchete “O CASAMENTO DE LUA DE MEL DE MARILYN MONROE”. Gladys espiou os itens, apertando o nariz. Será que ela esperava doces?

Norma Jeane abraçou a mãe com gentileza, não com o afeto que ela teria desejado, pois sabia que Gladys endureceria em um abraço assim. Com leveza, beijou a bochecha da idosa. Era um dos dias bons de Gladys, dava para ver. Norma Jeane havia ouvido por telefone que Gladys tivera uma “fase ruim” recentemente e havia “saído de si quase cem por cento”. O cabelo fora lavado naquela manhã, e ela estava usando o bonito robe fofo e cor-de-rosa que Norma Jeane lhe havia comprado na Bullock’s; estava um pouco manchado, mas Norma Jeane não iria notar. As pantufas de mesma cor foram colocadas lado a lado sob a cama de Gladys. Na parede, ao lado da cômoda de Gladys, havia algo novo: uma imagem de Jesus Cristo com seu coração em chamas, um halo de luz na cabeça bonita como de cinema. Uma imagem católica? Um dos outros pacientes devia ter dado a ela. Norma Jeane suspirou, como se mirasse o abismo no fundo do qual havia uma criaturinha minúscula, supostamente sua mãe.

Ela se surpreendeu e se agradou de ver, apoiada contra um espelho, a foto emoldurada que ela enviara a Gladys de seu casamento com o Ex-Atleta. A esposa em branco-ostra sorrindo com alegria. O noivo alto, bonito, com sobrelhas definidas tão marcadas que pareciam a de um ator. *Ela não jogou fora! Ela deve me amar.*

Gladys deu uma risadinha, mastigando uma uva.

— Este homem é seu marido? Ele sabe de você?

— Não.

— Isso é bom, então. — Gladys assentiu, séria.

Norma Jeane viu com alívio que a mãe ainda estava naquele estado suspenso. Mas parecia mais jovem, tinha um ar malicioso de garota. Quando Norma Jeane a abraçou, sentiu os frágeis ossos de pássaro. E quão delicados eram os ossos no rosto de Gladys. Os olhos misteriosos de Garbo. A expressão etérea que uma câmera havia capturado muito tempo antes. Havia agradado Norma Jeane que, olhando Gladys como olhara em 1926, mais jovem do que Norma Jeane era agora, o Ex-Atleta havia sido atraído para o feitiço de Gladys. Brevemente.

Tudo o que permanecia das sobrelhas meticulosamente pinçadas e desenhadas de Gladys eram alguns fios cinza.

A equipe relatou para Norma Jeane que quando o tempo estava bom Gladys se exercitava caminhando “sem parar” no terreno do hospital. Ela era uma das pacientes idosas mais ativas. A saúde física no geral estava boa. Enquanto falavam, Norma Jeane se maravilhou com a animação da mãe. Talvez fosse rápido, superficial e sem reflexão, mas ao menos ela não estava ruminando carrancuda como fazia às vezes. Norma Jeane não conseguia evitar de comparar sua mãe com sua nova sogra: uma mulher italiana baixa e atarracada com nariz proeminente e um ligeiro bigode, um grande peito caído e uma barriguinha rotunda. “Mamma”, ela queria que a chamasse. *Mamma!*

Gladys, quase como um pássaro, estava empoleirada na ponta de sua cama, pés descalços pendurados. Ela comia as uvas com ruído, cuspidando as sementes nas mãos. De tempos em tempos, sem uma palavra, Norma Jeane recolhia as sementes com um lenço. Exceto por um tique facial ocasional e um movimento peculiar nos olhos, Gladys mal parecia ser uma paciente psiquiátrica. Parecia animada e definitivamente bem-humorada. O humor de Norma Jeane, fortalecido pela Benzedrina de Doc Bob, estava animado e resolutamente de boa natureza. Gladys falava das “notícias do mundo” — “mais problemas na Coreia”. Gladys vinha lendo jornais? Isso era mais do que Norma Jeane havia feito ultimamente. *Esta mulher não está mais louca do que eu. Mas ela está se escondendo. Ela permitiu que o mundo a derrotasse.*

Isso não iria acontecer com Norma Jeane.

Gladys vestiu uma calça e uma camisa, e Norma Jeane a levou para passear no jardim. Era um dia fresco e nublado. O Ex-Alela definia dias assim como dias “de lugar e tempo nenhum”. Nada estava marcado para acontecer em um dia assim. Nada de jogos de beisebol, nada de foco, de atenção. Muito da vida, para quem está aposentado ou em um hiato ou desempregado ou mentalmente doente, é de lugar e tempo nenhum.

— Talvez eu largue o cinema. “No auge da minha carreira.” Meu marido quer que eu faça isso. Ele quer uma esposa e uma mãe. Quero dizer... uma mãe para os filhos. É o que eu quero também.

Gladys podia estar ouvindo, mas não deu resposta alguma. Ela se afastou de Norma Jeane como uma criança impaciente que preferia andar sozinha.

— Este é meu atalho. Por aqui. — Ela levou Norma Jeane, em seu conjunto de gabardine malva-acinzentado e nos novos sapatos de senhora, por um

caminho de tijolos, estreito demais para ser uma ruela, entre dois edifícios hospitalares. Ventiladores rugiam acima. Um odor virulento de gordura quente a atingiu com a força de um tapa de mão aberta. Mãe e filha emergiram em uma área gramada em declive saindo de um amplo caminho pavimentado. Norma Jeane riu com vergonha, perguntando-se se alguém estava olhando. Ela temia que alguns membros da equipe, até os médicos, estivessem tirando fotos dela em certos momentos, sem que ela soubesse; para aplacá-los, ela havia posado no escritório do diretor com ele e alguns outros exibindo seu sorriso Marilyn. *Já basta? Por favor.* Ainda assim quando ninguém surgia com uma câmera, quando ninguém parecia estar observando, quando o vasto céu vazio se abria sem sequer a concentração do sol, não estariam momentos assim sendo perdidos? Os preciosos batimentos cardíacos de uma vida sendo perdida? Não seria a maior parte da vida de lugar e tempo nenhum, e irrevogavelmente perdida sem uma câmera para gravar e registrá-la?

— Indo direto ao ponto, o Estúdio só me oferece filmes com sexo! É isso que são. O próprio título... *O pecado mora ao lado.* Meu marido diz que é nojento e humilhante. “Marilyn Monroe” é essa boneca inflável de espuma e borracha que eu deveria ser, eles querem usar a personagem até gastar; então vão largá-la no lixo. Mas ele enxerga as verdadeiras intenções. Muitas pessoas tentaram explorar meu marido. Ele cometeu alguns erros, conta. Eu posso aprender com seus erros, diz. Para ele, pessoas de Hollywood são chacais. E isso inclui meu agente e as pessoas que afirmam estar do meu lado contra o Estúdio. “Todos eles querem explorar você”, diz ele. “Mas eu só quero te amar.”

Essas palavras vibraram estranhamente no ar, como sinos de vento amassados. Norma Jeane se ouviu continuar, como se Gladys tivesse contestado:

— Tenho estudado mímica. Quero começar de novo, do zero. Talvez me mude para Nova York para estudar atuação. Atuação séria. Não em filmes, mas no palco. Meu marido não contestaria isso, talvez. Quero morar em outro mundo. Não em Hollywood. Eu quero morar em... Ah, Tchekhov! O'Neill. *Anna Christie.* Eu poderia interpretar Nora em *Casa de bonecas.* Ora, se “Marilyn” não seria perfeita para Nora! A única interpretação verdadeira é viver. Viva. Nos filmes, eles quebram você em pedacinhos,

centenas de cenas desconexas. É um quebra-cabeça mas não é você quem monta as peças.

Gladys disse de forma abrupta:

— Aquele banco? Eu costumava me sentar ali. Mas alguém foi morto ali.

— Morto?

— Eles te machucam se você não obedecer. Se você não engolir o veneno deles. Se colocar o comprimido no canto da boca e se recusar a engolir. Isso é proibido.

A voz de Gladys estava estridente e emotiva. *Ah, não*, Norma Jeane pensou. *Por favor, não*.

Protegendo os olhos e soluçando, Gladys se apressou para ir além do banco. Esse era o exato banco em que filha e mãe haviam se sentado inúmeras vezes, com vista para um riacho raso. Agora Gladys falava de um terremoto. A falha de San Andreas. Na verdade, houvera inúmeros tremores recentemente na área de Los Angeles, mas nenhum terremoto. Pessoas entravam em seu quarto à noite, Gladys disse, e faziam um filme dela. E faziam coisas com ela, com instrumentos cirúrgicos. Outros pacientes eram encorajados a roubar dela. No momento de terremoto, coisas assim aconteciam porque não havia ninguém para governar. Mas ela tinha sorte: ninguém a havia matado. Ninguém a sufocara com um travesseiro.

— Eles respeitam pacientes com família, como eu. Eu sou vip aqui. As enfermeiras estão sempre murmurando: “Ah, quando a Marilyn vem ver você, Gladys?”. Eu respondo: “Como é que vou saber? Eu sou só a mãe dela”. Eles estavam perguntando sobre o jogador de beisebol, se Marilyn ia se casar com ele. Enfim, eu disse: “Vão vocês perguntar para ela, já que significa tanto para vocês. Talvez ela escolha vocês todas como madrinhas”.

Norma Jeane riu sem muita força. A mãe estava falando em uma voz baixa, rápida e acelerada, que sinalizava problemas. Era a voz da avenida Highland, mais alta do que o som de cascata da água fervente.

Assim que emergiram do corredor fedorento, como se fora do alcance de autoridade:

— Mãe, vamos nos sentar. Tem um banco simpático ali.

— Banco simpático! — Gladys soltou uma risada de escárnio. — Às vezes, Norma Jeane, você parece tão tola. Como o resto deles.

— É só uma forma de f-falar, Mãe.

— Então aprenda uma forma melhor. Você não é tola.

No ar fresco nebuloso que cheirava levemente a enxofre elas caminharam para o lado mais distante do terreno de Lakewood, onde uma cerca de arame de três metros pairava sobre elas, telada por uma cervas viva de alfenheiro. Gladys enfiou os dedos por entre a cerca e a sacudiu com violência. Era notável que esse tinha sido o objeto de seus passos rápidos. Veio à Norma Jeane o pensamento em pânico de que ela e Gladys agora eram pacientes em Lakewood. Ela fora enganada até então, para visitar, e agora era tarde demais.

E ao mesmo tempo ela sabia que não era assim. Sob a lei da Califórnia, o marido teria que ser responsável pela internação. O Ex-A atleta a adorava, ele nunca faria algo assim.

Talvez ele fosse matá-la! Com suas belas mãos forte. Mas ele nunca faria uma coisa tão cruel e traiçoeira.

— Agora tenho um marido que me ama, Mãe. Isso faz toda a diferença do mundo. Ah, espero que um dia vocês possam se conhecer! Ele é um homem maravilhoso caloroso, que respeita as mulheres...

Gladys estava respirando rápido, revigorada da caminhada ágil. Nos últimos anos, ela havia ficado uns dois ou quatro centímetros mais baixa que Norma Jeane, ainda assim, parecia a Norma Jeane que para encontrar o entretido olhar de aço da mãe, ela tinha que se voltar para cima. O esforço no pescoço era considerável.

Gladys perguntou:

— Você não teve um bebê, teve? Eu sonhei que morreu.

— Ele morreu, Mãe.

— Era uma garotinha? Falaram para você?

— Eu tive um aborto espontâneo, Mãe. Ainda na sexta semana. Fiquei terrivelmente doente.

Gladys assentiu, séria. Ela não parecia surpresa de forma alguma com a revelação, apesar de claramente não acreditar.

— Foi uma decisão necessária.

Norma Jeane respondeu de pronto:

— Foi um aborto espontâneo, Mãe.

— Della foi minha mãe, Della foi uma avó e este foi seu prêmio no fim. Ela teve uma vida difícil, eu causei muita dor a ela. Mas enfim ela estava feliz —

disse Gladys, com uma luz de bruxa surgindo em seus olhos. — Mas se você fizer isso comigo, Norma Jeane, não posso prometer.

— Prometer o quê? Eu não entendo — retrucou Norma Jeane, confusa.

— Não posso ser uma delas. Uma avó. Como ela. É minha punição.

— Ah, Mãe, o que está dizendo? Punição pelo quê?

— Por trair minhas lindas filhas. Por deixar que morressem.

Norma Jeane se afastou da mãe, empurrando o ar com as palmas das mãos como se empurrasse uma parede. Isso era impossível! Não se podia falar com uma paciente psiquiátrica. Uma esquizofrênica paranoica. Como uma das improvisações desalentadas em que o instrutor contava a um ator certos fatos secretos do parceiro de cena, e o outro ator tinha que mergulhar cegamente na cena.

Ela determinaria uma cena nova.

Só por se mover de um espaço para outro no palco conseguia se estabelecer uma cena nova. Só pela força de vontade.

Ela pegou o braço magro, como arame, resistente, e a puxou de volta para a rota pavimentada. Bastava! Norma Jeane estava no comando. Ela pagava os valores exorbitantes do Lar de Lakewood e ela estava designada como a guardiã de Gladys Mortensen e parente mais próxima. Filhas! Havia apenas uma filha, e ela era Norma Jeane. Ela disse:

— Mãe, eu te amo tanto, mas você me machuca tanto! Por favor, não faça isso, Mãe. Eu entendo que você não está bem, mas não pode tentar? Tentar ser gentil? Quando eu tiver meus filhos eu nunca vou ferir nenhum deles. Vou amar todos para que sigam vivos. Você é como uma aranha na sua teia. Uma dessas aranhas marrons pequenas reclusas. O tipo mais perigoso! Todo mundo pensa que “Marilyn Monroe” deve ter dinheiro, mas eu não tenho dinheiro de verdade, eu pego dinheiro emprestado o tempo inteiro, eu pago para você morar aqui, este hospital particular, e você me envenena. Você devora meu coração. Meu marido e eu pretendemos ter bebês. Ele quer uma família grande e eu também. Eu quero seis bebês!

— Como você daria de mamar para seis? É muito até para Marilyn.

Norma Jeane riu, ou tentou. Isso *foi* engraçado!

Em sua bolsa de mão ela tinha a carta preciosa de seu pai.

— Sente-se, Mãe. Tenho uma surpresa para você. Tenho algo para ler para você e não quero ser interrompida.

O Ex-Atleta estava viajando a negócios. A Atriz Loira foi a uma performance teatral, de um dramaturgo americano contemporâneo, no Teatro de Pasadena.

Foi levada por amigos. Todas as noites em que o Ex-Atleta estava viajando, ela ia a uma peça em um teatro local. Nesta fase da vida, a Atriz Loira tinha inúmeros amigos em círculos que não se cruzavam, e eram amigos mais jovens, desconhecidos do Ex-Atleta. Eram escritores, atores, dançarinos. Um deles era o instrutor de mímica da Atriz Loira.

No Teatro de Pasadena, membros da plateia observavam secretamente a Atriz Loira ao longo da noite. Ela parecia estar genuinamente tocada pela peça. Não estava de roupas glamourosa e não chamou atenção para si mesma. Os amigos se sentavam protetoramente nos dois lados dela.

Seria relatado que, no fim da peça, enquanto o resto da plateia estava saindo, a Atriz Loira permanecera no assento como se estivesse aturdida. Ela disse, com fraqueza:

— Esta é uma tragédia de verdade. Ela faz o coração chorar. — Mais tarde, bebendo drinques, disse: — Quer saber? Vou me casar com o dramaturgo.

— Ela tinha o senso de humor mais maravilhoso! Fazia uma cara séria e de garotinha, e dizia as coisas mais absurdas. De uma cara feia de pug molhado como W.C. Field, espera-se ironia. De sobrancelhas e bigode de Groucho Marx, espera-se algo surreal. Mas Marilyn, ela sacava essas coisas espontaneamente. Era como se algo dentro dela desafiasse. “Choque esses sacanas. Dê uma chacoalhada neles.” E ela dava. E o que ela dizia poderia voltar para assombrar ou ferir Marilyn e, possivelmente, ela sabia disso com antecedência. Mas, que diabo, e daí?

De volta em seu quarto em Lakewood, Gladys rastejou com fraqueza para a cama. Ela não precisava da ajuda de Norma Jeane. Estivera sem palavras desde que Norma Jeane leu para ela a carta em uma voz calma, campânula, não acusatória, e continuava sem palavras. Norma Jeane beijou sua bochecha e disse em voz baixa:

— Adeus, Mãe. Eu amo você.

Ainda assim, Gladys não respondeu. Muito menos olhou para Norma Jeane. Na porta do recinto, Norma Jeane parou para ver que sua mãe estava

virada de frente para a parede. Olhando para cima, para as lúridas cores brilhantes do Sagrado Coração de Jesus.

Tinha algo a ver com a Páscoa.

A Atriz Loira foi levada para a Sociedade Lar de Órfãos de Los Angeles em uma limusine preta com um interior acolchoado e suntuoso como o interior almofadado de um caixão. Em seu uniforme e quepe, o Chofer Sapo estava atrás do volante.

Por dias, a Atriz Loira estivera empolgada, emocionada. De certa forma, era uma estreia no palco. Por muito tempo, ela pretendia voltar ao Lar para visitar a dra. Mittelstadt, que havia mudado tanto o rumo de sua vida — para dizer “obrigada”.

Talvez (a Atriz Loira esperava que fosse um gesto natural, não forçado), elas orariam na privacidade do escritório de dra. Mittelstadt. Ajoelhadas juntas no carpete!

Com frequência, o Ex-Atleta não aprovava as aparições públicas da Atriz Loira. Com justificativas maritais, o Ex-Atleta achava que aparições assim eram “vulgares” — “exploradoras” — “impróprias para sua dignidade como minha mulher”. Nesse caso, no entanto, o Ex-Atleta aprovava. Por anos, antes e depois de sua aposentadoria do beisebol, ele visitava lugares assim para crianças, lares, hospitais e instituições. Algumas dessas crianças, em especial as doentes, feridas, poderiam partir o coração, ele alertou. Mas era emocionante também. Dava a sensação de estar fazendo algo bom. Causando algum impacto. Criando memórias positivas.

Em tempos idos, reis e rainhas visitavam lugares assim para ungir os doentes, os mutilados, os párias e os condenados, mas nos Estados Unidos havia apenas indivíduos como o Ex-Atleta e a Atriz Loira, e eles tinham que “fazer sua parte”.

— Só não deixe a mídia sufocar você — o Ex-Atleta alertou.

— Ah, sim — concordou a Atriz Loira.

Um número de celebridades de Hollywood havia se voluntariado. A Atriz Loira, apesar de oficialmente em descrédito, suspensa do Estúdio por violação contratual, era uma dessas. Ela havia pedido para ser levada para a Sociedade Lar de Órfãos de Los Angeles, na avenida El Centro.

— Morei lá no passado. Tenho muitas lembranças.

A maioria boa. É claro.

A Atriz Loira acreditava em boas lembranças. É claro que ela havia sido uma órfã. — Muitas pessoas são! — E, sim, sua mãe a havia cedido. — Era a Grande Depressão. Muita gente foi afetada! — Ainda assim, ela fora bem cuidada no Lar. A Atriz Loira não nutria amargor algum por ter sido órfã na Terra de Abundância. — Ei, ao menos eu estava viva. Não como em algum país cruel como na China onde bebês meninas são afogadas como gatinhos.

Manchetes em todos os jornais. Colunas especiais por Louella Parsons, Walter Winchell, Sid Skolsky e Leviticus. Uma história de capa para o *Hollywood Reporter* e para o *L.A. Times Sunday Magazine*. Matérias menores divulgadas por jornais em toda a nação e na *Time*, *Newsweek*, *Life*. Tropas de fotógrafos, equipes de televisão. Cobertura breve nos noticiários televisivos noturnos.

MARILYN MONROE REVISITA ORFANATO DEPOIS DE ANOS.

MARILYN MONROE “REDESCOBRE” PASSADO COMO ÓRFÃ.

MARILYN MONROE FAZ AMIZADE COM ÓRFÃOS NA PÁSCOA.

A Atriz Loira diria ao Ex-A atleta que “não fazia ideia” de como quanta publicidade foi gerada. Outras celebridades de Hollywood visitando outros lares, hospitais e instituições não haviam gerado nem perto disso!

A Atriz Loira se sentia igualmente empolgada e apreensiva, tanto quanto na infância. Quantos anos haviam passado? Dezesseis anos!

— Mas eu vivi mais do que uma vida inteira depois disso.

Enquanto o Chofer Sapo dirigia a limusine preta e brilhante com habilidade, saindo de uma afluenta Beverly Hills e atravessando Hollywood para o interior de Los Angeles, a Atriz Loira começou a perder a calma. Uma leve dor latejante entre seus olhos ficou mais forte. Ela estivera tomando aspirina, pois (para sua vergonha secreta) havia ido além da dosagem prescrita por Doc Bob do “tranquilizante milagroso” Demerol e estava determinada a não tomar mais. Conforme se aproximava da presença poderosa da dra. Mittelstadt, como se aproximasse de um sol acalentador, curador, ela sabia que aquela cura apenas poderia vir de dentro. Não há dor e de certa forma não há “cura”. *O amor divino sempre atendeu e sempre atenderá todas as necessidades humanas.*

Diversos assistentes vinham com a Atriz Loira em um automóvel separado. Uma van de entrega com centenas de cestas de Páscoa

embrulhadas alegremente cheias de coelhos de chocolate, pintinhos de marshmallows e jujubas multicoloridas. Presunto curado no estilo da Virginia, com abacaxis trazidos de avião diretamente do Havaí. A Atriz Loira havia doado quinhentos dólares de seu próprio dinheiro (ou do Ex-A atleta?) para entregá-los em forma de cheque para a dra. Mittelstadt como um “gesto pessoal de minha gratidão”.

Na verdade, a diretora do Lar não a havia traído de alguma forma? Parado de escrever para ela, depois de um ou dois anos? A Atriz Loira deu de ombros para isso.

— Ela é uma profissional ocupada. E eu também.

Quando o Chofer Sapo virou no terreno do orfanato, a Atriz Loira começou a tremer. Ah, mas ali não era o lugar certo... ou era? A fachada encardida de tijolos vermelhos havia sido lavada e agora parecia pele arranhada crua. Onde houvera uma área aberta, agora havia barracões pré-fabricados feios. Onde houvera um parquinho modesto, agora havia um estacionamento asfaltado. O Chofer Sapo subiu a limusine silenciosamente à entrada, onde repórteres, fotógrafos e câmeras haviam se reunido de haviam sido desordenada. A Atriz Loira falaria com a imprensa depois, essas pessoas haviam sido informadas, mas é claro que tinham perguntas para ela agora, chamavam-na aos gritos conforme ela era acompanhada às pressas para dentro do prédio, câmeras clicando atrás dela como metralhadoras. Dentro, estranhos apertaram sua mão. Dra. Mittelstadt não estava em lugar algum. O que havia acontecido com o salão? Que lugar era esse? Um homem de meia-idade com um rosto recém-barbeado de Porco Gaguinho estava guiando a Atriz Loira para o salão de visitantes, falando rápido e com alegria.

— Mas onde está a dra. M-Mittelstadt? — perguntou a Atriz Loira.

Ninguém pareceu ouvir. Assistentes estavam trazendo cestas de Páscoa, presuntos e abacaxis em caixas. Um sistema de amplificadores estava sendo testado. A Atriz Loira estava com dificuldade de ver com clareza por trás de seus óculos escuros, mas não queria removê-los por medo de que esses estranhos ávidos vissem o pânico em seu olhar. Diversas vezes, ela chorou, com um sorriso deslumbrante.

— Ah, meu Deus...! É uma honra imensa estar aqui. A época de Páscoa é um momento tão especial! Estou verdadeiramente feliz. Obrigada a todos pelo convite.

O evento passou num borrão. Mas não um borrão rápido. Por algum tempo, antes de a cerimônia começar, a Atriz Loira foi fotografada para o “arquivo” do orfanato. Ela foi fotografada com o homem igual ao Porco Gaguinho brilhando, que tirou os óculos bifocais para a foto, e com algumas crianças. Uma das garotas a lembrava tanto Debra Mae aos dez ou onze anos... A Atriz Loira queria acariciar o cabelo bagunçado laranja como uma cenoura.

— Qual seu nome, queridinha? — perguntou a Atriz Loira. A garota murmurou uma ou duas sílabas, de má vontade. A Atriz Loira não conseguiu ouvir bem. *Nancy*, talvez? Ou Eunice, *Eununse*? — ... Eu não sei.

A cerimônia aconteceu no salão de jantar. Desse vasto espaço feio, a Atriz Loira se lembrava. Levadas para dentro marchando, em fileiras ordenadas, as crianças foram obrigadas a sentar em mesas encarando-a como se ela fosse uma criatura animada da Disney. Conforme a Atriz Loira se aproximava do microfone para recitar seu discurso pronto, seus olhos dispararam pelo salão buscando rostos familiares. Onde estava Debra Mae? Onde estava Norma Jeane? Talvez aquela fosse Fleece? — uma criança esguia taciturna, infelizmente, um garoto.

Seria relatado que a Atriz Loira, ao contrário das expectativas de boa parte da equipe do orfanato, era uma mulher “doce, gentil, parecendo sincera”. Aos olhos de muitos, era “quase uma dama”. “Não glamourosa como dizem, mas muito bonita. E *encorpada*.” Ela foi vista como “um pouco nervosa, com quase um gaguejar às vezes (nós esperávamos que ela não entreouvisse algumas das crianças a imitando!)” Foi admirada por sua paciência com os órfãos, que ficaram empolgados e energizados demais com as cestas de Páscoa e inquietos e barulhentos; “... em especial, as crianças hispânicas que não sabem inglês.” Alguns dos garotos mais velhos foram grosseiros e a encaravam, movendo a língua sugestivamente, mas a Atriz Loira, acreditou-se, “sabidamente ignorou. Ou talvez ela estivesse amando aquilo, quem vai saber?”.

Apesar de um latejar doloroso na cabeça, a Atriz Loira apreciou dar cestas de Páscoa para as crianças, que passaram na frente dela uma por uma por uma. Uma infinidade de órfãos. Uma eternidade de órfãos. Ah, ela poderia fazer isso para sempre! Basta tomar o remédio mágico de Doc Bob para fazer qualquer coisa para sempre! Melhor que sexo. (Bem, qualquer coisa

era melhor que sexo. Ei, só estou brincando!) Ah, essa era uma experiência recompensadora, extensa e jubilosa, ela diria ao mundo se perguntassem. E eles perguntariam. Entrevistariam. Cada uma de suas sílabas seria transformada em um valioso papel impresso ou filme gravado. Porém, não diria a eles que as órfãs meninas a interessavam muito mais do que os órfãos meninos. Os garotos não precisavam *dela*. Qualquer mulher servia para eles, qualquer corpo feminino, querendo se definir machos, portanto superiores, um corpo é como o outro, mas as órfãs meninas olhavam para *ela*, encarando-*a*, memorizando-*a*, lembrariam por muito tempo *dela*. As órfãs que haviam sido feridas como Norma Jeane. Ela via isso. Órfãs que necessitavam de um toque, um toque rápido no cabelo, uma carícia na bochecha, até um beijinho de borboleta. Ouvir: “Você não é uma gracinha? Amo suas tranças!”. Ou: “Qual seu nome? Que nome bonito!”.

Ela dizia a elas, com o ar de quem compartilhava um segredo:

— Meu nome, quando eu morei aqui, era Norma Jeane.

E uma das garotas disse:

— Norma Jeane... Ah, eu queria que esse fosse meu nome.

A Atriz Loira emoldurou o rosto dessa garota em suas mãos e surpreendeu a todos que assistiam à cena caindo no choro.

Ela perguntaria mais tarde: “Qual era o nome completo da garota?”.

Ela enviou um cheque para o Lar, para uma “doação especial de roupas e livros” para aquela garota.

Se o cheque, de duzentos dólares, foi de fato um dia usado para esse propósito, e não apenas dissolvido no orçamento no Lar, ela não descobriria. Pois teria se esquecido.

Uma desvantagem, ainda que uma vantagem, da fama: você se esquece muito.

E o cheque de quinhentos dólares que ela havia feito, impulsivamente, para a *dra. Mittelstadt*? Este a Atriz Loira não removeria de sua bolsa de mão.

O novo diretor da Sociedade Lar de Órfãos de Los Angeles era, de fato, o homem de meia-idade com a cara de Porco Gaguinho. E era um homem gentil, um pouco tagarela e cheio de si. A Atriz Loira o ouviu por alguns minutos pacientes antes de interrompê-lo para perguntar, dessa vez com mais ênfase, o que havia acontecido com a *dra. Mittelstadt*? Foi respondida com pálpebras que se agitavam e lábios contraídos.

— Dra. Mittelstadt era minha predecessora — disse Porco Gaguinho, em uma voz neutra. — Eu não tinha relação com ela, de fato. Eu nunca faço comentários a respeito dos que vieram antes de mim. Acredito que todos nós fazemos o melhor que podemos. Adivinhar não é do meu feitio.

A Atriz Loira buscou uma matrona mais velha, um rosto familiar. Esse um dia jovem e agora de meia-idade, mais robusto, com papada de buldogue, ainda que com um sorriso animado.

— Norma Jeane. Claro que me lembro de você! Uma garotinha tão tímida, tão doce. Você tinha um tipo de... era alergia? Era asma? Não. Teve pólio, e coxeava um pouquinho? Não? (Bom, com certeza você não coxeia agora. Eu te vi dançar naquele último filme, boa como Ginger Rogers!) Você era amiga daquela menina doida, Fleece? Sim? E a dra. Mittelstadt gostava tanto de você. Você estava no círculo próximo dela. — A matrona riu, balançando a cabeça.

Era uma cena de filme, a Atriz Loira retornando ao orfanato em que ficou encarcerada por muito de sua infância e recebendo revelações distribuídas como se por um crupiê, mas a Atriz Loira não conseguia determinar qual era a música de fundo a definir o tom da cena. Durante a cerimônia da cesta de Páscoa, “Easter Parade” cantada por Bing Crosby havia sido tocada no salão de jantar. Mas agora não havia música de fundo.

— E a dra. Mittelstadt? Ela se aposentou, imagino?

— Sim. Se aposentou.

Um olhar furtivo na expressão da matrona. Melhor não perguntar.

— O-onde ela está?

Um olhar pesaroso.

— Temo dizer que a pobre Edith morreu.

— Morreu!

— Ela era minha amiga, Edith Mittelstadt. Eu trabalhei com ela por 26 anos, nunca respeitei tanto alguém. Ela nunca tentou impor a religião dela em *mim*. Era uma boa mulher cuidadosa. — A boca contraída se contorceu para baixo. — Não como certos dessa “turma nova”. Esses com “foco no orçamento”. Enfiando ordens por todos os lados como a Gestapo.

— Como a dra. Mittelstadt m-morreu?

— Câncer de mama. Foi o que soubemos.

Os olhos da matrona se umedeceram. Se essa fosse uma cena de filme, e certamente era, também era vividamente real e dolorosa; e a Atriz Loira teria que mandar o Chofer Sapo parar em uma farmácia na avenida El Centro para que ela pudesse correr para dentro, implorar com o farmacêutico para usar o número de emergência de Doc Bob e adquirir com urgência um comprimido de Demerol naquele instante. *Tão real assim, com música de fundo ou não.*

A Atriz Loira se encolheu.

— Ah. Eu sinto muitíssimo. Câncer de mama. Ah, Deus.

Inconscientemente, a Atriz Loira pressionava os antebraços contra o peito. Esses eram os famosos seios salientes de “Marilyn Monroe”. Mas ali, no orfanato, como visitante de Páscoa, a Atriz Loira não estava exibindo seus seios de forma conspícua. Seu figurino era modesto, de bom gosto. Ela até usou um chapéu pascal, com uma fileira de centáureas e um véu. Um ramo de lírio-do-vale na lapela. Os seios da dra. Mittelstadt eram maiores do que os da Atriz Loira, mas é claro que não do mesmo tipo que os da Atriz Loira, que eram, ou haviam se tornado, obras de arte. Em seu epitáfio, a Atriz Loira brincou, apenas suas estatísticas vitais deveriam ser gravadas: “96-60-96”.

— Pobre Edith! Nós sabíamos que ela estava doente, e ela vinha perdendo peso. Imagine, dra. Mittelstadt quase *magra*. A pobre deve ter emagrecido uns 25 quilos enquanto estava aqui entre nós. E sua pele ficou como cera. E olhos vazios. Nós implorávamos para que ela fosse ver um médico. Mas você sabe como ela era teimosa e corajosa. “Eu não tenho motivo para ver um médico.” Ela estava apavorada, mas nunca admitiria. Talvez você saiba que devotos da Ciência Cristã têm pessoas que oram por eles quando ficam doentes. Ou o que quer que seja, acho que não ficam “doentes”. Essas pessoas oram, e você ora. E se tiver fé, você deveria se cuidar. E esta foi a forma de Edith lidar com o câncer, sabe? Quando nos demos conta das circunstâncias, do que realmente havia de errado com ela, ela já estava afastada por motivo de doença. Ela se negou a ir a um hospital até o fim. Mesmo quando foi, não foi por vontade própria. A tragédia era que Edith sentia que sua fé era inadequada. Com o câncer devorando seu corpo, até as profundezas dos ossos, aquela pobre mulher teimosa acreditava que era culpa dela. A palavra “câncer” nunca cruzou seus lábios. — A matrona respirou fundo, secando os olhos com um lenço. — Eles não acreditam em

“morte”, veja bem. Devotos da Ciência Cristã. Então, quando acontece com eles, deve ser culpa deles.

Com coragem, a Atriz Loira perguntou:

— E Fleece, o que houve com Fleece?

— Ah, aquela Fleece. — A matrona sorriu. — A última vez que ouvimos dela ela havia se alistado no Regimento Feminino. Ela conseguiu chegar a sargento, ao menos.

— Ah, Papai, me abrace.

Em seus quentes braços musculosos. Ele ficou surpreso, um pouco inquieto, mas com certeza ele a amava. Era louco por ela. Mais agora do que no começo.

— Eu estou me sentindo tão... fraca, acho. Ah, Papai!

Ele estava envergonhado, sem saber o que dizer. Murmurou:

— O que houve, Marilyn? Eu não estou entendendo.

Ela estremeceu e se aninhou nele. Ele conseguia sentir seu coração batendo rápido como o de um passarinho. Como decifrá-la? Essa mulher maravilhosa e sensual que conseguia falar melhor em público do que ele falava em qualquer momento, uma das mulheres mais famosas nos Estados Unidos e talvez do mundo, e ela está... se escondendo nos braços do marido?

Ele a amava, isso estava definido. Ele cuidaria dela. Claro.

Apesar de confuso com esse comportamento, cada vez mais frequente.

— Amor, que diabo? Eu não estou entendendo.

Ela leu para ele a Bíblia. Numa voz ansiosa e desejosa. Ele adivinhou que era sua voz de garotinha, raramente ouvida.

— “... e Jesus Cristo cuspiu no chão e fez um pouco de lama com a saliva, e então ungiu a lama nos olhos do cego, e os olhos do cego se abriram.” — Ela ergueu o olhar para ele, os próprios olhos brilhando de forma estranha.

O que ele diria? Que diabo?

Ela leu para ele alguns poemas que havia escrito. Para ele, ela disse.

Na voz de garota ansiosa e desejosa. As narinas avermelhadas de uma gripe que se dissipava, e ela fungava; com uma falta de constrangimento infantil, ela limpou o nariz com os dedos, tão estranhamente ofegante, como se estivesse à beira de um precipício.

Em você,
vejo o mundo renascer.
Em dois.
Antes de você,
havia menos do que um.

O que ele deveria dizer? Que diabo?

Ela estava aprendendo a fazer molhos. Molhos! *Puttanesca* (com anchovas), *carbonara* (com bacon, ovos, creme de leite), *bolognese* (com carne moída bovina, suína, cogumelos, creme de leite), *gorgonzola* (queijos, noz-moscada, creme de leite). Ela estava conhecendo as massas e essas eram palavras, como poemas, que a faziam sorrir: *ravioli*, *penne*, *fettuccine*, *linguine*, *fusilli*, *conchiglie*, *bucatini*, *tagliatelle*. Ah, como ela estava feliz! Será que era um sonho? E, se fosse, será que era um sonho bom, ou não tão bom? O tipo de sonho que pode mudar sutilmente para pesadelo? Como abrir uma porta destrancada e dar um passo dentro de um poço de elevador?

Acordando em uma cozinha quente demais, não familiar. Linhas de perspiração grudenta escorrendo pelo rosto, entre os seios. Ela estava cortando cebolas sem jeito enquanto alguém falava com ela com ferocidade. Os olhos ardiam e se enchiam de água pelas cebolas. Tirando uma enorme frigideira de ferro fundido de um armário. Crianças correndo para dentro e fora da cozinha aos berros. Eram os sobrinhos e sobrinhas pequenos de seu marido. Ela não conseguia se lembrar dos rostos e certamente não conseguia se lembrar dos nomes. Alho e azeite de oliva fumegavam na frigideira de ferro! Ela havia deixado o fogo alto demais. Ou pensamentos voando acima dela para fora da janela, ela não estava cuidando do fogão.

Alho! Muito alho. A comida deles estava saturada daquilo. O cheiro de alho nos hálitos dos sogros. No hálito da sogra. E dentes feios. *Mamma* se aproximando demais. *Mamma* impossível de evitar. Uma pequena mulher-linguiça se agitando. Nariz de bruxa e queixo pontudo. Peito caído na barriga. Ainda assim ela usava vestidos pretos com decotes. Suas orelhas estavam furadas, ela sempre usava brincos. Ao redor de seu pescoço gorducho, uma cruz de ouro em uma corrente de ouro. Sempre usava meia-calça. Como as meias de algodão de Vovó Della. A Atriz Loira tinha visto

fotos de sua sogra quando ela fora moça na Itália, não linda, mas de boa aparência, sensual como uma cigana. Mesmo quando garotinha, ela era vigorosa. Quantos bebês aquele corpinho borrachudo havia produzido? Agora era comida. Tudo era comida. Para os homens devorarem. E eles de fato devoravam! A mulher havia se tornado comida e amava ela mesma comer.

Anos atrás, na cozinha da sra. Glazer, ela fora feliz. Norma Jeane Glazer. Sra. Bucky Glazer. A família a havia recebido como uma filha. Ela havia amado a mãe de Bucky e havia se casado com Bucky para conseguir tanto um marido quanto uma mãe. Ah, quantos anos atrás! O coração havia se partido, mas ela sobrevivera. E agora era uma adulta e não precisava de mãe. Não esta mãe! Tinha quase 28 anos e não era mais uma garota órfã. Seu marido queria que ela fosse uma esposa, e uma nora para seus pais. Ele queria que ela fosse uma mulher glamourosa em público, na companhia dele; mas apenas na companhia dele, sob sua supervisão de perto. Ainda assim, ela era adulta; tinha sua própria carreira, senão sua identidade. A não ser que ser “Marilyn Monroe” fosse a carreira inteira. E possivelmente a carreira não duraria muito. Havia dias que passavam com lentidão excruciante (esses dias em São Francisco na casa dos sogros, por exemplo), ainda assim, anos passavam rápidos conforme a paisagem piscava para ela de um veículo acelerando. Nenhum homem tinha direito de se casar com ela e querer mudá-la! Como se dizer “*Eu amo você*” fosse afirmar “*Eu tenho o direito de mudar você*”.

— Por que eu sou diferente dele no auge de sua carreira? Um atleta. Só se tem alguns anos ativos. — Ela viu a faca escorregar de seus dedos úmidos e quicar no chão. — Ah...! Eu sinto muito, Mamma. — As mulheres na cozinha a encararam.

O que elas pensaram? Que ela havia tentado esfaquear seus pés? Seus tornozelos gordos? Rápido, ela passou a faca sob água corrente na pia, secou com uma toalha e voltou a sua tarefa de cortar. Ah, mas ela estava entediada! Seu coração de Grushenka urrava com tédio.

Hora de fritar fígados de frango. O cheiro pungente e azedo que dava ânsia de vômito.

Toda garota e mulher nos Estados Unidos a invejava! Como todo homem invejava o Yankee Durão.

No Teatro de Pasadena, ela soubera que estava na presença de um talento imenso. O Dramaturgo cuja poesia entrava em seu coração. A visão dele era do sofrimento trágico na casa ao lado. Vida “comum”. *Você dá seu coração ao mundo, é tudo que você tem. E então ele se parte.* Essas palavras ditas no túmulo de um homem, no final da peça, impregnado com uma misteriosa luz azul que diminuía devagar, haviam assombrado a Atriz Loira por semanas.

— Eu poderia interpretar em suas peças. Exceto que não tem um papel para “Marilyn”. — Ela sorriu. Depois riu. — Isso é bom. Serei outra pessoa para ele, então.

Elas a observavam, fritando os fígados de frango. Da última vez, ela havia praticamente colocado fogo na cozinha. Ela estava falando sozinha? Sorrindo? Como uma garota de três anos, inventando histórias. Ninguém quer interromper. Ela poderia se assustar, derrubar o garfo trinchante em seu pé.

Febril e de corpo pesado desde que abrisse mão das drogas prescritas por Doc Bob. Jurando que nunca tomaria algo mais pesado que aspirina de novo; ela levou um susto, escapou por um triz, sem conseguir acordar ou ser despertada por quinze horas de sono estuporoso, até que o marido desesperado quase chamou uma ambulância e a fez prometer que *nunca mais!*, e ela havia prometido, e queria manter a promessa. Então o Ex-A atleta veria como ela falava sério. Não só ela estava dizendo não ao Estúdio, chega de filmes sexuais de Marilyn, como também era uma esposa devotada, uma boa mulher. Esfregaria na cara do Ex-A atleta seu bom comportamento no fim de semana. Até foi à missa com elas. As mulheres. Ah, o Sagrado Coração de Jesus! Lá do lado do altar da cavernosa igreja velha fedendo a incenso. Aquele lúrido coração exposto como uma parte do corpo que não se deveria ver. *Pegue meu coração e o devore.*

O Ex-A atleta, o jogador celebridade, havia sido excomungado por se casar com a Atriz Loira, ainda assim o arcebispo de São Francisco era um amigo da família e fã de beisebol e “talvez, de alguma forma” as coisas se resolvessem. (Como? Com o casamento anulado?) Ela havia ido à missa com as mulheres. Elas pareciam deleitadas em levá-la, a bela Marilyn. A única loira em um meio de cabelo escuro e pele morena. Mais alta que Mamma por uma cabeça. Ela não trouxera um chapéu adequado então

Mamma lhe deu uma mantilha de renda preta para cobrir o cabelo. Muitos olhos sombriamente quentes e italianos desviando-se para ela e tirando uma casquinha apesar de ela não usar nada provocativo, e sim roupas monótonas como de uma freira. Ah, mas que tédio estar na igreja! A missa em latim, a voz aguda do padre zumbindo, interrompida pelo tocar de sinos (para acordar você?), e tão *comprida*. Mas ela havia se comportado bem, o marido apreciaria. E na cozinha preparando refeições gigantescas e limpando, enquanto ele saía de barco com seus irmãos ou jogava beisebol na sua escola antiga com os caras da vizinhança que ele precisava que fingissem que eram seus amigos. Dando autógrafos para crianças ou pais com aquele sorriso tímido-assustado que fazia com que fosse amado, apesar de estar se tornando um sorriso familiar, não tão espontâneo quanto antigamente. Em um filme ou uma peça ele poderia dizer “Sei que é difícil para você, querida. Sei que minha família pode ser dominadora. Minha mãe”. Ele poderia dizer apenas “Obrigado. Eu amo você!”. Mas não era realista esperar uma fala dessas do homem que era seu marido, ele não tinha as palavras, nunca as teria, e ela não ousaria fornecê-las.

“Não venha ser condescendente comigo!” Uma vez ele lhe lançou uma expressão de fúria incandescente, e ela recuou. E como ele era sensual, seu sangue pulsando nas veias.

Ah, mas ela o amava! Estava desesperada de amor por ele. Queria ter seus filhos, queria ser feliz com ele — e por ele. Ele prometera fazê-la feliz. Ela precisava confiar nele. A chave para sua felicidade não estava em cuidar de si, mas dele. Afinal, e se ele não a amasse mais? O fedor e vapor de fígado fritando faziam sua cabeça girar. Ela havia amarrado o cabelo para trás para mantê-lo longe do rosto suado. Notou a sogra e outra das parentes mais velhas observando-a com aprovação. “Ela está aprendendo!”, diziam em italiano. “Ela é uma boa garota, esta esposa”. Era uma cena de filme do tipo que segue inexoravelmente para um fim feliz. Ela viu o filme muitas vezes. Nesta residência no meio da grande família barulhenta do marido ela não era a Atriz Loira e certamente não era Marilyn Monroe, porque ninguém poderia ser “Marilyn” sem uma câmera para gravá-la. Ela tampouco era Norma Jeane. Apenas a esposa do Ex-Atleta.

Não era segredo que ela havia colocado o vestido longo de paetês roxos na bagagem para Tóquio, mas ele a acusaria disso. Ah, ela jurava! Ou se ela

escondera dele de propósito, era um segredo para agradá-lo. Como as sandálias de dedo prateadas com salto agulha e uma tira no tornozelo. E certas lingerie de renda preta que ele havia comprado para ela. Ela também levaria uma peruca loira, uma réplica quase exata de seu cabelo loiro-platinado de algodão-doce, mas a peruca foi descartada na noite de sua chegada em Tóquio.

Ah, como ela saberia que seria convidada por um coronel do Exército dos Estados Unidos para “animar o moral dos soldados” na Coreia? Ela juraria, na época ela mal sabia onde aquele país trágico “se situava”.

Na edição em brochura do clássico *Paradoxo sobre o comediante*, que alguém lhe dera, ela sublinhou em vermelho:

Assim como a eternidade é uma esfera cujo centro está em todos os lados e a circunferência em parte alguma, o ator verdadeiro descobre que seu palco está em todo lugar e em lugar algum.

Isso na véspera de sua partida para o Japão.

O Ex-Atleta era um homem de tão poucas palavras que, de certa forma ele, também, era um mímico.

Para sua aula de mímica final (que ninguém além da Atriz Loira sabia que seria sua aula final), ela interpretou uma mulher idosa no leito de morte. Os companheiros de aula foram cativados pela performance dolorosamente realista, tão diferente de sua própria mímica estilizada e jovial. A Atriz Loira deitou-se de costas, vestindo um pano preto que ia até os tornozelos, de pés descalços, e se ergueu em etapas por meio da angústia, da dúvida e do desespero, dando-se por vencida, enfim, a aceitar o destino e um despertar alegre para... a Morte? Ela se levantava cada vez mais até que como uma dançarina, ela se equilibrou na ponta dos pés trêmulos, os braços estendidos sobre a cabeça. Por um longo momento extático ela manteve a postura, seu corpo tremendo.

Dava para ver o coração bater. Dentro da caixa torácica. Dava para ver a vida vibrando dentro dela, quase transbordando. Alguns de nós poderiam jurar que a pele dela estava translúcida!

Não era só porque eu estava apaixonado por esta mulher porque não tenho certeza de que estive.

O que não estava sendo dito era que ele não conseguia perdoá-la por se entediar com a família dele. A família dele!

Ele se sufocava com isso. O que era não dito. Não dito e não perdoado. *Sua mulher se entediava com sua família e com ele.*

Ela se achava superior a ele? *Ela?*

No Natal, foram de carro, ela ficara quieta, atenta, educada, de sorriso doce. Mal disse uma palavra. Rindo quando os outros riam. Ela era o tipo de mulher com rosto de bebê para quem tanto mulheres quanto homens contam histórias, e ela parecia ouvir impressionada e de olhos arregalados, mas ele, o marido, o único deles que a conhecia, conseguia ver como sua atenção era forçada, seu sorriso desaparecendo, deixando apenas linhas ao redor de sua boca. Ela sabia como se submeter a seu pai e a homens mais velhos da família. Sabia como se submeter à mãe dele e a mulheres mais velhas da família. Sabia que deveria fazer um escarcéu a respeito de bebês e crianças pequenas e elogiar suas mães.

— Você deve estar tão feliz! Tão orgulhosa. — Não havia erro na performance, mas ele conseguia ver que era uma performance, e isso o enfurecia. Como quando ela mordida um pouco de fígado de frango, moleja, salmão marinado em fatias finas, pasta de anchovas e praticamente com lágrimas nos olhos dizia que estava delicioso, mas que ela não estava com muita fome no momento. Quase um olhar de pânico no rosto em meio a tanto grito, risos, aglomeração e empurrões e crianças correndo aos berros para dentro e fora do recinto, e o jogo de futebol na televisão com o volume tão alto para os homens que tinham dificuldade de ouvir. E mais tarde ela se desculparia para ele, debruçando-se daquele fraco jeito culpado dela, pressionando a própria bochecha contra a dele, dizendo que nunca tivera um Natal real quando era mais nova. Como se esse fosse o problema.

— Acho que tenho muito a aprender, não acha, Papai? Hein?

Depois do casamento, quando era de se esperar que ela ficasse mais tranquila com a família e feliz de visitá-los, ela não ficou. Ah, ela dava essa impressão, ou tentava. Mas ele, o marido — um atleta treinado para ler expressões impassíveis de adversários, um rebatedor habilidoso não apenas em decifrar a menor nuance de tique do lançador, mas em ter em mente a

posição exata de cada jogador adversário em relação aos jogadores de sua equipe (se algum estivesse) na base e a si mesmo — conseguia decifrar. Ela achava que ele era cego? Que ele era só algum imbecil como do tipo com quem ela tinha “saído” desde possivelmente o primeiro ano do ensino médio? Que ele era insensível feito ela, agindo como se vomitar a noite inteira depois de uma das maratonas culinárias de Mamma fosse uma brincadeira? Ela sabia, ela estava sempre garantindo a ele que sua família “me culpa, um pouco” por ele ter sido excomungado da Igreja. Claro, ele se divorciara, e a Igreja não reconhece divórcio, mas foi apenas ao se casar de novo (com uma mulher divorciada!) que ele violara a lei canônica e teve que ser excomungado. Ela precisava compensar, se eles duvidavam dela. Duvidavam de sua sinceridade. Sua integridade. Sua seriedade com a vida e a religião.

— Talvez eu me converta? Vire católica? Você aceitaria isso, Papai? Minha m-mãe é católica, mais ou menos.

Então ela ia à missa com elas. As mulheres. A mãe dele, a avó idosa e as tias. E as crianças. E tanto Mamma quanto a tia reclamavam que ela estava sempre “esticando o pescoço para ver”, “sorrindo”. Não é assim que se comporta na igreja. Como se algo fosse engraçado? Quando elas estavam entrando ela apontou para uma estátua em um altar lateral e sussurrou:

— Por que o coração dele está para fora? — E aquele sorriso, como se tudo fosse uma piada.

— *Pappa* diz que é um sorriso assustado, ela é uma passarinha assustada. Será que está nervosa? As pessoas olhando para ela. Porque olham. Sabendo que é sua mulher, e quem ela é. E ela ficava puxando o xale para cima da cabeça, e ele ficava caindo como se fosse um acidente. Ela bocejava tanto durante a missa que nós achamos que a mandíbula ia quebrar. Então tinha a comunhão, e ela queria ir junto! “Mas eu não deveria?”, perguntou ela. Nós dissemos que não, você não é católica, ou será que é católica, Marilyn? E ela disse com esse beicinho de bebê magoado: “Ah, vocês sabem que não sou”. Claro que ela sabe dos homens olhando para ela, aquele jeito de caminhar dela. E ela fica de cabeça baixa, mas os olhos correndo para todos os lados. No carro, voltando para casa, ela diz que interessante foi o culto, como se “culto” fosse uma palavra que a gente devesse saber. Ela fala a palavra “Ca-to-li-cis-mo” como se fosse algo que todo mundo saberia. Ela diz com

aquela risadinha ofegante: “Ah, foi longa, não foi?”. E as crianças rindo dela no carro e dizendo: “Longa? É por isso que vamos à missa das nove horas, esse padre é o mais rápido”. “Longa? Espere até levarmos você para a missa solene.” “Ou uma missa de réquiem!” E todo mundo ria dela, e o xale escorregava do cabelo tão liso e brilhante como o de um manequim numa loja de departamentos, é por isso que o xale não fica no lugar.

E a mãe continuava:

— Na cozinha, era verdade que ela se esforçava. Tinha boas intenções, mas era desastrada. Era mais fácil tirar as coisas dela e fazer você mesmo. Então ficava assustadiça e nervosa, caso você se aproximasse. Ela deixava macarrão ferver até virar uma gosma, se você não olhasse cada segundo. E estava sempre derrubando coisas, como a faca grande. Não conseguia fazer um risoto, a cabeça estava sempre indo para outros lugares. Provava algo e não sabia o que estava provando. “Coloquei sal demais? Precisa de mais sal?” Ela achava que cebola e alho eram a mesma coisa! Achava que azeite de oliva era o mesmo que margarina derretida! Ela disse: “As pessoas fazem macarrão em casa? Quer dizer... não só na loja?”. Sua tia deu para ela um ovo em conserva da geladeira e ela disse: “Ah, isso é de comer? Quer dizer... em pé, assim?”.

O Ex-Atila, o marido, ouvia com educação a litania de reclamações da mãe, que estavam cheias do estribilho: “Bem, não é nada da minha conta”. Ele ouvia e não dizia uma palavra sequer. O rosto escurecia com sangue, ele encarava o piso e, quando Mamma terminava, ele saía do recinto, e atrás dele invariavelmente ele ouviria em italiano magoado: “Viu? Ele me culpa”.

Era mais ofensivo para ele, seu senso de propriedade de solteiro, que sua mulher deixasse qualquer quarto que habitava uma bagunça, falhando em recolher não apenas as coisas dele, mas as dela própria. Até na casa dos pais. Ele podia jurar que ela não era tão distraída antes de se casarem; havia sido organizada e limpa e belamente tímida ao se despir na presença dele. Agora ele tropeçava em roupas que nem sequer lembrava que ela tinha de tanto tempo que não eram usadas. Lenços lotados de maquiagem! No banheiro da casa dos pais dele, havia manchas feias de maquiagem na pia, um tubo de pasta de dente sem tampa, cabelos loiros em pentes e escovas, e espuma na banheira que Mamma encontraria depois que eles partissem se ele mesmo não limpasse. Que *diabo*.

Às vezes, ela se esquecia de dar descarga.

Não eram as drogas, ele tinha certeza. Ele havia destruído seu estoque com um discurso enorme, e ela havia prometido que nunca, nunca mais engoliria comprimido algum.

— Ah, Papai! Acredite em mim.

Ele não conseguia decifrá-la: já que ela não estava fazendo filme, por que precisaria de coragem ou energia instantâneas? Quase parecia que a vida normal a desconcertava. Como um de seus colegas de time, só jogando bem no calor de um jogo apertado, do contrário, cagando toda a partida. Ela era tão honesta, dizendo:

— Papai, é tão assustador: como uma cena com pessoas reais só *segue*? Como em um ônibus? Onde vai dar? — E aquele olhar melancólico de garotinha no rosto. — Você já pensou, Papai, como é difícil decifrar o que as pessoas querem dizer quando provavelmente elas não querem dizer nada? Ao contrário de um roteiro. Ou que o objetivo de algo acontecer é quando provavelmente não tem objetivo, afinal, só “aconteceu”? Como o clima?

Ele balançava a cabeça, sem saber o que diabo dizer. Já havia saído com atrizes, modelos e garotas festeiras, e ele poderia jurar que conhecia a personalidade típica, mas Marilyn era outra coisa. Como seus parceiros diziam, sugestivamente, dando-lhe um cutucão nas costelas para fazê-lo corar: “Marilyn é diferente, hein?”. Aqueles cuzões não sabiam nem da metade.

Às vezes ela o assustava. Um pouco. Como se uma boneca real abrisse os olhos azuis vítreos e você esperasse bê-á-bá, mas ela dissesse algo muito estranho, e possivelmente muito profundo, quase um daqueles mantras que ninguém consegue entender. E dizendo aquilo no vocabulário de alguém de dez anos. Ele tentava garantir a ela que entendia, sim, claro, mais ou menos.

— Veja, Marilyn, você está há dez anos fazendo filmes sem parar, quase como eu, uma profissional de verdade; agora está dando um tempo, está na entressafra, entre temporadas, mas eu estou aposentado, entende? — Contudo a essa altura ele tinha se perdido no que queria dizer.

Ele não era bom enrolando as pessoas. Só ele conseguia apreciar a similaridade entre eles. Quando se é um jogador profissional de elite e os olhos do mundo estão em você e é uma temporada difícil, como nos *playoffs* e nas finais, você nunca precisa olhar para os lados à procura de algo para

pensar, muito menos *fazer*. E um jogo acontecendo consome aquelas horas daquele dia como nada mais consegue, exceto, possivelmente, lutar na guerra ou morrer.

— No boxe, costumam dizer: “Agora ele perdeu o foco”. Quando um cara é acertado com força — ele contou a ela esse significado para ser solidário, e ela olhou para ele sorrindo e confusa como se ele falasse um idioma estrangeiro. — É uma questão de atenção — disse ele, hesitante. — Concentração. E se você não tem isso... — Suas palavras se dissiparam como balões de crianças, sem gravidade.

Uma vez, na casa deles em Bel Air, ele havia entrado no quarto e viu que, às pressas, ela limpava o cômodo lotado de roupas, embora supostamente estivessem esperando uma empregada (ele mesmo havia contratado) chegar em algumas horas. Ela havia tomado banho e estava totalmente nua exceto por uma toalha enrolada na cabeça como um turbante. Ela reagiu com culpa ao vê-lo e gaguejou:

— Eu n-não sei como o quarto ficou desse jeito. Eu andei doente, eu acho.

Era como se, ele começou a pensar, ela fosse duas pessoas: a mulher que parecia cega e totalmente absorta em si mesma que deixava uma bagunça por onde passava, e a mulher alerta e inteligente e acometida, uma garota na verdade, seus olhos roubando os dele como se fossem duas crianças juntas naquele dilema, talvez com quinze anos, que de alguma forma acordaram casados. Naquele instante seu corpo não parecia a ele um lindo corpo feminino voluptuoso, mas uma responsabilidade que ambos compartilhavam, como um bebê gigante.

Na casa dos pais, na rua Beach, em São Francisco, ele se sentia afastado dela. Mesmo quando ela o observava com seu olhar melancólico culpado. Mesmo quando, fora do campo de visão familiar, ela o puxava com seus dedos: “Ajude! Estou me afogando”. De alguma forma, isso endurecia o coração dele contra ela. Sua primeira esposa havia se dado bem com sua família, ou razoavelmente bem. E Marilyn era a garota dos sonhos que todo mundo estava pronto para adorar. Mas ela se fechava como uma ostra se alguém perguntasse sobre ser uma “estrela de cinema”, como se ela nunca tivesse ouvido falar de uma coisa dessas. Ficava vermelha e gaguejava se qualquer um falasse de ver seus filmes, como se tivesse vergonha deles, o que possivelmente tinha mesmo. Ela ficava com a língua amarrada de

constrangimento quando uma das sobrinhas do Ex-Atleta perguntava com inocência: “O seu cabelo é de verdade?”. Então, um tempo depois, ele veria um olhar selvagem em seu rosto: era Rose, a vaca. Superior. Desdenhosa. Bem, Rose era apenas uma garçonete, naquele filme lixo, e uma vadia. E Marilyn Monroe — uma pinup, uma modelo fotográfica, uma vedete e Deus sabe o que mais.

Ele queria lhe dar uma surra de cinto. Quem ela achava que era, olhando para sua família dessa forma?

Ele nunca havia dito isso para ela, é claro: ele chegou perto de cancelar o primeiro encontro deles quando um amigo ligou para avisar que Monroe havia se envolvido com Bob Mitchum, um notório usuário de cocaína e, suspeitava-se, comunista; a história era que ela havia engravidado e Mitchum, furioso, a havia espancado e causado um aborto espontâneo.

(Será que algo disso era verdade? Ele sabia como rumores se espalhavam, como as pessoas mentiam. Contratou um detetive particular recomendado pelo amigo Frank Sinatra — que o contratara para conferir Ava Gardner, por quem ele estava louco de amor —, mas os resultados foram, depois de um pagamento de seiscentos dólares, “inconclusivos”).

Uma coisa era certa. Muito antes de conhecê-la, ela havia posado nua. Havia uma anedota eterna em Hollywood de que Monroe havia feito alguns filmes pornôns no fim da adolescência, também, mas nenhum havia chegado à tona. Depois de se casarem, um suposto distribuidor de fotos contatou o Ex-Atleta por meio de um parceiro de negócios dizendo que tinha alguns negativos que ele acreditava que “o marido da srta. Monroe gostaria de adquirir”. O Ex-Atleta ligou para o homem e perguntou de forma direta se era chantagem. Extorsão? O distribuidor protestou que era apenas uma transação de negócios.

— Você paga, Durão. E eu entrego.

O Ex-Atleta perguntou o valor. O distribuidor deu uma quantia.

— Nada vale tudo isso.

— Se você ama a moça, com certeza vale.

O Ex-Atleta falou em voz baixa:

— Eu posso acabar com você, seu filho da puta.

— Ei, ei, calma. Essa não é a melhor postura.

O Ex-Atleta não respondeu.

— Estou do seu lado — disse o distribuidor, rápido. — Sou um admirador antigo seu, na verdade. E da dama também. Ela é de fato uma dama de alta classe. Uma das poucas com alguma integridade. Das mulheres, quero dizer. — Ele fez uma pausa. O Ex-Atleta conseguia ouvi-lo respirar. — Mas eu estou convencido de que esses negativos deveriam estar fora do mercado para que não possam ser mal utilizados.

Um encontro foi marcado. O Ex-Atleta foi sozinho. Examinou os fotogramas por muito tempo. Ela era tão nova! Pouco mais que uma garota. As fotos eram nus artísticos para o calendário ao qual a série “*Miss Golden Dreams 1949*” pertencia, que ele já tinha visto na *Playboy*. Alguns poucos eram frontais, mais reveladores. Um trecho de pelos pubianos loiro-escuros, as solas tenras de seus pés descalços. Seus pés! Ele queria beijar seus pés. Essa era a mulher que ele amara antes de ela se tornar aquela mulher. Ainda não tinha se tornado Marilyn. O cabelo não era loiro-platinado, mas um tom de mel-amarronzado, volumoso e cacheado até os ombros. Uma garota de rosto doce e confiando em você. Até os seios estavam diferentes. O nariz, os olhos. O inclinar da cabeça. Ela não havia aprendido a ser Marilyn ainda. Ele se deu conta de que essa era a garota que ele amava de verdade. Pela outra, Marilyn, ele era louco, ou talvez enlouquecido por causa dela, mas não se podia confiar na mulher.

Então o Ex-Atleta comprou as fotos e os negativos e pagou o “distribuidor de fotos” em dinheiro, tão cheio de nojo pela transação que mal conseguia olhar o homem nos olhos. Não apenas porque o Ex-Atleta era o marido da garota; ele era um homem de integridade. O que o mundo sabia dele, sua masculinidade, seu orgulho, sua reticência, era verdade.

— Obrigado, meu chapa. Você fez a coisa certa.

Como um boxeador treinado não para liderar a luta, mas para contra-atacar, o Ex-Atleta levantou a cabeça para essa observação sarcástica e encontrou o olhar de seu algoz, um caucasiano com cara de molusco, sem idade discernível, cabelo oleoso, costeletas, uma fileira de dentes com coroa, e, sem uma palavra, o Ex-Atleta fechou o punho e deu um soco nos dentes, um soco que vinha do ombro, um diabo de bom soco para um cara de quase quarenta anos, não na melhor forma física e de boa natureza, não um brigão. O distribuidor tropeçou e caiu. Aconteceu com rapidez e limpeza, como um *home run*. O mesmo *crack!* inconfundível da bola batendo no taco. O Ex-

Atleta, arfando agora, ainda sem palavras, acariciando os nós dos dedos cortados, caminhou para longe rápido.

Ele destruiria a evidência. Fotogramas, negativos. Tudo virou fumaça.

— “Miss *Golden Dreams* 1949”. Se eu tivesse conhecido você nessa época...

O Ex-Atleta reveria diversas vezes esse episódio como um filme. Era o filme dele, ninguém mais sabia. Ele nunca contaria à Atriz Loira. Observando-a com a família dele, seu sorriso forçado desaparecendo, o olhar de tédio em seus olhos, ele era obrigado a reconhecer que sua generosidade, seu perdão, o afeto de sua família, o esforço de sua mãe, não eram valorizados pela esposa. Talvez não estivesse usando drogas, mas estava egoísta, uma desgraçada absorvida em si mesma. Ao final do jantar de domingo ela havia desaparecido de novo? Onde, caramba? O Ex-Atleta viu os parentes o espiando quando saiu marchando para encontrá-la. Sabendo como sussurrariam em italiano, quando ele saísse do recinto. “É entre ele e ela, não é da conta de ninguém. Você acha que ela pode estar grávida?”

No quarto deles, ela estava fazendo exercícios de dança. Erguendo as pernas, subindo na ponta dos pés. Ela usava um vestido acetinado laranja-enferrujado que ele havia comprado para ela em Nova York, que não era uma veste apropriada para se exercitar, e ela estava sem sapatos, só de meia-calça, formando bolinhas e pequenos rasgos. Pela cama por fazer e cadeiras e até no carpete havia itens de roupa, deles e dela, as toalhas molhadas e livros — Ah, Deus do céu, ele estava cheio daqueles livros, uma das malas quase totalmente cheia só de livros, ele teve que carregar aquela merda e não gostou nada. Em Hollywood era uma piada comum que Marilyn Monroe se achasse uma intelectual mesmo sem nunca ter se formado no ensino médio e até mesmo pronunciando errado uma outra palavra.

— Aonde você foi tão rápido? O que é isso? — Ela virou um brilhante sorriso falso de atriz para ele, cuja mão a atingiu no queixo.

Não de punho fechado. Mão aberta, a palma.

— Ah...! Ah, por favor.

Ela tropeçou e se encolheu para trás, desabando na cama. Exceto pelo batom vermelho na boca, seu rosto estava mortalmente branco e parecia um pedaço de porcelana no instante antes de espatifar. Uma única lágrima escorreu por sua bochecha. Ele estava ao lado dela, abraçando-a.

— Não, Papai. Foi minha culpa. Ah, Papai, eu *sinto muito*. — Ela começou a chorar, e ele a abraçou, e depois de um tempo eles fizeram amor, ou tentaram, exceto que do lado de fora da janela, do lado de fora da porta fechada, ela conseguia ouvir vozes abafadas murmurando, como ondas chegando. Enfim, eles desistiram e só ficaram abraçados.

— Papai, pode me perdoar? Não vou fazer isso de novo.

Era o Ex-Atleta quem havia sido oficialmente convidado ao Japão, para iniciar a temporada de 1954 de beisebol japonês, mas era a Atriz Loira quem os repórteres, os fotógrafos e as pessoas da televisão estavam doidos para ver. Era a Atriz Loira que multidões imensas estavam enlouquecidas para espiar. No aeroporto de Tóquio, a polícia conteve centenas de japoneses olhando ainda que impassíveis e em silêncio. Apenas alguns chamaram a Atriz Loira, em um estranho canto, quase uniforme:

— *Mon-chan! Mon-chan!*

Alguns dos fãs mais jovens ousaram lançar flores, que caíam no pavimento sujo como passarinhos baleados. A Atriz Loira, que nunca estivera em um país estrangeiro, muito menos do outro lado da casa deles, agarrava o braço do Ex-Atleta. Seguranças os acompanharam depressa para a limusine. A Atriz Loira ainda não havia se dado conta, apesar de ser insultantemente claro para o Ex-Atleta, que as multidões vieram por ela e não ele.

— O que é *mon-chan*? — perguntou a Atriz Loira, inquieta.

Ouviu de um segurança, com um risinho trêmulo:

— Você.

— Eu? Mas meu marido é quem o país convidou, não eu. — Ela ficou inflamada em nome dele; ela agarrou sua mão em indignação.

Fora da limusine, dos dois lados da via de acesso do aeroporto, mais japoneses se amontoavam para ver *Monchan* sentada com dureza no banco de trás da limusine, atrás do vidro escurecido protetor. Eles acenavam com mais vigor do que os de dentro do terminal ousaram acenar, e lançavam flores com mais energia, mais flores e flores maiores, caindo com suaves baques ondulantes no teto e para-brisa do veículo. Em estranho quase-uníssonos como robôs, eles gritavam:

— *Mon-chan! Mon-chan! Mon-chan!*

A Atriz Loira riu com nervosismo. Eles estavam tentando dizer “Marilyn”? Era assim que “Marilyn” soava em japonês?

No elegante Imperial Hotel, mais multidões esperavam nas ruas. O trânsito havia sido fechado. Um helicóptero de polícia pairava acima.

— Ah! O que eles querem? — sussurrou a Atriz Loira.

Era uma cena maluca de um filme de Charlie Chaplin. Uma comédia muda. Exceto que a multidão ali não era muda, e sim impaciente, clamorosa. A Atriz Loira queria protestar; os japoneses não deveriam ser pessoas contidas? Exceto durante a guerra, a Atriz Loira se recordou com horror, ah, lembre-se de Pearl Harbor! Lembre-se dos campos de prisioneiro de guerra japoneses! Atrocidades japonesas! Ela estava pensando, também, no velho crânio de Hirohito sobre a cômoda do rádio. Aquele olhar de espaço vazio perfurando seus olhos se ela se descuidasse.

— Mon-CHAN! Mon-CHAN! — vinha o canto estrondoso.

A Atriz Loira e o Ex-Atleta, ambos visivelmente abalados, foram escoltados até o hotel enquanto centenas de policiais de Tóquio tinham dificuldade em conter a multidão, que só aumentava.

— O que essas pessoas querem *comigo*? Achei que esta civilização fosse superior à nossa. Eu estava *esperando* que fosse — disse a Atriz Loira com sinceridade, mas ninguém a ouviu.

Ninguém a estava ouvindo. O rosto do Ex-Atleta estava pesado e sombrio de tanto sangue. Eles haviam viajado por tanto tempo, seu rosto estava escuro da barba por fazer.

Houve formalidades apressadas no lobby do hotel e na suíte de luxo no oitavo andar reservada para o Ex-Atleta e a esposa. Houve uma saudação cerimonial por um grupo de membros da equipe e uma segunda saudação cerimonial por outro grupo de membros da equipe. Durante esse período, fora das janelas, o coro “*Mon-chan! Mon-chan! Mon-chan!*” subia a rua toda. Havia se tornado mais demandante, como ondas subindo, reviradas pelo vento. A Atriz Loira tentou falar com um dos recepcionistas japoneses a respeito de mantras e a “quietude no centro de toda agitação”, mas o homem sorriu e assentiu com tamanha intensidade, fazendo pequenas reverências com a cabeça e murmurando em concordância, que ela logo desistiu. Ela se sentiu tentada a espiar pela janela, mas não ousou. O Ex-Atleta, ignorando a multidão na rua abaixo, ignorou ela também. Será que estavam presos no hotel? Como eles poderiam se aventurar nas ruas? *Agora minha punição está*

começando, ela pensou. Eu deixei que matassem meu bebê. E isso veio atrás de mim até aqui. Querem me devorar.

Ela era a única mulher no recinto. Ela riu subitamente, correu para um banheiro e trancou a porta.

Algum tempo depois, ela emergiu cheirando vagamente a vômito, trêmula e pálida, exceto pela boca de feroz batom vermelho. O Ex-Atleta, que era Papai quando estavam sozinhos, mas não Papai naquele momento, falava em voz baixa com ela, com o braço ao redor de sua cintura. Os recepcionistas japoneses haviam sugerido a ele por meio de um tradutor que, se ela consentisse aparecer na sacada por apenas alguns segundos, reconhecer a presença e aceitar a homenagem, a multidão se acalmaria e se dispersaria. A Atriz Loira estremeceu.

— Eu n-não posso fazer isso.

O Ex-Atleta, profundamente envergonhado, apertou o braço ao redor da cintura dela. Ele disse a ela, hesitante, que estaria ao lado dela. O chefe de polícia de Tóquio a precederia na sacada e explicaria à multidão por um megafone que a srta. Marilyn Monroe estava muito cansada da viagem de avião e não poderia entretê-los no momento, mas que os agradecia por virem visitá-la. Ele diria que ela estava “profundamente honrada” de estar visitando a terra natal deles. Ela então se apresentaria de forma modesta a eles, diria algumas palavras, sorriria e acenaria em uma forma amistosa, porém formal, e nada mais.

— Ah, Papai, não me obrigue — disse a Atriz Loira, fungando. — Não me faça ir lá fora. — O Ex-Atleta garantiu que estaria ao lado dela. Seria algo de menos de um minuto.

— Façamos isso por eles para “livrar nossa cara”. Para que eles possam ir para casa e nós possamos jantar. Você sabe o que é isso, “livrar a cara”?

A Atriz Loira se afastou com leveza do Ex-Atleta.

— A cara de quem?

O Ex-Atleta riu como se isso fizesse sentido e fosse engraçado. Com cuidado ele repetiu o que os recepcionistas japoneses sugeriram, e quando a Atriz Loira o encarou sem ouvir, ele repetiu, com mais força:

— Olha. Eu vou estar bem do seu lado. Faz parte do protocolo japonês. “Marilyn Monroe” trouxe todos aqui e apenas “Marilyn Monroe” pode liberá-los.

A Atriz Loira pareceu enfim dar ouvidos.

Ela então concordou com o pedido. O Ex-Atleta, rosto turvo de vergonha, agradeceu. Ela se retirou para um quarto para trocar de roupa e surpreendeu o Ex-Atleta reaparecendo rápido, em um blazer sob medida de lã escura, um lenço vermelho ao redor do pescoço. Havia passado ruge nas bochechas e pó no rosto, e feito alguma coisa com o cabelo para deixá-lo mais volumoso e mais luminosamente loiro do que estava, amassado e bagunçado depois do longo voo. Todo esse tempo a multidão havia continuado seus cantos diligentes:

— *Mon-chan! Mon-chan!* — Havia sirenes. Diversos helicópteros se aproximavam. No corredor do lado de fora da suíte, sons de passos e vozes masculinas gritaram comandos. Será que o Exército Imperial Japonês estava ocupando o hotel? Ou o Exército Japonês não existia mais, destruído pelas Forças Aliadas?

A Atriz Loira não queria ser escoltada até a sacada, mas foi andando rápido para a frente, seguida pelo Ex-Atleta. Oito pisos abaixo, na rua, transbordando pelo pavimento em sua posição privilegiada na frente do Imperial Hotel, uma pequena multidão de fotógrafos e equipes televisivas gravavam a cena para a posteridade. Holofotes resplandeciam na noite como luas errante. Com um megafone, o chefe da polícia de Tóquio se dirigiu à multidão, agora respeitosamente vencida. Então a Atriz Loira, escoltada pelo Ex-Atleta se aproximou. Com timidez, ela ergueu a mão. A turba vasta abaixo trocou murmúrios. Os cantos recomeçaram, mais musicais agora, sensualmente:

— *Mon-chan. Mon-chan.* — Sorrindo, impregnada de súbito com um tipo de felicidade um pouco amarga, a Atriz Loira apoiou as mãos no balaústre e olhou para a multidão. *Onde não há rostos visíveis, há Deus.* A multidão se estendia até onde o olho alcançava, uma imensa besta com diversas cabeças, em êxtase e expectativa.

— Eu sou... "*Mon-chan*". Eu amo vocês. — O vento levou as palavras, ainda assim a multidão ouviu em silêncio abafado. — Eu sou... "*Mon-chan*". Perdoe-nos, Nagasaki! Hiroshima! Eu amo vocês. — Ela não havia falado no megafone e as palavras roucas sussurrantes seguiram sem ser ouvidas. Apenas alguns metros acima do teto do hotel, um helicóptero planava por perto, ensurdecador. Em um gesto extravagante, a Atriz Loira levou as mãos

ao cabelo, pegou a luxuosa peruca loira-platinada e a desprende da cabeça (o cabelo verdadeiro estava escovado para trás e preso com grampos), soltou-a e a lançou no vento. — *Mon-chan* ama você! E você! E você!

Arrebatados, os rostos japoneses abaixo, maravilhados pelo amontoado de cabelo loiro brilhante que por alguns segundos brincalhões dançou no vento — e um vento frio do norte — e que então começou a cair, girando à deriva como se em espiral, deslizando lateralmente como um falcão, para desaparecer enfim em um vórtice de mãos erguidas e desejosas.

Naquela noite, quando finalmente estavam sozinhos juntos, a Atriz Loira deu as costas para o Ex-A atleta quando ele a tocou. Com amargura, ela disse:

— Você nunca me respondeu... a cara de quem?

Em seu diário de Tóquio, esta anotação tensa.

Os japoneses têm um nome para mim.

Mon-chan é como me chamam.

“Garotinha preciosa” é como me chamam.

Minha alma voou para fora de mim.

Ele não queria que ela fosse. Ele não achava que era uma “boa ideia” no momento.

Ela perguntou o que era “o momento”. O que distinguia “o momento” de outro.

Ele não tinha resposta. Sua carranca lembrava os nós feridos das mãos.

Mais tarde, a Atriz Loira imploraria: era uma mera coincidência, não era? Como poderia ser culpa dela?

Que em Tóquio, em uma festa na embaixada americana, ela encontraria este coronel do Exército dos Estados Unidos. Tão charmoso! E tantas medalhas! O coronel, atraído à Atriz Loira como qualquer outro homem no recinto, perguntou se ela estaria disposta a entreter tropas dos Estados Unidos na Coreia?

A consagrada tradição americana de “levantar a moral” dos alistados. A consagrada tradição de estrelas de Hollywood apresentando-se gratuitamente para enormes audiências de soldados, suas fotos na *Life*.

Como a Atriz Loira não diria *sim*? Com empolgação, lembrando-se de noticiários no cinema nos anos 1940: Rita Hayworth glamourosa, Betty

Grable, Marlene Dietrich, Bob Hope e Bing Crosby e Dorothy Lamour *entretendo as tropas do outro lado do oceano*.

Disse a Atriz Loira em sua voz ofegante de garotinha: “Ah, sim, senhor, obrigada! É o mínimo que posso fazer”.

Exceto que ela não tinha certeza de por que tropas americanas estavam designadas na Coreia. Não houvera um armistício no ano anterior? (E o que exatamente era um “armistício”?) A Atriz Loira disse ao coronel que não aprovava intervenção militar americana imperialista em nações estrangeiras, mas ela entendia que soldados americanos, longe de casa, longe das famílias e namoradas, deveriam estar terrivelmente solitários.

A política não é culpa deles. E não é minha!

Por sorte, ela trouxera o vestido longo decotado de paetês roxos que o Ex-Atleta amava quando ela usava. E as sandálias de dedo prateadas com salto agulha e uma tira no tornozelo.

Por sorte, ela conseguia cantar de cabeça, como uma grande boneca com vida, músicas de *Os homens preferem as loiras*. Quantas vezes havia cantado “Diamonds Are a Girl’s Best Friend”, “When Love Goes Wrong”, “A Little Girl from Little Rock”. Havia a sensual “Kiss”, de *Torrentes de paixão*. E “I Wanna be Loved by You” e “My Heart Belongs to Daddy”. Foram gravações dolorosas realizadas por Marilyn Monroe, envolvendo 25 sessões cada, depois das quais o astuto técnico de canto do Estúdio dissipou pedaços separados de fita e os reuniu para criar uma gravação perfeita sem nenhuma costura.

Tudo isso passou pela mente da Atriz Loira enquanto o Coronel falava. E se dando conta de que, apesar de estar sua lua de mel com o Ex-Atleta, o Ex-Atleta poderia amá-la ainda mais se ela não estivesse sempre ali esquentando o banco.

Impassível, ela disse ao coronel: “Ah, quer saber...? Eu posso fazer uns solilóquios de Shakespeare. E posso fazer mímica! Uma velhinha muito velha no leito de morte, eu interpretei mês passado. O que você acha?”.

A expressão do coronel. A Atriz Loira deu um apertão na mão dele; ela quase queria beijá-lo. “Calma, calma. Estou só brincando.”

Assim foi, o Ex-Atleta permaneceria sozinho no Japão. Essa era a lua de mel dele e da Atriz Loira, mas havia obrigações profissionais também — ele havia explicado para os malditos repórteres que o seguiam por todos os

lugares em público — que eles tinham compromissos a honrar. O Ex-Atleta viajou para jogos de exibição por todo o Japão, sem a esposa-atriz-loira, mas acompanhado por uma comitiva, e em todos os lugares, ele era homenageado, alto e gracioso, como o Grande Jogador de Beisebol Americano. Dia após dia ele foi honrado em almoços e intermináveis jantares com banquetes de diversos pratos. (Quando, às vezes, podia jurar que via algo se mexer entre as iguarias repulsivas que esperavam que ele comesse, Cristo, como ele desejava um hambúrguer com fritas, espaguete com almôndegas, até um risoto pegajoso!) Talvez uma noite bêbada com gueixas? O mínimo que um homem merece no Japão. Um homem viajando sem a mulher, solteiro por temperamento, furioso com a esposa sobre a qual todos insistiam em ficar perguntando: “Onde está Mari-lyn?”

Quando foi ele, o Ex-Atleta, quem havia sido convidado ao Japão.

Ele ficava furioso com ela, quanto mais pensava a respeito. Fugindo e deixando-o. E ela tinha apenas fingido, antes de se casarem, que gostava de beisebol! Ele se chocara de entreouvi-la contar a um jornalista japonês: “Toda partida de beisebol é igual a outra partida de beisebol, com algumas mudanças às vezes. Como o clima? De um dia para o outro...”

Não, ele nunca a perdoaria. Ela teria de batalhar muito para que isso acontecesse.

Entre um frenesi de fotógrafos e equipes de televisão, a Atriz Loira foi escoltada por equipes militares em um voo turbulento para Seul, capital da Coreia do Sul, então de helicóptero ainda mais turbulento para acampamentos da Marinha e do Exército no interior. A Atriz Loira usava ceroulas longas do exército em verde-oliva, calça, camisa, jaqueta corta-vento e coturnos pesados amarrados. A cabeça estava protegida de ventos gélidos por um capacete militar preso sob o queixo. (Pois, apesar da época do ano ser abril, não era como abril em Los Angeles!) Como ela se parecia com uma garotinha de talvez doze anos, exceto pelos maravilhosos olhos azuis arregalados de cílios alongados e boca de batom vermelho.

Marilyn estava assustada? Caramba, não. Ela não tinha medo algum. Talvez não soubesse de acidentes de helicóptero, em especial, em ventos fortes como os que tínhamos. Talvez, ela até pensasse que, se Marilyn estivesse no helicóptero, ele não poderia cair. Ou talvez, como ela nos garantiu, na sua vizinha de garotinha de matar: “Se chamarem meu número, é minha vez. Ou não”.

Um cabo, repórter da revista *Stars and Stripes*, foi designado para acompanhar a Atriz Loira aos acampamentos. Para uma matéria de capa, ele relataria como a Atriz Loira maravilhou a todos no helicóptero — em especial, o piloto! — perguntando se poderiam voar baixo sobre o campo antes de aterrissar, para que ela pudesse acenar para os homens. Então o piloto voa baixo pelo campo e a Atriz Loira gruda no vidro, acenando empolgada como uma garotinha para alguns homens espalhados que estavam do lado de fora e a reconheceram. (É claro que todos os homens no acampamento sabiam que Marilyn Monroe chegaria em algum momento. Mas não exatamente quando.)

“Faça de novo, por favor”, murmura a Atriz Loira, e o piloto ri como um menino, dá uma volta com o helicóptero e o leva de volta por cima do campo como um pêndulo, e o vento nos chacoalhando, a Atriz Loira acena para os homens de novo, e já há muito mais homens, e neste momento os homens estão acenando para ela, gritando e correndo atrás do helicóptero como crianças maravilhadas. Estamos pensando “Agora vamos aterrissar”, mas logo em seguida a Atriz Loira nos surpreende ainda mais dizendo: “Vamos surpreender a todos, hein? Abre a porta e me segura?”. E nós não podemos acreditar no que essa maravilhosa mulher doida quer fazer, mas ela tem a ideia fixa de que precisa fazer isso, como se fosse uma cena de filme talvez; ela consiga imaginar como seria vista do chão, a vista aérea e a vista de terra alternando, e é uma cena de suspense também, então ela se deita no piso do helicóptero e nos instrui a segurar suas pernas, e de súbito estamos todos juntos nesse filme. Nós abrimos uma fresta da porta, e o vento é suficiente para praticamente nos emborcar, mas Marilyn está determinada, ela até tira o capacete — *para que possam ver quem é!* Ela se inclina porta afora, e está quase caindo, não assustada, mas rindo de nós, porque nós estamos nos cagando de medo, segurando as pernas dela com tanta força que ela ficaria com vergões dos nossos dedos, com certeza, e deve ter doído, sem falar do vento gelado, o cabelo balançando loucamente. Mas o piloto faz o que ela pede, nessa altura ele está se dando conta, assim como ela e como todos nós, de que se Deus chamasse algum de nós, chamou; e se não chamasse, não chamou.

Então nós damos a volta sobre o campo com Marilyn pendurada do lado de fora da aeronave, acenando e mandando beijos para os homens, gritando:

“Ah! Eu amo vocês! Vocês, soldados americanos!”, não uma, não duas, mas três vezes. Três vezes! Àquela altura, o acampamento inteiro já estava do lado de fora: oficiais, o comandante do acampamento, todo mundo. Gente da cozinha, pessoal da enfermaria de pijamas, homens saindo aos tropeços de latrinas e agarrando as calças. “Marilyn! Marilyn!”, todo mundo está gritando. Os caras sobem em telhados e tanques de água, alguns caem e quebram ossos, os pobres imbecis. Um dos caras da enfermaria escorrega e cai no meio da manada e é atropelado. É uma cena de horda. Hora da comida no zoológico, macacos, símios. A Polícia Militar precisa bater nos mais irresponsáveis para que saíssem da zona de aterrissagem.

O helicóptero aterrissa, e lá está Marilyn Monroe descendo flanqueada por nós, parecendo que tínhamos tomado um choque elétrico e adorado. Marilyn está com bochechas e nariz brancos de queimaduras de frio e aqueles grandes olhos azuis vítreos brilhando com os cílios longos e o cabelo em amontoados loucos, aquele cabelo de uma cor que nunca tinham visto, exceto em filmes, e ninguém diria que é real, mas é, e ela tem lágrimas nos olhos, chorando: “Ah! Ah! Este é o dia mais f-feliz da minha vida”. Se nós não a impedíssemos, ela sairia correndo, agarrando as mãos de homens estendidas para tocá-la, ela os teria abraçado e beijado como se fosse a namorada de todo mundo visitando. A multidão a teria estraçalhado de membro a membro por tanto amor, pois com certeza eles teriam arrancado pelas raízes o seu cabelo loiro abatido e bagunçado, loucos de amor por Marilyn. Então nós tivemos que segurá-la, e ela não lutou conosco, mas está dizendo, como se fosse um profundo mantra zen que a atingiu bem no centro dos olhos: “Este é o dia mais feliz da minha vida, ah, obrigada!”.

Com certeza, dava para ver que ela estava sendo sincera.

A deusa americana do amor sobre a saída de ar do metrô

Cidade de Nova York, 1954

— Ahhhhh.

Uma garota de corpo exuberante no auge de sua beleza física. Em um vestido de crepe marfim com saia plissada e uma frente única que amontoa seus seios em leves dobras de tecido. Ela está parada com as pernas nuas abertas sobre uma saída de ar do metrô. A cabeça loira está jogada em êxtase para trás quando uma brisa de baixo ergue e abre a saia, resplandecente, expondo calcinhas bancas de algodão. Algodão branco! O vestido de crepe marfim flutua, desvelado como mágica. O vestido é mágico. Sem ele, a garota seria carne fêmea, crua e exposta.

Ela não está pensando em algo assim! Ela não.

Ela é uma garota americana saudável e limpa como um Band-Aid. Ela nunca teve um pensamento sujo ou amuado. Nunca teve um pensamento melancólico. Nunca teve um pensamento selvagem. Nunca teve um pensamento desesperado. Nunca teve um pensamento não patriótico. Em seu vestido fino como papel, ela é uma enfermeira de mãos suaves. Uma enfermeira de boca lasciva. Coxas fortes, seios fartos, pequenas dobras de gordura infantil nas axilas. Ela está rindo e dando gritinhos como uma garotinha de quatro anos quando outra ergue sua saia. Joelhos com covinhas, as pernas fortes de uma dançarina. Essa garota saudável e

vigorosa. Os ombros, braços, seios pertencentes a uma mulher totalmente madura, mas o rosto é de garotinha. Tremendo em Nova York no meio do verão quando o vapor do metrô ergue sua saia como a respiração acelerada de um amante.

— Ah! Ahhhhh.

É noite em Manhattan, avenida Lexington com a 51ª. Ainda assim, as luzes branquíssimas exalam o calor do meio-dia. A deusa do amor estava parada desse jeito, pernas separadas, em sandálias brancas de salto agulha tão apertadas e justas que deformariam seus dedinhos por horas. Vinha dando gritinhos e rindo, a boca dói. Há muita escuridão no fundo de sua cabeça, uma água lamacenta. O escalpo e a púbis queimavam das aplicações de água oxigenada daquela manhã. A Garota Sem Nome. A Garota Sobre a Saída de Ar do Metrô. A Garota de Seus Sonhos. São 2h40 e luzes brancas fuzilantes focam nela, ela sozinha, gritinhos loiros, risos loiros, Vênus loira, insônia loira, pernas loiras depiladas por completo e separadas e mãos loiras flutuando em um esforço fútil de evitar a saia de levantar e revelar a calcinha de algodão branco de garota americana e a sombra, só a sombra, da virilha oxigenada.

— Ahhhhhh.

Agora ela está se abraçando, envolvendo os grandes seios generosos. As pálpebras se agitam. Entre as pernas, não há dúvidas de que ela está limpa. Ela não é uma garota suja, nada estrangeiro ou exótico. Ela é um talho americano na carne. Aquele vazio. Garantido. Ela foi cavoucada, drenada e limpa, nenhum tecido de cicatrização para interferir em seu prazer, e nenhum odor. Em especial, nenhum odor. A Garota Sem Nome, a garota sem memória. Ela não viveu por muito tempo, nem viverá por muito tempo.

Me ame! Não me bata.

Nas margens das luzes brancas flutuantes, assim como nas margens da civilidade, tem um grupo de pessoas, a maioria masculina, uma multidão de curiosos que surgiu aos poucos, inquieta e animada, reunida atrás de barricadas da polícia de Nova York desde que o ensaio começou, às 22h30. O trânsito estava bloqueado, parecia assunto oficial — Ah, o quê? Gravação de filme? Marilyn Monroe?

E lá, com os outros homens, anônimo como eles, lá o Ex-A atleta, o marido. Assistindo com os outros. Homens excitados, olhando, empolgados.

Homens em bando. Homens cujos desejos sexuais reunidos passam como uma onda agitando a água. Há um ímpeto latente. Há um ímpeto furioso. Há um ímpeto de ferir. Há um ímpeto-de-agarrar-e-rasgar-e-foder. Há um ímpeto festivo. Um ímpeto celebratório. Todo mundo esteve bebendo! Ele, o marido, é um do grupo. Seu cérebro está em chamas. Seu cacete está em chamas. Chamas azuis flamejantes de raiva. Sabendo como a fêmea vai tocar e beijar, e então acariciá-lo com aqueles dedos. Suave voz ofegante culpada: “Ahhh, Papai, meu Deus, eu sinto muito por deixar você esperando por tanto tempo, por que você não me esperou no hotel, céus, por que não?”. Até as luzes brancas se extinguirem e os homens-sem-rostos partirem, e num rápido corte cinematográfico eles estão sozinhos juntos na suíte no Waldorf-Astoria, luminárias de cristal tremulando acima, há uma garantia de privacidade, e então ela vai se afastar dele implorando. Aquela mesma respiração de bebê. Os olhos de boneca brilhantes com medo. “Não. Papai, não. Veja, eu estou trabalhando? Amanhã? Todo mundo vai saber se”. — Mas a mão do marido vai saltar. As duas. Fechadas em punhos. Essas são mãos grandes, mãos de atleta, mãos habilidosas, mãos com pelos pretos finos no dorso. Porque ela está resistindo. Provocando-o. Protegendo seu rosto da justiça dos golpes do marido — “Vagabunda! Está orgulhosa? Mostrando a virilha daquele jeito, na rua! Minha mulher!” —, a força de seu arremesso final jogando a Garota Sem Nome, cambaleante, contra o papel de parede de seda, excelente como em qualquer *home run*.

“Minha linda Filha perdida”

Ela seguraria com a mão trêmula por algum tempo depois de abrir. Um cartão de loja com uma rosa vermelha gravada na capa e as palavras “FELIZ ANIVERSÁRIO, FILHA”. Dentro, uma única folha de papel, datilografada.

1º de junho, 1955.

Minha querida Filha Norma Jeane,

Estou escrevendo para você em seu aniversário pra lhe desejar um feliz aniversário & explicar que estive doente, mas você está em meus pensamentos com frequência.

É seu 29º aniversário! Agora você é uma mulher adulta & verdadeiramente não mais uma garota. ~~A carreira de “Marilyn Monroe” não seguirá muito além dos 30 anos de idade, eu imagino?~~

Eu não vi seu “filme novo” — o título xulo & publicidade ao redor dele, anúncios gigantes & pôsteres & a imagem de você crua com o vestido levantado pro mundo inteiro ver suas partes íntimas não me fez querer comprar um ingresso.

Mas eu não te criticaria, Norma Jeane, pois você tem sua própria vida. É uma Geração Pós-Guerra. Você sobreviveu à maldição de sua mãe doente para criar uma carreira pra si, e por isso você deve ser elogiada.

Eu direi, eu esperava poder conhecer seu marido! Fui admirador dele por muitos anos. Apesar de não ser um fanático por beisebol como alguns. Norma Jeane, eu fiquei muito desapontado ~~(mas não surpreso)~~ que o seu casamento com este atleta esepcional tenha acabado em

divórcio & tanta publicidade sensacionalista. Ao menos não havia filhos pra colher a vergonha.

Ainda assim, eu espero ter um neto. Um dia! Antes de ser tarde demais.

Há um rumor de que “Marilyn Monroe” foi investigada por conversas com comunistas & seus amigos ciganos. Espero por Deus, minha querida Filha, que não haja nada incriminador em seu passado. Sua vida em Hollywood deve ter muitos cantos escondidos da luz do dia. A “derrubada do governo dos Estados Unidos” é uma ameaça sóbria. Se os Comunistas Vermelhos fizerem um ataque nuclear antes que nós possamos equipar nossos exércitos, como nossa civilização poderia sobreviver? Espiões judeus como os Rosenberg nos trairiam, entregando-nos ao inimigo & mereceriam morte por Electrussão. É errado defender “liberdade de expressão” como você tem feito quando não sabe nada das realidades duras da vida. Todo mundo viu como indivíduos traiçoeiros um dia vistos como “grandes” — Charlie Chaplin & o negro Paul Robeson são exemplos — se comportam quando sob pressão. Mas chega disso! Minha Filha, quando eu falar com você em pessoa, eu ainda espero persuadi-la de sua loucura.

Logo entrarei em contato com você, prometo. Perdi muitos anos. Até sua Mãe começa a emergir na memória mais como uma mulher doente do que cruel. Em minha doença recente, comecei a ver que devo perdoá-la. E devo ver você, minha linda Filha perdida. Antes que eu “embarque na longa viagem” pelo outro lado do oceano.

Seu Pai em lágrimas

Depois do divórcio

— Um ingresso.

A bilheteira em sua cabine no Cinema Sepulveda, Van Nuys, mascando chiclete de menta, uma robusta loira oxigenada com um olhar ágil, como uma boneca cuja cabeça foi sacudida de brincadeira, empurrou o ingresso para Norma Jeane sem olhar duas vezes.

— O filme está fazendo sucesso, não é?

A bilheteira, mascando chiclete de menta, assentiu rápido.

— Marilyn Monroe é de Van Nuys, ouvi dizer... Estudou na Van Nuys?

A bilheteira, mascando chiclete de menta, deu de ombros, dizendo, entediada:

— É, eu acho. Eu me formei em 1953. Ela é bem mais velha.

Uma noite em julho de 1955. No cinema suburbano onde catorze anos antes, em sua adolescência perdida, um garoto chamado Bucky Glazer e ela haviam “se encontrado” pela primeira vez. De mãos dadas suadas e “se espichando” nos fundos do cinema entre odores de pipoca gordurosa, óleo de cabelo masculino e spray de cabelo feminino. Onde Norma Jeane e Elsie Pirig ganharam um conjunto de pratos de jantar e salada de plástico verde-claro com um delicado padrão de flor de lis. O choque de ter o bilhete vencedor! Ser chamada ao palco e todo mundo aplaudindo. “O que eu disse para você, querida? É nossa noite de sorte.” Tia Elsie estivera tão empolgada que abraçou Norma Jeane e deixou uma mancha de batom na bochecha dela, mas seria a última vez que Norma Jeane e sua tia Elsie iriam ao Cinema Sepulveda juntas.

Você partiu meu coração. Marido algum nunca me machucou tanto assim.

E quantas vezes nesse mesmo cinema sozinha ou com companheiros anos antes ela havia admirado, encantada, a Princesa Cintilante e o Príncipe Sombrio. O coração dela desejando aquele lindo casal predestinado. Desejando ser os dois. E, ainda assim, de alguma forma, ser amada por eles. Ser levada para seu mundo perfeito, banhando-se em sua beleza e amor, e nunca haveria silêncio naquele mundo, mas sempre a música, a trilha sonora ao fundo; nunca estaria em perigo de sair se debatendo como em um oceano revolto com terror de se afogar.

Agora, acima da marquise do filme à frente, pairava uma gigantesca-Marilyn Monroe de placas de gesso de três metros de altura em sua notória pose de *O pecado mora ao lado*. Loira Marilyn risonha parada com pernas afastadas, a saia plissada cor marfim voando para cima e revelando pernas, coxas, calcinhas justas de algodão branco.

Olhe para você! Uma vaca. As tetas e a boceta na cara de todo mundo.

Até Norma Jeane ergueu o rosto para a marquise. Vendo sem ver no mesmo instante. “Não a minha mulher. Está ouvindo?” Ela ouvira. Os ouvidos badalando onde ele havia desferido os golpes, e ela ainda conseguia ouvir aqueles badalos, ligeiramente. Misturado com o sangue pulsando, acelerado.

— Mas ele não vai me bater nunca mais. Ninguém vai.

Esse era um bom momento para ela. Aquele mês. O anterior não havia sido tão bom, nem os meses anteriores. Desde a separação e o divórcio em outubro. Ela havia se mudado diversas vezes. Mudou de número telefônico com maior frequência. O marido anterior a havia ameaçado. O marido anterior a seguia. Ligava para ela. Ela não contou a ninguém. Ela não poderia traí-lo mais. “CORAÇÃO PARTIDO POR UM CASAMENTO DE NOVE MESES. A HISTÓRIA REAL DE MARILYN.” Não havia contado a ninguém a história real. Ela não estava em posse da história real. “RELATOS DE TESTEMUNHAS DE MARILYN EM HOSPITAL DE NY ‘ESPANCADA.’” Não houvera testemunhas. Nem o casal predestinado. Ela não foi levada a um hospital em Nova York nem a lugar algum. O médico do hotel a tratou. Noventa minutos depois, às cinco da manhã, Whitey fora em silêncio para a suíte de luxo da qual o Ex-Atleta havia partido e, com suas mãos mágicas, disfarçado machucados e até um talho acima de seu olho esquerdo. Ela

beijou as mãos de Whitey em gratidão. Sendo a beleza loira restaurada no espelho.

Se não em seu coração, no espelho. E ali estava sua Amiga Mágica posando loira e triunfante sobre a marquise do Cinema Sepulveda rindo como se nada feio jamais tivesse acontecido com ela, e nunca fosse acontecer.

— ... frequentou a Escola Van Nuys. Formandos de 1947.

— Certeza? Ouvi que foi mais tarde.

Mas eu nunca me formei. Em vez disso, me casei.

Atravessando o saguão, e talvez houvesse olhares na sua direção — ela era uma estranha, afinal de contas, Van Nuys era uma cidade pequena —, mas ninguém a reconheceu, nem reconheceria. Ninguém nunca reconhecia Norma Jeane quando ela não queria ser reconhecida, às vezes mesmo sem se dar ao trabalho de usar uma peruca, pois quando ela não era Marilyn, ela não era Marilyn. Naquela noite estava em sua peruca morena cacheada com um corte de poodle, óculos de gatinho de plástico vermelho, nenhuma maquiagem, sequer batom, um vestido tipo chemise com manga e gola como de camisa, confortável e de raíom azul-marinho com botões e cinto cobertos por tecido, pés à mostra em sapatilhas de tiras baratas. Caminhando com as nádegas contraídas como se tivesse recebido uma injeção de Novocaína no traseiro. Irreconhecível para os próprios clientes que encaravam Marilyn Monroe em cartazes no saguão ou em imagens do filme e falando dela, a garota que estudou na Escola Van Nuys em meados dos anos 1940, sim, mas seu nome não era “Marilyn Monroe” na época, como é que era?

— Ela foi adotada por um pessoal local. Aquele cara que tem o ferro-velho na Reseda. Pisig? Mas ela fugiu de casa. Pisig talvez tenha estuprado a garota, foi tudo acobertado.

Norma Jeane quis se virar para esses estranhos e protestar. *Vocês não sabem nada de mim ou do sr. Pirig! Por favor, nos deixe em paz!*

Na verdade, não era da conta de Norma Jeane o que estranhos diziam. Não importava o que diziam sobre ela, não mais do que o que diziam a respeito de qualquer pessoa ou coisa.

O saguão do Sepulveda não tinha mudado muito. Com quanta vivacidade ela se lembrou das paredes de veludo carmim falso, os espelhos

emoldurados em dourado e os carpetes vermelhos felpudos com uma tira plástica suja especial da bilheteria até a entrada. Os pôsteres e as imagens de filmes “em exibição” e os “em breve” estavam em lugares idênticos nas paredes. Às vezes, Norma Jeane entrava no saguão só para estudar as imagens e atrações futuras. O mundo tinha tanta promessa! Sempre filmes novos, sempre uma sessão dupla. Exceto se um filme fosse um sucesso colossal (como *O pecado mora ao lado*), a programação mudava toda quinta-feira. *Algo pelo qual esperar. Você nunca desejaria se matar, não é?*

A pessoa que recolhia os ingressos era um adolescente vestido de lanterninha, com olhos pesarosos e bochechas ásperas de tantas espinhas. Norma Jeane sentia pena dele, nenhuma garota iria querer beijá-lo.

— Está cheio hoje. Para um dia de semana? — perguntou ela, sorrindo.

O garoto deu de ombros, rasgou seu ingresso em dois e lhe deu o comprovante. Ele murmurou o que parecia ser:

— É. Acho que sim.

Era um lanterninha a serviço do cinema. Ele tinha visto *O pecado mora ao lado* muitas vezes. Estava passando desde meados de junho lá. Olhando rápido para Norma Jeane, viu uma mulher que ele poderia ter acreditado ter idade suficiente para ser sua mãe. Por que ela ficaria ferida com a indiferença dele? Ela não ficou.

Ela estava feliz! Aliviada. Que ninguém a reconheceu. Que ela poderia circular sozinha pelo mundo assim. Uma mulher não casada. Uma mulher a sós. A mão esquerda livre de anéis. A marca do anel de noivado e da aliança de casamento no quarto dedo havia sumido. Ela os havia tirado naquela noite no Waldorf-Astoria, com creme. Torcendo e puxando os anéis até que passassem pelo nó do dedo. Estranho que os dedos estivessem inchados, como seu rosto. Como se ela tivesse sofrido uma reação alérgica.

O médico do hotel lhe deu uma injeção de secobarbital para “acalmar os nervos”, pois ela estava histérica e havia falado loucamente de se ferir. No começo da tarde do dia seguinte, o solícito Doc Bob lhe deu outra injeção de secobarbital.

Isso tinha sido meses antes. Ela não tivera secobarbital injetado na corrente sanguínea desde novembro passado.

Ela não precisava de drogas! Às vezes, para dormir. Mas era um bom momento para ela. Ela havia chegado a entender que deve sempre haver

momentos bons na vida para equilibrar os ruins. E esse era um bom momento, pois ela havia se acomodado, enfim, em uma casa alugada na área sudeste de Westwood e tinha amigos (não ligados ao cinema) que se importavam com ela e em quem podia confiar. Ah, ela acreditava nisso! E os executivos no Estúdio a amavam de novo. E a perdoaram. Pois o filme novo estava gerando ainda mais lucro que *Os homens preferem as loiras*. E seu salário foi congelado em 1.500 dólares. Mas ela aceitaria isso, por enquanto. Ela estava grata por estar viva, por enquanto. *Talvez eu devesse matar nós dois. Nós ficaríamos melhor*. Mas ele não a havia matado e não mataria. Ela estava livre dele agora. Ela o amava, mas estava livre dele. Ela nunca estivera grávida dele. Ele nunca soube do Bebê. Mesmo se ela tivesse chorado enquanto dormia, ele nunca soube. Ele a segurou em seus braços, e ela o chamou de Papai, e ele a reconfortou, mas nunca soube. Em outubro, finalmente, ele concordou com os termos do divórcio e prometeu não a assediar, mas ela tinha motivo para acreditar que ele a seguia às vezes. Ele estava vigiando a casa em Westwood. Ou havia contratado alguém. Ou mais de uma pessoa. A não ser que ela estivesse imaginando! Ainda assim, ela certamente não havia imaginado o homem-sem-rosto no Chevrolet cupê cinza-metálico que passou devagar atrás dela na rua residencial em Westwood, mantendo outro carro entre eles, e então acelerou na Wilshire para não perdê-la de vista, e ela tentou permanecer calma, respirando fundo e contando as respirações enquanto manobrava o veículo pelo trânsito, e, vendo uma oportunidade, cortou rápido para o estacionamento de um banco e, poucos segundos depois, estava fazendo o retorno numa rua lateral. Quando não viu o Chevrolet cinza-metálico no retrovisor acelerou com força, passando por um semáforo justo quando mudava de amarelo para vermelho, e então, rindo, entusiasmada feito uma garotinha acelerando ao norte da autopista de San Diego, ela se dirigiu a Van Nuys.

— Não podem me pegar! Nenhum de vocês.

Ela dirigiu para Van Nuys em um estado de exaltação. Saiu da autopista e passou pela Escola Van Nuys, que havia sido ampliada desde a Guerra, e não sentiu emoção alguma, exceto por uma pontada de dor por sr. Haring nunca ter entrado em contato depois que ela saiu da escola, como em um sonho frequente dela em que o professor de inglês chegava na casa dos Pirig, tocava a campainha e perguntava a Elsie Pirig, embasbacada, se ele poderia falar

com Norma Jeane, e lá estava ele recriminando Norma Jeane com seriedade, perguntando por que ela havia largado a escola sem falar com ele. E tão nova? Com tanto potencial?

— ... uma das minhas melhores alunas, em todos os meus anos de ensino.

— Mas o sr. Haring não fora salvá-la. Não escreveu para ela quando ela se tornou Marilyn Monroe; ele não estava orgulhoso dela? Ou será que estava, como seu marido anterior, com vergonha dela?

— Eu estava apaixonada por você, sr. Haring. Mas acho que você não me amava! — Era uma cena de cinema, ainda que não original ou convincente, pois não havia palavras adequadas e, em seu desespero adolescente, Norma Jeane foi incapaz de descobri-las.

Ela seguiu dirigindo. Secando as lágrimas dos olhos, e o coração batendo com força. Atravessou a cidade de Van Nuys, que parecia mais próspera do que era na época da Guerra, mais construções residenciais, mais negócios, Van Nuys Boulevard e Burbank, e lá estava a drogaria Mayer com uma nova fachada branca de azulejos lisos (será que o lindo espelho chanfrado ainda estava lá dentro?). Em um estado de exaltação e pavor, Norma Jeane dirigiu para rua Reseda e passou pela casa dos Pirig — aquela casa! — coberta agora com reboco de asfalto, feito para lembrar tijolos vermelhos, mas, fora isso, totalmente a mesma. Lá, a janela do sótão de Norma Jeane! Ela se perguntou se os Pirig ainda eram lar temporário para crianças órfãs. As narinas contraíram; havia um cheiro de borracha queimada no ar. Uma descoloração nebulosa do ar. Ela sorriu ao ver que o negócio de Warren Pirig havia transbordado para um terreno ao lado. Carros velhos, uma picape e três motocicletas À VENDA. Norma Jeane estivera pensando que os Pirig, também, a haviam abandonado, mas na verdade Elsie Pirig havia escrito para ela no Estúdio, e em mágoa e raiva ela rasgara as cartas. Que doce, sua vingança!

— Estou passando de carro pela sua casa feia agora. Eu sou “Marilyn Monroe” agora. Você está dentro, é hora do jantar, e eu não vou parar e te visitar. Você adoraria me ver agora, não é? Você olharia para mim agora, Warren, não é? Você me ofereceria uma cerveja do refrigerador, como adulta. Seria respeitoso. Você me pediria que eu, por favor, me sentasse e não tiraria os olhos de mim, e eu diria: “Você não me amou, Warren, só um pouquinho? Você deveria ter visto como eu estava apaixonada por *você*”. E

eu seria educada com Elsie também. Ah, eu seria graciosa! Doce como a Garota do Apartamento de Cima em *O pecado mora ao lado*. Como se nada houvesse acontecido entre nós. Eu não ficaria muito, explicando que tinha outro compromisso em Van Nuys; eu partiria prometendo mandar alguns ingressos de cortesia para minha próxima *première* em Hollywood, e vocês nunca mais ouviriam falar de mim. Minha vingança!

Mas, em vez disso, ela caiu no choro. Molhando a frente de sua chemise de raíom azul-marinho.

Uma atriz se inspira em tudo que já viveu. Sua vida inteira. Sua infância em especial. Apesar de você não se lembrar da infância. Acha que lembra, mas na verdade não! E mesmo quando tem mais idade, na adolescência. Muito da memória são os sonhos, eu acho. Improvisando. Voltando ao passado, para mudá-lo.

Mas, sim! Fui feliz. As pessoas foram boas comigo. Até mesmo minha mãe, que ficou doente e não pôde mais ser uma mãe para mim, e minha mãe no lar temporário em Van Nuys. Um dia quando eu for uma atriz séria em peças de Clifford Odets, Tennessee Williams, Arthur Miller, prestarei uma homenagem a essas pessoas. A humanidade delas.

— Ah. Sou eu?

A surpresa era que *O pecado mora ao lado* era muito engraçado. A Garota do Apartamento de Cima, que era a garota-fantasia de verão de Tom Ewell, era *engraçada*. Norma Jeane começou a relaxar. Ela pressionou os nós das mãos na boca, ela riu. Ora, ela estivera apavorada com isso, e com a visão de si mesma, era uma revelação: o que as pessoas em Hollywood e o que os críticos haviam dito era verdade.

Marilyn Monroe é uma comediante nata. Como Jean Harlow em seus papéis exibidos e sensuais. Como uma Mae West garotinha.

Essa foi a primeira vez que ela via *O pecado mora ao lado* desde a *première* em junho, quando entrou em um estado de fuga-em-pânico mesmo antes do início do filme, ou talvez estivesse exausta pela melancolia, uma combinação do Nembutal com espumante e todo o estresse do divórcio, e tinha visualizado a imensa tela technicolor por trás de uma bruma como se estivesse embaixo d'água, ouvia risadas ao redor zunindo em seus ouvidos, e

teve que lutar contra o sono em seu vestido espetacular tomara que caia costurado ao corpo, tão apertado no busto que ela mal conseguia respirar, o cérebro privado de oxigênio, e os olhos vagando para dentro da máscara de Marilyn que seu maquiador Whitey havia esculpido por cima da pele amarelada e doente e da alma ferida. Feita para se levantar no fim do filme, ela e seu companheiro de cena, Tom Ewell, piscando e sorrindo para a plateia que aclamava, havia conseguido não desmaiar e depois se lembraria pouco da noite exceto que havia sobrevivido. E durante as filmagens em Nova York quando o casamento estava desintegrando como um guardanapo molhado e depois em Hollywood no Estúdio, ela se recusava a assistir ao material bruto a cada dia por medo de que pudesse ver algo que a impossibilitaria de continuar. Pois o julgamento do Ex-A atleta era duro e ribombava em seus ouvidos: “Mostrando o corpo desse jeito. Seu corpo. Você prometeu que este filme seria diferente. Você é nojenta”.

Mas não! A Garota do Apartamento de Cima não era nojenta. Tom Ewell não era nojento. A história de amor falsa deles era só... comédia. E o que é comédia, senão a vida vista com risadas, em vez de lágrimas? O que é a comédia senão negar lágrimas e rir em vez disso? O riso sempre era inferior às lágrimas? A comédia sempre era inferior à tragédia? Qualquer comédia, qualquer tragédia.

— Talvez eu já seja uma atriz? Uma comediante? — Vendo Marilyn Monroe na tela do filme fútil, qualquer um pensaria que ela era uma atriz talentosa, totalmente no controle da situação, roubando a maioria das cenas com sua voz de bebê ofegante, os movimentos sinuosos do corpo, o rosto de garotinha inocente. Via-se a Garota do Apartamento de Cima pelos olhos desejosos de Tom Ewell, então ria-se dele na fantasia adolescente atrapalhada da Garota, que estava tão perto de ser conquistada, ainda que tão longe; tão aparentemente disponível para sexo, ainda que elusiva. E isso era engraçado! Luxúria reprimida em um homem adulto, um homem casado, um potencial adúltero, era engraçado. A plateia no Sepulveda ria, e Norma Jeane ria. E que bom é rir com os outros. *Isso nos torna humanos juntos. Eu não quero ficar sozinha.*

Por pouco, Norma Jeane não sentiu um arrepio de orgulho. Lá estava sua identidade de atriz loira na tela, fazendo estranhos relaxarem, rirem e se sentirem bem a respeito da loucura humana e a respeito de si mesmos. Por

que o ex-marido fez piada de seu talento? E dela própria? *Ele estava errado. Eu não sou nojenta. Isto é comédia. Isto é arte.*

Ainda assim, nem todos no cinema riam. Aqui e ali, espalhados pelos assentos havia homens solitários, olhando para a tela com um sorriso fixo em uma careta. Um, gorducho e de meia-idade, um pedaço de carne parecendo um queixo mal posicionado na nuca, havia se aproximado em um assento perto de Norma Jeane, e ele espiava Norma Jeane mesmo com a atenção fixa em Marilyn Monroe na tela; não como se a reconhecesse, não como se a visse como algo além de uma moça sentada sozinha a apenas alguns metros dele em um cinema escuro. *Ele está me trazendo para sua fantasia de Marilyn. Ele quer que eu veja o que ele está fazendo com as mãos.*

Rapidamente, Norma Jeane se levantou e tomou outro assento diversas fileiras para trás e para o lado do homem solitário. Perto de um casal jovem que ria do filme. Ah, ela se sentia roubada! De verdade, aquilo tinha sido nojento. Ou teria sido só patético. O homem solitário com o pescoço gordo não olhou de volta para Norma Jeane, mas prosseguiu com o que quer que estivesse fazendo, maliciosamente, sub-repticiamente, inclinado no assento. Norma Jeane o ignorou e se concentrou no filme. Tentou lembrar o que estava sentindo antes — orgulho? Um senso de conquista? Talvez as críticas positivas não tivessem sido um exagero. Marilyn Monroe realmente era uma boa comediante? *Talvez eu não seja um fracasso. Nenhum motivo para desistir. Para me punir.* No entanto, enquanto ela sorria para a Garota do Apartamento de Cima tal como Tom Ewell faminto de luxúria a via, um solteiro no verão, Norma Jeane estava distraída, pensando em quantas vezes quando garotinha ela precisou mudar de lugar no cinema quando ia sozinha. Observando arrebatada a Princesa Cintilante e o Príncipe Sombrio, ela tivera que se dar conta de que outros, homens solitários, a estavam observando. Aqui no Sepulveda ou em outros lugares. Ah, o Grauman's no Hollywood Boulevard era o pior! Quando ela era pequena e morava na avenida Highland. Homens solitários em filmes de fim de tarde, lançando olhares vorazes para ela no escuro. Como se não pudessem acreditar na sorte que tinham, uma garotinha desacompanhada no cinema. Gladys alertou para não se sentar “perto demais” de homens no cinema, mas o problema era que os homens mudavam de lugar para ficar perto dela. Quantas vezes ela poderia mudar de lugar, como uma criança? Uma vez, no

Grauman's, um lanterninha lançou a sua luz nela e a xingou. Gladys a havia alertado a nunca falar com homens, mas e se eles falassem com ela? Ela a havia instruído a sempre andar perto da calçada a caminho de casa. Sob os postes de luz. *Para que me enxergassem. Se alguém tentasse me pegar. Era isso?*

Norma Jeane se ajeitou no assento, rindo com outros, mesmo se dando conta de outro homem solitário à sua esquerda, apenas a duas poltronas de distância. Por que ela não o havia percebido antes de se sentar? Ele se inclinou para a frente de forma abrupta para espiá-la. Um homem no começo da meia-idade, de óculos arredondados e um queixo para trás, características juvenis que a lembravam do... sr. Haring? O professor de inglês? Mas ele havia perdido a maior parte de seu cabelo fino. Norma Jeane sequer ousou olhar com muita atenção. Se esse fosse o sr. Haring, eles se encontrariam no fim do filme; se não, não. Norma Jeane se forçou a sorrir para a tela em preparação para a cena a seguir. Era a cena mais famosa do filme: a Garota do Apartamento de Cima andando na rua, em seu vestidinho de crepe marfim com o decote justo frente única, as pernas nuas e sandálias de salto alto sobre a saída de ar do metrô quando um vento sobe, levantando sua saia, e o trânsito na Lexington praticamente para. No entanto, na cena do filme, Norma Jeane, era muito diferente das imagens da publicidade. Para não ser condenado pela Legião Católica pela Decência, o Estúdio havia censurado a cena consideravelmente: a saia da Garota se levantava apenas acima do joelho, e não há lampejos da notória calcinha branca. Esta era a única cena pela qual as audiências esperavam, vendo fotos sensacionais reproduzidas no mundo todo, a saia branca vistosa, a cabeça loira lançada para trás, o sorriso de êxtase, feliz e sonhador, como se o próprio ar estivesse fazendo amor com a Garota ou, de alguma forma, com as mãos escondidas no vestido flutuante, ela estivesse fazendo amor consigo mesma: uma pose vista de frente, de lado, de trás, em perfil de três quartos, em número igual de olhos que poderiam vê-la e de ângulos de câmeras. Norma Jeane esperava pela cena, ciente do homem solitário na poltrona por perto. Será que poderia ser o sr. Haring? Mas o sr. Haring não tinha sido casado? (Talvez estivesse divorciado e morando sozinho em Van Nuys?) Ele a reconheceria? Ele tinha que reconhecer "Marilyn" no filme, a ex-aluna, mas será que ele a reconheceria? Fazia tantos anos. Ela não era mais uma garota.

Que estranho! A Garota do Apartamento de Cima parecia um ser descolado da atriz desesperadamente preocupada e ansiosa que a interpretava. Norma Jeane se lembrou de noites insones mesmo quando havia tomado Nembutal. E Doc Bob prescrevia Benzedrina para despertá-la. Ela estivera doente de preocupação com o casamento. O Ex-Atleta havia insistido em visitar o estúdio de gravação, apesar de odiar gravações, o tédio de tudo e, como ele dizia com literalidade entorpecente, “como tudo é tão falso”. Por acaso ele esperava que filmes fossem *reais*? Atores dissessem suas falas espontaneamente e não seguissem *roteiros*? Norma Jeane não quis pensar que ela possivelmente havia se casado com um homem ignorante, não apenas um homem ignorante e desinformado, mas um homem estúpido; não, ela amava de verdade o marido, e certamente ele a amava. Ela estava no centro da vida emocional dele. A própria masculinidade dele dependia *dela*. Então ela tinha que interpretar a Garota, ela tinha que fazer comédia fútil, comédia fluida, mesmo com o marido em pé encarando, em silêncio, fuzilando com os olhos, às margens do cenário. Ele deixava todos desconfortáveis, mas lá estava ele dificilmente faltando um dia sequer, apesar de que em sua vida profissional como um promotor do beisebol e suposto consultor de fabricantes de material esportivo, ele deveria ter muito o que fazer. Nervosa em sua presença, Marilyn pedia para regravar inúmeras vezes.

— Eu quero fazer *direito*. Sei que consigo me sair melhor. — O diretor ficava exasperado com ela às vezes, mas sempre cedia. Pois independente de quão boa é uma cena, ela não pode melhorar? Pode!

Com a reprovação sombria do velho Hirohito no aparelho de rádio, o Ex-Atleta a encarava. Apertando os dedos pensando em sua família em São Francisco, sua amada Mamma, assistindo àquilo. “*Este lixo! Lixo pornográfico! Depois deste filme acabou, está me ouvindo?*”

O que o enfurecia era quão bem Marilyn e Ewell se davam. Aqueles dois, rindo juntos! Quando Marilyn e ele estavam sozinhos, ela não era engraçada; ela raramente ria; ele raramente ria; ela tentava falar com ele, então desistia e eles se sentavam à mesa de jantar, por exemplo, comendo em silêncio. Às vezes, ela até perguntava se poderia ler um roteiro ou um livro! Ela implorava a ele para assistir à televisão, se houvesse esportes ou noticiários. Ah, ele nunca a perdoara por fugir e o deixar no Japão, para ir

“entreter” as tropas na Coreia. A publicidade mundial que se seguiu, eclipsando o Ex-Atleta no Japão. Apesar de ter encontrado grandes multidões de admiradores, não chegou nem perto das multidões que celebravam Marilyn Monroe. No total, mais de cem mil soldados dos Estados Unidos foram vê-la se apresentar, no vestido decotado de paetês roxos e salto alto com dedos à mostra, cantando “Diamonds Are a Girl’s Best Friend” e “I Wanna Be Loved by You” a céu aberto em clima congelante, a respiração virando vapor. Ele havia suspeitado de que ela tivesse tido um caso breve com o jovem cabo da *Stars and Stripes* que a havia escoltado na Coreia. Ele suspeitou de um caso ainda mais breve, talvez uma única foda rápida com um jovem tradutor japonês da Universidade de Tóquio, que, para o Ex-Atleta, parecia uma enguia em pé. Em Nova York, no set do filme, ele tinha motivos fortes para acreditar que Marilyn e Tom Ewell escapuliam durante os intervalos para transar no camarim de Ewell. Havia uma conexão entre aqueles dois, uma coisa sensual e brincalhona! O Ex-Atleta não tinha ciúmes, mas todos no estúdio sabiam, e provavelmente todo mundo em Hollywood. Eles estavam rindo dele, o marido traído!

Seu pai e seus irmãos haviam sido francos com ele. Você não consegue segurar essa mulher? Que tipo de casamento é esse, você e *ela*?

No final, ele não fora capaz de amá-la. Fazer amor com ela. Como um homem. Como o homem que havia sido — o Yankee Durão. E ele a odiara por isso também. Majoritariamente por isso. *Você suga um homem até secar. Você está morta por dentro. Não é uma mulher normal. Eu espero, por Deus, que nunca tenha filhos.*

Ela estava se perguntando, por que ele odiava Marilyn, quando havia amado Marilyn? Por que ele odiava a Garota do Apartamento de Cima? A Garota era tão doce e de boa natureza, prestativa e *gentil*. É claro que era uma fantasia sexual masculina, um anjo sexual, mas era para ser engraçado, não? Sexo não era engraçado? Se não fosse fatal? A Garota do Apartamento de Cima convidava você a rir dela e com ela, mas não era um riso cruel.

— Eles gostam de mim porque não tenho ironia. Eu não fui ferida, então não posso ferir. — Um adulto aprende a ser irônico quando aprende sobre dor, frustração e vergonha, mas a Garota do Apartamento de Cima poderia apagar esse conhecimento.

A Princesa Cintilante era uma garota com carreira em Nova York em meados dos anos 1950.

A Princesa Cintilante sem seu Príncipe Sombrio. Pois homem nenhum se equiparava a ela.

A Princesa Cintilante fazendo propaganda de pasta de dentes, xampu, bens de consumo. É *engraçado*, não *trágico*, que garotas bonitas sejam usadas para vender produtos; por que Otto Öse não conseguia ver o humor naquilo?

— Nem tudo é o Holocausto. — Era na verdade (como ela havia dito ao sr. Wilder, o diretor) uma reviravolta profunda e maravilhosa que em *O pecado mora ao lado*, na pessoa inventada de “Marilyn Monroe”, Norma Jeane tivesse a oportunidade de reviver certas humilhações de sua vida jovem não como tragédias, mas como comédias.

Agora vinha a cena da saia voando! Mais de quatro horas de gravação em Nova York, horas que acabaram com seu casamento, e nenhum segundo daquela gravação foi usado. A filmagem final foi produzida no Estúdio, em Hollywood, uma locação particular. Sem homens amontoados em barricadas de polícia. A cena da saia voando era só brincalhona e breve. Nada para chocar. Pouco para provocar. O Ex-A atleta nunca tinha visto a cena no filme de fato. A Garota dá gritinhos, ri e bate na saia para segurá-la, a calcinha não aparece e... só isso.

— Moça! Moça! — chamou o homem solitário sentado perto de Norma Jeane, sibilando, curvado para a frente e manhoso em seu assento.

Norma Jeane sabia que deveria ignorá-lo, mas espiou desamparada na direção dele, meio pensando que ele era o sr. Haring no fim das contas e que a havia reconhecido, mesmo que soubesse, encarando os traços imaturos curiosamente corroídos do homem, os olhos úmidos piscando atrás de lentes redondas, a testa oleosa de suor, que ele não era ninguém que ela conhecia.

— Senhorita... Senhorita... Senhorita! — Ele estava arfando. Excitado. Movendo a parte de baixo do corpo na poltrona, ambas as mãos ocupadas na virilha parcialmente escondida por uma bolsa de lona ou uma jaqueta enrolada, e conforme Norma Jeane o encarava em choque e repulsa, ele gemeu suavemente, seus olhos reviraram, a fileira inteira de assentos saltou como se alguém a houvesse chutado. Norma Jeane ficou sentada paralisada e

confusa. Isso não havia acontecido com ela, muito tempo antes? Ou mais de uma vez? E ela estava pensando: *É ele? Sr. Haring? Ah, será que pode ser?* Curvado como um gnomo na poltrona o homem ousou revelar uma das mãos para ela, baixa para que ninguém mais pudesse ver, um líquido brilhante e gosmento na palma e nos dedos. Norma Jeane soltou um ganido de dor e nojo. Ela já estava em pé, saindo da fileira, enquanto o homem-que-lembrava-sr.-Haring ria em voz baixa às suas costas, um som como britas apertadas se misturando à gargalhada maior, mais alta, do resto da audiência.

O lanterninha com bochechas de acne, descansando no fundo, vendo Norma Jeane se levantar na fileira e o olhar em seu rosto, perguntou, com surpresa:

— Senhora? Tem algo de errado?

Norma Jeane passou reto sem olhar para ele.

— Não. Agora já é tarde.

A mulher afogada

Era Venice Beach? O lugar em que havia chegado? Ela sabia sem ver.

Havia algo de errado com seus olhos; ela os esfregara com os punhos até que ficaram vermelhos. Areia nos olhos. E acima, o céu no alvorecer se rompia como peças de um quebra-cabeça se separando em partes. E se separados, nunca se encaixariam. Por que seu sangue pulsava! e pulsava! e o coração pulsava! apavorada que poderia segurá-lo na mão como um beija-flor.

Eu não queria morrer, era para desafiar a morte. Eu não me envenenei. Deus morre se não é amado, mas eu não fui amada e não morri.

Era Venice Beach, a areia dura e com nervuras, rajadas de uma névoa feito um véu, algas como enguias sonolentas, e os primeiros surfistas estranhos e silenciosos, também como criaturas marinhas, água corrente, encarando-a. Alguém havia rasgado a frente do vestido de chiffon cereja, os peitos caídos soltos. Mamilos duros como caroços. O cabelo opaco e a boca sorrindo inchada e o suor oleoso da Benzedrina cobrindo o corpo.

Olá, você, qual seu nome? Eu sou Miss Golden Dreams. Você acha que eu sou linda? Desejável? Amável? Você gostaria de me amar? Eu sei que poderia amar você.

Primeiro, ela havia ido ao píer de Santa Mônica de carro. Horas antes. De-chiffon e pernas nuas e sem calcinha. Havia andado de montanha-russa, pagado o ingresso de uma criança e levado uma garotinha consigo, os pais da menina sorrindo e confusos parecendo reconhecê-la, mas não com certeza (pois havia tantas loiras em Hollywood), e ela chacoalhou a cabine em que estavam, e a garotinha gritou em seus braços *Ah, ah!*, voando céu

adentro. Ela não estava bêbada. O hálito impecável. Doce como citrino. Se havia marcas de agulhas nos braços, na pele macia dentro do cotovelo, ela não havia injetado. Partes do corpo haviam ficado dormentes e saíram voando. Onde seu ex-marido musculoso a havia apertado no pulso, braço, garganta. Lindos dedos fortes. Anos antes houvera um deles que conseguia fazer amor apenas com os seios dela, o pênis desejoso inchado entre os seios, ele espremeria os seios com mãos trêmulas e se apertaria até que com um soluço de angústia gozasse, o sêmen molhando-a, mas Norma Jeane não estava lá, olhos vazios e sem enxergar, como pedras. *Não dói. Acaba rápido. Você esquece na mesma hora.* Ela havia perguntado se a garotinha poderia vir morar com ela por um tempo. Tentando explicar para os pais que estavam chateados depois do passeio de montanha-russa que eles poderiam ir visitar também. E por que o operador do brinquedo estava com raiva? Ninguém havia se machucado. Tinha sido só brincadeira! Ela deu uma nota de vinte dólares para o homem, e sua agitação cessou. E a garotinha estava segura, agarrada à mão da mulher loira e não querendo soltar nunca. Como outra garotinha havia agarrado sua mão. *O tigre de pelúcia que costurei para Irina. Ele sumiu com ela. Onde?* Essas mortes no Condado de Los Angeles, houvera outra no mês anterior, uma “modelo ruiva”, os jornais a descreveram, apenas dezessete anos. Às vezes o assassino enterrava a garota em uma “cova rasa” e a chuva lavava o solo arenoso, expondo o corpo, ou o que sobrava do corpo. Mas nenhum mal foi feito a Norma Jeane. Cada uma das oito ou nove ou dez garotas estupradas-e-mutiladas era sua conhecida, ou poderia ser conhecida, irmã aspirante a vedete no Estúdio ou irmã modelo na agência Preene, ou modelo de Otto Öse, ainda que nunca fosse *ela*. O que isso queria dizer? Que ela estava destinada a uma vida mais longa? Uma vida além dos quarenta anos e uma vida além de Marilyn?

Ela fora de Santa Mônica até Bel Air, rica e residencial. As montanhas. Uma mansão de conto de fadas perto do Clube de Golfe de Bel Air. Ele havia se oferecido para pagar pelo divórcio com o Ex-Atleta. “Crueldade mental.” “Incompatibilidade.” Era um Bentley verde-garrafa com arranhão leve no para-choque frontal, onde ela havia batido lateralmente em uma mureta na autopista de Santa Mônica. Será que Gladys estava recebendo tratamento com choque a essa hora? Porque ela sentia a própria cabeça doer, uma dor irregular. Seus próprios pensamentos com frequência descarrilhavam.

Podia-se sorrir para a Garota do Apartamento de Cima, mas a Garota tinha um roteiro e nunca desviava. A maioria das risadas era dela. Eletroconvulsoterapia, chamavam. Haviam pedido à Norma Jeane, a familiar mais próxima, a guardiã legal da mulher doente, permissão para uma lobotomia. Ela, a filha, negou. Uma lobotomia pode fazer milagres às vezes em pacientes perturbados e alucinando, um médico garantiu. Não a minha mãe. Não o cérebro da minha mãe. Minha mãe é uma poeta, minha mãe é uma mulher inteligente e complexa. Sim, minha mãe é uma mulher trágica, mas eu também! E então eles apenas “deram choques” em Gladys. Ah, mas isso foi em Norwalk anos antes. E não no Lar de Lakewood, mais gentil e educado, onde Gladys estava agora.

Mãe, ele quer ver você! Logo. Vai perdoar você, ele diz. Ele vai amar nós duas.

Devia significar alguma coisa, seu pai a havia chamado de “Norma”. De início, ele a chamava de “Norma Jeane”; então, ao fim da carta, ele a chamou de “Norma”. Portanto esse seria o nome dele para ela quando se encontrassem e para sempre depois: “Norma”. Não “Norma Jeane”, e não “Marilyn”. E é claro, “Filha”. Enfim, ela havia tomado as chaves do Bentley, precisando escapar. Mas ele não a denunciaria para a polícia. Sua fraqueza era que ele a adorava. Um homenzinho resmungão e pau-mandado, um Porco Gaguinho rastejando aos seus pés. Os pés descalços de Marilyn. Ele havia sugado seus dedos do pé imundos! Ela gritou de tantas cócegas. Ele era um bom homem, um homem decente, um homem rico. Tinha ações na 20th Century Fox. Não só quis pagar pelo divórcio, como queria contratar um detetive particular casca-grossa (na verdade, um detetive de homicídios de Los Angeles com um número de “mortes justificadas” no registro e que fazia uns bicos por fora) para assustar o detetive particular do Ex-Atleta. Quis apresentá-la a um amigo advogado, para ajudá-la a formar sua própria produtora. *Marilyn Monroe Productions, Inc.* Ela escaparia e romperia o estrangulamento do Estúdio. Como poucos anos antes Olivia de Havilland havia entrado com um processo para romper seu contrato com outro estúdio e ganhado. Ele lhe dera um par de brincos de safira comprados em Madri; ela disse a ele que nunca usava joias caras! “Meu passado caipira”, explicou. Guardou os brincos de safira com outras joias caras dentro de pantufas e sapatos para serem encontrados em seu armário cobertos de

poeira depois de sua morte. Mas não tão cedo. Ela não pretendia morrer tão cedo! Daqui a anos.

Eu sou Miss Golden Dreams. Gostaria de me beijar? De beijar meu corpo inteiro? Aqui estou, esperando. Já fui amada por centenas de milhares de homens. E meu reinado está apenas começando!

Era a noite em que ela tinha visto *O pecado mora ao lado* no Sepulveda. Bucky teria amado o filme, rido e apertado a mão de Norma Jeane com força. E depois ele a faria usar uma das camisolas sensuais de renda e realmente faria amor com ela, um rapaz saudável, casado e cheio de tesão. Ela havia tomado sua decisão de desaparecer. Como Harriet levando Irina para longe. Poderia acontecer em uma hora. Poderia acontecer em um minuto! Ela desapareceria de Hollywood e da supervisão do Ex-A atleta e se mudaria para Nova York, moraria sozinha num apartamento. Estudaria teatro. Não era tarde demais! Seria anônima. Começaria de novo, humildemente, como uma estudante. Ela estudaria drama para palco. Teatro vivo. Faria peças de Tchekhov, Ibsen, O'Neill. Filmes são um meio morto, vivo somente pela audiência. A Princesa Cintilante e o Príncipe Sombrio estão vivos apenas para a audiência. São amados apenas pela audiência, nas suas ignorâncias e necessidades. Mas não havia uma Princesa Cintilante, havia? Nenhum Príncipe Sombrio para salvar você.

Mais tarde, ela dirigiu para Venice Beach. Ela se lembraria dos pés descalços no acelerador e depois buscando o freio. Mas onde estava a embreagem? Ela abandonara o Bentley arranhado e superaquecido no Venice Boulevard, chaves na ignição. A pé, então. Pés descalços. Correndo. Ela não estava assustada, mas exultante, correndo. A frente do vestido bonito havia rasgado. As mãos ásperas do barbudo. Agora essa extensão de praia era o lar, no alvorecer. Pois vovó Della vivia perto. Seu túmulo estava perto. Ela e Norma Jeane caminharam pela praia protegendo os olhos das ondas brilhantes cintilando. Vovó Della estaria orgulhosa dela, é claro; ainda assim ela diria: "Tome sua própria decisão, querida. Se você odeia sua vida". Gaivotas, aves marinhas. Circulavam sobre ela gritando. Ela correu para a praia, o frio das ondas. A água é tão fina, escapa pelos dedos, como pode ser tão forte, tão dolorosa? Tão estranha! Ela via naquelas ondas, mais longe, alguma coisa viva, uma criatura impotente se afogando, era a tarefa dela salvá-la. Ah, ela sabia que não estava certo, era um sonho ou uma alucinação

ou um feitiço lançado por alguém malvado, ela sabia disso, mas de alguma forma não conseguia *sentir que sabia* com convicção, então ela tinha que agir rápido. Será que era... O Bebê? Ou o bebê de outra mulher? Uma criatura viva, desamparada, e apenas Norma Jeane via, apenas Norma Jeane poderia salvá-la. Correu aos tropeços e vacilando para dentro da água e ondas atingiram seus tornozelos, suas coxas, sua barriga. Não eram carícias amáveis, mas golpes poderosos. Enfiando-se depressa no talho profundo entre suas pernas. Ela foi derrubada e se atrapalhou para se levantar. Ela só conseguia ver a pequena criatura em apuros. Carregada na crista de uma onda espumosa e então desembocando em uma área rasa; levantou-se de novo e de novo caiu. Seus membros minúsculos se agitavam! Ela havia começado a hiperventilar. Oxigênio insuficiente. Ela estava engolindo água. Água até o nariz. Um toque em sua garganta. Lindas mãos fortes. *Melhor que nós dois morramos*. Ainda assim ele a soltou... por quê? Sempre ele a soltava, essa era a fraqueza do homem, ele a amava.

Surfistas a resgataram do afogamento.

E haviam guardado segredo, como ela implorou.

Era a sorte dela, essa era a área de Venice Beach em que uma meia dúzia de surfistas ficava. Alguns de nós até passávamos à noite, nas noites agradáveis. Estávamos totalmente acordados e já na água no nascer do sol pegando umas ondas sérias e difíceis. E surgiu essa mulher loira com ar perturbado num vestido de festa rasgado cambaleando pela praia. De pés descalços e o cabelo levado pelo vento.

De início, pensamos que alguém deveria estar atrás dela, mas ela estava sozinha. E de súbito entrando na rebentação! E as ondas muito fortes. Ela parecia uma boneca loira derrubada e espancada pelas ondas e teria se afogado em minutos se um dos caras não tivesse chegado a tempo. O cara saltou da prancha, a arrastou para a areia e montou no corpo molengo dela fazendo respiração artificial como ele aprendeu com escoteiros, e logo ela estava tossindo, sufocando, vomitando e respirando normalmente de novo, de volta à vida, por sorte não tinha engolido ou inalado mais água para os pulmões.

Tem esse momento de filme fantástico, que a gente se lembraria pela vida toda quando os olhos surpresos da loira abriram — olhos azuis vítreos, injetados —, vendo uma meia dúzia de nós parados sobre ela, encarando-a,

reconhecendo quem ela era, ou, de qualquer forma, quem ela deveria ser. “Ah, *por quê?*”, é a primeira coisa que ela diz nessa vozinha acometida. Mas tentando rir também. E vomitando de novo, e o cara que a havia salvado, um universitário de cara lisa de Oxnard, limpa a boca dela rápido com as costas da mão em um súbito gesto tenro como nada que havia feito em seus dezenove anos, e por toda a vida vai se lembrar de como a mulher quase-afogada, essa atriz loira famosa, agarra a mão dele e se atrapalha para beijá-la dizendo o que parece ser “*Obrigada!*”, mas ela está soluçando demais para ele ter certeza, e as ondas são altas demais, o garoto de Oxnard ajoelhado ao lado dela na areia molhada se pergunta se ele fez a coisa errada.

“Como se ela quisesse morrer. E eu tivesse interferido. Mas se não fosse eu, teria sido um dos outros caras, não é? Então que culpa eu tenho?”

O Dramaturgo e a Atriz Loira: a sedução

No processo criativo, há o pai, o autor da peça; a mãe, o ator grávido com o papel; e o filho, o papel a nascer.

— Stanislavski,
A construção da personagem

1.

Você nunca vai escrever sobre mim, vai? Sobre nós.

Querida! É claro que não.

Porque nós somos especiais, não somos? Nós nos amamos tanto. Você nunca conseguiria fazer qualquer um entender... como é entre nós.

Querida, eu nunca sequer tentaria.

2.

Ele havia escrito uma peça, e a peça se tornara sua vida.

Isso não era uma coisa boa. O Dramaturgo sabia. Um trabalho de palavras, um veículo de mera linguagem, de alguma forma embrulhado em suas entranhas, amarrado com as artérias de seu corpo vivo. Em uma voz neutra, ele disse sobre seu trabalho novo, seu primeiro em diversos anos:

— Eu tenho esperança para este. Não está terminado.

Esperança para este. Não está terminado.

Ele sabia! Nenhuma peça é a vida do dramaturgo, assim como nenhum livro é a vida do autor. São apenas interlúdios na vida, como uma ondulação, uma onda, um tremor violento, que podem passar por um elemento como água, agitando-a sem poder alterá-la. Ele sabia. Ainda assim, trabalhava em *The Girl with the Flaxen Hair* por tanto tempo. Ele havia iniciado a peça na faculdade, na versão mais primitiva, mais crua, “épica”. Ele a havia deixado de lado no desespero e arrebatamento de sua primeira paixão, escrevendo então outras peças — nos anos 1940 pós-guerra, ele havia se tornado o Dramaturgo! — e voltando a ela no começo da meia-idade, havendo carregado *The Girl with the Flaxen Hair* — as anotações manuscritas, os rascunhos datilografados de um jeito estranho, as cenas abortadas e cenas prolongadas e descrições extensas de personagens e retratos, tudo cada vez mais amarelado e amassado dos anos 1920; acima de tudo, ele havia carregado a esperança quimérica dela — de uma vida à outra, de quartos únicos e apartamentos lotados em Nova Brunswick, Nova Jersey e Brooklyn até Nova York e seu apartamento de arenito vermelho de seis quartos na 72^a Oeste, perto do Central Park, e casas de veraneio nas montanhas Adirondack e na costa do Maine e até para Roma, Paris, Amsterdã, Marrocos. Ele levou a peça de sua vida de solteiro para uma vida inesperadamente complicada com casamento e filhos, uma vida familiar cujo começo o alegrara, como um antídoto para o mundo obsessivo dentro da cabeça; ele a havia carregado consigo da sexualidade atônita e arrebatada da masculinidade jovem até a sexualidade minguante e incerta de sua quinta década. A garota em *The Girl with the Flaxen Hair* havia sido seu primeiro amor, nunca consumado. Nem sequer declarado.

Agora ele estava com 48 anos. A garota estaria, se viva, na casa dos cinquenta. Linda Magda, na meia-idade! Ele não a espiava havia mais de vinte anos.

Ele havia escrito uma peça, e a peça havia se tornado sua vida.

3.

Desapareceu! Ela sacou o dinheiro que tinha economizado em contas correntes em três bancos de Los Angeles. Fechou a casa alugada e deixou mensagens para apenas poucas pessoas explicando que desapareceria de Hollywood e pedindo que não sentissem saudade dela, por favor! E que não

procurassem por ela. Não deu endereço de encaminhamento nem para o agente perturbado, porque na época da fuga, ela não tinha agente. E nenhum número de telefone, porque não tinha telefone. Livros e papéis e poucas roupas, ela os encaixotou às pressas e postou o pacote “a/c Norma Jeane Baker, Postagem geral, Nova York, Nova York”.

Vovó Della me disse para tomar minhas próprias decisões caso eu viesse a odiar minha vida. Mas eu odiava outra coisa: não a vida.

4.

Um sonho de Muito Tempo Atrás. Na noite antes do Dramaturgo e a Atriz Loira se conhecerem em Nova York, no começo do inverno de 1955, o Dramaturgo tem um de seus sonhos recorrentes de humilhação.

Sonhos que, desde o começo da adolescência, ele nunca confessou a ninguém. Sonhos que ele tenta apagar de imediato ao acordar!

“Na arte”, o Dramaturgo pensa, “sonhos são profundos, mudam vidas, com frequência, lindos. Na vida, sonhos com menos significado que uma visão borrada de Rahway, Nova Jersey, pela janela com gotas de chuva de um ônibus Greyhound expelindo fumaça na Rota 1”.

Na verdade, o Dramaturgo havia nascido na zona operária de Rahway, nordeste de Nova Jersey. Em dezembro de 1908. Os pais eram judeus alemães de Berlim que emigraram no fim dos anos 1890 com esperança de serem assimilados na América, o idiossincrático sobrenome judeu americanizado e as retorcidas raízes judias extirpadas. Eles eram os judeus se impacientando de serem judeus mesmo que fossem judeus cientes, com ressentimento, de serem o objeto de escárnio de não judeus, a maioria inferior a eles. Na América, o pai do Dramaturgo encontraria trabalho em uma oficina mecânica ao leste de Nova York junto de outros imigrantes, conseguiria emprego no açougue em Hoboken e como vendedor de sapatos em Rahway e, enfim, na aventura mais ousada de sua vida madura, ele adquiriria uma franquia para vender máquinas de lavar e secar roupa Kelvinator em uma loja na avenida principal de Rahway; a loja se tornaria sua propriedade em 1925 e proveria uma renda crescente até colapsar no começo de 1931, quando o Dramaturgo estava terminando seu último ano na Universidade Rutgers, nas proximidades de Nova Brunswick. Falência! Miséria! A família do Dramaturgo perderia a casa com gabinetes vitorianos

em uma arborizada rua residencial e assumiria morada no andar de cima do próprio edifício em que as máquinas de lavar e as de secar haviam sido vendidas, propriedade em uma seção deprimida de Rahway que ninguém queria comprar. O pai do Dramaturgo sofreria de pressão sanguínea alta, colite, problemas cardíacos e “nervos” por todo o restante de sua vida amargurada (que duraria até 1961); a mãe do Dramaturgo seria empregada como funcionária de refeitório e, mais tarde, como nutricionista para escolas públicas em Rahway, até o ano dos milagres em 1949, quando o filho dramaturgo teria seu primeiro sucesso da Broadway e ganharia seu primeiro prêmio Pulitzer, tirando seus pais de Rahway para sempre. Um conto de fadas com final feliz.

O sonho do Dramaturgo de Muito Tempo Atrás se passa na Rahway desses anos. Ele abre os olhos, apavorado de dar por si mesmo na cozinha do apartamento apertado sobre a loja na avenida principal. De alguma forma, cozinha e loja se juntaram. Máquinas de lavar na cozinha. O tempo está torto. Não está claro se o Dramaturgo é um garoto com apenas idade suficiente para sentir a vergonha familiar, ou se é um universitário em Rutgers com sonhos de ser o próximo Eugene O'Neill, ou se tem 48 anos, sua juventude misteriosamente desaparecida, com pavor de fazer cinquenta anos sem uma peça forte, eletrizante, em quase uma década. No sonho, na cozinha, o Dramaturgo encara uma fileira de máquinas de lavar, todas funcionando, barulhentas. Água suja, espumosa, agitando-se em cada uma das máquinas. O cheiro inconfundível de drenos lotados, encanamento. O Dramaturgo sente vontade de vomitar. É um sonho, e ele parece reconhecer que é um sonho, mas, ao mesmo tempo, é tão dolorosamente real que ele se convencerá, abalado, de que deve ter acontecido na vida. Os registros financeiros do pai e os materiais de escrita do próprio Dramaturgo estão misturados e largados com descaso no chão sob as máquinas, e a água transbordou nos papéis. O Dramaturgo precisa recuperá-los. É uma tarefa simples que ele confronta com pavor e nojo. Ainda assim, tem um orgulho perverso nisso, pois é a responsabilidade do filho ajudar o pai fraco e adoecido. Ele se abaixa, tentando não vomitar. Tentando não respirar. Ele vê a mão se atrapalhando para pegar um punhado de papéis, uma pasta amarela. Até antes disso, ele os traz para perto da luz, para ver que os papéis estão molhados completamente, tinta está borrada e os documentos,

arruinados. Será que *The Girl with the Flaxen Hair* está no meio disso? “Ah, Deus, me ajude.” Não é uma oração, pois o Dramaturgo não é um homem religioso: é uma maldição.

O Dramaturgo acorda abruptamente. É a sua própria respiração rouca que ele estava ouvindo. A boca está seca e amarga, ele estava apertando os dentes em aflição e frustração. Grato por estar dormindo a sós nesta cama no apartamento de arenito vermelho na 72ª Oeste, e fora de Rahway, Nova Jersey, para sempre.

A esposa está em Miami visitando parentes idosos.

Naquele dia inteiro, o sonho de Muito Tempo Atrás vai assombrar o Dramaturgo. Como uma refeição ruim, mal digerida.

5.

Eu conhecia aquela garota! Magda. Ela não era eu, mas estava dentro de mim. Como Nell, só que mais forte que Nell. Muito mais forte que Nell. Ela teria seu bebê; ninguém poderia privá-la. Ela teria seu bebê dando à luz em pisos nus num quarto sem aquecimento e abafando seus gritos com um pano.

Ela estancaria o sangramento com panos.

Dando de mamar ao bebê, então. Os seios grandes e inchados como as tetas de uma vaca, quentes e pingando leite.

6.

O Dramaturgo foi conferir os papéis em sua escrivaninha. É claro, *The Girl with the Flaxen Hair* estava onde ele havia deixado. Mais de trezentas páginas de roteiros, revisões, anotações. Ergueu os papéis e um dos retratos amarelados caíram. *Magda, junho de 1930.* Estava em preto e branco, uma atraente garota loira com olhos grandes apertados contra o sol, o cabelo grosso trançado e enrolado ao redor da cabeça.

Magda tivera um filho, mas não dele. Mas no roteiro era.

7.

Ansioso como um amante jovem, apesar de não mais jovem, o Dramaturgo foi correndo por quatro lances de escadas de metal sujos de tinta para a

espécie de sótão ventoso para ensaios entre a 11ª Avenida e a 51ª. Tão empolgado! Sem fôlego! Tão ansioso. Conforme entrava no espaço e numa mistura de vozes, uma neblina de rostos, ele teve que parar, para acalmar o coração. Para se recompor.

Ele não tinha mais condições de subir escadas correndo como antigamente.

8.

Eu estava apavorada. Eu não estava pronta. Eu havia ficado acordada quase a noite toda. O tempo todo com vontade de fazer xixi! Eu não estava tomando drogas, só aspirina. E um comprimido anti-histamínico que a assistente do sr. Pearlman me deu para dor de garganta. Eu acreditava que o Dramaturgo daria apenas uma olhada em mim e falaria com o sr. Pearlman e isso seria tudo, eu estaria fora do elenco. Porque nunca mereci estar ali, e eu sabia disso. Sabia disso antes. Eu parecia me ver descendo as escadas. Segurei o roteiro e tentei ler as falas que havia marcado em vermelho, e era como se eu nunca as tivesse visto. Meu único pensamento claro era: se eu fracassar agora, estamos no inverno, está congelante. Não seria difícil morrer, seria?

9.

O Dramaturgo se ressentiria disso, que todo mundo sabia. Exceto ele. A identidade da Atriz Loira que havia sido escolhida para o elenco, para a leitura, como sua Magda.

Sim, ele tinha ouvido um nome. Um nome murmurado. Pelo telefone. Pelo diretor artístico, Max Pearlman, que havia dito a ele daquele jeito apressado, atormentado de costume, que o Dramaturgo conhecia todos no elenco.

— ... menos a atriz que está lendo Magda. Ela é nova na Companhia. Ela é nova em Nova York. Eu não a conhecia até umas semanas atrás, quando entrou em meu escritório. Ela fez uns filmes e está exausta dessas bobagens de Hollywood e ansiosa para aprender a atuar de verdade, e veio estudar conosco. — Pearlman parou. Em seus modos teatrais, pausas são tão significativas como a pontuação de um escritor. — Francamente, ela não é ruim.

O Dramaturgo, com muita coisa na cabeça, o sonho humilhante de Muito Tempo Atrás ainda pesando no estômago, não pediu para ouvir o nome da mulher nem mais informações de seu histórico. Seria apenas uma leitura interna na Companhia de Atores de Teatro de Nova York, a companhia a qual o Dramaturgo estivera associado por vinte anos; não era uma leitura pública ou em palco. Apenas membros estavam convidados. Não se permitiriam aplausos. Por que o Dramaturgo pausaria para pedir ao seu velho amigo Pearlman, por quem não tinha muito apreço pessoal, mas em quem confiava absolutamente para todos os assuntos teatrais, que repetisse o nome de uma atriz pouco conhecida? Em especial uma atriz que não era de Nova York? O Dramaturgo só conhecia Nova York.

Muita coisa na cabeça! Um enxame de mosquitos, pensamentos mosquitos, zunindo continuamente ao redor da cabeça do Dramaturgo, nas horas acordadas e com frequência enquanto ele dormia. Em muitos de seus sonhos ele continuava a trabalhar. Trabalho, trabalho! Mulher alguma havia conseguido competir. Algumas poucas haviam ganhado seu corpo, mas nunca sua alma. Sua esposa, com ciúmes por muito tempo, não sentia ciúmes mais. Ele havia notado pouco de sua retração emocional, assim como havia notado superficialmente que ela estava sempre viajando, visitando parentes. Nos obsessivos sonhos de trabalho do Dramaturgo, seus dedos dedilhavam palavras ainda não datilografadas em sua Olivetti portátil; ele buscava a todo custo ouvir diálogos de beleza transcendente, mas continuava os sentindo inarticulados em sons de fato. Sua vida era o trabalho, pois apenas o trabalho justificava sua existência; e cada hora contribuía com, ou muitas vezes mais fracassava em contribuir com, a completude de seu trabalho.

A consciência culpada da América da metade do século. América consumista e mercantil. América trágica. Afinal, as contraminas da Tragédia atingem mais fundo do que os consertos rápidos da Comédia.

10.

No sótão amplo a leitura começou. Seis atores em um semicírculo de cadeiras dobráveis em um tablado sob lâmpadas nuas. Um gotejar perpétuo de um lavatório próximo. A fumaça acumulada de cigarros, pois alguns dos atores fumavam, e muitos na plateia de cerca de quarenta pessoas também.

Dos seis atores, todos exceto os dois mais antigos, veteranos da Companhia e das peças do Dramaturgo, estavam visivelmente nervosos. O Dramaturgo, com toda a sua reserva rabino-acadêmica, tinha uma reputação de ser severamente crítico com seus atores, exasperava-se com suas limitações. “Não tentem me entender rápido demais”, ele era notório por haver dito mais de uma vez.

O Dramaturgo estava sentado na primeira fila, apenas a poucos metros dos atores. De imediato, ele começou a encarar a Atriz Loira. Ao longo da extensa primeira cena, em que ela como Magda não tinha falas, ele a encarou, enfim a reconhecendo, um rubor pesado de sangue escurecendo seu rosto. Marilyn Monroe? Ali, na Companhia em Nova York? Sob a tutela de Pearlman, tão astuto com autopromoção? Isso explicava a empolgação murmurada na audiência antes do começo da leitura; um ar de ansiedade com o qual o Dramaturgo não ousara supor que tinha a ver com ele. Na verdade, agora o Dramaturgo se lembrava de ter passado os olhos por um trecho da coluna de Walter Winchell não muito antes do “desaparecimento misterioso” da Atriz Loira de Hollywood, violando um contrato do Estúdio, que requeria que ela começasse a trabalhar em um filme novo. Sob uma foto de Monroe, havia a legenda “MUDANDO-SE PARA NOVA YORK?”. A foto lembrava o logo de uma propaganda, um rosto humano reduzido aos seus traços proeminentes, os olhos de pálpebras pesadas e o rasgo quente e úmido que era a boca parodiando uma súplica erótica.

— Minha Magda. Ela?

Mas a Atriz Loira que segurava o roteiro do Dramaturgo em suas mãos trêmulas não lembrava muito Marilyn Monroe. Depois do burburinho inicial interessado, a novidade se dissipou rápido. A Companhia era formada por atores e profissionais do teatro que já estavam habituados às celebridades. E talento, até gênio. Seu julgamento seria imparcial, desapixonado.

A Atriz Loira estava sentada no centro do semicírculo como se Pearlman a tivesse colocado ali por proteção. Via-se que, ao contrário dos outros atores com mais experiência de palco, ela se portava com imobilidade anormal, os ombros eretos e a cabeça, que parecia apenas um pouco grande demais para sua estrutura magra, inclinada para a frente. Ela estava nervosa, lambendo os lábios compulsivamente. Os olhos brilhavam com lágrimas contidas. O rosto era de uma garota, a pele marcada em sua palidez e as sombras sob os

olhos exageradas pelas luzes acima. Ela usava um suéter de malha, descolorido por completo pelas luzes duras, e calça de lã escura enfiada em botas altas até o tornozelo. O cabelo loiro estava preso em uma única trança curta na nuca. Ela não usava joias ou maquiagem. *Ninguém a teria reconhecido. Ela não era ninguém.* O Dramaturgo sentiu uma pontada de ressentimento, por Pearlman ter ousado colocar a Atriz Loira no elenco de sua peça sem consultá-lo mais explicitamente. A peça *dele!* Um pedaço de seu coração. E a Atriz Loira, para o bem ou para o mal, sugaria toda a atenção da plateia.

Mas, quando enfim a Atriz Loira falou, na voz de Magda, no começo da segunda cena, era experimental e inquisitiva, e ficou claro de imediato que a voz era baixa demais para o espaço. Esse não era um estúdio de gravação, sonorizado, com microfones, amplificadores, aproximações. Sua empolgação, ou terror, era hipnotizante para a audiência como se ela estivesse nua na frente deles. “Ela era um erro de elenco”, pensou o Dramaturgo. “Não é minha Magda.” Ele estava furioso com Pearlman, que se apoiava em uma parede ali perto, mastigando um cigarro ainda apagado e assistindo à cena com uma expressão de absorção arrebatada. “Ele está apaixonado por ela. O maldito.”

Ainda assim, a Atriz Loira, como Magda, era tão atraente! Havia um tremor em sua voz como uma chama, na própria incerteza de seus gestos, que incitavam profunda simpatia: seu apuro como Magda, a filha de dezenove anos de imigrantes húngaros de 1925, contratada para trabalhar em uma residência judia em Nova Jersey, e seu apuro como a Atriz Loira, uma confecção de Hollywood e uma espécie de piada nacional, corajosamente colocada contra atores de teatro em Nova York em um ambiente aberto.

— Ah, perdão? Sr. Pearlman? P-posso refazer essa? Por favor.

O pedido foi feito com ingenuidade e desespero. A voz da Atriz Loira falhava. Até o Dramaturgo, um estoico do teatro de longa data, estremeceu. Pois na Companhia, nenhum ator havia ousado interromper uma cena para se dirigir a Pearlman ou a qualquer pessoa; apenas o diretor tinha a autoridade de interromper, uma autoridade que ele praticava com limitação real. Mas a Atriz Loira não sabia sobre esses protocolos. Seus companheiros nova-iorquinos a observavam como visitantes em um zoológico olhariam

maravilhosos espécimes primitivos raros de um ancestral símio, dotado de fala e ainda sem a inteligência para falar corretamente. No silêncio desajeitado, a Atriz Loira apertou os olhos para Pearlman, com um misto de careta e sorriso e um tremular de pálpebras, com a intenção de talvez ser sedutora, e repetiu, em uma voz rouca e ofegante:

— Ah, eu sei que posso me sair melhor. *Ah, por favor!* — O pedido era tão genuíno que poderia ter sido a própria Magda a tê-lo feito.

Mulheres na plateia que tinham estudado atuação com Pearlman e haviam se apaixonado insensatamente por ele e se permitiram ser “amadas” por ele de volta, por mais breve e esporádico que fosse, sentiram naquele instante não uma rivalidade furiosa com a Atriz Loira, mas simpatia em sororidade e medo por ela, que estava tão vulnerável, arriscando uma repreensão pública; homens se enrijeceram de vergonha. Pearlman enfiou o cigarro na boca e mordeu com força. Os outros atores olharam para seus roteiros. Era evidente (ao menos, todos afirmariam isso!) que Pearlman estava prestes a dizer algo cruel para a Atriz Loira, em seus modos concisos e frios, rápido como a língua de um réptil. Ainda assim, ele apenas resmungou:

— Claro.

11.

Pearlman! O Dramaturgo conhecia o controverso fundador da Companhia de Atores de Teatro de Nova York por um quarto de século e sempre temera o homem em segredo. Isso porque Pearlman reservava seu mais profundo respeito, quaisquer que fossem os entusiasmos do dia, da semana, da estação, por dramaturgos “clássicos” e mortos. Ele fora responsável por trazer à Nova York do pós-guerra produções racialmente escassas e politizadas, por exemplo, *A casa de Bernarda Alba*, de García Lorca; *A vida é sonho*, de Calderón; *Solness, o construtor* e também *Quando despertamos de entre os mortos*, de Ibsen; ele não apenas dirigiu, mas traduziu Tchekhov, ousando apresentar Tchekhov como o dramaturgo desejaria, não nos monótonos tons fúnebres da tragédia, mas com o agridoce da comédia. Ele poderia afirmar que “descobriu” o Dramaturgo, apesar de ambos serem da mesma geração e do mesmo histórico imigrante judaico-alemão.

Em entrevistas que irritavam o Dramaturgo, Pearlman falava do processo colaborativo “misterioso e místico” do teatro em que “talentos parciais” se

fundem, tateantes, desastrados, da mesma forma como a Teoria da Evolução de Darwin através da adaptação, para criar obras de arte únicas.

— Como se eu não fosse conseguir escrever minhas peças sem *ele*.

Ainda assim, era verdade, as peças iniciais do Dramaturgo haviam sido desenvolvidas na Companhia, e Pearlman havia dirigido a produção da *première* da peça mais ambiciosa do Dramaturgo, que o tornaria famoso e seria para sempre associada ao seu nome. Pearlman se professava como um irmão espiritual do Dramaturgo, não um rival; ele parabenizava o Dramaturgo por cada prêmio, cada honra recebida, enquanto murmurava observações críticas dentro do campo de audição do Dramaturgo:

— Genialidade é o que resta quando reputações morrem.

Ainda assim, inesperadamente, pois ele mesmo havia sido um ator medíocre, Pearlman se destacava com maior brilho enquanto treinador de atores. A Companhia de Atores de Teatro de Nova York conquistara fama internacional pelas oficinas e tutoriais íntimos; ele havia ensinado muitos atores iniciantes, se tivessem talento, e também atores já profissionais. A Companhia se tornou depressa um paraíso para atores assim, atores bem-sucedidos da Broadway e da televisão que ansiavam por retornar às suas raízes ou ansiavam por ganhar raízes. O alojamento da Companhia com aluguel barato no centro da cidade se tornou um lugar de abrigo, não diferente de um retiro religioso. Conhecer Pearlman havia mudado a vida de muitos atores e rejuvenescido suas carreiras, mesmo que nem sempre comercialmente. Pearlman havia prometido:

— Aqui no meu teatro, um “sucesso” pode fracassar. Um “sucesso” pode dar de cara ou bunda no chão e nenhum crítico vai saber. Um “sucesso” pode admitir que não sabe merda alguma sobre a profissão. Ele pode começar de novo do zero. Pode ter doze, quatro anos de idade. Pode ser uma criança. Se você não consegue engatinhar, meu amigo, você não consegue caminhar. Se não consegue caminhar, não consegue correr. Se não consegue correr, não consegue voar alto. Começar com o básico. O objetivo do teatro é partir o coração. Não entreter. Bobagem na televisão e nos tabloides entretém. O objetivo do teatro é transformar o espectador. Se você não consegue transformar o espectador, pode desistir. O objetivo do teatro, Aristóteles disse primeiro e Aristóteles disse melhor que todos, é despertar emoção profunda na plateia e, por meio desse despertar, causar uma catarse

da alma. Se não há catarse, não há teatro. Na Companhia, nós não mimamos, mas respeitamos você. Se nos mostrar que pode sangrar, vamos respeitar você. Se é mais um elogio de merda que você quer de críticos cuzões, está no lugar errado. Eu não peço muito de meus atores: só que se revirem e coloquem o âmago para fora. — Para Pearlman, o mais trágico de todos os artistas era o prodígio que, assim como o excelente Nijinsky, alcança o pico da genialidade na adolescência, e está desgraçado a um declínio igualmente prematuro. — O ator verdadeiro — disse Pearlman — continuará a crescer até o dia de sua morte. Morrer é a última cena do último ato. Estamos ensaiando!

O Dramaturgo, dado a duvidar de si mesmo e ruminar, afligido com uma vaidade muito diferente da de Pearlman, tinha que admirar esse homem. Que energia! Que suprema autoconfiança! Pearlman lembrava um matador de touros espanhol. Ele era baixo, menos de um metro e setenta; um dândi, sem ser bonito, bem-cuidado ou bem-vestido; sua pele era ressecada e exalava um odor suado e febril; ele penteava com precisão seu cabelo que rareava pelo couro cabeludo avermelhado; no começo dos quarenta anos, de súbito ele colocou coroas em todos os dentes da frente manchados, então seu sorriso agora fuzilava de luz como refletores. Pearlman era notório por manter atores em ensaios exaustivos depois da meia-noite, nos dias antes de contratos de trabalho mais justos; ainda assim ele era admirado, ou ao menos respeitado, pois nunca demandava mais de outros do que demandava de si mesmo. Ele trabalhava por doze, quinze horas diárias. Reconhecia abertamente que era um obsessivo; gabava-se de ser “seletivamente psicótico”. Havia sido casado três vezes e tinha cinco filhos; tivera inúmeros casos, inclusive com alguns rapazes (segundo boatos); ele se atraía pela “faísca interior” independentemente da aparência de um indivíduo. (Então ele insistiria, em entrevistas, que seu interesse em trabalhar com a Atriz Loira não tinha a ver com a beleza, apenas com seu “dom espiritual”.) Diversos dos atores elogiados por Pearlman tinham rostos que se descreveria no mínimo como “idiossincráticos”; livre de diretores americanos de teatro, Pearlman ousava selecionar um elenco de homens e mulheres mais pesados em suas produções se fossem qualificados; ele havia conquistado alguma admiração, mas em maioria escárnio, por haver escolhido uma Hedda Gabler com mais de um metro e oitenta em uma produção da Companhia para uma peça de Ibsen.

— A ideia é que Hedda é uma amazona solitária em um mundo de homens pigmeus. — Pearlman poderia até ser ridicularizado, mas ele nunca estava errado.

— É verdade. Devo muito a ele, mas não tudo.

O Dramaturgo era um homem alto e esguio, com jeitos de cegonha. Ele tinha modos reservados e atentos, olhos guardados e uma boca que sorria devagar. Na cena de teatro de Nova York ele não era um “personagem”, ele era um “cidadão”. Uma pessoa esforçada, um homem de integridade e responsabilidade. Não um poeta, talvez (como seu rival Tennessee Williams), mas um artesão. Uma de suas poucas excentricidades era usar camisas brancas e gravatas em ensaios de peças, como se ensaios fossem trabalho comum, nos moldes de seu pai vendedor na loja de Kelvinator, na Rahway. Em contraste, Max Pearlman era baixo, com corpo de barril e tagarela, em desleixados suéteres e calças sem cinto, na cabeça, quepe estilo de marinheiro ou chapéu fedora elegante ou, no inverno, seu gorro russo *ushanka* de lã preta de cordeiro de Astracã, que o deixava alguns centímetros mais alto. Onde o Dramaturgo passava notas escritas com cuidado para os atores, durante ensaios ou depois de leituras, Pearlman dava monólogos de horas de duração, fascinando e exaurindo sua audiência em igual proporção. Onde o Dramaturgo tinha um rosto magro e austero que algumas mulheres achavam belo, como um busto romano desgastado, Pearlman tinha um rosto que nem suas amantes chamariam de bonito, era gorducho e profundo, com lábios e nariz bulbosos. Mas que olhos alertas e apreciadores! Onde o Dramaturgo ria com suavidade, com o ar de um garoto pego de surpresa às gargalhadas em algum lugar (escola, sinagoga?) onde riso é proibido, Pearlman ria com vontade como se rir fosse algo bom, terapêutico como espirrar. A risada de Pearlman! Ouvia-se pelas paredes. Na rua barulhenta fora do teatro. Atores adoravam Pearlman por rir de suas falas cômicas apesar de tê-las ouvido dúzias de vezes; durante a performance de uma peça, Pearlman tinha o hábito de ficar em pé no fundo do teatro por muito tempo após seu término. Como todos os diretores devotados e monomaníacos, era tão ligado às performances de seus atores que seu rosto e corpo se retorciam em simpatia com eles, rindo alto, a risada mais alta e mais contagiosa da casa.

Pearlman falava do teatro como sealaria de Deus. Ou mais do que de Deus, pois o teatro era algo em que se participava e vivia.

— Morra pelo teatro! Pelo seu talento! Bote as entranhas para fora! Seja duro consigo mesmo, você aguenta. É vida ou morte lá no palco, meus amigos. E se não é vida ou morte, é *nada*.

Era o que eu reverenciava nele. Ah, ele conseguia chegar lá no fundo...

Mas ele explorou você, não? Como mulher.

Como mulher? Por que eu me preocuparia comigo como mulher? Nunca fiz isso... Eu vim à Nova York para aprender a interpretar.

Por que você dá tanto crédito a Pearlman? Eu odeio isso, em entrevistas você exagera o papel dele na sua vida. Ele devora tudo, é uma publicidade ótima para ele.

Ah, mas é verdade... não é?

Você só quer tirar a atenção de si mesma. É o que as mulheres fazem. Se submetem aos abusivos. Você sabia atuar, querida, quando veio para cá.

Eu sabia? Não sabia.

Com certeza, sabia. Eu odeio isso também, como você se entende mal.

Eu faço isso? Céus...

Você era uma maldita atriz excelente quando veio para Nova York. Ele não criou você.

Você me criou.

Ninguém criou você, você sempre foi você.

Bem, acho que eu sabia... de algo. Quando fazia filmes. Na verdade, eu estava lendo Stanislavski. E o diário de, de... Nijinsky.

Nijinsky.

Nijinsky. Mas eu não sabia do que sabia. Na prática. Era só... o que acontecia quando eu tinha que atuar. Improvisar. Como acender um fósforo...

Para o raio que o parta com isso. Você era uma atriz nata desde o começo.

Ah, ei! Por que você está tão bravo, Papai? Não estou entendendo.

Só estou dizendo, querida, você nasceu com o dom. Você tem um tipo de genialidade. Você não precisa de teoria. Esqueça Stanislavski! Nijinsky! E ele.

Eu nunca penso nele.

Ele mexendo com você... sua mente, seu talento... Como os dedões grandes de alguém agarrando uma borboleta, sujando e quebrando as asas.

Ei, eu não sou uma borboleta. Está sentindo meus músculos? Minha perna aqui. Sou uma dançarina.

Essa teoria de merda é para alguém como ele: não consegue atuar, não consegue escrever.

Um beijinho, Papai? Hein? Por favor.

Ei, ouça só: sr. Pearlman não foi meu amante de verdade.

O que isso quer dizer... “de verdade”?

Ah, ele pode ter feito algumas coisas, mas não era... Não me olhe assim, Papai. Isso me assusta.

O que ele fez?

Nada de fato.

Ele... tocou você?

Acho que sim. Como assim?

Como um homem toca uma mulher.

Hummmmm! Assim?

Talvez assim? ... Assim?

Mas Papai, como eu disse: não era algo de fato, sabe?

Querendo dizer o quê...?

Só uma coisa em seu escritório...? Como... um presente para ele? Ele pediu para me entrevistar. Eu! Ele disse que estava cético. Por que uma atriz de cinema iria querer estudar em seu teatro? Ele achou que era... algum tipo de coisa para publicidade? Como se alguém desse a mínima para o que eu fazia, aonde ia... Agora eu tinha parado com filmes? Ele me fuzilou com essas perguntas. Ele tinha suspeita, eu não o culpo. Acho que eu chorei. Como ele saberia que “Marilyn Monroe” era uma pessoa real? Ele esperava por ela, e eu entrei.

Que tipo de perguntas ele fez?

Sobre a minha... motivação.

Que era?

Era... não morrer.

O quê?

Não morrer. Continuar a...

Eu odeio quando você fala assim. Isso acaba com o meu coração.

Ah, eu não vou! Perdão.

Ele fez amor com você, então. Quantas vezes?

Não era a-amor! Eu não sei. Papai, céus, isso me deixa mal. Você está furioso comigo.

Querida, não estou furioso com você. Só estou tentando entender.

Entender o quê? Eu não conhecia você na época. Eu estava... divorciada.

Onde você se encontrou com Pearlman? Não sempre naquele escritório fedorento dele.

Ah, na maior parte das vezes foi no escritório dele! Tarde, depois da aula. Eu pensei... bem, eu me senti lisonjeada. Tantos livros! Alguns deles, os títulos que eu pude ver, em alemão? Russo? Uma foto do sr. Pearlman com Eugene O'Neill. Todos esses atores incríveis: Marlon Brando, Rod Steiger... Eu vi esse livro em alemão que eu tinha lido em inglês... Quer dizer, eu vi o nome "Schopenhauer"... Eu peguei o livro e fingi ler. Eu disse: "Com certeza consigo ler melhor Schopenhauer quando ele escreve em inglês do que assim".

O que ele disse?

Ele corrigiu minha pronúncia: "Schopenhauer". Ele não acreditou que eu tinha lido aquele livro. Em idioma nenhum. É verdade que li aquele livro. Um fotógrafo que eu conhecia me deu um exemplar. "Esta é a verdade do mundo, O mundo como vontade e representação." Eu estava lendo, mas aí fiquei triste demais.

Pearlman estava sempre dizendo quão surpreso ele ficou com você. Como você realmente é.

Mas... como seria isso? Como eu sou realmente?

Só você mesma.

Mas isso não é suficiente, é?

É claro que é.

Não. Nunca é.

Como assim?

Você é um escritor, porque ser só você mesmo não é suficiente. Eu preciso ser uma atriz, porque ser só eu mesma não é suficiente. Ei, você nunca vai contar para as pessoas, vai?

Eu nunca falaria de você, querida. Seria como arrancar minha própria pele.

Você nunca escreveria sobre mim também... não é, Papai?

É claro que não!

Isso... com o sr. Pearlman... foi só algo que aconteceu. Como um... presente para ele, para agradecer? Como... “Marilyn Monroe”... Por alguns minutos...

Você deixou Pearlman fazer amor com “Marilyn Monroe”.

Era assim que ele me chamava, talvez... Ah, ele não ia gostar disso! Eu contando para você.

Exatamente o que ele fez?

Ah, na maior parte só... me beijou. Em lugares diferentes.

Com ou sem roupas?

Na maior parte com. Eu não sei.

As roupas dele?

Papai, eu não sei. Eu não olhei.

E você teve uma... resposta sexual?

Provavelmente, não. Eu não, na maior parte... Exceto com alguém que eu amo. Como você.

Eu fico fora disso! Falamos de você e desse porco.

Ele não era um porco! Só um homem.

Um homem entre os homens, hum?

Um homem entre os homens “de Marilyn”.

Olha, eu sinto muito. Só estou tentando lidar com isso.

Papai, eu me lembro agora! Eu estava pensando em Magda... em sua peça. O presente que o sr. Pearlman estava me dando. Ler uma peça nova sua... com atores de teatro reais. O presente que você estava me dando.

Ele colocou você no elenco sem me consultar. Eu nunca soube. Ele selecionava o elenco inteiro quando dirigia.

Ele não informou você sobre mim, eu sei! Eu estava tão assustada... Eu reverenciava tanto você.

Ele disse: “Confie em mim. Eu tenho sua Magda”.

Você confiava nele?

Sim.

Por que eu não me lembro melhor das coisas? Minha mente fica tão presa em um papel que estou fazendo e eu... é como se eu estivesse em dois lugares ao mesmo tempo? Com outras pessoas, mas não... com elas. Porque eu amo atuar. Mesmo quando estou sozinha, não estou.

Seu dom é tão natural, você não “interpreta”. Você não precisa de técnica alguma. Sim, é como um fósforo acendendo. Uma súbita chama flamejante...

Mas eu gosto de ler, Papai! Eu tive boas notas na escola. Eu gosto de... pensar. É como falar com alguém. Em Hollywood, no Estúdio, eu tinha que esconder o livro que estava lendo... As pessoas me achavam estranha.

Sua mente pode ficar confusa. Você se deixa influenciar com facilidade.

Só por pessoas em quem confio.

Eu vi aquele escritório dele várias vezes. Aquele sofá... Imundo, não é? Fedendo do sebo do cabelo dele, da fumaça de cigarro, do salame vencido... Pearlman floresce na miséria, é a imagem dele. No meio do mercado crasso da Broadway. “Não abre exceções.” “Incorruptível.”

Ah... ele não é? Achei que você fosse a-amigo dele.

Quando nós fomos intimados... pelo Comitê de Atividades Antiamericanas, em 1953... ele contratou um advogado caro de Harvard. Não era judeu. Eu contratei um cara bem aqui de Manhattan, um amigo. Um “advogado de comunistas”, como chamavam... Eu era o idealista. Pearlman era o pragmático. Sorte pra cacete que não me mandaram para a cadeia.

Ah, Papai! Não vai acontecer de novo. Estamos em 1956. Estamos mais avançados agora.

Ele teve uma resposta sexual, certo?

Por que você não pergunta a ele? Ele é seu amigo de muito tempo.

Pearlman não é meu amigo. Ele tem ciúmes de mim desde o começo.

Achava que o sr. Pearlman era quem deu o seu c-começo para você...

Como se eu não pudesse ter uma carreira sem ele? É isso que ele diz? Monte de merda.

Eu não sei o que ele diz. Eu não conheço o sr. Pearlman de fato. Ele tem centenas de amigos em Nova York... vocês todos conhecem o Pearlman melhor do que eu.

Você o vê agora?

O quê? Ah, Papai.

Você e ele, estão juntos... ele olha para você. Eu já vi. E você olha para ele.

Eu olho?

Daquele seu jeito.

Que jeito?

Aquele jeito “Marilyn”.

Talvez seja só... nervosismo.

Você não precisa me contar, querida, se for doloroso demais.

Contar... o quê?

Quantas vezes... você e ele.

Papai, eu não sei. Minha cabeça não é... uma calculadora.

Você precisava mostrar gratidão a ele.

É isso que era. Acho.

Antes de nós nos conhecermos.

Ah, Papai! Sim.

E foi quantas vezes? Cinco, seis? Vinte? Cinquenta?

O quê?

Você sabe o quê.

Só... quatro ou cinco vezes. Eu me refugiava na Magda. Eu não estava lá.

Ele é casado.

Acho que sim.

Mas que diabo. Eu era casado também. Não é?

Você chegou a gozar?

O quê?

Você chegou ao orgasmo? Com ele?

Se eu já... Ah, céus. Papai, eu não conhecia você na época. Quero dizer, como uma pessoa real. Eu conhecia seu trabalho. Eu reverenciava você.

Você já chegou ao orgasmo com Pearlman? Com ele “beijando” você.

Ah, Papai, se eu já cheguei ao... um... Foi apenas para a cena, sabe? E então a cena acabou.

Agora você está furioso comigo? Você não me ama?

Eu amo você.

Não ama! Não a mim.

É claro que eu amo você. Eu gostaria de salvar você de si mesma, é só isso. Fazer você enxergar quão baixo é o valor que coloca em si mesma.

Ah, mas eu já estou salva. Já, minha vida nova com você... Ah, Papai, você não vai escrever sobre mim, vai? Sobre a gente falando assim? Depois que eu... quando, talvez, você não me amar mais?

Querida, não diga coisas assim. Você deve saber a essa altura que eu sempre amarei você.

12.

Aquela peça era a vida dele. Ainda assim, a Atriz Loira, lendo Magda em sua baixa voz ofegante e passional, estava entrando na peça e entrando na sua vida. A Atriz Loira havia desviado seu terror para Magda e dado vida a ela.

Quando falava com os pais de Isaac, Magda ficava hesitante, gaguejava, a voz fina quase inaudível, e era constrangedor como a Atriz Loira não bancava a situação e desistia em um minuto; então, na cena seguinte, quando Magda falava com mais certeza, percebia-se que a Atriz Loira estivera atuando, e era disso que se tratava uma “interpretação” talentosa — uma mimese da vida tão intensa que gerava uma experiência visceral para quem estivesse assistindo, como a vida. Nas suas cenas com Isaac, Magda ficava animada, até vivaz; o raro nesse monótono espaço de ensaio, como em produções da Companhia em geral, era que a Atriz Loira exalava uma energia sexual súbita que pegava tanto a plateia quanto os outros atores de surpresa. Certamente Isaac foi pego de surpresa. O rapaz, de quem o Dramaturgo gostava, talentoso, afiado, um garoto bonito de pele morena com óculos típico de um judeu acadêmico, não soube bem, de início, como contracenar com a Magda da Atriz Loira; então de uma hora para a outra começou a responder, com a falta de jeito de Isaac, e empolgado como teria

ficado um adolescente nessas circunstâncias. Sentia-se a eletricidade entre os dois: a garota húngara da fazenda com quase nenhuma educação e o garoto mais jovem suburbano-judeu prestes a entrar na faculdade com uma bolsa de estudos.

A plateia relaxou e começou a rir, pois a cena era afetuosamente cômica, diferente de qualquer coisa que o Dramaturgo, reverenciado por sua seriedade, já havia tentado. A cena terminava com “o riso dourado” de Magda.

O Dramaturgo riu também, um riso assustado de reconhecimento. Ele havia parado de fazer anotações no seu roteiro. Parecia que a peça, a peça dele, estava sendo arrancada de si. Aquela Magda, a Magda da Atriz Loira, guiava a obra em uma direção que não era a dele. Ou será que era?

A leitura continuou pelos três atos da peça, levando Isaac e Magda à idade adulta em vidas totalmente separadas por meio de cortes dramáticos rápidos. O Dramaturgo estava pensando como aquilo era irônico! Mas que apropriado! A garota húngara robusta de cabelo de crina de cavalo de sua memória estava sendo substituída pela Magda de fragilidade emocional com a trança loiro-platinada e olhos azuis transbordantes. Lá estava Magda tão vulnerável, tão exposta, todos temiam que ela se ferisse. Temiam que ela fosse explorada. Isaac e seus pais, judeus suburbanos de Nova Jersey, privilegiados e bem de vida em contraste ao histórico pobre de Magda, não eram tão compreensivos como o Dramaturgo os imaginara. E o enredo de contos de fada que o Dramaturgo havia inventado para expressar a distância entre os mundos de Isaac e Magda — Magda engravida de Isaac; Magda mantém seu segredo escondido de Isaac e de seus pais; Isaac parte rumo à faculdade e a uma carreira brilhante; Magda se casa com um fazendeiro e tem o filho de Isaac e os filhos subsequentes; Isaac se torna um escritor, bem-sucedido, ainda na casa dos vinte; Isaac e Magda se encontram em intervalos, enfim no funeral do pai de Isaac; Isaac, apesar de todo o seu suposto brilhantismo, nunca descobre o que a plateia sabe, o que Magda blindou de sua descoberta —, aquele enredo parecia a ele agora insatisfatório, incompleto.

As falas finais da peça pertenciam a Isaac, parado no cemitério, enquanto Magda o encarava do outro lado do túmulo de seu pai. “Sempre vou lembrar de você, Magda.” As imagens congelavam, as luzes baixavam e apagavam. O final que havia parecido tão certo se tornara inadequado, incompleto, que

diferença fazia se Isaac se lembraria de Magda? E quanto à Magda? Qual era sua fala final?

A leitura chegara ao fim. Havia sido uma experiência emocionalmente exaustiva para todos. Em violação ao protocolo da Companhia para ocasiões informais como essa, muitos na plateia aplaudiram. Alguns indivíduos se levantaram. O Dramaturgo estava sendo parabenizado. Que loucura! Ele havia retirado os óculos e enxugado os olhos com a manga, exausto, atordoado, sorrindo confuso, tocado pelo pânico. “É um fracasso. Por que estão aplaudindo? É uma piada?” Sem os óculos, ele via o interior do espaço como um redemoinho pulsante de luzes, como supernovas e escuridão e borrões. Ele não viu rosto algum, ele não conseguia reconhecer ninguém.

Ele ouviu Pearlman dizer seu nome. Ele se virou. Tinha que fugir! Sussurrou algumas palavras em agradecimento, ou desculpas. Não conseguia falar com ninguém. Nem sequer agradecer aos atores. Nem sequer agradecer a *ela*.

Ele fugiu. Da sala de ensaio, descendo as escadas íngremes de metal. Na 51ª, ele se chocou com o frio como se desse de cara na parede, de estremecer o queixo. Fugiu para a 11ª Avenida buscando uma estação de metrô. Tinha que fugir! Tinha que ir para casa. Ou para qualquer outro lugar, onde ninguém soubesse seu nome.

— Mas eu a amei de fato. A memória dela. Minha Magda!

13.

Você fugiu de mim! Mesmo eu já amando você.

Mesmo eu vindo de tão longe, por você.

Mesmo quando minha vida já era sua. Se você quisesse. Como então eu poderia confiar em você? Ainda assim, eu amava você.

Naquele momento eu já comecei a odiar você.

14.

Na noite seguinte, eles concordaram em se encontrar. Em um restaurante na 70ª Oeste com a Broadway. A Atriz Loira era quem estava na perseguição.

Ele sabia! Um homem casado. Ainda que não um homem em um casamento feliz, não em muito anos. E ele já (ele se envergonhava de pensar

nisso, apesar de ser verdade) havia começado a se apaixonar por ela. Minha Magda.

Ele havia se recuperado de seu choque da noite anterior. Em uma voz distante, ele dissera:

— Esta peça. Ela se tornou importante demais para mim. Ela se tornou minha vida. Para um artista, isso é fatal.

A Atriz Loira ouviu com cuidado. Sua expressão era sombria. Será que ela estava guardando seu sorriso deslumbrante? Ela viera para confortar o Dramaturgo pensativo. Lá estava a promessa loira de conforto infinito. Exceto que ele era casado, um homem velho casado. Ele estava um caco! O cabelo rareando, ao redor dos olhos um aspecto de meias esfarrapadas, aquelas rugas marcadas como cortes de faca nas bochechas. Seu segredo vergonhoso era que Magda nunca havia acariciado aquelas bochechas. Magda nunca o havia beijado. Magda não o havia tocado. Muito menos o seduzido. Ele tinha doze anos quando Magda, esbanjando vigor e saúde aos dezessete, viera trabalhar para seus pais; na época em que ele foi para Rutgers, Magda já havia desaparecido, casado-se e se mudado. Tudo havia sido fantasia adolescente do Dramaturgo com uma garota com cabelo de crina de cavalo tão diferente dele e de seu povo, como se pertencesse a outra espécie. Agora Magda como a Atriz Loira, muito séria, estava sentada diante dele em uma mesa de restaurante em Manhattan mais de trinta anos depois, dizendo com honestidade:

— Você não deveria dizer coisas assim! Sobre sua linda peça. Você não viu, as pessoas estavam chorando? Tem que ser sua vida, entende, do contrário, você não poderia amar. Mesmo que mate você... — A Atriz Loira fez uma pausa. Havia falado demais!

O Dramaturgo podia ver sua mente trabalhando rápido. Perguntando-se se ele era um daqueles homens que se ressentiam de uma mulher que falava com inteligência. Ou que só falava demais?

— É que eu não acho que vou conseguir terminar a peça agora. Algumas daquelas cenas foram originalmente escritas um quarto de século atrás. Antes, quase, de você nascer. — E isso foi dito pelo Dramaturgo com leveza e certamente sem reprovação. Mas a Atriz Loira de fato tinha aparência desconcertantemente jovem. E então seu jeito, modos, seu senso de si mesma eram jovens, até infantis. *Para que o mundo não a ferisse tanto*

quanto poderia se a enxergasse como adulta. O Dramaturgo calculou rápido que era vinte anos mais velho que essa mulher, e aparentava ser. — Magda é uma personagem vívida para mim, ainda que eu a ache inconsistente para a plateia. E Isaac, é claro, é excessivamente *eu*. Ainda que uma fração de mim. O material é autobiográfico demais. E os pais... — O Dramaturgo esfregou os olhos, que doíam. Ele não havia dormido muito na noite anterior. A loucura desse esforço extenso e, mais dolorosamente, de seus sucessos mais recentes o tomaram.

Eu não tenho talento, dom algum. Eu tenho o ardor arquejante de um burro de carga. Ainda assim, mesmo com o tempo, até um burro de carga se cansa.

Ele tinha visto como, na leitura, quando ele se levantara para fugir, os olhos desejosos da Atriz Loira o haviam agarrado. Ele quisera gritar: “Deixe-me em paz, todos vocês! É tarde demais”. A Atriz Loira estava dizendo, hesitante:

— Eu tive algumas ideias a respeito de M-Magda... Se você se interessar? Ideias? De uma atriz?

O Dramaturgo riu. Sua risada soou assustada, grata.

— É claro que me interesse. Muito gentil da sua parte.

O Dramaturgo não teria providenciado o encontro. No fim das contas, um encontro romântico, empolgação e tensão e uma espécie de pavor nos dois lados, em um bar e restaurante fumacento de luzes baixas, em um reservado ao fundo. Um grupo negro de jazz tocando “Mood Indigo”. E este era o humor do Dramaturgo: índigo. Sua esposa havia ligado de Miami logo antes de ele sair para encontrar a Atriz Loira, cabelo úmido do banho e um ardor agradável no queixo por ter sido barbeado, e ele ergueu o receptor ressabiado, temendo... o quê? Que a Atriz Loira estivesse cancelando o encontro? Tendo ela mesma, poucas horas antes, marcado o encontro? A esposa do Dramaturgo soara muito distante, a voz crepitando com a estática. Ele quase não a reconheceu. E o que aquela voz, com o perpétuo tom de repreensão, tinha a ver com *ele*?

A Atriz Loira ainda usava o cabelo em uma única trança na nuca. Ele nunca a tinha visto, em nenhuma das fotos, de trança. Então aquela era Magda! A Magda dela. A Magda dele tinha cabelo muito mais longo e o usava trançado ao redor da cabeça em um estilo antigo que a fazia parecer muito mais velha e muito mais formal. O cabelo da Magda dele era áspero

como uma crina. O cabelo daquela Magda era fino, sintético, um loiro sonhador cremoso como cabelo de boneca; um homem naturalmente iria querer enfiar seu rosto ali e enfiar o rosto no pescoço da mulher e apertar a mulher com força e... protegê-la? Mas de quem? Dele mesmo? Ela parecia tão vulnerável, tão propensa a se ferir. Arriscando uma rejeição do Dramaturgo. Como havia arriscado uma rejeição dolorosa de Pearlman em público na noite anterior. O Dramaturgo havia escutado que a Atriz Loira “ia a todos os lugares sozinha” em Nova York e isso era visto como uma excentricidade, se não um risco. Ainda assim, cabelo escondido, de óculos escuros, em roupas sem glamour, a Atriz Loira não seria reconhecida. Naquela noite, ela usava um suéter largo de pelo, calça sob medida e sapatos com salto médio; um chapéu masculino fedora com uma aba baixa protegia muito de seu rosto dos olhos de estranhos curiosos. O Dramaturgo a tinha visto, quando ela entrou no bar lotado, logo quando ela o viu, sorrindo, removendo os óculos escuros com aros de tartaruga e se atrapalhando para enfiá-los na bolsa. Ela não tirou o chapéu fedora até o garçom anotar os pedidos. Sua expressão era brincalhona, esperançosa. Será que essa garota loira era “Marilyn Monroe”? Ou ela simplesmente lembrava, como uma irmã mais jovem e menos experiente, a famosa/infame atriz de Hollywood?

Surpreenderia o Dramaturgo quando ele começasse a conhecer a Atriz Loira melhor, como ela raramente era reconhecida se não quisesse, pois “Marilyn Monroe” não passava de um de seus papéis, e não o mais engajado.

Enquanto ele, o Dramaturgo, seria o mesmo sempre e para sempre.

Não, ele não teria providenciado o encontro. Ele não teria conseguido o telefone da Atriz Loira, como ela conseguira o dele e telefonara. Ele sabia do casamento com o Ex-Atila. Todo mundo sabia, ao menos, o básico. Um casamento de conto de fadas que durou menos de um ano, tendo seu fracasso ansiosamente registrado na imprensa. O Dramaturgo se lembrava de ver em uma das revistas uma foto surpreendente, tirada do topo de um edifício, de uma multidão em Tóquio, centenas de “fãs” lotando uma esquina pública na esperança de ter um vislumbre da Atriz Loira. Ele não teria suposto que os japoneses conhecessem muito de “Marilyn Monroe” ou que se importassem tanto. Será que isso era um novo acontecimento sem graça na história da humanidade? Histeria pública na presença de um famoso? Marx havia denunciado a religião como o ópio das massas, mas a Fama se tornara esse ópio, exceto que a Igreja da Fama não trazia consigo nem a mais

vagabunda promessa de salvação, paraíso. Seu panteão de santos era um corredor de espelhos distorcidos.

Com timidez, a Atriz Loira sorriu. Ah, ela era bonita! Uma beleza de garota americana, de torcer o coração. E quanta honestidade, dizendo ao Dramaturgo o quanto “admirava” seu trabalho. Que “honra” era conhecê-lo e ler o papel de Magda. As peças dele que ela tinha visto em Los Angeles. As peças que lera. O Dramaturgo estava lisonjeado, mas incerto. Mas lisonjeado. Bebendo uísque e ouvindo. Nos espelhos festivos do bar, o Dramaturgo havia passado como um espectro alto. Uma figura de dignidade com algo ferido, destroçado, no rosto. De ombros caídos, emaciado. Nascido em Nova Jersey, morando a maior parte da vida em Nova York ou na região, o Dramaturgo ainda exalava um ar do Oeste. Ele parecia ser um homem sem família, um homem sem pais. Um homem nada jovem com rosto de traços retos como um machado, bochechas enrugadas, entradas no cabelo e modos cuidadosos. Quando ele sorria, era uma ocasião inesperada. Ele ficava como um garoto! Gentil. Um homem com imaginação ruminante, mas um homem em que se podia confiar.

Talvez.

De sua bolsa de mão grande demais, a Atriz Loira sacou a cópia de *The Girl with the Flaxen Hair* e a colocou na mesa entre eles como um talismã.

— Esta garota, Magda. Ela é como a garota em *As três irmãs*? Que casa com o irmão? — Quando o Dramaturgo encarou a Atriz Loira, ela disse com incerteza: — Eles riem dela. A faixa no vestido que é da cor errada. Exceto que, com Magda, é pelo seu jeito de falar inglês.

— Quem disse isso para você?

— O quê?

— Sobre *As três irmãs* e minha peça.

— Ninguém.

— Pearlman? Que eu tinha sido influenciado?

— Ah, não, eu mesma li a peça, a de Tchekhov. Anos atrás. Eu queria ser primeiro atriz de teatro, mas acabei indo para o cinema porque precisava de dinheiro. Eu sempre achei que poderia interpretar Natasha... Quer dizer, alguém como eu poderia interpretá-la. Porque ela não pertence a uma boa família e as pessoas riem dela.

O Dramaturgo não disse uma palavra sequer. Seu coração ofendido batia com força.

Rápido, vendo que ele estava bravo, ela tentou corrigir o erro, dizendo com ansiedade de colegial:

— Eu estava pensando, o que Tchekhov faz com Natasha, ele te surpreende porque Natasha acaba tão forte e habilidosa. E cruel. E Magda, você sabe... Bem, Magda é sempre tão boa. Ela não seria, na vida real? Quero dizer, o tempo inteiro? Quero dizer... — O Dramaturgo conseguia ver a Atriz Loira entrando em uma cena, rosto animado, olhos estreitos. — Se fosse eu, uma faxineira... E eu costumava fazer trabalhos assim, lavar roupa, louças, chão, banheiros, quando morei em um orfanato e em um lar temporário em Los Angeles... Eu estaria ferida, eu estaria brava, com como a vida era tão diferente para pessoas diferentes. Mas a sua Magda... ela nunca muda muito. Ela é *boa*.

— Sim. Magda é boa. Era boa. A original. Não teria ocorrido a ela ficar brava. — Será que isso era verdade? O Dramaturgo falava com frieza, mas tinha que se perguntar. — Ela e sua família eram gratos por seu emprego. Apesar de não pagar muito, ao menos, *pagava*.

Censurada, só restava à Atriz Loira concordar. Ah, agora ela entendia! Magda era superior a ela, uma forma elevada de si mesma. Ah, sim.

O Dramaturgo chamou o garçom e pediu dois drinques. Uísque para ele, uma club soda para ela. Ele se perguntou se ela não bebia? Ou não ousaria? Ele ouvira rumores... Naquele silêncio esquisito, o Dramaturgo disse, tentando tirar a ironia da voz:

— E que ideias você tem a respeito de Magda?

A Atriz Loira ficou sentada timidamente, tocando os lábios. Ela parecia prestes a falar, mas hesitou. Ela sabia que o Dramaturgo estava bravo com ela e que em um instante teria concluído que a odiava. Qualquer atração sexual que tivesse sentindo por ela teria se transformado em ódio. Ela sabia! Ela era uma fêmea experiente (o Dramaturgo pressentia) como uma prostituta que havia sido colocada para trabalhar cedo na vida, sensível às mudanças rápidas na atenção e no desejo de um homem. “Pois sua vida depende disso. Sua vida de fêmea.”

— Eu acho que... disse algo de ruim? Sobre Natasha?

— Certamente, não. É útil.

— Sua peça não é como... aquela.

— Não, não é. Tchekhov nunca me atraiu muito.

O Dramaturgo falava com cuidado. Ele se forçou a sorrir. *Ele estava sorrindo*. Confrontado com a obstinação de uma mulher, como a de sua esposa e, muito antes, a de sua mãe. As mulheres que ele sabia serem suscetíveis a ideias únicas e simplórias que se prendiam em seus cérebros como balas de revólver e não poderiam ser removidas por discussões, bom senso, lógica. “Eu não sou nada como o poeta Tchekhov. Eu sou um artista da escola de Ibsen. Os pés, sólidos, no chão. E o chão sólido sob meus pés.”

A Atriz Loira tinha mais uma coisa a dizer. Ela ousaria dizer? Riu com nervosismo e se debruçou sobre o Dramaturgo, como se estivesse contando um segredo. Ele encarou a boca da Atriz Loira. Perguntando-se que coisas imundas e desesperadas aquela boca havia feito.

— Eu estava pensando uma coisa. Magda não saberia ler? Isaac poderia mostrar esse poema a ela, que tinha escrito para ela, e ela fingiria poder ler?

O Dramaturgo sentiu as têmporas pulsando.

Era isso! Magda era analfabeta.

A Magda original provavelmente fora analfabeta. É claro.

Rápido o Dramaturgo disse, sorrindo:

— Não precisamos falar mais da minha peça, Marilyn. Conte de você, por favor.

A Atriz Loira sorriu, confusa. Como se pensasse “qual das versões?”.

— Devo chamar você de Marilyn, certo? Ou é só um nome artístico?

— Pode me chamar de Norma. É meu nome verdadeiro.

O Dramaturgo refletiu.

— Norma não parece combinar muito bem com você.

A Atriz Loira pareceu ofendida.

— Não parece?

— Norma é um nome de mulher mais velha, de uma era passada. Norma Talmadge. Norma Shearer.

A Atriz Loira se alegrou.

— Norma Shearer foi minha madrinha! Minha mãe era sua amiga íntima. Meu pai era um amigo do sr. Thalberg. Eu era muito novinha quando ele morreu, mas me lembro do funeral! Nós andamos em uma das limusines, com a família. Foi o maior funeral na história de Hollywood.

O Dramaturgo sabia pouco da história da Atriz Loira, mas isso não parecia bater. Ela não tinha acabado de dizer que havia sido órfã, que tinha morado em um lar temporário?

Ele decidiu não questionar. Ela estava sorrindo com tanto orgulho.

— Irving Thalberg! O jovem gênio judeu de Nova York.

A Atriz Loira sorriu, em dúvida. Uma piada? Uma forma que judeus podem falar de outros judeus, com familiaridade, afeto, até escárnio, e que não judeus não ousavam?

O Dramaturgo, vendo a confusão da Atriz Loira, disse:

— Thalberg era uma lenda. Um prodígio. Jovem até na morte.

— Ah, era? Na sua m-morte?

— Ele não teria parecido jovem a uma criança. Mas era aos olhos do mundo.

— O funeral foi em uma linda sinagoga... templo...? — disse a Atriz Loira, com ansiedade. — Em Wilshire Boulevard. Eu era jovem demais para entender muito bem. Eles falavam em hebraico...? Era tão estranho e maravilhoso. Acho que pensei que fosse a voz de Deus. Mas eu nunca voltei desde então. Quero dizer, a uma sinagoga.

O Dramaturgo remexeu os ombros com desconforto. Religião significava pouco para ele, exceto como forma de respeito a ancestrais, e, mesmo assim, sem exageros. Ele não era um judeu que acreditava no Holocausto como o fim da história ou o começo da história, nem que o Holocausto “definia” os judeus. Ele era um liberal, um socialista, um racionalista. Não era um sionista. Em segredo, de fato acreditava que judeus eram o povo mais iluminado, mais talentoso, mais bem-educado e mais bem-intencionado entre as multidões briguentas do mundo, mas ele não ligava sentimento algum ou religiosidade especial à sua crença; era só bom senso.

— Não tenho inclinações ao misticismo. Hebraico não é, aos meus ouvidos, a voz de Deus.

— Ah... não é?

— Trovões, talvez. Terremotos, maremotos. Uma voz de Deus desimpedida pela sintaxe.

A Atriz Loira encarou o Dramaturgo de olhos arregalados.

Lindos olhos de cílios longos em que se poderia afundar para sempre.

O Dramaturgo sinalizou pedindo outra bebida, para si. Ele estava pensando em como a Atriz Loira parecia mais jovem do que nas fotos, como

a maioria dos atores e atrizes. E menor em estatura. E sua cabeça, sua cabeça de traços lindos, grande demais. Pois indivíduos tão bizarros fotografam bem; na tela às vezes se parecem com deuses, sabe por quê? *Beleza é uma questão de ótica. Toda a imagem é uma ilusão.* Ele não queria amar aquela mulher. Disse a si mesmo que não poderia possivelmente se envolver com uma atriz. Uma atriz! Uma atriz de Hollywood! Ao contrário de atores de teatros, que minuciosamente estudam sua arte e devem memorizar as falas, atores de cinema podem se safar sem nenhum trabalho — ensaios breves, guiados por diretores indulgentes, para murmurar poucas falas, e gravar e regravar e regravar —, os mais notoriamente idiotas “interpretam” lendo suas falas de letreiros erguidos de fora para ajudá-los. E alguns desses “atores” recebem Oscars. Que piada faziam da arte do drama! E então, suas vidas particulares. O Dramaturgo se lembrava de haver escutado rumores da Atriz Loira: sua promiscuidade antes (e durante?) de seu casamento complicado, seu uso de drogas, sua tentativa (ou tentativas) de suicídio, sua associação com um grupo de gentilha decadente de personagens às margens de Hollywood, um deles o alcoólatra e viciado em heroína filho de Charlie Chaplin, que estava na lista negra.

Agora que havia conhecido a Atriz Loira, ele não acreditava nisso por um minuto sequer.

Agora que havia conhecido sua Magda, ele não acreditaria em nada sobre ela exceto o que descobrisse por conta própria.

— O que eu amei em Magda foi que — disse ela, com timidez, como uma colegial contando um segredo — teve seu bebê porque ela sentia amor por ele. Antes de nascer, ela já amava o bebê! É só uma cena pequena, quando ela fala com ele, um solilóquio... e Isaac não sabe, ninguém sabe. Ela encontra um homem com quem se casar para que o bebê possa nascer e... não ser abandonado e desprezado. Outra garota poderia ter dado à luz em um lugar secreto e matado seu bebê. Sabe, é o que faziam antigamente, garotas pobres que não eram casadas. Minha melhor amiga no orfanato, sua mãe tentou matá-la... afogá-la. Em água fervente. Ela tinha cicatrizes por todos os braços como escamas de seda. — Os olhos da Atriz Loira transbordaram de lágrimas.

O Dramaturgo, por instinto, foi tocar sua mão, as costas de sua mão.

Eu reescreveria sua história. Isso estava em meu poder.

A Atriz Loira enxugou os olhos, assoou o nariz e disse:

— Norma Jeane é o nome que minha mãe me deu na verdade. Quero dizer, minha mãe e meu pai. Você gosta mais do que Norma?

O Dramaturgo sorriu.

— Um pouquinho mais.

Ele havia soltado a mão dela. Querendo tomá-la de novo, e se debruçar na mesa para beijá-la.

Era uma cena de filme: não era original, ainda que tão cativante! Se ele se debruçasse na mesa, a moça loira ergueria a cabeça de olhos arregalados em expectativa, e ele, o amante, emolduraria seu rosto com as mãos e lhe daria um beijo na boca.

O começo de tudo. O fim de seu longo casamento.

— Eu não gosto muito de M-Marilyn — disse a Atriz Loira, envergonhada.

— Mas posso responder se me chamam. É como a maioria das pessoas me chama agora. Quem não me conhece.

— Eu poderia chamar você de Norma Jeane, se preferir. Eu poderia chamar você de... — e aqui a voz do Dramaturgo tremeu com a audácia do que dizia — “minha Magda”.

— Ah. Eu gostaria disso.

— Minha Magda Secreta.

— Sim!

— Mas talvez Marilyn quando outros estiverem por perto. Para que ninguém compreendesse mal.

— Quando outros estiverem por perto, não me importa como você me chamar. Você pode assobiar. Pode me chamar de “Ei, você!”. — A Atriz Loira riu, revelando seus belos dentes brancos.

Ele ficou comovido por ela ter se alegrado tão rápido.

O Dramaturgo também se alegrara tão rápido.

— Ei, você.

— Ei, *você*.

Eles riram juntos feito crianças bobas. De súbito, tímidos um com o outro e assustados. Porque não haviam se tocado ainda. Só aquele toque das mãos. Eles não haviam se beijado ainda. Eles deixariam aquele bar à meia-noite, o Dramaturgo acompanharia a Atriz Loira a um táxi e eles então se beijariam,

rápido, famintos, mas castos, e apertariam as mãos e olhariam com desejo um para o outro, e nada mais. Não naquela noite.

Em um delírio de emoção o Dramaturgo caminharia as poucas quadras para seu apartamento escurecido. Feliz de estar apaixonado, e feliz de estar sozinho.

15.

“Como minha Magda, uma garota do povo.

Nenhuma cicatriz nos braços. Nenhuma cicatriz no corpo.

Minha vida começaria de novo com ela. Como Isaac! Novamente um garoto para quem o mundo é novo. Antes da história e o do Holocausto, novo.”

Na verdade, mesmo depois de se tornarem amantes, o Dramaturgo raramente chamaria a Atriz Loira de Marilyn em público, pois esse era o nome pelo qual o mundo a conhecia com familiaridade; e ele, seu amante, seu protetor, não era *o mundo*. Tampouco ele a chamaria, em particular, de Magda, ou de Minha Magda. Em vez disso, ele se flagrava chamando-a de minha querida, amada, meu amor, meu amorzinho. Por esses nomes gentis *o mundo* não tinha direito de chamá-la.

Somente ele.

Quando estavam a sós, ela o chamaria de Papai. De início, de brincadeira, provocativa (certo, tudo bem, ele era mais velho que ela quase vinte anos, por que não fazer piada com isso?), então com honestidade e com amor e reverência tremeluzindo nos olhos. Quando estavam com outros, ela o chamaria de querido e às vezes de meu doce. Raramente ela o chamaria por seu primeiro nome, e nunca um diminutivo deste. Pois, também, era o nome pelo qual *o mundo* o conhecia.

Inventando um idioma em particular, a cada vez que nos amávamos. O discurso codificado dos amantes.

Ah, mas, Papai...! Você nunca falaria de mim, falaria? Para ninguém mais. Nunca.

Você nunca escreveria sobre mim... não é, Papai?

Querida, nunca. Eu já não disse isso a você?

16.

Um épico americano. Enfim Pearlman ligou. Sabendo que algo estava errado (pois seu velho amigo, o Dramaturgo, o havia evitado desde a leitura), mas determinado a não dar sinal. Ele falou sem parar por uma hora, elogiando e dissecando *The Girl with the Flaxen Hair* e disse que esperava que a Companhia pudesse produzi-la na próxima temporada, então sua voz baixou (exatamente como o Dramaturgo previra que aconteceria naquela cena), e ele disse:

— E minha Magda... o que achou? Nada mau, hein?

O Dramaturgo tremia de ódio. Ele conseguiu forçar apenas um murmúrio educado de concordância.

— Para uma atriz de Hollywood — seguiu Pearlman, empolgado. — Uma loira burra clássica sem experiência de palco. Notável, *eu* achei.

— Sim. Notável.

Uma pausa. Aquela era uma cena improvisada, mas o Dramaturgo não estava se envolvendo da mesma forma. Pearlman disse, como se tivessem discutido:

— Esta poderia ser sua obra-prima, meu amigo. Se trabalharmos nela juntos. — Outra pausa. Silêncio desconfortável. — Se... Marilyn puder interpretar Magda. — A pronúncia de “Marilyn” era suave, hesitante. — Você viu como ela está assustada. De “atuar ao vivo”, diz ela. Tem pavor de esquecer as falas. De ficar “exposta” no palco. Tudo é vida ou morte para ela. Ela não pode fracassar. Se fracassar, é a morte. Eu respeito isso, sou exatamente da mesma forma ou seria, exceto que sou a pessoa mais sã que conheço. “Você aprende com seus erros, Marilyn”, eu disse a ela — seguiu Pearlman. — “Mas as pessoas estão esperando que eu cometa erros. Estão esperando que eu fracasse, para rir de mim”, disse ela. Ela estava tão assustada antes da leitura, quando repassamos naquela tarde, ela ficava pedindo licença o tempo todo para usar o banheiro. Eu disse, “Marilyn, queridinha, vamos colocar um penico logo embaixo da sua cadeira”, e ela morreu de rir; ela relaxou um pouco depois disso. Fizemos dois ensaios. Dois! Para nós, isso não é nada, mas para ela deve ter parecido muito. “Eu deveria estar melhor”, repetia. “Minha voz deveria ser mais forte.” É verdade, ela tem pouca voz. Em qualquer teatro com mais de 150 assentos, ela não

seria ouvida no fundo. Mas nós podemos desenvolver aquela voz. Nós podemos desenvolvê-la. “Esse é o meu trabalho”, falei a ela. Me dê talento e eu viro Hércules. Me dê talento em estado bruto e eu viro Jeová. “Mas o dramaturgo vai estar lá, o dramaturgo vai me ouvir”, ela ficou dizendo. “Essa é a ideia, Marilyn”, falei a ela. “É isso que significa uma peça contemporânea: um dramaturgo trabalhando com você.” Conosco, essa mulher poderia realizar seu talento de verdade. Na sua peça, com aquele papel. Feito para ela. Ela é uma “mulher do povo”, como Magda. Veja, ela é mais que uma estrela de cinema. Ela é uma atriz nata do palco. Ela não é como qualquer outra pessoa com quem já trabalhei, exceto, talvez, Marlon Brando, eles são parecidos na alma. Nossa Magda, hein? Que coincidência, não é? O que você me diz?

O Dramaturgo havia parado de escutar. Ele estava em seu escritório no terceiro andar encarando pela janela o céu manchado no inverno. Era um dia de semana. Um dia de irresolução. Sim, mas ele havia decidido, não havia? Ele não feriria sua esposa e a humilharia. Sua família. Não poderia ser um adúltero. “Não pela minha própria felicidade. Nem mesmo a dela.” Da mesma forma que cinco anos antes, o Dramaturgo havia sido um dos indivíduos que discretamente se recusara a ajudar o Comitê de Atividades Antiamericanas em sua perseguição a comunistas, simpatizantes a comunistas, dissidentes políticos. Ele não poderia denunciar conhecidos que, na verdade, em segredo, não aprovava, homens irresponsáveis, homens autodestrutivos, simpatizantes do stalinismo que se gabavam de um apocalipse sangrento que viria. Ele não poderia denunciar conhecidos que poderiam (ah, ele não queria pensar nisso!) eles mesmos havê-lo traído, em seu lugar.

Pearlman também havia permanecido firme contra o Comitê de Atividades Antiamericanas. Pearlman também havia se comportado com integridade. Dê algum crédito ao homem.

“Você comeu ela, Max? Ou planeja? É esse o subtexto aqui?”

— Se nós fizéssemos a peça, Marilyn seria sensacional. Eu poderia trabalhar com ela em particular por meses. E ela está respondendo na aula de atuação. Há uma casca exterior nela, como em todos nós, que precisa ser penetrada; dentro, ela é magma. Todo mundo na cidade estaria falando que risco para nosso teatro, para a reputação de Pearlman, e Pearlman iria

mostrar para eles, Marilyn iria mostrar para eles, esta poderia ser a estreia teatral do século.

— Um golpe — disse o Dramaturgo, com ironia.

— É claro — retrucou Pearlman, preocupando-se em voz alta —, ela poderia voltar para Hollywood. Estão processando Marilyn, o Estúdio. Ela se nega a discutir isso, mas eu liguei para seu agente lá, e o homem foi razoavelmente franco e amigoso; ele explicou qual é a situação: Marilyn está violando o contrato, está devendo uns quatro ou cinco filmes ao Estúdio, está suspensa sem pagamento e não tem dinheiro economizado, e eu perguntei: “Mas ela está livre para trabalhar comigo?”. Ele riu e disse: “Ela está livre se quiser pagar o preço, ou talvez vocês possam cobrir o valor”. Eu perguntei: “De quanto é que estamos falando aqui? Cem mil? Duzentos mil?”. E ele disse: “Por volta de um milhão, no duro. Aqui são números de Hollywood, não da Broadway”, aquele fodido disse, ele parecia ser um cara novo, mais novo que eu, rindo de mim. Aí eu desliguei.

De novo, o Dramaturgo ficou em silêncio. Sentiu um leve tremor de desdém.

Desde aquela primeira noite, a Atriz Loira e ele haviam se encontrado duas vezes. Eles haviam falado com honestidade. Sim, haviam dado as mãos. O Dramaturgo tinha que dizer “Eu amo você, eu adoro você”. Ele ainda tinha que dizer “Não posso continuar a ver você”. A Atriz Loira estivera tagarelando não sobre seu passado em Hollywood ou suas dificuldades financeiras no momento. Ainda assim, o Dramaturgo sabia, do que tinha ouvido ou lido, que Marilyn Monroe estava sendo processada pelo Estúdio.

“Quão pouco aquela pessoa, aquela presença, tem a ver com ela. Ou conosco.”

Max Pearlman continuou falando por outros dez minutos, o humor oscilando entre em êxtase e convencido para agitado e em dúvida. O Dramaturgo conseguia imaginar seu velho amigo se inclinando em sua cadeira giratória antiga, esticando seus braços com músculos cobertos de gordura, coçando a barriga peluda em que seu blusão manchado subia até o torso, e nas paredes de seu escritório amontoado e fedorento, fotos de atores associados à Companhia, como Marlon Brando e Rod Steiger e Geraldine Page e Kim Stanley e Julie Harris e Montgomery Clift e James Dean e Paul Newman e Shelley Winters e Viveca Lindfors e Eli Wallach sorrindo com

carinho sobre seu Max Pearlman; um dia em breve, o rosto lindo de Marilyn Monroe seria acrescentado a esses, o troféu mais valioso de todos. Enfim, Pearlman disse:

— Você vai levar sua peça para outro teatro, é? É isso?

E o Dramaturgo respondeu:

— Não, Max. Não vou. Eu só não acho que está terminada ainda, pronta para ser apresentada, só isso.

E então Pearlman explodiu:

— Merda! Então vamos terminar juntos, vamos trabalhar nela, pelo amor de Deus, você e eu, e deixar tudo em forma para ano que vem. Para *ela*.

E o Dramaturgo disse, com gentileza:

— Max. Boa noite.

Desligando, então, depressa. E tirando o telefone do gancho.

Pearlman era do tipo que ligaria de volta e deixaria o telefone tocando por toda a eternidade.

17.

Engano. Ela também havia ligado para ele. O toque familiar do telefone como a lâmina de uma faca no coração.

Oi! Sou eu. Sua Magda?

Como se ela precisasse se identificar.

Uma tarde, atendendo o telefone para ouvir a adorável voz grave da mulher gutural-ofegante, nenhum preâmbulo para seu canto de “Mood Indigo”:

You ain't never been blue

No, no, no,

You ain't never been blue

Till you've had that mood indigo

Sua esposa, Esther, havia voltado de onde estava. Miami.

No rosto dele, em seus culpados olhos pesarosos, ela viu.

Essa esquisita cena improvisada: as palavras da Atriz Loira tamborilando nas orelhas, virilha, alma dele, a lembrança de seu perfume, sua promessa, seu mistério, na colisão cômica com uma Esther de testa franzida e suas malas com baques surdos na sala de estar, a sala de estar de arenito

vermelho abarrotada de coisas e impossivelmente estreita porque os livros do Dramaturgo transbordavam em estantes oscilantes de pinheiro em todas as partes da casa, incluindo banheiros, e lá estava o Dramaturgo se abaixando para erguer as malas e de alguma forma uma sacola de compras Neiman-Marcus desmoronou aos seus pés.

— Ah, que sem jeito! Ah, olhe o que você fez.

Verdade! Ele era sem jeito. Não era um homem gracioso. Não era um homem romântico. Não era um amante.

Ele havia começado a chamá-la de “Cara, minha cara”. “Querida”, ainda não. Ah, não. “Querida”, ainda não!

De mãos dadas, agarradas. Em seu encontro em um clube de jazz à meia luz. Onde ninguém os reconheceria. (Na verdade, será mesmo? Um homem em forma de cegonha de óculos com uma jovem mulher luminosa olhando para cima, para ele, com adoração?) Alguns poucos beijos. Ainda que nenhum profundamente passional. Nenhum que fosse prelúdio de sexo.

“Por favor, entenda: minha vida não é minha. Eu tenho uma esposa, tenho filhos e uma família. Eu poderia ferir outros ao amar você. Mas não posso ferir outros! Eu prefiro me ferir.”

E a Atriz Loira sorria e suspirava e improvisava com tanta beleza a sua parte da cena. *Ah, meu Deus. Eu entendo, eu acho.*

A esposa estava dizendo, com brilho:

— Saudades de mim?

— É claro.

— Aham. — Ela riu. — Estou vendo.

Desde a noite da leitura da peça, e tudo aquilo que foi revelado ao Dramaturgo sobre sua tolice e a futilidade de seu esforço, ele não conseguira se concentrar em seu trabalho. Mal havia conseguido ficar sentado. De manhã, saía para longas caminhadas de vento no rosto para o lado extremo do parque; o frio era um corretivo para seu estado febril. Vagava pelos corredores arejados do Museu de História Natural onde, quando garoto, como Isaac, ele havia sonhado, e se perdeu em pensamentos e na impessoalidade austera do passado. Que mistério, esse de o mundo nos prececer, nos dar à luz, parecer nos apreciar por um breve período, e então

se desgrudar de nós, como pele morta. Acaba! Com ferocidade, pensou “Eu quero que minha passagem aqui seja lembrada. Que faça por onde ser lembrada”.

O Dramaturgo entendia que a Atriz Loira não queria ser sua igual. Com astúcia, ele percebia que ela estava revivendo um papel que já havia interpretado, talvez mais de uma vez, e pelo qual havia sido premiada: ela era a criança-menina; ele era o mentor masculino mais velho. Mas será que ele queria ser o mentor/pai dessa mulher, ou ele queria ser seu amante? Para a Atriz Loira, os dois eram possivelmente idênticos. Para o Dramaturgo, havia algo perverso em ser ambos, ou parecer ser ambos. “Ela só pode amar um homem que imagina ser seu superior. Será que eu sou esse homem?” Ele conhecia seus defeitos! Dos críticos do Dramaturgo, ele era o mais árduo. Ele sabia quão doloroso e experimental era em composição; como a ele faltava a genialidade da poesia que é fluida, mágica, involuntária. O momento tchekhoviano que brilha do aparentemente ordinário, como se do céu vazio. Um súbito ribombar de risadas, o ronco de um velho, o fedor da morte nas mãos de Solioni, “(...) *o som de uma corda — como de harpa — que se rompe, morrendo aos poucos, ao longe, tristemente*”.

Ele não poderia ter criado a Natasha de Tchekhov. Não poderia ter entendido sequer se a sua “garota do povo” era boa demais, e tão pouco crível, exceto pelo que a Atriz Loira tinha visto por instinto. Em suas peças, obstinadamente trabalhadas, não havia brilhos tchekhovianos assim, pois a imaginação do Dramaturgo era literal, às vezes, desajeitada; sim, ele reconhecia sua falta de jeito, que era uma forma de honestidade. O Dramaturgo não conseguia desdobrar a verdade mesmo a serviço da arte! Ainda assim, ele havia sido premiado por seu trabalho; recebera um Prêmio Pulitzer (que tivera o resultado inesperado de deixar sua esposa tanto orgulhosa quanto ressentida com ele) e outros; ele seria honrado como um dos maiores dramaturgos americanos. Pois seu trabalho era capaz de comover, assim como o trabalho de Tchekhov fazia. E o trabalho de Ibsen, O’Neill, Williams. Talvez por sua grande simplicidade, com mais força os corações americanos se comoveram. Quando estava esperançoso, dizia a si mesmo que era um artesão honesto que fazia embarcações resistentes dignas do oceano. Embarcações mais leves, mais polidas e mais deslumbrantes dos

dramaturgos poéticos passavam voando pela dele, mas chegavam ao mesmo porto.

Ele acreditava nisso. Ele queria acreditar!

“Seu trabalho maravilhoso. Seu trabalho lindo. Eu admiro tanto você!”

Uma linda moça, dizendo coisas assim para ele. Falando com sinceridade. Com o ar de alguém que compartilha uma verdade óbvia. Ela havia ido à livraria Strand comprar as peças esgotadas dele que ainda não havia lido, ainda em sua vida antiga.

Ela estava morando no Village. Havia sublocado um apartamento na 11^a Avenida, de um amigo do teatro de Max Pearlman. Ela nunca falava de sua “vida antiga”. O Dramaturgo teria gostado de perguntar a ela: “Você ficou magoada quando seu casamento desmoronou? Quando seu amor desmoronou? O amor jamais ‘desmorona’ de fato, só evapora gradualmente?”.

“Eu respeito o casamento. O laço entre um homem e uma mulher. Eu acredito que deva ser sagrado. Eu nunca violaria um laço assim.”

Olhando-o com seus sorridentes olhos apaixonados.

Ele ficava profundamente tocado por ela, como se por uma criança perdida. Uma criança abandonada. Naquele corpo voluptuoso. O corpo dela! Quando se começava a conhecer Norma Jeane (como o Dramaturgo pensaria nela, apesar de raramente chamá-la assim; de alguma forma não era um privilégio para ele), via-se como, para a mulher, seu corpo era um objeto de curiosidade. Parecia às vezes um desejo estranho dela fazer o Dramaturgo confrontá-la, até chegarem a um consenso. Outros homens sentiam atração sexual por ela, porque só conseguiam ver seu corpo; ele, o Dramaturgo, um homem superior, a conhecia de forma diferente e nunca poderia ser enganado.

Ela falava sério? O Dramaturgo riu dela, com gentileza.

— Você deve saber que é uma mulher adorável. E que isso não é um problema.

— Um problema?

— Exato. Não é uma coisa ruim.

A Atriz Loira cutucou seu braço.

— Ei. Você não precisa *me* elogiar.

— Estou elogiando ao sugerir que, com toda a franqueza, você é uma mulher linda... E que isso não é uma deficiência... — O Dramaturgo riu, querendo apertar seu braço, seu pulso; querendo fazê-la se encolher só um pouco, reconhecer a verdade simples do que ele dizia.

Ela não poderia desejar que ele não fosse um homem! Mesmo se, ao se apresentar para ele como fazia, infantil, desejosa, ansiosa, sedutora, ela estava tão claramente o despertando para o desejo sexual.

A não ser talvez que ele estivesse imaginando isso. A campanha dela para fazê-lo amá-la. Deixar sua esposa, amá-la. Casar-se com *ela*.

A Atriz Loira não havia dito que vivia pelo seu trabalho e vivia pelo amor? E ela não estava trabalhando no momento. E não estava apaixonada no momento. (Baixando seu olhar, suas pálpebras tremulando. Ah, mas ela queria estar apaixonada!) Com ansiedade tocante, disse ao Dramaturgo:

— O único sentido da vida é a-algo maior do que você em si mesmo? Em sua própria mente? Em sua própria pele? Em sua própria história? Como o seu trabalho, você deixa algo de si mesmo para trás; e no amor, você é elevado para um nível mais alto do ser, não está só sendo *você*.

Ela falava com tanta paixão, o Dramaturgo se perguntava em parte se essas não eram palavras que ela tinha memorizado. A ingenuidade, o idealismo — será que estava ecoando uma das moças ferozmente inteligentes ainda que fatalmente iludidas de Tchekhov? Nina, de *A gaivota*, ou Irina, em *As três irmãs*? Ou será que estava citando uma fonte mais perto de casa, diálogo que o próprio Dramaturgo escrevera anos antes? Ainda assim, não havia como duvidar da sinceridade. Eles estavam juntos em um reservado escuro nos fundos de um clube de jazz na Sexta Avenida, no West Village, e estavam de mãos dadas. O Dramaturgo estava um pouco bêbado e a Atriz Loira bebera duas taças de vinho tinto, ela que raramente bebia, e seus olhos estavam brilhando com lágrimas, pois uma crise de algum tipo estava se aproximando agora que a esposa do Dramaturgo voltaria para casa no dia seguinte.

— E se você for uma mulher e amar um homem, você quer ter o bebê deste homem. Um bebê significa... Ah, você é um pai, você sabe o que um bebê significa! Não é só *você*.

— Não. Mas um bebê tampouco é *você*.

A Atriz Loira parecia tão confusa, tão estranhamente ferida, como se repreendida, e o Dramaturgo passou o braço ao redor de seus ombros e a abraçou, pois estavam aninhados lado a lado, não mais castos separados pela mesa. O Dramaturgo queria apertar a Atriz Loira em seus braços, e ela apoiaria a cabeça em seu peito ou enterraria seu quente rosto lacrimoso entre o pescoço e o ombro dele, que a consolaria e a protegeria. Ele a protegeria contra suas próprias ilusões. Pois o que é a ilusão além de um prelúdio da mágoa? E o que é a mágoa além de um prelúdio da raiva? Ele sabia, como pai, que uma criança pode entrar em sua vida e dividir essa vida em dois, não a tornar mais completa; ele sabia, como homem, que uma criança pode se intrometer em um casamento aparentemente feliz, uma criança pode alterar, se não irrevogavelmente destruir, o amor entre um homem e uma mulher; ele sabia, tendo vivido como um cidadão maduro por décadas, que não há romance na paternidade, nem sequer na maternidade, apenas uma subida na vida. Quando se é pai, você ainda é *você* — mas com o fardo novo e apavorante de ser pai. Ele queria beijar as pálpebras trêmulas daquela jovem tão mágica a ele, tão viva, e dizer “É claro que amo você. Minha Magda. Minha Norma Jeane. Como um homem poderia não amar você? Mas eu não posso...”

Eu não posso prover o que você necessita. Não sou o homem que busca. Eu sou um homem defeituoso, sou um homem incompleto, sou um homem que não foi apreciavelmente alterado pela paternidade, sou um homem com medo de ferir, humilhar, enfurecer sua esposa, não sou o salvador de seus sonhos, não sou um príncipe.

A Atriz Loira protestou:

— Minha Mãe e eu, quando eu era bebê, éramos como uma mesma pessoa... E quando eu era garotinha. Nós não precisávamos nem falar. Ela podia quase enviar pensamentos para mim. Eu nunca estava sozinha. Esse é o tipo de amor de que falo, entre uma mãe e um bebê. É algo que tira você de si mesmo, é *real*. Eu sei que seria uma boa m-mãe, porque... não ria de mim, hein?... Eu vejo um bebê passeando de carrinho, eu preciso me segurar com tudo o que tenho para não ir atrás e encher o pequeno de beijos! “Ah, céus”, eu estou sempre dizendo. “Ah, posso pegar seu bebê? Ah, ele é tão lindo!”. Eu começo a chorar, não consigo me segurar. Você está rindo de mim! É meu jeito, sempre amei crianças. Quando eu mesma era

criança, em lares temporários, era eu que cuidava dos bebês. Só meio que cantando para eles e embalando, sabe? Até pegarem no sono. Havia uma garotinha, que a mãe não amava, eu cuidei muito dela, empurrava o carrinho pelo parque... Isso foi mais tarde, quando eu tinha talvez dezesseis anos... Eu costurei para ela um tigrezinho de pelúcia com aviamentos, eu amava tanto aquela pequena. Mas espero ter um menino, sabe por quê?

O Dramaturgo se ouviu perguntar por quê.

— Porque seria como o pai, é por isso. E o pai seria alguém por quem eu seria louca, pode apostar que seria um homem maravilhoso. Eu não me apaixono por qualquer um, sabe? — A Atriz Loira riu ofegante. — Eu nem sequer *gosto* da maioria dos homens. E você não gostaria também, querido, se fosse mulher.

Eles estavam rindo juntos. O Dramaturgo estava doente de desejo. Ele se ouviu falar:

— Você daria uma mãe incrível, querida. Nasceu para isso.

Por que, por que ele estava dizendo aquilo?! Uma cena improvisada, e o veículo saindo de controle, e ninguém para assumir o volante.

Dirigindo embriagado!

Com leveza, mas sensualidade, a Atriz Loira beijou o Dramaturgo nos lábios. Uma onda de desejo doente agitou-se em sua virilha, no fundo da barriga, e tomou seu corpo.

Ouvindo-se dizer, em uma voz crua, suave:

— Obrigado. Minha querida.

18.

O marido adúltero. Ele não queria explorar a Atriz Loira. Ela era uma criança, confiava tanto. Ele queria alertá-la. “Cuidado conosco! Não me ame.”

“Conosco” era referente tanto a ele quanto a Max Pearlman. Toda a comunidade de teatro de Nova York. A Atriz Loira havia viajado para o lugar como se para um santuário, para se redimir em arte.

Para se sacrificar pela arte.

O Dramaturgo esperava que ela não tivesse viajado para lá para se sacrificar por ele.

Seu dilema era não ter parado de amar a esposa. Ele não era um homem de levar um casamento com frivolidade, como tantos homens que conhecia. Até homens de sua geração, de históricos judeus liberais com orientação para a família como ele próprio. Ele odiava as aventuras amorosas descuidadas e despachadas do libidinoso Pearlman; ele odiava que Pearlman encontrasse o perdão tão rápido das mulheres que havia tratado mal e da sua esposa atraente, mas agora na meia-idade.

Nem uma vez o Dramaturgo havia sido infiel a Esther.

Mesmo depois de sua ascendência rápida para um tipo modesto de fama em 1948. Quando, para seu choque, mortificação, vergonha, ele experimentou um crescente interesse feminino por ele: mulheres intelectuais, socialites de Manhattan, divorciadas, até as esposas de certos amigos do teatro. Em universidades em que era chamado para falar, em teatros regionais onde suas peças estavam sendo apresentadas, invariavelmente havia mulheres, brilhantes, animadas, atraentes, com cultura, judias e não judias, mulheres acadêmicas, mulheres da literatura, esposas de homens de negócios prósperos, muitas delas de meia-idade, olhos úmidos perante o gênio masculino. Talvez ele houvesse sido atraído a algumas dessas mulheres pelo tédio, pela solidão e pela frustração costumeira com seu trabalho, mas nunca havia sido infiel à Esther; havia esse lado severo de contador obediente nele, comprometido com os fatos. Ele não fora infiel a Esther, sem dúvida isso deveria significar algo a ela...

“Minha preciosa fidelidade. Que hipocrisia!”

Ele não havia parado de amar Esther e acreditava que, apesar de sua raiva e seu ressentimento, ela não havia parado de amá-lo. Mas eles sentiam zero desejo um pelo outro. Ah, nem excitação nem interesse! Fazia anos. O Dramaturgo vivia tanto dentro da própria cabeça, outras pessoas com frequência não eram reais para ele. Quanto mais íntimas, menos reais. Uma esposa, filhos. Agora filhos adultos. Filhos que ficaram distantes. E uma esposa para quem ele — literalmente! — não olhava mesmo quando falava com ela. (“Saudades de mim?”; “É claro”; “Aham, estou vendo”.) A vida do Dramaturgo se resumia a palavras, palavras dolorosamente escolhidas, e quando não eram as palavras datilografadas unicamente com os dedos indicadores, que disparavam rápido em uma Olivetti portátil, sua vida era de reuniões com produtores, diretores e atores, testes e leituras de peças, oficinas e ensaios (culminando em ensaio geral e “passagem técnica”), pré-

estreias e noites de estreia, críticas boas, críticas não-tão-boas, bilheteria boa, bilheteria não-tão-boas, prêmios e decepções, uma cartografia febril de crises contínuas não diferentes do curso de um esquiador montanha abaixo por um terreno desconhecido, pedras entre a neve, e ou você nasceu para esta vida enlouquecida e se emociona com ela, por mais exaustivo que seja, ou não nasceu para uma vida assim, e exaustão é a maior parte do que você sente, e no fim das contas você deseja não sentir coisa alguma. O Dramaturgo não quisera se casar com uma atriz ou escritora ou mulher de ambição artística, então se casou com uma bela moça enérgica de boa natureza e de circunstâncias parecidas com as dele, com um diploma da Columbia Teachers College. Esther dera aula de matemática para o ensino médio brevemente, logo quando se casaram, com habilidade, mas sem entusiasmo; ela havia ansiado por se casar e ter filhos. Tudo isso no começo dos trinta anos, uma vida inteira antes. Agora o Dramaturgo era um homem distinto, e Esther era uma dessas esposas de homens distintos a respeito de quem observadores neutros comentavam: “Por quê? O que é que ele viu nela?”. Em encontros sociais, o Dramaturgo e sua esposa não teriam naturalmente gravitado um para o outro, não teriam naturalmente começado a conversar, talvez tivessem apenas se visto, trocado um sorriso e seguido em frente. Nenhum de seus amigos em comum teria apresentado um para o outro.

Não era uma tragédia! Apenas, acreditava o Dramaturgo, a vida normal. Não a vida dramatizada no palco.

O Dramaturgo não gostava de pensar em quanto tempo se passara desde que ele e Esther haviam feito amor ou sequer se beijado, com sentimento. De onde Eros partiu, um beijo era o gesto mais bizarro: lábios dormentes se tocando, pressionando. “*Por quê?*” O Dramaturgo sabia, se abraçasse Esther, ela ficaria tensa e, com ironia, perguntaria: “Por quê? Por que agora?”.

E o marido jamais poderia dizer: “Porque estou me apaixonando por outra mulher. Ajude-me!”.

Ainda assim, ele acreditava que o amor deles não havia acabado, apenas murchado. Como a sobrecapa do primeiro livro do Dramaturgo, uma coleção fina de poemas publicada quando ele tinha 24 anos, rendendo críticas elogiosas e encorajamento e vendas de 640 exemplares. Em sua memória, a sobrecapa de *The Liberation* era de um lindo azul-cobalto e as

letras, um amarelo-canário, mas, na verdade, como ele tinha a oportunidade de observar de vez em quando, sempre surpreendendo-se, a capa havia sido quase totalmente descolorida pelo sol, e as letras um-dia-amarelas estavam perto de ilegíveis.

Havia a sobrecapa do livro da memória, e havia a sobrecapa do livro a alguns metros da escrivaninha do Dramaturgo. Seria possível argumentar que ambas eram reais. E que apenas haviam existido em tempos diferentes.

Hesitante, o Dramaturgo disse à mulher com quem ele morava no belo apartamento antigo de arenito vermelho na 72ª, entre estantes lotadas:

— Nós não temos conversado muito, querida. Nunca mais conversamos. Eu estava esperando, agora que...

— Quando é que nós conversamos muito? Você conversava.

Isso era injusto. Na verdade, incorreto. Mas o Dramaturgo deixou passar em silêncio.

Dizendo, em outro dia:

— Como estava São Petersburgo?

Esther o encarou como se ele tivesse falado em código.

No palco, linguagem é código. O significado verdadeiro do texto está sob o texto. E na vida?

O Dramaturgo, doente de culpa, ligou para a Atriz Loira para cancelar o encontro naquela tarde. Era para a primeira visita dele ao seu apartamento sublocado no Village.

Lembrando-se daquelas luxuriosas cenas eróticas em *Torrentes de paixão*. As surpreendentes pernas abertas da mulher loira, o V de sua virilha quase visível pelo lençol puxado até os seios. Como os cineastas haviam passado cenas assim pela censura? Pela Legião da Decência? O Dramaturgo tinha visto *Torrentes de paixão* sozinho em um cinema na Times Square. Só para satisfazer a curiosidade.

Ele não tinha visto *Os homens preferem as loiras* ou *O pecado mora ao lado*. Não queria ver Marilyn Monroe em papéis cômicos. Não depois de *Torrentes de paixão*.

Com cuidado, ele explicou à Atriz Loira que não poderia vê-la por um tempo. Talvez em uma semana ou duas. “Por favor, entenda.”

Em sua voz rouca-animada de Magda, a Atriz Loira disse que sim, ela entendia.

19.

A sonata dos espectros. O Dramaturgo e a esposa, Esther, foram à estreia de uma produção de *A sonata dos espectros*, de Strindberg, no teatro Circle in the Square, na rua Bleecker. Muitos na audiência eram amigos, conhecidos, associados do teatro do Dramaturgo; o diretor da produção era um velho amigo. O teatro tinha cerca de duzentos assentos. Pouco antes das luzes se apagarem, houve murmúrios empolgados pela plateia, e quando o Dramaturgo se virou viu a Atriz Loira entrando pelo corredor central. De início, ele acreditou que ela estava sozinha, pois sempre a mulher parecia sozinha para ele, em sua memória, sozinha, tão estranha e luminosamente sozinha, com o doce sorriso astuto e vago, as pálpebras trêmulas, seu ar de ter entrado por acaso. Então ele viu que ela estava com Max Pearlman e sua esposa e o amigo deles, Marlon Brando; Brando era o acompanhante da Atriz Loira, falando e rindo com ela enquanto se sentavam na segunda fileira. Que visão: Marilyn Monroe e Marlon Brando. Ambos estavam vestidos informalmente, Brando com barba por fazer, cabelo desgrenhado abaixo das orelhas, uma jaqueta de couro gasta e calça cáqui; a Atriz Loira enrolada em seu casaco de lã escura comprado em uma loja de uniformes da Marinha na Broadway. Ela estava com a cabeça exposta; o cabelo platinado, com as raízes escuras, brilhava.

O Dramaturgo, um metro e oitenta e sete, encolheu-se no assento esperando não ser visto. Sua esposa o cutucou e disse:

— Aquela é Marilyn Monroe? Você vai me apresentar?

O emissário

Os Geminianos disseram que sentem saudades de sua Norma... e do bebê.

Na banheira vitoriana com detalhes reluzentes de latão, o Príncipe Sombrio, nu. Na água de banho soltando vapor, ela havia generosamente jogado sais com aroma delicioso, como se prepararia o banho para um deus. Para receber o Príncipe Sombrio. “Eu amo um homem”, ela havia confessado de súbito para ele. “Estou tão profundamente apaixonada por um homem pela primeira vez na minha vida que às vezes sinto vontade de morrer! Mas não, eu quero viver.” O Príncipe Sombrio deu um beijo casto em sua sobrancelha. Não como um amante. Pois o Príncipe Sombrio não poderia amá-la. Havia amado mulheres demais e estava enojado do amor de mulheres, ou até do toque de mulheres. Ela acreditava que o Príncipe Sombrio lhe dava sua bênção dessa forma. “Só viver”, ela disse, “e saber que ele vive também. Que nós um dia poderíamos nos amar como homem e mulher”. O Príncipe Sombrio havia desenvolvido desdém por fêmeas caucasianas, mas ela, ele a chamava de “meu anjo”. Desde a primeira vez ele a chamara de “meu anjo”. Ele não a chamava por nenhum de seus nomes, exceto por “meu anjo”. Dizendo a ela naquele momento, palavras manhosas e arrastadas, e seus lindos olhos cruéis trazidos para perto dos dela: “Meu anjo, não me diga que acredita em amor? Como na vida após a morte?”. E rápido ela confessou, confusa: “Ah, você sabia que judeus não acreditam na vida após a morte como os cristãos? Acabei de descobrir isso”. O Príncipe Sombrio disse: “Seu amante é um judeu, hein?”. E rápido ela disse: “Não somos amantes. Nós nos amamos a distância”. O Príncipe Sombrio riu, dizendo: “Mantenham essa

distância, meu anjo. E vão manter esse amor”. Ela disse: “Eu quero ser uma grande atriz, para ele. Para encher meu amor de orgulho”. O Príncipe Sombrio ficava de perna bamba. Puxando a própria camisa, suada. Ele já havia tirado sua jaqueta de couro esfarrapada e a havia largado no chão acarpetado do apartamento na 11ª Avenida. O Príncipe Sombrio poderia não saber de sua localização exata. Ele era uma dessas pessoas que são sempre atendidas pelos outros, servos, empregados. O Príncipe Sombrio estava mexendo em seu cinto e sua braguilha, em parte aberta. “Preciso tomar um banho”, declarou o Príncipe Sombrio. “Preciso me limpar.” Foi uma demanda abrupta e inesperada, mas ela estava preparada para as demandas abruptas e inesperadas de homens.

Ela ajudou o homem a entrar no banheiro no fundo do apartamento, ligou as torneiras de latão reluzentes e lançou os sais de banho na banheira, e o jorro de água soltou um vapor com alegria para dar as boas-vindas a ele, para honrá-lo. O Príncipe Sombrio era um emissário de seu passado, e ela estava apavorada com a mensagem que ele poderia estar trazendo a ela, pois eles haviam se conhecido anos antes, quando ela fora Norma morando com os Geminianos, antes de ter feito *Torrentes de paixão* e se tornar “Marilyn Monroe”, e ela não desejava pensar naquela época, e talvez não pudesse pensar com clareza, tagarelando com o Príncipe Sombrio como mulheres fazem para criar um tipo de trilha sonora de filme para dissipar o terror do silêncio. Quando ela se virou, viu para seu choque que o Príncipe Sombrio havia, de forma desajeitada, se despido totalmente. Exceto pelas meias. Ele estava ofegante apenas com esse esforço. Vinha bebendo por horas e havia fumado um cigarro de palha com uma fumaça virulenta e doce, oferecendo-o a ela (que declinou), e agora estava ofegante, o rosto vermelho e olhos anuviados. Sua calça, sua cueca manchada e sua camiseta suada em uma bagunça aos seus pés, chutadas para o lado.

Ela sorriu, assustada. Não esperava por aquilo. O corpo do Príncipe Sombrio era tão... profundo! Era um corpo apenas parcial e exposto o suficiente para provocar nos oito filmes notáveis que tornaram o Príncipe Sombrio o ator mais reverenciado do cinema daquela era; um corpo masculino belamente esculpido com músculos distintos no peito, peitoral masculino com formato perfeito e mamilos como uvas em miniatura, uma pelugem escura em um redemoinho no peito e engrossando na virilha. O

Príncipe Sombrio tinha 32 anos e estava no auge da beleza masculina: em poucos e breves anos, sua pele perderia o cintilar arrogante, seu corpo ficaria flácido; em duas décadas, ele estaria francamente gordo. Com o tempo, o Príncipe Sombrio se tornaria obeso como um balão enchido de ar por uma bomba para bicicletas, em escárnio intencional de sua versão jovem. Encarando-o, ela pensou: *Se apenas eu pudesse amá-lo! Se ele pudesse me amar. Nós estamos livres para nos amar e nos salvar.* O pênis do Príncipe Sombrio estava inchado e taciturno entre o friso de pelos na virilha, semiereto, em movimento; na sua ponta brilhava uma gota solitária de umidade em formato de pérola. Ela cambaleou para trás, colidindo com o toalheiro. As torneiras jorravam água, o vapor subia perfumado. Ainda assim ela sorria, em pânico. Pois havia um roteiro para aquela cena. *Ele vai querer que eu beije aquilo. É isso que eles demandam. Ele vai me pegar pela nuca.* Pois onde estava Mãe? Em outro quarto. Na cama. Dormindo, e gemendo enquanto dormia. Só Norma Jeane e um homem nu cambaleando de bêbado, um homem com um pênis ereto balançando, olhos gentis e com rugas, e uma boca beijável como Gladys reconheceu com ironia: *Ele é um príncipe, claro, desde que ganhe o que quer.*

Em vez disso, o Príncipe Sombrio empurrou Norma Jeane para chegar à banheira, sentando as nádegas na borda de porcelana. Entre a fumaça perfumada que subia, e irritadiço como uma criança jovem: “Meu anjo vem me ajudar aqui com essas merdas de...”.

Estava se referindo às próprias meias, não conseguia se inclinar para tirá-las sozinho.

(Episódios deploráveis como aquele o Atirador de Elite gravaria. O Atirador de Elite não registraria um julgamento moral nos relatórios meticulosos, pois não era a tarefa dele. À serviço da Agência. Em questões de atividades subversivas suspeitas, ameaças à segurança nacional dos Estados Unidos. *Pois havendo uma comunidade inocente, não haveria nada a esconder. Não haveria culpa. Todos os cidadãos seriam informantes, e nenhum Atirador de Elite profissional seria necessário.*)

Ela era a Magda dele, dele! Ela ligaria para seu amante. Ela choraria pelo telefone: “Eu amo você, por favor, vem até aqui agora! Hoje à noite”. Os judeus são um povo antigo, um povo nômade abençoado e amaldiçoado por

Deus. A história deles é ainda uma história de homens deuses: Adão, Noé, Abraão, o deus pai de todos. Uma linhagem de homens. Homens que entendiam a fraqueza de mulheres e podiam perdoá-las. *Eu perdoo você! Por ser um covarde. Por não ousar me amar como eu amo você.*

Ah, sim, ela tinha visto o Dramaturgo no teatro na rua Bleecker. Com certeza, tinha. Ela sabia que ele estaria ali, na verdade. Para uma mulher nova na cidade, ela sabia de muitas coisas; tinha muitos novos amigos para lhe contar; quantos estranhos ansiavam por ser amigo dela, homens e mulheres de boa reputação desejosos de caminhar ao lado de “Marilyn Monroe” em público e serem fotografados com ela.

Sim, eu vi você. Vi você desviar o olhar e negar a sua Magda.

No teatro pequeno com cheiro de mofado na rua Bleecker, tenso e encolhido de medo ao lado da esposa. Aquela mulher, a esposa dele!

Eu sou a Miss Golden Dreams. Eu sou a mulher que um homem merece.

Nunca ela ligaria para seu amante! Não o Dramaturgo que ela admirava acima de todos os homens. Ele era seu Abraão: ele a levaria para a Terra Prometida. Ela fora batizada cristã e se desbatizaria e se tornaria judia. *Em minha alma, sou judia. Uma errante buscando minha terra natal verdadeira.* Ele veria quão sério ela falava, quão dedicada à sua profissão. Pois atuar é tanto uma habilidade quanto uma arte, e ela queria dominar ambas. Ela era uma mulher jovem, inteligente, uma mulher de orgulho, honra e bom senso perspicaz. Se não fosse, um homem como o Dramaturgo não poderia amá-la. Se não fosse, um homem como o Dramaturgo fugiria dela. Veja quão sensata, sua Magda: tão longe de amargura e histeria feminina, ela trocou de roupa, vestiu um robe fofo e, enquanto o Príncipe Sombrio se banhava na antiga banheira vitoriana de porcelana com detalhes em latão fulgurante localizada nos fundos de seu apartamento sublocado, ela se aninhou no sofá para copiar em seu diário versos do *Cântico dos cânticos*. Na livraria Strand, ela havia comprado uma cópia da Bíblia judaica e se surpreendeu, embora com alívio, ao descobrir que era o Antigo Testamento simplesmente com outro título.

Beije-me, beije-me mais uma vez, pois seu amor é mais doce que o vinho.

Como você é linda, minha querida, como você é linda! Seus olhos são como pombas.

Ah, ouço meu amado chegando! Ele salta sobre os montes, pula sobre as colinas.

Veja, o inverno acabou, e as chuvas passaram.

As flores estão brotando; chegou a época das canções, e o arrulhar das pombas enche o ar.

Eu dormia, mas meu coração estava desperto, quando ouvi meu amado bater à porta e chamar: “Abra a porta para mim, minha amiga, minha querida, minha pomba, minha perfeita”.

Abri para meu amado, mas ele já havia partido! Meu coração quase parou de tristeza. Procurei por ele, mas não o encontrei. Chamei por ele, mas ele não respondeu.

Ela devia ter pegado no sono. A cabeça estava muito pesada! Tudo aquilo estendido na sua frente, o esforço do restante de uma vida.

Sim, ela voltaria a Hollywood; cumpriria o contrato de outro filme. Como evitar? Não tinha dinheiro algum; para o divórcio do Dramaturgo, e para viverem juntos, precisaria de dinheiro; e, se não para ela, dinheiro estaria disponível para Marilyn Monroe. Como Marilyn, então, ela voltaria à Cidade de Areia. *Isso eu sabia de antemão. Sem saber que eu sabia.*

Ainda assim, voltaria sabendo muito mais sobre interpretação do que antes. Por meses estudando com Marx Pearlman, seu tutor exigente. Meses de humildade e ansiedade feito uma criança superdotada aprendendo o bê-a-bá.

“Você tem potencial para ser uma grande atriz”, ele dissera.

Se não fosse verdade, ela faria ser!

O Príncipe Sombrio era o maior ator americano de sua geração, assim como Laurence Olivier era o maior ator britânico de seu tempo. Para o Príncipe Sombrio, sua genialidade parecia significar muito pouco; seu sucesso o havia elevado ao desdém, não à gratidão. *Eu não vou ser assim. Onde sou abençoada, abençoarei.*

Ela devia ter pegado no sono pois agora acordava de súbito. Uma sensação de pavor nauseante a varreu. Eram 3h40. Algo estava errado. O Príncipe Sombrio! Ele estava na banheira por horas.

Na banheira vitoriana, em água de banho morna, lá estava ele deitado, a nuca descansando relaxada na borda de porcelana, o Príncipe Sombrio de boca aberta, baba no queixo, olhos semicerrados, revelando apenas uma visão embaçada, anuviada, como muco. Seu cabelo estava úmido e sua cabeça lisa como a de uma foca. O corpo que parecera tão belamente esculpido a ela apenas poucas horas antes estava dobrado em um ângulo estranho, os ombros arredondados e o peito curvado para dentro, uma crista de gordura na cintura, seu pênis reduzido a um toco pálido boiando na água encardida e espumosa. Ah, ele havia vomitado na água! Estava imerso em poças de vômito. *Mas estava respirando, estava vivo. Isso era tudo que importava para mim.* Ela conseguiu despertá-lo. Ele empurrou as mãos dela e a xingou. Levantou-se esbaforido, espirrando água no piso de azulejos, e a xingou de novo, perdendo o equilíbrio e quase caindo na banheira de porcelana. Ela teve que segurá-lo para evitar que ele rachasse o crânio, seus braços tremeram com o esforço; pois o Príncipe Sombrio era um homem pesado, não alto, mas parrudo e musculoso. Ela suplicou a ele, implorou que tomasse cuidado, ele a chamou de *puta!* (mas, sem conhecê-la, no fundo não poderia ter intenção de insultá-la), mas a segurou com força, e depois de alguns minutos ela conseguiu manobrá-lo para fora da banheira, colocando-o outra vez sentado na borda, ele resmungando e balançando de olhos fechados. Ela molhou um paninho em água fria e limpou seu rosto com gentileza e tirou da melhor forma possível o vômito de seu corpo, no entanto estava com medo de que ele começasse a vomitar de novo, ele poderia ter um troço e morrer pois sua respiração saía errática, sua boca escancarada e o queixo caído, e ele parecia não saber onde estava, ainda que depois de diversas aplicações do paninho úmido tenha retomado certa consciência e se levantado, e ela o enrolou com uma toalha de banho e o levou para o quarto, o braço ao redor de sua cintura, as pernas pálidas peludas e os pés descalços molhados, ela estava rindo um pouco para garantir a ele que estava tudo bem, que ele estava seguro com ela, que ela cuidaria dele; tropeçando então e xingando-a de novo “Putá! Puta burra!”, ele tombou de lado na cama com tamanha violência que as molas rangeram

alto, e ela se apavorou com a hipótese de ele ter quebrado aquela cama que não pertencia a ela, a linda antiguidade que era a cama de latão de uma amiga bem de vida de Max Pearlman que morava em Paris. A seguir, ela ergueu seus pés, seus pés que estavam pesados como blocos de concreto, e posicionou a cabeça úmida em um travesseiro, todo esse tempo murmurando a ele, confortando-o como havia feito com o Ex-Atleta e outros cidadãos da Cidade de Areia às vezes; ela se sentia melhor agora, mais otimista agora, Norma Jeane Baker era por natureza uma garota otimista, ela não tinha jurado para si mesma o otimismo eterno, agachada no terraço do Lar, encarando a torre iluminada da rko a quilômetros de distância em Hollywood? *Eu juro! Eu volto! Eu voltarei! Eu nunca desistirei!* E agora ela se dava conta de que a cena feia ignominiosa deles era na verdade uma cena de filme; seus contornos, se não os detalhes, eram familiares, e de certa forma românticos; ela era Claudette Colbert, e ele, Clark Gable; não, ela era Carole Lombard, e ele, Clark Gable; havia um roteiro para a situação e se nenhum dos dois o conhecesse, eles eram atores talentosos e poderiam improvisar.

O Príncipe Sombrio na minha cama. Ah, ele era um amigo próximo, ele me pediu para chamá-lo de Carlo. Mas fomos amantes? Acho que não. Fomos?

De imediato, ele começou a roncar. Ela o cobriu e se aninhou silenciosamente ao seu lado. O resto da noite de pesadelos passou em saltos e cortes ágeis. Ela estava exausta da esperança e do desgaste de sua vida em Nova York; a vida que era para redimi-la. Oficinas de cinco horas diversos dias por semana na Companhia e horas de treinamento particular intenso com Max Pearlman ou um de seus colaboradores jovens e agressivos; seu amor pelo Dramaturgo e a ansiedade de pensar que ele escaparia dela, e nesse caso ela deveria morrer; tamanho fracasso como mulher poderia condená-la à morte, pois Vovó Della não havia falado em escárnio de sua própria filha Gladys que não tinha a capacidade de segurar um marido, nem um amante rico para sustentá-la? Della, a respiração ruidosa, rindo: “Para que serve ser uma mulher desgarrada e vagabunda aos trinta anos se está sempre com o bolso vazio?”. E Norma Jeane completaria trinta em alguns meses.

Ela posicionou a cabeça com cuidado em um dos ombros do Príncipe Sombrio. Ele não a afastou. Dormiu espasmódico, mas profundamente,

como homens fazem. Trincou os dentes, saltou e chutou e suou, até que no alvorecer ele havia encharcado as roupas de cama e cheirava como se não tivesse sequer se banhado, um cheiro que fazia Norma Jeane sorrir pensando em Bucky Glazer, suas axilas encharcadas e a sujeira entre os dedos dos pés. Dessa vez, com seu marido novo, ela não cometeria um desses erros do passado. Ela deixaria o Dramaturgo orgulhoso da atriz que ela seria e o faria amá-la mais que sua esposa. Eles teriam bebês juntos. Quase já conseguia se imaginar grávida. *Na paz daquela noite, rumando ao alvorecer, Bebê de novo se aproximou e me perdoou.*

Otto Öse cruelmente previra uma overdose fatal para ela em Hollywood, mas esse não seria seu destino.

Não muito cedo na manhã seguinte, ela acordou e se vestiu da forma mais silenciosa possível enquanto o Príncipe Sombrio continuava a dormir, e foi a um mercado na Quinta Avenida para comprar ovos frescos, cereais, frutas e grãos de café, e quando ela voltou, o Príncipe Sombrio estava acordando, apertando os olhos injetados de sangue conforme a luz os atingia, mas de resto razoavelmente bem, surpreendendo-a com seu humor, sua astúcia; ele disse que o fedor de seu corpo o repelia e que precisava tomar uma ducha, e se enfiando no banheiro de novo, riu da preocupação dela, que ficou em pé na porta escutando, morrendo de medo de outra catástrofe, mas não ouviu nada mais assustador que o *pam!* de um sabonete que o Príncipe Sombrio, sem jeito, deixou cair várias vezes. Mais tarde, enxugando o cabelo com uma toalha, o Príncipe Sombrio revirou seu armário e gavetas da cômoda buscando roupas de homens, uma muda de cueca e meias ao menos. Mas não encontrou uma peça sequer. E na cozinha, aceitou dela apenas um copo de água gelada, que ele bebeu com cuidado como um homem caminhando em uma corda-bamba sem rede de proteção. Norma Jeane se frustrou por ele não querer comer nada. Ele não estava lhe dando a chance! Bucky Glazer e o Ex-Atleta ambos haviam sido excelentes devoradores de café da manhã. Ela mesma estava apenas bebendo café preto para avivar os nervos. Que belo o Príncipe Sombrio era, mesmo com olhos injetados, a cabeça latejando e o que ele chamava de “gripe intestinal”. Em suas roupas sujas do dia anterior, barba por fazer e o cabelo úmido penteado sem cuidado. Ele a chamou de “meu anjo” e agradeceu. Ela acariciou sua mão, sorrindo, com tristeza, enquanto ele falava com ansiedade pouco convincente, como um

personagem em uma peça de Odets, do único dia deles fazendo uma peça juntos sob os auspícios de Pearlman, ou possivelmente um filme, se conseguissem o roteiro certo (pois ele, também desprezando Hollywood, precisava do dinheiro de Hollywood); ela estava pensando quão irônico era nenhum dos dois se lembrar com qualquer nível de clareza o que havia acontecido na noite anterior, exceto a saber que alguma medida de afeto havia se passado entre eles. Talvez ela tivesse salvado sua vida, ou ele salvado a dela? E então estavam entrelaçados, mesmo que como irmãos, pela vida toda.

Depois que eu morrer, Brando não dará entrevistas sobre mim. Só ele entre os chacais de Hollywood.

Foi enquanto o Príncipe Sombrio se preparava para partir que ele se lembrou da mensagem que havia sido instruído a trazer.

— Meu anjo, escute: sabia que encontrei Cass Chaplin recentemente?

Norma Jeane sorriu, sem forças. Não disse uma palavra sequer. Estava tremendo e esperava que o amigo não notasse.

— Eu não via nem ele nem Eddy G. há quase um ano. Comentam coisas sobre eles, sabe? Então eu esbarrei em Cass na casa de alguém, e ele me disse, que da próxima vez que eu te visse, teria uma mensagem para você.

Norma Jeane continuou sem dizer uma palavra sequer. Ela poderia muito bem ter dito: “Se Cass tem uma mensagem para mim, por que ele mesmo não a entrega?”.

— Ele disse para mim: “Diga a Norma que os Geminianos sentem saudades de sua Norma... e do bebê”.

O Príncipe Sombrio viu a expressão em seu rosto e acrescentou:

— Talvez eu não devesse ter repassado a mensagem? Aquele bosta.

Norma Jeane disse adeus e caminhou às pressas para outro recinto.

Ela ouviu seu companheiro da noite chamá-la, hesitante:

— Ei, meu anjo? — Mas ele não a seguiu. Ele sabia, como ela sabia, que a cena havia terminado; a noite deles juntos havia terminado.

Brando e eu nunca fizemos um filme juntos. Ele era um ator poderoso demais para Monroe. Ele a teria quebrado, como uma boneca barata.

Ainda assim, a cena com o Príncipe Sombrio não estava totalmente acabada.

Mais tarde naquele dia, ela voltaria de uma oficina de teatro e se depararia com o que lhe pareceu, no momento inicial de surpresa e perplexidade ao entrar na sala de estar, um sepulcro de flores. Havia inúmeros arranjos de flores predominantemente brancas: lírios, rosas, cravos, gardênias.

Tão lindas! Mas tantas.

O cheiro de gardênia era quase esmagador. Os olhos arderam com lágrimas. Ela sentiu um turbilhão de náusea.

Queria pensar que as flores eram do Dramaturgo, seu amante implorando perdão. Mas sabia que não eram.

Elas eram do Príncipe Sombrio, é claro. Seu amante que não poderia amá-la.

Ele havia escrito com cuidado em tinta vermelha em um cartão em formato de coração:

MEU ANJO

SE SÓ UM DE NÓS SE DER BEM, EU ESPERO QUE SEJA VOCÊ.

SEU AMIGO,

CARLO

“Dançando no escuro”

Um casaco esfarrapado de meia-idade sobre um palito. Deus, ele começara a se depreciar!

Porém: punhos fechados com força enquanto olhava a extensão de neve fresca, recém-caída e fina como pó. Lá, como se em uma comédia musical com explosão de som, cor e movimento, estava a Atriz Loira, patinando com um jovem ator da Companhia de Nova York. Na verdade, era o ator que havia feito seu Isaac. Seu Isaac, patinando no gelo com sua Magda. Quase mais do que um dramaturgo podia aguentar.

E se os dois se beijassem? Com ele assistindo?

O rumor era sobre Marlon Brando e ela também. Nisso ele não poderia se permitir pensar.

Ela tivera tantos homens. Tantos homens a tiveram.

Havia chegado aos ouvidos do Dramaturgo, por amigos em comum, que a Atriz Loira logo estaria deixando Nova York para voltar a Los Angeles; fortalecida por meses de trabalho intensivo na Companhia, ela retomaria sua carreira no cinema. Mas não nos termos anteriores. O Estúdio não apenas havia perdoado Marilyn Monroe, como havia cedido a diversas de suas demandas. Entraria para a história de Hollywood. Marilyn Monroe, por tanto tempo detestada pela indústria, havia vencido o Estúdio! Agora ela teria aprovação de projetos, aprovação de roteiro, aprovação de diretor. Seu salário foi aumentado para cem mil dólares por filme. “Por quê? Porque não conseguiram inventar nenhuma loira para assumir seu lugar. Que gerasse tantos milhares de dólares para eles, por tão pouco.”

Ele não estava com inveja da Atriz Loira, ele a queria bem. Aquela tristeza profunda em seus olhos. Como nos olhos de sua Magda de trinta anos antes que ele, cegado pela enfatuação adolescente, não entendera.

No ringue de patinação no Central Park, entre dúzias de patinadores de todas as idades em roupas coloridas, a Atriz Loira, de óculos escuros, um gorro branco de pelo puxado até as orelhas para esconder cada fio de cabelo e um cachecol combinando, patinava! Ela que afirmava nunca haver patinado no gelo, apenas no sul da Califórnia.

De onde ela vinha, a Atriz Loira dizia com uma piscadela, não havia gelo. Nunca.

Via-se que patinava com hesitação. Os outros patinadores, mais experientes, passavam voando. Os tornozelos eram fracos; ela estava sempre prestes a se desequilibrar. Agitando os braços, rindo, oscilando e prestes a cair não fosse por seu parceiro, que a pescava com habilidade, um braço ao redor de sua cintura. Uma ou duas vezes, apesar de seu galanteio, ela caía com tudo de bunda no gelo, mas apenas ria e, com a ajuda dele, levanta-se, meio atrapalhada. Limpava o traseiro e continuava. Patinadores deslizavam ao redor, passando por ela; se alguém a olhasse, era apenas para ver uma garota bonita de pele cor de creme em óculos muito escuros, usando muito pouca ou nenhuma maquiagem. Estava com seu suéter de tricô trançado e calças escuras e largas de algum tecido quente e felpudo que o Dramaturgo não tinha visto antes, e patins de gelo brancos de couro até o tornozelo, alugados. Se nova no mundo da patinação, a garota era obviamente uma atleta nata, possivelmente uma dançarina. Aquela flexibilidade corporal. Aquela energia! Em um momento, ela fazia piadas para esconder sua falta de jeito, no seguinte, havia se tornado graciosa, patinando de mãos dadas com o parceiro. O rapaz era um patinador habilidoso, com longas pernas elásticas e um senso confiante de equilíbrio; usava óculos de aro de tartaruga que lhe davam, como ao Dramaturgo na idade dele, um ar jovial e estudantil de judeu, sombriamente atraente. Exceto pelos protetores de orelha, estava com a cabeça descoberta.

Era metade de março e ainda muito frio em Nova York. Um vento noroeste no céu azul ofuscante.

Triste, de coração partido, o Dramaturgo assistiu. Ele havia sido incapaz de ficar longe. Incapaz de permanecer no escritório, à escrivaninha. Doente de desejo. (Ainda assim, ele tinha o direito de envolver a Atriz Loira em sua

vida? Ele estava de novo sob investigação do Comitê de Atividades Antiamericanas; não era uma investigação, mais uma perseguição, um assédio; ele teve que contratar um advogado e pagar taxas equivalentes a multas; o novo presidente do comitê havia desenvolvido um desgosto especial pelo Dramaturgo desde que vira uma de suas peças que supostamente “criticava a sociedade americana e o capitalismo”. Era sabido que os arquivos do Dramaturgo no fbi eram “incriminatórios”. O Dramaturgo fazia parte de um “quadro de intelectuais com inclinações à esquerda nascidos em Nova York”.)

A Atriz Loira patinava, e o Dramaturgo assistia. Em sua defesa (ele pensava), ele não fazia esforço algum de se esconder. Ele não era um homem que se escondia. E qual era o propósito de se esconder? A 72^a ficava nas proximidades do Central Park, e ele caminhava ali com frequência; em geral, quando precisava esvaziar a cabeça, enfiava os pés pela neve nos dias em que a maior parte do Central Park estava deserta. Observar os patinadores o fazia sorrir. Ele amava patinar no gelo quando garoto. E havia sido surpreendentemente bom. Como um pai jovem de cidade grande, ele havia ensinado seus filhos a patinar no gelo naquele exato rink, anos antes. De súbito, não parecia fazer tanto tempo.

A Atriz Loira no gelo reluzente, rindo e brilhando sob o sol.

A Atriz Loira que o amava como mulher alguma o havia amado. Que ele amava como não havia amado outra mulher.

Monroe! Uma ninfomaníaca.

Quem disse isso? Eu ouvi que ela transa por dinheiro. Está desesperada.

Ela é frígida, odeia homens. É lésbica. Mas, sim, faz por dinheiro quando consegue o preço que quer.

O Dramaturgo olhou sorrindo sua Magda no gelo, e seu Isaac segurando a mão dela. O coração dele pulsava com uma espécie de orgulho.

Ele se perguntou se os outros patinadores e inúmeros espectadores não a reconheciam. Não a encaravam e apontavam e aplaudiam.

Ele teve o impulso de levantar as mãos e aplaudir.

Ela já o havia notado? Será que Isaac o havia notado? O Dramaturgo estava absolutamente visível, uma figura familiar para ambos. O Dramaturgo que os havia criado. Sua Magda, seu Isaac. Ela era a garota do

povo; ele era um garoto da judaria europeia ansioso por se tornar “do povo”, ansioso para se tornar americano, ansioso para apagar todos os sonhos de Muito Tempo Atrás.

Talvez, na verdade, o Dramaturgo fosse um sobrevivente do Holocausto. Talvez todos os judeus vivos fossem. Não era um fato no qual o Dramaturgo queria pensar sob a luz brilhante do sol fuzilando uma tarde de fim de inverno no Central Park.

Lá ele estava em pé como um totem às margens do terraço de laje pelo qual patinadores do gelo passavam e deslizavam em longos círculos contínuos dando voltas e mais voltas pelo ringue. Uma caixinha de música de figuras vivas! O Dramaturgo, que estranhos reconheciam com frequência em Manhattan. Em seu sobretudo escuro, gorro russo *ushanka* de lã escura. Óculos de lentes grossas. Conforme a Atriz Loira e seu parceiro passavam patinando, mãos dadas, falando e rindo, o Dramaturgo se recusava a dar as costas ou sequer baixar o olhar. Nesse terraço, quando em clima quente, havia um popular café de rua ao qual o Dramaturgo ia com frequência no meio da tarde para um intervalo em seu trabalho. No inverno, mesas e cadeiras de ferro forjado permaneciam. Ele teria arrastado uma cadeira para à beira do terraço e sentado, mas estava inquieto demais. Aquela música! A valsa *Les patineteurs*.

Ele se casaria com ela, afinal de contas, se ela o quisesse. Ele não poderia deixá-la ir embora.

Ele pediria o divórcio. Ele e a esposa já estavam divorciados de coração. Nunca ele a tocaria de novo, nunca a beijaria de novo. A ideia da carne envelhecida e abatida daquela mulher o repelia. Seus olhos furiosos, sua boca ferida. Sua masculinidade havia morrido com ela, mas seria ressuscitada agora.

Ele dividiria a vida em dois pela Atriz Loira.

Eu escreveria a história das nossas vidas. Não uma tragédia, mas um épico americano!

Eu acreditava que tinha a força.

Lá estava ele, alugando patins de gelo! Nada de mais. Enfiando os pés nos sapatos, amarrando bem. E no gelo, os tornozelos fracos de início, os joelhos travados de início, mas as habilidades antigas retornaram rápido; ele sentia a empolgação de garoto pelo simples esforço físico. Estava patinando com

ousadia no sentido anti-horário, contra os patinadores ligeiros. Parecia um homem que sabia o que estava fazendo, não um velho atrapalhado agitando os braços para manter o equilíbrio. A música amplificada agora era “Dancing in the Dark”. Uma canção escrita por judeus, mas tão assimilada por americanos, como todas as grandes músicas do Tin Pan Alley. Uma canção sobre romance e mistério, para os ouvintes atentos.

Patinando rumo à Atriz Loira, ele sorria com alegria. Ele não tinha dúvida! Essa era uma cena que nem o próprio Dramaturgo poderia ter escrito, pois não tinha ironia, sutileza. Ela o havia atraído para fora de seu escritório acolhedor sem ar na 72ª. Ela o havia atraído até ele; ele não teve escolha. Sorrindo feito um homem despertado pela luz do sol, que no escuro estava adormecido.

— Ah, meu Deus! Ah, *olhe*.

A Atriz Loira o via e agora patinava rumo a ele, radiante de alegria. Desde que ele fora um pai jovem com crianças que o recebiam com expressões de arrebatamento, como se nunca tivessem visto qualquer outra pessoa tão maravilhosa, nem tão inesperada, nunca mais ele havia sentido esse privilégio, nem se sentido tão feliz. A Atriz Loira teria colidido com ele, não fosse por ele tê-la segurado e a mantido de pé. Eles giraram juntos no gelo irradiante. Eram amantes bêbados juntos. Agarrando as mãos um do outro, rindo de prazer. O jovem ator que interpretava Isaac ficou para trás discretamente, magoado, mas sorrindo também, porque ele sabia ser privilegiado em ver aquele encontro, assim como seria privilegiado de retratá-lo a outros, contar e recontar a ocasião histórica do Dramaturgo e da Atriz Loira tão publicamente apaixonados no ringue de patinação no Central Park naquele dia em março.

— Ah! Eu amo você.

— Querida, eu amo *você*.

Irresponsável e ousada em seus patins, a Atriz Loira ficou na ponta dos pés para beijar o Dramaturgo em cheio na boca.

E naquela noite no apartamento sublocado na 11ª Avenida, a Atriz Loira, nua, depois de fazer amor, trêmula de emoção, e as bochechas brilhando de lágrimas, pegou ambas as mãos do Dramaturgo, acariciou seus dedos, os ergueu aos lábios e os cobriu de beijos.

— Suas mãos são lindas — sussurrou ela. — São lindas, lindas.

Ele se sentiu profundamente tocado. Até o coração.

Eles se casariam em junho, logo depois do divórcio dele, e depois do trigésimo aniversário da Atriz Loira.

O mistério. A obscenidade.

“A interseção entre a patologia privada e o apetite insaciável de uma cultura consumidora capitalista. Como podemos entender este mistério? Esta obscenidade.”

Assim o Dramaturgo enlutado escreveria um dia.

Mas não por uma década.

Cherie 1956

Eu amo Cherie! Cherie é tão corajosa.

Cherie nunca bebe por medo. Nunca toma comprimidos. Pois se Cherie começa, ela sabe como vai terminar. Onde vai terminar.

Cherie tinha pavor de voltar ao lugar de onde viera. Fechei os olhos e vi um banco de areia, um riacho raso lamacento e uma única árvore alta espigosa com raízes expostas, venosas como cordas. A família morava em um trailer miserável no meio de um monte de latas enferrujadas e videiras. Cherie com as irmãs e os irmãos mais novos. Cherie era a “mãezinha”. Cantando a eles, brincando com eles. Teve que largar a escola aos quinze anos para ajudar em casa. Talvez ela tivesse namorado, um cara mais velho na casa dos vinte. Ele partiu seu coração, mas não seu orgulho. Não o espírito. Cherie costura brinquedos para os irmãos e as irmãs e costura as roupas da família. Seus figurinos de *chanteuse* vão partir seu coração, de tantos remendos malfeitos. Até as meias-calças arrastão estão remendadas! Cherie não era loira-platinada, o cabelo era loiro-escuro. Ela tinha uma cor saudável na época, passando tanto tempo na rua; agora está doentiamente pálida. Pálida como a lua. Talvez anêmica? Esse caubói, Bo, dá uma olhada nela e sabe que ela é seu Anjo. Seu Anjo! Poderia sempre ter sido anêmica, e suas irmãs e seus irmãos mais novos também. Deficiência vitamínica. Um dos irmãos era retardado. Uma das irmãs nasceu com lábio leporino e não havia dinheiro para corrigi-lo. Quando garotinha, Cherie ouvia muito rádio. Cantava com o rádio. Basicamente músicas country e de faroeste. Às vezes ela chorava, seu próprio canto partia seu coração. Eu a via levantando um bebê com uma fralda encharcada para levá-lo ao trailer e trocá-lo. Sua mãe

via muita televisão quando o aparelho funcionava. Sua mãe era uma mulher pesada, de pele amarelada na casa dos quarenta, uma mulher que bebia com rosto enrugado e cheio de vincos como massa crua. O pai de Cherie havia partido. Ninguém sabia para onde. Cherie estava pegando carona para Memphis. Havia uma estação de rádio a que ela ouvia, ela esperava conhecer um dos DJs. Ela tinha uma viagem de mais de trezentos quilômetros pela frente. Apesar de ter economizado o dinheiro do ônibus com uma carona de um caminhoneiro. “Você é uma garota bonita”, disse ele. “Provavelmente, a garota mais bonita que já se sentou nesse banco.” Cherie fingiu ser surda e burra, retardada. Agarrada à sua Bíblia.

Ele olhava para ela tão engraçado, ela ficou com medo e começou a cantar músicas religiosas. Isso o deixou sóbrio rápido.

Como Cherie acabou com trinta anos em um pub no Arizona cantando “Old Black Magic” desafinada para caubóis bêbados que não lhe davam ouvidos, quem sabia?

Perseguida por um caubói louco por ela. Seu *Anjo*. Sempre gritando, desastrado como um novilho. Ela tem pavor dele, mas o amará, se casará com ele.

Ter seus bebês para cantar para eles, brincar com eles. E para eles, costurar brinquedinhos e roupas.

Papai, estou com saudades! Aqui é tão longe.

Querida, vou pegar um avião para ver você na semana que vem. Achei que você gostava daí. As montanhas...

As montanhas me assustam.

Achei que você tinha dito que eram lindas.

Aconteceu uma coisa, Papai.

O quê, querida? O que aconteceu?

Eu... não sei.

Aconteceu no Estúdio? O diretor, outros atores?

Não.

Querida, você está me assustando. Você está... bem?

Eu não sei. Eu não me lembro... o que é “bem”.

Norma, minha garotinha querida, fale para mim o que está errado.

Querida, você está chorando? O que houve?

Eu... não tenho as palavras, Papai. Queria que você estivesse aqui.

Tem alguém sendo cruel com você? O que aconteceu?

Eu queria que estivéssemos casados. Queria que você estivesse aqui.

Estarei aí em breve, querida. Você não pode me falar o que há de errado?

Eu acho que... estou com medo.

Medo de...?

Querida, isso é terrivelmente perturbador. Eu amo tanto você. Eu queria poder ajudar.

Você ajuda, Papai. Só estando aí.

Você não está... tomando comprimidos demais, está?

Não.

Porque é melhor ficar um pouco insone do que...

Eu sei! Você me disse, Papai.

Você tem certeza de que ninguém machucou você? Ofendeu você?

Acho que só estou... com medo. Meu coração bate tão forte às vezes.

Você está empolgada, querida. É por isso que é uma atriz excelente. Você mergulha na personagem.

Eu queria estar casada agora! Queria que você pudesse me abraçar.

Querida, assim você parte o meu coração. O que posso fazer por você?

Do que você tem medo, minha queridíssima? Algo em particular?

Você nunca vai escrever sobre mim, vai?

Querida, é claro que não. Por que eu faria uma coisa dessas?

É o que as pessoas fazem. Às vezes. Escritores.

Eu não sou qualquer pessoa. Você e eu não somos quaisquer pessoas.

Sei que não, Papai. Mas às vezes tenho tanto medo. Não quero dormir...

Você não está bebendo, está?

Não.

Porque você não tem resistência à bebida, querida. Você é sensível demais. Seu metabolismo, seus nervos...

*Eu não bebo. Só espumante, para celebrar.
Celebraremos juntos logo, querida. Haverá muito a celebrar.
Eu queria que estivéssemos casados agora. Eu não acho que teria medo
então.
Mas do que você tem medo, querida? Tente me falar.*

*Não consigo ouvir você, querida. Por favor.
Acho que... tenho medo de Cherie.
Cherie? O quê?
Tenho medo dela.
Querida, achei que você amasse o papel.
Eu amo! Eu amo Cherie. Cherie é... Sou eu mesma.
Querida, Cherie pode ser uma parte de você, mas só uma parte. Você é
muito mais do que Cherie poderia ser.
Sou? Acho que não.
Não seja boba. Cherie é uma mulher comicamente patética. Cherie é uma
garota doce, ingênua e sem talento de Ozark. Ela é uma cantora que não sabe
cantar, uma dançarina que não sabe dançar.
Ela é muito mais corajosa do que eu, Papai. Ela não se desespera.
Querida, do que você está falando? Você não se desespera! Você é uma das
pessoas mais felizes que eu conheço.
Sou mesmo, Papai?
Com certeza é.
Eu faço você rir muito, não? E outras pessoas.
Com certeza, faz. Um dia o mundo vai reconhecer você como uma
comediante maravilhosa.
Vai mesmo?
Vai com certeza.
Você gostou de mim como Magda, não? Eu fiz você rir e talvez tenha feito
você chorar? Eu não destruí a personagem.
Querida, você foi excelente como Magda. Você foi uma Magda muito mais
rica do que a Magda que eu criei. E Cherie será uma performance ainda mais
brilhante.*

Às vezes não sei o que as pessoas querem dizer: “performance”.

Você é uma atriz talentosa, você “interpreta”. Assim como uma dançarina dança no palco e sai. Como um pianista toca, um orador. Você é sempre maior que seus papéis.

As pessoas riem de Cherie. Elas não a entendem.

Elas riem porque você é engraçada. Você torna Cherie engraçada. A risada não é cruel, é de simpatia. Elas se veem em você.

Risos não são cruéis? Talvez sejam.

Não quando a pessoa na performance os controlam. Você é que realiza a performance e você está no controle.

Mas Cherie não sabe que é engraçada. Ela acha que vai ser uma estrela.

É por isso que ela é engraçada. Ela é tão... ignorante.

Está tudo bem rir de Cherie porque ela é “ignorante”?

Querida, por que estamos discutindo? Por que você está tão agitada? É claro que Cherie é engraçada e tocante também. Nunca fui santa é uma peça muito engraçada, e é tocante também. Mas é uma comédia e não uma tragédia.

O final...

Bem, é um final feliz, não é? Eles se casam.

Não tem mais ninguém para Cherie. Ninguém para amar a mulher.

Querida, Cherie é uma personagem em uma peça! Uma peça de William Inge!

Não.

Como assim, não?

Cherie, Magda... as outras. Não são apenas papéis.

É claro que são.

Elas estão em mim. Eu sou essas mulheres. São pessoas reais no mundo também.

Eu não estou entendendo você, querida. Sei que você não acredita de verdade nisso.

Se elas não fossem reais em algum lugar, você não poderia escrever a respeito delas. E ninguém reconheceria essas mulheres. Independentemente da aparência.

Minha linda, tudo bem. Acho que entendo o que quer dizer. Você tem a sensibilidade de uma poeta.

O que isso quer dizer, que sou uma loira burra? Uma mulher qualquer burra?

Querida, por favor!

De uma puta burra, já me chamaram.

Querida...

Eu amo Cherie! Mas não amo "Marilyn".

Querida, já discutimos isso. Não se chateie.

Mas as pessoas riem de Cherie como se tivessem esse direito. Porque ela é um fracasso. "Não sabe cantar, não sabe dançar."

Não porque ela é um fracasso. É porque ela tem pretensões.

Ela tem esperança!

Querida, não é uma boa ideia para nós falarmos assim. Tão longe um do outro. Se eu estivesse aí...

Você ri de Cherie, pessoas como você. Porque ela tem esperança e não tem talento. Ela é um fracasso.

... Eu poderia explicar melhor. Eu amo tanto você, eu não suporto quando ficamos mal.

É só que eu amo Cherie e quero protegê-la. De uma mulher como "Marilyn", a quem ela seria comparada, sabe? É disso que as pessoas riem.

Querida, "Marilyn" é seu nome artístico, seu nome profissional, não uma pessoa. Você fala como se...

Às vezes, à noite, quando não consigo dormir, fica claro para mim. Onde eu cometi meu primeiro erro.

Que erro? Quando?

A lua está tão brilhante aqui que pode machucar seus olhos. O ar está tão frio. Mesmo se eu fechar as venezianas e cobrir os olhos, sei que estou em um ambiente estranho, mesmo à noite.

Você gostaria de que eu voltasse mais cedo, querida? Eu posso.

Eu contei a você que fomos de carro a Sedona outro dia? Fica ao norte de Phoenix. Era como o começo do mundo. Essas montanhas vermelhas. E tão vazio. E silencioso. Ou talvez fosse o fim do mundo. Nós éramos viajantes do tempo e viajamos longe demais e não conseguíamos voltar.

Você disse que era lindo...

Seria lindo, o fim do mundo. O sol ficará todo vermelho e encherá a maior parte do céu, eles dizem.

Esse erro que você mencionou...

Não importa, Papai. Eu não conhecia você na época.

Há erros em todas as carreiras, querida. São os acertos que contam. Acredite em mim, querida, você acertou muitas, muitas vezes.

Acertei, Papai?

É claro que sim. Você é famosa. Isso deve significar alguma coisa.

O que significa, Papai? Quer dizer que sou uma boa atriz?

Acho que sim, sim.

Mas eu sou uma atriz melhor agora. Desde Nova York.

Sim. É mesmo.

Isso quer dizer que eu deveria me orgulhar de mim mesma?

Acho que você deveria se orgulhar de si mesma, sim.

Você está orgulhoso de si mesmo, Papai? Das suas peças?

Sim. Às vezes. Eu tento.

Eu tento também. Papai, eu tento!

Sei que tenta, querida. Essa é uma coisa boa, saudável.

É só que todo mundo me observa agora, esperando que eu escorregue. Eles não faziam isso. Eu não era ninguém na época. Agora sou “Marilyn” e estão esperando. Como em Nova York...

Querida, você se saiu bem em Nova York. Foi sua primeira vez atuando perante uma plateia ao vivo e todos se impressionaram e se entusiasmaram. Você sabe disso.

Mas eu estava com tanto medo. Meu Deus, eu estava tão assustada.

Isso é medo de palco, querida. Todos nós temos de vez em quando.

Eu não acho que consigo conviver com isso. Esse medo me deixa exausta.

Se você atuar no palco, vai ter semanas de ensaios. Seis semanas ao menos. Nada como aquela leitura.

Papai, eu queria poder dormir à noite, mas... Tenho medo dos meus sonhos. A lua é tão brilhante e as estrelas. Estou acostumada com a cidade. Se você estivesse aqui, Papai. Eu sei que eu poderia dormir! Eu poderia amar amar amar você e, meu Deus!, eu dormiria.

Logo, querida. Logo estarei aí.

Talvez eu nunca mais acordasse, de tanto que dormiria.

Você não está falando sério, querida.

Não, não estou, porque não posso deixar você. Uma vez que nos casarmos, eu nunca quero passar uma noite longe de você.

Não será preciso. Vou me assegurar disso.

Papai, eu já falei para você que tem uma cena de rodeio nesse filme? Cherie está lá, na plateia. É difícil para ela subir num salto alto e entrar numa saia justa. A pele dela é tão pálida. Nós a deixamos pálida, uma maquiagem especial, branca como giz, para mim, não só em meu rosto, mas em todo o lugar que se pode ver de mim. Ela é a única pessoa na plateia que parece... essa coisa estranha e triste, pálida como a lua. Uma mulher. As outras mulheres usam calça e jeans, como homens. Elas estão se divertindo.

A Cherie não se diverte?

Ela é essa aberração, não consegue se divertir. Eu estava subindo as arquibancadas, o sol estava tão forte que fiquei zonzinha e comecei a vomitar. Não na frente da câmera!

Você ficou enjoada? Querida, você está doente?

É Cherie, como ela é tensa. Porque ela sabe que as pessoas riem dela mesmo se, como você diz, ela for “ignorante”.

Eu não quis dizer “ignorante” de uma forma pejorativa, querida. Ignorante é aquele que ignora algo. Eu só estava tentando explicar que...

Não quero ter vergonha minha vida toda. Tem gente que ri de mim...

Ao diabo com essas pessoas. Quem são elas?

Gente em Hollywood. Em todo o lugar.

Olha, a revista Time está fazendo uma matéria de capa a respeito da Marilyn Monroe, por Deus. Quantas atrizes, quantos atores estiveram na capa da Time?

Papai, por que você diria isso?!

O quê? O que tem de errado?

Ah, eu disse a eles que era cedo demais! Eu disse a eles que não queria ainda. Eu não sou tão velha assim...

É claro que você não é velha. Não é nem um pouco velha.

Deveria ser quando eu estivesse pronta. Quando eu merecesse...

Querida, é uma honra. Só não leve a sério demais. Você sabe o que é publicidade. Isso é publicidade para Nunca fui santa. Sua “volta à Hollywood”. Só fará bem, não mal.

Papai, por que você trouxe isso à tona? Eu não queria pensar nisso agora.

Eu vou ler a matéria antes de você, prometo. Você não vai precisar nem ver a capa se não quiser.

Mas as pessoas vão ver. No mundo inteiro. Meu rosto na capa! Minha mãe vai ver; ah, e se as pessoas disserem coisas terríveis a respeito de mim? A respeito da minha família? A respeito de... você?

Querida, tenho certeza de que isso não vai acontecer. Isso vai ser uma celebração: “A volta de Marilyn Monroe à Hollywood”.

Papai, estou sentindo tanto medo agora! Eu queria que você não tivesse dito isso.

Querida, sinto muito. Por favor. Você sabe que adoro você.

Não vou conseguir dormir agora. Estou com tanto medo.

Querida, vou pegar o primeiro voo para aí. Vou providenciar as coisas amanhã de manhã.

Piorou agora. Está pior que antes. Tem seis horas que ainda tenho de atravessar antes de poder ser Cherie de novo. Vou desligar agora, Papai. Ah, eu amo você!

Querida, espere...

Convocou Doc Fell ao seu quarto de hotel. Não importava a hora da noite. Doc Fell sorria com seu kit médico de emergência.

Uma paisagem deserta vermelha. Durante o dia, como uma foto de superexposição. À noite, um céu pontuado com luzes como gritos distantes. Dava vontade não apenas de esconder os olhos, mas tapar os ouvidos.

O que estava havendo no Arizona na locação de *Nunca fui santa*, o que havia acontecido em Los Angeles, o que ela não poderia contar ao seu amante era um estranhamento elusivo demais para ser nomeado.

Havia começado antes do longo voo para o oeste. Depois de se despedir do Dramaturgo no LaGuardia e de beijá-lo até ambas as bocas estarem feridas.

A tarefa diante dele era o divórcio. A tarefa diante dela, retornar para “Marilyn Monroe”.

Ou havia começado no longo voo para o oeste. O avião voando à frente do sol. Diversas vezes ela perguntou à comissária (servindo bebidas) que horas eram em Los Angeles e quando iriam chegar e que horário ela deveria colocar o relógio. Ela não parecia conseguir calcular se estavam viajando no tempo para o futuro ou o passado.

O roteiro de *Nunca fui santa* com as numerosas revisões e inserções e passagens com X. Ela tinha visto a peça na Broadway, estrelando Kim Stanley, e secretamente acreditava que ela seria uma Cherie muito mais convincente. *Mas se você fracassar. Eles estão esperando.* Ela havia levado um gigantesco e já gasto *A origem das espécies*, de Charles Darwin, edição ilustrada. Havia verdades profundas ali! Ela estava ansiosa para aprender. O Dramaturgo parecia se impressionar com seu conhecimento sobre livros, mas às vezes ele sorria de uma forma que queria dizer que ela havia dito ou pronunciado algo errado. Mas como se sabe qual é o som das palavras, só de ler? Aqueles nomes nos romances de Dostoiévski! Os nomes em Tchekhov! Havia uma certa grandeza em tais nomes quando pronunciados por inteiro.

Ela era a Princesa Cintilante voltando ao reino cruel que a havia exilado. Ainda assim, sendo a Princesa Cintilante, ela perdoava, é claro.

“Estou tão *feliz*. Tão *grata*. É hora de ‘Marilyn’ voltar ao trabalho!”

“Que briga? Ah, não há briga! Eu amo Hollywood e espero que Hollywood *me ame*.”

“Um indivíduo, assim como uma espécie, deve se adaptar ou perecer. A um ambiente mutante. E o ambiente está sempre mudando! Em uma democracia como a nossa... tantas descobertas apenas na ciência. Um dia em breve, um homem na lua.” Ela riu, ofegante, pois tudo havia sido revelado a ela, microfones enfiados em sua cara. “Um dia o mistério de mistérios, a origem da vida. Por que sou naturalmente otimista.”

“Ah, sim, como Cherie, minha personagem no filme. Uma doce caipira pequenina se achando *chanteuse*, perdida no Velho Oeste. Mas uma otimista nata. Uma americana nata. Eu amo Cherie!”

Ainda assim, desembarcando no aeroporto internacional de Los Angeles! Ela poderia ter entrado em um pânico leve, recusando-se a deixar o avião. Emissários do Estúdio embarcaram. Tantas pessoas estavam esperando a chegada de Marilyn Monroe: fotógrafos, repórteres, equipes de televisão, fãs. Um rugido semelhante a uma catarata ressoava em seus ouvidos. Era

Honolulu, era Tóquio. Duas horas e quarenta minutos se passariam antes de a Atriz Loira conseguir ser acompanhada para uma limusine e ser levada rápido de carro. No fundo, vislumbres de rostos assustados de viajantes comuns presos em multidões triturantes e barricadas policiais. Um terremoto? Um acidente de avião? Uma bomba atômica em Los Angeles? *Isso é uma piada*, ela pensou. Nos jornais matinais havia fotos na primeira página, artigos.

MARILYN MONROE VOLTA À HOLLYWOOD.

MULTIDÕES NO AEROPORTO.

MARILYN MONROE RETORNA ÀS TELAS.

MARILYN MONROE “VOLTOU PARA CASA, FELIZ”.

Nas fotos, havia a Atriz Loira replicada como uma figura refletida em espelhos múltiplos. Frente, perfil, lado esquerdo, direito, sorrindo, sorrindo mais radiantemente, mandando beijos, boca com beicinho. Um enorme buquê nos braços. Também na página da frente do *Los Angeles Times* havia artigos relatando o encontro do primeiro-ministro britânico Anthony Eden e o primeiro-ministro soviético Nikolai Bulganin, e o encontro do presidente Eisenhower com um representante da República da Alemanha Ocidental, recém-formada. Havia uma história de interesse humano das famílias dos “mais confidenciais” cientistas, envolvidos com o teste recente de uma bomba de hidrogênio (equivalente a dez milhões de toneladas de TNT!) no Atol de Bikini, no Pacífico Sul. Deslizamentos de terra em Malibu “reivindicando” três vidas. Um protesto “organizado” da Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor, em Pasadena, liderado pelo reverendo Martin Luther King.

Zombariam de mim, ela pensou. *Do que eu sou*.

Marilyn Monroe tinha um agente novo, Bix Holyrod, da agência Swanson. Ela tinha uma equipe de advogados. Um “homem do financeiro”. Com seu adiantamento por assinar o contrato de *Nunca fui santa*, ela fez o primeiro pagamento do que seria com o tempo um fundo de garantia de cem mil dólares para sua mãe, Gladys Mortensen. Tinha um assessor de imprensa providenciado pelo Estúdio. Tinha um maquiador, um cabeleireiro, uma manicure, um especialista em saúde da pele e cabelos formado pela ucla, uma massagista, uma figurinista, um motorista e um “assistente geral”. Ela

estava temporariamente morando no luxuoso conjunto de edifícios Torres de Bel-Air, perto de Beverly Boulevard, onde, com frequência, caminhava confusa e perdida e incapaz de encontrar a entrada do Prédio B. Tinha dificuldade com as chaves, que com frequência não sabia onde colocava. No apartamento mobiliado havia uma governanta e um chef de meio período, que se dirigia a ela em sussurros reverentes como “Senhorita Monroe”. Sob o aroma agradável de flores (pois o apartamento estava sempre cheio de arranjos), um cheiro sutil de fungicida. Ela não deixava arranjos dentro do quarto, sabendo que consumiriam seu oxigênio. Havia uma meia dúzia de extensões telefônicas no apartamento, mas o aparelho raramente tocava. Todas as ligações de Marilyn eram filtradas. Quando ela levantava o fone para fazer uma chamada, em geral, a linha estava muda, ou estalava daquele jeito (o Dramaturgo havia contado) que significava que o telefone estava sendo gravado. Ela tomava o cuidado de manter as venezianas fechadas em todas as janelas. O apartamento ficava no terceiro andar do edifício e era vulnerável. Ela pediu à governanta para costurar etiquetas em todas as suas roupas e manter uma lista cuidadosa da lavanderia, pois alguém lhe dissera (Bix Holyrod, que achava engraçado) que havia um mercado negro lucrativo de roupas íntimas de Marilyn Monroe. Ela foi a almoços e jantares em sua homenagem. Pedia licença no meio de eventos assim para ligar para o Dramaturgo em Nova York, em seu novo lar, um prédio sem elevador na rua Spring. Um dos jantares mais luxuosos para Marilyn foi oferecido por sr. Z, que agora tinha uma nova propriedade, magnífica, estilo *villa* mediterrânea em Bel Air, e uma nova esposa jovem, cabelo cor de bronze, com seios duros como uma armadura. O sr. Z havia envelhecido surpreendentemente bem. Ele parecia, na verdade, estar mais jovem do que nas lembranças dela. Embora fosse muitos centímetros mais baixo do que ela (“minha maior posse, Marilyn”), com uma pequena corcunda entre as omoplatas, o sr. Z agora exibia uma cabeleira esvoaçante e branca, e seus olhos eram os de um Rei Mago. O sr. Z era um pioneiro de Hollywood, um “pedaço de história” viva.

Como sempre, o sr. Z e Marilyn Monroe trocaram gracejos aos quais os outros ouviram com inveja.

— Você ainda tem o aviário, sr. Z? Aqueles pobres pássaros mortos!

— Eu sou um colecionador de antiguidades, querida. Acho que você me confundiu com outro mentor.

— Você foi um taxidermista, sr. Z. Muitos de nós nos deslumbramos com suas mãos.

— Eu tenho a coleção particular mais seleta do país de cabeças e bustos romanos. Quer que eu lhe mostre?

Uma limusine a levava para jantares nas colinas ricas sobre Los Angeles e para compromissos durante o dia. Entrevistas, sessões de fotos, reuniões de pré-produção no Estúdio. Ela viu com uma pontada de choque que o motorista era o Chofer Sapo. *Não imaginava que seria ele afinal. Não imaginei nada daquilo.* Também o Chofer Sapo parecia não haver envelhecido. Sua postura dura e perfeita, sua pele escurecida enrugada e manchada e seus olhos brilhantes protuberantes. Ainda que olhos velados. Um quepe, um uniforme verde-escuro com botões de latão como Johnny Philip Morris, mas ao contrário daquele tratante, cujo grito em falsete era uma notificação do sangue de bilhões de americanos viciados em nicotina por muito do século xx, o Chofer Sapo estava em silêncio. A Atriz Loira sorriu para ele sem subterfúgio.

— Ora, olá! Você se lembra de mim? — Ela estava trêmula, mas determinada a ser animada e franca, pois todos nós desejamos ser bem-falados por indivíduos tais como o Chofer Sapo depois de nossa morte. — Uma vez você me levou na Sociedade Lar de Órfãos de Los Angeles. Que dia foi aquele! E a outros lugares. — No fundo da limusine, a Atriz Loira, por trás de janelas escurecidas, levada pela Cidade de Areia *enquanto meu coração estava em Nova York, com meu amante, em breve marido, que escreveria a história verdadeira de minha vida, em que eu sou uma garota americana do povo, uma heroína.* Ao mesmo tempo, exausta e levemente bêbada (“Marilyn Monroe” bebia apenas champanhe verdadeiro, e apenas Dom Pérignon), ela sorria ao pensar: *Houve uma vez um jovem belo príncipe transformado em sapo sob um feitiço cruel. Apenas se uma jovem bela princesa o beijasse, o feitiço seria quebrado e o jovem belo príncipe e a jovem bela princesa se casariam e viveriam felizes para sempre.*

No meio de tal história maravilhosa, ela pegou no sono. Em seu destino, o Chofer Sapo bateria na divisória de vidro para despertá-la, relutante até agora de pronunciar qualquer palavra.

— Srta. Monroe? Chegamos.

Em geral, ela era levada ao Estúdio. O império imenso atrás de muros; passando por um portão guardado por sentinelas. Onde “Marilyn Monroe” nascera não fazia nem uma década. Onde o destino de “Marilyn Monroe” fora forjado. Onde, décadas antes, os amantes destinados que eram os pais de “Marilyn Monroe” supostamente se conheceram. Ela, Gladys Mortensen, uma montadora de filme, mas moça muito atraente. Ele... (com toda a sinceridade, a Atriz Loira contava, a entrevistadores que insistiam em perguntas sobre o pai misterioso, que o homem ainda estava vivo, sim; ele mantinha contato com ela, sim; ela o conhecia, sim; mas ele não queria que o resto do mundo o conhecesse, “e eu respeito seus desejos”).

Seu antigo camarim, anteriormente de Marlene Dietrich, estava pronto para ela. Arranjos florais a aguardavam. Pilhas de cartas, telegramas, presentinhos embrulhados com todo o cuidado. Ela abriu a porta e a fechou em um turbilhão de náusea.

Doc Bob tinha partido do Estúdio, desaparecido como se nunca houvesse pisado lá. Rumores diziam que estava cumprindo pena em San Quentin por homicídio. (“Uma garota morreu em suas mãos, e ele se recusou a se desfazer do corpo, como ordenado.”) Um médico novo, Doc Fell, havia assumido seu escritório. Doc Fell era alto e de cenho sulcado, com a beleza de Cary Grant, e tinha modos vigorosos com seus pacientes. Ele os impressionava com seu conhecimento de Freud; falava com familiaridade de libido, agressão infantil reprimida e do mal-estar da civilização: “Para o qual todos nós contribuímos, e do qual todos nós sofremos”. Doc Fell estaria disponível nas filmagens de *Nunca fui santa* e mais tarde acompanharia as gravações no Arizona. Com frequência, uma Cherie insone pelo brilho da lua convocaria Doc Fell de pijamas e roupão estilo Cary Grant para seu quarto no hotel, desesperada por dormir. *Só desta vez. Uma vez mais. Eu não vou fazer disto um hábito, prometo!* Doc Fell era um padre que em uma emergência tinha a autoridade de injetar Nembutal líquido diretamente em uma veia; até mesmo o mero toque de Doc Fell, seu dedão buscando uma veia no interior suave do antebraço de Cherie, já era um alívio. *Ah, meu Deus! Obrigada.*

De início, no estúdio de gravação de *Nunca fui santa*, havia uma atmosfera de magia e boa vontade. Ela era Norma Jeane que era “Marilyn”, que era

“Cherie” até o último fio de cabelo. Ela era uma atriz que havia estudado na Companhia de Teatro de Nova York, uma atriz que seguia o Sistema Stanislavski; era a encarnação da sabedoria e do conhecimento de teatro. *Você sempre deve representar a si mesmo. Uma versão fundida na fornalha da memória.* Ela conhecia Cherie até o menor remendo e rasgo das fantasias pateticamente glamourosas de *chanteuse* de Cherie. Ela conhecia Cherie com a intimidade que conheceu Norma Jeane Baker da agência Preene, Miss Produtos de Alumínio 1945, Miss Produtos Laticínios do Sul da Califórnia 1945, Miss Hospitalidade a dez dólares por dia, sorrindo ansiosa, sorrindo para ser amada. *Ah, olhem para mim! Contratem-me.* Ela estava mais feliz do que jamais estivera com qualquer outro papel. Pois nunca até aquele momento ela de fato havia escolhido um papel. Como uma garota em um bordel que tinha que aceitar qualquer cliente que lhe obrigassem. Até agora. *Vou fazer vocês amarem Cherie. Vou partir seus corações de pedra com Cherie.* Ela era capaz de acreditar em si mesma e se concentrar como nunca havia se concentrado antes. Os conselhos de Pearlman ecoavam em seus ouvidos como as falas de Jeová. *Mais além! Vá além, mais fundo. Para a raiz da motivação. Na memória enterrada como um tesouro.* A gentilmente enérgica voz paternal do Dramaturgo ecoava em seus ouvidos. *Não duvide de seu talento, querida. Seu talento incandescente. Não duvide de meu amor por você.* Ah, ela não duvidava!

O diretor era um homem distinto contratado pelo Estúdio porque ela pediu. Ele não era um pilantra do Estúdio. Era um artista de teatro que o Dramaturgo tinha em altíssima conta, de mente independente e única. Ouvia com cuidado as sugestões de sua protagonista e claramente se impressionava com sua inteligência, suas intuições psicológicas e sua experiência atuando ao discutir por muito tempo a personagem Cherie; como Cherie tinha que ser vestida e iluminada e maquiada, seu cabelo, a própria tintura de sua pele (“Quero uma aparência de pelagra, doente, uma espécie de verde lunar. Só um toque, quero dizer. Deve ser sutil como um poema.”) É claro que o diretor devia seu trabalho à sua protagonista, e isso pode ter amenizado sua atitude; ele não olhava de canto de olho com um sorriso ou a mimava descaradamente como outros diretores haviam feito. Ainda assim, em sua atenção havia algo perturbador. Ele parecia a ela muito escrupulosamente educado; maravilhado por ela em demasia; até cauteloso.

Ele a encarava de uma forma quando ela entrava no estúdio como Cherie no figurino de dançarina de bar, os seios pulando do decote e meia-arrastão preta, que parecia estar em um sonho. Ela pedia muito a Deus que o homem não estivesse apaixonado por ela.

Mas teve uma sorte! Melhor do que talvez ela merecesse. A história da capa da *Time* era pura Marilyn, e não *ela*.

Meu Deus, eu não fazia ideia de que Monroe era tão... carismática. A mulher era fascinante como uma chama. Dentro e fora do Estúdio. Às vezes eu ficava olhando e esquecia onde diabo estava. Eu era diretor havia muito tempo, e imaginava que fosse imune à beleza feminina e certamente à atração sexual, mas Monroe estava além da beleza feminina e muito além do sexo. Alguns dias, ela simplesmente queimava de talento. Nela sempre havia uma febre urrando para sair. Via-se que era genialidade e talvez genialidade se torne doença quando não se consegue pôr para fora, o que eu acho que mais cedo ou mais tarde aconteceu com ela, do jeito que ela se despedaçou nos últimos anos. Mas eu tive Marilyn no auge. Não havia ninguém como ela. Era inspirada em tudo que fazia como personagem. Era tão insegura que pediria para regravar e regravar e regravar, e deixaria perfeito. Quando ela conseguia uma cena perfeita, ela sabia. Ela sorria para mim, e eu sabia. Ainda assim, alguns dias ela sentia tanto medo que se atrasava horas para gravação. Ou nem sequer chegava. Ela tinha todo o tipo de doença: gripe, garganta inflamada, enxaqueca, laringite, bronquite. Nós estouramos muito o orçamento. Em minha opinião, valeu cada centavo. Quando Monroe estava em seu habitat, era como um mergulhador indo às profundezas; se ela parasse para respirar, ela se afogaria. Acho que eu estava apaixonado por ela. Eu francamente era louco por ela. Foi algo que me maravilhou, eu estava pensando que essa mulher burra e bronca fosse só teta e rabo se remexendo, quando este anjo Marilyn Monroe chega suavemente e pega minhas mãos e me diz que o roteiro não é lá essas coisas, é fraco e superficial e brega, mas ela o resgataria e iria partir meu coração, e, Deus, ela partiu.

Eles nem sequer a indicaram a um Oscar naquele ano. Todo mundo sabia que ela merecia por Nunca fui santa. Filhos da puta!

Algo estava acontecendo, ela dissera ao seu amante, mas não ousou contar as circunstâncias. A cada vez, mais e mais tempo era necessário toda manhã para convencer a Amiga Mágica a sair do espelho.

Quando garotinha, ela mal precisara espiar as profundezas vítreas e lá vinha a bela Amiga no Espelho sorrindo, ansiosa para ser beijada e abraçada.

Quando modelo fotográfica, ela apenas precisava posar como mandavam. Nas poses sugeridas. Entrando em um transe enquanto a Amiga Mágica emergia.

Quando atriz de cinema, ela apenas precisava aparecer no estúdio, entrar no camarim e se preparar, e perante as câmeras, uma mágica inexplicável acontecia, o sangue corria ao coração, e era um pulsar mais poderoso que sexo. Dizendo suas falas, memorizadas sem esforço, com frequência sem saber que havia memorizado, empolgada e assustada de ganhar vida em seu corpo emprestado, ela se tornava Angela, Nell, Rose, Lorelei Lee, a Garota do Apartamento de Cima. Mesmo sobre a saída de ar do metrô, o Ex-Atleta testemunhando sua degradação, ela havia sido de corpo e alma a Garota do Apartamento de Cima, luxuriante em seu ser. *Olhem para mim! Eu sou quem sou.*

No entanto, por mais estranho que fosse, agora que ela acreditava estar no principal papel de sua carreira, no começo de sua carreira nova como uma atriz séria na tela, ela era assolada por dúvida. Estava ansiosa, estava doente de pavor. Levantando-se da cama apenas se esmurrassem a porta, apenas quando ela já estava atrasada para as gravações da manhã. Encarando-se no espelho: Norma Jeane em vez de “Marilyn”. Pele amarelada e olhos injetados de sangue e o princípio de um terrível inchaço ao redor da boca. *Por que você está aqui? Quem é você?* Ela conseguia ouvir risos baixos, abafados. Uma risada masculina de escárnio. *Sua vaca deprimente.*

Mais e mais tempo era necessário para convocar “Marilyn” do espelho.

Ela confessou a Whitey, o maquiador, que a conhecia com mais intimidade do que qualquer amante ou marido poderia conhecê-la:

— Perdi minha coragem. A coragem de ser jovem.

A resposta de Whitey era invariavelmente repreensiva:

— Srta. Monroe! Você é uma mulher jovem, jovem.

— Esses olhos? Não, não sou.

Whitey espiou os olhos no espelho com um leve tremor.

— Quando eu terminar com estes olhos, srta. Monroe, aí veremos.

Às vezes, Whitey fazia sua mágica, e a fala se realizava. Às vezes, não.

No começo das gravações de *Nunca fui santa*, levou um pouco mais de tempo do que se esperaria para a Atriz Loira se preparar para as câmeras. Essa moça era tão naturalmente bonita, tinha uma pele tão suave e luminosa, olhos tão ágeis, que poderia praticamente enfrentar as câmeras com uma camada leve de pó, batom e ruge. Então, em uma progressão rápida, começou a demandar mais tempo. Whitey estava perdendo seu talento? A pele da atriz não ficou boa, sua maquiagem teria que ser removida gentilmente com creme e reaplicada. Às vezes era o cabelo que não ficava bom. (Mas o que possivelmente poderia haver de errado com *cabelo*?) Umedecido e restaurado e secado tudo de novo com um secador. Enquanto Norma Jeane ficava sentada imóvel na frente do espelho, olhar baixo em oração.

Por favor, venha. Por favor!

Não me abandone. Por favor!

A mesma que ela havia desdenhado. Aquela “Marilyn” que ela detestava.

O Dramaturgo voou para o Arizona ao encontro dela. Apesar de sua vida estar despedaçada. Apesar (e ele estava morrendo de medo de dizer a ela) de ele ter recebido uma intimação para comparecer de novo em Washington, à sala Caucus do edifício comercial Old House, o prédio mais antigo, ao lado do Capitólio, para explicar seu envolvimento com atividades políticas possivelmente “subversivas” e “clandestinas” quando mais novo.

Ele se chocou ao encontrar a Atriz Loira tão perturbada, tão... diferente de si mesma. Não havia nada da garota com o cabelo de crina e riso dourado nela agora.

Ah, me ajude. Você pode me ajudar?

Querida, o que houve? Eu amo você.

Eu não sei. Eu quero que Cherie viva tanto. Não quero que Cherie morra.

Seu coração estava perfurado de amor por ela. Ora, era só uma criança! Tão dependente dele, como um de seus próprios filhos, anos antes. Só que ainda mais, porque as crianças haviam tido Esther, e Esther sempre fora mais próxima deles.

Em sua cama no hotel, cortinas fechadas do brilho incendiário do deserto, eles ficavam deitados por horas. Sussurrando juntos, beijando-se, transando, consolando um ao outro, ele a consolava e vice-versa, pois a alma dele estava arrasada sem ela, ele também tinha medo do mundo. Em um sono sonhador sob luz baixa como sob o crepúsculo eles podiam ficar por horas. Eles imaginavam (mas talvez não fosse imaginação) que entravam um no sonho do outro, como se entrassem um na alma do outro. *Só me abrace. Me ame. Não me solte.* A paisagem desértica surreal, montanhas de pedra vermelha e serras como crateras lunares. O céu noturno, vasto e intimidatório, ainda que emocionante como a Atriz Loira o havia descrito.

Sinto como se pudesse ser curada com você. Com você aqui. Se estivéssemos casados. Ah, quando podemos nos casar? Tenho tanto medo que algo aconteça e nos impeça.

O braço dele ao redor de sua cintura, ele falava com ela sobre o céu noturno. Ele dizia o que vinha à sua mente. Falava de um universo paralelo em que eles já estavam casados e tinham doze filhos. Ele a fazia rir. Beijava suas pálpebras. Beijava seus seios. Levava aos mãos dela à sua boca e beijava os dedos. Ele disse a ela o que sabia da Constelação de Gêmeos — pois ela lhe dissera que era do signo de Gêmeos —, não gêmeos beligerantes, mas gêmeos que se amam, leais e devotados um ao outro. Até depois da morte.

Notou-se como, depois de um dia da chegada do Dramaturgo, a Atriz Loira começou a reavivar. O Dramaturgo, já um herói para alguns, tornou-se um herói ainda maior. Era como se a Atriz Loira houvesse recebido uma transfusão de sangue. Ainda assim, o Dramaturgo não estava drenado de força, mas parecia revigorado, rejuvenescido também. Um milagre!

Estavam tão apaixonados, aqueles dois. Só de vê-los juntos... o jeito que ela segurava o braço dele, erguia a cabeça para olhá-lo. O jeito que ele olhava para ela.

Qual era o segredo do Dramaturgo? Ele argumentava com a Atriz Loira como homem algum havia feito. Sim, ele a abraçava e a confortava; sim, ele a mimava como outros homens haviam feito; mas ele também falava com franqueza com ela. Ela gostava disso! Dizia com severidade que ela tinha que ser realista. Profissional. Ela era uma das artistas mulheres mais bem-pagas no mundo e tinha sido contratada para prestar um serviço. O que suas

emoções tinham a ver com isso? O que insegurança e dúvida tinham a ver com isso?

— Você é uma adulta responsável, Norma, e deve se portar com responsabilidade.

Em silêncio, ela o beijou na boca.

Ah, sim. Ele tinha razão.

Ela quase desejava que ele agarrasse seu braço e a chacoalhasse, com força. Como o Ex-Atleta havia feito, para despertá-la.

O Dramaturgo se apegava à sua pupila. Havia começado a carreira de dramaturgo compondo monólogos, e o monólogo era o mais natural para ele como forma de discurso. Ele não a havia alertado sobre os perigos de teoria em excesso?

— Sempre acreditei que você era uma atriz nata, querida. Intellectualizar só aleija você. Em Nova York, você se preparava obsessivamente para as aulas de drama, você se exauria depois de poucas semanas. Isso é sinal de amadorismo. Uma zelote. Pode ser um sinal de talento, mas eu duvido. Na minha opinião, é muito melhor que um ator mantenha um toque de algo cru e inexplorado na personagem. Esse era o segredo de John Barrymore. Você é amiga de Brando? É uma das técnicas de Brando também. Até não saber as falas completamente, ser forçado a inventar, na linguagem do personagem. Um ator de teatro brilhante nunca faz a mesma performance duas vezes. Ele não recita as falas, ele as diz como se ele próprio as ouvisse pela primeira vez. Este é um conselho que Pearlman deveria ter dado a você, mas você conhece Max: aquele “sistema” pretensioso de Stanislavski. Francamente, beira a bobagem completa. E se um beija-flor ficar consciente de suas asas batendo, de seu padrão de voo, será que ele poderia voar? Se ficarmos conscientes de cada palavra que pronunciamos, poderíamos falar? Esqueça Pearlman. Esqueça Stanislavski. Esqueça a teoria de merda. O perigo para o ator é ensaiar demais e se exaurir. Houve produções de peças minhas em que o diretor forçou demais os atores; tiveram o auge da qualidade antes da estreia, perderam o *momentum* e ficaram monótonos. Isso aconteceu com Pearlman. As pessoas ficam se vangloriando dele, de que tem “sangue no piso de suas salas de ensaio”... mais baboseiras. Você estava afirmando, querida, que conhecia Cherie de dentro? Como uma irmã? Talvez isso não fosse de todo uma coisa boa. Talvez não fosse nem verdade. Você deveria ter

reconhecido que Cherie é um mistério para você. Como me disse que Magda era muito mais do que eu soubera. Por que não deixar Cherie respirar um pouco? Deixe que Cherie surpreenda você, amanhã, na gravação.

Em outro momento, em silêncio, tremendo em gratidão, a Atriz Loira ficou na ponta dos pés para beijar o Dramaturgo nos lábios.

Ah, sim. Graças a Deus. Ele tinha razão.

Lá vinha a Cherie loira-platinada pálida como se doente de pelagra para o set na manhã seguinte na blusa brega de renda preta, uma saia justa de cetim preto, cinto grosso preto justo, meia-arrastão preta e sandálias pretas de salto agulha. Olhos sujos com fuligem, uma boca de bebê voluptuosa vermelha, trêmula e contrita. Lá estava Marilyn no horário! Não, lá estava Cherie. Nós observamos esta mulher maravilhosa mordiscando a unha como uma garotinha na aula de teatro, ou como uma garota simplória de fato, sabendo muito bem que foi má e estando preparada para ser repreendida.

Ela estivera arrastando sua boá de plumas encardida pelo piso exatamente como Cherie. Ela falava com o sincero sotaque arrastado de Cherie, uma voz tão suave que nós quase não conseguíamos ouvir.

— Ah, meu Deus. Eu sinto muito. Peço perdão a todos. Fiz o que Cherie não teria feito, entrei em desespero. Não fui um membro responsável desta produção. Estou tão envergonhada!

Que diabo. Nós esquecemos nossa mágoa, nossa raiva, nossa frustração com ela. Nós explodimos em aplausos espontâneos. Nós adorávamos nossa Marilyn.

As coisas estão indo muito bem agora com meu filme novo depois de um começo difícil. O título é Nunca fui santa. Espero que goste do filme!

Ela estava com o hábito de boa filha de enviar cartões-postais a Gladys no Lar de Lakewood. Ela havia enviado cartões de Nova York.

Amo esta cidade. É uma cidade de verdade, não como a Cidade de Areia. Se algum dia quiser me visitar aqui, Mãe, eu poderia providenciar. Aviões voam o tempo todo de um lado para o outro.

Ela ficava inquieta em ligar para Gladys, desde que deixou Los Angeles. Acreditava que Gladys a culpava por abandoná-la. Apesar de que, ao telefone, Gladys não era acusadora. Norma Jeane havia ligado de Nova York quando havia se apaixonado logo de cara pelo Dramaturgo e sabia que se casaria com ele e ele seria o pai de seus filhos.

Tenho novos amigos maravilhosos aqui, um deles um professor de teatro famoso no mundo inteiro e outro um dramaturgo distinto, americano, que ganhou o Pulitzer. Eu vi bastante meu amigo de Hollywood, Marlon Brando.

Ela havia contado a Gladys que comprava livros na Strand. Era um sebo onde ela havia buscado alguns dos livros antigos de Gladys, mas não os encontrara. *A Treasury of American Poetry*. Era esse o título? Ela adorava aquele livro! Ela amava ouvir Gladys lendo poesia. Agora ela lia poesia para si mesma, mas na voz de Gladys. Para observações assim, Gladys responderia, quase inaudivelmente: “Que bom, querida”.

Então ela não ligou mais para Gladys, apenas enviava cartões-postais com fotos do sudoeste.

Um dia quando eu for rica, podemos passar uns dias aqui. Aqui é o “fim do mundo”, com certeza!

Norma Jeane tinha tanto medo de ver o material bruto das gravações, tanto pânico de descobrir que Marilyn os havia decepcionado, que não fazia ideia de o que *Nunca fui santa* estava se tornando exceto por suas cenas. E suas cenas eram filmadas e refilmadas tantas vezes, tão impregnadas do esforço de sua performance, e seu coração batucando dentro do peito, que ela não fazia ideia de como se saía aos olhos de um observador neutro. Como Cherie, ela mergulhou fundo, cega e “otimista”. Confiaria, como seu amante aconselhou, no instituto.

Então Norma Jeane não viu *Nunca fui santa* por completo — do começo ruidosamente cômico ao fim sentimental romântico — até uma prévia no Estúdio no começo de setembro. Não veria tamanho era seu brilhantismo ao interpretar Cherie até meses depois. Àquela altura, uma mulher casada. Sentada com o marido segurando firme sua mão na primeira fileira de

poltronas acolchoadas da sala escurecida para a pré-estreia. Envolta em uma névoa de meprobamato e Dom Pérignon. Norma Jeane era “Marilyn”, mas sedada, tranquila. As crises da primavera anterior no Arizona eram tão remotas a ela quanto as crises de uma estranha. Foi um choque para ela que *Nunca fui santa* tivesse um resultado tão bom. Como Cherie, deu a performance mais inspirada de sua carreira. Apesar do terror, mais uma vez ela havia se sustentado perante um desafio do qual não precisava se envergonhar; pelo contrário, era motivo de orgulho. Ainda assim, parecia a ela uma vitória irônica, como a de uma nadadora que mal consegue atravessar um rio turbulento e quase se afoga. A nadadora cambaleia até a praia; a audiência, que não arriscou nada, explode em aplausos.

E a plateia no cinema, assim como na sessão no Estúdio, explodiu em aplausos.

O Dramaturgo a abraçou, protetor, seu braço ao redor dos ombros trêmulos.

— Querida, por que está chorando? — sussurrou ele. — Você foi incrível. Você é incrível. Ouça essa resposta aqui. *Hollywood adora você*.

Por que eu estava chorando? Talvez porque na vida real, Cherie estaria bebendo, e muito. Estaria sem metade dos dentes. Teria que dormir com os bastardos. Não fazia sentido algum que ela conseguisse evitá-los exceto porque o roteiro era sentimental e brega, e em 1956 não se poderia arriscar uma classificação X da Legião de Decência. Na vida real, Cherie teria apanhado e provavelmente sido estuprada. Ela teria sido compartilhada por homens. Não me diga que o Velho Oeste não era assim, eu conheço homens. Ela teria sido usada por eles até engravidar ou perder a beleza ou os dois. Não haveria um caubói ingênuo e bonitão, um Bo, para jogá-la sobre o ombro e carregá-la para longe dali até seu rancho de dez mil acres. Ela teria bebido e usado drogas para continuar até o dia em que não pudesse mais se levantar da cama, não conseguisse sequer abrir os olhos, e então estaria morta.

A Dançarina (Americana) de Cabaré 1957

Miss Monroe! Esta é sua primeira visita à Inglaterra. Quais são suas impressões?

Era o Reino dos Mortos. Cujos habitantes se moviam inaudíveis como fantasmas. Rostos pálidos como o céu opalescente e ar brumoso e sem sombras. E ela, entre eles, a Atriz (Americana) Loira, sob aquele mesmo feitiço.

Nessas ilhas do Mar do Norte, não importava se era inverno ou primavera. Não havia previsão de um dia para o outro. Crocos e narcisos desabrochavam em brilhantes cores valentes em um frio de perfurar ossos. O sol estava em um crescente desbotado no céu de neblina.

Em pouco tempo acostumava-se.

— Querida, o que houve? Venha aqui.

— Ah, Papai. Estou com tanta saudade de casa.

O Príncipe e a Dançarina de Cabaré. Seu coprotagonista era o renomado ator britânico O.

Ela era a Dançarina (Americana) de Cabaré. Em uma trupe itinerante, em um país misterioso dos Bálcãs. Peituda e com o traseiro balançando em cetim brilhante. Quando se via a Dançarina de Cabaré pela primeira vez, tomando seu lugar às pressas em uma fila para fazer uma medida para o Grão-Duque de monóculo, uma das alças em seu ombro se rompe e um dos seios empinados e maravilhosos fica praticamente exposto.

— É barato. É *vaudeville*. É irmãos Marx.

— Querida, é *comédia*.

A Atriz Loira era uma loira-platinada voluptuosa irlandesa-americana de Milwaukee, Wisconsin. Era Cinderela, Plebeia Esfarrapada. Cujo conhecimento improvável de alemão complica a teia frágil de um enredo. O ator O era o pretensioso Príncipe Regente. Interpretado pelo renomado ator britânico com o entusiasmo e a sutileza de um brinquedo de corda.

— O que é isso, a atuação dele? Paródia? Eu não estou entendendo.

— Não acho que sua performance tenha a intenção de ser bem uma paródia. Ele interpreta o roteiro como uma comédia de gênero, para gente chique em salões, o que implica em certo estilo teatral. Certo ar de artificialidade. Ele não é um ator que segue o método Stanislavski...

— Ele está sabotando o filme? Mas por quê? Ele é o diretor!

— Querida, ele não está “sabotando” o filme. A técnica dele só é diferente da sua.

O Príncipe e a Dançarina de Cabaré estavam fadados pelo roteiro a *se apaixonar* naquele conto de fadas. Exceto que o *se apaixonar* deles era tão crível quanto o amor entre duas bonecas animadas do tamanho de pessoas.

— Ele despreza o papel dele. E o meu.

— Isso não pode ser verdade.

— Olhe para ele! Para os olhos.

Através do monóculo de O, ela era forçada a se ver: a atriz americana com peitões, o cabelo loiro-platinado de algodão-doce em fios finos e lábios vermelhos brilhantes e maneirismos hesitantes. A Dançarina de Cabaré era uma moça sem reservas do povo (americano), o Príncipe era o aristocrata (europeu) reticente, preso à tradição. Fora das gravações, O era friamente educado, até gracioso com a Atriz Loira, mas no estúdio de gravação não; na frente das câmeras, fazia escárnio dela. Ela estava deslocada entre esses atores shakespearianos treinados na Academia Real de Teatro como a pobre Cherie, a *chanteuse*, teria estado.

Marilyn Monroe era a galinha (americana) dos ovos de ouro na fantasia britânica de O sobre a fartura proporcionada por Hollywood. O desdém de O por Hollywood e por “Marilyn” tinha um cheiro que seus perfumes desesperados não poderiam camuflar.

A forma como O pronunciava “Mari-lyn”.

O, tanto diretor do filme condenado quanto protagonista. O sotaque britânico como uma faca arranhando porcelana.

Dirigindo-se a ela como se dirigiria a uma criança retardada. Só que sem sorrir.

— Mari-lyn. Minha querida, você pode falar um pouco mais claramente? Com mais coerência.

Ela não respondia. Ele poderia ter se aproximado e cuspidado em seu rosto. Ela era Norma Jeane Baker, munida de um vestido que desnudava muito de seu peito, o couro cabeludo ardendo dos retoques matinais de água oxigenada, a mente lenta como um rádio ficando sem corda. De súbito, perdida em um sonho. Quatro horas e quarenta minutos atrasada naquele dia. Tossia, as cenas precisavam ser regravadas. Ela se atrapalhava com as falas; começava a esquecer os diálogos mais simples. Quando já havia memorizado com tanta facilidade. Quando já havia memorizado até as falas dos outros atores. Os poros da testa e do nariz soltavam gordura pela camada de maquiagem grossa como uma panqueca.

Pelo monóculo, O a encarava. Tirava o monóculo e forçava uma careta em forma de sorriso.

Era nítido que ele queria soar astuto. Astúcia de comédia de gênero, comédia elitista.

— Mari-lyn, querida. Seja sensual.

Na semana anterior, ela estivera doente, com dor de barriga. Vomitando a noite toda. O Dramaturgo foi à enfermeira, seu marido devotado e ansioso. Ela havia emagrecido três quilos. Os figurinos tiveram que ser reajustados. O rosto estava mais magro. Precisariam regravar as cenas que ela já fizera? Naquela semana, conseguiu trabalhar um único dia inteiro, da manhã até o fim da tarde. Os outros atores a viam com simpatia cautelosa. *Como se minha doença pudesse ser contagiosa. Ah, eu queria que eles me amassem!*

Foi uma vingança requintada. Vingança de garota americana. O renomado ator britânico, O, esperava explosões emocionais, histeria crua; ele havia sido alertado que a Atriz Loira era “difícil”. Ele não esperava uma vingança tão passiva e letal.

Pensando que eu era uma Desdêmona loira burra. Meu segredo é que Marilyn é Iago!

Ela saía de fininho para se esconder. Ela ria. Não, estava terrivelmente magoada, confusa.

— É O quem está me deixando doente. Ele me amaldiçoou.

— Não pense assim, querida. Ele de fato admira você...

— Quando ele tem que me tocar, a pele se contorce. As narinas se contraem. Eu vejo.

— Norma, você está exagerando. Você deve saber que...

— Olha, eu estou *fedendo*? O que está acontecendo?

Acontece que, Marilyn, aqui está um homem que não deseja você. Um homem que você fracassou em seduzir. Para quem transar com você ou com uma vaca não faria diferença. Um em milhões.

O Dramaturgo! O que ele deveria pensar, e o que ele deveria fazer?

A mulher, sua esposa. A Atriz Loira, *sua esposa*.

Na Inglaterra ele começou a compreender a natureza da tarefa que tinha diante de si. Como um explorador andarilho começa a entender, à medida que o terreno muda e um novo panorama, abrupto, deslumbrante e inesperado se abre diante de si, o desafio que se colocava à frente.

Ele havia se tornado seu enfermeiro tão rápido! Seu único amigo.

Ainda assim, ele também era amigo de O. Havia admirado O por muito tempo. Suas peças não eram adequadas para um ator com o histórico e treinamento de O; porém, o Dramaturgo reverenciava O e se sentia grato pela companhia e pelas conversas com ele. Imaginava que O havia aceitado o projeto primariamente por dinheiro; ainda assim, acreditava que O era um ator profissional demais, e um homem decente demais, para não interpretar com o máximo de sua capacidade.

Como um homem do teatro, o Dramaturgo havia sido preparado para se fascinar com o fazer cinematográfico e aprender o que pudesse. Na verdade, ele havia começado a escrever um roteiro de cinema, seu primeiro.

Um roteiro para a Atriz Loira, sua esposa.

Mas o fazer cinematográfico o chocava e confundia. Ele não estava preparado para a comoção, a ocupação incessante. Tantas pessoas! O espaço brilhantemente iluminado em que atores interpretavam estava cercado por um bando de técnicos, câmeras, o diretor e assistentes. Cenas eram iniciadas e interrompidas e reiniciadas e interrompidas de novo, e de novo começavam e se interrompiam; cenas eram gravadas e regravadas; havia

uma preocupação fanática e frenética com maquiagem e cabelo; havia uma qualidade artificial como de sonho ao empreendimento todo, um espírito de qualidade barata e esfarrapada que o ofendia muito. Ele começou a entender por que O, treinado como um homem do teatro, atuava de forma tão estranha, com tanta malícia, para a câmera. O Príncipe era artificial no geral, enquanto a Dançarina de Cabaré era “natural”. Parecia às vezes como se os dois estivessem falando idiomas diferentes; ou que dois gêneros radicalmente diferentes, comédia elitista de gênero e um tipo de realismo, haviam sido amassados juntos. Na verdade, do elenco, apenas a Atriz Loira parecia saber atuar para a câmera enquanto se comportava como se estivesse atuando para os outros atores; mas sua confiança fora abalada tão no começo da produção, seu entusiasmo de garota murchado pela frieza de O, que ela também havia saído do próprio trilho.

— Papai, você não entende. Isto não é o teatro. É...

A voz da Atriz Loira desapareceu. Afinal, o que, de verdade, ela estava tentando dizer?

Mais tarde, naquela noite, indo a ele e puxando seu braço como se tivesse preparado as falas para recitar.

— Papai, ouça! O que eu digo é, eu digo a mim mesma que estou sozinha. E tem esta outra pessoa comigo, ou talvez mais de uma? Não sei quem são, mas existe um motivo. Para nós estarmos lá. Por que nós estamos lá naquele lugar que deveria ser uma sala, ou nós poderíamos estar do lado de fora em um carro, tem uma lógica nisso? Nós desvendamos por que estamos lá e o que significamos um para o outro levando a cena a cabo. — Ela sorriu para ele com ansiedade. Ela queria tanto que ele entendesse; seu coração foi tocado. Ele acariciou sua bochecha febril. — Viu, Papai, que nem eu e você neste momento? Estamos sozinhos aqui juntos e estamos desvendando o porquê. Nós nos apaixonamos... e nós nos juntamos para entender o porquê. Não é como se a gente soubesse antes do momento. Não podemos! Estamos em um círculo de luz e do lado de fora há escuridão, e estamos juntos, sozinhos no oceano de escuridão como se estivéssemos flutuando em um barco, vê? Nós estaríamos assustados, exceto que tem uma lógica nisso. Tem! Então mesmo quando eu tenho medo, como, acho, quando estou aqui na Inglaterra, com pessoas que me odeiam... Stanislavski diz: “Isto é solidão em público”.

O Dramaturgo ficou atônito com as palavras apaixonadas da esposa, apesar de não ter entendido a maior parte do que ela dissera. Ele a abraçou forte, forte. Seu cabelo havia sido descolorido mais uma vez nas raízes naquela manhã e exalavam um odor nauseantemente químico que fazia as narinas do Dramaturgo se contraírem. A Atriz Loira já não sentia mais esse cheiro fazia muito tempo.

Agora no Reino dos Mortos, ela começou a afundar. A sua própria medula óssea se transformou em chumbo. Naquele reino gelado do fundo do mar com seus habitantes peixes, horríveis aos seus olhos.

Eles me odeiam. Olhe só os olhos deles!

O Dramaturgo era o emissário de O assim como era, ou esperava ser, amigo de O. O Dramaturgo e O, o renomado ator britânico, eram homens casados com atrizes “temperamentais”.

Ela ouviu risos zombeteiros! O Dramaturgo pronunciou, como um homem sério em um filme dos irmãos Marx:

— Querida, não. É só o encanamento.

O encanamento! Ela teve que rir.

— Querida, o que há de errado? Você está me assustando.

A Atriz Loira havia sonhado com pítons de chumbo que, estremecendo, ganhavam vida logo perto de sua cama. Naqueles quartos suntuosos em uma antiga casa de pedras no reino da umidade eterna. Era verdade, os canos velhos gemiam, torciam-se, cuspiam. Risos de chacota chegavam por meio de tubos como se fossem um alto-falante. O Dramaturgo alternava entre se preocupar, lisonjeiro, impaciente, paciente e suplicante, e à beira de ameaças, e de novo preocupado, ansioso, empático e lisonjeiro, impaciente e paciente e suplicante à beira do desespero.

Norma querida tem um carro esperando por você lá embaixo já tem uma hora por que você não se levanta toma um banho e se veste Você quer que eu ajude você querida por favor acorde

Ela o empurrava, choramingando. As pálpebras fechadas. A voz chegava a ela abafada, como se através de um pano de algodão. Uma voz que ela se lembrava, vagamente, de ter amado uma vez como se, ao ouvir uma gravação antiga, você se lembra de emoções misteriosas que aquela gravação um dia despertou.

Horas depois, à medida que a tarde se dissipava rápido e a voz de pano de algodão ficava mais urgente. *Querida isso é sério você está me assustando a esperança de todos está em você não decepcione as pessoas*

Afogada em um sonho. Ah, a ansiedade havia cessado! A medicação nova mergulhou-se no tutano de seus ossos e rapidamente a manteve presa.

O Dramaturgo estava frenético; o que fazer? O que fazer?

Naquele lugar inospitaleiro frio tão longe de casa. Naquela casa de pedra velha emprestada em que o encanamento rangia e as janelas com uma única vidraça só transbordavam uma névoa perpétua.

Os sintomas inconfundíveis: olhos vidrados injetados de sangue. Se ele levantasse uma das pálpebras com o dedão, ela não via. Seu dedão afundava na carne inchada, que demorava a engolir a marca. *Como a carne dos mortos.*

Quando ela de fato conseguiu se levantar, moveu-se de forma esquisita e parecia incerta do próprio equilíbrio. Ela suave, apesar de tremer. E o hálito parecia moedas de cobre seguradas na mão.

Por que ele estava pensando, em pânico, na morte de Bovary? A terrível agonia prolongada. A língua saliente, a linda mulher de tez pálida contorcida na morte. O líquido negro correndo da boca de Bovary quando ela morreu.

O Dramaturgo se envergonhava de si mesmo por pensar em coisas assim.

“Por que eu me casei com ela! Por que eu imaginei que seria forte o suficiente!”

O Dramaturgo se envergonhava de si mesmo por pensar em coisas assim.

“Eu amo tanto esta mulher. Preciso ajudá-la.”

Com vergonha de si mesmo, vasculhando os compartimentos de seda das malas em busca dos comprimidos.

Aqueles, os comprimidos “de reserva”. O esconderijo de que ele não deveria saber, em que ela havia traficado em segredo para a Inglaterra.

Ela o chutou, furiosa e chorando. Por que ele não a deixou em paz, pelo amor de Deus?

Deixe-me morrer! É o que vocês todos querem, não é?

Você transformou problemas pequenos num teste à minha lealdade. Nosso amor.

*Problemas pequenos! Você não me defendeu contra aquele canalha.
Nem sempre estava claro quem estava errado.
Ele detestava Marilyn!
Não. Era você quem detestava Marilyn.*

Exceto se Papai pudesse deixá-la grávida, ela amaria Papai de novo.

Como desejava um bebê! Em seu melhor sonho, o travesseiro amassado era um bebê, macio e fofinho. Os seios inchados e doendo com leite. Lá estava Bebê logo depois do círculo de luz. Lá estava Bebê com olhos brilhantes. Lá estava Bebê sorrindo em reconhecimento da mãe. Lá estava Bebê, precisado de seu amor, e apenas seu amor.

Ela cometera um erro, anos antes. Ela perdeu Bebê.

Ela havia perdido a pequena Irina também. Não havia salvado Irina de sua Mãe Morte.

Nada disso ela poderia explicar ao seu marido, ou para homem algum.

Quantas vezes se aninhando nos braços do marido, tirando seus óculos (como em uma cena de filme em que ele fosse Cary Grant) para beijar e afagar com audácia tímida de garota sua calça para deixá-lo duro como nenhuma garota o havia deixado (será que era possível?) tão especificamente. *Ah, Pa-pai! Ah, meu Deus.*

Sim, ela o perdoaria se ele a engravidasse. Ela havia se casado com ele para engravidar e ter seu filho, um filho do Dramaturgo americano que ela reverenciava. (Suas peças publicadas em prateleiras de lojas. Até em Londres! Ela o amava tanto. Tinha tanto orgulho dele. Olhos arregalados, perguntando qual era a sensação de ver o próprio nome na contracapa de um livro. Espiar uma estante em uma livraria e ver o próprio nome em uma lombada, sem estar esperando por isso; qual é a sensação? *Sei que eu ficaria tão orgulhosa, nunca mais me sentiria infeliz ou indigna em toda a minha vida.*)

Sim, ela o perdoaria. Por ficar do lado do britânico O, que a odiava, e de toda a maldita companhia de atores britânicos que a olhavam de cima.

Mas ele continuou a implorar. Argumentar. Como se fosse questão de lógica.

*Querida você está com febre
chamar um médico*

você não comeu

Querida vou

Então ela voltou para o estúdio de gravação. Isso era

trabalho para ela agora, era dever e obrigação e expiação. Silêncio na sua entrada! — como se na rebarba, ou então na expectativa, de um cataclisma. Em algum lugar nos fundos do estúdio, alguém aplaudiu grosseiramente, com ironia. E quanto tempo, quanto tempo doloroso para convocar a maravilhosa Marilyn do espelho do camarim, não uma, mas duas horas, Whitey e suas mãos habilidosas de padre realizando, enfim, a mágica.

Francamente, nos surpreendeu. Essa pessoa fraca, hesitante. Nós todos éramos tão fortes, e exceto pela aparência, ela não tinha nada. Então, nos materiais brutos das gravações, no filme terminado, nós víamos uma pessoa completamente diferente. A pele de Marilyn, os olhos, cabelo, expressões faciais, o corpo que estava tão vivo... Ela havia transformado a Dançarina de Cabaré em uma pessoa verdadeiramente real, sobre a qual o roteiro dava tão pouco. Ela era a única de nós que tivera qualquer experiência fazendo filmes, todos nós éramos fraudes ao lado dela. Nós éramos manequins de costureira pronunciando falas vazias em inglês perfeitamente enunciado. Ah, sim, com certeza nós odiávamos Monroe na época em que a conhecemos, mas, depois, vendo o filme, nós a adoramos. Até O, ele teve que admitir que a julgara muito mal. Ela praticamente o erradicou, em todas as cenas que dividiam! Monroe salvou aquele filme ridículo quando acreditávamos que seria justamente a responsável por seu fracasso; não é irônico? Não é estranho?

Uma vez mais, aquele maldito interior de sala de estar. Ah, era o inferno para ela, aquele cenário. O Príncipe e a Dançarina de Cabaré ficam juntos enfim, sozinhos, e o Príncipe espera seduzir a Dançarina de Cabaré, mas ela está evitando a sedução e há a maldita escadaria em caracol para ser subida, descida, subida e de novo descida, no vestido de cetim decotado apertado na cintura que a Dançarina de Cabaré precisava usar por inúmeras cenas daquele conto de fadas lento que ela já abominava. A Dançarina de Cabaré era a Plebeia Esfarrapada. A Dançarina de Cabaré era o Corpo Feminino. O pior de tudo, a Dançarina de Cabaré não poderia dançar! Por quê? — não estava no roteiro. Por quê? — não estava na peça original. Por quê? — é muito tarde agora, custaria demais. Por quê? — você demoraria uma

eternidade para fazer estas cenas, Marilyn. Por quê? — só decore suas falas, Marilyn. Por quê? — porque nós detestamos você. Por quê? — porque nós queremos seus dólares.

Naquele Reino dos Mortos em que um feitiço fora colocado nela.

Sinto saudades de casa! Quero ir para casa.

De súbito, na escadaria, a Dançarina de Cabaré caiu, com força. O salto prendeu na barra do vestido. Ela grunhiu ao cair. Havia tomado diversas Benzedrinas para rebater o Nembutal e o meprobamato, e bebera gim em seu chá quente, e o Dramaturgo não sabia (segundo ele afirmaria mais tarde), e ela caiu na escada caracol, e houve gritos no cenário, e os jovens câmeras correram para ajudá-la. O Dramaturgo, que estava assistindo com ansiedade a uma distância pequena, foi na mesma hora ajudar em um tormento de amor ajoelhando-se ao lado dela.

Seu pulso! Não havia pulsação.

Uns poucos metros dali, estava o Príncipe caracterizado, encarando pelo monóculo.

— São as drogas. Façam uma lavagem estomacal.

Nunca o perdoariam.

O Reino à beira-mar

1.

Era uma ilha encantada a que ele a trouxera, Galapagos Cove, na costa do Maine a sessenta quilômetros ao norte de Brunswick.

Apesar de estarem casados fazia mais de um ano e haverem morado em muitos lugares, ela ainda era sua jovem noiva. Ainda a ser completamente conquistada.

Ele amava isso nela, aquele forte ar de descoberta, surpresa, deleite. Ele não temia seus temperamentos, ele havia se formado o mestre de seus temperamentos.

Vendo a casa que ele alugou para o verão, e a vista do oceano além, ela se empolgara feito criança.

— Ah! Isso é tão lindo. Ah, Papai, não quero ir embora nunca mais.

Havia um estranho tom infantil em sua súplica. Ela o abraçou e o beijou, com força. Ele sentiu a vida quente e desejosa nela, como anos antes havia sentido a vida quente e desejosa de seus filhos quando os abraçava. Às vezes, o amor vinha tão forte, e o senso de responsabilidade, que ele ficava fisicamente abalado. Sua própria identidade lhe parecia obliterada.

Ele ficava em pé, alto e sorrindo com orgulho para a costa rochosa sob a falésia e para as vastas águas abertas do Atlântico, como se fosse o dono. Aquele era seu presente para sua esposa. E foi recebido como um presente, adorado como uma oferenda de amor a ela. O vento deixava as ondas turbulentas naquela tarde. A luz refletia na água como metal. Cinza-ardósia, azul-nublado, um verde-escuro e amargo, algas e espuma sempre mudando

de lugar. O ar era fresco e salgado e úmido com respingos trazidos pelo vento, como ele se lembrava, e o céu estava de um azul-claro desbotado como uma aquarela crivada de nuvens vaporosas correndo rápido. Sim, era lindo; era dele para outorgar; seu coração expandia com felicidade e expectativa.

Eles ficaram em pé tremendo com o vento do oceano no começo de junho. Braços apertados um ao redor do outro. Acima, gaivotas davam voltas batendo asas e soltando gritos estridentes como se furiosas pela violação de seu território.

As gaivotas-de-bico-riscado de Galapagos Cove, como pensamentos antigos.

— Ah, eu *amo* você.

Ela falou essas palavras com tamanha ferocidade, sorrindo para cima para ele, seu marido, que você acreditaria que ela nunca havia dito essas palavras antes.

— Nós amamos você.

Pegando a mão dele e pressionando-a em sua barriga.

Uma barriga redonda e quente; ela andara ganhando peso.

Bebê tinha dois meses e seis dias no útero.

2.

Ele a acariciou e a beijou e pressionou a bochecha contra sua barriga nua, na cama. Maravilhado com a pele clara esticada apertada como se a vácuo naquele comecinho da gravidez. Como ela estava saudável, transbordando vida! Ela queria nutrir Bebê no útero, ela seguia uma dieta restrita. Não tomava mais comprimidos, exceto vitaminas. Havia se aposentado de sua carreira *no mundo* (como ela se referia, não com desdém ou arrependimento ou raiva, mas prosaicamente como uma freira falaria de seu passado, agora repudiando a vida secular *no mundo*) para cultivar uma vida verdadeira no casamento e na maternidade. Ele a beijou, fingiu ouvir Bebê, um espectro de batimentos cardíacos. Não? Sim? Passando a mão na barriga, tocando de leve a cicatriz em zíper de uma apendicectomia que fizera anos antes. *E quantos abortos ela tivera. Os boatos sobre ela! Os quais eu me negava a ouvir, mesmo antes de me apaixonar por ela. Eu juro.* Sua necessidade de protegê-la era uma necessidade de protegê-la até da própria lembrança de um passado

confuso e descuidado e promíscuo, ainda que inocente como o passado de uma criança perdida.

Perdendo-se em um transe de maravilhamento com a beleza do seu corpo. Aquela mulher, a esposa dele. Dele!

Sua primorosa pele macia, o invólucro vivo da sua beleza.

Como o oceano, essa beleza mudava constantemente. Como se com a luz, com as gradações de luz. Ou com a força gravitacional da lua. Sua alma, misteriosa e temível, era uma esfera em equilíbrio precário sobre um jato contínuo de água: trêmula, sempre em mudança, agora subindo, agora descendo, agora subindo de novo... Na Inglaterra, ela quis morrer. Se ele não tivesse chamado um médico, mais do que uma vez... Na época de seu colapso, depois do término do filme, ela ficara abatida, devastada, aparentando sua idade e até mais; porém, de volta aos Estados Unidos, em semanas, recuperou-se completamente. Agora, grávida de dois meses, ele nunca a tinha visto tão saudável. Até suas ondas crescentes de náusea pareciam animá-la. Como estava normal! E que bom era ser normal! Agora havia simplicidade e franqueza nela que ele só tinha visto quando ela leu o papel de Magda em sua peça.

Longe da cidade. Longe das expectativas alheias. Os olhos eternos dos outros. Grávida de seu filho.

Eu fiz isso por ela. Eu a trouxe de volta à vida. Se eu puder estar à altura disso agora...

Seria pai de novo, depois de tanto tempo. Com quase cinquenta anos.

3.

O Dramaturgo fora muito a Galapagos Cove no verão, com outra mulher. Uma esposa anterior. Quando mais jovem. Ele franziu a testa, lembrando-se. Mas lembrando-se do quê? Não era exatamente lembrança. Como revirar jornais antigos amarelados, rascunhos de peças que havia escrito rápido, em um fervor de inspiração, e então deixar de lado; esquecer. Você não consegue acreditar, no fervor de tal inspiração, que algum dia não vai sentir aquilo, muito menos que vai esquecer. Ele suspirou, inquieto. Estremeceu no úmido ar oceânico. Não, ele estava feliz. Sua nova esposa jovem estava descendo para a costa pedregosa, ágil e só um pouco irresponsável, como uma criança geniosa. Ele nunca esteve tão feliz, tinha certeza.

Os gritos das gaivotas. O que havia revirado esses pensamentos indesejados?

4.

— Papai, vamos *lá*!

Ela descia a inclinação do penhasco entre pedras musgosas escorregadias e detritos do oceano. Empolgada como uma garotinha. A praia tinha mais pedras do que areia. Ondas espumosas rachavam aos seus pés. Ela parecia não ligar de molhar os pés. As barras das calças cáqui molhadas e sujas com lama. O cabelo pálido balançava ao vento. Lágrimas brilhavam nas bochechas, os olhos sensíveis enchiam de água com facilidade.

— Papai? Ei. — As ondas eram tão barulhentas que as palavras estavam quase inaudíveis.

Ele não gostou de vê-la descendo, mas era inteligente o suficiente para saber que não deveria alertá-la. Era inteligente o suficiente para não reestabelecer a ligação insalubre entre eles, o comportamento autoflagelante e cheio de vontades da esposa e as reprimendas, ameaças, desespero; tudo paternal, tudo dele.

Nunca mais! O Dramaturgo era inteligente demais para isso.

Ele riu e desceu atrás dela. As pedras molhadas e escorregadias eram traiçoeiras. Respingos bateram no rosto, cobrindo os óculos com umidade. A escarpa era uma descida de cerca de quatro metros, não muito, mas difícil de conseguir sem escorregar. Ele se surpreendeu por ela ter descido com tanta facilidade, flexível como um macaco. Ele pensou: *Eu não a conheço, ou conheço?* Era um pensamento que surgiu a ele rápido e espontâneo uma dúzia de vezes, e à noite, quando ele acordava por acidente e a ouvia gemendo baixinho ao seu lado, choramingando ou até rindo enquanto dormia. Seus joelhos estavam travados e ele quase torceu o pulso, mas sempre se recuperava quando perdia equilíbrio. Ele arfava, o coração batendo forte, e ainda assim sorria com alegria. Ele também era ágil para um homem daquela idade.

Em Galapagos Cove, eles passariam por pai e filha, até que as identidades fossem reveladas.

No Whaler's Inn, uma pousada um pouco mais ao norte pela costa onde ele a levaria para jantar naquela noite. De mãos dadas à luz de velas. Uma

bela moça loira com traços delicados, em um vestido de verão branco; um homem mais velho, alto, de ombros caídos, educado, fala suave, com bochechas sulcadas. *Aquele casal. A mulher não me é estranha...*

Ele saltou para chegar ao lado dela, os calcanhares afundando na areia pedregosa. O barulho do mar era ensurdecedor. Ela passou os braços ao redor da cintura dele, com força; tocando sua pele, subindo por dentro do suéter e camisa. Os dois usavam suéteres de malha azul-marinho, que ela havia encomendado de um catálogo da L.L. Bean. Arfavam e riam com uma espécie curiosa de alívio, como se cada um houvesse escapado por um triz de se machucar: mas já nem lembrassem o que quase tinham machucado. Ela ficou na ponta dos dedos e o beijou na boca com força.

— Ah, Papai! Obrigada! Hoje é o dia mais feliz de minha vida.

E, sem dúvidas, estava sendo sincera.

5.

Era conhecida no local como a Casa do Capitão, às vezes a Casa Yeager, construída em 1790 para um capitão marítimo em uma falésia sobre o oceano. Uma alta e frágil cerca viva de lilases a separava do trânsito, pesado no verão, da Rota 130.

A Casa do Capitão era uma casa estilo *saltbox* da Nova Inglaterra, de madeira e pedras desgastadas, com telhado pontudo e janelas estreitas com mainéis e quartos estranhamente estreitos, baixos e retangulares; os quartos do andar de cima eram pequenos e arejados; havia lareiras de pedra grandes o suficiente para entrar de corpo inteiro com pisos velhos de tijolos; tabuões nus de madeira cobertos com tapetes trançados, carinhosamente velhos e deteriorados como se testamentos do tempo. Os rodapés e os corrimãos das escadarias eram feitos à mão. A mobília era em sua maioria velha, estilo Nova Inglaterra do século XVIII, cadeiras e mesas e estantes feitas artesanalmente, superfícies, linhas retas discretas, um ar de prudência e restrição puritana. Nos quartos do primeiro andar, havia pinturas de cenas marítimas e retratos de homens e mulheres representados de forma tão estranha que só podiam ser “arte popular” autêntica; havia colchas costuradas à mão e almofadas bordadas. Havia inúmeros relógios antigos: relógios de pêndulos, relógios de barcos, relógios cucos, relógios em caixas de música, relógios com acabamento em porcelana e verniz preto que ficou

opaco com o tempo. (“Ah, olhe! Todos eles pararam em horários diferentes”, disse Norma.) As tomadas da cozinha e dos banheiros eram razoavelmente modernas, pois a propriedade havia sido reformada muitas vezes, por um custo considerável, mas a Casa do Capitão tinha odor de idade, devastações e sabedoria do Tempo.

Em especial, o porão baixo, sem janelas e com piso sujo. Era preciso descer em degraus de madeira que oscilavam com o peso, apontando uma lanterna na escuridão cheia de teias de aranha. Havia uma fornalha a óleo lá, por sorte, não usada em meses de verão. Um odor poderoso de algo doce e úmido, como o de maçãs podres.

Mas por que descer para o porão? Eles não desceriam. Ficaram sentados por um tempo na varanda telada com vista, a uma pequena distância, para o oceano; eles beberam limonada e ficaram de mãos dadas e falaram dos meses que seguiam. A casa estava muito silenciosa: o telefone ainda não estava conectado, e eles fantasiaram com não ter um telefone:

— Afinal, para quê? Para os outros, que querem *nos* ligar.

Mas eles teriam telefone, é claro. Não poderiam evitar o telefone: o Dramaturgo era profunda e apaixonadamente comprometido com a carreira. A seguir, foram para o segundo andar e desfizeram as malas no quarto maior e mais arejado, com lareira e piso de lajotas e papel de parede com aspecto de novo e vista para o oceano sobre a copa de zimbros. A cama deles era com dossel e uma cabeceira de amendoeira entalhada. No espelho oval de uma penteadeira, seus rostos sorridentes. A testa, as bochechas e o nariz dele estavam queimados de sol; o rosto dela estava pálido pois ela havia protegido a pele sensível do sol com um chapéu de vime de abas largas. Ela passou creme de aloe vera na pele ardida dele com gentileza. E seus braços estavam queimados também? Ela esfregou creme nos antebraços e beijou as costas de suas mãos. Apontou para seus rostos no espelho oval e riu:

— Eles são um casal feliz. Sabe por quê? Eles têm um segredo. — Ela se referia a Bebê.

Na verdade, Bebê não era totalmente um segredo. O Dramaturgo havia contado aos seus pais idosos e a diversos de seus amigos mais antigos de Manhattan. Ele havia tentado afastar um ar de orgulho da voz; e mais ainda um ar de preocupação e vergonha. Ele sabia o que as pessoas diriam, até as

peessoas que gostavam dele e o queriam bem em seu casamento novo. *Um bebê! A essa idade. Eis aí um homem à frente. Um homem com uma esposa maravilhosa jovem.* Norma não havia contado a ninguém ainda. Como se as notícias fossem preciosas demais para compartilhar. Ou ela era supersticiosa. (“Bate na madeira!”, dizia sempre, com uma risada nervosa.)

Norma ligaria para a mãe em Los Angeles em algum momento em breve, dizia ela. E talvez Gladys pudesse visitá-la, mais tarde na gravidez. Ou quando Bebê nascesse.

O Dramaturgo ainda tinha que conhecer a sogra. Ficava constrangido, imaginando uma mulher não muito mais velha que ele.

Ficaram deitados por um tempo no fim da tarde, totalmente vestidos à exceção dos sapatos, na cama de dossel; tinha um colchão de crina de cavalo, comicamente duro e inflexível. Ficaram deitados, ele com o braço esquerdo por baixo dos ombros dela, e a cabeça dela no ombro dele, a posição favorita dos dois. Com frequência, deitavam assim quando Norma se sentia fraca, ou solitária, ou precisando de afeto. Às vezes, caíam no sono; às vezes, faziam amor; às vezes, caíam no sono e depois faziam amor. Naquele momento, eles ficaram deitados acordados ouvindo o silêncio da casa, que lhes pareceu um silêncio com camadas, complexo e misterioso; um silêncio que começava no porão sem janelas cheio de sujeira que cheirava a maçãs podres e subia, pelas tábuas do assoalho, pelos vários quartos da casa, para o sótão parcialmente terminado acima deles, com uma insolação surpreendentemente prateada e metálica como embrulho de presente de Natal. O Dramaturgo previa, conforme o Tempo se erguia da terra, ele se tornava mais arejado, menos condenador.

A Casa do Capitão era deles até o feriado do Dia do Trabalho. Além do silêncio misterioso, havia o pulsar rítmico das ondas, como um batimento cardíaco gigantesco. De tempos em tempos, do outro lado da casa, trânsito na rodovia.

Ele pensou que ela havia pegado no sono, mas sua voz estava completamente desperta e empolgada.

— Quer saber, Papai? Quero que Bebê nasça aqui. Nesta casa.

Ele sorriu. O bebê não deveria nascer até meados de dezembro, quando estariam de volta a Manhattan no apartamento alugado de arenito vermelho na 12^a Avenida. Mas ele não iria contradizê-la.

Ela disse, como se ele tivesse respondido:

— Eu não teria medo. Dor física não me assusta. Às vezes, acho, não é nem real, é o que nós esperamos que seja, nós nos contraímos e nos assustamos. Nós poderíamos arrumar uma parteira para mim. Poderíamos mesmo.

— Uma parteira?

— Eu odeio hospitais. Não quero morrer em um hospital, Papai!

Ele virou a cabeça para olhar para ela com tanto estranhamento. O que ela disse?

6.

Sim, mas você matou Bebê.

Ela não matou! Ela não teve a intenção.

Sim, você teve a intenção de matar Bebê. Foi sua decisão.

Não o mesmo bebê. Não este bebê...

Fui eu, é claro. Sou sempre eu.

Ela sabia que deveria evitar o porão de piso sujo que cheirava a maçãs podres. Bebê já estava lá, esperando por ela.

7.

Como ela estava feliz! Como estava saudável. O humor do Dramaturgo melhorou na Casa do Capitão. Naquela casa de veraneio à beira-mar. Ele estava mais apaixonado do que nunca pela esposa. E muito grato.

— Ela é maravilhosa. A gravidez lhe faz bem. Até os enjoos matinais, ela fica animada com eles. Ela diz: “É assim que deve ser, eu acho!”.

Ele ria. Ele adorava tanto sua esposa que tinha uma tendência a imitar sua voz cadenciada, lírica, baixa. Ele era o Dramaturgo: as distinções sutis e não tão sutis entre vozes o fascinavam.

— Exceto, se eu tenho um arrependimento... o tempo passa tão rápido.

Ele falava ao telefone. Em outro quarto da casa espaçosa, ou no quintal de jardim com plantas grandes demais; ela cantava para si mesma, completamente preocupada, e nunca teria ouvido.

Ele mesmo andava preocupado, é claro. Se não preocupado, “inquieto”.

Suas emoções, seus temperamentos. Sua fragilidade. O medo de que rissem dela. O medo de que a “espiassem” — fotografada sem que soubesse

ou consentisse. Havia sido um pesadelo para ele, seu comportamento na Inglaterra. O comportamento para o qual ele estava tão despreparado quanto um desbravador do Antártico equipado para uma caminhada de verão no Central Park. As únicas mulheres que conheceu com intimidade eram a mãe, a ex-mulher, a filha adulta. Todas eram dadas a explosões emocionais, é claro, e ainda assim todas se portavam dentro do entendimento do que poderia ser chamado de jogar limpo, ou sanidade. Norma era diferente delas a ponto de parecer pertencer a outra espécie. Ela se lançava contra ele cegamente, mas capaz de machucar.

Me deixem morrer! É o que vocês todos querem, não é?

O Dramaturgo pensaria como, em uma peça, uma acusação dessas teria ecoado como verdade. Mesmo se a acusação fosse vigorosamente negada, a plateia entenderia. *Sim, queremos.*

No entanto, à vida real, as estratégias do teatro não se aplicavam. Nos arroubos de emoções, coisas horríveis que não eram verdade e não tinham intenção de ser verdade foram ditas. Eram apenas expressões de dor, raiva, confusão, medo; emoções fugazes, verdades pouco obstinadas. Ele se feriu profundamente e precisou se preocupar: será que Norma acreditava de fato que os outros teriam gostado se ela morresse? Ela acreditava que ele, seu marido, teria gostado que ela morresse? Ela queria acreditar nisso? Era algo que o adoecia só de pensar que a esposa, a qual ele amava mais do que a própria vida, acreditaria, ou queria acreditar, em tal coisa sobre ele.

Ainda que ali em Galapagos Cove, longe da Inglaterra, aquelas lembranças feias não se intrometessem. Era raro que falassem da carreira de Norma. De “Marilyn”. Ela era Norma ali, e seria conhecida localmente por esse nome. Ela estava feliz e com a saúde nas melhores condições que ele já tinha visto; ele não queria arriscar chateá-la falando de finanças, de negócios, de Hollywood ou de trabalho. Era impressionante para ele que ela tivesse o poder de fechar tão completamente aquela parte da vida. Ele não acreditava que homem algum na posição dela conseguiria, ou desejaria, fazer o mesmo. Com certeza ele próprio não.

Mas, é claro, a carreira do Dramaturgo não o apavorava. Sua identidade pública era agradável a ele. Tinha orgulho do próprio trabalho e esperança para o futuro. Apesar de toda a sua reserva e ironia, ele reconhecia que era um homem ambicioso. Sorrindo para si mesmo, pensando que, sim, um

pouco mais de reconhecimento e um pouco mais de renda não seriam nada mau.

Com uma peça na Broadway e algumas produções regionais de peças anteriores por todo o país, ele havia ganhado menos de quarenta mil no ano anterior. Sem descontar os impostos.

Ele havia se recusado a responder as perguntas do Comitê de Atividades Antiamericanas. Havia se negado a permitir que “Marilyn Monroe” fosse fotografada com o presidente do comitê. (Apesar de lhe haverem dito que o comitê “pegaria leve” com ele se a sessão pudesse ser arranjada. Que chantagem!) Ele foi acusado de desacatado ao Congresso e sentenciado a um ano na prisão e multado em mil dólares e os advogados que estavam recorrendo diziam que aquilo seria revertido; ainda assim, no meio-tempo ele tinha que pagar inúmeros honorários. Não era por acaso que o governo estivesse auditando sua renda, que tivesse sido pego na malha fina. E ele tinha pagamentos de pensão para fazer a Esther, queria ser um ex-marido decente e generoso. Mesmo com a renda de “Marilyn Monroe”, eles não tinham muito dinheiro. Havia custos médicos, e com a gravidez de Norma e o nascimento iminente do bebê, haveria mais.

— Bem, é um tema de minhas peças, não é? “Para a humanidade, a economia é o destino.”

Norma parecia haver verdadeiramente repudiado a própria carreira. Ela poderia ter talento para atuar, mas não tinha, dizia, o temperamento ou o emocional. Depois de *O príncipe encantado*, ela se recusou a sequer pensar em fazer outro filme. Havia escapado com vida; mas por um triz.

E então ela tornava o pesadelo da Inglaterra uma piada. Com malícia e eclipse e sem parecer saber, ou demonstrar que sabia, a gravidade do que havia acontecido de fato. *Uma lavagem estomacal. Uma dose letal de drogas na corrente sanguínea. O médico britânico indagando se a esposa era conscientemente suicida.* Não, Norma não sabia. E ele não tinha encontrado um jeito, muito menos a coragem, de contar a ela.

Morria de medo de estragar a recuperação. Sua felicidade nova.

Quando ela descobriu que estava grávida, voltou do consultório do médico para encontrar seu marido (no seu escritório em casa, onde trabalhava na maior parte dos dias) e sussurrou as novidades em seu ouvido:

— Papai, aconteceu. Aconteceu comigo enfim. *Eu vou ter um filho.* — Ela o abraçou, chorando. Com alegria, alívio.

Ele ficou atônito, ainda que feliz por ela. Sim, é claro que ele estava feliz por ela. Um bebê! Um terceiro filho seu, nascido em seu quinquagésimo ano; em uma fase da carreira em que se sentia travado, sem inspiração... Mas, sim, é claro que estava feliz. Ele nunca permitiria que sua esposa suspeitasse que ele não estava tão feliz quanto ela. Pois Norma havia tentado tanto engravidar. Ela não falara de muitas outras coisas; ela encarava bebês e crianças na rua como se estivesse em transe; ele quase havia começado a sentir pena dela e se apavorar com o seu sexo frenético. No entanto, tudo havia se saído bem, não? Como uma peça da vida doméstica bem-costurada.

Os dois primeiros atos, ao menos.

Como esposa e futura mãe, Norma havia encontrado seu melhor papel. Não era um papel de mulher glamourosa como Marilyn Monroe. No entanto, era o que para ela, fisicamente, parecia destinado. Ela andava pela casa se gabando de que os seios estavam inchando cada vez mais, endurecendo. Estava orgulhosa da barriga crescendo “como um melão”. Desde que chegaram ao Maine, ela ria espontaneamente por motivo algum além de sua felicidade. Ela preparava a maioria de suas refeições em casa. Trazia café recém-moído e uma única flor em um vaso ao Dramaturgo no fim da manhã para o quarto onde ele trabalhava no andar de cima da Casa do Capitão com vista para o oceano. Ela era graciosa, e estranhamente tímida, com os amigos dele quando vinham visitar; ela ouvia com atenção quando mulheres falavam de suas experiências com gravidez e parto, assunto que se alegravam em falar por horas; o Dramaturgo ouviu a esposa contar a uma dessas mulheres que a sua própria mãe lhe dissera que amou ficar grávida, e que era o único momento em que uma mulher verdadeiramente se sente confortável no próprio corpo, e no mundo.

— Isso é verdade?

O Dramaturgo não ficou para ouvir a resposta; ele se perguntou o que uma revelação como aquela significava, para um homem. *Nós nunca estamos confortáveis em nosso corpo? No mundo? Exceto no ato de relação sexual, transmitindo nossa semente para a mulher?*

Era uma identidade sombria, truncada! Ele não acreditava nem um pouco naqueles misticismos sensacionalistas sobre sexo.

Norma era a mãe mais devotada a um bebê que ainda não tinha nascido. Não permitia que ninguém fumasse perto dela. Estava sempre saltando para abrir janelas ou fechá-las contra correntes de ar. Ela ria de si mesma, mas não conseguia evitar.

— Bebê me informa tudo que quer. Norma é apenas o veículo.

Será que ela acreditava nisso? Às vezes, lutando contra a náusea, ela comia seis ou sete vezes por dia, refeições pequenas, mas saudáveis. Mastigava a comida com cuidado até que se tornasse uma polpa. Bebia uma boa quantidade de leite que, segundo contou, sempre odiara. Adquiriu um gosto por mingau de aveia com açúcar mascavo, pão integral com grãos grossos, bifes muito malpassados, ovos crus, cenouras cruas, ostras cruas e melões devorados praticamente até as cascas duras. Ela engolia purê de batatas com blocos gelados de manteiga sem sal direto da tigela, com uma colher grande. Limpava o prato nas refeições e com frequência o dele.

— Eu sou a sua boa menina, Papai? — perguntava ela, com ansiedade.

Ele ria e a beijava. Lembrando-se com uma pontada de prazer de que anos antes ele havia beijado sua jovem filha para premiá-la por conquistas como pratos limpos.

Quando sua filha tinha dois ou três anos.

— Você é minha boa menina, querida. Meu único amor.

Já não gostou tanto, apesar de manter sua opinião totalmente para si, que Norma tivesse comprado em uma livraria de referência em Ciência Cristã, na parte baixa da Quinta Avenida em Manhattan, uma pilha imensa de materiais, inclusive livros de Mary Baker Eddy e um periódico chamado *The Sentinel*, com testemunhos de experiências de oração e cura. Como um racionalista, um liberal e um judeu agnóstico, o Dramaturgo sentia apenas desprezo por uma “religião” dessas e só poderia esperar que Norma não olhasse aquilo com muita seriedade, da mesma forma que ela passava os olhos pelo dicionário, por enciclopédias, por livros usados, até por roupas e catálogos de sementes como se buscasse... o quê? Alguma sabedoria perdida para ser colocada em uso para o bem-estar de Bebê? Ele se sentiu particularmente comovido com longas listas de palavras que com frequência ele encontrava pela casa em lugares estranhos como o banheiro, na borda rachada de porcelana da velha banheira, ou sobre a geladeira, ou no primeiro degrau do porão, palavras absurdas e até arcaicas, bem-escritas,

com caligrafia de colegial: *obcordado*, *obdurado*, *obélio*, *obelisco*, *obeliscolícnio*. (“Eu não terminei o ensino médio como você e seus amigos, Papai! Muito menos, a universidade. O que estou fazendo é, acho... Estou estudando para minhas provas finais.”)

Ela escrevia poesia também, aninhada por longas horas sonhadoras no peitoral de uma janela na Casa do Capitão, poesia a qual ele nunca espiaria sem sua permissão.

(Apesar de ele se perguntar o que sua Norma, sua Magda minimamente alfabetizada, poderia estar escrevendo!)

Sua Norma, sua Magda, sua esposa encantadora. O cabelo sintético de Marilyn estava dando espaço às raízes; seu cabelo verdadeiro era um castanho quente cor de mel e ondulado. E aqueles suntuosos seios com mamilos imensos, aumentados para amamentar um bebê. E a febre de seus beijos, e suas mãos em um êxtase de gratidão acariciando-a, o macho, o pai do bebê. Fora e dentro de suas roupas. Correndo as mãos rápido por dentro de sua camisa, descendo pela calça, conforme ela se inclinava nele beijando-o.

— Ah, Papai. *Ah*.

Ela era sua gueixa. (“Eu conheci várias em Tóquio uma vez, essas meninas gueixas. Elas são tão chiques!”)

Ela era a sua *shiksa* (A mera palavra experimental e dissoluta em sua boca, com a pronúncia nunca exatamente pronunciada: “É por isso que você me ama, eu acho? Papai? Porque eu sou sua *shik-sta* loira?”)

Ele, o marido, o macho, era tanto privilegiado quanto sobrecarregado. Abençoado e assustado. Desde o início, o primeiro toque dos dois, o primeiro toque sexual inconfundível, o primeiro beijo real, ele havia sentido que existia um poder superior na mulher buscando fluir para dentro dele. Ela era sua Magda, sua inspiração e ainda assim... muito mais!

Como relâmpago, esse poder. Poderia justificar sua existência como um dramaturgo e como um homem, ou poderia destruí-lo.

Em uma manhã no final de junho, quando já estavam morando na Casa do Capitão por três semanas idílicas, o Dramaturgo desceu as escadas muito mais cedo do que o normal, no nascer do sol, despertado por uma tempestade com trovoadas que passou e agitou a casa. No entanto, em minutos, o pior da tempestade parecia ter acabado; as janelas da casa

iluminadas por uma luz transparente do oceano rapidamente alvorecendo. Norma já havia saído da cama de dossel. Apenas seu perfume permanecia nos lençóis. Um fio ou dois de cabelo, brilhando. A gravidez a deixava tonta em momentos imprevisíveis, ela tirava sonecas como um gato sempre que o sono a tomava; mas sempre acordava ao nascer do sol, ou até antes, quando os primeiros pássaros começavam a cantar, agitada por Bebê em ação.

— Quer saber? Bebê tem fome. Ele quer que a mamãe *coma*.

O Dramaturgo caminhou pelo primeiro piso da casa antiga. Pés descalços nas tábuas de madeira.

— Querida, onde você está?

Um homem da cidade, acostumado ao ar estragado da cidade e os ruídos urbanos da cidade em Manhattan, ele respirava com satisfação e uma espécie de alegria proprietária aquele ar fresco do oceano. Lá, o oceano Atlântico! O oceano *dele*. Ele fora a primeira pessoa (ele acreditava) a levar Norma tão perto do Atlântico; ele com certeza havia sido o primeiro a viajar com ela pelo Atlântico, para a Inglaterra. Ela havia sussurrado para ele tantas vezes em seus abraços mais íntimos, as bochechas úmidas com lágrimas: *Ah, Papai. Antes de você, eu não era ninguém. Eu não tinha nascido!*

Onde estava Norma agora? Ele parou na sala de estar, um longo espaço estreito com um piso incompreensivelmente irregular, para olhar para fora, para o céu se quebrando. Como visões assim deveriam parecer poderosas ao homem primitivo. O céu do nascer do sol, no limiar, na beira do oceano. Um esplendor de luz espetacular. Flamejante, dourado, sombras do céu noroeste para dentro do escuro contundente de nuvens negras com trovoadas. Mas as nuvens e os trovões se afastavam com o vento. O Dramaturgo, observando ao longe, perguntou-se se Norma também havia sido atraída para aquela imagem? Ele sentiu um turbilhão de orgulho, de, enquanto marido, poder oferecer tais presentes. Ela parecia não ter ideias próprias de destinos de viagem. Não havia céu matinal assim em Manhattan. Céu matinal assim em Rahway, Nova Jersey, nem na inocência de sua infância. Pelas vidraças com gotas de chuva, a luz do alvorecer refratava em tufos e frisos de fogo manchado no interior com papel de parede na sala de estar. Como se a luz fosse vida, vivendo. O único relógio de pêndulo de mogno entalhado que Norma conseguiu trazer de volta à vida tiquetaqueava

com calma, seu pêndulo dourado de brilho opaco mantendo um ritmo sem pressa. A Casa do Capitão era um navio acolhedor flutuando em um oceano gramado verde, e o Dramaturgo, o homem da cidade, era ele próprio o Capitão. *Levando minha família a um porto seguro. Enfim!* O Dramaturgo na inocência da vaidade masculina. Na cegueira da esperança. Sentindo naquele instante como se houvesse penetrado as camadas opacas do Tempo para efetuar uma comunhão com gerações de homens que haviam vivido naquela casa ao longo das décadas e dos maridos e pais como ele próprio.

— Norma, querida? Onde você está?

Uma ideia vaga de que ela poderia estar na cozinha, ele imaginou ouvir um abrir e fechar da porta da geladeira, mas não. Será que estava fora? Ele foi para a varanda telada onde o piso, um tipo de bambu trançado, estava úmido; gotas de água brilhavam como joias na mobília verde da varanda redonda. Ele não via Norma em lugar algum no quintal e se perguntou se ela havia ido à praia pedregosa. Tão cedo? Naquele frio e naquele vento? No céu ao norte, as nuvens tempestuosas e elétricas haviam se afastado. A maior parte do céu estava agora em uma mescla de dourado com bronze brilhante, com linhas finas de laranja flamejante. Ora, ele era um “homem das letras” — por que não um artista, um pintor? Um fotógrafo? Um que homenageia a beleza do mundo natural, não que revira a tolice e fragilidade humana. Como um liberal, alguém que acredita na humanidade, por que estava sempre expondo os fracassos da humanidade, culpando governos e “capitalismo” pelo mal na alma do homem? Mas não havia mal na natureza, e feiura alguma. *Norma é natureza. Nela, não pode haver feiura má.*

— Norma? Venha olhar. O céu...! — Ele voltou à cozinha escurecida. Passou pela cozinha e pela lavanderia indo na direção da garagem, mas antes de chegar lá, a porta do porão, escancarada; e uma figura feminina de branco, quase lá dentro, alcançando sua escuridão, sentada ou agachada no primeiro degrau. A luz do porão, operada por um interruptor, era muito fraca; era preciso uma lanterna para ir até lá. Mas Norma não tinha lanterna e evidentemente não pretendia descer. Ela estava falando com alguém? Falando sozinha? Ela estava usando apenas sua camisola diáfana branca com ilhós, e o cabelo, escuro nas raízes, estava bagunçado. Ele estava prestes a chamá-la de novo quando hesitou, não querendo assustá-la, e naquele instante ela se virou, seus olhos azuis-celestes arregalados em especial

porque as pupilas estavam dilatadas, sem enxergar. Ele viu que ela segurava um prato com ambas as mãos, e ali havia um naco de hambúrguer cru, pingando sangue; ela estivera comendo aquela carne, como um gato, e lambendo o sangue. Ela o viu, seu marido a encarando. Ela riu.

— Ah, Papai! Você me assustou.

Bebê logo comemoraria três meses no útero.

8.

Ela estava tão empolgada! Os convidados logo chegariam.

Amigos *dele*. Seus amigos intelectuais de Manhattan: escritores e roteiristas, diretores, dramaturgos, poetas, editores. Ela sentia (ah, era tolo, ela imaginava!) que simplesmente estar ao redor de tais pessoas superiores teria que obrigatoriamente surtir algum efeito benéfico no bebê em seu útero. Como o recitar solene de palavras para aumentar o vocabulário que ela pretendia memorizar. Como trechos de Tchekhov, Dostoiévski, Darwin, Freud. (Em um sebo, em Galapagos Cove, na verdade um sótão insanamente bagunçado cheirando a mofo de alguém, ela havia encontrado uma edição brochura de *O mal-estar na civilização*, de Freud, à venda por cinquenta centavos. “Ah, é um milagre. Era justamente o que eu estava procurando.”) Havia nutrição de comida, e nutrição espiritual e intelectual. Sua mãe a havia criado em uma atmosfera de livros, música, pessoas superiores mesmo que fossem empregados do Estúdio em posições relativamente malpagas, pessoas como tia Jess e tio Clive, e seu próprio bebê seria muito mais bem-nutrido, ela garantiria isso.

— Casei-me com um homem genial. Bebê é um herdeiro de gênio. Ele viverá até o século XXI sem memória da guerra.

A Casa do Capitão, dois acres de terra sobre o oceano. Era uma verdadeira casa para lua de mel. Ela sabia que não poderia ser, mas fantasiava com Bebê nascendo na casa, na cama de dossel, vindo à luz (com uma parteira?) e o tanto de dor e sangue que fosse necessário, e Norma não gritaria, nem uma vez. Ela tinha a lembrança desconsolada (contara apenas a Carlo, que pareceu acreditar, dizendo que sim, ele teve uma experiência idêntica) de sua mãe gritando sem parar de agonia do parto, o horror físico daquilo, como pítons enlouquecidas brigando; ela queria poupar Bebê de tal experiência, e uma lembrança cruel que duraria a vida toda.

Convidados chegaram para o fim de semana! Norma Jeane havia se tornado tão caseira, tão empolgada com tarefas domésticas; nunca interpretava esse papel nos filmes, ainda assim era o papel para o qual ela havia nascido. Muito mais dona de casa recepcionando convidados do que a primeira esposa do Dramaturgo (ele lhe contou), e ela gostava disso, ele estava surpreso e impressionado. Casar-se com uma atriz temperamental, que risco! Uma “*pinup*” e “símbolo sexual” loira — que risco! Ela queria fazer seu marido entender que ela não era um risco, e que era profundamente gratificante para ela, ele chegou a entender. Ela sabia como seus amigos o haviam puxado em um canto para exclamar:

— Ora, Marilyn é amável! Marilyn é adorável! E nada parecido com o que se esperaria.

Ela havia até ouvido alguns deles se maravilhando:

— Ora, Marilyn é *inteligente*. E *leu muito*. Eu estava falando com ela justamente sobre...

Agora alguns deles sabiam que deveriam chamá-la de Norma, não Marilyn.

— Ora, Norma leu muito! Ela leu meu último livro, na verdade.

Ela os amava, os amigos do marido. Raramente falava com eles exceto se falassem com ela antes e a tirassem de seu casulo. Nesse caso, falava baixinho, hesitante, incerta de como pronunciar às vezes as palavras mais simples! Tímida e de língua presa com medo do palco.

Talvez estivesse um pouco assustada, e tensa. E Bebê dentro do útero agarrando-a com força. *Você não vai me machucar desta vez, ou vai. Não vai fazer o que fez da última vez?*

Ela estava do lado de fora, no gramado. Pés descalços, em calça de lona não muito limpas e com uma das camisas do marido amarrada com força embaixo dos seios, deixando a barriga à mostra; o chapéu de palha de abas molengas também amarrado, sob o queixo. Tinha aquela sensação fantasmagórica esquisita que significava que (talvez) alguém a observava. Uma imagem aérea, do segundo andar da Casa do Capitão. Do escritório do Dramaturgo, onde ele havia colocado uma escrivaninha perto de uma janela. *Ele me ama. Ele ama! Ele morreria por mim. Ele disse isso*. Ela gostava de ser observada pelo marido, mas não da possibilidade de ser tema de seus escritos, pois pensava: *Sendo um escritor, primeiro você vê, e em seguida*

escreve. Como uma aranha reclusa, picando porque é da sua natureza. Ela estava cortando flores para colocar em vasos. Caminhava com cuidado de pés descalços porque havia coisas imprevisíveis na grama alta: peças de brinquedos infantis, pedaços quebrados de plástico e metal. Os donos da Casa do Capitão eram pessoas boas e gentis, um casal mais velho que morava em Boston e alugava o imóvel, mas os locatários anteriores haviam sido descuidados, até desleixados, talvez houvesse um pouco de malícia naquilo, jogando ossos da varanda telada no gramado em frente, para Norma descalça pisar e sentir dor.

Mas ela amava aquele lugar! A casa desgastada antiga como uma casa de livros de fábulas, tão alta diante dela, com o gramado bastante inclinado. A propriedade que subia o penhasco, e abaixo se estendia à praia pedregosa. Ela amava a paz que havia ali. Dava para ouvir as ondas e o trânsito na rodovia da frente, mas aqueles sons eram abafadores, de uma forma protetora. Não havia silêncio cru. Não havia silêncio ofuscante. Como no hospital quando ela fora despertada naquele Reinado da Morte a milhares de quilômetros de distância. E um médico inglês de jaleco branco, um estranho, olhando-a como se ela fosse carne na chapa. Ele perguntaria na voz mais calma se ela estava ciente do que lhe havia acontecido; se ela se lembrava do número de barbitúricos que havia ingerido; se ela pretendia causar dano grave a si mesma. Ele a chamaria de srta. Monroe. Ele observaria que “apreciava alguns de seus filmes”.

Muda, ela balançou a cabeça. *Não não não.*

Como ela poderia ter desejado morrer! Sem ter tido seu bebê, sem a vida realizada.

Carlo a fez prometer, da última vez que se falaram ao telefone, que ela ligaria para *ele*, assim como ele ligaria para *ela*. Se qualquer um deles estivesse pensando em dar o que Carlo chamava de “o gigantesco passinho de formiga para dentro do Desconhecido”.

Carlo! O único homem que a fazia rir. Desde que Cass e Eddy G. desapareceram de sua vida.

(Não, Carlo não era amante de Norma. Apesar de colunistas de Hollywood os terem conectado e publicado fotos deles juntos, braços dados e sorrindo. “Monroe e Brando: o casal mais fino de Hollywood? Ou só ‘bons amigos’?”

Eles não haviam feito amor na cama de Norma naquela noite, mas a omissão fora apenas técnica, como esquecer de selar um envelope postado.)

Norma tinha uma enxada que estava na garagem e um tesourão de poda muito enferrujado, cheio de teias de aranha que havia encontrado no porão, pendurado em um gancho. Seus convidados não chegariam até o começo da noite. Não era meio-dia ainda, e ela tinha o luxo do tempo. Fizera um voto quando chegaram à Casa do Capitão que manteria o lote bem-capinado, mas diabo! — ervas daninhas crescem *rápido*. Na cabeça dela, ritmicamente conforme trabalhava, um poema cresceu subitamente como uma erva daninha.

ERVAS DANINHAS DA AMÉRICA

Ervas daninhas da América, nós não morremos
Bardanas capim-das-hortas cardos asclépias
Se arrancadas pelas raízes nós não
Se envenenadas nós não
Se amaldiçoadas nós não
Ervas daninhas da América, querem saber?
NÓS SOMOS AMÉRICA

Ela riu. Bebê gostaria do poema. O ritmo simples, bem bobo. Ela criaria uma melodia para ele no piano.

Entre os canteiros de flores grandes demais havia diversas hidrângeas azuis-claras, recém-desabrochadas. A flor favorita de Norma Jeane! Ela se lembrava vividamente, no quintal dos Glazer, hidrângeas desabrochando. Azuis-claras como aquelas, também rosa e brancas. E a sra. Glazer dizendo com aquela curiosa ênfase solene em que nós comumente falamos como se a própria banalidade de nossas palavras fosse uma prova de nossa autenticidade, e um apelo que aquelas palavras durassem além de nossas vidas frágeis e fracassadas.

— Hidrângea é a *flor mais bonita*, Norma Jeane.

9.

Nada é mais dramático que um fantasma.

O Dramaturgo sempre se perguntara o que T.S. Eliot quis dizer. Ele sempre se ressentira da observação, pois suas peças não tinham fantasmas.

Ele observava Norma no jardim do quintal cortando flores com um tesourão de poda. Sua linda esposa grávida. Uma dúzia de vezes por dia ele se perdia na contemplação dela. Lá estava a Norma que falava com ele, e lá estava a Norma a uma distância pequena. A que era um objeto de emoção, a outra um objeto de admiração estética. O que, claro, é um tipo de emoção, não menos intensa. *Minha linda esposa grávida.*

Ela usava seu chapéu de palha de abas largas para proteger do sol a pele sensível, e calça e uma camisa dele, mas estava descalça, do que ele não gostava, e não usava luvas de jardinagem, do que ele não gostava. As mãos macias criariam calos! O Dramaturgo não assistia à Norma deliberadamente. Estivera espiando pela janela, o oceano e o céu cravado de nuvens em diversos níveis de translucidez e opacidade, e ele se sentia deliciosamente empolgado com seu trabalho, cenas soltas e rascunhos para uma peça nova, ou talvez para um roteiro (ele nunca havia tentado um roteiro antes) que um dia poderia ser um “veículo” para a esposa. E ela havia aparecido abaixo, no jardim. Com uma enxada, um tesourão de poda. Ela trabalhava sem jeito, mas com método. Estava absorta por completo no que fazia, como estava absorta por completo em sua gravidez; a certeza de que a felicidade lotava seu corpo como uma poderosa luz interior.

Ele morria de medo de imaginar algo acontecendo com ela, e com o bebê. Ele não aguentaria.

Como ela parecia saudável, como uma mulher de um Renoir no ápice de sua beleza física feminina. Mas, na verdade, ela não era forte: ela tinha com facilidade infecções, doenças respiratórias, enxaquecas cegantes e irritações estomacais. Ansiedade!

— Mas aqui não, Papai. Tenho uma sensação boa em estar *aqui*.

— Sim, querida. Eu também.

Ele a observava, apoiado nos cotovelos. Em um palco, cada um de seus gestos graciosamente desastrados carregariam algum significado; fora do palco, tais gestos passam para o esquecimento total, pois não há plateia.

Quanto tempo Norma aguentaria a categoria de *não atriz*? Ela havia detestado filmes de Hollywood, mas ainda restava o palco, para o qual ela tinha um talento natural; talvez um gênio. (“Não me faça voltar, Papai”,

suplicara, nua em seus braços na cama. “Eu nunca mais quero ser *aquela mulher*.”) O Dramaturgo havia se fascinado por muito tempo com a estranha personalidade volátil do Ator. O que é “atuar” e por que nós respondemos a “grandes atuações” como respondemos? Nós sabemos que um ator está “interpretando” e ainda assim... desejamos esquecer que um ator está “atuando”, e na presença de atores talentosos, nós de fato esquecemos rápido. Isso é um mistério, uma charada. Como podemos nos esquecer dos “atos” do ator? Estaria o ator “atuando” para nós? Seria o subtexto da “atuação” do ator sempre e para sempre nossa própria “atuação” enterrada (e negada)? Um dos inúmeros livros que Norma havia trazido consigo da Califórnia era *O manual prático para o ator e sua vida* (do qual o Dramaturgo nunca tinha ouvido falar), e cada página desse compêndio curioso de epígrafes e aforismos aparentemente anônimos havia recebido anotações escritas por ela. Era claro, esse livro era a Bíblia de Norma! As páginas estavam com orelhas, manchas de água, desprendiam-se. A data da publicação era 1948, uma editora desconhecida de Los Angeles. Alguém que se chamava “Cass” lhe dera — “Para a linda Norma geminiana, com eterno amor estrelado.” Na folha de rosto, Norma havia copiado um aforismo, agora em tinta desbotada.

O ator está no auge da felicidade apenas em seu espaço sagrado: o palco.

Seria verdade? Seria verdade para Norma? Era uma revelação amarga para qualquer amante, se verdade. Uma descoberta amarga para qualquer marido.

— Mas a verdade de um ator é a verdade de apenas um momento fugaz. A verdade de um ator é “diálogo”.

Isso, o Dramaturgo sentia com mais certeza, era verdade.

Norma havia terminado de cortar flores e estava se dirigindo de volta à casa. Ele se perguntou se ela espiaria para cima e o perceberia ali, e houve uma fração de segundo em que ele poderia ter se escondido, mas, sim, ela olhou para cima e acenou para ele; e ele acenou de volta, sorrindo.

— Minha querida.

Estranho como havia passado por sua mente, aquela observação de T.S. Eliot. *Nada é mais dramático que um fantasma*.

— Nenhum fantasma em *nossa* vida.

O Dramaturgo se perguntava, desde a Inglaterra, qual seria o futuro de Norma. Ela desprezava atuar e ainda assim: por quanto tempo conseguiria permanecer sem atuar? Uma dona de casa e logo uma mãe, sem uma carreira? Ela era talentosa demais para ficar contente com a vida privada, ele sabia. Ele tinha certeza. Ainda assim, entendia, ela não poderia voltar a “Marilyn Monroe”; um dia, “Marilyn” a mataria.

Ainda assim, ele escrevia um roteiro. Para ela.

E eles precisavam de dinheiro. Ou precisariam, logo.

Ele desceu as escadas, para ajudá-la na cozinha. Lá estava Norma sem ar com o buquê, uma camada leve de suor no rosto. Ela havia colhido hidrângeas azuis-claras e ramos de rosas-trepadeiras vermelhas, as folhas tomadas por fungo preto.

— Olhe, Papai! Olhe o que eu tenho.

Amigos dele de Manhattan viriam visitá-los. Drinques na varanda telada, jantar mais tarde no Whaler’s Inn. A esposa tímida e graciosa do Dramaturgo colocaria vasos de flores pela casa, inclusive no quarto de convidados.

— Flores fazem as pessoas se sentirem *bem-vindas*. Como se fossem *desejadas*.

Ele estava enchendo vasos com água e Norma começava a arranjar as flores, mas algo estava errado, as hidrângeas ficavam caindo dos vasos.

— Querida, você cortou os caules um pouco curtos demais. Está vendo?

Não era uma reprimenda e certamente não uma crítica, mas Norma murchou de imediato. Seu humor alegre foi arrasado.

— Ah, o que foi que eu... O quê?

— Olhe. Podemos consertar o dano, assim.

Maldição! Ele não deveria ter usado a palavra “dano”. Isso a arrasou ainda mais, ela se encolheu como uma criança que acabara de apanhar.

O Dramaturgo arrumou as flores de hidrângea em tigelas rasas, cabeças de flores flutuando. (As flores estavam um pouco passadas. Não sobreviveriam mais do que um dia. Mas Norma não pareceu notar). As rosas-trepadeiras vermelhas cortadas sem jeito, as folhas machucadas já aparadas, foram então colocadas por entre as hidrângeas.

— Querida, ficou simplesmente lindo. Tem um efeito meio japonês.

De alguns metros de distância, Norma o observou as mãos habilidosas de seu marido, em silêncio. Acariciava a barriga, o lábio inferior sob seus dentes. Arfava e não parecia ter ouvido as palavras do Dramaturgo. Enfim, ela disse, em dúvida:

— Não tem problema fazer isso, assim? Colocar as flores desta forma? Tão curtas? Ninguém vai r-rir disso?

O Dramaturgo se virou para olhá-la:

— Rir? Por que alguém riria disso?

Sua expressão era incrédula. “Rir de *mim*?”

10.

Ele a buscaria em um nicho na cozinha onde ela estava se escondendo.

Se não na cozinha, na garagem.

Se não na garagem, no topo dos degraus do porão.

(Que lugar úmido e fedido para se esconder! Apesar de Norma não admitir que estava se escondendo.)

— Querida, você não vem se sentar conosco? Na varanda? Por que está aí?

— Ah, estou indo, Papai! Eu estava só...

Cumprimentou os convidados e quase na mesma hora correu para deixá-lo com os amigos, tímida como um gato feral. Será que era uma forma de medo de palco?

Ele não repreenderia: “Norma, não dê combustível para que falem de nós!”.

Querendo dizer: “Para que falem de você”.

Não, ele foi caloroso, empático, marital, sorridente. Fazendo da famosa timidez de Marilyn Monroe uma gentil piada do cotidiano deles. Ele se deparou com ela no nicho na cozinha, absorta na tarefa de amassar sacos de compras. Os visitantes estavam explorando a casa, saindo da varanda telada. O Dramaturgo beijou a testa de sua esposa, para acalmá-la. Um leve odor químico subiu do cabelo quando ela transpirou, apesar de não descolorir o cabelo em meses.

Com cuidado de falar com gentileza. Não com crítica. Ele via o diálogo à sua frente como se ele mesmo tivesse escrito.

— Querida, não precisa de todo esse despropósito com a visita. Você parece tão ansiosa. Conhece Rudy e Jean, disse que gostava deles...

— Eles não gostam de mim, Papai. Eles vieram ver você.

— Norma, não seja absurda. Eles vieram nos ver, nós dois.

(Não: ele tinha que manter toda a incredulidade de sua voz. Ele tinha que falar com essa mulher infantil como muito tempo antes havia falado com seus filhos muito jovens, muito vulneráveis, que o adoravam ainda que temessem seu papai.)

— Ah, eu não culpo ninguém! Eu não culpo *nenhum deles*. Veja, você é amigo deles.

— É claro que eu conheço todos há mais tempo do que você os conhece, metade da minha vida, na verdade. Mas...

Ela riu, balançando a cabeça e erguendo as mãos, palmas expostas. Era um gesto tanto de apelo quanto de rendimento.

— Ah, mas... por que essas pessoas, esses seus amigos inteligentes, ele é um escritor e ela é uma editora, por que eles iriam querer *me* ver?

— Querida, só venha, por favor? Eles estão esperando.

De novo, ela balançou a cabeça rindo. Ela os observava de canto de olho. Como um gato assustado, assustado sem motivo, prestes a disparar e perigoso. Mas o Dramaturgo se negava a confirmar as suspeitas absurdas e implorou a ela gentilmente, passando o dedão em sua testa, inclinando-se para firmar seu olhar no dela, daquela forma que às vezes funcionava com ela como uma espécie de hipnose.

— Querida, só venha comigo, sim? Você está tão, tão linda.

Ela era uma mulher linda e assustada com sua própria beleza. Parecia se ressentir disso, de que a beleza pudesse ser confundida com “ela”. Ainda assim, ele nunca conhecera uma mulher tão ansiosa, ao conhecer estranhos, com relação à própria aparência.

Norma estivera ouvindo e refletindo. Enfim, estremeceu e riu e esfregou a testa grudada no queixo dele e pegou do refrigerador um prato pesado de legumes crus arrumados geometricamente por cor e um molho de creme azedo que havia preparado. Era um prato espetacular e ele lhe disse isso. Ele levou os drinques em uma bandeja. De súbito, estava tudo bem de novo! Iria ficar tudo bem. Como no cenário de *Nunca fui santa*, ele a tinha visto entrar em pânico e travar e se afastar, e no entanto, depois de um tempo ela voltaria, e lá estava Cherie mais intensa, mais viva, mais flamejante e convincente do que antes. Seus amigos Rudy e Jean, admirando a vista para

o oceano, viraram-se para ver o belo casal chegar. O Dramaturgo e a Atriz Loira. A mulher que queria ser conhecida como “Norma” estava radiantemente linda (não havia como evitar o clichê, como tanto Rudy e Jean relatariam), a pele fresca, translúcida do começo da gravidez; seu cabelo estava um loiro mais escuro, resplandecente e volumoso; ela usava um vestido largo com um decote grande revelando o topo de seus seios inchados e com uma estampa floral com papoulas cor de laranja salpicadas que se destacavam no quadril; ela usava sapatos brancos de salto agulha abertos na frente, e sorria para eles como se estivesse tonta pelas luzes da casa, e naquele instante tropeçou no único, mas íngreme, degrau para a varanda e o prato escapou de suas mãos e caiu no chão, atirando para todos os lados vegetais, molho e louça quebrada.

11.

Você transformou problemas pequenos num teste de minha lealdade. Nosso amor.

Problemas pequenos! Você quer dizer minha vida.

E sua vida se tornou uma questão. Chantagem.

Você nunca me defendeu, meu senhor. Contra nenhum daqueles malditos.

Nem sempre estava claro quem precisava ser defendido. Sempre você?

Eles me detestaram! Seus supostos amigos.

Não. Era você quem se detestava.

12.

Mas ela adorava os pais idosos dele.

E, para sua surpresa, os pais idosos a adoravam.

Em seu primeiro encontro, em Manhattan, a mãe do Dramaturgo, Miriam, o puxou num canto para apertar seu pulso e murmurar ao pé de seu ouvido, em triunfo:

— Aquela garota é exatamente igual a mim na idade dela. Tanta *esperança*. Aquela garota! Marilyn Monroe!

Casualmente, para a surpresa e o pesar tardio do Dramaturgo, nenhum dos pais havia sentido “calor” pela primeira esposa, Esther. Mais de duas décadas da pobre Esther, que lhes dera adorados netos. Esther, que era judia

e de um contexto muito parecido com o deles. Enquanto Norma — “Marilyn Monroe” — era a *shiksa* loira por definição.

Mas conheceram-se em 1956, não em 1926. Muito havia mudado na cultura judaica e no mundo desde então.

O Dramaturgo notou, como Max Pearlman havia notado, que mulheres com frequência se afeiçoavam a Norma, contrariando totalmente as expectativas. Era de se esperar ciúmes, inveja, desgosto; em vez disso, mulheres sentiam uma familiaridade estranha com Norma, ou “Marilyn”; poderia ser que mulheres olhassem para ela e de alguma forma se vissem? Uma forma idealizada de si mesmas? Um homem poderia sorrir de tal equívoco. Uma desilusão, ou uma confusão. Mas o que um homem sabe? Se havia alguém que resistia a Norma, provavelmente era um certo tipo de homem; sexualmente atraído por ela, mas inteligente o suficiente para saber que seria rejeitado. Que estratégias da ironia se criavam do ameaçado orgulho masculino, o Dramaturgo bem sabia.

Não era verdade, se a Atriz Loira não estivesse tão claramente atraída por ele, que o Dramaturgo poderia ter falado dela com desdém?

“Não é ruim para uma atriz de cinema. Mas fraca demais para o palco.”

Então, casualmente, a mãe do Dramaturgo adorou a sua segunda esposa. Lá estava Norma sorrindo com timidez, uma garota que não só era jovem o bastante, como aparentava ser jovem o bastante, para atizar as lembranças nostálgicas da velha de 75 anos de sua própria juventude pregressa. O Dramaturgo ouviu a mãe confidenciar a Norma que, na idade de Norma, ela tinha o cabelo exatamente como o dela.

— Exatamente neste tom, e volumoso. — Ele a ouviu confidenciar para Norma que a primeira gravidez também lhe fizera bem. — Eu me senti uma rainha. Ah, pela primeira vez!

Norma nunca teve medo de que os sogros, que não eram intelectuais, pudessem rir dela.

Na cozinha em Manhattan e na Casa do Capitão. Miriam tagarelando, e Norma murmurando em concordância. Miriam instruindo Norma em como preparar sopa de frango com *kneidl* e em como preparar fígado picado com cebolas. O Dramaturgo não tinha grandes desejos por *bagels* com salmão defumado, famosos pratos judeus, mas esses “favoritos” dele apareciam bastante no brunch de domingo. E *borscht*.

Miriam preparava *borscht* com beterrabas, mas às vezes com repolho.

Miriam preparou seu próprio caldo de carne. Ela afirmaria que era “tão fácil quanto” abrir uma dúzia de latas do caldo Campbell’s.

Miriam servia *borscht* quente ou fria. Variava com a estação.

Miriam tinha uma receita de “*borscht* de emergência” usando beterrabas fatiadas em lata para crianças.

— Sem muito açúcar. Suco de limão. E vinagre. Quem é que vai saber?

A *borscht* deles era deliciosa como qualquer *borscht* em sua memória.

13.

O OCEANO

Quebrei um espelho
& os pedaços
flutuaram à China.

Adeus!

14.

Chegou aquela terrível noite de julho em que Norma voltou de um passeio na cidade, e ele, seu marido, viu Rose em seu lugar.

Rose, a esposa adúltera de *Torrentes de paixão*.

Ele estava apenas imaginando, é claro!

Ela dirigira na perua até Galapagos Cove, a não ser que fosse Brunswick. Foi comprar mantimentos, frutas frescas ou itens da farmácia. Vitaminas. Cápsulas de fígado de peixe. Para fortalecer os glóbulos brancos, ele achou tê-la ouvido justificar. Ela falava com frequência de sua condição; de certa forma, era seu único assunto. *Um bebê se desenvolvendo dentro dela. Se preparando para nascer! Que felicidade!* Havia um obstetra em Brunswick que ela começou a ver a cada duas semanas, um conhecido profissional do obstetra de Manhattan. Ou talvez ela tivesse ido “fazer” o cabelo ou as unhas. Raramente, comprava roupas (em Manhattan, ela estava sempre sendo reconhecida e então fugia da loja), mas agora que estava grávida e

começando a mostrar a barriga, ela falava com avidez de precisar de outras coisas. Batas, vestidos, roupas de grávidas.

— Tenho medo de você não me amar, Papai, se eu não ficar bem? Ou vai?

Ela havia saído de carro depois de preparar o almoço e não voltou até as três da tarde.

O Dramaturgo, perdido em sua escrita, em um transe de inspiração (ele que raramente conseguia escrever mais do que uma página de diálogo por dia e ainda provisório, truncado e de má vontade), mal havia notado a ausência de sua esposa até o telefone tocar.

— Papai? Sei que estou a-atrasada. Mas estou a caminho de casa. — Ela estava ofegante e arrependida e se desculpando.

— Minha querida, não precisa correr. Eu estava um pouco preocupado, é claro. Mas dirija com cuidado.

A pista costeira era estreita e com curvas e às vezes, até durante o dia, faixas de neblina flutuavam languidamente sobre o percurso.

Se Norma sofresse um acidente, em um momento desses!

Ela era uma motorista cuidadosa, até onde o Dramaturgo sabia. Atrás do volante da velha perua Plymouth (que parecia a ela grande e desajeitada como um ônibus), ela se inclinava para a frente, franzindo a testa e mordendo o lábio. Tendia a pressionar os freios muito rápido e bruscamente. Tendia a exagerar na presença de outros veículos. Tinha o hábito de parar para semáforos muito antes do cruzamento, como se temesse acertar os pedestres mesmo com o carro parado. Mas ela nunca dirigia a mais do que setenta quilômetros por hora mesmo na rodovia, ao contrário do Dramaturgo, que dirigia muito mais rápido e distraído, com uma certa manha masculina nova-iorquina, falando enquanto dirigia, às vezes tirando as mãos do volante para gesticular. Ele acreditava que Norma era muito mais confiável na direção do que ele!

Mas agora ele havia começado a conscientemente esperar por ela. Impossível voltar ao trabalho. Ele esperaria por mais duas horas e vinte minutos.

De carro de Galapagos Cove à Casa do Capitão, não se levava mais que dez minutos. Mas e se Norma tivesse ligado de Brunswick? Em sua confusão, ele não conseguia lembrar.

Diversas vezes, imaginou que conseguia ouvi-la subindo a ladeira da casa. Entrando na garagem daquele jeito cuidadoso. O estalar das britas. O bater

da porta do carro. Seus passos. Sua voz assobiante subindo pelas tábuas.

— Papai? Cheguei.

Incapaz de resistir, ele se apressou para conferir a garagem no andar de baixo. É claro, o Plymouth não estava lá.

No caminho de volta ele passou pela porta do porão, que estava aberta. Ele a fechou com uma batida. Por que aquela maldita porta estava sempre aberta? O trinco fechava com segurança, deve ter sido Norma que a deixara aberta. Do porão de piso imundo subia um odor forte e nauseante de decomposição; de terra, podridão e Tempo. Ele estremeceu, cheirando.

Norma dissera que odiava o porão.

— É tão *nojento*.

Era a única coisa da Casa do Capitão que ela detestava. Ainda assim, o Dramaturgo imaginava que ela explorava o porão com uma lanterna, feito criança manhosa determinada a ir atrás das exatas coisas que a assustam. Mas Norma era uma mulher de 32 anos, de criança, não tinha nada. Para que propósito, se assustar? E na condição dela.

Nunca a perdoaria, pensava ele, se ela causasse mal à felicidade deles.

Enfim, depois das seis da tarde, o telefone tocou de novo. Ele se atrapalhou para atender no ato. Aquela fraca voz ofegante:

— Ahhh, Papai. Você está b-bravo comigo?

— Norma, o que houve? Onde você está?

Ele não conseguia afastar o medo da voz.

— Eu fiquei meio que presa com um pessoal...

— Que pessoal? Onde?

— Ah, não aconteceu nada, Papai. Eu só fiquei um pouco... O quê? — Alguém falou com ela, que respondeu com a mão sobre o receptor. O Dramaturgo, tremendo, ouviu vozes altas no fundo. E música alta, rock'n'roll martelando. Norma voltou à linha, rindo. — Ahhhh, está uma loucura aqui. Mas essas são pessoas realmente legais, Papai. Eles meio que falam *francês*. Tem essas duas garotas? Irmãs? *Gêmeas* idênticas.

— Norma, o quê? Não estou ouvindo. *Gêmeas*?

— Mas estou a caminho de casa *agora*. Vou fazer janta para nós. Prometo!

— Norma...

— Papai, você me ama, não é? Não está bravo comigo?

— Norma, pelo amor de Deus...

Enfim, às 18h40, Norma estacionou a perua na garagem. Acenando para ele pelo vidro.

Ele estava esperando por ela, o rosto retesado. A sensação dele era de ter esperado o dia inteiro. Ainda assim, muito do céu ainda estava brilhante, de verão. Apenas no horizonte ao leste, no fim distante do oceano, o pôr do sol havia começado como uma mancha escura subindo em fatias gordas de nuvem.

Então veio Norma depressa. Aquela era a Garota do Apartamento de Cima. A não ser que fosse Rose disfarçada de Garota do Apartamento de Cima.

No chapéu de palha de abas largas com um laço modesto sob seu queixo. Em uma blusa para grávidas com botões de rosa em relevo e shorts brancos um pouco sujos. Ela passou os braços ao redor do pescoço tenso do Dramaturgo e lhe deu um beijo molhado e intenso na boca.

— Ah, Papai. Eu *sinto* muito.

Ele sentiu o sabor de algo maduro e doce. Havia manchas nos cantos da boca. Ela andou bebendo?

Teve dificuldade com os sacos de compras no porta-malas do Plymouth, e o Dramaturgo os tirou dela sem uma palavra. Seu coração batia em fúria que era na verdade o vestígio de pavor. Se algo havia acontecido com Norma! E o bebê deles! Ela havia se tornado o centro de sua vida sem que ele se desse conta.

Como ele havia ficado perplexo, sido piedoso. Mesmo ouvindo histórias do ex-marido de Norma. Do Ex-Atleta contratando detetives particulares para espiarem-na.

Agora ela estava em casa, em segurança, rindo, pedindo desculpas. Observando-o, o marido de testa franzida, de soslaio. Contando a ele uma história longa e desconexa que, ele não ia imaginar, acabaria envolvendo dar carona para mochileiras na rodovia e levá-las ao seu destino, Galapagos Cove, e dali para a casa de alguém, e acabar convencida por elas a ficar um pouco.

— Veja, todos sabiam quem eu era, eles me chamavam de “Marilyn”, mas eu ficava dizendo “Não, não, eu não sou ela, sou Norma”... Era como um jogo, quer dizer, nós estávamos rindo muito... Como minhas amigas do colégio, lá em Van Nuys, das quais sinto saudades. — Aquelas irmãs gêmeas

eram “muito bonitas” e moravam com a mãe divorciada em um “trailer feio e velho, caindo aos pedaços” no interior, e uma das garotas, Janice, tinha um bebê de três meses chamado Cody... — O pai, ele está na marinha mercante e não quis se casar com ela, só *saiu navegando* pelo horizonte. — Norma passou algum tempo no trailer e depois todos foram para outro lugar de perua, e então: — Papai, sabe do que mais? Acabamos naquele mercado grande, Safeway, sabe? Todos nós incluindo o bebê. Porque elas precisavam de tantas coisas só para *comer*. Eu gastei até meu último centavo. — Ela estava pedindo desculpas ao contar a história; mas num tom desafiante. Ela era uma garotinha arrependida, ainda que não estivesse minimamente arrependida, estava na verdade orgulhosa de sua pequena aventura. Sem dizer “É dinheiro de Marilyn, Papai. Vou fazer com ele o que quiser”.

Suspirando, como se estivesse maravilhada:

— Até o último centavo na minha *carteira*. Céus!

O Dramaturgo estava começando a pensar em quão profundo e impotente era seu amor por aquela mulher. Aquela estranha mulher volúvel. Agora grávida com um filho dele. E ele não quisera, de verdade, outro filho. Em Manhattan, na Companhia de Nova York e em círculos de teatro, ele parecera conhecê-la; agora, não tinha tanta certeza. No começo do caso de amor deles ela parecia amá-lo mais do que ele estava preparado para amá-la; agora, eles se amavam igualmente, com uma fome terrível. Mas nunca até aquele dia o Dramaturgo havia considerado que poderia haver um momento em que ele amasse Norma mais do que ela o amava. Como ele seria capaz de suportar?!

Guardando as coisas na cozinha, Norma o olhava de canto de olho. Em uma peça, como em um filme, uma cena assim conteria um subtexto poderoso. Mas a vida raramente se conformou à arte, em especial, às formas e convenções da arte. Apesar de Norma lembrá-lo dolorosamente a personagem de Rose em *Torrentes de paixão*, levando o marido apaixonado na palma da mão. (Ou em qualquer outra parte da anatomia feminina.)

Norma contou sua história, a voz baixa, ofegante, falhando de empolgação. Ela estava mentindo? Ele achava que não. Uma história tão inocente, sem maldade. No entanto, a empolgação era tanta que ela poderia bem estar mentindo. Seria uma agitação idêntica. *Ela foi infiel. Ela foi além do casamento*. Ele viu com uma pontada de horror que o short branco estava

sujo, manchas do que poderia ser sangue menstrual, ah, Deus, isso queria dizer que um aborto espontâneo estava começando... e Norma não parecia saber? Exceto que, ao ver a expressão dele, ela baixou o olhar para si e riu, envergonhada.

— Ah, céus! Nós comemos amoras. Acho que fizemos uma sujeira.

O Dramaturgo seguia ferido. O rosto magro, bronzeado pelo verão, havia empalidecido. Os óculos de lentes grossas deslizaram até o nariz. Norma removeu um pacote de amoras de uma das sacolas e então deu algumas delas para o Dramaturgo, na boca.

— Ah, Papai, não faça essa cara triste, só *prove*. São deliciosas, está vendo? Era verdade. As amoras estavam deliciosas.

15.

Não era suficiente sublinhar essas palavras proféticas em *O mal-estar na civilização*. Norma se sentiu motivada a copiá-las em seu caderno.

Nunca estamos mais indefesos perante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais impotentemente infelizes do que quando perdemos nosso objeto amado ou seu amor.

16.

O REINO À BEIRA-MAR

Era uma vez uma Plebeia Esfarrapada
Em um Reino à beira-mar.
Um feitiço foi lançado sobre ela...
“A Princesa Cintilante será, a elevar.”

Ah, mas a Plebeia Esfarrapada gritou,
“Essa é uma maldição de arrasar”.
A fada má gozou:
“As coisas ainda vão piorar”.

Um Príncipe espiava a Princesa
No vale a passear,
Perguntou a ela: “Você está sozinha?”

Precisa de um amigo para acompanhar?”.

O Príncipe cortejou a Princesa
Por muitas noites e um dia.
A Princesa amava o Príncipe
Ainda assim... o que ela diria?

“Não sou uma Princesa Cintilante,
Sou uma mera Plebeia Esfarrapada.
Você me amaria se soubesse?”
O Príncipe sorriu para ela e disse...

Enroscada em um nicho de janela no Quarto de Bebê no topo das escadas, ela sonhava, tão feliz, e enxugava as lágrimas dos olhos e o vasto céu cavernoso pairava sobre ela e o porão de piso imundo tão lá embaixo que ela não conseguia ouvir algo que vinha de lá, Norma Jeane tentava e tentava, tanto! — mas nunca completava a rima.

17.

Quarto de Bebê. Ela sabia que o bebê nasceria em Manhattan. No Hospital Presbiteriano de Columbia. Se tudo saísse conforme agendado. (Quatro de dezembro era a data mágica!) Ainda, ali na Casa do Capitão, em Galapagos Cove, Maine, tanta solidão e tanta felicidade sonhadora ao longo do verão, ela criara um berçário de fantasia em que colocava itens comprados nas lojas de antiguidades e nos mercados de pulgas de beira de estrada. Um berço de vime para embalar Bebê, cor de creme e decorado com florezinhas azuis. (Não era praticamente idêntico ao berço que Gladys tinha para *ela*?) Bichinhos de pelúcia costurados à mão. Um chocalho de bebê, “um *American shaker* genuíno”. Livros antigos para crianças, contos de fadas, Mamãe Gansa, animais falantes, entre os quais ela poderia se perder por muitas horas fascinadas. *Era uma vez...*

No Quarto de Bebê, Norma Jeane se aninhava na jardineira e sonhava sua vida. *Ele escreverá belas peças. Para eu atuar. Eu amadurecerei para esses papéis. Serei respeitada. Quando eu morrer, ninguém vai rir.*

18.

Às vezes vinha uma batida na porta. Ela não tinha escolha além de deixá-lo entrar. Ele já teria aberto a porta e enfiado a cabeça dentro. Sorrindo. *Tanto amor em seus olhos! Meu marido.*

No Quarto de Bebê ela escrevia em seu diário de colegial que era sua vida secreta. Apontamentos para si mesma, fragmentos de poemas. Listas de vocabulário. No Quarto do Bebê, Norma Jeane se aninhava na jardineira lendo *Ciência e saúde com a Chave das Escrituras*, de Mary Baker Eddy, e testemunhos fascinantes (se fossem verdade!) na *The Sentinel*; lendo livros que havia trazido para o Maine de Manhattan, apesar de saber que o Dramaturgo nem sempre aprovava os livros.

O Dramaturgo acreditava que uma mente como a de Norma (“suscetível, sensível, facilmente influenciada”) era como um poço. Água pura preciosa. Não se quer contaminá-la com elementos tóxicos. Nunca!

Uma batida na porta, e ele já abria, sorrindo para ela, mas o sorriso desaparecia quando via (ela não ousava tentar esconder) o que ela estava lendo.

Certa tarde, lia *A humilhação na Europa: uma história dos judeus na Europa*. (Ao menos, não era uma das publicações de Ciência Cristã de Norma, que seu marido verdadeiramente abominava!)

A resposta do Dramaturgo a livros assim, seus livros “judaicos”, era complexa. O rosto se retorcia em um sorriso reflexivo, quase um sorriso de medo. Certamente um sorriso de irritação. Ou mágoa. Foi como se involuntariamente (ah, ela não quis dizer isso! Ela *sentia* muito) ela o houvesse chutado na barriga. Ele iria até ela e se abaixaria ao seu lado e folhearia o livro, parando em algumas das fotos. Seu coração batia acelerado. Ela via no rosto dos mortos fotografados os traços de seu próprio marido vivo; às vezes, até sua expressão confusa. Quaisquer emoções que aquele homem sentisse, que estavam além da capacidade dela de imaginar (se ela fosse judia, o que sentiria em um momento assim? Ela acreditava que não suportaria), ele escondia dela. Era verdade, sua voz poderia fraquejar. Sua mão poderia tremer. Mas ele falava com ela com calma, no tom de um homem que a amava e só queria para ela, e para o bebê deles, o bem. Ele diria:

— Norma, você acha que é uma coisa boa, em sua condição, se perturbar com estes horrores?

— Ah — diria ela, protestando sem muita força —, mas eu q-quiero saber, Papai. Isso é errado?

Ele responderia, beijando-a:

— Querida, é claro que não é errado querer “saber”. Mas você já sabe. Você sabe sobre o Holocausto e sabe da história dos pogroms e sabe do solo machado de sangue da Europa Cristã “civilizada”. Você sabe a respeito da Alemanha Nazista e até sabe da indiferença da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos em relação à vida dos judeus. Você sabe no geral, se não com detalhes exaustivos. Você já sabe, Norma.

Era verdade? Era verdade.

O Dramaturgo era um mestre das palavras. Quando entrava em um recinto, as palavras voavam para ele como limalhas de ferro a um ímã. Norma Jeane, hesitando e gaguejando, não tinha a menor chance.

Ele poderia falar então sobre “pornografia do horror”.

Ele poderia falar então sobre “chafurdar no sofrimento, chafurdar no luto”.

Com crueldade, ele poderia falar sobre “chafurdar no sofrimento dos outros”.

Ah, mas eu sou judia também. Não posso ser judia? Só nascendo? De alma?

Ela ouvia. Ouvia com atenção. Nunca interrompia. Se fosse uma aula de teatro, ela pressionaria o livro ofensivo contra os seios e o coração acelerado; não era a aula de teatro, mas ela poderia pressionar o livro ofensivo contra os seios e o coração acelerado; melhor ainda, poderia fechar o livro e empurrá-lo para longe, passando pela almofada gasta no assento da janela. Em momentos assim, arrependida, humilde e magoada, mas não ferida, pois ela sabia que não tinha direito legítimo de estar ferida. *Não, não sou judia. Acho que não.*

O marido a amava, só isso. Mais que amar, ele a adorava. Mas temia por ela também. Ele estava se tornando possessivo com as emoções dela. Os nervos “sensíveis”. (Lembra do que “quase aconteceu” na Inglaterra?) Ele era dezoito anos mais velho, é claro que era seu dever protegê-la. Em momentos assim, ele se sentia tocado pela magnitude dos próprios sentimentos. Ele via lágrimas brilhando nos lindos olhos azuis-ardósia. Seus lábios trêmulos. Mesmo naquele momento íntimo ele se lembraria de como o diretor de *Nunca fui santa*, que fora apaixonado por Marilyn, maravilhou-se com a

habilidade de chorar espontaneamente. *Monroe nunca pedia glicerina. As lágrimas sempre estavam lá.*

Rápido agora a cena se tornava um improviso.

Ela dizia, gaguejando:

— Mas Papai... e se ninguém fizer isso? Quero dizer, agora? Eu não deveria ter que fazer isso?

— Fazer... o quê?

— Fazer isso de me informar a respeito? Pensar sobre isso? Como, em um dia de verão tão bonito? Lá longe, no oceano? Pessoas como nós? Eu não deveria o-olhar as fotos, ao menos?

— Não seja absurda, Norma. Você não “tem” que fazer o que quer que seja.

— O que quero dizer é que sempre deveria haver alguém vendo essas coisas, entende o que quero dizer? Em algum lugar no mundo. A cada minuto. Porque... e se... forem esquecidas?

— Querida, o Holocausto provavelmente não será esquecido. Não é sua responsabilidade se lembrar dele.

Ele riu, rude. Seu rosto estava esquentando.

— Ah, eu sei! Eu pareço tão boba, não é? Quero dizer — ela estava se desculpando, ainda que não se desculpasse —, acho que quero dizer... o que Freud disse? “Ninguém que compartilha uma ilusão vai reconhecê-la como tal?” Então você poderia ter a ilusão de que as outras pessoas estão fazendo o que você precisa fazer, então você não precisaria fazer isso? Bem naquele momento? Entende o que quero dizer?

— Não. Não entendo o que quer dizer. Você está chafurdando no sofrimento alheio, francamente.

— É isso que estou fazendo?

— Tem um elemento macabro nisso, querida. Conheço muitos judeus que chafurdam na questão, pode acreditar. Uma má sorte podre na história ganhando um ângulo cosmológico. Monte de merda! Mas eu não me casei com uma mulher macabra. — Mais exaltado do que havia notado, o Dramaturgo sorriu horivelmente do nada. — Eu não me casei com uma mulher mal-assombrada. Eu me casei com a minha *amada*.

Norma riu.

— Amada, não mal-assombrada.

— Minha linda amada, não mal-assombrada.

— Não. Uma pessoa mal-assombrada não pode ser linda. Só a amada.

— Só a amada. Certo!

Erguendo seu rosto para ser beijada. Aquela boca perfeita.

Ao improvisar, você não sabe aonde está indo. Mas às vezes é bom.

— *Ele não me ama. Ele ama essa coisa loira dentro da cabeça dele. Não a mim.*

19.

Na verdade, ela se afastou como um cachorro chutado. E Bebê em seu útero, envergonhado, encolhido para o tamanho de um dedão.

Depois eles sempre faziam as pazes. Horas mais tarde, na cama de dossel à noite. O colchão de crina comicamente duro, as molas barulhentas. Eram momentos primorosos dos quais o Dramaturgo se lembraria pelo resto da vida, estupefato pelo poder do amor físico, prazer sexual, de reverberar pelo tempo mesmo muito depois que os indivíduos que geraram tal amor, fruto de seu desejo, de corpos angustiados, já tivessem morrido.

Ela seria Rose para ele, se era Rose que ele desejava.

Ah, ela era sua esposa, ela seria qualquer uma! Por ele.

Ela o beijava sem parar até tirar seu fôlego. Sugava a língua dele para sua boca. Passava suas mãos no corpo dele, seu corpo magro anguloso começando a ficar mais molenga na cintura e barriga, com ousadia ela beijava seu peito, os pelos grossos ali, beijava e sugava seus mamilos, ria e acariciava e o manipulava com vontade. Suas mãos hábeis. Com a prática (ele se excitava pensando nisso, fosse verdade ou não) de um pianista de concerto passando os dedos pelo teclado, tocando acordes. Ela era Rose de *Torrentes de paixão*. A esposa adúltera, a esposa assassina. A mulher loira de beleza e apelo sexual incomparáveis que ele tinha visto anos antes, muito antes da possibilidade de sequer conhecê-la. E que fantasia, imaginar que ele poderia conhecê-la! Enquanto ele se identificava com o traído marido impotente Joseph Cotten. Mesmo no final do filme ele se identificou com Cotten. Quando Cotten estrangula Rose. Uma cena misteriosa com ares de sonho, de estrangulamento mudo. Um balé da morte. A expressão no rosto perfeito de Monroe quando ela se dá conta. *Ela vai morrer! Seu marido é a Morte!* O Dramaturgo em silêncio olhando para cima para as imagens

piscando na tela, nunca fora tão tocado por filme algum. (Ele tendia a falar com desdém do cinema enquanto meio.) Nunca ele tinha visto uma mulher como Rose. Ele tinha visto o filme sozinho em um cinema na Times Square e acreditava que não poderia haver um homem na plateia que se sentisse diferente dele. *Nenhum homem se equipara a ela. Ela tem que morrer.*

Na cama deles, em sua casa de veraneio sobre o oceano em Galapagos Cove, ela se deitava nele, sua esposa, sua esposa grávida, e se encaixava nele. Sua doce respiração de bebê. Seus doces gritos agudos estrangulados:

— Ah, Papai! Ah, Deus!

Ele não sabia se eram fingidos ou verdadeiros. Nunca saberia.

20.

Ele empurrou a porta do banheiro sem saber que ela estava dentro.

Seu cabelo em uma toalha, nua e de pés chatos, barriga crescendo, ela se virou para ele surpresa:

— Ah! Ei.

Na palma da mão, vários comprimidos, e na outra, um copo plástico. Ela enfiou os comprimidos na boca rápido e bebeu, e ele disse:

— Querida, achei que não estivesse tomando nada? Você não tinha parado?

E ela disse, encontrando seus olhos no espelho:

— São vitaminas, Papai. E as cápsulas de óleo de fígado de peixe.

21.

O telefone tocou. Poucas pessoas tinham o telefone de Galapagos Cove, e o som de um telefone tocando foi chocante.

Norma atendeu. O rosto se alterou na hora. Sem palavras, ela passou o receptor para o Dramaturgo e saiu do quarto rápido.

Era Holyrod, o agente de Hollywood. Desculpando-se por ligar. Ele sabia, afirmou, que Marilyn não estava considerando filmes naquele momento. Mas aquele era um projeto especial! Chamava-se *Quanto mais quente melhor*, uma comédia excêntrica a respeito de homens fantasiados de mulher com o papel principal expressivamente escrito para “Marilyn

Monroe”. O Estúdio estava ansioso para financiar o projeto e pagaria a Marilyn um mínimo de cem mil dólares...

— Obrigado. Mas já dissemos a você: minha esposa não está interessada em Hollywood no momento atual. Ela está grávida de nosso primeiro filho, para dezembro.

Que alegria nestas palavras! O Dramaturgo sorriu.

Nosso primeiro filho. Nosso!

Que prazer, mas logo logo precisariam de dinheiro.

22.

DESEJO

Porque você me deseja

Não sou

Este, Norma mostrou com timidez para o marido, pois ele frequentemente dizia que gostaria de ver seus poemas.

Ele leu o poeminha e releu e sorriu em perplexidade por ter esperado algo muito diferente dela. Algo que rimasse, com certeza! Agora, o que dizer? Queria encorajá-la; ele sabia quão anormalmente sensível ela era, com quanta facilidade seus sentimentos se feriam.

— Querida, este é um começo forte, dramático. É muito... promissor. Mas aonde vai? O que acontece depois deste ponto?

Rápido, Norma assentiu como se estivesse esperando críticas assim. Não, não era crítica, é claro, era encorajamento. Ela pegou o poema de volta dele e o dobrou em um quadrado pequeno e disse, rindo como a Garota do Apartamento de Cima:

— “Aonde vai? O que acontece depois deste ponto?” Ah, Papai. Você tem tanta razão. Mas acho que é o enigma de nossas vidas inteiras!

23.

Não muito longe, sob as tábuas de madeira da casa antiga, um fraco som queixoso, como miados, soluços. Choramando: “Ajuda! Alguém me

ajude”.

— Não tem nada lá. E eu não ouço nada. Eu sei.

24.

Era fim de julho, fim de tarde. Um amigo do Dramaturgo viera da cidade e os dois saíram para pescar. Norma estava sozinha na Casa do Capitão. *Sozinha com Bebê: só nós.* Ela estava de bom humor, nunca se sentira tão saudável. Ela não havia ido ao porão, nem espiado escada abaixo, há dias. *Nada lá. Eu sei!*

— É só que, de onde eu venho, não tem porões. Não tem necessidade alguma.

Tinha criado o hábito de falar sozinha quando ele não estava em casa.

Era a Bebê que ela se dirigia. Seu amigo mais próximo!

Era isso que Nell, a babá, não tivera, em seu próprio ser: um bebê.

— O motivo para ela querer empurrar a garotinha da janela. Se ela própria tivesse seu bebê...

(Mas o que havia acontecido com Nell? Ela não conseguiu cortar a própria garganta. Eles a levaram embora para confinamento. Sem lutar, ela se rendera.)

Fim de julho, fim de tarde. Um dia moderadamente abafado. Sem ar. Norma Jeane entrou no escritório do Dramaturgo sentindo um tremor de empolgação como se estivesse entrando em um lugar sem autorização. Ainda assim o Dramaturgo não se importaria de ela usar a sua máquina de escrever. Por que se importaria? Esta não era exatamente uma cena improvisada, pois ela a havia planejado. Pretendia datilografar uma carta para Gladys em Lakewood, fazendo uma cópia em carbono. Naquela manhã ela havia pulado da cama, se dando conta de que Gladys deveria sentir sua falta! Ela estivera longe, no Leste, por tanto tempo. Convidaria Gladys para visitar Galapagos Cove! Pois ela tinha certeza de que Gladys já estava recuperada o suficiente para viajar, se desejasse; essa era a imagem da mãe que ela apresentava ao Dramaturgo, e era uma imagem que ela imaginava ser razoável. O Dramaturgo dissera que Gladys soava interessante, que gostaria de conhecê-la. Norma Jeane escreveria duas cartas, com cópias de ambas em papel-carbono.

É claro, ela só contaria a Gladys que estava grávida em dezembro.

— Enfim, você será avó. Ah, *eu* mal posso esperar!

Norma Jeane sentou-se à escrivaninha do Dramaturgo. A câmera se aproximaria dela, olhando para baixo. Ela amava a velha Olivetti fiel de seu marido com sua fita desgastada. Papéis jogados pela escrivaninha *tão reais* como os pensamentos espalhados da genialidade. Talvez fossem anotações, rascunhos? Fragmentos de diálogo? O Dramaturgo raramente falava de seu trabalho em progresso. Superstição provavelmente. Mas Norma Jeane sabia que ele estava experimentando dois ou três projetos ao mesmo tempo, inclusive seu primeiro roteiro. (*Ela conseguira* fazer isso por ele, ela estava tão contente e tão orgulhosa.) Buscando uma folha de papel limpa quando seus olhos involuntariamente passaram por...

X.: Quer saber, Papai? Quero que Bebê nasça aqui. Nesta casa.

Y.: Mas, querida, nós planejamos...

X.: Nós poderíamos arranjar uma parteira para mim! Poderíamos mesmo.

(X., empolgada & com os olhos dilatados; acaricia barriga com as 2 mãos como se já estivesse inchada)

Em outra página, com inúmeras correções...

X. (com raiva): Você não me defendeu! Nunca.

Y.: Não estava claro quem estava errado.

X.: Ele me detestava!

Y.: Não. Era você quem se detestava.

Y.: Não. É você quem se detesta.

(X. não suporta a ideia de q qualquer homem possa olhá-la sem desejo. Ela tem 32 anos & teme q a juventude esteja passando)

Aonde você vai quando desaparece? Ela estivera ouvindo aquele som no porão. Ela disse a ele sem olhar nos olhos, sabendo que ele não acreditava nela, não queria acreditar nela. Ele a tocava para confortá-la, e ela endurecia.

— Norma, o quê?

Ela não poderia falar. Ele saiu para investigar o porão, usando a lanterna, mas não encontrou nada. Ainda assim, ela ouvia o som. Um leve miar queixoso, soluços. Às vezes, passos arrastados. Algo arranhando, agitando-se. Ela se lembrava (isso havia sido um sonho? Uma cena de filme?) de um único grito de bebê. Cedo de manhã e durante o dia quando ela estava sozinha no andar de baixo e com frequência no meio de uma noite que, não fosse por isso, seria silenciosa, quando ela acordava suando com uma necessidade súbita e aguda de ir ao banheiro. Ela achava que poderia ser um gato ou guaxinim perdidos.

— Tem alguma coisa presa lá. Morrendo de fome.

Ela morria de medo imaginando que uma criatura viva poderia estar presa naquele porão pavoroso como se fosse em um fosso. O Dramaturgo via que ela se agitava de fato, e ele queria acalmar aquele medo. Não queria que ela mesma saísse desbravando o porão, naquele escuro deprimente.

— Eu proíbo você de descer lá, querida!

Ele havia descoberto que fazer piadas com a esposa era a estratégia mais inteligente: dessa forma, ele cooptava a Norma racional contra a Marilyn irracional. Prendendo a respiração (mais do que maçãs podres, havia um fedor de carne rançosa misturado aos cheiros de terra e Tempo), ele desceu de novo para o porão e esquadrinhou com a lanterna todos os cantos e voltou a ela arfando e irritadiço (pois era um dia injustamente quente e úmido, para a costa do Maine) e limpando teias de aranha do rosto, mas gentil com Norma, insistindo que não, não havia nada lá embaixo, nada que ele tivesse visto; tampouco ouvira os barulhos que ela afirmava ouvir. Norma pareceu relaxar com aquele relato. Parecia aliviada. Ergueu a mão dele impulsivamente para a boca e a beijou, envergonhando-o. A mão dele não estava limpa!

— Ah, Papai. Acho que você precisa fazer as vontades de uma grávida, não é?

Na verdade, Norma Jeane estivera alimentando gatos selvagens no quintal desde a segunda semana que chegaram ali. Contra as recomendações do

Dramaturgo. De início, só um gato, um macho preto magricelo com orelhas mordiscadas; então mais um, uma malhada tricolor magra, mas muito grávida, juntou-se ao primeiro; logo haveria tantos, uma meia dúzia de gatos esperando com paciência na porta dos fundos para serem alimentados. Os gatos estavam estranhamente silenciosos e sentados separados um do outro; ficavam longe enquanto Norma colocava os pratinhos, então corriam para comer, rápidos como máquinas, e assim que terminavam, marchavam embora sem olhar para trás. De início, Norma havia tentado fazer amizade com eles, mesmo para acariciá-los, mas eles sibilavam para ela e se encolhiam, mostrando os dentes. Já que havia uma entrada na rua para o porão, não era irracional pensar que um dos gatos poderia ter entrado e ficado preso. Nesse caso, a criatura se esconderia do Dramaturgo, que viera resgatá-la.

— Querida, talvez você devesse parar de alimentar os gatos — sugeriu o Dramaturgo.

— Ah, eu vou! Logo.

— Vão aparecer cada vez mais. Você não pode alimentar a costa do Maine inteira.

— Eu sei, Papai. Você tem razão.

Ainda assim, ela continuou, pelo verão todo, como ele sabia que continuaria. Quantos gatos esqueléticos famintos apareciam a cada manhã para serem alimentados por ela, ele nem queria saber. “A teimosia estranha. A vontade poderosa. O homem sabia estar obliterado por ela em coisas essenciais. Apenas em questões superficiais ele triunfava.”

Ele estava no andar de cima à escrivaninha datilografando essas palavras, ou palavras muito parecidas com essas, quando ouviu um grito.

— Eu sabia. Eu sabia o que seria.

Ele correu escada abaixo para se deparar com ela lá embaixo do porão, deitada, gemendo e se contorcendo. A lanterna, caída de sua mão, lançando seu feixe de luz como um túnel nas profundezas do porão, para dentro das sombras amorfas do esquecimento.

Ela gritou para que ele a ajudasse, salvasse o bebê. Quando ele se abaixou perto dela, ela prendeu as mãos dele, puxando suas mãos. Como se quisesse que ele fizesse o parto do bebê.

Ele chamou uma ambulância. Ela foi levada para o Hospital Brunswick.

Aborto espontâneo na décima quinta semana de gravidez.

A data era 1º de agosto.

A despedida

Nós começamos a morrer ali, não? Você me culpou.

Nunca. Não você.

Porque eu não consegui salvar o bebê nem você.

Não você.

Porque não fui eu quem sofreu. Quem sangrou tudo que tinha.

Não você. Fui eu. Tudo o que eu merecia. Eu matei Bebê uma vez, Bebê já estava morto.

Ela, a mulher acometida, foi hospitalizada por uma semana. Ela tivera uma hemorragia severa e quase morreu na emergência do hospital. Sua pele era de um branco ceroso, baço, tinha olheiras profundas, ferimentos e lacerações no rosto, garganta, braços. Ela havia torcido um pulso na queda. Fraturado várias costelas. Sofrido uma concussão. Havia linhas fortes e superficiais sob seus olhos atordoados e lábios sem energia. A primeira vez que o marido apavorado a vira inconsciente em uma maca na sala de emergência, acreditara que ela devia estar morta; aquele corpo era um cadáver. Agora no quarto de hospital fechado para todos os visitantes, exceto para ele, deitada em travesseiros, no meio de branco flagrante, com acessos intravenosos nos dois braços e um tubo de respiração nas narinas, ela parecia a sobrevivente de um desastre: um terremoto, um bombardeio. Ela parecia a sobrevivente que não teria linguagem para expressar a que havia sobrevivido.

Ela envelheceu. Sua juventude finalmente desapareceu.

Ela estava “sob observação”, porque, conforme foi informado ao Dramaturgo, havia delirado, falando que ia se matar.

Mas como era festivo o quarto daquela paciente! Cheio de flores.

Apesar da paciente estar sob um nome fictício. Um nome que de forma alguma lembrasse qualquer nome real dela.

Arranjos florais tão bonitos, como a equipe no Hospital Brunswick jamais tinha visto. Explodindo do quarto para as salas de espera e de enfermeiros.

É claro, o Hospital Brunswick nunca recebera uma celebridade de Hollywood como paciente.

É claro, imprensa e fotógrafos estavam proibidos. Ainda assim, uma foto de Marilyn Monroe apareceria na capa do *The National Enquirer*, a mulher acometida na cama hospitalar, uma imagem por entre uma porta ao longe, cerca de quatro metros.

MARILYN MONROE SOFRE ABORTO ESPONTÂNEO NO 4º MÊS DE GRAVIDEZ.
“SOB OBSERVAÇÃO POR RISCO DE SUICÍDIO.”

Outra foto semelhante apareceu no *Hollywood Tatler* junto de uma “entrevista exclusiva por telefone” com Monroe, pelo colunista que se referia a si mesmo, ou mesma, como “Buraco de fechadura”.

Esses ultrajes, e outros, o Dramaturgo manteria longe dela.

Ao telefone, ele contaria, em palavras ansiosas e compulsivas, a amigos em Manhattan:

— Eu estava menosprezando o medo de Norma. Não consigo me perdoar. Não, não com a gravidez: ela não tinha medo algum de ter um bebê. Quero dizer, sua fascinação com o Holocausto, com “ser judia”. A fascinação com história. Agora vejo que o medo não era exagerado ou imaginado. Era uma apreensão justificada de... — ele hesitou, confuso. Estava respirando rápido e à beira de um colapso, como havia colapsado publicamente diversas vezes desde a catástrofe, sem saber que palavra buscava. Nesse momento de aflição, o Dramaturgo, o mestre da linguagem, tinha perdido boa parte de seu poder; para si mesmo, ele parecia uma criança pequena com dificuldade de expressar conceitos que flutuavam no cérebro como grandes balões moles que escapam quando são capturados. — Outros de nós aprendem a passar por cima desse medo. Desse senso trágico de história. Somos superficiais, somos sobreviventes! Mas Marilyn... Quero dizer, Norma...

Ah, Deus, o que ele queria dizer?

Muito do tempo no hospital, ela ficou em silêncio. Ficava deitada com os olhos feridos, semicerrados como um corpo flutuando logo abaixo da superfície da água. Uma poção misteriosa gotejava nas veias, e das veias corria ao coração. Ela respirava tão superficialmente, ele não conseguia ter certeza de que ela sequer estava respirando, e se ele caísse em um leve sono hipnótico, um véu branco tremulando sobre o cérebro, pois era um homem exausto, um homem não jovem, um homem que perderia a maior parte dos sete quilos que ganhara desde o casamento, acordava em pânico de que a esposa tivesse parado de respirar. Ele segurava suas mãos, garantindo que permanecesse viva. Acariciava as mãos molengas que não resistiam. As pobres mãos feridas! Vendo com horror que suas mãos eram mãos atarracadas, mãos normais, com unhas quebradas e com sujeira embaixo. O cabelo, o cabelo famoso, escurecendo nas raízes, seco e frágil e começando a afinar. Em voz baixa, ele murmurava como se ao pé da cama de uma criança:

— Eu amo você. Norma querida. Eu amo você. — Com a certeza de que ela devia ouvi-lo.

Ela devia amá-lo também, e o perdoaria. E então, de súbito, à noite do terceiro dia, ela estava sorrindo para ele. Ela apertou as mãos dele e pareceu ganhar vida de repente.

A genialidade do ator! Reunir energia da profundidade impronunciável da alma. Não podemos compreender vocês. Não espanta que tenhamos medo de vocês. Nós estamos em uma praia mais distante, estendendo as mãos para vocês em maravilhamento.

— Vamos tentar de novo, não vamos, Papai? E de novo e de novo? — ela começou a falar rápido, para alguém que não falara por dias. Ela estava feroz e impiedosa. — Nós não vamos nunca desistir, Papai? Vamos? Nunca? *Promete?*

A vida após a morte
1959-1962

A morte veio inesperadamente, pois eu a desejava.

— Vaslav Nijinsky,
O diário de Nijinsky

Em condolências

Minha linda Filha perdida...

Após ouvir sobre sua perda trágica eu quero oferecer a você minhas mais sinceras condolências.

A morte de uma alma por nascer pode se alojar mais dolorosamente dentro de nós do que qualquer outra, pois a inocência estava intacta.

Querida Norma, eu ouvi sobre sua perda mais recente em um momento também de perda, pois minha esposa amada de muitos anos se foi. Eu estou esperando um período de calma antes de considerar em que direção minha vida deve se mover agora. Não sou um homem muito jovem (ou muito bem). Provavelmente venderei minha casa & propriedades (luxuosa demais para um viúvo de quase setenta anos com gostos ascéticos). Moro perto de Griffith Park com uma vista para o sul do cemitério Forest Lawn Memorial, onde a amada Agnes está enterrada & onde um túmulo me espera um dia. ~~É muito triste e solitário que~~

Querida filha, o pensamento me veio: pode ser que sua vida tenha mudado tanto que você queira morar comigo. Minha casa é espaçosa, eu garanto, corretores a chamam de mansão.

Ouvi sobre sua perda de uma forma vulgar, temo eu. Em uma “coluna de fofocas” no *Hollywood Tatler*. (Eu estava na barbearia.) É claro, esteve na imprensa agora. E também sobre seu “desgaste conjugal” no momento.

Seu talento para a tela parece muito maior, querida Filha, do que seu talento para a vida. ~~Sua infeliz mãe, eu chego a acreditar, carregava veneno nas entranhas como uma aranha peçonhenta~~

Mas eu não enviei este cartão de condolências para você para brigar. Perdoe-me, minha querida! E Deus te abençoe.

Eu não vejo seus filmes, mas vejo seu belo rosto com frequência & me pergunto como parece tão intocada, mas a alma nem sempre aparece no rosto, eu imagino. ~~Talvez aos 33 anos em uma mulher~~

Espero contatar você em breve, querida Norma. Perdoe um homem envelhecendo a sua teimosia em despertar velhas feridas.

Seu Pai amoroso e arrependido

Sugar Kane 1959

I wanna be loved by you nobody else but you a canção
quero ser amada por você ninguém mais além de você I wanna
be loved by you nobody else but you Quero ser amada por você
ninguém mais além de você só você ela estava aprisionada
nisso! ela estava aprisionada em *quero ser amada por você ninguém mais*
além de você quero ser amada por você só você
ela se afogava! sufocava! *I wanna be kissed by you*
nobody else but you Quero ser beijada apenas por você ela era Sugar
Kane Kovalchick, da banda Sweet Sue's Society Syncopaters ela era a
loira estonteante que tocava ukulele e fugia de saxofonistas seu
ukulele era perseguido por saxofonistas ela não conseguiria resistir!
de novo & de novo & sempre & eles a amavam por isso
quero ser amada por você só você estava acontecendo de novo,
acontecendo sempre & para sempre acontecendo outra vez
quero ser amada por ninguém mais além de você ela estava
murmurando & sorrindo para a plateia tocando o ukulele que haviam lhe
ensinado a tocar & seus dedos se moviam com destreza surpreendente para
alguém tão dopada & drogada & apavorada mesmo com a maravilhosa boca
beijável balbuciando *quero! quero! quero ser amada!* só outra
variação da vaca débil deprimente, mas eles a adoravam & um homem
estava se apaixonando por ela no filme *quero ser beijada por você*
só você mas isso tinha graça? era engraçado? qual era a
graça? o que tinha de engraçado em Sugar Kane? o que tinha de engraçado

em homens vestidos de mulher? o que tinha de engraçado em homens maquiados como mulheres? o que tinha de engraçado em homens tropeçando de salto alto? qual a graça em Sugar Kane, será que Sugar Kane era mestre da personificação feminina? isso era engraçado? por que isso era engraçado? por que o feminino é engraçado? por que as pessoas estavam indo rir de Sugar Kane & se apaixonar por Sugar Kane? mais uma vez, por quê? por que Sugar Kane Kovalchick, a garota que toca ukulele, o violão havaiano, seria tamanho sucesso de bilheteria nos Estados Unidos? por que a loira estonteante alcoólatra Sugar Kane era um sucesso? por que *Quanto mais quente melhor* era uma obra-prima? por que a obra-prima de Monroe? por que o filme mais comercial de Monroe? por que eles a amaram? por que, se sua vida estava aos frangalhos como seda rasgada? por que, se sua vida estava aos pedaços como vidro quebrado? por que, se suas entranhas haviam sangrado? por que, se suas entranhas haviam sido reviradas? por que, se ela carregava veneno em seu ventre? por que, se sua cabeça zunia de dor? sua boca ardia com formigas vermelhas? por que, se todo mundo no estúdio do filme a odiava? tinha ressentimento por ela? tinha medo dela? por que, se ela estava se afogando na frente deles?

I wanna be loved by you boop boopie do! por que Sugar Kane Kovalchick da banda Sweet Sue's Society of Syncopaters era tão sedutora? *I wanna be loved by you nobody else but you*

Eu quero! Eu quero! Eu quero ser amada por você só você mas por quê? por que Marilyn era tão engraçada? por que o mundo adorava Marilyn? por que já que Marilyn havia matado seu bebê? por que já que Marilyn havia matado seus bebês? por que o mundo queria foder Marilyn? por que o mundo queria foder foder foder Marilyn? por que o mundo queria se enfiar dentro de Marilyn até o maldito punho de uma grande espada tumescente? era uma charada? era um aviso? era só outra piada? *I wanna be loved by you boop boopie do nobody else but you nobody else but you ninguém mais*

Essa maldição da compulsão! Era a punição da Plebeia Esfarrapada.

Veio o aplauso espontâneo nas gravações. Foi o primeiro dia inteiro de-Marilyn, ela estivera doente & ausente & rumores circulavam & havia seu marido alto pálido de óculos comparecendo como um enlutado & ainda assim ela cantou "I Wanna Be Loved By You" para conquistar seus corações,

eles amavam a sua Marilyn, não é mesmo? Desejavam amar a Marilyn deles! W liderou os aplausos, que era sua prerrogativa como diretor & se juntaram com ansiedade elogiando a Atriz Loira & ela estava encarando o piso & mordendo o lábio até quase sangrar seu coração sedado batendo forte em um esforço de saber se aquelas pessoas estavam mentindo conscientemente ou se elas mesmas foram inocentemente enganadas & esperando que cessassem, ela disse com calma:

— Não. Eu quero tentar de novo.

E de novo o ukulele absurdamente pequeno como um instrumento de brinquedo, um emblema de sua vida de brinquedo & alma loira de brinquedo & de novo os movimentos do grande corpo de boneca sugestivo e sedutor como Mae West & Little Bo Peep em uma mistura lasciva. O câmara era um voyeur adorando o corpo voluptuoso de Sugar Kane & a graça disso deve ser (entre câmara & público) que Sugar Kane é burra demais para compreender que estão rindo dela, Sugar Kane vai direto ao coração *I wanna be loved by you nobody else but you quero ser amada por você só você vendo os olhos esbugalhados e sem piscar do* Chofer Sapo no espelho retrovisor da limusine do estúdio, ele que era compatriota da Plebeia Esfarrapada & a conhecia *I wanna be loved by you nobody else but you quero ser amada por você por você I wanna be loved by you I wanna be boop boopie do! boop boopie do! I wanna be*

— Não. Eu quero tentar de novo.

E gradualmente a performance de Sugar Kane foi ficando mais afiada, no fundo ela tinha noção de que a personagem permitia suas camadas de refinamento embora Sugar Kane não passasse de uma caricatura sexual, em mais uma pantomima sexual imaginada por homens para homens para o deleite de homens Sugar Kane é vista como um pedaço de doce, gelatinosa esse papel um insulto & profundamente ofensivo para Monroe & ainda assim: Sugar Kane foi escrita para ela & quem era Sugar Kane se não a atriz loira?

— Não. Eu quero tentar de novo.

I wanna be loved by you by you Não foi ríspido! ela não havia falado de forma ríspida, tinha certeza. Seu cabeleireiro & Whitey, o maquiador, eram testemunhas. Ela se ouviu falando com a voz rouca ofegante de Marilyn de longe como uma voz num telefone & tinha certeza de que não se dirigiu em um tom cortante para W, ela mantinha a *rispidez* reservada. Ainda havia uma ameaça *cortante*. Desde que voltara ao Estúdio, o boato recorrente era a promessa de *rispidez*. Como a lâmina reluzente de uma navalha impecável é uma ameaça & uma promessa de *rispidez*. Dizer a W, o distinto diretor que o Estúdio havia contratado para agradá-la:

— Olha aqui, senhor. Você tem Marilyn Monroe neste filme ridículo, então use-a bem, não foda com ela. E nem tente *foder* Marilyn também.

Era como se tivesse morrido e voltado para nós uma pessoa diferente. Eles dizem que ela tinha perdido um bebê menino. E havia tentado se matar. Afogada no oceano Atlântico! Monroe sempre foi corajosa.

Depois do aplauso indesejado & inconveniente, a cena seguinte foi um desastre & ela esqueceu as falas & até seus dedos a traíram tocando as notas erradas no ukulele & ela explodiu em soluços estranhamente sem lágrimas & bateu em suas coxas, em seu vestido justo e sedoso do figurino de Sugar Kane (tão justo que ela nem conseguia se sentar entre as gravações & podia apenas “descansar” em um aparato desenvolvido para circunstâncias assim) & começou a gritar como uma criatura sendo dilacerada & em uma fúria arrancou seu cabelo recém-descolorido penteado com cuidado frágil como fibra de vidro & teria passado as unhas na sua doce máscara cosmética de rosto de bebê não tivesse o próprio W corrido para impedi-la:

— Não! Marilyn, pelo amor de Deus.

Vendo nos olhos insanos de Monroe seu próprio destino iminente. Doc Fell, médico residente, nunca longe do estúdio de gravação & de Monroe, foi convocado & rápido apareceu & com uma enfermeira assistente levou sua paciente chorando histericamente para longe. Na privacidade do camarim da estrela que um dia fora o camarim de Marlene Dietrich quem sabia que poção mágica teria sido injetada diretamente em seu coração?

Eu vivo agora para o trabalho. Eu vivo para o trabalho. Eu vivo apenas para o trabalho. Um dia vou fazer um trabalho que mereça meu talento & desejo. Um dia. Isso eu juro. Isso eu prometo. Quero que me ame pelo meu trabalho. Mas se você não me amar, não posso continuar meu trabalho. Então por favor me ame!... para que eu possa continuar meu trabalho. Estou presa aqui! Estou presa nesta manequim loira com esse rosto. Eu só consigo respirar tendo esse rosto! Aquelas narinas! Aquela boca! Ajudem-me a ser perfeita. Se Deus estivesse em nós, nós seríamos perfeitos. Deus não está em nós, nós sabemos disso porque não somos perfeitos. Não quero dinheiro & fama só quero ser perfeita. A manequim loira Monroe sou eu & não sou eu. Ela não é eu. Ela é o que eu nasci. Sim, quero que você a ame. Então você vai me amar. Ah, eu quero amar você! Quem é você? Eu olho, olho & não há ninguém lá.

Ela havia dirigido em um carro emprestado na Ventura Freeway até o Griffith Park & o cemitério Forest Lawn (onde I.E. Shinn estava enterrado & para sua vergonha ela havia esquecido exatamente onde!) & assim seguiu por horas & ninguém sabia & uma enxaqueca cegante surgindo & ela continuou dirigindo & dirigiu por quilômetros de vizinhanças residenciais pensando: *Tantas pessoas! tantas! por que Deus fez tantas?*, sem saber exatamente o que buscava, quem buscava, ainda que confiante de que reconheceria seu pai se o visse. *Vê? — este homem é seu pai, Norma Jeane.* Mais vívido para sua mente, que estava escorregando e derrapando como cubos de gelo lançados sobre um piso polido, do que qualquer pessoa de sua vida do presente, aquele *pai*. Ela não poderia se permitir pensar que ele talvez a tivesse atormentando. Que suas cartas não eram de amor, mas de crueldade. Brincando com seu coração.

Minha linda Filha perdida

Seu Pai amoroso e arrependido

Brincando com Norma Jeane como a gata tricolor malhada e magra e muito grávida brincara com um filhote de coelho pelo jardim (ela havia observado horrorizada de uma janela da Casa do Capitão), permitindo que a criatura boba & sangrando & soluçando se arrastasse alguns centímetros na grama & então atacando-a com alegria & rasgando & mordendo com seus dentes carnívoros & de novo permitindo que a criatura boba & sangrando & soluçando se arrastasse alguns centímetros & então atacando-a

até que enfim tudo o que restava do filhote de coelho era a parte de baixo do torso & as pernas ainda trêmulas em pavor. (Seu marido não a havia autorizado a intervir. Era apenas a natureza. A natureza de um gato. Ela só iria se chatear se o fizesse. Era tarde demais, o coelho estava morrendo.) Não. Ela não poderia aguentar pensar isso. Ela não pensaria nisso.

— Meu pai é um homem envelhecendo, um homem adoecido. Ele não quer ser cruel. Ele está envergonhado de ter me abandonado quando criança. Ter me deixado com Gladys. Ele quer reparar. Eu poderia morar com ele e ser sua companheira. Um homem mais velho distinto. Cabelos brancos. Próspero, eu acho; mas eu poderia sustentar a nós dois. MARILYN MONROE E SEU PAI..... Ele poderia me acompanhar às estreias. Mas por que ele não se declara? Por que está esperando?

Ela estava com 33 anos! Um pensamento cruzou sua mente de que o pai tinha vergonha de Marilyn Monroe & estava relutante em reconhecer a relação deles em público. Ele a chamava apenas de Norma. Ele falava sobre não ver os filmes de Monroe. Atravessou sua mente também que seu pai poderia estar esperando que Gladys morresse.

— Eu não posso escolher entre um e outro! Eu amo os dois.

Desde que voltou a Los Angeles para começar o trabalho de *Quanto mais quente melhor*, ela tinha visto Gladys apenas uma vez. Apesar de Gladys presumivelmente ter ficado sabendo de sua gravidez, ela não havia contado a Gladys do aborto espontâneo, e Gladys não havia perguntado. A maior parte de sua visita foi caminhando no terreno do hospital, para a cerca e de volta.

— Minha lealdade está com Mamãe. Mas meu coração é *dele*.

Nesse estado mental, ela se perdeu nas colinas sobre a cidade. Ela estava perdida no cemitério Forest Lawn & se perdeu no Griffith Park & enfim se perdeu no subúrbio de Glendale & mesmo se ela voltasse à Hollywood & Beverly Hills, ela não conseguiria lembrar exatamente onde estava morando. Graças ao sr. Z & o Estúdio. Era uma casa pequena, decorada com bom gosto não muito longe do Estúdio, mas ela não conseguia lembrar onde ficava. Em uma farmácia de Glendale (onde eles a reconheceram, malditos sejam, ela percebia, encarando & sussurrando & sorrindo & ela estava exausta em roupas amarrotadas & sem maquiagem & olhos injetados de sangue atrás de óculos escuros) ela ligou para o escritório do sr. Z

implorando como Sugar Kane & um motorista foi enviado para levá-la de volta para casa, que de início ela não reconheceu, na estrada Whittier, buganvílias flamejantes & palmeiras & ela teve que ser acompanhada até a porta que foi aberta de repente & lá estava um homem alto de meia-idade com um rosto sulcado e ansioso atrás de óculos de lentes grossas & ela parecia em meio a sua enxaqueca confusa & cegante incapaz de reconhecê-lo.

— Querida, pelo amor de Deus. Eu sou seu *marido*.

Trinta e sete tomadas de *I wanna be loved by you* antes de Monroe ter segurança de que não poderia se sair melhor. Muitas delas pareceram a W e a outros quase idênticas, mas para Monroe havia distinções pequenas & estas pequenas distinções eram cruciais para ela *como se sua vida dependesse disso & se opor a ela era ameaçá-la de morte & a mulher responderia com pânico & raiva*. Todos estavam exaustos. Ela própria estava exausta, mas satisfeita & foi vista sorrindo. W a elogiou com parcimônia. Sua Sugar Kane! Com parcimônia tomou suas mãos & a agradeceu tanto quanto havia feito durante as gravações de *O pecado mora ao lado* & ela respondera com sorrisos & risinhos de gratidão, mas dessa vez Monroe endureceu & se afastou como um gato faria, sem gostar de ser tocada naquele momento, ou de ser tocada por ele. Sua respiração estava acelerada & ardente. W afirmaria que isso era combustível! W era um distinto diretor de Hollywood que havia dirigido aquela atriz difícil na comédia anterior, que havia sido um sucesso de público & de crítica em 1955 & a Garota do Apartamento de Cima, um triunfo cômico, mas ainda assim Monroe não confiava nele. Apenas três anos depois, mas Monroe havia mudado tanto que W não a reconhecia. Ela não era a Garota naquele momento. Não olhava mais para ele em busca de aprovação & elogios. Não estava mais casada com o Ex-Atleta & escondendo seus machucados & uma vez em uma locação em Nova York ela havia despencado nos braços de W, chorando como se o coração estivesse partido & W a segurou como um pai segurando uma filha & ele nunca se esquecera da ternura & da vulnerabilidade daquele momento, mas Monroe havia claramente esquecido. A verdade era que àquela altura Monroe não confiava em quem quer que fosse.

— Como eu poderia? Tem apenas uma “Monroe”. As pessoas estão esperando para vê-la humilhada.

Às vezes dormia em seu camarim no Estúdio. A porta trancada & um NÃO PERTURBE do lado de fora & um dos que a adorava, com frequência Whitey, de guarda. Dormia apenas em roupas íntimas & seios nus & corpo coberto de suor & cheirando a ataques de pânico & vômito até a exaustão & o Nembutal líquido indo pelas veias até o coração era tão poderoso que ela afundava na imundície acolhedora e quente de um sono sem sonhos & o pânico terrível baixando & mais calma & *se meu coração parar um dia este é um risco que tenho que aceitar* & sua alma frágil consertada no sono de tantas horas, às vezes catorze, às vezes apenas duas ou três, exceto que então caminhando em confusão & medo sem saber onde estava, não no camarim do Estúdio no final das contas, mas no Quarto de Bebê na casa de veraneio em que ela nunca mais entrou depois do aborto espontâneo, ou um quarto desconhecido em uma casa particular ou até em um quarto de hotel & ela era Norma Jeane acordando para uma cena de devastação forjada por uma estranha, uma louca que havia derrubado vidros & tubos de maquiagem no chão, pó & talco, arrancado roupas de cabides no armário & às vezes seus livros favoritos, páginas rasgadas & espalhadas & espelho rachado onde um punho o havia esmurrado (sim, o punho de Norma Jeane estaria machucado) & uma vez havia batom carmesim manchando o espelho como um grito selvagem & ela se levantava trêmula sabendo que era responsável por limpar aquela devastação, ela não desejaria que os outros vissem, que vergonha, que vergonha de ser Norma Jeane, a filha de uma mãe enviada para Norwalk & todo mundo sabia, as outras crianças sabiam, preocupação & pena nos olhos.

No quarto fechado nos fundos da casa em Whittier Drive, um homem dizia com ternura *Norma você sabe que eu me importo muito com você* & ela respondia *Sim eu sei* & sua mente voando para Sugar Kane & a filmagem da manhã seguinte que era uma cena de amor entre Sugar Kane & um homem que a adorava (no filme) interpretado por C que (na vida real) havia começado a odiar Marilyn Monroe. Seu comportamento infantil e egoísta, incapacidades repetidas de chegar ao estúdio de gravação no horário & uma vez lá sua, inabilidade de se lembrar das falas de propósito ou estupidez ou as drogas estavam destruindo seu cérebro o que forçava C & os outros a fazer outra e outra tomada & C sabia que sua performance no filme estava

piorando a cada dia & o diretor W favoreceria Monroe no corte porque Monroe era a atração principal, a vadia perturbada. E então C a detestava & na cena de beijo no clímax do filme como ele queria poder cuspir na cara falsamente ingênua de Sugar Kane, pois a essa altura o mero toque da lendária pele de Monroe causava repulsa & C seria inimigo de Monroe pela vida inteira & depois de sua morte que histórias C contaria dela! E então perante as câmeras na manhã seguinte esses dois precisavam se beijar e simular paixão & até afeto & a plateia tinha que acreditar & esse prospecto que ela estava contemplando mesmo à medida que um homem suplicava a ela *O que posso fazer para ajudar você, querida? Para nos ajudar.* Ela se lembrou com uma pontada de culpa que aquele homem que desejava confortá-la, aquele homem decente de voz baixa que estava ficando careca, era seu marido. *O que eu posso fazer para nos ajudar, querida? Só me diga.* Ela tentava falar, mas havia um pano na boca. Ele estava dizendo, acariciando seu braço *Parece que a cada dia desde o Maine estamos mais & mais distantes* & murmurou uma resposta vaga & ele disse com angústia *Estou tão preocupado com você, querida. Sua saúde. Estas drogas. Você está tentando se destruir, Norma? O que está fazendo com sua vida?* & por fim ela o empurrou para longe dizendo com frieza *Mas o que da minha vida é da sua conta? Quem é você?*

Medo do palco. A maldição da Plebeia Esfarrapada! Repetir & repetir gaguejar & repetir & começar de novo & de novo começar & gaguejar & repetir & repetir & se afastar & se trancar longe deles & voltar enfim só para repetir & repetir & repetir para conseguir com perfeição para conseguir o que quer que seja perfeição deixar perfeito o que não é aperfeiçoável para repetir & repetir até estar perfeito & inatacável então quando eles rissem eles estariam rindo de uma performance cômica brilhante & não de Norma Jeane, eles não estariam cientes de Norma Jeane de forma alguma.

Medo do palco. Um pânico animal. O pesadelo do ator. Uma corrente de adrenalina tão forte que pode derrubar você no chão & seu coração está acelerado & tanto sangue bombeado por ele que você se apavora com medo de explodir & seus dedos & dedos do pé virando gelo & não há força em suas pernas & sua língua está dormente, sua voz desapareceu. Um ator é sua voz & se sua voz desaparece ele desaparece. Com frequência há vômitos.

Incontáveis & espasmódicos. Medo do palco é um mistério que pode atingir qualquer ator a qualquer momento. Até um ator experiente, um veterano. Um ator bem-sucedido. Laurence Olivier, por exemplo. Olivier foi incapaz de atuar em um palco por cinco anos no auge de sua carreira. Olivier! E Monroe, acometida por medo de palco no começo dos trinta anos, realmente acometida, na frente de câmeras de cinema & nem sequer plateias ao vivo. Por quê? Sempre se explica que medo do palco deve ser um simples medo da morte & aniquilação, mas por quê? por que um medo tão geral atingir de forma tão aleatória? por que ao ator em específico & por que tão paralisante? por que esse pânico nesse momento, por quê? será que seus membros serão arrancados de você, por quê? seus olhos arrancados, por quê? entranhas rasgadas, por quê? você é uma criança, um serzinho prestes a ser devorado, por quê, por quê, por quê?

Medo do palco. Porque ela não poderia expressar raiva. Porque ela poderia expressar com beleza & sutileza todas as emoções exceto raiva. Porque ela conseguia expressar mágoa, maravilhamento, pavor & dor ainda que não conseguisse se apresentar como um instrumento de tais reações em outros. Não no palco. Sua fraqueza, sua voz trêmula se ela a levantasse com raiva. Em protesto, de raiva. Não, mas ela não conseguia! E alguém iria gritar dos fundos do ensaio (isso era em Manhattan, na Companhia de Atores de Nova York; ela não estava com microfone) *Perdão, Marilyn, não estamos conseguindo ouvir você.* O homem que era seu amante ou que desejara ser seu amante, como todos os seus amantes um homem cheio da certeza de que ele próprio sabia o segredo do enigma, da charada, da maldição de Monroe, dizia que ela precisava aprender a expressar raiva como atriz & ela então se tornaria em uma grande atriz, ou ao menos teria a chance de se tornar uma grande atriz & ele guiaria sua carreira, ele escolheria os papéis para ela & a dirigiria & ele a transformaria em uma grande atriz de teatro; zombando e repreendendo-a mesmo enquanto fazia amor com ela (em sua forma peculiarmente lenta & entretida & quase abstrata de nunca parar de falar exceto no exato momento do clímax & então apenas um instante, como se entre parênteses) que ele sabia por que ela não conseguia expressar raiva, e ela sabia? & ela balançava a cabeça muda, não, & ele disse *Porque você quer que nós amemos você, Marilyn você quer que o mundo ame você & não a destrua, como você gostaria de destruir o mundo & você teme que nós*

descubramos seu segredo, não é? & e ela fugiu dele & amou seu amigo o Dramaturgo & se casaria com o Dramaturgo que a enxergava como Magda, mas que mal a conheceria.

Medo do palco. Quando ela caiu, batendo a barriga nos degraus, quando o sangramento começou, as contrações em seu útero & de alguma forma ela estava deitada de ponta-cabeça & e as pernas contorcidas sob ela gritando de dor & terror & seu orgulho de não ter medo da dor física se revelou o orgulho irresponsável de uma criança ignorante & condenada & sua maldade seria punida, perdendo aquele bebê que ela amava, ah, ela o havia amado mais do que a própria vida ainda que não tivesse o poder de salvá-lo. *Assim Sugar Kane se lembra & congela no meio de uma cena cômica de reconhecimento sendo beijada por C como uma mulher impostora na frente da audiência de uma boate.*

Ela congelaria ela sairia do estúdio de gravação cambaleante como uma mulher bêbada às vezes ela chacoalharia as mãos com tanta força, como um pássaro ferido tentando alçar voo ela não deixaria um de nós tocá-la, se o marido estivesse ali ela não o deixaria tocá-la o pobre coitado naquela roupa brilhante majoritariamente transparente que haviam inventado para Monroe mostrando seus peitos imensos & as bandas gêmeas da bunda gelatinosa fantástica & o vestido com um corte profundo nas costas mostrando as costas praticamente inteiras até quase o cóccix lá estava aquela trágica mulher apavorada emergindo de Sugar Kane como uma máscara de açúcar de confeitiro derretendo & é Medeia por baixo era uma imagem solene Monroe pressionaria as mãos sobre a

barriga às vezes a cabeça, as orelhas, como se o cérebro fosse explodir ela havia me dito que temia uma hemorragia eu sabia que ela tivera um aborto espontâneo no verão, no Maine ela dissera *Sabe, é só uma rede de veias? artérias? mantendo nosso corpo inteiro, montado? & se elas explodirem & começarem a sangrar?* No material bruto das gravações diárias havia essa pessoa totalmente diferente lá estava a Monroe verdadeira que eu sempre imaginei “Sugar Kane” com qualquer outro nome Se ela só tivesse se permitido apenas ser “Marilyn” teria ficado bem Sim, eu a odiava na época Eu tinha fantasias de estrangular aquela vaca como em *Torrentes de paixão*, mas olhando em retrospecto eu me sentia diferente todos os meus anos

dirigindo, eu acho que nunca havia trabalhado com ninguém como Monroe ela era um enigma que eu não conseguia decifrar ela se conectava com a câmera, mas não com o resto de nós ela olharia através de nós como se fôssemos fantasmas talvez fosse a Monroe por baixo daquilo que tornava Sugar Kane especial ela tinha que atravessar Monroe, para chegar a Sugar Kane que é só superfície talvez o que é “superficial” tenha que ser atingido indo a fundo se ferindo muito & ferindo outros

Havia um rumor, Marilyn & Doc Fell “tinham uma coisinha”. Nós ouvíamos risinhos no camarim & a porta fechada.

NÃO PERTURBE.

Havia um rumor, Marilyn & W “tinham uma coisinha entre eles & deu errado”. Nós ouvíamos W xingando-a, não na cara dela, mas pelas costas enquanto ela se afastava. Ele tentaria ligar para ela no telefone quando ela se atrasava ou não aparecia, & não conseguiria falar com ela, às vezes ela se atrasava cinco, seis, horas, ou nem vinha. O problema com W começou em *Quanto mais quente melhor*. Um de nós, o assistente de W, foi enviado para buscar Marilyn em seu trailer (nós estávamos na locação na época, na praia de Coronado, para a sequência na “Flórida”) & lá estava Sugar Kane toda maquiada & no figurino de roupa de banho, pronta fazia uma hora ou mais & nós estávamos esperando & ela só estava parada lá dentro lendo um livro de uma forma estranha e urgente, algo que deveria ser uma ficção científica que se chamava *A origem das espécies* & o assistente de W dizia:

— Srta. Monroe? W está esperando.

No mesmo ritmo & sem sequer olhar para ele, Marilyn diz:

— Mande W se foder.

Seu começo como jovem vedete. Monroe era tanto astuta quanto prática. Dividindo suas numerosas prescrições de medicamentos (Benzedrina, Dexedrina, Meprobamato, Dexamil, Secobarbital, Nembutal etc.) entre as diversas farmácias em Hollywood & Beverly Hills, assim como se dividia entre vários médicos cada um sem saber & sem suspeitar (ao menos, eles afirmariam assim depois de sua morte) um dos outros. Mas sua drogaria favorita, diria ela em entrevistas, sempre permaneceria sendo Schwab's.

— Onde Marilyn começou como jovem vedete, com Richard Widmark encarando seu rabo.

Não a doce Sugar Kane, mas aquela vagabunda Rose estendendo-se nua & lânguida pelos lençóis bagunçados de uma cama desfeita no hotel barato de blocos de concreto, o Sunset Honeymoon, saindo da Ventura Freeway. Rose bocejando & escovando o cabelo loiro-oxigenado para trás. Aquele olhar sonhador de uma mulher que esteve com um homem, o que quer que o homem tenha feito a ela ou com ela, o que quer que ela tenha sentido na verdade com ele ou fingido ter sentido ou poderia vir a sentir horas mais tarde, em sua própria cama em outro lugar, em retrospectiva sonhadora. No banheiro adjacente, um homem, também nu, mijava de forma ruidosa em uma privada & a porta nem sequer encostada. Mas Rose havia ligado a televisão & assistia à tela brilhar com a imagem de uma garota loira sorridente, modelo de fotos, com 22 anos, moradora de West Hollywood & seu corpo havia sido encontrado em um bueiro perto de um trilho de trem em East Los Angeles, ela havia sido estrangulada & “mutilada sexualmente” & descoberta apenas diversos dias depois. Rose encarou a loira sorridente & ela própria sorriu. Quando Rose estava nervosa ou confusa, Rose sorria. Isso compra tempo para pensar. Deixa o outro sem ação. Mas o que era isso? Algum tipo de piada de mal gosto? *A garota loira era Norma Jeane. Naquela idade.* Otto Öse deveria ter dado a eles a foto de Norma Jeane.

Deram a aquela garota morta um nome diferente. Não era o nome de Norma Jeane ou nenhum de seus nomes.

— Ah, Deus. Ah, meu Deus, nos ajude.

Ainda assim o pensamento lhe ocorreu. *Ela sabe quem é agora. Ela é um corpo no necrotério.*

Com aquele homem mijando, quem quer que ele fosse, ela não compartilharia nem a notícia do homicídio nem sua revelação.

Aquele homem que ela havia escolhido na Schwab's no café da manhã por motivos sentimentais apesar de que mesmo com aquele rosto & corpo grande robusto ele não era um ator, & sua identidade precisa ela não saberia. Ele não a havia reconhecido como Rose Loomis ou sequer como Monroe, não era um dia em que ela de fato era “Monroe”. Ele estava parado agora na pia do banheiro a água fluindo com barulho de ambas as torneiras & falando com ela em um tom de voz alto como alguém na televisão. Ela não fez esforço algum para ouvir. Era diálogo vazio de filmes, uma forma de preencher a cena até terminar. Ou ela já havia mandado o cara embora & o

ruído das torneiras & encanamento era do quarto adjacente. Não, ele ainda estava ali, ombros largos & sardas nas costas como manchas de areia seca. Ela perguntaria a ele seu nome & ele diria a ela & ela se esqueceria & ficaria com vergonha de perguntar outra vez & não conseguia se lembrar se lhe dissera “Meu nome é Rose Loomis” ou possivelmente “Norma Jeane” ou “Elsie Pirig”, que era um nome comicamente áspero aos ouvidos, ainda assim homem algum ria. A garota morta poderia ter sido *Mona Monroe*. No carro que ela dirigia & ele havia notado sua aliança de casamento & feito um comentário quase desejoso & ela explicou rápido que estava casada com o Estúdio, ela cortava filmes & ele pareceu na verdade impressionado & perguntou se ela via “estrelas de cinema” em seu emprego & ela disse que não, nunca; apenas nos filmes, cortando & decupando filmes & eles não eram nada além de imagens em celuloide.

Foi depois. O homem sardento havia sumido. A tela de televisão era um chuveiro de linhas tortas & trêmulas & quando as linhas se transformavam em rostos humanos eles não eram rostos que ela reconhecia, a Mona Monroe estrangulada havia sumido & um barulhento programa de perguntas e resposta estava passando.

— Talvez não tenha acontecido ainda?

De súbito, ela se sentiu feliz & esperançosa de novo.

O marido injuriado. Voltando a ele no começo da noite, quem quer que ele fosse, este homem, o sêmen de outro homem vazando de sua boceta & o fedor da fumaça de cigarro de outro (Camel) em seu cabelo opaco, ela que não fumava, ela poderia ter esperado, se essa fosse uma cena de filme & música de cinema ameaçadora ao fundo, que haveria um diálogo dramático, um confronto; nos dias do Ex-Atleta, uma surra brutal & possivelmente pior. Mas aquilo não era cinema. Isso não era como o cinema. Isso era apenas a casa emprestada na Whittier Drive protegida contra o sol impiedoso & a figura envolta em silêncio com seu rosto entalhado em madeira, ele a quem ela admirara tanto & agora mal conseguia tolerar, um homem tão deslocado no sul da Califórnia como qualquer judeu de Nova York acordando na Terra de Oz; um coadjuvante no elenco com ela em uma cena prolongada que não merecia mais atenção do que qualquer coadjuvante em uma cena como essa a ser suportada até a próxima cena, só que mais empolgante: neste caso um longo mergulho em um banho quente

soltando vapor & a porta trancada contra intrusão marital, pois ela se sentia tão terrivelmente cansada, tão cansada! empurrando-o afastando o rosto & desejando apenas desmaiar em graus lânguidos na banheira de mármore, bebericando gim (direto do frasco de Sugar Kane, que ela havia trazido para casa) & discando o número particular de Carlo (mas Carlo estava no set de filmagem do filme novo & Carlo estava com uma nova paixão) sem sucesso, então despencando em devaneios, buscando uma visão para fazê-la sorrir & rir, pois ela era Miss *Golden Dreams* & não tinha mente mórbida por natureza, este não é o estilo de vida da garota americana & pensou em como no Estúdio naquela manhã eles estiveram esperando por ela — “Marilyn Monroe” — & telefonando-a freneticamente mil vezes como sempre até o momento em que se tornaria claro, para até o mais esperançoso entre eles, que “Marilyn Monroe” não apareceria naquele dia para se personificar & rebaixar; e W teria de filmar com ela em outro momento. W, ousando lhe dar direção! Ah, era engraçado! Ela ria alto, visualizando a miséria do garoto bonito do Brooklyn, C, que havia deixado claro que odiava Monroe até o último fio de cabelo, forçado a ficar parado maquiado & de saltos altos, uma *drag queen* como a união entre Frankenstein & Joan Crawford, & se o *marido injuriado* pairasse com ansiedade do lado de fora da porta trancada ouviria aquela gélida risada de garota que talvez ele interpretasse como feliz?

O marido injuriado.

— Eu só queria salvá-la. Eu não estava pensando em mim mesmo, todos esses anos. Meu orgulho.

A Amiga Mágica. A quatro quilômetros de distância do Estúdio estavam começando outra vigília para esperar Monroe, que lhes havia garantido por meio do agente que certamente estaria chegando para trabalhar naquele dia, ela estivera doente “com um vírus”, mas agora estava praticamente recuperada; a filmagem deveria começar às dez da manhã & não antes disso em concessão de Monroe que, sendo uma conhecida insone, com frequência não conseguia pegar no sono antes das quatro ou cinco da manhã & já eram onze & logo seria meio-dia & o sol ardia do lado de fora da casa fechada por venezianas & o telefone começou a tocar & o receptor deixado fora do gancho & em um quarto dos fundos ela estava & sentava & andava &

espiava no espelho esperando a chegada de sua Amiga Mágica, ela não estava muito orgulhosa de sussurrar:

— Por favor. Por favor, venha.

Já às oito da manhã, ela havia começado seu despertar acordando tonta & sóbria & com nada além de uma memória vaga do dia anterior & o hotel barato de blocos de concreto & determinada agora a consertar as coisas & de início ela havia sido paciente & não ansiosa ou assustada, limpando o rosto com calma aplicando creme & esfregando hidratante:

— Por favor. Por favor, venha.

Ainda assim os minutos passaram & a Amiga Mágica não apareceu.

E logo ela estava uma hora atrasada para chegar no Estúdio & logo depois duas horas & os minutos passavam cruéis como o tique-taque do relógio de avô na Casa do Capitão badalando o quarto de hora mesmo enquanto seu bebê vivo escapava na hemorragia de uma massa de coágulos & amontoados como alguma coisa, mas parcialmente digeridos & ela sabia a verdade: seu ventre estava envenenado & sua alma também. Ela sabia que não merecia a vida como outros merecem & apesar de ter tentado, havia fracassado em justificar a própria vida; ainda assim, tinha que continuar a tentar, pois seu coração tinha esperança, ela queria ser boa! ela tinha sido contratada para interpretar Sugar Kane & faria um trabalho excelente pra cacete! & ao meio-dia ela começou a ficar agitada & entre uma agitação de ligações foi combinado que Whitey, o maquiador pessoal da srta. Monroe, iria à casa na Whittier Drive & faria uma maquiagem preliminar antes de a atriz deixar a privacidade & o santuário de sua casa, pois ela não teria a coragem do contrário, & que alívio ver Whitey! amado Whitey! alto & sério & sacerdotal portando seu kit de maquiagem que continha muito mais vidros, tubos, pastas & pós & tintas & lápis & pincéis & cremes do que ela tinha; que alegria ver Whitey naquele lugar de desordem & desamparo; quase, ela teria tomado & beijado as mãos de Whitey, mas sabia que o círculo fiel de assistentes de Monroe preferia sua patroa indiferente a eles, como sua superior legítima.

Vendo o tormento & a ausência de toda a mágica em seu rosto abatido, sem cor, assustado, Whitey murmurou:

— Srta. Monroe, não fique chateada. Vai ficar tudo bem, eu prometo.

Dizia-se de Monroe, no estúdio, alguns dias, que ela falava de uma forma confusa, como se palavras a desorientassem; Whitey ouvia agora sua patroa

gaguejar:

— Ah, Whitey! “Sugar Kane” tem que querer chegar lá, é mais importante do que tudo no mundo!

& sabendo exatamente o que sua patroa queria dizer, Whitey a instruiu a deitar na cama feita às pressas & começar seus exercícios de respiração de yoga (pois Whitey também era praticante de yoga, da escola chamada Hatha Yoga) & relaxar totalmente a tensão em seu rosto & corpo & ele jurou que iria conjurar “Marilyn” em menos de uma hora, & assim eles tentaram, tentaram com afinco, mas Norma Jeane achou a posição na cama desconfortável, o brocado pesado estendido sobre lençóis amassados, cheirando a pânico noturno, tinha muito de um ritual de morte ela sentia, essa postura inclinada, ela própria no mortuário & seu embalsamador trabalhando sobre ela com pastas & pós & lápis & tubos de cor, seu amante embalsamador, o primeiro marido que partira seu coração & lhe negou Bebê, como então ela era culpada de que Bebê tivesse partido; naquela postura, lágrimas começaram a vazar dos cantos de seus olhos & Whitey murmurou:

— Ah! Srta. Monroe.

Ela sentia também uma sensação pavorosa de sua pele flácida sobre seus ossos & as bochechas borrachudas & cedendo a um novo puxão da gravidade. Otto Öse havia zombado dela, ela tinha um rosto de bebê redondo sem ossos que logo despencaria & enfim o próprio Whitey cedeu, sua mágica não estava funcionando. Ainda não.

Então Whitey deixou a Plebeia Esfarrapada e trêmula diante da penteadeira com seu triunvirato de espelhos & luzes brancas onde ela se encolheu em seu sutiã de renda negra & anágua de seda negra como uma suplicante em oração, & as mãos gentis, mas habilidosas de Whitey removeram a maquiagem fracassada com cotonetes de algodão & creme frio & veio o calor de paninhos finos como gaze, como bandagens, para acalmar sua pele que havia ficado áspera, endurecida como se por algum capricho cruel da noite anterior (ou será que havia sido seu amante sardento de ombros largos, um ogro gigante que havia esfregado suas mandíbulas com barba por fazer contra sua pele sensível?) & Whitey com melancolia & sem pressa começou seus rituais uma segunda vez, mas a aplicação de adstringente & hidratante & base para maquiagem & blush & pó & sombra & lápis de olho & máscara & o batom azul-avermelhado que havia sido

desenvolvido para Sugar Kane embora o filme fosse em preto & branco & não poderia mostrá-lo por completo; & com o passar dos minutos, emergiu desses espelhos uma presença familiar ainda que elusiva, de início não mais do que um brilho no piscar dos olhos, então lábios contorcidos naquele provocante sorriso sensual & a pinta no rosto foi forçada a aparecer, não mais no canto esquerdo de sua boca pintada mas cerca de dois centímetros para baixo, sob o lábio; pois o rosto de Sugar Kane havia sido planejado de uma forma sutilmente diferente de rostos anteriores de Monroe em filmes anteriores; & tanto a senhora quanto o servo começaram a sentir o coração acelerar de empolgação

— Ela está vindo! Ela está quase aqui! Marilyn! — como a tensão antes de uma tempestade de raios ou a sensação após o tremor de um terremoto, o esperar pelo próximo tremor, o próximo salto;

& enfim conforme Whitey, atarantado, apagava & refazia as sobrancelhas marrons em arco, em contraste forte com o cabelo pálido, emergia rindo dos medos da Plebeia Esfarrapada o rosto mais belo que ela já tinha visto, uma maravilha de rosto, o rosto da Princesa Cintilante.

Ao lendário Whitey, Monroe daria inúmeros presentes, o mais estimado um prendedor de gravata de ouro em formato de coração com a inscrição:

PARA WHITEY COM AMOR
ENQUANTO EU AINDA ESTOU QUENTE!
MARYLIN

Como moscas pousando em algo doce & grudento, o jeito que os olhos das mulheres se arrastavam para C. Um ator tão bonito, vestido como mulher em *Quanto mais quente melhor*, C ainda estava bonito & não terrível & ridículo como se esperaria. C, o taciturno. C, o arquirrival de Sugar Kane. C tivera mulheres demais. Ele havia se empanturrado & vomitado. Monroe não era mais tentadora a C do que uma poça de vômito fresca. Quando C beijava Monroe, sua boca tinha sabor de amêndoas amargas & ela tinha se afastou dele em pânico & fugiu do set acusando-o de haver colocado veneno nos lábios! — este seria o rumor. C contaria a história mais deplorável de que, nas reuniões iniciais, pré-produção, brincando & provocando Monroe a respeito das cenas amorosas que viriam, que eram muitas; em uma longa cena dentro de um iate, C deitaria de costas reto fingindo impotência

enquanto Sugar Kane se deitava sobre ele passando o rosto no dele & beijando-o em um esforço de “curá-lo”, uma cena para facilitar a travessia pela censura com a pretensão de ser cômica & teatral; & naquelas reuniões iniciais C havia gostado bastante de Monroe, nunca teria imaginado o tormento que se seguiria. Uma das cenas deles, & não era uma das complicadas, necessitaria de 65 tomadas. Dia após dia, C & outros esperariam por horas até Monroe aparecer, & às vezes nem sequer aparecia. Filmagens marcadas para as dez da manhã poderiam começar, enfim, às quatro da tarde ou às seis. C era um homem orgulhoso & ambicioso com sua carreira & não poderia abrir mão daquela joia de papel (em um filme que seria o seu melhor & lhe traria dinheiro) & daí sua raiva por Monroe. Sim, ele poderia reconhecer que Monroe era perturbada & um pouco louca (ela havia sofrido um aborto, seu casamento estava aos frangalhos), mas o que isso significava para ele, um homem lutando pela própria vida? *Com uma mulher neste estado, é você ou ela*, ele poderia ter confidenciado para o marido se fossem amigos; mas não eram. C era particularmente cruel imitando as palavras desorientadas de Monroe & sua gagueira confusa, como um dia quando eles haviam sido obrigados a esperar por ela por cinco horas — cinco! — & Monroe havia enfim aparecido, frágil & ofegante & sem se desculpar, ela se virou para ele & W com um sorriso amargo & disse:

— Agora você sabe como é ser uma mulher! *Alvo de risadas*.

Para sempre perguntariam a W como foi trabalhar com Monroe naquele estágio final de sua breve carreira, e W diria com simplicidade:

— Na vida, a mulher era o inferno e estava no inferno; em filmes, divina. Não havia uma conexão. Não havia mais mistério que isso.

Ainda assim, naquele dia, Sugar Kane chegou triunfante ao estúdio, pouco menos de quatro horas de atraso; & eles haviam gravado as partes que não precisavam dela & progrediram um pouco; & lá veio Sugar Kane doce & ofegante & dessa vez se desculpando & arrependida; implorando que a perdoassem, em especial C, cujas mãos ela apertou com mãos tão geladas que C teve que suprimir um tremor; & sem explicação, Sugar Kane interpretaria ao longo de quatro ou cinco páginas de roteiro sem um único erro; aquela mesma cena de amor, prolongada & vergonhosamente íntima, no iate. Tantos beijos! Sugar Kane em seu figurino translúcido mais

provocante, o decote nas costas tão profundo & solto que praticamente a parte de cima de suas nádegas estavam visíveis, uma boneca loira sensual-engraçada aos murmúrios e sorrisinhos, deitada sobre C & se movendo & C ficou estupefato, uma cena tão difícil entre dois atores que se odiavam até não poder mais sairia tão convincente & sem problemas; ele não conseguiria acreditar no desfecho, Monroe não diria: “Não. Eu quero tentar de novo”. Monroe apenas sorriu. *Sorriu!* A cena permaneceria intacta, como estava, perfeitamente montada em uma única tomada. Uma única tomada! Depois do pavor da repetição de dias & semanas antes! C se perguntaria se aquele milagre era um sinal de que Monroe havia se recuperado da noite para o dia de uma doença; ou, mais provável, se ela havia feito a cena de forma tão brilhante em uma única tomada apenas para mostrar que, sim, ela conseguia. Quando quera.

Mesmo assim, até C & os outros que odiavam Monroe tinham que admitir que ela estava maravilhosa naquele dia. Nós aplaudimos, tão gratos por ela ter voltado, mesmo que só por um período curto. Nós a adorávamos, ou desejávamos adorar. Nossa Marilyn!

Você estava me vigiando o tempo todo. Covarde! Depois que ela foi liberada do Hospital Brunswick. Ele a levou de volta para a Casa do Capitão, que não era o lar deles. Nunca mais ela entraria no Quarto de Bebê. As coisas preciosas de Bebê foram dadas à Janice, para o filho dela. Nunca mais ela passaria pela porta fechada do porão, mas insistiria para o Dramaturgo que estava bem, estava feliz, estava se recuperando e não com “uma mente mórbida” & ele acreditava nela com a mesma segurança que ela acreditava nas próprias palavras firmes & em uma noite de um agosto abafado ele acordou do sono com os barulhos do encanamento na casa antiga & sua jovem esposa estava desaparecida da cama, mas não no banheiro da suíte do quarto; ele a encontrou em outro banheiro do andar de cima enchendo uma banheira de água escaldante, nua & trêmula agachada ao lado, seus quadris musculosos, seus olhos brilhantes & ele teve que pegá-la nos braços para impedir que entrasse naquela água, uma água tão quente que o vapor havia coalescido em glóbulos nos espelhos & luminárias do banheiro, & ela se digladiou com ele dizendo que o médico do Brunswick lhe havia dito para

“tomar banhos” para se purificar & era isso que ela pretendia fazer & ele via em seus olhos o brilho de loucura & não a reconheceu & de novo eles brigaram, como aquela mulher era forte, mesmo em seu estado enfraquecido, a sua Magda! É claro que ela não era sua Magda, ela não era ninguém que ele conhecesse. Mais tarde, ela diria para ele com amargor:

— É o que você quer, não é? Que eu vá, desapareça. — & ele, seu marido, protestaria, & ela daria de ombros & riria. — Ahhhh, Papai. — Este termo afetivo, uma zombaria em seus lábios desde o aborto espontâneo. — Por que não me contar a verdade, pelo menos uma vez?

“Impossível saber as verdades mais simples. Exceto que a morte não é uma solução para o enigma da vida.”

(Essas palavras ele havia escrito & escreveria; palavras de conforto & penitência; em tempo, palavras de exorcismo; & nunca mais ela pediria a ele com olhos suplicantes *Papai você nunca vai escrever sobre mim, vai?* Nunca mais.)

Noite de estreia! Nas cadências adocicadas de Sugar Kane, a sabedoria Zen veio a ela, murmurada depois de uma boca cheia de Dom Pérignon.

— Ahhhh, meu Deus! Ah, eu entendi! Os gatos! Foram eles.

Não até a noite de estreia de *Quanto mais quente melhor*. Não até o hiato de sabe-se-lá-quantas noites insones drogadas & dias, semanas & meses de consciência esfarrapada & suja como uma toalha em um porta-toalhas quebrado & uma entrada na emergência (na praia de Coronado, onde seu coração acelerou até uma taquicardia & C dentre todas as pessoas odiando o mero toque da pele de MM foi quem a ergueu da areia escaldante de sol onde ela havia caído!). Na longa limusine Cadillac brilhando em preto com o lendário pioneiro do cinema & filantropo sr. Z sentado à direita & o homem esquelético de testa franzida que era seu marido à esquerda.

— Aqueles gatos que dei c-comida. Ah! — Ela falava alto & ninguém ouvia.

Ela havia entrado em uma fase da vida em que com frequência falava alto & ninguém ouvia. Maquiagem & figurino no Estúdio havia requerido seis horas e quarenta minutos. Ela havia sido entregue em algum momento depois das onze da manhã, semiconsciente. Doc Fell a havia medicado na privacidade de seu camarim; seus choramingos & soluços abafados de dor

tornados uma rotina que soava aos ouvidos alheios como alegria. Ela fechou os olhos & a longa agulha afiada foi cravada em uma artéria na parte interna do braço; às vezes no lado interno da coxa; às vezes em uma artéria logo abaixo da orelha & escondida pelo cabelo platinado fofo; às vezes, mais arriscado, em uma artéria sobre o coração.

— Srta. Monroe, apenas fique parada. Aí. — Que gentis olhos de águia, um bico em vez de nariz. Seu Doc Fell.

Em outro filme, Doc Fell seria um pretendente de Marilyn & mais cedo ou mais tarde, seu marido; neste filme, Doc Fell seria um rival do marido, que, reprovando a medicação da esposa com severidade, não sabia nada, ou muito pouco, do rival. Doc Fell era um daqueles como Whitey, zelosamente envolvidos na apresentação pública de MARILYN MONROE & presumivelmente recebia um salário considerável do Estúdio. Ela o temia como nunca temeria Whitey, pois Doc Fell tinha o poder da vida & da morte sobre seus sujeitos.

— Um dia em breve eu terminarei com ele. Com todos eles. Eu *juro*.

Esses eram os desejos & intenções mais verdadeiros da atriz. No diário de colegial de Norma Jeane, ela inscreveu isso.

Aquela opulenta *première* de Hollywood! Que típico da era de ouro de Hollywood! O Estúdio estava honrando com luxo *Quanto mais quente melhor*, que fora, para a surpresa de todos aqueles que conheciam os bastidores da indústria, um sucesso. No mercado, previa-se que seria outro sucesso de bilheteria de MARILYN MONROE para o Estúdio. Os primeiros espectadores adoraram. Críticos de cinema adoraram. Cinemas no país inteiro estavam competindo para exibi-lo. Ainda assim, a memória da atriz loira do filme era irregular como um sonho interrompido muitas vezes. Nenhuma fala de Sugar Kane permaneceu em sua memória, exceto por, ironicamente, a única com a qual ela havia se atrapalhado 65 lendárias vezes: “Sou eu, Sugar”. Fala essa que, de alguma forma, ela havia se confundido e dito: “Sou, Sugar, eu”. “Sugar, sou eu.” “Sugar eu, sou?” “Sugar! Sou *eu*.” “É Sugar, eu.” “Sou e-eu? Sugar?” Ainda assim, tudo estava perdoado. Eles queriam amar a Marilyn deles, & Marilyn voltara a ser amável. Três anos longe de Hollywood & MARILYN ESTÁ DE VOLTA! Os anjos tocaram suas trombetas & proclamaram & anunciaram seu retorno por meses. TRAGÉDIA & TRIUNFO era a revelação. ABORTO ESPONTÂNEO NO MAINE. (Vindo do sul

da Califórnia, aborto-espontâneo-no-Maine com certeza fazia sentido.) TRIUNFO EM HOLLYWOOD. (Hollywood era o lugar do triunfo!) Quando perguntavam como ela se sentia, Marilyn respondia na doce voz sensual ofegante:

— Ah, eu me sinto simplesmente tão privilegiada. De estar viva.

Essa era sua crença mais verdadeira. Ela escreveu isso em seu diário de garota colegial.

Atravessando o Boulevard bem-iluminado. Uma procissão de limusines pretas e reluzentes do Estúdio. Uma carreata da realeza de Hollywood. Oficiais da polícia de Los Angeles a cavalo. Barricadas de polícia, clarões de flashes & os inúmeros reflexos piscando nas lentes dos binóculos & até telescópios posicionados na multidão. *E o Atirador de Elite entre eles invisível de camiseta & casaco & calça preta, agachado e paciente atrás de uma janela de um quarto alugado com fachada de reboco, contratado pela Agência para observá-la (& o marido comuna) pela mira de seu rifle de alta potência, no qual, em seu humor festivo, ela estava determinada a não pensar.*

Mas por quê?

“Algumas coisas existem apenas na sua imaginação. Isso se chama ‘paranoia’. Ah, a gente simplesmente *sabe*.”

Esta joia de sabedoria ela havia inscrito no diário de colegial de Norma Jeane.

Milhares de pessoas enfileiradas no Boulevard naquela noite amena do sul da Califórnia, apertando-se contra as barricadas da polícia de Los Angeles para encarar maravilhadas a carreata fervilhando & murmurando & aplaudindo em ondas de êxtase! Estavam esperando por rostos famosos & o rosto (& o corpo) de MARILYN MONROE com o maior desejo de todos. Vinha o canto:

— Mari-lyn! Mari-lyn! Mari-lyn!

Se apenas a limusine fosse aberta & a atriz loira pudesse ficar de pé e ser vista com mais clareza por seus milhares, centenas de milhares de fãs! Mas o homem esquelético de testa franzida que permanecia seu marido não teria permitido tal loucura, & talvez até o sr. Z & outros chefes no Estúdio teriam proibido isso, temendo danos à sua propriedade frágil. *Monroe não duraria muito mais. Isso era óbvio. Grable durou vinte anos, e Monroe não duraria dez. Merda!*

Em maravilhamento, ela encarava os fãs. Tantos! Não imaginaria que Deus havia criado tantos deles.

De súbito, vendo rostos de gatos selvagens & sorridentes dentes carnívoros. Os narizes de desdém de felinos & orelhas eretas, pontudas. Aqueles gatos! Na Casa do Capitão. O horror a atingiu:

— Foram eles, eles queriam a morte de Bebê. Os próprios gatos que eu alimentei.

Ela se voltou para o homem de testa franzida ao seu lado, desconfortável em seu terno & teria contado a ele de sua descoberta, mas nem conseguia imaginar como expressar aquilo. Ele permanecia o mestre das palavras. Ela, uma intrusa em sua imaginação. *Ele se ressentido de mim. Ressentimento de me amar Pobre coitado.* Ela riu. Sugar Kane era uma tocadora de ukulele & cantora & sua simplicidade era um deleite na tela mesmo que na “vida real” tal simplicidade fosse um sinal de deficiência mental; como seria mais fácil & como amariam você mais, se você pudesse ser Sugar Kane sem ironia uma vez que fosse.

— Eu consigo fazer isso. Esperem e vejam só. Sugar Kane sem ironia. Marilyn sem lágrimas.

O homem de testa franzida em seu terno parecia ferver e inclinou-se na direção dela indicando que não ouviu o que ela dissera entre os gritos & vivas & barulhos dos megafones da polícia, & rápido ela murmurou o que soou aos seus ouvidos como *Não-estava-falando-com-você*. Ela não chamava mais aquele homem com quem estivera casada por mais anos do que conseguia se lembrar de “Papai” & ainda assim parecia incapaz de criar outro nome para chamá-lo. Havia momentos em que ela não se lembrava de seu nome, nem mesmo seu sobrenome; ela tentava pensar em um nome “judeu” & se confundia. Com menos frequência agora, ele a chamava de “minha querida”, “querida”, “meu amor”, & o próprio nome “Norma” nos lábios dele soava estrangeiro. Ela o entreouvia ao telefone falando com preocupação de “Marilyn” & entendia que, para ele, ela se tornara Marilyn; não restava Norma; era possível que para ele, ela sempre tivesse sido Marilyn.

— Mari-lyn! Mari-lyn! Mari-lyn!

Sua própria família!

Ah, Deus, ela havia sido costurada com tanta força no vestido de Sugar Kane que mal conseguia respirar, apertada como uma linguiça, os seios saltando para fora como se estivessem prestes a explodir com leite; & seu *derrière* volumoso posicionado na beira do assento da limusine onde ela fora colocada (já que não poderia se reclinar como os homens, ou o vestido inteiro explodiria nas costuras). Naquele dia, fora incapaz de comer & não recebeu nutriente algum exceto café preto & medicamentos & diversos goles rápidos de champanhe de uma garrafa que havia traficado para dentro da limusine.

— Igualzinha a Sugar Kane, não? O fraco de uma garota.

Ela se sentia bem agora. Borbulhante & flutuante. Sentia-se forte. Não morreria ainda, demoraria muito. Ela havia prometido a Carlo & Carlo lhe havia prometido. *Se estiver pensando seriamente nisso. Ligue para mim na hora.* Memorizara o número particular de Brando. Ela seria incapaz de se lembrar de qualquer número de telefone inclusive o próprio, ainda assim ela se lembraria até o fim da vida do número privado de Brando.

— Só Carlo entende. Nós compartilhamos a mesma alma.

Ela não havia gostado, no entanto, de Carlo como emissário para a Constelação de Gêmeos. Não gostou de Carlo no círculo marginal de Hollywood deles. Cass Chaplin! Eddy G. Jr.! Ela viu aquilo como ameaçador, nunca mais ouvira falar deles. Ninguém falava deles para ela. *Quantas pessoas sabem? Da Constelação de Gêmeos. De Bebê.*

Mas por que pensar em coisas tão mórbidas? Seu próprio marido, um intelectual & judeu, havia aconselhado a não ser tão tétrica. Não tétrica, mas teatral! Era um momento de celebração. Aquela era a noite de triunfo de Sugar Kane. A noite de vingança de Sugar Kane. Os fãs não estavam reunidos ali pelo Hollywood Boulevard & ruas laterais para um vislumbre rápido dos coprotagonistas masculinos de Marilyn, C & L, por mais admiráveis que estivessem no filme, não, não estavam; eles estavam reunidos ali naquela noite para ver MARILYN. Conforme limusines se aproximavam do Grauman's, local da *première*, havia uma batida se acelerando no ar, o barulho se tornou ensurdecedor, o batimento cardíaco coletivo da multidão, gigantesco e acelerado. Ela havia começado a reconhecer, um ou outro indivíduo na multidão. Pequenos ogros, aquelas criaturinhas que moram debaixo da terra. Gnomos corcundas & plebeias esfarrapadas & mulheres

sem-teto com olhos de loucura & membros encolhidos & olhos fuzilantes brilhando & buracos em vez de boca. Viu um homem albino gorducho corpulento com uma touca de tricô apertada na cabeça oblonga; viu um homem mais baixo com rosto barbado jovial & óculos refletores segurando no alto, as mãos trêmulas, uma filmadora. Na calçada, uma mulher manca em vestes arrumadas, tufo de cabelo pintado de laranja como uma cenoura saindo do couro cabeludo & olhos aguados protuberantes, tirando fotos com uma câmera de estojo. Por perto, um rosto feito de qualquer jeito em massinha de modelar, de ponta-cabeça, com cavidades rasas para os olhos e uma pequena boca de anzol. Tantos! E ali, de súbito, uma mulher com cerca de trinta anos que era familiar, esbelta, atraente, em roupas de homem, com resplandecentes olhos ágata & cabelo marrom frisado sob um chapéu de caubói, acenando para ela vigorosamente. Será que era...? Fleece? Depois de todos aqueles anos, Fleece? Viva? Norma Jeane despertou de seu transe de imediato.

— Fleece? Ah, Fleece! Espere. — Norma Jeane agarrou a porta da limusine, enquanto o sr. Z protestava. Em sua empolgação, ela se atrapalhou nos joelhos ossudos de Z. — Fleece! Fleece! Encontre comigo no cinema no... — Mas a limusine já havia avançado.

Então como realeza ela foi carregada pelo Boulevard para a *première*. Onde um cataclisma de luzes a aguardava. Onde um tapete carmesim se estendia na calçada. Aplausos lavaram tudo ao redor dela como uma maré ensandecida quando ela emergiu da limusine acenando, sorrindo seu sorriso de covinhas conforme o canto ficava mais alto:

— Mari-lyn! Mari-lyn! — A multidão a amava! A sua Princesa Cintilante que um dia morreria por eles.

— Ah, olá! Ah, eu amo vocês! Amo, amo, amo vocês todos!

Dentro do cinema mais aplausos. Marilyn acenou e mandou beijos e caminhou sem se apoiar no braço de um acompanhante em seu salto agulha, em sua veste justíssima de Sugar Kane. Sr. Z de smoking & luminosa pele de lagarto observou a atriz loira estática com aprovação surpreendente; o homem alto magro de testa franzida que ainda era seu marido a observava abismado. Onde estava a mulher tensa, distraída, profundamente infeliz com quem todos estiveram se preocupando? A respeito de quem tantos rumores em Hollywood haviam circulado? Nem sombra dela ali! Pois lá

estava “Sugar Kane”, a própria essência de Marilyn. W & C & outros membros da equipe de produção exaustos pela guerra observaram a atriz com surpresa enquanto ela apertava mãos, era abraçada & beijada, sorria com doçura & alegria, falava de forma razoavelmente coerente, pois ali estava uma Marilyn Monroe que eles jurariam não terem visto uma vez sequer durante a gravação do filme. *Jesus, aquela ali era um doce! e maravilhosa! e eu acabei condenado, pobre de mim, a beijar a outra.*

Como um borrão, o filme passou diante de seus olhos. Apesar de ser recebido com entusiasmo & risos contínuos. Desde a abertura maluca com os Keystone Kops até a clássica fala final de Joe E. Brown: “Ninguém é perfeito”. A plateia amou *Quanto mais quente melhor* &, ainda mais, a plateia amou MARILYN MONROE devolvida a eles em seu auge (sim, parecia!, apesar dos rumores) & ansiava por perdoar a estrela pródiga assim como MARILYN MONROE ansiava por ser perdoada.

Ao fim do filme, mais aplausos. O interior imenso do Grauman’s estava lotado com cachoeiras de aplauso. Cherie, aquela *chanteuse* honesta, nunca recebera elogios assim. W, o diretor distinto, (não parecia mais exausto, e sim brilhando positivamente) & os três atores distintos estavam sendo honrados pela multidão, ainda que destes, MARILYN MONROE fosse claramente o centro das atenções. *A questão é que nunca se olhava para outra pessoa se pudesse olhar para Monroe.* Com alegria, ela se levantou & aceitou com doçura os aplausos como ondas lavando-a.

— Ah, isso é tão m-maravilhoso. Ah, céus, obrigada!

Já não aconteceu? Ainda estou viva.

É claro, nós inventamos MARILYN MONROE. O cabelo loiro-platinado foi ideia do Estúdio. O nome *Mmmm!* Aquele monte de bosta com vozinha de bebê. Vi a vagabunda um dia no Estúdio, a “aspirante a vedete” igual a uma colegial imbecil. Sem estilo algum, mas Jesus, como a mulher tinha curvas! O rosto não era perfeito, então mexemos nos dentes & no nariz. Alguma coisa estava errada com o nariz. Talvez o contorno do couro cabeludo estivesse torto & teve que ser melhorado com eletrólise, a não ser que isso tenha sido com a Hayworth.

MARILYN MONROE era um robô de engenharia do Estúdio. Uma pena, uma pena do cacete não podermos patenteá-la.

— Parabéns.

— Marilyn, parabéns.

— *Marilyn, baby! Pa-ra-béns!*

Apesar de se lembrar de *Quanto mais quente melhor* tanto quanto uma criatura aquática com olhos menores que protuberâncias fotossensíveis na cabeça poderia se lembrar do fundo oceânico que, levada por apetite desesperado, a criatura revirava. *Estou aqui, ainda estou viva.* Ela ria com tanta felicidade, as pessoas a encaravam, sorrindo. O marido a encarava, sério. A atriz loira engoliu muitos goles de champanhe, alguns dos quais vazaram pelas narinas. Ah, que alegria! Seria vista mais tarde na noite falando com Clark Gable belo & “maduro” de smoking & sorrindo com uma surpresa cavalheiresca do gaguejar de garota:

— Ahhh, sr. G-Gable. Estou tão envergonhada. Você viu o filme? Aquela coisa loira gorda na tela, aquilo não era *eu*. Na próxima vez, juro que vou me sair melhor.

Bela ratazana

Que bela ratazana de pele sedosa e quente. Não havia ninguém como ela em toda a Hollywood.

Ahhhh, Deus. A Atriz Loira ficava dopada só de encarar & *encarar*.

Essência de Morena. Sem precisar descolorir os pelos pubianos, hein? A irmã sombria da Atriz Loira.

Ainda assim, na sua presença, a Atriz Loira era tímida. Foi a Morena que se aproximou, sorridente & sedutora. Ambas chegaram à festa (no palácio veneziano com vista para os cânions de Bel Air & nas neblinas próximas como se fosse de Shangri-La) sem acompanhantes masculinos. (Ainda assim ambas as mulheres eram casadas. Eram?) A bela ratazana de pele sedosa e quente da parte rural da Carolina do Norte. Nascida em Los Angeles com sua beleza caipira de merengue. A primeira falava & fumava & ria como um homem, por instinto; a segunda emitia fracos ruídos ofegantes simulando risos, como se não soubesse o que eram ou significavam. Ah, a Atriz Loira era calada & gaga & alta demais; & dez quilos mais pesada que a Morena. *Que vaca gorda deprimente sou.*

Estavam em uma sacada. Ar noturno & neblina. A Morena dizia:

— Por que levar tão a sério...? Atuar.

Elas estiveram discutindo o assunto? Que assunto? A Atriz Loira estava confusa.

Ela estava bêbada? No jantar longuíssimo ela havia sido brindada, porque *Quanto mais quente melhor* fora um sucesso. Outro sucesso para MM. Uma obra-prima & a melhor performance de MM. Ela não estava bêbada apesar de ter bebido (quantas?) taças de espumante naquela noite. E antes do jantar,

na casa de alguém? Tampouco ela tinha tomado medicação, ela lembrava. Não desde sabe-se lá quando tinha sido, no carro de alguém.

A Morena havia chegado à fama & notoriedade anos antes da ascensão de Marilyn Monroe & ainda assim não era muito mais velha que ela.

— Atuar, o cinema, é tudo uma merda.

— Ah, mas...! É minha v-vida. — protestou a Atriz Loira.

— Que mentira de merda, Marilyn. Só a sua vida é sua vida, Marilyn — rebateu a Morena com desdém.

Não passaria despercebido pela Atriz Loira que sua irmã no espelho escuro havia sido enviada a ela, uma emissária, para entregar uma verdade profunda; ainda que não fosse uma verdade que a Atriz Loira pudesse aceitar. Ela se retorceu & disse, quase em súplica:

— Por favor? Não me chame de “M-Marilyn”! Você está fazendo piada comigo?

A Morena a mirou e contemplou por um momento cinematográfico como se estivesse avaliando *Ela está louca? Ou só bêbada?* Ouvia-se boatos assim em Hollywood, de MM.

— Como assim piada? Não entendi.

A Atriz Loira respondeu com ansiedade:

— Você poderia me chamar de “N-Norma”. Nós poderíamos ser amigas.

Quanta ânsia na voz da Atriz Loira. E a Morena:

— É claro, nós poderíamos ser amigas. Mas Norma é um nome de má sorte — disse (referindo-se a Norma Talmadge, que havia morrido, uma morte de viciada, não muito tempo antes).

— Acho que é um nome lindo. É em homenagem a Norma Shearer, que foi minha madrinha. É o *meu* nome — disse a Atriz Loira, magoada.

— É claro, Norma. Se você diz.

— Mas é.

— Certo. É.

Durante a noite inteira na mesa de jantar, uma esteve olhando a outra, avaliando. O anfitrião produtor multimilionário havia sentado a Atriz Loira & a Morena em lados opostos da mesa, como ornamentos. A Atriz Loira de sensual seda branca decotada até o umbigo & a Morena embrulhada em púrpura elegante. A Atriz Loira reticente & a Morena contava histórias feito homem. *Exceto pelo tamanho & corpo & aquele rosto, ela é um homem. Ah,*

Deus. Dizia-se daquela atriz de Hollywood que ela trepava feito homem. Transava onde & quando queria, feito homem. (Mas qual homem?) Ela se casou jovem & se divorciou & se casou & se divorciou; casou-se com famosos homens ricos & havia abandonado o casamento como alguém que escapa por uma porta nos fundos sem embaraço algum & sem arrependimento & sem olhar para trás. *Mulheres não se comportam assim!* Especulava-se quantos abortos havia feito. Ela se gabava de não ter instinto materno. Será que era lésbica em segredo, ou não tão segredo. Ela havia se tornado uma das atrizes de cinema mais bem-pagas, mesmo que gostasse de chocar dizendo com franqueza:

— Sabe, eu não sei porra nenhuma de interpretação. Não acrescentei nada a esse negócio. Não tenho respeito. É uma forma de sustento. Sem de fato sujar as mãos como acontece na pornografia ou prostituição.

Era dito da beleza da Morena que ela entrava em seus papéis fazendo cena após cena em qualquer ordem que o diretor dirigisse, com poucas retomadas. Se estava bom o suficiente para o diretor, estava bom o suficiente para ela. Ela raramente lia um roteiro até o fim ou decorava e se importava muito com as falas dos outros atores. Memorizava as próprias passando os olhos rápido durante a maquiagem & figurino. Tinha uma paixão por apostas & a ágil mente rasa de um apostador. Tinha um corpo perfeito, não com tanto peito quanto a Atriz Loira, nem um traseiro voluptuoso. Tinha um rosto perfeito em forma sutil de coração, com maçãs do rosto bem-definidas, um queixo com uma covinha delicada & olhos negros brilhosos. Aquele rosto remetia a Botticelli. Esculturas gregas clássicas. Certamente não Hollywood, Califórnia, em 1960 & muito menos Grabtown, Carolina do Norte, no começo da década de 1920. *Se eu pudesse ser esta mulher! Só que eu mesma, por dentro.*

A Atriz Loira se viu dizendo em uma voz estridente de adolescente:

— Entende, eu sou uma atriz? É a minha vida! É por isso que quero dar meu melhor. É a melhor versão de mim mesma que é a atriz.

Com desdém entretido, a Morena acendeu um cigarro como um homem acenderia, com uma das mãos, não com um isqueiro, mas um fósforo riscado de primeira & exalou fumaça que fez os olhos da Atriz Loira se encher de água & disse, não sem gentileza, muito como uma irmã mais velha:

— O seu melhor para quem, Norma? Para os fãs? Os chefes do Estúdio? Hollywood?

A Atriz Loira disse:

— Não! Para... — *para o mundo. Para a eternidade. Para que vivesse além dela.* Ela resvalou, olhos arregalados em perplexidade e susto, seguindo: — Para...

Os lindos olhos de cílios longos da Morena estavam tão fixos nela, tão sedutores. Hipnóticos. Ela tremia & não conseguia pensar. Em um impulso de lembrança com a força de uma dose de Benzedrina, viu o olhar negro impenetrável de Harriet & gavinhas de fumaça subindo daquele rosto. *Minha sedutora irmã sombria. Minha irmã rata.* A Morena dizia:

— Por que você fica tão agitada? Você é MONROE. O que você faz é MONROE. Todos os filmes que fizer de agora em diante podem ser um fracasso de bilheteria, mas você será MONROE a vida toda. Será MONROE depois da vida. Ei. — Vendo a expressão no rosto da Atriz Loira. *Mas eu estou viva! Sou uma mulher viva!* A Morena continuou: — Ninguém interpreta a loira como você. Sempre tem uma loira. Houve Harlow e houve Lombard e houve Turner e houve Grable; agora há Monroe. Talvez você seja a última?

A Atriz Loira estava confusa. Qual era o subtexto ali? Ou será que não havia subtexto? Em algumas noites, se ficasse acordada por tempo demais, agora seu marido-o-dramaturgo (como Hollywood se submetia & referia com condescendência àquele homem misterioso) havia voltado para Nova York sob suas ordens & de novo ela vivia sozinha em Hollywood como uma pessoa flutuando em um iceberg no meio de um oceano de gelo turbulento, não apenas suas palavras ditas, mas também os pensamentos se embaralhavam. Ela conseguia sentir pensamentos rachando & deslizando um para longe do outro. Da angústia do pensar incessante & a culpa & o olhar de Gladys Mortensen com aquela expressão vazia por explosão & isso Norma Jeane tanto sabia quanto se negava a saber; esse era o subtexto secreto de sua vida. A Morena poderia ter imaginado parte disso. A Morena era poderosamente atraída pela Atriz Loira. Da mesma maneira que, quando garota, morando na fazenda em ruínas de sua família na Carolina do Norte, ela se sentira atraída por coisas feridas: os pintinhos, um dia com lindas penas, agora depenados & bicados & sangrando & condenados, depois de

terem despertado a fúria misteriosa de outros do galinheiro; o menor dos filhotes da cria de uma porca, incapaz de mamar & condenado a ser pisoteado, espancado, até devorado por outros porcos... Havia tantos desses, os feridos. Você iria querer salvar todos. Quando criança, você quer salvar todos.

— Hollywood paga as contas — disse a Morena. — É por isso que estamos aqui. Somos prostitutas de luxo. Uma prostituta não vê romantismo em se prostituir. Ela se aposenta quando economizou o suficiente. Cinema não é cirurgia no cérebro, querida. Não é fazer partos.

Partos? O que aquilo tinha a ver com partos? A Atriz Loira disse, confusa:

— Ah, eu ficaria... eu ficaria com vergonha, de falar assim.

— Não há muito mais que possa *me* envergonhar. — A Morena riu.

Ainda assim, a Atriz Loira persistiu:

— Interpretar é uma v-vida. Não é só pelo dinheiro. É... você sabe. Uma arte. — Ela estava envergonhada de falar com tanta paixão.

— Merda nenhuma. Atuar é só atuar — disse a Morena, rispidamente.

Mas eu quero ser uma grande atriz. Eu serei uma grande atriz!

Com pena dela, talvez. Vendo a expressão em seus olhos. A Morena mudou de assunto & começou a falar de homens. Astuta & cruel. Homens que conheciam em comum. Chefes no Estúdio, produtores. Atores & diretores & roteiristas & agentes & os habitantes sombrios de uma cultura às margens. Claro, ela havia trepado com Z:

— Quando ainda estava tentando chegar lá. Quem não trepou? — A Morena trepou, anos antes... com aquele judeu anãozinho sensual, Shinn. — & ela sentia falta de I.E. até naquele momento. Havia Chaplin. Na verdade, houve Charlie pai e houve Charlie filho. Houve Edward G. Robinson pai e houve Edward G. Robinson Filho. — Aqueles dois, Cass & Eddy G. são amigos seus também, hein, Norma? — Houve Sinatra, com quem tinha sido casada por alguns anos difíceis. Frankie, que havia perdido o respeito dela quando tentou se matar com remédios para dormir. — Por amor. Por *mim*. Alguém chamou uma ambulância, eu não, & salvaram o homem. Eu disse para ele: “Seu cabeça de merda. Mulheres usam remédio para dormir. Homens se enforcam ou explodem a própria cabeça”. Ele nunca vai me perdoar, mas outras mulheres, ele está mais longe ainda de perdoar outras mulheres.

A Atriz Loira disse, hesitando, o quanto admirava a voz de Sinatra. A Morena deu de ombros:

— Frankie não é nada mau. Se você gosta dessa bobagem de cara branco se lamentando. Eu prefiro uma música mais provocante, suja, de negro, jazz & rock. Fodendo, Frankie era ok. Se não estivesse bêbado ou drogado. Ele tinha uma programação. Um esqueleto trêmulo, mas com um pau quente. Mas nada como aquele amigo dele italiano, como é que chama... Vocês foram casados, Norma, por um tempo. Em tudo que era jornal, dava para ler sobre vocês. — Cutucando a Atriz Loira, piscando. — “Yankee Durão”, ele gostava que eu o chamasse desse jeito. A gente tem que dar o crédito aos italianos, hein? Ao menos são machos.

A expressão no rosto da Atriz Loira. De alguma distância, isso estava sendo observado & preservado & um dia seria repetido em branco & preto indistinto ainda que clássico. A linda Morena, uma bela ratazana, em seda púrpura rindo & tomando o rosto magoado de bebê da Atriz Loira em suas mãos & a beijando bem na boca.

Essência de Morena, essência de Loira.

Monroe queria ser artista. Ela era uma das poucas que eu havia conhecido que levava aquela bobagem toda a sério. Isso foi o que a matou, não o resto. Ela queria ser reconhecida como uma grande atriz, porém queria ser amada como uma criança e obviamente não se pode ter os dois.

É preciso escolher o que quer mais.

Eu, eu optei por nenhuma das duas.

A obra reunida de Marilyn Monroe

SEXO é NATUREZA & eu sou totalmente a favor da NATUREZA

Eu sou MARILYN Eu sou a MISS *GOLDEN DREAMS*

Eu acredito que nenhum SEXO é errado se há AMOR envolvido

nenhum SEXO é errado se há RESPEITO nenhum SEXO é errado se há SEXO
você com certeza não pega SEXO por causa de CÂNCER quero dizer
você não pega CÂNCER por causa de SEXO

O corpo humano nu é LINDO

Eu nunca tive vergonha de posar NUA

Pessoas tentaram me encher de vergonha por isso mas não tenho & não
terei

Toda a minha timidez & medos foram embora quando tirei a roupa

Você com certeza sabe quem é MARILYN quando MARILYN tira a roupa

Eu desejei correr nua pela igreja perante Deus & a humanidade

Veja eu não teria vergonha por que eu teria afinal Deus me criou como EU
SOU

Deus nos criou como NÓS SOMOS

Eu vejo você olhando para meu corpo perfeito vejo você amando
meu corpo perfeito como se fosse o seu próprio corpo &
numa visão me veio em MARILYN você pode amar o seu próprio
CORPO PERFEITO é por isso que MARILYN veio a este mundo é
por isso que MARILYN existe

Eu sou Miss *Golden Dreams* a *pinup* mais famosa na História da
Humanidade eu diria que isso é uma honra não é eu amo

vocês me olhando espero que nunca parem de olhar acredito
que o corpo humano seja LINDO & não há nada de que se envergonhar
ao menos não se você é uma mulher linda e desejável & JOVEM

Eu sou Miss *Golden Dreams* qual é seu nome?

Eu sou Miss *Golden Dreams* eu diria que isso é uma
responsabilidade e tanto não é

Eu sou Miss *Golden Dreams* me diga do que você mais gosta & eu
vou realizar Eu guardarei todos os seus segredos Eu adorarei
você só me ame & pense em MARILYN em algum momento?
promete? *vaca deprimente* *pedaço de carne* *uma vadia morta*
por dentro

Não sou amarga porque estão me dizendo que estou acabada que
agora sou só parte da HISTÓRIA terminada nada mais agora

Vocês não se amargurariam se fossem parte da HISTÓRIA nenhum
de vocês

Um HOMEM não se amarguraria se entrasse para a história! e muito
menos uma MULHER deveria

Partir meu coração, melhor que partir meu nariz (seus filhos da
puta)

A vingança é DOCE (& eu preciso ter o gosto adquirido)

Ah, ei! Vamos ser FELIZES JUNTOS por favor é por isso que nós
EXISTIMOS

Em uma visão me veio é por isso que nós existimos

SEXO é NATUREZA & eu sou totalmente a favor da NATUREZA VOCÊ NÃO É?

O fato é que você não pega sexo por causa de câncer quero dizer

não pega morte por causa de câncer

Quero dizer morte por causa de sexo NÃO PODE pegar ou
criados no inferno nós teríamos sido como somos a NATUREZA é o
único Deus eu fui criada pela NATUREZA como sou eu quero
dizer eu fui criada desse jeito eu fui criada crê ada
kriada

 criada como MARILYN & poderia não ser alguém
mais desde o começo do Tempo eu acredito na NATUREZA

Somos todos a NATUREZA Você é Marilyn Monroe também se é

NATUREZA Eu acredito nisso *Nós podemos vislumbrar com
certa confiança um futuro seguro e muito longo* *é dado que a
SELEÇÃO NATURAL funciona apenas por é pelo bem de cada ser todos os
benefícios corpóreos é mentais tenderão ao progresso rumo à perfeição
Há uma grandeza nisso que é tão simples como o começo que incontáveis
formas mais belas é mais maravilhosas têm é estão a evoluir*
Minha vida tem sido tão divertida, acho que vou ser punida por isso!

O Atirador de Elite

O significado secreto da evolução da civilização não é mais obscuro a nós que prometemos nossas vidas à batalha entre o Bem e o Mal; entre o instinto da Vida e o instinto da Morte conforme ele se desenvolve na espécie humana. Assim nós juramos!

— Prefácio,
O livro do patriota americano

Foi a sabedoria de pioneiro de meu papai. *Sempre tem algo que merece levar um tiro dado pelo homem certo.*

Quando eu tinha onze anos, meu papai me levou para o pasto para atirar nos *pássaros carniceiros* pela primeira vez. Eu defino que meu respeito de uma vida inteira por armas & minhas habilidades como Atirador de Elite tenham se iniciado naquele momento.

Pássaros carniceiros era o nome de papai para pássaros tipo falcões, condores da Califórnia (agora quase extintos) & águia-real (idem) que abateríamos do céu. Também, apesar de aves carniceiras (em vez de predadores que de fato ameaçavam as aves no quintal & cordeiros), papai desprezava abutres, por serem criaturas sujas & nojentas cuja existência não tinha desculpa & nós também atiraríamos naqueles animais desgraçados & abateríamos de árvores & nas cercas, onde se empoleiravam como guarda-chuvas velhos. Papai não era um homem bem de saúde, sofrendo a perda do olho esquerdo & “cinquenta metros” (como ele definia) de cólon ulcerado

como resultado de ferimentos de Guerra & assim ele estava cheio de uma fúria terrível por essas criaturas predatórias atacando nosso gado como demônios voadores dos céus.

E também os corvos. Milhares de corvos crocitando & gritando na migração ao escurecer do sol.

Não há balas suficientes para todos os alvos merecedores, era uma das crenças firmes de papai. Estas herdei, além do orgulho patriótico de papai.

Nesses anos, vivemos no que restava de nosso rancho ovino. Cinquenta acres, majoritariamente de vegetação rasteira, no vale de San Joaquin, na metade do caminho entre Salinas, a oeste, & Bakersfield, ao sul. Meu papai & seu irmão mais velho que se aleijara na Guerra, mas não na guerra de papai, & eu.

Outros haviam nos desertado. Nunca falávamos deles.

Em nossa picape Ford, dirigíamos por horas. Às vezes a cavalo. Papai me presenteou com seu rifle Remington calibre .22 & me ensinou a recarregar & atirar com segurança & nunca com pressa. Por muito tempo quando garoto eu atirava em alvos parados. Um alvo vivo & em movimento é outra coisa, papai alertou. Mire com cuidado antes de sequer tocar no gatilho, lembre-se de que algum dia haverá um alvo que, se você errar, vai atirar de volta & sem misericórdia.

Essa sabedoria de papai, carrego com carinho no coração.

Sou cauteloso até demais como um Atirador de Elite, alguns acham. No entanto, minha crença é de que quando se trata de um alvo pode não haver uma segunda oportunidade.

As aves em nosso celeiro, galinhas & frangos & galinhas-d'angola & os cordeiros no prado eram as presas especiais dos *pássaros carniceiros*. Outros predadores eram os coiotes & cães selvagens & com menor frequência leões-da-montanha, mas os *pássaros carniceiros* eram piores porque eram muitos & atacavam muito rápido. Ainda assim, eram pássaros lindos, para ser justo. Falcões-de-rabo-vermelho, milhafres & águias-reais. Pairando & deslizando com suavidade & mergulhando & uma descida súbita como um tiro para agarrar criaturas pequenas & levá-las para cima ainda vivas & berrando & se debatendo.

Outros animais eram abatidos & mutilados onde pastavam ou dormiam. As ovelhas balindo. Eu tinha visto as carcaças na grama. Olhos arrancados &

entranhas espalhadas pelo chão como brilhantes fitas escorregadias. Uma nuvem de moscas era o sinal.

“Atire! Atire nesses merdas!”, papai dava o comando, & no exato momento nós dois atirávamos.

Eu era elogiado por todos que me conheciam, dada a minha idade. Atirador de Elite, eles me chamavam & às vezes Soldadinho.

A águia-real & o condor-da-califórnia são raridades agora, mas atiramos em muitos na minha meninice & pendurávamos suas carcaças como aviso! *Agora vocês já sabem. Agora você não é nada além de carne & penas, agora você é nada.* Apesar de haver beleza em contemplar criaturas tão poderosas dos céus, eu tinha que obedecer. Derrubar uma águia-real, como papai diria, é tarefa para um homem & para ver suas penas douradas do pescoço de perto. (Até hoje, levo comigo uma lembrança da minha infância, uma pena dourada de mais de dez centímetros, perto do coração.) O condor era um pássaro ainda maior, com asas de penas negras (mais de três metros, nós medimos uma vez) & penas de branco vívido sob as asas, como fosse um segundo par de asas. Os gritos dessas grandes aves! Deslizando em círculos amplos & se inclinando de um lado para o outro & o estranho em criaturas assim era como, ao se alimentar, outros voando de longe poderiam se juntar a eles rápido, vindos de muito além do alcance da visão humana.

Entre os *pássaros carniceiros*, os que eu mais havia abatido quando garoto eram os açores. Pois havia muitos & quando seus números diminuía em nossas redondezas, eu saía à procura deles, mais & mais longe de casa, em um raio cada vez maior. Escolhendo atravessar o campo, eu ia a cavalo. Mais tarde, quando tive idade suficiente para tirar carteira de motorista, & o preço da gasolina ainda não era tão alto, eu ia de carro. Um açor é cinza & azul & as penas vaporosas de forma que, ao percorrer um céu translúcido, eles desapareciam & reapareciam & de novo desapareciam & reapareciam & eu ficava empolgado, sabendo que tinha que atirar para acertar um alvo que não só acelerava, mas que era pouco visível & mesmo assim eu atirava, por instinto, errando às vezes (eu reconheço), mas com frequência minha bala abatia o alvo para arrancar a criatura planando no céu como se eu tivesse uma corda invisível ao redor dela & tivesse tamanho poder sobre ela, desconhecido pelo açor & nunca imaginado, eu poderia puxá-lo para a terra num instante.

No chão, as lindas penas sangrentas & os olhos vidrados abertos, os animais abatidos como se nunca tivessem vivido.

“Pássaro carniceiro, agora você já sabe”, eu diria com calma para eles.

“Pássaro carniceiro, agora você já sabe quem tem domínio sobre você, que não pode voar como você voa”, eu nunca me gabaria, quase havia uma tristeza em minha fala.

Pois o que é a melancolia do Atirador de Elite, depois de sua bela presa estar caída, encolhida aos seus pés? Nenhum poeta jamais falou disso, & temo que nenhum jamais falará.

Por aqueles anos, morei naquele lugar, mesmo que passasse dias longos vagando & com frequência dormindo na picape, seguindo nem sabia o quê, que fio de desejo inominável me puxando às vezes tão ao sul como as montanhas de San Bernardino & para dentro dos vastos espaços desertos de Nevada. Eu era um soldado buscando meu exército. Eu era um atirador buscando minha convocação. No espelho retrovisor da picape, um levantar de fina poeira pálida & ao longe, na minha frente, miragens aquosas que acenavam & provocavam. *Seu destino! Onde é seu destino!* Dirigindo com meu rifle ao lado no banco do carona, às vezes dois rifles & uma espingarda de dois canos, carregada & pronta para atirar. Às vezes no vazio do deserto eu dirigia com minha fanfarronice de garoto, meu rifle inclinado em certo ângulo no volante como se eu pudesse atirar pelo para-brisas se necessário. (Eu jamais faria uma coisa tão autodestrutiva, é claro!) Com frequência eu sumia por dias & semanas, & a essa altura papai já tinha morrido, & meu tio estava idoso & debilitado, & não havia ninguém para me vigiar. Não apenas *pássaros carniceiros* exclusivamente, mas outros pássaros se tornaram meus alvos, a prioridade eram corvos, pois há corvos demais em existência & pássaros de caça como faisões & codornizes-da-califórnia & gansos, contra os quais eu usaria minha espingarda, apesar de não me incomodar em buscar suas carcaças quando caíam abatidos.

Coelhos & cervos & outras criaturas, eu poderia atirar, mas não como caçador. Um Atirador de Elite não é um caçador. Varrendo o horizonte & deserto com binóculos, em busca de vida & movimento. Uma vez, vi em uma encosta das montanhas Big Maria (perto da fronteira com o Arizona) o que parecia um rosto — um rosto feminino & cabelo anormalmente loiro & boca anormalmente vermelha contraída em um beijo provocante — &

apesar de tentar não encarar a aparição, fiquei impotente perante ela, & o sangue pulsando, & as têmeoras & eu racionalizei que não era nada além de um *outdoor*, um anúncio & não um rosto real, & ainda assim me provocava & zombava tanto de mim, enfim não consegui resistir & mirei o rifle conforme passava devagar pelo rosto & atirei um número de vezes até a pressão terrível se aliviar, & eu havia passado de carro, & não havia ninguém para testemunhar. *Agora você já sabe. Agora você já sabe. Agora você já sabe.*

Logo a seguir minha empolgação foi tamanha, que me senti atraído a ovelhas & gado como tiro ao alvo, até um cavalo pastando, desde que o campo estivesse vazio de todas as testemunhas. Pois *que facilidade ao puxar o gatilho*, eles me diriam um dia na Agência. Há uma sabedoria sagrada aqui, acredito que seja sabedoria dos pioneiros. *Onde a bala cai, o alvo se vai*. Sutil como a poesia de *A pergunta não é “qual” é o alvo: mas sim “onde”*. Às vezes eu via um automóvel muito longe na pista, pouco mais que uma mancha se aproximando rápido & se não houvesse testemunhas (no deserto de Nevada, raramente havia), no instante crucial em que nossos veículos se aproximavam, eu ergueria meu rifle & miraria da janela aberta, &, levando em conta as prováveis velocidades combinadas de ambos veículos se aproximando, eu apertaria o gatilho no momento estratégico; com o controle supremo do Atirador de Elite eu não hesitaria, apesar de o outro motorista poder passar perto o suficiente para que eu visse a expressão no rosto dele (ou dela); eu seguiria em frente sem perder velocidade, sem acelerar, observando com calma em meu espelho retrovisor o veículo alvo guinando na pista para cair na beira da estrada. Se houvesse testemunhas, quais seriam elas além dos *pássaros carniceiros* espiando tal espetáculo ali embaixo ao planar por suas alturas; & *pássaros carniceiros* apesar da precisão de seus olhos não podem dar testemunhos? Esses atos não eram de forma alguma uma vingança pessoal, apenas o instinto do Atirador de Elite.

“Atire! Atire nesses merdas!”, papai mandava, & o que um filho poderia fazer além de obedecer?

Em 1946 eu fui contratado pela Agência. Jovem demais para ter servido o meu país na Guerra, jurei servir meu país nesses interlúdios de falsa paz pois o Mal encontrou um lar na América. Não é mais da Europa nem sequer dos soviets exclusivamente, mas veio para nosso continente para subverter & destruir nossas heranças americanas. Pois o Inimigo Comunista é tanto

estrangeiro quanto próximo de nós como um vizinho. Este Inimigo pode de fato ser o vizinho. *O Mal é a palavra para nosso alvo*, como se diz na Agência. *O Mal é do que falamos quando nos referimos ao nosso alvo.*

Roslyn 1961

— Não consigo decorar apenas as palavras soltas. Tenho que memorizar os sentimentos.

Os desajustados seria o último filme da Atriz Loira. Há testemunhas que afirmam que ela devia saber disso, dava para ver no seu rosto. Roslyn Tabor seria sua performance mais forte na tela. *Não uma coisa loira! Uma mulher, enfim.* Roslyn confessa a uma amiga que sempre acaba de volta onde começou & Roslyn fala com melancolia da mãe que “não era muito presente” & do pai que “não era muito presente” & do belo ex-marido que “não era muito presente” & Roslyn que é uma mulher adulta com mais de trinta anos & não uma garota, confessando à beira das lágrimas *Eu sinto saudades de minha mãe* & nós sabemos que isto é a Atriz Loira falando. Ela fala de não ter filhos, & nós sabemos que esta é a Atriz Loira falando. Nunca terminou o ensino médio. Alimenta um cão faminto & alimenta homens famintos. Ela nina homens. Homens atingidos pelo luto, feridos, envelhecendo. Derrama lágrimas por homens incapazes de chorar por si mesmos. Grita para homens no deserto de Nevada, chamando todos de *Mentirosos! Assassinos!* Ela os convence a libertar os cavalos selvagens que laçaram. Cavalos bravos que são, eles mesmos, almas selvagens feridas & perdidas. Ah, Roslyn é a Madona brilhante deles. Intensa & ofegante & luminosa como alguém à beira de um precipício. Dizendo: “*Todos nós vamos morrer, não é mesmo? Não estamos ensinando o que sabemos uns para os outros*”. Roslyn é a invenção da Atriz Loira & as falas na tela, uma imitação das falas pessoais da Atriz Loira, & se o marido dramaturgo que escreveu o

roteiro & se apropriou das falas da esposa & de certas circunstâncias dolorosas de sua vida também quisesse se apropriar de sua alma, a Atriz Loira não o acusaria disso. *Não. Nós existimos um para o outro & um no outro. Roslyn é seu presente para mim, assim como Roslyn foi meu presente para você.*

Agora que ela não o amava mais.

Agora era apenas a poesia que os atava. Uma poesia de fala & uma poesia de gesto ainda mais eloquente.

Ela havia sido infiel a ele, ele imaginava saber.

Com quem, quantos, quando & como & com que nível de emoção, paixão ou até sinceridade, ele não desejaria saber. Ele era um marido-cuidador agora, o enfermeiro de uma atriz famosa. (Sim, ele sentia a ironia: em *Os desajustados*, a luminosa Roslyn é a enfermeira de todos.) Não se queixava, estoico, resignado & quando não podia se segurar, ele tinha esperança. Pois esse pouco restava de sua ambiciosa versão jovial. Seria fiel a ela até que ela rejeitasse o seu toque. Ele a amaria muito depois. Pois ela não havia gerado seu bebê, morto em seu útero, não, eles estavam agora ligados por uma vida inteira de forma profunda & desmedida & sagrada demais para nomear... Ela não era mais a sua Magda, tampouco sua Roslyn, ele sabia! — ainda que ele cuidasse dela & ele a perdoasse (se ela desejava perdão, isso já não era certo). De forma contida, perguntava:

— Você tem certeza de que quer fazer este filme, Norma? Você está forte o suficiente? — Querendo dizer com isso, sem drogas dessa vez, sem se matar e deixando-o assistir, impotente & ferida, brava, ela dizia a ele:

— Estou sempre forte o suficiente. Nenhum de vocês *me* conhece.

Nós corremos sem cuidado para o precipício, depois de termos colocado algo na sua frente para evitar de vê-lo.

Essas palavras, copiadas no diário de garota colegial de Norma Jeane.

Ela não tinha certeza de ter entendido. Será que Carlo queria dizer que isso se aplicava a *ela*?

Ele havia lhe dado os *Pensamentos* de Pascal antes de ela ir para o set em Reno para gravar *Os desajustados*. Carlo-que-a-amava-mas-não-era-seu-

amante.

— Minha garotinha, Angela, toda crescida agora, não é?

Se não era H, o contratado para dirigir *Os desajustados!* H, o distinto diretor de *O segredo das joias*. A Atriz Loira reverenciava H, que não via fazia dez anos. *Ele me deu meu começo. Ele me deu minha chance*. Ela havia planejado abraçar o homem mais velho quando se encontrassem, mas seu rosto enrugado, hálito de uísque & barriga a desencorajaram; seus olhos rudes encarando mais injetados de sangue que os dela. H havia observado a carreira da Atriz Loira com interesse cético e entretido, como um pai observaria de longe a vida de uma filha ou um filho bastardo: uma prole ilegítima por quem ele não sentia necessidade de ter qualquer responsabilidade paternal, apenas uma conexão elíptica e desobediente. Em sua reunião inicial em Hollywood, a Atriz Loira foi tímida & pode ter se retraído quando H tomou suas mãos nas dele & as apertou, com força. Aquela calorosa voz de areia grossa, aqueles modos masculinos que uma mulher não sabe identificar se está zombando ou se é afetivo ou de alguma forma ambos? Ela o chamaria de “senhor”, querendo mostrar deferência. Ele a chamaria de “queridinha”, como se não conseguisse lembrar seu nome. Ele se dirigiria de forma mais respeitosa ao seu marido, o dramaturgo. Ele a deixaria nitidamente desconfortável ao olhá-la de cima a baixo, como um homem baixo conhecido por sua apreciação tanto por carne de cavalo quanto de mulheres. Ele a deixaria ainda mais desconfortável ao lembrar de seu teste para *O segredo das joias*.

— Você conquistou o papel de Angela só pelo jeito de sair.

A Atriz Loira perguntava o que ele queria dizer... Ela havia feito o teste como qualquer outra pessoa, exceto que deitada no chão para dizer as falas de Angela, porque Angela deveria estar deitada em um sofá; & H riu & piscou para Z (eles estavam no escritório de mobília opulenta de Z no Estúdio, assinando contratos) & repetiu:

— Não, queridinha. Você conquistou o papel de Angela só pelo seu jeito de sair.

Uma onda doentia de mágoa lavou a Atriz Loira. *Ele está falando da minha bunda. O filho da puta*.

A Atriz Loira não conseguia, então, lembrar-se com muita clareza da sua versão de Angela. Lembrar-se de Angela seria se lembrar de sr. Shinn, que

ela havia traído, a não ser que ele a houvesse traído. Lembrar-se de Angela seria se lembrar de Cass Chaplin quando foram amantes jovens começando. *Minha alma gêmea*, Cass a havia chamado. *Minha linda gêmea*. Ela não desejaria se lembrar de si mesma antes de Angela, a aspirante a vedete que havia sido convocada ao escritório do sr. Z para conhecer o aviário.

O escritório de Z ficava em outro edifício no lote do Estúdio agora. As mobílias ali eram asiáticas: tapetes chineses grossos empilhados, sofás & cadeiras de brocado, & na parede rolos antigos & aquarelas de requintadas cenas naturais. Z era conhecido na indústria como o homem que havia inventado MARILYN MONROE. Em entrevistas, Z se gabava em voz baixa de manter “minha garota” sob contrato quando outros executivos, inclusive o então presidente da empresa, quiseram terminá-lo. (“Por quê? Você não vai acreditar: eles achavam que ela não sabia atuar & achavam que não era atraente.”)

A Atriz Loira ouviu a própria voz rir, flertando & amistosa. Ela se sentia bem naquele dia. Era um de seus dias bons. E ela estava com uma aparência boa. Era sua crença fervorosa que *Os desajustados* seria um grande filme clássico & que o papel de Roslyn seria sua salvação. Faria todos esquecerem Sugar Kane & a Garota do Apartamento de Cima & Lorelei Lee & as outras. *Não uma coisa loira! Uma mulher, enfim.*

— Bem. Não sou mais Angela, sr. H. Nem sou Marilyn Monroe também, não neste filme.

— Não? Você parece com Marilyn Monroe para mim, queridinha.

— Sou Roslyn Tabor.

Essa era uma boa resposta. Ela pôde ver que H gostou dela.

Tem um tipo de cavalo, pode ser até um puro-sangue inglês, que precisa de um chicote para dar o seu melhor na corrida. Esse era eu. Eu estava endividado e precisava de respiro, e a oportunidade apareceu, e Monroe era parte disso. Eu não a respeitava como atriz. Eu não tinha visto a maioria de seus filmes. Eu não achava que poderia confiar nela, ou ao menos gostar dela. Eu nunca tive a paciência para neuróticas suicidas. Vá se matar se é essa a sua intenção, mas não esculhambe a vida dos outros. É isso o que eu penso.

As pessoas disseram que eu era doido por ela, e as pessoas disseram que eu era duro com ela e a quebrava. Ao inferno com isso tudo. Dava para ver nos

olhos dela qual era a história. Permanentemente injetados de sangue, as pupilas explodindo. Nós não teríamos filmado Os desajustados com cor nem se planejásemos.

Reno, Nevada. É um filme em branco & preto como memória. Um filme dos anos 1940, não 1960. Atores mortos! E já póstumo no contar.

A Atriz Loira se instruía: “Eu serei profissional de todas as formas”.

A Atriz Loira e o marido dramaturgo que ela não mais amava, mas que continuava obstinadamente (seria observado depois por testemunhas) a amá-la, moravam em Reno, no que parecia ser o inferno-*Desajustado-de-Reno*, em uma série de quartos no décimo andar (o último) do hotel Zephyr, nomeado assim em homenagem a Zephyr Cove. No primeiro dia de filmagem, marcado para dez da manhã no estúdio, já às nove, a Atriz Loira havia se escondido e se trancado em um banheiro, incapaz de se forçar a contemplar a aparição assustada em qualquer espelho & ela fecharia a porta até para seu fiel Whitey, que implorou a srta. Monroe que o permitisse ao menos *tentar*. Ela era emoção pura. Puro nervo. Nenhum pensamento coerente! Não havia dormido a noite toda; ou, se dormira de forma intermitente, talvez ainda estivesse adormecida, o cérebro cheio de barbitúricos e em um estado de sono, apesar dos olhos abertos & ela haver conseguido se arrastar da cama para o banheiro. E se negou a destrancar a porta. E o marido dramaturgo implorou. E o marido dramaturgo ameaçou ligar para a recepção, pedir que a porta fosse removida das dobradiças. A Atriz Loira gritou que fossem embora & a deixassem, & a quadras de distância, chegando ao estúdio às 11h15, o marido dramaturgo inventou desculpas para ela — *Marilyn está com enxaqueca. Mas Marilyn estará aqui à tarde, ela promete* —, & H, o distinto diretor, resmungava & falava pouco além de que contornariam as cenas de Roslyn pela manhã & e, no privado, dizendo que esperava por Jesus Cristo que se Monroe fosse surtar, que fosse mais cedo do que mais tarde.

Trancada em um quarto no hotel Zephyr em Reno, Nevada. Uma vista das ruas ofuscadas pelo sol & placas de cassinos em neon — \$\$\$ — & ao longe uma cordilheira chamada de as Virgínias, poeira diáfana como um cenário de estúdio desbotado de qualquer cor. Nessa época, Reno, Nevada, era a capital dos divórcios nos Estados Unidos & era lógico que Roslyn estava ali

& se divorciaria, que se “libertaria” naquela cidade deserta. Ah, ela era Roslyn! Ela seria Roslyn até o último fio de cabelo. *Este é o papel de minha vida. Agora vocês todos vão ver o que consigo fazer.* Exceto que ela se sentia trêmula. Tentando ler o roteiro & a visão borrada. Já era meio-dia & tinha que estar no set de gravação às dez da manhã & ela acreditava que ainda poderia se preparar para chegar no set no meio ou no fim da tarde & esperava que H tivesse um pouco de empatia. *Ele terá, ele gosta de mim! Ele é como um pai para mim. Ele me deu minha primeira chance.*

Sob o implacável sol forte, usava óculos escuros para todos os lados & se encolhia de fotógrafos & repórteres esperando como urubus na entrada do Zephyr ou na rua. O set estava fechado para eles, mas não os lugares públicos. H reclamava que Monroe trazia um bando de cachorros junto, como uma cadela no cio, & quanto menos ela dava a eles, mais eles queriam dela & assediavam outros, incluindo ele. *Como está Marilyn? Como vai o casamento?* Finas rachaduras brancas haviam aparecido nos cantos de seus olhos & emoldurando a boca & aqueles olhos um dia tão azuis & belos agora eram uma rede de capilares estourados de forma que os globos oculares estavam descoloridos como se com icterícia que nem um sono de doze horas restauraria. *Que sorte que o filme não é em technicolor, hein?*

Você não conseguia mais prever o que poderia emergir da succulenta boca de Marilyn, não mais do que conseguia imaginar ou estimar tudo que havia entrado nela.

Ela havia contado a H & outros, todos eles homens, que era Roslyn Tabor.

— Eu conheço Roslyn. Eu amo Roslyn.

Isso era tanto verdade & não exatamente verdade. Pois Roslyn é apenas o que os homens veem. O que dizer da Roslyn que homens nunca veem? Ela havia contado a H que os diálogos de Roslyn eram poéticos & belos & ainda assim ela queria que Roslyn fizesse mais no filme além de consolar homens & limpar seus narizes & fazer com que se sentissem admirados & amados; por que Roslyn não podia ser a primeira pessoa que a plateia vê no filme, Roslyn emergindo de um trem, Roslyn dirigindo para Reno, Roslyn em movimento & ativa; em vez de, como era, Roslyn quase invisível atrás de uma janela no segundo piso quando um homem lança um olhar para cima, buscando; & a cena a seguir, Roslyn mirando o espelho com preocupação ao aplicar maquiagem.

— Que se fodam as janelas, espelhos. Maquiagem! Vamos ver Marilyn... Quer dizer, R-Roslyn... a toda, já pronta.

Quanto mais ela pensava a respeito, mais queria cortar algumas das falas bregas de Roslyn, sem se importar que fossem de autoria de um dramaturgo ganhador do Pulitzer. Ela queria diálogos novos. E por que a própria Roslyn não poderia libertar os pobres cavalos presos no fim do filme?

— Roslyn poderia fazer isso, tão bem quanto o caubói. Monroe, não Gable. Ou os dois... Monroe & Gable? Vê? — Ela se empolgou tentando explicar a lógica & como era a lógica de cinema, a Princesa Cintilante & o Príncipe Sombrio unidos para desatar os cavalos bravos; claro, Gable poderia ficar com o garanhão para si, soltá-lo especificamente, & ela poderia libertar os outros. — Por que diabo não?

H a encarava como se fosse uma lunática & mesmo assim a chamava de queridinha para acalmá-la.

— Só dê mais coisas para Roslyn *fazer* — suplicara ela.

Para dentro do entretido silêncio masculino deles.

Vazaria à imprensa que Marilyn era “difícil”, mesmo antes de a produção de *Os desajustados* começar. Marilyn estava “fazendo as demandas ultrajantes de costume”.

Ainda assim, ela não poderia ser roubada de Roslyn & da performance mais forte de sua carreira. Roslyn era uma irmã mais velha de Sugar Kane, exceto pela comédia teatral & números musicais trêmulos. Sem ukulele & cenas lascivas de amor. Roslyn era dolorosa porque era “real” & ainda assim (como qualquer mulher na plateia reconheceria de imediato) apenas um “sonho real” (um sonho masculino). Para se tornar Roslyn, ela não poderia permanecer Norma Jeane; pois Norma Jeane era mais inteligente & astuta & experiente que Roslyn; Norma Jeane era mais instruída, mesmo que autodidata. Quando o amante de Roslyn, Gay Langland, fala dela elogiosamente: “Eu não gosto de mulheres instruídas; é bom conhecer uma mulher que tem respeito por um homem”. Norma Jeane teria rido na cara do homem, mas Roslyn ouve & se sente elogiada. Ah, as coisas masculinas ditas de Roslyn para lisonjear & seduzir & confundir! “Roslyn, você tem um dom para a vida. Um brinde à sua vida, espero que dure para sempre.” E em outro momento: “Roslyn, por que está tão triste? Roslyn, você simplesmente ilumina meu olhar”. E então: “Roslyn, você tem que parar de pensar que

pode mudar as coisas”. *Ah, sim, eu posso mudar as coisas. Esperem só para ver!*

O telefone estava tocando. Não atenderia nem por um cacete. Ela lavaria o rosto & passaria água fria nos olhos & tomaria um analgésico ou dois & meteria maquiagem & uma blusa & calça & os óculos escuros & deixaria o Zephyr por uma saída nos fundos, pela cozinha; ela tinha uma amiga na cozinha (ela era uma garota que sempre tivera uma amiga na cozinha dos hotéis) & ela chegaria no set inesperadamente às 15h20, agora que se sentia muito melhor & a força inundando conforme ela imaginava as expressões no rosto deles, os malditos. (Exceto por Clark Gable; ela reverenciava Clark Gable.) Ela se tornaria Roslyn: cabelo lavado & loiro brilhante penteado, maquiagem para acentuar a pele branca como a lua & um vestido apertado decorado com cerejas com gola V. A Princesa Cintilante, em uma cidade deserta em Nevada! Para a surpresa da equipe de *Os desajustados* ela trabalharia no que restava do primeiro dia de filmagem & demandaria quantas tomadas fossem necessárias para sua cena inicial (no espelho de maquiagem, falando com melancolia com uma mulher mais velha a respeito do divórcio iminente) até sua armadura de Norma Jeane estar gasta a ponto de sair, & a Roslyn trêmula & assustada & piedosa emergir. Ela impressionaria H, que não era um homem fácil de se impressionar; H que havia sido tão condescendente com ela, dez anos antes; H, que não a respeitava; H, o renomado diretor que estava esperando, ela sabia muito bem, que Monroe rachasse & explodisse cedo, para que pudessem escolher outra pessoa para o elenco, uma atriz mais maleável em seu lugar.

— Mas só existe uma Monroe. Aquele filho da puta tem que saber isso.

Era um milagre às vezes. É um clichê, mas acontece que é verdade. Monroe aparecia com horas de atraso, e poderiam surgir rumores de que ela estava no hospital em Reno (tentou se matar na noite anterior!); mesmo assim, de súbito, ela chegava com doçura & timidez & gaguejando desculpas, e uma série de vivas irromperia, ainda que todos estivessem amaldiçoando aquela puta. Quando Monroe chegava, via-se que ela não era uma puta, apenas uma força da natureza, uma tempestade de vento ou elétrica, via-se que ela mesma precisava sustentar o cabo dessa força da natureza e a ânsia era de perdoá-la; mesmo seu par, Gable, que já sofria de problemas cardíacos, dizia que ela não conseguia evitar, ele não gostava, mas entendia. E Whitey e a

equipe de Monroe se colocavam a trabalhar nela como se ressuscitando um defunto e transformavam a mulher loira de pele clara que quase não se reconheceria em Roslyn, a beleza angelical; e isso aconteceria muitas vezes durante as semanas de filmagem; vezes demais, talvez; e nem sempre causaria vivas, e nem sempre a puta se transformava no anjo, mas, em geral sim. Aquilo que Monroe projetava pela câmera... nenhum de nós conseguia decifrar. Nós tínhamos visto um monte de atores e atrizes e ninguém como Monroe. Veja, havia dias em que ela parecia rasa e quase comum exceto por aquela pele pálida como a lua. E ela interrompia uma cena e pedia para recomeçar, como uma amadora & a maioria das cenas ela pedia para fazer de novo e de novo e de novo uma dúzia de vezes, vinte, trinta vezes, e com apenas uma mudança minúscula de uma tomada para outra, ainda que de alguma forma acrescentasse algo; Monroe estava esquentando, ficando paulatinamente mais forte enquanto seus coprotagonistas enfraqueciam e se exauriam, pobre Clark Gable, que não era jovem, que tinha hipertensão e problemas cardíacos, mas Monroe era impenetrável para essa exaustão; assim como Monroe era impenetrável para outras pessoas; e para H, odiando-a até as profundezas de seu ser; ou talvez ela acreditasse, talvez Marilyn sempre houvesse acreditado, que todo mundo tinha que amá-la, ela era tão bonita e aquela pobrezinha órfã era impossível de não amar. Havia uma frase de Marilyn com a qual ela havia infectado a todos, de tanta frequência com que usava. “Quando chamam seu número, é sua vez; se não, não.” Isso era apropriado para Reno, Nevada, pensávamos. Então parecia não importar quão tarde Monroe chegava para trabalhar, ou quão perturbada ou confusa, uma vez que havia emergido do camarim, maquiada e de figurino, e de fato atuando como se fosse outra versão de si habitando nela, transformada em Roslyn, e como se poderia culpar Roslyn por alguma bobagem que Marilyn tivesse feito? Não poderia. Não desejaria. E o que quer que se projetasse no set, pelas câmeras, no material bruto das gravações do dia encarava-se quase em descrença pensando *Quem diabo é aquela? Aquela estranha?*

Monroe, sem dúvida nenhuma, era única.

Isso foi *antes*. O que aconteceria *não havia acontecido ainda*.

Em um sonho acordado de empolgação & esperança, ela deslizava de pés descalços pelo andar de cima da Casa do Capitão. As tábuas de madeira

mal-encaixadas & janelas tortas & além, um céu opaco de neblina. Ela sabia que não havia acontecido ainda porque Bebê estava confortável sob seu coração. Um compartimento especial — uma bolsa? — sob o coração. Bebê ainda não havia partido. Um dia (ela havia imaginado isso cuidadosamente!) Bebê seria um ator & partiria nas misteriosas jornadas de ator, rompendo com fosse lá o quê, mas isso era longe no futuro, & isso era um sonho para confortá-la, não era? Bebê ainda não a havia deixado em coágulos & hemorragia uterina escura. Bebê era do tamanho de um melão inchando em sua barriga de uma maneira que ela amava acariciar. *E de alguma forma isso estava ligado ao me sentir bem com Roslyn & o filme, agora que estávamos na terceira semana.* E (isso era confuso!) poderia ter sido no sonho de Bebê, não no dela próprio (pois bebês também sonham dentro do ventre; Norma Jeane havia sonhado a vida inteira, às vezes, acreditava ela, no ventre de Gladys!), ela entrou de pés descalços pelo longo escritório gelado do homem com quem ela morava, o homem com quem ela estava casada, o homem que acreditava ser o pai de Bebê, & viu papéis espalhados pela escrivaninha; ela sabia — ela sabia! — que não deveria examinar os papéis, pois eram proibidos a ela; mesmo assim, como uma criancinha atrevida e ousada ela os ergueu & leu; & em seus sonhos essas palavras não eram visuais, mas ditas em vozes masculinas.

DR: Sr. , sinto que não tenho boas notícias.

Y: O que... o que é?

DR: Sua esposa vai se recuperar do aborto espontâneo, mas podem surgir dor ocasional & sangramento. Mas...

Y (tentando parecer calmo): Sim, dr.?

DR: Sinto que ~~os órgãos reprodutivos~~ útero tem muitos ferimentos. Ela fez abortos demais...

Y: Abortos?

DR (envergonhado, de homem para homem): Sua esposa... parece ter sofrido um número de abortos bastante brutais. Francamente, é um milagre que tenha conseguido conceber.

Y: Eu não acredito nisto. Minha esposa nunca...

DR: Sr. _____, eu sinto muito.

Y sai (rápido? devagar? um homem em sonho)

BAIXAR DE LUZES (não apagar)

FIM DA CENA

Marilyn era tão chocante! As coisas que dizia. Sabendo que nós não poderíamos citá-la diretamente em nossas publicações puritanas, ela surgia com as observações mais selvagens, por exemplo, quando estava fazendo *Os desajustados* com Gable e atraíram muita atenção da mídia, e a *Life* me mandou para Reno para entrevistá-la e as outras estrelas e o diretor e o marido dramaturgo, todos homens, e nós estávamos providenciando o encontro em um bar de Reno, e eu fiz uma piada meia-boca do tipo que se faz por nervosismo, perguntando como a reconheceria, o que ela estaria vestindo, e Marilyn não deixou passar em branco; em sua vozinha ofegante e murmurante, ela sussurrou ao telefone:

— Ah, ei...! Será impossível não ver Marilyn, ela será a única pessoa com vagina.

Talvez a vida seja só partir para a próxima talvez a vida seja só partir para a próxima talvez a vida seja só seja só seja só para a próxima talvez a vida seja só seja só a próxima talvez a vida seja só seja só seja só partir para a próxima As falas de Roslyn presas em sua mente & ela não conseguia parar de repeti-las *Talvez a vida seja só partir para a próxima* como um mantra hindu & ela era uma yogi murmurando sua oração secreta *Talvez a vida seja só partir para a próxima*

Ela pensou, isso é reconfortante!

Formigas vermelhas ardendo entrando na sua boca com ela deitada, paralisada com o sono do fenobarbital. A boca aberta, escancarada. As formigas deviam ser as pequenas formigas vermelhas do deserto de Nevada.

Picavam e descarregavam suas toxinas e sumiam. Porém, mais tarde, Whitey perguntava com preocupação:

— Srta. Monroe, tem algo errado?

Pois a Atriz Loira, enquanto era maquiada, estremecia ao tentar beber o café preto fervendo de quente com um comprimido ou dois de codeína dissolvido na xícara, e sussurrava para Whitey em uma voz que ele quase não conseguia ouvir. Justo Whitey, que conseguia ouvir a voz de sua patroa não só quando rouca e do outro lado de uma sala, mas a milhas e até anos de distância.

— Ah, Whitey. Eu n-não sei. — Ela riu, então começou a chorar sem mais nem menos. E parou. Ela não tinha lágrimas! Suas lágrimas haviam secado como areia! Com cuidado, ela cutucou as feridas que ardiam em sua boca. Algumas eram aftas, e outras eram pequenas bolhas.

— Srta. Monroe — disse Whitey, com severidade —, abra e me deixe ver.

Ela obedeceu. Whitey a encarou. Uma dúzia de lâmpadas de cem watts emoldurando o espelho deixavam a cena brilhante como o cenário de qualquer filme.

Pobre Whitey! Ele era da tribo dos ogros a serviço do Estúdio, seres subterrâneos, ainda que grande com a altura descomunal de mais de um metro e oitenta; com ombros e braços maciços e um gentil rosto macilento. Uma penugem esbranquiçada cobria sua cabeça, que era do formato de uma bola de futebol americano. Seus olhos descorados eram míopes, mas donos de uma ferocidade reconfortante. Exceto por esses olhos, não se imaginava que Whitey fosse um artista. *De lama e tinta colorida, ele fazia surgir um rosto. Às vezes.*

A serviço da Atriz Loira, o esteticista especializado havia se tornado estoico; sempre um cavalheiro, escondendo qualquer sinal de preocupação, pânico ou repugnância do olhar ansioso da Atriz Loira. Ele disse, baixinho:

— Srta. Monroe, a senhorita deveria procurar um médico.

— Não.

— Sim, srta. Monroe. Vou chamar Doc Fell.

— Não quero Fell! Tenho medo dele.

— Outro médico, então. É necessário, srta. Monroe.

— Está... feia? Minha boca?

Whitey balançou a cabeça, mudo.

— Coisas morderam minha boca. Por dentro. Enquanto eu dormia, eu acho!

Whitey balançou a cabeça, mudo.

— Ou poderia ser, creio eu, algo no meu sangue? Alergia? Reação a um remédio?

Whitey ficou parado em silêncio, cabeça baixa. No espelho de luz forte, seu olhar não se levantou para encontrar o da sua patroa.

— Ninguém me beija tem muito tempo. Não profundamente, quero dizer. Não como um a-amante, quero dizer. Não posso culpar um beijo envenenado, posso? — Ela riu. Esfregou os olhos com ambos os punhos, apesar dos olhos estarem secos como areia.

Em silêncio, Whitey escapuliu para buscar Doc Fell.

Quando os homens voltaram, viram que a Atriz Loira havia descansado a cabeça nos braços. Estava inclinada para a frente, como se estivesse inconsciente e com a respiração curta. O cabelo prateado havia sido lavado e penteado em preparação para Roslyn. Ela não havia experimentado o figurino, vestia uma bata suja e uma calça larga, e as musculosas pernas de dançarina estavam brancas e à mostra e tortas sob o corpo. Sua respiração tão superficial e errática. Doc Fell sentiria um momento de pânico. *Ela está morrendo. Eu serei o culpado.* Mas conseguiu reanimá-la e examinaria sua boca e a xingaria por misturar medicações contra suas ordens e por traí-lo com outros médicos, e ele proferiria mais medicação para sarar as feridas, a não ser que fosse tarde demais. Então Whitey voltaria para o desafio de seu rosto. Removeria a maquiagem que colocara antes, limparia sua pele com gentileza e recomeçaria. Ele ralharia com ela: “Srta. Monroe!”, quando a visão dela saía de foco, e sua boca, mesmo enquanto ele a delineava com batom forte, despencava. No estúdio, vinham esperando por Roslyn por duas horas e quarenta minutos. Repetidas vezes, com teimosa e uma raiva masoquista, H enviava um assistente ao camarim da Atriz Loira para ver quanto tempo mais ela demoraria. Whitey sussurrava diplomaticamente:

— Logo. Não podemos apressá-la, sabe...

A cena seguinte era mais complexa do que as anteriores, porque envolvia uma boa dose de cortes, quatro atores, música e dança. Os homens olhariam para Roslyn com uma paixão intensa que vinha de suas frustrações, misérias, raivas; a câmera gravaria devoção, esperança, amor brilhando em

seus olhos como refletores. A cena pertencia a Roslyn. Roslyn beberia além da conta, dançaria sozinha mostrando o lindo corpo cheio de abandono e então correria para fora, para a escuridão romântica, e abraçaria uma árvore em um momento “poético”, e o Príncipe Sombrio declararia: “Roslyn, você tem o dom da vida, um brinde à sua vida, espero que dure para sempre”.

O marido distante.

— Sabe de uma coisa...? Ninguém gosta que fiquem *espionando*, senhor.

Amá-la era a missão de sua vida, e ele havia começado a sentir, naquela cidade deserta de sol ardente, que talvez, apesar de toda a sua devoção, não estivesse apto à tarefa. *Os desajustados* era para ser seu presente de Dia dos Namorados para a esposa, e agora era a tumba de seu casamento. Ele havia desejado consagrar a beleza luminosa em Roslyn e não conseguia ver onde havia fracassado, ou por que tinha que fracassar; ainda assim, ela estava cada vez mais impaciente com ele, até grosseira, conforme o trabalho com Gable, o amante na tela, se aprofundava. *Se eu tenho ciúmes? Se for só isso, tão ignóbil, talvez eu consiga aguentar.* Ainda assim, continuava a usar drogas. Drogas demais. Ela mentia a respeito disso na cara dele. Ela havia criado tamanha tolerância que conseguia mascar e engolir comprimidos de codeína enquanto falava, ria, “bancava a Marilyn” com outros. Eles diriam: “Marilyn é tão *esperta!*”. Eles diriam: “Marilyn Monroe é tão... *viva!*”. Enquanto ele, o marido sombrio, o marido de quatro anos, o marido-que-parece-velho-demais-para-Marilyn, o marido censor, ficava de lado, observando-a.

— Porra, eu falei para você: não gosto que fiquem me *espionando*, não, senhor. Você acha que é tão perfeito, camarada, vá se olhar no *espelho*.

Seu cérebro estava quebrado como um relógio de corda barato, mas ela estava desesperada para melhorá-lo. Desesperada!

Não só *A origem das espécies*, ela vinha lendo & fazendo anotações havia meses. Agora o livro que Carlo lhe dera. Ah, Pascal a comovia! Tanto tempo antes, tais pensamentos, como era possível, a história em *A origem das espécies* era sobre coisas melhorando, mais refinamento com o tempo, “reprodução com modificação” para a melhor, & ainda assim, Pascal! No século xvii! Um homem doentio que morreria jovem, aos 39 anos. Havia escrito os pensamentos mais profundos que ela nunca poderia ter expressado nem sequer em rudimentar gagueira.

Nossa natureza consiste em movimento; o repouso completo é a morte...
O encanto da fama é tão intenso que reverenciamos todos os objetos a qual está ligada, até mesmo a morte.

Essas palavras de Pascal, copiadas em tinta vermelha no diário de garota colegial de Norma Jeane.

Carlo havia escrito a dedicatória no livrinho: “Para o anjo, com amor de Carlo. Se só um de nós se der bem...”

— Talvez eu pudesse ter o bebê dele um dia? Marlon Brando.

Ela riu. Ah, era um pensamento maluco, mas... por que não? Eles não teriam que se casar. Gladys não era casada. O Príncipe Sombrio ficaria melhor sem se casar. Ela tinha 34 anos. Dois ou três anos ainda para dar à luz.

Os amantes se beijaram! Roslyn & o caubói Gay Langland.

— Não. Quero tentar de novo.

De novo, os amantes se beijaram. Roslyn & o caubói Gay Langland.

— Não. Quero tentar de novo.

De novo, os amantes se beijaram. Roslyn & o caubói Gay Langland.

— Não. Quero tentar de novo.

Eram amantes novos. Clark Gable, que era Gay Langland, que não era jovem, & Marilyn Monroe, que era Roslyn, uma divorciada passando o desabrochar da primeira juventude. *Muito tempo atrás no cinema escuro. Eu era uma criança, eu adorava você. O Príncipe Sombrio!* Ela tinha apenas que fechar os olhos & era aquela época, no cinema depois da escola, na avenida Highland & pagava pelo seu bilhete solitário, & Gladys a teria alertado: “Não se sente perto de homem algum! Não fale com homem algum!”, & ela levantava o olhar empolgada para a tela para ver o Príncipe Sombrio que era aquele exato homem que a beijava agora & quem ela beijava com tanta fome, tendo esquecido a dor e a ardência fervendo na boca; aquele belo homem sombrio com o bigode cortado fino, na casa dos sessenta, agora com um rosto enrugado & cabelo rareando & os olhos inconfundíveis da mortalidade. *Um dia, eu acreditei que você era meu pai. Ah, me diga que é meu pai, me diga!*

Este filme que é a sua vida.

Esses eram amantes recentes & o sentimento entre eles, delicado & evanescente como uma teia de aranha. Roslyn adormecida na cama, o lindo corpo coberto apenas por um lençol, & o amante, Gay Langland, inclinando-se com gentileza sobre ela para despertá-la com um beijo, & Roslyn se levantava rápido e passava os braços nus ao redor de seu pescoço & beijava-o de volta com tanto desejo que, naquele momento, a agonia quente fervilhando em sua boca & o terror & o sofrimento da sua vida foram esquecidos. *Ah, eu amo você! Eu sempre amei você!* Ela via agora a foto emoldurada do homem bonito na parede do quarto de Gladys. Era um momento tão remoto mas tão vívido! O edifício era o Hacienda. A rua era La Mesa. Era o sexto aniversário de Norma Jeane. *Norma Jeane, está vendo...? Aquele homem é seu pai.* Roslyn estava nua sob o lençol, Gay Langland estava vestido. Estar nua na tela & contra um tecido de veludo carmesim amassado é estar tão exposta & vulnerável quanto uma criatura marinha atraída para fora da concha & se as solas de seus pés estiverem expostas, que vergonha! E a empolgação sombria de tal vergonha. Quando se beijavam, Roslyn estremecia; dava para ver a tez pálida toda arrepiada. Formigas vermelhas ardendo! As feridas minúsculas circulariam por suas veias & explodiriam em seu cérebro & a destruiriam um dia, mas não naquele momento.

Um beijo tem que machucar. Eu amo seus beijos, que machucam.

Monroe era supersticiosa e raramente assistia ao material bruto das gravações diárias, mas naquela tarde ela foi com Gable, e a cena apareceu, e eles se maravilharam com o resultado. H tomou Monroe de lado e se avultou sobre ela, agarrando suas mãos e agradecendo por seu trabalho naquele dia. Jesus, aquilo estava bom, ele disse. Era tão sutil. Era além do sexo. Ela era uma mulher real naquela cena, e Gable, um homem real. Sentia-se dor por eles. Nada daquela merda nos filmes de costume. H havia bebido algumas doses de uísques e estava em um humor arrependido, pois passara semanas xingando Monroe pelas costas e nos fazendo rir ao descrever as maneiras que desejaria assassiná-la.

— Se eu algum dia duvidar de você, queridinha, pode me dar um bom chute rápido na bunda, está bem?

Monroe riu com malícia.

— E se for um bom chute rápido no saco?

Você é minha amiga, Fleece... não é?

Norma Jeane, cê sabe que sou.

Você voltou para minha vida por um motivo.

Eu sempre soube de você.

Soube, sim! Eu amava tanto você.

Eu amava você também, Ratinha.

Nós íamos fugir juntas, Fleece.

Sim, a gente ia! Cê não lembra?

Eu tinha medo. Mas confiava em você.

Ah, Ratinha, não deveria. Eu nunca fui muito boazinha.

Fleece, era, sim!

Com você, talvez. Mas não no coração.

Você era gentil comigo. Eu nunca me esqueci. É por isso que quero dar coisas para você agora. E no meu testamento.

Ei, não fala assim. Num gosto dessas merdas de conversas assim.

Só estou sendo realista, Fleece. Neste filme que estou fazendo, um caubói me diz: “Todo mundo tem que ir em algum momento”.

Cacete! O que isso tem de engraçado?

Eu não quis rir, Fleece. Eu rio às vezes... Não é por maldade.

Não entendo a graça. Cê já viu gente morta? Eu já. Já vi bem de perto. Senti o cheiro. Não tem graça, Norma Jeane.

Ah, Fleece, eu sei. É só que *Todo mundo tem que ir em algum momento* é um clichê.

Um o quê?

Algo dito antes. Muitas vezes.

É por isso que é engraçado?

Eu não estava rindo de verdade, Fleece. Não fique brava.

Tudo já foi falado por alguma pessoa, isso não quer dizer que pode rir.

Fleece, eu sinto muito.

No Lar, cê era a coisinha mais tristonha. Chorava todas as noites como se o coração estivesse partido & fazia xixi na cama.

Não, não é verdade.

As meninas que faziam xixi tinham um negócio impermeável em vez de lençol embaixo. Não cheirava nada bem. Essa era sempre a Ratinha.

Fleece, isso não é verdade!

Droga, eu fui ruim com você. Não deveria.

Fleece, você não foi ruim comigo! Você me protegeu.

Eu protegi você. Mas eu fui ruim com você. Eu gostava de fazer as outras meninas rirem.

Você me fazia rir.

Eu me sinto mal, Norma Jeane. Peguei seu presente de Natal daquela vez & você chorou.

Não.

É, eu peguei. Arranquei o rabo inteirinho. Acho que era porque eu tinha inveja daquilo.

Eu não acredito nisso, Fleece.

Aquele tigrinho listrado, eu arranquei o rabo. Fiquei com ele na cama por um tempo & mais tarde joguei fora. Eu tinha vergonha, acho.

Ah, Fleece, eu achei que você g-gostava de mim.

Eu gostava! Você era minha favorita. Você era minha Ratinha.

Desculpa por ter abandonado você. Eu precisei.

A sua mãe ainda tá viva?

Ah, está!

Você chorava muito. Sua mãe tinha abandonado você.

Minha mãe estava doente.

Sua mãe era louca & você odiava ela. Lembra, eu & você, a gente ia matar ela lá onde ela estava presa, lá em Norwalk.

Fleece, isso não é verdade! Que coisa horrível de se dizer.

A gente ia tacar fogo. Ia, sim.

Não íamos não!

Ela não deixava você ser adotada. Era por isso que você odiava ela.

Eu nunca odiei minha mãe. Eu a-amo minha mãe.

Não se preocupa, "Marilyn". Não vou contar para ninguém. É nosso segredo.

Não é segredo nenhum, Fleece. Não é verdade. Eu sempre amei minha mãe.

Cê odiava tanto ela, ela não deixava você ser adotada. Lembra? Bruxa velha nojenta não assinava os papéis.

Fleece, eu nunca quis ser adotada! Eu tinha uma m-mãe.

Ei, até eu fiquei em Norwalk por um tempo.

Norwalk? Por quê?

Por que você acha, besta?

Você ficou... doente?

Pergunta para eles. Eles fazem qualquer porra que querem com você, não dá para impedir. Um bando de gente pau no cu.

Você ficou em... Norwalk? Quando?

Como diabo vou saber quando? Muito tempo atrás. Teve a Guerra, eu me alistei no Recrutamento Feminino. Me treinaram em San Diego. Me mandaram pra Inglaterra. Eu, Fleece, na Inglaterra! Mas fiquei doente. Eu tive que ser mandada de volta para cá, para os Estados Unidos, eu acho.

Ah, Fleece. Eu sinto muito.

Ah, que se dane. Eu não olho para trás. Eu me vestia como homem, ninguém me incomodava em geral. A não ser que desse alguma merda.

Gosto da sua aparência agora, Fleece. Reconheci você de imediato, naquela multidão. Você poderia ser um cara bonito. Eu gosto disso.

É, mas eu não tenho pinto, tá vendo? Se a gente tem uma boceta a gente tem que fazer o que os filhos da puta querem. Eu usaria a minha faca neles, se pudesse. Eu não era uma florzinha envergonhada. Tenho medo de mais coisas agora do que tinha naquela época. Eu queria beleza na vida. Eu vivi em Monterey, em San Diego & em Los Angeles. Eu acompanhei a sua carreira.

Eu esperava que você tivesse acompanhado, Fleece. Todas as garotas.

Reconheci você na hora. "Marilyn". Eu vi *Almas desesperadas* & quis empurrar a pirralha da janela. Eu não gosto de criança! Em *Torrentes de paixão*, não consegui acreditar em como você estava madura & linda. Mas foi legal quando ele estrangulou você.

Fleece! Isso é uma coisa estranha de dizer.

Eu só sei dizer a verdade, Norma Jeane. Você me conhece, sabe como Fleece é.

É por isso que amo você, Fleece. Preciso de você na minha vida. Só fique em minha vida. Está vendo? Podemos falar de vez em quando.

Eu posso ser sua motorista. Eu sei dirigir.

Eu sou Roslyn agora. Esta mulher no filme em que estou trabalhando. Não sou uma atriz, só uma mulher. Tento ser boa. Eu fui ferida por homens, eu me divorciei. Mas não estou amarga. Vou achar meu caminho. Eu vivo em

Reno, quero dizer, como Roslyn. Mas nunca aposto nos cassinos, eu sempre perderia.

Eu posso ser sua motorista, eu disse.

O Estúdio me fornece um motorista, eu acho.

Eu posso ser a guarda-costas de Marilyn.

Guarda-costas?

Acha que eu não sou forte? Eu sou. Não pense pouco de mim, Norma Jeane.

Eu não estou...

Esta faca aqui? Eu carrego para todos os cantos. Fico protegida de qualquer cuzão que venha mexer comigo.

Ah, Fleece.

O quê? Cê tem medo?

Ah, Fleece, eu acho que eu... Eu não gosto de facas.

Bom, esta faca é minha. É para minha proteção.

Fleece, acho que você deveria guardar essa faca.

Ah, é? Onde? Guardar onde?

Em algum... De onde você tirou.

E a lâmina? Eu deveria enfiar a lâmina... onde?

Fleece, não me assuste. Eu n-nunca quis...

Você está parecendo um pouco assustada, Marilyn. Jesus.

Eu não estou. Eu só estou...

Porque eu machucaria você, por exemplo? Norma Jeane? *Você?* Eu nunca machucaria você.

Ah, eu sei disso, Fleece. Espero que sim.

Minha Ratinha.

Ela só me deixa n-nervosa. Uma faca assim.

Eu não tenho medo de usar isso pra me proteger. Eu poderia proteger você.

Eu sei que poderia, Fleece. Fico grata por isso.

Alguém chega na Marilyn & diz uma grosseria ou encosta nela. Eu vou ser sua guarda-costas.

Eu não sei, Fleece.

Tem gente que quer machucar a Marilyn. Eu poderia proteger você.

Eu não sei, Fleece.

Pro inferno que não sabe! É para isso que você me queria de volta.

Fleece, eu...

Tá bom, guardei a faca, tá bom, chega de faca. Nunca teve faca alguma. Tá vendo?

Obrigada, Fleece.

Eu sempre soube de você, Norma Jeane. Nunca me esqueci de você. Eu vi que você foi Marilyn, por todos nós.

Beijando Fleece, será que ousei beijar Fleece ou será que foi um sonho de beijar Fleece & ser beijada (& mordida!) por Fleece, & meus lábios em carne viva depois, inchados. Beijar Fleece é como inalar éter. Tão feroz & com um cheiro alaranjado, & meu coração transbordando e explodindo.

Ah, Deus, obrigada.

O aniversário. Já estavam no quarto aniversário. Veio & foi sem grande reconhecimento.

O marido distante. Descobriu que não era apenas Gable que a encantava (& possivelmente comia), havia o ainda mais enigmático Montgomery Clift. Alcoólatra e charmosamente desequilibrado e o belo rosto devastado com cicatrizes de um acidente de motocicleta quase fatal no ano anterior; um viciado em Benzedrina/Amobarbital (venal?); um recluso no trailer como um Dionísio voluntariamente ausente, escondendo-se com seu fruto da videira e vodca; insolente amante jovem e recusando a maioria das entrevistas e até a se aventurar no “pavoroso” sol de Nevada até a noite. Muitos na equipe de *Os desajustados* estavam apostando que Clift não terminaria o filme e era um risco ainda maior que Monroe.

— Sabe por que eu amo Monty Clift? Ele é um geminiano.

— Um o quê?

— De Gêmeos, como eu.

O marido não teria ciúmes de um ator homossexual condenado, era orgulhoso demais para isso. Ela viu a mágoa em seus olhos e tocou seu braço. (O primeiro toque dela em dias.) De súbito, ela era Roslyn, beleza loira curadora entrando em foco.

— Ah, ei, o que quero dizer é que não sei se Monty de fato nasceu no mesmo signo que eu, quero dizer, ele é como meu gêmeo? Você conhece pessoas que são como se fossem gêmeos seus? Montgomery Clift é o meu.

O marido havia começado a temer Clift como um mistério mais profundo do que a própria esposa, cuja indisposição suicida (ele tinha certeza) era apenas motivada pela perda do bebê. Aquele dia terrível no Maine que mudara a vida deles para sempre. O luto perpétuo e exaustivo de uma mulher.

Uma mulher é seu ventre, não é?

Se não seu ventre, o que é uma mulher?

Desde Maine, o relacionamento deles nunca mais fora o mesmo. Desde Nevada, ela não o recebia mais na cama. Ainda assim, ele sabia que ela queria um bebê, mais desesperadamente que nunca; talvez mais desesperadamente agora que passara outro aniversário dela e sua saúde ficava cada vez mais instável. Como o médico havia previsto, ela tinha dor uterina frequente, “sangramentos” que a apavoravam. Os ciclos menstruais doíam mais e mais, e eram irregulares.

É claro que ele nunca contou o que o médico havia contado. O útero “machucado”. Os abortos “brutais”.

Aquele seria o seu, do marido, segredo. Que ele sabia, e que ela não poderia saber que ele sabia.

Se não seu ventre, *o que é uma mulher?*

No final feliz de *Os desajustados*, Roslyn e o amante caubói Gay Langland falam em ter filhos. (Não importando a disparidade das idades.) Depois do trauma dos cavalos bravos laçados e enfim libertados, eles estão dirigindo “para casa”. Estão sendo guiados por uma “estrela ao Norte”.

Se eu não pude lhe dar um bebê em vida, Norma, eu lhe darei um bebê neste sonho de você.

Será que importava que a Atriz Loira o visse, o mestre das palavras, com escárnio? No material bruto das gravações de cada dia, Roslyn brilhava de pura sensibilidade. Aqueles que detestavam a Atriz Loira eram seduzidos por Roslyn. Roslyn era reconhecidamente a performance mais sutil, mais complexa e mais brilhante de Marilyn Monroe nas telas; mesmo no meio da filmagem, sendo o desastre uma possibilidade a qualquer momento, era um fato que todos sabiam. Roslyn era como um belo vaso que havia sido quebrado e despedaçado, porém meticulosa, hábil e pacientemente restaurado, pedacinho por pedacinho, com pinça e cola; via-se apenas o vaso restaurado, sem saber que já havia se rachado, e muito menos a energia

monomaniaca que seu restauro havia exigido. A ilusão da plenitude, da beleza. Desilusão?

Eu a estou perdendo. Eu devo salvá-la. O marido distante não teria desejado admitir até para si mesmo que havia abandonado a carreira de dramaturgo. Sua versão mais profunda. Sua vida em Nova York, entre amigos teatrólogos, que ele respeitava como não podia respeitar cineastas. H, ele reconhecia como um gênio de tipo único; mas não do seu tipo, pois isso requeria solidão, introversão, um exame da imaginação, não um cutucão agressivo. Ele havia se tornado, no Oeste, um servo não apenas da Atriz Loira, que devorava aqueles a seu serviço com a ganância dos perpetuamente famintos, mas do Estúdio; ele, também, estava na folha de pagamento, ele também estava “contratado”. Dizia a si mesmo que era apenas temporário. Dizia a si mesmo que *Os desajustados* seria uma obra-prima que o redimiria. Um ato de amor conjugal que salvaria seu casamento. Ainda assim, sua alma estava em outra parte: no Leste. Ele sentia falta do apartamentinho amontado de livros aquecido a vapor na 72ª, sentia falta das caminhadas diárias até o Central Park, sentia falta da companhia beligerante de Max Pearlman. Sentia falta de sua versão mais jovem! Estranho que peças dele estivessem sendo montadas, mas eram peças que ele havia escrito anos antes; ele não estava envolvido nas produções e não teria tempo, mesmo se convidado. Ele havia se tornado um clássico ainda vivo: destino preocupante. Como Marilyn Monroe, idolatrada por milhões de estranhos enquanto a mulher em si vomitava em um vaso sanitário, a porta escancarada para que ele, o marido desesperado, o marido com repulsa, fosse obrigado a ouvir e não questionar.

— Ninguém gosta que fiquem *espionando*, senhor, entendeu?

E outra vez que a havia encontrado na banheira vaporosa depilando as pernas, a mão tão trêmula ou a visão tão borrada que ela havia se cortado, a pele branca como a morte, as belas pernas esbeltas, e ela sangrava de diversas feridas minúsculas. Quase soluçando de raiva pela preocupação dele, o olhar dele:

— Sai daqui! Quem é que pediu sua ajuda? Vai para o inferno, vai embora daqui! Eu sou tão feia? Tão nojenta? Homens judeus odeiam mulheres, esse é o problema de vocês... É seu, senhor, não meu.

Ele a havia deixado gritando. Ele bateu a porta. Talvez ela tivesse visto algo em seu rosto mais do que preocupação marital.

A partir daquele momento, ele assistiu à esposa disfarçado, sem comentar. Ele queria dizer a ela: “Eu não vou julgar você. Eu só quero salvar você”. Havia deixado o trabalho na dramaturgia permanentemente de lado. Tudo que restava de anos de escrita eram fragmentos, rascunhos. Cenas que começavam e terminavam em uma única folha de papel. Ele havia abandonado *The Girl with the Flaxen Hair*. Não podia mais acreditar em sua visão ingênua de Magda, “a garota do povo”. Como a Atriz Loira tinha visto com astúcia, Magda era muito mais furiosa do que ele pensava. Mas ele não conseguia visualizar sua Magda daquela forma. Não conseguia visualizar mais a sua versão adolescente de Isaac. Seus sonhos de Muito Tempo Atrás haviam cessado fazia tempos. Muito Tempo Atrás tinha sido uma perturbação emocional, mas inspiração para sua escrita; desde o casamento com a Atriz Loira, pouco de sua vida anterior permaneceu. Rahway, Nova Jersey, havia ficado mais distante dele agora do que as tribulações em Londres durante a filmagem de *O príncipe encantado*, quando desistiu de sequer tentar escrever para cuidar de sua esposa, que se desintegrava. (Ele não podia se deixar ressentir pelo sucesso surpreendente da performance de Monroe naquela encenação de bonecas de cera que foi o filme. Críticos adoraram a atuação dela, que inclusive recebeu um prêmio da indústria italiana de cinema! Para ele, não havia sequer um prêmio de consolação.) Ainda assim, ele não podia escrever a respeito dela e do casamento. Exceto em particular, em segredo. *Eu nunca a faria passar por essa exposição. Nunca a trairia. Não o farei.*

Pois a verdade era que ele ainda a amava. Estava esperando para amá-la de novo.

Mesmo se ela o repudiasse publicamente. Mesmo se pedisse o divórcio.

Secretamente, ele a observava, sem comentários ou julgamento. *Ela está se enganando. Não é Roslyn. Ela está se debatendo ao máximo para roubar com força este filme dos atores masculinos. Os rivais.* A Atriz Loira se percebia e era percebida pelo mundo como uma vítima, mas nas profundezas de seu coração, era voraz, implacável. Ele a vira ler *A origem das espécies*, de Darwin, com tamanha intensidade como se estivesse lendo sobre o próprio futuro. Marilyn Monroe lendo Darwin! Ninguém acreditaria. Agora estava

lendo *Pensamentos*, de Pascal. Pascal! (Onde ela havia arranjado aquele livro? Ele se surpreendeu ao vê-la extrair aquilo do caos de uma de suas malas, folheá-lo e começar a ler, bem onde estava, franzindo a testa e movendo os lábios.) Mas agora ela raramente falava com ele sobre suas leituras, e se ainda escrevia poesia, não mostrava a ele. Ela não lia mais material da Ciência Cristã. Ela havia deixado os livros sobre a história judaica e o Holocausto para trás na Casa do Capitão.

Uma polpa sanguinolenta ensopando o piso sujo do porão.

Em Reno, sua rivalidade mais intensa era com H. Pois H era um desses homens que aparentemente não sentiam desejo por Marilyn Monroe. Ela reclamava de H.

— Todo mundo vê que ele é um gênio. Ah, sim, gênio! O que ele ama é apostar e cavalos. Ele está no projeto só pelo dinheiro. Não respeita atores.

— Por que — perguntou o marido dramaturgo — nós estamos neste projeto?

— Você talvez pelo dinheiro. Eu estou lutando para salvar minha vida.

Há uma maldição do ator: ele está sempre em busca de uma plateia. E quando essa plateia vê sua fome, é como se farejasse sangue. A crueldade deles começa.

H gritou um dia:

— Marilyn, olhe para mim! — E ela não olhou. — Olhe para *mim*. — Estavam em uma locação no deserto fora de Reno para a cena do rodeio.

Um dia ofuscante de tão quente, temperatura beirando quarenta graus. Lá estava H, barrigudo e inundado em suor, e aqueles fuzilantes olhos inchados de Nero ensandecido esculpidos por mãos entretidas e dotadas de respeitoso deboche. Saiu ofegante da cadeira, pondo-se a correr como um bezerro e de fato agarrou os pulsos dela enquanto assistíamos; ele gostaria de ver Monroe jogada na areia incandescente, tamanho desgosto Monroe estivera causando por dias e mais dias naquele inferno de sol faiscante (isso no fim de outubro), mas Monroe se virou e o atingiu, arranhou-o com a rapidez de um gato. H afirmaria *A raiva animal daquela mulher! Eu me caguei de medo*. H possivelmente tinha uns cinquenta quilos a mais que Monroe, mas não era páreo para ela, que se soltou, saiu correndo e entrou no trailer (com ar-condicionado), batendo a porta; então alguns minutos depois, ela surpreendeu a todos voltando, maquiagem retocada, cabelo escovado, pois

Whitey e a equipe estavam sempre a serviço, e lá vinha Roslyn sorrindo como o gato que tomou o leite.

O que ela me mostrava era que não era Roslyn. Ela não tinha nada a ver com Roslyn. Roslyn que ama esses homens, esses fracassados, e cuida deles. Ela podia interpretar Roslyn como um músico virtuoso toca seu instrumento. Não mais do que isso. Ela queria que eu soubesse. E só então poderia terminar a cena.

Fleece! Ela soube que poderia ser um erro, mas que diabo, é como assistir à própria mão lançando dados ruins. Não há o que fazer.

Ela havia comprado uma passagem de avião para que Fleece viesse a Reno por uma semana para ficar no hotel Zephyr e fazer companhia quando ela ficasse triste & para que assistisse à filmagem de *Os desajustados*. Apertar a mão do lendário Clark Gable! Montgomery Clift! O marido reprovava. Ele disse que Fleece não era “estável”, dava para ver a dez metros de distância, & ela rebateu:

— E eu sou estável? A “Marilyn” é?

— O problema não é você — disse ele. — O problema é esta pessoa que você chama de “Fleet”.

— Fleece.

(Ele conhecera Fleece brevemente em Hollywood, em uma calçada. Uma Fleece mal-encarada, com um chapéu de caubói de veludo sujo, camisa de cetim azul elétrico, jeans preto justos marcando a entrada em V de sua virilha magricela & botas de couro falso brancas. Ela havia apertado a mão do dramaturgo com cortesia exagerada & o chamado de “senhor”).

— Fleece é a única pessoa que *me* conhece. Que se lembra da Norma Jeane do orfanato — disse Norma Jeane.

E o marido respondeu com gentileza:

— E por que isso é uma coisa boa, querida?

Norma Jeane o encarou, incapaz de falar.

Querida. Ela não havia matado o amor desse homem por ela, àquela altura?

Fleece estivera empolgada com ir para o Reno como convidada especial de Marilyn Monroe. Mas pediu reembolso da passagem & veio, em vez disso, de ônibus Greyhound. No Zephyr, teria uma conta de serviço de quarto de mais de trezentos dólares em três dias, a maior parte em bebida. Causaria bastante dano ao quarto com coisas derramadas & queimadas por cigarro; pegaria no sono na banheira com a torneira aberta & a água transbordaria para o piso e do piso para o quarto abaixo. (Norma Jeane arcaria com o prejuízo.) Ela penhoraria o relógio de pulso Bulova que Norma Jeane lhe dera impulsivamente, tirado-o do próprio pulso (um presente de Z, com a inscrição “Para a minha Sugar Kane”). Ela penhoraria diversos itens do quarto de hotel, incluindo uma luminária de latão no formato de cavalo empinado, contrabandeados em uma cortina de chuveiro. Ela perderia cada moeda da “ajuda de custo”, os cem dólares dados por Norma Jeane, apostando nos cassinos. Ela não visitaria as filmagens de *Os desajustados* uma vez sequer. Ela beijaria Norma Jeane nos lábios & com voracidade na presença do marido dramaturgo, ele próprio um pouco bêbado ou fingindo estar. Ela deixaria o casal de forma abrupta no meio de um jantar em um restaurante em Reno, &, em seguida, seria presa no começo da manhã seguinte no bar de um cassino por causar perturbação & cortar um crupiê & um segurança com uma faca, & ela seria detida com diversas acusações, inclusive agressão com arma letal, até que Marilyn Monroe, de todas as pessoas (o tabloide *National Enquirer* publicaria o furo sensacionalista com uma foto grande de Marilyn com aspecto atordoado de óculos escuros & boca borrada de batom tentando proteger os olhos dos flashes das câmeras), fosse pagar sua fiança de mil dólares. Logo em seguida desapareceria de Reno, provavelmente de ônibus Greyhound, deixando apenas um bilhete rabiscado enfiado por baixo da porta do quarto de hotel de Norma Jeane.

QUERIDA RATINHA
QUE **MARILYN** SEJA ETERNA PARA NÓS!
SUA FLEECE AMA VOCÊ

O marido distante. Ouviu um arranhar na porta. No meio da noite. Estavam em quartos separados na suíte, ele em um sofá e ela no quarto, insone e bebendo Dom Pérignon e lendo e rabiscando no diário surrado com sua caligrafia trêmula *Entre nós e o paraíso e o inferno existe apenas a vida, a*

coisa mais frágil no mundo até os olhos perderem o foco e mais tarde, então, tentar sair da cama — que cama alta! —, as pernas tão fracas que ela precisava engatinhar feito bebê até a porta, mas era a porta errada, não a do banheiro; ele a encontraria nua (ela sempre dormia nua), soluçando e arranhando a porta, e descobriria, em um misto de susto e nojo, que ela havia feito suas necessidades fisiológicas em si mesma e no carpete. Não era a primeira vez.

Talvez a vida seja só a próxima coisa

Dessa vez, Marilyn saiu sozinha, conosco, visitando os bares e cassinos, e no cassino Horseshoe lá estava H na mesa de dados e nos chamou. H era um apostador compulsivo e, como todos, a ansiedade não era perder, mas ter de sair do jogo, deixar o cassino e voltar para seu quarto de hotel sozinho. H, bêbado e sentimental com *Os desajustados* tendo apenas mais ou menos uma semana de gravação em locação, estava dizendo a si mesmo que poderia ser uma obra-prima ou talvez um fracasso total. H pegou a mão de Marilyn e a beijou. Aqueles dois! Brigavam tanto no set que no fundo não conseguiam se lembrar, ao se encontrar daquele jeito, quem havia saído enfurecido no dia, quem devia desculpas a quem; ou talvez, para variar, estivessem quites. H estava com uma vantagem de umas centenas de dólares na mesa de dados e apostou cinquenta para Monroe, e Monroe disse na vozinha de bebê que nunca havia apostado porque só perderia, sabendo que a casa sempre vence no final, e H a cortou como um diretor, sem notar que estava sendo grosseiro, e disse:

— Queridinha, só jogue a porra dos dados.

E Monroe riu essa risadinha nervosa como se um único jogar de dados fosse um risco de vida, e ela lançou e ganhou; teve que ser explicado a ela como havia ganhado (a pontuação no jogo de dados é complicada); ela sorriu para as pessoas que aplaudiam, mas disse a H que sairia enquanto estava ganhando, pois com certeza perderia se tentasse de novo, e H olhou para ela com surpresa, dizendo:

— Queridinha, esta não é a Marilyn. Não a Marilyn que eu conheço. Que espírito esportivo é esse? Nós mal começamos.

Monroe parecia assustada. (Havia muitas pessoas espiando e algumas até tirando fotos, mas não era dessas pessoas que ela tinha medo. Os estranhos

que olhavam para ela, sussurrando entre si: “Aquela é Marilyn Monroe!”, faziam-na se sentir segura e protegida.)

— O quê? Você joga até perder? Eu não gosto disso.

E H respondeu:

— É isso mesmo, queridinha. Você joga até não ter mais nada a perder.

E foi o que fizeram, aqueles dois, naquela noite no cassino Horseshoe em nossa última semana em Reno, Nevada.

O marido distante. Ele diria, ele se permitiria dizer e ser citado pelo descuido do luto:

— Eu dei a ela *Os desajustados*, e ela me largou sem pensar e eu a amo e não entendo.

O conto de fadas. Alguns filmes você faz e esquece mesmo enquanto ainda está fazendo e nem vai se dar ao trabalho de ver as pré-estreias, e alguns filmes causam tanta angústia que você nunca esquece e vê inúmeras vezes e começa a amar, e em retrospectiva se convence de que amou a experiência de fazer o filme a cada hora e a cada minuto, assim como em retrospectiva você pode desejar se convencer de que amou a experiência de viver sua vida misteriosa a cada hora e a cada dia, ao final. Assim, nós amamos o conto de fadas *Os desajustados*. Nós amávamos Monroe e Gable se amando. A Princesa Cintilante e o Príncipe Sombrio que eram, caminhando no crepúsculo do deserto, aos sussurros e risinhos. Monroe com o braço enroscado em Gable. Ela era uma garotinha impertinente apoiando-se nele. Agora que havia envelhecido até seu sexagésimo aniversário, Gable se revelou sólido como uma pedra. Ele tinha um rosto largo grande e enrugado e gasto como uma rocha erodida pelo tempo. O bigode fino. O meio-sorriso debochado.

Você achou que Gable não era real? Gable não pode morrer como qualquer um de vocês, de um ataque cardíaco, daqui a umas poucas semanas?

Agora que Monroe havia completado seu trigésimo quinto ano, era nítido que nunca seria a Garota de novo, e seu cabelo parecia prematuramente branco, branco e fino sob as sombras cada vez maiores, e seus olhos! — aqueles olhos ainda lindos sempre cheios de água e perdendo o foco (nunca detectados pela câmera; a câmera foi para sempre a amante de Monroe) como se, mesmo quando falavam com ela, não estivessem ali para ela, como

em um sonho, imagens aparecendo impostas sobre outras e enfraquecendo e desaparecendo sem deixar lembranças, e ainda assim, na maior parte do tempo, Monroe responderia com coerência, e com frequência era sagaz, alegre, “bancando” a Marilyn para fazer você sorrir. Naquela cena a Princesa Cintilante com camisa, calça e botas e o Príncipe Sombrio em roupas de caubói e um chapéu no meio da fragrância forte de sálvia. Era uma noite clara. A trilha do filme tão baixa que quase não se ouvia. Ao longe, via-se o brilho do Reno, como uma estranha fosforescência subaquática.

— É estranho onde nós acabamos!

— Querida, não fale assim — respondeu ele. — Você está longe de acabar.

— Quero dizer, aqui no deserto de Nevada, sr. Gable.

— Já não pedi para me chamar de “Clark”, Marilyn? Quantas vezes?

— C-Clark! Quando minha mãe era garotinha, fingia que você era meu pai

— disse ela, com ansiedade e, notando o erro, corrigiu: — Quero dizer, quando *eu* era uma garotinha, minha mãe fingia que você era meu pai.

Gable tentou prender uma risada, uma risada que pode ter sido genuína.

— Tanto tempo assim!

— Ah, ei. Não faz tanto tempo assim que eu era uma garotinha, Clark — protestou ela, puxando o braço dele.

— Caramba, eu sou um velho, Marilyn. Você sabe disso — falou ele, com bom humor.

— Ah, sr. Gable, nunca será velho. O resto de nós vem e vai. Eu sou só uma loira. Tem tantas loiras. Mas você, sr. Gable, será eterno.

Ela suplicava, e Clark Gable era cavalheiro o suficiente para lhe ceder a possibilidade.

— Querida, se você está dizendo.

Seus diversos ataques cardíacos haviam deixado uma noção perturbadora de sua própria mortalidade, e ainda assim, ele não havia protestado como os outros em relação aos atrasos nas gravações e ao estresse sem fim causado pelo comportamento imprevisível de Monroe. *Aquela garota não está bem. Ela estaria bem, se pudesse.* Nem sequer iria reclamar de filmar em temperaturas ardentes de quentes no deserto, e como Gay Langland, ele optaria por executar muitas das sequências de ação extenuantes do personagem, e em um acidente, acabaria sendo arrastado por uma corda atrás de um caminhão a 55 km/h. Ah, Gable sabia que era mortal! Ainda

assim, ele tinha uma nova esposa jovem. E ela estava grávida. Isso não significaria que ele viveria por muitos anos, para ver seu filho crescer?

Na antiga Hollywood, significaria.

O conto de fadas. A própria Atriz Loira viria a acreditar nesse conto de fadas que um homem escrevera para ela como uma oferta de amor. Viria a acreditar não apenas que a luminosa Roslyn poderia salvar o pequeno rebanho de cavalos bravos, mas que cavalos bravos poderiam ser salvos. Esses animais, apenas seis restantes de sabe-se lá quantas centenas e um deles um potro. Um potro galopando com ansiedade ao lado da mãe. Laçados e amarrados pelos homens desesperados, mas poderiam ser salvos da morte. Da faca do açougueiro e do moedor de carne para não virar ração de cachorro. Aqui não há uma romantização do Oeste, nem sequer de ideais masculinos e coragem, mas um “realismo” melancólico para esfregar na cara dos norte-americanos! A própria Roslyn salvaria os bravos com sua fúria feminina acumulada aos poucos. A própria Roslyn correria deserto adentro em uma ação programada com cuidado pela Atriz Loira e seu diretor, que permitiria que ela expressasse, com todo o ar dos pulmões, sua fúria da crueldade masculina. (“Mas eu não quero *closes*. De mim aos berros.”) Ela gritaria para os homens: “Mentirosos! Assassinos! Por que vocês não se matam?!”. Ela gritaria no vazio do deserto de Nevada até a garganta ficar em carne viva. Até o interior da boca cheia de feridas pulsar de dor. Até o esforço fazer estourarem mais capilares em seus olhos. Até o coração estar batendo a ponto de explodir. *Eu odeio vocês! Por que não morrem logo?!* Ela poderia estar gritando com os homens de sua vida cujos rostos não esquecera, ou poderia estar gritando com os homens sem rosto, que constituíam o mundo vasto além dos perímetros do pano de fundo de veludo carmesim e as luzes de flashes ofuscantes. Ela poderia estar gritando com H, que havia se esquivado de seu charme. Poderia estar gritando com um espelho. Ela havia dito a Doc Fell que não precisaria de medicação alguma naquela manhã (mesmo com o estupor de uma noite de fenobarbital), e munida de emoções construídas à base de pena, horror, raiva pelo espetáculo dos cavalos presos, ela não precisou de droga alguma. Que poder! Que alegria! Ela voltaria a Hollywood sozinha e compraria uma casa, sua primeira casa, e moraria sozinha e só faria o trabalho que quisesse; seria a grande atriz que teve a chance de se tornar; não estaria mais

aprisionada por homens; não seria mais destituída de sua versão mais verdadeira. A Atriz Loira expressava raiva, fúria. Enfim. Exceto que (todos os observadores afirmariam) não era uma demonstração forjada de raiva e fúria, mas paixão genuína perfurando o corpo da mulher como uma corrente elétrica.

— Mentirosos! Assassinos! *Eu odeio vocês.*

Semanas de atraso no cronograma. Centenas de milhares de dólares acima do orçamento. O filme em preto e branco mais caro já feito.

— Devemos isso a nossa Marilyn. Gratidão eterna.

Desta vez, não haveria uma *première* luxuosa para um filme de Monroe.

Nada de carreata atravessando o Hollywood Boulevard entre milhares de fãs aos gritos. Nenhuma celebração de gala no Grauman's. Nada de Dom Pérignon borbulhando, espumando e transbordando da taça, se derramando no braço nu da Atriz Loira. Meses antes da estreia do filme, Clark Gable teria morrido. E Monroe teria se divorciado. *Os desajustados* seria um fracasso de bilheteria. Um filme que não agradou o Estúdio, apesar das resenhas inteligentes e respeitosas e dos elogios às performances de Gable, Monroe e Clift. Seria amaldiçoado como especial, “artístico”. Tinha uma integridade teimosa. Os personagens lembravam atores decadentes. De famosa só tinham a fisionomia. Quando se olhava Gay Langland a pergunta era: “Esse não era aquele tal de Clark Gable?”. Quando se olhava para Roslyn loira a pergunta era: “Essa não era aquela tal de Marilyn Monroe?”. Quando se olhava para o peão de rodeio cansado Perce Howland pensava-se: “Meu Deus! Esse era aquele Montgomery Clift”. Pessoas que você lembra da infância. Gay Langland era um tio solteiro seu; Roslyn Tabor era uma amiga de sua mãe, uma divorciada de cidade pequena. Aquela astúcia de interior e aquele glamour perdido. Talvez seu pai já tivesse sido apaixonado por Roslyn Tabor! Não dá mais para saber. O peão de rodeio era um desses viajantes sem teto, olhos tristes, magros, o rosto destruído. Costumava ser visto no começo da noite do lado de fora da rodoviária fumando e lançando olhares fantasmagóricos na sua direção. *Ei, você me conhece?* Esses eram americanos comuns da década de 1950, ainda que misteriosos para você, porque você os conhece de uma outra época em que o mundo era misterioso e até seu próprio rosto, contemplado refletido talvez na máquina

de cigarros da rodoviária ou no espelho respingado sobre uma pia de banheiro, era um mistério que nunca seria resolvido.

Morando na casa no número 12.305, na Fifth Helena Drive, Brentwood, Norma Jeane um dia se daria conta:

— Tudo o que Roslyn foi, aquilo foi minha vida.

Clube Zuma

Ei? Quem?

Atordoadada de ver sua Amiga Mágica ali no palco & a dança interpretada na frente de espelhos. Luzes piscantes/giratórias. “I Wanna Be Loved by You.” MARILYN MONROE no vestido frente única branco, a saia plissada voando e mostrando sua calcinha branca. A plateia grita. Pernas esbeltas estendidas. Arqueando a coluna dando gritinhos de deleite & a multidão assobia, grita “viva”, bate palmas & pés entre uma névoa de fumaça azul & música ensurdecadora. *Ah, por que me trariam aqui, eu não quero estar aqui.* Cabelo loiro-platinado brilhando na cabeça sacolejante da dançarina. Uma sósia de MARILYN MONROE, exceto pela maquiagem branca de palhaço, o rosto mais longo & o queixo, mais proeminente, & o nariz, maior. Mas a boca lasciva vermelha & a sombra azul cintilando como pedras de strass. E seios grandes na frente única. A dançarina começa a andar empertigada, pisar com força, rebolar no salto agulha, sacudir os peitos grandes & a bunda. “Mari-lyn! Mari-lyn!”, a multidão a ama. *Ah, por favor, não faça isso. Nós somos mais que um pedaço de carne que desperta risada. Somos, sim!*

Naquela noite que cheirava a jasmim & colônia Jockey Club, lá está Norma Jeane encolhida de óculos escuros, turbante de seda branca escondendo o cabelo & calça paxá de seda branca & um casaco listrado masculino de Carlo. *Ah, por que ele faria isso? Por que ele me traria aqui? Eu achei que ele me amasse...* A dançarina é habilidosa, contorcendo o corpo mamífero no ritmo acelerado da cópula. A pélvis martelando o ar. A ponta úmida e rosada entre os lábios, a língua. Arfando, gemendo. Acariciando os grandes seios flexíveis. A plateia ama isso! Quer sempre mais! *Ah, por quê? Fazer*

rirem de nós? A dançarina está cocainada até as últimas, dá para ver no branco dos olhos & no suor brilhando no peito fazendo escorrer a maquiagem branca de palhaço como nervos expostos. Não consegue parar aquele ritmo! A plateia é insaciável. Que nem quando fodem. Ritmo aumenta, não pode parar. A dançarina nos espelhos tirando as luvas brancas na altura do cotovelo, lançando-as à multidão em frenesi. *I wanna be loved be loved by you by you by nobody else but you.* Tirando a meia-calça & jogando. Tirando a parte de cima do vestido — *Ahhhh!* — a multidão no clube Zuma vai à loucura. Clube Zuma na Strip, nebuloso com a fumaça azul. Os cigarros marroquinos de Carlo. Carlo rindo com os outros. A dançarina marcha entre fumaça serpenteante & música ensurdecadora, segurando os animados seios enormes, como se fossem espuma de borracha, mamilos cor-de-rosa neon e do tamanho de uvas & a seguir a saia plissada é arrancada & jogada, & ela está sacudindo a bunda roliça & dá as costas para a plateia aos gritos, ela se inclina & abre as nádegas — “*Ahhhhh!*”, a audiência grita —, a dançarina agora nua brilhando em suor oleoso e branco, empelotado de maquiagem, & enfim vira-se em triunfo revelando o longo pênis esbelto grudado à púbis depilada com fita adesiva cor de pele, & esta fita adesiva ela/ele arranca com um grito de *wanna be loved be loved be loved be loved*, & agora a plateia no clube Zuma de fato foi à loucura, gritando para a dançarina & seu frenético pênis semiereto:

MARI-LYN!

MARI-LYN!

MARI-LYN!

Divórcio (segunda tomada)

Uma vez que um papel está preparado e elaborado em todos os seus detalhes... o ator sempre o interpretará bem, mesmo quando não inspirado.

— Michael Chekhov,
Para o ator

1.

— Sinto muito. Ah, perdão! Eu n-não posso dizer mais.

No cinejornal conhecido como a Coletiva de Imprensa sobre o Divórcio, a Atriz Loira, bem-vestida de preto, está com a pele branca como uma gueixa. Como Cherie em *Nunca fui santa*, ela parece tão mais pálida que seus companheiros, que poderia ser um manequim ou um palhaço. Os lábios foram desenhados com lápis vermelho-arroxeadado para parecerem maiores e mais cheios. Os olhos, aparentemente vermelhos de choro, foram maquiados com cuidado em uma sombra azul-clara e rímel marrom-escuro, para combinar com as sobrancelhas. O cabelo como sempre está loiro-platinado, com um alto brilho lustroso. Esta é MARILYN MONROE, ainda que uma mulher confusa e ferida. Os modos são igualmente agitados e ansiosos por agradar. Como ao pronunciar palavras cruciais a serem gravadas por dúzias de jornalistas, ela estivesse esquecendo as falas. Ela está esquecendo quem é: MARILYN MONROE. Está usando um elegante terno de linho preto com uma echarpe diáfana amarrada no pescoço, meia-calça escura e sapato alto e preto. Sem joias. Sem anéis: as mãos trêmulas estão conspicuamente sem

anéis. (Sim: ela jogou o anel de casamento no rio Truckee, em Reno, Nevada, como a divorciada Roslyn Tabor. Um reverenciado costume antigo do Reno!) É impressionante ver MARILYN MONROE parecer frágil em vez de peituda; a equipe de mídia reunida ali foi informada de que ela emagreceu “entre cinco e sete quilos” nos últimos tempos. Ela está “sofrendo de angústia mental” desde o divórcio no México, encerrando o casamento de quatro anos com seu marido dramaturgo, e desde a “morte trágica” do amigo e coprotagonista, Clark Gable.

Como uma viúva. Você quer impressionar esses cétricos como uma viúva sofrendo uma perda irrevocável, e não como uma divorciada aliviada de se livrar de um casamento morto.

Apesar de conseguir gaguejar respostas mais ou menos coerentes para perguntas sobre Clark Gable — quão próximos eram como amigos, e o que dizer das acusações da viúva do ator de que MARILYN MONROE era diretamente responsável pelo ataque cardíaco de Gable, por tanto atrasar e complicar a produção de *Os desajustados*, causando estresse *et cetera* —, ela não discutirá sobre os maridos anteriores. O Dramaturgo e o Ex-A atleta. Exceto para dizer em sua voz sussurrante, tão baixo que as palavras precisaram ser repetidas por seu advogado de divórcio, que dava o braço para a Atriz Loira se apoiar, que ela os “respeita infinitamente”.

Seja natural. Diga o que sente. Se não sentir nada, diga o que imagina que sentiria se não estivesse dopada de demerol.

— Eles são g-grandes homens. Grandes americanos. Eu os reverencio como seres humanos de fama e grandes feitos em suas áreas, mas não posso continuar casada com eles, enquanto mulher.

Ela começa a chorar. Levanta um lenço de papel espremido na mão, não, é um lenço de tecido branco, aos olhos. Uma repórter de voz grave de um dos tabloides ousa perguntar se MARILYN MONROE sente que “fracassou como esposa, mulher, mãe” e há um arquejo coletivo da aglomeração diante de tamanha audácia (justo a pergunta que todos estavam morrendo para perguntar!); o advogado da Atriz Loira franze a testa, um representante da imprensa/consultor de mídia do Estúdio, que está por perto, atrás dela, franze a testa, e fica claro que a Atriz Loira não precisa responder uma pergunta de tamanha grosseria, mas, com coragem, erguendo o olhar ferido para buscar sua agressora, ela diz:

— Minha vida inteira, eu t-tentei não fracassar. Tentei muito! Tentei ser adotada no orfanato. Do Lar, na avenida El Centro. Tentei me destacar nos esportes quando estava na escola. Tentei ser uma boa dona de casa com meu primeiro marido que me deixou quando eu tinha dezessete anos. Tentei muito ser uma boa atriz, não apenas mais uma loira. Ah, você sabe que tentei, não sabe? Marilyn Monroe era uma *pinup*, vocês se l-lembram, fui modelo para calendário aos dezenove anos, recebi cinquenta dólares por “Miss *Golden Dreams*”, e isso quase destruiu minha carreira, dizem que é a foto de calendário mais vendida na história, e a modelo recebeu apenas cinquenta dólares por ela, lá em 1949, mas não estou a-amarga. Estou chateada, eu acho, mas não estou a-amarga ou brava ou... Eu só fico pensando como poderia ter sido, ter um bebê, e... Ah, e o sr. Gable nos deixou, e Marilyn Monroe está sendo culpada até por isso!... Mas eu amava o sr. Gable... como um amigo... apesar de ele ter tido ataques cardíacos antes... Ah, eu sinto tanta saudade dele!... Sinto mais saudade dele do que sinto de meu casamento... Meus casamentos...

Não mais. O humor que queremos é elegíaco, não melodramático. Se o gênero for tragédia, tem que ser clássica, grega: as bagunças sangrentas acontecem fora do palco, e só resta os reflexos.

— Sinto muito. Ah, perdão! Eu n-não tenho nada mais a dizer.

Ela está chorando de verdade. Esconde o rosto. Flashes de câmeras têm sido intermitentes e contínuos ao longo da coletiva de imprensa, e agora dúzias de câmeras piscam ao mesmo tempo; o efeito é de uma bomba atômica em miniatura! A Atriz Loira é escoltada pelos dois companheiros homens para uma limusine que a aguarda (a Coletiva de Imprensa do Divórcio aconteceu em Beverly Hills, no jardim da frente da residência em que Atriz Loira está morando graças a seu agente Holyrod, ou talvez Z, ou talvez o Estúdio, ou um “devoto dos filmes de Marilyn”), e o pessoal da mídia, frustrado pela brevidade da coletiva, começa a pressionar, jogando-se descontrolados como cachorros ensandecidos, um bando de jornalistas, colunistas, pessoal de rádio, fotógrafos, equipes de gravação, muitos mais do que os poucos selecionados e convidados para o evento exclusivo; a trilha sonora do cinejornal capta isolados gritos em frenesi:

— Srta. Monroe, mais uma pergunta, por favor! Marilyn, espere! Marilyn, conte a nossos ouvintes do mundo do rádio: Marlon Brando vai ser seu

próximo?

E, apesar de diversas seguranças do Estúdio afastando a multidão, um repórter malicioso com ar italiano e orelhas pontudas consegue escapar por baixo do braço do advogado e enfia o microfone no rosto da Atriz Loira com tamanha violência que atinge sua boca (e racha um dente da frente a ser consertado por um dentista do Estúdio), gritando com forte sotaque britânico:

— Mari-*lyn*! É verdade que você tentou cometer *suicídio* muitas vezes?

Outra pessoa audaciosa, aparentemente não um jornalista idôneo, forte e brilhando de suor, cabelo eriçado como uma escova de dentes e um rosto que parece na gravação estar fervido, consegue empurrar um envelope para a Atriz Loira assustada, que pega, vendo que está endereçado para SRTA. MARILYN MONROE em tinta vermelha e decorado atraentemente com vários corações vermelhos.

Então a Atriz Loira entra na limusine. A porta traseira se fecha. O vidro das janelas está escurecido, impedindo que os de fora vejam dentro. A escolta gritando com força para a multidão:

— Dê um tempo para a garota, fazendo o favor! Ela está sofrendo, vocês não estão vendo?

A limusine parte, devagar de início, pois fotógrafos bloqueiam a rua; então some. A multidão atrás dela ainda clamando por atenção, e câmeras ainda piscando até o jornal acabar.

2.

— Eu estou d-divorciada agora? Acabou?

— Marilyn, você se divorciou uma semana atrás. Lembra? Na Cidade do México? Nós fomos para lá juntos no avião.

— Ah, acho que sim. Acabou tudo, então?

— Acabou tudo, querida. Por enquanto.

Os homens riram como se a Atriz Loira houvesse dito uma frase espertinha.

Estavam no banco de trás da limusine acelerando por trás de janelas escurecidas. Não mais sendo gravados. Deveria ser *a vida real*, mas não parecia real. Não estava mais fácil respirar, ou focar a visão. Seu dente da frente doía no ponto onde um objeto duro a havia atingido, mas ela disse

para si mesma que fora um acidente, o repórter não quisera machucá-la. O advogado, cujo nome ela não se lembrava de imediato, e o relações-públicas do Estúdio, Rollo Freund, a parabenizavam; ela havia se comportado lindamente em uma situação estressante. *Era minha vida real. Mas, sim, foi uma performance.*

— Perdão? Eu estou d-divorciada agora? — Ela viu no rosto deles que provavelmente já tinha feito a pergunta e sabia a resposta. — Ah, quero dizer... falta algum papel para assinar?

Sempre mais papéis para assinar. Na presença de um tabelião.

MARILYN MONROE assinara os documentos evitando olhá-los. Melhor nem saber!

Na velocidade da limusine, que era tipo uma Máquina do Tempo. Ela já estava se esquecendo de onde estivera. Não fazia ideia de para onde a levavam. Talvez houvesse mais publicidade para *Os desajustados*. “Rollo Freund” era na verdade “Otto Öse” e talvez ele ainda fosse um fotógrafo de garotas? Ela estava cansada demais para decifrar. Remexeu na bolsa à procura de alguma Benzedrina para acordá-la, mas não encontrou nem uma sequer. Ou seus dedos estavam atrapalhados demais. Ah, ela sentia saudades do sinistro Doc Fell agora que ele havia partido! (Doc Fell, médico residente no Estúdio, havia desaparecido do Estúdio. Um novo médico parecido com Mickey Rooney havia tomado seu lugar. Havia um rumor cruel circulando em Hollywood de que Doc Fell fora encontrado morto, sentado no vaso em seu bangalô em Topanga Canyon, calça nos tornozelos e uma seringa no braço machucado; em algumas versões da história, ele tinha morrido de overdose de morfina, em outras, de overdose de heroína. Um fim trágico para um médico que lembrava um Cary Grant robusto!)

Com os dedos, ela agarrava o envelope com corações. Por meses, esperara com nervosismo por outra carta do pai, mas imaginava que não seria essa.

— Estou tão sozinha. Eu não entendo por que estou tão sozinha quando amei tantas pessoas. Eu amei as garotas no Lar, minhas irmãs... Minhas únicas amigas. Mas eu perdi todas. Minha mãe mal me reconhece. Meu pai me escreve, mas fica longe. Será que eu tenho lepra? Uma maldição? Será que sou uma aberração? Os homens dizem que me amam, mas quem é que eles amam? “Marilyn”. *Eu amo animais, especialmente cavalos. Estou ajudando umas pessoas em Reno a começar um fundo para salvar os cavalos*

bravos do sudoeste. Eu queria que nenhum animal precisasse morrer, nunca. Exceto por morte natural!

Um dos homens pigarreou e disse:

— A entrevista já terminou, Marilyn. Por que você não relaxa um pouco?

Ela estava tentando explicar quão injusto, quão injusto era ser culpada pela morte de Clark Gable.

— Quando era eu quem amava o homem. Amava tanto! Ele foi o único homem que eu admirei de verdade na vida. Minha m-mãe Gladys Mortensen conheceu o sr. Gable muito tempo atrás quando os dois eram jovens e novos em Hollywood.

Mais uma vez, disseram a ela:

— Marylin, a entrevista já terminou.

E ela respondeu, como se suplicasse:

— Por que o amor dá errado é um mistério. Eu não inventei esse mistério, inventei? Por que a culpa é minha? Sei que a gente deveria jogar os dados até perder. Deveria ter coragem, espírito esportivo. Vou tentar. Da próxima vez, serei uma atriz melhor, prometo.

Os homens ficaram fascinados com aquela famosa atriz de cinema. Vendo de perto agora como seu rosto era o de uma garota inocente sob a crosta de maquiagem teatral. Tal maquiagem é ideal para fotografia, mas incongruente ao olho nu. Eles notaram quão pateticamente ela segurava o envelope com corações, como se um mensageiro de um fã anônimo, uma declaração de amor de um estranho, pudesse salvar sua vida.

— Não me encarem, por favor! Não sou uma aberração. Não gosto de ser memorizada para fins anedóticos. Tampouco quero assinar qualquer outro documento. Exceto pelo fundo fiduciário para minha mãe. Para mantê-la no Lar de Lakewood depois que eu... — ela hesitou, confusa. O que ela queria dizer? — Caso algo de inesperado aconteça comigo. — Ela riu. — Ou algo esperado.

Ambos os homens protestaram rápido que ela não deveria falar assim. MARILYN MONROE ainda era uma jovem mulher e viveria uma vida muito longa.

3.

Que coisa estranha!

— Eu queria ter alguém para *contar*.

Rollo Freund, o representante da imprensa/gerente de mídia contratado pelo Estúdio para supervisionar a estrela MARILYN MONROE era ninguém mais, ninguém menos, que Otto Öse! Devolvido a ela, mais de uma década depois.

Ainda assim, o homem se recusava a reconhecer que um dia fora Otto Öse. Como Rollo Freund, ele afirmava ser um “novaiorquino nato” que migrou para Los Angeles no fim da década de 1950 para ser pioneiro de uma nova ciência chamada “gestão de mídia”. Em alguns poucos anos, ele fez tanto sucesso que empresas de cinema estavam fazendo leilões por seus serviços. Para essas megaestrelas (como MARILYN MONROE) que pareciam sempre estar envolvidas em escândalo e publicidade sensacionalista, estrelas potencialmente inclinadas à autodestruição, um gestor de mídia especialista era uma necessidade. Otto Öse, ou Rollo Freund, seguia alto e avultante como Norma Jeane se lembrava dele, e ainda magro, com rosto juncado de falcão, uma pálpebra esquerda caída que lhe dava um perpétuo olhar irônico, e aquelas cicatrizes curiosas como de espinhos ao redor da testa. *Sua coroa de espinhos. Ele, Judas!* O cabelo um dia escuro havia desbotado para cor de palha de aço usada e cobria a cabeça ossuda em uma peculiar penugem oleaginosa. Ele deveria estar com cerca de cinquenta anos. Não havia envelhecido, parecia mais calcificado. Os pequenos olhos astutos pareciam espiar você, úmidos e alertas, por trás de uma imperturbável máscara de gesso. Os dentes estavam com lindas coroas, estilo Hollywood. *O homem mais feio que já vi. Mas não estava morto!*

Rollo Freund dirigia um jaguar cor verde-garrafa e se vestia em conjuntos caros de tecido brilhante feitos sob medida (como ele se gabava) pelo “meu alfaiate na Bond Street, em Londres”. Esses ternos serviam seu corpo fino como lápis, de maneira tão apertada que ele tinha que se sentar ereto como um raio, em uma postura familiar à Atriz Loira de quando ela era costurada dentro de seus vestidos camisa de força. Quando foram apresentados, ela ainda era Norma Jeane de olhar atento e não a docemente míope Atriz Loira narcisista, e ela reconheceu Otto Öse de imediato, apesar de ele ter deixado crescer um cavanhaque cinzento e estar usando óculos de aço com lentes cor de âmbar e um de seus ternos sob medida. Ela havia encarado aquele homem em estupefação. Gaguejou:

— Mas nós não nos conhecemos? Otto Öse? Eu sou Norma Jeane, não lembra?

Rollo Freund, como qualquer ator ou mentiroso experiente, recebeu aquela observação com tranquilidade. Não era de seu feitio permitir que qualquer situação que o envolvesse fosse guiada por outro. Sorriu com educação para a mulher claramente confusa.

— “Oz”? Temo não conhecer nenhum “Oz”. Você deve estar me confundindo com outro homem, srta. Monroe.

Norma Jeane riu.

— Ah, Otto, que absurdo. Você me chamando de “Srta. Monroe”. Você me conhece, Norma Jeane. Você é o fotógrafo que tirou minha foto para a *Stars & Stripes* e é responsável pela *Miss Golden Dreams*... Você me pagou cinquenta dólares...! E não mudou a ponto de ficar irreconhecível para mim. Você teria que estar mais do que morto, Otto, para que eu não reconhecesse você.

Otto Öse, ou Rollo Freund, riu com vontade como se a Atriz Loira tivesse feito uma de suas piadas astutas. Ela insistiu, suplicante:

— Por favor, Otto. Você tem que se lembrar. Eu era a sra. Bucky Glazer naquela época. Na Guerra. Você me descobriu e mudou minha v-vida. — *Destruíu minha vida, seu filho da puta.*

Mas Otto Öse, ou Rollo Freund, como ele insistia em ser chamado, era prudente demais para ser seduzido mesmo que pela Atriz Loira.

Ela tinha que admirá-lo. Que figura!

Era 1961, e em Hollywood, como em qualquer outro lugar, não era mais uma coisa traidora ser ou parecer judeu. A era da Ameaça Vermelha antissemita havia se acalmado; o ódio aos judeus foi para baixo do tapete ou havia ganhado codificações mais sutis, uma questão de participação em country clubs e restrições em vizinhanças, não uma questão de listas negras e perseguição “comuna”; os Rosenberg foram eletrocutados muito tempo antes, e seu zelo martirizado virou cinzas; o senador Joe McCarthy, o Átila da direita, havia morrido e sido arrastado por demônios para o encarniçado inferno católico que ele esperava evocar na terra para outros. Otto, ou Rollo, não disfarçava sua aparência judaica; ele falava com uma inflexão de judeu de Nova York, que soava, aos ouvidos de Norma Jeane, ela que havia morado com um judeu de Nova York por quatro anos, não totalmente convincente.

No entanto, quando estavam a sós, Otto, ou o intrépido Rollo, negava-se a reconhecer o passado compartilhado. Norma Jeane dizia:

— Eu entendo, eu acho. “Otto Öse” estava na listinha de banimento, então você mudou de nome?

O homem continuava balançando a cabeça, como se estivesse incrédulo.

— Eu nasci Rollo Freund. Se tivesse minha certidão de nascimento aqui comigo, eu lhe mostraria, srta. Monroe. — Sempre ele a chamava de “Srta. Monroe” e, com o tempo, “Marilyn”. Esses nomes em sua boca soavam com leve zombaria. Ele não a havia acusado uma vez de se vender como um produto? Ele não havia agourado para ela uma morte de drogada solitária? Ele dissera que o corpo feminino era uma piada. Ele abominava mulheres. Ainda assim, ele a apresentou à escrita de Schopenhauer, ele lhe dava o *Daily Worker* para ler. Ele a havia apresentado a Cass Chaplin, que a fez, por um tempo, tão feliz.

— Ah, Otto. Quero dizer, Rollo. Não vou atormentar você. Serei Marilyn.

Ela precisava admirar o gerente de mídia por sua habilidade em organizar a Coletiva de Imprensa do Divórcio e por orquestrá-la na casa emprestada, como um diretor. Ele havia orquestrado não apenas os movimentos de MARILYN MONROE, conforme ela deixava a casa para encarar a imprensa, mas os do advogado e os seus próprios. Até os guardas estavam ensaiados.

— O tom que queremos evitar é de melodrama. Você vai vestir linho preto, eu encomendei o figurino perfeito do Departamento de Guarda-Roupa, e você vai parecer uma viúva. Você quer impressionar esses cétricos como uma viúva sofrendo uma perda irrevocável, não uma divorciada aliviada de se livrar de um casamento morto.

Eles estavam no escritório de Z na ocasião dessa fala de Rollo Freund. Ela estava bebendo vodca, e a Atriz Loira riu a sua nova risada das entranhas, como uma garota do interior da Carolina do Norte que cagava e andava para a indústria do cinema ou para a própria beleza ou talento.

— Você disse tudo, Rollo. Um casamento morto e enterrado. Uma porra de casamento entediante, morto e enterrado, com um marido entediante, morto e enterrado (ainda que gentil e decente e “talentoso”). Deus me ajude!

Quando a Atriz Loira partia em uma de suas tiradas, como Fred Allen, Groucho Marx, o finado W.C. Fields, observadores encaravam como se em uma espécie de choque. Rollo Freund e seu companheiro riram com

nervosismo. MARILYN MONROE com frequência era a única mulher em reuniões assim, com exceção das secretárias e “assistentes”; como ela teria especificado, a “única vagina com voz”; os homens tomavam o cuidado de parecer estar encorajando-a, mas certamente a encaravam com avidez, memorizando anedotas para contar mais tarde; pois será que era verdade que MARILYN MONROE nunca usava calcinhas? (Era! dava para ver!) E passava dias sem se banhar (passava! dava para sentir o cheiro de talco no suor). Mas os homens nunca davam mais do que uma risadinha.

Ninguém ia querer encorajar Monroe. Uma histérica pode surtar a qualquer minuto. Vá com muita calma, muita prudência. Nunca esqueça que essa gatinha loira lustrosa tem garras.

Sentada naquela tarde no sofá fofo de Z, inclinando-se para a frente e com as mãos descansando no joelho, as pernas cruzadas. Tinha modos sinceros de colegial prestes a negociar com um agente de vedetes. Falava, seriamente:

— Quando eu concordei com uma “coletiva de imprensa sobre o divórcio”? O divórcio pode não ser uma tragédia, talvez, mas é uma tristeza íntima. Quatro anos de casamento com um homem, e eu não consigo... — ela parou, tentando pensar. Não conseguia o quê? Não conseguia lembrar por que diabo sequer tinha casado com o dramaturgo? Um homem com idade quase suficiente para ser seu pai e, no temperamento, velho o suficiente para ser seu avô? Não um dos judeus alegres na ribalta (como Max Pearlman, que ela adorava), mas um judeu com ares de rabino acadêmico? Que não fazia nada seu tipo? Não conseguia lembrar seu nome? — ... Eu não consigo entender onde c-cometi meu erro para que eu possa aprender com ele? Tem um filósofo francês que diz: “Coração, instinto, princípios”. Eu não poderia ser guiada pelos meus? Eu sou uma pessoa séria, no fundo. Por que não cancelamos isso? Eu estou me sentindo muito triste e, não sei, *estou com vontade de me retirar*.

Z e os outros homens encaravam a Atriz Loira como se ela tivesse falado em um idioma demoníaco, desconhecido aos seus ouvidos. Rollo Freund na mesma hora reagiu, parecendo concordar com ela.

— Você sente emoções genuínas, srta. Monroe! É por isso que é uma atriz brilhante. É por isso que as pessoas veem em você uma versão potencializada de si mesmas. É claro que estão iludidas, mas a felicidade reside na ilusão. Porque você vive de sua alma da mesma forma que uma

vela vive da própria cera. Você vive em nossa alma americana. Não ria, srta. Monroe. Estou falando sério também. Estou dizendo que você é uma mulher inteligente, não apenas uma mulher de “sentimentos”; você é uma artista, e como todos os artistas, sabe que a vida é apenas material para sua arte. A vida é o que desaparece, a arte é o que permanece. Suas emoções, sua angústia por seu divórcio ou a morte do sr. Gable, o que seja... — Com um gesto de impaciência meio aérea, ele indicou o mundo inteiro que ela havia habitado ou visualizado em 35 anos: a lembrança do Holocausto evocada de livros de segunda mão surrados e cheios de orelhas resgatados de sebos, demonstrações de fortaleza e sofrimento e eloquência judaica, mesmo sob dor, os odores rançosos e velhos de hospícios da Califórnia no cativeiro de sua mãe, todas as memórias de sua vida pessoal, como se não fossem de mais significado do que um roteiro de filme. — Será mais fácil ver seu trauma como um cinejornal, porque assim os outros também verão.

— Cinejornal? Que cinejornal?

— A coletiva de imprensa será gravada. Não só por nós, mas pela mídia, é claro. Partes serão exibidas e repetidas. Será um documento precioso. — Vendo que a Atriz Loira balançava a cabeça, Rollo Freund continuou, com paixão: — Srta. Monroe. Deve, mesmo que não queira, oferecer suas emoções cruas. A vida em si não é nada além do meio para obter a forma.

Norma Jeane estava comovida demais para protestar. Encarando seu amigo Otto, que nunca fora seu amante ou nem mesmo seu amigo. Ele era tudo que restava a ela dos dias de sua juventude. Ela disse em sua voz de Marilyn, tão suave e sussurrante que foi quase inaudível:

— Ah, acho que sim. Você argumenta tão bem. Eu me rendo.

4.

E o que havia no envelope com coração?

Vendo a expressão de mágoa em seu rosto, Rollo Freund arrancou rápido o envelope das mãos dela.

— Ah, srta. Monroe. *Eu sinto muito.*

Era um quadrado de papel higiênico branco, em que alguém havia escrito em letras garrafais, com cuidado, no que parecia ser de fato um excremento:

PUTA

Minha casa. Minha jornada.

A cena deve ser bem iluminada. Além do palco, há escuridão não reconhecida.

— O manual *prático para o ator e sua vida*

12.305 Fifth Helena Drive, Brentwood, Califórnia
Dia de São Valentim, 1962.

Querida Mãe,
Acabei de me mudar para minha própria casa!
Eu estou mobiliando tudo & estou tão feliz.

É uma casa pequena de estilo mexicano. Muito charmosa. Escondida & privada no fim desta rua & com uma parte protegida por um muro. Teto com vigas de madeira & uma grande sala de estar (com uma lareira de pedra). A cozinha não é muito moderna, mas você me conhece, não sou exatamente a Dona de Casa do Ano!

A surpresa grande é que atrás desta casa tem uma piscina. É *grande*. Imagine só!
Quando nós morávamos na Hacienda & na Highland, que um dia teríamos uma casa em Brentwood com uma piscina.

Estou divorciada agora. Você não me perguntou a respeito

do bebê. Temo dizer que o perdi.
O melhor jeito de dizer é que o bebê foi tirado de mim.
~~Foi um acidente eu acho~~
Eu não estive bem por muito tempo & perdi
contato com pessoas.

Agora eu estou muito bem. Espero trazer
você para casa comigo para visitar muito em breve.

Eu estou “reclusa” da vida. Tem um
filósofo francês que diz que a infelicidade
de seres humanos é não poder ficar
em um único recinto pequeno. Eu ando por esses
quartos cantando!

Tive que pegar \$\$\$ emprestado para fazer essa compra,
confesso. Chorei quando assinei a
papelada. Porque eu estava tão feliz. Dona da
minha própria casa.

Eu queria ter mais \$\$\$ por conta de tantos
anos de trabalho. Comecei nos filmes em 1948
& tenho apenas uns 5.000 economizados. Tenho
vergonha, já que outros ganharam tanto \$\$\$
de Marilyn. O corretor de imóveis que
me vendeu esta casa ficou muito surpreso.

Ei, não estou amargurada, é claro! Eu não.

Mãe, mal posso esperar para mostrar a minha
surpresa especial para você. É nosso piano!
Nossa espineta Steinway branca, lembra? Um dia
foi de Fredric March. Eu a havia colocado em um
depósito depois que meu primeiro casamento acabou & agora
está aqui. Na sala de estar. Eu tento
tocar todos os dias, mas meus dedos estão “enferrujados”.
Logo tocarei “Für Elise” para você.

Tem um quarto para você aqui, Mãe. Só esperando. ~~Acho que deve ser hora de~~
Eu planejo mobiliar a casa com objetos mexicanos de verdade, inclusive azulejos. Eu vou viajar logo para o México com uma amiga. Você quer ser minha amiga, Mãe?
Tenho outras notícias, Mãe. Espero que não fique chateada. Mas eu tenho estado em contato com o Pai. Depois de todos esses anos, imagine só! Ninguém se surpreendeu mais que eu. Pai mora perto de Griffith Park. Eu ainda não fui até a casa dele, mas espero ir logo. Ele disse que acompanhava minha carreira por anos & admira meu trabalho, em especial *Os desajustados* que ele acredita ser o melhor (eu concordo). O Pai está viúvo agora. Ele fala de vender sua casa grande. Quem sabe qual será nosso futuro!

Às vezes eu sinto que sou viúva. Estranho que não há palavra para uma mãe que perdeu o próprio bebê. Não em inglês, pelo menos. (Talvez em latim?) Esta é uma perda muito maior que um divórcio, com certeza.

Às vezes sinto que estou na Máquina do Tempo, você não? Aquela história assustadora que você leu para mim.

Ah, Mãe, não estou criticando, mas... é difícil falar com você às vezes!
Ao telefone, quero dizer. Você não tenta erguer a voz para ser ouvida. Acho que é esse o problema. Domingo passado, fiquei magoada, você deixou o receptor pendurado & foi embora? A enfermeira se desculpou. Eu disse para ela que não, eu só temia que você estivesse 1) brava comigo e 2) passando mal

No entanto, você sabe, mãe Você pode vir ficar aqui

por quanto tempo quiser. Com medicação, muito pode ser feito. Eu tenho um médico novo & novos medicamentos. Ele me prescreveu “hidrato de cloral” para me ajudar a dormir & acalmar os nervos. ~~Se houver~~
vozes

Este médico me diz que existem drogas milagrosas agora para controlar a “tristeza”. Eu disse, ah, se a tristeza for embora, como viverão as músicas tristes como o blues? Ele perguntou se a música valia a agonia & eu disse que depende da música & ele disse que a vida é mais preciosa que música, se uma pessoa está deprimida, sua vida está em perigo, & e eu disse que tem que haver um caminho do meio & eu descobriria este caminho.

Um dia nesta casa em Helena Drive, vai Haver netos para você, Mãe, eu prometo. Nós seremos como os outros americanos! A revista *Life* perguntou se poderiam fotografar MARILYN MONROE em sua casa nova & eu disse ah, ainda não, eu não sinto que é exatamente minha ainda. Tenho surpresas para vocês todos!

(Quem sabe talvez o Pai se junte a nós. Este é meu desejo secreto. Bem, “a vida é cheia de surpresas”, como eles dizem.)

Mãe, estou tão feliz. Eu choro às vezes, eu estou sozinha & tão feliz. Meu coração vai até aqueles que me feriram & os perdoa.

Em um azulejo do lado da porta da frente, há uma frase em latim dizendo CURSUM PERFICIO (traduzido, quer dizer “Trajetória terminada”, ou “eu estou terminando minha jornada”, algo assim).

Mãe, eu amo você.

Sua filha amorosa.

O Cafetão do Presidente

Claro, ele era um cafetão.

Mas não um cafetão comum. Não ele!

Ele era um cafetão *par excellence*. Um cafetão *nonpareil*. Um cafetão *sui generis*. Um cafetão com um guarda-roupa, e um cafetão com estilo. Um cafetão com sotaque britânico de classe. A posteridade o honraria como o Cafetão do Presidente.

Um homem de orgulho e estatura: o Cafetão do Presidente.

No rancho Mirage em Palm Springs, em março de 1962, lá estava o Presidente, cutucando-o na costela com um assobio baixo.

— Aquela loira. Aquela é Marilyn Monroe?

Ele disse ao Presidente que, sim, era. Monroe, uma amiga de uma amiga dele. Suculenta, não? Mas um pouco maluca.

Pensativo, o Presidente perguntou:

— Eu já saí com ela?

O Presidente era um brincalhão. Um piadista. De sacadas rápidas. Longe da Casa Branca e das pressões da presidência, sabia-se que o Presidente gostava de aproveitar a vida.

— Se não, faça acontecer. *Pronto*.

O Cafetão do Presidente riu, hesitante. Ele não era o único cafetão do Presidente, é claro, mas tinha motivo para crer que era o cafetão favorito. Com certeza, era o cafetão mais bem-informado do Presidente.

Dizendo rápido ao Presidente cabeça-quente que a loira sensual era um “risco alto” para pensar em se relacionar. Notória por...

— Quem está falando de se relacionar? Estou falando de um encontro na cabana ali. Se tiver tempo, dois.

Apreensivo, falando mais baixo, ciente de muitos olhos admiradores neles conforme caminhavam na beira da piscina fumando seus charutos pós-jantar, o Cafetão do Presidente informou a ele, como o FBI teria feito se consultado, pois suas pastas a respeito de NORMA JEANE BAKER (A.K.A. MARILYN MONROE) estavam prestes a explodir, que Monroe fizera uma dúzia de abortos, cheirava cocaína, vivia à base de Benzedrina e o fenobarbital hmc e fizera lavagem estomacal uma meia dúzia de vezes só no Hospital Cedros do Líbano. Era de conhecimento geral. Estava em todos os tabloides. Em Nova York, havia sido internada em Bellevue, sangue escorrendo de ambos os braços cortados, carregada para dentro em uma maca, nua e delirante. Isso havia aparecido na coluna de Winchell. No Maine, alguns anos antes, ela teve um aborto espontâneo, ou havia tentado o próprio aborto e deu errado, e teve que ser pescada do Atlântico por uma equipe de resgate. E ela andava com comunas conhecidos e sob suspeita.

Vê? É um risco alto.

— Você conhece bem a figura, hein? — O Presidente estava impressionado.

O Cafetão do Presidente não podia fazer algo além de assentir, sério. Puxando um pouco a gola da camisa como um personagem de filme, para indicar o suor de nervosismo, que, na verdade, ele sentia. O cafetão favorito do Presidente era um cunhado do Presidente, e sua esposa poderia transformar sua vida em um inferno, forçando-o a fazer outra hipoteca para custos do divórcio, se ele ousasse apresentar o Presidente à vagabunda Marilyn Monroe, que era viciada em drogas, ninfomaníaca, suicida e louca de pedra.

— Mas só de ouvir falar, chefe. Quem desejaria contato próximo com ela? Monroe teve relações com todos os judeus de Hollywood. Só saiu do esgoto porque dormiu com muitos homens. Morou por anos com dois pederastas viciados notórios e serviu todos os amigos ricos deles. Monroe é a origem da piada da salsicha polonesa, chefe, você já ouviu?

Mas o Presidente com rosto de garoto sardento, o mais jovem e mais viril em nossa história, mal ouvia. Encarando a mulher conhecida como Marilyn Monroe, que estivera vagando, errante, pelo terraço como uma sonâmbula, um sorriso vago, e aquele ar nela, ou talvez fosse uma aura, de

vulnerabilidade extrema, tamanha ausência, outros ficavam longe também, observando. *A não ser que esse fosse o meu sonho que eles conseguiam observar?* A Atriz Loira no terraço à luz da lua, oscilando na beira da piscina de água transparente, olhos fechados, murmurando as palavras de uma canção de Sinatra, “All the Way”. Cabelo loiro-platinado brilhando como se fosse fosforescente. Boca de batom vermelho em um perfeito O como se chupando. Ela usava um robe de praia provocante, curto, emprestado de sua anfitriã cujo nome era possível que ela tivesse esquecido, e amarrado na cintura; ela parecia estar nua por baixo. As pernas eram de dançarina, esbeltas e de músculos definidos, mas a parte de cima das coxas estavam começando a revelar estrias brancas fatais na carne. E sua pele era muitíssimo branca, como a de um defunto embalsamado, drenado de sangue.

Ainda assim, o Presidente a acompanhou com os olhos, aquela expressão inconfundível. Um menino na escola da paróquia pronto para fazer arte. Charme de buldogue irlandês de Boston. De lealdade feroz à família e aos amigos, de inimizade feroz a todos os rivais. Em todas as cenas, o Presidente era o protagonista, o ator com o roteiro; todo mundo ao redor, nadando ou afundando, era improvisado. O Cafetão do Presidente apenas poderia dizer, com veemência e súplica:

— Monroe! Ela já deu para Sinatra, Mitchum, Brando, Jimmy Hoffa, Skinny D’Amato, Mickey Cahen, Jahnny Roselli, aquele líder comuna Sukarno, e...

— Sukarno? — Agora o Presidente tinha ficado impressionado.

O Cafetão do Presidente percebeu que era tarde demais para intervir. Com frequência, acontecia isso. Só lhe restava sacudir a cabeça e murmurar, sem cavalheirismo algum, que se o Presidente se envolvesse com Monroe, seria inteligente usar proteção, pois a mulher era conhecida por ter se infectado de doenças venéreas dos tipos mais virulentos, quando foi trepar com McCarthy em Washington para livrar o ex-marido judeu comuna do Comitê de Atividades Antiamericanas; isso era de conhecimento geral, estava em todos os tabloides... O próprio Cafetão do Presidente era ele mesmo um homem de boa aparência, de meia-idade ainda jovial com têmperas grisalhas, olhos inteligentes ainda que cheios de autodesprezo e papada inchada. O rosto parecia ter sido fervido em um molho leitoso. No Banquete

de Trimálquio, ele teria interpretado Baco, o Festeiro, folhas de parreira e hera ao redor da cabeça, sorrindo e falando alto entre convidados bêbados, embora, honestamente (ele sabia), estivesse ficando velho demais para aquele papel. Com mais uma década, ele teria os olhos vidrados em vermelho de viciado/bêbado perpétuo e um tremor em ambas as mãos como Parkinson, mas ainda não. Ah, o Cafetão favorito do Presidente tinha seu orgulho! Ele não se rebaixaria a uma mentira mesmo diante do terror de sua esposa.

— E quanto a você ter saído ou não com Marilyn Monroe, chefe, até onde sei, você não saiu.

Naquele momento, como se estivessem esperando sua deixa, Marilyn Monroe espiou, nervosa, na direção deles. Hesitante, uma garotinha sem saber se gostavam ou não dela, ela sorriu. Aquele rosto de anjo! O Presidente, impactado, era puro negócio, murmurando na orelha do Cafetão:

— Faça acontecer, já avisei. *Pronto.*

Pronto! Era o código da Casa Branca para *em menos de uma hora.*

O Príncipe e a Plebeia Esfarrapada

Você me amaria se soubesse? O Príncipe sorriu para mim e disse...

Ele disse que sabia, ele sabia o que era ser pobre! Ser pobre de doer os ossos e com pavor de o-que-poderia-vir-no-futuro! Não em sua própria vida, sua família é rica, como todos sabiam, mas no passado de seus ancestrais irlandeses, o sofrimento da opressão pelo conquistador inglês. “Como mulas de carga, eles nos usaram”, ele disse. “Eles nos mataram de fome.” A voz falhava. Eu o estava apertando com força. Este momento precioso. Ele sussurrou: “Linda Marilyn! Nós somos almas gêmeas por dentro”.

Sua pele sardenta áspera e quente ao toque, como se estivesse queimada pelo sol. A minha macia e fina e pálida como casca de ovo e, onde um homem me pega na distração da paixão, deixa marca com facilidade.

Essas marcas usadas com orgulho como pétalas de rosa machucada.

Este, nosso segredo. Nunca revelarei o nome do meu amante.

Ele sabia que dizia saber o que é ser solitário. Em sua imensa família, houve solidão na infância. Eu chorava de pensar que ele entendia! Ele *me* entendia. Ele, de um grande nome americano. Uma tribo de abençoados. Eu disse a ele que o reverenciava tanto que nunca pediria nada depois daquela noite, exceto que pensasse em mim de vez em quando. Que pensasse em MARILYN com um sorriso. Eu reverenciava sua família, contei. Sim, e sua esposa também, eu reverenciava, tão bela e equilibrada, tão graciosa. Ele riu com tristeza, dizendo: “Mas ela não consegue abrir seu coração como você consegue, Marilyn. Ela não tem o dom da risada e calor que você tem, querida Marilyn”.

Nós nos apaixonamos tão rápido!

Às vezes, é assim. Embora não seja dito.

Eu disse: “Você pode me chamar de Norma Jeane”.

Ele disse: “Mas você é MARILYN para mim”.

Eu disse: “Ah, você conhece MARILYN?”

Ele disse: “Eu queria conhecer MARILYN já fazia muito tempo”.

Abraçados em toalhas de banho jogadas no chão e robes felpudos com cheiro de umidade e cloro no piso da casa de banho. Como crianças atrevidas, riam juntos. Ele havia trazido uma garrafa de uísque escocês. E a festa transbordando da linda casa de vidro para o terraço da piscina a apenas alguns metros de distância. Eu estava tão feliz! Onde apenas uma hora antes eu estivera tão triste! Desejando não ter me deixado convencer a vir para aquele fim de semana de festa, mas tivesse ficado na minha casa que amo, minha casinha mexicana na Fifth Helena Drive. Mas agora tão feliz e trocando risos como uma garotinha. *Ele é um homem que faz uma mulher se sentir como uma mulher de verdade. Nenhum homem que conheci era parecido. Uma figura da História.* Fazendo amor com ele, meu Príncipe. Rápido e duro e excitado como um garoto. Achei suas costas não muito fortes, “uma lesão na coluna cervical”, disse, “temporária”, nada com que me preocupar, “ah, mas você foi um herói de guerra”, falei, “Meu Deus, como reverencio você! Meu Príncipe”. Nós estávamos bebendo, ele levava a garrafa até os meus lábios para eu beber, apesar de eu saber que não deveria, não com minha medicação, mas eu não podia resistir, assim como não podia resistir aos seus beijos; quem entre as mulheres poderia resistir aquele homem, um grande homem, um herói de guerra, uma figura da História, um Príncipe. E suas mãos, as mãos desejosas de um garoto, tão ansiosas! Fizemos amor de novo. E de novo. Uma loucura me tomou. Eu de fato senti algo, uma pontada de prazer: como uma faísca começando a sair de um fósforo riscado, rápida, fugaz, partindo quase de imediato, mas você sabe que está lá e pode voltar. Quanto tempo ficamos escondidos naquela casa de banho, eu não sei. Quem sabia que nós tínhamos fugido da festa, eu não sei. O cunhado do Presidente nos havia apresentado; “Marilyn”, dissera ele, “eu gostaria que você conhecesse um admirador seu”; e eu o tinha visto, meu Príncipe, me encarando com um sorriso, um homem que as mulheres amam, aquele olhar de tranquilidade e leveza de um homem que sabe que é

adorado por mulheres, o seu próprio desejo como uma chama que as mulheres atiçariam e apagariam, e atiçariam e apagariam, ao longo de uma vida toda. E eu ri; de súbito eu era a Garota do Apartamento de Cima. Eu não era mais Roslyn Tabor, não era uma divorciada. Eu não era uma viúva. Eu não era uma mãe enlutada que havia perdido seu bebê em uma queda na escada do porão. Eu não era uma mãe que havia matado seu bebê. Eu não havia sido a Garota do Apartamento de Cima por muito tempo, mas em meu robe branco macio e felpudo e pernas nuas, eu me tornei de novo a Garota do Apartamento de Cima sobre a saída de ar do metrô. (Não, eu não desejaria que o Príncipe soubesse minha idade verdadeira: logo teria 36. Não era mais uma garota.) Ele gemeu, suas costas doíam. Eu fingi não notar, mas montei nele e me encaixei, minha vagina ardendo um pouco, meu ventre vazio que aquele homem poderia preencher, seu pênis tão duro e cheio de desejo; eu fui o mais gentil que pude até quase o fim quando ele agarrou meus quadris e arremeteu-se contra meu corpo, ganindo e gemendo quase fora de controle, então eu tive medo de que ele se machucasse, as costas, como ele estava me machucando, suas mãos segurando meus quadris com tanta força, e eu sussurrando “*Sim sim assim assim sim*”, apesar de riachos de suor escorrerem pelo meu rosto e meus seios, ele mordida meus seios, os mamilos, “*Sua safada*”, ele dizia, gemendo “*sua vadia suja, eu amo você, vadia suja*”; e logo havia terminado, e eu estava sem ar e com dor e tentando rir como a Garota faria naturalmente, e eu me ouvi dizendo: “Ahhh! Estou quase com medo de você, eu acho!”, que é o que homens gostam de ouvir; eu recuperei o fôlego e disse: “Se eu fosse Castro, ahhh! Eu teria muito medo de você”; Eu fui a Garota, estilo loira burra, dizendo: “Ei, onde estão aqueles homens do Serviço Social que seguem você por aí?” (pois de súbito eu me dei conta de que aqueles homens, oficiais à paisana, deveriam estar perto, logo ali fora da casa de banho, guardando a porta, e uma onda de vergonha passou por mim, eu esperava por Deus que não estivessem escutando ou, ainda pior, assistindo com algum tipo de equipamento de vigilância como às vezes até na minha casa, com as cortinas fechadas, e no quarto, com cortinas pretas pesadas bem fechadas, eu parecia saber que estava sendo vigiada, além de meu telefone estar sendo grampeado), e ele riu e disse: “Você está falando dos homens do Serviço Secreto, MARILYN”, e nós caímos na gargalhada, uma risada de uísque; eu

era a garota da Carolina do Norte que cagava e andava, uma risada das entranhas como um homem ri. Ah, era gostoso. O momento tenso havia passado como se nunca tivesse existido, eu já ia me esquecendo dos nomes, as palavras sujas que usou, meu Príncipe, logo eu esqueceria que havia esquecido qualquer coisa e na manhã seguinte, eu me lembraria apenas dos beijos, uma faísca fugaz de fósforo de prazer sexual, a promessa de um futuro. Meu Príncipe estava dizendo “MARILYN, você é uma mulher genuinamente engraçada, eu ouvi que você era brilhante, ágil, inteligente, fan-tás-ti-ca” (ele estava lambendo meus seios, fazendo cócegas), e eu disse, “ah, sr. Presidente, sabe de uma coisa? Eu reescrevo minhas falas também, linha por linha”. Ele disse: “Mmmm! você tem as falas mais belas do *showbiz*, MARILYN”. Respondi, acariciando seu cabelo grosso: “Você pode me chamar de Norma Jeane, é como as pessoas que me conhecem me chamam”, e ele disse: “Eu vou é chamar você, *baby*, sempre que tiver oportunidade. *Pronto!*”.

Eu disse: “Meu *Pronto!* Esta é a palavra para você, hein?”.

Uma única luz turva iluminava a casa de banho. Era um lugar úmido, fedorento. Através das frestas da veneziana de uma janelinha, eu conseguia ver, em um ângulo bastante fechado acima, a lua do deserto. Ah será que era uma luz borrada em uma palmeira atrás da piscina? A luz do deserto! Quase pensei estar em Nevada de novo, eu era Roslyn Tabor apaixonada por Clark Gable que logo morreria, e eu estava doente de culpa, ainda casada com um homem que não amava. Eu não estava bêbada, mas não conseguiria dizer onde me encontrava exatamente. Onde eu dormiria naquela noite, e com quem. Ou eu estaria sozinha? E como eu voltaria para casa. De volta a Los Angeles, a Cidade de Areia, de volta a Brentwood, para a 12.305 Fifth Helena Drive. Pois sempre você tem esse medo terrível, como voltar para casa?, mesmo que saiba onde é a casa. O Príncipe estava usando uma toalha para limpar entre as pernas com agilidade, dizendo que esperava poder me ver de novo logo, ele partiria de Palm Springs *pronto* de manhã para voltar a Washington, mas entraria em contato, eu disse: “Você quer meu número que não está na lista telefônica, sr. Presidente?”. E ele riu e disse: “Não existem números de telefone que não estejam em alguma lista, MARILYN”. E eu disse com suavidade e ofegante como uma colegial: “Eu voaria para a Costa Leste, para Washington, se ele desejasse, seu desejo é uma ordem, sr. Presidente”,

eu disse, brincando, beijando o rosto flamejante, ele gostava daquilo, eu conseguia ver; ele disse que providenciaria uma passagem de primeira classe para mim, e poderíamos nos encontrar em Manhattan, em um certo hotel, e ele também estaria na Califórnia para eventos de arrecadações de fundos *et cetera*, a irmã e o cunhado dele tinham uma casa de praia em Malibu. Respondi: “Ah, sim, eu g-gostaria. Quero dizer, amaria”.

O que meu Príncipe me disse, meu segredo que nunca revelarei.

Emoldurando meu rosto com as mãos, ah eu esperava estar linda para ele, e não suada, a maquiagem borrada, o cabelo grudado à testa, que é como eu me sentia, mas ele falava com sinceridade, do coração, eu conseguia ver enquanto ele falava nos discursos públicos, e todos nós o amávamos; ele disse: “Tem algo em você que nenhuma outra tem, MARILYN. Nenhuma mulher que eu conheço. Você parece viva ao toque. Para ser soprada como uma chama. Viva até para ser ferida! É como se você se abrisse para a dor, nenhuma mulher que conheço é como você, MARILYN. Nenhuma imagem nas telas ou em foto mostrou sua alma, MARILYN, como eu a vi na noite de hoje”.

Um beijo final, e meu Príncipe partiu.

O Príncipe deixaria a casa de banho completamente vestido, e a loira Plebeia Esfarrapada, com quem ele estivera, deveria dar um intervalo de dez minutos, por sugestão dele, mas seus guarda-costas não ficaram esperando por ela, apenas o Cafetão do Presidente esperou, a uma distância confortável do outro lado da piscina; e quando enfim ela saiu, olhar tonto, tropeçando, carregando o sapato alto nas mãos, o robe felpudo amarrado de qualquer jeito, o Cafetão do Presidente se aproximou dela com seus modos cavalheiros dizendo com um sorriso: “Srta. Monroe! O Presidente gostaria que você ficasse com esse pequeno presente como prova de sua estima”. Era uma rosa folheada, feita de uma espécie de alumínio prateado (o Cafetão havia encontrado descartada numa mesa, um toque decorativo de uma garrafa de vinho, do qual ele então se apropriou e enfiou na lapela do casaco), e seria observado como a celebridade mundial MARILYN MONROE, piscando atordoada para o Cafetão do Presidente, pegava a rosa falsa de seus dedos e sorria.

— Ah! É linda.

Sentiu sua fragrância de estanho e ficou feliz.

A Plebeia Esfarrapada apaixonada

Ainda assim, e se o Príncipe não ligasse, como havia prometido?

E se ela esperasse e esperasse e esperasse, e ele não ligasse? E se outros naquele emaranhado turvo de sua vida ligassem nas semanas seguintes, e nunca ele? E enfim, quando ela havia quase perdido a esperança, a ligação de um indivíduo misterioso (um nome que não significou nada para ela, em meio à sua agitação) na (ela foi dada a entender) própria Casa Branca. (Um dos assistentes do Presidente?) E logo em seguida, o cunhado do Presidente que morava em Malibu ligou para uma visita no fim de semana.

Só uma reuniãozinha, Marilyn.

Muito privativa. Só para convidados selecionados.

Com casualidade, ela perguntou:

— E ele... Ele vai estar lá?

O cunhado do Presidente sensual e galante disse, também com casualidade:

— Hmm. Diz que vai tentar o máximo que puder.

Marilyn riu com empolgação:

— Ah. Eu sei o que isso quer dizer.

Eu sei que ele tem muitas mulheres. Ele é um homem do mundo.

Eu sou uma mulher do mundo. Não sou criança!

Um fim de semana veio, passou e partiu. Ela conseguia se lembrar de apenas fragmentos como uma decupagem de filme. *Isso está acontecendo comigo? Sou eu mesma? Ou será que era?*

Ao contrário dos filmes, não dava para repetir tomadas. Era apenas uma chance.

Naqueles momentos risonhos, chamadas telefônicas, a linha particular, e o misterioso _____ (em Washington) perguntando se ela estaria em casa para receber uma ligação às 22h25, naquela noite mesmo. E rindo, precisando se sentar, pois se sentia tão fraca:

— Se vou estar em c-casa? Hmm! — Era a Garota, ingênua e engraçada. A doce Garota do Apartamento de Cima, esperta e calorosa, que reescrevia todas as suas falas. — Como é que vou saber com certeza, até chegar exatamente às 22h25?

Um murmúrio entretido do outro lado da linha. (Ou será que ela imaginou?)

E então ela esperaria para sempre. Mas não era uma espera que exauria e humilhava, mas uma espera que emocionava. Espera que lhe dava um motivo para ficar feliz, animada, sorridente, cantante e dançante o dia inteiro. E com precisão, às 22h25, o telefone tocou, e ela ergueu o receptor para dizer em uma ofegante voz de bebê:

Alô?

A voz dele, grave, inconfundível. Seu Príncipe.

Alô? Marilyn? Andei pensando em você.

Andei pensando em você também, sr. P-de-Pronto!

Fazendo-o rir. Deus, é bom ouvir um homem rir. O poder de uma mulher não é o sexo, mas o poder de fazer um homem rir.

Se eu pudesse estar aí do seu lado, querida, sabe o que eu estaria fazendo?

Ahhh. Não. O quê?

Havia ocasiões em que o cunhado do Presidente ligava para sugerir dar um pulo para vê-la e tomar um drinque, ou levá-la para tomar um drinque em um bar, ou para jantar; eles tinham “assuntos confidenciais” para tratar, ele disse; e na mesma hora ela respondia que não, achava que não tinham. Lembrando-se dos olhos do homem em Palm Springs, aquele olhar de avaliação crua. Não era uma boa ideia, ela dizia, agora não. O cunhado do Presidente disse na forma afável de um homem para quem a conquista ou as

recusas sexuais tinham o mesmo peso emocional: “Em outro momento, então. Hoje não tem nada de tão importante”.

Ela tinha ouvido falar que eles passavam as mulheres entre si.

Mais precisamente, as mulheres eram repassadas para ele. Modelos, “aspirantes a vedetes”. Do Príncipe/Presidente para diversos irmãos, cunhados e amigos.

Ainda assim, eu pensava: *Comigo não! Ele não faria isso.*

Da última vez em que ligou, uma leve conversa sem fôlego, ele havia soado sonolento e sensual e havia repetido aquelas palavras mágicas que ela começava a se perguntar se havia imaginado ou ouvido muito tempo antes em um filme esquecido exceto pelas falas. *Tem algo em você que nenhuma outra tem. Nenhuma mulher. Parece viva ao toque. Como uma chama. Nenhuma mulher que conheço é como você, Marilyn.*

Ela acreditava que poderia ser verdade. Ah, mas ela acreditava que ele poderia acreditar nisso! *É como se dissesse que me ama. Só que não com essas palavras.*

A Plebeia Esfarrapada esperou. Ela era fiel em sua espera.

Chegou até ela a notícia de que Cass Chaplin estava hospitalizado. Em uma clínica para desintoxicação em Los Angeles. Ela teve um ataque de pânico, em que chegou perto de ligar, para perguntar. Pensando então: *Não. Não posso. Não posso me envolver com eles. Agora não.* Ela se perguntou se Cass e Eddy G. ainda eram tão íntimos.

Deus, ela sentia falta deles. Seus amantes de Gêmeos. Depois de dois casamentos entediados com homens heterossexuais bons e decentes.

Os lindos garotos Cass e Eddy G.! Ela havia sido a Norma deles, a garota deles. Ela fazia o que mandavam. Possivelmente, eles a haviam hipnotizado. Se ela tivesse ficado com eles e tivesse tido o bebê deles? Ainda assim poderia ter mantido uma carreira como “Marilyn Monroe”. Mas aquilo fazia muito tempo. Bebê completaria oito anos por agora. *Nosso filho. Amaldiçoado.* Ela não conseguia se lembrar com clareza por que Bebê havia morrido, por que Bebê tinha que morrer, por que Marilyn o havia matado. Alguns meses antes, tinha visto uma foto de Cass Chaplin no tabloide *Tatler* e se chocado com quanto seu ex-amante havia envelhecido, bolsas sombrias sob os olhos e rugas ao lado da boca. Sua beleza em decadência. O flash da

câmera o havia pegado em um momento de raiva, um pulso erguido, a boca retorcida em uma obscenidade.

Mas agora eu tenho um amante que vale a pena. Um homem que aprecia meu valor. Uma alma gêmea de verdade.

Ah, mesmo se fosse um monte de bobagem que irlandeses falam, e ela não duvidava que fosse, ao menos noventa por cento daquilo, ainda assim era bobagem do Príncipe e não de um drogado de Hollywood.

Que estranho! Em resposta à carta escrita com tanto afeto para Gladys, veio um bilhete datilografado, as palavras amontoadas no centro de uma folha de papel muito dobrada.

Você não tem vergonha, Norma Jeane, eu li sobre Clark Gable estão dizendo aqui que você matou o homem e contribuiu para o seu “ataque cardíaco fatal” Até as enfermeiras daqui estão enojadas. Foi assim que eu descobri a história.

Porém, se um dia eu for chamada para a Casa Branca. Mãe poderia vir comigo. Poderia fazer toda a diferença para ela, como para qualquer mãe americana.

Ela estava indo a um psiquiatra. A um analista. E a um “conselheiro de saúde mental” em West Hollywood. Duas vezes por semana, ela visitava um fisioterapeuta. Havia retomado as aulas de yoga. Às vezes, aquelas noites sem fim em que ela sabia que não poderia se dar ao luxo de engolir um tanto de hidrato de cloral para no fim das contas só dormir por algumas horas, ela chamava um massagista que morava em Venice Beach. Em sua imaginação, ele era um dos surfistas que havia salvado Norma Jeane do afogamento muito tempo antes. Um gigante, um fisiculturista. Mas gentil. Como Whitey, Nico a adorava sem desejá-la; seu corpo era para ele um material como argila para ser apertado, servido, por um preço.

— O que eu queria poder fazer, Nico, quer saber?... Eu queria poder deixar meu corpo com você. E eu poderia ir... ah, eu não sei aonde...! A algum lugar *livre*.

Sentiu sua fragrância de estanho e ficou feliz. Voltando de Palm Springs para Brentwood e a sua *hacienda* escondida em Fifth Helena Drive (um nome

estranho para uma rua! Literalmente, *estrada da quinta Helena*. Ela havia perguntado à corretora o que significava, mas a mulher não sabia), colocou a rosinha prateada em um vaso de cristal e colocou o vaso sobre a espineta Steinway branca, onde ela reluzia mesmo na sombra. A rosa! A rosa dele! Porque era feita de algum metal e não uma rosa viva, nunca murcharia nem morreria; ela a guardaria para sempre como uma lembrança do amor daquele grande homem por ela. *É claro que ele nunca deixaria sua esposa. Sua família católica, sua criação. Eu não esperaria isso. Ele é uma figura da História.* O líder reconhecido do Mundo Livre. Travando uma guerra no Vietnã. (Tão perto da Coreia! Onde MARILYN MONROE vivera o episódio famoso ao entreter as tropas.) Perto de invadir a Cuba comunista. Ah, o Presidente era um homem perigoso para se ter como inimigo. Ela se orgulhava dele, emocionava-se por ele. Sua imagem não saía dos jornais e da televisão. O mundo masculino de história e política, o mundo de conflito interminável. E alegria no conflito. O que é a política, se não a guerra em outro formato. O objetivo é derrotar o adversário. Sobrevivência do mais forte. Seleção natural. O amor é a fraqueza de um homem. A Marilyn Loira queria garantir ao seu *Pronto* que *ei, ela compreendia*.

Era a rosa prateada que a atraía ao piano. Sentada na frente das teclas na casa em silêncio fechada contra o sol implacável. Cordas deprimentes com incerteza, timidez. O modo daquela que teme tocar o piano depois de um longo hiato porque sabe que suas habilidades modestas atrofiaram muito. Ela nunca havia tocado “Für Elise” de fato e nunca tocaria. Até mais, ela temia que a memória muscular em seus dedos, na ponta dos dedos, fosse um gatilho para lembranças verdadeiras de um tempo perdido, doloridas demais agora para se lembrar. *Mãe? O que você quis de mim que eu nunca pude lhe dar? Como eu fracassei? Eu tentei tanto...* Será que se tivesse tocado piano melhor para o sr. Pearce e cantado melhor para a pobre Jess Flynn sua infância teria sido diferente? Talvez sua falta miserável de talento houvesse contribuído para a loucura de Gladys Mortensen. Talvez algo em Gladys simplesmente tivesse dado defeito.

Ainda assim, Gladys parecera absolvê-la de culpa. *Ninguém tem culpa de ter nascido, não é?*

Contudo, ela se sentia otimista. Naquela casa, sua primeira casa, ela começaria a tocar piano de novo. Faria aulas de piano de novo, logo.

Quando sua vida estivesse mais em ordem.

Esperando que o Príncipe a convocasse. Bem, por que não?

Quase sem saber o que estava fazendo, como se estivesse seguindo um impulso, ela aceitou um filme novo naquela primavera. O Estúdio vinha pressionando. Seu agente vinha pressionando. Na época de seu divórcio, ela havia discutido com Max Pearlman a possibilidade de atuar em uma peça com a Companhia de Nova York, não seria *The Girl with the Flaxen Hair* no fim das contas, mas poderia ser *Uma casa de bonecas*, de Ibsen, ou *Tio Vânia*, de Tchekhov, mas, para a frustração de Pearlman, ela não parecia conseguir se comprometer com data alguma. Ela se entusiasmava feito criança quando falavam, e semana depois, ele não ouvia mais dela nem de Holyrod; se ligasse, eles raramente retornavam; o projeto definhou. *Porque eu tenho medo demais. Não consigo encarar uma plateia ao vivo.* Em um sonho, ficou paralisada de tanto terror ao perder o controle da bexiga no palco e acordou urinando na cama.

— Ah, meu Deus. Ah, isso não.

Lembrando do fedor de urina do colchão de Gladys em Lakewood.

E então na confusão de seus pensamentos, ela se lembraria, como se tivesse acontecido de fato, de se molhar em Nova York, durante um ensaio.

— Ah, meu Deus, eu l-levantei e a parte de trás do meu vestido estava molhada e grudando nas *pernas*. Ahhhh.

Essa história da Garota, ela não contaria na Casa Branca.

Um rendez-vous. Tão romântico! Não na Califórnia, mas em Nova York quando o Presidente estivesse visitando. *No mais absoluto segredo, é claro*, ela compreendia.

Sim, mas ela tinha de trabalhar. Ela não havia casado com um homem rico, ela havia casado por amor. *Cada um dos meus casamentos, por amor. Mas eu não me sinto desanimada. Ah, sim, eu tentaria de novo!* Ela tinha de trabalhar, e ela não estava em posição, depois de *Os desajustados* (*Os deficitários*, como Z havia chamado), de ser exigente com roteiros. Ela disse ao seu agente:

— Ah, mas Roslyn T-Tabor foi minha performance mais forte, não foi? Todo mundo disse isso.

E Rin Tin Tin latiu de uma forma que, se você não conhecesse Hollywood, poderia ter achado que significava que ele estava se divertindo. E ele disse, em sua voz de agente razoável:

— Sim, Marilyn. Todo mundo disse isso.

— Mas você não acha? Você não acha isso?

Então, naquele jeito novo dele que ela havia começado a ouvir com mais frequência desde *Os desajustados*, como se apenas estivesse dando corda a suas ideias, Rin Tin Tin disse:

— O que importa o que eu acho, querida Marilyn? A questão é o que os milhões de americanos acham, fazendo fila como ovelhas para comprar ingresso na bilheteria. Ou não fazendo.

Ela respondeu, magoada:

— Mas *Os desajustados* não se saiu tão mal, não é? Sabe quem viu? E amou o filme? O Presidente dos Estados Unidos. Imagine só!

— Marilyn, o Presidente deveria ter levado alguns amigos com ele.

— O que isso quer dizer? Ah, do que você está f-falando?

E Rin Tin Tin disse, cedendo, com uma voz mais ou menos normal e humana:

— Marilyn querida, o filme não se saiu tão mal assim. Não. Para um filme sem Marilyn Monroe, ele teria se saído muito bem.

E ela não perguntou “O que isso quer dizer?” porque sabia exatamente. Ela disse, mordiscando a unha, o rosto aquecendo como se tivesse levado um tapa:

— Então não importa, não é? Eu consigo “interpretar”, e as pessoas reconheceram isso. Mas não importa. As pessoas zombaram de Marilyn por todos esses anos por ser uma loira bonitona que não sabia interpretar; agora elas zombam de Marilyn por não fazer muito dinheiro na bilheteria, não é? Agora Marilyn é veneno para bilheteria.

E Rin Tin Tin disse rápido, ressabiado:

— Marilyn, é claro que não. Não diga uma coisa dessas, qualquer um pode estar ouvindo. — (Eles estavam falando ao telefone. Ela estava em sua *hacienda* escondida, venezianas fechadas pelo sol.) — Marilyn Monroe *não é veneno para bilheteria*.

Rin Tin Tin parou para que ela pudesse ouvir um zumbido vibratório, não dito.

Ainda não.

Na cornija da lareira de sua sala de estar sombria havia duas estátuas magras. Uma dada pela indústria francesa de cinema, a outra pela indústria italiana de cinema. Agraciadas a MARILYN MONROE por sua performance excepcional em *O príncipe encantado*. (“Ah, mas por que me ‘agraciariam’ por *aquilo*? Por que não por *Nunca fui santa*? Que inferno!”) Mas ela nunca recebera um prêmio por sua atuação nos Estados Unidos, nem uma indicação ao Oscar por *Nunca fui santa* ou *Os desajustados*. O que o Estúdio estava demandando sensatamente (como Rin Tin Tin explicou, a não ser que tenha sido Z com sua cara de morcego) era um retorno das seguras comédias sensuais com MARILYN MONROE, como *Quanto mais quente melhor* e *O pecado mora ao lado*, afinal por que diabo os americanos deveriam sacar seu dinheiro suado para ver filmes tristonhos que os deprimem? Filmes iguais à vida de merda deles? O que tem de errado com umas gargalhadas? Uma comichão na virilha? Hein? Loira maravilhosa, cenas com roupas caindo, saias esvoaçando até a altura do quadril. Nessa maravilhosa propriedade nova, *Something’s Got to Give*, haverá figurinos muito justos e uma loira cabeça de vento que vai ser fotografada nadando nua. Fan-tás-ti-co!

Ei, eu amo interpretar. De verdade, interpretar é minha vida. O momento de maior felicidade para mim é quando estou interpretando, não vivendo.

Ah, o que eu disse? Ah, bem, você entendeu.

(Por que estou com tanto medo, então? Não terei medo.)

Então, ela aceitou o papel. De imediato, comunicados à imprensa do Estúdio para todos os jornais! Empolgada, MARILYN MONROE está de volta, voltou ao trabalho. Não havia lido o roteiro até aquele momento; *Something’s Got to Give*, entregue à sua porta por um garoto suado e de bigode em uma bicicleta, e ela se sentou à beira da piscina (suja com folhas de palmeiras, carapaças de insetos, o que parecia restos de sêmen humano) para ler, e uma hora depois, não conseguia se lembrar de uma palavra sequer. Um amontoado de clichês. Diálogo imbecil. Ela não tinha nem certeza de qual

era o seu papel. Eles confundiam o nome das duas personagens femininas a cada página.

— Acho que Marilyn é o chamariz disso aqui... O argumento para os investidores...

Agora ela se via falando com Rin Tin Tin em pessoa, ele estava entrando na meia-idade, barrigudo, com uma expressão de peixe fora d'água, o queixo e os olhos tão tensos quanto os dela. Dizendo que, olha, para aquele filme ela tinha apenas que aparecer no estúdio de gravação, dizer as palavras que lhe foram designadas e deixar para lá a preparação de atriz que a deixava ansiosa, a beira de um surto nervoso e infernizando a vida de todo mundo.

— Só apareça, seja sexy e engraçada como Marilyn era e se divirta um pouco para variar... tem algo de errado nisso?

Ela se ouviu responder, em fúria:

— Ah, sim? Bem, tem algumas merdas que nem a Marilyn consegue engolir.

Ela se ouviu dizer, na manhã seguinte, depois de discar o número da agência:

— Bem, talvez. Eu preciso do dinheiro, eu acho?

Nunca seria muito real para ela. O último filme com o qual MARILYN-MONROE estaria associada.

O Presidente e a Atriz Loira: *o rendez-vous*

Na semana depois da Páscoa de 1962, a convocação veio!

— Se eu duvidei dele? Eu não.

“Por favor, vista-se de forma inconspícua, srta. Monroe”, haviam mandado. Uma voz masculina, não identificada, ao telefone. Houve uma série de mensagens telefônicas, algumas bastante diretas e outras codificadas. Sentia que estava embarcando na *aventura mais empolgante e profunda de minha vida como mulher*. Então ela se preparou em particular para a experiência. Nenhum maquiador profissional, nenhum figurinista do departamento. Comprou roupas novas (a crédito, na Saks Beverly Hills) em tons sutis de creme e urze; o cabelo loiro-platinado havia sido recém-iluminado, mas em parte escondido sob um chapéu *clochê* da moda. Apenas o batom brilhava, mas todo batom não deveria ser brilhante? Era um estilo Lorelei Lee, mas os modos seriam graciosos e restritos *como condiz com uma amiga do Presidente, e aquele homem é um aristocrata americano*. Os homens do Serviço Secreto que eram os acompanhantes, no entanto, lançaram olhares de choque e reprovação que depois mudaram para indignação e nojo, como se o sentimento tivesse coagulado.

— Vocês estavam esperando a Madre Teresa, talvez?

Ela era a Garota que reescrevia suas falas. Às vezes, ninguém ria ou fingia nem ter ouvido.

Os homens do Serviço Secreto eram Dick Tracy e como era o nome daquele, o pequenininho com a esposa, Maggie — ah, sim! Jiggs.

Acompanhantes estranhos para levar Marilyn Monroe a um *rendez-vous* secreto no elegante hotel C na Quinta Avenida, Manhattan!

Com sobriedade, ela disse a si mesma: *Esses homens juraram a vida pelo Presidente. No caso de balas, eles sacrificarão o próprio corpo para proteger o dele.*

Voar de Los Angeles para Manhattan no espaço de algumas horas é ser lançada depressa para o futuro. No entanto, ao chegar, diversas horas mais tarde no dia do embarque, é difícil afastar a sensação de que chegou em um momento do passado. Anos atrás.

Minha vida de Manhattan. Vida de casada. Quando?

Ela nunca mais havia pensado no Dramaturgo. Um homem com quem vivera por cinco anos. Seu agente lhe havia mandado uma página arrancada da *Variety*, uma resenha positiva com ressalvas de *The Girl with the Flaxen Hair*. Ela parou de ler em “o que falta nesta produção honesta é uma Magda genuinamente hipnotizante. Para que o papel fosse crível, seria importante ter...”

Em Manhattan, as ginkgoáceas floresciam, e na Park Avenue, belos narcisos e tulipas, mas fazia *frio*! A Atriz Loira sentiu o choque, uma reprimenda ao seu sangue californiano; ela não levava roupas quentes o suficiente para a visita pernoite romântica a Manhattan. Era uma estação diferente. A mera luz parecia diferente. Ela se sentia frágil, desorientada. *Mas primavera é abril, não é?*, e se dando conta do erro sintático: *Abril é primavera, não é?, quero dizer.* Estavam na limusine à prova de balas seguindo em silêncio pela Park Avenue, e o maior dos homens do Serviço Secreto, o sujeito de queixo anguloso sem senso de humor que a havia feito pensar em Dick Tracy, disse com concisão:

— Isto é a primavera, srta. Monroe.

Ela havia pensado alto, falado? Não fora a intenção.

O outro acompanhante do Serviço Secreto, atarracado, corpulento, com rosto de batata sem sal e vazios olhos brancos, um sósia perfeito de Jiggs, sugou os próprios lábios e olhou para a frente carrancudamente. Esses eram policiais à paisana. Era possível que se ressentissem da missão presidencial daquele dia. A Atriz Loira gostaria de explicar.

— Não é sexual. Entre o Presidente e eu. Tem pouco a ver com sexo. É um encontro de almas.

O motorista da limusine deveria ser outro agente do Serviço Secreto, rosto sombrio como o dos outros, de chapéu fedora. Ele mal assentiu para ela no aeroporto. Tinha semelhança impressionante com o personagem de quadrinhos Jughead Jones.

Deus, é assustador às vezes! As pessoas dos quadrinhos habitando o mundo.

Na véspera, com um mensageiro de bicicleta para entregas especiais, vieram as passagens de primeira classe do voo da Atriz Loira (comprados para ela sob o pseudônimo “P. Belle”, que, segundo o cunhado do Presidente lhe informou, era código para “Pronto, a Bela”) e durante o voo da costa oeste para leste, ela teve motivos para suspeitar que o piloto e a equipe estavam cientes de sua conexão com a Casa Branca.

— Além de eu ser “Marilyn”. Este dia é especial. Este voo é especial.

Na perversidade de sua felicidade, pareceu a ela que o avião cairia! Mas isso não aconteceu. O voo teve turbulências intermitentes, mas fora isso nenhum grande acontecimento. Ah, havia Dom Pérignon, srta. Belle. Ela recebera dois assentos na primeira fila da cabine de primeira classe. Tratada como a realeza. A Plebeia Esfarrapada como a Princesa Cintilante. Ah, ela ficou profundamente comovida. Uma aeromoça designada para observá-la, garantir que ninguém perturbasse a Atriz Loira viajando incógnita, perdida em um devaneio sonhador de *um rendez-vous. Com ele*. Eles haviam se falado apenas três vezes ao telefone nas semanas depois e ainda assim, brevemente. Se não fosse pela imagem do Presidente nos jornais e na televisão (a que ela agora assistia, todas as noites), talvez não se lembrasse da aparência dele; pois na luz incerta da casa de banho (a casa de Palm Springs de Bing Crosby, perto do campo de golfe, não foi ali que se conheceram?), ele poderia ter sido qualquer homem de meia-idade com ares juvenis e vigorosos, com rosto de garoto americano e um poderoso apetite sexual. Naquela manhã, ela se medicara com Meprobamato, Amytal e codeína (apenas um comprimido, pois parecia febril) em doses cuidadosas. Era um momento em sua vida em que, teria jurado que seria temporário, estava vendo dois, três, talvez quatro médicos, cada homem, em suposta ignorância da existência dos outros, fornecendo prescrições. *Só para ajudar a dormir, doutor. Ah, só para ajudar a acordar. E para acalmar os nervos, como seda rasgada.*

Doutor, não, é claro que não bebo.

Não como carne vermelha, a digestão é muito pesada.

No aeroporto LaGuardia, com as pernas bambas, ela foi a primeira a desembarcar.

— Srta. Belle? Deixe-me ajudar.

— Uma aeromoça a ajudou a descer pela rampa no túnel do avião, e lá no portão aguardavam dois homens taciturnos e carrancudos em ternos lustrosos e chapéus fedora. Ela sentiu uma pontada de pânico. *Vou ser presa? O que vai me acontecer?* Ela era a Garota, sorrindo inane. As mãos tremiam, ela quase derrubou a malinha que levara para o pernoite, e o maior dos homens do Serviço Secreto a segurou para ela. Eles a chamavam de “srta. Monroe” e “madame” como se mortificados de vergonha de serem entreouvidos, até por ela, sua superior. Nitidamente, desviaram os olhares policiais de sua boca cor fúcsia e peitos generosos, os quais eles não aprovavam, os malditos de coração frígido. *Só estão com inveja, não estão? Do chefe de vocês. Porque ele é um homem de verdade, não é?* Mas ela estava determinada a ser doce com eles. Conversando do jeito ensolarado e amistoso da Garota enquanto os homens silenciosos a escoltavam rápido pelo aeroporto (atraindo olhares surpresos de muitos indivíduos, mas não por muito tempo) para uma limusine que estava esperando. O veículo era de um preto brilhante, com interior grande o suficiente para receber uma dúzia de pessoas.

— Ahhh. É a prova de balas, eu espero? — Ela riu com nervosismo. Ajeitando-se no assento fofo traseiro, puxando a saia para baixo do joelho, pura empolgação feminina e perfume, enquanto os homens do Serviço Secreto se sentavam um de cada lado dela, de costas para as janelas. Ela se perguntou se o Presidente os havia instruído para protegê-la de balas também. Será que isso era parte de um convite presidencial? — Céus, com toda essa atenção, eu fico me sentindo uma R.I.P. — E deu risadas nervosas dentro do silêncio masculino. Então percebeu a morbidez do que dissera. — Não. Quis dizer V.I.P. Foi isso que eu quis dizer.

Jiggs, com rosto macilento, murmurou algo que talvez significasse que achou graça. Talvez não. Dick Tracy, de perfil, não deu sinal algum de ter ouvido.

Ela pensou: *Estes homens. Estes três. Estão armados!*

Bem, ela estava magoada. Um pouco. Pois eles claramente reprovavam seu lindo conjunto de tricô de caxemira em tons de branco cremoso e urze, comprado na Saks Beverly Hills, a gola decotada, o busto proeminente e os quadris bem-marcados. As pernas de dançarina. Sapatos de couro de crocodilo de bico aberto, salto de oito centímetros. Ela havia pintado as unhas da mão e dos pés em um tom opaco de bom gosto. Batom fúcsia forte e cabelo loiríssimo e o irradiar inconfundível de Marilyn saindo da pele anormalmente pálida como reboco pintado de branco sob o calor tropical. Ainda assim, aqueles homens a reprovavam como mulher, como indivíduo e como um *fato* histórico. Ela esperava que não acabasse fazendo algum movimento errado e eles sacassem suas armas e atirassem nela.

Quanto desconforto a Atriz Loira sentia, no trigésimo sexto ano de sua via, no auge enquanto celebridade, causado por homens que a olhavam sem desejo. *Ah, mas por quê? Quando eu poderia amar vocês tanto.*

Dick Tracy estava contando para a Atriz Loira, sem contato visual e um sorrisinho presunçoso satisfeito, que os planos do Presidente haviam sido alterados de súbito e, conseqüentemente, os dela também. Houve uma emergência que o chamara de volta à Casa Branca, e ele retornaria naquela mesma tarde. No fim das contas, ele acabaria não pernoitando em Nova York.

— Sua passagem de avião, madame, para seu retorno a Los Angeles na noite de hoje. Você tomará um táxi do hotel para LaGuardia, madame.

Por cima de um zumbido forte nos ouvidos, a Atriz Loira conseguiu pensar com clareza surpreendente, em autoconsolo: *Meu amante não é um cidadão comum, ele é uma figura da História.* Murmurou apenas:

— Ah. Entendo. — Ela não conseguia esconder que estava surpresa, ferida. Desapontada. A Garota era simplesmente humana, não era? Mas se negando a perguntar qual era a emergência para não dar a Dick Tracy a satisfação de dizer que era confidencial.

A limusine entrou em uma rua lateral. Dirigiu-se ao Central Park. Ela ouviu uma voz infantil perguntar:

— Eu a-acho que você não pode me contar o que é? A emergência? Espero que não seja uma guerra n-nuclear! Algo ruim na União Soviética!

E Dick Tracy respondeu, como se estivesse seguindo a deixa, embora falasse baixo e sem se gabar:

— Srta. Monroe. Sinto muito. Isso é informação confidencial.

Outra decepção: a limusine parou não na frente do famoso Hotel C na Quinta Avenida, mas em uma entrada dos fundos, um beco estreito atrás do maciço edifício de referência. A Atriz Loira recebeu uma capa de chuva para cobrir as roupas, uma capa preta barata, plástica e amassada com um capuz para esconder o chapéu *clochê* e o cabelo; ela estava furiosa, mas obedeceu, pois isso estava se tornando um tipo familiar de cena de filme, uma comédia absurda, cujas cenas não duram mais do que poucos minutos. Ah, como ansiava por escapar daqueles homens frios e se aconchegar nos braços de seu amante! A seguir, Jiggs ousou lhe dar um lenço, pedindo que ela, por favor, removesse a “graxa vermelha” da boca, mas ela estava indignada e se recusou. E ele insistiu:

— Madame, a senhora pode colocar de volta lá dentro. O quanto quiser.

— Eu não farei isso — respondeu ela. — Me deixem sair deste carro. — Ela de fato sacou da bolsa óculos muito escuros que escondiam metade do rosto.

Jiggs e Dick Tracy se consultaram em resmungos e deviam ter julgado que ela estava coberta o bastante para atravessar uma distância de uns cinco metros, pois destrancaram as portas da limusine e com cuidado escoltaram a Atriz Loira em sua absurda capa de chuva por uma entrada dos fundos, atravessando uma rajada de odores rançosos e quentes de cozinha, e, logo ao entrar, ela foi guiada para o elevador de carga para ser levada de forma lenta e cuidadosa ao décimo sexto andar, a cobertura, então a porta se abriu e ela foi tirada do elevador, às pressas.

— Srta. Monroe, madame. Um passo à frente, madame.

— Eu consigo caminhar sozinha, muito obrigada. Não sou aleijada. — Apesar de estar tropeçando um pouco nos saltos. Eram italianos, os sapatos mais caros que já tivera, com o bico aberto, em forma de V, revelando os dedos.

Os homens do Serviço Secreto bateram à porta da suíte literalmente presidencial. A Atriz Loira foi tomada com uma súbita inquietude. *Eu sou carne de mulher, a ser entregue? É isso que está acontecendo? Serviço de quarto?* Mas ela havia tirado a capa de chuva e a devolvido a sua escolta; a cena de comédia escrachada havia acabado. A porta foi aberta por outro guarda do Serviço Secreto de rosto congelado, que os permitiu entrar com

não mais do que um movimento de cabeça curto para a Atriz Loira e um murmúrio carregado:

— Madame!

Deste momento em diante, a cena se moveria em um zigue-zague, como se a câmera estivesse sendo empurrada. A Atriz Loira foi autorizada a usar o banheiro:

— Caso queira se refrescar, srta. Monroe.

No cubículo dourado e marfim, ela conferiu a maquiagem, que estava se mantendo muito bem, e seus olhos, os olhos grandes e francos em maravilhamento, azuis e cristalinos, a parte branca ainda colorida de uma miríade de capilares rompidos que demoravam a sarar, e as ligeiras linhas brancas ao lado, que ela esperava que uma luz mais suave de quarto não fosse expor ao escrutínio de seu amante. O Presidente completaria 45 anos em 29 de maio de 1962; a Atriz Loira, 36 em 1º de junho de 1962; estava um pouco velha demais para ele, mas talvez ele não soubesse? Pois Marilyn de fato estava bem! Aparência boa o suficiente para seu papel! Perfumada, preparada e arrumada e o corpo depilado e o cabelo tanto na cabeça quanto no púbis recentemente descoloridos, a odiosa pasta roxa ardendo na pele sensível, então ela estava com a aparência que o papel requeria, a Marilyn boneca platinada, a amante secreta do Presidente. (Apesar de ter passado alguns maus bocados no avião. Vomitando no vaso em miniatura no lavabo em miniatura mesmo sem ter conseguido comer nas últimas 24 horas. Precisando consertar a maquiagem com a mão trêmula enquanto se olhava em um espelho mal-iluminado.) Sim, ela teve que admitir que estava “se sentindo um pouco triste” de ouvir de forma tão grosseira que o encontro com o Presidente seria truncado; o *rendez-vous* era para durar uma noite e um dia inteiro. A Atriz Loira engoliu um comprimido de Miltown (Meprohamato) para os nervos; e, para dar energia e coragem, uma Benzedrina. Usou o vaso e se lavou entre as pernas (em Palm Springs, o Presidente lhe havia beijado com generosidade ali, como em todos os lugares de seu corpo); ela não notaria, em uma cesta de lixo ao lado do vaso, chumaços de papel higiênico não diferentes do que ela estava largando na cesta, lenços manchados com um batom cor de ameixa. *Não! Não notaria.*

— Por aqui, madame. — Um oficial do Serviço Secreto que ela não tinha visto, com dentes superiores tão proeminentes quanto os do Pernalonga e

um pouco da leveza do passo do personagem de desenho animado, a acompanhou por um corredor. — Aqui dentro, madame.

Sem fôlego, então, a Atriz Loira se viu entrando em um quarto espaçoso, mas pouco iluminado, como alguém entraria em um palco mal-iluminado cujas dimensões estão perdidas além da sombra. O quarto era tão grande quanto sua sala de estar em Brentwood e mobiliado no que seus olhos pouco treinados imaginavam ser antiguidades francesas autênticas. Algum tipo de antiguidade, ao menos. Quanto luxo! Quanto romance! No chão, um tapete oriental grosso. As cortinas de brocado pesado de diversas janelas altas e estreitas estavam fechadas contra a luz ácida do sol de abril em Manhattan, assim como as próprias cortinas de seu quarto estavam fechadas contra o sol mais quente do sul da Califórnia. Havia uma mistura de odores no recinto, fumaça de tabaco, torrada queimada, roupas de cama sujas, corpos. Na cama de dossel com quatro postes, lá estava o Presidente nu; o telefone descansando em seu peito enquanto falava rápido no receptor; entre roupas de cama amontoadas e travesseiros bagunçados, ele estava deitado, o rosto de príncipe carrancudo e corado e tão belo! Como qualquer Primeira-Dama poderia ser fria com *ele*? Entrando em um palco com apenas um coator companheiro com quem interpretaria a cena. As dimensões do palco, assim como a da vasta audiência murmurante, impossível saber. *Eu entrei para a História!*

Mas era uma cena que já havia iniciado. Ao lado do Presidente, fora da cama, havia uma bandeja de prata com pratos de porcelana chinesa sujos com gema de ovo coagulada e cascas queimadas de torrada, xícaras de café, taças e uma garrafa vazia de Borgonha. O Presidente, um cacho de cabelo castanho-agrisalhando caído sobre o olho. O belo corpo másculo coberto em uma penugem fina marrom reluzente que ficava mais grossa no torso e nas pernas; era quase como se ele usasse um colete. Páginas de *The New York Times* e *The Washington Post* estavam espalhadas pela cama *king size* e, mal-equilibrada contra um travesseiro na vertical, havia uma garrafa de uísque Black & White. Ao ver a Atriz Loira fazer sua entrada, uma visão de tons em creme e um sorriso fúcsia radiante, o Presidente engoliu em seco, sorriu ansioso e gesticulou para que se aproximasse, mesmo com o receptor no ouvido. O pênis flácido também se agitou em um reconhecimento de sua beleza, entre o emaranhado de pelos ouriçados, como uma grande lesma

afável que ficaria maior. Aquilo sim era uma recepção digna de uma peregrinação de quase cinco mil quilômetros!

— *Pronto. Olá.*

A Atriz Loira tirando o chapéu *clochê* e soltando os volumosos cabelos finos platinados, riu com alegria. Ah, isso sim era uma cena! Ela sentiu seu nervosismo se esvaír, a ansiedade. Se havia plateia, a plateia estava invisível; o palco flutuava na escuridão; o holofote estava nela e no Presidente, exclusivamente. O que a surpreendeu foi o tom: pois aquele era um encontro engraçado, bem-humorado, relaxado, um encontro de tamanha tranquilidade erótica que levaria um observador neutro a acreditar que o Presidente e a Atriz Loira haviam se encontrado muitas vezes em *rendez-vous* como aquele, haviam sido amantes por muitos anos. A Atriz Loira, que sentia tão pouco desejo sexual, habitante de seu corpo voluptuoso feito uma criança enfiada em um manequim, encarou o Presidente em maravilhamento. *O homem mais atraente que já amei! Exceto por Carlo, talvez.* Ela teria se debruçado nele com graça para beijar o Presidente em saudação, exceto que ele estava com o maldito receptor do lado da boca, murmurando:

— Aham. Sim. Entendi. Ok. Merda.

Ele gesticulou para que ela se sentasse ao lado dele na cama, e ela obedeceu; ele a abraçou de forma brincalhona com uma musculosa perna nua e a mão livre, acariciou seu cabelo e seus ombros e seios, a curva bem-formada de seus quadris, com a expressão de um garoto adolescente fascinado. Ele sussurrou, parecendo sentir um pouco de dor:

— Marilyn. Você. O-*lá*.

— O-*lá*. — Ela sussurrou.

— Como estou feliz em ver você, *baby* — sussurrou ele, em um gemido abafado. — Está sendo um dia dos infernos.

Ela disse com uma urgência calorosa e ofegante que tinha certeza de que a Primeira-Dama com sua pose aristocrática não conseguiria imitar:

— Ah, céus! Eles me contaram, querido. Como posso ajudar?

Com um sorriso escancarado, o Presidente tomou a mão dela que acariciava sua barba por fazer e a colocou em seu pênis agora ereto; aquilo foi abrupto, mas não inesperado; em Palm Springs, ela se chocara um pouco com a ousadia do homem, porém, havia tanto conforto na intimidade tão

imediate, não havia?; eliminava-se tanto e a recompensa era tanta e tão rápida. Entrando no jogo, a Atriz Loira começou a acariciar o pênis do Presidente, como alguém faria com um animal de estimação encantador, mas rebelde, sob supervisão do dono orgulhoso. No entanto, para sua irritação, o Presidente não desligou o telefone.

A conversa não apenas continuou, mas mudou para outro grau de seriedade; outra pessoa devia ter entrado na linha, com mais urgência, um conselheiro da Casa Branca, ou membro do gabinete (Rusk? McNamara?). O assunto parecia ser Cuba. Castro, o glamoroso rival cubano do Presidente! A Atriz Loira sentiu a empolgação do desafio, apesar de não saber os fatos ainda. Ela se lembrou do belo revolucionário cubano barbudo na capa da revista *Time* uma década antes; na memória recente, Castro havia sido um herói nos Estados Unidos em muitas partes. É claro, sua imagem havia mudado radicalmente e ele se tornara um dos inimigos comunistas. E apenas a cerca de 150 quilômetros de território americano. Tanto o Presidente jovial quanto Castro ainda mais jovem eram atores de uma forma romântica e heroica; ambos eram supostos “homens do povo”, vãos e exibidos e impiedosos com inimigos políticos, idealizados por seguidores, que perdoariam qualquer coisa; o primeiro, o Presidente americano, determinado a proteger a “democracia” no mundo todo; o outro, o ditador cubano, comprometido àquela forma extrema de democracia política e econômica chamada comunismo, que era na verdade o totalitarismo. Ambos eram de família rica, mas se alinhariam publicamente, a sua maneira, com o “povo”; um criticaria com eloquência as “conexões corporativas do Partido Republicano”, e o outro lideraria uma revolta sangrenta contra o capitalismo, inclusive o capitalismo americano. Era parte da fábula de Castro que o cubano arrojado em roupas militares e coturnos desdenhasse de medidas de segurança, apesar de estar sob ameaça constante de assassinato. Castro enganava os guarda-costas para se misturar às “massas” que o adoravam. O Presidente americano desejava ser tão corajoso, ou ao menos ser percebido assim! Ambos os homens haviam sido criados cristãos e educados por jesuítas e podem ter sido influenciados desde a infância com o ideal jesuíta de estar acima não da lei de Deus, mas da do homem, e se Deus não existir, quem dá a mínima para a lei do homem?

O belo rosto do Presidente ficou feio. O Presidente xingou Castro de uma forma chocante para a Atriz Loira: será que ela, uma cidadã comum, apesar de eleitora leal dos democratas, deveria ser testemunha de tais observações? Ou será que em parte era justamente para que ela ouvisse? A cena pulsava de energia sexual. A Atriz Loira havia gradualmente parado de acariciar o Presidente ao se dar conta de que ele estava distraído, sequer pensando nela. *Está pensando em Castro. Seu rival.* Com desalento, notou os pratos sujos, as manchas de batom ameixa em um travesseiro. Começou a organizar bruscamente as coisas. *Marilyn era a June Allyson das beldades.* Ela recolheu a bandeja, sem querer examinar de perto a taça de vinho. Levou a garrafa de uísque para a mesinha de cabeceira e antes de notar o que estava fazendo, apesar da cabeça estar zunindo da combinação de Dom Pérignon e suas medicações, ela tomou um gole do uísque. Como descia ardendo! Ela odiou o sabor. Tossiu, cuspiu. Tomou um segundo gole.

Passavam das três da tarde...! O Presidente deixaria o encontro deles em breve. Quão em breve, a Atriz Loira não sabia. Ainda assim, a conversa continuava. A Atriz Loira pescou pelo que entreouvira que os russos e os cubanos estavam conspirando juntos.

— Retaliação pela Baía dos Porcos, é? É o que vamos ver!

A Atriz Loira começou a tremer internamente, pois o Presidente estava falando de... mísseis nucleares? Mísseis soviéticos? Em Cuba? Ela quis tapar os ouvidos. Não queria bisbilhotar; não queria arriscar a raiva do Presidente; conseguia ver que o Presidente era tão esquentado quanto o Ex-Atleta e de um tipo masculino parecido. Raiva o excitava sexualmente, e então raiva era prazer para ele. Ele notou que ela encarava o pênis em pêndulo como uma cabeça furiosa, e disse:

— *Baby. Vamos lá.* — O Presidente agarrou seu cabelo. Ele a puxou na direção dele para beijá-la de forma brusca, mesmo ainda segurando o receptor do telefone com prática entre o pescoço e o ombro. Do interior plástico do receptor, uma vozinha masculina zumbia. O Presidente sussurrou: — Não seja tímida. — Como em uma cena de filme ensaiada às pressas, a Atriz Loira o beijou e acariciou e alisou seu cabelo, sabendo o que se esperava que ela fizesse, o que o roteiro demandava dela, mas resistindo. — *Baby...?*

Com gentileza de início, mas com a segurança de um homem acostumado a conseguir o que queria, o Presidente pegou a Atriz Loira pela nuca, guiando-a para a virilha. *Eu não vou. Não sou uma puta chamada pelo telefone. Eu sou...* — Na verdade, ela era Norma Jeane, confusa e assustada. Não conseguia se lembrar de como havia chegado àquele lugar, quem a havia levado. Havia sido Marilyn? Mas por que Marilyn fazia coisas assim? O que Marilyn queria? Ou era uma cena de filme? Um filme erótico? Ela havia recusado todas as ofertas, mas era possível que fosse 1948 de novo e estivesse desempregada, largada pelo Estúdio. Ela fechou os olhos, tentando visualizar o próprio quarto de hotel em que se encontrava, um quarto de luxo, ela estava interpretando o papel de uma atriz loira famosa encontrando o belo rapaz líder do mundo livre, o Presidente dos Estados Unidos da América, para um *rendez-vous* romântico. A Garota do Apartamento de Cima em um inócuo filme erótico, só uma vez, por que não? Ela se atrapalhou e tomou um gole de uísque da garrafa outra vez, e o Presidente cedeu, lhe permitindo um drinque. O líquido ardente queimou, mas reconfortou.

Qualquer cena (desde que seja cena e não a vida) pode ser interpretada. Pode ser interpretada bem ou mal. E não vai durar mais do que alguns minutos.

Nenhuma discussão! Esses amantes nunca discutiam.

Lá estava Atriz Loira, emaranhada nua nos membros nus de um homem. Podia respirar agora. Havia conseguido superar uma poderosa onda de náusea. Estivera morrendo de medo de vomitar, tivera ânsia de vômito e não havia sensação pior do que aquela: ânsia de vômito na cama, de todos os lugares! *Nos braços daquele homem.* Ela se desculpou por engasgar e tossir, mas não parecia conseguir parar. Engolir o sêmen de um homem é uma honra que se concede a ele, mas será que havia algo mais nojento?; sim, mas se você ama o macho, o homem, não deveria fazer isso? Amar seu pau, seu sêmen? Sua mandíbula doía e a nuca onde ele a havia segurado, com tanta força no final, com pinotes de quadril que ela se apavorou com medo de que ele quebrasse seu pescoço. *Safada. Sua vadia safada. Ah, Baby. Você é fantás-ti-ca.* Em filmes eróticos, as cenas são montadas de qualquer jeito, ninguém se importa muito com continuidade ou lógica narrativa, mas na vida de fato uma cena sexual pode mudar de modo com bastante

naturalidade, e agora que a conversa telefônica com a Casa Branca havia terminado, que o receptor estava de volta no gancho, que o Presidente poderia falar com a Atriz Loira, havia certa expectativa da parte dela de que ele de fato fosse falar com ela, mas ele não falou, simplesmente ficou deitado ofegante, um braço descansando sobre a testa suada, e ela se ouviu dizer, em desespero por uma fala, qualquer fala, já que estava sem roteiro:

— C-Castro? Ele é um ditador? Mas, *Pronto*, será que o povo cubano deveria ser punido? Este embargo? Ah, meu Deus, isso não vai fazer com que nos odeiem mais? E então...

Aquelas palavras alarmantes, murmuradas na ruptura sísmica da cama *king size*, perderam-se entre os lençóis e os travesseiros revirados; o Presidente não deu sinal de reconhecê-las mais do que teria reconhecido o ruído no encanamento antigo em uma parte da suíte, uma descarga. Desde seu clímax agitado, o Presidente não havia tocado na Atriz Loira; o pênis estava caído flácido e gasto no meio dos pelos da virilha, como uma lesma envelhecida; seu rosto havia assumido o tom de maturidade pesarosa; ele não era mais um garoto americano, mas um patriarca aristocrático; mas, já que ele continuaria nu, ela continuaria sendo a Garota.

Ela tentou falar de novo, possivelmente se desculpar por oferecer sua opinião desinformada, ou talvez em um gesto coquete de Garota, ela quis reiterá-la, e se deparou consigo, na escadaria, caindo de súbito. Ou talvez ele estivesse pressionando a traqueia. Uma palma da mão salgada sobre sua boca e um cotovelo contra o pescoço. Estava fraca demais para protestar. Perdeu a consciência e foi despertada um tempo depois (ela imaginou talvez uns vinte minutos, uma parte dos fluidos grudentos na roupa de cama havia coagulado) com outro homem, um estranho, montando-a com vigor; um homem às pressas, como um jóquei sobre a potranca; um homem de camisa branca cheirando a goma; um homem nu da cintura para baixo, o pênis investindo cegamente nela, e dentro dela, no talho entre suas pernas, no vazio dolorido entre as pernas, e ela o empurrou sem força, tentando dizer “*Não! Não, por favor! Não é justo*”. Ela amava o Presidente e nenhum outro homem, isso era um uso injusto de seu amor. Um homem dando estocadas nelas, que nem conseguia acordar e (seria o Presidente já arrumado agora?) metendo nela com o ar teimoso e inexplicável de um homem chutando areia dura.

Então um tempo se passou, e alguém estava tentando reanimá-la. Chacoalhando-a. Sua cabeça despencava sobre os ombros. Olhos injetados de sangue voltados para dentro no crânio. Na distância próxima, a voz de seu amante fria com fúria: “Pelo amor de Deus, tirem essa mulher daqui”.

Mais tempo se passou. Um relóginho de cabeceira ornamentado badalava 16h30. Vozes escutadas acima:

— Srta. Monroe. Por aqui. Madame, precisa de ajuda?

Não, ela não precisava! Que diabo, ela estava bem. Trôpega nos pés descalços, e vestida de qualquer jeito, mas estava bem, um pouco tonta, mas afastou mãos indesejadas de si. No banheiro dourado e marmorizado. Com o espelho fuzilando luz que feria seus olhos. Lá estava a Amiga Mágica, pálida e exausta, uma crosta de vômito ao redor dos lábios. Ela se inclinou para passar água no rosto e começou a desmaiar, mas a água fria lhe trouxe de volta à vida, e ela conseguiu fazer xixi no vaso, um xixi escaldante e ardente, ela soluçou de dor tão alto que veio uma batida rápida à porta.

— Madame?

E às pressas ela respondeu que não, não, ela estava bem, não entre, não, por favor.

A fechadura havia sido removida da porta, e por quê?

Na bancada, estavam a bolsa e a malinha para o pernoite. Com mãos trêmulas, ela tirou as roupas manchadas nas quais havia se digladiado para entrar, pensando que eles a largariam direto na rua e colocou um vestido de seda, em um vistoso púrpura real, no tom do que a Atriz Morena da Carolina do Norte havia usado com tanto estilo. Ela não se daria ao trabalho de colocar meia-calça. Deveria ter deixado a cinta-liga no quarto. Desde que estivesse usando os sapatos italianos caros de dedos de fora, que fosse tudo para inferno. Meteu maquiagem, esfregou o batom fúcsia brilhante na boca inchada, revirou tudo atrás de seu chapéu *cloché* e o colocou para esconder o cabelo opaco. Uma garota burra como Sugar Kane merece apanhar. Conforme ela deixava a suíte por uma entrada lateral, com Dick Tracy à esquerda e Pernalonga à direita, ambos a segurando pelo braço, ela conseguiu espiar por entre uma porta parcialmente aberta, o Presidente! — Seu amante! — Ela tivera motivos para acreditar que ele já havia deixado a suíte. Ele estava usando um terno risca de giz belamente cortado, uma camisa branca e uma gravada xadrez prateada; seu rosto estava recém-

barbeado e o cabelo, úmido do banho; ele falava e ria com a moça ruiva no que parecia ser culote; não é assim que se chamam calça de equitação? Culote. O Presidente e a ruiva falavam com um idêntico sotaque de Boston, as mandíbulas travadas, o coração dela batia com força. Ah, ela não estava com ciúmes! A garota poderia ser parente dele, uma amiga da família. Ela chamou delicadamente:

— Ah, com licença? — Querendo entrar no quarto para se despedir do Presidente e ser apresentada à moça ruiva, mas Dick Tracy e Pernalonga a puxaram com tamanha violência que ela teve medo de que arrancassem seus braços.

O Presidente a encarava. Seu rosto com um rubor de raiva da cor de bife mal-passado. Ele marchou até lá e bateu a porta na cara dela.

Ela tentou se defender de seus captores. Um deles a sacudiu, e o outro lhe deu um tapa, e sua boca começou a sangrar.

— Ah! Meu vestido novo.

Foi Dick Tracy com sua careta de queixo reto:

— Calma, madame. Isso é a graxa vermelha da sua boca.

Ela começou a chorar. O sangue escorria por entre os dedos. Um deles pressionou nela, com nojo, um pedaço de papel higiênico. Eles a levavam depressa por um corredor. Ela estava chorando, ameaçando que contaria como a haviam tratado, ela contaria ao Presidente, o Presidente os demitiria, e lá veio Jiggs de rosto macilento com olhos agora fixos nela, não mais vazios e sem pupilas, alertando-a, em uma voz cruel:

— Ninguém ameaça o Presidente dos Estados Unidos da América, senhora. Isso é traição.

Ela despertaria quando o avião aterrissasse no Aeroporto Internacional de Los Angeles. Seu primeiro pensamento foi: *Ao menos eles não atiraram em mim. Ao menos.*

Histórias de Whitey

No espelho, Whitey chorava!

Ela gaguejou:

— Whitey, o que... O que foi?

Cheio de culpa, sabendo que deveria ser de pena dela. Seu maquiador chorava de pena dela.

Estava tarde. Uma manhã de abril, a não ser que fosse maio. Na terceira semana de filmagem. Não: deveria ser mais tarde, uma semana ou duas depois. De início, ela havia acreditado que era seu dia de folga, e então se deu conta do erro quando o intrépido Whitey chegou às 7h30 e ficou de prontidão, como evidentemente estava planejado. Nico, o massagista, havia partido não fazia muito. Uma coincidência, ou talvez não uma coincidência já que ambos eram de gêmeos; Nico o massagista tinha insônia também. Nico à noite, Whitey no alvorecer. Ela nunca imploraria a eles “Não conte meus segredos, ah, por favor?” Eles a viam pelada, não nua.

Agora Whitey estava chorando, ah, por quê?

Ah, a culpa era dela — era? Ela sabia.

Estava tarde! Sempre estava tarde. Ela sabia sem ter que espreitar o relógio que estava tarde. Apesar das cortinas fechadas, rigorosamente rente às janelas, toda a luz do céu banida. Ela gritaria de agonia se, tendo enfim pegado no mais próximo que poderia do sono, tivesse que aguentar o menor fio de luz solar entrando no quarto, perfurando as pálpebras como agulhas e a trazendo de volta ao despertar das batidas fortes do coração. Nico se atrapalhava no escuro, de boa natureza, talvez um pouco desajeitado às vezes; Whitey, cuja chegada significava o fim da noite, era obrigado a

acender uma lâmpada de baixa voltagem na luminária na mesinha de cabeceira e receber permissão de sua senhora para fazê-lo. Em manhãs extremas, Whitey levava seu kit para a cama e começava as preliminares com gentileza (adstringente de limpeza profunda, óleos e hidratante) enquanto ela ficava deitada, olhos fechados, flutuando em uma sombra de sonhos. Mas essa não havia sido uma das manhãs ruins, havia?

No entanto, Whitey chorava. Embora com estoicidade, como um homem chorará; tentando não soluçar ou fazer caretas, apenas lágrimas escorrendo pelas bochechas e denunciando seu pesar.

— Whitey? O que f-foi?

— Srta. Monroe, por favor. Eu não estou chorando.

— Ah, Whitey, isso é... mentira. Você está chorando, sim.

— Não, srta. Monroe, eu *não* estou.

Whitey, tão teimoso. Whitey, o intrépido maquiador. Quanto tempo antes naquela manhã ele havia começado seu procedimento, ela não conseguia se lembrar claramente, sabendo apenas que deveria ter sido no mínimo duas horas, pois ela havia consumido seis xícaras de café preto quente e doce com um analgésico e um pouco de gim (um hábito que adquiriu na Inglaterra durante a filmagem de outro filme mal-agourado), e o próprio Whitey havia consumido um quarto de garrafa de suco de toranja sem açúcar (bebeu no estilo Whitey, direto da garrafa, o pomo de Adão subindo e descendo). Whitey, que nunca diria a sua patroa: “Srta. Monroe, o que houve com a senhorita desde sua viagem para Nova York em abril, ah, o que houve?!”. Whitey tão taciturno com os outros e consigo.

Os dedos hábeis de Whitey e cotonetes inundados com adstringente. Seus óleos suavizadores, seus modeladores de cílios e pinças e pequenos pincéis e lápis coloridos, suas pastas, seus rugos e pós fazendo sua arte, ou quase. Naquela manhã, ele vinha trabalhando por horas e conseguira trazer apenas parcialmente MARILYN MONROE ao espelho. Ah, manhãs de tanto mau agouro que ela não poderia deixar a casa, ela não ousava deixar a segurança de seu quarto até MARILYN MONROE estar presente. Ela não exigia uma MARILYN MONROE perfeita, mas uma MARILYN MONROE respeitável e reconhecível. Um indivíduo que não fosse ouvir de qualquer testemunha surpresa na rua, no Estúdio, ou no set: “Ah, meu Deus, aquela ali é Marilyn Monroe? Eu não tinha reconhecido!”. A Atriz estava com uma febre de 38

graus, uma infecção viral. Sua cabeça parecia cheia de hélio. Tantos medicamentos poderosos, e a febre ainda continuava. Talvez ela estivesse com malária? Talvez tivesse contraído uma doença rara do Presidente? (Talvez estivesse grávida?) Um de seus médicos de Brentwood disse que ela deveria ser hospitalizada, o número de glóbulos brancos estava baixo, então ela parou de vê-lo. Ela preferia psiquiatras que nunca a examinavam, mas prescreviam comprimidos: a interpretação deles para seu problema era teórica, freudiana. O que quer dizer mítica, lendária. “Nenhuma pessoa bonita como você, srta. Monroe, tem motivo para ser infeliz. E talentosa, também. Eu acho que você sabe disso, sim?” Dois dias na semana anterior e três dias seguidos naquela semana, Whitey havia ligado para o Estúdio para informar a C, o diretor, que a srta. Monroe estava doente e não poderia ir trabalhar; em outros dias, ela chegava horas atrasada, tossindo, com olhos avermelhados e nariz escorrendo, ou, surpreendentemente, como a beldade luminosa MARILYN MONROE.

A mera visão de MARILYN MONROE chegando ao estúdio fazia a equipe de produção explodir em vivas e aplausos aliviados às vezes. Nos últimos tempos, silêncio sepulcral.

C, o celebrado picareta de Hollywood. C, que detestava e temia MARILYN MONROE. C, que havia aceitado o projeto com plena consciência do que poderia estar à frente, mas que precisava do trabalho, do dinheiro. Ela afirmaria com certa razão que C a punia ao mudar as cenas continuamente, arrancando trechos inteiros do roteiro banal e vulgar de *Something's Got to Give* e encomendando revisões de um dia para o outro. Cada vez que MARILYN MONROE estava pronta para uma cena, era recebida com diálogos novos. O nome de sua personagem havia sido alterado de Roxanne para Phyllis para Queenie para Roxanne. Ela dissera a C com uma risadinha estilo Marilyn (porque na época eles ainda estavam se falando):

— Ah, céus! Que diabo, sabe com o que isso se parece muito? A vida.

Naquela manhã, no espelho, MARILYN apareceu apenas para se retirar de imediato como uma provocação de criança. Ela emergiu e se retraiu. Pairou e fugiu. Em algum lugar nas profundezas vítreas do espelho ela residia e tinha que ser aliciada para sair. A amiga de Norma Jeane, a Amiga Mágica do Espelho, que um dia ela adorara, mas em quem agora sabia que não podia confiar. Tampouco o pobre Whitey podia. Whitey, que era muito mais

paciente do que Norma Jeane e mais difícil de se intimidar. Pois de súbito, enquanto Whitey pintava os cílios, poderia aparecer, MARILYN manhosa, os olhos azuis cristalinos irradiando vida; ela piscava e ria dos dois; ainda que minutos depois, passado um acesso de tosse, os olhos de MARILYN houvessem desaparecido, e no seu lugar, ficasse Norma Jeane com desânimo e autodesprezo no olhar, dizendo:

— Ah, Whitey, vamos desistir.

Whitey ignorava observações assim, não eram dignas dela, nem dele.

Sempre, Norma Jeane segurava a voz para que não entregasse seu desespero. Era o mínimo que ela podia fazer por Whitey, que a adorava.

Pobre Whitey havia ganhado peso e perdido o viço e a cor da pele e o cabelo ao longo do tempo de serviço para MARILYN MONROE. Seu corpo andrógino estava grande e com formato suave de pera, e sua cabeça, uma bela cabeça com traços nobres, estava desproporcionalmente pequena, cravada sobre maciços ombros caídos. Seus olhos haviam começado a lembrar os de sua senhora, os olhos de uma criança envelhecida. Um dos membros da tribo dos ogros, ele era orgulhoso, teimoso e leal. Se às vezes tropeçava no chão bagunçado do quarto (cheio de roupas jogadas, toalhas, pratos de papel, potes de comida, livros e jornais, além de roteiros indesejados enviados por seu agente, como destroços em uma praia depois de uma tempestade), ela poderia ouvi-lo xingar baixinho, como uma pessoa normal faria, mas ele nunca a repreenderia e, acreditava ela, não a julgava. (Norma Jeane havia aos poucos se cansado de limpar a bagunça de Marilyn. Seus hábitos bagunçados eram tão claramente falhas de caráter, irremediáveis! O Estúdio havia conseguido uma diarista para cuidar da casa da srta. Monroe, e da srta. Monroe, o investimento, mas Norma Jeane pediu que a mulher não fosse mais do que uma vez por semana. “Pode ficar com o salário completo. Mas eu preciso de um tempo sozinha.” Ela havia pegado a mulher mexendo nos closets e gavetas, lendo o diário dela, examinando a rosa prateada sobre o piano.) Whitey era seu amigo, mais querido que o noturno Nico. Ela estava deixando uma surpresa para Whitey em seu testamento: uma porcentagem dos royalties futuros dos filmes de Monroe, se houvesse royalties no futuro.

Ainda assim, Whitey piscava as lágrimas dos olhos. A imagem dele a chateava.

— Whitey, o que houve? Por favor, me diga.

— Srta. Monroe. Olhe para o teto, por favor.

O teimoso Whitey se inclinou sobre seu trabalho, testa franzida. Aplicando lápis castanho-escuro em suas pálpebras, com uma ponta traiçoeiramente afiada; pintando os cílios curvados com rímel. Seu hálito tinha um cheiro frutado e quente, como o de um bebê. Quando enfim terminou o trabalho doloroso, ele se aprumou e tirou os olhos do espelho.

— Srta. Monroe, desculpe minha fraqueza. É só que minha gata, Marigold, morreu noite passada.

— Ah, Whitey. Eu sinto muito. Marigold?

— Ela tinha dezessete anos, srta. Monroe. Velha para uma gata, eu sei, mas nunca pareceu velha! Ficou em meus braços até quase a hora em que morreu. Uma linda gata tricolor de pelo sedoso, uma gata de rua que veio à minha porta dos fundos de casa anos atrás, sem mãe, abandonada e morrendo de fome. Marigold dormia no meu peito na maioria das noites e era minha companheira sempre que eu estava em casa. Ela era tão doce e amorosa, srta. Monroe. Ronronava tão alto! Eu não sei como conseguirei viver sem ela.

O discurso longo de Whitey, que raramente dizia mais que poucas palavras e ainda assim em voz baixa, surpreendeu Norma Jeane. Na maquiagem de MARILYN e do cabelo loiro-platinado, ela se sentiu atingida por vergonha. Ela poderia ter apertado as mãos de Whitey, se, escondendo seu rosto lacrimoso, ele não tivesse se afastado. Ele gaguejou:

— Ela morreu de forma tão s-súbita, sabe? E agora se foi. Não consigo acreditar. E quase exatamente um ano depois da minha mãe.

Norma Jeane encarou o rosto de Whitey no espelho. Ela também estava surpresa ao reagir. Mãe? A mãe de Whitey? Ela não soubera que a mãe de Whitey havia morrido; não soube que Whitey tinha mãe. Norma Jeane era quem se orgulhava de conhecer e se preocupar com seus assistentes. Ela se lembrava dos aniversários, dava presentes e ouvia as histórias. As histórias que eram de pouco significado no mundo público eram muito mais significativas para ela do que suas próprias, que ganhavam proporção exagerada naquele mundo. Como responder ao luto de Whitey? Obviamente, a morte de Marigold era a mais clara em seus pensamentos; era com Marigold que ele dormia, e por Marigold que ele chorava; ainda assim, Norma Jeane tinha que falar da mãe dele, não tinha? Que estranho Whitey nunca ter mencionado a morte da mãe na época. Nenhuma palavra. Nem

pista! Ele nunca sequer havia mencionado a mãe à Norma Jeane. Comerisar ambas as perdas agora seria trivializar a perda da mãe.

Porém, era a morte de Marigold que fazia Whitey chorar.

Enfim, Norma Jeane disse, de forma ambígua:

— Ah, Whitey. Eu sinto muito. — Teria que funcionar para as duas.

— Srta. Monroe — disse Whitey —, eu prometo que não vai se repetir.

Ele enxugou o rosto e voltou ao trabalho. Whitey convocaria uma MARILYN MONROE estonteante e com ar jovem, que chegaria ao estúdio do malfadado *Something's Got to Give* com diversas horas de atraso, mas chegaria! À medida que ele terminava seu procedimento, Norma Jeane pensou com inquietude: *Mas isso já era uma história. Uma história russa. Um motorista de carruagem começa a chorar, seu filho morreu e ninguém vai ouvir? Ah, por que não consigo me lembrar?! Era assustador a ela que, desde que seu amante furioso havia batido a porta na sua cara, ela estava esquecendo tanto.*

Outra história de Whitey. Um dia, ele estava fazendo um tratamento de pele em sua patroa no camarim no Estúdio. Uma máscara de argila com fedor nojento de lama e água de vala, mas ela gostava do cheiro, harmonizava com Norma Jeane. A sensação do secar e endurecer do creme de argila era pacífica para ela, hipnótica e consoladora. Ela estava deitada em um divã forrado de toalhas, seus olhos cobertos por algodões úmidos. Naquele dia, ela havia sido levado ao Estúdio grogue e sedada. Entregue à equipe de assistentes como uma inválida, uma MARILYN MONROE na verdade recém-saída do Hospital Cedros do Líbano (infecção urinária, pneumonia, exaustão, anemia?). E naquele dia no Estúdio, ela deveria fazer ensaios de fotos publicitárias exclusivamente, sem falar, sem atuar, sem motivo para ansiedade, e então havia deitado enquanto Whitey aplicava a máscara de argila e pegou rápido no sono como alguém privado de seus sentidos *a garota que vê demais e um corvo vem e arranca seus olhos a bicadas, uma garotinha que ouve demais e um peixe grande caminhando com as barbatanas vem e come suas orelhas*, e depois de um tempo, ela acordou e se sentou ereta, empolgada e confusa, e removeu os algodões dos olhos e se viu no espelho — o rosto enlameado, os olhos nus e chocados — e gritou, ao que Whitey veio correndo, a mão no coração, perguntando o que havia de errado, srta. Monroe, e srta. Monroe apenas disse, rindo:

— Ah, Céus, por um instante eu achei que tinha morrido, Whitey.

E então eles riram juntos, sabe-se lá por quê. No meio da bagunça de presentes no camarim de MARILYN MONROE que um dia havia sido o camarim de MARLENE DIETRICH, havia uma garrafa aberta de licor de chocolate com cereja, e cada um tomou vários goles e riram de novo, lágrimas nos olhos, pois uma mulher em uma máscara de argila é uma imagem cômica, boca e olhos intocados, mas delineados pela argila, e Norma Jeane disse na trêmula voz de MARILYN, o que significava que estava falando sério, sem brincar, sem flertar ou zombar, e não conte a ninguém, por favor.

— Whitey? Promete? Depois que eu... — hesitando em dizer *morrer*, ou até *me for*, por delicadeza com Whitey —, você poderia fazer a maquiagem de Marilyn? Uma última vez?

— Srta. Monroe — disse Whitey —, eu prometo.

“Parabéns, sr. Presidente”

Ela sonhara que estava grávida do Presidente, mas havia algo de errado com o bebê do Presidente, eles a acusariam de homicídio, as drogas que ela andava tomando, então o feto estava malformado no ventre, menor do que um cavalo-marinho flutuando naquela escuridão líquida, e de qualquer forma o Presidente, um católico fervoroso, com pânico de aborto e de contraceptivos desejava fortemente evitar um escândalo nacional, e então o feto malformado teria que ser removido cirurgicamente dela. *Ei, eu sei que é um sonho maluco*, ela acordaria a cada meia hora tremendo e transpirando e seu coração batucando, morrendo de medo de que um deles (Dick Tracy, Jiggs, Pernalonga, o Atirador de Elite) tivesse entrado furtivamente na casa para drogá-la com clorofórmio (como eles a haviam drogado com clorofórmio no hotel C e a entregaram em coma, dentro da capa de chuva de capuz preto para o seu voo de retorno a Los Angeles), então ela discou o número de Carlo, desesperada, apesar de saber que Carlo não atenderia, mas discar o número de Carlo em si já era um consolo, como oração, seu orgulho não permitiria que ela considerasse quantas outras mulheres, e homens, estavam discando o número de Carlo sob efeito de um terror noturno banal demais para ser nomeado, porém mais tarde naquele dia, quando ela estava acordada por completo e consciente e ciente de seus entornos, *Esta é a vida real! Não o palco*, o telefone tocou, e quando ela ergueu o receptor disse na receptiva voz ofegante da Garota:

— Oi? Alô? Quem fala? — (seu número não estava na lista telefônica, apenas pessoas queridas a ela ou cruciais a sua carreira tinham esse número), ouvindo o clique claque da linha que queria dizer que o telefone

estava sendo grampeado, o equipamento de monitoração em uma van do outro lado da esquina, ou estacionada sem obstrução na entrada para carros de um vizinho, mas ela não tinha prova alguma, é claro, não queria exagerar, certa de que as drogas exacerbavam os nervos, as suspeitas, as diarreias, a tontura e o vômito com emoções e pensamentos paranoicos. *Mas aquilo que é imaginado poderia já ter acontecido.*

E mais tarde naquele dia, conforme o crepúsculo suavizava os contornos das coisas, um céu de apocalipse aquarelado, ela estava deitada em uma espreguiçadeira plástica na beira da piscina (em que ela nunca nadaria, nem uma única vez) e quando olhou para cima o viu, não o Presidente, mas o cunhado do Presidente que lembrava o Presidente, os homens tão parecidos quanto irmãos e não cunhados, e ele sorriu para ela dizendo:

— Marilyn. Aqui estamos nós de novo. — Aquele ex-ator genial e oleoso que (ela descobriria, para sua vergonha) era conhecido, carinhosamente em certos círculos e com desdém em outros, como o Cafetão do Presidente.

Ele é o demônio. Mas eu não acredito no demônio, acredito? Sentia-se vulnerável. Andara lendo *As três irmãs*, de Tchekhov, imaginando que poderia interpretar Masha; ela havia sido sondada por um diretor teatral bem-visto em Nova York para participar de uma curta temporada de seis semanas e seu coração otimista a impelia, *Por que não? Eu sei assoviar, como Masha!*, pois ela havia amadurecido para Masha, ela estava amadurecendo para a tragédia, embora seu coração pessimista-realista soubesse, *Você vai apenas fracassar de novo, não arrisque.* Os sucessos de MARILYN MONROE que constituíam sua carreira tinham o sabor de fracasso, um paladar de cinzas molhadas, mas lá estava de súbito um emissário do Presidente, “comendo-a com os olhos”, MARILYN MONROE de biquíni preto lendo *Tchekhov: Obras selecionadas*, o que poderia ser mais engraçado, se ele ao menos tivesse uma câmera, Jesus! Ele conseguia imaginar o Presidente, seu amigo para beber e foder, rachando de rir por causa disso.

Pediu uma bebida a MARILYN, que foi buscar (pés descalços e a bunda chacoalhando no biquíni preto cavado e os peitos mais maravilhosos que ele já tinha visto em uma fêmea *Homo sapiens*), e quando ela voltou, ele jogou nela a surpresa: MARILYN MONROE estava sendo convidada para cantar “Parabéns para você” ao Presidente em uma saudação de gala para seu aniversário, no Madison Square Garden, naquele mês; era para ser um dos

maiores eventos para arrecadação de fundos na história, e por uma causa malditamente boa, o Partido Democrata, o partido do povo, quinze mil convidados pagantes e mais de um milhão de dólares angariados para as eleições no próximo novembro, e apenas os artistas mais especiais, de maior talento, estavam sendo convidados a participar, apenas amigos importantes do Presidente, inclusive MARILYN MONROE. Ela ficou encarando o homem. Sem maquiagem, um visual comum, limpo e bonito, o cabelo em trancinhas, parecendo ser tão mais velha do que seus quase 36 anos, astuta e lamuriosa e dizendo com timidez:

— Ah, mas eu achava que ele não g-gostava de mim mais? O Presidente?

O cunhado do Presidente ficou confuso.

— Não gosta de *você*? Está de brincadeira, Marilyn? *Você*? — Quando ela não respondeu, mordiscando a unha irregular, ele protestou: — Querida, você deve saber que somos todos loucos por você. Por Marilyn.

Ela disse, em dúvida, como se pensasse que poderia ser uma pegadinha:

— Vocês... são mesmo?

— Com certeza. Até a Primeira-Dama, a Rainha do Gelo, como é chamada afetivamente. Ama seus filmes.

— *Ela* ama? Ah, meu Deus.

Ele riu, terminando sua bebida, *scotch and soda* preparado com a mesma ineptidão de uma criança, e no tipo errado de copo ainda, e com a borda lascada.

— “O que os olhos não veem...” É minha estratégia também.

Ela não poderia voar para Nova York no meio da gravação de um filme, disse. Ela estava perto de ser demitida do projeto. Ah, ela sentia muito, sabia que era uma honra, uma honra do tipo que só se tem uma vez na vida, mas não poderia arriscar ser demitida e, francamente, isso sairia caro demais para ela. Ela não era Elizabeth Taylor que ganhava um milhão de dólares por filme; ela tinha sorte de ganhar cem mil e via tão pouco disso depois de despesas e taxas dos agentes e Deus sabe o que mais sugava tudo, ah, ela quase sentia vergonha, mas não tinha muito dinheiro. Talvez pudesse explicar ao Presidente? Aquela casa que ela amava lhe custava muito, mais do que ela podia pagar. Bilhetes de avião, gastos com hotel, um vestido novo, ah, céus, ela teria de usar um vestido especial para a ocasião, não teria? Que custaria milhares de dólares, e se ela fosse a Nova York, violando o contrato

com o Estúdio, eles não pagariam pelo vestido, é claro, já que não poderiam ressarcir seus gastos, ela estaria completamente por si só; não, ela não tinha dinheiro, era a maior honra do mundo, mas não: ela não tinha dinheiro.

De qualquer forma, eu sei que ele me odeia. Ele não me respeita. Por que eu deveria ser explorada por essa gangue?

O Cafetão do Presidente pegou a mão dela e a beijou.

— Marilyn. Até a próxima.

Custaria cinco mil dólares.

Ela não tinha cinco mil dólares, mas (havam prometido a ela!), os organizadores do evento de aniversário ao Presidente iriam ressarcir seus gastos inclusive o vestido, então estava tirando medidas, risinhos empolgados de nervosismo como qualquer garota colegial provando o vestido para o baile de formatura. E que vestido de formatura! Um tecido muito muito fino da “cor da sua pele” como gaze magicamente coberto com centenas... milhares?... de pedrarias, então MARILYN MONROE iria brilhar... resplandecer... cintilar... parecer praticamente prestes a explodir com o redemoinho delirante de luzes do Madison Square Garden. Ela estaria nua sob o vestido, é claro. Absolutamente nada embaixo. Garantia MARILYN MONROE. Ela havia se depilado assiduamente, tornando-se lisa como uma boneca. Ah, aquela velha boneca careca de pés caídos de sua infância! Exceto que nada em MARILYN MONROE estava caído, ainda não. Então a multidão espremida, aplaudindo, assistiria à maravilhosa boneca inflável de corda do Presidente, uma boneca sexy, loira-platinada que apareceria. Eles a observariam e imaginariam o que não podiam de fato ver e ao imaginar, eles veriam, *o vestido marcando a boceta! o vestido marcando a boceta! o vestido marcando o vazio* entre as coxas voluptuosas pálidas e cor de creme da mulher! Como se o vinco do vestido fosse a própria eucaristia, um mistério. Casualmente, o mestre de cerimônias do evento seria ninguém mais ninguém menos do que o belo cunhado do Presidente, ou, para os íntimos, o Cafetão do Presidente, suave e radiante de smoking, incentivando a multidão em uma euforia quase insustentável com vivas, brados, aplausos, assobios, pisoteio, em entusiasmo para ver MARILYN MONROE, a puta do Presidente.

De tão bêbada, Marilyn teve que ser buscada nos bastidores e praticamente levada nos braços pelo mestre de cerimônias de sorriso largo. Caminhou até

o microfone. Tão apertada naquele vestido absurdo e mal conseguindo andar no salto agulha, em modestos passos de bebê. Tão apavorada, apesar de estar bêbada e cocainada até o último fio de cabelo, ela mal conseguia focar o olhar. Que espetáculo. Que visão. A plateia de quinze mil eleitores e membros do Partido Democrata influentes berraram, satisfeitos. A não ser que fosse desdém na forma de bom humor. *Mari-lyn! Mari-lyn!* Essa mulher incrível fechava o evento de aniversário com chave de ouro e valeu toda a espera. Até o Presidente, que havia pegado no sono durante algumas das saudações, inclusive alguns gospels profundos e tocantes cantados *a cappella* por um coro misto com negros do Alabama, se insuflou de energia com atenção renovada. No camarote presidencial sobre o palco, lá estava o belo Presidente jovial vestido em *black tie*, pés descansando na amurada, um imenso charuto (cubanos, os melhores) entre os dentes. E que dentes firmes e brancos como leite. Ele olhava para baixo, para MARILYN MONROE, esse espetáculo mamífero em um vestido “cor de pele” cintilante. Será que Marilyn tivera tempo de se perguntar se o Presidente voaria para Los Angeles para participar de uma celebração de seu aniversário em 1º de junho, quem sabe uma celebração íntima. Não, provavelmente não teve tempo de se perguntar, pois ela se deparou consigo mesma ali diante do microfone, tonta e com um sorriso oco, passando a língua sobre lábios de batom vermelho como se tentasse desesperadamente lembrar onde estava, o que era aquilo, olhos vidrados, cambaleando sobre o salto agulha, começando enfim a cantar depois de uma pausa constrangedora, na voz sussurrada, sensual, gutural e ofegante de MARILYN:

HAP	py	birth	day	to	YOU		
Happy	birth	dayyyy	to	YOU			
H-Hap	py	bir	th	day	mis	ter	
PRES	i	dent					
Hap	py	BIRTH	day	TOYOU			

De alguma forma, essas sílabas arfadas saíram, apesar da terrível secura de sua boca e o zumbido em seus ouvidos e os focos de luz ofuscantes girando enquanto ela estava em pé segurando o microfone, agarrada com desespero para não cair. E sem lhe dar assistência alguma, estava o mestre de cerimônias em seu smoking parado atrás dela, aplaudindo vigorosamente e

sorrindo feito um lobo para o seu traseiro no vestido brilhante; alguns afirmariam que MARILYN lançou olhares apaixonados para o Presidente, um jovem príncipe mimado no camarote acima dela, sua canção de ninar sensual e íntima claramente para ele, e mais ninguém, exceto que o Presidente estava em um humor festivo, não sentimental, rodeado por amigos, inclusive seus irmãos rivais, e a Primeira-Dama notoriamente ausente. A Primeira-Dama detestava ocasiões de demagogia barulhenta como aquele evento vulgar para arrecadar fundos no Madison Square Garden, preferindo muito mais companhias de bons modos do que aquele bando de picaretas e gente da politicagem, aquelas figuras grosseiras! Quando o Presidente olhou para MARILYN MONROE arrulhando lá embaixo, sedutora, para ele, um de seus parceiros o cutucou: “Espero que ela trepe melhor do que canta, meu chapa”, e seu chapa, o Presidente, espertinho murmurou com o charuto na boca: “Não, mas quando ela está trepando, você não precisa ouvir a cantoria”, o que fez todo mundo no camarote cair na gargalhada. Na verdade MARILYN MONROE conseguiu atravessar não apenas um, mas dois refrões de “Happy Birthday”, observada pela vasta plateia com atenção, a atenção que um equilibrista andando na corda-bamba tomado de súbito por uma vertigem receberia, uma plateia calada esperando pela queda, ainda que ela tenha cantado sem errar uma única nota (ao que parecia) ou gaguejado ou se perdido, e tenha puxado um coro do público de pé para um *finale* animado, desejando um feliz aniversário ao Presidente. *Marilyn estava fabulosa naquela noite, uma artista fantástica, ninguém além de Marilyn tem a coragem necessária para ficar na frente de quinze mil pessoas sabendo que não tem talento algum e parecendo uma mulher afogada, apesar de linda daquele jeito branco defunto dela, um corpo flutuando logo abaixo da água, tão doce que naquela noite nos apaixonamos por ela mais uma vez, Marilyn em seu vestido estranho e ofuscante que tinha sido costurado em seu corpo que nem uma salsicha, e nos surpreendeu, ela quase conseguia cantar naquela contrita voz fantasma.* E de súbito acabou. Ela estava estreitando os olhos para eles, esses estranhos que a adoravam. Aplaudiam e gritavam por ela. E o Presidente e seus companheiros aplaudiam com vigor também. Riam e aplaudiam. Ah, eles gostavam dela! Eles a respeitavam. Ela não havia mergulhado no terror e no mal-estar por nada. *Hoje é o dia mais feliz da minha vida, ela tentava explicar agora posso*

morrer feliz, estou tão feliz, ah, obrigada!, tentava explicar para a multidão, mas o mestre de cerimônias rindo em seu smoking a apressava para sair, “Obrigado, obrigado, srta. Monroe”. Um assistente veio do fundo para acompanhar a srta. Monroe para fora, a pobre mulher tonta se apoiando no braço de um estranho. *Dava para ver que ela estava doente, drenada, que dera tudo o que tinha e dava dó ver aquilo*, ela estava se apoiando no braço de um homem, poderia ter afundado no chão para dormir ali mesmo, mas ele disse *Srta. Monroe? A senhorita não quer se deitar aí, não* e de repente estava ela respirando com dificuldade se segurando no batente da porta, então se escorou na bancada do banheiro, estava sozinha, lutando contra ondas de náusea, em seu banheiro, na 12.305 Fifth Helena Drive, encarando o próprio rosto exausto no espelho, ela nunca havia saído de casa? Nunca havia voado para Nova York, para cantar parabéns ao Presidente? Sim, mas aquilo já fazia dias, ela havia sido demitida do Estúdio e estava sendo processada em um milhão de dólares (segundo a *Variety*), mas também tivera seu momento na História, havia o fabuloso vestido “cor de pele” decorado com imitações de diamante, pendurado em seu *closet*, um vestido tão lindo requer um cabide de tecido, não de arame, mas ela não tinha, ou estava em algum canto, não fazia ideia onde, ah, Céus, ela ficou chocada quando notou que muitas das pedras haviam caído, o vestido tinha sido tão caro e eles nunca “reembolsariam” seus gastos. Ah, ela sabia!

Entrega especial: 3 de agosto de 1962

Lá vinha a Morte se arremessando na direção dela, ainda que ela não conseguisse saber como ou quando.

Naquela noite, depois da notícia da morte de Cass Chaplin.

Colocando o telefone no gancho, entorpecida, depois de saber, ela ficou sentada por muito tempo, imóvel, com um gosto salobro e frio no fundo da boca. *Cass se foi! Nós nunca nos despedimos.* Ele tinha 36 anos, a idade dela. Gêmeo dela. Obituários não seriam gentis com Charlie Chaplin Jr., filho de Carlitos.

— A culpa foi minha? Faz tanto tempo.

Sentir culpa seria um luxo agora. Poder me sentir viva!

Foi Eddy G. quem ligou. Eddy G. bêbado e agressivo, na mesma hora ela reconheceu.

O primeiro instinto dela foi perguntar como ele tinha conseguido esse número, esse telefone não está na lista, lembrando-se então do Presidente a corrigindo *Não existem números de telefone que não estejam em alguma lista.* Em um silêncio paralisado, ela ouviu, sabendo que Eddy G. só ligaria para ela para contar da morte de Cass Chaplin, assim como Cass só ligaria para ela para contar da morte de Eddy G.

Então Cass foi o primeiro de nós! Da Constelação de Gêmeos.

Ela sempre havia pensado, secretamente, que Cass era o pai de Bebê.

Porque ela o amara mais do que conseguira amar Eddy G.

Porque ele havia entrado em sua vida antes de Marilyn. Quando ela era “Miss Golden Dreams” e tinha o mundo todo pela frente.

A culpa é minha? Todos nós queríamos Bebê morto.

Cass havia morrido, dizia Eddy G., cedo naquela manhã. O legista estimava entre três e cinco horas. Em um lugar em Topanga Drive, onde estava ficando e onde Eddy G. o visitava às vezes.

Foi uma morte de *alcoólatra*, não uma morte de *drogado*, Eddy G. contou.

Norma Jeane engoliu em seco. Ah, ela não queria saber disso!

Eddy G. continuou, a voz trêmula; você conseguia ver o ator acessando suas emoções enterradas, sua fúria, começando com calma, uma calma enganosa, então mais intensamente, a mandíbula contraída, a voz engrossando.

— Ele estava de barriga para cima na cama, apagado, frio. Ele tinha bebido, principalmente vodca, e alguma coisa molenga, podia ser rolinho primavera e yakisoba, e ele começou a vomitar, fraco demais para se virar de lado e sem ninguém com ele, então engasgou com o próprio vômito e sufocou. Uma morte clássica de alcoólatra, não é? Eu encontrei Cass quando fui visitá-lo hoje de manhã, perto do meio-dia.

Norma Jeane estava ouvindo. Ela não tinha certeza do que tinha ouvido.

Inclinada para a frente agora, o punho fechado, pressionado contra a boca.

Com urgência de garoto, Eddy G. dizia (como se esse fosse o motivo real para ter ligado, não para ferir Norma, não para perturbá-la):

— Cass deixou uma lembrança para você, Norma. A maioria das coisas ele deixou para mim... Entende, eu era um bom amigo para ele, nunca o decepcionei, então ele deixou a maioria das coisas para mim... Mas essa lembrança. “Isso é para Norma um dia”, dizia. Significava muito para ele. “Norma sempre teve meu coração”, dizia.

Norma Jeane sussurrou:

— Não.

— Não o quê?

— Eu n-não quero, Eddy.

— Como você sabe que não quer, Norma? Se você nem sabe o que é?

Ela não tinha resposta.

— Certo, *baby*. Vou mandar para você. Mandarei por mensageiro.

Lá vinha a Morte se arremessando na direção dela, e enfim na luz enfraquecida do que havia sido (ela imaginava, pois não havia saído, tampouco aberto quase nenhuma veneziana) um dia de calor sufocante, lá estava a Morte tocando a campainha, e o pavor da espera tinha acabado, ou

acabaria em breve. A Morte mostrando seus grandes dentes brancos em um sorriso, limpando a testa suada na manga, um garoto hispânico alto e magrelo com uma camiseta da Cal Tech.

— Madame? Entrega para a senhora.

Sua bicicleta era feia, sem adornos e costurava pelo trânsito engarrafado, e ela sorriu pensando nele, um estranho, portando a Morte a ela, sem saber o que trazia. Ele era empregado do Serviço de Entregas de Hollywood e sorria esperando uma gorjeta generosa naquele endereço em Brentwood, e ela não queria desapontá-lo. Tomando de suas mãos o pacote marrom leve, embrulhado em papel brilhante com estampa brilhante de doces de Natal e um laço de cetim de loja de um e noventa e nove.

OCUPANTE — “MM”
12.305 FIFTH HELENA DRIVE
BRENTWOOD, CALIFÓRNIA
ESTADOS UNIDOS
“TERRA”

Ela se ouviu rindo. Assinou: “MM”.

O entregador não disse “Este é o seu nome, madame? Que nome estanho... Não reconheceu “MM” evidentemente.

Em suas roupas lavadas, mas não passadas, pés descalços com as unhas dos pés com esmalte cor-de-rosa descascando, cabelo opaco e despenteado, escuro nas raízes, escondido com um turbante de toalha. Em seus óculos muito escuros, grandes demais e cujas lentes sacavam as cores do mundo como o negativo de uma foto. Ela disse:

— Pode esperar? Só um m-minuto.

Ela saiu atrás da bolsa, e onde estava sua carteira, que não na bolsa, ah, onde é que tinha enfiado? ela esperava que não tivesse sido roubada como a carteira anterior, que tanto poderia ter sido levada dela, colocada no lugar errado, perdida, estragada, e ela carregando o embrulho para presente como se não fosse nada fora do normal, só uma entrega que estava esperando cujo conteúdo ela conhecia, mordendo o lábio, começando a transpirar e procurando a maldita carteira no meio de uma confusão de itens na sala de estar sombria, uma lâmpada de cabeceira ainda no embrulho de papel-celofane no sofá, tapeçarias mexicanas compradas no começo do verão e

ainda a pendurar nas paredes, vasos de cerâmica em tons terrosos, ah, onde estava sua carteira?, com a sua carteira de motorista do Estado da Califórnia, seus cartões de crédito, o que restava de seu dinheiro?, e no quarto, com seu odor medicinal forte combinado com perfume, pó derrubado, o miolo de uma maçã apodrecendo que devia ter rolado para baixo da cama na outra noite, enfim na cozinha ela encontrou o que estava procurando, atrapalhando-se com a caríssima carteira de couro de vitelo, um presente de um amigo esquecido, para encontrar enfim uma nota e correr para a porta da frente com a nota, mas...

— Ah. Desculpe.

O entregador hispânico havia sumido com sua bicicleta desajeitada.

Na palma de sua mão, uma nota de vinte dólares.

Era o pequeno tigre listrado.

A pelúcia. A que Eddy G. havia roubado para Bebê.

— Ah, meu Deus.

Fazia tanto tempo! Ela havia desembrulhado o papel de presente com dedos trêmulos e de início havia pensado — ah, isso era uma loucura, mas ela achou que o tigrinho poderia ser o que lhe haviam roubado no Lar, Fleece disse que havia roubado por ciúmes, mas talvez (talvez!) Fleece estivesse mentindo; então ela havia pensado que possivelmente era o tigre que ela havia costurado para Irina com aviamentos, e Harriet nunca havia agradecido; apesar de saber é claro que tinha que ser o tigre que Eddy G. pegou da vitrine. Ela se lembrava daquela loja vividamente: BRINQUEDOS DO HENRI. BRINQUEDOS FEITOS À MÃO — MINHA ESPECIALIDADE. Eddy G. a havia assustado quebrando a vitrine e roubando o tigrinho listrado porque Norma Jeane havia expressado desejo pelo brinquedo, para si e para Bebê.

Ela encarou o bichinho, o coração batendo com tanta força que fazia seu corpo tremer. Por que Cass iria querer que ela ficasse com aquilo? Por mais que tivesse uma década, parecia novo. Nunca havia sido abraçado nem sujado por criança alguma. Cass devia tê-lo enfiado em alguma gaveta, sua lembrança de Norma e de Bebê, mas nunca o esquecera.

— Mas você queria que Bebê estivesse morto também. Você sabe que queria.

Ela examinou o cartão que Eddy G. incluía com o brinquedo. A não ser que fosse algo que Cass datilografara antecipando a própria morte.

PARA MM EM SUA VIDA, SEU PAI EM LÁGRIMAS

“Partimos todos para o Mundo de Luz”

A espineta fantasma. Ela podia agir rápido quando necessário. Quando o tempo estava acabando. Dois ou três telefonemas, & a espineta Steinway branca foi entregue para o Lar de Lakewood, a ser colocada na área de visitas em nome de GLADYS MORTENSEN. Gladys ficou confusa quando a honra foi explicada a ela, mas naquela nova fase de sua vida (ela tinha 62 anos, não havia tentado escapar do Lar nem causado perturbações entre os companheiros pacientes nem a equipe, nenhuma tentativa grave de se matar em anos, havia se tornado uma paciente modelo/estabilizada), ela estava disposta a ser alegrada, ou parecer se alegrar, como uma criança pode responder com sorrisos às expectativas de adultos; negou-se a sentar ao piano como pedido, mas tocou as teclas com timidez, tocou alguns acordes da forma cuidadosa e reverente que sua filha fazia. Norma Jeane dizendo ao Diretor & equipe em admiração: “É um instrumento precioso que tentei manter perfeitamente afinado, o tom não é lindo?”, & eles lhe garantiam que era lindo & muito apreciado. Aquela era uma cena não ensaiada em todos os seus detalhes, mas ela se saiu bem. Supreendentemente bem. O Diretor expressou gratidão & mais da equipe do que ela se lembrava & diversos dos amigos de Gladys entre os pacientes sorrindo & lúcidos & encarando a visitante loira que agora eles chamavam abertamente de srta. Monroe & parecia a ela igualmente bobo & sem sentido insistir no seu nome real. No salão de visitantes, entre peças pesadas de mobília, o gracioso piano pequeno brilhava fantasmagórico como um piano da memória. Ela estava dizendo: “Música é importante para almas sensíveis, almas solitárias, ah, música significou tanto para mim”, essas falas banais & reconfortantes & o

Diretor tomou suas mãos calorosamente pela segunda ou terceira vez, era claro que não queria que sua celebridade convidada fosse embora, ainda não.

Mas tinha outro compromisso, explicou ela, despedindo-se da mãe & beijando-a & apesar de Gladys não responder com um beijo ou abraço de volta, ela de fato sorriu, permitindo-se ser beijada & abraçada pela filha, como se rendida — *É assim que uma mãe se comporta, eu reconheço isso* —, era provável que fosse a medicação, mas esses calmantes poderosos eram mais misericordiosos & humanos do que uma lobotomia ou tratamento de choque & acima de tudo, preferíveis à emoções cruas sem mediação. Norma Jeane prometeu ligar em breve & da próxima vez visitaria por mais tempo & foi embora andando rápido, recolocando os óculos escuros, para que não vissem seus olhos, mas uma das enfermeiras mais jovens ousou caminhar com ela até o estacionamento, uma loira sorridente nervosa como uma jovem June Haver, tímida demais para falar com Marilyn Monroe, mas dizendo que havia feito aulas de piano por cinco anos & daria aulas aos pacientes. “Um piano branco, céus! Eu achei que só existiam nos filmes”, & Norma Jeane disse: “É um presente de família, ele um dia foi de Fredric March”, & a jovem enfermeira franziu o rosto & perguntou: “De quem?”.

A lareira. Então ele a havia odiado & ela aceitaria seu ódio, como ela um dia aceitara seu amor, se banhara em seu amor & o traiu, & ela via a justiça daquilo, possivelmente era risível, uma piada, se seus detratores soubessem, dariam risada. *Cass Chaplin estava escrevendo cartas esquisitas para Monroe fingindo ser o pai de Monroe & ela acreditou nele; isso durou anos.* Aquelas cartas tão preciosas para ela & guardadas em um cofre pequeno à prova de fogo, inundações, terremotos & as destruições do Tempo & sem se permitir espiá-las mais uma vez, aquelas cartas datilografadas & assinadas “Seu Pai em lágrimas”, ela as queimou na lareira de pedras da casa na 12.305 Fifth Helena Drive. *A primeira e última vez que Monroe daria utilidade para a lareira.*

O parquinho. Na verdade, havia diversos parquinhos em Brentwood, perto o suficiente para ir a pé, em West Hollywood & na cidade, pois ela estivera ciente de ser notada, ser observada & identificada, já que em Manhattan ela havia sido identificada no Washington Square Park anos antes observando

as crianças brincando & rindo & perguntando seus nomes & estava tudo bem naqueles meses antes de Galapagos Cove & a queda no porão; mas agora, após a terra sair do eixo, agora ela era sábia & cautelosa & raramente voltava a um parquinho com menos do que dez dias ou duas semanas de distância. Ela começou a reconhecer as crianças, mas não os observava abertamente. Ela levaria um livro ou revista ou seu diário. Ela se sentaria perto dos balanços, encarando a frente do escorregador & o trepa-trepa & as gangorras. Ela aceitaria que alguém poderia estar a observá-la (não uma mãe, ou babá) de uma distância pequena, treinando sua mira nela & secretamente fotografando ou filmando a cena. O Atirador de Elite em sua van ou um detetive particular (contratado pelo Ex-Atleta, ainda apaixonado por ela & amargamente enciumado?) & ela não poderia se proteger, exceto se escondendo para sempre naquela casa, coisa que ela se recusava a fazer. Pois nos parquinhos, as crianças a atraíam. Ela amava ouvir seus gritos empolgados & risos & seus nomes pronunciados pelas mães repetidas vezes, assim como o ditado diz que nós pronunciamos os nomes daqueles que amamos apenas para ouvir os nomes, os sons; se alguém falasse com ela de forma espontânea, uma criança corresse na sua direção, uma bola passasse rolando perto, ela levantava o olhar & sorria & ainda assim, não desejaria fazer contato visual com adulto algum, em seu disfarce de medo. *Esta mulher parecida com Marilyn Monroe, eu juro, só que mais velha & mais magra & solitária aqui no parque!* No entanto, nas circunstâncias certas, se uma criança corresse perto & a mãe/babá estivesse a uma distância segura, ela poderia dizer “Oi! Qual é o seu nome?”, & deixar acontecer, se a criança parasse para dizer o nome a ela, pois algumas crianças são amistosas & sociáveis & outras amedrontadas como ratinhos. Ela não daria o tigrinho de pelúcia a uma criança qualquer. Ela não abordaria uma mãe ou babá ou governanta & diria: “Com licença isso foi de uma garotinha que cresceu demais, você gostaria de ficar com ele? Está limpinho! impecável! Costurado à mão!”. Ela não diria sequer em um delírio febril: “Com licença, isso pertenceu a uma garotinha que morreu, você gostaria de ficar com ele? Ah, por favor, fique com isso”. Ela era orgulhosa demais & temia ser rejeitada. Ela não suportaria ser rejeitada. Então a estratégia era dirigir a um parquinho em Los Angeles onde as crianças fossem caucasianas, negras, hispânicas & lá ela deixou o tigrinho listrado em uma mesinha para

piqueniques perto das caixas de areia, onde crianças menores brincavam & ela flutuou para longe sem olhar para trás & voltou para casa em Brentwood de carro, sentindo um alívio imenso, conseguia respirar livremente & fundo & sorria pensando em uma garotinha se deparando com o brinquedo... “Mamãe, olhe!”, & a mãe diria: “Mas de quem é isso, tem que ser de alguém”, & a garotinha diria: “Eu achei ele, Mamãe, é meu”, & a mãe perguntaria por ali: “É seu? É de algum de vocês?”, & assim a cena terminaria de ocorrer, como acontece com cenas, em nossa ausência.

O viajante no tempo. Era um momento de disciplina. Era um momento que ela não poderia repetir & portanto sagrado em suas particularidades. Estava escrevendo no diário, um poema & um conto de fadas. O caderninho de colegial havia se desgastado fazia muito tempo, o pequeno diário vermelho que uma mulher que a amara lhe deu, cada página coberta na caligrafia de Norma Jeane & folhas soltas de papel agora enfiadas dentro. Em uma folha, ela transcreveu com cuidado, copiando a tinta desbotada de uma página anterior *Então, viajei, parando em alguns momentos & retomando em passadas imensas de mil ou mais anos, em atração pelo mistério do destino do planeta Terra, assistindo com estranho fascínio ao sol ficando maior & mais opaco no céu ocidental & a vida na boa & velha Terra se esvaindo. Enfim, mais de trinta milhões de anos depois, a imensa cúpula vermelha quente do sol havia conseguido obscurecer quase um décimo da obscuridade celestial... Um frio amargo me tomou.* Ainda assim, ela estava viva.

Clorofórmio. Era um sonho & portanto irreal. Ela sabia. Nenhuma evidência do contrário. Ela não estava alucinando. Hidrato de cloral era o sedativo seguro. Ela não estava naquele estado mental. Ela escondera o telefone como se esconderia a tentação. Trancado dentro de uma gaveta de uma cômoda. E se tocasse, como o grito de um bebê. Para não ser tentada a responder, pois não havia ninguém com quem quisesse falar, exceto com ele, que nunca ligava para ela. E ela tinha orgulho demais para ligar para um certo número que havia jurado nunca mais ligar. Se em meados de julho era óbvio que ela havia parado de menstruar, devia ser por algum outro motivo & ela era obrigada a saber aquele motivo. Ela examinou os seios: eram/não eram os seios de uma mulher recém-grávida. Ela associava seios assim com o cheiro do oceano Atlântico. Galapagos Cove vívido nela, remota como um filme

que tinha visto anos atrás em um estado de alerta mais acentuado, de agitação. Ela perguntou a um dos médicos & ele disse: “Teremos de fazer um exame pélvico, srta. Monroe & um teste de gravidez”, é claro & ele havia soado muito sério, & rápido ela disse: “Ah, mas eu não tenho tempo hoje”. Nunca mais voltou. (Tinha pavor desses médicos & analistas! *Um dia vão me trair. A própria paciente. Eles vão contar ao mundo os segredos de Monroe & os que não souberem vão inventar.*)

Ela entendia o que era a menopausa & se perguntava em fascinação clínica Já começou? Tão cedo? Confundindo a própria idade (36) com a da mãe (62). Num piscar de olhos, juraria que um número era o dobro do outro, mas não. Ainda assim, ambas haviam nascido sob o signo de gêmeos, havia uma conexão fatal. E naquela noite, veio alguém, deveria ser mais de um indivíduo, ainda assim, ela sabia de apenas um, entrando na casa pela porta dos fundos, & ela deitada na cama nua por baixo de um único lençol incapaz de mover os músculos rígidos & paralisados com um terror animal, um tecido embebido de clorofórmio pressionado sobre sua boca & nariz, & ela não conseguia se debater ou se soltar para fugir & não tinha ar para gritar, & seria carregada da casa para um veículo à espera & levada para uma sala de operação longe, onde um cirurgião removeria o bebê do Presidente (sob o pretexto de má formação & de que não poderia sobreviver), & quando acordou quinze horas depois, exausta & com o útero sangrando, sangue escuro grosso salobro enchando o lençol & colchão onde ela dormia nua, & o ventre pulsando com cólicas, o primeiro pensamento foi: *Ah, meu Jesus, que sonho horrível*, & seu segundo pensamento foi: *E tinha mesmo de ser um sonho, ninguém acreditaria em mim de qualquer forma.*

Maiô branco, 1941.

— Esta pobre garota doce & burra. Claro, todo mundo a conhecia. Ela estava com um maiô novo, branco e glamouroso, uma peça só com faixas atravessadas na frente & costas abertas & a garota tinha essa silhueta incrível, de matar, & cabelo cacheado até as costas, mas o maiô era feito de um material barato, & quando ela entrou na água (isso na praia de Will Rogers), ficou quase transparente, dava para ver os pelos pubianos & os mamilos, & ela não pareceu notar, correndo & dando gritinhos na beira

d'água, & Bucky ficou muitíssimo vermelho & sem jeito & deve ter dito alguma coisa para ela enfim, porque ele a acalmou & colocou uma toalha ao redor da cintura & fez a garota usar uma de suas camisas, tão grande nela que parecia quase uma tenda sob o vento. Ela ficou envergonhada na hora & não disse qualquer palavra mais naquele dia. Nós nunca rimos dela em sua cara, mas nós ríamos muito, era uma piada e tanto entre nós; quando Bucky & sua garota Norma Jeane não estavam por perto, nós ríamos que nem hienas.

O poema.

Rio da noite

& o olho, abro-te.

Schwab's. Ela andava sem Nembutal fazia meses. Estivera tomando doses moderadas de hidrato de cloral prescritas por dois médicos & tinha um monte em casa, cinquenta comprimidos, ao menos. Ela tinha uma prescrição nova de um médico novo, para Nembutal, que levou à farmácia Schwab's para comprar naquela noite & esperou o farmacêutico pegar o remédio, setenta e cinco comprimidos, porque ela estaria fora do país, viajando por semanas & enquanto esperava, ela se movia inquieta pela farmácia bem-iluminada, evitando só o canto com revistas & capas tétricas de *Screen World*, *Hollywood Tatler*, *Movie Romance*, *Photoplay*, *Cue*, *Swank*, *Sir!*, *Peek*, *Parade et cetera*, em cujas páginas MARILYN MONROE vivia a vida de quadrinhos & a jovem caixa se lembraria *Claro que todos conhecíamos a srta. Monroe. Ela vinha aqui tarde da noite. Ela me disse: Schwab's é meu lugar favorito do mundo todo, eu comecei em uma Schwab's, sabe como, e eu perguntei: como?, e ela disse, Um homem qualquer olhando a minha bunda, o que mais seria?, e ria. Ela não era como as outras estrelas grandes que nunca davam as caras, que mandavam empregados. Vinha ela mesma e estava sempre sozinha. Sem maquiagem, mal dava para reconhecer. Ela era a pessoa mais sozinha que eu já vi na vida. Naquela noite, foi perto das 22h30. Pagou em dinheiro, contando notas e troco da carteira. Ela se confundiu contando e teve que recomençar. Ela sempre sorria para mim e tinha algo amigável para dizer como se fôssemos amigas, e aquela noite não foi diferente.*

O massagista. À meia-noite, veio Nico, que ela tinha quase esquecido, & ela o encontrou na porta & se desculpou por não ligar, mas ela não precisaria dele naquela noite & insistiu para pagar, um punhado de notas que ele contaria depois & descobriria para sua surpresa quase cem dólares além de seu preço normal & quando ele perguntou se deveria voltar na noite seguinte, ela disse que possivelmente não, não por um tempo, & quando Nico perguntou por quê, ela disse rindo: “Ah, Nico, você deixou meu corpo perfeito”.

O elixir. Desses pós & líquidos misteriosos, ela faria um elixir delicioso para ela como Dom Pérignon & tão intoxicante quanto.

O conto de fadas.

A PRINCESA EM CHAMAS

E o Príncipe Sombrio tomou a mão da Plebeia Esfarrapada
& lhe ordenou “Venha comigo!”.

A Plebeia Esfarrapada não era capaz de nada além de obedecer, ela estava
deslumbrada pela beleza de um sol vermelho
brilhando pelas águas do mundo.

“Confie em mim!”, disse o Príncipe Sombrio,
& então ela confiou.

“Obedeça-me!”, disse o Príncipe Sombrio,
& então ela obedeceu.

“Adore-me”, disse o Príncipe Sombrio,
& então ela o adorou.

“Venha comigo”, disse o Príncipe Sombrio,
& então eu fui.

Ansiosa, apesar de meu medo de altura, eu subi a
notória escada de 1.001 degraus
& cada degrau com chamas nas beiradas.

“Fique parada aqui ao meu lado!”, disse o Príncipe Sombrio

& então eu parei ao seu lado
apesar de assustada &
desejando estar em casa.

Na plataforma alta, oscilando com o vento
muito acima da multidão gritando
o Príncipe Sombrio ergueu a varinha de condão
do Empresário.

Eu disse: “Mas quem é você?”, & ele disse:
“Eu sou seu amado”.

Eu fora banhada em águas perfumadas
& as impurezas de meu corpo lavadas de mim,
cada rachadura de meu corpo cuidadosamente limpa.
O cabelo feio em meu crânio havia sido descolorido
de toda a cor & tornado fino como seda
& os pelos de meu corpo haviam sido arrancados
& meu corpo foi coberto em um óleo cheiroso para me dar poder
de aguentar a dor que os outros não aguentariam.

Era um óleo mágico, o Empresário prometeu.
Besuntado no corpo, misturando-se com os próprios óleos do corpo
para produzir uma película de invulnerabilidade como uma concha
& apesar de fina como a membrana translúcida de um ovo
queimaria & não causaria dor.

Disse o Empresário: “Eis aqui seu Elixir”,
& estendeu o cálice na minha mão, que tremeu
& muito acima da multidão aplaudindo, hesitei
& o Príncipe Sombrio comandou: “Beba!”.

Eu estremeci de medo.
Tentei falar, o vento levou minhas palavras.

“Aqui. Na beira da plataforma”, disse o Empresário.
“Beba o Elixir, eu ordeno.”

“Quero voltar”, falei.

O vento levou minhas palavras.

“Beba, e você será a Princesa Cintilante!
Beba, e você será imortal.”

Eu bebi o Elixir.
Era amargo & me fez engasgar.
“Beba tudo”, disse o Empresário.
“Até a última gota.”

& então eu bebi todo o Elixir,
até a última gota.

“Agora você saltará para a frente”, disse o Empresário.
“Agora você é a Princesa Cintilante
& imortal.”

O Empresário deixou a multidão em frenesi.
Muito abaixo, havia um tanque de água para que eu mergulhasse.
Muito abaixo, uma banda tocava música circense.
A multidão estava ficando impaciente.

O Empresário acendeu uma tocha.
O Empresário instigou a multidão ao frenesi.
“Você não sentirá dor alguma”, disse o Empresário.

Eu fui hipnotizada pelas chamas...
eu não conseguia tirar os olhos delas.

O Empresário trouxe a tocha até minha cabeça
& de imediato meu cabelo estava pegando fogo
& meu corpo nu pegava fogo.
Ergui os braços, a cabeça flamejante
espirais de chamas.

A multidão estava em silêncio
uma besta imensa me encarando.

Tanta dor senti, era mais do que eu conseguia sentir.
Tanta dor!

Meu cabelo em chamas, minha barriga em chamas, meus olhos em chamas,
eu deixaria meu corpo em chamas para trás.

“Mergulhe!”, comandou o Empresário. “Obedeça!”

Eu mergulhei da plataforma para o tanque de água lá embaixo.

Eu era uma joia ardente, um cometa rumo à Terra.

Eu era a Princesa em chamas, imortal.

Mergulhei escuridão adentro, noite adentro.

A última coisa que ouvi foram os gritos ensandecidos da multidão.

Eu corri pela praia de pés descalços & o vento batendo no cabelo.

Era Venice Beach, era manhã cedo, eu estava sozinha &

a Princesa em chamas estava morta.

& eu estava viva.

O Atirador de Elite. Em roupas escuras & seu rosto mascarado, o Atirador de Elite entrou em uma casa escondida, estilo mexicano, na 12.305 Fifth Helena Drive, pelos fundos. Ele tinha uma chave fornecida pelo informante R.F. O Atirador de Elite agia sob ordens & aquelas ordens tinham a ver com fatos físicos, evidência. Ele não era de interpretar. Nem suas próprias ações ele interpretaria. Ele era desapaixonado & impiedoso. Andando furtivamente pela casa escurecida como um pássaro carniceiro rondando. Em um espelho, ele não veria reflexo. O fecho de sua lanterna estreita não era maior que o de um lápis, mas poderoso & inabalável. A vontade do Atirador de Elite era poderosa & inabalável. *Mal é uma palavra para o alvo. Mal é o que queremos dizer quando falamos do alvo.* Ele não tinha como saber que foi enviado naquela missão para proteger o Presidente da vagabunda loira do Presidente que o havia ameaçado & consequentemente ameaçado a “segurança nacional” ou que ele executaria ações naquela noite, que, quando reveladas ao público, manchariam o Presidente por ser associado à vagabunda loira. Pois a Presidência & e a Agência não eram aliados irrevogáveis; a Presidência era um poder efêmero, a Agência, um poder permanente. O Atirador de Elite sabia do longo envolvimento dessa loira com organizações subversivas na América & no exterior & do casamento

com um subversivo judeu & suas ligações sexuais com o Sukarno comunista da Indonésia (um encontro no hotel Beverly Hills em abril de 1956) & sua defesa pública de ditadores comunistas como Castro; ele sabia, o que o teria enraivecido se fosse um homem de paixão & não calculista, que aquela própria fêmea havia assinado petições inflamatórias desafiando o poder do próprio Estado ao qual ele havia jurado a vida. Ainda assim, ele não especularia. Ele reuniria evidência em uma valise & entregaria para que seus superiores examinassem & destruíssem. Ele próprio não destruiria evidência alguma. Páginas de diário incriminadoras, documentos & material para potenciais (ou reais) chantagens dos quais o Atirador de Elite não saberia qualquer coisa. O primeiro daqueles itens era uma rosa folheada de prata, empoeirada, em um vaso na sala de estar; isso ele colocaria na valise. A seguir, um diário ou caderno em que numerosas folhas de papel haviam sido inseridas, em uma pequena mesa de jantar bagunçada com livros, roteiros, jornais, copos sujos & taças & pratos. Ele folheou rápido as páginas do caderno, sabendo que eram evidências & que tinham que ser confiscadas. Palavras organizadas como “poesia” em uma singela caligrafia de colegial.

Havia um pássaro no ar tão alto ao léu
Ele não mais poderia dizer: “Aqui é o céu”.

Se um cego pode VER
O que de MIM dizer?

Para meu Bebê

Em você,
o mundo volta a nascer.

Antes de você...
havia o nada.

Bebê! Isso pareceu perigoso para alguém.

Os japoneses têm um nome para mim.
Monchan é como me chamam.
“Garotinha preciosa” é como me chamam.
Minha alma voou para fora de mim.

Japas! Isso não o surpreendia.

Socorro, socorro!

Socorro, eu sinto a Vida se aproximar!

Ele sorriu. Passou a mão dentro do casaco, para acariciar sua pena de pescoço de águia-real de quinze centímetros carregada em um bolso interno perto do coração. A seguir, ele se deparou com uma lista de palavras, era claramente palavras codificadas, naquela mesma singela caligrafia de colegial para enganar. *Ofuscar obdurado plangente assurgente exorbitante palingênese/metempsicose*. Esses materiais o Atirador de Elite colocou com cuidado na valise para que os especialistas decodificassem, analisassem & destruíssem no momento apropriado. Pois tudo que entrava na Agência como evidência seria destruído nas imensas máquinas trituradoras ou consumido pelo incinerador. (Será que isso se aplicava aos próprios agentes, um dia a serem apagado dos arquivos da Agência? Não era uma pergunta de um patriota.)

Tudo o que permaneceria seria reduzido a uma pasta & aquela pasta, enigmática em sua brevidade & linguagem, era indecifrável até pela maioria dos agentes. O Atirador de Elite então se encaminhou para o quarto escurecido nos fundos da casa. Ali, o próprio alvo estava deitado, parecendo dormir. Julgando-a pela respiração rouca & irregular, o Atirador de Elite conseguia confiar que ela estava profundamente inconsciente. Seu informante, R.F., havia lhe garantido, a atriz loira dormia um sonho dopado todas as noites & não despertaria cedo. O Atirador de Elite — apesar de ser um profissional experiente em agosto 1962, não mais um garoto tosco dirigindo a picafe do pai por seus terrenos, rifle de calibre .22 engatilhado para atirar — ainda sentiu uma pontada de empolgação na presença da presa. E essa presa, a notória Atriz Loira. Pois sempre as presas como essa fêmea estão “inconscientes”: alheias & ignorantes. *O alvo nunca é pessoal. Assim como o mau nunca é pessoal*. A puta do Presidente era uma drogada alcoólatra & uma morte assim não seria inesperada em Hollywood & arredores. Em sua mesinha de cabeceira, um punhado de vidrinhos de remédios, frascos, um copo parcialmente cheio de um líquido turvo. No quarto, um pequeno ar-condicionado de janela zunia & vibrava, mas ainda era incapaz de purificar o forte cheiro rançoso de mulher & pó derrubado &

perfume, toalhas & roupas de cama sujas & um odor medicinal pungente que fez seus olhos lacrimejarem; ele sentiu gratidão pela máscara de fibras fechada sobre boca & nariz, protegendo-o do ar estragado.

O alvo não ofereceria resistência. As palavras de R.F. confirmadas.

A mulher estava deitada nua sob um único lençol branco, como se já estivesse na mesa do médico legista. O lençol úmido grudando ao corpo febril, definindo sua barriga, seu quadril, seus seios, de uma forma tanto excitante quanto repugnante. Sob o lençol, as pernas se abriam com luxúria, um joelho ligeiramente erguido. Imagine um joelho erguido assim em *rigor mortis*! Um de seus seios, o esquerdo, estava quase nu. O Atirador de Elite teria desejado cobri-lo. O cabelo loiro-platinado opaco como o de uma boneca & a palidez fantasmagórica quase invisível no travesseiro. Sua pele era muito pálida e fantasmagórica. Na vida, o Atirador de Elite tinha visto aquela fêmea muitas vezes & sempre era tocado pela brancura & a suavidade nada natural daquela pele. E o que o mundo chamava em covarde servidão de *Beleza*. Da mesma maneira que os grandes pássaros no céu, as águias-reais & açores & outros, eram belos em voo & ainda assim poderiam ser reduzidos a mera carne, carcaças agourentas quando pousadas em postes. *Agora você vê o que é. Agora você vê o poder do Atirador de Elite.* Como se a mulher pudesse ouvir seus pensamentos, as pálpebras tremularam, mas o Atirador de Elite não teve medo; em tal estado, um sujeito poderia abrir os olhos & mesmo assim não ver, pois estava atormentado pelos sonhos & distante de seus arredores. A boca estava solta como um corte sem jeito no meio do rosto & os músculos nas bochechas contraídos como se ela estivesse tentando falar. Na verdade, ela gemeu baixinho. Estremeceu. Ficou deitada com o braço esquerdo atirado sobre a cabeça, emoldurando-a. A axila exposta & pelos loiro-escuros finos e enrolados reluziram sob o fio de luz da lanterna, repugnantes a ele. Da pasta, ele sacou uma seringa. Havia sido preparada por um médico a serviço da Agência, preenchida com Nembutal líquido. Apesar do Atirador de Elite usar luvas, eram luvas de látex finas como as de qualquer cirurgião. O Atirador de Elite deu a volta na cama, determinando de que ângulo atacar. Ele deveria atacar rápido & com precisão, como instruído. O ideal seria montar no alvo. Mas não arriscaria acordá-la. Enfim, ele se inclinou sobre a mulher inconsciente pela esquerda,

& quando ela inspirou fundo e pesadamente & e as costelas levantaram-se, ele enfiou a agulha de quinze centímetros até o fim, até o coração do alvo.

Hacienda. No cinema escurecido! Era seu momento mais feliz. Reconhecendo o Grauman's de anos antes, quando ela era garotinha. Naquelas tardes em que ela não ficava solitária quando Mãe estava no trabalho porque ia assistir a sessões duplas de filmes & decorava tudo para poder contar a Mãe, & Mãe era cativada por seus relatos ofegantes do Príncipe Sombrio & da Princesa Cintilante & às vezes pediria mais detalhes. No Grauman's, ela não deveria se sentar perto de homens. Homens solitários. E então, naquela tarde, em uma fileira perto de duas mulheres mais velhas com sacolas de compras, ela sabia que estaria segura & tão feliz! Embora o filme terminasse com a Princesa Cintilante morrendo, seu cabelo dourado esparramado em um travesseiro, & o Príncipe Sombrio sobre ela, & quando as luzes se acenderam, as mulheres enxugavam os olhos, & ela mesma enxugou os seus & assoou o nariz na mão, embora o belo rosto morto da Princesa Cintilante já estivesse desbotando, uma imagem na tela tão insubstancial quanto as asas de um beija-flor batendo.

Rápido ela deixou o cinema, antes que qualquer um pudesse falar com ela como às vezes faziam, & estava escurecendo, & as lâmpadas na rua se acendiam, & estava surpreendentemente ventoso & úmido, e suas roupas eram leves, as pernas nuas & expostas, mangas curtas de algodão revelando seus braços como se ela houvesse se vestido, ou sido vestida, para outra estação. Seguiu pelo Boulevard, sempre perto da calçada como Mãe instruía. Havia poucos veículos na rua; um bonde barulhento passava ali perto, mas não parecia ter ninguém dentro. Ela não poderia se perder, sabia o caminho. Ainda assim, no edifício de Mãe, viu que era o HACIENDA & não o outro; & soube que havia se confundido no Tempo. Aquela não era a rua Mesa, mas a avenida Highland; ainda assim, era rua Mesa, pois lá estava o prédio de estuque estilo espanhol, com os toldos verdes que Gladys chamava de monstruosidades & saídas de incêndio corroídas que Gladys um dia disse de brincadeira que despencariam com o peso de qualquer um em caso de incêndio. O HACIENDA com a fachada brilhosa iluminada a ponto de cegar como um cenário de filme & ao redor da entrada havia escuridão & de súbito ela teve medo.

Concentre-se Norma Jeane não se distraia o holofote é seu *você se enclausura neste holofote* *você o leva aonde quer que vá* Norma Jeane estava nas escadas & Gladys viera cumprimentá-la, Gladys estava sorridente & parecia feliz. Seus lábios & e suas bochechas estavam avermelhados & ela cheirava a algo floral. Gladys também estava mais jovem. O que aconteceria ainda não havia acontecido. Gladys & Norma Jeane davam risadinhas feito garotinhas atrevidas. Tão empolgadas! Tão felizes! Havia uma surpresa para Norma Jeane no apartamento. Seu coração batia como um beija-flor preso na mão e desesperado para fugir. Lá, pôsteres de filmes nas paredes da cozinha, Charlie Chaplin em *Luzes da cidade* olhando para ela. Lindos olhos negros expressivos encarando Norma Jeane. Mas a surpresa de Gladys estava no quarto, Gladys puxou a mão de Norma Jeane & a levantou para olhar o belo homem sorridente na foto emoldurada que pareceu naquele instante estar sorrindo para ela.

— Norma Jeane, está vendo? Este homem é seu pai.



© Dustin Cohen

JOYCE CAROL OATES

é uma das mais importantes autoras contemporâneas do mundo. Suas obras já lhe renderam diversos prêmios, entre eles o National Medal of Humanities e o National Book Award. Ela é professora da Universidade de Princeton e membro da Academia Americana de Artes e Letras.